REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
DO
RIO DE JANEIRO
N. S.
N.º da obra 85702 Estante
Volumes 1 Prateleira
Classe 2 N.º do volume

Uma prece sobre a sepultura da snr.ª D. Roza Carolina de Castro.—Dedicam seu esposo e irmão

Meu Deus, meu Deus, seja feita a vossa vontade... *Viva lá no céu eternamente* essa alma candida, que para vós creastes com amor, embora *cá na terra fiquemos sempre tristes*, os que, admirando-a, tanto a estremeciam!

Seja feita a vossa vontade, Senhor, que é este o brado de esforço por vós deixado ao christão para as luctas do espirito atribulado, para os revezes da fortuna, para as dolorosas saudades do coração!..

Seja feita a vossa vontade, agora e sempre, assim na terra como no céu, quer a amargura nos dilacere a alma, quer d'esta trasbordem os jubilos; ou festejemos contentes os recem-chegados á vida, ou plangentes dêmos o derradeiro adeus aos que d'ella se apartam. E a resignação, que d'est'arte, ó Pai, nos ensinaste, seja o incenso, que vos queimemos sobre o altar do sacrificio; — seja o perfume de singular valor que suba até ante o vosso throno e ahi se converta em refrigerio da alma, lançada no crisol, d'onde sahirá purificada, e digna da patria dos anjos.

Acceitai, Senhor, em prol da que chamastes á verdadeira vida, estas profundas saudades, que, se parece quererem encontral-a ainda, apesar de a saberem escondida nos abysmos do infinito, acurvam-se submissas ante os vossos decretos insondaveis, e, se fazem brotar pranto amargo a requeimar as faces, acceitam as manifestações da vossa vontade, como infallivel penhor de vossas indecifraveis misericordias!

Esposo, irmãos, parentes, amigos e amigas bem experimentaram na hora da desolação como é doloroso o apartamento causado pela morte!

Oh! que fôra horrivel sem a vossa graça tamanha dôr, porque fôra dôr sem esperança, unico balsamo, que a mitiga!

Acceitai, ó Jesus, tantas saudades, vós, que, como homem, experimentastes quão amargoso é o gôsto d'ellas!

Não chorastes vós sobre a sepultura de Lazaro?

Não se vos turbou o animo com a afflicção das irmãs do vosso amigo?

E comtudo sabieis, ó Deus, que á vossa divina voz o cadaver de novo ia ser homem!

Converta-se, pois, tambem agora em valioso thesouro este tão grande soffrimento. Pela resignação em vós seja elle, para a alma ausente, refrigerio e frescor, como os orvalhos, que a manhã chora, são viço e frescura á florinha alpestre, que a vossa Providencia vigia entre as fragas da montanha.

Oh! e como razão temos para prantear, se ella era exemplo de singulares virtudes; se o seu coração ardia no vivo fogo da caridade!

Foram esses os adornos, que enfeitaram essa alma singelissima durante a sua passagem na terra, amor de Deus e amor do proximo, nunca affrouxando, crescendo sempre até á hora extrema de uma vida curta pelos annos, mas longa pelos merecimentos!...

Por isso a hora fatal não lhe foi de sustos; por isso soube então resignar-se á vossa vontade; por isso pôde mostrar ao mundo como é que morre a esposa e irmã christã, fazendo vós, Senhor, tranquilla, o completo sacrificio, não só da vida, mas do que lhe era mais caro ainda—o dedicado esposo e consternado irmão!...

Se não fôra christã, não pudéra morrer assim.

Sómente da cruz, em que expirastes, ó Christo, brotam viçosas, entre outras, tres flores divinas—fé, resignação e fortaleza.

Essas brilharam na vida e confortaram na morte a fervorosa christã, a quem podem applicar-se aquellas expressões da Santa Escriptura: «Na mulher forte confiou o coração do esposo... Durante a vida inteira retribue-lhe ella sempre com bens... Abre as suas mãos ao indigente, não deixa de soccorrer o pobre... Quando falla é com sisudeza e a caridade dirige sempre o seu discurso.»

Agora, Senhor, retribui-lhe no céu o que lhe vistes praticar na terra.

As muitas lagrimas, que enchugou, sejam outras tantas perolas, que os vossos anjos engastem na corôa, que lhe cingireis.

Ante vós, Senhor, clamam pedindo para ella recompensa os soccorros que prestou aos miseros. Pedem-vos paga as agonias da alma, que lhes mitigou; os exemplos dados ao esposo; o ensino da vossa lei com tanto esmero repartido aos sobrinhos; a sua vida inteira, modêlo, cujo desapparecimento é valiosa perda para todos, para a sociedade, que ella adornava e elevava com sua singeleza.

Entre os anjos e os santos seja pois o seu lugar; na celeste Sião a sua feliz morada.

Vestida e coroada de brilhantissima luz, que illumina os vossos escolhidos nos eternos tabernaculos, comvosco, Senhor, permaneça e para sempre viva.

Antonio José Dia Cavalcha

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

I.º ANNO

CONTENDO 52 NUMEROS.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE J. A. DE FREITAS JUNIOR,

1852.

RUA DAS FLORES N.os 250 a 253.

REAL GABINETE PORTUGUES
DE LEITURA
Rua Luiz de Camões, 30
RIO DE JANEIRO

Celui que la grandeur remplit de son ivresse
Relit avec plaisir ses titres de noblesse :
Ainsi le vrai Chrétien recueille avec ardeur
Les preuves de sa Foi, titres de sa grandeur
Doux trésor, qui de l'ame à ses biens attentive
Rend l'amour plus ardent, l'espérance flus vive.

L. Racine, La Religion Ch. 1.

Indice alfabetico das principaes materias contidas no

CHRISTIANISMO.

ANNO DE 1852.

Actual (A) instrucção do clero 225
Anedoctas do Ministerio do Marquez de Pombal 215
Associação de Maria 221
Associação religiosa (I) 231
— — (II) 235
Associação de S. Frencisco de Regis 293
Assumpção de Nossa Senhora 211
Caridade (I) 113
— (II) 117
— (III) 129
Carta (Extracto) do Exmo Marquez de Lavradio 294
Casa (A) d'oração e a muzica profana. 14
Christianismo (O) 383
Christianismo (O) e o Filosofismo (I) 288
— — (II) 260
— — (III) 299
Convite para a associação da propagação da Fé .. 247
Correspondencia do Illm.º Snr. Alvaro 238
— — Rv.^mo Snr. José Mendes de Paiva 238
— — Snr. Morgado da Folha .. 299
— — Rv.^mo Snr. Sinval 10
— — Exmo Snr. Theodoro 313
— de Bragança 332
Culto devido ao augusto sacramento da eucharistia 156
— — — .. 157
Como deve ser guardado o preceito do jejum .. 76
Conceição de Maria (analise succinta á oração do Snr. Sinval) 2
Conferencias do Padre Lacordaire 216
— moraes 317
Congregação de S. Filippe Nery 303
Contos moraes (temor de Deus) (I) 143
— — — (II) 150
— — (III) (IV) (V) 151
— — (VI) (VII) 167
— — (VIII) (IX) 176
— — (X) (XI) (XII) 177
Debate com a Peninsula (poder temporal do Papa) 73
Deismo (O) (I) 204
— (II) 212
— (III) 224
— (IV) 232
— (V) 235
— (VI) 243
— (VII) 248
— (VIII) 259
— (IX) 267
— (X) [Appendice] 277
— (XI) » 292
— (XIII) [Supplemento] 310
Deus o quer (sobre as conferencias do Padre Ventura) 199
Divindade do Christianismo (I) 160
— — (II) 169
— — (III) 174
— — (IV) 183
— — (V) 189
— — (VI) 197
Documentos do Abbade Joaquim José de Meirelles 240
Domingo 220
Duas palavras sobre a instrucção do clero 8
Duas palavras sobre o restabelecimento dos frades menores em França 74
Edital de D. J. M. da Silva Torres 62
— 105
Educação 184
— (II. III.) 185
— (IV. V.) 191
— (VI. VII.) 209
Eloquencia sagrada 89
Encyclica do sancto padre Pio 9.º 50
— — — 61
Escolas (Das) superiores 267
— (Das) elementares 255
Esperança 223
Esperança e conversão dos Judeus 175
Estado das missoens confiadas á Companhia de Jesus 152
Fé 21
— 25
— 212
Fé (A) (I) 255
— (II) 284
Fé Chistan, e Papa 166
Genero (O) humano antes da vinda de Jesus Christo (I) 77
— (II) 90
Grito d'alarma em favor das ordens religiosas .. 262
Harpa de David 99
Imagens de Christo 150
Incredulidade (A) 203
Infallibilidade do Papa (I) 291
— — (II) 299
— — (III) 315
— — (IV) 323
— — (V) 330
Instituto de S. Vicente Paulo 312
Introducção 1
Irman de caridade 177
Irmans cegas de S. Paulo 286
Irreverencias na Egreja 325
Jesuitas (I) 26
— (II) 34
— (III) 51
— (IV) 63
— (V) 75
— (VI) 96
— (VII) 118
— (VIII) 141
— (IX) 208
Jesus Christo e o numero 3 142
Jubileu (O) das quarenta horas 39
Memorias do Bussaco e uma viagem á Serra da Louzã 64
Milagres (Os) (I) 302
— (II) 324
Minha (A) conversão ao Christianismo (I) .. 327
— — — (II) .. 251
— — — (III) .. 286
— — — (IV) .. 317
Missão Portugueza 327
Missoens 3
— 54
Missoens (As) em Portugal 249
Missoens Benedictinas 226
Missionarios (Os) julgados por um republicano .. 98
Missionarios protestantes 8
Moral religiosa (o suicidio) 40

Moral Christan 331
Movimento religioso em Allemanha 178
Idem 271
Novo (O) Jubileu 49
Padre (O) 195
Papa (Do) e seu poder temporal (I) 33
— — — (II) 37
— — — (III) 45
Paradoxos da incredulidade 181
Pastoral do Ex.mo Bispo du Porto (1.a) 25
— — — — (2.a) 62
— do R.mo Governador do Bispado de Bragança (1.a) 157
— — — (2.a) 219
— — — (3.a) 307
Plano de estudos para os Seminarios conciliares d'Hispanha 270
— (Real cedula para o estabelecimento d'um novo) de estudo para os Seminarios conciliares de Hispanha 263
POESIAS.
— Adam no paraizo — creação da mulher.. 17
— Abimelech punido por Deus 108
— Abraham livra Lot do captiveiro 98
— Annunciação 79
— Arca 36
— Ave Maria 313
— Cam amaldiçoado.. 57
— Cantico contra a soberba 320
— Caridade (A) 256
— Castidade de José.. 217
— Castigo 29
— Christianismo (O) 241
— Creação 17
— Cruz da solidão 122
— Culpa 29
— Deus 79
— Dina 172
— Entrada na arca 55
— Escada de Jacob 130
— Fugida de Jacob 151
— Fugida d'Agar 98
— Gloria de José. 245
— Humildade (A) 263
— Hymno 47
— Hymno ao Eterno.. 289
— Ida de Jacob para o Egipto 253
— Immaculado (Ao) coração de Maria. .. 2
— Irmãos (Os) de José 245
— Isac abençoa a Jacob 130
— — desposa a Rebeca 127
— Ismael expulso por Abrahão 108
— Jacob e Isaú 127
— Jerusalem 138
— Jesus Christo 22
— José 295
— José reconhecido por seus irmãos 253
— José vendido 217
— Lamentaçoens.. 279
— Louvores a Deus 191
— Meu (O) anjo.. 9
— Meditaçoens (I) 154
— — (II) 207
— Montanha (A) 178
— Morte d'Abel.. 35
— Morte de José 272
— — de Sara. 115
— — do impio (A) 42
— — ! Ressurreição!.. 304
— Oração 221
— — á Mãe de Deus.. 79
— — d'uma mãe a Nossa Senhora. .. 233
— Pobre (Ao) 17
— Preço (O) d'uma lagrima 144
— Predicçoens de Jacob a seus filhos -- sua morte 272
— Rachel e Lia 154
— Reconciliação de Isaú com Jacob 172
— Rico (Ao) 29
— Sacrificio d'Abrahão 115
— Sahida da arca --- iris d'alliança 55
— Salve Rainha.. 54
— Sancta (A) Thereza de Jezus 268
— Sanctissima (A) Virgem Mãe de Deus.. 198
— S. João Baptista 161
— S. Pedro 167
— — de Roma.. 91
— Sara concebe Isac.. 102
— Separação de Lot e Abraham 72
— Septe (As) dores de Maria sanctissima .. 83
— — Psalmos (Os) penitenciaes 64
— Sepultura (A') de minha mãe 327
— Sodoma incendiada 103
— Suicida (O) 192
— Senhora (A) da Graça 139
— Tomada (A) de Jerusalem pelos crusados.. 227
— Torre de Babel 58
— Tristeza (A).. 185
— Vocação de Abrahão 72
Poesias religiosas 16
Progresso do Catholicismo 236
Quaresma (A).. 81
Quarta feira de cinza 55
Que ha de commum entre o regicida de Izabel 2.a e o Jesuita 39
Rainha (A) dos ceus na presença dos humildes da terra 52
Rasão (I) 07
(II) 13
Reacção (Da) religiosa 332
Refutação d'um folheto que tem por titulo — *nunca visto* 122
Reflexoens sobre os divertimentos.. 28
Religião (Da) em França 136
Ressurreição de Jesus Christo 206
Restabelecimento da Bulla 5
Idem 12
Restabelecimento das ordens religiosas (I) 15
— — — (II) 27
— — — (III) 53
Retrospecto doloroso 214
Sacramento (O) da penitencia 95
Sciencias religiosas — ensaio sobre a historia do Christianismo §. 1.o 2.o 134
— (§. 3.o) 135
— (§. 4.o) 142
Semana sancta 82
Seminarios 245
Seminarios do clero catholico na Baviera 326
Septe (As) palavras de Nosso Senhor Jesus Christo 93
Suicidio (O) 187
Todos os Sanctos 275
Tradição (I) 57
— (II) 63
— (III) 69
— (IV) 89
— (V) 101
— 105
— (VI) 125
— (VII) 133
— (VIII) 165
— [Conclusão] 173
Ultimas consequencias do atheismo 159
Usura 171
Vaidade do mundo e excellencia da virtude .. 97
— (II) 107
— (III) 120
Verdade dos factos evangelicos 316

JANEIRO 3. 1852. — N.º 1.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

INTRODUCÇÃO.

Saudamos o futuro!

Ao longe, onde se fecham os horisontes escuros deste seculo que passa, vemos o anjo das crenças descer, irradiante de luz, sobre o berço das geraçoens porvir!

Salve! homem do futuro, que levantas a fronte para o teu Deus, e não tens a nuvem da desanimadora incertesa a enturvar-te a luz do entendimento!

Salve, filho da fé! que, rico de esperanças infalliveis no premio da bemaventurança, choras na terra as lagrimas das tuas penas, e as penas de teus paes, que d'aqui partiram, almas saturadas de amargura e incredulidade!

Chorai-nos, geraçoens vindouras! chorai-nos, que foi muito provado em afflicçoens, para a maior parte dos homens, o drama de sangue que fundou as escoras do seu tablado nas ruinas do altar!

Abri o livro de nossos dias, e lêde a vossos filhos — o que foram seus avós, quando o Altissimo, ultrajado por uns, deixou que os outros se coroassem de amarguras terrenas antes de ouvirem o « Vinde, bemditos de meu pae! »

Subi aos visos de vossas montanhas. Vêde lá em baixo, onde passam serenos os arroios por entre os fructos de vosso trabalho e da munificencia do Senhor! Alli naquelle chão, onde hasteaes hoje uma cruz, vimos nós cravado o estandarte da guerra civil! Alli, onde, irmãos vos abraçaes depois da oração da tarde, vimos nós arcarem peito a peito irmãos fratricidas, e espedaçarem-se em nome d'uns direitos, que aqui se chamam *politica*, e que vós lá chamareis *maldição!*

Entrae no mosteiro, onde sôa o murmurio da prece. Dobrae o joelho nesse pavimento, que cobre as ossadas daquelles, que ahi baixaram, primeiro que a mão do politico arrojasse o cadaver para fóra do templo, como se o politico tivesse a boa tenção de lá entrar sem risco de respirar um ar impuro!

Hypocritas d'um dia, mandaram cavar no descampado dos cemiterios um fosso para o morto, cujos ossos não podiam vender com as lages da Egreja!

Ajoelhae, pois, nesse chão que é vosso, e que tambem foi nosso, antes que o alvião dos politicos lhe escrevesse a firma senhorial do agiota sordido!

Ouvide essas oraçoens confortadoras do monge... Tambem as nós ouvimos, na aurora da vida, e depois soubemos que o homem dos sacrificios dolorosos, o homem do claustro, o penitenciario, que perdoava em nome de Deus, fora lançado em espectaculo ás multidoens, e que as multidoens atiraram lodo á face desse homem, e que a oração immudecera nesses labios, onde a mão da fome chumbára uma algema eterna!

Essa cruz, onde a fronte de Jesus-Christo parece reclinar-se pendida sobre vossos coraçoens ferventes, vimo-la em nossos dias travada pela mão sanguenta d'um soldado triunfante, e mostrada aos seus irmãos d'armas, como um Cesar ostentaria a cabeça d'um rei vencido!

A Cruz era a nossa insignia, era a nossa inspiração, era em nome da cruz, que batalharam homens d'uma tempera sobrenatural, mas, que importava? instrumentos providenciaes, o Senhor quebrou-os, para que os impios se punissem uns aos outros.

A guerra foi declarada aos estupidos. O sangue correu em nome da filosofia. Os estupidos eram os adoradores da cruz. Os filosofos eram os demolidores do Templo!

Foi em dias, menos pavorosos, quando ao christão lhe era livre o culto ao seu Creador, quando o impio já nada tinha a lucrar com a impiedade do povo, quando o sacerdote era livre ao menos, na sua pobresa; foi nesses dias, profeticos da vossa geração, que algumas paginas foram escriptas na chronica deste seculo, que tereis de lêr em todas as suas vicissitudes.

Vêde, annunciando um melhor futuro, a predicção balbuciante, mas convicta e energica, nas paginas que vos lega o *Catholico* — esse protesto vigoroso de moços talentosos, e incontaminados no marulho das paixoens baixas, que se gladiam.

Não é um papel transitorio, que os interesses d'uma facção bafejaram no coração venal d'um escriptor. E' um chamamento, em nome de Deus, aos homens de boa vontade. E' um pregão, que não passará sem ecco no espirito deste seculo, e um documento que deve abençoar no vosso tribunal, juizes da posteridade, a memoria desses mancebos generosos, que tiveram o applauso dos seus, como conforto, e a satisfação da consciencia, como indemnisação.

A' sombra desta arvore do bem, nasce o arbustosinho, que não ousa bracejar tão fructuosas frondes; mas, nutrido da mesma seiva, promette em seus poucos fructos, a substancia saborosa e commum a todos os fructos que germinam do seio da Religião Catholica, Apostolica, Romana.

E' o *Christianismo.*

Se os seus redactores merecessem a Deus os bens licitos da fortuna, hiriam de porta em porta, a amigos e inimigos, pedir que lhes acceitassem gratuito um escripto, que roubaria aos seus trabalhos uteis, ou perigosos, meia hora em cada semana. O *Christianismo* seria um motivo de meditação e estudo para os incredulos insipientes, um estimulo de disputa calorosa para os impios obliterados, e um conforto aprasivel para os legitimos filhos da Egreja Catholica!

Não podemos; mas os homens bons podem muito: elles que nos favoreçam, serão abençoados pela posteridade, a quem saudamos na regeneração christan de sua época luminosa.

Camillo Castello-Branco.
Francisco Candido de Mendoça e Mello.

AO IMMACULADO CORAÇÃO DE MARIA.

INVOCAÇÃO.

Senhora! o vosso altar já foi sacrario
De riquezas do céu, que o céu vos dava
Em prol de Portugal.
Em cada portuguez tiveste um filho,
De todos ereis Mãe, refugio a todos
Nas angustias do mal.

Em vosso coração immaculado
As lagrimas da dôr tinham asylo,
Oh Rainha dos Céus!
As lagrimas, com vosso patrocinio,
Erguiam-se da terra, qual perfume
Ao throno do meu Deus!

Em trances d'afflicção, nos grandes riscos,
No afôgo das pelejas duvidosas,
Vosso nome se ouvia:
As armas orgulhosas, destemidas,
Affrouxavam nas mãos dos inimigos,
Ao nome de Maria!

Lá nas iras do mar, quando o sepulchro
Ao convulso baixel a tempestade
Nos recifes abria,
Azulavam-se os céus, fugia a nuvem,
Voava a viração, vinha a bonança,
Ao nome de Maria!

Quando em leito de pallida doença
Febril enfermo, abandonado e triste,
Sem esp'ranças jazia,
De novo o coração lhe palpitava,
Erguia-se robusto, as mãos erguendo
Ao nome de Maria!

Donzella, que a chorar passára noites
De saudades por quem tamanho affecto
Lhe não agradecia,
Lá vinha a ser feliz com quem amára,
Pois déra o seu futuro em segurança
Ao nome de Maria!

E a carinhosa mãe, que o filho amado
De seus amigos braços para a guerra
Chorando, despedia,
Joelhava-se, depois, ante o oratorio,
E a vida de seu filho confiava
Ao nome de Maria!

E seu filho, mais tarde, em vivas ancias,
A' porta do seu lar, com mão tremente,
Receoso, batia....
Nos braços maternaes contava, ufano,
Triumphos, que tivera sobre a morte,
Ao nome de Maria!

O nome de Maria hoje invocamos,
Nós, filhos desses homens d'outras eras,
Que morreram na fé.
Senhora! protegei nossos trabalhos!
Sem protecção do céu o esforço humano
Baldado esforço é!

No coração dos vossos portuguezes
Despertai o temor, tão vivo um dia,
No porvir immortal.
Do vosso resplendor a luz das crenças,
Descei sobre este solo, escuro e pobre,
Salvareis Portugal!

Camillo Castello-Branco.

CONCEIÇÃO DE MARIA.

Analise succinta á oração do ill.mo snr. Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval, prégada na capella da veneravel ordem terceira de S. Francisco, na cidade do Porto, em 15 de Dezembro de 1851.

§. I.

O assumpto era magestoso e sublime de poesia religiosa, que é por certo a unica poesia! Havia um espaço infinito onde voejar o espirito nos arrobamentos da inspiração. Verdadeira inspiração é a que nos desce do céu; verdadeira poesia é a que se exalta até ao ideal da Divindade.

Maria! Esta palavra é um manancial de santos epysodios, qual delles mais prodigioso. O genio do homem, circunscripto entre as balisas angustiadas da culpa original, não sei porque attracção celeste, parece desprender-se de suas algemas, e transportar-se ao sacrario dos mysterios, quando os olhos do espirito se fitam extaticos na aureola, que circumda a fronte de Maria! Anceia o coração, a alma relucta com a tibiesa dos sentidos, e o homem, que não cabe no estreito patrimonio de sua intelligencia, espiritualisa-se da essencia dos anjos, e sobe a banhar-se de luz nos resplendores eternos de Maria! A fé duplica as forças do espirito. Com ella exalta-se o homem acima da sua naturesa terrena. Por ella presentimos o fim da creação, e a passagem desta vida de esperanças para o reino espiritual da eternidade.

Estes enlevos experimentados nas varias manifestaçoens do sagrado culto da Religião Christan, são celestemente tocantes na santa e calorosa homenagem, que o Catholicismo presta ao culto de Nossa Senhora.

§. II.

O snr. Sinval, traçando eloquentemente as primeiras linhas da sua oração, no silencio do seu gabinete, sentiu-se por ventura suspenso pela mão do genio na altura da sua missão gloriosa. O coração, rico de sentimento religioso, e ferido pela faisca electrica da intelligencia, expandiu-se-lhe em invocaçoens vehementes á Virgem dos céus, e estremeceu-lhe daquellas palpitaçoens de enthusiasmo santo, que não sentem almas captivas no carcere da vida material! Aquelles primeiros traços sahiram-lhe espontaneos da alma, como essas fontes limpidas, que brotam em cristal, sem que a mão do homem lhes devasse o berço no seio da rocha!

Bello quadro seria, sob a palheta de Rafael, a scena magestosa do orador sagrado, que dobra o joelho á Imagem da Virgem Maria, ao mesmo tempo que a penna, fecunda e arrebatada, obedece ao preceito luminoso da inspiração!

D'um exaltamento assim, d'um assomo calido, e privilegiado aos homens d'alma grande e grande intelligencia, nasceu o exordio da oração do snr. Sinval. Subimos á elevação do seu extasis quando o orador subiu. Voamos a saudar a Rainha dos Anjos, na esphera sublime da sua Conceição, quando o orador subiu. Sentimos o calefrio que precede as lagrimas quando o orador balbuciava com terna effusão, a sua respeitosa apostrofe.

Pelo nosso sentimento, ajuizamos que o exordio fora uma ascenção grandiosa, d'onde o snr. Sinval, natural e artisticamente, tinha de descer.

§. III.

Lêmos n'um jornal, a respeito da oração do snr. Sinval, não nos lembra que reflexoens ao *substancial* do assumpto, e outras á *peroração* do discurso. Estamos em desharmonia com taes formulas, applicadas a tal oração. Quanto ouvimos era substancial. O *exordio*, que, por necessidade, assim denominamos, era essencialmente ligado á substancia, e esta deixou de o ser na palavra final do discurso, que não teve, nem podia ter a chamada *peroração* na arte. Não se tratava de historiar a vida e morte de Maria. O assumpto era todo contemplativo. A immaculada Conceição é um mysterio, não é um episodio narrativo na existencia da Santissima Virgem. Os extasis não se adaptam ás deducçoens formulares da rhetorica; e no elevado motivo de oraçoens, assim meditativas, não ha *substancia*, que não seja o *todo*, e não ha *peroração*, que não seja forçada e incompetente. Crêmos que o snr. Sinval é accorde á nossa opinião.

S. s.ª demonstrou que Maria fôra privilegiadamente preservada da culpa original.

Os seus argumentos foram saturados da propria convicção, que é o mais brilhante esmalte de todos os argumentos, e fundamentada na san theologia de cento e trinta e seis escriptores, que defendem a immaculada Conceição da Mãe do Redemptor.

Demonstrou, depois, que Maria fôra isempta da divida do peccado, ou que « não era obrigada a peccar. »

Um jornal politico, inspirado por suggestão occulta, imputou visos de novidade nesta proposição. O distincto orador não lh'os quiz dar, porque realmente lh'os não deu.

Os doutores, que assim pensam, fundam-se no texto de S. Paulo: — *Omnes in Adam peccaverunt.* Adão, tronco do genero humano, envolvendo em sua vontade a de toda a sua geração, dava traça a julgar que Maria fôra incursa na divida do genero humano, a não ser ella *ab initio* distincta, e excluida da vontade de Adão por favor especial do Eterno. « Temos por certo — diz S. Affonso de Ligorio — e quasi como artigo de fé... que Maria não participou do peccado de Adão. » S. Ambrosio, Origenes, S. Jeronimo, e tantos outros fachos de luz dão á proposição repetida do snr. Sinval o caracter de certesa, e não o de novidade.

§. IV.

Sciencia é o primeiro attributo do bom orador religioso. O snr. Sinval possue este dote, inherente á sua vida estudiosa de congregado, e, depois, pollido pela sua vida posterior sempre repartida em estudos diversos, mas compativeis. A fysiologia do homem, desamparada das noçoens theologicas, é o materialismo de *Barthez*. O segredo da fecundidade, a operação incognita da geração, submettida ao raciocinio independente do medico, é uma eventualidade successiva, que o theologo explica com o incomprehensivel dos attributos do Creador. Não ha repulsão entre as sciencias.

Ha um segundo attributo essencial no orador, que o snr. Sinval, na sua posição, respeita exemplarmente. E' o que se deduz das palavras de S. Gregorio: « *Cujus vita despicitur, quid restat, nisi ut prædicatio contemnatur.* » Despresam-se as palavras do prégador, cuja vida é despresivel. Muitas intelligencias no seu tyrocinio naufragam neste escolho.

Superior a estes urgentes attributos está o temor de Deus. O Padre M. Avila, sendo interrogado, sobre a melhor regra, que tinha a seguir um orador — respondeu: *Amar Jesu-Christo.*

Não pedimos a ninguem perdão do nosso mysticismo. Isto são verdades eternas. A nossa maior consolação é considerarmo-las dispensaveis na applicação que lhes damos.

O verdadeiro sabio não respira bem no ar que lhe carregam de perfumes demasiados no thuribulo da lisonja. A consciencia do snr. Sinval deve marcar-lhe o logar distincto, que lhe compete entre os oradores do pulpito portuguez. Mas, se na escala do merito todos os degraus são tremidos, ousamos recordar ao eloquente orador uma pagina de *Luiz Muratori*, no seu livro de *Eloquencia Popular*. E' textualmente a seguinte:

« Ha dois generos de eloquencia, uma sublime, outra popular. Com a *sublime* compoem-se discursos opulentos de ideias profundas, argumentos ingenhosos, expressoens brilhantes, e periodos arredondados. Com a *popular* expoem-se simplesmente as verdades eternas e ensinam-se ao povo as coisas ao seu alcance, em estilo simples e familiar, de modo que cada um dos ouvintes possa comprehender quanto lhe foi annunciado. Não é só aos sabios que fallaes do alto da cadeira da verdade; tambem fallaes a ignorantes, que são de ordinario a maior parte do vosso auditorio. Eis-ahi porque muito convém fallar sempre de maneira simples e popular. . . Aos olhos de Deus as almas dos ignorantes são tão caras como as dos sabios, e o orador tem a seu cargo ser prestadio a uns e outros, sem distincção, segundo as palavras do Apostolo: *Sapientibus et insipientibus debitor sum.* »

Camillo Castello-Branco.

MISSOENS.

Vira' um dia de grandes emoçoens para a cidade da Virgem, quando a palavra do Missionario descer do pulpito, como orvalho do céu, sobre a aridez de tantos coraçoens, que ahi se esterilisam á mingua de seiva religiosa. Esse dia será o de muitas lagrimas, e conversoens prodigiosas, porque este profundo dormir dos nossos mancebos não é o lethargo da impiedade, mas o entorpecimento transitorio do indifferentismo.

E' bello contemplar a tocante agitação, que estão sentindo os espiritos, onde teem chegado esses poucos homens respeitaveis, que em commum linguagem são chamados *missionarios*, e que nós chamaremos anjos de consolação nestes dias de attribulada existencia! E' bello, mas é triste em relação a nós! Que scenas de profunda magestade! que lucta vigorosa entre a luz e as trevas! que brado providencial ouvimos ao longe, onde mil christãos, simultaneamente, banham de lagrimas a mão abençoada, que lhes ministra o pão dos anjos, o corpo de Jesus-Christo, o preço incomprehensivel da salvação eterna!

E' lá que a filosofia do seculo, envolta nos seus arminhos d'um dia, suspende o passo á porta do templo, e olha envergonhada para si, que não tem nada que a ligue ao passado, nem uma aspiração que a leve ao futuro, nem já agora um throno de sangue, em que assentar-se no presente!

Declinou esse astro maldito que, levantado do seio da França immoral, do alto dos Pirineus derramou na face da peninsula o seu fulgor sinistro!

Por cá o lavrador, que guarda illesos os costumes de seus avòs, vem com sua familia, herdeira de suas virtudes, povoar o eremiterio aldeão, que os *filosofos* da cidade não poderam infectar com os perfumes da sua estolida sciencia.

Por cá a filha dos campos colhe flores agrestes, como em dia de noivado, para desfolhar na peanha do cruseiro, que se ergue, ha seculos, entre a sua habitação modesta, e a egreja, onde, menina, recebeu o sacramento do baptismo.

Por cá enchem-se os templos de familias, e as familias de crenças, quando um homem de virtude, em nome de Deus, estende o braço profetico, e aponta a aurora do dia final, que nascerá ao som tremendo da trombeta do Archanjo.

Que esbraveje em furias impotentes o espirito das trévas! Que os possessos da terra se contorçam entre as ruinas do seu edificio da impiedade! Grande e poderoso é só o ALTISSIMO!

A missão é o anjo da luz. A missão é o som da tuba de Josué, que faz ruir os muros desta Jericó irreconciliavel com o Eterno. Seja pois o missionario o anjo percuciente, mas a sua espada venha brilhante como o Evangelho, e os seus cortes sejam profundos e suaves no coração, como as admoestaçoens de Moisés, como os preceitos de Jesus-Christo, e como as exhortaçoens humildosas de S. Paulo.

Publicamos uma correspondencia d'um varão illustre entre os que fazem o ornamento do clero portuguez. Na reserva, que fazemos do seu nome, está um eloquente documento da sua humildade. Dirigimos calorosos parabens ao nosso reverendo e sabio amigo fr. Alvaro Bahia e sua virtuosa familia, pela prestadia cooperação, que déram ás missoens, em Ribeira de Penna. Não são da terra as recompensas, que hão-de pagar o merito destes sublimes e santos sacrificios.

. . . . . .

« Receio com bom, mas triste fundamento, não poder dizer o que sinto, e pintar o extasis em que me enlevou tão grandioso espectaculo! Foram seis semanas o tempo empregado por aquelles zelosos operarios do Evangelho, naquella parte da vinha do SENHOR, tão carecida de cultura. O muito estimavel sobrinho de vosso amigo fr. Alvaro foi quem promoveu esta missão, e quem tomou sobre si as despesas della, não muito dispendiosas com os varoens apostolicos, que se domiciliaram em uma das sachristias do templo, abrigo de parco repouso corporal; mas muito dispendiosas pela affluencia de muitos ecclesiasticos, que vieram em auxilio do confessionario. Disseram os analyticos de má fé que estas missoens, assim dispendiosas, não eram affeiçoadas pelo costume antigo. Hypocritas! queriam que o ministro do Evangelho não achasse quartel entre christãos! . . . . Mez e meio foi o tempo da sementeira e da colheita. No principio consta-me que fôra pouca a concurrencia dos moradores da freguezia; depois instingou-os o exemplo de povos remotos, que vinham ahi, como curiosos, e lá ficavam como penetrados pelo espirito da verdade. O povo concorria ás 5 e 6 horas da manhan, e despejava o templo ás 8 e 9 da noite, excepto mulheres, que, por expressa determinação d'um missionario, retiravam ás 4 horas. Ao tribunal da penitencia concorreu muita gente; *onde se viram individuos pouco ou nada conhecidos naquelle tribunal.* O dia 5.ª feira, 18 de Dezembro, foi o escolhido para a communhão geral. Rompeu esse bello dia pela celebração do augusto e incruento sacrificio. Seguiram-se as confissoens. A's 9 horas sahiu da sachristia do lado do Evangelho uma procissão, tão simples como graciosa, e recolheu pela porta principal. Como objecto religioso levava o pendão do Crucificado, o symbolo eterno do Christianismo. Prestito era o que lhe deram muitos sacerdotes, precedidos por uma solemne e tocante harmonia instrumental. Seguiu-se uma solemnissima missa, celebrada pelo missionario fr. João de Santa Rosa Silveira. A musica era sublime com os seus hymnos de religioso enthusiasmo. Preparou-se a mesa do cordeiro: commungaram perto de mil pessoas. Ao tempo que o celebrante, voltado para o povo, pronunciava as tremendas palavras: *Ecce agnus Dei. . .* — o padre Joaquim José Alvares de Moura levantou-se no pulpito, e exhortou os fieis, advertindo-lhes a solemnidade do acto em que hiam ter uma prodigiosa parte. Nos intervallos vinham as harmonias da musica casar-se ao sentimental daquella lagrimosa situação. Havia aqui uma singularidade: — apoz o ministro da communhão hiam dois meninos de 14 annos, ricamente trajados em costume dos antigos israelitas, um dos quaes ministrava o lavatorio n'um vaso de cristal em fórma de calix, e o outro, com uma bandeja de prata, cheia de petalas de flores, hia pondo uma folhinha sobre a cabeça de cada um dos communicantes! Isto era gracioso, terno e solemne! A flôr, como poesia da vida, posta alli como corôa dos que se preparavam para as delicias da vida infinita!... Fr. João sobe ao pulpito, e exclama: *Cantemus Domino, quia magnificatus est nomen ejus!* Foi um discurso vehemente! Um toque superior, sobrenatural, e apaixonado! As lagrimas eram a expressão daquelle auditorio profundamente movido! Mas lagrimas de jubilo, lagrimas de esperança, saudaçoens do espirito ao mundo espiritual, um todo de emoçoens fortes e suaves que parecia um brado intimo, traduzido na palavra DEUS! »

Deu-nos o Eterno a comprehensão para avaliar a magestade desses lances; seja-nos, pois, dado juntar nossas emoçoens a esse arrobamento de tantas almas regeneradas pela MISSÃO. *C. C. B.*

ANNO CHRISTÃO.

A VIDA dos santos é o mais agradavel estudo do christam. Espiritos tibios e acobardados para as mortificaçoens, que sam o preço da bemaventurança, encorajam-se de forças superiores, quando a historia dos martyres lhes é patente com os seus prodigiosos lances de heroismo christam. Mas não é só o martyr o modelo do justo, nem a sanctidade é absolutamente privativa do martyr. *Sancto* é o homem intimamente ligado ao culto do verdadeiro Deus, o homem isempto de todo o vicio consideravel, e que pratica as virtudes christans em um gráo heroico. Julgamos sanctos os que possuem a felicidade eterna, pois tal é a recompensa de uma tal vida. A egreja, inteirada da vida sancta e pura, que um seu membro viveu na sociedade dos homens, e quando o Eterno, por meio de milagres, confirma a rigorosa opinião da Egreja, tal opinião converte-a em culto pelo decreto da canonisação, e os fieis curvam-se publicamente ante o seu irmão invisivel, que gosa o supremo grau na Egreja de JESUS-CHRISTO, e os supremos privilegios de intercessor em bem dos homens, perante DEUS.

Faremos um fugitivo esboço da vida de cada sancto, conforme a Egreja no-los expoem ao culto designadamente em seus dias. O leitor recordará, pelo pouco que lhe disser-mos, o que tiver lido mais circumstanciadamente; e, sendo-lhe nova a breve menção que lhe dermos, poderá nas grandes fontes saciar-se de feitos gloriosos, que foram na existencia do justo, uma cadeia, cujo elo derradeiro se prende no throno do SENHOR.

Quando occorrerem festividades religiosas, explical-as-emos com a mesma concisão.

Consultando a nossa consciencia sobre as vantagens desta parte historica no CHRISTIANISMO, recebemos a approvação, que DEUS permitta nos seja dada pelos nossos assignantes, e por todos aquelles que podem saborear os fructos de uma boa arvore, plantada em terreno, menos digno d'ella. Não cessaremos de lembrar a nossa pequenez em relação á magestade da nossa empreza.

JANEIRO.

1.º *Quinta feira.* ✠ CIRCUMCISÃO DE N. S. JESUS CHRISTO. Ceremonia dos judeos, incluida por Moises na legislação dos hebreus, e ordenada por Deus a Abraham. Santo Agostinho sustentou que a circumcisão, efficaz como o Sacramento do Baptismo, na Lei da Graça, perdoava o peccado original na antiga lei, sendo operada nos varoens ao oitavo dia, depois do seu nascimento. Esta opinião abraçaram-n'a muitos sanctos e doutores da Egreja.

S. Thomaz, porem, com innumeraveis theologos, diz que a circumcisão não fôra instituida para remediar o peccado original. Melhor fundado, sustenta-se 1.º no silencio do Genesis, (C 17 ℣ 10), que apenas menciona a circumcisão como um signal de alliança entre Deus e a posteridade d'Abraham. 2.º S. Paulo (Rom. C 4 ℣ 11) ensina que Abraham recebera a circumcisão como sêllo da justiça que elle praticara antes da circumcisão. 3.º A opinião de todos os S. S. P. P. antes de S. Agostinho, é contraria á deste, e identica á de S. Thomaz. 4.º Por isso que o peccado original é commum aos dois sexos, a bondade e sabedoria de Deus oppunha-se a que o homem fosse exceptuado, pelo pacto da circumcisão, e a mulher progredisse na culpa original.

A commemoração, porem, deste dia alude especialmente á circumcisão de N. S. JESUS-CHRISTO, que, em harmonia com as suas palavras posteriores, não querendo destruir mas cumprir a lei, submetteu-se a ella, e recebeu-a como os outros meninos.

Crê-se geralmente que esta tocante ceremonia do primeiro sacrificio do Libertador dos homens se passára em Bethleem (casa do pão) onde o divino circumciso recebeu o nome de *Jesus* (salvador) como fôra annunciado pelo anjo, antes que o Verbo encarnasse no seio da Virgem.

2. 6.ª *feira.* SANCTO ISIDORO. Nasceu em Sevilha de paes nobres, e foi educado por seu irmão, Leandro, bispo de Sevilha, a quem succedeu na mytra em 601. Exerceu esta suprema dignidade por espaço de quasi 40 annos. Foi o pae dos pobres, a luz dos sabios, o consolador dos infelizes, e o mais sabio de Hispanha. Morreu

com opiniam de sanctidade em 636. Escreveu com variados assumptos. Na sua *regra*, escripta para o mosteiro de Honorio, é incansavel em recomendar o trabalho aos monges, « por que — diz elle — os que querem ler e não trabalhar, mostram que pouco approveitam da leitura, que lhes ordena o trabalho. » O concilio de Toledo, em 636, denomina-o — o — *doutor do seu seculo e novo ornamento da Egreja.*

3. *Sabbado.* S. Anthero. — Grego de nascimento foi eleito papa a 23 de Novembro de 235 — morreu a 3 de Janeiro do anno seguinte. Santa Genoveva, nasceu em Nanterre, perto de Paris, em 422. S. Germano presidiu á ceremonia da consagração da virgindade, que, em tenros annos, aquella menina fez a Deus. Accusada de hypocrita e suprsticiosa, foi seu illustre prelado quem a defendeu. Attila, rei dos Hunos, talando as Gallias com o seu exercito aterrador, apavorou os parisienses, que intentaram abandonar-lhe a cidade. Genoveva, porem, aquietou-os, affirmando-lhes que Paris seria respeitada pelos barbaros. O successo justificou a sua profecia. Aconselhado por esta sancta, foi que Clovis fundou a egreja de S. Pedro e S. Paulo, onde ella foi enterrada em 512. Seu tumulo foi celebre pela repetição de milagres.

4. *Domingo.* S. Tito: Discipulo de S. Paulo, grego, e gentio, foi convertido por aquelle apostolo, e mereceu as honras de seu secretario e interprete. Foi, no fim da sua vida, eleito bispo de Creta, onde morreu.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — Em consequencia do mau tempo celebrou-se, na egreja de S. Cosme e S. Damião, a communhão geral, que devia ter logar no Coliseu, como conclusão da missão. Foi S. S. que ministrou a sagrada communhão aos numerosos fieis que se aproximaram á santa mesa. S. S. tratou a todos com a maior amabilidade, e quando hia sahir da egreja todos lhe pediram, em alta voz, a benção papal, e a receberam com humildade. Della participou tambem o numeroso povo que o esperava á porta para o victoriar.

— Hiam fazer-se preces para terminarem as chuvas, que teem causado graves prejuizos.

— O Rev. Fr. Ignacio (George Spencer, irmão do conde de Spencer) da ordem dos Passionistas, prégou, no dia 23 de Dezembro, na egreja de S. Luiz de França, ácerca da associação de oraçoens para a conversão da Inglaterra. Foi pathetico quando referiu a sua propria conversão; e descreveu com vivas cores as vantagens que resultariam ao catholicismo com a total conversão da Gram-Bretanha; porque todos os grandes meios que emprega para espalhar o erro, emprega-los-hia para propagar a verdadeira doctrina.

— Está tratando-se da beatificação da veneravel soror Ignez de Jesus, religiosa professa da ordem das dominicanas, que viveu em Langeac, na diocese de S. Flour (França) no seculo XVII, e morreu de 32 annos, em cheiro de Santidade. A heroicidade de suas virtudes foi reconhecida em 1808. O postulador é o Rev. Fr. Spada, postulador de todas as causas da sua ordem.

— Tambem se trata da beatificação de Fr. Eudo, fundador da sociedade dos Euditas. Estes teem todo o empenho em que seja admittida.

França. — Por decreto, de 8 de Dezembro, restituiu L. Napoleão ao culto catholico a famosa egreja de Santa Genoveva, padroeira de Paris, que as revoluçoens haviam transformado em Pantheon.

Inglaterra. — Foi festejada, em todas as egrejas de Londres, a *Immaculada Conceição de* Maria, que é a padroeira da archi-diocese de Westminster. O cardeal Wiseman prégou, em Santa Maria de Moorfields, domingo depois da 1.ª vespera, em defesa da devoção catholica da Santa Mãe de Deus, e ácerca de ser concebida sem peccado.

Os Jesuitas tambem fizeram uma explendida funcção na sua formosa egreja da Immaculada Conceição, e lá prégou de manhan o bispo de Southwark.

— O cardeal arcebispo de Westminster prégou em Londres na capella de S. Thomé, apostolo, que pertence aos Allemaens, e discorrendo brilhantemente a respeito de S. João Baptista, precursor de Nosso Senhor Jesus-Christo, informou o numeroso auditorio de que os zelosos padres Redemptoristas, que tinham a cargo a missão, hiam erigir uma nova egreja, e que esperava que os coadjuvariam cordialmente para que levantassem uma fabrica digna da sua grande nação e da religião que professavam. Da sua parte que, de coração, abençoava a obra e prestaria todos os auxilios que podesse para ser promptamente levada a effeito.

— As predicas dos missionarios em Santo Antonio continuam a attrahir grande numero de fieis. As que tiveram logar, em Santa Maria, produziram muitas conversoens, e todos desejam que se repitam.

— A nova escóla de Santo Antonio, no vasto edificio que começou a construir-se em Eldon-Street, ha 2 mezes, debaixo da superintendencia do Rev. Mr. Newsham, está a ponto de concluir-se. E' bello edificio e poderá accomodar muita gente. Os meninos occuparão os quartos baixos, e as meninas os altos.

Escocia. — Em 12 mezes foi construida a formosa egreja de Nossa Senhora da Victoria, em Maxweltown, no condado de Dundee.

— No dia 9 de Dezembro foi aberta para o culto publico a nova egreja de Nossa Senhora, Estrella do Mar, em Greenwich. Houve grande funcção a que assistiu o cardeal Wiseman, e outros bispos, muitos clerigos, e numeroso concurso de fieis, e até mesmo de protestantes.

Prussia. — A condessa Ida Hahn Hahn, outr'ora protestante e afamada novellista, vae recolher-se em um convento de freiras das Mercês em Moguncia.

America. — Estados-Unidos. — *Concilio Nacional dos Estados Unidos.* — O dr Kenrick arcebispo de Baltimore, e delegado apostolico publicou uma pastoral, por occasião da festa da Apresentação de Nossa Senhora, annunciando que S. S. Pio IX, cedendo ás instancias do ultimo concilio provincial de Baltimore, permittia que se celebrasse um concilio nacional na egreja metropolitana de Baltimore. Convocava, por tanto, os arcebispos e bispos dos Estados-Unidos, e aquelles que tivessem auctorisação e direito a assistir a que comparecessem no quarto domingo depois da Paschoa de 1852.

O seu fim é promover a disciplina, roborar os sagrados canones, e submetter á decisão de S. S. as modificaçoens que sejam exigidas pelas circunstancias locaes. Conclue pedindo oraçoens aos seus irmãos no episcopado, ao clero secular e regular, ás religiosas e ao povo para que o Divino Espirito Sancto illumine os prelados.

— *O arcebispo Hughes creado cardeal.* — Os correspondentes d'alguns jornaes escrevendo-lhes da Italia, annunciam que S. Graça o Arcebispo de Newyork fora elevado á dignidade de cardeal.

— Os soldados catholicos, que servem com officiaes protestantes, sam victimas da sua intolerancia por não quererem tomar parte nas praticas protestantes.

— De Newyork annunciam á commissão da Universidade catholica irlandeza, que esse estabelecimento acha simpathia entre os emigrados irlandezes, e com especialidade entre os americanos que já teem havido reunioens, e que valiosos recursos serão enviados.

Canadá. — Escreve um missionario daquelle paiz que sam alli rapidos os progressos do catholicismo, o que, abaixo da protecção divina, é devido ao bispo dr. de Charbonnel, ao deão Kirwan, e ao reverendo e joven mr. Ryan, cujo zelo é incansavel.

RESTABELECIMENTO DA BULLA.

MINISTERIO DA JUSTIÇA.

Tendo o santissimo padre Pio IX, ora presidente na universal egreja de Deus, annuido benignamente ás minhas regias instancias, e concedido de novo aos fieis destes reinos e seus dominios todas as indulgencias e graças espirituaes e temporaes da antiga bulla da cruzada; devendo o producto das esmolas dos fieis, que tomarem a bulla, ser inteiramente applicado, depois de deduzidas as despezas da sua administração, em primeiro logar ao estabelecimento de novos seminarios diocesanos e ao melhoramento dos existentes, e em segundo logar ás despezas das fabricas das cathedraes, e a outros usos pios referidos nas sobreditas minhas instancias, e approvados por S. Santidade: e attendendo eu a que não póde, em vista da legislação actual do paiz, restabelecer-se com a mesma fórma e attribuiçoens o antigo tribunal, nem considerar-se vigentes muitas das disposiçoens do alvará de 10 de Maio de 1834,

que deu regimento ao dito tribunal, e ás de outros alvarás e resoluçoens posteriores sobre o mesmo assumpto; attendendo bem assim a que, por uma parte, convém simplificar, quanto possivel, a administração neste negocio, de modo que possa tirar-se maior interesse do producto das esmolas dos fieis que tomarem a bulla, e acudir assim mais amplamente aos pios fins a que elle é destinado; e, que por outra parte, se torna de reconhecida utilidade publica espiritual e temporal abreviar a publicação das graças e favores recebidos da liberalidade apostolica: hei por bem, usando dos poderes extraordinarios que nas actuaes circunstancias julguei dever assumir; e tendo ouvido o conselho de ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º Haverá nesta cidade de Lisboa uma junta denominada — Junta Geral da Bulla da Cruzada — a qual terá immediatamente a seu cargo a expedição e despacho de todos os negocios respectivos á administração da bulla, á sua distribuição, á cobrança e arrecadação do producto das esmolas dos fieis, que quizerem aproveitar-se das graças e indulgencias da mesma bulla, e finalmente á entrega do dito producto para ser applicado aos pios usos, a que pelas resoluçoens pontificias e regias é actualmente destinado; tudo nos termos que no presente decreto serão decretados.

§. unico. A junta geral fica subordinada ao ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, por cuja secretaria de estado deverá corresponder-se em tudo o que fôr conveniente para melhor e mais facil desempenho dos negocios que estão a seu cargo.

Art. 2.º A junta geral da bulla da cruzada será composta do commissario geral, que tomará sempre a presidencia della, e de 4 vogaes, com o titulo de — deputados.

Art. 3.º De commissario geral servirá a pessoa ecclesiastica, a que, precedendo nomeação regia, S. Santidade conceder breve de commissão nos negocios espirituaes da bulla da cruzada, que estão a cargo delle commissario geral.

§. unico. O actual commissario geral nomeado receberá pelo rendimento da bulla, para sua decente sustentação, a mesma quantia que está estabelecida, ou se estabelecer por lei para congrua dos bispos com diocese no reino. Os seus successores no mesmo cargo de commissario geral terão o vencimento annual de 1 conto de reis.

Art. 4.º Os logares de vogal, ou deputados da junta geral são de livre nomeação regia, como sempre foram.

§. 1.º Para estes logares serão escolhidas pessoas ecclesiasticas ou seculares, que por sua distincção e letras bem mereçam occupa-los, devendo preferir-se, quanto possivel, as que já servirem outros empregos pagos pelo estado.

§. 2.º A cada um dos deputados da junta será abonada annualmente a quantia de 150$000 reis.

Art. 5.º A secretaria da junta geral da bulla da cruzada, terá os empregados seguintes, com os vencimentos que lhes vão fixados, a saber:

Um secretario da junta, que será considerado o director geral de toda a secretaria com o vencimento annual de 300$000.

Tres primeiros officiaes, sendo um delles encarregado do expediente ordinario, com 200$000 reis por anno, outro encarregado da thesouraria com 240$000 reis, e outro encarregado da direcção da contadoria com 240$000 reis.

Seis segundos officiaes, tendo cada um delles por anno 160$000 reis.

Um porteiro, com 140$000 reis.

Um correio, com 120$000 reis.

O porteiro e o correio servirão de continuos nos dias de sessão da junta.

§. unico. Todos estes empregadss serão providos por mercê regia, precedendo porém proposta ou informação do commissario geral, ou de quem suas vezes fizer.

Art. 6.º Os vencimentos assim do commissario geral, e deputados da junta, como dos empregados da secretaria della, serão pagos pelo rendimento da bulla sem deducção alguma.

Art. 7.º A impressão dos summarios da nova bulla, e de todos os mais escriptos a ella respectivos, far-se-ha na imprensa nacional sem a chancella do commissario geral. Esta chancella será posta depois pela fórma e com as solemnidades, que o mesmo commissario e junta geral proposerem.

§. unico. As despesas com o papel, e com tudo o mais que fôr necessario para a impressão e promptificação das bullas e escriptos, a que se refere este art. ficam, como d'antes, a cargo do cofre da bulla.

Art. 8.º Aos arcebispos, bispos e vigarios com jurisdicção ordinaria nas dioceses do reino e ilhas adjacentes, será exclusivamente commettido todo o cuidado na distribuição das bullas pelas parochias das suas respectivas dioceses, e na cobrança das esmolas, que por ellas se receberem. Para este fim se corresponderão com o commissario geral, e com a junta geral da bulla da cruzada; e, pela secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, se lhes escreverá no real nome, encommendando-lhes que deem execução, e prestem todo o auxilio que convenha, ás ordens que, pelo mesmo commissario e junta geral, lhes forem dirigidas, sobre os negocios da bulla, em attenção ás grandes utilidades espirituaes e temporaes a que ella se propoem.

§. unico. Aos mesmos ordinarios das dioceses communicará o commissario geral, em virtude dos poderes recebidos de S. Santidade, todas as faculdades necessarias, no que respeita aos negocios espirituaes da bulla; cessando por consequencia a despeza, que se fazia com os antigos commissarios sub-delegados.

Art. 9.º Impressas que sejam as bullas remetter-se-ha aos ordinarios das dioceses o numero de exemplares, que á junta geral parecer sufficiente.

§. unico. Esta remessa será acompanhada de uma relação, em que se declare com toda a individuação, o numero, e a quantidade das bullas, e as suas respectivas taxas A relação hirá em duplicado; n'uma dellas o prelado diocesano declarara o seu recebimento, e porá a sua assignatura e o sello de que usar; reenviando-a immediatamente á junta geral.

Art. 10.º Os ordinarios, recebidas que sejam as bullas impressas para as suas respectivas dioceses, remetterão, aos parochos de todas as freguezias, ou a outra pessoa idonea dellas, se assim lhes parecer mais conveniente, o numero sufficiente de exemplares das mesmas bullas, dando aos ditos parochos, e ás pessoas a quem fizerem a remessa, as instrucçoens necessarias; e responsabilisando-os pela importancia do seu respectivo valor, ou pela restituição, em tempo competente, dos exemplares não distribuidos.

§. unico Para maior claresa, segurança e regularidade neste importante objecto, terão os mesmos ordinarios um livro de contas correntes em cada um dos parochos, ou outros commissarios das freguezias.

Art. 11.º Os ordinarios das dioceses escolherão pessoa idonea, da sua confiança, para todo o trabalho da escripturação relativa aos negocios da bulla A este empregado se abonará sobre proposta dos mesmos prelados, uma precentagem modica sobre tudo o que se arrecadar na diocese respectiva, ou outro vencimento que parecer justo.

Art. 12.º A taxa das esmolas que devem receber-se dos fieis, que tomarem a bulla, será em tudo regulada pela tabella antiga, de que trata o §. 68 do regimento de 10 de Maio de 1634.

§. unico. Esta tabella será impressa em separado, e remettida com a bulla para as dioceses, a fim de que haja conhecimento della em todas as parochias. *(Continúa.)*

BYBLIOGRAFIA RELIGIOSA.

Consideraçoens sobre as ordens religiosas. — Foi vertido em linguagem este opusculo. Com quanto o seu auctor se restringisse de mais no fecundo assumpto das suas consideraçoens, e quasi de fugida invectivasse o pensamento destruidor, que annullou a obra da religião e dos seculos, julgamos benemerito dos fieis o piedoso traductor que se impoz a tarefa de fazer conhecido esse livro reprovador da impiedade egoista. Vende-se por 120 reis na loja de *Fonseca*, aos Caldeireiros, e *Novaes*, ás Hortas.

Novena de Santo Agostinho, *por Fr. Antonio de Santa Barbara.* — O nome de seu auctor, justamente admirado nesta cidade, em quanto lhe foi um lusido ornamento do pulpito, é que farte recommendação. E' admiravel em estylo, e edificante em sentimentos de vehemente devoção. Vende-se por 40 rs. na loja de livros de *Fonseca*, aos Caldeireiros n.º 14 e 15.

JANEIRO 10. 1852. — N.º 2.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

RAZÃO.

Os racionalistas regeitam a religião verdadeira e as falsas religioens. Para elles, Confucio, Socrates, Christo, e Mahomet são a mesma entidade, e os mesmos impostores, desde o momento que se declaram inspirados do céu, e querem ser considerados com distincção entre os de mais homens. Socrates e Confucio, que escreveram moral, que legislaram a uns, e aconselharam outros, recebem honras de filosofos, e não participam do despreso, decretado pelos racionalistas, indistinctamente, a Jesus Christo e Mahomet, que tiveram a audaciosa pertenção de legislarem um como filho, outro como profeta de Deus.

Tal é a opinião dos que, nestas modernas sociedades, se declaram illuminados pelo sol do raciocinio. Tal é a lamentavel opinião dos que gratuitamente se intitulam deistas, para colorirem o seu profundo materialismo na vida pratica.

A *rasão*, que é para o homem religioso a luz das suas crenças, poderam os scepticos converte-la em trevas do seu scepticismo! Astro brilhante, chamam-lhe elles; mas que estreitesa não é a desse circulo luminoso da vida, além do qual principiam as trevas do tumulo! Que pouco dura esse astro brilhante no espirito daquelle, que se considerou posto ahi no mundo, com a sua rasão, opulenta e forte, agora, para logo vergar a cabeça altiva debaixo da mão occulta, que lhe paralisa o exercicio dessa rasão fecunda!

A rasão, como elles a definem, é uma dadiva funesta, é um dom bem desgraçado, que o Creador concedeu á mais nobre das suas creaturas! Se a julgamos pelo que ella é nos paes, que matam os filhos, instigados pela rasão, tal dadiva, entre os chinezes, é uma arma infanticida, que nos obriga a descrer da bondade do Creador. Se contemplarmos o selvagem do Canadá, retalhando em postas seu irmão para devora-lo em banquete de antropofagos, doe-nos o coração de assim o vermos abrazado por uma sede de sangue que elle chama a sua rasão. Se virmos a viuva do indio lançar-se nas lavaredas d'uma fogueira, que a rasão lhe aconselha, o genero humano deve considerar-se o ludibrio d'um Deus sanguinario, que se apraz em contemplar do alto do seu throno despotico o vagido da creança, que se afoga nas ondas do Nilo, o grito do selvagem, que morre para alimento da sua tribu, e os estrebuchamentos da mulher, que se retorce no lume da fogueira!

Mas não são estes os homens da rasão, no entender dos deistas. Ha outros, que, por ella illuminados, crearam uma religião natural. São elles justamente. Inventaram-n'a, fizeram-n'a, sósinhos com a sua consciencia, e offereceram-n'a á sociedade civilisada como garantia, não do futuro, que lhes não davam nenhum, mas do presente, que é decididamente o fim da creação, e o complemento da grandiosa idêa do Creador!

Ainda assim, é absurdo pensarmos que essa decantada religião natural seja invenção dos deistas. As suas maximas moraes, e seus codigos mais ou menos embellesados pela excellencia de doutrinas, é no seio do Christianismo que mendigaram a sua inspiração. São passados seis mil annos, depois que Deus revelou a Adam os preceitos da religião primitiva. Busquem um codigo de san moral nessas naçoens, onde o clarão do Evangelho não penetrou ainda! Perguntem ao rajah chinez — por que não invoca o talento da sua rasão, e não traça em dois preceitos um codigo, cuja moralidade doutrinaria possa reger os costumes europeus!

Primeiro como filosofos, e depois como christãos, vejamos em que reputação devemos ter essa faculdade sublime, que o espirito da incredulidade alçou ás alturas de rainha e de divindade.

A rasão é a faculdade de ser instruido, e de conhecer a verdade que nos é ensinada. Por ella conhecemos quantas verdades se deduzem d'um certo numero de ideias fundamentaes, que constituem a razão universal. No barbaro de costumes deshumanos, e na creança sem exercicio do raciocinio, existe uma intelligencia; mas falta-lhe a clara consciencia dessas ideias primitivas.

A civilisação para o barbaro adulto, seria como a idade de rasão para o homem nascido em paiz civilisado. Todos os nossos conhecimentos especulativos vem das liçoens, que recebemos do nosso semelhante. Devemos tudo o que somos á sociedade, que nos transmitte pela palavra, e pela acção, a claridade precisa para darmos ás ideias primitivas o cunho luminoso da consciencia individual.

Ha pois no homem uma luz interior, sem a qual, a tradicção e a escriptura, como testemunhos divinos, não poderiam exercer os effeitos da sua divindade. Investiguemos a harmonia estabelecida entre a rasão, emanação de Deus, e a tradicção e a Escriptura, testemunhos divinos.

A rasão abraça um mysterio que a tradicção e a Escriptura nos revellam. E' o mysterio do bem e do mal. Conhecemo-lo pela rasão: sentimo-lo pela consciencia. A primeira mostra-nos a differença que existe entre o bem e o mal. A segunda faz-nos propender para um, e affastar do outro. Com a rasão, fortalecida pela consciencia, reprimimos as vocaçoens desordenadas da vontade. O remorso, que nos justifica as doçuras do bem, é a condemnação da consciencia, que não pôde vencer as más propensoens da vontade. Deve-se a este conflicto entre as vocaçoens más, a e rasão illustrada pela consciencia, o curto reinado das paixoens torpes sobre o sentimento do bom e do honesto.

Vae mais adiante a rasão, porque são amplissimos os limites das suas investigaçoens. Do principio do bem e do mal tira ella consequencias, sem as quaes era inutil estabelecer differença entre a virtude e o crime. A primeira é a existencia de Deus. Por quanto, se Deus é uma chimera, se não existe uma intelligencia superior e infinita, que determine o exercicio das intelligencias creadas, a natureza é o resultado d'um mechanismo estupido, a sua legislação é a necessidade mathematica, e por consequencia todas as

acçoens são em si indifferentes, posto que produzam effeitos diversos. (1)

« Que a ideia de Deus seja ou não seja innata é uma questão ociosa — diz o bispo de Hermopolis — mas será sempre verdade, que ella é tão conforme á nossa rasão e natureza, que. . . deve classificar-se entre os sentimentos primitivos, universaes e invariaveis, que caracterisam a especie humana; de tal modo que o homem negando Deus, negará simultaneamente a sua propria existencia. » (2)

A ideia da existencia de Deus complica a ideia de Creador. Ou os entes finitos tem uma causa infinita em Deus, ou nasceram de si mesmos, ou provieram d'uma outra causa efficiente, que não é Deus, nem são elles. Se nascemos de nós, sem dependencia de Deus, é justo quanto queremos, e são bons todos os nossos actos, e, definitivamente, devemos ser estranhos ao conhecimento do bem e do mal. Se não temos origem em Deus, nem em nós, a causa primaria de nossa existencia é a materia, e, como materia, não devem exigir-nos uma perfeição, que nenhuma lei, superior a nós, auctorisadamente nos impõe... « Póde dizer-se ao homem « *sê perfeito!* » quando se lhe ajunta « *como vosso pae celeste é perfeito.* » Mas se tal pae não existe, se apenas temos um pae terrestre e corrompido, como podemos nós propender para a perfeição? Se a causa, que nos produziu não vale mais que nós, é, imitando sua baixesa, que lhe prestamos homenagem. Se a nossa origem é a materia, quem póde privar-nos de rastejarmos n'um lamaçal, e dizermos aos vermes: Vós sois nossos irmãos!? » (3)

O mysterio do bem e do mal seria impossivel de conceber-se sem o dogma da creação.

E', pois, a rasão que nos eleva do lodo dos materialistas, e do rasto escabroso dos deistas, a um mundo de luz, onde o dogma da creação, como resplendor da existencia de Deus, é o primeiro vôo dado para o mais sublime da Religião Christan.

No proximo numero proseguiremos nesta vereda, que nos encaminha a uma gloriosa deducção.

Camillo Castello-Branco.

continua a p. 13

MISSIONARIOS PROTESTANTES.

Vejam o prestimo do Evangelho, sacrilegamente arvorado como taboleta de commercio nas mãos d'um missionario protestante, d'um propagador do erro, d'um enviado a conquistar o ouro por um genero novo de mercancia escandalosa.

Os presbyterianos e methodistas, e toda essa anarchia de seitas, filhas da reforma, adoptaram este systema utilitario, nas ilhas do grande oceano: — dominam primeiro o espirito das populaçoens ignorantes; depois dão-lhes leis politicas e religiosas, repellem brutalmente os estrangeiros que possam empecer-lhes, e limpam a estrada ao dominio official, que lá vem depois, em nome da rainha da Gram-Bretanha, sanccionar as usurpaçoens successivas dos missionarios, seus agentes, seus diplomatas, cujas credenciaes são a Byblia!

A impudencia tem suggerido recursos incriveis a estes servidores de Inglaterra.

Em 1830, os missionarios protestantes, acobertados do pavilhão britannico, perseguiram sanguinariamente os padres francezes, nas ilhas Sandwich, e mal seria destes inoffensivos catholicos, se uma fragata franceza fortuitamente os não protege! A juncção da nova-Zelandia ao imperio britannico é obra dos missionarios, que tramaram lentamente, por meio de acquisiçoens territoriaes aos indigenas, essa revoltante usurpação. Na China, os artistas que, sob a capa de missionarios, exercem os mais avilanados interesses, limitam-se ao commercio das Byblias no littoral maritimo e não se aventuram a penetrar, como os catholicos, no interior do paiz. O seu maior empenho é destruir o Catholicismo nos indigenas, ao passo que se mostram indifferentes á diffusão das luzes entre os idolatras brahmanes. — Em 1829 partiam de Inglaterra carregaçoens de idolos para os indios, ao passo que o governador geral lord William Bentinck decretava a suspensão dos sacrificios das viuvas! Na ilha O'-Taiti é prodigiosa a serie de atrocidades que os missionarios inglezes empregam para attingir o supremo despotismo de conquistadores traiçoeiros, em nome d'um Deus de misericordia. « E' que em Inglaterra — diz *Lacroix* — não se é exclusiva e francamente padre, nem militar, nem mesmo filosofo: — antes de tudo é-se *inglez!* »

C. C. B.

(1) *Lacordaire* Conf. 11.
(2) Freissynous — T. 1, pag. 83.
(3) *Lacordaire* — Pratica 11.

As columnas do *Christianismo* terão um legitimo desvanecimento da riquesa de suas doutrinas, quando os seus escriptos forem o fructo da classe, que mais quizeramos vêr engrandecida, a despeito de seus injustos e caprichosos adversarios. Um respeitavel sacerdote veio ao alarma da nossa invocação para esta lucta gloriosa com as armas de melhor tempera. A educação do clero deve ser o timbre dos homens bons, que confiam nella, como o lavrador confia no sol que vae nascer-lhe sobre as suas searas requeimadas pelo gelo da noite. O sol da regeneração christan virá, não longe, e os fructos da humanidade despontarão viçosos d'entre os gelos da indifferença religiosa, e do abatimento sacerdotal. Deus permittirá que a voz do nosso virtuoso e sabio collaborador, não seja a voz perdida no deserto.

DUAS PALAVRAS SOBRE A INSTRUCÇÃO DO CLERO.

Deus nos livre de fazermos coro com alguem, a quem será talvez demasiado favor attribuir boa fé, nas suas lamentaçoens sobre a ignorancia do clero. Pertencemos a esta classe, e somos muito zelosos de sua reputação; mas, que não fossemos ecclesiastico, parece-nos que lhe fariamos a devida justiça, dizendo, a respeito do nosso, o que do seu clero diz um judicioso escriptor francez e contemporaneo, que não é padre: « Hoje a abbatina não cobre tanta ignorancia como o fraque. » Este hoje, que indica mudança de um estado anterior para outro melhor é que não tem cabimento a nosso respeito: quando tanto nos cumpria progredir para tomarmos posição diante de tantas e tão potentes cohortes, que ousam dirigir tiros contra a arca santa de nossas crenças, temos retrogradado! e, se pela misericordia de Deus, não somos tão analfabetos como nossos detractores nos querem *fazer*, é todavia forçoso confessar, que não temos aquella instrucção que é necessaria ao sacerdocio no seculo em que vivemos.

Depois que em 1834 se verificaram mal pensadas e anti-canonicas reformas, que tornaram impossivel a existencia dos seminarios, o que é que se tem feito tendente á illustração do clero? Muito pouco da parte do governo. Verdade é que alguns prelados teem, pelos meios ao seu alcance, procurado supprir a falta dos seminarios, como por exemplo o exc.mo bispo desta diocese impetrando a addicção de duas cadeiras theologicas (theologia dogmatica e theologia moral) ao lyceu desta cidade; o em.mo cardeal arcebispo de Braga dando do seu bolsinho uma ajuda de custo para a manutenção de algumas aulas no seminario de S. Pedro; e o em.mo cardeal patriarcha de Lisboa fazendo outro tanto em S. Vicente de Fóra &c. O governo porém o que tem feito? Apresentou em 1845 um projecto de lei sobre seminarios, projecto influenciado pela mania de escravisar o clero ao poder secular, e que não nos recordamos (nem tomamos o trabalho de nos elucidarmos a este respeito) se chegou a ter as honras de carta de lei, porque effectivamente até hoje ficou em *projecto*. A medida, a unica medida tomada pelo governo e realmente impulsiva para este fim foi a lei que mandou prover a concurso todos os beneficios de cura d'almas. Esta lei foi uma boa lei; não passa porém de um meio indirecto, e são necessarios meios directos; é necessaria uma lei que force ao estudo, quando aquella somente estimula; é necessaria uma

lei que tudo preveja e a tudo proveja; é necessaria uma lei, que, dictada por um sincero desejo de crear um clero illustrado e bem morigerado, não torne todavia a ordenação tão difficil e dispendiosa, que tolha esta carreira a quem por ventura terá optima vocação ao sacerdocio.

Um projecto de lei em todos os seus promenores não cabe nas estreitas dimensoens de um artigo de jornal, nem tão pouco nos pertence appresenta-lõ. Bradaremos sómente, que é urgentissima a necessidade de uma boa lei de seminarios, e indicaremos como bases para ella as sabias disposiçoens do Tridentino (sess. 23, c. 18); que sobre estas bases fundou o grande Bartholomeu dos Martyres o seu seminario, e elle provou muito bem; que sobre estas bases ergueu o zeloso D. Antonio de S. José e Castro o seu predilecto seminario de Santo Antonio na quinta da Fraga, e delle sahiram respeitaveis clerigos; que sobre estas normas regulamentou o seu o sabio D. Francisco Lobo, e nelle creou um clero, que ainda hoje se estrema por sua instrucção, moralidade, urbanidade e decencia no trajar.

Entendemos que, depois dos preparativos de grammatica, filosofia racional e rhetorica, não se póde dispensar ao presbytero um curso regular de estudos propriamente theologicos, que comprehenda historia sagrada e ecclesiastica (1.º anno), theologia dogmatica (2.º anno), theologia moral (3.º anno.)

Fleury (em suas Instituiçoens de Direito Ecclesiastico part. 1, cap 20) observa que, depois do estabelecimento dos lyceus e universidades, os bispos tem descançado, no que respeita á instrucção do clero, sobre os doctores das universidades; e accrescenta: Se por uma parte as universidades e lyceus teem tornado os estudos mais faceis e augmentado a sciencia, os costumes e a disciplina teem soffrido com isto.

Os costumes e a disciplina teem soffrido com isto: eis uma asserção de uma verdade palpavel e absoluta, e da qual se deprehende a necessidade de ter o clero uma educação propriamente sua

Se por uma parte as universidades e lyceus teem tornado os estudos mais faceis e augmentado a sciencia: é a asserção de um facto, que sò póde ser verdadeiro, quando nos professores dos seminarios não hajam as habilitaçoens necessarias para que possam ser equiparados aos lentes universitarios; porque, a have-las, entendemos que toda a vantagem é pelos estudos nos seminarios.

Por tanto, ao menos no triennio theologico, obriguem-se os alumnos a viverem dentro dos seminarios, e assim não só a applicação será mais séria, mas tambem se arredarão á mocidade muitos escolhos, que, na edade em que as paixoens são mais fogosas, elles encontram, abandonados a si, na desmoralisação de nossas cidades.

Mas dirá alguem: Como ha-de um lavrador, classe que ordinariamente cria filhos para o clero, como ha-de elle poder com a despesa para isto necessaria?

Não metta medo a despesa. Que o governo habilite em todos os bispados os seminarios com as aulas mencionadas (e para isto de certo chegarão os fundos havidos pela bulla da crusada); e nomeiem os snrs. bispos (porque a estes entendemos nós que devem pertencer as nomeaçoens) economos zelosos, e então chegarão 200 rs. diarios para se dar aos seminaristas um passadio abundante e salubre; e haverá ainda, conforme a boa administração, o numero dos seminaristas, e a baratesa dos generos, digo haverá talvez ainda accrescimos para os snrs. bispos poderem admittir gratuitamente alguns pobres, o que é muito conforme ao espirito e letra do precitado Concilio Tridentino.

Por esta occasião lembra-nos tambem notar a exclusão sem motivo daquelles que não são presbyteros ao concurso dos beneficios. Porque não ha-de ser admittido um simples tonsurado ao concurso, e ser provido no beneficio, caso tenha as melhores qualificaçoens? Uma emenda á lei dos concursos, neste sentido, é tambem uma necessidade; porque della resulta o poderem ordenar-se a titulo de beneficio muitos, que, desejando ardentemente pertencerem ao numero dos levitas, não teem quem lhes faça o patrimonio.

J. A. V. S.

O MEU ANJO.

Ha no coração do homem
Infinita aspiração:
De lá sobe um santo hymno,
Cujo som alto e divino
Tem no céu afinação.

O joelho curva humilde
Como o penitente rei:
Rega a harpa de seu pranto,
Faz gemer seu hymno sancto,
Ora então como eu orei. . .

Que eu pedi aos céus um anjo
Para minha companhia;
E pedi-o com esp'rança,
Como quem poem confiança
Nos seus rogos a Maria.

E senti descer-me o anjo
Nas trevas do coração:
Exultei! . . . senti que a vida
Me não fôra concedida
Para eterna escuridão.

O meu anjo é meu alento,
O meu anjo é todo luz;
Meu alento está escripto,
Como pregão infinito,
Com o sangue de Jezus.

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

JANEIRO.

5. Segunda feira. S Simeão Estilita. Nasceu em Sisan, nos confins da Cilicia. Foi pastor até á edade de 13 annos, edade em que entrou n'um mosteiro, donde sahiu algum tempo depois para se retirar a uma choupana. Viveu ahi 3 annos. Depois a sua morada foi nos visos de uma montanha, e sobre uma columna que se levantava 36 covados sobre o nivel da terra. A sua vida, decepada pela austera penitencia dos frios, dos calores, e das privaçoens, extinguiu se na terra, aos 69 annos, e subiu ao céu a gosar da suprema gloria.

6. *Terça feira.* Epiphania, ou vulgarmente a festa dos reis. A adoração dos magos, o baptismo de J. C. por S. João, e o seu primeiro milagre nas nupcias de Canáan, em Galilea, são tres mysterios que a Egreja celebra no mesmo dia. Os orientaes dão o apellido de *magos* aos seus doutores. Na Persia tambem assim cognomiaam os seus sacerdotes. A Egreja dá a estes tres homens illustres o nome de *reis*, fundada nas palavras de *David*: — « Os reis de Tharia. . . reis da Arabia, e de Sabá vieram offerecer-lhe presentes em signal da sua veneração, fidelidade, e obediencia. » Os povos orientaes escolhiam filosofos para reis, e taes eram os encaminhados pela estrella á cidade de Jerusalém. De maravilha encontrareis um homem, educado entre christãos, que ignore os epysodios desta adoração.

7. *Quarta feira.* S. Theodosio. Nasceu na Capadocia no anno 423 de J. C. Abraçou o estado ecclesiastico, visitou nos desertos os anachoretas de insigne santidade, precorreu os logares sanctos, e encerrou-se em austera penitencia na torre de David. Ahi foi perturbado no seu continuo sacrificio por uma virtuosa senhora, que o veio convidar a cuidar-lhe d'uma egreja, que ella fizera erigir em honra da S. Virgem. Pouco tempo se conservou ahi. O deserto era o seu pensamento vigilante. Na gruta, onde se dizia que os reis adoravam o Deus-menino, foi longa a sua assistencia de mortificaçoens heroicas. No ermo, que devêra ser incognito aos homens, vieram de longe os encaminhados pela Providencia, rogar-lhe que os tomasse debaixo da sua direcção. Renunciando á sua vontade, S. Theodosio, como primeira lição, mandou-os imaginar incessantemente no fantasma da morte. Fez que trabalhassem n'um tumulo commum, findo o qual, perguntou: — « qual será de vós quem primeiro lhe faça a dedicação? » Um delles, chamado Basilio, lançando-se-lhe aos pés, exclamou: « Eu, se vós o quereis! » Basilio assistiu aos seus funeraes, e no fim adormeceu d'um somno eterno. No mesmo mostei-

ro fez o sancto edificar quatro egrejas principaes para conventuaes de differentes linguas. Succederam-se as maravilhas, e com ellas a geral reputação do Sancto. Anastacio, o protector dos hereges, tentou inutilmente a constancia deste homem illustre no numero dos sabios. Durante 106 annos foi inalteravel a sua santidade, o seu disvello, e o seu caminhar para o tribunal das recompensas.

8. *Quinta feira.* S. Lourenço Justiniano. Nasceu em Veneza em 1381. Deu á congregação de S. Jorge, onde foi geral de conegos, excellentes regulamentos. O papa Eugenio IV nomeou-o bispo e primeiro patriarcha de Veneza em 1451. Governou com sabedoria a sua diocese e morreu em 1455, com 74 annos de virtudes.

9. *Sexta feira.* S. Paulo, 1.º Eremita, e S. Gonçalo d'Amarante. Paulo nasceu na Thebaida. Orfão aos 15 annos, e opulento d'uma consideravel fortuna, fundou asylos de pobres, e collegios de educação. Fugitivo á perseguição de Decio, foi denunciado por um seu cunhado ambicioso de sua riquesa, e teve de esconder-se nos desertos da Thebaida. Ahi, n'uma caverna sombreada por uma palmeira, que o sustentava, viveu até aos 114 annos, e morreu abraçando na hora derradeira *Santo Antão*, que lhe fôra enviado pelo Senhor. Da edade de 53 annos em diante era um corvo que lhe descia o sustento. A sua sepultura foi cavada por dois leoens, na presença de Santo Antão, que lhe conduzia o cadaver. S Paulo é quem deu origem á vida heremitica.

10. *Sabbado.* S. Hygino P. Succedeu ao papa S. Telesphoro, no anno 139, e morreu em 142. A Egreja não recebe como verdadeiro o seu martyrio, affirmado por alguns doutores.

Publicamos, a pedido de seu illustre auctor, a seguinte correspondencia. O conhecimento que temos de nós não nos eleva á graduação lisongeira que s. s.ª nos marca. Todavia, sendo o substancial da carta do snr. Sinval resposta satisfactoria a uma observação que não ousamos fazer-lhe de nossa lavra, vencemos a repugnancia, que tinhamos em receber no *Christianismo* os obsequios que nos são directos. Permittisse Deus que o snr. Sinval se não enganasse na opinião em que nos tem.

Ill.mo snr. Camillo Castello-Branco.

Acabo de lêr no — *Christianismo* — a analyse por v. s.ª feita ao meu sermão da Conceição Immaculada. Posto que me não seja licito acceitar daquelle artigo mais do que o trecho final, em que v. s.ª delicadamente diz *recordar-me* uma pagina de Luiz Muratori no seu livro de Eloquencia Popular, nem por isso devo menores agradecimentos ás que o precedem, agradaveis expressoens, de puro obsequio, com que v. s.ª se digna animar os meus primeiros ensaios no ministerio do pulpito; e assim por tudo:

« Aquella alta e divina Eternidade,
« Que o céu revolve, e rege a gente humana,
« Pois que de ti taes obras recebemos,
« Te pague o que nós outros não podemos. »

Tem v. s.ª muita e muita rasão. Claresa é a primeira virtude de todo o discurso oratorio. Mas que quer o meu amigo?! Ser claro — para todas as intelligencias — em um sermão de Mysterio — de proposição, se não nova entre os theologos, de certo menos commum nos auditorios, — e isto no improrogavel praso (como insinuaçoens de toda a parte me recommendavam) de meia hora. . . oh! difficuldade é esta que espero em Deus me preste a vida para (e bem breve seja!) a vêr vencida por v. s.ª; mas inteiramente superior ás minhas fracas forças. Tal a reputei desde o esboço do papel, a que me refiro, e por isso nem sequer me propuz luctar por vence-la. Comtudo em testemunho do muito peso que para mim tem o seu conselho, prometto de no primeiro sermão de identica naturesa, que composer, esmerar-me quanto possa no alludido empenho; mas v. s.ª verá que não consigo o intento.

Em nome, e a bem (é este o unico titulo que tenho para pedir a v s.ª tamanho favor como o que se segue) da Causa Santa, em que nos achamos empenhados, não me poupe v. s.ª á vara da censura. Imite comigo o excellente critico, amigo de Horacio, de quem este dizia:

« *Quintilio siquid recitares, corrige, sodes,*
« *Hoc, aiebat, et hoc.* »

Sou com a mais distincta consideração

De v. s.ª amigo venerador e criado

Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval.

S. C. 10 de Janeiro.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Definitorio *da veneravel ordem 3.ª de S. Francisco.* — Temos a satisfação de annunciar a todos os fieis, particularmente aos desta cidade, que no dia 7 do corrente se reuniu o definitorio geral da V. O. 3.ª de S Francisco, para deliberar, se devia sahir no presente anno a procissão de Cinza. Uma grande parte do mesmo definitorio manifestando profundo sentimento por entender, que a proposta não podia ser resolvida affirmativamente, foi de opinião, que não podia ter logar este acto religioso, em consequencia da consideravel quebra, que tinham soffrido os rendimentos da ordem com a disposição do decreto de 3 de Dezembro passado, e com o receio, que geralmente ha, de que o governo venha a lançar mão dos fundos dos estabelecimentos pios, d'onde procede conhecer-se já uma diminuição muito sensivel no numero das entradas. Depois de ponderosas reflexoens, a maioria decidiu: que, sendo o patrimonio dos pobres um objecto sagrado, de nenhum modo devia ser distrahido para outros de um interesse secundario; mas que se recorresse á piedade dos fieis, promovendo uma subscripção voluntaria, para com o producto della se fazerem as despesas da procissão. Logo o snr. Castro Silva, que presidiu a este acto, nomeou uma commissão composta dos snrs. Manoel de Sousa Carqueja Junior, Joaquim Antonio de Sá Passos, Antonio Domingues de Oliveira Gama, João Mendes dos Santos Guimaraens, e Carlos Dias Cardoso, a qual se encarregou de promover a mesma subscripção.

Confiamos na actividade, e bem conhecido zelo de cada um dos membros desta commissão, e estamos convencidos, de que não se hão-de poupar a trabalho algum, para levarem ao fim a ardua, mas honrosa empresa, que tomaram sobre os seus hombros. Não podemos deixar de tributar o devido louvor ao definitorio da V. O. 3.ª de S Francisco, porque tomou uma resolução, que concorre poderosamente para estabelecer, e firmar as mesmas crenças, que professa, e defende o *Christianismo.* Na nossa humilde opinião a procissão de Cinza feita pelos terceiros franciscanos, e a da Paixão feita pelos terceiros do Carmo valem mais, do que a maior parte dos sermoens que se prégam por esses pulpitos da cidade; cada uma, por differente modo, excita em nós sentimentos de religião e de piedade; a primeira chama-nos á penitencia, propondo-nos os mais edificantes exemplares desta virtude; a segunda, recordando-nos os tormentos do Homem-Deus, não póde ser vista com indifferença, e sem que nos sintamos abrasados com o fogo da caridade, e de terno amor para com Elle Muitas vezes temos visto por entre as alas do povo-catholico, que borda as ruas do transito destes objectos sagrados, derramar copiosas lagrimas, que são a expressão ingenua de coraçoens compungidos. Uma só que por ventura ha-de humedecer as faces de algum peccador inveterado no crime, compensará de sobejo o trabalho e talvez algum dissabor, que terão de experimentar os membros da commissão nomeada. Desejamos merecer, como elles, alguma parte deste premio.

Conversão de duas senhoras calvinistas. — As senhoras D. Helena Maria Winteler, e D. Maria Theresa Winteler abjuraram os erros do calvinismo, em Lisboa, no dia 19 de Dezembro do anno findo. Foram baptisadas sob condição pelo reverendo presidente dos Inglezinhos. Haviam sido precedidas, no mez de Junho anterior, por sua irman D. Henriqueta Winteler, que espontaneamente, e por intimo e puro conhecimento da verdade abraçára a communhão catholica. Seja Deus louvado por estes motivos de animadora consolação que nos dá, no meio das trevas que ainda cobrem este paiz, outr'ora tão dedicado ás conquistas da fè.

Tres Reis Magos. — A camara Municipal mandou fazer esta antiga festa, na sua capella. Houve musica instru-

mental e vocal, e toda a decencia que permittia a pequenez do local. Orou o reverendo Abbade de Coronado.

Santo Antonio dos Congregados. — Fez-se um optimo beneficio, no theatro de S. João, em a noite de 7, para as obras da egreja, que tendo pertencido á Congregação do Oratorio, foi profanada e convertida em arsenal militar pelo snr. D. Pedro. Mais tarde, depois de restituida ao culto, verificou-se nella o gravissimo desacato e insulto, por occasião da festa do *Immaculado Coração de* Maria. A sua veneranda Imagem acha-se hoje na egreja dos antigos Carmelitas descalços, aonde teem logar os exercicios prescriptos pelo regulamento da Archi-confraria.

S. Gonçallo. — Festejou-se na Sé, no dia 10, com bastante decencia, e estriou-se bem na sua oração o snr. Padre Santa-Anna. O snr. Padre Leonardo a nada se poupou para tornar a festividade magnifica. Houve excellente musica instrumental e vocal, e muita concurrencia popular.

Irmans da caridade de Lisboa. — Algumas senhoras charitativas teem-lhes promovido esmolas, por meio d'entradas, na exposição agricola: e já avultam estas esmolas que tão bem empregadas sam em um instituto tão util, e tão pouco apreciado na nossa patria.

Missionarios dominicos irlandezes. — Abrem no dia 12 o seu collegio no Corpo Santo em Lisboa, aonde se ensinam disciplinas preparatorias. Bem vindos sejam, visto que ainda não chegou a este desgraçado paiz a reacção em favor das associaçoens religiosas que tão necessarias se tornam nas escólas, e nos pulpitos.

Concilios provinciaes e nacionaes. — Quando, por toda a parte, e até mesmo na America, como noticiamos em o nosso numero anterior, se estam celebrando concilios para tratar de remediar os males que teem avexado a Egreja, e para concordar no que é preciso e está ao alcance do episcopado, ficará o nosso Portugal fóra desta acção, tão benefica, e que tão bons fructos tem produzido nas outras naçoens? Melhor seria que se congregassem tambem, e que se deixassem de tomar parte em outras assembleas, aonde não perdem pouco com o contacto da politica, e de que alguns teem sahido bem mal parados; porque ella tudo contamina.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — O consistorio secreto, que devia ter-se celebrado em um dos dias immediatos á paschoa da Natividade, parece que só terá logar em Janeiro ou Fevereiro proximo, e que então fará S. S. a preconisada promoção de cardeaes.

— O Santo Padre, costuma, em 4 de Novembro, hir á egreja de S. Carlos da nação lombarda; e para ser o seu acompanhamento mais brilhante no ultimo anno concentrou o general Gemeau todos os destacamentos do exercito francez de occupação.

— Os cabidos, communidades religiosas, confrarias, seminarios, collegios, tribunaes ecclesiasticos e mais instituiçoens da Egreja sahiam processionalmente a visitar as basilicas patriarchaes, e os principaes sanctuarios a fim de fazer as preces prescriptas por S. Santidade.

— Fr. Ignacio (Lord Spencer) depois de ter feito missoens em italiano e inglez, em Roma, dispunha-se a marchar para percorrer toda a Italia e Allemanha, a fim de continuar as suas predicas contra a heresia, e implorar o auxilio do Altissimo para a conversão da Inglaterra á fé catholica.

— S. Santidade estabeleceu, ainda não ha muito, e favorece com especialidade a *Obra Pia dos Soldados*, instituto que se dedica á educação religiosa dos soldados por meio de praticas e missoens. Em França e Italia acha-se estabelecido em mais de 50 cidades, concedendo S. S. muitas indulgencias aos padres directores e aos soldados associados.

Sardenha. — O ministerio continua a perseguir o clero, e a proteger os protestantes, e ainda mesmo os relaxados sem crenças. No ensino faz guerra ao clero que lhe defende o terreno palmo a palmo. Tem-se apoderado dos bens de algumas casas religiosas e dos rendimentos d'outras, por que é esse o costume dos revolucionarios. Onde quer que chegam logo mettem as mãos nos bens da Egreja. E' costume inveterado e incorregivel Ultimamente auctorisaram a construcção de templos protestantes, a despeito dos justos clamores do clero e dos fieis. Os bispos enviaram um protesto ao rei que só o attenderá quando arripiar, verdadeiramente, da estrada revolucionaria em que está mettido.

Allemanha. — Este paiz que foi o berço do protestantismo, e aonde tiveram optimo acolhimento quantos negavam a auctoridade do Papa, e perseguiam o clero para se locupletarem com as suas riquesas, vae hoje regressando ás ideias do justo e da razão. A Austria cortou todas as pêas josefinas que coarctavam a liberdade do clero. A Prussia entregou ao clero o seu ensino, e pediu-lhe o seu concurso para o ensino popular.

França. — Monsenhor Parisis, bispo d'Arraz, publicou uma pastoral prescrevendo o restabelecimento da liturgia romana, em todas as egrejas da sua diocese, como a mais antiga, universal, immutavel, completa e segura de todas.

— O presidente da Republica, quando participou para Roma, o *golpe d'estado* de 2 de Dezembro, ordenou ao general Gemeau commandante do exercito francez, que sustentasse em Roma a ordem e a tranquillidade, e garantisse a segurança e liberdade do summo Pontifice, reprimindo com energia qualquer tentativa que apparecesse em sentido contrario.

— O arcebispo de Paris foi colhido pelas ultimas desordens de Paris quando andava nas suas visitas ás officinas dos operarios. Explicava-lhes a religião catholica e os seus fructos de charidade, e os principios d'associação que ella promove em beneficio da humanidade. Depois das barricadas dos 3 dias de Dezembro, dirigiu-se aos hospitaes a visitar os feridos e levar-lhes palavras suaves de consolação.

— O general Bedeau, que está preso em Ham, passa parte dos dias em oração. E' um christão fervoroso que se acolhe ao seio do Todo Poderoso para se consolar dos desenganos do mundo. Muitas vezes foi visto em Argel apear-se e prostrar-se, na frente dos seus soldados, antes de combater, para invocar a clemencia infinita do Deus dos Exercitos.

Hispanha. — No dia 10 de Dezembro foi restituido ao culto catholico um dos melhores templos de Valencia, que a revolução transformára em armazem. Pertencia á antiga casa professa da Companhia de Jesus, e foi agora cedido pela corôa á congregação da Guarda e oração ao Santissimo Sacramento. Os altares foram feitos de novo, e foi necessario renovar tudo, porque só existiam as paredes nuas e em principio de ruina. Com subscripçoens e donativos se elevou o templo á sua antiga grandesa e magestade, e em parte ainda foi melhorado e enriquecido. No dia da reconciliação houve uma festividade explendida, missa cantada pelo bispo eleito d'Orense, acompanhada de grande instrumental e numerosas vozes, e optimo e só religioso sermão pelo jesuita P. José Maria Estruch. A concurrencia foi immensa e a alegria geral.

— Em virtude da concordata permittiu-se aos conventos de freiras que admittissem o maximo das religiosas, que lhes era permittido pelas convençoens estabelecidas, por occasião da fundação Provisoriamente sam restabelecidas as Associaçoens masculinas dos congregados de S. Filippe Nery, e dos Missionarios de S. Vicente de Paulo, em quanto se não colhem as informaçoens necessarias para o restabelecimento das outras ordens, com especialidade a dos Jesuitas que é reclamada com instancia pelas Vascongadas e outras provincias. Nós havemos de ser dos ultimos a reparar este attentado da revolução, que tantos males acarretou a nossa patria com tão nefanda medida. Os costumes não podem moralisar-se sem boa educação religiosa, e o fervor com que acolhem as ordens religiosas, por toda a parte, até na Inglaterra e nos Estados-Unidos, é mais que sufficiente prova de quanto ellas sam necessarias e indispensaveis para esse fim.

Jesuitas. — Esta virtuosa e illustradissima congregação que tão calumniada tem sido, porisso que se dedica com especialidade a educar a mocidade, a consolar a humanidade enferma nos hospitaes, e a pregar por toda a parte o Evangelho, vae hoje ganhando terreno, por todas as partes do mundo conhecido. E' Portugal dos poucos paizes aonde estam ainda fechadas as portas não só a este instituto, senão ainda aos mais de que é tão rica a nossa Egreja, e que tantos serviços fazem á humanidade. E' porque desgraçadamente ainda está em vigor a moda in-

troduzida, violentamente, de se seguir o mal que fazem lá por fora, nos paizes estrangeiros, porem não o bem.

Em França ainda antes do recente *golpe d'estado* eram os Jesuitas incumbidos pela quasi totalidade do respeitavel e muito illustrado episcopado, de lhes dirigirem os estudos dos seus seminarios; porque em todas as dioceses francezas ha seminarios, e na maior parte ha-os de duas especies a que chamam grandes e pequenos seminarios: uns para educação exclusiva do clero, e outros em que tambem sam admittidos educandos seculares.

As municipalidades tambem lhes incumbem as suas escholas, e dam-se por mui felizes quando o Provincial lhes não diz: « tenho recusado quarenta e seis convites para novas aulas, porque já não tenho padres bastantes para se incumbirem dellas. » E' assim que o Provincial se expressou no mez de Novembro segundo lemos nas folhas francezas.

Na Inglaterra teem operado maravilhas em Londres e outros pontos, e agora ultimamente no paiz de Galles, aonde acabam d'estabelecer um collegio. Alli e pelas circumvisinhanças teem obtido muitas conversoens; e grande numero de pessoas do povo frequenta as egrejas, assistindo á missa e ás funcçoens religiosas.

Na Allemanha teem feito grandes conquistas para a Fé, na Prussia, e ultimamente no gram-ducado de Baden. Começaram pelas aldeas e villas, entraram nas cidades, e finalmente na capital, aonde tres dos seus membros pregaram desde 26 d'outubro até 9 de Novembro, e sempre com um concurso extraordinario.

Na America, na Africa e na Asia, e até na Oceania teem elles missoens brilhantes, aonde se colhem quotidianamente fructos de benção, porque Deus tem abonçoado os seus trabalhos, e o zelo incansavel com que se empregam na salvação das almas

RESTABELECIMENTO DA BULLA.

MINISTERIO DA JUSTIÇA.

Art. 13.° A publicação da bulla assim nas egrejas cathedraes, como nas parochias de todas as dioceses, terá logar em cada anno, com a conveniente solemnidade, nas mesmas epocas em que antigamente se fazia.

§. unico. A disposição deste artigo não é applicavel á primeira publicação da bulla no sexennio porque foi agora concedida. Este acto terá logar quando estejam concluidas as necessarias disposiçoens previas, de que a junta geral deverá occupar-se, apenas se constituir, e das quaes a mesma junta dará conta ao governo, pelo ministerio competente, para que por elle se expeçam as ordens a esse fim convenientes.

Art. 14. No summario da bulla, que vae agora publicar-se, se procederá nos termos do que está concordado em harmonia com os diplomas apostolicos, e com as circunstancias actuaes do reino: e se fará expressa menção dos fins piedosos a que são destinados os rendimentos da bulla.

Art. 15. O commissario geral, constituida que seja a junta, tratará das instrucçoens que devem servir de directorio aos pregadores encarregados da publicação da bulla nas differentes dioceses e parochias, na conformidade do que se recommenda no §. 67 do citado alvará de 10 de Maio de 1634. Estas instrucçoens serão impressas, e remettidas com os exemplares das bullas aos prelados, os quaes escolherão os ecclesiasticos, que mais idoneos lhes pareçam, para pregadores da bulla.

§. unico. Os mesmos prelados proporão ao commissario geral a despeza que fôr indispensavel fazer na pregação da bulla, a qual despeza nunca deverá exceder a que se acha auctorisada pela respectiva legislação, e antigo costume, antes se empregará todo o cuidado para que seja a menor possivel. O commissario geral apresentará as ditas propostas em sessão da junta, e consultará depois pelo ministerio competente o que nella parecer.

Art. 16. A impressão das bullas e mais escriptos convenientes, deve concluir-se até o fim do mez de Agosto de cada anno. A remessa dos exemplares para todas as dioceses do reino e ilhas adjacentes, deve ficar ultimada até o fim de Outubro do mesmo anno, de modo que estejam os exemplares necessarios em todas as parochias, quando chegar a epoca da publicação da bulla.

§. unico. Esta disposição não tem logar na publicação que ha-de fazer-se no presente anno, como fica declarado no §. unico do artigo 13 deste decreto.

Art. 17. O commissario geral logo que a junta estiver constituida, resolverá com ella o que mais acertado e conveniente parecer ácerca do numero e collocação das caixas, que, na conformidade do disposto no §. 59 do antigo regimento de 10 de Maio de 1634, e da pratica estabelecida constantemente, devem existir em diversas egrejas, para que nellas se lancem as esmolas dos fieis e o dinheiro das commutaçoens dos votos. A resolução que a este respeito se tomar será participada ao governo pelo ministerio competente.

Art. 18. Estando o rendimendo da bulla inteiramente destinado para usos tão pios, como constam das resoluçoens pontificias e regias já declaradas; e convindo por tanto que haja o maior cuidado no modo de despender esse rendimento, para que senão applique senão aos fins a que está consignado, e ás despezas indispensaveis para a boa expedição e administração da bulla. O commissario geral, e a Junta geral não poderão ordenar pagamento algum pelo Cofre da Bulla, sem que préviamente participem pelo Ministerio competente, o destino desse pagamento, e recebam a authorisação pelo mesmo ministerio.

§. 1.° Exceptuam-se as despezas miudas com o expediente da Junta, e outras de egual urgencia. Dellas porem se dará conta especificada no fim de cada mez pela repartição de contabilidade do ministerio competente.

§. 2.° Pelo mesmo ministerio fará a junta subir no principio de cada trimestre a conta geral da administração da bulla, no trimestre antecedentemente findo.

Art. 19. Com o mesmo fundamento do artigo antecedente não se deverá expedir pelo ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça (a quem a junta geral fica subordinada como se dispoem no §. unico do artigo 1.° deste decreto) ordem alguma de pagamento sobre o cofre da bulla, sem que na mesma ordem se declare a applicação a que é destinada a quantia pedida, e seja esta applicação conforme ao que competentemente estiver determinado a esse respeito.

Art. 20. A esmola estabelecida para a fabrica de S. Pedro em Roma sera paga pontualmente em cada anno, segundo o costume, com as cautelas e segurança convenientes, na conformidade do que se acha recommendado no §. 88 do antigo regimento da bulla, já citado.

Art. 21. O commissario geral, com a junta geral, em vista do que se acha estabelecido no antigo regimento da mesma bulla, e mais disposiçoens subsequentes com respeito ás provincias ultramarinas, e na presença bem assim do que se determina neste decreto, consultará o que parecer melhor em todas as coisas concernentes á administração da bulla, e á cobrança e arrecadação das esmolas nas mesmas provincias.

Art. 22. O mesmo commissario e junta geral, proporão opportunamente o projecto de regulamento geral, que deva adoptar-se, para servir de regra em tudo o que respeita ás coisas e pessoas da bulla da cruzada, e no qual se consignem todas as disposiçoens, que, d'entre as muitas que existem sobre este assumpto, pareçam convenientes e ao mesmo tempo compativeis com as circunstancias actuaes do paiz, e as leis em vigor.

Os ministros e secretarios de estado das differentes repartiçoens o tenham assim entendido e espeçam-se competentemente os despachos necessarios para a sua execução. Paço das Necessidades em 20 de Setembro de 1851. — *Rainha — Duque de Saldanha — Rodrigo da Fonseca Magalhaens — Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello — Antonio Aluizio Jervis d'Atouguia.*

ADVERTENCIA.

As pessoas que não estam versadas no uso que devem fazer do 4.° que vae em diverso formato no centro da folha, tenham a bondade de o cortar, e dobrar segundo os titulos e numeraçoens. Deste modo cada numero do jornal fica com 6 paginas e numeração seguida; e a obra destacada com 8 paginas de cada vez, e numeração propria, até concluir o volume.

JANEIRO 17. 1852. — N.º 3.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

RAZÃO.

Exaltados pela rasão á ideia sublime do Creador, sentimo-nos orgulhosos desta primasia que nos avassala a creação, e, ao mesmo tempo, contrista-nos este continuo batalhar de instinctos maus, que parecem rebaixar o homem para os habitos geraes da animalidade!

Sahiria eu assim das mãos de Deus?! Estas propensoens malditas que me fazem perder o equilibrio entre o crime e a virtude, quando me despenho no mal, ser-me-hiam entalhadas no espirito pelo sopro creador, que me deu o privilegio de o conhecer?

Se eu sou o effeito corrupto de uma causa pura — se assim brotei damnificado e mau do seio de Deus — por que não hei-de eu obedecer á minha rasão, que me aconselha o crime, e á minha natureza, que me convida ao mal?

Feitura de Deus, emanação da intelligencia infinita, deverei eu temer que Deus me faça responder pelos crimes que a minha rasão me aconselha?

Não.

Eu fui posto aqui na sociedade, com os meus instinctos irasciveis, assim como o filho da leôa, que medrou no antro das selvas africanas. Eu e elle que fazemos? Não cumprimos a lei da natureza? Quem pòde, acima d'uma sociedade despota que algema o leão, e me castiga a mim, pedir-nos contas de nossos actos? Ninguem. Ha uma lei humana que ousa cohibir-me a satisfação dos meus apetites: detesto essa lei, porque tenho em mim uma lei suprema, que é a minha rasão. Se alguem tentar reprimir a lei suprema da minha natureza, eu hei-de a ferro e fogo desfazer-me d'uma aggressão tyranna, que intenta anniquilar, pela força, a base fundamental da minha organisação. Sahi corrupto, mas sahi livre das mãos de Deus. O Creador que me regenere, se elle tem interesse em que eu dê uma esmola a um necessitado, com esta mão que enterra um punhal no seio do meu amigo!

Vêde o escorregar d'um deista pelo desfiladeiro de seus raciocinios! Vêde-o guiado pela rasão ás bordas de um abysmo insondavel de amarguras suas, e maldiçoens da sociedade, que teve a infelicidade de o nutrir em seu seio!

Que lhe vale a elle a ideia do Creador, se entre Deus e o homem não existe mais differença que entre uma causa pura, que produz um effeito impuro?! Para que é essa eterna peleja do bem com o mal, se, escravos d'uma rasão inviolavel, della pendemos, a ella nos sujeitamos, como o corpo que pende para o centro da terra, como a flôr que se abre ao raio calorifico do sol?

Esta rasão que me lisongeia os habitos maus, e me estimula a saborea-los, custe o que custar ao meu semelhante, não é a rasão que Deus me deu, como guia. Mas eu conheço em mim um ente cogitante, um ser abstracto das coisas terrenas, um principio elevado de concepçoens grandiosas, que me obriga a lastimar-me na minha degradação, quando me vejo frente a frente contra as boas maximas d'alguns homens virtuosos. Este ente, este ser, este principio, que me falla no segredo da consciencia, é que eu chamo a minha rasão. Erguido por elle a um vôo de glorioso alcance, como a ave que se levanta orgulhosa sobre as ciladas dos homens, encontro-me no momento em que o chefe do genero humano, despojado das insignias divinas, que a mão do Omnipotente lhe vestira, perdo o candor de puresa intellectual que fôra seu patrimonio, e caminha atravez das geraçoens, corrumpido e debilitado e decahido da sua primitiva natureza.

Livre no circulo de luz que a consciencia lhe marca, e a sua propria fraqueza lhe impoem, é a minha propria rasão que me explica tres dogmas fundamentaes do Christianismo:

A existencia de Deus;
A creação;
E a queda primitiva.

Firmado na base eterna d'uma ideia — convencido da differença entre o bem e o mal, pude, sem invocar o testemunho da Escriptura, nem as decisoens luminosas dos Pontifices, nem os veneraveis canons dos concilios, prestar, como filosofo, uma homenagem livre a tres dogmas do Christianismo.

Mas são cinco os seus dogmas fundamentaes. Se eu poder conciliar a minha rasão com a necessidade do Redemptor, e com o julgamento final, curvarei o meu joelho perante a cruz da Redempção, e direi com o Evangelista: « Jesus Christo era a verdadeira luz, e todo o homem foi illuminado com a sua vinda ao mundo! »

O homem ergueu-se na puresa e cahiu na degradação. Alterada a sua constituição primitiva, as provas que elle se dá constantemente dessa transição desgraçada são a guerra inquieta que o bem e o mal pelejam no intimo das suas propensoens. Deve o homem considerar-se irremediavelmente degradado para sempre desse eden puro do seu primeiro dia? O sol da intelligencia infinita, que o fecundou no seio do nada, nunca mais lhe luzirá nas trevas do seu exilio? E' perdida para o homem a esperança de regenerar-se, como para a flôr esmagada um orvalho celeste, que lhe reverdeça a corolla? E' — diz-me o genio do mal, que tenta escurecer o bem com a venda tenebrosa da desesperança.

Não é — responde-me a rasão, que se levanta imperiosa entre os dois principios gigantes, que reluctam no meu espirito debilitado pelos habitos maus.

Não é — responde ainda a filosofia, que marcha com magestade e firmesa sobre as eternas deducçoens da verdade.

Não é — brada bem alto a moral, que, em todos os seculos, e em todas as naçoens organisadas, forceja por crear leis que premeiem a virtude, e castiguem o vicio.

Separado, para todo o sempre, o homem repobro e amaldiçoado, do reino da justiça, o bem ser-lhe-hia uma chymera, e o mal rasoavelmente deveria ser-lhe o seu eterno imperio. Já que o lapso lastimoso do primeiro ho-

mem o condemnára eternamente, que lhe importava a elle uma virtude esteril, ou um crime recebido com despreso, entre seus irmãos!? Para que eram então essas leis repressivas para as inclinaçoens malfeitoras, esses lictores para o assassino, e essas corôas civicas para o benemerito da sociedade?! O sacrificio dos prazeres reaes do homem, no altar da virtude, ser-lhe-hiam bem penosos, sem a consolação da propria virtude! Os decantados versos de *Bocage*:

« O premio da virtude é a virtude,
« E' castigo do vicio o proprio vicio,

seriam entre os homens uma legenda de irrisão para insculpir no portico d'um hospital de filosofos dementes! Felizmente, o poeta deista, a mais livre e fogosa e desordenada cabeça dos *espiritos fortes* em Portugal, repetia duas maximas, que embriagam os incredulos d'um perfido licôr, ao passo que ensinam o filosofo a edificar com ellas o seu reducto de defesa contra a incredulidade.

« O homem pratica o bem, com esperança e com ju-
« bilo... A sua quéda não o arremessou ao fundo do abys-
« mo: não é irremediavel; uma reparação é-lhe possivel,
« e principiou desde o dia da sua quéda, porque desde
« esse dia ficou-lhe a consciencia do bem, e o esforço vo-
« luntario contra o mal. » (*)

A nossa consciencia é que nos julga. Reprehendemo-nos antes que Deus nos reprehenda. Somos indignos aos nossos proprios olhos, antes de o sermos na presença de Deus. Se o mal não se receia de uma condemnação ulterior, porque lançaremos uma linha divisoria entre elle e o bem? Provada a insensibilidade do bem e do mal nos juizos do Eterno, com que proveito seremos nós sensiveis ao mal e ao bem?!

A brevidade da existencia, a prestesa com que aqui murcham as flores da virtude, alcançadas com sacrificios, e abnegaçoens de nossos interesses, não convidariam alguem a arrastar-se sobre os espinhos da honra, para legar ao julgamento da posteridade uma nomeada honrosa.

Ha no homem virtuoso uma aspiração meritoria para Deus; nos actos transitorios da vida ao tumulo a presciencia d'um julgamento divino, em que o preço da probidade tem um quilate, que na terra é o falso ouro da adulação d'um dia. Onde não ha esta luz previdente é nos coraçoens obdurados pelo crime, e impassiveis ao remorso, porque então os juizos da terra são-lhes indifferentes, e a pedra do tumulo, que tem a força de esmagar um cadaver insensivel, é como a porta do tribunal divino, fechada para sempre

Rasão e consciencia! — Bastaram estas duas potencias luminosas na minha alma para me revellarem os cinco dogmas fundamentaes do Christianismo:

Existencia de Deus;
Creação;
Queda primitiva;
Redempção;
E juizo final.

Camillo Castello-Branco.

A CASA DA ORAÇÃO, E A MUSICA PROFANA.

O christão exalta-se espiritualmente á adoração do Omnipotente, sem que os sentidos externos lhe encaminhem ao coração o toque do enthusiasmo.

Orar é uma necessidade do espirito. Elevarmo-nos para um mundo invisivel, com anciedade e temor, é um sentimento espontaneo.

Os mortos é que não oram, porque as suas contas estão saldadas com o mundo, onde todos os dias constituimos a Eternidade crédora de amarguradas indemnisaçoens.

A oração é do espirito, como a dôr é do corpo, e o peccado da natureza humana. Escravo da vontade, e esta filha da alma, o corpo é o apparelho externo que a intelligencia infinita subordinou ao exercicio da nossa intelligencia limitada.

Sentimos a alma que se eleva; ao mesmo tempo sentimos que o joelho se dobra voluntariamente.

Expande-se-nos dentro do coração um pensamento grande e celeste; eis que as mãos se erguem tremulas d'um fervor, que nos exalta á magestade do Eterno, e nos eleva aos nossos proprios olhos.

Punge-nos agudamente uma contrição dorida de injurias feitas ao Creador; eis que as lagrimas rebentam dos olhos, e a fronte pende envergonhada e timida diante da Cruz que nos remiu.

Desta mysteriosa harmonia, que o verme humano não comprehende, nasce o culto externo, que a má fé dos impios offende com o seu desgraçado sorriso de *filosofos*. Deste enlace sobrenatural, que a mão da morte desata naquelle adeus ao mundo da mentira, é que dependem as ceremonias magestosas do culto, com todas as suas circumstancias.

O templo é a casa da oração; mas a oração é de toda a parte.

Quando oro na solidão do meu quarto, basta-me o espirito: está nelle gravada a imagem do meu Deus: resumo n'uma hora de supplica vehemente quantos desejos anhela a minha alma; mas se a minha oração é de joelhos e mãos erguidas, eu sinto uma estranha consolação de me vêr assim humilde na presença d'um Pae, que tem meus dias contados, e a minha salvação na sua misericordia.

Mas no templo as minhas oraçoens tem mais apego ás santas maravilhas daquelle apparato religioso.

A minha alma, sujeita ao fogoso impulso das sensaçoens terrenas, está alli compressa e recolhida naquelle sanctuario respeitoso.

Venço alli as distracçoens, que me materialisam na convivencia das praças, no esteril ajuntamento das salas, e no inquieto scismar de passados alegres ou tristes, e de futuros loucos e lisongeiros, que me sorriem pelos labios da mentira.

No templo tenho a coragem de affastar os olhos do homem, que sorri da minha reverencia, ou da postura devota daquelle, cujo espirito supplica por esse mesmo, que o escarnece.

No templo ha virtuosos que me dão o exemplo, ha indifferentes que me ensinam a abandonar-lhes toda a larguesa da sua estrada, e ha, superior a todos, como o juizo de Deus sobre o juizo dos homens, aquella Cruz dos tormentos, que encoraja o fraco da terra para grandes sacrificios do seu *nada*.

Dêem ao templo do Senhor toda a magestade que lhe é devida; offereçam-lhe as riquesas, que lhe poderem offerecer, sem deixarem morrer á fome o necessitado; honrem-no com os atavios do mundo, porque é do mundo que conquistamos o céu; reverenceiem-no como a tabernaculo de Jesus Christo, porque o templo é a casa da oração.

Agora, escutai-me.

Fallo comvosco, pessoas encarregadas de engrandecer a magestade do culto externo com as harmonias solemnes do orgão, e com os estrondosos côros das orchestras.

Não sei se a vós me deva dirigir; não sei se é incompetente a citação, que vos faço a este tribunal; mas Deus me livre suppôr que vos obrigaram a fazer das teclas d'um orgão, ou das chaves d'um clarim, um bem desnecessario incentivo para a falta de respeito nas Egrejas do Porto!

Elevai-vos ao grandioso mysterio do sacrificio incruento: attentai nesses trances augustos que vos são symbolisados pelo ministro do altar: vêde essa hostia e esse calix, onde Jesus Christo vos offerece o seu corpo e o seu sangue: buscai com os olhos do entendimento, na amplidão dos mysterios divinos, esse Senhor misericordioso, que, na Cruz das affrontas, verteu um sangue, que remiu as lagrimas infecundas, e já mais estancadas do genero humano!

Elevai-vos, filhos da Egreja Catholica, porque é digno da vossa admiração esse lance todos os dias repetido no altar do Deus vivo!

Sim! eu elevarei o meu espirito até onde suba o vôo da minha fé; mas calai esse orgão profano, que me verte o fel da indignação na alma, que eu preciso erguer do lamaçal da terra! calai essa orchestra ruidosa e festival, que me arrebata o espirito nas suas notas, pedidas ao risonho passatempo d'um theatro lyrico!

(*) *Lacordaire. Confer.*

A hostia consagrada, a divindade real de Jesus Christo, ergue-se veneranda, nas mãos do levita, sobre as multidoens que se prostram! Eu quero recolher-me no seio da minha alma; quero meditar profundamente nas palavras — *corpo, sangue, alma, e divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como está nos céus!* e, com tudo, relucto com a minha fraquesa, porque me é impossivel cerrar os ouvidos a um *coro de Macbeth*, que o orgão me recorda, — a uma abertura de *Hernani*, com que o orgão tenta afervorar a minha oração ao Cordeiro de Deus!

Calai, pois, o vosso orgão, innocentes instrumentos do mal! Dai-nos a toada melancolica e religiosa de nossos templos, mais velhos que *Verdi* e *Donizzetti*! Sacrificae esse vão desejo de ostentar progresso na musica de Egreja, porque a Egreja sahiu civilisada das mãos de Jesus Christo, e repelle de si essa nesga de mundo profano, que lhe quereis, á força, cerzir nas suas vestes solemnes!

Se comprehendeis a profanação que involuntariamente, talvez, vos faz responsaveis perante Deus, e menos dignos perante os christãos de convicçoens, erguei as mãos, no acto da missa, e deixai o orgão no seu eterno silencio, de contrario anniquilaes o culto, roubando-lhe o respeito

Camillo Castello-Branco.

Não espereis de nós esses arrebiques estereis, com que os capciosos *moralisadores* de nossos dias enfeitam os seus cathecismos de civilisação popular.

Repellida de todos os reductos, a seita dos filosofos socialistas recorreu ao Evangelho, e quiz á sombra do Evangelho erguer o seu pagode. Explicou-o, commentou-o, fundiu-o nos moldes d'uma absoluta irreligião, e teve o despejo de chamar os povos á revolta, em nome de Jesus Christo.

Os povos vieram, tingiram as mãos no sangue dos reis, no sangue dos padres, no sangue de seus irmãos, e esperaram depois encostados á columna *Vendome*, que o balsamo do Evangelho cicatrisasse as feridas abertas no coração da humanidade.

Começou a desesperança a descoroçoa-los, porque os beneficios do Evangelho não vieram ao chamamento dos apostolos traidores.

A columna *Vendome* esperava que um empuchão de braço corajoso lhe desconjunctasse a peanha. Esse braço chegou. E o padrão da immoralidade cahiu, e cahiu para sempre, quando os ultimos esforços dos modernos Julianos, ainda em nome do Evangelho, bradavam, como possessos, pela civilisação do povo.

Era mentirosa essa civilisação, e era contrafeito esse Evangelho. A Lei de Deus não transige com as imposturas dos homens. O homem passa a rastejar no lodo da sua mentira, e a Lei de Deus, immutavel como os seus juizos, permanece estavel nas alturas da sua divindade.

A educação do povo está no Evangelho; mas este codigo, inspirado pelo Senhor do Universo, não foi dado ao homem como simples formulario da sua educação moral e civil. Os *humanitarios* dos seculos XVIII e XIX reduziram-no áquella missão, e apagaram-lhe a luz religiosa de cujo reflexo se allumiavam a moral e a civilisação. Desceram as trevas nas leis, nos costumes, nas vocaçoens, nas esperanças, e em todos os sentimentos grandes que se nutriam dos grandes preceitos do Evangelho.

Depois de estirados annos de angustia social, a verdadeira luz evangelica parece derramar o imperio da luz na face escura da França. O dominico Lacordaire agrupa as multidoens da mocidade franceza em volta da sua cadeira. O livro de Deus é aberto na escóla do templo, e perde o brilho traiçoeiro, que tentaram dar-lhe na escóla de Fourier. A civilisação, com todos os seus caracteres de pureza e religião, recebe-se ao pé do altar, e derrama-se no seio das familias, que deixaram de chamar-se *phalansterios*.

Jesus Christo, sem transtornar a marcha dos astros, nem paralysar a mão do escriptor impiedoso, triunfou do verme, que ousou escrever-lhe a missão redemptora com o sangue do povo ignorante.

A sociedade terá de gemer as ultimas dôres d'um trabalhoso parto, mas o nascimento da moralidade será a doce indemnisação dos seus padecimentos.

Possuido, por ventura, destas nossas crenças, é que um nosso distincto egresso traçou essas sinceras e convictas linhas, que vão lêr-se. A sua epygrafe resume verdades, cujo abandono resume todas as nossas desventuras.

C. C. B.

Por suas necessidades espirituaes e materiaes reclama a sociedade o restabelecimento de algumas Ordens Regulares.

I.

Nunca esqueçamos isto: a Religião é a educação unica do povo.

Quando o bello e verdadeiro retrato que das Ordens Religiosas nos deixaram La Mennais e Chateaubriand, e que, no *Ensaio sobre a indifferença em materia de Religião* e no *Genio do Christianismo*, se ostenta por esse mundo, não póde dissipar feias prevençoens, e curar d'essa insana monachophobia, que pseudo-philosofos haviam inoculado em muitos espiritos; — quando as razoens verdadeiramente filosoficas dos *Frades julgados no tribunal da razão*, — razoens feitas suas pelo docto e insuspeito fr. Francisco de S. Luiz, seu editor e annotador—, não foram attendidas, e não poderam evitar entre nós a destruição das mesmas Ordens; como ousamos nós, — obscuro, e, pelo odioso alcunho de *Egresso*, talvez suspeito articulista —, como ousamos nós lembrar-nos de que será ouvida nossa debil voz? Se aquelles não poderam ter mão na aniquilação, como poderemos nós resolver alguem a metter mão á creação? E' presumpçosa esperança....., não é? Mas nada confiamos de nós: confiamos sim, e muito, d'essa tendencia das naçoens visinhas para emendar um desgraçado erro, felizmente hoje bem reconhecido, mas cuja confissão tanto repugna ao orgulho, e cuja emenda tantas difficuldades encerra, e será sempre uma *emenda*.

Deixando de parte o injusto da medida, que nem pelo fatalismo de horror ao *Estado no Estado* de Jurieu pode desculpar-se, nem com toda a latitude do *Dominio e dominante* de Grocio pode absolver-se, sómente tomaremos esta materia pela face do prejudicial, e mesmo a tractaremos mais filosophica do que theologicamente.

Se grande foi o desequilibrio em que oscilou a sociedade ao tempo da extincção, deixando de girar nas diversas terras aquelles fundos ou rendimentos de que tantos cidadãos se sustentavam; ficando aquelles, que tinham um direito sagrado á administração e gozo d'estas rendas, entregues á miseria; prometten-do-se-lhes sim uma prestação alimenticia, sufficiente se fosse paga, mas que o não era, nem é; e sendo necessario, para receber esses mesmos mezes, eguaes a annos, fazer uma justificação repugnante com a consciencia de alguns, impossivel á pobreza de muitos, e injusta e odiosa a todos, a quem bastava o titulo de expropriado para lhe ser devida uma indemnisação;

Se esta oscilação vai com o tempo enfraquecendo, porque dos frades uma boa parte já não existe, alguns estão empregados, e outros vão curando de si como podem; e, por outra parte, aquelles cidadãos que tinham ligados seus interesses á existencia dos mosteiros, vencendo difficuldades e repugnancias, teem mudando de terra e talvez de officios, provido por outros modos á sua subsistencia e de suas familias;

Ha todavia outras causas tambem efficientes d'esta oscilação, que, em vez de enfraquecerem sua mola com o tempo, antes com elle vão ganhando mais força. E' essa necessidade que teem os povos de serem doctrinados e moralisados, que mal pode ser satisfeita sem a existencia de algumas Ordens regulares; é essa necessidade de crear estabelecimentos onde possam subsistir membros de certa classe de familias sem lhe serem pesados, nem envergonhal-as. Limitemos-nos ao conciso desenvolvimento destes dois pontos, e procuraremos não appresentar mais periodo algum que demande grande folego, ou, como dizem os francezes, *de grand' haleine*.

Mesmo que, como esperamos, venha a instrucção do clero a estar em outro pé que não está, nunca ella virá

a ser tal, (salvas honrosas excepçoens que sempre houveram) que possa esperar-se — que esta classe produza os necessarios oradores para os pulpitos, os sufficientes doctos para conselhos, e sabios que por seus escriptos defendam a verdade contra o erro, defesa tanto mais difficil em um seculo em que o erro anda disfarçado debaixo de mil formas diversas, e em que o *anjo das trevas tem até assumido os resplendores do anjo da luz.*

O mais que se pode fazer tendente á instrucção do clero é forçal-o a um curso mais regular de estudos, e usar para com elle de maior rigor nos exames. Mas isto, isto sò bastará para dar instrucção? Não, não basta. Todos nós sabemos que nas aulas sómente se aprende a estudar, e que a instrucção só depois se adquire com aturadas vigilias e porfiadas lucubraçoens, e a lucubraçoens e vigilias sómente se entrega aquelle que, ou já tem adquirido o habito do estudo, ou que a isto é forçado por alguma causa externa. Ora, com muito poucos clerigos se pode contar que levem dos seminarios um habito tão arreigado de estudar, que resista ás distracçoens de todo o genero que em sua casa vai encontrar. E qual a causa externa que o force a continuar a estudar? Nenhuma. Esses exames, a que os prelados os obrigam de dois em dois ou de quatro em quatro annos, são e serão sempre de mera formalidade.

O regular, esse sim: tem um curso mais ou menos variado de materias, mas todas ellas estudadas, quando não seja por voluntaria, com forçada applicação; e por pequeno habito que ao estudo então ganhe, este se vae sempre arreigando mais, porque, em vez de distracçoens, é pelo instituto obrigado ao recolhimento, e então forçoso lhe é applicar-se, para que, no ocio, lhe não pareçam as horas dias. Nas mesmas horas de recreio está em contacto com doctos, cuja conversação os instrue e estimula ao estudo. Tem alem disto uma bibliotheca tal ou qual debaixo do mesmo telhado, o que tambem muito tenta a amar as letras, e é meio indispensavel para as possuir.

A' vista deste breve parallelo entre o clero secular e regular (em que de nenhuma forma queremos offender aquelle em que conhecemos individuos a todos os respeitos dignissimos) parece-nos que ninguem deixará de persuadir-se que o clero regular, por esta face olhado, leva muita vantagem ao secular, e portando que sò aquelle pode cabalmente satisfazer uma necessidade que tanto importa prover de remedio.

Por outra face contemplados — pela moral — tambem a vantagem é pelo regular, o que talvez parecerá um paradoxo a alguem que, muito sabedor dos escandalos de alguns Egressos, não os ache eguaes no clero secular. Mas devem lembrar-se que esses desacreditadores do estado religioso são pela maior parte homens, que viviam coegidos no claustro, e eram alli reputados como incorregiveis a todos os meios empregados para os reduzir a bom caminho; e por tanto o que seriam elles ainda sem aquella eschola e correctivo! Devem lembrar-se que a extincção abriu a porta do claustro a muitos moços que, por isso que não conheciam o mundo, mais facil lhes foi deixar-se tomar por seus laços e seducçoens. Porque de resto, tem o clero secular aquelles meios preventivos e repressivos que o regular tinha no continuo recolhimento, nos frequentes actos de religião, na constante e immediata guarda e vigia de seus prelados? Não tem. O que se segue? E' que, sendo de uma verdade axiomatica *que meios melhores devem dar melhores resultados*, ha-de necessariamente o regular ter uma moral mais pura, uma abnegação mais absoluta, um desinteresse menos difficil, e por tanto mais provavel.

E sem pureza de moral nos ministros nunca se pode esperar que os povos a tenham; por quanto o apostolado de Judas immoraes só pode crear desesperaçoens na religião do amor e da esperança.

Passemos ao segundo ponto em que fundamentamos a necessidade do restabelecimento de algumas Ordens.

J. A. V. S.

POESIAS RELIGIOZAS.

Se algum poeta irreligioso podesse conciliar os desatinos da sua vida com as suas poesias christans, tal poeta, só por enriquecer-se de estro, só por brilhar aos olhos da sociedade, só por engrinaldar-se das flores do genio, deveria pedir ao Christianismo todas as suas inspiraçoens.

Não ha mais alto poiso onde elevar o extasis, nem de mais alto póde a poesia derramar um orvalho benefico sobre o espirito do homem! Quantas vezes, para intelligencias superficiaes, a bondade de uma doutrina consiste nas fórmas em que lh'a appresentam! Quantas vezes a poesia religiosa, gravada, pela harmonia do metro, no coração do leitor, lá vai vagarosamente lavrando, como faisca divina, um grande incendio de amor de Deus!

Muito se tem ahi modulado os cantos pela nota do céu Muito se tem pedido aos anjos o enthusiasmo dos sagrados hymnos Mas, se fôrdes apoz o canto e o hymno, vê-lo-heis descer, como aguia ferida no alto, e cahir voluptuoso e froixo e amortecido no colo da mulher, que é, no remate de todas as elevaçoens, a essencia reanimadora das poesias modernas.

A mulher é certamente um grande vulto nas affeiçoens humanas. Por ella fomos resgatados; devemos-lhe o nascimento, e as primicias da educação, os nobres impulsos do coração viril, e o amparo carinhoso nos dias melindrosos da velhice. A sua missão fez-lh'a Jesus Christo grande e preciosissima na terra; mas, se por ventura ella não carece de estimulos para se elevar ao grandioso de seus deveres, perderá ella no subido quilate do seu valor, se lhe não chamarem anjo todos os dias em versos de incansavel panegyrico?!

Por certo, não. Tomara ella mais amor de Deus no coração dos homens, e menos febre de sentimentalismo na cabeça dos poetas!... Se lhe fosse possivel renunciar essas corôas de um dia a favor da Religião Christan, que excellentes vantagens não seriam as da mulher!... Todas, e quantas ella deve ambicionar do homem, que lhe é promettido em alliança perpetua.

Ha mancebos, raros mas bem avaliados pelos entendedores, que sagraram as cordas da sua harpa ao Altissimo, e nessas mesmas desferiram o cantico dos affectos mundanos, mas cantico rescendente de affectos divinos.

Dar-vos-hemos o nosso amigo João de Lemos como exemplar desse genero tão pouco cultivado, e de si tão opulento. Quem lhe não póde — e raro ha quem — correr parelhas naquelle seu elevar-se para o mais alto da poesia religiosa, corra á fonte das suas candidas inspiraçoens, e afaça-se a saborea-las, meditando-as antes de as soltar nos ambitos da metrificação. Quem póde ahi estirar-se em trovas a uma açucena, não tem impulso que o levante ao seu Creador?! Se tão vasta e rica é essa messe de fructos christãos, contentai-vos, poetas, dizendo-nos em verso, que é Deus o senhor de tudo, que vos exalta em nuvens de harmonia? Dizei-nos como esse Deus se manifesta Creador, redemptor, justiceiro, e misericordioso. Historiai-nos o primeiro dia da creação, e vinde no declive dos seculos fazer-nos derramar lagrimas, quando a vossa elegia murmurar aquellas amarguras do calvario, e os gemidos afflictivos da Mãe de Jesus Christo. Então, sim, a humanidade submette a melhor parte dos seus destinos ao vosso talento, e vós tereis um myster util entre os vossos amigos e irmãos.

Não vem ao nosso chamamento o nosso amigo José Maria Vieira. Já possuiamos as suas poesias religiosas, quando meditamos estas linhas, que deixam margem a copiosas reflexoens. O pensamento do nosso poeta é grande e proveitoso: promette, e crêmos que cumprirá, uma resenha, escolhida de successos principaes na Byblia, e encerrada pela morte de N. S. Jesus Christo. A sua poesia, facil e fluente, parece triunfar das prescripçoens que a arte do soneto lhe impoem. Singelos e, ao mesmo tempo, vigorosos, os seus sonetos são aquelle genero de poema, que, pelo severo e cadencioso, mais se adapta á magestade do assumpto. Agradecemos, em nome d'um publico, que temos a liberdade de chamar *nosso*, esta offerenda ao nosso jornal. Ha um outro publico, que póde rir, e não póde mais nada. Nós é que nos não devemos rir delle; mas temê-lo... tambem não.

Camillo Castello-Branco.

CREAÇÃO.

I.

In principio creavit Deus cœlum et terram.

GENESIS. CAP. 1.º V. 1.

Quiz Deus, á sua voz, tirar do nada,
Somente em dias seis, o mundo inteiro:
Creou o Ceu e a Terra no primeiro,
Quiz que a Luz se creasse, e foi creada.

No segundo formou essa morada
Chamada firmamento; e no terceiro,
Por seu poder immenso e verdadeiro,
A terra dividiu d'agua salgada.

No quarto fez brilhar no firmamento
Dois corpos luminosos, e mandou,
Que regessem do tempo o movimento.

No quinto aves e peixes só creou,
No sexto deu ás feras vivo alento,
De barro a imagem sua fabricou.

ADÃO NO PARAIZO — CREAÇÃO DA MULHER.

II.

Plantaverat autem Dominus Deus Paradisum voluptatis à principio, in quo posuit hominem. . .

Dixit quoque Dominus Deus: Non est bonum esse hominem solum, faciamus ei adjutorium simile sibi.

GEN. C. 2.º V. 7. 18.

Depois do céu e terra haver creado
O Supremo Senhor da immensidade,
Quiz dar um testemunho d'amisade
Ao ente racional de pó formado.

« Ahi tens um jardim, onde cercado
« De fructos de exquisita qualidade
(Lhe disse) « gosarás a felicidade
« Que para ti sómente hei destinado.

« Mas não toques no fructo prohibido,
« Que, se a tanto chegar tua ousadia,
« Da negra morte ficarás vencido! »

Depois, vendo que o homem só vivia,
De sua solidão compadecido,
Deu-lhe emfim a mulher por companhia.

Vieira.

AO POBRE.

Tu, pobre, que teu pão pediste á porta
Não do rico, talvez, mas do christão,
Recolhe-te contente ao teu azylo,
Verás que sabor tem esse teu pão!

Tens lagrimas no rosto! . . . isso que importa?
Felizes os que choram sua dôr. . .
JESUS CHRISTO pediu! . . que sancto exemplo!
E tu pedes em nome do SENHOR!

Tu sabes que esta vida é tão pequena,
Como um sonho fugaz ao que é feliz?
Que tens, no mundo, egual destino ao rico
Qualquer pomposa campa não t'o diz?

Mendigo! inclina a face nesse estrado
Que tens para dormir, e dorme em paz! . . .
Não podes. . . tens os membros congelados. . .
Levanta a alma a DEUS, tu dormirás!

Quem não póde dormir em leito d'ouro,
Quem repouso não tem na oração,
E' esse a quem, com fome, inutilmente
Um bocado pediste do seu pão!

Em volta do seu leito, a horas mortas,
Levantam-se os fantasmas do terror!
E tu, nas tuas palhas, se despertas,
Dirás: « Bemdito seja o Creador!

« Bemdito seja o Pai dos infelizes,
« Que tão rico me fez do amor de DEUS!
« Bemdita seja a mão da Providencia,
« Que um dia tem de erguer o pobre aos céus!

« Eu passo neste mundo sempre triste,
« Mas devêra sentir doce alegria!
« Se estendo a mão mendiga, eu, cedo ou tarde,
« Encontro sempre o pão de cada dia!

« Que mais quero, SENHOR! que mais vos peço
« Na simples oração dada por Vós!?
« A salvação, meu Deus, o patrimonio
« Dos justos, promettido a todos nós.

« A nós, homens privados desses gôsos,
« Que eu não sei o que são, mas sei que os ha:
« Desses gôsos, que sente o abastado,
« Quando ao pobre mendigo esmola dá!

« Não mais me chorarei. . . E quando a morte
« A's palhas da miseria, emfim, descer,
« Deixai-me erguer as mãos, deixai que eu diga:
« Perdão, meu Deus! se eu não sube soffrer! »

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

JANEIRO.

11 DOMINGO. FESTA DO SAGRADO NOME DE JESUS. A Egreja concedeu a muitas ordens religiosas, e Egrejas particulares fazer do mysterio da Circumcisão de N. S. uma festa particular, no 1.º domingo depois da Epiphania. Os proprios protestantes, que depois do scisma, aboliram a maior parte das festividades, conservam hoje no calendario da sua nova liturgia a memoria do Santissimo Nome de Jesus. E' que neste nome está o soberano remedio a todos os males desta vida, e um penhor de eterna felicidade.

12. *Segunda feira.* S. SATYRO. Não podemos colher noticias amplas, ou mesmo em esboço da vida deste sancto. Sabemos-lhe da morte pelo Martyrologio Romano. Basta essa para avaliarmos a consideração deste justo nos profundos juizos do Altissimo. Sabe-se que S. Satyro, persignando-se, soprára um idolo, que immediatamente baqueou da sua peanha. Este feito glorioso custou-lhe a sua decapitação.

13. *Terça feira* S. HILARIO, bispo de *Poitiers*, doutor da Egreja, nasceu de uma familia nobre naquella cidade. Seus paes, que eram pagãos, desvellaram-se na sua educação. Findos os seus estudos, applicou-se á leitura, e quiz conhecer todos os authores judeus, christãos, e pagãos. Ainda moço, foi considerado como um dos mais sabios homens do seu tempo. Os livros de Moisés extasiaram-no pela ideia que lhe déram da divindade. Os evangelhos arrebataram-no á contemplação de um Deus feito homem para remir com seu sangue os peccados dos homens. Baptisou-se, e instruio-se nos mysterios da Religião Christan. O povo de *Poitiers*, commovido de suas virtudes, escolheu-o como seu bispo. Hilario foi o mais energico defensor da fé contra os arianos. No concilio de Milão em 355, e no de Beziers em 356, fez triunfar a luz da verdade com inspirada eloquencia.

Saturnino d'Arles desterrou-o para o mais inhospito da Frygia. Chamado ao concilio de Seleucia em 359, tão calorosamente fallou em abono da doutrina catholica, e desmascarou com tanto engenho as imposturas dos hereges, que a sua vida correu grave risco na França, onde os hereges tentaram assassina-lo. Protegido pelo escudo da Providencia, Hilario morreu tranquillamente em 367. Durante o seu desterro escreveu 13 livros sobre a Trindade. Um tractado dos synodos. Tres cartas que reprehendem acremente a vida libertina do imperador Constancio. A vehemencia e impetuosidade do seu estylo, fez que S. Jeronymo o denominasse — *o ródano da eloquencia latina.*

14. *Quarta feira.* S. Felix, Papa, successor de S. Diniz, em 270 — e morto em martyrio quatro annos depois.

15. *Quinta feira.* S. Amaro. A 15 de Janeiro de 565, depois de uma vida austera e uma morte suave, foi do alto do monte Cassino elevada ao céu a alma do glorioso Santo Amaro — um dos primeiros discipulos do patriarcha S. Bento. Em relação a este sancto refere S. Gregorio Magno em seus eloquentes dialogos que, estando Placido, um outro discipulo do mesmo patriarcha, em risco de afogar-se em um profundo lago, S. Bento mandára a Amaro que o fosse tirar para fóra; e que elle, não hesitando em obedecer, correra como por terra por cima das aguas, e assim tirára para fóra seu companheiro. E' um milagre; mas não póde o auctor da naturesa derogar as leis que lhe déra? E sendo, como é, certo que Deus póde fazer milagres, porque não havemos de acreditar neste, que, por assim dizer, era devido em premio á obediencia, e que, por outra parte, nos é attestado por um escriptor contemporaneo e de tanto peso — um dos mais sanctos e sabios pontifices da Egreja Catholica?

16. *Sexta feira.* Os martyres de Marrocos. A 16 de Janeiro de 1220 ganharam em Marrocos a tão desejada palma do martyrio os cinco denodados soldados da milicia de Christo (Othon, Berardo, Pedro, Accursio e Adjuto), entre os portuguezes tão venerados, não só pela tradição dos beneficios por sua intercessão impetrados, mas porque tem a sua biografia mais de uma relação com a nossa historia. Discipulos predilectos do Seratico patriarcha, foram por elle mandados, ou antes, obtiveram delle licença de hirem prégar o Evangelho aos cégos sequazes de Mafamede; e como por este tempo ainda os houvessem nas Hispanhas, para aqui se dirigiram, e primeiramente passaram por Alemquer, onde se demoraram alguns dias com a nossa infanta Santa Sancha, que alli com sua familia passava uma vida verdadeiramente cenobitica. Ei-los na Hispanha prégando o Christianismo aos mouros. . . Facil é de imaginar os insultos e maus tratos que elles ahi soffreriam! . . . A sua decapitação porém teve logar em Marrocos, para onde foram mandados, e onde, apesar dos tormentos já soffridos, não affrouxaram no sancto empenho de annunciarem a *Boa Nova* áquelles que nada tanto odeavam como o nome de christão. Conta-se que na mesma hora de seu martyrio appareceram em Alemquer á sobredita Santa Sancha todos radiantes de luz. Em Santa Cruz de Coimbra se guardavam em grande veneração algumas reliquias destes heroes do Christianismo.

17. *Sabbado.* Nossa Senhora da Paz. Com esta invocação é festejada a Mãe do Redemptor. A devota creação deste patronato é tanto mais festejada hoje quanto carecemos da sua divina intervenção nestas luctas sanguinarias, que todos os dias se pelejam entre os homens. A guerra é um jogo maldito em que vencidos e vencedores perdem o sangue do corpo e a puresa do espirito. Quantos cadaveres descem impenitentes ao sepulchro, e quantos, com excellentes disposiçoens para a salvação na vida pacifica, respiram o ar afogueado das batalhas, e com elle a condemnação eterna da sua alma! Invoquemos, pois, a Senhora da Paz!

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Funcçoens d'Egreja no Porto. — Tres festividades religiosas se fizeram nesta cidade, no principio deste mez, as quaes não devemos passar em silencio por isso mesmo que servem de manifestar o explendor, e a magnificencia a que os portuenses tem feito elevar as suas funcçoens do culto divino.

Todas estas foram consagradas a solemnisar o Senhor Jesus, nosso Redemptor: sendo a primeira na parochial Egreja de Santo Ildefonso; a segunda na Egreja Matriz de Villa Nova de Gaya, e a terceira na veneravel ordem 3.ª dos Carmelitas.

Tanto se esmeraram na riquissima decoração daquelles templos, nas excellentes musicas a grande orchestra das melhores capellas desta cidade; e nos bons oradores que mui satisfatoriamente trataram aquelle grandioso assumpto. Não é possivel qualificar de preferencia aquellas tres pomposissimas funcçoens; foi immenso o concurso de todas as classes, que alli compareceu; a magestade das ceremonias, assim como a riquesa dos sagrados ornamentos; tudo concorreu a dar maior lustre áquelle acto, que a todos inspirava os sentimentos de devoção, e acatamento devido ás adoraçoens prestadas ao Senhor Jesus.

Os Santos Martyres de Marrocos foram, no seu dia, festejados com pompa e devoção, no antigo templo de S. Francisco. O louvavel mordomo desta festividade esmerou-se em solemnisar a tocante commemoração dos cinco martyres, que do seio da Eternidade nos ensinam a conservar aquellas augustas crenças, que elles nos legaram selladas com o seu sangue. A musica era, não como nós a quereriamos melancolica e religiosa no todo, mas em parte incitou-nos a harmonisar o sentimento do coração com as suaves notas que o ouvido recebia. O snr. padre José de Lamego foi o bem escolhido orador. Quando lhe escutavamos a eloquencia acalorada pela propria commoção, gloriamo-nos de possuir tão excellente orador, nestes dias, em que o clero portuguez é citado como ignorante ao tribunal dos politicos. S. s.ª tão moço e já tão dotado, promette, com a sua riquesa de erudição e com algumas modificaçoens na sua exposição, um futuro luminoso.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — No dia 2 de Dezembro celebrou-se em casa de s. em.ª o cardeal Lambruschini, Prefeito dos Ritos, e Relator da Causa, a congregação ante-preparatoria para o exame dos quatro milagres propostos para a beatificação do veneravel Germano Cousin, de Pibrac. Os nossos leitores já sabem que a congregação ante-preparatoria é só composta de consultores, que cada um lê o seu voto escripto ácerca das questoens. Dezoito consultores assistiram á sessão; aquelles que por ausentes ou occupação se achavam impedidos, enviaram os seus votos, que foram lidos por Monsenhor Promotor da Fé. Este relatorio, conhecido pelo nome de « animadversão » será communicado ao Postulador e aos advogados; devendo estes ultimos resolver as difficuldades propostas. Depois segue-se a congregação preparatoria, em que todos os cardeaes da congregação devem tomar parte. Em seguida tem logar novas animadversoens a que devem replicar os advogados. Por ultimo segue-se a congregação geral a que deve assistir o Papa E' depois destes successivos e minuciosos exames, que, se ha motivo para isso, se manda expedir o decreto que approva a validade dos milagres Reconhecem que bastará um anno, considerando a situação favoravel da causa, para o cumprimento de todas estas formalidades, depois das quaes póde, por ultimo, vir o decreto *del Tutò*, e a ceremonia da beatificação. Deste modo, e com toda a probabilidade terá logar esta ceremonia no decurso do anno de 1853.

Sardenha. — Os bispos da Sardenha dirigiram, por provincias, um protesto ao rei contra o ensino jansenista e protestante da Universidade, e tambem contra a construcção de templos protestantes, em um paiz, celebrado pela sua ortodoxia, antes que o mau genio da revolução ali predominasse.

Allemanha — *Conversoens* — Em 24 d'Outubro abraçou a santa religião catholica, o irmão do conde Augusto de Platen, afamado poeta. E' um veterano do exercito austriaco, e foi official superior na guerra contra a Russia. O barão Karrer, professor na Universidade de Ratisbona, tambem havia sido recebido na Egreja catholica, pouco antes do conde de Platen.

Hispanha — Em 27 de Dezembro falleceu repentinamente o snr. bispo de Santiago D. Fr. Manoel Maria de S. Lucar, da ordem dos capuchos, que nascera em 9 de Fevereiro de 1789.

— Em Barcelona entrou a auctoridade civil em um convento e arrancou uma freira a despeito da tenaz opposição da superiora. O bispo protestou, e queixou-se ao governo, que mandou reconduzir a freira ao convento, e reprehender asperamente a auctoridade civil que tinha commettido aquelle attentado.

— Em a tarde de 31 de Dezembro assistiu numerosa concurrencia á grande solemnidade de abrir a *Porta Sancta* da metropole compostelana: concorreu a força armada e varios forasteiros a este acto solemne, que traz á memoria a veneravel significação religiosa da Basilica de Zebedeu, que foi em tempos remotos o sanctuario da Europa christan.

Inglaterra — *Missão dos Redemptoristas em S. João d'Islington.* — Depois da festa de Nossa Senhora Immaculada, que foi celebrada com a maior solemnidade, começou a missão dos PP. Petchrine e Furniss, da congregação do SS.mo Redemptor. Appareceram com os seus habitos e foram recebidos á porta da Egreja pelo P. Oakeley e grande acompanhamento de clero e seculares. Os PP. teem sido assiduos na sua obra, sendo coadjuvados pelo clero secular no tribunal da penitencia. A Egreja tem smpre estado cheia, com especialidade no dia em que o P. Petcherine pregou um magnifico sermão sobre o juizo final.

— *Convento do Bom Pastor* — Um cavalheiro protestante dirigiu-se a semana passada a Mr Dolman e lhe entregou 50 soberanos para aquelle admiravel instituto d'educação catholica.

— *Conversoens* — Miss Rasche', senhora rica, e que frequentou os circulos da melhor sociedade, foi ultimamente recebida na Egreja catholica, em Farm-Street, pelos PP. Jesuitas. Tambem temos d'informar os nossos leitores de que Miss Massey Dauson, neta de Lord e Lady Sinclair, foi recebida no unico verdadeiro aprisco, na Egreja da Immaculada Conceição, em Farm street.

— *Escolas catholicas, em Preston* — Depois de dois discursos prégados, na capella de St. Wilfrid, no dia 13 de Dezembro, colligiram-se 43 soberanos para os fundos auxiliares das escolas catholicas romanas desta cidade.

— O dr. Cahill prégou na Egreja de Santa Anna de Manchester, perante numerosissimo auditorio, que *mais de metade era protestante, e lhe prestou a maior attenção e ficou impressionado.*

— Na capella de Santo Antonio, Scotland-road, em Liverpool, tem havido grande concurrencia ás missoens estrangeiras, que ainda continuam, e no dia 13 receberam alguns centenares a sagrada communhão.

— *Escolas de Santa Cruz, em Liverpool.* — Sendo a educação religiosa uma absoluta necessidade, e havendo no bairro de Santa Cruz muita gente, que se não podia aproveitar della, assentaram alguns individuos em formar uma *confraria de doctrina christan de Santa Cruz*, em 17 d'Agosto com o fim de votarem os seus domingos á instrucção religiosa dos meninos, que houvessem della mister. Cada membro contribue para um fundo a fim de subministrar premios aos meninos que os mereçam. Em virtude disso, a sociedade já tem destribuido mais de 500 cathecismos, e tem actualmente mais de 30 mestres occupados activamente, nos domingos, em cathequisar perto de 600 meninos, entre os quaes houve mais de 220 premiados por proficiencia, bom porte, e frequencia regular, no ultimo axame em 30 de Novembro. E' grande consolação, para os confrades, verem os fructos de benção da sua obra.

Escocia — *Nova Egreja Catholica em Dalry.* — Esta nova Egreja foi aberta solemnemente em 7 de Dezembro, com as ceremonias do costume pelo reverendissimo doutor Murdoch, que prégou naquella occasião. Assistiram varios parochos das circumvisinhanças. Esta Egreja foi erecta pelo reverendo Mr Burke.

Irlanda — Continuam as subscripçoens para se fundar uma Universidade catholica, como se decidiu no synodo de Thurles. Era uma necessidade este estabelecimento, em um paiz, aonde ha tantos catholicos, e é uma vergonha, que fallando os protestantes inglezes tanto em *tolerancia*, sejam elles tão *intolerantes* com os seus irmãos catholicos romanos, a ponto de os privarem de muitos direitos, e entre outros da liberdade do ensino.

— *Sermão de charidade* — Pregou-se, no dia 13, um sermão em favor da fabrica da capela de Fahau, no condado de Derry, e produziu 100 soberanos a collecta.

America. — Estados-Unidos. — *Carta do bispo de Dubuque.* — Dubuque, Iowa, 21 de Novembro de 1851. — Ao editor do *Tablet* — Caro snr — Tende a bondade de inserir nas vossas columnas um breve communicado, cujo contheudo me é suggerido tanto por uma sincera affeição ao povo irlandez, como por puro zelo pelo augmento da verdadeira christandade na diocese commettida ao meu cuidado pela Divina Providencia. Tenho lido ultimamente tantas coisas nos periodicos, a respeito do pasmoso numero de catholicos, que, compellidos por grande miseria, abandonam a terra de seus paes, a velha e cara Irlanda, emigrando para terras mais distantes e hospitaleiras, que desejo dirigir sufficientemente a sua attenção para o estado de Iowa, na America do Norte, como região a mais conveniente para ser escolhida para sua futura e permanente habitação. O clima não é muito frio nem muito quente, porque o grau 43 de latitude é o seu limite pelo norte. A terra em geral é fertil e productiva, entre outras coisas, de trigo e batatas, que sam de mui superior qualidade, e dam subido preço nos mercados visinhos. Alguns districtos teem boas mattas, e os prados naturaes sam quasi por toda a parte murados, ferteis e bem regados. Ha em Iowa comparativamente poucos pantanos e lagoas, porque a agua de chuva ha-a principalmente na parte oriental do estado, junta em cinco ou seis rios de bem boa grandesa que brandamente conduzem suas limpidas currentes para o grande Mississipi. Aquelle magestoso e celebrado rio faz a divisão do estado a Leste, e no Oeste o afamado Missuri, que faz rolar suas escuras e cenosas aguas, por espaço de 43 milhas para o golfo do Mexico. Isto presta a maior facilidade para o commercio com S. Luiz, Nova Orleans, e outras cidades. Terra publica ou do congresso, a preço d'um peso e vinte oito centos por acre póde achar-se em grande quantidade principalmente no Oeste. E' esta uma vantagem inapreciavel para os emigrados que não podem comprar terras amanhadas. Ha tambem muitas terras já cultivadas que sam vendidas por este ambicioso povo, principalmente os protestantes, que muito desejariam vender para hirem mais para o Oeste para as regioens limitrofes de Nabrosca, Oregon, California &c. em busca de minas de oiro.

Isto sam incentivos naturaes e temporaes para que o povo emigre para Iowa, porém ha outros de muito mais valor. A Egreja catholica tem feito e está fazendo aqui grande progresso. Ainda que seja paiz novo, e ha pouco estivesse occupado sómente por indios selvagens, tem ja a diocese de Dubuque vinte sete egrejas, vinte e oito sacerdotes, varios conventos, sendo entre elles o mais distincto o de New-Melleray, ramo do bem conhecido Monte Melleray, no condado de Waterford na Irlanda. As irmans da Charidade, e os irmãos da Doctrina Christan estam fazendo grandes serviços á sagrada causa da educação, e teem bom prospecto de verem augmentar o seu numero e crescer a sua utilidade. Que mais podemos dizer? Com immensos esforços da nossa parte, e grande sacrificio de dinheiro acaba de se abrir um pequeno seminario theologico no monte de S. Bernardo, em um logar romantico e muito a proposito, a distancia de quatro milhas da nossa cidade episcopal. Cinco bons seminaristas estam estudando alli muito bem, e alguns principalmente de latim e outros ramos sam esperados todos os dias, e farão um optimo viveiro para o sanctuario. Conseguintemente é só um ensaio, porém a Divina Providencia póde faze-lo crescer e consolidar-se, se o fluxo da emigração irlandesa se dirigir para Iowa, onde o numero dos catholicos, pelo menos em Dubuque, e alguns outros condados, é já tal que os protestantes estam realmente assustados e na actualidade contidos em respeito.

Um ramo d'uma sociedade americana d'emigração está de presente empenhado particularmente em procurar toda a especie de facilidade aos emigrados irlandezes para chegarem barato e a salvamento ao estado de Iowa, e um dos mais zelosos empregados della é mr. Ch. Corkery, de Dubuque, cavalheiro cujo sangue é verdadeiramente inglez e catholico.

Concluirei, snr. editor, expressando os meus desejos de que recommendeis esta communicação a alguns jornaes catholicos, da Irlanda, para que a publiquem. Insignificante como parece, realisará o meu fim com mais efficacia com o religioso povo irlandez sendo assignada por um bispo do que qualquer recommendação feita aos emigrados pelos interessados especuladores da terra e pelos viajantes poeticos. — Vosso muito respeitoso em Christo † *Mathias Loras, bispo de Dubuque, Iowa.*

— *Estatistica da Egreja Catholica dos Estados-Unidos, dividida por S. S. o Papa Pio IX em seis provincias ecclesiasticas.*

I. Provincia de Baltimore.

Baltimore, arcebispado (Maryland) creado em 1790. Titular o reverendissimo dr. Eccleston. Tem 80 egrejas e capellas; 103 clerigos; 98 seminaristas; 7 communidades do sexo masculino, e 8 do feminino; 24 seminarios e ou-

tras escólas; e 22 estabelecimentos de charidade. População catholica 100:000 almas.

Philadelphia, (Pensilvania oriental) criado em 1808. T. o R. dr. Kendrick. Tem 88 egrejas e cap., 93 clerigos; 30 seminaristas; 4 communidades masculinas: 3 femininas; 10 seminarios e escólas; e 7 estabelecimentos de caridade. Popul. Cath. 170$ almas.

Charleston (Carolina do Sul), criado em 1820. T. o R. Dr. Reynolds. Tem 57 egr. e Cap.; 16 cler.; 5 seminar.; 6 conventos de freiras; 4 sem. e esch.; e 2 estab. de char Pop. Cath. 5$000 almas.

Richmond, (Virginia Oriental) em 1820. T. o R. Dr. M. Gill. Tem 10 eg. e cap.; 8 cler.; 2 sem.: 3 sem. e esch.; 3 est. de char.; e 7$ almas.

Pittsburg, (Pensylvania Occidental), 1843 T. o R. Dr. O'Connor. Tem 67 egr. e cap.; 57 cler.; 26 sem.; 2 conv. de frades e 1 de freiras; 3 sem. e esch.; 2 est. de char.; e 45$ almas.

Wheeling, (Virginia occidental) 1850. T. o R. Dr. Whelam. Tem 4 egr. e cap.; 6 cler.; 6 sem.; 1 conv. de freiras; 3 sem. e esch.; e 5,000 almas.

Savannah, (Georgia) 1850. T o R. Dr. Gartland. Tem 43 egr. e Cap.; 12 cler; 1 conv. de freir.; 2 sem. e esch.; 1 est. de ch.; e 5500 almas.

Total 349 egrejas e capellas — 293 clerigos — 167 seminaristas; 13 communidades d'homens; 15 de mulheres; 35 seminarios e escólas; 38 estabelecimentos de charidade. População catholica 337:500.

Provincia de New-York.

New-york, arceb. (Newyork) 1808. T. o R. Dr. Hughes. Tem 130 egr. e cap. 109 cler.; 31 sem.; 2 conv. de frad, 3 de freir.; 8 sem. e esc.; 15 estab. de char. e 245:000 almas.

Boston (Massassuchets) 1808. T. o R. o Dr. Fitz patrick. Tem 63 egr e cap.; 61 cler.; 2 sem. e esch.; 3 est. de char.; e 100:000 almas.

Albany (Newyork) 1847. T. o R. Dr. M. Closkey. Tem 110 egr. e Cap.; 61 cler.; 12 sem.; 4 est. de char.; e 80$ almas.

Buffalo (Newyork) 1847. T. o R. Dr. Timon. Tem 58 egr. e cap.; 53 cler.; 12 sem.; 1 conv de frad. e 1 de freir.; 3 sem. e esc.; 4 est. de char.: e 70$ almas.

Hartford (Rhode Island) 1848 T. o R. Dr. O'Reilly. Tem 12 egr. e Cap.; 14 cler.; 7 sem.; e 20$ almas.

Total — 373 egr. e Cap.; 298 cler.; 62 sem.; 3 conv. de frad.; 5 de freir., 13 sem. e esc.; e 25 est. de char.; e 515$ almas.

III. Provincia de Nova Orleans.

Nova Orleans arceb. (Louisiana) 1793. T. o R. Dr. Blanc. Tem 64 egr e cap.; 82 cler.; 8 sem.; 3 conv. de frad., 7 de freir.; 14 sem. e esc.; 6 est. de char.; e 170$ almas.

Mobile (Alabama) 1825. T. o R. Dr Postier. Tem 27 egr. e cap.; 22 cler.; 5 sem.; 2 conv. de frad. e 2 de freir.; 3 sem. e esc.; 3 estab. de char.; e 11$ almas

Natchez (Mississipi) 1837. T o R. Dr. Chanche. Tem 43 egr. e cap.; 11 cler.: 1 conv. de freir.; 2 sem. e esc.; 1 est. de char.; e 10$ almas

Little Rock (Arkansas) 1843. T. o R. Dr. Byrne. Tem 19 egr. e cap.; 6 cler.; 5 sem.; 1 conv. de frad.; 2 sem. e esc.; e 1000 almas.

Galveston (Texas) 1848. T. o R. Dr. Odin. Tem 70 egr. e cap.; 18 cler.; 1 conv. de freir.; 4 sem. e esc.; e 40$ almas.

Total — 223 egr. e cap.; 139 cler.; 18 sem. 6 conv. de frad. e 11 de freir.; 25 sem. e esc.; 10 est. de char.; e 232:000 almas.

IV. Provincia de Cincinnati.

Cincinnati arceb. (Ohio) 1821. T. o R. Dr. Purcell. Tem 105 egr. e cap.; 80 cler.; 14 sem.; 3 conv. de frad. 10 de freir.; 19 sem. e esc.; 6 est. de char.; e85:000 almas.

Louisville (Kentucky) 1808. T. o R. Dr. Spalding. Tem 122 egr. e cap.; 55 cler.; 4 sem.; 3 conv. de fr. e 4 de freir.; 20 sem. e esc.; 6 est. de char.; e 35:000 almas.

Detroit (Michigan) 1833. T. o R. Dr. Lefevere. Tem 65 egr. e cap.; 30 cler.; 3 conv. de freir.; 20 sem. e esc.; 2 est. de char.; e 85:000 almas.

Vincennes (Indiana) 1834. T. o R. Dr. de St. Palais. Tem 77 egr. e cap.; 38 cler., 10 sem.; 1 conv. de frad.; 2 de freir.; 7 sem. e esc.; 2 est. de char.; e 50$ almas.

Cleveland (Ohio) 1847. T. o R. Dr. Rappe. Tem 45 egr. e cap.; 40 cler.; 14 sem.; 1 conv. de frad. e 2 de freir.; 3 sem. e esc.; 1 est. de char. e 30$ almas

Total — 414 egr. e cap.; 243 cler.; 42 sem.; 8 conv. de frad. e 21 de freir.; 69 sem. e esc.; 17 est. de char. e 285$ almas.

V. Provincia de S. Luiz.

S. Luiz, arceb. (Misssouri) 1826. T. o R. Dr. R. Kenrick. Tem 81 egr, e cap.; 91 cler.; 24 sem.; 3 conv. de frad. e 6 de freir.; 24 sem e esc.; e 8 est. de char. e 70$ almas.

Dubuque (Iowa) 1837. T. o R. Dr. Loras. Tem 28 egr. e cap.; 25 cler.; 1 conv. de frad. e 1 de freir.; 3 sem. e esc. e 8$ almas.

S Paulo (Minesota) 1850. T o R. Dr. Cretin. Tem 3000 almas.

Nashville (Tennessee) 1837. T. o R. Dr. Miles Tem 26 egr. e cap.; 9 cler.; 1 conv de fr. e 1 de freir.; 3 sem. e esc. e 2 est. de char. e 4000 almas.

Chicago (Illinois) 1843. T. o R. Dr Vandevelde. Tem 135 egr. e cap.; 54 cler.; 9 sem.; 3 conv. de freir.; 7 sem. e esc.; 5 est. de char e 54$ almas

Milwaukie (Wisconsin) 1843. T. o R. Dr. Henni. Tem 110 egr. e cap.; 54 cler., 2 conv. de frad.; 1 de freir., 2 sem. e esc.; 3 est. de char. e 65000 almas.

Total — 380 egr. e cap.; 233 cler.; 33 sem., 7 conv. de frad. e 12 de freir.; 39 sem. e esc.; 18 est. de char.; e 204$ almas.

VI. Provincia da cidade d'Oregon. (*)

Cidade d'Oregon arceb. (Oregon) 1840. T. o R. Dr. F. Blanchet.

Nesqualy (Oregon) 1850.

Walla Walla (Oregon) 1848. T. o R. Dr. M. Blanchet. Tem 21 egr. e cap.; 15 cler.; 2 conv. de freir. e 3 sem. e esc.

Fort Hall (Oregon) 1850.

Colville (Oregon) 1850.

California.

Monterei 1850. T. o R. Dr. Alemany. Tem 30 egr. e cap. e 35 cler.

Vigariados apostolicos.

Novo Mexico 1850 T. o R. Dr. Lamy. Tem 40 egr. e cap.; 40 cler e 40:000 almas.

Territorio indiano, ou Montanhas Pedregosas 1850. T. o R. Dr. Meige. Tem 2 egr e cap e 5 cler.

Total. — 93 egr. e cap.; 95 cler.; 2 conv. de frad. e 3 de freir.

A população catholica do Oregon, California e Territorio Indiano, que não entrou neste mappa, é avaliada, por aproximação, em 50,000 almas.

Total geral: 34 dioceses e 2 vigariados geraes; 1832 egrejas e capellas; 1303 cler.; 322 seminaristas; 34 conventos de frades; 66 de freiras; 194 seminarios e escólas; 108 estabelecimentos de charidade; e 1,663:500 almas. (**)

BYBLIOGRAFIA RELIGIOSA.

Miscellanea *curiosa de varios escriptos religiosos, civis, politicos, moraes, e litterarios de diversos auctores, a principiar pelos do insigne e eloquente orador Fr. Antonio Alfredo Santa Catharina Braga, egresso do extincto convento de Santo Antonio do Valle da Piedade no Porto.* — Os falsos principios de liberdade em seu auctor não poderam requeimar todas as flores de dicção, que lhe seriam mais duradouras se vegetassem em melhor terreno. — Vende-se na loja de *Fonseca*, aos Caldeireiros.

(*) A mui recente criação e extrema distancia destas 5 dioceses privou-nos de darmos uma noção precisa dellas.

(**) O total real excede muito as cifras officialmente certificadas, a que nos limitamos exclusivamente. A população catholica dos Estados-Unidos avalia-se geralmente em 2 milhoens; algumas pessoas elevam-na a 3 milhoens.

JANEIRO 24. 1852. — N.º 4.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

FÉ.

Eu elevei a rasão humana a um grau de pureza tal, que, reputando-a assim sublime, na generalidade dos homens, basta esse attributo para estabelecer a harmonia entre o creador e a creatura. Mas uma cousa é a rasão alumiada pelo facho da consciencia, e outra é a rasão, que repugna ser alumiada. Perdido o equilibrio entre uma e outra — isto é — confundidas as noçoens do bem e do mal, do crime e da virtude, a rasão desce do throno em que a colloquei, e depoem a sua coroa no altar das paixoens desordenadas.

O homem actual é o testemunho insubornavel da queda do primeiro homem. Cobarde nesta continua lucta, em que se vê comsigo proprio, é victima do mal, em quanto a satisfação das suas necessidades está ao paladar dos seus apetites. E'-lhe precisa uma coragem de alentos superiores para renunciar as lisonjas, que o mundo lhe dá baratas á sua natureza impura. E'-lhe precisa uma animação celeste para vencer as inquietas propensoens, que o arrastam continuamente ao sorriso seductor destes encantamentos jubilosos da terra!

Livre com os seus instinctos, e creador de novas emoçoens, em cada dia, o incredulo vai, de desengano em desengano, parar no extremo da morte, sem que a sua rasão, orgulhosa e independente, lhe sustenha um passo, de cuja suspensão dependa o retardamento dessa hora final.

Não assim o christão, que se deleita no delicioso eden, que a sua rasão lhe marca dentro dos limites da fé. A fé é a visão celeste do que é invisivel na terra. E' o raio de luz que se projecta da centelha do espirito religioso, e vai perder-se no seio dessa mansão luminosa, onde se firma o throno do Senhor do Ceo e da terra!

Não bastam aos christãos os vôos da sciencia para se exaltarem á morada dos anjos. E' necessario crer; é indispensavel a fé.

O Christianismo é um objecto, de estudo contemplado pela sua face luminosa; mas o christianismo tem outra face, em relação com a intelligencia humana; — outra face, por assim dizer, voltada para o seu divino fundador, e tenebrosa para a creatura mortal. Com a primeira é-nos permittido o contacto espiritual approximado pela sciencia; á segunda, impõe-se-nos a submissão do fraco, e a crença, que tem o cego de nascimento na existencia das cores.

Se quero provar pela sciencia o Christianismo, estudo-lhe os seus fenomenos fysicos, moraes, e intellectuaes. A naturesa, livro aberto a todos os olhos, ente collectivo a todas as contemplaçoens, é a minha primeira noção. Depois a Escriptura, depois a Tradicção, depois o homem, com o seu orgulhoso prestito de sciencias, com a sua coroa real no centro das creaturas, com as suas esperanças insaciaveis no mundo, com a sua consciencia insubornavel.... tudo me encaminha a penna fecunda nas provas do Christianismo, tudo me annuncia a existencia de Deus.... mas *o* que é a substancia divina? Moises conta-me a tranzição do cáos á creação, mas quem me explica o acto creador? Quem viu a tranzição do *nada* ao *ente?* Eu sei que a humanidade está degradada da sua primitiva pureza; mas na minha substancia não vejo o mais ligeiro indicio d'esse vicio original, que tanto se manifesta nos meus actos exteriores!

« Comprehendeis — diz um sabio de nossos dias — como a mesma doutrina pode ser simultaneamente fé e sciencia; porque o seu objecto é simultaneamente visivel em seus fenomenos, e invisivel na sua substancia. O fenomeno conduz logicamente a affirmar a substancia, e liga-se a ella como o effeito á causa... Mas o homem quer ver mais longe que os fenomenos: seu entendimento é todo luz: revolta-o a obscuridade... »

O mundo visivel é um complexo de fenomenos que lhe revellam o mundo invisivel, a causa infinita, Deus, cuja existencia elles accreditam por fé. Não existe uma sò doutrina, que não seja recebida como fé e como sciencia. Quando os naturalistas, superficiaes na profunda sciencia da natureza, affirmam que as suas doutrinas são rasoaveis, explicativas, e estranhas a chimera da fé, enganam-se, ou enganam-nos com um pretexto impio.

Nas sciencias fysicas, nas fysiologicas, nas mathematicas, em todas as sciencias que constituem a chamada sabedoria do homem, ha uma fé cega e machinal, que não tem escriptura, nem tradicção que lhe realise as crenças. E, com tudo, o materialista repelle o dogma do christianismo, e abraça o dogma da sciencia!

Buscai na glandula pineal do cerebro a alma, que o vosso Genuense, ecco de uma seita de espiritualistas, vos diz que estará la. Achais um tecido granuloso que se desfaz debaixo do escalpelo. E, depois, que dizeis vós, anatomicos racionalistas? Naturalmente o mesmo que dizia este homem, que escreve, quando a curiosidade o approximou d'um cadaver, para estudar-lhe a vida nos orgãos mortos: « mostrai-me aqui o logar da alma, e eu accreditarei na existencia da alma. »

A esta proposta jactanciosa, mas propria dos 17 annos que a fasiam, responde-me *Lacordaire*, sentado na cadeira evangelica de Nossa Senhora de Pariz. « E accreditas no corpo, por que o vês? Bem! Vou darte uma triste nova — tu não vês o corpo! Que vês tu nesse objecto que chamas corpo? Certas propriedades. — extensão, peso, côr, e figura; mas a substancia, que lhe é occulta, isso é que tu não viste. Queres uma prova?... Eleva essa temperatura a alguns gráos.... *Em que darão essas propriedades?* N'uma bola de sabão que se esvaece no ar! » E, effectivamente, eu accreditava, como hoje accredito, como todo o mundo accredita na existencia dos corpos; mas accreditava por fé, senão divina, por fé natural, que me era imposta por certos fenomenos exteriores, e não pela substancia incognita dos corpos

Em fysiologia perguntava eu aos meus expositores o que era a vida. Um disse-me que era a organisação, outro contava-me maravilhas do sangue, este disse-me que era

o espirito, este falla-me n'uma *vis insita*, que nunca pude entender, e o que eu julgava mais rasoavel disia-me — que não se sabia nada a respeito de vida.

E todos elles accreditavam na vida: viam-lhe os fenomenos externos: palpavam-na, por assim dizer, n'um encadeamento de suas funcçoens, e quando se avisinhavam do elo imperceptivel do principio vital, disiam que não era das attribuiçoens do medico a methafysica do homem! Havia muita fé nas crenças daquelles medicos! Se elles fossem exclusivamente mestres de methafysica ficariam muito aquem dos limites da medicina. Perguntar-lhe-ia eu o que é o pensamento, ou que aparelho fysico usa a substancia, que pensa, na sua funcção do raciocinio.

Responderme-hia com o silencio do chimico a quem pergunto a substancia da *affinidade*; — com o silencio do fysico que me explica tudo pela *attração* inexplicavel; e com o silencio do astronomo que me desorienta com as suas forças centripetas e centrifugas.

Quando inclinaes a agulha sevada para o polo, quem vos ensina essa operação?

A fé.

Quando aparelhaes a pilha galvanica, ou estabeleceis os polos *negativo e positivo*, quem vos promette o fenomeno, que hade operar-se?

A fé.

Quando nos dizeis que uma outava de iman fará erguer, como por encanto, uma alavanca de ferro, quem de antecipação vos auctorisa a não temer o titulo de impostores?

A fé

O vosso edificio é alto, naturalistas, e não sabeis que alicerces elle tem!

Refugiais-vos na certeza das mathematicas? Ouvide uma confissão insuspeita d'um celebre medico. Barthez estava nos paroxismos da morte. Matava-o, mais depressa que a enfermidade fysica, a dor moral de não poder morrer com uma certeza, fosse no que fosse. Um padre, condoido daquella posição especial, caridosamente lhe disse « — Mr. Barthez! nem ao menos nas mathematicas achaes uma certeza?! » As mathematicas — responde o moribundo — tem uma serie de consequencias inevitaveis, perfeitamente encadeadas; mas a baze. . . . não sei qual ella é! » (*) A baze que Barthez não conhecia, é a baze de todas as doutrinas — é a substancia occulta de todos os fenomenos.

Uma pergunta agora aos homens, que crêem por fé nas bazes da sciencia humana:

Repellis a fé, quando estudaes o dogma da sciencia divina?!

Camillo Castello-Branco.

JESUS CHRISTO.

A MEU THIO.

I.

Confitebor tibi, Domine, in toto corde meo, narrabo omnia mirabilia tua.

P. IX. David.

Para cantar teus portentos
Teus louvores entoar,
Quem me déra a voz dos ventos,
Quem me déra ter accentos,
Como tem o vasto mar!

Quem me déra a harpa divina
Dos profetas de Sião,
A chorar sobre a ruina
Da formosa Palestina
Junto ás aguas do Jordão!

Não me cinge a fronte o louro,
Mal vibrar as cordas sei:
E' bem pobre o meu thesouro,
Minha lyra não é d'ouro,
Nunca dos cantos fui rei...

Mas minh'alma se abalança
Vae nas nuvens vaguear!
Nos espaços não se cança....
Vae ao Deus da Santa Esperança
Os seus cantos tributar.

A virtude, como um lyrio,
Fez brotar da nova lei:
Torna amor puro delirio,
Faz as c'rôas do martyrio
Valer mais do que as de rei.

Em virtude torna o pranto,
Quando o chora o coração!
O soffrer n'um goso santo;
A mortalha em doce encanto....
Este mundo uma illusão!

Ensinou a vida d'alma,
Os arcanos do sentir:
Prometteu eterna palma
A quem soffre com mais calma
Os espinhos do pungir.

Ai do bardo que se abate,
Que o seu — Deus — não sabe amar....
Se os accentos não desate,
Não me digam, que elle é vate,
Se este Deus não vem cantar!

Eu por mim em quanto a vida
Me animar o coração!
Nunca... nunca... em voz sentida
A minha crença querida
Deixarei de cantar, não!

Do sepulchro mesmo á beira
Tu serás a minha luz!
Minha trova derradeira
D'illusoens d'esta poeira
Cantarei aos pés da Cruz!!

II.

A aguia d'augusta Roma
Sobre os orbes paira alem....
Mil thronos nas garras toma
Os homens vencidos tem:
Das nuvens contempla o mundo;
Ouvindo o som moribundo
Do seu ruido profundo,
Caminha... nada a sustem.

Já d'ambos os hemisferios
O sceptro, Roma, empunhou:
Das c'rôas de mil imperios
Na fronte illustre cercou.
Geme escrava a humanidade....
Em troco da liberdade,
A toda a parte a maldade,
Seus vicios torpes levou.

Tornou-se o mundo uma orgia
Uma infame bacchanal....
Satanaz as paixoens guia,
Sobre o seu throno real:
Entre os Lucullos e os Crassos,
Dos festins aos lumes bassos,
Os seus mysterios devassos
Celebra o genio do mal!

Vive o povo sem conselho,
Um tyranno é cada rei:
O mundo cançado, e velho
Não trilha as sendas da lei.

(*) *Essai sur* l'indifference L. 1.º *Lamennais.*

Cadaver pôdre de vicio
Pendia no precipicio...
Quem poderá d'esse exicio
Ergue-lo, sabios, dizei?

Milhoens d'escravos sugeitos
A seus senhores mais vis,
Sentindo livres os peitos
A alma, que assim lho diz....
A morrer de frio e fome,
Sem ter patria, sem ter nome,
N'agonia, que os consome,
Choram seu fado infeliz.

Todos volvem deste abysmo
Os seus olhos ao porvir,
Aguardando o cataclysmo
Que ha-de o mundo resurgir!
Ao menos... as profecias
Todas fallam d'um Messias
Que ha-de á terra novos dias
Novas eras conduzir!

Assim... dizem, que um guerreiro
D'entre os tempos surgirá,
P'ra tornar o mundo inteiro
Tributario de Judá!....
Que ensanguenta o campo e a serra,
Faz arder o mundo em guerra:
E depois, senhor da terra,
Como um astro lusirá!

Eis que emfim pela Judea
Resoou vago rumor,
Que appareceu em Galilea
Esse novo Redemptor!
Todos pensam, que são *manhas*,
Porque os eccos das montanhas
Não retumbam co'as façanhas
Desse heroe, do Salvador!

Ei-lo chega. E' o rei das massas
Da santa Jerusalem!
Tem o seu throno nas praças
Onde as gentes ve-lo vem!
N'uma tunica vestido,
Pobre, simples, condoido,
Traz ao triste, ao desvalido
Os consolos, que a alma tem...

E' nascido d'entre o povo
Do Deus antigo fiel,
Vem prégar um Credo novo
Entre as turbas d'Israel:
Da sua bocca divina
Em rios corre a doutrina
Da nova crença, que ensina,
Em ondas de doce mel...

E depois... dizem, que é isto?
A sorrir os phariseus:
D'onde veio este Christo
Que promette novos Céus?!
Para vir salvar o mundo
Que jazia moribundo
N'um curral, nasceu immundo
Quem se diz filho de Deus?!

Os seculos responderam
A taes vozes d'irrisão,
Quando os fructos recolheram
Da arvore da redempção....
Respondeu-lhe a humanidade,
Quando á voz da liberdade,
Entoou na immensidade
Os cantos da salvação!!!

III.

Ente sublime de sentir profundo
As almas todas soube revolver!
Astro brilhante, que allumia o mundo
Os astros todos fez escurecer!
Ao pobre, ao triste, trouxe paz, bonança
Na Boa-Nova que lhe vem contar;
Fallou-lhe doce da mais doce esp'rança,
Ao pé dos thronos não se foi sentar.

Os ferros quebra com seu braço forte
De mil escravos, que elle viu soffrer;
Ao peito ensina a despresar a morte
Hir livre nella a liberdade ter...
Tornou a c'rôa, que cingia o nobre
D'espinhos toda de soffrer crueis:
Fez dos farrapos que o mendigo cobre
Purpura altiva, qu'envejavam reis!

Ensina ao homem divinal virtude,
Ergue-o acima das mais vis paixoens;
Esmaga a serpe desse vicio rude
Abateu grandes, derrocou grilhoens!
C'os pobres soffre, c'os humildes chora...
Que coisas grandes, por seu bem não fez!
O Deus sublime, que o Universo adora
Se humilha a ponto de lavar-lhe os pés!

A mulher torna sublimado archanjo
Descido á terra p'ra nos dar os Céus!
O homem nella só contempla um anjo,
Obra mimosa do poder de Deus!
Ente, que fôra, para o mundo outr'ora
Torpe instrumento, que o gosar só tem...
Pelas palavras desse Christo, agora
Tornou-se esposa, carinhosa mãe!

O mundo todo no seu throno abala,
Fá-lo d'abysmos, outra vez, surgir,
Mostrando o raio, que nos Céus estala,
Abrindo as sendas de melhor porvir.
A campa mostra como o leito amigo
Onde se acaba para sempre a dôr:
A cruz offerece como doce abrigo
Aos mais perversos não recusa amor!

Doutrina ostenta como um astro ao mundo
De luz divina, d'eternal clarão!
E os seculos todos ao passar, bem fundo,
A fronte curvam com respeito ao chão;
Co'as leis divinas d'immortaes sentenças
Velhas ideias esmagou sem dó,
Mudando imperios e mudando crenças
Os deuses todos reduziu a pó!

IV.

Ao mundo, que jazia em sombra immerso
Lançou ondas de Luz!
Fez do cahos sahir outro universo
Em roda d'uma Cruz!

Pelo homem soffreu crueis tormentos
Da culpa o resgatou:
Seu caminho na terra com portentos
Sublime assignalou!

Dá aos homens, mais rudes, de seus labios
Divina inspiração!
Que ensinando no mundo, aos mesmos sabios
Confundem a rasão!

Quando estende o seu braço sobrehumano
Nas solidoens do mar,
Faz as vagas ruidosas d'Oceano
Nos golfos aterrar.

Nada valem com elle, as leis da sorte,
Os fados nada são:
Ao que prendem grilhoens da mesma morte
Resurge d'entre o chão!

Até quando o viver da naturesa
Rodar no giro seu,
Hão-de os sec'los aos sec'los a grandesa
Contar do nome teu!

Plantou sobre a terra arvor' gigante,
Que foi tocar nos céus,
E cumprida a missão, astro brilhante,
Sentou-se a par de Deus!!!

Coimbra 21 de Janeiro. *Guilhermino Augusto.*

ANNO CHRISTÃO.

JANEIRO.

18 Domingo. O SS. Nome de Jesus. N. S. da Divina Providencia « Estais triste? Passai do coração para a bocca o nome de Jesus: as trevas serão dissipadas, virá a serenidade, e o bello dia. Fere-vos a consciencia um remorso desesperado? Horrorisam-vos vossos crimes? Ninguem pronunciou o nome de Jesus que não sentisse reviver a confiança, e fugir espavorida a tentação. Desarma-se o inferno ao nome de Jesus, por elle correm as doces lagrimas da oração, e nos grandes perigos é elle quem inspira a coragem. » *S. Bernardo. Serm. 5. Sup. Cant.*

19. *Segunda feira.* S. Canuto IV, Rei da Dinamarca, nasceu no meado do seculo XI. Ainda moço ganhou tantas victorias, quantas foram as batalhas. Afugentou os piratas que infestavam as costas, venceu os estoens, e fez da provincia da Sembia uma provincia da Dinamarca. Pertencia-lhe o throno por morte de seu pai, mas os cortesãos espoliaram-no da corôa, collocando-a na cabeça de seu irmão Harauld. Canuto, bem longe de hostilisar esta usurpação, foi o mais obediente vassalo do usurpador. A Providencia vigiava os merecimentos deste rei, que a invocava nas horas amargas da sua servidão. Harauld morreu, e Canuto, coroado rei, perdôa aos inimigos, que lhe vem de rastos pedir graça. Canuto não tinha um pensamento administrativo, uma medida real, que lhe não viesse do coração amoldada pelo Christianismo. As suas conquistas approveitavam mais ao reinado de Deus que á sua gloria de rei. Cada palmo de terra que conquistava era immediatamente marcada pela sendalia do missionario, a quem confiava a civilisação de Curlandia, Samagecia, e Estonia. Casou com Adela de Flandres, digna consorte das suas virtudes, mais tarde coroadas pelo filho (Carlos-o-Bom) que a Egreja collocou no soberano catalogo dos santos. Canuto elevou o sacerdocio ao maior esplendor da sua dignidade. Fundou hospitaes e mosteiros com as suas rendas. A sua devoção com Maria Santissima era fervorosa, e occupava na oração as escassas horas que lhe sobravam dos negocios. Instigado pelo zelo religioso, quiz obrigar os povos a pagar o dizimo á Egreja. Os povos, instigados por seu irmão Olaf, revoltaram-se. Um dia assistia Canuto aos officios divinos, quando os conspirados entraram no templo. O Rei não tremeu: joelhou mais proximo do altar, e exclamou: « Senhor! eu vos offereço com jubilo o que me resta da vida. Morro por causa da vossa Egreja; fazei que estes rebeldes se arrependam um dia, que eu dou-lhes o meu perdão. » As setas que partiam de todos os lados vararam-lhe o peito, e o martyr encostou a face morta no degrau do altar. Nesse mesmo anno os dinamarquezes prostravam-se no tumulo do seu rei assassinado, pedindo-lhe affastasse a fome e a peste que os devorava!

20. *Terça feira.* S Sebastião, nasceu em Narbona, pouco mais ou menos, em 255. Militou no tempo de Diocleciano, e profundamente christão, fingiu-se zeloso no paganismo, para mais a salvo proteger os seus irmãos perseguidos. Denunciado, reconhecido, e expulso dentre os seus companheiros d'armas, foi chibatado no circo, onde morreu martyr.

21. *Quarta feira.* Santa Ignez, nasceu, em Roma, no fim do seculo 3.º de paes nobres, ricos, e virtuosos. Linda, e notavel pela sua excellente educação, Procopio, filho do governador romano, quiz esposa-la Ignez despresa-lhe as offertas, e o coração que tão apaixonado se lhe offerecia. Procopio, baldados os carinhos e ameaças, consegue fallar-lhe, como se da sua eloquencia pendesse o seu triunfo. A virgem declara-se-lhe esposa de Jesus Christo, e deprime, retirando-se, a orgulhosa altivez do seu pretendente. Seguem-se as imposiçoens despoticas do governador, que ama o filho, e despresa esse fantastico consorcio da mulher com a Divindade. Ignez está na presença do governador. Responde com sabedoria e altivez; e á face d'um tribunal pagão ousa declarar-se esposa de Jesus Christo! A donzella de Ramnos é carregada de cadeias, e não descora; arrastam-na aos altares dos idolos, e a martyr invoca o Deus dos Christãos. Procopio quer pôr-lhe mãos insultuosas, sahindo-lhe ao encontro n'uma praça: a morte suspende-lhe o braço. Morto, seu cadaver é abraçado pelo pae, que não pede vingança, mas supplica de joelhos a Ignez a vida de seu filho. Os olhos da Virgem fitam-se no céu, e Procopio resuscita. Publica-se a maravilha. Correm os sacerdotes dos idolos. Gritam contra a magia d'Ignez, e incitam o povo a castiga-la com a morte. O povo ruge, como o leão do circo, pela victima. O governador quer salvar a que deu vida a seu filho, mas, temendo as iras do tumulto, foge, e remette o juizo a Aspaze, seu tenente. O juiz, incitado pela plebe, condemna Ignez a ser queimada. Lançada no seio das lavaredas, as lavaredas abrem o seio de fogo, e a virgem está impassivel e intacta. Bradam os sacerdotes contra a magia dos demonios O juiz manda que o algoz a decapite no meio da fogueira. Treme-lhe o cutello na mão: Ignez anima-o: « Não temas — diz ella — dar-me uma morte que será para mim o principio de eterna vida. » E foi. Do alto da sua gloria aquella Virgem-martyr foi um manancial de prodigios sobre o povo, que a martyrisára.

22. *Quinta feira. S.* Vicente. Nasceu em Saragoça, de uma das mais illustres familias de Hispanha. Educado por Valerio, bispo daquella cidade, bem cedo, como diacono, exerceu o ministerio da palavra, que o velho bispo lhe renunciou. Eram imperadores Diocleciano e Maximiano, e a provincia de Saragoça era governada por Daciano, o mais tenaz perseguidor dos christãos em Hispanha. Vicente foi preso. Aqui principiam os prodigios do martyrio, em que transluz a cooperação infinita da graça de J. C. O genero de flagellos que torturaram Vicente, e os repetidos triunfos do martyr sobre as torturas, é uma cadeia de milagres, que não podia deixar de prender o espirito dos infieis. Viram-se admiraveis conversoens nas testemunhas occulares daquelle longo e variado martyrio! Nasceram muitos fructos daquellas arvores regadas pelo sangue do martyr! Quando Daciano, perplexo diante da opinião publica, que proclamava divino aquelle martyr, o manda soltar das algemas, e lançar em cama de delicias, é então que Vicente expira. A descripção dos tormentos deste justo é de natureza tal, que repugna ao coração do homem imagina-los!

23. *Sexta feira-* Os Desposorios de Nossa Senhora. S. Raimundo de Penaforte. — *S.* Ildefonso. Os desposorios da Virgem Maria, com S. José — o artista descendente dos reis de Israel — é um bem conhecido epysodio, que deu margem á critica dos fariseus. Jesus Christo, nos dias da sua vida mortal assumia a dignidade de legislador, entre os judeus, sem comtudo se declarar o Messias. — Raimundo nasceu em 1175 no castello de Pennafort em Catalunha, cujos senhores eram seus paes, alliados dos reis d'Aragão. Formado no direito bolonhez, exerceu ahi o magisterio, distribuindo-lhe os proveitos pelos pobres, até que, angariado pelo bispo de Barcelona, acceitou na sua egreja um canonicato. Em 1222 tomou o habito de dominico, e mais tarde prégou a crusada contra os mouros, e tal foi o prodigioso effeito das suas missoens, que Gregorio IX o invocou a Roma, em cuja egreja o estabeleceu como Grande Penitenciario. Doente, aconselharam-lhe ares patrios. Voltando a Barcelona, venceu as instancias do Pontifice que lhe offerecia o arcebispado de Tarragona, e recolheu-se ao seu antigo convento. As disciplinas e os jejuns aggravaram-lhe a enfermidade; depois, na qualidade de geral da sua ordem visitou as provincias a pé, e, com quanto convertesse ao Christianismo dez mil judeus, a sua vida definhou-se consideravelmente. O rei d'Aragão, que o invocára para as missoens, vivia de commercio illicito com uma dama. Raimundo reprehende-o em vão. Quer retirar-se, e o rei publica pena de morte a quem o recebesse. O justo vê-se reprimido: vai ás praias do mar; benze-se; estende a sua capa sobre as ondas, e atravessa 53 leguas de mar em 6 horas. Chegando perto do seu convento as portas lhe são abertas espontaneamente, e Raimundo recolhe-se para nunca mais sahir. Morreu a 6 de Janeiro de 1275, e foi canonisado por Clemente VIII em 1601. — Santo Ildefonso, discipulo de Santo Isidoro de Sevilha, foi arcebispo de Toledo, e o ornamento desta egreja durante 9 annos que a governou. Morreu em 661, ou 669, tendo nascido em 607. Deixou um *Tractado da virgindade de* Maria e muitos escriptos que encontramos nas obras de *Mabillon* e outros.

24. *Sabbado.* Nossa Senhora da Paz, de que já fallamos.

BYBLIOGRAFIA RELIGIOSA.

Com praser annunciamos a proxima publicação desse inapreciavel livro, que foi quinze vezes reimpresso em Pariz, e duas vezes em Portugal. Jesus Christo perante o seculo, vai ter a 3.ª edição portugueza, mas uma edição popular, que pela sua barateza convide ao banquete da excellente doutrina, que o constitue um livro indispensavel. Alguns capitulos de menos prompta intelligencia, pelo contexto scientifico de que se occupam, serão annotados por um dos redactores do Christianismo. Esta empreza, se não é toda lucrativa, honra o snr. Fonseca, livreiro, e editor; mas na hypothese de que o seja, o comprador nada perde ou lucra com a má ou boa tenção do editor. O que é certo é que a edição de Lisboa custava 600 reis — a impressa em Pariz 1200 reis, e o snr. Fonseca promette não exceder na sua 400 reis. Livros bons e economicos são o incentivo para que a boa sciencia se popularize.

JANEIRO 31. 1852. — N.º 5.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

D. Jeronymo José da Costa Rebello, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica bispo do Porto do conselho de S. M. F., par do reino, grão-cruz da ordem religiosa, e militar de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha.

Aos reverendos parochos, clero, e fieis nossos diocesanos saude, paz, e benção em Jesus Christo Nosso Divino Salvador.

Seguimos reverentes, a pratica adoptada pela veneranda Sé Romana, primacial de todo o orbe catholico, quando acontece, como no presente anno, que o jejum da vigilia do apostolo S. Mathias, coincide no ultimo dia do carnaval, pratica incessantemente observada por muitos prelados sabios, e virtuosos das diversas dioceses do reino, e desta mesma diocese, e pratica muito conforme á liturgia sagrada, á indole do Christianismo, e ao espirito, e intençoens da Santa Egreja, Mãe desvellada, e sempre sollicita em promover entre os seus filhos o exercicio de todas as virtudes, em aparta-los das devassidoens, e em prevenir, que se não precipitem no abysmo dos escandalos.

Movidos por estas ponderosas rasoens, e usando da auctoridade apostolica a nós especialmente commettida dispensamos, e concedemos, que no presente anno se antecipe, e observe o mencionado jejum no sabbado 21 do seguinte mez de Fevereiro, e que o dia 24 do mesmo, ultimo do carnaval, fique alliviado de abstinencia, e habilitado para se poder nelle fazer uso de qualquer vianda, e de mais de uma refeição.

Renovamos as recommendaçoens, que outr'ora por identico motivo fizemos a todos os fieis nossos diocesanos, para que no indicado ultimo dia, e nos outros do carnaval procurem evitar aquelles divertimentos profanos, que são proprios dos tempos barbaros, e do gentilismo, e para que na conveniente temperança, e salutar sobriedade fujam de excessos reprehensiveis, e desordenados na qualidade, e quantidade das comidas, e bebidas, de que fizerem uso.

E lembramos-lhes tambem novamente, que será muito acceito na presença do Senhor, e muito digno da Religião Santa, que professamos, se applicarem as demasias, e superfluidades das suas mesas, ou o seu valor para subministrar alguns meios de subsistencia a tantas familias honestas, que vivem na indigencia — para acudir ao crescido numero de infelizes, que gemem em ferros, e que supposto sejam criminosos, são nossos irmãos, e nossos semelhantes — e para auxiliar a conservação dos utilissimos estabelecimentos de caridade, que tanto ennobrecem esta boa cidade.

E será esta nossa concessão, e exhortação pastoral publicada em todas as parochias desta diocese pelos reverendos parochos no domingo primeiro depois que a receberem.

Dada no paço episcopal do Porto sob nosso signal, e sello das nossas armas aos 28 de Janeiro de 1852. = *Jeronymo*, bispo do Porto.

Lugar ✠ do Sello.

Está conforme — Padre, *Manoel José Alves Rodrigues da Cruz.*

FÉ.

A duvida é uma tortura.

S. João chorava, quando via nas mãos do Eterno o livro dos sete sellos, apregoado, pelo anjo, como mysterioso para os que habitam o céu, e a terra, e os infernos.

O filho dos homens queria erguer o véu do sanctuario defeso aos anjos! E' que a anciedade do infinito affligia-lhe o coração, vasado nos moldes angustiados da humanidade.

A religião dos mysterios é como a columna de fogo, que nos obriga a crêr a sua existencia pelo calor que derrama, e não consente ser palpada pela mão atrevida do homem.

A rasão natural, auxiliada pelos sentidos, reconhece os fenomenos da divindade, e maravilha-se perante elles com temor e respeito. O homem das selvas é o homem da rasão natural: a sua religião é a religião dos mysterios.

A rasão, cultivada pelo estudo, e illustrada pela consciencia, contempla os fenomenos da divindade: explica-os

no ambito da sua comprehensão, e abate o seu vôo arrojado para o raso da terra, quando topa, na escala da sciencia, um degrau, que sobe para a região dos mysterios.

A substancia das cousas, a intimidade das sciencias, o objecto espiritual das crenças religiosas, e das hypotheses scientificas — é a fé. Esta virtude, como a Egreja a define, não é exclusivo d'ignorantes, nem chymera que foge envergonhada da sciencia dos sabios.

A fé é uma herança egualmente distribuida por todas as intelligencias, desde S. Agostinho até Bossuet, desde Archimedes até Newton, desde Newton, que se descobre á palavra Deus, até o pastor das montanhas, que resa as *Ave Marias* ao descer da noite.

A fé, nas sciencias humanas, é que será sempre um exclusivo dos sabios; mas a fé nos mysterios augustos do Ente Supremo será sempre o apanagio universal de grandes e pequenos.

O homem do povo não é torturado nas suas duvidas, porque não as tem. Seu espirito, não ulcerado pela incertesa das sciencias, aspira, em todo o aroma da sua puresa, o ar que lhe bafejou o berço e as primicias religiosas da sua educação. Importa-lhe mais a immortalidade de sua alma, que o sol, mandado parar por Ptolomeu, ou mandado caminhar por Copernico. Entre os sabios, Montesquieu, o insuspeito commensal de Ninon de Lenclos, dizia que melhor era indagar a espiritualidade d'alma, e deixar o sol quieto ou caminhante á vontade do Eterno.

As crenças do povo são invejaveis Não só Montesquieu, mas quantos d'entre vós, homens gastos neste anhelar insaciavel de uma cousa real e fixa, darieis a vossa sciencia incerta por uma dessas preces que sobem fervorosas do coração do rustico?

Se vos fosse possivel adquirir a fé, com quanto ardor não a buscarieis na sciencia, se a sciencia podesse dar-vo-la?

« A fé é possivel — diz um illustre missionario de « Pariz — comtudo homens ha que não a tem porque a « perderam: outros ha que a procuram, e dizem que não « a encontram. A fé como se adquire? Perdida a pri- « mitiva simplicidade do coração, como voltaremos a « Deus? »

Eu posso buscar na minha consciencia o mais irrespondivel argumento em resposta. Tenho em mim o homem do passado, e o homem do presente Posso, mais ainda que o mais justo d'entre vós, posso com a mão sobre um Evangelho, e com o livro do meu coração diante dos vossos olhos, apontar-vos a pagina da experiencia, que é a mais eloquente prova para um sceptico, e jurar-vos pela verdade della.

« Não te embaraces em saber se é de muita ou pou- « ca sciencia aquelle que escreve — diz Kempis — porque « só o amor da pura verdade deve levar-te a lêr o que « lêres. Considera o que se diz, e não examines quem o « disse. »

Mas aqui deveis examinar quem diz as cousas, e desse exame tirareis luz sufficiente para entender as que forem obscuras.

A infancia é a estação das crenças, dos temores, e das superstiçoens. A crença é o leite da educação, libado na ideia instinctiva de Deus.

O temor é a coacção que nos retem em certos actos pueris, que nossos pais nos affiguram reprehensiveis nos juizos do Senhor.

A superstição é esse ascendente panico e increpavel que os outros exercem sobre a debilidade de nossa rasão.

São estes os tres sentimentos, que nutrem o espirito d'uma creança, em quanto a sociedade lhe não franqueia a sua escóla.

Ha uma sociedade, que recebe o àdepto, sem lhe deturpar os tres sentimentos constituintes da sua crença. E' a sociedade do povo rude, antes que a desmoralisação a constitua sociedade de tigres.

Ha outra sociedade, que o purifica da superstição, a favor d'algumas zombarias, e lhe deixa a livre escolha entre a crença e o scepticismo, entre o temor e o desprezo — esta é, não direi a sociedade dos sabios, mas a sociedade onde está a sciencia com todas as suas variantes de espiritualistas, e materialistas.

Para os segundos é que estas linhas são escriptas, com a duplicada vantagem de lhes serem dedicadas por quem os lá encontrou no banco onde se aprendia a sciencia, na praça onde se discutia a religião, e nos conciliabulos desabusados onde a religião era condemnada ao ostracismo das ideias despoticas.

Ha um abysmo entre vós, onde cada homem, constituido em certa posição, arremessa a muita ou pouca fé divina, que póde reprimi-lo em suas propensoens. Este abysmo tem um nome pungente para os que lhe pagam a dolorosa contribuição das suas crenças, e raro ha quem fuja delle espavorido; que lhe não dê esse triste nome, que de jus lhe compete.

Este abysmo chama-se a *ignorancia*.

Não vos morda a soberba, homens d'um orgulho vão! Eu venho d'entre vós com o coração despedaçado pela vossa sciencia, e não me déstes um balsamo caridoso que vos abonasse a profunda fysiologia que ostentaes do coração humano! Eu tenho uma auctoridade, conferida pelas amarguras, e ouso adjudicar-me uma bem desgraçada soberania, quando vos lamento, e não posso mais que lamentar-vos!

A ignorancia é o abysmo da fé, porque a fé é um acto de intelligencia. A faculdade de receber e combinar ideias, que são as relaçoens eternas das coisas, é o que se diz *intelligencia*. A harmonia da intelligencia com as ideias naturaes, chama-se *rasão*. Mas ha umas outras ideias, chamadas divinas; e quando a intelligencia estiver em harmonia com ellas, está constituida a fé. Para adquirirmos a *rasão* temos um processo, que é o *estudo*. O estudo é o identico processo, que temos para adquirir a *fé*.

Sabeis, pois, como a fé se adquire?

Desviai-vos desse abysmo, em que lançaes uma por uma as tradicçoens religiosas da infancia. Não lamenteis a perda d'um passado farto de desastres, porque a sciencia divina não é o fructo de vigilias laboriosas, que deixa no fim da vida o vacuo afflictivo das sciencias humanas. Sobeja-vos tempo, se quereis approveitar o perdido.

Estudai a religião christan, como criticos, como filosofos, como moralistas, mas estudai-a.

Dai logar a que o christão vos chame duros de coração, mas evitai o apellido de ignorantes, que é um arauto de descredito, que trazeis na vanguarda dos vossos raciocinios.

Nas mãos de Deus está o raio de luz, que accende no espirito do homem o incendio da caridade; mas o dom sobrenatural da graça é um privilegio dos escolhidos, é uma prerogativa daquelles a quem o Altissimo disse: « hide, e ensinai! »

Apprendei, pois.

A nós, homens do crime e da cegueira, pertence-nos abrir os olhos ao que ensinaram esses, que vieram mandados pelo Eterno. Pertence-nos o quinhão da sciencia divina, cuja ignorancia nos será levada em conta, segundo o numero dos talentos, que recebemos da intelligencia infinita. Pertence-nos buscar nos effeitos patentes as causas occultas da divindade. Pertence-nos a submissão de vermes, que passamos um dia a rastejar nas visinhanças do tumulo. Pertence-nos erguer as mãos para Deus, e exclamar, com Lacordaire:

« O' tu, quem quer que sejas, que nos fizeste! « Deixa-me tirar da minha duvida, e da minha miseria! »

Camillo Castello-Branco.

JEZUITAS.

> Serão ditos o bem e o mal: o bem sem admiração; o mal sem azedume; e tudo sem parcialidade.
>
> *Historia da Companhia de Jesus* — Cretineau-Joly — *T.* 1.º *C.* 1.º

DOM IGNACIO DE LOYOLA.

I.

Reinavam em Espanha Fernando e Isabel, e corria o anno de 1491.

N'um dos mais illustres solares de Biscaia, nascia um representante da velha linhagem dos Loyolas.

Ignacio, com os seus sete irmãos fasiam o mais nobre cortejo dos saráos de Madrid, e mais nobre lhe chamaremos, porque a cortesania daquelles oito irmãos era um misto de virtude e delicadesa, um donairoso enlace de fidalguia e decoro.

D. Antonio Maurique, duque de Najera, e grande de Hispanha hasteára o seu balsão de guerra contra França.

Ignacio de Loyola dá um adeus de mancebo aos folguedos da corte, o vai saciar as ambiçoens de rapaz nas eventualidades das pelejas, á sombra do estandarte de seu tio duque.

Nas fileiras do exercito hispanhol avultava esse official d'uma coragem prodigiosa! Ignacio de Loyola, coroado nas batalhas, e laureado pelas damas, nos intervalos da paz, foi tributario nas paixoens do coração, como qualquer galhardo mancebo da hoste de D. Antonio Maurique.

Nos seus amores cavalheirosos e romanticos, como deviam de ser os amores affeiçoados pelos rimances de cavallaria, que então se liam, Ignacio não presentia que os seus futuros depressores lhe imputariam uma vida dssipada na edade das paixoens.

Calumniaram-no, porem, como se o homem da cota e da lança devêse alojar no seio o espirito do penitenciario da roupêta e da cruz!

Incoherencias da calumnia!...

Era em 1521.

Pamplona, a filha de Pompeu, a mais robusta cidade de Navarra, gemia no cinto de ferro, que André de Foix lhe cingira em nome do rei de França, falseado nos seus tractados com Carlos V.

Ignacio de Loyola, que não tinha, como soldado, o direito de reprehender as injustiças do seu rei, já que a sorte da guerra o fizera compartir da derrota ou triunfo dos cercados, assumiu o supremo commando das forças situadas, e rebateu denodadamente as primeiras investidas do exercito francez.

Repetem-se os assaltos, e Pamplona, como a arvore secular cortada pelo gume do machado incansavel, começa a fraquear no interior da sua robustez, e solta o grito de vencida, quando o sangue de seus filhos lhe tinge as muralhas arruinadas.

O baluarte dos bravos, a forte que sorrira durante sete seculos ás coleras francezas, era acalcanhada por Foix, como 778 annos antes o fôra por Carlos Magno.

Ignacio de Loyola, victima da sua coragem, ebrio d'aquelle ambiente de sangue, recolhe-se á cidadella, pobre de muniçoens, indefêsa, debil, e quebradiça nas mãos do inimigo, como a ave caçada nas garras do açor.

Não era tanto assim. E' que lá dentro, n'aquelle tumulo de vivos, batia um coração de soldado essas pulsaçoens profeticas d'um grande chefe na milicia de Deus.

O general vencedor propõe capitulação a essas dezenas de loucos que lhe affrontam o triunfo. Ignacio repelle-a com indignação. Estalla o choque da peleja. Banham-se em sangue de seus irmãos os que avançam um passo para as muralhas. De dentro ha o batalhar da desesperação. A morte é a corôa de triunfo para cada hispanhol. Olham-se como homens cujos dias estão contados. Reanimam-se de alentos ferozes, quando uma lança cae do braço morto do seu companheiro.

Trocam-se os derradeiros golpes.... vão travar o ultimo recontro de bravos, que nada esperam.... eis que Ignacio de Loyola é ferido de uma bala na perna direita, cahe, e nesta queda arrasta comsigo os alentos de seus soldados como se o brilho da sua espada fosse a luz do enthusiasmo para aquelles bravos.

A cidadella rendeu-se, como a viuva d'um grande general, á descripção do seu vencedor.

Os francezes olham com respeito para aquelle homem prostrado. Erguem-no. Parecem invejar-lhe o triunfo de vencido! Pensam-lhe as feridas, que são ameaçadoras, e transportam-no, como a um rei que venceu á custa do seu sangue, ao castello de Loyola, ao seio de sua familia!

Um inimigo sanguinario, nas mãos de Deus, é um anjo de Paz! E' que Deus tinha escolhido aquelle homem, e mandara-o levantar das mãos de seus inimigos, como a Lasaro do seio da sepultura!

Posto em tratamento, Ignacio soffreu, com resignação, uma segunda fractura, para remediar a má articulação da primeira.

Livre da morte, sentindo-se defeituoso n'um joelho, quiz que a parte ossea, que lhe privava o exercicio da perna, fosse cortada. Vence o terror que lhe incutem com o doloroso da operação, e é operado. Depois reconhece que uma perna carece de elasticidade. Entra no supplicio d'uma machina de ferro, que lhe não arranca um gemido nem uma lagrima.

A serenidade daquelle rosto vaticinava os tormentos que deviam mais tarde combater-lhe a serenidade do espirito.

Ignacio de Loyola vigorisava-se na convalescença. Um dia, por desfastio, pede um livro de cavallarias. Trazem-lhe a *Vida de Jesus Christo*, e a *Flor dos Santos*.

Leu.

O que foi de intimo no segredo daquelle coração, viu-o Deus!

Loyola cahira n'um leito de tormentos, como soldado, e erguera-se n'um extasis fervoroso, como christão!

Camillo Castello-Branco.

Por suas necessidades espirituaes e materiaes reclama a sociedade o restabelecimento de algumas Ordens Regulares.

II.

Muito se tem declamado contra o celibato como obstrumente d'uma das grandes fontes de que manam as riquezas ás naçoens. Dizem os economistas, no agudo tom e largo andamento de axioma, « que a riqueza e força das naçoens está na rasão directa do numero de seus habitantes. » Ora, este axioma não podemos nós admittir sem lhe fazermos essenciaes distincçoens.

Diremos que « quando a população excede certos limites, de modo que todas as classes e todos os individuos não achem convenientes empregos e misteres, torna-se ella uma calamidade; e nem a nação pode calcular força, e menos riquesa, derivada de braços forçados ao ocio. » E' isto o que effectivamente, sem embargo da espantosa emigração para o Brasil, vai acontecendo em o nosso Portugal, e principalmente em o nosso Minho. As riquezas que derivam de agricultura podem sim augmentar alguma cousa com o aperfeiçoamento dos processos, mas já aqui não é possivel occuparem-se mais braços, porque já não ha bravios para arrotear. No commercio já não podem empregar-se mais individuos, porque o commercio externo definha e definhará ainda mais; e, pelo que respeita ao commercio interno, tanto se teem multiplicado os estabelecimentos que, tirado um ou outro a quem corre a fortuna, os mais, na esperança de com o tempo ganharem freguezia, vão luctando com uma fallencia que os ameaça, e finalmente fecham as portas, exhaustos seus fundos. As artes alguns passos teem dado no meio desta necessidade de empregos; mas principiamos muito tarde, vamos muito atraz das outras naçoens, e por isso nunca podemos concorrer com ellas nos mercados extrangeiros; nem ainda, mesmo com a vantagem de fretes e direitos, podemos em os nossos mercados concorrer com ellas, que tanta vantagem nos levam na facilidade dos processos e perfeição dos artefactos.

Em todos os ramos de letras já se observa tambem uma superabundancia tal de bachareis que, exceptuando algum mui distincto, não tiram os lucros proporcionaes a suas fadigas litterarias e ás despezas que fizeram em suas formaturas. O exercito poucos jovens accommoda: é pequeno, e ainda assim, superior ao que comporta nossa pobreza.

Dê-se pois por demonstrado o excesso calamitoso de população em o nosso Portugal, e não se ralhe mais do celibato, antes, no que deixamos dicto, se veja uma necessidade de o multiplicar.

— Mas (dirá alguem) para que vem isto aqui? Isto o mais que prova é a conveniencia de que cresça o numero

dos celibatarios; mas celibatarios são tambem os clerigos, e esta carreira a todos se acha aberta e patente.

— Sim, esta carreira a todos se acha aberta e patente. . . ; mas demanda um patrimonio, que, embora vitalicio, é um cerceamento que se faz á caza, e na hypothese de duas ou tres ordenaçoens, nem ella para tanto chegará. Mas obriga a uma despesa com que muitos paes não podem, onerando-se para isto com uma divida, de que jamais se veem alliviados, a não ter, de futuro, aquelle que a motivou bastante gratidão e amor de familia, e tambem que os lucros delle (o que ordinariamente se não dá) o habilitem para que sua gratidão seja efficaz. Mas não offerece interesses que cheguem para uma sustentação e tractamento tão decente como convem á nobresa de certas familias. Quando haviam beneficios pingues, ordenavam-se, sim, filhos das principaes familias na esperança de impetrarem algum, mas nenhum se ordenava para ficar clerigo, como vulgarmente se diz, de *requiem*; por tanto hoje que não ha beneficios pingues, nenhum se ordenará.

O regular nenhuma parte desmembrava da caza; a despesa para o seu ingresso neste estado era muito mais pequena do que a do clero até elevar-se ao sacerdocio; e não gravava aquelle mais a familia, antes por suas relaçoens e pequenos lucros, — mas sempre crescentes em razão de nada distrahir delles para a sua pessoa, a quem o convento dava todo o necessario —, muitas vezes com licença de seus prelados acodia a uma urgencia da familia, o que, sem duvida era um nepotismo bem louvavel. E por mais nobre que fosse uma familia, não julgava degradar-se, nem degradar um filho, quando elle abraçava um instituto regular, fosse embora elle o mais pobre e de menos representação.

Oh! é esta uma verdade que, nos parece, não será contradicta, em boa fé, por homem de partido algum:— Nada tão facil como, com a existencia das Ordens, dar um modo de vida decente a um filho; nada tão difficil como, ao presente, preparar um pae a um filho um futuro independente. —

Porque não se restabelecem pois ao menos algumas Ordens?

E' pelo medo á sua antipathia e influencia contra as ideas liberaes?

E' porque se julgue impossivel a sua dotação?

São estes os dois fantasmas que passamos e exconjurar.

Muito a tempo veio o excellente artigo, que transcrevemos, estigmatisar os abusos que se fazem dos divertimentos do carnaval.

E' muito justo que haja uma parte do anno em que seja permittido á humanidade a folga do espirito em brinquedos que não compliquem a desmoralisação desse espirito.

O balsamo converte-se-lhe em veneno, quando a fonte dos seus prazeres é procurada no seio corrupto do paganismo.

Nas vesperas desse lance augusto do Christianismo, quando os ultimos passos do Redemptor na terra vem reclamar lagrimas fervorosas da creatura remida, é que esta geração viciosa afivela a mascara no rosto e tripudia como selvagem diante da época de penitencia que vae principiar!

Nos dias vindouros de uma nova época christan, serão contadas, com horror, as scenas do carnaval no seculo 19.

REFLEXOENS SOBRE OS DIVERTIMENTOS.

O Christianismo tem a cumprir um dever sagrado para com aquelles que não crem, para com aquelles que duvidam, e para com os que encerram em suas almas os thesouros da religião como herança de bons paes. Os primeiros devem encontrar nas suas paginas aquella argumentação viva e forte, capaz de aniquilar o erro, do mesmo modo que é fulminada a torre que se eleva altiva e orgulhosa no meio de um dilatado e espaçoso campo; os segundos devem ser illustrados com mansidão e doçura; os terceiros finalmente só precisam de ser animados com a consoladora esperança de um premio proporcionado á inalteravel firmeza das suas crenças.

Ha na classe daquelles que não crem, e na daquelles que duvidam um grande numero de pessoas, as quaes, sem se darem ao trabalho de estudarem aquillo que deve ser objecto da mais séria meditação de todo o homem sensato, sem que o exame da religião tenha interrompido por um só instante a doce illusão de seus prazeres, são os seus mais inexoraveis censores, e não duvidam pronunciar contra ella um juizo *sem juizo*. Aquella religião, cujos oraculos nos ensinam, que ha *tempus ridendi*, *tempus saltandi*, *tempus amplexandi*, é accusada, no tremendo tribunal destes doctores improvisados, de professar uma moral rigida, severa, e de não permittir ainda os mais innocentes passatempos.

A religião, como uma mãe disvelada, que se emprega e dedica exclusivamente a procurar a felicidade de seus filhos, que se afflige e estremece á vista dos perigos que os ameaçam, e que os segue e acompanha para toda a parte, porque na sua ausencia vive atormentada pelo receio e pelo susto... — a religião, digo, não nos prohibe senão aquelles que, por um imprudente abuso, podem concorrer para a nossa propria ruina.

A religião santifica a prudencia como uma virtude, porque a imprudencia de um só homem pode ser a fatal causa da ruina de uma sociedade inteira; reprova o luxo, porque póde destruir a fortuna e reduzir á mizeria toda uma familia; santifica a temperança, porque são incalculaveis os males que nos arruinam e que são funestos resultados da intemperança; finalmente esta bemfazeja da humanidade, ao mesmo passo que nos dispoem e encaminha para uma felicidade sem limite, procura tambem desviar-nos de tudo aquillo, de que podemos abusar com detrimento da propria vida, e da sociedade, de que fazemos parte.

Insensatos!

E atrevem-se a levantar sua voz sacrilega contra aquella religião que só pertende evitar-lhes e defende-los dos perigos! Porque não chamam imprudente ao medico que manda prender o enfermo na força do frenesi, receiando que venha a perder em um só instante todo o effeito de um demorado e dispendioso curativo?

Ha na egreja uma classe de pessoas, cujas funcçoens são tão sublimes, que tudo o que fazem digna e perfeitamente em nome de Deus, é reputado feito pelo mesmo Deus. E' por isso que ella, procurando sómente desviar por *meios indirectos* aos seus filhos de certos divertimentos, os prohibe expressamente aos clerigos, por serem incompativeis com a santidade do seu ministerio. No Can. *Hic igitur* dist. 23; No Can. *Presbyteri* dist. 34; finalmente no Cap. *Clerici de vita et honestate clericorum* é prohibido ás pessoas ecclesiasticas assistirem aos espectaculos publicos. S. Carlos no 1.º Conc. Provincial de Milão manda que os clerigos *personati non incedant*. Em harmonia com a doctrina dos Canones está a determinação da Constituição Diocesana, a qual no l. 3.º tit. 1.º const. 7.ª diz « que é indecente aos clerigos usar de mascaras e outros trages deshonestos, fazerem-se jograes e chocarreiros &c. » Nem se diga que os Canones citados já não estão em vigor, e que a auctoridade, não reclamando contra a falta da sua observancia, os tem abrogado pelo tacito consentimento, porque a isto poderiamos responder com um grave escriptor: « Aquelle que defende o seu crime com a auctoridade ou com o costume *magis peccat et magis puniri debet*. Devendo os ecclesiasticos conduzir aos outros pelos caminhos da virtude mais com os seus exemplos do que com as suas exhortaçoens — o Conc. Trid. (sess. 23, cap. 1 de ref.) manda pôr em vigor os antigos Canones a respeito da vida e honestidade dos clerigos, e principalmente *de luxu, commessationibus, choreis, aleis, et lusibus*, e declara aos snrs. bispos — reus de culpa grave, se não restituirem ao seu primitivo vigor aquillo que pela diuturnidade do tempo estiver relaxado.

Que pessimo exemplo não daria aos seculares, como diz o auctor do L.º *de planctu Ecclesiæ* aquelle sacerdote, que, tendo passado uma noite inteira esquecido de tudo quanto é divino, e servindo de escandalo ás pessoas ainda as menos morigeradas, occupado sómente de torpes cogitaçoens, corresse a toda a pressa a celebrar o tremendo sacrificio, e voltasse de novo a sacrificar ao idolo da impuresa! Ouçamos o que a tal respeito dizia S. Pedro Damião: *Recte ne tui erat officii manum Dominici corporis oblatricem, linguam inter Deum et populum mediatricem sacrilegi ludibrii contaminatione fœdari.*

A Egreja tollera a alguns de seus filhos andarem mascarados, e só o reprova áquelles que não o poderiam fazer sem mancharem a sanctidade de seu caracter. As leis civis e a moral publica clamam contra a pratica de certos actos, que não podem ser vistos sem repugnancia e sem escandalo: a ordenação do reino (L.º 5.º tit. 34) defende que nenhum homem se vista nem ande em trages de mulher, nem *vice versa*, a mulher em trages de homem, e nem uns nem os outros andem com mascaras. Esta prohibição tem uma origem mais remota: a legislação dos Hebreus (Deutronomio cap. 22, v. 5.) determina o mesmo e accrescenta: « *abominabilis enim est qui facit hæc.* » Santo Thomaz, explicando este logar, dá a razão em que se funda esta lei: « *occasionem libidini præstat* » (diz elle na quest. 102, art.º 6.)

Não se tolham ao povo os divertimentos licitos; porem não se lhe permittam aquelles que offendem a moral publica, e que repugnam com os bons costumes.

No meio de uma cidade, cujos habitantes professam por convicção as doctrinas do Christianismo, e onde apenas apparece um muito limitado numero de pessoas que deixaram extinguir em seus coraçoens os sentimentos religiosos, não se podem desacatar os actos do culto da religião que professamos, sem que os auctores de similhantes attentados sejam votados á execração publica. A muitas pessoas temos ouvido queixar do procedimento pouco reflectido das pessoas, que tiveram a infeliz e triste lembrança de representar, em nojenta mascarada, o cumprimento de um voto, feito áquelle que tem o poder de enfrear os ventos e as tempestades. E merecerá ser publicamente escarnecido o procedimento daquelle que, — tendo luctado toda uma noite sobre as ondas com a morte, — succedendo-se á noite um dia ainda mais tormentoso, — vendo exhaustas suas forças, e os seus pés proximos a tocarem o limiar das portas do abysmo, abertas para o tragarem vivo, — desesperando do humano soccorro —, implorasse o auxilio do ceo, dirigindo fervorosas supplicas ao Deus dos afflictos, ao Deus de toda a consolação, que nos consola nas nossas tribulaçoens —, e promettendo darlhe um testemunho publico do seu agradecimento se escapasse do naufragio?! Enganaram-se! Julgaram que divertiam pela originalidade da lembrança, e converteram contra si a indignação publica. Pela nossa parte desculpamos tal procedimento, fazendo os auctores delle o favor de o considerar como um acto material, e esperamos não ter o desgosto de o ver repetido nem ensaiados outros similhantes.

Louvamos o zelo com que o ex.mo Prelado da Diocese reclamou algumas medidas da auctoridade civil e administrativa, e esperamos vel-as cumpridas para bem da moral publica.

B. V. de S.

CULPA.

III.

Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, et pulchrum oculis, aspectuque deletabile: et tulit de fructu illius et comedit: deditque viro suo qui comedit.

Genesis. Cap. 3. V. 6.

Adão, primeiro pae da humanidade,
A quem a mão de Deus formado havia,
No fertil Paraizo em paz vivia,
Cumprindo as santas leis da Divindade.

A seu lado a mulher, com lealdade,
O preceito de Deus tambem cumpria:
Em torno d'ambos tudo emfim sorria,
Promettendo eternal felicidade.

Porém do Averno a serpe em raiva accesa,
Vendo os homens gosar tão feliz sorte,
Ciladas arma á feminil fraquesa:

Tenta d'Adão a credula consorte,
Que, victima d'astuta subtilesa,
No pomo, que comeu, tragou a morte.

CASTIGO.

IV.

Ade vero dixit. . . In sudore vultus tui vesceris panem, donec revertaris in terram, de qua sumptus: quia pulvis es, et in pulverem reverteris.

Gen. C. 3. V. 17, 19.

Depois da culpa atroz, funesto crime
A' tentação de Lucifer devido,
Adão, de seus remorsos combatido,
Em vão do atroz delicto a dôr exprime:

A' colera divina não se exime,
Que Deus, em seus preceitos offendido,
Não póde perdoar, compadecido,
Delictos graves contra o Céu sublime.

Fulmina-lhe o Senhor justa sentença,
Sentença, pela qual é condemnado
A nunca mais gosar sua presença:

Sentença, pela qual fica privado
Do goso eterno da ventura immensa
Pr'á qual fôra no mundo destinado.

Vieira.

AO RICO.

Ergueu-se do seu leito de repouso
O rico, sonhador d'aureas empresas,
Seu quarto de tapetes recamado
Rescende o grato aroma das riquesas.

Revê-se nas alfaias ostentosas,
Que da vida lhe doiram a mentira,
Contempla-se feliz no centro dellas
Um instante... talvez... depois... suspira!

Suspira!... e, se consulta a consciencia,
Não sabe donde vem tanta tristesa!
« Não sou — diz elle — amado eu entre os homens?
« Não compra quanto é goso esta riquesa?! »

E o pensamento amargo esvaeceu-se
No coração do rico em anciedade...
Folgou um dia inteiro entre lisonjas,
Achou a distracção na sociedade.

Alta noute voltou, ebrio de incensos
Ao folgado repouso do seu leito...
Longo tempo velou!... não sei que peso
De estranha magoa lhe comprime o peito!...

« Não venho eu de gosar — murmura o rico —
« As delicias, que a terra póde dar-me!?
« Se mais ha que sentir d'emoçoens doces
« Não posso eu ámanhan lá saciar-me!? »

Despertou de manhan, scismou venturas
De novas impressoens; mas, quando scisma,
Perturba-lhe uma nuvem lindos quadros,
Que via por detraz d'um aureo prisma.

Lá estava aquelle triste pensamento,
A sede insaciavel de ventura;
E, ás vezes, um lhe vinha apoz o outro,
Até chegar o extremo — a sepultura!

Então seu coração lhe palpitava,
E amargo desprazer o consumia. . .
Mas, longe a triste ideia! . . . O ouro é tudo!
E á sua invocação nasce a alegria!

E o mundo franqueava-lhe seus gosos,
Baratos de comprar, mas não bastavam
A' sede abrasadora desse rico
Em cujo coração mais requeimavam.

II.

Passava o rico junto ao pobre asylo
D'uma pobre mulher que acalentava
Um livido filhinho, em quanto outro,
Chorando, á pobre mãe pão supplicava.

No rosto desta mãe desciam gotas
De pranto, que é talvez refugio extremo,
Mas tambem o melhor, pois que esse pranto
Converte em alegria o Ser Supremo.

E o rico foi tocado ao vêr tal scena
D'amargura no quadro da pobresa
Um pensamento rapido lhe mostra
Extremos da miseria e da riquesa!

No regaço da pobre a mão do rico
Depõe, para o seu pão, ouro que avulta. . .
Eis um novo prazer de emoção nova
Lhe vibra o coração, e o rico exulta!

Longo tempo lhe vai suspensa a alma
Naquelle estranho lance de piedade. . .
Recorda-se de ouvir, quando creança,
Uma doce palavra — CARIDADE!

A si proprio interroga em que ha sumido
O ouro abandonado ao desperdicio!
Tão barata virtude aquella fôra,
E tão caro comprára tanto vicio!!

Sereno, adormeceu; e, despertando,
A imagem da mulher se lhe afigura,
No meio de seus filhos, que sorriem,
Vendo a face da mãe sorrir ventura.

Vê-os fartos de pão, vê-os vestidos,
Com fervor infantil ajoelhados
Ao pé de sua mãe, que pede ao Eterno
Para o seu bemfeitor annos folgados.

E' novo o seu prazer! Raia a alegria
Naquelle coração gasto de gôso,
Mas perfido gosar, que o fel derrama
Nas sensaçoens do candido repouso.

E' novo o seu viver! Onde a penuria,
Envolta em seus andrajos, geme occulta,
Vereis a mão do rico — a mão d'um anjo
Seguir as expansoens d'alma que exulta.

E' nova a sua esperança! Intimo senso
Lhe diz — que não é balda a CARIDADE;
Estuda o Evangelho, e lá depara
Promessas a cumprir na Eternidade.

E' nova a sua fé! Crê na virtude,
Mas não virtude do amor proprio filha,
Que essa, toda terrena, é van mentira,
Por cujo preço o amor proprio brilha.
. . . . . .

III.

E o rico foi feliz! Passou-lhe a vida
No remanso da paz, e da ventura;
Por fim teve oraçoens, subindo a Christo,
E lagrimas d'amor na sepultura.

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

JANEIRO.

25 Domingo. Conversão de S. Paulo, que, de um frenetico perseguidor da nascente Egeja, se tornou o mais zeloso, incansavel e illustre propagador della, ou (conforme o sentido da prophecia, que Jacob, abençoando a seus filhos, dirigiu a Benjamin, a cuja tribu pertencia Paulo) « de um lobo arrebatador, que fôra na manhã da vida, se transformou em um pastor sollicito em proporcionar ás ovelhas o pasto espiritual de que careciam. » Quanto pode a graça! e quão glorioso é para aquelle que está no erro acudir aos doces chamamentos della!

26. *Segunda feira.* 166. S. Polycarpo bispo de Smyrna e discipulo do Evangelista S. João. Como tinha conversado com alguns dos apostolos, era optimo testemunho da tradição, e por isso foi chamado a Roma por occasião das duvidas que no pontificado de Santo Aniceto se suscitaram a respeito da celebração da paschoa, e alli reduziu á fé alguns, que a haviam abjurado, illudidos pelos heresiarchas Marcion e Valentino. Na quarta perseguição depois de Nero, no meio de uma fogueira, a que foi arrojado vivo, colheu a palma do martyrio.

27. *Terça feira.* 407. S. João, que, em rasão de sua sublime e encantadora eloquencia, foi denominado Chrysostomo (ou bocca de ouro) nasceu em Antiochia. Sendo pelo imperador Arcadio elevado á dignidade de bispo de Constantinopla, em breve incorreu no desagrado, ou antes na indignação de Eudoxia, por isso que elle, não tendo medo ao fantasma *dos respeitos humanos*, se atreveu a increpar-lhe alguns escandalos. Degradado primeira vez, é restituido á sua sé em consequencia de, neste sentido, fazer o povo uma geral sedição, que de certo elle não promoveu. Foi segunda vez desterrado para a Armenia; e quando, em virtude de um decreto do papa Innocencio I, era outra vez restituido á sua sé, os soldados que o escoltavam tanto o insultaram e maltractaram, que, á força de soffrer, morreu. A egreja não o conta entre os seus martyres, mas da-lhe um mui distincto logar no meio dos seus doctores.

28. *Quarta feira.* Trasladação de S. Thomaz d'Aquino. Tendo sido mandado pelo papa Urbano IV para assistir ao Concilio de Leão, falleceu no mosteiro de Fossa-nova no anno de 1274. No anno de 1323 foi canonisado pelo papa João XXII; e finalmente seus restos mortaes foram trasladados para Tolosa no pontificado de Urbano V.

29. *Quinta feira.* E' este o dia designado no calendario romano para festejar a memoria de S. Francisco de Sales, sendo o de sua morte a 28 de Dezembro de 1622. Nasceu na Saboia da nobilissima familia senhora do castello de Sales; e havendo engeitado empregos consideraveis, que no seculo, por suas habilitaçoens de doctor em direito civil e canonico, lhe eram offerecidos, seguiu sua vocação e ordenou-se de presbytero. Logo Granerio bispo de Genebra o nomeou seu coadjutor, empregando-o em prégar pela diocese, onde desgraçadamente o Calvinismo havia feito e fazia proselytos. Era tal a força de seus raciocinios, a uncção de suas palavras e a mansidão, affabilidade e paciencia de seu genio, que converteu setenta e dois mil hereges. Morto Granerio, foi sagrado bispo em seu logar, e não deixou de correr aqui e acolá onde a salvação das almas o chamasse. Foi elle o fundador da ordem de Religiosas chamadas da Visitação. Possuimos delle a preciosa *Philothea* ou *Introducção á vida devota*, a cuja leitura convidamos aquelles que regeitam o christianismo por julgarem pesado seu jugo.

30. *Sexta feira.* Santa Martinha virgem romana, havendo, ainda muito menina, perdido seus paes, animado de uma perfeita caridade christã, destribuiu pelos pobres a grande fortuna de que ficara herdeira. Sendo imperador Alexandre, sómente porque ella recusava

sacrificar aos idolos, lhe fizeram supportar os mais horriveis tormentos, dos quaes sahindo milagrosamente illesa, ainda assim aquelles barbaros não reconheceram a omnipotencia do Deus dos christãos. Mandou finalmente Alexandre que lhe decepassem a cabeça; e desta vez, dando Deus o *combate por heroicamente batalhado*, a levou á gloria do triunfo.

31. *Sabbado*. S. Pedro Nolasco, francez de nascimento, fugindo aos Albigenses que assolavam a sua patria, vendeu os seus predios e se retirou para a Hispanha. Consumindo todos seus fundos em remir os christãos captivos pelos Sarracenos, e não lhe restando já outra cousa mais de que podesse dispor, senão da sua pessoa, estava resolvido ou a vender-se para empregar o preço de sua escravidão no resgate desses infelizes, ou a ir elle mesmo offerecer-se em troca por algum. Foi então que a Virgem co-redemptora dos homens lhe appareceu em visão, dizendo-lhe « que muito agradavel lhe seria e a seu Filho, se em sua honra instituisse uma ordem religiosa, que tivesse por especial obrigação a redempção dos captivos. » De combinação com S. Raimundo de Penaforte e Jacob rei de Aragão, a quem a mesma Senhora tambem apparecera, instituiu pois a bem conhecida ordem, chamada *de Nossa Senhora das Mercês da redempção dos captivos*, cujos membros se ligavam com um quarto voto, que cumpriram, « de se offerecerem em penhor pelos christãos captivos dos infieis. » Pode a philantropia philosophica dar-nos um exemplo que se pareça com esta perfeita abnegação?... Cheio de merecimentos, recebeu o galardão aos 24 de Dezembro de 1256.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

S. *Vicente*. — Foi festejada a sua imagem, na Sé, no dia 20, com grande decencia. Era a musica do snr. Francisco Eduardo, e orou o snr. padre Sousa.

Irmans da charidade. — Na exposição agricula, em Lisboa, receberam-se 530$700 reis de esmolas para estas benefícas filhas de S. Vicente de Paulo. Bem empregadas foram. Oxa-lá que este santo instituto se estendesse a todo reino e com especialidade a Coimbra onde tantos estudantes morrem todos os annos, sem terem, a maior parte das vezes, ao pe de si um só ente que lhes minore as angustias do passamento final, fallando-lhe nas alegrias do ceu.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — O Rever. Mr. Manning, e seu sobrinho mr. Andesdon ha pouco convertidos estam em Roma; e frequentam a faculdade de theologia no collegio romano, para ouvirem as leituras dos sabios jesuitas os PP. Perrone e Passaglia.

— S. Santidade concede 300 dias d'indulgencia a quem rezar uma *Ave Maria* pela conversão da Inglaterra. Tem-se formado — *Associaçoens d'oraçoens para esse fim*. — Os bispos francezes, a pedido do cardeal Wiseman, fizeram preces nas suas dioceses, e por toda a christandade se fazem oraçoens para o mesmo fim. Os nossos compatriotas devem tambem unir as suas oraçoens ás de todos os seus irmãos em Jesus-Christo; porque, além de termos obrigação d'orar pela conversão dos infieis, temos a especial d'orar pela conversão da Gram-Bretanha que tanto podia auxiliar, com os seus meios e influencia, para espalhar a Boa Nova por toda a parte

Sardenha — *A mão de Deus*. — Um rico banqueiro de Genova tinha relaçoens amorosas com uma senhora protestante. O banqueiro, que era catholico, e que decerto pospunha a religião ao amor, accedeu aos desejos da sua amante para que abjurasse o catholicismo, sem o que lhe negava a sua mão. Um sacerdote protestante chamado Bert, foi encarregado de receber a sua abjuração e de celebrar o matrimonio; porem a Providencia não quiz permittir similhante crime, e o banqueiro, antes de poder abjurar, foi atacado d'uma violenta enfermidade que o poz ás portas da morte. Então o futuro apostata entrou em contas com a sua consciencia e morreu cheio de contrição no gremio da egreja catholica.

Bohemia. — Ha em Praga um convento d'irmans da charidade que é uma casa d'anjos neste mundo. Alli não se nega admissão a ninguem: a viuva, o orfão, o pobre e o enfermo, todos alli sam admittidos, e muitas vezes se mandam armar camas extraordinarias, e, quando estas não chegam, privam-se as filhas de S. Vicente de Paulo dos seus logares de repouso. Alli sam educadas raparigas para criadas, que as melhores familias preferem, e que muitas vezes se tornam esposas de honestos e opulentos cidadãos. Os enfermos sam tratados com a maior charidade por aquelles anjos, que só no céu procuram recompensa das suas boas obras. Quando Praga foi tomada d'assalto, ainda se ouviam as descargas de mosquetaria, e já as irmans da charidade disputavam á morte e ás dores as victimas da guerra. Nunca o ocio transpoz aquelles muros. As irmans ora se occupam nas escólas, ora nas enfermarias, ora concertam e fazem roupa para os pobres, ora se occupam em fazer perfumes e preparar aromas que sam vendidos em beneficio dos pobres. Tambem se dam á cultura d'ervas medicinaes que empregam no seu hospital, ou vendem em beneficio do seu charitativo estabelecimento. Vinde cá, homens da rasão e da filosofia, que fazeis vós em beneficio da humanidade que soffre? Nada mais do que aggravar-lhe os soffrimentos com palavras ocas e vasias de sentimento, com utopias irrealisaveis, de que só vem males á humanidade. Dae-me entre todos os vossos um só que se possa comparar com S. Vicente de Paulo? Não o tendes. Nunca o tereis.

Allemanha — *Conversão ao catholicismo* — M. de *Florincourt* publicista distincto e bem conhecido redactor em chefe do jornal monarchico o *Correspondente do Norte*, que se publica em Rostock, acaba d'abjurar o protestantismo e d'entrar no gremio da Egreja catholica romana em Schwerin.

Prussia. — Escrevem de Berlin que se trata de fundar alli um novo bispado catholico.

Hanover. — Tiveram feliz exito as negociaçoens entaboladas para o restabelecimento d'um novo bispado catholico neste reino. Esta noticia produziu muita alegria na provincia de Westfalia.

Hollanda. — Em 13 de Novembro morreu no seu palacio de Duin-Zist, junto de Leyde, o veneravel barão de Wibersbooth, bispo de Curium. Havia nascido em Haarlem em 28 de Maio de 1785; sido ordenado presbytero em Paderborn em 1811; nomiado bispo de Curium em 1832; consagrado em Munster em 1833. Entregou a alma a Deus depois d'uma vida cheia de boas obras. Deixou grande parte de sua immensa fortuna aos pobres da sua provincia e ás missoens estrangeiras.

França. — O novo bispo d'Arras, monsenhor Parisis, membro da ultima assemblea fez a sua entrada publica em Boulogne-sur-Mer no dia 8 de Janeiro á 1 hora da tarde. Era acompanhado de numeroso e bem vestido clero, e das differentes escólas de caridade com seus formosos vestidos, bandeiras e guioens. Seguiam-no tambem as mulheres dos pescadores com seus vestidos domingueiros, e varias companhias de linha e da guarda nacional De todos os lados das ruas se viam flamulas e bandeiras, e numerosos arcos triunfaes, ricamente adornados, sendo digno de menção o dos catholicos inglezes. Estava todo coberto de bandeiras britannicas com a seguinte inscripção: « Viva o S. Padre o Papa, o em.º cardeal Wiseman, e a gerarchia catholica da Inglaterra e Irlanda. Santa Maria e S. George protejam a Inglaterra » O snr. bispo atravessou as ruas principaes, deitando a benção aos numerosos expectadores; e na egreja de S. Nicolau fez um optimo sermão, retirando-se depois ao seu aposento.

— O bispo de Soissons e Laon restabeleceu a lithurgia romana na sua diocese.

Hispanha — Em virtude da concordata com a S. Sé expediu-se ordem em 14 de Janeiro aos respectivos diocesanos para a admissão e profissão de noviças nos conventos de freiras.

Inglaterra. — O synodo provincial de todos os bispos inglezes, ha tanto tempo esperado, está annunciado para 6 de Julho do corrente anno, e provavelmente se reunirá em Oscott-College. Ahi se discutirão e approvarão *importantissimas* proposiçoens para o aperfeiçoamento da gerarchia recentemente estabelecida, bem como outros pontos de disciplina ecclesiastica.

— Os habitantes de Chelsea subscreveram com 113 soberanos para a creação da Universidade catholica na Irlanda.

— No dia 19 de Janeiro houve uma interessante reunião na capella catholica em Rosamond-street, em Clerkenwel para promover a educação religiosa e moral dos meninos pobres, nas escólas dependentes daquella missão, e para annullar os insidiosos esforços que fazem os protestantes para perverter a mocidade. Adoptaram-se 3 resoluçoens á voz do dr. Morris bispo de Troy: 1.ª que se devia promover a educação dos meninos pobres; 2.ª que se deviam fazer collectas semanaes para esse fim; e 3.ª que os que se teem empregado até agora nesse mister sam dignos de louvor. Estas escólas estabeleceram-se em 1851, e não menos de 520 meninos receberam nellas o sacramento da confirmação, e 400 fizeram a sua primeira communhão.

— No dia 22 reuniu-se a commissão da Universidade catholica, composta de varios prelados e doctores, e depois de se lerem varios communicados da America e outros pontos animadores da grande obra, deu-se conhecimento de que os donativos no mez de Dezembro haviam sido 1,155 soberanos.

— Em Manchester precisam-se escólas para 200$ meninos, e caritativos sacerdotes e seculares procuram meios para as estabelecer e para ajudar as que já sam dirigidas pelos irmãos de S. Francisco Xavier. Tambem hia converter-se em egreja um magnifico edificio, e havia de ser benzida pelo cardeal Wiseman. Os catholicos offereceram explendidas vestimentas ao seu bispo. Esperam-se a todo instante da Belgica 6 freiras da ordem de S. Francisco Xavier para regerem uma escóla no bairro de Santo Agostinho.

— Em York abriram-se as escólas de S. Jorge no dia 19. Tem agora os catholicos escólas para ambos os sexos, escólas de caridade para os pobres, e escólas da infancia. As piedosas freiras do convento de Santa Maria incumbem-se da educação feminil tanto no convento como nas escólas de Walingate. O excellente vigario geral e muitos bemfeitores seculares concorreram para esta obra, que presta aos chefes de familia optima educação religiosa e moral para seus filhos. Os pobres sam instruidos e tambem alimentados, debaixo da direcção da irmandade de S. Vicente de Paulo. Esta irmandade collige fundos para este fim e para soccorrer os pobres em geral, e já tem feito abundante colheita.

— *Associação da defesa catholica.* — O bispo d'Halifax, o seu clero, e 1000 catholicos enviaram 100 soberanos á commissão permanente. Esta associação tem por fim centralisar os esforços dos catholicos para se opporem ás sinistras tentativas dos protestantes contra a religião catholica romana.

— Um presbytero não quiz celebrar missa em uma capella, em quanto não sahisse um policia reconhecido por franc-maçon, e não querendo este sahir, sahiu o presbytero com os fieis e foi dizer-lhes missa no meio d'um campo.

— O *Tablet* publica uma carta de lord Vaux de Harrowden, suggerindo a formação d'um club catholico em Londres, por occasião da abertura da proxima sessão do parlamento.

— *Missa de Natal.* — Foi celebrada com grande solemnidade em todas as egrejas e capellas de Londres.

— Na egreja protestante de S. Martin's-in-the-Field houve serviço divino á meia noite, havendo grande concurso pela novidade do successo. Houve quem estranhasse uma tal aproximação do catholicismo. O parocho é discipulo do dr. Pusey, d'Oxford, cuja escóla tem conduzido ao aprisco catholico os membros mais conspicuos do clero anglicano. Altos juizos de Deus!

— *Missão dos PP. Redemptoristas.* — Seis PP. desta congregação hiam fazer uma missão, de 3 semanas, na capella de Opas-Hill com permissão do prelado diocesano, e s'esperava a abundante colheita das anteriores.

— *Conversoens.* — Nos dias 21 e 22 baptisaram-se mais de 20 convertidos na capella de Santo Antonio. Toda a sua vida tinham sido protestantes e foram convertidos em uma missão dos Passionistas. Eram todos pertencentes ás classes inferiores da sociedade, mas pessoas mui respeitaveis na sua posição. Estes com centenares d'outros aproximaram-se á sagrada communhão.

Irlanda. — Em 1847 foi fundado o convento de Santa Maria nas montanhas de Partree. E' da ordem de S. Francisco, e foi-lhe dotado o territorio por Mr. Moore. Alli appareceram primeiro Fr. Boaventura e Fr. Silvestre e depois outros frades e sem real. Ajudados pelos montanhezes, e trabalhando elles tambem conseguiram fazer aquella casa em um sitio romantico. Empregam-se nos deveres religiosos, na educação da mocidade e na cultura da sua cerca. Contrahiram a obrigação com o arcebispo de Tuam *de dar alimento a todos os que lh'o fossem pedir á portaria;* e nem ainda nos annos de mais fome teem faltado a este dever, abençoando o Senhor o trabalho de suas mãos. Vêde, homens sem coração, do que nos privastes, e do que ainda nos estaes privando!

Grecia. — Morreu M. Blancis, bispo catholico romano de Syra, na Grecia, cuja sede occupou por espaço de 28 annos, durante os quaes fundou capellas catholicas em Athenas, Pyreu, Nauplia e Patras. Succedeu-lhe M. Alberti.

Turquia. — O sultão assistiu a um casamento catholico, para obsequiar os noivos, o que fez grande sensação. Durante toda a ceremonia conservou-se o sultão em pé com o maior respeito e gravidade, dizendo que assim devia estar o homem na presença do Todo Poderoso. Altos juizos de Deus! Quem nos diria que o Sultão havia de dar liçoens destas a alguns tafues que vemos nas egrejas em conversas e risotas continuadas, apesar de serem catholicos, ou pelo menos christãos como alguns a si mesmos se denominam.

Asia. — India. — No *Examinador* de Madrasta de 7 de Novembro vemos que um rapaz indio abandonou os erros do paganismo e a sua familia, e se dirigiu ao seminario ecclesiastico de Caroomuthumputty aonde foi recebido no seio da egreja. E' um modelo de piedade, já tomou tonsura e ha-de fazer um excellente sacerdote. Já trouxe a sua familia ao verdadeiro aprisco. Era ella da casta nobre e trocou todas as vantagens da sociedade pela desconsideração e até mesmo perseguição dos seus. Em Darapoorum receberam o baptismo outros quatro gentios, e uns 20 em Ootacamund. Isto na realidade consola e nos dá boas esperanças para o futuro.

Arabia. — No *Examinador Catholico* de Bombaim encontramos a seguinte carta, dirigida ao reverendissimo fr. Ignacio: — « Reverendissimo snr. Na presente opportunidade tenho o praser de vos informar de que no dia 14 do corrente recebi no seio da egreja catholica um capitão de navios chamado Henrique Johnson. Tinha feito tres viagens de Mauricia a Aden, conduzindo sempre gratuitamente missionarios catholicos. Por intermedio delles tinham-se convertido á fé e baptizado 17 marinheiros do capitão Johnson. Conduziu á ilha de Leichelly um capuchinho chamado fr. Leone, que durante o tempo que alli residiu, coisa de 17 dias, baptisou 3000 pessoas, que apesar de serem catholicos de nascimento haviam estado inteiramente privadas de sacerdote por espaço de 60 annos. O capitão Johnson foi testemunha ocular da perseguição a que esteve sujeito fr. Leone, e da sua charidade e resignação á vontade de Deus. O capitão tendo voltado outra vez a Aden, expressou-se-me do seguinte modo: « Não posso resistir por mais tempo; quero ser catholico. » Ficou tão contente de ser catholico que ouvindo um protestante jactar-se, na minha residencia, da religião que professava, disse-lhe, « tambem eu hontem era protestante, porem hoje sou catholico, e folgo de o ser; e, voltando-se para mim, pediu-me que me não esquecesse d'escrever para Bombaim, e que fizesse publicar a sua conversão nos jornaes daquella cidade. — Sou, reverendo snr., vosso obediente servo. *Luis Stuarla*, R. C. Capellão — Aden, Outubro de 1851.

DECLARAÇÃO.

As cartas, que não venham francas de porte, não sendo dos correspondentes do periodico, não se recebem.

Roga-se aos snrs. assignantes, que não tem pago ainda, que se dignem fazelo, segundo a condição do prospecto.

FEVEREIRO 7. 1852. — N.º 6.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DO PAPA E DO SEU PODER TEMPORAL.

Refutação ao artigo que com aquella epygrafe foi publicado nos numeros 4 e 5 da "Peninsula" jornal litterario do Porto. (*)

I.

Ha uma fantasia original nos innovadores socialistas destes nossos dias, e é de si tão nebulosa e desapegada, que, por força de consciencia, ou lhe havemos de chamar *fantasia*, ou cahiremos no desagrado de chamar-lhe *nada*.

A gente, de boa fé, forceja por atinar-lhe com a medula dos systemas, dá-se penas e vigilias em rebuscar-lhe o bocadinho do ouro no fundo do cadinho das utopias, e topa o pó volatil d'um malogrado cansaço d'alchymia politica.

O peor de tudo são as incoherencias que formigam no trabalhoso contexto de qualquer livro, de qualquer artigo, de qualquer pensamento, atirado para o abysmo profundo de theorias, que diariamente passam entre nós, senhoris e tumidas do seu bojo de palavras.

Se abris um livro, se estudaes um artigo, se dissecaes um pensamento dessa prodigiosa bybliotheca de modernos civilisadores, mostra-se vos logo a idea inspiradora de seus systemas, e vêdes o disvelo incansavel e fervoroso de todos elles, resumindo na palavra ASSOCIAÇÃO todas as venturas constituintes da felicidade do povo.

Associação industrial, associação agricula, associação commercial, associação mercantil, associação litteraria, associação á luz do dia, associação nas trevas da noite... é tudo associação, menos *associação religiosa*.

Nisto, manda a razão confessar, que não são contradictorios os que se intitulam *amigos do genero humano*.

Apostados em desviar os discipulos da escóla estacionaria d'um espiritualismo sobre-humano, convem aos mestres faze-los *carne*, resumir-lhes a vida nos sentidos, escravisa-los ás sensaçoens externas, e materialisa-los em fim.

A unidade religiosa, o enlace mutuo de uma fraternidade evangelica, era-lhes um embaraço espinhoso, a não terem á mão a alavanca da impostura com que arrazassem o edificio da Egreja, cantando um hosanna mentiroso ao Christo civilisador!

Segundo elles, as mil e uma associaçoens do progresso não podem funccionar no centro do Catholicismo. E' necessario desconjuntar as columnas da Egreja para construir a assemblea dos operarios. E' necessario afastar o fantasma do sacerdote das portas dessa assemblea para não assustar a mão laboriosa do artista. Em fim, é necessario dizer ao vigario de Christo na terra, que a sua missão está cumprida, desde que o Eterno chamou Luthero a continuar a sua obra regeneradora.

A satisfação destas urgentes necessidades é altamente reclamada pela *Peninsula*, jornal de letras, e por mais de mil vozes, entre as quaes o articulista da *Peninsula* é um vagido de creança.

Custa-nos a tarefa de lhe analisarmos o artigo, e pesa-nos a pobreza de uma certa linguagem doce e humilde, que vá, senão capacitar verdades novas ao adversario dos papas, ao menos ferir-lhe de leve o seu orgulho de livre pensador.

A *Peninsula*, visando a um alvo muito remoto, foi collocar-se muito longe para assestar a sua bateria ao vulto respeitavel e indistructivel da Egreja.

Conta-nos a indole dos povos orientaes, propensa ás ideas do absoluto e do infinito, e dessa propensão explica a immobilidade nas instituiçoens *puramente theocraticas* dessas naçoens

A theocracia, bem definida por *Bergier*, é o governo em que o proprio Deus é immediatamente auctor das leis civis, politicas e religiosas, sem que a nação, regida por ellas, esteja privada, de crear leis para os casos não providenciados.

Os judeus foram uma nação theocratica, e desde o momento que a lei velha é vasada nos moldes do Evangelho, as naçoens christans são theocraticas tambem.

O genio oriental não se estrema das propensoens universaes. O redactor da *Peninsula*, nascido em paiz catholico, onde os codigos de moral são affeiçoados pelo molde evangelico, está subordinado ao regimem theocratico, a não contradizer uma sua confissão, que textualmente vamos copiar, para collocarmos o Evangelho na sua divina origem.

« Jesus-Christo em pessoa havia instituido o papado, confiando « a Pedro e seus successores, a guarda da sua grei... »

A grei de JESUS-CHRISTO é estes cento e oitenta milhoens de catholicos, dispersos na face do mundo, e sujeitos ao principio divino de todas as legislaçoens derivadas da fonte divina.

A intenção, porém, da *Peninsula* applicada á palavra « theocracia » é dolosa e calculada. *Governo de padres.* Ei-la aqui em toda a sua nudez: mas ainda assim — industriosa, e má. Os egypcios, os syrios, caldeus, indios, persas, gregos e romanos, não conheceram primitivamente o ministro civil funccionando em repartição diversa do ministro religioso. As funcçoens religiosas e politicas correram parelhas sob a direcção do homem do culto, em quanto as funcçoens da realeza e do sacerdocio se não complicaram pela multiplicidade dos povos.

Queixa-se, porem, *ella*, de que as instituiçoens religiosas do oriente careçam de vida e animação, ao passo que nas Egrejas da Grecia tudo respira vida, actividade, e progresso. Em linguagem mais lhana equivale a dizer

(*) Desde a fundação do CHRISTIANISMO, tencionamos encadear os assumptos dos primeiros artigos n'um tratado consecutivo sobre as provas da nossa santa e augusta religião. Pozemos de parte o artigo TRADIÇÃO, para substituirmos este, que não fará perder a inteireza logica do nosso pensamento.

— que a Egreja catholica é estacionaria, enferma, e retrograda, ao passo que a scismatica abunda em *actividade*, *vida*, e *progresso*.

Estas trez prerogativas na Egreja, constituem a felicidade das naçoens, ou não constituem. No primeiro caso a Grecia deve ser um povo feliz: no segundo a Europa catholica deve cantar as suas prosperidades, em quanto a Grecia lamenta as suas desgraças. E se nada ha de cummum entre o progresso da Egreja e o progresso das naçoens, que importa o poder temporal do patriarcha de Constantinopla, ou o poder temporal do Summo Pontifice? Que importa o progresso na civilisação do sacerdote, ou que importa a immobilidade das instituiçoens theocraticas na Egreja do Oriente? Importa muito: — disse-o um homem das ideas da *Peninsula*, disse-o *Bordas-Demoulin* com a energia d'uma convicção atrevida:

« A Egreja só tem um inimigo real.... é o clero, que a perde « pela sua ignorancia e sua preoccupação, obstinando-se a suppôl-a con- « traria á sociedade nova, e incapaz de viver com os governos li- « beraes. Que o clero comprehenda e professe a civilisação mo- « derna, e todo o mundo cessará de atacar o catholicismo. » (*)

O catholicismo, porem, rachitico de vida, tropego d'acção, e moròso no seu caminhar para esse sonhado mundo, onde a lampada da civilisação jorra inundaçoens de luz, não pode ir onde tão depressa chegou a Egreja grega, com a sua exuberancia de vida, e progresso, e actividade.

Vamos, pois, cravar olhos de inveja nesse mar de delicias em que se revolvem os gregos.

Gemem ha vinte seculos nas algemas da servidão. Senhor e escravo—é o laço que prende o homem ao homem fóra da familia. « O grego collocado entre a cimitarra, e o bastão do bachá — diz o *conde de Maistre*— mal se atreve a respirar. Nada lhe é seguro, nem ainda a mulher com quem cazou. Esconde o seu thesouro, esconde sua filha, esconde atê a fachada da sua casa, se ella pode trahir o segredo da sua riqueza. Lá não são possiveis tractados, convenios, ou tranzaçoens. Os dous sexos não se atrevem a olhar-se. Olham-se, tremendo, como entes d'uma natureza opposta, que o creador separou para sempre.. » E depois a idea da independencia e da soberania extinctas para sempre, e um estreito circulo de ferro a marcar-lhe a acção d'um patriotismo impotente!...

Esta é a Grecia, illuminada pela suave civilisação d'uma Egreja com vida, com actividade, e com progresso!

Os homens de razão que escolham entre o christianismo rude e amortecido dos catholicos romanos, e a civilisação rapida e activa dos scismaticos gregos.

Camillo Castello-Branco.

JEZUITAS.

II.

O PENITENTE.

E' corajosamente sustentada a mentira: os accusados condemnam-n'os sem os ouvirem; e os accusadores accreditam-n'os sem os examinarem.

S. Basilio, *discurso X — sobre a inveja e o odio....*

Na corte de castella soava um nome celebre, e a esse nome succedia uma historia de heroismos, que promettia, nos fastos da Hispanha guerreira, a mais gloriosa das suas paginas.

Este nome despertava a anciedade de conhecer o guerreiro de Pamplona, de engrandecêl-o ás alturas do fastigio mundano, e, por ventura, de saudal-o no verdor da existencia, como homem fadado por altos destinos do ceu.

Este homem era Ignacio de Loyola.

Perguntavam os gentis-homens pelo seu irmão das batalhas; as damas pelo brioso amador das suas virtudes, e, entre tantas, que lhe adoravam o prestigio das glorias, uma ahi havia, que lhe jurára o amor immaculado d'aquellas eras, quando o joven soldado, dentre as pilastras douradas dos saloens de Madrid, fôra, ebrio de enthusiasmo, sorver uma vida nova de emoçoens no ar agitado pelos estandartes de guerra.

Ignacio de Loyola tinha morrido para esse mundo que o desejava engrandecer nos perfumes do respeito, e para essa mulher que lhe abria o coração como thesouro de recompensas para tamanho valor.

Não o busqueis entre vós, grandes d'Hispanha! Desfolhai essas flores d'um dia, formosas da corte, que a fronte do penitente vão os espinhos da contricção horrifal-a d'um sangue, onde não medram as vossas grinaldas mundanas! Buscai-o aos pes da virgem, mas virgem dos ceos, consolação dos que choram, coração sem macula, mas aberto ás maculas do peccador, como taça divina em que as culpas do homem contricto são postas na presença de Jesus Cristo!

Ignacio, acompanhado de dous servos, sahira furtivamente do castello de seus paes.

Avistando o mosteiro de Montserrat despediu essa pobre comitiva, e bateu á porta daquelle mosteiro, com o fervor de homem, que vae ali dentro vestir as armas indispensaveis para um grande triunfo.

O seu passado, inquieto de paixoens, e ambicioso de palmas, colhidas entre cadaveres, contou-o elle ao primeiro monge, que podesse prometter-lhe o ceu, em nome de lagrimas, não choradas de balde aos pés do que perdôa em nome do Senhor.

Seguiu-se-lhe uma noite de sentimentos indefiniveis para nós, homens d'uma fraqueza viciosa, que não alteamos do baixo de nossa miseria o pensamento ignobil aos arrobamentos d'uma devoção fervente!

Ignacio de Loyola velou as armas aos pés de uma imagem da virgem. O clarão da manhan coou-se pelas frestas do templo sobre a fronte penitente do cavalleiro. E quando as portas do sanctuario eram abertas aos peregrinos que vinham, o homem das batalhas depõe aos pés da Mãi do Redemptor a espada das suas lides gloriosas, e sobre os hombros d'um mendigo o manto dourado de gentil-homem.

Para aquelle corpo macerado por contusoens da guerra ha, desde aquelle instante de abnegação prodigiosa, uma cadeia de ferro que lhe cinge os rins, um cilicio que lhe roxeia as carnes, e um manto de saco, que veda aos olhos dos homens esse martyrio occulto que lhe flagella o corpo.

Ignacio estende a mão de mendigo á porta da caridade, e encontra, muitas vezes, o ultrage do abastado, que o manda curar d'outro mister de vida.

Em 1522, esse portento de sacrificios, pedia, na cidade de Manreza, o miseravel gazalhado d'um hospital de mendigos.

Amparado naquella vida, que parecia extinguir-se, antes que o homem de Deus saciasse a sua sede, Ignacio de Loyola, a seiscentos passos de Manreza, depara um rochedo cavado. Viveu ahi a vida de um anno de austeridade, alimentando-a com o raro pão e agua da caridade, e com a abundancia da graça de Jesus Christo.

Foram terriveis as suas angustias. « Deus remuneroulhas com usura. Ignacio, cortesão, homem de prazeres ou soldado, carecera tempo e vontade para indagar a sciencia dos livros. A sciencia dos homens, difficil entre todas, foi-lhe revellada. O mestre, que devia subministra-la a tantos outros, foi instantaneamente formado por uma illuminação divina. Compoz o livro dos *exercicios espirituaes*, obra, que tanto diz da sua vida, e que tamanho fulgor reflecte na historia de seus discipulos. » (1)

Livro inspirado, exaltação d'um santo a quem o seio de Deus se abria no mais augusto de seus mysterios, os *exercicios espirituaes*, na bella expressão do padre Jouveney, produziram tantos sanctos quantos foram os seus leitores.

Haviam ahi paginas onde a mão de Deus escrevera — deixai-nos assim fallar — o segredo da sua divindade, durante oito dias que Ignacio de Loyola, apparentemente morto, mergulhava os olhos do espirito no oceano infinito

(*) *Melanges* — pag. 427.

(1) Cretineau — Joly — Histoire — T. 1 pg. 18.

dos mysterios celestes. E que é dessas paginas? Ninguem as leu. A mão moribunda de Ignacio de Loyola, lançou-as no fogo, e o braço da Providencia não as salvou em proveito dos homens!

No resto precioso dessa serie de visoens profundas, e esperanças proficticas, transpira a conversão do peccador, a aspiração do justo, e um não sei que, que « força o homem a sahir do mundo, e o deixa palpitante de temor e de esperança entre as mãos de Deus. » (2)

O resumo da sociedade de Jesus, cujo instituidor era ainda um possivel na intelligencia do Omnipotente, escreve-o Ignacio de Loyola, nesta sublime contemplação de um rei da terra, chamando ás armas os seus vassalos:

« Imaginei, e figurei ante meus olhos um homem, que a escolha do proprio Deus collocou no throno, e a quem todos os principes e povos christãos devem respeito e obediencia. Imaginei ouvir tal rei fallando assim a todos os seus subditos: Desejo curvar ao meu imperio todas as regioens dos infieis Quem quizer seguir-me deve, pois, dispôr-se a não ter outro vestido, nem outro alimento que eu não tiver; em uma palavra: viver como eu. Que se prepare para os mesmos trabalhos, para supportar as mesmas vigilias e correr, comigo, os mesmos perigos. Com taes condiçoens, participando da minha victoria, quinhoará mais ou menos da minha gloria e da minha felicidade, segundo o seu merito de zelo e coragem em seguirme nos perigos e trabalhos. »

Seguiu-se outra visão: Lucifer desenrola o seu estandarte, e recruta a hoste dos seus escolhidos. Jesus Christo, em frente do principe das trevas, elege os fortes para o seu dia de triunfo.

Ignacio de Loyola era o profeta, que os inimigos da sociedade de Jesus, os soldados do anjo rebelde, não ouviram no ardor da sua peleja, apregoar-lhe a sua sentença dois seculos antes.

Camillo Castello-Branco.

Por suas necessidades espirituaes e materiaes reclama a sociedade o restabelecimento de algumas Ordens Regulares.

III.

Aquelles que são ministros de uma religião, entre cujos dogmas avulta um, que diz « que todos os homens são eguaes perante Deus, e que aos olhos deste supremo imperante não ha outra distincção senão aquella que deriva do merito e da virtude » — aquelles, cujos estudos particulares eram eminentemente constitucionaes, não podem por forma alguma antipathisar com as ideas d'uma verdadeira e bem entendida liberdade.

A opposição pois que os frades fizeram aos chamados liberaes, e que não foi tão grande nem tão variadamente exercida como de má fé se apregoou, deve referir-se, não tanto á constituição, como á irreligião, que se lhes antolhava por detraz della. Os frades sabiam a historia dos fins do seculo passado; tinham algum conhecimento das subversivas obras de Francisco Maria Arouet; pelo contexto dellas vieram a inferir que no vocabulario dos filosofos desta eschola a palavra *superstição* significava o mesme que *catholicismo*; na correspondencia secreta do rei filosofo ao mesmo Voltaire leram elles, depois que em 1788 a corte de Berlin se dignou publical-a, um sonho que principia assim: « *Remetto-vos um sonho, que poderá darvos, por um instante, uma surpesa agradavel. . . . O papa e os frades seguramente vão acabar: sua queda não será obra da rasão, mas perecerão á proporção que as finanças das grandes potencias se arruinarem. Na França, esgotados que sejam todos os expedientes para obter dinheiro, se verão obrigados a secularisar as abbadias e os conventos; este exemplo &c.* (O que elle não sonhou! e o mais é que parece que estava acordado!) Conclue o sonho: « *e terminarão por ter cada um em seu reino, como seu idioma particular, assim tambem sua respectiva religião.* » Os frades recordavam-se com horror das scenas ensaiadas em Pariz, do anno de 1792 a 1793, pelos discipulos do mesmo patriarcha de Ferney: a um tempo se reproduziam em sua fantasia perturbada o espectaculo tragico de um rei bondoso, innocente e todo dedicado em promover a felicidade do seu povo, levado pelo mesmo povo ao cadafalso! e a comedia torpissima, em que a actriz Maillard, inaugurada *deosa da razão* pelo impio Chaumette, era, em arremedo de uma procissão religiosa, levada em um andor por uma turma de insensatos capitaneados pelo mesmo Chaumette, que acabava de fazer ás sagradas imagens o que nem os mesmos Iconoclastas haviam feito!!! Ora, os frades recordavam-se de tudo isto; e sabendo que, tirado um ou outro que cooperaria de boa fé, os mais influentes para a revolução de 1820 liam pela mesma cartilha, os suspeitaram, e ninguem dirá que foi temerariamente, mais ou menos eivados das mesmas doctrinas. Eis a rasão, eis o objecto da antipathia.

Mas supponhamos, embora, os frades inimigos natos de todas as instituiçoens liberaes. Que podem elles fazer contra vós?

Influir com dinheiros para alguma revolução?

Nem no tempo, em que os mosteiros tinham essa seductora opulencia, elles concorreram por tal modo para revolução alguma (ao menos que nós o saibamos, nem ainda suspeitemos; e não se poderia isto fazer com tanto segredo, que não transparecesse alguma cousa aos olhos mesmo de quem não fosse muito espreitador.) Nem em epocha alguma podia haver avultados dinheiros em cofre, porque se grandes eram os rendimentos, grandes eram tambem as despesas na sustentação de uma numerosa communidade, assiduos hospedes e diaria pobreza. E quando mesmo no fim dos triennios, por mais regrada economia ou melhores preços, houvessem accrescimos, é notorio que cousa nenhuma se enthesourava, mas que, deixados aquelles depositos que eram de costume em cada casa, o resto se despendia em extraordinarias caridades. Ora, se, mesmo nesses tempos que lá vão, elles, por esta parte, vos não deveriam inspirar receios, hoje podereis dormir a somno solto, porque só lhes podereis restituir uma subsistencia mesquinha.

Prégando?

Em todas as epochas foi reprovada pela maioria dos frades, a profanação que alguns enthusiastas faziam do pulpito, convertendo-o em uma cadeira de politica. Mas hoje nenhum se atreveria a fazer isto contra vós, porque em qualquer aldeola lá estaria um juiz eleito para o autoar e um regedor para o levar á cadeia.

Confessando?

Verificam-se aqui as mesmas rasoens que a respeito do prégador; por quanto não tem o penitente a rigorosa obrigação do sigillo que liga ao confessor, e assim, pelo risco de ser delatado, nenhum se atreveria a fallar em politica, a não ser a penitente que já soubesse pertencer á mesma communhão; e para fallar a estes não se precisa da occasião da confissão.

Senhores, desenganai-vos: todos temos opinioens, porque todos temos uma rasão; as opinioens não se imperam, modificam-se sim, e mesmo se mudam, conforme variam as premissas. Restabelecei os frades, e tereis removido uma das premissas que vos são desfavoraveis.

Mas como hade ser o restabelecimento e dotação?

MORTE D'ABEL.

V.

Cumque essent in agro, consurrexit Caim adversus fratrem suum Abel, et interfecit eum.
Gen. Cap. IV. v. 8.

Abel, filho de Adão, sacrificava
A Deus, que os sacrificios recebia;
Mas o mesmo ao irmão não succedia,
Que Deus, sendo elle mau, lh'os regeitava.

Com isto cada vez mais se augmentava
A raiva, que o traidor n'alma nutria,

(2) Idem.

A ponto, que tentou matar, um dia,
A sede de vingança, que o matava.

Eis, que o impio, astuto em falsidade,
A remoto logar leva illudida
A victima infeliz da atrocidade!

Ahi, sobre ella cahe mão fratricida
Do reprobo Caim que, sem piedade,
Sem remorsos, sem dôr, lhe arranca a vida!

A ARCA.

VI.

Ecce ego adducam aquas diluvii super terram, et interficiam omnem carnem, in qua spiritus vitæ est subter cœlum. . .

Ponam que fœdus meum tecum; et ingredieris arcam tu et filii tui. . .

Gen. C. VI, v. 17, 18.

Do mundo vendo Deus a corrupção,
E as maldades, que o homem commetteu,
Que tudo, tudo emfim se perverteu
Té quasi á derradeira geração:

Querendo castigar a ingratidão
Daquelles, a quem tanto protegeu,
Em sua alta vontade concebeu
Dos homens a geral destruição.

Mas desta lei severa exceptuou
Noé, sancto varão, que em puro amor
Por Deus constantemente se abrasou,

Mandando que elle fosse o constructor
Da arca, onde a final o preservou
Das furias do diluvio assolador.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

FEVEREIRO.

1. Domingo. *S. Brigida* V. natural da Escocia, e filha de uma pobre escrava, tão requestada era por causa de sua descommunal formosura, que, como a um novo inimigo de sua salvação, lhe fez a porfiada guerra de jejuns, maceraçoens e todo o genero de penitencias; e procurando assim augmentar aquella bellesa de espirito, que só agrada ao Celeste Esposo, a quem se destinava. Pediu-lhe até, e impetrou o perdimento de um olho, o qual tornou a recuperar, logo que em um convento de freiras, em que foi admittida, esteve ao abrigo das seducçoens do mundo.

Item. *S. Ignacio*, B. de Antiochia foi preso durante a perseguição de Trajano; e conduzido a Roma, foi condemnado a ser devorado pelos leoens no anno 107. Restam-nos delle seis epistolas, que são preciosos documentos da doctrina e disciplina da primitiva Egreja, e nos quaes achando os protestantes a condemnação de muitos de seus erros teem empenhado toda sua má fé em os convencer de apocryfos.

2. *Segunda feira.* Festa da Purificação de Nossa Senhora, chamada tambem das Candeias e da Presentação de Jesus Christo no Templo. No Exodo c. 13, v. 12 estava determinado « que se offerecessem a Deus todos os primogenitos »; e no Levitico c. 12 « que todas as mulheres fossem reputadas immundas, por 40 dias sendo varão o filho, e por 80 sendo femea; e que ao cabo deste tempo se appresentassem com certa offerenda á entrada do tabernaculo do Testemunho etc. » A Santissima Virgem, sem embargo de haver concebido por um modo todo sobrenatural, todavia não quiz eximir-se da lei ordinaria, e lá vai ao Templo presentar seu filho e sujeitar-se á ceremonia da purificação. Alguns escriptores persuadiram-se que esta festa fôra introduzida na Egreja sómente no anno 542 por occasião de uma peste que desolou Constantinopla; porém S. Gregorio de Nyssa, que morreu no anno 396, escreveu um sermão de *occursu Domini*, no qual diz « que é a *festa* do dia em que Nosso Senhor e sua Santa Mãe foram ao Templo levar a victima prescripta pela lei. » Ora a palavra *festa* não teria cabimento em uma homilia, que tivesse sómente por objecto explicar um logar do Evangelho. O que póde suppor-se é, que na Egreja do occidente só começasse a celebrar-se em tempo de Justiniano, por occasião da sobredita calamidade.

3. *Terça feira.* S. Braz, que em attenção a suas grandes virtudes foi elevado á dignidade de bispo de Sebaste na Armenia, sua patria. Pelo anno 302, em que a cruel perseguição de Diocleciano principiou a atear-se, teve de fugir, e escondeu-se em uma gruta do monte Argeo; encontrado alli por uns soldados que andavam caçando, foi conduzido á presença do presidente Agricolano, o qual, sobre a recusa de sacrificar aos idolos, o mandou primeiramente lacerar com pentes de ferro, e por ultimo cortar-lhe a cabeça. E' venerado este sancto como especial advogado para as affecçoens de garganta, em rasão de um milagre que, em galardão de sua virtude, operou Deus na pessoa de um menino, que com uma espinha atravessada e cravada na garganta foi trazido, quasi expirando, á prisão onde estava S. Braz, e pelas oraçoens delle desappareceu logo a espinha, que não podera ser extrahida por algum artificio humano.

4. *Quarta feira.* S. Andre' Corsino nasceu em Florença da muito nobre familia deste apellido. Depois d'uma juventude um tanto estragada, tocado da divina graça, vestiu o habito dos carmelitas, e resistiu heroicamente a todas as seductoras tentaçoens, que o demonio costuma empregar principalmente para com aquelles, que elle julga já seus, e que lhe fogem. Eleito depois bispo da Egreja Tesculana, elle, por se reputar indigno, se escondeu, e sómente acceitou, quando o milagre de um menino, fallando pela primeira vez e delatando o logar onde estava occulto, lhe fez vêr que Deus expressamente o chamava ao Episcopado. Rico de merecimentos entrou no Céu no anno de 1373.

5. *Quinta feira.* S. Agueda V. M., natural de Catania, ou como outros querem de Palermo na Sicilia, padeceu o martyrio na perseguição de Decio, pelo anno de 250. Quinciano, Pretor da Sicilia, ardia em amor por ella; e vendo frustrados os varios artificios empregados para seduzi-la, trocou em furor o amor, excogitando torturas que lhe fizessem o martyrio, o quanto era possivel, doloroso, e descendo mesmo á abjecta barbaridade de mandar-lhe amputar um dos peitos; não teve porém o gosto de ouvir-lhe soltar um ai, antes, naquella firme e impavida linguagem, de que achamos muitos exemplos nas actas dos Santos Martyres, lhe ouviu elle uma increpação bem eloquente por esta ultima tyrannia.

6. *Sexta feira* Chagas de Christo. E' esta uma festividade ao mesmo tempo jubilosa de lucto para o christão, a quem por uma parte recorda essas adoraveis fontes d'onde manou o preço da redempção dos homens, e por outra, as acerbas dôres e affrontosa morte que o Redemptor soffreu para ellas se abrirem!. . . O portuguez ainda acha aqui uma outra recordação gloriosa, qual a de sua independencia em Ourique, começando desde então a usar das sagradas quinas por timbre de suas armas, como se vê nos maravedis mandados cunhar pelo 1.º Affonso. D'antes era mudavel a festa das Cinco Chagas, celebrando-se na primeira sexta feira depois de Cinza; porém depois que a 6 de Fevereiro de 1818 foi acclamado e coroado o Snr. D. João VI, pediu á Santa Sé um decreto que fixasse neste mesmo dia a festa das Chagas, e o impetrou. E' bem significativo este acto do augusto monarcha!

7. *Sabbado.* S. Romualdo, filho dos condes de Ravena, desenganado das vaidades das cousas do mundo, se retirou primeiramente ao mosteiro Classense, d'onde, de mais em mais inflamado no desejo de attingir a perfeição Evangelica, se resolveu a passar a um deserto dos estados de Veneza, onde vivia o monge Marino em reputação de grande sanctidade. Abraçado o instituto monastico debaixo da regra de S. Bento, passou uma vida repartida entre a oração, penitencias e ensino. Tinha um rosto tão prazenteiro que inspirava allegria a todos os que o tractavam, e assim attrahiu muitos discipulos e operou difficeis conversões. Morreu no anno de 1027, havendo fundado a congregação de Benedictinos chamada Camaldulense, muito celebre na Italia, e de que fôra membro o SS. Padre Gregorio XVI de saudosa e respeitavel memoria.

CHRONICA RELIGIOSA.

Hispanha. — A egreja de Hispanha vae enumerar no catalogo de seus santos o veneravel servo de Deus fr. João Peccador, natural da villa de Carmona, provincia de Cadiz, da ordem dos hospitaleiros de S. João de Deus (*nosso patricio por ser natural de Montemor o Novo*). O postulador na causa da beatificação avisou de Roma que no dia 27 de Janeiro se reuniria perante o Santo Padre a congregação de ritos para decidir a mesma beatificação.

DECLARAÇÃO.

As cartas, que não venham francas de porte, não sendo dos correspondentes do periodico, não se recebem.

FEVEREIRO 14. 1852. — N.º 7.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DO PAPA E DO SEU PODER TEMPORAL.

II.

O REDACTOR da *Peninsula*, sentindo que na vitalidade fecunda da egreja grega falte « um todo perfeito » acha que o systema possivel para esta perfeição era pegar da vida da egreja grega e sopra-la no corpo inerte da egreja latina.

Esta operação infusoria é inconcebivel em theologia, e a boa critica persuade-se que s. s.ª quer o scisma, como principio vital, na Egreja Catholica. Mas qual é esse bom elemento, que Roma póde dar á Grecia, para da mistura de ambas as Egrejas resultar « um todo perfeito? » E' a *unidade sublime* da Egreja Catholica — responde s. s.ª; mas desconjunctada ella pelo scisma grego, onde está a *unidade sublime*? e perdida a unidade sublime, que resta de bom á Egreja romana?

Ha uma linha do *conde de Maistre*, que responde a tudo isto: « Se se compára uma Egreja á Egreja é não saber o que se diz. » Na sciencia das coisas divinas *Egreja* não significa só *assemblea*. Os seus attributos caracteristicos são laços internos da fé, esperança, e caridade; e os externos dos sacramentos. Na universalidade destes vinculos é que está a Egreja fundada por J. C. e assistida pelo Espirito Sancto. Unica, e forte, e independente na sua vida immortal, nada tem de commum com as assembleas, que se destacam do centro da sua unidade. Compara-la, é dar-lhe as fórmas caprichosas da imaginação do homem apaixonado.

Todavia é-nos obrigatorio seguir na presente refutação a nomenclatura que a *Peninsula*, aconselhada pelos protestantes, adduz invariavelmente a toda e qualquer assemblea religiosa de homens, embora cada um pregue o Evangelho, a seu livre arbitrio.

Diz a *Peninsula* que as conquistas de Alexandre e uma filosofia elevada prepararam as intelligencias para acolherem a palavra de Christo. Diz que o Christianismo derrubára facilmente os obstaculos que lhe creou a civilisação pagan: (*) depois accrescenta, no mesmo periodo, que Constantino, renegando as crenças de seus predecessores, rompêra as passadas tradiçoens, sagradas para os verdadeiros patriotas, porque lhes promettiam a eternidade da sua nação.

Eis-aqui tres ideias que se contradizem com pasmosa leviandade!

Permitta-se, por um instante, ao seu auctor — que as maximas de Jesus-Christo fossem bem recebidas pela sublimidade filosofica do imperio romano; mas muito grande difficuldade haverá em conceder-lhe que a civilisação pagan obstasse ao progresso do Christianismo! Pois a *civilisação pagan* não é a *elevada filosofia* dos romanos? E' precisamente. E como comparar o filosofo romano abraçando o Christianismo agora, e logo repellindo-o, como prejudicial á civilisação pagan?!

Demais, que patriotismo era esse do povo romano, que se acobarda, apesar da sua elevada filosofia, no momento em que Constantino se declara filho da Egreja Catholica!?

Não protrahiremos as manifestas contrariedades, que affluem de reflexoens tão irreconciliaveis. A *Peninsula* não nos poderá dizer onde encontrou os fastos da civilisação romana, creada pelas conquistas d'Alexandre, ou fecunda de elevada filosofia. Roma, a devassa do imperador Tiberio, o amphiteatro sanguento de Nero, a mãe de entranhas ferozes que trucidava seus filhos nos festins de Trajano, de Decio e Diocleciano — Roma, em fim, borrifada pelo sangue de milhoens de martyres christãos, não era por certo a Roma de *elevada filosofia*, que transpareceu nos sonhos da *Peninsula*. As actas do martyrio, que são, por assim dizer o relatorio das ultimas contorsoens da Roma pagan, fallam bem alto contra essa civilisação, que a *Peninsula*, umas vezes, imagina amiga, e, outras, adversaria do Christianismo.

O Christianismo, porém, não era uma *religião estrangeira*, como o auctor do artigo gratuitamente o apellida. Ha naquelle epitheto um pensamento materialmente atheu, e um não sei que de baixo e rude, que fere os ouvidos ao menos zeloso da religião do Crucificado! O Verbo divino reputado *estrangeiro* entre os homens — a palavra do Eterno, que desceu para todas as naçoens, como para uma mesma familia, considerada *estrangeira* para os ouvidos do imperio romano. . . é uma dessas asserçoens que a filosofia não avança inconsideradamente, nem a critica ressalva d'um desabusado sarcasmo ás crenças christans.

(*) Em poucas palavras, a *elevada filosofia* dos romanos: — « Roma era (no 1.º seculo) uma cidade immensa, que contava cerca de 3 milhoens de habitantes. Os romanos tinham adoptado as religioens de todos os povos vencidos. Viam-se ahi reunidas as supersticoens grosseiras, e as horrendas divindades dispersas sobre toda a terra. Seus costumes eram taes, que é vergonha dize-los. Basta mencionar que os mais revoltantes crimes eram auctorisados pela religião, pelo silencio das leis, pelos costumes, e eram publicamente commettidos por moços e velhos, pelos grandes e pelo povo. As suas leis, eram o odio e a crueldade. A mais dura oppressão vexava tudo que podia ser opprimido. A mulher era escrava de seu pai, que podia mata-la ou vende-la; casada, era escrava do marido, que podia vende-la, ou repudia-la a seu bel-prazer. Os filhos era licito mata-los no ventre da mãe: em certos casos o infanticidio era lei; nascido, era licito ao pae mata-lo, expô-lo, ou vende-lo: a religião tinha preferencia para que o menino fosse queimado em honra dos deuses. Os escravos eram vendidos como bestas, e marcados na testa por um ferro em brasa: de dia eram animados ao trabalho por um azorrague, de noite gemiam encadeados nos subterraneos. Prisioneiros de guerra eram decapitados no tumulo dos vencedores, ou mandavam-nos esganarem-se mutuamente no amphiteatro para entreter o povo. O credor tinha direito de espedaçar o devedor insoluvel. Os pobres chamavam-se animaes impuros, e por desfazer-se delles, um imperador fez carregar tres navios, e mette-los a pique em mar alto. Tal era Roma quando S. Pedro ahi chegou. *Abbé Gaume. C. de Persévérance. Mœurs des paiens.* »

Que deveramos pensar da orthodoxia da *Peninsula*, se lhe não deparassemos algumas linhas depois este solemne desmentido:

« De mais a Egreja Christan é essencialmente catho-
« lica, isto é universal. » !

Pois bem: seja *catholica, ou universal*, mas não seja *estrangeira* para o imperio romano. O que o leitor não póde saber é qual é a convicção do auctor daquellas duas ideias assim postas em extremos diametraes. Contente-se em procurar-lhe o pensamento fundamental do seu arresoado, e marchará comnosco, mais ou menos directamente, á conclusão deste informe feixe de contradicçoens.

Conta-se-nos que os romanos, enfraquecidos pela corrupção e despotismo, e ao mesmo tempo desvirtuados pelo Christianismo, não poderam suster o impeto das tribus septentrionaes. Pinta-se-nos, depois, essa religião, se bem que *estrangeira*, recebendo em seu seio os invasores, por isso que era *catholica* Lisongeiam-se-nos as crenças, conferindo a tal religião uma superior sublimidade de doutrinas, e um prestigio de mais adiantada civilisação Affigura-se-nos o Christianismo em risco de perder-se, pela rebeldia dos diversos chefes das tribus á dominação suprema do papa. Em *risco de perder-se*, e comtudo assevera-nos o auctor que *Jesus Christo, em pessoa, havia instituido o papado, confiando a Pedro e seus successores a guarda da sua grei.*

Nenhuma confiança deposita a *Peninsula* no divino fundador do Christianismo, se elle, obra sahida das suas mãos divinas com promessa de eterna duração, *esteve em risco de perder-se* !

Considera a *Peninsula* que a conservação da Egreja nesse perigoso conflicto foi devida á *sua unidade*, e, não sei por que inesperada transição, nos diz que a « infallibilidade do papa é uma consequencia necessaria das proprias palavras de Christo. » Acceitamos-lhe, porém, a affirmativa, e digamos — eu pelo menos que creio de todo o meu coração na infallibilidade do papa, como nas palavras de J. Christo — digo eu, pois, que o redactor da *Peninsula* no decurso do seu artigo escreveu uma verdade que será mais tarde a condemnação de todos os seus erros.

Uma das rasoens que o escriptor nos dá para recebermos o papa como infallivel, é a sem-rasão com que, do contrario, concederiamos a infallibilidade aos concilios, e, ciosos do mando e da rasão individual, hiriamos d'encontro ás bullas papaes, convocando um concilio œcumenico.

Permitta-nos a *Peninsula* dizer-lhe que não faz uma justa ideia do que é *infallibilidade*, nem *concilio œcumenico.*

Donde nos vem a nós direito de convocar concilios œcumenicos? Despojado o papa das soberanas regalias, que divinamente constituiram a sua infallibilidade, quem ha ahi que possa irrogar-se o dom de Pedro para convocar um concilio geral?

Os temores da *Peninsula* são panicos e infundados

Esse pertendido concilio œcumenico não seria assembléa, não seria Egreja, mas sim conspiração e revolta contra o soberano

O *conde de Maistre* judiciosamente o diz: « Os concilios œcumenicos nem são nem podem ser senão o parlamento ou os estados geraes do Christianismo, reunidos pela auctoridade e debaixo da presidencia do soberano. »

Esta ideia da infallibilidade do papa, superior á infallibilidade dos concilios, mas, ainda assim, considerada inutil para a convocação d'um concilio geral, contradiz-se. Os que negam aquella prerogativa ao bispo de Roma, bradam altamente que o concilio œcumenico póde ser reunido sem que Pedro o chame. A *Peninsula* que está de harmonia com este poder, e chega a temer as consequencias dessa reunião dos membros da egreja em concilio geral, nega, ao mesmo tempo que affirma, a infallibilidade do papa.

Proseguindo na analyse do seu artigo, vamos com o auctor contemplar essa lucta impotente dos pontifices, que se afadigam em crear pela influencia espiritual um antigo imperio romano. Veremos o Christianismo augmentar-se porque os sacerdotes eram consoladores para os transfugas do dominio despotico dos senhores feudaes. Admiraremos, se tivermos a boa fé e crassa ignorancia de acreditar o articulista, como o genio da dominação e das conquistas predominou a Egreja e o Papa, como se o Papa, não fosse a Egreja. Ouviremos finalmente, com profunda descrença, fallar do progressivo augmento do Papa, por meio de acquisiçoens territoriaes, e tributos que soube impôr aos soberanos da Christandade.

Falsidade, levêsa, imprudencia, e molestia do seculo, tudo, se assim o quereis, e até *má-fé*, se com isto só explicaes de sobejo a condição do artigo.

O poder temporal dos papas data do seculo IX.

Senhores de vastos recursos, antes dessa época em que o dominio temporal se encontrou insensivelmente nas suas mãos, nunca os Pontifices os fizeram valer para ampliar o territorio que lhes foi doado por Pepino, Carlos Magno, Luiz, Lothario, Henrique, Othon, e a condessa Mathilde. Amplissimo podéra ser o seu territorio, quando o papa concedia ao primeiro occupante as conquistas serracenas, não se adjudicando ao menos as duas Sicilias, que, segundo o direito publico daquelles tempos, lhe pertenciam por bem justificados direitos.

A suzerania que a Sancta Sé exerceu nos potentados christãos, nas raras vezes que a exerceu, era um expediente para dar e não para reter, diz o illustre *de Maistre.*

Quando é que os papas tentaram reorganisar pela força o antigo imperio romano?

No 1.° e 2.° seculo eram pobres, e a sua riquesa era a cruz de S. Pedro, as fogueiras de S. Anacleto, e a garra feroz das feras devoradoras de S. Clemente.

As riquesas que a Egreja de Roma alcança no 4.° seculo, quereis saber que fructos produziam? Tomai o conselho do insuspeito Fleury: lêde o que fizeram os Papas desde S Gregorio até Carlos Magno, ou reparando as ruinas de Roma, e restabelecendo egrejas, hospitaes, ruas, e acqueductos, ou por salvar a Italia do furor dos lombardos, e da avaresa dos gregos. Vereis então que emprego déram os papas aos bens da Egreja.

E' bem singular — diz o sabio auctor da apologia da religião christan — que entre 250 pontifices que tem occupado a cadeira de Roma, não haja um só que obrasse religiosamente, mesmo quando faz um bem! Basta o absurdo desta calumnia para refuta-la.

Mas tal absurdo, por em quanto, não avançou o redactor da *Peninsula.*

Em compensação, alguma coisa nos dirá elle que faça inveja aos que disseram muito mais na apparencia, e muito menos nas funestas deducçoens que poderemos derivar do que vamos ouvir-lhe.

Recordemos primeiro estas proposiçoens da *Peninsula*:

« Jesus Christo, em pessoa, instituiu o papado.

« A infallibilidade do papado é uma consequencia necessaria das palavras de Christo.

« Desde que reconhecemos o dever de nos sujeitarmos sem appellação ás decisoens de qualquer tribunal, consideramo-lo como infallivel.

« Conceder a infallibilidade tão sómente aos concilios e aspirar ás franquias gallicanas, é aspirar á liberdade de preferir á nossa opinião individual a doutrina da Egreja. »

Agora. . . que consequencia esperaes de tão excellentes premissas?

Lêde-a:

« Mas ao mesmo tempo que os municipios romanos, perdidos nas ruinas da edade media, se reconstruiam de novo, Luthero descarregava vigorosos golpes na auctoridade papal. E' que era já chegado o tempo em que nos decretos da Providencia o imperio da egreja, a quem havia promettido a perpetuidade, devia modificar-se e circumscrever-se ao dominio espiritual. »

Ahi está, pois, Luthero reformando a Egreja. O dedo da Providencia apontou-o, quando soou a hora da reforma!

Cessou a infallibilidade. Cessou o tribunal de que não havia appellação O papa desce ao tribunal das praças. Luthero sobe á cadeira interrogatoria. A egreja gallicana gosa a infallibilidade da doutrina. A insurreição é permittida em nome da reforma. O cardeal que morre aos pés do Pontifice, o Pontifice que foge ao punhal tingido pelo sangue de Rossi, o povo soberano que mergulha a barca de Pedro. . . tudo isso é a alavanca reformadora de Luthero, que opera nos dias designados pela Providencia!

Ahi está, pois, o corollario da consequencia que o redactor da *Peninsula* faz cegamente derivar de seus principios tão indignos della!

S. s.ª, farto de contradizer-se, pôz o divino fundador do Christianismo em contradicçoens improprias da sabedoria divina.

Todo o mal dos homens é quererem affeiçoar o que é de Deus pelas suas fantasias inspiradas do peor que tem a terra.

Camillo Castello-Branco.

Que ha de commum entre o regicida de Izabel II, e o jesuita?

Aquelle que justifica o impio, e aquelle que condemna o justo, ambos são abominaveis diante de Deus. . .

Prov — 5.

Não julgues ligeiramente o teu proximo — diz o Ecclesiastes — porque os juizos precipitados são sempre signal d'um coração leviano.

O christão, sem faltar a este preceito, póde julgar que o espirito do egresso Merino era entranhadamente perverso, e que maus instinctos, aguçados por más doutrinas, lhe deram ao coração a coragem do reprobo, e ao braço a ousadia cruel do assassino.

Para tal homem, rebelde ao espirito da penitencia, não ha a esperança do perdão na terra, nem a misericordia no ceu.

E' lamentavel aquella frieza cynica e extraordinaria, com que Merino, á porta da eternidade, responde ás perguntas que lhe fazem juizes, que depois o condemnam a garrote vil!

Nem uma lagrima de piedade por si, que vae, alma tingida d'um sangue innocente, apresentar-se perante aquelle que dissera:

« O que tratar seu irmão com despreso. . . será cita-
« do perante o tribunal do Juiz Supremo e condemnado
« ao fogo! » (S. Mat. C. 5.)

Ai daquelle que levou o ferro ao coração de seu irmão, e setenta vezes sete vezes perdido o que tentou contra a vida do seu rei! O apostolo dissera, em nome do Filho de Deus, que toda a auctoridade vem do Deus Altissimo, que sobre a terra, por sua providencia, a estabeleceu; e assim os que resistem ás potestades, resistem á ordenação de Deus, e a si mesmos chamam a condemnação! . . . (Epist. aos Rom — 13.)

A nós, christãos, que adoramos os mandados do Senhor, pertence-nos lamentar o destino perpetuo do condemnado, se é que nos seus ultimos instantes, lá dentro naquelle coração de propensoens atrozes, não rebentaram lagrimas contrictas d'um crime imperdoavel na terra. . . Quem sabe?! . . . « O homem é somente capaz de julgar pelas apparencias, e Deus é o unico, que pode sondar os coraçoens e penetrar os pensamentos. » (Liv. 1.º dos Reis. 16.)

Nas suas horas derradeiras, o regicida é um homem de impassivel coragem! Aterra ouvir Merino, quando o interrogam! Se lhe perguntam a que ligaçoens estava sujeito para compromisso tão sanguinario, responde: « Eu era so: se houvessem mais doze como eu era feliz o genero humano! »

Feliz. . . porque? E' elle que responde: « Desde o primeiro até ao ultimo rei todos são tyrannos. A Europa não estará em paz, em quanto não fôr livre de semelhantes monstros!! »

Para que era aquelle punhal? Com que alma o crava elle no seio d'uma senhora, mãe excellente, e christan piedosa, que offerece seu filho á Virgem Santissima? « Hia — responde elle — lavar o opprobrio da humanidade, vingando-a, quanto estava em sua mão, da nescia ignorancia dos que pensam, que é felicidade aturar os reis! »

Na mão desse mau homem não havia força mais atroz que a do punhal! Naquelle espirito não haviam melhores doutrinas que as do regicidio! Naquelle coração estava apagada a luz da piedade pelo sopro maldito deste seculo de innovadores!

Quem levou aquelle homem áquella situação singular entre os réos de nefandos attentados?

Deus os fará passar em volta do condemnado, como essas larvas que perseguem n'um sonho tormentoso o espirito do que apunhala o seu irmão, o seu rei, e o seu bemfeitor, talvez!

Antes desse dia, que será o ultimo do *tempo*, além do qual se abre o infinito dos castigos e das recompensas, ouviremos vossas exclamaçoens, homens que calumniaes, impassiveis como Martin Merino cravando o instrumento da morte no seio da que as eventualidades lhe deram como rainha

Temos ouvido os vossos clamores estridorosos nos jornaes; outros os ouvem nas praças; e ao Deus das justiças compete archiva-las no livro que vos será mostrado. . . muito tarde.

Citaes Jacques Clement, e Chatel, e Marianna, e Malagrida, e Ravaillac! Sabeis que homens esses foram?

O Christianismo vos dirá, o que elles deviam ser na vossa opinião, se a nodoa do orgulho e da impiedade vos não cegasse o entendimento. Vê-los-heis a seu tempo definidos, e pedi-nos então contas, que vo-las daremos com humildade.

Citaes, todos ao mesmo tempo, quatro nomes, que a historia francamente vos emprestou; porque não citaes Cromwel, e o duque d'Orleans, e Mirabeau, e Robespierre, e Marat, e os successivos regicidas de Luiz Filippe? Carlos I valeria menos que Henrique III? Luiz XVI seria menos rei que Henrique IV?

O assumpto é repugnante para aqui; mas a calumnia é reprehensivel em toda a parte. O jesuita prostra-se diante d'uma cruz arvorada entre as tribus do mundo selvagem, em quanto Martin Merino proclama as theorias do regicidio com as mãos ensanguentadas da execução.

A vossa calumnia é reprovada por Deus, e não fere a sendalia do jesuita.

As vossas imprecaçoens são o vociferar da Synagoga, que a espada da justiça arrasou no dia predito pelo profeta.

O jesuita virá entre vós, e as suas palavras serão de benção sobre os vossos fructos de maldição.

Assim viesse para vós o dia do arrependimento como ha-de raiar para elle o dia do triunfo.

A sua causa é a de Deus. A vossa. . . . é a que se proclama com estas palavras significativas:

Acabemos com *as hordas cossacas de Roma* (*Jornal do Povo de 14.*)

Isto escreve-se n'um paiz catholico!

« O dia da eternidade bem depressa amanhecerá para nós. . . » (*)

Camillo Castello-Branco.

O JUBILEU DAS QUARENTA HORAS.

Não ha cousa alguma de que não se possa fazer um funesto abuso, e da qual não se possam tirar bem diversos, e até contrarios resultados. A experiencia diaria comprova com infinitos exemplos, que as cousas mais innocentes podem degenerar e ser convertidas em um venenoso principio de males incalculaveis; a mesma religião que é o vinculo que nos devia unir com Deus, não poucas vezes tem servido de instrumento, de que os homens se teem servido para satisfazerem as suas ambiçoens, e para se ligarem não a Deus, como cumpria, mas áquillo que não duvidaram preferir ao mesmo Deus. O abuso da medicina, á qual com razão se dá o nome de arte divina, tem coberto de pesado lucto innumeraveis familias: qual de nós não tem chorado a perda de um parente ou de um amigo, que nos foi roubado, ainda em todo o vigor e quando promettia longa duração, por um mal indicado e applicado remedio? Aquelle que corre cegamente após de repetidos prazeres cança intempestivamente as suas forças, e quantas vezes não acontece encontrar a morte naquillo mesmo, que lhe parecia uma indispensavel distracção?

(*) S. Paulo — aos Rom — 18.

Nada disto tem escapado á providente sollicitude da Egreja, e é aos meios que esta terna mãe emprega para prevenir qualquer acontecimento funesto, ou qualquer attentado contra a vida de seus filhos, que o CHRISTIANISMO allude em seu numero 5, quando diz: *procurando desviar por meios indirectos aos seus filhos de certos divertimentos.* Com effeito, em quanto o mundo parece sómente empenhado em preparar-lhe o mais terrivel e heroico veneno, e lho propina em dourados vasos de nectar delicioso—em quanto os convida para perigosos divertimentos,—a Egreja, que não deixa de vigiar de perto os passos deste astucioso inimigo, procura acautellar os seus filhos chamando-os e convidando-os para virem assistir ás suas solemnidades, para tomarem parte em seus banquetes, e para repartir com elles o pão dos Anjos. Logo nos primeiros seculos vemos instituidas algumas festividades para desviar dos supersticiosos cultos do judaismo e da idolatria os neofitos, cuja fé, ainda nova, não tinha lançado raizes e calado no coração. Foi com estas mesmas vistas que o Papa S. Gelasio estabeleceu no 5.º seculo a festividade das *Candeias*, para que o povo romano deixasse de celebrar em honra do Deus Pan as torpes festas Lupercaes, e se entregasse exclusivamente ao culto do verdadeiro Deus.

O mundo convida-nos para vermos profanos espectaculos no templo do seu dilecto carnaval, e parece querer dizer um adeus á carne *(carni vale)*, saciando-se dos mais immoderados prazeres; a Egreja pelo contrario, para manifestar a sua dor, supprime o *Alleluia* dos seus officios, substitue aos psalmos *Dominus regnavit* e *Jubilate o Miserere e Confitemini*, que são os mais appropriados para exprimir com lagrimas o seu profundo sentimento; foi isto mesmo o que os Padres do 5.º concilio de Milão tiveram em vista, quando recommendaram aos senhores bispos, que nas semanas da Septuagesima, da Sexagesima e da Quinquagesima, (em que a Egreja não só pelo rito das suas solemnidades, pela côr de seus paramentos, e pelos canticos propios para excitarem á penitencia, instrue e prepara o povo de Deus para recordar sanctamente a Paixão e Cruz de Jesus Christo) empreguem neste mesmo tempo todo o seu cuidado para que *fideles sibi in curam traditos spectacula, ludos scœnicos et alia quæ gentilitatis speciem præ se ferunt, tunc præsertim morum corruptelis introducta, illa ipsa tanquam a sanctissimis Ecclesiæ institutis abhorentia, omnino fugientes, ad pietatis christianæ studia et orationem attentiores sint, proposita omni christianorum actionum exercitatione.* Foi com estas mesmas vistas que no 16.º seculo se introduziu na Egreja o pio e louvavel costume de expor á veneração dos fieis nos tres dias que decorrem desde a dominga da Quinquagesima até á quarta feira de Cinza, o augusto Sacramento da Eucharistia, para que na sua presença prestassem a Deus um fervoroso culto, e para repararem os escandalos, que nestes dias se praticam. Era finalmente com este mesmo espirito (diz o escritor da vida de S Filippe de Neri) que este varão em tudo apostolico fazia uma publica procissão de penitencia, acompanhado de innumeravel concurso de pessoas de todas as edades e condiçoens, para reparar as offensas, que nos tres dias do carnaval se fazem á magestade divina.

O SS P. Bento XIV, sendo ainda arcebispo de Bononia, em uma instrucção pastoral dirigida ao seu rebanho, entre outros muitos exercicios de piedade que lhe prescreve para estes dias, aconselha que visitem o Santissimo Sacramento exposto em alguns templos da mencionada cidade « *ad impetrandam tot criminum veniam, quæ per hosce dies in supremam Dei magestatem committuntur.* » Sendo porém elevado ao summo pontificado, prohibiu pela sua constituição *Inter cœtera* em qualquer terra dos Estados Pontificios o uso das mascaras nos dias de preceito, nas sextas feiras, depois da meia noite da terça feira do carnaval, e na manhan de quarta feira de Cinza; e para que esta sua determinação não ficasse sem effeito, recommenda com todo o empenho aos prelados das dioceses dos mesmos Estados Pontificios, que incitem os fieis com o seu exemplo a praticar todas as obras de piedade, convidando não só pessoas ecclesiasticas, mas tambem seculares para os acompanharem na visita das egrejas, hospitaes e outros estabelecimentos de caridade; recommenda ainda com maior empenho, que tenham cuidado de mandar expôr em uma ou mais egrejas por espaço de tres dias o augusto Sacramento em que Jesus-Christo deu aos homens na derradeira noite da sua vida — nos momentos proximos á sua paixão — quando os homens se conspiravam contra elle,—a maior prova do seu amor; e finalmente, para mostrar o quanto era vivo e ardente o seu paternal cuidado, abre com larga profusão os thesoiros da egreja, confiados ao seu dispôr, e concede indulgencia plenaria aos fieis dos mencionados Estados, que preparados e dispostos pela confissão e communhão visitarem os templos em que estiver exposto o Santissimo Sacramento.

Tendo a Egreja de Deus ficado viuva pela morte de Bento XIV succedida em 3 de Maio de 1758, e tendo sido eleito para o substituir o cardeal Carlos Rozzonico, que tomou o nome de Clemente XIII, vendo este virtuoso successor do principe dos apostolos (e tão humilde que diria de si: « *Se minha fraquesu fosse conhecida dos purpurados, não me teriam eleito* ») vendo, digo, quanto os meios empregados pelo seu antecessor, ainda que indirectos, tinham sido efficazes e poderosos para destruir a obra do mundo, entendeu com rasão que faria um grande serviço á Egreja de Deus, se concedesse a mesma graça a todo o orbe catholico *ne fideles tempore tentationis a via Domini recederent*, como se exprime a congregação das indulgencias na sua declaração de 23 de Julho de 1765. A graça foi concedida, e o resultado tem correspondido ás vistas de tão pio e zeloso pastor.

B. V. de S.

MORAL RELIGIOSA.

O SUICIDIO.

ENTRE os males da época porque vamos passando, avantaja-se um, que causa por toda a parte o mais profundo sentimento de lucto e terror; que levanta uma voz sanguinolenta e funebre, para nos pedir preces e lagrimas! Este mal é uma ideia, mas uma ideia fatal, que assola a sociedade, como o mais terrivel flagicio, deixando neste mundo um caracter indelevel de sua deploravel passagem. E' o suicidio emfim! Podeis vós saber o que esta palavra encerra d'audacioso, dilacerante, e pungente? Podeis comprehender, que possa haver creatura de Deus, dotada de san rasão, e de uma liberdade racionavel, que ouse tentar contra a sua propria vida, dadiva da munificencia divina! . .

A vida! — curto momento, que se dá ao homem, viajante sobre a terra, para procurar o caminho de sua patria celeste e eterna. . . A vida, que esses principios da mais triste filosofia, considera como um mysterioso phenomeno, que ao homem não é dado resolver, e que para sempre lhe será desconhecido! — Não são unicamente as grandes dôres, que arrastam o homem á culpavel desesperação de pedir a Deus a morte, e lhe antecipe o seu julgamento final. Não são só as creaturas trespassadas das mais violentas torturas, que querem abandonar a terra, na louca esperança de se refugiarem em um melhor mundo, adormecendo em um leito de espinhos, para acordar em um de rosas. E' sim o suicidio, em sua abnegação sombria e selvagem, que ha produzido a convicção sacrilega no coração, tanto do que habita os dourados palacios, como as mais humildes choupanas, que depois desta vida nada existe. Pensamento infernal... que vai lavrando indistinctamente na mocidade, cheia de vida e de pensamentos poeticos; na virilidade preoccupada da fortuna e futuro; e na velhice, anciosa de encurtar algumas horas a marcha inalteravel do tempo!

Lancemos por um momento um véu sobre seus funebres annaes Stigmatisemos, com toda a energia da consciencia, e da rasão, esse preceito miseravel, que jámais póde surgir e brotar senão em espirito sem luz e sem fé; esqueçamos esses tristes excessos da humanidade delirante. Não, não, queremos toda a luz da religião sobre os erros do homem, assim como a justiça do céu sobre os crimes da terra! Digam embora, esses vaidosos doutores, que o homem semelhante aos animaes, se deixa arrastar

pela necessidade material de os imitar, e que a conservação do suicidio, é que lhe inspira a ideia de o commetter.

Orgulhosos blasfemadores do poder supremo de um Deus, e da magestade do homem! ignoraes, acaso, que è só do esquecimento dos principios eternos da moral, e da prevaricação da rasão, que nascem esses horriveis sacrificios? Deveis saber, que se ha poder no homem para honrar o erro, e commetter o crime — tambem elle tem em si uma força divina, que o leva para a verdade, e o sugeita ás leis austeras da virtude.

Não supponho este o momento opportuno d'entrar em uma questão fysiologica, e por isso passo já a dizer — que o suicidio não póde de maneira alguma ser considerado como uma enfermidade.

Que escandaloso absurdo! Não são as palavras de Haller, e de Bichat, que poderam conter a marcha de um tal mal, mas sim as edificantes palavras dos Bossuet e Fenelon.

Os que pertendem animalisar a especie humana, dizem, que se consultarmos as diversas épocas da historia, encontraremos o suicidio apparecendo no mundo com todos os caracteres de uma enfermidade

Mas ter-se-ha sempre explicado clara e manifestamente a casualidade deste fenomeno historico?

Pelos ultimos tempos da republica, e reinados dos imperadores tinha a seita stoiciana feito grandes progressos em Roma. Mas será racionavel attribuirmos ás desgraças do imperio, e tyrannia dos imperadores, o principio determinativo desta funesta mania? E' verdade, que mais de um tyranno se ha assentado sobre o throno ensanguentado de Constantinopla, mas tambem é evidente, que nunca as naçoens foram tão opprimidas, como nos dias do baixo imperio.

Qual será a rasão de que nesta ultima época já não appareça o suicidio, senão como uma raridade — como acto espontaneo, isolado, que excita o horror geral? E' por que o Christianismo tinha derrocado a filosofia pagan. Os homens já tinham comprehendido uma esperança mais doce, que esse sombrio isolamento do nada.

Se nós indagarmos, segundo os principios racionaveis, as causas reaes do suicidio, que estão infestando as grandes cidades, acharemos, se não as mesmas rasoens de os explicarmos, pelo menos rasoens tão plausiveis para os attribuirmos ao principio da imitação. Mas para que havemos de trazer para esta dolorosa questão difficuldades que não a resolvem? As causas verdadeiras do suicidio são moraes, e sociaes, renovando-se hoje com uma incrivel rapidez. Examinemos debaixo deste ponto de vista os factos desastrosos, que nos inspiram estas reflexoens, e saberemos, que as causas sociaes, que os teem determinado, não sam senão uma deducção logica das causas moraes anteriores e predominantes.

Para onde caminha a sociedade? Para que lado as nuvens negras e medonhas, que obscurecem o horisonte, birão derramar a tempestade? De todas as partes os mesmos signaes precursores infalliveis de futuro medonho, mas desconhecido, inspirando sempre os mesmos receios, e dictando as mesmas duvidas. Quem ignora hoje na sociedade, que tudo na mesma repousa e assenta sobre principios puramente humanos, e que nenhuma direcção superior se revela aos espiritos das massas, e mesmo dos poderes, arrastados pela attracção poderosa das ideias geraes, para uma esfera d'actividade onde sua insufficiencia se patenteia a cada passo. Digam-me, senhores, em que época as revoluçoens politicas teem deixado apoz de si tão indeleveis vestigios de dissensoens e de irritantes causas de desordens e confusão? Os momentos apparentes de paz na sociedade são aquelles mesmos, em que os perigos e os males da nossa situação se manifestam com a maior energia. A paz occulta todas as agitaçoens da guerra, e a nossa prosperidade ficticia, todas as realidades crueis da nossa ruina e miseria. Uma ordem apparente, tem regulado a desordem, mas ha na essencia das cousas um principio intellectual mais poderoso, que os factos, que conserva uma certa fermentação onde a força e a violencia parecem comprimir com mais successo este elemento tempestuoso do futuro, e de uma vida social abandonada aos caprichos da imaginação dos homens.

Se do exame dos factos geraes, passamos á analyse dos particulares, conheceremos, que as condiçoens sociaes da vida privada, não deixam de ser tão tristes como medonhas. Encontramos uma enganosa ordem social creando dissipaçoens; depois de ter chamado a si todas as ambiçoens e todas as ideias, fecha a carreira a essas mesmas ambiçoens, repercutindo no coração dos homens aquellas ideias a que deu um progresso inconcebivel de contradicção e erro, tendo-lhe dado a força e vida. Transtornada a ordem do universo, não ha nelle principio nem fim; uma vida de tristura e desgosto consome-se em vãos esforços, e surge, como essas plantas lá do deserto, que o sol queima com os seus raios abrasadores. O poeta, que em sua fertil imaginação, tinha creado a sua grande gloria, lhe diz — um funebre adeus. O artista, que creou obra incomparavel, que lhe dava todo o orgulho, respira debaixo do tecto do alvergue, que abriga sua miseria. Todas as ordens, edades, e sexos, soffrem as mesmas dores, ainda que por causas diversas.

Quando ao homem, sobre a terra, se lhe murcha a esperança, melhor flôr da vida, jámais lhe póde florecer, senão pelo pensamento do futuro immortal. O suicidio encerra todo a filosofia da historia. Se as agitaçoens, os crimes, e dores, não sam obra do homem, para que maldiz sua existencia, fazendo-se presa dellas, e pronuncía sobre si um anathema de sangue? Que ser poderoso ha criado estas causas? Que voz harmoniosa e pura teem suffocado, essa voz fatal, que tão alto fallava ao mundo?

Lançando os olhos á historia, nós conheceremos, que o Christianismo, mostrando a falsidade dos principios materialistas da filosofia stoica, anniquilou as preoccupaçoens violentas desta filosofia, que ensinava a despresar a vida, e considerava o suicidio como uma acção virtuosa.

O Christianismo tão poderoso sobre as ideias, acha-se hoje combatido por uma filosofia mais terrivel, que a stoica, produzindo os mesmos resultados, porque os fins do homem são limitados por dois principios, donde dimanam todas as combinaçoens possiveis da sua intelligencia, que sam a verdade, e o erro

E' do abandono em que se acha a religião, donde nascem todos os nossos males sociaes, e só o verdadeiro ensino della, é que os póde remediar. A religião santa de Jesus-Christo assiste ao nascimento do homem, e sobre elle vela, como a terna mãe vela em volta do berço do seu recem-nascido: acompanha-o nos dias que conta na terra: soccorre-o na hora do passamento da vida, das lagrimas e miserias, para a da ventura. A religião defende-o dessa desesperação fatal, que o póde arrastar ao suicidio. A religião santa, é só a que nos póde dar realidade a todas as nossas esperanças; consolação para todas as nossas dores.

A sublimidade do pensamento da religião santa — é ser severa, para o homem que não escutou os seus preceitos na prosperidade — Conservar e dar suas doces e consoladoras palavras, para o que chora e soffre.

Dirá ao poeta, quando seu genio repousa já sem essa claridade que tanto brilhou, — que seu pensamento immortal se não devia occupar de objectos terrestres, e que a gloria que os homens lhe deram era um vão reflexo do seu orgulho. E lhe dirá, que alem deste mundo, cujos suffragios elle tanto ambicionou, haverá outro de harmonia eterna, onde a fé santa reserva um logar para o genio, que se ha impressionado dos seus preceitos, e animado de suas virtudes.

Dirá á Virgem — a quem uma paixão humana seccou a mimosa flôr da esperança — que ella gosará, de um amor puro e suave, em que os pensamentos virginaes nunca experimentarão e conhecerão os pesares e as lagrimas.

Dirá ao homem, que uma saciedade tem conduzido lentamente a procurar no tumulo uma voluptuosidade nova e desconhecida — que não tinha vindo a este mundo para gosar sua passageira alegria — que ha para a virtude uma felicidade e alegria, que não poderá ser perturbada por algum remorso.

Dirá ao ancião — para quem o dia final se acha proximo — que Deus o não ha chamado mais breve a si, por que a prova a que elle nos sujeita, não é uma e a mesma para todos.

Dirá a todos os que soffrem: tende fervorosa sup-

plica sobre os labios abrasados, e vossa sede se apagará, e vossas dores cessarão. Um momento só de fé, e de arrependimento, e eu vos prometto uma eterna felicidade. Não queiraes destruir pelo nefando crime do suicidio esse immenso futuro no qual vos é possivel entrar livre e radiante, sem que uma duvida cruel venha lançar um invencivel horror sobre vossos ultimos momentos.

Nós outros, que até hoje temos marchado no recto caminho da Santa fé, e a quem uma santa esperança sustenta no meio dos males do nosso seculo, não abandonamos nossos irmãos desvairados, rogamos pelos que já falleceram, e sustentamos os que vacillam.

* * *

A MORTE DO IMPIO.

Que infeliz é a morte dos peccadores!

PSALM. 33.

I.

ENTRAI neste aposento, onde agonisa
Um de vossos amigos:
Dai-lhe consolaçoens, dai-lhe conforto
Agora... pois, manhan... que importa ao morto
A pompa dos jasigos?!

Entrai neste aposento, onde já vistes
O mimoso da sorte.
Acercai-vos do leito, onde elle geme.!.
Tão forte no viver, vêde-o que treme
Do fantasma da morte!

Apertai essa mão, que a morte aperta
Com terrivel vigor!
Animai-o no trance desta hora,
Apagai-lhe esse fogo, que o devora
Na ancia do estertor!

A CRUZ! mostrai-lhe a cruz!....
.....
Não existia,
Nem signal de christão!
Viveu sem Deus o impio, e na agonia,
Se o remorso lhe grita, balbucia
Sinistra imprecação!

A larva do passado a mão do crime
Ao leito lhe encaminha:
Forceja em repelli-la, e desfallece...
Quer fugir-lhe... não póde, e a larva cresce,
E ao leito se avisinha...

Oh! dai-lhe um sacerdote! ainda é tempo
De salva-lo, talvez!...
Arrancai-lhe uma lagrima dorida,
Tirai-lhe uma oração da alma perdida...
Pedi-lh'a inda uma vez!

II.

Um padre entra na camara do impio,
E o impio os olhos crava apavorados
No vulto magestoso desse homem
Que junto ao leito está!
Mensageiro da morte o considera,
E não homem de Deus! impio sarcasmo
Os labios não proferem, mas da alma
Ninguem lh'o arrancará!

O padre, em cuja face irradiava
Esp'rançosa alegria, entristeceu-se,
Vendo o crime turvar aquella alma,
Revolta contra a luz!
Mas, forte da missão que o céu lhe ha dado,
E inflammado na fé, pede aos amigos
Daquelle agonisante — o auxiliem
Trazendo-lhe uma cruz.

Amigos... neste lance abandonaram-no!..
Confortos... nem um só vindo d'amigos!...
Amigos! era um só na hora extrema...
— O ministro de DEUS!
Trazei-lhe o vosso balsamo, oh impios!
Ajudai-lhe a quebrar essas cadeias,
Que o algemam na terra, onde insultára
Tantas vezes os céus!

A cruz da Redempção entre dois cyrios,
E um padre... eis quanto ahi ao impio resta,
No quarto, onde a final se fecha um drama
De perversas paixoens!
Que importa o padre e a cruz? O moribundo
Tem dentro das entranhas um incendio,
Que as lagrimas lhe queima, e desesp'rado
Não quer consolaçoens!

Oh! que acerbos fantasmas lhe esvoaçam
Nas sombras do clarão, que a luz derrama
Entre os torvos panaes do leito, imagem
Da eça funeral!
Oh! que imagens de virgens, que se arrastam
Cuspidas nessa fronte, onde existiram
As corôas da virtude, e hoje a deshonra
Poz ferrete infernal!

III.

Suor de morte lhe gelara as faces,
Cavos gemidos lhe arrancava a dôr!
Joelhava o padre, soluçando a prece:
« Misericordia, compaixão, Senhor!

« Não podem homens, sem o vosso auxilio,
« Salvar um impio, que descreu de Vós!
« Cravai-lhe n'alma o pungir do crime,
« Fazei calar de Satanaz a voz!

« E' tempo ainda! inspirai-me, oh anjos!
« Palavras sanctas d'incendida fé!
« Que eu vá de rastos a cumprir um voto,
« Mas salve este homem, se perdido é! »

IV.

Lá no leito d'espinhos reluctava
A vida contra a morte, e archejava
Saturado de fel um coração...
Ao impio o seu passado é tão formoso!
E o porvir... *para sempre*... duvidoso...
Que medonhos contrastes d'afflicção!

Saudades do seu berço d'innocencia,
Saudades das paixoens, em cuja ardencia
A imagem do seu Deus tornára em pó!...
Saudades dos seus crimes e maldades,
Saudades do que foi... tudo saudades...
E esp'ranças, meu Deus!... nem uma só!

« Padre — exclama o impio — eu tenho ouro,
« Sou rico, dou-te bens, e o meu thesouro...
« E ampara-me o viver um anno mais!
« Não devo inda morrer! Se não me acodes,
« E's um fraco mortal, que nada podes,
« Se invocas o teu Christo entre os mortaes! »

O padre estremeceu! — nas mãos lhe treme
A Cruz do Salvador. . . e o impio freme
Soturnas vozes de blasfemia atroz!
O padre ajoelhado a Deus recorre. . .
Mas nos olhos do impio a luz já morre, . . .
E a lingua do blasfemo não tem voz! . . .

E o padre murmurou: « Foram contados
« Teus dias, infeliz! vão ser julgados
« Teus crimes na presença do Senhor!
« Alma christan, aparta-te do mundo
« Teu abismo de crimes foi profundo,
« E' mais a compaixão do Redemptor! (*)

« Compaixão, oh Senhor, que este precito
« Tem lagrimas, talvez, geme contricto,
« Mas queima-lh'as a dôr no coração!
« E' creatura vossa. . . foi do nada
« Por vossa mão santissima tirada. . .
« Reconhecei-a Vós por compaixão! » (**)
. . . . . .

V.

O padre erguera a face veneranda
Sobre as extremas contorsoens do impio,
Que infundiam terror!
Um instante depois, o padre orava
Por alma do infeliz. . . pois só Deus julga
Quem é o peccador! . . .

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

FEVEREIRO.

8. Domingo *da Septuagesima*. S. João da Matta, nobre francez, depois de doctorado em theologia, foi ordenado presbytero pelo bispo de Pariz, na tenção de o empregar no ensino da juventude de sua diocese; porém Deus o destinava a outros mais arduos e uteis trabalhos. Retirou-se primeiramente a um ermo a fim de desprender seu espirito de todos os laços terrenos; e encontrando se alli com S. Felix de Valois viveram juntos por espaço de tres annos passados nos mais fervorosos exercicios da virtude. Repetindo-se uma visão analoga a outra que já em Pariz, ao tempo de celebrar seu primeiro sacrificio, havia tido, partiram ambos para Roma, e impetraram do Papa Innocencio III a approvação do instituto da Ordem da Santissima Trindade da Redempção dos Captivos. Por seu zelo e incansavel actividade logo se fundaram muitos mosteiros e hospitaes em França, Hispanha e Italia; e depois de assim haver empregado sua vida em beneficio do proximo, passou a gosar o descanço eterno no dia 27 de Dezembro de 1213.

9. *Segunda feira* S. Apolonia, V. M., natural de Alexandria, e já de edade avançada, foi accusada como christan durante a perseguição de Decio, pelo anno 250; e como ella recusasse venerar os idolos, e não cessasse de confessar publicamente que Jesus Christo era verdadeiro Deus, quebraram-lhe primeiramente todos os dentes, e por ultimo, consumido seu corpo em uma fogueira, voou seu espirito ao Céu. Nesta circunstancia de seu martyrio — de lhe serem quebrados os dentes — acham os fieis uma rasão para a ella com especialidade se dirigirem quando se crem atormentados com similhantes dores.

10. *Terça feira*, S. Escholastica, irmã do glorioso patriarcha S. Bento, abraçára como elle a vida cenobitica, e com algumas outras companheiras habitava em um mosteiro chamado de Santa Maria de Plumbariola, a uma legoa de Cassino. Só uma vez em cada anno costumavam os dois irmãos visitar-se, partindo o caminho a meio, e ajuntando-se em uma granja pertencente a Cassino; e na ultima destas visitas, pedindo ella a seu irmão que ficasse com ella aquella noite, para que até pela manhan fallassem dos prazeres da vida celeste, e denegando-se elle a isto, teve de o fazer constrangido, porque de repente a serenidade do ar se trocou em um temporal desfeito. Passados tres dias, viu S. Bento a alma de sua irman subir ao céu em figura de uma pomba, e mandou conduzir seu cadaver para Cassino, onde foi depositado no mesmo sepulchro, que elle para si havia preparado, e em que effectivamente tambem elle veio a ser sepultado. A morte de S. Escholastica foi pouco mais ou menos pelo anno 540.

11. *Quarta feira*. S. Lazaro, bispo. Não podemos obter noticias biograficas deste santo, e apenas pelo martyrologio sabemos, que não é este o Lazaro resuscitado por Jesus Christo, porque esse foi bispo de Massilia na França, e venera-se a 17 de Dezembro, e este foi bispo de Milão.

Item. Os sete fundadores da ordem dos Servitas, os quaes foram sete commerciantes da cidade de Florença, que, fugindo aos perigos do mundo, se retiraram para o monte Senario pelo anno de 1223; e no anno de 1239 receberam de seu bispo a regra de S. Agostinho, e elegeram por seu geral a Bonfilio Monaldi, que era um dos sete. O especial exercicio dos Servitas era a meditação das acerbas dores de Maria Santissima.

12. *Quinta feira*. S. Eulalia, V. M., era natural de Hispanha, e na perseguição de Decio, pelo anno 302, não esperou que fosse delatada como christan: ella mesma, tendo apenas 14 annos de edade, foi apresentar-se ao presidente Daciano increpando-lhe a crueldade com que perseguia os christãos! O incorregivel barbaro depois de a mandar atormentar com tochas accesas, dilacerar com pentes de ferro, e escaldar com azeite fervendo, a mandou por ultimo pregar em uma cruz, onde expirou. Durante as torturas do seu martyrio não perdeu a alegria da innocencia, e como cantando repetiu sempre estas palavras: *Porque meu Deus me conforta não sinto vossos martyrios.*

13. *Sexta feira* S. Gregorio II, filho de Marcello e Honesta nobres romanos, abraçou, mancebo, a vida monastica debaixo da regra de S. Bento. De reconhecidos talentos e zelo, foi pelo Papa Constantino empregado em varios negocios da Egreja; e por morte deste Papa foi por geral acclamação eleito seu successor. Foi um Pontifice benemerito pela prudencia com que se houve, já reprimindo as ambiciosas pretenções dos Longobardos sobre os Estados Pontificios, já cortando a cabeça á hydra heretica dos Iconoclastas, já finalmente fundando ou reparando muitos estabelecimentos uteis. Cahiu-lhe a thiara para que cingisse a corôa da gloria no anno de 731.

14. *Sabbado*. S. Valentim M, sendo um presbytero recommendavel pela sciencia, e mesmo dom de milagres, curando muitos doentes, operava numerosas conversoens; e por isso causou medo ao tyranno Claudio Cesar, que na via Flamnia o mandou primeiramente flagellar com varas, e depois, cortar-lhe a cabeça.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Festividades nos Congregados. — Na egreja da extincta congregação do oratorio desta cidade se fizeram duas solemnissimas funcçoens, uma a S. Francisco de Sales, no 1.º do corrente, e a outra a Nossa Senhora Auxiliadora, no dia 2, cujas veneradas imagens alli se acham collocadas em seus respectivos altares, tendo protectores especiaes que mui desveladamente promovem a devoção e o culto, não somente destas, como de todas as outras devotissimas imagens alli veneradas.

Aquelle magestoso templo, que hoje se acha a cargo da veneravel e muito antiga irmandade de Santo Antonio, cada vez mais tem atraido a devoção, e o fervor nos piedosos sentimentos dos habitantes desta cidade, eminentemente religiosa. A mesa actual tem desenvolvido tal energia e zelo no augmento do explendor, obras e adornos necessarios, para a manutenção da decencia nas funcçoens regulares do Culto Divino, que sempre coadjuvada por avultadas e repetidas esmolas, augmenta e prospera na sua empreza d'obras de elevado custo, e de reconhecida utilidade para o templo e para o publico.

E' geralmente sabido que ella não possue recursos nenhuns proprios; mas apesar disso, d'ha annos a esta parte, de dia para dia, tem sido visivel a protecção de Santo Antonio, nosso inclito nacional em proteger e abençoar seus esforços, e inspirar o sem numero de bemfeitores, que tanto concorrem para o seu culto. Póde dizer-se que a irmandade de Santo Antonio não é só, e privativa dos seus confrades — os seus confrades são os habitantes desta religiosa cidade. Jámais a mesa a elles recorreu em vão. E' por isto que ella resolveu que todas as missas, alli celebradas d'hora em hora nos domingos e dias santificados, fossem especialmente applicadas por todos os bemfeitores vivos e defuntos; e tambem por isto que determinou mais se dissesse uma missa ás sextas feiras pelas 8 horas da manhan, e com a ladainha no fim, celebrada

(*) *Proficiscere anima christiana de hoc mundo.*

(**) *Miserere, Domine, gemituum miserere, lacrymarum ejus. Agnosce, Domine, creaturam tuam non à diis alienis creatam, sed á te solo Deo vivo, et vero.*

São textos da oração que a egreja applica aos agonisantes, indifferentemente a sanctos e impios, porque, nas apparencias da morte boa ou má, é caridade e dever do christão sujeitarmos os nossos juizos ao Juizo de Deus.

no devotissimo altar de Nossa Senhora das Dores, com especial applicação pelos mesmos bemfeitores daquella egreja.

Estes bens espirituaes, alem das muitas graças concedidas por bullas pontificias, especialmente áquelle altar onde é canonicamente constituida a confraternidade das Dores de Maria, e com exercicios designados pelas mesmas bullas; tantos bens acabam de ser augmentados por uma benignissima concessão do exc.mo prelado desta diocese, com mais quarenta dias de indulgencias a quem assistir áquella missa, e á ladainha, rogando a Deus pelo augmento da santa fé, paz e concordia no nosso reino, e que elle seja livre dos flagellos da peste, fome e guerra.

Depois de tantos incentivos de piedade tudo se póde esperar dos religiosos portuenses. Cada altar daquelle templo tem seu protector especial; e não menos de quatro são os particulares protectores que a seu cargo tem tomado a veneração da imagem de S. Francisco de Sales. Foi a sua festividade feita com a maior pompa e magestade, a egreja ricamente adornada, immensa profuzão de lumes, a missa foi cantada a grande orchestra, e se executou a missa chamada de Moyses, composição do nosso insigne mestre Leite: todos os ecclesiasticos se prestaram ao serviço Divino, assistindo tambem a mesa da irmandade de Santo Antonio, administradora da egreja. Foi tanto o concurso que alli affluiu, que enchia o vasto recinto daquelle templo; prégou o snr. padre Sousa, que sendo ainda joven dá esperanças de vir a ser um bom orador.

Terminou a festa pelas duas horas, mas em todo o decurso da tarde esteve sempre a egreja cheia de gente de todas as classes para visitar o altar do santo, que se achava revestido com riquissimas vestes pontificaes.

No dia seguinte 2 do corrente teve tambem logar a festa a Nossa Senhora Auxiliadora, cuja imagem ha poucos annos se acha collocada por ordem do mesmo exc.mo prelado, no venerando e enriquecido altar de Jesus Maria José, enriquecido sim, porque é verdadeiramente um sanctuario de immensas e preciosas reliquias todas authenticas de muitos santos e santas da egreja de Deus, alem do corpo de S. Clemente Martyr nelle depositado: o que tudo muito individualmente vem descripto no livro intitulado — *Escudo Admiravel.*

Aquella funcção foi tambem grandiosa, até porque apresentou o contraste de em logar de musica instrumental, se cantar uma magestosa missa a cantochão e orgão, executada pelos melhores cantores da cidade; esteve tambem o Santissimo Exposto como no dia antecedente, e orou o reverendo padre João Eloy, que satisfez completamente o immenso auditorio que o escutou, mostrando n'um bem delineado discurso a origem e progressos da utilissima devoção de Nossa Senhora Auxiliadora, e as vantagens daquella irmandade tão diffundida no Christianismo. *

CHRONICA RELIGIOSA.

Inglaterra. — *Conversoens ao catholicismo em* 1851. — Clerigos anglicanos — Reverendo F. S. Barff, A. B., cura da egreja da SS. Trindade em Hull.

Rev. Henrique Bedford, cura da egreja de Christo, em Hoxton.

Rev. Danvers Clarke, M. A., do collegio d'Exeter, em Oxford, deão rural e rheitor d'Iping, em Sussex

Rev. Edmundo Caffin, cura de Farleigh oriental, em Kent.

Rev. G. L. Coghlan, cura de Torquay.

Rev. João Collins, M. A., em Liverpool.

Rev. Henrique Coombs, cura de S. Salvador, em Leeds

Rev. J. G. L. Crawley, dito, dito.

Rev. Dodsworth, vigario de S. Pancracio, em Londres

Rev. T. Dykes, cura da egreja da SS. Trindade, em Hull.

Rev. J. E. Earle, vigario da egreja de Christo em Brandford, no Wilts.

Rev. Guilherme Evert, de New-York.

Rev. Harper, de S. Pedro, em Pimlico.

Rev. S. B. Harper, de S. Niniano, em Perth.

Rev. F. Hathaway, doctor do collegio de Worcester, em Oxford, recente vigario de Shadwell, junto de Leeds.

Rev. José Henrique Jenrard, D. C. L., membro do senado, e examinador em classicos e historia, na universidade de Londres; antigo doctor e cathedratico do collegio de Cayo, em Cambridge.

Rev. W. C. J. Hutchinson, cura de S. Endellion.

Rev. R. A. Johnstone.

Rev. James.

Rev. Laprimandaye, cura do arcediago Manning.

O honoravel e rev. J. Towry Law, irmão de lord Ellenborough, e chanceller da diocese de Bath e Wells, vigario d'Harbourne.

Rev. W. M. Lethwait, vigario de Clifford, no Yorkshire

Rev. Manning, M. A., arcediago de Chichester &c.

Rev. J. Minster, vigario de S. Salvador, em Leeds.

Rev. James Orr, cura de S. James, em Bristol.

Rev. João R. Shortland, M. A., do collegio d'Oriel, em Oxford, cura de Kibworth, Beaucamp, e Leicester.

Rev. João Rodwell, de Cambridge.

Rev. S. P. Rooke, cura de S. Salvador, de Leeds.

Rev. James Scralton, M. A., do collegio de S. João, de Cambridge; successivamente cura das parochias de Stillingbourn e Jurede, e da egreja d'Emanuel, em Bolton-le-Moors.

Rev. Vale, da capella do palacio de Buckingham.

Rev. Eduardo Walfodr, M. A., do collegio de Baliol, em Oxford.

Rev. R. Ward, vigario de S. Salvador, de Leeds.

Rev. Fernando Elliot White, de New-York

Rev. J. H. Woodward, vigario de S. James, em Bristol.

Seculares convertidos. — Lord Nigel Kennedy, irmão do marquez de Ailsa.

Honoravel Gilberto Talbot.

A marqueza de Lothian.

A duqueza de Montebello, em França.

Lady Newry.

Lady Catharina Howard, filha do conde de Wicklow.

Lady Emma Carlota Peat e sua familia.

A condessa de Hahn-Hahn, celebre novelista e escriptora.

Conde de Lippe e sua familia, em Allemanha.

Hon. Miss Brand, filha de lord Dacre.

Barão Turkheim, antigo membro do ministerio de Baden.

Barão Weld.

O ultimo Hon. Almirante sir. João Talbot, G. C. B.

João Simeno, Escudeiro, M. P., pela ilha de Wight.

Sir Vere de Vere, Baronete, do castello Curragh, em Limerik, e lady de Vere.

O advogado Bellasis.

Samuel Grimshaw, Escudeiro, d'Errwood-Hall, magistrado de Lancashire, e sua familia.

O capitão Paterson, irmão do rev. Paterson.

Carlos Dashwood, Escudeiro.

James R. Hope, Escudeiro. Q. C.

O capitão Haliburton, do regimento 78, sua esposa e filha.

Roberto Biddulfo Philipps, Escudeiro, de Longworth, no Herefordshire.

O professor Gfraerer, historiador da — *Guerra dos trinta annos.*

O professor Nevill, Escudeiro, de S. Salvador de Leeds.

Aubrey de Vere, Escudeiro, auctor das — *Viagens na Grecia* — e da = *Confusão ingleza* — e das — *Más acçoens irlandezas.*

O tenente Ernesto Nightingale, sobrinho de lord Ellenborough.

Francisco R. Ward, João Hutchinson, Henrique James Thompson, João Walts, Rowland Halker, Henrique Holden, James Grey, T. L. Coghlan, F. C. Jagg, Guilherme Henderson, Luiz Mackenzie, e Guilherme Webb, Escudeiros.

Mr. Frederico Myers, de Birkenhead.

Mrs. Turner, viuva do Rev. Carlos Turner, d'Hanwell-park, no Middlesex.

Mrs. Thwaites, esposa de Daniel Thwaites, Escudeiro, de Blackburn.

Miss. Hubbard, irman d'Hubbard, Escudeiro.

Miss Hanmer, irman de Lady Carlota Kerr.

Miss Scott abbadessa do convento protestante de Perth.

Mrs. Scalan.

Mrs. Cullen.

Miss Law e outras senhoras religiosas em Knightsbridge e Margaret-Street.

Mrs. Jerrard, esposa do Rev. dr. Jerrard.

FEVEREIRO 21. 1852. — N.º 8.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DO PAPA E DO SEU PODER TEMPORAL.

III.

(Conclusão.)

Ha 1852 annos que o genero humano era um mixto informe de grandeza e de miseria, de soberania despotica, e de vassalagem corrompida. Roma era a rainha do mundo, era o emporio das luzes do paganismo, era a patria dos Cezares, era o berço de Cicero, de Terencio, de Pollião, e Tito Livio.

Nada lhe faltava para fascinar as naçoens humildes, que vinham de rastos depôr a sua nacionalidade á sombra protectora das aguias do capitolio.

Lá dentro, porem, naquelle branqueado sepulchro formigavam os vermes, e rescendia o fetido daquellas ossadas putridas, de que falla Jesus Christo, n'uma das suas divinas admoestaçoens aos impostores d'uma exterioridade mentirosa. Gemiam servos os que nasceram servos, e rojavam com a face no chão, molhado pelo seu suor, aquelles, que, encerrados nos curraes dos netos dos patricios, recebiam o aviltante apellido de *animaes immundos.*

O Filho do Altissimo, nascido no mais despresivel torrão do imperio romano, levanta a sua voz sobre o murmurio gemente dos opprimidos, e a hilaridade cruel dos oppressores:

« Vinde a mim, vós todos os que padeceis, e sois « opprimidos, que eu vos livrarei. »

Esta promessa, tão impossivel de realisar-se pelos simples desejos d'um homem pobre e desvalido como Jesus de Nazareth — impossivel, ainda quando os milhoens de braços opprimidos estrebuchassem por quebrar as suas algemas — devia ser realisada no dia designado pelo Eterno, porque Jesus de Nazareth era a expressão do Eterno, era o braço visivel da Omipotencia, era o proprio Senhor, que no paraizo terreal se mostrára a Eva criminosa, e no alto do Calvario a Maria, thesouro redemptor dos filhos de Eva.

A promessa, pois, realisou-se, e os meios, que a sabedoria divina escolheu, no manancial da sua omnipotente vontade, são uma serie de fenomenos, que insensivelmente nos dobram o joelho á causa mysteriosa que os produziu.

As maximas de Jesus Christo, como fructos do ceu pendentes da arvore da Cruz, dulcificavam a amarga existencia do genero humano, quando as turbas conquistadoras do septemtrião rasgavam em retalhos esse envoltorio brilhante, que parecia esconder aos olhos de Deus a perversidade da Roma pagan.

Quando o papa S. Leão afastou das portas de Roma o barbaro que a posteridade galardoou com o epitheto feroz de *açoute da humanidade*, nesses vivas enthusiastas, que os romanos bradam em torno da cadeira de S. Pedro, está significado o *salve* fervoroso da geração regenerada ás maximas de Jesus Christo, que, proclamadas pelo seu representante na terra, desarmam o braço cruento de Atila.

Talado o imperio d'Augusto, e retalhado em tantos dominios territoriaes, quantas eram as raças, e quantos eram os caudilhos aventureiros, Roma, como a arca do unico justo, boiando sobre as vagas do diluvio social, permanece quêda e altiva da sua nobre soberania, e continúa ainda com os minaretes dos seus pomposos edificios erguidos para o ceu, como apontando para a protecção divina que de lá lhe vinha.

Visivel e prodigiosa era essa protecção, quando os homens da selva aziatica, depunham o frankisk, salpicado de sangue europeu, e curvavam o joelho diante do summo pontifice, a quem pediam regras para governarem as suas naçoens mal firmes sobre o volcão das hordas insubordinadas.

Um desses reis devastadores não teme deixar sua mulher e suas filhas entregue ao bispo de Antiochia, porque, dizia o godo — não ha no mundo homem de mais honra, e de mais temor de Deus.

A edade media, farta de prepotencias feudaes, e famosa pela tyrannia de seus *senhores*, e pela humilhada obediencia de seus *escravos*, é tambem a edade da propagação do christianismo, cujas maximas santas chamavam ao sanctuario d'um Deus consolador o homem, que, torturado nas carnes, sentia-se invulneravel no espirito, que anciava a hora das recompensas eternas

E' que soavam ainda as palavras de Jesus Christo:

« Vinde a mim, vós todos que padeceis, e sois op- « primidos, que eu vos livrarei. »

Até aqui, nem um de vós, leitores desapaixonados, hesitará em crer na fidelidade deste esboço, que é uma pagina da filosofia do Christianismo.

Daqui em diante, lêde com mais precaução o que vae ser-vos contado; e quando sentirdes impulso de exclamar — *é mentira!* — eu vos direi onde bebi o fel dessa mentira, que nem ao menos me foi dada a beber por taça de ouro, como se costuma dizer.

O Evangelho era a palavra de Christo. Christo era o Redemptor. O sangue do Justo lavara a nodoa do crime na face do homem. O homem, sem aquelle ferrete de ignorancia e degradação, devia civilisar-se. A civilisação pois era filha do Evangelho, e o homem, que regrára os seus costumes pela possivel imitação de Christo, estava civilisado.

Passaram os primeiros dez seculos, depois que os apostolos sahiram do Cenaculo a derramarem a luz civilisadora na escuridade do mundo. O mundo, no fim desses dez seculos estava allumiado; o espirito não tinha trevas que lhe empecessem o seu olhar aspirador por dimensoens amplissimas, e, por consequencia, a luz do entendimento humano eclipsava a luz do codigo divino. Cessou o Evangelho. Cessou o apostolado, o homem, reanimado no seu pó, pelo *fiat lux* da civilisação, não teve mais nada com o papa, nem

com a religião, nem com as excommunhoens, nem com os interdictos.

Se me perguntaes que força sobrenatural fez que os homens voltassem as costas ao Evangelho de quem haviam recebido tamanhos beneficios, responder-vos-hei, em nome da *Peninsula*, que essa força não foi sobrenatural, mas foi logica, rigorosa, e naturalissima — foram as *especulaçoens positivas*.

Se tendes a perdoavel simplicidade de perguntar-me o que são « especulaçoens positivas » dir-vos-hei em nome da *Peninsula*, que são as *transacçoens commerciaes*, *e os progressos das sciencias fisicas e artes mecanicas*.

Sabei, pois, que o adiantamento nas sciencias, e a permutação de generos, são uma qualidade inherente ao genero humano, em virtude da qual o homem é dispensado de tributar culto ao seu creador; e o eleito de Jesus Christo para velar na manutenção da sua obra divina, é como esses velhos de uma tribu selvagem, que morrem legalmente, como inuteis, ás mãos dos filhos a quem deram o ser.

Já sabeis que escrevo debaixo das impressoens que recebi da *Peninsula*. O contexto das suas doctrinas é este; mas a intelligencia divina, que preside á fraqueza dos bem intencionados de coração, ainda que pobres da intelligencia humana, permitte que a heresia desses *nadas* pomposos deixe em minha alma vestigios de si, como essas aves da noite, que esvoaçam occultas, e nem a olhos de lince deixariam no espaço um leve signal da sua passagem.

E eu vos digo porque:

A *Peninsula*, quando fechou o primeiro capitulo do seu artigo do n.º 4, disse-nos desembuçadamente que, no seculo XVI, confiara a Providencia ao heresiarca Luthero a modificação do christianismo. Luthero descarregava vigorosos golpes na auctoridade papal, como consta das palavras da *Peninsula*, e dessa tentativa, mais ou menos feliz, é que pendia o adiantamento do christianismo.

Preparei-me para encontrar no capitulo immediato uma correcção ao dogma e á disciplina da Egreja Catholica, correcção tal, que, sem ella, nem a humanidade podesse servir ao christianismo, nem o christianismo prestar incentivos ao progresso da humanidade. Imaginei que a reforma devia ser toda no poder espiritual do papa, e nada tinha a actuar no poder temporal, por isso que Luthero applicou uma accepção nova ás palavras de Christo, em quanto ao primado do papa, e deixou ao seculo XVIII a liberdade de lançar mão sacrilega ao laço que prende o baculo ao sceptro.

Estas esperanças desvaneceu-mas a *Peninsula*, quando, esquecida do preito, que prestára á infallibilidade espiritual do pontifice, nada tem a fazer com o dogma, e afadiga-se em invectivar injurias contra o poder temporal de Pio IX.

A guerra, pois, era toda ao poder temporal, á soberania, ao rei, ao chefe da nação, á jerarchia, á divisão de classes, e ao throno dominante, e repressor das violencias populares. Assim era logico que fosse, porque sabido é que os ultrages feitos ao chefe da Egreja Catholica são armas politicas, cujos golpes seriam mortaes, se Jesus Christo não promettesse uma vida immortal á sua esposa mystica.

« No momento em que a plebe já vae conhecendo — « diz a *Peninsula* — que tambem ella tem direitos a qui- « nhoar da ventura e gosos communs, agora que começa « a sacudir o jugo das classes opulentas; quando a Italia « aspira a regenerar-se, qual poderia ser a missão do pa- « pa como soberano temporal? »

Nenhuma, certamente, porque não ha regeneração possivel, no vosso diccionario politico, sem que os monarchas se nivellem comvosco. Deverá o papa esperar no vosso tribunal um juizo differente daquelle que fulminaes a todos os soberanos? O papa, que, na vossa opinião não passa d'um velho instrumento da civilisação antiga, poderá fazer-se respeitado aos vossos olhos pela aureola divina que Jesus Christo fez descer no docel da sua cadeira apostolica?! Não. Demais elle é injuriado pelo odio impotente destes publicistas modernos, que despem as faixas dos primeiros rudimentos d'uma sciencia apoucada, para vestirem a toga de grandes doctores entre pequeninos ignorantes.

Pouco deixam que recear pelo futuro da Egreja. Não conseguirão jámais as suas verrinas insultuosas o que não poderam conseguir os *pampheletos* de Mazzini.

« Eu sou algum tanto christão » diz o redactor da *Peninsula*. Calvino e Luthero diziam mais. Esses julgavam-se os verdadeiros christãos, e não consentiam que lhes chamassem *algum tanto*. Esta quantidade assim diminuta, se o auctor do artigo a escrevesse como protesto de fé no cimo do seu primeiro artigo, poupava-me este consumo de columnas no CHRISTIANISMO, porque não é com ellas que eu espero desilludir o homem *algum tanto christão*.

E que provas nos dá a *Peninsula* de que o seu redactor é algum tanto christão?

Cita-nos o cap. 23 de S. Matheus, em que Jesus Christo reprehende severamente os farizeus e escribas, que, sentados na cadeira de Moyses, ostentam um orgulho de mestre, e senhores, quando verdadeiro senhor, verdadeiro mestre, e verdadeiro pae é so Deus.

A que vem o texto aqui? E' para negar o primado do papa? Desgraçada contradicção é esta de vossos principios tão manifestamente postos em favor da infallibilidade espiritual do vigario de Christo!!

Como havemos nós accreditar-vos, quando dizeis, que « Jesus Christo, em pessoa, instituira o papado!? »

Combatido com bastante fragilidade, mesmo com astucia bem somenos do que devia esperar-se, o poder temporal do papa, a *Peninsula* eleva-se ás alturas de filosofia politica, e medita tristemente na situação que convem aos padres n'uma sonhada crise porque vamos passar de tormentosa *regeneração social*. Lembra-se de mil coisas tetricas, e uma que mais parece pungir-lhe sua alma, *algum tanto christan*, é que « uma nova religião venha « alçar-se em frente da antiga, e assenhorear-se da so- « ciedade sobre os destroços do extincto christianismo. »

E' um temor bem significativo este! E' o espirito do incredulo a enluctar-se, não pela morte possivel d'uma religião protegida pelo ceu, mas pelo descorocoamento de arrastar a sociedade ao seu abysmo, em quanto o estorvo do padre catholico lhe resistir com o vulto invulneravel da sua unidade evangelica.

O christianismo repelle os vossos systemas de sociabilidade. e permanece estavel naquella civilisação, que faz a felicidade dos seus primeiros seculos, e continua a fazer nos fieis que se lhe votam de todo o seu coração.

Carpis a devassidão do clero, e prophetisaes uma época em que o padre negará a religião e a cruz.

Não, senhores, o padre, a quem gratuitamente chamaes ignorante, não abre os olhos a essa luz da vossa sciencia, que é inimiga irreconciliavel da religião e da cruz. Exclusivo vosso, a incredulidade será o lamentavel fructo do raro sacerdote que busca a arvore da sciencia na escóla do mundo; mas o clero virtuoso e digno da sua missão, superior á dos anjos, quando houver de lastimar-se na perda de um membro seu, reprehenderá o mau com aquellas doctrinas que vós ultrajaes na pratica, e hypocritamente douraes nos vossos libellos difamatorios.

A *Peninsula*, impondo preceitos ao sacerdocio, invoca o testemunho de S. Paulo, e cita o 1.º e 4.º versos da 5.ª epistola do apostolo aos hebreus:

« Porque todo o pontifice, assumpto d'entre os ho- « mens, é constituido a favor dos homens naquellas coisas « que tocam a Deus, para que offereça dons e sacrificios « pelos peccados. »

Se a *Peninsula* fizesse uma ideia cabal do que é *offerta de dons*, e o que são *sacrificios pelos peccados*, não tivera escripto que as excommunhoens e os interdictos são bravatas ridiculas do Summo Pontifice. E se tivesse comprehendido o 4.º verso, que cita, de S. Paulo, não o traduziria com esta grammatica:

« E nenhum usurpa para si esta honra (a de pontifi- « ce) senão o que é chamado por Deus como Arão. »

S. Paulo não disse isto. O que na sua epistola encontramos é:

« Esta honra ninguem a attribue a si mesmo; mas é necessario ser chamado a ella por Deus como Arão. » (*)

Entre os judeus ninguem podia ser Pontifice fóra da linha d'Arão, a cuja posteridade Deus chamára para aquel-

(*) *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur á Deo, tanquam Aaron.*

la dignidade. Na Egreja de J. C. ninguem póde ser sacerdote, nem ministro do altar, sem ser para isso chamado pelos que presidem nessa mesma egreja, e que por linha recta, vem dos apostolos. (*)

A honra do sacerdocio ninguem a usurpa: é necessario ser transmittida pelo corpo gerarchico da egreja; e nada importa a vocação espontanea do ordenando, quando o sacramento lhe não fôr imposto pelo ministro. A *Peninsula* valeu-se capciosamente do texto para aggravar os delictos do mau padre, reputando-o usurpador do seu ministerio. S. Paulo não auctorisa absurdos, embora o articulista sinta a precisão de dizer aos sacerdotes, com Jesus Christo:

« Mas ai de vós Escribas e Fariseus hypocritas, que « fechaes o reino dos céus diante dos homens, pois nem « vós entraes, nem aos que entrariam deixaes entrar.

Os sacerdotes, sem sahirem das palavras de Christo, que a *Peninsula* rebuscou para corroborar as suas invectivas, poderão tambem applicar aos douctrinarios da *Peninsula* uma excellente parte do mal comprehendido texto de S. Matheus:

« Ai de vós conductores de cegos . . serpentes, ge- « ração de viboras, como escapareis de serdes condem- « nados. . . ?

« Enviar-vos-hei profetas, e sabios, e doutores da « lei: matareis e crucificareis a uns, e açoutareis outros « nas vossas Synagogas, e os perseguireis de cidade em « cidade;

« Para que assim caiha sobre vós todo o sangue dos « justos derramado sobre a terra, desde o sangue do justo « Abel. . . (**)

Camillo Castello-Branco.

(*) *Antonio Pereira de Figueiredo — Commentarios á Byblia.*
(**) S. Math. Cap. 23—V. 16, 33, 34, 35.

HYMNO

AO MEU EXTREMOSO AMIGO

ADRIANO CARNEIRO DE SAMPAIO.

Ad te, domine, clamabo.
P. S. XXVII. v. I.

I.

Tu que fazes, ó bardo, tu pertendes
Erguer a Deus na lyra os teus accentos
Teu mesquinho trovar?!
Tu! atomo invisivel sobre a terra.....
Folha secca, que o vento da desdita,
Revolve pelo ar?!

Pobre bardo! d'apoz as vozes d'alma
Deixa a lyra vibrar.... derrama aos ventos
A lugubre canção ....
E' forçoso cantar.... Senhor, perdoa....
Escuta da minha harpa o triste canto,
Que solta o coração!

Não te irrites, Senhor, se o humilde arbusto,
Como os cedros do Libano pertende,
Tocar c'o a fronte os Ceus!
Perdoa! se a avesinha quer seus voos
Erguer, como se fora a ave querida,
D'um fabuloso Deus!

Eu por meus soffreria: o soffrimento
E' a virtude das almas como a minha
Temperadas no penar:
Mas a patria, meu Deus, geme n'angustia
Attende á voz do filho, que deplora
A mae a agonizar.

Tu és grande, és na força omnipotente;
De teus labios um sopro o mundo abála,
Amontoa escarceos!
Faz aos astros mudar seu giro eterno;
Cria mundos do nada — ao nada os manda
Volver dos olhos teos!

Tudo podes, Senhor! aos portuguezes
Que ensinaram teu nome ao mundo todo
Não hasde resgatar?
Levanta-te, meu Deus, estende o braço
Assenta-te em teu throno de justiça
A espada faz vibrar!

II.

Portugal! a quem deste mil imperios,
D'oriente ao occidente os hemysferios,
Grandezas colossaes;
Soffre agora a agonia derradeira,
Jazendo entre farrapos na poeira
Não surgirá jamais!

Esta terra, que fora a sublimada,
Das gentes do universo, está prostrada
Esquecida de Deus!
Deu ao jugo a cerviz, e foi sentar-se
Nos sepulchos da morte a prantear-se
Envolta a fronte em veus!

Chamou pelos seus filhos n'agonia,
Mas o echo somente respondia
Ao seu triste clamor!
Chorou muito, do peito verteu sangue,
Caiu sobre os grilhoens, sem força... exangue
Nos excessos da dor.

Viu o manto de purpura rasgado,
O pendão da gloria enlameado,
Varrer o immundo pó:
O seu astro, que o mundo allumiava,
Escondeu-se pr'a sempre á terra escrava...
Louros seccos tem só:

Aquella, que era outrora alta rainha,
Dos estranhos oppressa, se definha,
Nos grilhoens sem valor.
Vestiu-se dos andrajos da pobreza,
Sua fronte, coroada de grandeza,
Cobrio d'immensa dor!

Nem já mesmo o leão sacóde a juba
Quando escuta soar da guerra a tuba
Nas montanhas, no val;
O collosso, que erguia a altiva fronte
Inda acima das nuvens d'horisonte,
Tombou do pedestal!!!

III.

Meu Deus! inda has-de ouvir o canto altivo
Das vozes do teu povo, que sauda,
A sua redempção,
Como o salmo das harpas do profeta
Cantando sob a sombra das palmeiras
As glorias de Sião!

IV.

Eu clamei por meu Deus na minha angustia,
Os meus olhos ergui ao templo santo
Na dor do coração:
Minha prece escutou sua justiça,
Preparou no seu arco agudas frechas
Valeu-me na afflição.

Em columnas de nuvens recostado
Projectando da face o lume eterno
Desceu sobre o universo!
O deserto tremeu na base immensa,
Em brilhos magestosos de grandeza
Ficou o mundo immerso!

A seus pés se resolvem tempestades,
Em confuso rumor trovoens retumbam
A murmurar accentos!
Nas sombras da grandeza envolto o gesto,
Rodeado de gloria foi sentar-se,
Sobre as azas dos ventos.

Soltou a sua voz, que encheu os orbes,
Respondendo-lhe os echos do universo
Com vozes de clamor!
Os astros nos seus eixos se quedaram
Na rapida carreira pára o tempo
Escutando o Senhor!

Junto d'ella os accentos d'oceano
Quando morde com furia o negro escolho,
As vozes do Aquillão...
São um debil gemido que murmura
Um accento, perdido entre ramagens
Da doce viração.

E á voz do Senhor cahiram thronos;
Apos elles grilhoens tambem cahiram;
A escravidão cessou!
A Rainha dos mares supplantada
Ergue a fronte sublime, ostenta o astro
Que outrora fulgurou!!

Coimbra 4 de Fevereiro de 1852.

Guilhermino Augusto.

ANNO CHRISTÃO

FEVEREIRO.

15 *Domingo da Sexagesima.* Trasladação de *S.* Antonio. Havendo este nosso illustre patricio fallecido em Padua, tantos milagres por sua intercessão se impetravam, que os Paduanos tractaram logo de sua canonisação, e a conseguiram ainda antes que se completasse um anno depois de sua morte. Começaram consecutivamente a edificar em sua honra um magnifico templo; e acabado elle, pelo anno de 1263, para alli foram trasladados seus restos mortaes, estando tudo reduzido a pó, menos a lingua, a qual foi vista inteira. S. Boaventura, geral da ordem, banhado em lagrimas de jubilo, por um tal prodigio, exclamou: « O' lingua bemdita, que sempre bemdiceste ao Senhor, e ensinaste os outros a bemdizel-o! agora se vê claramente de quanto merecimento foste para com Deus!! »

16. *Segunda feira.* S. Porfirio M., que, natural de Cezarea na Palestina, servia na qualidade de creado a S. Pamfilo, foi por causa da fé preso e queimado, sendo Presidente Firmiliano no tempo do imperador Galerio Maximiano.

17. *Terça feira.* S. Faustino e Jovita MM., naturaes de Brixia e irmãos, foram presos por causa da religião christã que professavam, no tempo da perseguição de Trajano, pelo anno 107. Parece que Deus lhes deu a tenacidade da vida, para que fossem um modelo de constancia na fé. Afferrolhados nos carceres de Brixia, são depois lançados ás féras e ao lume, mas sahem illesos! Tão extraordinario prodigio produz conversoens; mas os tyrannos, que não se convertem, lá os mandam atados com um mesmo cadeado para Milão, e nenhuma casta de supplicios tambem ahi pode tirar-lhes a vida! São d'alli mandados para Roma, e sobrevivem aos mais crueis tormentos! Transportados ainda para Napoles, são, atados de pés e mãos, lançados ao mar, e os Anjos os sustentam em cima das ondas, e os trazem vivos á praia! Finalmente, o mundo todo já havia recebido, em tão heroico soffrer e tão espantosos milagres, uma bem energica condemnação á sua incredulidade; e por tanto, reconduzidos a Brixia, e não permittindo Deus que desta vez se embotasse o cutello do algoz, foi-lhes decepada a cabeça, para entrarem triunfantes no Ceu.

18. *Quarta feira.* S. Theotonio, natural de Ganfei, entre a praça de Valença e a cidade de Tui, teve uma educação pia e esmerada na companhia de um seu thio que era Bispo de Coimbra. Ordenado Presbytero, foi eleito Prior da Egreja de Sancta Maria de Vizeu, que governou por alguns annos. Ardendo no desejo de visitar os Logares Sanctos, resignou o Priorado, e fez esta peregrinação primeira e segunda vez. Ainda premeditava uma terceira, quando onze clerigos de Coimbra o resolveram a associar-se-lhes, e todos abraçaram a vida de Conegos Regrantes de S. Agostinho, fundando na mesma cidade um mosteiro dedicado á Santa Cruz, de que elle foi o primeiro Prior. Era tido em grande veneração pelo rei Affonso Henriques, o qual muitas vezes attribuiu o triunfo de suas armas contra os infieis ao auxilio das oraçoens deste piedoso Moyses.

19. *Quinta feira.* S. Conrado de Placencia era muito apaixonado de caçar; e de uma vez pegando o fogo a um matagal para desacoutar a caça que lá se escondia, sobreveio um vento forte e se communicou o incendio a umas searas visinhas e causou grande damno. As suspeitas deste delicto recahiram sobre um outro, que, innocente, foi condemnado á morte. Então Conrado se appresentou á justiça, confessando que era elle o reo, e satisfazendo todo o damno causado, fez soltar o innocente. De combinação com sua mulher, ella professou em um convento de freiras, e elle, fazendo-se terceiro de S. Francisco, passou o resto de sua vida mortal perigrinando, e dando-se todo o genero de mortificaçoens, até que chegou á celeste patria.

20. *Sexta feira.* S. Eleutherio foi Bispo em sua mesma patria a cidade de Tornai na França. Entre suas brilhantes virtudes avulta a da caridade, fugindo, como outro José, a uma filha do Tribuno daquella cidade, que podera introduzir-se no gabinete do Sancto, e o tentava ao peccado, de que ella recebeu logo o castigo, cahindo morta.

21. *Sabbado.* S. Maximiano, de Pola, foi nomeado Bispo de Ravena pelo Papa Vigilio. Quando hia tomar posse, soube que havia na cidade um partido apostado a impedir-lh'a; e elle, por não aggravar a desordem, se deixou estar fóra até que esses amotinadores, vencidos de sua mansidão e prudencia, o reconheceram por seu Prelado. Foi zelosissimo de suas obrigaçoens; e longe de distrahir em beneficio de algum parente ou amigo as rendas da sua Egreja, antes as augmentou doando-lhe seu particular patrimonio.

CHRONICA RELIGIOSA.

Inglaterra. —*Diocese de New-port.* — O bispo T. J. Brown escreve de Chepitow em 23 de Dezembro que, em consequencia da quebra do banco de Monmouthshire e Glamorgan, foram muito affectados os reditos do bispado, augmentando-se as difficuldades com a pobresa da diocese; que se vira obrigado o suspender os trabalhos da fabrica da egreja e casa de missão em Carmarthen, porem que, confiando cegamente na Providencia, já ordenara que continuassem os trabalhos outra vez, e recorrera ao meio das subscripçoens para esse fim.

Diz que pela sua parte continuará a viver da charidade d'alguns bemfeitores, e que um bispo catholico tem poucas precisoens pessoaes. Depois de dar graças a Deus pela sua visivel protecção, aproveita a occasião d'informar aquelles a quem a diocese tanto deve pelos resultados de sua charidade.

Ha onze annos que no districto de Galles não havia um real de que o bispo podesse dispor. Depois daquelle tempo construiram-se novas Egrejas em Cardiff, Dowlais, Pontypool, Swansea, Coedangred, Uske, Pater e Brecon; torminou-se Bangor e se tornou a abrir; foi consagrada Newport, e proveu-se á sua pesada divida; e quasi que se amortisou uma consideravel divida de Wrexham. Alem disso construiram-se presbiterios em Cardiff, Dowlais, Pontypool, Coedongred, Bangor, e Brecon; escolas em Newport, Cardiff, Coedongred, Bangor, e Dowlais; e novas missoens emprehendidas e levadas a effeito em Pontypool, Coedongred, Pater, Milford, e Carmathen (dependendo as trez ultimas quasi de todo de pensoens do bolsinho do bispo) com varias estaçoens seguras em tempos determinados de Swansea, Newport, Cardiff, Dowlais, Pontypool, Brecon, e Carmarthen. O instituto da Propagação da Fé muito contribuiu para sustentar estes e os antigos estabelecimentos.

Como sam abundantes e inesgotaveis os caudaes da *caridade*! Precioso vocabulo que expressa a idea mais consoladora do homem! E' animada e possuida do vivo ardor da *caridade* que a Egreja catholica faz prodigios em beneficio da humanidade. A caridade levanta do pó Egrejas, e hospitaes, estanca as lagrimas dos que soffrem e sacia os famintos E que faz a tão decantada filosofia, o que estamos vendo e palpando!

FEVEREIRO 28. 1852. — N.º 9.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O NOVO JUBILEU.

Em Setembro do anno passado concedeu o Pae dos fieis um novo jubileu, por conhecer que o ultimo tinha produzido optimos fructos de benção.

Além disso está a humanidade passando por uma crise tremenda e cumpria dirigir fervorosas supplicas ao Todo-Poderoso para desarmar a sua justa colera.

A oração é um movimento tão natural no homem, quando soffre, que ao mesmo incredulo lhe vem espontaneamente aos labios o nome de Deus, á menor sensação desagradavel que o opprime.

E porque não hão de recorrer os povos á oração em commum, quando a humanidade está tão attribulada, e em caminho para uma renovação ignota e assustadora?!

As desgraças mais pungentes teem ferido todas as classes desde o tegurio coberto de colmo até o palacio de tectos e grimpas doiradas. Este ultimo pela sua elevação tem sido mais açoitado pelo vendaval da adversidade, e mais amargas tem ahi sido as lagrimas, por isso que tem mais sobre que chorar.

O pobre rustico, com quanto a epoca o tenha desmoralisado, cede facilmente aos conselhos e á voz do sacerdote e do missionario, e volta ao exercicio dos seus deveres, apenas tem a fortuna d'encontrar, no seu caminho de miserias, um desses entes privilegiados que Jesus-Christo legou aos homens com a sua doctrina sagrada, persuasiva e balsamica.

Ao rico civilisado, porém, sam precisas grandes catastrofes para lhe demonstrar que os progressos da filosofia racionalista e sceptica, em vez de realisarem a ventura e o aperfeiçoamento moral dos povos, encerram a ruina, o anniquilamento, a servidão, e a morte.

Quando alguns seres privilegiados ousaram predizer a anarchia e o desfecho deste tresbordamento d'ideias e costumes, viram despontar o sorriso da compaixão e até do despreso em muitos labios, e as miserias da nossa época que talvez sejam apenas a espuma que sobrenada na torrente do mal teem sido já tão eloquente resposta que teem feito retroceder a muitos, que caminhavam com os olhos vendados.

E' nesta occasião solemne que a Egreja, pelo poderoso orgão do seu predestinado chefe, chama os homens a voltarem-se para Deus.

As tristes calamidades e extremos perigos que trazem a todos desinquietos e assustados, farão com que a sua voz não clame no deserto, e com que a nossa possa servir tambem de vehiculo da santa doctrina que veneramos, e a cujas eternas verdades estamos votado do intimo d'alma com toda a força de nossa vontade.

Não ha quem não veja que o espirito e a consciencia dos povos carecem d'uma direcção moral. Na constituição christan dos antigos estados havia uma auctoridade presente, que regulava o pensar e a fé publica; o direito humano era então definido e ninguem curava de o substituir arbitrariamente pelo seu direito proprio. A sua applicação podia ser diversa e dar logar a contestaçoens, algumas vezes armadas, porém no seio da sociedade politica havia um arbitrio supremo, e se a auctoridade soffria resistencias, não era atacada por systemas, e era respeitada pela propria anarchia.

Mas agora, aonde está a auctoridade? Que é feito da ideia do direito e desse arbitrio christão que fazia respeitar a justiça? A soberania pessoal acabou com todas as regras, destruindo todos os obstaculos, e as revoluçoens sam interminaveis, porque sam a expressão indefinida da força bruta, podendo aqui vêr o povo o que perdeu, sendo privado da antiga protecção da Egreja.

Constituida a Egreja politicamente como parte integrante dos estados, era protectora nata do direito humano, tanto pelas suas funcçoens como pela sua doctrina. Separada, como agora, dessa organisação, não toma parte nas revoluçoens, e não póde obstar a que as naçoens se despenhem no abysmo, vendo subir e descer os poderes sem tomar interesse por nenhum delles, e só adorando nesta rapida e invariavel successão a tremenda acção da Providencia e os seus terriveis mysterios.

Acautelemo-nos todavia daquelles que nos querem levar ao fatalismo, por isso que a Egreja não se póde reconstituir politicamente como nos antigos estados catholicos. O sentimento christão não deve ser arrancado dos estados modernos, nem se devem privar os povos d'uma regra, tanto para os seus juizos como para o seu proceder, porque seria consagrar todos os crimes e loucuras, até mesmo o socialismo inepto e selvagem.

Em vez d'impellir os povos á indifferença estupida e idiota da verdade e da justiça — cumpre instrui-los a respeito d'uma doctrina tão brutal como impia, e explicar-lhes as grandes calamidades destas nossas eras desditosas. E' mister fazer-lhes vêr que o tresbordamento d'actos infrenes, e a carencia total d'auctoridade póde destruir de todo a sociedade.

A Egreja amargurada por esta anarchia dos espiritos e dos factos, e pela immensa serie de males que d'ahi derivam, faz o que póde fazer: chama os povos á oração; aconselha-os a que desarmem a Deus mostrando que sentem viva e pungente dôr de o haverem offendido desconhecendo os seus justos preceitos; e espera que Deus ponha um termo ás nossas expiaçoens, enviando melhores pensamentos aos homens, e reconduzindo-os ao respeito das leis naturaes da ordem e da auctoripade.

A Egreja não tem já a missão do arbitrio no meio das paixoens politicas; não pronuncia sentenças entre os povos e os governos; porém não perdeu as suaves e aprasiveis funcçoens de pacificadora, continuando a oppôr á violencia o amor, e á destruição a caridade. Chora sobre a humanidade ensanguentada e degradada pelos vicios e crimes, sendo este o seu unico anathema aos injustos e perversos.

O povo da sua parte deve acudir ao convite da Egreja, orar com ella, e fazer descer o perdão do céu

á força de gemidos e lagrimas. Deve banir a indifferença que é caracteristica d'animo vão e superficial, e de coração frouxo e gelado. Deve crer na verdade e na virtude que apparecem sempre ao de cima nas desordens da humanidade. Deve repellir o fatalismo que é um insulto atroz á intima consciencia e ao proprio Deus; e acreditar que a submissão aos decretos da Providencia não exclue o livre arbitrio exclarecido pela razão, que é um excellente instrumento para conhecermos que o homem não póde dar um passo na vida sem despenhar-se, a não caminhar sempre encostado á auctoridade da Egreja.

Esperamos pois que os prelados portuguezes não nos demorem o remedio salutifero para tantos males que nos avexam, e que breve reunidos nos templos do nosso bom Deus, nos esqueceremos das discordias civis que nos retalham, unindo as nossas debeis vozes para implorar ao Supremo Dispensador de todas as graças que nos conceda um prompto e completo Jubileu.

Mendoça e Mello.

ENCICLICA

De nosso SS. Padre o Papa Pio IX, ordenando preces publicas e annunciando novo Jubileu.

A todos os Patriarchas, primazes, arcebispos e bispos do orbe catholico.

Veneraveis irmãos: Saude e benção apostolica. No meio dos incessantes e dolorosos cuidados que nos impoem o calamitoso dos tempos, alegrou-se no Senhor o nosso coração, veneraveis irmãos, e tributou muitas e humildes acçoens de graças ao Pae clementissimo e misericordiosissimo, ao Deus de toda a consolação, ao receber os numerosos testemunhos que nos enviaes, e pelos quaes vemos os preciosos e abundantes fructos de salvação que por inspiração da divina graça haviam derivado do Jubileu que concedemos aos povos confiados á vossa sollicitude. Manifestaes-nos, com effeito, que com este motivo os fieis de vossas dioceses se haviam apressado á porfia a acudir em grande numero aos templos com espirito humilde e coração contrito, a ouvir a palavra de Deus, a purificar-se de suas manchas por meio do sacramento da reconciliação, a chegar-se á santa mesa, e a dirigir, segundo nossas intençoens, fervorosas preces ao Deus de bondade e grandeza. De que resultou que mediante os auxilios da divina graça sahiram muitos do lado do vicio e das trevas do erro, onde miseravelmente pereciam, e entraram nas sendas da virtude e da verdade, e começaram a trabalhar na sua salvação. Isto nos tem servido de muita consolação e alegria. Nós que tão inquieto estamos sempre e preoccupado pela salvação de todos os homens confiados á nossa sollicitude pela Divina Providencia, e que nada desejamos com tanto ardor, não pedimos outra coisa nas supplicas e oraçoens que de dia e de noite dirigimos a Deus na humildade de nosso coração, senão que todos os povos, todas as naçoens e as familias todas caminhem pelas sendas da fé, conheçam o Senhor, e o amem cada dia mais, e observem fielmente a sua santa lei, e sigam com constancia o caminho que conduz á vida.

Mas se por uma parte deve causar-nos, veneraveis irmãos, extraordinario gozo o saber que os vossos fieis diocesanos teem recolhido copiosamente os frutos espirituaes do jubileu; não deixa por outra de ser para nós um não pequeno motivo de dôr o ver quam triste e lamentoso aspecto apresentam a nossa Santa Religião e a sociedade civil nestes infelizes tempos. Nenhum de vós, veneraveis irmãos, ignora os perfidos artificios, as monstruosas doctrinas, as conspiraçoens de todo genero que poem em pratica os inimigos de Deus e da humanidade, para perverter todos os intendimentos, corrumper todos os coraçoens, fazer que desappareça, se possivel fosse, a religião de sobre a face da terra, romper todos os vinculos da sociedade civil e destrui-la até os fundamentos. Dahi provem as deploraveis trevas, que trazem cegos tantos entendimentos. d encarniçada guerra que se está fazendo a toda a Religião aatholica e a esta cadeira apostolica, o odio mais implacavel com que a honradez e a virtude sam perseguidas; d'ahi os mais vergonhosos vicios usurpando o nome da virtude; a desenfreada licença de pensar, de fazer e tentar tudo; a absoluta impaciencia de todo preceito, de todo o poder e auctoridade; o despreso e o escarnio que se prodigalizam ás coisas mais sagradas, ás leis mais santas, e ás mais excellentes instituiçoens; dahi, sobre tudo a deploravel corrupção d'uma juventude imprevidente, a envenenada inundação e livros maus, libellos, folhetos e periodicos espalhados com profusão e propagando a sciencia do mal por toda a parte; dahi o mortifero veneno do *indifferentismo* e a incredulidade; os movimentos sediciosos, as conspiraçoens sacrilegas, a mofa e o ultraje de todas as leis divinas e humanas. Tambem não ignoraes, veneraveis irmãos, de que anciedade e incerteza, de que penosa perplexidade e terror se acham invadidos e agitados todos os animos, e em particular os dos homens de bem que creem com razão que os interesses tanto publicos como particulares devem temer toda a classe de males quando, apartando-se miseravelmente os homens das regras da verdade, da justiça e da Religião, para se entregarem aos detestaveis extravios das paixoens desenfreadas. se poem a meditar toda a sorte de crimes.

No meio de tantos perigos; quem não vê que todas as nossas esperanças devem fixar-se unicamente em Deus, que é nossa saude; que a Elle devem elevar-se continuamente nossas fervorosas supplicas para que benigno e propicio derrame as riquezas de sua misericordia sobre todos os povos, e illumine todos os entendimentos com as luzes celestiaes de sua graça, e volte ao caminho da justiça aquelles que se teem extraviado delle, e se digne converter as vontades rebeldes de seus inimigos, e insinuar em todos os coraçoens o amor e o temor de seu santo nome e inspirar-lhe que sempre pensem e sempre façam tudo o que é recto, verdadeiro, puro e sancto. E como Deus está cheio de suavidade, e doçura e misericordia, e é rico para com todos que o invocam, e attende á oração dos humildes e folga sobre tudo de manifestar o seu poder por meio da clemencia e perdão, cheguemo-nos com confiança, veneraveis irmãos, ao throno da graça para alcançar misericordia e achar soccorro no tempo opportuno. Porque quem pede, recebe; quem busca acha; e áquelle que chama, abre-se-lhe (*Math.* 7, 8). Comecemos por uma eterna acção de graças ao Deus de bondade. Exaltem nossos labios regosijados o seu santo nome, porque em muitissimas regioens do mundo catholico se digna obrar as maravilhas de sua misericordia.

Ajuntemo-nos todos desde já unanimemente, animados pela sinceridade da mesma fé, pela firmeza da mesma esperança, pelo ardor da mesma caridade; não cessemos um instante de rogar e supplicar a Deus com humildade e affinco que livre a sua santa Egreja de todas as calamidades; que todos os dias a engrandeça, dilate e exalte entre todos os povos, por todas as regioens do orbe; que purgue o mundo de todos os erros, conduza com terna bondade todos os homens ao conhecimento da verdade e pelo caminho da salvação; a fim de que tornando-se Deus propicio aparte de nós os açoites de sua ira que havemos merecido por nossos peccados, impere ao mar, e aos ventos e restitua a serenidade, conceda a todos a tão suspirada paz, salve o seu povo, e abençoando a sua herança a encaminhe e dirija á patria celestial.

E para que Deus se faça mais accessivel, preste ouvidos a nossos rogos e escute as nossas deprecaçoens, levantemos os olhos e as mãos para sua santissima Mãe Maria, Virgem immaculada; nenhuma protecção acharíamos mais poderosa e efficaz para com Deus; é para nós a mais terna das mais, a nossa mais solida confiança e até o motivo todo de nossa esperança, porque nada pede que não alcance nem é possivel que a sua supplica seja despresada. — Imploremos tambem a intercessão primeiramente do principe dos apostolos, a quem o mesmo Jesus-Christo deu as chaves do reino dos ceus, e o estabeleceu como pedra fundamental de sua Egreja, contra a qual jamais poderão prevalecer as portas do inferno. Tomemos depois por intercessores a S. Paulo, companheiro do seu apostolado; os padroeiros de cada cidade e paiz e todos os santos do ceu, para que o Senhor, que é misericordiosissimo, derrame sobre nós, com largueza e em abundancia, os dons de sua bondade.

REAL GABINETE PORTUGUES
★ DE LEITURA ★
Rua Luiz de Camões, 30
RIO DE JANEIRO

Assim, pois, veneraveis irmãos, ao passo que Nós mandamos fazer preces publicas em nossa cidade santa, vamos convidar-vos pelas presentes lettras para que vós e os povos confiados á vossa sollicitude vos unaes a Nós em communidade de sentimentos e rogos; excitamos com todo nosso zelo vossa religiosidade fervorosa e vossa piedade, a fim de que tambem cuideis em vossas diocezes de prescrever preces publicas com o fim d'implorar a clemencia divina.

E para que os fieis accudam com mais fervor e assiduidade ás preces ou oraçoens que determineis, havemos resolvido abrir de novo os thesoiros celestiaes da Egreja, em fórma de Jubileu, segundo se vos manifestará claramente em outras letras adjuntas ás presentes.

Abrigamos, veneraveis irmãos, em Nosso coração a esperança de que os anjos da paz com taças e incensario d'oiro, apresentarão no altar d'oiro nossas humildes oraçoens e as da Egreja toda para que acceitando-as o Senhor com olhos de benignidade e escutando Nossas petiçoens, as vossas e as de todos os fieis, se digne rasgar as trevas de todos os erros, dissipar a tempestade carregada de tantos males, alargar a mão para soccorrer a sociedade christan e a sociedade civil, e fazer que todos os homens tenham a mesma fé em seus entendimentos, a mesma piedade em seus actos, o mesmo amor á religião, á virtude, á verdade e á justiça, o mesmo zelo pela paz, a mesma adhesão aos vinculos da caridade, e que deste modo cresça, se consolide e exalte cada vez mais por todo o ambito da terra o imperio de seu unico Filho nosso Senhor Jesus-Christo.

Por ultimo, em penhor anticipado de todos os dons celestiaes, e em testemunho de nossa ardente caridade para com vosco, recebei a benção apostolica que vos damos amorosamente do fundo de Nosso coração a vós, veneraveis irmãos, e a todo o clero e todos os fieis encommendados á vossa vigilancia.

Dada em S. Pedro de Roma aos 21 dias do mez de Novembro, do anno de 1851, sexto de nosso pontificado. — Pio IX, Papa.

JEZUITAS.

III.

A VISÃO REALISADA.

> Nunca na memoria dos justos serão deslembrados os nomes desses filhos d'Iguacio, que, regeitando cargos de sublimada confiança, organisaram uma pequena assemblea de padres, germes bem-abençoados desta communidade.
>
> *Fenelon.*

O plano do instituto de Jesus era ainda uma esperança de remota realidade no espirito de Ignacio de Loyola, e já as criticas malevolas rumorejavam surdamente contra alguma coisa indefinida que transpirava nos *Exercicios espirituaes*. Bem cedo se encorporaram as visoens do santo, na guerra intempestiva, que elle previra capitaneada pelo espirito das trevas!

Alcunhavam-lhe o livro de presumpçoso temerario, attribuindo-se a influencia do Espirito Santo, e o poderio jactancioso de aperfeiçoar neophitos em trinta dias. Accusavam-no de magia, porque tinha a mentirosa vaidade de dar regras e preceitos para obter o extasis e a visão. Reputavam-no finalmente como um vehiculo para a demencia, por isso que as repetidas conversoens operadas por elle, eram, na opinião de seus detractores, uma especie de desarranjo mental, que precisamente remataria em loucura.

Embora S. Francisco de Salles asseverasse que « os exercicios espirituaes converteram mais peccadores do que as letras que tinha » Ignacio de Loyola foi apellidado heretico, porque teve a indiscrição de revellar o segredo das suas visoens!

Citados ao tribunal ecclesiastico os « Exercicios espirituaes » e analisados escrupulosamente, como convinha á naturesa das accusaçoens, a critica retirou-se envergonhada, e deixou de si o documento de má fé que devia, de geração em geração, passar como herança de maus avós a pessimos netos.

Com quanto, na judiciosa opinião de *Crétineau-Joli*, naquella obra se destacassem palavras e prescripçoens, capazes de ferir susceptibilidades e mormente espiritos desattentos, é certo que, no processo de canonisação de Santo Ignacio de Loyola, deparamos estas palavras, que o sabio historiador da companhia de Jesus, cita como *chave d'aquella obra:*

« Os mencionados « Exercicios » foram compostos naquelle tempo em que o bemaventurado padre ignorava as humanidades, e forçados somos, pois, a confessar que a intelligencia e luz lhe desceram sobrenaturalmente, e não foram adquiridas »

Citaremos ainda do mesmo auctor as palavras de Paulo III na sua bulla de 31 de Julho de 1548:

« De nossa sciencia certa, approvamos, louvamos, e, por auctoridade deste escripto, confirmamos as instrucçoens e exercicios supraditos, e quanto elles em geral e particular contem, exhortando vivamente no Senhor os fieis d'ambos os sexos, e de todos os paizes, a não duvidarem usar tão piedosos exercicios, e devotamente pratica-los. »

A resposta é peremptoria aos adversarios de Santo Ignacio, cujo espirito descera do seio de Deus, com a sciencia ignorada dos homens, que, por força da sua fraquesa, deviam aspergi-la do seu fel.

Opulento daquella riquesa intellectual, que o seu livro lhe ministrava, Ignacio, cuja imaginação calorosa anciava por deleitar-se nos vestigios de Godofredo, abandona a cidade de Manreza, e parte só, pobre, e perigrino para o tumulo de Christo, como quem, com os labios sobre a pedra d'onde o Redemptor subira, queria murmurar a oração de graças por tamanhos beneficios que recebêra.

Em 4 de Setembro de 1523 nas fragas do Calvario joelhava um homem, em cujas faces juvenis desciam lagrimas d'um grande remorso, ou d'uma fervente devoção.

Remorso. . . não era esse o espinho que varava o seio do homem, que tantos de seus irmãos abraçára no instante solemne de rouba-los á impiedade, para restitui-los ao seu creador!

Fervente devoção. . . essa, sim, que duplicado pranto lhe custou, quando terminantes ordens do turco o forçaram a sahir da Palestina.

Em Janeiro de 1524 estava Ignacio em Veneza, lamentando a sua pobresa de sciencia das letras humanas, sem cujo auxilio era inutil a sua piedade A grammatica latina, na idade de 33 annos, parecia-lhe uma sujeição enfadonha, mas, sendo maior a sua alma que os embaraços da sua edade, Ignacio foi sentar-se nas escholas de Barcelona entre creanças, e aprendeu latim. Nas horas livres, a sua missão, toda apostolica, exercia-se amaciando, pelo toque do remorso, coraçoens endurecidos, ou despertando-os do somno da indifferença pelo abalo das convicçoens.

Da universidade de Alcalá, onde estudou filosofia, passou a Salamanca, e dahi, em 1528, Ignacio de Loyola era um prodigio de eloquencia na universidade de Pariz.

Era nesses dias sanguinarios em que a guerra religiosa se debatia na Europa, e cujo clarim de batalha soava nos bancos theologicos da universidade de Pariz, pois de lá era que as seitas vinham para o campo, como se a guerra da palavra fosse incompleta sem o estalido das espadas.

A egreja tinha sectarios, que não sobravam de vigor para atenuarem a viçosa robustez dos apaixonados de Luthero, reforçado por Zwingle, Calvino, e tantos outros innovadores, que o espirito do mal endeusava no altar das paixoens livres. A's fadigas da lucta, travada entre as duas potencias, succedeu o marasmo da indifferença; e, se algumas vezes faiscava das cinzas do Christianismo uma ou outra queixa piedosa, os braços fraqueavam de parte a parte, e os contendores, que se despedaçavam como inimigos religiosos, acabavam por abraçar-se como *homens*,

a quem era livre o maior numero de gôsos, segundo a habilidade ou destino de cada um.

Seja-nos permittido, sem desvio do assumpto, desviar a penna da byografia de Santo Ignacio de Loyola, e deixa-la traçar algumas linhas sobre um facto, que não deixará de ser uma verdade, apesar dos inimigos irreconciliaveis da Inquisição.

Tractando dessas luctas encarniçadas, que tingiram de precioso sangue a França, a Allemanha, a Inglaterra, a Suissa, e os Paizes Baixos, admira que a Hispanha, e Portugal não figurem entre estas suas irmans europeas, que tão irmans lhes eram por vinculos de sangue, e de costumes!

No « Ensaio sobre a historia geral » maravilha-se *Voltaire*, que nos seculos XVI e XVII não soffresse a Hispanha alguma dessas revoluçoens sanguinoleutas, dessas conspiraçoens, ou algum desses crueis castigos, que se viram nas outras cortes da Europa!...

E' obvia a resposta, e *Voltaire* achala-ia nas palavras que rematam aquelle seu periodo de justa admiração: — *sem os horrores da inquisição nada haveria que censurar á Hispanha.*

A paz da Peninsula, nesses dous seculos de atormentada peleja, é á Inquisição que se deve. Quando o rei Fernando a pedia para a Hispanha em 1483. e D. João III para Portugal em 1535, viam elles levantar-se ao longe o fumo d'um grande incendio na face da Europa. Sirvam estes nomes e estas datas ao desengano daquelles que vociferam injurias ao clero, como fundador dos dous tribunaes de inquerito na peninsula. Leiam o chamado *Amigo dos homens,* e lá verão, com bem energica linguagem esta confissão que senão abona os principes, justifica a innocencia dos padres, que não vem a pello discutir aqui:

« A Inquisição, esse tribunal horroroso, outro tempo, na ordem civil. . . era a propria instituição dos principes...(a)»

Não se persuadam, porem, que salvamos o padre, para condemnar o princepe. Os princepes previram, calcularam, e legislaram com uma sabedoria tal, que de mais se aviltariam elles se respondessem hoje pelas providencias do tribunal da Inquisição a « vós, ignorantes orgulhosos, que nada tendes previsto, e que tendes alagado a Europa em sangue. » (b)

Quem embalava o placido socego de Portugal no seu leito d'ouro, quando Luthero accendia uma guerra de trinta annos; quando a França, a Inglaterra, e Flandres eram o theatro da mortandade de S. Bartholomeu, da carnificina de Merindol, e Cevennes, do assassinio de Maria Stuart, de Henrique III, de Henrique IV, de Carlos 1.º, e do principe d'Orange? Seria a tibieza, ou a ignorancia dos portuguezes? Seria a generosidade e a tolerancia do seu espirito religioso? Mas vós invocaes a cada pagina dos vossos bellos livros civilisadores a mortandade de 5000 judeus na praça do Rocio, pelo espirito intolerante dos christãos velhos! Quem susteve, pois, os dous inimigos irreconciliaveis dentro do paiz, e quem obstruiu nas fronteiras a importação das novas ideas do norte?

Temos a coragem de dizer que foi a Inquisição. E quando nos fallarem em autos de fé, com grande voseria de carpideiras hypocritamente condoidas, citaremos as seguintes palavras textuaes de *Bourgoing*, embaixador francez na Hispanha, filho querido do Directorio, e figadal inimigo do Tribunal:

« A Inquisição poderia ser citada em nossos dias como um modelo de equidade. . . Mais de nove annos de rezidencia e de observação me tem mostrado, que, com alguma cautela nos discursos, e no procedimento, relativamente á religião, pode-se facilmente evita-la, e viver tão socegadamente em Hispanha, como em outro qualquer paiz da Europa. » (c)

E' certo, porem, que a caridade, e os de mais sentimentos elevados, que se enlaçam no vinculo sacro-santo do amor de Deus, reprovam magoadamente o abuso, que fez delinquente a mão executora d'uma lei justa, em relação á epocha da sua promulgação. Todavia — como diz o bispo de Hermopolis — na sociedade não se tracta de saber, o que pode vir a ser o poder, nas mãos daquelles que abusam delle; mas o que viria a ser a mesma sociedade sem o poder que a governa: por consequencia no christianismo, não examineis unicamente o abuso, que o homem pode fazer delle: mas o que viriam a ser sem o christianismo as naçoens, que o professam (d).

Quando pois, a Peninsula contemplava horrorisada a febre cruenta que incendiava as naçoens visinhas, Ignacio de Loyola, mal repartido o apoucado tempo entre a lição, a oração, a disciplina, e a disputa religiosa, achava-se só, e lastimava-se na falta de companheiros, que se viessem alistar debaixo da bandeira que, Jesus-Christo lhe entregara n'um dos seus extasis gloriosos.

Entre os seus condiscipulos, existia uma alma candida um espirito cultivadissimo, e um coração piedoso. Pedro Lefevre era um moço de 22 annos, com uma docilidade de predestinado, e uma sujeição infantil ás maximas piedosas de Ignacio de Loyola. Foi este o primeiro que a Providencia collocou ao lado do fundador do instituto de Jesus.

Francisco Xavier, gentil-homem de Navarra, era escravo d'uma imaginação ambiciosa, cujos vôos pairavam sobre as cumiadas das glorias mundanas, e não achavam poiso digno de si nas urzes rasteiras, a que a humildade de Ignacio queria abatel-os. Foi pela grandiosa pintura dessas mesmas glorias, que o humilde condiscipulo amaciou os orgulhos terrenos de Francisco Xavier.

Jacques Laynés, e Affonso Salmeron, vieram offerecer-se e prostrar-se deante das virtudes famosas de Ignacio de Loyola. Nicolao Affonso, e Simão Rodrigues não hisitaram reunir-se a seus collegas.

A 15 d'Agosto de 1534, estes sete companheiros em uma capella subterranea da Egreja de Montmartre, em dia festivo da Assumpção da Virgem, fizeram voto de castidade, de pobreza perpetua, e de se juntarem, no espaço d'um anno, em Jerusalem, ou de supplicaram de joelhos ao Summo Pontifice, que lhes recebesse o seu voto de obediencia.

Camillo Castello-Branco.

(a) T. 2 p. 191.
(b) Bispo d'Hermopolis — Defesa do C. T. 3. 83.
(c) *Quadro da Hispanha moderna* — T. 1. p. 388.
(d) Defesa do Ch. T. 3. p. 89.

A RAINHA DOS CEUS NA PRESENÇA DOS HUMILDES DA TERRA.

Em 1846 chegou uma nova maravilhosa ao paço episcopal de Grenoble (em França). Dizia-se — que, no dia 19 de Setembro do mesmo anno, Maria *Santissima*, descêra sobre uma montanha da cadeia dos Alpes, na parochia de Salette, e ahi fallára a dois pastores. O rumor, que geralmente vagava sobre o assumpto da pratica, que a Sancta Virgem tivera com os pastores, era a predicção de desgraças que ameaçavam o povo, principalmente por causa das blasfemias, e profanação do domingo. Dizia-se mais, que a soberana dos céus revellára a cada um dos pastores um segredo com prohibição de o revellarem

Esta narrativa, assim perfumada de uma certa candura popular, foi recebida pelo prelado da diocese, senão com absoluta incredulidade, ao menos com a necessaria desconfiança em novidades de tão sublimes consequencias. O bispo de Grenoble, como elle excellentemente diz na sua pastoral de 19 de Setembro de 1851, sabia que a religião de Jesus Christo não carecia deste facto particular para estabelecer a verdade de mil outras appariçoens celestes. . .

Guardou silencio, e silencio de cinco annos. Mas vejamos os successos decorridos neste intervallo de tempo.

Homens de boa critica, e desprevenidos de superstição, diziam — que era impossivel uma combinação entre duas creanças ignorantes, que apenas se conheciam: notavam a constancia e firmesa do seu testemunho, nunca desmentido diante da justiça humana, nem diante de milhares de pessoas, que esgotaram todos os meios de seducção para os fazerem cahir em contradicção, ou para obter a revelação dos seus segredos. Estes mesmos juizos manifesta-os o prudente prelado na sua pastoral, mas, não obstante a auctoridade que os fazia attendiveis, o digno successor dos apostolos, tremia de faltar á prudencia recommendada

RIO DE JANEIRO

por S. Paulo, annuindo de prompto ás exigencias do povo, que já começava a murmurar da indifferença e incredulidade do seu prelado. Mas não são as allegadas sufficientes provas para que a apparição da Virgem Santissima a dois meninos seja posta no numero dos milagres. Succediam-se outras provas de manifesta verdade, de evidente prodigio, de impossivel impostura.

Soavam por toda a parte as novas de curas extraordinarias em França, e em paizes muito distantes.

O enfermo, abandonado pelo medico, invocava Nossa Senhora de Salette, e erguia-se do leito da morte, usando da agua de uma fonte, que borbulhára no sitio em que a Mãe de Jesus Christo posera os pés. Principiaram a circular numerosos relatorios sobre os maravilhosos curativos, e um desses relatorios impressos era escripto pelo veneravel bispo da Rochela, que das praias do Oceano fôra á montanha dos Alpes conversar com os pastores.

No anniversario da apparição era immensa a affluencia do povo perigrino, que de remotas terras se agrupava em roda da fonte milagrosa.

O bispo de Grenoble, estimulado por estes tocantes incentivos, e depois de supplicar fervorosamente as luzes do Espirito Sancto, convocou uma commissão numerosa, composta de homens graves, piedosos, e instruidos, para que maduramente examinassem e discutissem o facto da apparição e suas consequencias. Compareceram nas sessoens os dois pastores; foram interrogados simultanea e separadamente; pesaram-se e discutiram-se as suas respostas; e foram livremente postas as objecçoens que podiam adduzir-se aos factos. Um dos vigarios geraes, encarregado de colligir os factos, publicou em seguida — *a verdade sobre os acontecimentos de Salette*. Vê-se ahi como o exame foi escrupuloso e prolongado, até ao encerramento das sessoens em 13 de Dezembro de 1847. A peregrinação augmentou, ao passo que a obra do reverendo Rousselot foi traduzida em quasi todas as linguas europeas. Vigarios geraes, professores de theologia e leigos distinctos avultavam na multidão do povo, que vinha de centos de leguas offerecer á Virgem seus piedosos sentimentos d'amor, e de reconhecimentos pelas curas, e outros beneficios recebidos. No 2.º volume publicado pelo reverendo Rousselot acham-se enumerados e documentados estes milagres.

Foram chamados os dois meninos á presença do bispo de Grenoble. Sua excellencia propoz-lhes que revellassem o seu segredo ao N. S. P. Pio IX. O nome do vigario de Christo impressionou as creanças, e deliberou-as a communicarem o thesouro, que a Virgem lhes confiara. E' que a Mãe de Deus os inspirára nas suas resoluçoeus. Escreveram separadamente: fecharam as suas cartas na presença de pessoas respeitaveis, e o chefe da Egreja Catholica, é hoje o feliz e digno depositario dessas palavras, que a Rainha dos anjos confiou aos humildes pastores.

A' vista de tão luminosa evidencia, o bispo de Grenoble, de cuja pastoral extrahimos esta breve noticia, deu como julgada a apparição da Sancta Virgem, auctorisou o culto de Nossa Senhora de Salette, e exhorta, entre outros conselhos e admoestaçoens, os fieis a que, em paga dos beneficios da Senhora, cumpram os preceitos e mandamentos de seu amado Filho, fugindo a blasfemia e a profanação do domingo.

Invoquemos a protecção da Santissima Virgem de Salette, para que os seus filhos de Portugal cerrem os labios á blasfemia, e guardem o domingo, que tão perdido aqui é, ou nos commercios terrenos, ou nas orgias dissipadoras de escandalosos brinquedos.

Camillo Castello-Branco.

Por suas necessidades espirituaes e materiaes reclama a sociedade o restabelecimento de algumas Ordens Regulares.

IV.

Quanto ás ordens que devam ser restabelecidas, somos de opinião que, com mais ou menos conventos, todas aquellas que foram extinctas. Todas ellas contavam em seu gremio individuos a todos os respeitos muito dignos; e todas ellas, fazendo em todos os tempos valiosos serviços ao estado, mais ainda se poderão tornar uteis, encarregando-se-lhes alguns ramos do ensino primario e secundario. Todas teem egual direito ao restabelecimento ou restituição; e sem que todas sejam restabelecidas, não se póde verificar o acommodamento de todos os frades existentes, porque, por nós julgamos dos outros, e se muito alegre voltariamos ao claustro de que com violencia sahimos, só, acurvando-nos á obediencia, hoje abraçariamos um instituto differente daquelle em que professamos.

E' certo que alguns escriptores, não avessos aos frades em geral, pertenderam a extincção das ordens mendicantes, parecendo-lhes vêr em sua mendicidade um vicio ou germen de muitos vicios. Sendo sempre um admirador do sabio auctor do *Novo Principe*, sentimos que a este respeito elle tanto discorde de nossas ideias e convicção. Elle pretende provar a conveniencia de acabar com a mendicidade dos frades: 1.º porque, ajuntando elles consideraveis rendimentos, a nenhum dos encargos do estado eram sugeitos; 2.º pelo vexame que aos povos faziam em seus peditorios; 3.º « é, diz elle, o perigo (e oxalá que fosse só perigo) em que a falta de subsistencia segura punha os mendicantes de comprarem os bens temporaes com os espirituaes, vendendo-os, ou pelo menos, aviltando-os, degradando-os e profanando-os. » Examinemos estas rasoens com a luz de uma rasão desprevenida, porque não somos mendicante.

1.ª De que haviam elles pagar decima? Das esmolas? A decima a essas correspondente lá era paga pelo proprietario bemfeitor, a quem nada no lançamento se deduzia em rasão do alqueire ou do almude, que havia de dar ao frade; e por tanto seria levar a exacção ao seu requinte o pretender que um mesmo rendimento fosse tributado duas vezes. — Mas deveram pagar decima da casa que habitavam e da cerca, se é que a tinham. — Ora, que muito é que não pagassem decima de casa aquelles que eram servidores gratuitos do estado, e que além disto tinham essa mesma casa sempre aberta para aquartelar a tropa, que aprazia ao governo para lá mandar?

A 2.ª rasão é bem pouco attendivel, e o nosso mimoso auctor aqui de certo não falla de sciencia propria, mas deixou illudir sua boa fé por outro escriptor de má fé. Os frades mendicantes não punham o bacamarte ou punhal ao peito; alguem lhes daria a esmola de má vontade, e sómente pela repugnancia ou vergonha de dar-lhes um não; mas quasi todos, e disto fomos nós muitas vezes testemunha, com o maior prazer recebiam pelo S. Miguel em sua eira ao Capuchinho, a quem contentavam com uma milesima parte desses fructos, que Deus em abundancia lhes dava; e se gloriavam de concorrer assim para a sustentação de uns ministros da religião, que estavam tambem sempre promptos para trazer-lhes todos os soccorros della.

Na 3.ª rasão ainda o nosso profundo, rigoroso, subtil e até profetico raciocinador se deixou prender por um sofisma. A pobresa pode ser alliciente á venalidade, mas para que o seja em tal grau que tenha applicação o proverbio « *Quando a necessidade bate á porta, a honra salta pela janella* » é mister que a pobresa seja uma *necessidade* sem recurso, e esta necessidade assim extrema em nenhuma ordem mendicante se dava; porque todas ellas do cumprimento de legados, esmolas de missas e sermoens tiravam, ou quasi tiravam, meios de subsistir, e isso que ajuntavam nos peditorios bem o repartiam depois aos pobres; de modo que se póde dizer que elles se faziam mendigos em beneficio dos verdadeiros mendigos. Mas na hypothese mesmo de serem os peditorios necessarios para sua rigorosa subsistencia, ainda assim não era de recear que uma tal pobresa posesse em perigo a virtude, porque sempre tinham esta fonte onde colhessem meios, e pelo uso, ou antes obrigação que tinham de pedir, nenhuma repugnancia ou vergonha os detinha de ahi hir colhe-los. Jesus Christo, que sem duvida conhecia perfeitamente as causas e os effeitos, não mandou a prégar o Evangelho homens ricos, mas pobres, e até a estes recommendou que não levassem farnel; e não consta que os apostolos praticassem uma simonia, superstição ou abjecção, antes que foi severamente castigado aquelle que á simonia os tentára. No mesmo logar do *Novo Principe* confessa o seu auctor, que á ordem dos missionarios do Varatojo (de certo a mais pobre) não se podiam lançar em rosto similhantes miserias. Vê-se que o nosso eximio litterato

conhecia a estes de perto, e quanto aos outros, que se deixou enganar por *historietas*. Em summa, o vicio não está no instituto que os manda pedir, mas sim na cegueira do entendimento e corrupção do coração, e esta cegueira e corrupção é o triste apanagio egualmente do pobre e do rico.

Não só pois entendemos que as ordens mendicantes não devem ser excluidas do restabelecimento, mas até achamos em favor dellas certas rasoens de preferencia: 1.ª essa pequena dependencia em que estavam dos povos é uma rasão mais para que os frades sejam promptos em prestar-lhes seus serviços; 2.ª não ha a respeito destas a grande difficuldade com que póde argumentar-se contra o restabelecimento das ordens patrimoniadas.

Ora, eis-nos chegados á grande difficuldade. Não seremos tão exigente como um nosso amigo, distincto advogado, e de reconhecidos principios liberaes, o qual já ha annos nos disse: « Eu, se fosse deputado, appresentaria, na primeira vez que tomasse a palavra, o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º São, por lesão enormissima, julgadas nullas todas as vendas de bens nacionaes.

§. unico. Em conformidade das instrucçoens que baixarão com este decreto, se passará a fazer uma liquidação do rendimento dos mesmos bens durante os annos decorridos desde a venda; e subtrahindo a este rendimento o juro de 5 por cento devido ao capital empregado, o restante rendimento se subtrahirá tambem ao capital; e se ainda assim este não desapparecer, passar-se-ha no valor restante uma inscripção em favor do comprador com o vencimento de juro de 5 por cento &c. »

Se este projecto passasse não faltavam conventos, nem bens para seu patrimonio. Mas não somos tão exigente: contentamos-nos com o restabelecimento daquellas casas, que ainda não se alienaram; e restringimos a muito pouco o projecto de lei *supra*, querendo sómente que se expropriem os compradores das cercas dos conventos ou mosteiros, porque estas sam indispensaveis para hortas, pomares, lenhas e passeios. Isto longe está de chegar para a sustentação da communidade; mas dando-se-lhe tambem os foros que ainda não foram remidos, e além disto essa prestação que a cada um se paga, acreditamos que assim ficarão com uma subsistencia decente. Ora isto não é difficil, nem se encontra de um modo odioso com esses chamados direitos adquiridos.

Finalmente, resolva-se sinceramente o governo a restabelecer as ordens, que tudo se applanará; e de certo o exc.mo nuncio appresentará um projecto de restabelecimento, que, dictado pela prudencia e sabedoria que caracterisam este representante do principe da Egreja, conciliará as necessidades desta com as circunstancias actuaes.

Concluiremos este artigo, declarando que não só nos não offenderemos, mas antes pedimos, que venha alguem mais laborar este campo: elle é vastissimo e fertil, e nós, tomando-o só em um recanto, ainda assim lhe não tiramos aquelles fructos que uma mão mais dextra póde ahi colher.

J. A. V. S.

MISSOENS.

Os operarios da vinha do Senhor não tem hora de sesta neste longo mas suave dia de seu trabalho. Doce trabalhar é este, que tem o seu jornal seguro na patria dos bemaventurados! Delicioso será o repousar do missionario, cujo espirito foi « a fonte das aguas vivas » para tantos espiritos, cujas palavras foram o brado de animação para tantos tibios, e cuja mão tantos penitentss erguera de seus pés, como das bordas d'um abysmo profundo onde não chega o raio luminoso da face do Altissimo!

Quem póde ahi apartar-se do mundo com a alma enlevada naquelles esperançosos jubilos d'um missionario? Que manso e doce inclinar não terá a face do justo, que, na hora do passamento, olha em torno do seu pobre leito, e vê as myriadas de espiritos, que disputou ao reino das trevas, a entoarem-lhe o hymno da despedida, o *adeus* emprasado para o dia interminavel da Eternidade!

« A cada instante nos vamos chegando para a sepultura — diz o Ecclesiastes — O homem ignora a sua ultima hora, e cahe na rede varredoura da morte, como os peixes na do pescador, e as aves na do caçador. Faz quanto antes, filho meu, todo o bem que possas, porque depois da morte já não estará na tua mão obrar o bem, nem fazer uso do teu entendimento, nem converter em utilidade a tua sciencia e sabedoria. »

O coração do missionario abriu-se a esta santa admoestação, e ninguem sobre Portugal, e em toda a face do mundo, poderá allegar maiores serviços á humanidade, que o mesmo é faze-los ao Altissimo.

Como documento desta convicta asserção vamos publicar o fragmento de uma carta, que tivemos a felicidade de receber, e nos foi enviada pelo fervoroso missionario fr. João de Santa Rosa Silveira. O seu contheudo refere-se á communhão geral em Vieira A frase singella do nosso veneravel correspondente sobeja em verdade, sentimento, e alguma coisa mais sublime que tudo que se diz e escreve em estylo de pompas estereis, que nada fructificam na seára commum da humanidade. . . . . .

. . . . . .

« Presidi a esta missão, e posso affirmar-lhe que commungaram « perto de tres mil pessoas, não fallando nas que o fizeram em « freguezias visinhas. Fui no dia 3 de Janeiro visitar aquella boa « gente, e fiquei surprehendido ao vêr o acolhimento e enthusiasmo « com que me receberam, e muito mais ainda quando soube terem « sido praticadas as ultimas recommendaçoens que lhes fiz. Em todas « as egrejas e capellas daquelle concelho, nos dias festivos, se resa « a corôa da Senhora das Dores, cantam-se hymnos ao Coração Im- « maculado de Maria, e os meninos e meninas por campos e valles « entoam canticos sagrados, ao passo que não se escutam já cantigas « profanas, e desde o templo até á mais alta collina, são louvados, « exaltados, e engrandecidos os sanctos nomes de Jesus e Maria. « Bemdito seja Deus! Vieira é hoje uma especie de Paraizo. »

Abençoados sejam, pois, os trabalhos desses operarios que fazem brotar a rosa e o lyrio no chão onde o cardo e o abrolho germinavám da semente da impiedade! Abençoados sejam esses incansaveis apostolos do Evangelho, que da cadeira apostolica afugentam a tristesa irreligiosa do seio das familias, onde vertem o balsamo da piedade, o amor do justo, o temor de Deus, o terror das trevas, e a esperança na salvação!

Tenham seu quinhão destas bençãos os bons pastores, os parochos zelosos, o clero respeitavel, que, a exemplo do parocho e clero de Vieira, abrem os braços ao missionario, que, afastando o lobo sanguinario do aprisco das ovelhas, deixa repousar seguro o pastor, que é digno desta alta missão.

E o povo, que sentiu regenerarem-se-lhe os costumes quando o missionario lhe aconselhou a pratica da virtude, não descance no bem que alcançou, mas vele sempre no remanso da sua alma, porque o demonio da tentação ha-de persegui-lo de noite e de dia.

Camillo Castello-Branco.

SALVE, RAINHA!

Ave Maria, gratia plena.

Salve! Rainha dos céus, astro da terra;
No mar da vida bonançosa estrella
D'eterna luz:
Mãe compassiva, sêde nosso auxilio,
Pelos trances da vossa magoá intensa
De ao pé da Cruz.

Vida ineffavel, de delicias sancta,
Que és nossa esperança, nosso goso eterno
Lá no porvir;
Os nossos brados, e suspiros d'alma
De Deus ao throno da gloria infinda
Fazei subir.

Vossos olhos de mãe, olhos piedosos
Aos degradados neste amargo exilio
Volvei clemente;

Sêde o thesouro de infinitas graças,
Que em nós derrame com celestes bençãos
O Omnipotente.

Do amado filho vosso, a augusta face
Nesse da morte amargurado dia
Nos amostrai;
Fazei que a luz do céu nos illumine;
Quando as trevas da morte a nós descerem,
Por nós rogai.

Nellas 10 de Fevereiro de 1852.

A. de Tavares.

ENTRADA NA ARCA.

VII.

Dixit que dominus ad eum: Ingredere tu, et omnis domus tua in arcam: te enim vidi justum coram me in generatione hac.

Gen. C. VII. V. 1.

Apenas na arca entrou Noé piedoso,
A par de sua prole abençoada,
Das nuvens grossa chuva desatada
Tornava a terra em mar tempestuoso:

Aqui monte, que ao céu sobe orgulhoso,
Cedia ás furias d'agua condensada;
Alli soberba torre era innundada;
Além desappar'cia o cedro annoso.

Assim de Deus o braço castigava
Da triste humanidade o crime insano,
Que a justiça do Céu desafiava;

Sómente sobranceira a tanto damno
Do humido elemento triunfava
A arca, sobre as aguas do Occeano.

SAHIDA DA ARCA. IRIS D'ALLIANÇA.

VIII.

Locutus est autem Deus ad Noé, dicens: Egredere de arca, tu et uxor tua, filii tui, et uxorem filiorum tuorum tecum

Gen. C. VIII. V. 15, 16.

Andava ha longo tempo divagando
A arca salvadora em mar violento,
Até que ao sopro d'agitado vento
D'Armenia vai pra'os montes navegando.

Alli do corvo apoz Noé soltando
Ligeira pomba, que esperou attento,
A viu voltar, no bico a seu contento
Um ramo d'oliveira sustentando.

Então, vendo que Deus tinha cumprido
Promessas, que fizera, e que propicio
Lhe estava sendo o Céu, qual tinha sido,

Em troco de tamanho beneficio
Erige um tosco altar, e agradecido
Offrece a Deus solemne sacrificio.

Vieira.

QUARTA FEIRA DE CINZA.

Memento homo ut pulvis es et in pulverem reverteris.

Homem! pára, e os olhos fita,
Antes que teus passos contes,
Nos extremos horisontes
Deste caminho que vaes:
Vê que, ao longe, a luz se apaga,
Como em céu de tôrva plaga,
Por que a morte lá divaga
Entre sombras sepulcraes!

São seguros os teus passos
Nas flores do teu caminho...
Mas... além... pungente espinho
Rasgará sangue em teus pés...
Nos umbraes do cemiterio
Tem a morte o seu imperio
Sobre um reino de mysterio,
Onde tu vassallo és...

Quanto mais cego caminhas
Nesta estrada tortuosa,
Mais a morte pressurosa
Te disputa a escassa luz:
Tu não vês d'um pai amado,
D'um irmão idolatrado
Um sepulcro coroado
Pelo symbolo da Cruz!?

Vês, e passas, e deslembras
Esse funebre moimento,
Que te enlucta um só momento
O prazer das vís paixoens...
Nem no morto vês o exemplo,
Nem tocado te contemplo,
Quando lugubres no templo
Pelo morto ha oraçoens!

Hontem inda te aprasiam
Os folguedos desvairados
Desses tempos detestados
De maldita idolatria;
Inda hontem palpitante
De emoção embriagante,
Com tregeitos de bacante
Leda vida te corria!...

Hoje um canto tristuroso
Vem turvar-te as alegrias...
Cede o hymno das orgias
A's lamentaçoens de Job.
Lá das regioens da morte,
Sôa um brado: « homem, que és forte,
« Fôste cinza, é tua sorte
« Ser um dia cinza e pó! »

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

FEVEREIRO.

22. *Domingo da Quinquagesima.* Cadeira de S. Pedro em Antiochia. E' com este titulo que a egreja desde tempos remotissimos celebra o governo apostolico de S. Pedro naquella cidade, onde os primeiros fieis começaram a usar do titulo de christãos, de que tanto nos gloriamos. Em um martyrologio ordenado no anno 354, governando o papa Liberio, já se faz menção da festividade da cadeira em geral; e pelo principio do 5.º seculo compoz S. Agostinho um eloquente sermão para a mesma festividade.

Item. S. Margarida de Cortona. Offerece-nos esta sancta um exemplo, de que nenhum peccador, seja qual fôr o numero e gravidade de seus peccados, deve desesperar do perdão delles, se, verdadeiramente arrependido, se acolhe ao Pae das misericordias. Natural de Lavianno na Tuscia, e dotada d'uma extraordinaria formosura, deixára-se tomar dos laços que um mancebo lhe armára, e passava com elle uma vida devassa e escandalosa. Faltando-lhe elle já ha dias, foi em sua busca, e no caminho, começando um cão a escavar, desenterrou o seu cadaver em dissolução, pois que assassinado, havia elle sido e enterrado alli furtivamente. As meigas vozes da graça, que de continuo lhe fallavam ao coração, mas que eram suffocadas pelos requebros do amante, foram desta vez mais energicas, e ei-la verdadeiramente arrependida. . . Partiu para Cortona, onde se deu ás mais rigorosas penitencias, querendo que, á força dellas, desapparecesse aquella formosura, que havia sido uma das causas dos seus peccados Provada por tres annos a perseverança de sua conversão, impetrou o habito da 3.ª Ordem de S Francisco; e tanto foi crescendo em virtudes e graças celestes, que chegou a gosar o dom de milagres mesmo nesta vida, que, com a morte do justo, acabou para ella no anno de 1297.

23. *Segunda feira* S. Pedro Damião nasceu em Ravena de pais honestos; porém sua mãe, quasi desnaturada pelo enfado d'uma numerosa prole, o abandonou um dia, a ponto de ser achado quasi a expirar por falta do primeiro alimento. Ficou orfão, muito menino, e teve de soffrer a dura tutella de seu irmão primogenito, que era imperioso e insoffrido. Um outro irmão chamado Damião o começou a leccionar, e tanto se adiantou nas sciencias, que todos admiravam seu talento e instrucção. Conseguiu depois ser admittido na congregação benedictina Camaldulense, professando no mosteiro Avellanense. Aperfeiçoou seus estudos, e tornou-se um verdadeiro sabio Depois de exercer na ordem varios empregos, foi pelo papa Estevão IX eleito bispo Ostiense e cardeal da egreja romana, e a serviu benemeritamente, já em differentes legaçoens em que foi empregado, já com seus escriptos contra os inimigos que ella sempre teve, e que nestes tempos (meado do seculo 10.º) a envolviam de grandes difficuldades. Depois de sua morte os monges camaldulenses, reconhecida Sua Santidade com a irrefragavel prova dos milagres, começaram logo a resar delle, e ultimamente, por um decreto do 1.º de Outubro de 1828, determinou o papa Leão XII que se rezasse delle com officio e missa propria em toda a egreja, e fosse considerado como doctor.

24. *Terça feira.* S. Pretextato, bispo de Rhotomago, sendo um zeloso defensor e propagador da fé, padeceu por ella glorioso martyrio.

25. *Quarta feira.* S. Mathias Ap. Sabemos pelos *Actos dos Apostolos*, que propondo-se elles a preencherem o duodecimo logar vago pela prevaricação e morte de Judas traidor, escolheram dois de entre aquelles que os haviam sempre acompanhado, e que, como elles, haviam sido testemunhas da resurreição de Jesus Christo, e foram José, chamado Barsabas, e Mathias. Orando depois, para que Deus lhes mostrasse qual dos dois era do seu beneplacito, tiraram sortes, e cahiu em Mathias. De seus feitos e morte nada sabemos ao certo; mas o seu elogio está bem eloquentemente estampado nas circumstancias da sua eleição.

26. *Quinta feira.* S. Cesario, irmão de S. Gregorio por antonomasia o theologo, era natural de Nazianza, onde adquiriu aquelle thesouro de virtudes com o qual conquistou o céu. O dito S Gregorio refere em suas obras, que o vira no meio dos esquadroens dos bemaventurados.

27. *Sexta feira* S. Torquato B. M E' um dos sete homens apostolicos, que, ordenados bispos em Roma por S. Pedro, foram mandados a evangelisar as Hispanhas, e que soffreram o martyrio durante as perseguiçoens de Nero e Domiciano. Enumera-se S. Torquato como arcebispo de Braga; mas o que é mais verosimil e conforme a documentos antigos é, que elle fizesse a sede de sua missão em Accitania ou, como hoje lhe chamam, Citania, legua e meia ao nascente de Braga, onde ainda existem muitos vestigios de povoação antiga. Seu corpo foi achado, e ainda se conserva inteiro em uma capella contigua ao claustro de um antigo mosteiro, secularisado, não se sabe em que tempo, em freguezia parochial com a invocação do mesmo santo, a uma pequena legua ao nordeste de Guimaraens. Em toda a provincia ha uma grande devoção com elle; e do producto dos votos dos fieis se começou ha annos um magnifico templo, de que ainda sómente está acabada a capella mór, para onde se projecta brevemente trasladá-lo.

28. *Sabbado.* S. Leandro, hispanhol, floresceu em virtudes e letras pelos fins do seculo 6.º Monge primeiramente, foi tirado de seu retiro para arcebispo de Sevilha, emprego que exerceu com um zelo verdadeiramente apostolico, não affrouxando com a perseguição dos Arianos, que devia ser bem porfiada e cruel; por isso que tinham por seu protector ao rei Visigodo Leovigildo, o qual teve a mais que ferina barbaridade de mandar matar o proprio filho Hermenegildo, só porque elle se rendêra ás boas doctrinas de S. Leandro, e abraçára a fé catholica. Deixando este logar de peregrinação com aquelle total desapêgo que transluz em sua preciosa obra *De contemptu mundi*, chegou áquella ditosa patria, para onde devem encaminhar-se todos os nossos passos.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Festa da Purificação. — Na egreja do Collegio que foi dos eremitas de Santo Agostinho, tambem no mesmo dia da funcção, que teve logar em Santo Antonio dos Congregados, se fez a festividade de Nossa Senhora da Purificação; aquelle magestoso templo, um dos mais bellos da cidade, estava adornado com toda a magnificencia; prégou o snr. conego Chamiço; o Santissimo esteve Exposto durante a missa, e esta foi cantada a musica instrumental.

Doces esperanças. — O dia 2 de Abril é o designado para o sermão das Dôres no Carmo. O orador convidado para tractar um tão augusto assumpto é o ill.mo e reverendissimo snr. Antonio Bernardino de Menezes, doutor na faculdade de theologia. Sahido ha pouco dos bancos da Universidade, este mancebo, cuja reputação já tem firmados eternos alicerces nos pulpitos do Minho, vem entre nós colher uma flôr para tecer na formosa grinalda que a academia conimbricense lhe cingiu na fronte de orador sagrado. A voz do sacerdote, que trovejou nas naves da Sé magestosa de Coimbra, despertará no coração dos portuenses essas fervorosas emoçoens que aqui sabem sentir-se, e que poucas vezes se podem experimentar.

As Dôres de Maria, como todos os trances do afflictissimo coração desta nossa Santissima Protectora, ajudam, afervoram, e estimulam o coração daquelle que se propõe expo-los á contemplação dos christãos. Que lagrimas, que sensaçoens, e que enlevos não despertará a eloquencia do mancebo, que pousa um pé sobre as glorias do mundo, e levanta a face contemplativa para o seio da Virgem Santissima, cujo coração é um manancial d'inspiraçoens!? O snr. doutor A. B. de Menezes fará que o seu auditorio responda a esta pergunta.

Procissão de Cinza. — A quadra luctuosa dos Passos de Jesus Christo entre os homens principiou a ser commemorada na cidade da Virgem com o mais solemne e grandioso apparato, e o mais profundo e tocante respeito de christãos. A procissão de Cinza, a cujo transito accorreram milhares de pessoas, foi um espectaculo edificante, porque a sua mesma riquesa era a prova convincente do zelo fervoroso com que os fieis repartem dos seus bens um precioso quinhão para a lusida manifestação do culto. O Christianismo annunciara os esforços louvaveis em que estava empenhada uma illustre commissão para o exito felicissimo, que no dia de quarta feira testemunhamos. E' duplicadamente aprasivel archivarmos hoje as felicitaçoens que se devem á commissão promotora dos meios para que a procissão sahisse, e tanto mais lhe deve ser gloriosa esta homenagem que cordealmente lhe prestamos, quanto a consciencia nos diz que somos os orgãos do publico portuense, cuja indole religiosa faz honra á cidade que tem por invocação a augusta soberana dos céus. As imagens que, decoram uma serie de bemaventurados no reino da gloria, irradiavam uma luz de devoção, que, ao fita-las com olhos respeitosos, era impossivel não sentir o desejo de imita-los. O aspecto de J. Christo, pendente da arvore da Redempção, parece que revella a intelligencia do artista, inspirado do céu, para bem comprehender as contorsoens d'angustia na face do Senhor. Comprehendeu-as, porque não haverá um justo na terra que não sinta arrasarem-se-lhe os olhos de lagrimas, elevando-os para aquelles labios divinos que parecem articular a ultima syllaba do *consummatum est!*

As alas dos espectadores eram impenetraveis, e a devoção do seu espirito manifestava-se no respeitoso silencio com que pareciam escutar as palavras — *Lembra-te, ó homem que, és pó, e em pó has-de tornar-te!*

O 1.º numero da bibliotheca do *Christianismo* que contem a — Vida d'Anna Maria Taigi — acha-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do *Christianismo* rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.º 82 a 84; e em caza dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios pontos do reino.

MARÇO 6. 1852. — N.º 10.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

I.

A DOUTRINA da Egreja, como vimos nos artigos RAZÃO, e FÉ, está no dominio da sciencia, por que, recorrendo á demonstração, toda dedusida das leis do raciocinio, conseguimos levar á evidencia moral o testemunho divino, sobre que divinamente se funda a doutrina do Catholicismo. Mas, sendo certo, que a vista do nosso espirito não abrange o modo real por que o testemunho divino se opera; ou, mais claro, sendo ineffica-zes as leis do raciocinio para avaliar a cauza divina dos fenomenos que constituem a sciencia humana — é forçoso que a intelligencia, cega ás causas primarias dos fenomenos do homem, se avassale ao imperio da fé, assim como os fenomenos da sciencia se avassalam á intelligencia do homem.

A « tradição » é uma das duas garantias que nos asseguram o testemunho divino. A tradição tem o valor d'um facto, porque, em theologia, a sua definição é esta: « um testemunho que nos certifica a verdade d'um facto, d'um dogma, ou d'um uso. »

Pouco importa, pois, que a razão hesite em reconhecer como tal a tradição; pouco importa que um sofista nos queira convencer de que não vivemos, ao mesmo tempo que, ouvindo-o, lhe damos as mais significantes provas do contrario.

A tradição, observada na sua origem, nasce immediatamente de Deus ou dos homens. Logo ahi resulta a differença entre tradiçoens *divinas*, tradiçoens *apostolicas*, e tradiçoens *ecclesiasticas*. E' certo que as segundas devem, com todos os theologos, e com o approvamento da propria razão, considerar-se divinas, por isso que os apostolos ensinaram doutrinas, que receberam immediatamente de Jesus-Christo, ou o Espirito Sancto lhes foi dellas o inspirador no decurso do seu apostolado. Ha tambem as tradiçoens *humanas*, que nascem dos homens sem missão, sem perpetuidade e sem valor nos factos communs, que acompanham as geraçoens desde o seu principio.

Não é tempo ainda de approveitar as legitimas deducçoens da tradição assim classificada.

Convem primeiro encaminhar o espirito da incredulidade pela mão do raciocinio á fonte tradicional do christianismo. Seguiremos os vestigios de « Lacordaire » que, raras vezes, larga as armas da razão, para fulminar a impiedade com as da fé. E' no campo do raciocinio que elle colhe as coroas do seu triunfo apostolico, e nós segui-lo-hemos como quem lhe approveita as flores esquecidas, e dellas teceremos uma grinalda, não para nós, mas em honra d'elle, cujo nome produz no espirito christão o enthusiasmo da esperança no completo triunfo do christianismo, sobre as hordas dispersas dos seus adversarios.

Camillo Castello-Branco.

CHAM AMALDIÇOADO.

IX.

Evigilans autem Noe ex vino, cum didicisset quæ fecerat, ei filius suus minor, ait: Maledictus chanaan. . . .

GEN. C. IX. 24. 25.

NOE com sua prole em paz vivia,
Das terras entretido na cultura,
Bem longe de pensar que d'amargura
Um filho os dias seus inda encheria.

Este filho cruel, que assas tendia
Ao sentimento da malicia impura,
Com rizo mofador zombar procura
Do Pae, que descomposto adormecia.

Noé sabe do filho a culpa horrenda,
E, sem curar da dôr, que alma lhe parte,
Lhe diz, lançando maldição tremenda:

« De filho já não posso o nome dar-te!
« Teu crime já não pode ter emenda. . .
« Serás de Deus maldito em toda a parte!

TORRE DE BABEL.

X.

Et dixerunt: Venite, facianus nobis civitatem et turrim, cujus culmen pertingat ad celum. . . Autem Dominus dixit. . . confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unusquisque vocem proximi sui.

Gen. C. XI 14. 5. 7.

Dos homens a vaidade levantava
No meio lá d'Assyria populosa
A Torre de Babel, que caprichosa
Commercio ter c'os astros inculcava.

Este povo insensato ali julgava
Do Eterno subtrahir-se á mão pod'rosa,
Se inda outra vez a terra criminosa
Das agoas entregasse á furia brava.

Mas Deus sorri da louca humanidade,
E mostra que sua dextra vingativa
So se pode abrandar pela humildade;

Confunde-lhe a commun lingoa nativa,
E faz que esse padrão d'alta vaidade
Mais alto não levante a fronte altiva.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

FEVEREIRO.

29. *Domingo 1.º da Quaresma.* S. Romão Abb. nasceu em um logar chamado Jurense no districto de Leão de França. Abraçando a vida monastica debaixo da regra de S. Bento, passou ás Hispanhas, onde edificou varios mosteiros, e entre elles o de Panoyas perto de Ourique em Portugal. A Benedictina Lusitana, tomo 1.º pag. 441, diz assim: « Foi o transito de S. Romão pelos annos de 565 pouco mais ou menos; seu corpo se conserva ainda em uma ermida no mesmo sitio antigo ao longo do rio Sadão, uma legua abaixo da villa de Panoyas; e a cabeça do santo está na matriz da dita villa estimada com grande veneração, e resplandecendo com muitos milagres.

MARÇO.

1. *Segunda feira.* S. Adrião, que padeceu glorioso martyrio em Massilia juntamente com S. Hermete.

Item. Faremos a primeira alteração no calendario do *Almanak Portuguez*, que havemos seguido, para dar uma breve noticia do nosso compatricio S. Rosendo. Nasceu no logar de Salas na freguezia de S. Miguel do Couto, junto a Santo Thirso no bispado do Porto; foi o primogenito do muito nobre e opulento conde Dom Gutierre Menendes de Arias e da condessa dona Aldara; teve uma educação muito piedosa, e quanto a letras, tão esmerada quanto era possivel naquelles tempos. Já se vê que tinha aberta diante de si uma brilhante carreira no seculo; mas elle seguiu outra, abraçando a vida ecclesiastica. Muito novo ainda, foi eleito bispo de Dume, junto a Braga, e depois transferido para Mondonhedo e ultimamente para Compostella. Havendo assim prestado relevantes serviços á Egreja, quiz passar na solidão o resto de seus dias, recolhendo-se ao mosteiro de Cella-Nova, que elle havia mandado fundar, e que dotára com as terras que seus pais tinham por aquelles sitios, e que elle herdára. Vivendo alli por alguns annos em todo o rigor da regra de S. Bento, foi gosar a bemaventurança no anno de 977.

2. *Terça feira.* S. Simplicio papa foi zelosissimo propugnador da disciplina ecclesiastica, nomeando vigarios apostolicos, que não permittissem a transgressão dos canones. Morreu pelo anno de 483.

3. *Quarta feira.* S. Hemiterio foi soldado, e estando em um acampamento junto á cidade de Legião na Galliza, e sabendo, que em Calagorra se havia suscitado uma cruel perseguição contra os christãos, alli correu logo, não para os vingar com as armas, mas para quinhoar com elles da gloria do martyrio, que effectivamente padeceu.

4. *Quinta feira.* S. Casimiro, filho dos reis da Polonia Casimiro e Elisabetha, floresceu em santidade nos principios do seculo 15.º Por sua caridade mereceu o glorioso titulo de pae e defensor dos pobres, que val bem mais, do que esses outros, que os homens teem inventado para entreter orgulhos. Foi amantissimo da virtude da castidade, domando as paixoens com a sobriedade e cilicios, de maneira que, mesmo quando, em consequencia de certos padecimentos, os medicos lhe aconselhavam, que se casasse, o não quiz fazer. E tendo em poucos annos (porque morreu elle aos 25 de sua edade) junto um crescido thesouro de merecimentos, deixou o reino da terra, para hir gosar do ceu.

5. *Sexta feira.* S. Theophilo, bispo de Cesaria na Palestina, regeu esta Egreja, no tempo do reinado de Severo, com aquelle zelo e aproveitamento, que é bem de presumir em quem tão consummado foi em santidade e letras.

6. *Sabbado.* S. Ollegario, hispanhol, foi primeiramente conego e depois bispo de Barcelona. Transferido ultimamente para arcebispo de Tarragona, ahi deu a alma a Deus em meado do seculo 13.º

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma — Fr. Ignacio (Lord Spencer) vae percorrer a alta Italia e a Allemanha a fim de pregar a cruzada pacifica contra a heresia da sua patria natal. Leva cartas de recommendação, que, a sua missão é importantissima. S. Santidade dignou-se conceder uma benção especial á missão do apostolo inglez. Já havia concedido 300 dias d'indulgencia a quem rezasse uma *Ave Maria* pela conversão da Gram-Bretanha, isto por um rescripto de 9 de Maio de 1850. Agora em 16 de Novembro de 1851 expediu novo rescripto concedendo mais 100 dias d'indulgencia a quem praticar uma boa obra em beneficio da associação. E a união d'oraçoens pela Inglaterra estendeu-se a toda- as seitas de separados da Egreja.

— *Conferencias religiosas a militares.* — O padre Bastide, capellão de S. Luiz, ha dois annos que dedica as suas conferencias religiosas aos saus compatriotas do exercito francez d'occupação de Roma Sendo ainda moço tem conseguido attrahir os soldados á Egreja de S. Luiz todos os domingos a ouvir a palavra de Deus que é precedida de vesperas e conclue com a benção do Santissimo Sacramento. Os soldados gostam muito deste officio e o cantam com enthusiasmo. Tem havido muitas conversoens e confissoens, e não poucos soldados, concluido o tempo de serviço, tem hido professar em cazas religiosas de França. Nos hospitaes e prisoens tem-se colhido tambem optimos fructos. Louvado seja o nosso bom Deus que, ao passo que nos fere com a vara de sua justiça, nos applica o balsamo tão consolador da esperança d'um melhor futuro a que tudo vae encaminhando.

Hollanda. — No mez de Dezembro celebraram os PP. Redemptoristas o anniversario da missão de Luxemburgo com um verdadeiro triunfo. As predicas foram coroadas com a posse que os missionarios tomaram d'uma casa da sua ordem, que acabavam de fundar naquella cidade. O correspondente de *Wolkshalle* de Colonia faz sobresahir as grandes vantagens que d'ahi resultam, e os optimos fructos que os fieis e o clero teem direito a esperar deste novo estabelecimento religioso no solo allemão.

Só nós estamos privados desta vantagem. Entre nós macaquea-se quanto de mau se encontra lá por fòra, porém o que é bom custa a penetrar. Se temos missoens em algumas poucas terras, devemo-lo á ardente caridade d'alguns pios varoens, e aos sentimentos religiosos, ainda não extinctos, do bom povo portuguez, que tem sabido superar todas as difficuldades, tornando inefficazes os tiros da calumnia.

França. — No meio dia da França e na communa de Gemenos, acaba d'installar-se um novo convento de freiras Trinas. A superiora e 10 religiosas, vindas do convento de Santa Martha ao pé de Marselha, tomaram conta da sua nova casa, por occasião do ultimo jubileu que o parocho M. Millé quiz celebrar deste modo com os seus freguezes. Foi um verdadeiro dia de festa, porque acudiram a rece-

be-las o clero e os fieis das circumvisinhanças, e as conduziram em triunfo.

— Os *Lazaristas* (*congregados da missão de S. Vicente de Paulo*) acabam de restabelecer a lithurgia romana em toda a sua ordem, o que faz conhecer por uma circular o P. Estevão, Superior Geral.

— *O Novo Jubileu.* — Em grande numero de dioceses de França tem sido publicado o Jubileu pelos prelados. Os fructos teem sido extraordinarios por toda a parte. Commove o vêr como os povos se vam acolhendo á sombra da Cruz como o unico symbolo da ventura neste mundo e no outro. D'entre as muitas narraçoens tomaremos a do *Oceano* de Brest, descrevendo o jubileu naquella cidade maritima, para que os nossos leitores folguem tambem, como nós folgamos com os progressos da Santa Religião, que temos a ventura de professar. Eis o que nos annuncia:

« Os exercicios do Jubileu terminaram hontem na egreja de S. Luis. A ceremonia foi das mais magestosas pelo numero e recolhimento dos assistentes. Para a nossa piedosa população tinha um duplo attractivo: prégava o P. Lavigne sobre a caridade, e o sermão devia ser seguido d'um peditorio em favor da sociedade de S. Vicente de Paulo.

« O orador christão, que no decurso d'um mez soube captivar com seus discursos a flor da sociedade de Brest, e cujas evangelicas exortaçoens produziram as mais inesperadas conversaens — o orador christão coroou a sua obra admiravelmente. Pintou com cores verdadeiras as miserias das classes pobres; achou accentos lacerantes para forçar o rico a inclinar-se, soccorrendo-os, para todos estes soffrimentos. O resultado do peditario estabelecerá, melhor do que nós o poderiamos fazer, a eloquencia persuasiva do P. Lavigne. O resultado produziu a somma de 1,852 francos (333:360 reis.)

O jubileu de 1851 deixará em Brest dilatadas e tocantes recordaçoens. Produziu fructos abundantes de graça e de conciliação com Deus. No dia de Natal e no domingo precedente approximaram-se da communhão coisa de 3000 pessoas.

Os missionarios retiraram-se da cidade mui satisfeitos, e dando graças a Deus pelas bençãos que se digaou espargir sobre os seus trabalhos.

A historia do missionario é a mesma por toda a parte: trabalhar pela felicidade dos homens neste mundo e no outro e pela maior gloria de Deus. Vale bem a pena de ser alvo da malevolencia dos revolucionarios socialistas.

Inglaterra — *Missão dos Redemptoristas em Lancaster.* — Em 23 de Dezembro escrevem ao *Tablet* que produziram muito bom effeito as missoens, reaccendendo a fé amortecida em muitos que de catholicos só tinham já o nome, e chamando muitos protestantes a ouvir com aproveitamento a palavra de Deus.

— Ha actualmente em toda a Gram-Bretanha 708 Egrejas e capellas consagradas ao culto catholico, sendo 610 em Inglaterra e no paiz de Galles, e 98, alem de 40 estaçoens, na Escocia. Contam-se tambem 1,032 sacerdotes da mesma religião, comprehendendo os bispos, o que dá 60 presbiteros mais que o ultimo anno. Este numero divide-se assim: Inglaterra e paiz de Galles, comprehendendo a archidiocese de Westminster e as dioceses de Southwark, Hexham, York, Liverpool, Salford, Shrewsbury, Newport e Menevia, Clifton, Pymouth, Nottingham, Birmingham e Northampton, tem 836 presbyteros. A Escocia, comprehendendo os 3 districtos de Leste, Oeste e Norte, e o collegio de Santa Maria de Blairs, tem 124 presbyteros. Existem nas differentes dioceses d'Inglaterra e Galles 17 conventos d'homens e 62 de mulheres. A Escocia não os tem. Esta estadistica não comprehende a Irlanda paiz quasi catholico na sua totalidade, e que só tem um immenso episcopado protestante para comer no ocio immensas riquezas sem que os pobres e os hospitaes derivem d'ali alguma utilidade.

Egrejas novas. — Em Westbourne Grove lançou-se a primeira pedra d'uma egreja debaixo da invocação de Santa Helena. Em Southwark edificou-se uma nova capella que, a sua custa, mandou edificar uma senhora convertida. Reedificou-se a Egreja de Cewell, e foi sagrada e aberta com solemnidade a Egreja da Immaculada Conceição em Maryhill! Entre nós destruem-se as que ha ou pedem-se ás camaras para mercados.

— O *Tablet* fallando da fundação d'uma nova egreja em Dundée, diz que os ultimos 20 annos se teem passado em continuas fundaçoens de novas egrejas, o que era inteiramente inaudito, ha 3 seculos a esta parte.

— Os jesuitas de Londres já celebraram a festa do seu novo beatificado, Pedro Claver, que era hispanhol.

— O *Univers* falla d'um processo intentado em Inglaterra pelo apostata italiano *Achilli* (um desses desgraçados de que tambem entre nós appareceram exemplos) contra o insigne dr. Newman, um dos principaes ornamentos da egreja catholica ingleza á qual se acolheu depois d'abjurar os erros anglicanos, e com elles os interesses materiaes de que gosava. O apostata Achilli foi *assalariado* pelos protestantes para combater o catholicismo.

O P. Newman, no seu opusculo *sobre a situação presente dos catholicos em Inglaterra*, pergunta-se naturalmente quem é esse novo campeão do protestantismo, e responde a essa pergunta repetindo o que antes delle haviam dito muitos jornaes: « que esse Achilli era o homem condemnado com aquelle nome na Italia, em diversos logares e epocas, por haver seduzido e deshonrado sete raparigas; o homem condemnado em Corfou por ter corrumpido a mulher d'um alfaiate que lhe concedera hospitalidade; o homem publicamente degradado em Malta com dois dos seus collegas, como elle professores no collegio protestante, não já por seducção ou adulterio, mas por actos mais infames ainda.

Achilli não queria dar-se em expectaculo, porem aquelles que o assalariam obrigaram-no o isso, e intentou uma acção d'injuria no tribunal da rainha contra os editores do opusculo; porem o dr. Newman reivindicou toda a responsabilidade da accusação e pediu uma moratoria de 6 mezes para mandar vir de Viterbo, Roma, Capua, Napoles, Corfou e Malta, certidoens authenticas das sentenças proferidas pelos tribunaes daquellas cidades contra o apostolo das ideas revolucionarias.

Irlanda — De todas as partes vem remessas por subscripção para a universidade catholica decretada pelo synodo de Thurles. Só de New-York, nos Estados-Unidos, receberam-se ultimamente 30$ cruzados, e o total das subscripçoens montava a 300$ sruzados, conhecendo-se quanto Deus Nosso Senhor abençoa os esforços que se fazem para fundar um tão util estabelecimento.

— No dis 1.° de Janeiro foram publicados os decretos do synodo de Thurles em todas as egrejas e capellas catholicas romanas da cidade de Cork.

Africa. — O P. Arlabosse, da diocese de Rhodez, antigo missionario e prefeito apostolico do Senegal succumbiu em poucas horas, naquella colonia, victima do seu zelo pelos progressos da religião. Egual sorte coube a Monsenhor Monnet, vigario apostolico do Madagascar, roubado aos rudes trabalhos do seu apostolado.

Eis os verdadeiros civilisadores da humanidade, e não aquelles que se servem do vocabnlo *civilisação* para melhorar repentinamente de posição, soffra quem soffrer, morra quem morrer. Os civilisadores catholicos *morrem* para chegar ao seu fim o *bem estar da humanidade.* Os pseudo civilisadores da época *matam* para chegar ao seu fim o *bem estar ao individuo!*

Oceania. — Nova Hollanda — No decurso do anno de 1851 edificaram mais 6 Egrejas alem das que já havia. Isto concorre poderosamente para apressar a epoca, em que só havemos de ter um pastor e um unico redil.

BYBLIOGRAFIA RELIGIOSA.

Quando, em artigos impressos no *Portugal*, pedimos a reimpressão de « J. C. perante o seculo » e « Defesa do Christianismo » não previamos tão depressa realisados nossos bons desejos, a favor da educação religiosa em nossa terra.

Sabiamos que preciosidades, desconhecidas para tantos, aquelles dois livros enthesouravam, e quizeramos, se tanto nos permittisse a fortuna, tomar-lhes a reimpressão a nosso cargo.

A occasião, em que pediamos, era opportuna para sermos ouvidos. O estandarte da reacção estava arvorado para todos; e d'entre as fileiras religiosas deviam sahir

homens votados á sua causa, que nos acompanhassem neste abalo impulsivo que vamos dar, auxiliados pela força do Omnipotente ao padrão meio arruinado da incredulidade

Já tivemos o jubilo de annunciar a breve reimpressão de « J. C. perante o seculo » agora, com duplicado incentivo de satisfação, archivamos no *Christianismo*, a publicação das tres primeiras folhas reimpressas da Defesa do Christianismo pelo athleta da nossa augusta religião — o bispo de *Hermopolis*.

A sociedade reimpressora desta obra, que tanta gloria lhe dá, e tanto ennobrece as benevolas tençoens que inspiraram o seu primeiro traductor, ou traductores em Portugal, deve aqui achar consignados os louvores que lhe são devidos, e mais tarde o publico sentirá precisão de bemdizer a mão providencial que lhe derrama, no terreno sáfaro da vida impiedosa, livros de benção e moral christan.

Foi publicada uma nova edição do Escudo admiravel. Este livro que comprehendia uma boa escolha de oraçoens e novenas, e um excellente methodo de assistir ao sacrificio incruento, acha-se augmentado de outras recolhidas dos melhores livros. Recommendamos este precioso manual. Vende-se na loja do editor livreiro F. G. da Fonseca, aos Caldeireiros.

CATHECISMO
DE PERSEVERANÇA

OU

Exposição historica, dogmatica, moral, liturgica, apologetica, filosofica e social da

RELIGIÃO

DESDE A ORIGEM DO MUNDO ATÉ NOSSOS DIAS

Pelo abbade J. Gaume

E

VERTIDO EM LINGOAGEM

POR

Camillo Castello-Branco.

« Que situação é a nossa? » — pergunta o erudito Gaume no prologo desta obra monumental — « Resta-nos alguma esperança de salvação, ou, submergida para sempre a sociedade, é forçoso inclinar-mos a cabeça? »

Resta-nos esperança de salvação responde o seculo que passa, não obstante as chagas da incredulidade gotejarem ainda aquelle sangue do seculo que passou. Resta-nos esperança de salvação, porque é grande a confiança na justiça de Deus, e são inexgotaveis os thesouros da sua misericordia.

A cabeça inclinal-a-iamos, se a mão da impiedade fosse bastante poderosa para servir, como cego instrumento, á cegueira d'alguns impios, que não poderam cazar a libertinagem da politica com a castidade da immaculada esposa de Jesus Christo.

Pendêra-mos a fronte descoroçoada, se a mão do vigario de Christo largasse as redeas das naçoens, e as deixasse infrenes no campo da anarchia, para que se punissem n'um afflictivo despedaçar de guerras cruentas.

Os designios da Providencia são imperscrutaveis, 'mas é permittido ao filho da Egreja cotholica dizer — que a geração actual forceja por levantarse d'um baptismo de sangue, que lhe promette uma nova existencia, assegurada pelas tormentosas lides que a geração passada acaba de experimentar.

Não é precizo levantar as cortinas do porvir, nem fingir o dom da profecia, para ler no futuro uma condemnação, que virá fulminar os ultimos esforços desses homens depravados, que, no seu vosear contra a religião, contra o pontifice, contra o sacerdote, contra o culto, contra Jesus Christo, representam os instrumentos por onde a impiedade solta o seu extremo grito de desolação.

As sementes de maldição, lançadas hoje á terra, não ousarão sasonar um fructo. Os povos, despojados da sua grandeza, quando a mais alto throno de impostura eram levantados pelos aduladores, cerraram os ouvidos á mentira dos seus falsos amigos, e reconheceram-se escalla vilipendiosa por onde a impiedade subia ao capitel dos templos d'onde era necessario derrubar a cruz de nossos avós. Gritava-se ahi todos os dias pela illustração do povo; pediam-se, em nome do progresso, escholas e academias para o artista, para o lavrador, e para o jornaleiro. E' que assim era precizo para que as doutrinas subversivas dos máos fossem comprehendidas no gremio innocente da sociedade portugueza.

O povo, porem, presenciou que a religião christan não era um simples legado que a ignorancia possuia atravez de 18 seculos. Viu que o homem verdadeiramente sabio, e verdadeiramente illustrado era verdadeiramente christão. Recebeu o exemplo daquelles que lhes mereciam a honra de sabios, e descreu desses meteoros d'um dia, que tentam cegar-nos o entendimento com os lumes fatuos d'uma requintada ignorancia em materias de religião.

Convem firmar estes excellentes principios, que constituem a moral do povo. E' precizo fortalecer-lhe as crenças com livros christãos, e chamál-os á mesa da sciencia de Deus, que ahi está posta e franca para todo o mundo, e opulenta de fructos de vida para os homens de boa vontade.

Deste pensamento nasceu a vontade de traduzir a obra, que annunciamos por este prospecto.

Não ha elogio que possa encarecer uma obra, que desempenha sobejamente as condiçoens do titulo com que se annuncia.

A quarta edição de Pariz, sem embargo do seu avultado preço, dizia mais do que a mais bem trabalhada e conscienciosa apologia ao Cathecismo de Perseverança do profundo abbade Gaume.

A careza desta publicação vae ser menos sensivel pelo seguinte plano que traçamos, e offerecemos á escolha dos senhores subscriptores.

A traducção, feita sobre os 8 volumes francezes, produzirá 10 volumes em portuguez.

O preço da obra completa é 3$600 reis para os assignantes. E quem quizer recebel-a, por folha, pagará 20 reis por cada uma com 16 paginas, a pagar no acto da entrega.

As remessas serão francas de porte, e em cada terra, onde tivermos assignantes, ou na mais proxima, constituiremos um centro de correspondencia, onde serão recebidas as folhas.

Os que tiverem o mais ligeiro conhecimento do texto concorrerão com a sua assignatura para a dispendiosa sahida desta encyclopedia do Christianismo. Aos outros aventuramo-nos a affiançar-lhes que não terão de arrepender-se na leitura de uma só das paginas dos 10 volumes.

O Editor

Francisco Pereira d'Azevedo.

Assigna-se no Porto no escriptorio da administração do *Portugal* rua das Hortas n.º 82 a 84. — Lisboa — no escriptorio da administração do jornal *A Nação* Campo de Santa Anna n.º 31 e na loja do snr. Lavado rua Augusta n.º 8. — Coimbra — snr. Mesquita rua das Covas — Braga — snr. José Maria de Souza rua da Porta Nova — Guimaraens — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens rua da Fonte n.º 14 — Vianna — snr. André Joaquim Pereira — Povoa de Varzim — snr. Antonio Luiz da Rocha Peixoto — Barcellos — ex.mo snr. Theotonio de Magalhães Menezes Villas Boas — Villa Nova de Famalicão — negociante Amaral — Arcos de Val de Vez — snr. reitor de S. Cosme e Damião d'Azere — Valença — snr. Luiz Rafael de Cerqueira da Silva Brandão — Penafiel — snr. João da Rocha Leite — Lixa — snr. José Bento de Vasconcellos — Villa Real — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens — Basto — sr. Antonio Gonçalves Moreira — Mezão Frio e Ferreiros de Tendaes — snr. Antonio Manoel da Silva Pinto d'Abreu — Villa Flor snr. Narcizo José de Moraes — Bragança — snr. F. J. Affonso — Chaves — snr. Antonio da Silva — Miranda do Douro — Villar Secco — snr. Carlos de Macedo Gouvea e Vasconcellos — Lamego — snr. João Teixeira Barbosa — Pezo da Regoa — snr. José de Oliveira Soares — Vizeu — snr. Francisco Gomes Pinto — Trancoso — Meda — snr. fr. José Caetano Lopes Bandarra — Pinhel — snr. João Quirino Simoens Caldeira — Villa da Feira — snr. Antonio José da Silva e Sá — Aveiro — snr. fr Bernardo de S. Joaquim e Silva — Evora — snr. José Gaspar dos Santos, Praça Grande n.º 21 A — Elvas — snr. Joaquim Antonio Lopes, rua da Carreira n.º 5 — Tavira — snr. João André Corcino — Ilha de S. Miguel loja de livros do snr. Francisco José Machado — Rio de Janeiro no escriptoris da *União* rua nova de S. Bento n.º 26.

ADVERTENCIA.

Aquelles senhores, cujas assignaturas acabam com o 1.º trimestre, no fim do currente Março, queiram ter a bondade de as renovar com tempo para não soffrerem interrupção na remessa do Periodico. Os que não tenham satisfeito ainda as condiçoens do prospecto, de *pagarem adiantado*, tenham a bondade de o fazer; porque não se póde prescindir dessa justa exigencia.

O 1.º numero da bibliotheca do *Christianismo* que contem a — Vida d'Anna Maria Taigi — acha-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do *Christianismo* rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.º 82 a 84; e em caza dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios pontos do reino.

MARÇO 13. 1852. — N.º 11.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

ENCYCLICA

De Nosso Santissimo Padre o Papa Pio IX a todos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos, e mais Ordinarios, em communhão com a Santa Sé Apostolica.

Pio IX, Papa — Veneraveis irmãos, saude e benção apostolica.

Pela outra nossa Encyclica deste mesmo dia tereis visto, com que sollicitude havemos appellado para a vossa esclarecida piedade, a fim de que no meio de tantas e tão graves calamidades, como affligem a sociedade christan, e civil dispozesseis fazer em vossas dioceses preces publicas para implorar a mizericordia divina. E havendo-vos annunciado na citada Encyclica que com este motivo abririamos de novo os thesoiros celestiaes da Egreja, pelo mesmo motivo vos dirigimos as presentes letras abrindo os ditos thesoiros.

Assim, pois, confiados na mizericordia de Deus omnipotente e na auctoridade de seus apostolos os bemaventurados S. Pedro e S. Paulo, em virtude daquelle poder de ligar e desligar, que, apesar d'indignos, Nos concedeu o Senhor, pelas presentes letras concedemos plenissima indulgencia de todos seus peccados em forma de Jubileu, indulgencia que poderá tambem applicar-se em suffragio das almas do Purgatorio, a todos e cada um dos fieis de vossa diocese, homens e mulheres, que dentro do termo d'um mez, que cada um de vós assignará, e a contar desde o dia que cada um de vós determinar, confessando os seus peccados humildemente e com uma sincera detestação delles e expiados com a absolvição sacramental, recebessem com reverencia o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e visitassem tres egrejas que vós designasseis, ou uma dellas tres vezes, e alli por algum espaço de tempo dirijam a Deus piedosas preces pela exaltação e prosperidade da Santa Madre Egreja e da Sé Apostolica, pela extirpação das heresias, pela paz e concordia dos principes christãos, e pela paz e união de todo o povo christão; e alem disso, durante o já mencionado espaço de tempo, jejuassem uma vez e déssem alguma esmola aos pobres e alguma offerenda, segundo lhes dictasse a sua devoção, para a religiosissima obra da *Propagação da Fé* (obra que recommendamos sobremaneira ao vosso zelo episcopal). E para que esta indulgencia possam ganha-la as religiosas ou outras pessoas que perpetuamente moram no claustro, assim como tambem os encarcerados e aquelles que por enfermidade ou por qualquer outra causa se acharem impedidos de modo que não possam praticar alguma das obras prescriptas, concedemos faculdade aos confessores que elles escolham, segundo abaixo diremos, para que possam commuta-las em outras obras piedosas ou proroga-las para outro tempo proximo, com faculdade tambem de dispensar, a respeito da communhão, aos meninos que ainda não tenham sido admittidos á primeira communhão. Assim tambem, aos fieis de vossas dioceses, tanto leigos como ecclesiasticos seculares e regulares, e de qualquer instituto, ainda que seja dos que tenham de nomear-se especialmente, concedemos-lhes licença e faculdade para que por esta causa possam eleger qualquer presbytero confessor secular ou regular d'entre os que como mais idoneos para este effeito quizerdes designar (de cuja faculdade poderão usar tambem as religiosas, ainda as exemptas da jurisdicção do ordinario, e as mais mulheres que morem dentro do claustro, com tanto que o confessor esteja approvado para religiosas) que no foro da consciencia e por esta unica vez possam absolve-las da excommunhão, suspensão e interdicto, e das mais sentenças e censuras ecclesiasticas *a jure vel ab homine*, seja qual fôr a causa por que se houvessem dado, menos as abaixo exceptuadas, assim como tambem de todos os peccados, excessos, crimes e delictos por graves e enormes que sejam, ainda quando sejam reservados ao Ordinario ou a esta Santa Sé, e ainda que o sejam em fórma especial, e cuja absolvição se não se expressasse assim não se entenderia concedida por este indulto geral.

Alem disso, com o fim de aplanar e facilitar mais a todos o caminho da salvação, concedemos aos mesmos confessores durante o mencionado tempo do dito mez a faculdade d'absolver a todos os que desgraçadamente tenham pertencido a alguma seita ou seitas, e se aproximem verdadeiramente penitentes ao sacramento da reconciliação, e de que possam dispensa-los da obrigação de denunciar os cumplices, a fim de que possam ganhar a dita indulgencia plenaria, previas as costumadas condiçoens e exceptuando os casos em que para evitar maiores e mais graves damnos se julgasse inteiramente necessaria a denuncia. Concedemos alem disso que os mesmos confessores possam dispensando commutar em outras obras pias (porem impondo em todos os casos uma penitencia saudavel e o mais que por direito deve impor-se) quaesquer votos ainda confirmados com juramento e reservados á Sé Apostolica (exceptuando sempre os de castidade, religião e obrigação que tenha sido aceita por terceiro, ou aquelles em que se trate de prejuizo de terceiro; assim como tambem os penaes, que se chamam preservativos de peccados, quando a futura commutação não se repute tal que não aparte menos de commetter o peccado que a anterior materia do voto). Tambem concedemos a faculdade de dispensar ácerca da irregularidade causada pela violação das censuras com tanto que não tenha sido deduzida nem seja facilmente deduzivel ao foro externo; porem fóra desta faculdade nenhuma outra terão os ditos confessores em virtude das presentes letras, para dispensar em qualquer outra irregularidade, ora seja de delicto, ora de defeito, ou publica ou secreta, ou em qualquer outra incapacidade ou inhabilidade de qualquer modo contrahida. Tambem não é nossa intenção derogar de modo algum pelas presentes letras a Constituição com suas adjuntas declaraçoens dada pelo nosso predecessor de feliz recordação, Benedicto XIV, que começa *Sacramentum Pœnitentiæ*, ácerca da inhabilidade de

absolver o cumplice e ácerca da obrigação da denuncia; nem tambem intentamos conceder faculdade de absolver os que tenham sido *nominatim* excommungados, suspensos e interdictos ou declarados incursos em outras sentenças e censuras por Nós e a Sé Apostolica, ou por algum Prelado ou Juiz ecclesiastico, salvo se dentro do dito mez satisfizessem á sua obrigação. E se a juizo do confessor não podessem satisfazer dentro do dito prazo, concedemos que possam ser absolvidos, porem somente para que possam ganhar as indulgencias deste Jubileu, impondo-lhes a obrigação de satisfazer tão depressa como possam.

Outorgamos e concedemos tudo o que fica dito, sem que lhe obstem quaesquer constituiçoens, e ordenaçoens apostolicas que houvesse em contrario, todas e cada uma das quaes, ainda das que e de todo o seu theor houver de se fazer especial, especifica, expressa, individua e textual menção, e não d'um modo geral, ou houvesse de observar-se para o effeito qualquer outra esquisita forma, todas ellas, tendo por sufficientemente expressado o seu theor e por guardada qualquer fórma que requeressem, por esta vez e para o dito effeito as derrogamos especial, nominal e expressamente, assim como tudo mais que houver em contrario.

Por ultimo, em testemunho de nossa particular benevolencia para comvosco, vos damos com o maior amor a benção apostolica a Vós, veneraveis irmãos, e aos fieis tanto clerigos como leigos confiados ao vosso cuidado.

Dada em S. Pedro de Roma aos 21 dias do mez de Novembro do anno 1851, VI do nosso pontificado. — Pio IX, Papa.

EDITAES

Dom José Maria da Silva Torres, por mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica, arcebispo de Palmira, coadjutor e futuro successor da Sé Metropolitana de Braga primaz das Hispanhas, do conselho de s. m. f., par do reino, commendador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, gram cruz da de Santiago da Espada, provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, commissario geral da Bulla da Santa Cruzada nestes reinos de Portugal e Algarves, ilhas adjacentes e provincias ultramarinas etc.

Fazemos saber que, usando da apostolica auctoridade, que nos foi confiada, e conformando-nos com as disposiçoens do real decreto de 20 de Setembro de 1851. Havemos por bem sub-delegar, deputar e nomear para commissario apostolico da bulla da santa cruzada no patriarchado de Lisboa, prelazia de Thomar, e gram priorado do Crato, o eminentissimo cardeal patriarcha, ou a pessoa, que suas vezes fizer; e assim lhe conferimos, como por Sua Santidade nos foram commettidas, todas as faculdades necessarias, para que, dentro dos limites do mesmo patriarchado, prelazia, e gram priorado, e segundo o seu prudente arbitrio, mas em plena conformidade com o theor da referida bulla, e dos respectivos extractos ou summarios, auctorisados por nós, possa dispensar nas irregularidades, fazer composiçoens nas quantias, que excederem a duzentos mil reis, e em summa exercer todos e quaesquer actos daquella jurisdicção, que, por apostolica auctoridade, nos compete em toda a monarchia, ácerca dos negocios espirituaes da mesma bulla.

E para assim constar em todo o tempo, e onde convier, mandamos ao secretario, director geral da secretaria da junta geral da bulla da santa cruzada, que faça escrever e registar convenientemente esta nossa provisão: e ao mesmo eminentissimo prelado acatadamente encommendamos, que seja tambem registada nos livros competentes.

Dada em Lisboa, sob o nosso signal e sello das nossas armas, aos 10 de Janeiro de 1852.

(Logar do sello.)

José, arcebispo.

Provisão pela qual vossa excellencia reverendissima houve por bem nomear o eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa, para commissario apostolico da bulla da santa cruzada no seu patriarchado, na prelazia de Thomar, e no gram priorado do Crato, pela fórma acima declarada. — Para v. exc.ª rev.ma vêr e assignar.

Secretaria da junta geral da bulla da cruzada 10, de Janeiro de 1852. — Doutor *Francisco Maria da Silva Torres*, secretario e director geral da secretaria da junta geral da bulla da cruzada.

Identicas, *mutatis mutandis*, se expediram para as outras dioceses do reino, e das ilhas adjacentes.

D. Jeronimo José da Costa Rebello *por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de S. M. Fidelissima, Par do Reino, Gram Cruz da Ordem Religiosa e Militar de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha.*

A todos os fieis nossos subditos saude, paz, e benção em Jesus Christo Nosso Divino Salvador.

Apressamo-Nos a fazer constar aos nossos amados diocesanos, que acabamos de receber com data do 1.º de Março corrente o Indulto Apostolico, que lhes permitte a comida de carne nos dias de jejum, e de abstinencia na presente Quaresma, com as excepções, e declarações abaixo transcriptas, que esperamos sejão por todos guardadas, e observadas.

Impellidos pelo vehemente desejo de promover por todos os meios a felicidade espiritual, e temporal do rebanho Portuense, confiado ao Nosso pastoral cuidado, lidamos incessantemente em procurar remedio a quasquer males que o possão affligir — em prevenir os escandalos — em evitar a contagiosa corrupção dos maus exemplos — e em attender, e providenciar sobre as suas necessidades.

Bem convencidos, de que n'esta nossa diocese existem causas legitimas, e ponderosas, que fazem muito necessario aquelle indulto, com grandes instancias o havemos supplicado; sendo-nos agora benignamente concedido em nome do Summo Pontifice pelo exc.mo e reverendissimo internuncio seu benemerito representante n'estes reinos, e á semelhança, do que em todos os annos é publicado na capital do Orbe Catholico

Auctorisados pois com aquella apostolica concessão, temos a satisfação de annunciar, e declarar aos nossos amados diocesanos, que na presente quaresma lhes é permittido fazer uso de qualquer especie de carnes, e de temperos de unto, e manteiga de porco (salvo sempre a lei do jejum, para aquelles, que são a elle obrigados), concessão, que se extende tambem ás pessoas religiosas de um, e outro sexo, que não sejão obrigadas a mais rigorosa abstinencia.

São porem exceptuados d'esta benigna concessão a já passada Quarta feira de Cinza — as vigilias de S. José, e da Annunciação da Santissima Virgem, e os tres ultimos dias da Semana Santa, nos quaes são prohibidos os temperos de unto e manteiga de porco, e em que somente é permittida a comida rigorosa de magro.

Nos tres dias das Temporas, e nas sextas feiras, e sabbados da Quaresma não comprehendidos nos dias acima indicados, subsiste a prohibição do uso da carne, sendo com tudo permittido o uso dos temperos de gordura.

Em todos os dias da Quaresma, sem exceptuar os domingos, é prohibida a promiscuidade, ou mistura de carne, e peixe na mesma comida; e as pessoas obrigadas ao jejum somente poderão (excepto nos domingos) usar do alimento de carne ao jantar; podendo com tudo empregar os temperos do unto, e manteiga de porco na comida da consoada.

Somente as pessoas, que se acharem habilitadas com a Bulla da Santa Cruzada é que podem gozar d'este Indulto Apostolico, ficando subsistindo o privilegio concedido na mesma Bulla para o uso dos ovos, e lacticinios, em todo o anno nos dias de jejum, e o uso de carne para as pessoas que tiverem conselho de medico, e confessor.

Sê-de pois, amados irmãos e filhos em Jesus Christo, reconhecidos á santa Egreja nossa carinhosa mãe, por estes beneficios, que vos liberaliza por mão do seu supremo pastor; e consista a vossa gratidão, e reconhecimento em vos santificar n'este tempo da Quaresma pela observancia do jejum, e mortificação das vossas paixoens, pela pratica das obras de caridade, e soccorros ministrados ás pessoas indigentes, e necessitadas, pela emenda de vida, e reforma de costumes, reconciliando-vos com o vosso Creador por uma boa confissão de vossas culpas, e recebendo a Sagrada Communhão Pascal com as convenientes disposiçoens, para dignamente celebrardes o augusto mysterio da gloriosa Resurreição do Senhor.

E será esta publica á estação da missa conventual pelos reverendos parochos, logo que a receberem.

Dada no paço Episcopal do Porto, sob nosso signal e sêllo das nossas armas, aos 4 de Março de 1852.

Jeronymo — bispo do Porto.

Logar do ✠ sêllo.

TRADIÇÃO.

II.

Deus, cuja existencia é um acto eterno, não tem passado, nem futuro, e, por consequencia, a tradição não lhe é um elemento necessario na sua vida. O homem, que vive no tempo, e passa do ventre á sepultura atravez de uma continuada cadeia de instantes, sem a tradição não estabeleceria unidade nesses instantes, nem a identidade da sua existencia lhe poderia ser assegurada.

A tradição, que estabelece a harmonia do passado com o presente, é o mesmo vinculo que prende o passado com o futuro.

E' lei suprema e universal para tudo, que « o fim é proporcionado á origem. » Pelo que, o conhecimento da origem revella precizamente o segredo do fim.

Diz Lacordaire:

« Se a vontade creadora fecundou o nada; se um sopro divino bafejou a face do homem, não é á terra que o homem pertence, são mais altos os seus destinos, e o sopro de Deus, que nelle existe, ostentar-se-há na sua final immortalidade. »

Nós somos effeitos d'uma cauza: esta cauza é a vontade omnipotente que nos produziu, e, por isso que os effeitos não podem exceder as causas, nós — effeitos da vontade omnipotente — não podemos conhecer a nossa origem, nem mesmo o nosso fim, porque para o conhecimento do segundo é necessario ter conhecimento do primeiro. Quem pode ahi levantar o veo do futuro? Quem, com o facho, do seu passado, pode lá ir ler nas trevas o seu destino? Quem, fixando os olhos no mostrador d'um relogio, poderá affiançar-se o espaço de tempo que percorre o ponteiro n'um minuto?

Ninguem, porque o segredo do fim está no segredo da origem, e o effeito não pode ir collocar-se antes da cauza.

Alguma cousa ha que nos revella o segredo do passado. E' a « tradição. » E por isso que o conhecimento da origem é o conhecimento do fim, pertence á « tradição » revelar-nos o segredo do futuro. A sciencia do passado, do presente, e do futuro está na tradição. As tradiçoens historicas e religiosas são um deposito de sciencia universal. « Desprezal-as, diz Lacordaire, é desprezar a vida » por quanto a harmonia do passado, com o presente, e do presente com o futuro — partes constitutivas da vida considerada, em seus momentos successivos — é o encargo da tradição, impossivel de ser substituida por outra qualquer palavra que não tenha o valor d'um facto.

O fundamento do catholicismo está na tradição conservadora da palavra de Deus.

Conta-nos a tradição oral que existe um Deus de uma natureza perfeita, eterna, e infinita, e por amor, aos homens incomprehensivel, creára o homem. Aqui estão dous dogmas da doutrina catholica — « a existencia de Deus » e « a creação do homem por Deus. »

Accrescenta a tradição oral que o homem repellira este amor, preferindo-o á independencia, e á corrupção; e que o Creador, segunda vez misericordioso, resolvera, na sua vontade omnipotente, a regeneração do homem. São estes os dogmas da « queda do homem » e da sua « rehabilitação. »

Resta-nos o dogma do « juizo final. » Lá estava a tradição oral dizendo-nos que o homem, sujeito á lei da reparação, unir-se-hia a Deus eternamente; e renunciando-a como lei da sua existencia, e inspiradora dos seus actos, seria eternameute privado da presença de Deus.

Esta era a tradição oral.

Mas a palavra de Deus, lançada no « tempo » e subordinada ao homem, desmemoriado pela fraquesa das suas paixoens, devia degenerar-se, e, no progresso dos seculos, extinguir-se necessariamente. A Providencia devia fundir, por assim dizer, a sua palavra em moldes infalliveis exteriores, e universaes. A palavra devia ser eternisada no symbolo, e Deus estabeleceu entre os homens a « tradição symbolica. »

« Resolvera Deus salvar o mundo pelo sacrificio, e viu-se que o sacrificio accumulava na sua essencia os cinco termos, que constituem o mysterio do bem e do mal: a ideia de Deus, a quem se offerece o sacrificio: a ideia de Deus creador, pois que a victima immolada é um téstemunho do seu supremo dominio, dominio, que, sem a creação não existiria: a ideia da queda do homem, pois que o sacrificio, offerecido por todos, é uma expiação universal: a ideia da reparação, pois que seria inutil expiar o que não tem expiação: emfim, a ideia do julgamento, pois que, se o homem nada tivesse a temer e esperar n'outra vida, a quéda e reparação seriam palavras vans. » (*)

Camillo Castello-Branco.

JEZUITAS.

IV.

O VOTO CUMPRIDO.

Não basta que eu sirva o Senhor: é preciso que todos os coraçoens o amem, e todas as linguas o bemdigam.

S. Ignacio de Loyola.

Nesse tempo, Ignacio de Loyola sentiu anciosos desejos de abraçar seus irmãos, como se outro adeus lhes não podesse dar, quando a morte, longe da patria, lhe fe-

(*) *Lacordaire — T. 1, p. 124.*

chasse a carreira da sua perigrinação. Quando a ponte levadiça do castello de Loyola descia ao chamamento do filho d'aquelle solar, que se aproximava, envolto em pobre habito, donde sahira em rutilantes gallas de guerreiro — quando, pois, os senhores do castello inventavam brinquedos e folias para o seu irmão saudoso, Ignacio, fugia os braços carinhosos de seu irmão mais velho, resistia ás instantes supplicas que lhe eram feitas para alli pernoitar, e buscava no asylo dos pobres de Azpetia, uma das suas enxergas para repoiso de suas penosas fadigas e jornadas.

A sua primeira diligencia foi prégar aos povos, com uma unção privilegiada, e com o eloquente testemunho das suas virtudes.

A segunda foi reformar os costumes do clero, cuja conversão foi o toque de conversoens maravilhosas naquelles dias em que o homem não era impio por officio, nem prestara á sua consciencia o juramento de o ser, sem quebra da sua desgraçada palavra.

A terceira foi vender a herança de seus paes, e distribui-la na fundação d'asylos para pobres envergonhados.

Depois, superior a um adeus de lagrimas, e bençãos de um povo, que se julgava orfão daquelle pae de caridade e amor, Ignacio de Loyola, caminhando a pé para Veneza, veio abraçar ahi a familia, que lhe era mais cara — os seus companheiros queridos do instituto, que, durante a sua ausencia, augmentára em tres valiosos membros, attrahidos por insinuação de Pedro Lefevre. Eram Claudio Le Jai, da diocese de Genova; João Codure, da cidade de Embrun, e Pasquier Brouet, natural da Picardia.

Ignacio era então conhecido pela fama de suas oraçoens no pulpito em Hispanha; pelas discussoens religiosas, que seus discipulos sustentavam, inspirados por elles; e pela derrota, que, em Allemanha, os protestantes haviam soffrido, forçados pela sua logica invencivel.

Ignacio era conhecido em Roma, qnando a Paulo III constou a existencia de dez missionarios, que de longe lhe pediam faculdade de receberem ordens sacras. O papa attendeu-os, maravilhou-se, e, como se o Espirito Sancto lhe illuminasse uma resposta digna dos que lh'a pediam, concedeu-lhes a ordenação por qualquer bispo a quem se apresentassem.

A 24 de Junho de 1537 o bispo d'Arbe sagrou as dez columnas desse edificio magestoso, onde Jezus devia hospedar o seu nome augusto.

Vimos, no capitulo III, o voto feito por Ignacio de Loyola, e seus companheiros, na capella subterranea da Egreja de Montmartre. Consistia elle em se ajuntarem no sepulcro de Christo, para, com um mesmo coração, e lagrimas simultaneas, pedirem ao Senhor a protecção e a coragem e resignação, que necessitavam, para superarem as difficuldades que lhe estorvariam a execução do seu grandioso plano.

Este voto era inexequivel, por isso que, organisada a alliança entre Carlos V, e a republica de Veneza, e a Sancta Sé contra os turcos, as portas da Palestina foram fechadas á christandade.

Apresentarem-se ao chefe da Egreja, supplicantes, submissos, e exhaurida com temor e respeito a auctoridade apostolica, que não tinham, era esta a segunda parte do seu voto, que nenhuns impedimentos receava para ser cumprida.

Ignacio, Lefevre, e Laynés foram a Roma, ao passo que seus companheiros se disseminaram nas mais celebres universidades de Italia para augmentarem seu numero.

Quando estes homens, com o soffrimento estampado na palidez da face, passavam, como homens de estranha missão, entre os povos, eram interrogados a cada passo sobre o seu fim, e a natureza do seu instituto. Era esta a sua resposta:

« Reunimo-nos debaixo da bandeira de Jesus Christo para combater as herezias e os vicios: somos a companhia de Jesus. » Duas leguas fóra de Roma, Ignacio entrou n'uma capellinha, em Storta, e pediu a Deus benevolencia e protecção para a sociedade nascente. Um extasis profundo — diz Crétineau — enlevou aquelle espirito supplicante. Ignacio de Loyola viu, com os olhos da fé, o Padre Eterno, que a recommenda a seu filho. Jesus Christo, acceita-lhe a dedicação, e lhe diz, olhando-o com affabilidade: « Serte-ei propicio em Roma. »

Alguns dias depois desta visão, que produziu o nome á Companhia, entraram os tres padres em Roma.

Consideremos a capital do mundo christão em 1538.

Camillo Castello-Branco.

MEMORIAS DO BUÇACO, E UMA VIAGEM A' SERRA DA LOUSAN.

O PUBLICO recebeu com prazer as « Memorias » que o snr. dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, colligiu nas suas visitas ao Buçaco. Entre a publicação da 1.ª e 2.ª partes decorreu um intervallo, senão grande, sufficiente para que, bem avaliada a 1.ª parte, crescessem os desejos de possuir a 2.ª

Muito ha que as « Memorias do Bussaco » rarearam nos livreiros, e ultimamente estava a edição esgotada, quando o snr. dr. Forjaz cedeu generosamente a propriedade do seu precioso opusculo ao asylo da infancia de Coimbra.

A « Viagem á Serra da Lousan » ha annos impressa, esgotou-se rapidamente, porque a edição fôra pequena, e o folheto era grande em merecimento.

A' propriedade das « Memorias » addicionou s. s.ª a propriedade da « Viagem » e o asylo da infancia publicou ultimamente em um volume estes dois trabalhos verdadeiramente portuguezes, e repassados d'amor de patria, espirito christão, e de poesia d'alma.

O amor da patria está naquelle enthusiasmo com que o auctor das « Memorias » pinta as magnificencias do Buçaco, vistas pelo prisma da naturesa, que tão rica nessas montanhas, parece entoar um hymno ás passadas glorias desta terra, e aos homens de sacrificio, que ahi passaram nessas selvas de penitencia, em dias que Portugal, á sombra do seu estandarte christão, parecia o filho mimoso da Providencia.

O espirito christão está naquelle singello arrebatamento, com que o auctor das « Memorias » descrevendo os Passos de J. Christo, figurados nas capellinhas da mata, nos obriga a sentir piamente a devoção que transpiram as suas descripçoens nunca exaggeradas, nem coloridas por essas mentirosas lisonjas do romance, que não deixam de si um vestigio no coração do leitor.

A poesia d'alma abunda nas « Memorias do Bussaco » e na « Viagem á serra da Lousan » porque não ha uma parede derrocada, um arroio lympido, uma cruz deserta, uma ameia partida, um valle fertil, e uma serrania agra, que o não commovam a reflexoens, e recolhimento de espirito, que são o privilegio dos coraçoens expansivos, e elevados.

O snr. dr. Forjaz, offerecendo a propriedade da sua obra a um estabelecimento pio, deu á ideia christan, que lh'a inspirára, toda a sua extensão, e o seu mais louvavel complemento.

São, pois, duplicados os incentivos que temos para a recommendação das « Memorias do Buçaco, e Viagem á serra da Lousan » reimpressas e postas á venda, nesta cidade, nos logares designados em logar competente deste jornal.

Camillo Castello-Branco.

OS SETE PSALMOS PENITENCIAES.

I. (*)

Domine ne in furore tuo. (Ps. 6.)

SENHOR! não accuseis os meus delictos
Em o vosso furor!
Inflammado nas iras da justiça,
Não olheis para mim, que sou um fraco
Bem digno de dôr!

(*) David, vexado por Saul até lhe ameaçar a morte, nada teme, confiado no soccorro de Deus.

Meu coração tremeu, senti meus ossos
Vergarem d'afflicção!
Enluctaram minh'alma os véus da morte,
Do estrado da miseria, oh Deus! pedi-Vos
Amor, e compaixão!

Volvei, Senhor, volvei olhos divinos. . .
Volvei-os para mim!
Quebrai estes grilhoens, que me angustiam! . . .
Se desço impenitente á sepultura. . .
E' perdição sem fim!

Ralado entre as mãos do meu remorso
Cancei-me de chorar!
De lagrimas lavei meu leito acerbo,
Meu leito, não. . . o estrado em que me prostro
Sem repouso encontrar!

Ludibrio d'inimigos meus, e Vossos,
Meu Deus, eu fui aqui!
Apagaram-me a luz do entendimento. . .
Fizeram-me infeliz. . . cercado d'impios
No crime envelheci!

Apartai-vos de mim, homens do crime!
Malditos do Senhor!
Confundi-vos, corai, turvai-vos, impios!
Que eu, nos trances da dôr, chorei, e o Eterno
Ouviu o meu clamor!

II. (*)

Beati quorum remissæ sunt iniquitates. (Ps 31.)

Felizes são aquelles, cujos crimes,
Cobertos pelo véu da contrição,
Desarmaram o braço vingativo
Das iras do Senhor, com seu perdão!

Venturoso aquelle, que não teme
A sentença fatal do extremo dia,
E, contente de si, marcha seguro
Com a mente no céu, á campa fria!

Tive crimes. . . calei-os. . . meu silencio
Gemidos me arrancou do coração;
Meus ossos se mirraram; noite e dia,
'Sperei ouvir do céu a maldição!

O alento, que tinha, entre agonias
Pouco e pouco, Senhor, então perdi;
Mas sempre a mesma dôr, e o peso immenso
Da vossa mão, Senhor, em mim senti.

Confessei meu peccado, e ousei pedir-vos,
Com lagrimas contrictas, compaixão. . .
Meu Deus! vós perdoastes! como é grande
A vossa magestade no perdão!

Quando o justo se prostra em vossas aras,
E vos ergue oração cheia d'amor,
Que importam do diluvio as ondas torvas,
Que não podem turvar-lhe o seu fervor?!

(*) David enfermo, e pedindo perdão a Deus, dá-lhe graças pela remissão de seus peccados; e, instruido por Deus, se converte a melhor vida.

Vós sois o meu refugio nas torturas
Com que o espectro da culpa me angustia;
Protegei-me dos impios, que me cercam,
Vós, que sois o meu Deus, minha alegria!

Senhor! vòs me dizeis: « Eu quero dar-te
« Um novo entendimento, e nova luz;
« Não mais desviarei meus olhos ternos
« Da estrada, que da terra ao céu conduz.

« Não queiras imitar a fera livre
« Que freio não consente, e da rasão
« E' cega ao resplandor, e, cega, estala
« As bridas d'impotente sujeição. »

Ai de ti, peccador! que immensas magoas
Teu peito hão-de um dia lacerar,
Se esp'ranças no Senhor, não tens alguma,
Que possa o teu morrer suavisar!

Oh justos! transportai-vos d'alegria,
E em jubilos infindos do Senhor!
Cantai a sua gloria, oh vos, que tendes
Um recto coração, rico d'amor!

III.

Domine, ne in furore tuo. . . (Ps. 37)

Trespassado foi meu peito
Das vossas setas, Senhor!
Não me accuse a vossa ira
Suspendei vosso furor.
Eu trepido ante meu crime,
Quando vossa mão me opprime
E entorpece os membros meus;
Curvo a fronte criminosa,
Sob a mão peccaminosa,
Que me priva olhar os céus.

Eu perdi a luz do goso
Quando o manto da agonia
Me toldou com negra dobra
Em minha face a alegria.
Eu sou réu! deixei vencer-me
De illusoens. . . senti perder-me
Nesse mar da corrupção. . .
Fel amargo circulou-me
Nas entranhas, e ulcerou-me
O turvado coração.

Submerso em meus pesares
Vi-me só, triste, peregrino. . .
Eu provei quantas miserias
Traz comsigo o desatino;
Sem esp'ranças, já perdido,
Meu gemer era um rugido
Na final humilhação;
Minhas forças alquebradas
Succumbiram, devoradas
Pelo fogo da afflicção.

Oh meu Deus! os meus desejos
E motivos de amargura,
Bem os vêdes neste pranto,
Que me sai da alma escura.

Perco a luz do entendimento,
Paralisa o sentimento
Sinto o coração arfar. . .
Os parentes, os amigos
Todos são meus inimigos
Nem um só pr'a me amparar.

Houve alguns, que inseparaveis
N'outras eras, eu julguei
Esses mesmos . . conspiraram
Contra mim porque pequei. . .
Buscam uns tirar-me a vida,
Com violenta mão, tangida
Pela fraude, e por traição;
Outros. . . erros nem sonhados
Vão buscar nos meus passados
Dias d'amarga afflicção.

Minha voz não solta o peito
Contra injurias tão atrozes;
Sou qual homem que não ouve
Ou se entende, não tem vozes!
Soffro, mas minha innocencia
Vêde-a vós, Deus de Clemencia,
Para dar-me protecção;
Crimes. . . tenho — eu proprio o digo —
Mas não delles. . . o castigo
Ha-de vir da vossa mão.

Para a dôr 'stou preparado
Não a esqueço um só instante. . .
Vejo-a sempre, e meu remorso
Sinto-o acerbo, e penetrante.
Os que a raiva me professam
Vivam, sim, embora cresçam
Eu não temo o seu furor!
Quando mau, foram-me amigos,
Conspiraram-se inimigos
Quando a vós bradei, Senhor!

Senhor! elles que importam? sou ditoso
Com o vosso amparo, e protecção!
Não tardeis o soccorro a quem vos pede,
Senhor! misericordia, e salvação!

IV. (*)

Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam. (Ps.50.)

Sois tão grande, meu Deus, em piedade,
Que eu ouso para mim pedir clemencia!
Compaixão para mim! para os meus crimes,
E as maculas da minha iniquidade
Apagai-m'as, Senhor!

Lavai-me as nodoas de pungentes erros!
O impuro coração, sede do crime,
Meu pranto amargurado o purifique.
Reconheço, Senhor, minhas maldades,
Eu pequei contra vós!

(*) Este psalmo é opinião que fôra composto por David, quando, reprehendido pelo profeta Nathan do crime de adulterio e homicidio, se sentiu vivamente contricto, e procurou alcançar o perdão do Senhor.

Diante de meus olhos vaga sempre
O torvo espectro do peccado horrendo,
Que, na vossa presença, perpetrára,
E que um dia será, em vossos juizos,
O meu accusador!

Das entranhas nasci da iniquidade,
Na culpa me gerou quem me deu vida;
Mas vós, Senhor, que sois luz de verdade,
Um raio de sciencia em minha alma
Mandastes penetrar.

Minh'alma borrifai co'as aguas doces
Da vida e do perdão, e, mais que a neve,
Meu turvo coração será na alvura;
Palavras d'alegria, se m'as derdes,
Meu corpo exultará.

Esquecei do passado os meus delictos,
Não olheis o que eu fui: um novo alento,
Um novo coração com santo zelo
Propenso para o bem, para a virtude,
Meu Deus, em mim creai!

De mim não aparteis a vossa face,
Nem d'alma a inspiração d'um santo alento.
O jubilo saudavel de adorar-vos,
Senhor! restitui-m'o, e os dons proficuos
Da graça em mim confia.

Farei que os impios saibam adorar-vos,
Convertidos a vós. . . Mas perdoai-me
As insanas paixoens do meu passado. . .
Que eu possa exclamar vossa justiça
Egual á compaixão!

Abri, Senhor, meus labios! santos hymnos
Meus labios cantarão em honra vossa!
Victimas não quereis, nem holocaustos,
Mas coração contricto, humilde, e recto
Senhor! eu vos darei!

A benção derramai sobre as ruinas
Da luctuosa Sião, que a face esconde
No véu das amarguras do seu crime!
Em seus altares, depois, puras offertas,
Meu Deus! acceitareis!

V. (*)

Domine, exaudi orationem meam. (Ps. 101.)

Attendei ás minhas preces,
Chegue a vós o meu clamor;
Não se esconda a vossa face,
Quando eu choro a minha dôr.

Os meus dias foram fumo,
Os meus ossos se myrraram,
Como a flôr em secco estio,
Como as hervas, que murcharam.

(*) Os padres consideram este psalmo, deprecatorio e profetico, como uma oração de Christo pelo estabelecimento da sua Egreja. S. Paulo (Epist. aos heb.) applica ao mesmo Christo os versos 26, 27, e 28, em prova da sua divindade. Na maioria das opinioens, este psalmo é de Daniel, Jeremias, ou outro qualquer profeta, durante o captiveiro.

Despresei vossos preceitos,
Abracei-me á afflicção;
Dos gemidos meus a ardencia
Ressequiu-me o coração!

Eu vaguei, ave da noite
Nos desertos, triste, e só;
Não achei um doce abrigo,
A ninguem inspirei dó!

Perseguiram-me, inimigos,
Os que d'antes me louvaram;
E d'opprobrios insultantes
Contra mim se conjuraram.

O meu pão amargurado
Com meu pranto humedecia,
E as lagrimas da angustia
Misturava ao que bebia.

Vós me havieis exaltado
Ao fastigio da grandesa;
E, forçado por meus crimes,
Me lançaste na pobresa.

Os meus dias foram sombra
N'um instante esvaecida;
Como arbusto aos pés calcado,
Eu julguei a minha vida.

Mas, Senhor! o vosso nome
Vai á extrema geração!
Hei-de ver-vos inda um dia
Condoido de Sião.

E' já tempo de piedade,
Soccorrei-a, oh Senhor!
Venham reis de toda a terra
Lá cantar vosso louvor!

« A' voz do Eterno, Sião ergue-se altiva;
« As glorias do Senhor nella fulguram!
« Os humildes no céu a Deus procuram,
« E Deus escuta o som do seu chorar!

« Este canto de gloria
« Vá ao fim das geraçoens,
« Venha o povo então cantar
« Ao Senhor santas cançoens.

« Das alturas do céu divinos olhos
« Desceram para a terra, onde gemiam,
« Captivos em grilhoens, os que se viam
« Salpicados do sangue de seus paes

« Juntem-se os reis e os povos
« Sirvam juntos o Senhor;
« Cantem-lhe hymnos festivaes,
« Em perfumes de louvor!

« No trance da amargura o povo exclama:
« Senhor! não nos chameis antes do dia
« Em que seja quebrada a algema impia
« Da nossa lamentosa servidão!

« Vós, Senhor, creaste a terra,
« E creaste os altos céus,
« Resgatai tambem Sião,
« E os tristes filhos seus!

« A mão do tempo passará terrivel
« Sobre o imigo cruel da patria cara;
« A mão que o céu, e a terra, e o mar creára,
« Não ha-de, em seu auxilio perecer!

« E os filhos destes servos
« Que são vossos, oh Senhor!
« Hão-de um dia ainda ter
« Um repouso durador.

VI. (*)

De profundis clamavi ad te Domine. (Ps. 129.)

DESTE abysmo profundo, em que me vejo,
Recorro a vós, Senhor!
Meus gemidos ouvi, prestai ouvidos
A' voz do meu clamor!

Meu Deus! se a nossos crimes attendesses,
Quem é que existiria?
Na vossa compaixão, e lei da graça
E' que o homem confia.

O povo israelita em Deus espera
Durante a noite e o dia;
A luz da redempção, que em Deus existe,
A todos allumia.

Hoje chora Israel passados erros,
E um dia sorrirá;
Que as nodoas de seus crimes o Altissimo
Um dia lavará.

VII. (**)

Domine exaudi orationem meam: auribus percipe observationem meam in veritate tua. (Ps. 142.)

DEUS piedoso, minha prece escuta!
Deus de verdade, meu clamor attende!
Deus de justiça, esta oração me ouvi...
E julgai-me depois!
Não gosa um justo só vossa presença
Sem vossa compaixão! Nós somos homens...
Sugeitos ao peccado... ha só um justo
Só vós o justo sois!

Eu, homem perseguido pela culpa,
Inclino para o pó a fronte humilde
E vejo em minha vida a escuridade,
Das trevas sepulcraes!
Turbado o coração, e a alma afflicta,
Lembrei-me desses dias venturosos,
Em que o vosso favor santificava
Meus dias festivaes!

(*) O povo d'Israel, dorido de seus males, confessa os seus crimes, e supplica a misericordia do Senhor.

(**) David, quando seu filho Absalão o perseguia.

Mãos tremulas ergui, e esta alma esteril
Puz na vossa presença! . . . Oh Deus! depressa
Soccorrei-me depressa. . . eu desfalleço,
Se o rosto me escondeis!
Bem cedo baixarei á sepultura,
Se a luz da compaixão me não dá vida;
Mostrai-me o meu caminho de virtude,
E não me condemneis!

Protegei-me, Senhor, dos inimigos;
Ensinai-me os preceitos, que são vossos;
Mandai o vosso espirito guiar-me
Pela estrada do bem!
Não mais agudo espinho ha-de cravar-me,
Será vossa justiça a minha vida,
Verei meus inimigos confundidos,
Não temerei alguem!

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

MARÇO.

7. *Domingo 2.º da Quaresma.* S. Thomaz d'Aquino, filho de Landulpho e Theodora condes d'Aquino, foi em menino entregue aos monges benedictinos de Cassino para ahi receber a primeira educação. Vindo depois para Napoles cursar os estudos, resolveu-se a entrar na ordem dos Pregadores, o que, sem embargo dos obstaculos que seus irmãos lhe moveram, levou a effeito. Pela universidade de Pariz recebeu o grau de doctor; e mais tarde, pelos admiradores de seus escriptos, o de doctor angelico. Recusou sempre receber dignidades ecclesiasticas; e ulimamente, sendo mandado pelo papa Gregorio X ao concilio Lugodonense, adoeceu no mosteiro de Fossa-Nova, e deu a alma a Deus no anno 1274.

Item. S. Felicidade e Perpetua foram por causa da fé devoradas pelas feras em Tuburbo na Mauritania, no tempo da perseguição de Marco Aurelio, pelo anno 162. A primeira destas santas havia mezes antes assistido ao martyrio de sete filhos seus, exhortando-os e animando-os no meio dos tormentos.

8. *Segunda feira. S.* João de Deus nasceu em Monte-mór em Portugal. Havendo vendido todos seus bens e dado aos pobres o seu producto, foi o baldão desses homens, que não sabem o que seja caridade, os quaes até o perseguiram e encarceraram como demente. Hindo para Granada, alli fundou um amplo hospital com esmolas, que para isto ajuntou; e occupando-se elle mesmo em prestar todos os auxilios aos enfermos, conduzindo-os até aos seus hombros, instituiu a ordem dos irmãos hospitaleiros, que é uma das bellas producçoens de charidade christan. Pegando-se um incendio ao hospital, elle andou por entre as lavaredas por mais de meia hora, sem que o fogo o offendesse, como não podendo ser consumido pelo fogo aquelle, cujo corpo estava mirrhado de trabalhos e penitencias, e cujo coração já estava familiarisado com fogo bem mais intenso! Deu-lhe Deus o galardão de tantos merecimentos no anno de 1550.

9. *Terça feira.* S. Francisca Romana, tendo logo desde menina vocação para o estado religioso, todavia, por annuencia á vontade de seu pae, se casou com Lourenço de Panciano. Ficando depois viuva, se recolheu a um mosteiro, que ella mesma edificára, chamado o mosteiro das Oblatas, e alli viveu o resto de seus dias, entregue toda ao serviço de Deus conforme a regra de S. Bento Floresceu esta santa em principios do seculo 15.º

10, *Quarta feira.* S. Militão e seus 39 companheiros. Havendo sido presos em Sebasten da Armenia, no tempo do imperador Licinio e presidencia de Agricolan, foram tentados com as mais horriveis torturas, de sorte que faltando a coragem a um delles, desesperou; porém o porteiro do carcere, na admiração da constancia dos outros, abrindo os olhos á fé, se fez christão, e com seu martyrio completou o numero quarenta.

11. *Quinta feira.* S. Candido, um dos capitaens da legião Thebea, que era toda composta de christãos, soffreu o martyrio, havendo Maximiano mandado primeiramente decimar a dita legião, e por ultimo decapitar todos os commandantes e soldados della.

12. *Sexta feira.* S. Gregorio Magno, natural de Roma, e filho do senador Gordiano, tendo frequentado filosofia, e exercido o emprego de Pretor, logo que falleceu seu pae edificou alguns mosteiros, e entre elles o dos Santos João e Paulo na encosta do monte Scauro, onde professou a vida monastica debaixo da regra de S. Bento. Elevado á dignidade de diacono cardeal pelo papa Pelagio II, prestou valiosos serviços á Egreja, indo na qualidade de legado a Constantinopla, onde extinguiu inteiramente a heresia de Eutyches. Morto Pelagio, foi eleito seu successor, o que com difficuldade acceitou. A conversão dos Anglos é devida a este Pontifice, enviando para este fim á Inglaterra varios monges. Com uma saude sempre precaria, assim mesmo escreveu muito, e seus escriptos são cheios de bellesas de estylo, e não menos de unção. Morreu pelo anno de 604.

13. *Sabbado.* S. Rodrigo presbytero, que pelo meado do seculo 9.º, quando o furor dos Mahometanos contra os christãos era nas Hispanhas assoprado pelos judeus, e principalmente por um diacono chamado Germano, que havia apostatado para o judaismo, deu em Cordova, com a effusão de seu sangue, o heroico testemunho de sua fé.

Item. S. Sancha, filha do 2.º rei de Portugal Sancho I, soube no meio das delicias e distracçoens da côrte passar uma vida toda penitente e contemplativa. Morto seu pae, cabendo-lhe em dote a villa de Alemquer, para ahi se retirou. Vivendo aqui por alguns annos em todos os exercicios da perfeição evangelica, e recusando todas as propostas de casamento que seu irmão Affonso lhe fazia, ultimamente professou o instituto Cisterciense no mosteiro de Cellas, que ella fundára junto a Coimbra, deixando o seu paço de Alemquer á ordem franciscana. Depois d'uma vida angelica foi gosar da companhia dos anjos no meado do seculo 13.º Seu corpo foi mandado trasladar para o mosteiro de Lorvão pela infanta Santa Theresa sua irman, e alli descança.

CHRONICA RELIGIOSA.

Asia. — Mesopotamia. — O P. Planchet, da companhia de Jesus, que, depois de ter feito parte por muito tempo das missoens da Syria, com especialidade da do paiz dos Druzos, entre os Maronitas do Libano, e que alli estudou d'um modo pouco commum o idioma, caracter e precisoens daquelles povos, acaba de ser nomeado por S. Santidade delegado apostolico em toda a Mesopotomia. Antes de se dirigir ao seu destino devera entender-se com o ministro francez na Turquia para provêr o melhor possivel á defesa e segurança dos christãos no Levante, os quaes, como todos sabem, estam commettidos á protecção da França, e ella actualmente está em plena reacção catholica.

E' uma lastima que a França tenha deixado invadir o seu padroado da Terra Santa pelas arteirices commerciaes dos protestantes inglezes, mas como não havia de assim succeder se lançada no caminho das revoluçoens, precisava do auxilio do mal para dominar no terreno do mal. Ainda estam soando nos ouvidos escandalisados dos francezes aquellas infames palavras: *para orleanisar a França é mister protestantisa-la!* O castigo de Deus não tardou muito.

« *Clero catholico.* — Ha actualmente 1,360 titulos episcopaes catholicos; 23 patriarchas, de que só 2 se contam na Europa, os de Lisboa e Veneza, 104 arcebispos, tambem na Europa, e 899 bispos espalhados em todo o orbe christão. »

ADVERTENCIAS.

Aquelles senhores, cujas assignaturas acabam com o 1.º trimestre, no fim do currente Março, queiram ter a bondade de as renovar com tempo para não soffrerem interrupção na remessa do Periodico. Os que não tenham satisfeito ainda as condiçoens do prospecto, de *pagarem adiantado*, tenham a bondade de o fazer; porque não se póde prescindir dessa justa exigencia.

Memorias do Buçaco por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio. — 2.ª edição, em beneficio do asylo da infancia de Coimbra. Os poucos exemplares, que ainda existem, acham-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.º 82 a 84.

O 1.º numero da bibliotheca do *Christianismo* que contem a — Vida d'Anna Maria Taigi — acha-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do *Christianismo* rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.º 82 a 84; e em caza dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios pontos do reino.

MARÇO 20. 1852. — N.º 12.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

III.

A TRADIÇÃO oral, ao lado da tradição escripta, é, em toda a parte do antigo mundo, o complemento e o indispensavel commentario dos symbolos religiosos, das leis e ritos sagrados, consignados, em poucas palavras, nos monumentos escriptos.

Investiguemos a verdade desta asserção entre os judeus.

Um dos artigos fundamentaes da lei judaica é que Moisés, recebendo a lei da mão do Senhor, fôra especial e mysteriosamente instruido sobre o processo de praticar a lei. O filho de Jethro comprehendeu o sentido espiritual da lei, e o fenomeno incomprehensivel da creação em seis dias, a queda original, e a significação mystica dos sacrificios.

Os anciãos do povo foram iniciados no conhecimento destas tradiçoens, e encarregados por Moisés de transmitti-las aos mais respeitaveis, virtuosos, e dignos mestres da lei entre as multidoens do deserto.

Com quanto os fariseús adulterassem a palavra tradicional, e por isso merecessem as reprehensoens de Christo, a nação judaica considerou-as sempre os mais fecundos mananciaes da verdade religiosa.

No principio, e no decurso de muitos annos, a lei escripta era commum; mas interpetrar-lhe o sentido do texto sagrado não era para todos, por isso que a tradição oral era privilegio d'alguns, e sem ella era impossivel comprehender a escripta. A unidade da doutrina religiosa e moral dependia da tradição, por isso que era ella quem ensinava a maneira de escrever a lei, com a expressão do seu genuino sentido. As subtracçoens, argumentos, mudanças, transposiçoens de letras, mudança na fórma dos caracteres, suppressão e collocação de vogaes, quasi imperceptiveis, formavam um complexo de significaçoens taes, que, a não serem allumiadas pela tradição, ficariam eternamente occultas no mysterio d'um escuro geroglyfico.

Mas este geroglyfico estava subordinado á intelligencia de regras fixas, e estas eram o exclusivo dos mestres da lei, a quem foram transmittidas de viva voz.

Nesses tempos era tão difficil escrever a lei, como comprehende-la.

A Thorah primitiva (lei gravada) era escripta sem pontos nem vogaes: os versos, e os capitulos eram indistinctos, e apenas d'uma a outra palavra se interpunham espaços confusos e irregulares. Sem um dedo de mestre, que encaminhasse o discipulo neste todo inconcebivel de arabescos compactos, a lei era um cahos, uma pedra runica, que poderia inspirar o respeito da devoção, mas nunca o exercicio da intelligencia. Ora este dedo de mestre era a tradição, que continha em si o thesouro das regras mysteriosas, cujo segredo os doutores exclusivamente possuiam.

Não saberemos jámais avaliar as difficuldades quasi incriveis, que um judeu encontrava na leitura da sua lei.

Haviam certas palavras no Pentateuco e no livro dos profetas, que um judeu, sem pena d'anathema, não poderia lêr com as letras todas! Era-lhe forçoso, para ser comprehendido, pronunciar um grande numero de palavras mui diversamente do texto, mudar o som de certas letras, e supprimir-lhes inteiramente a desinencia. Do abatimento ou elevação da voz, da maior ou menor demora nas transiçoens d'uma a outra palavra, resultava um sentido diverso, uma accepção toda contraria, uma absoluta confusão no texto!

Do ensino oral dependia tudo; e se não bastam estas rasoens para avaliar o predominio da tradição oral, será sobeja prova a que nos dá a lei, escripta bastantes seculos depois de promulgada.

Por espaço de dez seculos, a tradição oral foi o unico recurso para a interpretação do sentido da lei. A tradição oral, entre os judeus, comprehendia o que fôra transmittido de viva voz, e as explicaçoens escriptas pelo mestre, cuja cópia era prohibida, porque só os doutores e os sabios tinham a prerogativa de annotar os pontos essenciaes da doutrina.

Estes manuscriptos, intitulados « cathalogo dos mysterios » multiplicaram-se, ao passo que a tradição se desenvolvia com o progresso dos espiritos na intelligencia das verdades reveladas. Os mysterios conteudos neste « cathalogo » continham as rigorosas explicaçoens sobre a pratica da lei, o codigo de preceitos que levavam o homem á sua possivel perfeição, e a explicação das mais sublimes doutrinas como a essencia divina, a pluralidade das pessoas em Deus, a creação, a incarnação, a redempção, e a vida futura

Os doutores, os juizes, e os padres communicavam ao povo estas doutrinas; e o povo, que murmurasse em desconformidade contra ellas, ou lhes negasse, na pratica, inteira obediencia, era punido de morte, se á letra devemos verter esta passagem do Deuteronomio:

« Cumprireis á risca o que disserem os escolhidos por Deus para a presidencia: seguireis suas ordens sem desviar para a esquerda ou para a direita: e quem, de proposito deliberado, não escutar o padre ou o juiz será punido de morte. » (*)

Esta tradição foi substancialmente transmittida pelos chefes da Synagoga até ao 2.º seculo depois da destruição de Jerusalém. E o complexo destes commentarios á lei, que seria trabalhoso nomear aqui, foi chamado o « Thalmud. »

Camillo Castello-Branco.

O QUE FOI O JEJUM, E O QUE E' HOJE!

A PALAVRA *jejum* poderia ser riscada dos nossos diccionarios, e estamos bem convencidos de que a sua falta não havia de ser chorada; pelo menos deveriamos passa-la

(*) Deut. C. XVII, V. 10.

para a classe das muitas e expressivas interjeiçoens, que enriquecem a nossa lingua, e colloca-lá a par do *ápre* ou *apage*, com que costumamos manifestar aos outros, que as suas palavras, ou antes as suas acçoens, nos desgostam e não merecem a nossa approvação! Nos primeiros seculos da Egreja, quando o fervor dos fieis excedia tudo quanto póde ser concebido pela imaginação dos homens, a palavra *jejum* não era como hoje uma palavra sem sentido, era pelo contrario signal d'uma coisa bem real e bem positiva. E' certo que muitas e repetidas alteraçoens a este respeito teem sido feitas por auctoridade da Egreja; porém ainda maior é o numero das que teem por causa a corrupção dos tempos.

Entre os judeus eram muito frequentes os jejuns, como se collige da pergunta que ao Salvador fizeram os discipulos de S. João em S. Math. cap. 9, v. 14, S. Marc. cap. 2, v. 18, S. Luc. cap. 5, v. 33, da qual egualmente se vê, que os Apostolos não jejuaram durante a vida do Divino Mestre; porém parece natural que, do mesmo modo que os judeus jejuavam no dia anniversario da morte de seus paes, os apostolos manifestassem a sua dôr e a sua tristesa pela morte do Redemptor, jejuando os tres dias em que elle esteve nas entranhas da terra, e que precederam sua gloriosa resurreição. Este jejum, a que por essa rasão se dava o nome de ante-paschal, não deve ser confundido com o quadragesimal, o qual, com quanto seja tambem de instituição apostolica, é com tudo de data posterior áquelle. Alguns escriptores ecclesiasticos, vendo que o papa S. Telesphoro determinou, que os clerigos jejuassem uma quaresma de sete semanas inteiras, attribuiram-lhe a instituição do jejum quadragesimal, sem attenderem que o can. 68 dos chamados dos apostolos já faz expressa menção de *Sacram Quadragesimam Paschæ.*

Neste tempo não se achavam pesadas as mortificaçoens; ás já estabelecidas accrescentavam-se outras de novo; aos tres dias em que, como diz Tertuliano « *ablatus est sponsus* » juntaram-se os tres restantes, e veio o jejum a estender-se a toda a semana santa. Crescendo de dia em dia o fervor e a devoção dos fieis, vieram estes a jejuar, ainda no tempo dos apostolos, uma quaresma de 36 dias, aos quaes pelo meio do seculo 9.º se juntaram os quatro complementares; em differentes logares das obras de Origenes e de Tertuliano, no can. 5 do concilio de Nicea e no 49.º do concilio de Laodicea, já se faz menção deste jejum, chamado por antonomasia « *o grande* »; havia uma differença, que o distinguia dos mais jejuns do anno chamados « *stacionalia* » a qual consistia em que naquelle só se podia tomar a refeição corporal depois de vesperas, ou das 6 horas da tarde, nestes depois de Noa, ou ás 3 horas da tarde. A Egreja por condescendencia para com a côrte de Constantino consentiu em que se alterassem estas horas, mandando comtudo, que na quaresma se resassem as vesperas antes de jantar, para conservar um vestigio da primitiva disciplina. O rigor do jejum não se limitava só á hora da comida, abrangia tambem a qualidade della; no 4.º seculo os fieis não só se abstinham de carne e vinho, mas ainda de peixes delicados; só nos domingos era permittido indistinctamente o uso de qualquer comida; porém para evitar os excessos da intemperança que muitos commettiam, passando a maior parte da noite *inter delicias et lascivias convivantium*, a Egreja entendeu que devia prohibir o uso da carne neste dia. Esta austera, mas incruenta, maceração da carne é tanto mais digna de admiração, quanto é certo, que ella se fazia, como diz Tertuliano « *ex arbitrio, non ex imperio* »; e só pelo meio do 5.º seculo, no 4.º concilio Aurelianense, no can. 2.º, se estabeleceu por lei: « *Quadragesima ab omnibus Ecclesiis teneatur.* » A sexta feira santa, chamada « *Pascha Crucis* » era toda consagrada ao lucto; o jejum deste dia juntava-se com o do grande sabbado, e como dizem as constituiçoens apostolicas: « *Nihil penitus gustantes usque ad nocturnum galli cantum.* » A esta rigorosissima e absoluta abstinencia chamavam os gregos *hyperthesis*. nós *superpositio.*

Foram muitas as causas que concorreram para o estabelecimento desta lei: primeiramente para imitarmos os exemplos de Moisés, Elias e do mesmo Redemptor, o qual antes de dar principio á sua vida publica jejuou por espaço de 40 dias; além desta causa quiz tambem a Egreja manifestar por este modo o seu profundo sentimento pela morte do Salvador; era o jejum quadragesimal como uma preparação para os cathecumenos receberem a regeneração espiritual por meio das aguas do baptismo; para os que andavam cumprindo penitencias publicas receberem a absolvição; e para todos os fieis receberem o cordeiro immaculado da Santa Paschoa. S. Gregorio attribue a esta instituição um outro fim particular, e diz « que é para pagarmos a Deus um tributo de mortificação, jejuando a decima parte dos dias de todo o anno. »

Ninguem era dispensado do cumprimento desta lei; os mesmos imperadores não procuravam pretextos para se subtrahirem á sua observancia, e eram os primeiros que prestavam homenagem ás deliberaçoens da Egreja, e que moviam os outros com seus exemplos a observa-las religiosamente. E' digno de admiração o que de Valentino o moço diz S. Ambrosio; Procopio na vida de Justiniano diz tambem « que elle se abstinha de comer por espaço de dois dias. » Segundo o testemunho de S. Basilio, nem os viandantes, soldados, mulheres, velhos e navegantes eram dispensados do jejum; sómente os meninos que ainda não tinham uso da rasão, como se collige do can. 19 do concilio Granatense, e os operarios, como se deprehende do can 7 do concilio Aurelianense, deixavam de ser comprehendidos nesta lei.

Nos dias de jejum não era permittida mais do que uma unica refeição diaria; a relaxação porém, que, á maneira de traça, se introduz em toda a parte, nada é capaz de afugentar e destroe os mais preciosos objectos, achou entrada nos claustros, e passou d'ahi insensivelmente para o resto da sociedade. Os monges costumavam naquelles dias, em que, por preceito da Egreja ou da Regra, eram obrigados ao jejum, reunir-se em um logar, onde, depois da leitura de alguma passagem dos Padres da Egreja, ouviam a explicação feita pelo seu abbade; a esta conferencia propriamente se chamava *collação;* e como tinha logar no fim do dia, quando as forças cançadas pelo pesado trabalho das mãos pediam ser reparadas pelo descanço e pela comida, tomavam um leve alimento, que de ordinario não passava de alguma fructa secca, e daqui veio dar-se a esta segunda refeição o nome daquelle acto que a tinha precedido.

A disciplina da Egreja grega a respeito deste importante objecto não estava em perfeito accordo com a da Egreja latina; o numero dos dias de jejum não foi sempre constante; umas vezes jejuaram seis, outras, sete semanas; actualmente observam a determinação do concilio *in Trullo*, segundo o qual os sabbados e domingos, assim como o dia da Annunciação, são excluidos da lei geral, e unicamente lhes é permittido consagrar a Eucharistia no tempo da quaresma; no resto dos dias da semana celebram com a hostia consagrada no domingo precedente, chamada por essa rasão *Missa dos Presantificados.*

Tal era a disciplina de ambas as Egrejas a respeito do jejum. A' vista disto occorre naturalmente fazer as duas seguintes perguntas:

A que está elle reduzido em os nossos dias?

Que devia ser presentemente?

Reservamos para um dos seguintes numeros do *Christianismo* dar a resposta a esta ultima pergunta, occupando-nos já de responder á primeira com dois documentos do mais incontestavel credito: é o testemunho de duas insignes personagens, que, pela elevada posição em que se acham, vêem com facilidade tudo quanto se passa nas Egrejas que o Espirito Santo confiou aos seus cuidados. O primeiro documento, a que nos referimos, é o Breve do SS. P. Bento XIV de 30 de Maio de 1741, no qual queixando-se da relaxação que já no seu tempo se tinha introduzido na Egreja universal, diz: « *Nos sane lacrimis satis deplorare non possumus angustissimam quadragesimalis jejunii observantiam plane sublatam esse* »; o segundo é a pastoral do exc.mo prelado diocesano de 4 do corrente mez de Março, na qual faz saber ao seu rebanho que por indulto apostolico do 1.º do mesmo mez é permittido o uso de carne, tanto nos dias de simples abstinencia, como de rigoroso jejum da presente quaresma, com as excepçoens mencionadas na mesma Pastoral, *para prevenir os escandalos e evitar a contagiosa corrupção dos maus exemplos.*

Vê-se pois das duas citadas auctoridades, que tem chegado a tal extremo a falta da observancia do jejum qua-

dragesimal, que parece ter acabado inteiramente, e que por evitar escandalos e perniciosos exemplos foi preciso pedir dispensa de uma parte do preceito da Egreja. Quanto felizes eram aquelles tempos em que os costumes eram modelados pelas leis, e não as leis pelos costumes!!!

B. V. de S.

O ABBADE Sisson publicou um artigo notavel, no *Amigo da Religião*, de Paris, e ao passo que sauda o restabelecimento de varias ordens religiosas, noticia que alguns frades hispanhoes, Menores Observantes de S. Francisco, estabeleceram uma casa em França, e estam promptos a fundar outras. Estes piedosos hispanhoes, votados á sacrosanta religião do Crucificado, assentam a sua tenda onde quer que ha serviços a fazer á Egreja e aos seus irmãos em Jesus Christo. Escolheram a França como a mais precisada de que todas as cohortes do Christianismo alli combatam o foco do mal.

Foi de França que sahiu a epidemia da descrença que atacou todos os paizes catholicos. E' em França que vam combater os palladins de toda a Christandade. Vencido alli o inimigo, facil será a victoria em outros paizes, que só vivem d'imitação e nada mais.

Em Hispanha já entrou a guarda avançada das innumeraveis associaçoens religiosas votadas ao allivio dos males da humanidade. Os *observantes* foram acampar-se na fronteira, promptos a entrar, logo que sejam chamados.

Em o nosso Portugal não tardará em soar a hora da *reparação*. A imprensa politica e religiosa tem já demonstrado a necessidade de se fazer alguma coisa tambem, neste paiz, em beneficio do povo. E que havará de mais util para o povo que as associaçoens religiosas, por quem elle não tem cessado de chorar e com bem rasão. Já na cadeira da verdade se animam os oradores a defende-las e a instar pelo seu prompto restabelecimento.

O snr dr. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, vulgo o P. Cantanhede, um dos ornamentos da faculdade de theologia, na universidade de Coimbra, e eximio orador, que pertenceu á ordem de Santo Antonio, fez na Lusa Athenas um bem traçado discurso em favor das ordens religiosas, affirmando que em breve venceriam a vergonha d'uns, o temor de outros, e a falta de senso de todos.

Ahi vae agora o artigo de que fallamos que não carece de commentarios, porque todos lh'os farão naturalmente.

Duas palavras sobre o restabelecimento dos frades menores observantes em França.

A LEI das sociedades é immutavel; estas não vivem nem prosperam senão pela manutenção dos principios que as fundaram ou desenvolveram, e do abandono total ou afrouxamento destes principios depende o seu menoscabo ou ruina. E para fallarmos agora sómente no que diz respeito á ordem religiosa, é isto o que sobretudo nos tem demonstrado, ha mais de meio seculo, e nos está demonstrando em nossos mesmos dias a França, paiz tão eminentemente christão por seu caracter e tão profundamente catholico na sua origem e historia. Filhos primogenitos da Egreja, e descendentes dos Crusados, havemo-nos envergonhado da gloriosa herança que nos legaram nossos maiores, e dado nesciamente credito a principios incoherentes e estereis para tudo menos para o mal. Porém a Providencia, que ama a nossa querida patria, lança-lhe um olhar de misericordia. Ao lado dos symptomas do extremo mal que nos mina interiormente, apparecem por fortuna os germens consoladores de melhor porvir. Com effeito, ainda quando dos designios misericordiosos de Deus sobre nós não tivessemos outra prova que a admiravel expansão da caridade christan que se vae desenvolvendo á medida que vam crescendo as necessidades e as miserias, seria isto já bastante e legitimo fundamento para nossas esperanças. E tambem, cumpre fazer notar a este respeito, que o caracter peculiar das naçoens christans é tal que, no meio da sua decadencia, conduzem sempre em si mesmas o principio fecundo d'uma completa renovação.

Depois das maravilhas da caridade, saudamos tambem como uma aurora de saude e de nova vida os esforços que de annos a esta parte se estam fazendo para o restabelecimento das instituiçoens religiosas e monasticas. Já refloresce entre nós a *Companhia de Jesus*; os filhos de *S. Bento* renovam em Solemes as gloriosas tradicçoens de suas antigas e sabias congregaçoens; a ordem dos *Pregadores* reappareceu cercada do prestigio d'um homem que ás virtudes do cenobita reune um admiravel talento oratorio; os *Capuchinhos* diffundem com fructo a palavra evangelica em muitas provincias, e na mesma capital, aonde acabam de ser chamados para servir a capella dos defunctos junto do cemiterio do Monte Parnaso, tendo sido installado, no dia 8 de Fevereiro, como primeiro capellão, o R. P. Frey Lourenço, provincial da ordem em França.

E eis que vem agora tambem os *Menores Observantes* a levantar de novo a sua pobre tenda neste solo que antes se via coberto dos seus conventos. Haverá uns dois annos chegava a França uma pequena colonia destes fervorosos religiosos dirigidos pelo R. P. Frey Areso, religioso hispanhol, commissario geral da Terra Santa; vinham da Palestina, aonde ha já seis seculos está sustentando a ordem de S. Francisco, á custa dos seus suores e do seu sangue, a honra do occidente. . . A sua missão tinha tres objectos: 1.º Despertar o zelo dos catholicos em França para a defesa dos Logares Santos, e para reivindicar os nossos direitos contra as usurpadoras pertençoens e brutaes violencias dos scismaticos; 2.º sollicitar a caridade da França, em favor dos estabelecimentos dos franciscanos, que, de dia para dia, se vam encontrando mais apurados, e para a reparação dos santuarios da Palestina; 3.º Por ultimo e sobretudo a restabelecer entre nós a ordem da *Observancia*, que não conta em seu seio nenhum só francez, não só na Europa, senão ainda no Oriente. Tão abandonadas tinhamos as piedosas tradiçoens de nossos passados! Tanto em olvido tinhamos o que em outro tempo fazia a nossa gloria!

Por desgraça, quando chegaram os discipulos de S. Francisco, havia começado já essa epoca de agitação funesta e de angustiosa inquietação em que se viam sumidos todos os animos, temerosos d'um porvir sombrio e formidavel. Assim quiz a Providencia provar desde o principio aos seus; porém, não costumam as provas preparar para o triunfo?

No decurso do anno proximo passado enviou já o céu os primeiros resultados ao R. P. Arezo e a seus companheiros. Tiveram a consolação de fundar uma casa em S. Palais, no paiz vasco da provincia de Bearn. Careciam de tão pouco estes amantes da pobresa! Uma casa nua em que habitar, uma egreja para cantar nella os louvores divinos, e uma pequena horta para elles cultivarem com suas mãos, eis-aqui tudo o que elles reclamam. O mais espera-o da Providencia o filho de S. Francisco, e a Providencia que dá de comer ás aves e veste os lyrios do campo, não lhe negará o bocado de pão que ha mister para cada dia.

Agora trata-se d'estender e desenvolver a obra começada; e isto move-nos a dirigir a voz a todos os catholicos de França, aos individuos do clero, a todas as almas generosas que sam capazes de comprehender as obras de Deus e teem zelo bastante para cooperar para ellas; e por humilde e debil que seja a nossa voz esperamos que tenha ecco e que não se olvidará que estam aqui, os filhos do *pobre e humilde Francisco*, esperando se lhes offereça um logar hospitaleiro.

Já se tem dito, e nunca será demasiadamente repetido, que o restabelecimento dos religiosos Menores, é sobremaneira opportuno. Agora que se trata principalmente de renovar o espirito das massas, de apagar com a saudavel influencia do Evangelho os apetites rapaces e os ferozes instinctos que se apoderaram de parte das nossas povoaçoens, recorde-se a maravilhosa transformação que elles operaram nos animos e nos costumes, e as ineffaveis consolaçoens que proporcionaram a uma epoca em que a sociedade europea gemia sob a pressão de seus hospedes ainda semi-barbaros. Só Deus póde dizer se valemos tanto como nossos paes; porém o que é certo é que se a sociedade d'então soffreu como a d'hoje, na edade media estava cheio de vida e esperança o corpo social, ao passo que nossos padecimentos se assemelham desgraçadamente aos d'um corpo minado ha muito tempo, e ameaçado de proxima dissolução. Não será tal a nossa sorte, assim o

esperamos. « Deus, diz o Sabio, fez curaveis as naçoens; » e estas palavras devem applicar-se sobre tudo ao nosso paiz onde a caridade está fazendo mais progressos que nunca, e a fé tem dado já lisongeiros signaes do imperio que reconquistou sobre os coraçoens.

Porém este movimento carece de ser poderosamente segundado, e para isso nunca é demasiado o heroismo que o Evangelho póde inspirar. Para cooperar, pois, para esta grande obra, acolhamos os humildes filhos de S. Francisco. Elles se nos apresentam sem nos pedirem outra coisa além d'uma modesta hospitalidade, e em troco nos offerecem o exemplo de sua santa vida, suas oraçoens e as tarefas de seu apostolico zelo. A nossa sociedade agitada pelo egoismo e pela febre da ambição, e dos prazeres sensuaes, tornará, a vêr com saudavel assombro estes homens de Deus, estes discipulos da pobresa, cuja vida não é outra coisa mais que caridade, abnegação e sacrificios. O pobre povo ama-los-ha porque se lhe assemelham por sua singellesa e pobresa e os *Frades Menores* ensina-lo-hão a ter fé na Providencia, a amar a Egreja que é sua boa e terna Mãe, e a buscar na religião o unico equivalente ás inevitaveis dôres e privaçoens desta vida. E suas predicas serão escutadas; que é mui poderosa a palavra de quem tudo abandonou e que come voluntariamente o pão da esmola, quando vae prégar ao rico a caridade e compunção, e ao pobre a resignação e confiança em Deus, quando diz a todos aquellas palavras de vida eterna: « Bemaventurados os pobres, porque delles é o reino dos céus. . . .

VOCAÇÃO D'ABRAHÃO.

XI.

Dixit autem dominus ad Abram. . . Faciamque te in gentem magnam, et benedicam tibi, et magnificabo nomen tuum, erisque benedictus.
GEN. C. 12, V. 1, 2.

A PAR de Babilonia, alta cidade,
Que seculos sem fim durar devia,
A pôr os fundamentos principia
A' sua Santa Egreja a Divindade.

Do meio desse povo d'impiedade,
Engolfado na cega idolatria,
Chama Deus Abrahão, e lhe annuncia
Projectos, que concebe na vontade.

Este santo varão, que inteira crença
Presta ás vozes do Ser Omnipotente,
Que pai o quer fazer de prole immensa,

Do céu cumpre os decretos, reverente,
E Deus, de sua fé em recompensa,
O faz progenitor do Povo crente.

SEPARAÇÃO DE LOT E ABRAHÃO.

XII.

Dicit ergo Abram ad Lot... Ecce universa terra coram te est: recede a me, obsecro: si ad sinistram ieris, ego dexteram tenebo: si tu dexteram elegeris, ego ad sinistram pergam.
GEN. C. XIII — V. 8, 9.

JA' Lot, e Abrahão, ambos senhores
D'innumeros curraes, d'immenso gado,
A' terra de Bethel tinham voltado
Da fortuna a gosar inda os favores.

Então da vil discordia os dissabores,
Por odio, que no peito era guardado,
Vieram perturbar o repousado
Socego, que reinava entre os pastores;

Mas Abr'hão, que não quer da paz ditosa
Vêr mais o doce goso alli perdido,
Impoem a Lot separação forçosa:

E Lot, pelos deleites seduzido,
Se retira a Sodoma criminosa,
Que as iras do Senhor tinha attrahido.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

MARÇO.

14 *Domingo 3.º da Quaresma.* Trasladação de S. Boaventura, que, havendo fallecido em Leão de França, assistindo ao concilio ahi celebrado pelo anno de 1274, foi, 150 annos depois, trasladado para Albania onde fôra arcebispo, achando-se toda a cabeça inteira e incorrupta.

Item. S. Mathilde rainha de Allemanha, mãe do imperador Othon I, e mulher de Henrique, muito concorreu para que este prestasse á Egreja relevantes serviços, já defendendo os christãos da prepotencia dos Hungaros e Daunos, já empregando varios meios para estender a fé catholica.

15. *Segunda feira.* S. Zacharias papa, grego de nação, governou a Egreja por 10 annos, sendo um exemplar de virtudes, especialmente insigne na caridade para com os pobres e enfermos. Restam delle alguns escriptos, como sam as cartas a S. Bonifacio, apostolo da Allemanha, e aos bispos e magnates de França, em que responde a varias consultas. Declarou que os barbarismos na fórma dos sacramentos não os invalidam, por exemplo no do baptismo « *In nomine Patria et Filia et Spiritua Sancta.* » Morreu pelo anno de 752.

Item. S. Longuinhos, que, na qualidade de soldado do exercito romano, assistira no Calvario ao supplicio do Justo, e lhe trespassou o lado com sua lança, abraçando logo a fé, deu por ella seu sangue em Cesarea da Palestina.

16. *Terça feira.* S. Cyriaco, diacono, depois de encarcerado por muito tempo em uma horrorosa masmorra, atormentado com pez derretido e flagellado com açoutes, foi degolado no tempo do imperador Maximiano em principios do seculo 4.º

17. *Quarta feira.* S. Patricio, oriundo da Gram-Bretanha, por mais de uma vez, ainda menino, cahiu no captiveiro dos barbaros; e occupado em guardar gado, já então deu mostras daquella santidade, que para o futuro brilhou nelle com mais vivo clarão. Resgatado terceira vez do captiveiro, ordenou-se de presbytero; e recebendo depois do papa S. Celestino a licença de evangelisar, e, consagrado bispo, partiu para a Irlanda, onde a mais grosseira idolatria ainda então avassalava os espiritos. Foram abençoados seu zelo e fadigas, porque em breve mudou de tal sorte o estado moral daquella ilha, que foi chamada a *ilha dos Santos.* Com effeito as sementes da fé, que este novo apostolo alli lançou, arreigaram-se tão fortemente, que nem os tufoens da perseguição, nem o gelo do ostracismo, nem o joio da heresia foram capazes de as destruir, podendo citar-se esta porção da Egreja de Christo como aquella, cuja constancia tem sido mais provada. S. Patricio, que com rasão é chamado o apostolo da Irlanda, deixando assim a fé plantada e regada com o suor de seus trabalhos, viu realisar-se-lhe a esperança da bemaventurança pelo meado do seculo 5.º

18. *Quinta feira.* S. Gabriel Archanjo. O bemaventurado espirito, a quem as sagradas escripturas dão este nome, que se interpreta *Fortaleza de Deus*, foi o escolhido para as mensagens que tinham uma relação immediata com o resgate dos homens: vimos que fôra elle o enviado a Daniel para lhe revelar essa tão dura e expressa profecia das 70 semanas, no fim das quaes o peccado acabaria; depois foi elle tambem o mensageiro mandado á Santissima Virgem para lhe annunciar « que em seu casto ventre conceberia a Jesus. » Prerogativas tão extraordinarias fazem vêr o alto valimento, que elle tem para com Deus, e por isso é bem que o honremos e invoquemos em nosso auxilio.

19. *Sexta feira.* S. José, esposo de Nossa Senhora, era da nobre descendencia de David; porém, em consequencia de sua pobresa, usava do officio de carpinteiro Por sua grande innocencia e singular bondade mereceu a preciosa graça de ser pae putativo de Christo e esposo verdadeiro da Virgem Santissima, aos quaes alimentou com o producto do seu trabalho. Assistido de seu filho putativo e da Virgem sua esposa, exhalou o ultimo suspiro, e foi para o Limbo annunciar aos outros patriarchas, que alli esperavam, a feliz nova de estar proximo o dia, em que havia de abrir-se-lhes a porta do céu.

20. *Sabbado.* S. Martinho de Dume, era natural de Panonias; e vindo ás Hispanhas em o anno 560, e estando por esse tempo quasi todas as christandades desta região eivadas da heresia Ariana, elle com sua doctrina e exemplo expurgou esta seára dos cardos e abrolhos, que o perverso Ajax ahi tinha semeado. Na Galliza e Portugal fundou muitos mosteiros, e entre outros o de Dume junto a Braga, que por algum tempo teve diocese propria, e seus prelados eram bispos: assim vemos nós que este santo no primeiro concilio braccharense, congregado para condemnar a heresia dos Priscilianistas, ainda se assigna bispo de Dume. Foi depois transferido para arcebispo de Braga, onde, cheio de merecimentos, deu a alma a Deus no anno de 580. Foi sepultado no mosteiro de Dume; e no anno de 1591 foram d'alli trasladados seus restos mortaes para a Sé de Braga com grande pompa, presidida pelo arcebispo D. Agostinho, e quatro abbades da congregação de S. Bento.

MARÇO 27. 1852. — N.º 13.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

Reproduzimos as palavras constantes de um periodo, escripto no prospecto do Christianismo, e revalidamos a orthodoxa intenção com que foram escriptas:

« Se, por desventura, nossas doutrinas in-
« correrem em desharmonia com os dogmas vene-
« randos da Egreja, iremos, humildes, renunciar
« aos pés das auctoridades ecclesiasticas uma opi-
« nião erronea, uma palavra equivoca e dissonan-
« te, que possa despertar-lhes um justo zelo por
« nossos erros involuntarios. »

Camillo Castello-Branco.
Francisco Candido de Mendoça e Mello.

Eu não contava com a minha instrucção da vasta sciencia religiosa, quando escrevi, no prospecto deste jornal, essa sincera declaração de obediencia ás capacidades idoneas da jerarchia ecclesiastica. Tinha de meu um coração que não mentia á minha consciencia; animava-me o alento fervoroso das minhas crenças em Deus; mas pouco subsidio era este para vingar uma empresa difficil, sem lhe experimentar os estorvos, que me estariam acobertados pelo véu da minha ignorancia.

Outros alentos, porém, mais animadores, me promettiam uma peregrinação segura por este caminho cortado de veredas que eu desconhecia. Mal de mim, se a vaidade me não deixasse aqui dizer a felicidade que tenho de possuir sabios mestres e bons amigos, a quem peço o julgamento de meus pobres escriptos no Christianismo, embora eu haja sempre, á custa de muitas vigilias, extrahido de bons livros a sciencia a que todas as minhas ideias são filiadas.

Nas minhas ingenuas consultas, não tive até hoje o desprazer d'uma censura. Se o tivesse, bem cedo o desprazer se mudaria em contentamento, porque é grande alegria para a ignorancia docil, á custa mesmo d'uma decepção no amor proprio, augmentar uma ideia, que traz do coração daquelle que no-la ministra o cunho da verdadade, e da sabedoria.

Assim contente de mim, e confiado nos auxilios do céu, seguia eu o caminho de escriptor catholico, quando, em remate d'uma questão que eu tomára sobre mim, fui analysado nos meus artigos, e arrastado ao concilio de Orange e para escutar o anathema dos hereticos.

Quem quer que fosse o encarregado da accusação, devia ser para mim uma auctoridade. Não são estes os tempos, em que a jurisdicção das censuras, confiada aos successores dos Apostolos, assegura á consciencia do escriptor religioso a orthodoxia das suas ideias, em quanto do seu prelado lhe não desce o anathema irrespondivel. A filosofia politica não se contenta com as amplas seáras que lhe são annexas, transpõe com affoutesa e segurança a heredade inalienavel da Egreja, disputa-lhe o dominio e a naturesa senhorial, e ousa mesmo condemnar, em nome dos concilios, se tanto é necessario, todo e qualquer zeloso da casa de Deus, que pouco ou muito lhe advogar os direitos.

O « poder temporal do Papa » motivo de tres artigos, que escrevi neste jornal, não suppunha eu que gerasse o pretexto da minha condemnação. Eu não podia ser herege por defender, com as minhas poucas forças, o poder temporal do Papa. Não podia sê-lo por analysar os artigos que, sob aquella epygrafe, foram publicados na *Peninsula*. Mas um dos redactores daquelle jornal quiz á força que eu fosse herege, e, favorecido pela sua astucia, conseguiu polluir dois concilios, com Urbano VIII e Santo Agostinho, fazendo-os cumplices da sua má fé, para que eu não ficasse em duvida sobre a minha heresia. O corpo de delicto foram os meus artigos razão e fe'.

Eu sou um principiante nestes estudos. Participo de um caracter commum a todos os homens: a ignorancia sem o estudo. Duvido sempre das melhores intençoens do meu espirito em materias de sciencia, quando o talento cultivado lhes não corresponde. Nada mais possivel que um peccado involuntario nos meus escriptos, e no snr. Amorim Vianna uma superioridade tal de conhecimentos que me obrigassem a acredita-lo, para desdizer-me aqui, com tanta gloria minha, como do meu censor.

S. s.ª, porém, não quer o seu triunfo á custa da minha cobarde subserviencia. Em questão de menos vulto, se o meu silencio lhe grangeasse uma reputação, que não precisa, calára-me eu, e calára-se comigo a minha vaidade. Mas eu não posso consentir que o snr. Amorim Vianna me desvirtue a gloria de pertencer ao gremio da Egreja.

S. s.ª, antes de analysar os meus artigos, analysou a minha vida. Viu a corrupção do meu passado, e tirou dahi partido para as suas ovaçoens, quando devêra lamentar-me, a não poder favorecer-me com um outro sentimento mais generoso. Viu-me a folhear o *Citador de Pigault Lebrun*, e a *Pavorosa illusão*, antes de *Lacordaire e Frayssinous*. Talvez porque s. s.ª me não conheceu, nem ainda me conhece, avançou com graça, mas sem verdade, uma asserção, menos digna d'outros melhores recursos que o snr. Amorim Vianna tem para argumentar.

Soube s. s.ª « que eu havia recentemente voltado ao gremio da Egreja. » Foi mal informado, ou não tem uma exacta ideia do gremio da Egreja. Eu vivi sempre nesse gremio, com quanto me fosse applicada a expressão de S. Paulo, quando compára a Egreja a um grande salão, onde se misturam adornos de ouro e prata com os de pau e barro. (*) Eu era o adorno de barro, ou seria o joio de que falla Jesu-Christo (**) semeado na seára do bom grão; mas era a planta da seára, estava no gremio da Egreja.

Nem infiel, nem heretico, nem apostata, nem scismatico, nem excommungado, eu estava no caso dos mui-

(*) II *Tim.* C. 2, V. 29.
(**) S. Matt. C. 13. V. 41.

tos peccadores « que a Egreja supporta em seu seio, em quanto póde esperar a sua conversão. » (**)

Se o snr. Amorim Vianna, dadas estas explicaçoens, me considera em algum tempo da minha vida fóra do gremio da Egreja, eu não hesitarei em invocar Santo Agostinho, e o concilio d'Arles, e a conferencia de Carthago para s. s.ª ser condemnado como donatista. S. s.ª preparou-me o banco dos reus heresiarcas, e veio assentar-se ao meu lado.

Fui obrigado a fallar de mim, porque seria impossivel deixar de assim acontecer, logo que um novo adversario subiu á tribuna, onde se agglomeram os juizes do meu passado.

Não alcançam grandes creditos aquelles que pessoalmente me férem, nem a ideia sublime deste jornal ha-de resentir-se com as agressoens directamente feitas ao seu redactor. E', porém, de notar, que nos meus artigos de polemica com a *Peninsula*, nem sequer ousei escrever o nome do snr. Amorim Vianna! Que tinha eu com o homem, se o meu pleito era todo com a sciencia!?

Eu devo lamentar-me no demerito a que o snr. Amorim Vianna me rebaixou, considerando-me fraco de mais para entrar com s. s.ª na controversia do poder temporal do Papa. Não me considerava eu tanto abaixo, porque não pedira piedade a alguem, nem a peço hoje, ainda que atemorisado pelo orgulho com que s. s.ª declara, que seria em si uma imperdoavel cobardia rebater os meus argumentos. O snr. Amorim Vianna não tem jus a tamanha sobranceria. Eu persuado-me mesmo que aqui é o cobarde que se finge piedoso, e quer affectar sua nobre generosidade, ao passo que me conduz cruelmente á presença dos Santos Padres para victimar-me ao anathema dos hereges.

Mas esta piedade era uma bellesa rhetorica no discurso do snr. Amorim, que, prevenindo a má significação que os leitores da *Peninsula* dariam á sua piedade, responde acrimoniosamente á controversia do poder temporal do Papa. Vejamos se a modestia e a suavidade fazem valer mais a rasão e a justiça.

O snr. Amorim Vianna quando acommette os meus artigos sobre o « poder temporal do Papa » não parece o homem da sciencia, que é sempre, em letigios de sciencia, o homem de boa fé. Eu não mesclei o scisma do oriente com a antiga Grecia. S. s.ª tinha dito que a egreja grega era toda progressiva e civilisadora, e eu devia mostrar-lhe o mau influxo do scisma religioso nos negocios civis da Grecia. Que tinha eu, ou que tinha o snr. Amorim com a Grecia antiga? Eu não confundi a filosofia de Platão com os circos e espectaculos da devassa Roma. O snr. Amorim Vianna tinha fallado d'uma elevada civilisação nos costumes romanos, antes da vinda de Christo, e eu precisava fallar dos espectaculos e dos circos, como especimen dessa tão mal denominada civilisação. Os meus artigos ahi estão no *Christianismo*, e venha o menos ignorante de meus adversarios julgar esta causa, em que o snr. Amorim Vianna tão indiscretamente deturpa o que está escripto contra as suas doutrinas, verdadeiramente hyperbolicas e indefiniveis, mas justamente condemnadas pela Egreja.

S. s.ª atira á face do Catholicismo uma ironia amarga, quando affiança ao seu leitor que os seus artigos eram orthodoxos! E' necessario uma grande transcendencia de genio, e um esforço especial de sofisma, para divinisar uma impiedade. O snr. Amorim Vianna carece desses attributos, e não póde por muitas linhas colorir mentidamente suas más tençoens contra a Santa Sé.

Maldiz s. s.ª o clero portuguez, que crusa os braços impassivel, quando S. Santidade considera extincto para Portugal o padroado do Oriente, cujas condiçoens de posse não eram cumpridas.

Apellida « espoliador » o Vigario de Christo, considera a cessação do padroado um feito capaz de « revoltar de indignação as cinzas de nossos avós » e ridiculisa o rei de Roma, derramando beneficios espirituaes sobre aquelles que o protegem das furias de Mazzini e Garibaldi. Esta orthodoxia é um escarneo.

O clero portuguez, elevado ao apogeu da illustração, e perfeito, quanto é possivel a homens, nas virtudes christans, não deveria ter um procedimento diverso do que teve, a respeito do padroado do Oriente.

O padroado foi uma concessão feita aos nossos reis. Militou como condição neste contracto bilateral a nomeação de governadores e bispos, que, reciprocamente se coadjuvassem na propaganda do Catholicismo. Mãos estranhas se apossaram das nossas colonias, quando infelicidades politicas nos debilitaram a coragem, e o nome d'entre as naçoens fortes. Os bispos enviados não viam em torno de si um clero illustrado, porque Portugal não podia enviar-lho. Sem este indispensavel subsidio, o bispo no padroado era um pastor paralitico no centro do seu rebanho. Mostrai-nos os bispos nas egrejas d'Africa e Angola. Trazei ao redil as ovelhas dispersas de S Thomé e Principe, e Moçambique. Que direito podereis allegar em vossas queixas contra a Santa Sé, se virmos vigarios apostolicos reinarem espiritualmente nesse territorio que temporalmente não possuiamos!?

O clero portuguez, sem dar o mais cabal documento da sua necedade, não poderia erguer-se scismatico e desobediente contra as justas e valiosas determinaçoens do seu chefe.

Até aqui não poderei ser alcunhado de herege: deixo ao leitor o epytheto para que seja devidamente applicado a um de nós, e passarei, depressa quanto eu possa, sobre o libello que me condemna por sentença do snr. Amorim Vianna.

Os meus artigos de RASÃO e FE', estudados essencialmente em Lacordaire, e concebidos pela meditada applicação do meu entendimento, que muito se aprazia em harmonisar a Tradição e a Escriptura com o espontaneo exercicio do espirito — foram motivo para a minha condemnação de herege. O snr. Amorim Vianna falseou as minhas tençoens, porque não é crivel que m'as não comprehendesse.

Assumptos dogmaticos, tractados n'uma epoca em que não póde o escriptor religioso contar com o espiritualismo dos leitores para se fazer comprehendido, são assumptos estereis, se a rasão os não illucidar aos olhos dos incredulos, com uma luz diversa daquella que os Santos Padres lhes derramaram nos seus felizes seculos de crenças e fé implicita.

Eu quiz confirmar a supremacia espiritual da Egreja pela rasão, e pela fé, mas não ha uma só palavra minha que defina a fé como complemento do estudo. Sei que não ha verdades fóra da Egreja Catholica, mas a propria consciencia me é testemunha das verdades, que a Egreja Catholica me ensina.

« Ha, no homem — dizia eu no artigo RASÃO — uma luz interior, sem a qual a tradição e a escriptura, como testemunhos divinos, não poderiam exercer os effeitos da sua divindade. »

E accrescentava seguidamente:

« Investiguemos a harmonia estabelecida entre a rasão, emanação de Deus, e a tradição e escriptura, testemunhos divinos. »

O snr. Amorim Vianna enredou a minha demonstração n'um labyrinto de palavras, donde já não havia sahir a doutrina sem o estygma de deista. Asserçoens gratuitamente calumniadoras, glossas, mais ou menos abstrusas e cavilosas, foram os alicerces de areia sobre que s. s.ª quiz erguer-se um padrão de theologo, corregindo-me defeitos em tom de mestre.

S. s.ª torce as mais claras proposiçoens dos meus artigos, e consegue enfileirar-me entre os deistas, embora a deducção final daquelles principios, desnaturados pelo meu censor, lá esteja assim consignada por estas inequivocas palavras:

« E' a rasão que nos eleva do lodo dos materialistas, e do rasto escabroso dos deistas, a um mundo de luz, onde o dogma da creação, como resplendor da existencia de Deus, é o primeiro vôo dado para o mais sublime da Religião Christan. »

Copiarei um periodo completo do snr. Amorim Vianna, e farei por não imitar astuciosamente a subtracção d'algumas oraçoens, que s. s.ª faz n'um dos meus artigos, para mais seguramente deduzir o que quiz. E' este o periodo, que não saberei eu dizer se s. s.ª reputa orthodoxo:

(**) *Bergier* — art. *Eglise*.

« Da existencia do mal moral em a nossa alma, conclue (1) a queda primitiva do homem; mas a existencia do mal é um facto accessivel á observação psychologica, em quanto que a queda primitiva é *uma hypothese metafysica, nascida do desejo de explicar esse facto* (?); e que não pertence exclusivamente á Religião Christan, pois que já era conhecida na filosofia antiga. E' todavia a essa quéda, que o snr. Castello-Branco reduz todo o dogma do peccado original, mysterio cuja essencia está menos na degradação humana, do que na justiça de hereditariedade da culpa de nossos primeiros paes. »

A « queda original » é um elo da cadeia de provas, que tenciono adduzir nos primeiros artigos deste jornal. A completa refutação do periodo do snr. Amorim Vianna ha-de lá encontrar-se, se desgraçadamente é preciso combater o gigante da filosofia do seculo passado. *A hypothese methafisica nascida do desejo de explicar o facto* do mal moral, como s. s.ª define a « queda original » é justamente como Voltaire a definia — *uma historia de invenção ridicula e fabulosa.*

Na actualidade, o fim especialissimo com que o mal moral é subordinado a uma investigação meramente psycologica, é porque muito convém aos discipulos de Proudhon e Mazzini dar mais latitude á doutrina catholica, e corrompe-la para auctorisar as theorias do communismo e socialismo.

O obstaculo, que o snr. Amorim Vianna encontra no dogma da queda primitiva, por causa da universalidade dessa tradição entre todos os povos, é uma das poderosas rasoens que um catholico tem para lhe prestar uma adhesão de fé, e até certo ponto, um assentimento de raciocinio. O snr. Amorim Vianna, com toda a sua caprichosa orthodoxia, colloca-se na linha adversaria de todos os santos padres, desde S. Justino até S. Thomaz.

Ainda assim, s s.ª não hesitou em fulminar-me anathemas, que lhe não sobejam das suas doutrinas. Eu é que sou o semi-plagiano — o condemnado pelo 2.º concilio d'Orange, o adversario de Santo Agostinho, porque escrevi artigos de fé, cuja doutrina se reduz ao contexto dos seguintes periodos:

« Não bastam ao christão o vôo da sciencia para se exaltar á morada dos anjos. E' necessario crêr, e indispensavel a fé.

« O Christianismo é um objecto de estudo, contemplado pela sua face luminosa; mas o Christianismo tem outra face em relação com a intelligencia humana; outra face, por assim-dizer, voltada para o seu divino fundador, e tenebrosa para a creatura mortal

« Com a primeira é-nos permittido o contacto espiritual, aproximado pela sciencia; á segunda, impõe-se-nos a submissão do fraco, e a crença, que tem o cégo de nascimento na existencia das côres. »

Que ha de commum entre esta doutrina e o « livre arbitrio » das *conferencias espirituaes* de Cassiano?

Seria fastidioso reproduzir aqui os artigos, que já escrevi, que foram hontem lidos, que são hoje patentes, e que não podem ser commentados para o fim unico de aquietarem o espirito reprovador do snr. Amorim Vianna. Eu busco o repouso da minha consciencia, colleccionando os treze numeros publicados do *Christianismo*, e depondo-os humildemente na presença do meu prelado, com o requerimento que os acompanha. Não é ao snr. Amorim que eu dou uma satisfação. Deus me livre dessa baixesa, em quanto o meu terreno de peleja fôr o pisado por aquelles, que defenderam a causa de Deus, embora a caridade evangelica lhes aconselhasse humildade para com os orgulhosos. A satisfação dou-a, mas é ao publico, é ao clero, que s. s.ª deprime, e que eu tomára poder exaltar ao fastigio da sua dignidade, que Deus lhe conferiu, e os homens lhe enxovalharam no delirio das suas odientas paixoens. Não é ao snr. Amorim Vianna, que eu mendigo beneplacito para as minhas doutrinas, porque s. s.ª, revestido das gallas d'uma *theologia politica*, não é digno d'uma resposta no *Christianismo*; e, quando muito, ha-de acceita-la n'um jornal politico.

Camillo Castello-Branco.

(1) Refere-se á minha demonstração, pela consciencia moral, dos cinco dogmas fundamentaes do Catholicismo.

JEZUITAS.

V.

O INSTITUTO.

> Estes são os homens que, impellidos pelo sopro do Espirito Santo, convergiram de remotas regioens do mundo, e, despresadores dos prazeres do seculo, consagraram a Nosso Senhor Jesus Christo, para sempre, a sua vida. . .
>
> BULLA *Regimini* DE PAULO III.

O PRESTIGIO da Santa Sé no espirito dos povos diminuira consideravelmente em tempo de Paulo III.

Segundo a frase judiciosa de Crétineau-Joly, a Egreja adormecêra confiada nas promessas do seu divino pastor. Logo que o clero, forte das suas riquesas, adornou a larga esfera do seu predominio com o luxo das sciencias e das artes, parece que os povos, instigados pela revolta das egrejas allemans, descreram da supremacia espiritual, e afervoraram-se no goso das glorias mundanas.

A acção religiosa, que tão vastos ambitos conquistára no universo, resentiu-se daquella natural fraquesa, que vem sempre desvirtuar os actos humanos, levados ao excesso do zelo. Os povos contemplaram os abusos em que os seculos XV e XVI descahiram nos grandes feitos da propagação religiosa. A Suissa, a Allemanha, e a Inglaterra foram as primeiras mutilaçoens na unidade catholica. E' porque o exame fôra causa da duvida, e desta derivaram o scisma e a heresia.

O veneno da « Reforma » circulava nas entranhas da Italia, porque a duquesa de Ferrara, discipula de Calvino, franqueava os seus saloens á disputa religiosa, que rematava sempre pela coroação de seu mestre. A infecção da heresia, derramada nos espiritos da Romania, ameaçava atacar o coração da christandade, a Roma de Paulo III, que, sem desconfiar nas promessas de Jesus Christo, tremia diante do vulto arrojado dos innovadores destemidos.

A iniciativa da desobediencia não era o povo que a dava. Os principes, e os grandes, e alguns padres, avidos de celebridade, eram os agitadores da violencia reformadora, sem a qual a unidade não corria risco, e por tanto o clero não poderia ser espoliado da sua grande fortuna. « Não era um culto mais verdadeiro que os homens e os padres apostatas invocavam — diz o historiador da companhia de Jesus, d'harmonia com escriptores d'entre os proprios protestantes — o que elles pediam era a confiscação dos bens » e conforme a confissão d'um protestante « o lutheranismo, quando lhe prometteram a espoliação, cresceu admiravelmente. »

Carlos V, cujas ideias de monarchia universal, aterravam os monarcas mal seguros em seus dominios, contribuiu grandemente para que a revolução religiosa recrutasse muitos principes devassos e sanguinarios. Mal sabiam os reis que armando os povos contra a Egreja, lhes davam armas contra as monarchias... As ultimas consequencias desse desgraçado principio, estabelecido pelos principes allemaens de 1540, vimo-las nós em todo o rigor logico da anarchia e do exterminio nestes ultimos annos.

As palavras de independencia e liberdade, lançadas no seio alvorocado das multidoens, deviam, como semente do mal, germinar fructos de maldição. A liberdade e a independencia não seriam bastante incentivo para mover as molas estupidas das massas, se alguma grande promessa a cumprir logo lhes não fosse feita. Prometteram-lhes a partilha dos dominios exaggerados das ordens religiosas; prometteram-lhes uma liberdade d'acção, que não gosavam, sugeitos ao jugo sacerdotal; prometteram-lhes o roubo, e a licença. . . que mais alentos precisavam as turbas para marcharem enthusiastas á destruição da Egreja?!

Com pesar e constrangimento somos obrigados a reproduzir um periodo, que não entraria na meditada obra de Crétineau-Joly sem o criterio, que demanda uma tal affirmativa:

« Os inimigos, que a Egreja alimentava em seu seio,

eram os mais encarniçados: a corrupção penetrára no Santuario: corrupção terrivel que se aproveitava do que era santo para, mais ao largo, derramar o seu germen. Sentada no altar, reinando no claustro, ella fornecia aos da seita as suas mais terriveis armas, porque não è a Religião que o povo discute — é o seu ministro, é o padre. Ora o padre chegára a causar a duvida sobre a Religião, entregando-se, desenfreado e impudico, a quantas desordens elle devera guerrear, se cumprisse a missão que recebera. »

Em 1538, Paulo III, comprehendendo os perigos da sua situação, delegou em quatro cardeaes e cinco prelados o poder reformador. Nos archivos do Vaticano existe em vivas cores o quadro lamentavel das ordens religiosas, das escólas publicas, e do espirito de disputa, que nem a casa do Senhor respeitava nas suas escandalosas rixas. Esse documento, a que nos referimos, são as instrucçoens de Paulo III á congregação dos reformadores.

E' neste tempo que Ignacio de Loyola, Lefevre, e Laynés apparecem na presença do Summo Pontifice.

Camillo Castello-Branco.

COMO DEVE SER GUARDADO O PRECEITO DO JEJUM.

Muitas pessoas deixarão de encetar a leitura deste artigo, sabendo com antecipação, qual é o seu objecto; nós mesmos, receando isto, tivemos a tentação de omittir absolutamente o proximo, ou de o substituir pela seguinte epigrafe — *methodo pratico de diminuir o volume e o peso do corpo humano*; neste caso talvez fosse lido por algum taful, ou alguma dama com a mesma avidez, com que sam lidos nos differentes jornaes os repetidos annuncios, com que a boa fé dos incautos é illudida por algum charlatão, que inculca a virtude e efficacia de um especifico, para restituir ao cabello a côr nativa, e ao rosto a belleza e a frescura da mocidade; porem o *Christianismo* não aspira á honra de ser folheado por mãos de assucar e de alfenim; contenta-se simplesmente com ser lido por algum padre, por algum velho venerando, ou finalmente por alguma daquellas pessoas, *que encerram em suas almas os thesouros da religião, como herança de bons paes.* A estas pois dirigimos o nosso artigo, e pedimos nos relevem a frequente citação das proprias palavras dos auctores latinos; isto parecerá em nós um perfeito anachronismo; porém a razão é obvia, e facil de adivinhar: fomos educados nos claustros, escrevemos para padres, e para algum respeitavel ancião, que quer conservar em sua casa os bons usos de seus paes, e a todos nós é applicavel o — *quæ imberbes dedicere, senes perdenda fatentur.* Tratando do grave assumpto, que me proponho, procurarei não confundir o que é decidido pelas legitimas auctoridades da Egreja, com o que é meramente opiniativo.

O jejum ecclesiastico é, como diz Bento XIV no seu breve — *non ambigimus* — o signal que nos distingue dos inimigos da Cruz *hoc veluti nostræ militiæ tenera ab inimicis Crucis Christi secernimur*, por essa razão o Concilio Trid. na sess. 25 recommenda aos snrs. bispos que como bons soldados empreguem todo o cuidado, para que os seus diocesanos *iis præcipue sint obsequentes, quæ ad mortificandam carnem conducunt, ut ciborum delectum et jejunia.* O preceito da Egreja, cuja origem, como já dissemos em outro logar, prende da mais remota antiguidade, é sem duvida o mais simples e facil de enumerar; consiste elle em uma só comida a hora determinada, e na abstinencia de carne.

Vê-se pois que este preceito é divisivel, e encerra dois preceitos distinctos; o primeiro consiste em comer uma só vez em cada dia; o segundo na abstinencia de carne; donde se segue que aquella pessoa, que fôr dispensada, ou por necessidade não satisfizer a uma parte do preceito, não fica por isso mesmo desobrigada do cumprimento da outra.

Ninguem ha que ponha em duvida que uma das partes essenciaes do jejum é uma só comida; mas, quando isto fosse contestado, para removermos toda a duvida bastaria citar a auctoridade de Bento XIV. No Breve — *non ambigimus* de 30 de Maio de 1741 diz o Romano Pontifice *servandam esse potissimum unicam comestionem*, e no Breve *in suprema* de 22 de Agosto do mesmo anno falla da mesma maneira, dizendo *in cætera præscripsimus unicam comestionem servandam*; ultimamente no Breve *libentissime* de 10 de Junho de 1745 accrescenta *ne ulla inposterum concedatur facultas adhibendi carnes ad mensam tempore jejunii, nisi conditio servandi jejunii, sive unius comestionis aponatur.* O mesmo veneravel Pontifice sendo consultado pelo presidente das missoens da ilha de S. Domingos se podia dispensar aos habitantes da mesma ilha para usarem de carne nos dias de jejum, respondeu que dispensasse mas tão somente a pessoas singulares; porem, sendo expostas novas razoens, foi encarregada a sagrada Congregação da inquisição de interpor o seu juizo a este respeito, a qual em 12 de Abril de 1742 decidiu affirmativamente *indicta simul cum hujusmodi dispensatione observantia jejunii per unicam comestionem.* Tanta era a repugnancia que o Romano Pontifice tinha em conceder semelhantes dispensas, que não quiz resolver este negocio, sem ouvir a opinião da Congregação mencionada, e já por um semelhante motivo elle tinha manifestado a mesma difficuldade repetindo, o que a respeito das frequentes dispensas se lê no cap. 18 da sess. 25 do Conc. Trid. *frequenter legem solvere . . , nihil aliud est quam unicuique ad leges transgrediendas aditum aperire;* e dizendo que receava que a seu respeito se podesse applicar o que S. Bernardo escreveu ao Papa Eugenio III *facilis hoc quia potestis, sed utrum debeatis quæstio est.*

Demonstrada a obrigação, que temos de não comer mais do que uma só vez nos dias de jejum, segue-se mostrar a verdade da segunda parte do preceito, isto é, da abstinencia da carne nos mesmos dias. O oitavo Conc. de Toledo no can. 9, bem clara e expressamente diz *quisquis absque inevitabili necessitate diebus quadragesimæ esum carnium præsumpserit attentare non solum erit reus Resurrectionis Dominicæ, verum etiam alienus ab ejusdem diei Sancta Communione.* Innocencio III no cap *Consilium de observatione jejuniorum* exprime-se de um modo ainda mais explicito *de illis qui in quadragesima, vel in aliis jejuniis solemnibus infirmantur et petunt sibi esum carnium indulgeri, respondemus etc.* e no cap. *Denique* dist. 4.ª não só é prohibido o uso da carne mas tambem é mandada a abstinencia a *lacte caseo et ovis;* ultimamente a Const. Dioces L. 2.º tit. 3.º const. 3.ª é conforme com as disposiçoens de direito, que ficam mencionadas *é prohibido por direito canonico comer carne em todos os dias da quaresma etc.*, porem relativamente aos ovos eis-aqui o que se prescreve no §. 1.º da Const. 4.ª *no tempo da quaresma, nos logares em que não houver costume legitimamente prescripto de comer ovos, leite, queijo, manteiga não se vendam.* Os nossos maiores foram tão zelosos observadores deste preceito, que julgavam criminoso, e digno de castigo quem o quebrantava ainda no tempo de fome, e de penuria, e quando muitos morriam á mingua, e por falta de sustento. *Respondemus: quod in tali articulo illos non credimus puniendos* dizia o mesmo Innocencio III em resposta a uma consulta do prelado de Braga.

E' aqui o lugar proprio de fazer menção da resposta dada pelo SS. P. Bento XIV em 8 de Julho de 1744 a algumas perguntas feitas pelo arcebispo de Compostella; na qual se contem, o que é mais essencial ao preceito do jejum os dois Breves *non ambigimus* e *in suprema* tinham dado lugar a algumas duvidas entre os theologos da nação visinha; o Arcebispo encarregou-se de as apresentar á Santa Se, para serem resolvidas diffinitivamente; a sua proposta achava-se concebida em termos tão confusos, que foi necessario ao remano Pontifice dar-lhe nova ordem, e della extractou as sete seguintes perguntas; quando as respostas chegaram a Compostella, era fallecido o Arcebispo, e por essa razão Bento XIV expedio o seu Breve *libentissime* em 10 de Junho de 1745 pelo qual declara, e expende de novo, para conhecimento de todos os senhores Bispos do orbe catholico a doutrina contida nas mesmas respostas.

1.ª O que é mandado a respeito de uma só comida, e de não fazer mistura de carne e peixe obriga debaixo de culpa grave?

RESPOSTA.

Aquelles que concedem licença, para comer carne no tempo prohibido, sam obrigados debaixo de culpa grave

a não a conceder se não com estas duas condiçoens expressas; isto é, uma só comida, e não fazer mistura de carne e peixe; e aquelles a quem for concedida, incorrem na mesma culpa não cumprindo as mencionadas condiçoens.

2.ª Aquelles a quem é permittido comer carne, podem come-la tambem á collação, uma vez que não exceda a quantidade de comida que é permittida na collação dos jejuns ordinarios?

RESPOSTA

Não é licito; mas devem usar da mesma qualidade, e quantidade de comida de que usam as pessoas de recta, e sam consciencia.

3.ª Aquelles a quem é permittido comer carne, devem conformar-se com os outros em quanto á hora da refeição?

RESPOSTA.

Declaramos que devem.

4.ª Quais sam as iguarias licitas, que não pódem ser misturadas com as prohibidas?

RESPOSTA.

Para aquelles a quem é permittido o uso de carne a iguaria licita é a mesma carne; a iguaria prohibida é o peixe, e por tanto não se deve misturar carne com peixe; mas áquelles a quem é concedido usar de ovos e lactecinios não é prohibido comer peixe.

5.ª Os domingos da quaresma sam comprehendidos no preceito, que obriga a não fazer mistura de carne e peixe.

RESPOSTA.

Estam comprehendidos.

6.ª Aquelles, que em virtude da Bulla da Cruzada podem comer ovos e lactecinios sam comprehendidos na mesma lei?

RESPOSTA.

Nada é innovado a respeito da Bulla da Cruzada, e por tanto observe-se strictamente o theor da mesma Bulla.

7.ª Os dois mencionados preceitos obrigam fora da quaresma?

RESPOSTA.

Ambos obrigam fóra da quaresma; o preceito de uma só comida obriga com as declaraçoens da 2.ª e 3.ª resposta, e o preceito de não fazer mistura obriga com as declaraçoens da 4.ª resposta.

Do que fica exposto e repetido em differentes logares se vê, que álem da unica comida, é permittida uma breve collação; sem nos deter-mos em expender, e comparar as opinioens dos auctores a respeito da qualidade e quantidade da collação, diremos simplesmente o que a semelhante respeito diz a Const. Dioces. no Liv. 2.º Tit. 3 Const. 1.ª *ainda que a abstinencia do jejum ecclesiastico consista em se comer uma só vez no dia, introduzio tambem o costume de toda a Egreja que á noute se podesse tomar uma breve collação para remediar a fraqueza dos estomagos, chamada vulgarmente consoada, a qual deve ser só naquella quantidade, que baste para isso, conforme as terras e pessoas, que jejuarem, regulando-se pelo que nessa materia obram as pessoas tementes a Deus, que tratam de observar pontualmente o jejum.*

Não é permittido tomar a refeição a qualquer hora, mas segundo a determinação da Const. Dioc. deve ser das onze horas da manhan por diante, e póde ser dantes, havendo para isso justa causa; tambem se póde trocar a ordem da comida concorrendo motivo racionavel, consoando pela manhan, e jantando á noute.

Convem saber que este preceito é local, e por essa razão todas as pessoas estam obrigadas a guardar os jejuns nas terras, em que se acharem.

Ha muitas causas, que escusam de obrigação do jejum mas todas ellas sam incluidas nas quatro seguintes classes; *edade, impotencia, trabalho* e *piedade*. Está obrigado a este preceito *todo o christão tanto que chega á edade de 21 annos perfeitos e d'ahi para cima: estão escusas regularmente as pessoas, que passam de sessenta annos. Os que não podem haver o necessario para poderem jejuar. Todos os que exercitam officio, que se não póde obrar sem trabalho que quebranta e cança notavelmente o corpo, por que não basta trabalho de qualquer official, que for compativel com o jejum, por ser opinião, que está reprovada pela Sé Apostolica por decreto do Papa Alexandre VII passado em 18 de Março de 1666. Os que exercitam obras espirituaes, e de misericordia, as quaes não poderiam exercitar jejuando.*

Finalmente este preceito obriga debaixo de culpa grave, na qual incorrem tambem aquellas pessoas que devendo evitar os peccados e as occasioens de cahirem nelles, o não fizerem; conforme o direito os que consentem os males, merecem ser castigados com igual pena, que os proprios delinquentes, por isso a Const. Diocesana Liv. 2.º Tit. 3.º Const. 4.ª impoem graves penas a todas as pessoas, que consentirem comer-se carne em sua casa nos dias prohibidos *salvo se for alguma pessoa doente, e enferma de cama, ou que notoriamente conste, que o é, ou que tiver licença, de quem a póde dar, para comer carne.*

B. V. de S.

Snrs. redactores.

Aonde quer que a auctoridade da religião é desconhecida reinam espessas trevas, grosseiros erros, e o espirito humano, entregue a si-mesmo, não póde alcançar a descoberta d'uma só verdade, e abunda em producçoens de monstruosos desvarios. E' que o paganismo representa o culto dado aos vicios e ás paixoens, e a creatura recebe as adoraçoens devidas ao Creador. Reconheceram alguns filosofos a monstruosidade de semelhante culto; no emtanto, em vez de o corrigirem, conformaram-se com elle, mostrando assim a inutilidade de seus systemas, e filosoficas investigaçoens. O desenvolvimento de todas estas verdades é materia muito vasta, e não póde ser nem ainda ligeiramente tocada n'um discurso tão limitado, como este, que agora offereço á consideração de V. No entanto, intentei dizer duas palavras: dignas ou indignas de ter cabimento no seu jornal, eu as deixo ao juizo e á descrição de V. Deus guarde a V. muitos annos.

Lourosa da Trapa 15 de Março de 1852.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra.

O GENERO HUMANO ANTES DA VINDA DE JESU-CHRISTO.

I.

Nada ha tão capaz d'humilhar a nossa rasão, como as ideias immoraes, infames e degradantes, que o paganismo nos dava da divindade! Um lanço d'olhos rapido sobre os absurdos extravagantes da idolatria, basta para evidenciar qual o estado da religião entre os pagãos, e quanto a rasão ahi se envillecêra! *Bossuet*, n'uma palavra sô, disse tudo o que podia dizer-se sobre a idolatria; descreveu exactamente o estado abjecto do espirito humano em materia de religião: « tudo era Deus, excepto Deus » diz elle, — mas, peor ainda, o que tomava o logar da divindade era o que havia de mais impio, de mais aviltador e de mais despresivel. O universo prostrava-se diante de torpes e ridiculas divindades, sem que desta geral corrupção se resalvasse o que mais polido e abalisado existia sobre a terra; isto é — a sabedoria dos egypcios, o genio e a polidez dos gregos, a politica e a gravidade dos romanos. O Olimpo estava cheio de divindades abominaveis, que se veneravam por meio d'um culto impio e abominavel como ellas. Não fallaremos dos infames mysterios de Jano, de Adonis, de Cybelles, das festas de Flora, que se não atreviam a celebrar na presença de Catão; menos ainda mancharíamos nossa penna nas indecencias do culto de um idolo despejado do paganismo, cujas scenas hediondas recusa o pudor reproduzir. Parece que a theologia do paganismo só foi inventada para apa-

gar o estimulo da virtude, e accender as paixoens, e divinisar o crime. E na verdade de que nos dava ella exemplo? Que nos propunha para imitar? Torpesas, crimes, e abominaçoens.

Os deuses eram um Jupiter incestuoso, que desthronisára seu pai, um Marte sanguinolento, um Baccho dissoluto, uma Venus. . . . . uma Juno soberba e invejosa, um Mercurio divinisado pelo latrocinio, um Saturno algoz de seus filhos! Os poetas celebravam os seus odios, os seus amores, seus crimes e ciosos frenesis. Os gregos, bem como os romanos, divinisaram as mais desenfreadas paixoens, e consagraram templos á injuria, á impudencia e á libertinagem. Na ilha de Chypre mulheres enramadas de flores consagravam á deusa da desenvoltura o estipendio das suas infamias, segundo affirma Justino. Solon, o famoso Solon, dedicou um templo a Venus de que fez sacerdotisas, as mais dignas deste desgraçado titulo.

Alguns filosofos conheceram tudo isto: Platão condemna a theologia pagan, e as genealogias, que nos deixaram dos deuses: Homero, e Hesiodo como falsas impoliticas, ou immoraes, e sustenta que ainda que fossem verdadeiras, não deviam publicar-se, porque só serviam para corrumper os costumes. Este filosofo critica ainda Homero por ter representado os deuses sempre entregues a questoens, sempre envolvidos em rixas e debates, observando judiciosamente que as fabulas poeticas só deviam servir para reprimir o vicio, e excitar a virtude. Cicero dá o mesmo testemunho á verdade: faz elogios a Platão por ter banido da sua republica, ou por ter excluido de mestres da mocidade a Homero e a outros poetas, pelos absurdos e immoralidades, que se encontram nas suas obras, e que são perigosas pelo estylo agradavel e seductor de que souberam revesti-las. Mas se estes filosofos condemnaram a theologia pagan como absurda, acaso a sua filosofia esclareceu o mundo, ou deu alguma luz ao genero humano?

Platão que parecia ter reconhecido que as divindades, adoradas pelo povo, eram uma chimera, e o seu culto uma injuria á divindade, ou uma irrisão ao Santo Nome de Deus, esconde a divindade n'um véu mysterioso, e protesta fallar della só em enigma, para não expôr á irrisão uma tamanha verdade! Quando Socrates foi accusado d'adorar deuses differentes dos do povo, Socrates defende-se como d'um crime. Epitheto, cujas maximas moraes tamanhos gabos mereceram, estabeleceu, como positivo, que nos sacrificios feitos aos deuses cada um se devia conformar com o rito estabelecido no seu paiz. Cicero, que não acreditava em agouros e que referindo-se ao dito de Catão — *mirari se aiebat quod non rideret aruspex, aruspieem dum vidisset* — depois de ter mettido a ridiculo os pontifices e os seus sacrificios, ordena que se conformem com elles na veneração aos deuses, o que fez dizer a Lactancio, L. 2.° « *video te Cicero terrena et manufacta venerari, vana esse intelligis et tamen eadem facis, quae faciunt ipsi, quos ipse stultissimos confiteris.* » Inconsequencias e miserias do espirito humano!

Depois que estes filosofos viram a terra impregnada d'um culto insensato e escandaloso, e a divindade sem nenhum culto e sem nenhuma veneração, assentaram, como axioma, ou como principio indisputavel, que se não devia fazer alteração alguma em materia de religião, e que cada um devia seguir a religião do seu paiz por mais absurda e insensata que fosse.

Porém os filosofos não pararam aqui: chegaram a reconhecer a inutilidade da filosofia para esclarecer o homem. Platão, o mais sublime de todos elles não teve pejo de confessar, que a luz de que o genero humano carecia para ser esclarecido não podia sahir da terra, mas do céu devia esperar-se. Cicero não faz melhor ideia da filosofia: manifesta o despreso que lhe mereciam os filosofos, dizendo que nenhum absurdo circulava que por algum delles não fosse propagado. E' sobretudo em materias de religião que se conhece a verdade desta observação: eis-aqui a rasão por que S. Paulo, escrevendo aos de Corintho lhe diz « que é vã toda a filosofia humana, pois que nenhum prestimo tivera: que Deus escolhera os ignorantes para confundir os sabios, os fracos para destruir os poderosos, e que nenhuma força empregaria para derrubar o que havia de mais alto e elevado. »

Quem não contempla maravilhado o fenomeno d'alguns homens rudes, sahidos d'um povo grosseiro, e alteando-se tão superiores aos genios mais eminentes da Grecia e Roma, illustrando o genero humano! Que brilhante ideia é essa que nos deu de Deus e das nossas relaçoens com elle, da nossa origem e destinos, — ideias sublimes, que não alcançaram os mais profundos sabios! Que bellas liçoens desconhecidas nas escólas da Grecia e Roma, fixando o espirito humano naquelles grandes principios em que os sabios não fizeram mais que balbuciar, fluctuando no mar immenso das incertesas!

Explicai-nos esta maravilha!

Voltando ainda á filosofia Se ella despresou a theologia pagan, como ridicula, ou immoral, acaso serão as suas ideias sobre a divindade e sobre o fundamento da moral mais rasoaveis? E já que não podemos entrar agora no exame das ideias extravagantes, que foram base de seus systemas, notaremos que Cicero desconhecia o fundamento da moral, a tal ponto, que nos não diz uma só palavra de Deus, e da vida futura, e estabelece a gloria mundana como premio e como fim da virtude!

Seneca não se atreveu a generalisar este principio, por ter observado, que não dizia respeito ao povo, que é a parte mais numerosa de qualquer estado, e cujas virtudes não sam menos interessantes para a felicidade publica, e estabilidade e boa ordem da sociedade; mas nem por isso deu á moral uma base mais solida. Eis-aqui porque a doutrina destes filosofos sobre a moral é sem interesse, sem attractivo, e tão fragil, tão varia, tão esteril, tão inconsistente, como é a base, que cada um delles tomou para lhes servir de apoio. Nenhum filosofo soube dar á moral outro fundamento, que não fossem conveniencias humanas, ou opinioens, que lisongeavam o orgulho e a vaidade. Nenhum delles se elevou á região da immortalidade, para achar nella o premio da virtude perseguida, e o castigo do crime triunfante. Eis-aqui porque ninguem os tomou por modelo, ou como regra do seu procedimento. Lidos e admirados pelo seu talento e habilidade, tinham ahi o complemento da sua esteril missão. Examine-se a moral de todas as seitas filosoficas desde Platão até Marco Aurelio, e encontrar-se-ha nellas a mesma nullidade, a mesma inconsistencia, o mesmo defeito.

Occorre aqui naturalmente uma reflexão: se nos filosofos se não encontra fundamento para a moral, apesar das suas investigaçoens filosoficas, o politheismo nunca a procurou, nem fez por achar uma verdadeira ou falsa: é verdade que os pagãos, divinisando os vicios, divinisaram tambem as virtudes, mas em parte nenhuma se lê que fizessem dellas regras ou compendios de moral. Os sacerdotes pagãos nem ensinavam, nem moralisavam o povo: e, na verdade, em parte nenhuma se vê que prégassem nos templos, ou que ensinassem uma doutrina, que servisse de regra, ou de norma aos actos da vida; em parte nenhuma se vê que corrigissem o vicio, ou que inculcassem a virtude, ou que tivessem a seu cargo doutrinar e ensinar os homens. Quanto não estava alheia do seu ministerio a missão sublime de levar o conforto e a consolação aos desgraçados pela esperança d'uma melhor vida; arredar o homem do abismo do crime; chamar o vicioso ao caminho da virtude pelo temor do castigo, ou pela esperança do premio; dizer ao pobre, que se resignasse com a vontade de Deus, porque a paciencia nos trabalhos, e penalidades da vida era o sacrificio, mais acceite e agradavel a Deus; e dizer ao rico que temesse a sua prosperidade — que se Deus lhe deu a riquesa, não foi se não para fazer bom uso della, e emprega-la em obras de santificação, soccorrendo e alliviando as miserias e necessidades de seus irmãos, aliás se lhes converteriam n'um escolho fatal, desdouro e confusão eterna!

Se alguma moralidade havia inherente ao culto da deusa da justiça e da sabedoria, não era ella inteiramente destruida pelo culto dado ao vicio e ás mais torpes e infames divindades?

ANNUNCIAÇÃO.

Dum esset rex in accubitu suo, nardus mea dedit odorem suum.
CANT. 1, 11.

AVE, MARIA!

Desses mundos de luz, mansão do Eterno,
O anjo do Senhor desce a Maria;
Que um filho nutrirá no virgem seio,
O anjo lhe annuncia.

E a casta pomba de innocencia, humilde,
« Eu sou — lhe diz — a escrava do Senhor!
« Se é vontade de Deus, que eu seja feita
« A Mãe do Redemptor! »

E o Espirito divino esposa a Virgem
Eleita pelo Pae Celestial;
E o Verbo desce envolto em nuvens d'anjos
Ao seio virginal.

Oh templo do meu Deus! altar sagrado
Onde o manso cordeiro vem do ceu
Cumprir o sacrificio pelos homens,
Que Lucifer perdeu!

Quem póde a Vós erguer os olhos d'alma
Que não sinta curvar-se o joelho ao chão?
Quem póde, que não deixe orar os labios
Fervorosa oração?

Orar a Vós, oh Anjo do resgate,
Santa Imagem d'amor e Redempção!
A vós « cheia de graça » nosso abrigo
Nos trances d'afflicção!

A Vós, que desde o cahos desenhada
Na mente do meu Deus vivieis já!...
Se « o Senhor é comvosco » o anjo disse,
O homem que dira!?

« Bemdita entre as mulheres » sêde amparo
Dos cegos pelas nevoas da paixão;
Vertei-lhe a luz do céu no entendimento...
Fallai-lhe ao coração!

« Bemdito seja o fructo » dos remidos
Que allivio a tantos é na sua dôr!
Por elle o pranto em gosos se transforma
No maior peccador!

Oh Mãe de Jesus Christo! a Vós ajoelho,
A Vós me entrego, vosso escravo sou;
Nas trevas vos pedi a luz das crenças,
E um astro fulgurou!

Deixai descer seus raios luminosos
Nesta senda feliz da minha fé...
Ai da vida sem luz! — depois a morte
Que terrivel não é!...

25 de Março. *Camillo Castello-Branco.*

DEUS.

Benedictus Dominus, Deus Israel.
Ps.

Sentado sobre o cimo da montanha,
Em extasis de amor, lá junto aos céus,
No rouco trovejar da tempestade
Eu ouço-te, ó meu Deus!

Escuto a tua voz meiga e piedosa
Na branda aspiração do fim do dia;
E no limpido arroyo que saltita
Com múrmura harmonia!

No manto recamado com que adornas
O campo, onde a sorrir passeia a lua;
No prado, que tapisam lindas flores,
Eu vejo a imagem tua!

No rijo embate de espumantes vagas,
Que anciosas luctam n'um cruel gemer;
No medonho estampido da procella
Adoro o teu poder!

Eu ouço os hymnos teus no som cadente
Da fonte, que borbulha entre o rosal,
Casando-se aos gorgeios da avesinha
No canto matinal!

Todos... todos te louvam, e bemdizem
Em canticos, a terra, o mar e os céus!
E d'alma e coração, bem mais que o mundo,
Eu amo-te, ó meu Deus!...

22 de Março de 1852.
A. P. Soromenho.

ORAÇÃO Á MÃE DE DEUS.

Rosa, na terra plantada,
Entre espinhos e abrolhos,
Volve a mim dessa morada,
Onde fôste arrebatada
Os teus compassivos olhos!

Vê, Senhora, que eu hei posto
Só em ti a minha esp'rança:
Se de mim foge o teu rosto,
Eu não fujo ao meu desgosto,
Que bem rapido me alcança.

Invoquei-te na tristesa
Do meu tão penoso exilio;
Dentro em mim senti accesa
Uma luz, cuja vivesa
Era a fé no teu auxilio.

Desde então, mal sinto as dôres
De quem fui escravo já...
Busco os dons animadores,
Mando ao céu os meus clamores,
E o céu graças me dá.

Mãe dos orfãos desvalidos
A ti devo quanto alcanço;
Mudos foram meus gemidos. . .
São meus dias succedidos
Nas doçuras do descanço.

Mas se o teu divino amparo
Me abandona um só instante,
E' então que em mim reparo,
E as fraquesas só deparo
Do peccado triunfante.

Um momento nesta vida
Não me deixe o teu amor!
Faz do fraco um homem forte,
E por mim pede na morte
Na presença do Senhor!

24 de Março. *Camillo Castello-Branco.*

ANNO CHRISTÃO.

MARÇO.

21 *Domingo 4.º da Quaresma.* S. Bento nasceu em Nursia no reino de Napoles no anno 480. Mandado por seus nobres e opulentos paes para Roma a fim de cursar os estudos, em breve se desenganou das vaidades do mundo, e, *scientemente nescio e sabiamente indocto*, como eloquentemente diz S. Gregorio Magno, se retirou para o Sublaco, onde viveu por alguns annos em todos os exercicios da piedade. Já a fama de sua santidade desde aquelles escondrijos chegava bem longe, e muitos paes lhe levavam seus filhos para serem educados em sua escóla; porém, para prova de que no meio da seára de Christo ha-de apparecer sempre algum joio, chegaram a propinar-lhe veneno, sem outro motivo mais do que o enfado de suas reprehensoens, que deviam ser bem moderadas e caridosas! Passando d'aqui para o Monte Cassino, fundou o mosteiro de S. João Baptista, e escreveu essa famosa Regra monastica que tão acceite foi em todo o occidente, e em que parece se encerrava o remedio, que a Providencia põe sempre ao lado das calamidades, que permitte á Egreja. Com effeito, o barbarismo foi uma consequencia immediata da invasão dos povos do norte; e dos mosteiros benedictinos, que, principalmente em a nossa peninsula, logo se estabeleceram em grande numero e atravessaram, respeitados, por entre todas as vicissitudes, bem variadas, até 1834, sempre se derramava alguma luz; e na cópia dos preciosos manuscriptos, em que a mesma Regra mandava se empregassem os monges debeis, se conservaram esses bem talhados moldes, sem os quaes a litteratura moderna, em sua creação, luctaria com o *nada*, porque apenas saberia que existira uma Athenas e uma Roma sabia. Tornando ao patriarcha S. Bento, *era*, como diz S. Gregorio, *de um aspecto bondoso, ornado de costumes angelicos, e tanto havia crescido nelle a virtude divina, que, posto na terra, já parecia que habitava nos céus.* Predicto o dia de sua morte, mandou que o conduzissem ao Oratorio, e recebendo o Sagrado Viatico, expirou nos braços de seus discipulos pelo anno de 543.

22. *Segunda feira.* S. Emygdio, filho de paes idolatras, nasceu em Treveris, e, contra todos os planos de familia, abraçou a fé catholica. Passando a Roma, fez alli tão espantosos prodigios, principalmente na cura de enfermidades desesperadas, que o quizeram entre ovaçoens acclamar filho de Esculapio; porém, confessando elle que os milagres que fazia eram em nome de Jesus Christo, foram innumeraveis as conversoens, até mesmo dos sacerdotes de Esculapio. Ordenado bispo pelo papa S. Marcello, foi mandado para Asculo, e continuando a exercer ahi a sua virtude thaumaturga, foi em vão tentado pelas mais seductoras promessas pelo presidente Polimnio para que venerasse a Jupiter e á deusa Angaria patrona da cidade, promettendo-lhe até em casamento sua filha Polisia: elle a tudo resistiu, e convertendo esta filha do presidente, e depois della 1,600 homens, os baptisou com agua que começou a manar de um rochedo. Irado o presidente, lhe cortou a cabeça; e levantando-se o tronco de seu corpo, pegou na cabeça e a levou d'alli ao oratorio a distancia de trezentos passos com assombro e conversão de muitos. Tiveram logar estes prodigios no decurso da persegnição de Diocleciano pelos fins do 3.º seculo.

23. *Terça feira.* S. Felix e seus companheiros, que foram, além delle, vinte soldados de Christo, que padeceram glorioso martyrio na Africa.

24. *Quarta feira.* Instituição do SS. Sacramento. No pontificado de Urbano IV, pelo anno de 1264, foi decretada esta festividade commemorativa da immerecida finesa do amor de Jesus Christo para com os homens, entre os quaes quiz ficar tão real e verdadeiramente como está nos céus, para lhes servir de alimento espiritual.

25. *Quinta feira.* Annunciação de Nossa Senhora. Já no tempo de S. Agostinho, que morreu em 430, se festejava na egreja este dia como dois eloquentes sermoens seus deixam vêr. Marca este dia uma época bem feliz para os homens! O Archanjo já annunciou á Virgem immaculada que era ella a privilegiada creatura que Deus destinára para sua Mãe! Em seu casto seio se humana o Deus Eterno para ser victima condigna que se sacrificasse e resgatasse os homens, a quem o peccado de Adão havia privado dessa rica herança de gráças em que elle fôra creado! Alegremos-nos pois neste dia em que tem logar o primeiro dos mysterios da nossa redempção, mas procuremos por nossas obras que ella nos aproveite, e para isso imploremos a valiosa protecção daquella que, sendo Mãe de Deus, se compraz em que a chamemos Mãe dos peccadores.

26. *Sexta feira.* S. Ludgero, que na qualidade de bispo Monasteriense foi o apostolo evangelisador dos Saxoens, depois de uma vida toda empregada nos trabalhos do seu ministerio, foi gosar o eterno descanço.

27. *Sabbado.* S. Roberto, bispo de Salisburgo, depois de haver maravilhosamente propagado o Evangelho entre os povos Bavaros e Noricos, foi receber no *céu o centuplo* promettido áquelles que deixam tudo pelo serviço de Deus.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — *Roma.* — O Collegio da Propagação em Roma celebrou a solemnidade da Epifania no dia 6 com as observaçoens religiosas do estillo, e no dia 11 e 12 com sessoens publicas academicas, como é de costume todos os annos. Monsenhor Alexandre Tache, bispo de Arata *in partibus infidelium*, presidiu, e leram-se, em differentes linguas, 49 composiçoens litterarias, tanto em prosa como em verso. Nas linguas asiaticas leu-se uma peça de poesia hebraica; outra lyrica, no rhythmo de S. Diogo; uma ecloga em chaldeu classico; um cantico em armenio classico; um soneto em armenio vulgar; versos arabios; versos em chaldeu vulgar, segundo o rhythmo de Santo Ephrem; um fragmento em chinez classico; versos georginos e hindostanezes; um soneto turco; discursos em circassiano, birman e persa; um dialogo kurdo; outro em lingua de Bengala; e uma peça chingalá. Entre as linguas europeas houve o grego moderno, o illyrio, celtico, irlandez, noruego, sueco, russo, albanez, hungaro, orhecio e wallachio. As linguas africanas comprehenderam producçoens em lingua coptica, tanto de Memfis como de Thebas, Angolana, ethiopia, amarica e conga.

ERRATA CONSIDERAVEL.

No artigo Tradição do numero anterior — col. 1.ª periodo 5.º — lea-se:

« Com quanto os farizeus adulterassem a palavra tradicional, e por isso merecessem as reprehensoens de Christo, a nação judaica considerou-a sempre o mais fecundo manancial da verdade religioza. »

ADVERTENCIA.

Aquelles senhores, cujas assignaturas acabam com o n.º 13, 1.º trimestre, queiram ter a bondade de as renovar, por que do contrario, fica suspensa a remessa, assim como áquelles que não teem pago; porque não se póde prescindir da condição de ser a subscripção paga adiantada. A quem faltar algum numero queira reclama-lo em carta, franca de porte, á administração do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 24, que lhe será remettido.

O 1.º numero da bibliotheca do *Christianismo* que contem a — Vida d'Anna Maria Taigi — acha-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do *Christianismo* rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.º 82 a 84; e em caza dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios pontos do reino.

ABRIL 5. 1852. — N.º 14.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

A QUARESMA.

Quando a sociedade começa a saciar-se dos prazeres ruidosos, vãos, e estereis, que a agitaram, sem a satisfazer, nas longas noites dos frios mezes do inverno, apparece então como um ultimo clarão a loucura do carnaval com as suas mascaras, bailes e puerilidades de todo o genero. Esta reprodução das saturnaes que a Egreja tolerava, moderando-a, e somente por condescendencia com a fraca natureza humana, tem sido levada ao apogeo da estravagancia e da exageração pelos nossos pseudo-cultores da razão, que na antiguidade só escolhem o mau. A Egreja chorando sempre os excessos dos *tristes humanos* acorda-os do torpor em que sam lançados pela saciedade, clamando-lhes: « *Lembra-te homem que és pó e que em pó te converterás.* » Este brado saudavel da Egreja é o balsamo que applica como mãe carinhosa á alienação mental que se apodera das cabeças dos tristes filhos de Eva.

Abre-se pois uma nova era aos homens para a expiação. Quarta feira de cinza é o liminar da Quaresma Santa em que o jejum e as oraçoens, o retiro e a mortificação, devem concorrer para a reparação de tempos de dissipação e esquecimento dos nossos deveres. N'esta epoca, em que a Egreja nos está derramando de todos os seus mananciaes torrentes de luz e consolação, se permanecemos em nossa culposa ignorancia assentados á sombra da morte, é porque temos olhos e não queremos ver, ouvidos e não queremos ouvir.

Todas as egrejas, abertas de par em par, nos chamam ao seu recinto; numerosas luzes ardem nos altares, e como que nos allumiam a alma; nuvens d'incenso sobem aos ares depois de nos transportarem os sentidos; e os ministros d'um Deus mizericordioso fazem retumbar as abobadas sagradas com palavras de perdão que convidam os peccadores ao arrependimento de suas faltas, a reformarem os seus costumes e a conformarem as suas acçoens com os suaves preceitos do Evangelho. Tudo alli inspira ao homem sentimentos elevados e grandiosos, e o transporta ao seio do Eterno.

Na quadra das loucuras, quem é que mais ou menos deixou de roçar os labios nos prazeres do mundo? Agora, pois, que estamos em tempo de penitencia e de oração, penetremos nos templos do Deus vivo, attrahidos da belleza que os adorna; inspiremo-nos da poesia sagrada que respiram; e n'essa luz mortiça que n'elles reina meditemos profundamente sobre o nada das coisas humanas; deixemos os prazeres terrenos e passageiros para nos elevarmos aos gosos celestiaes dos anjos, que vivem no seio de Deus; percorramos com os ministros do altar esses espaços immensos; que a sua poderosa voz transpoem rapidamente; curvemo-nos ante os dictames da verdade, que lhes manam dos labios, e vejamos como é suave o jugo do Senhor, e quam pouco se nos exige para sermos felizes n'este mundo e no outro.

Alli, no centro d'essa egreja, não chegam a perturbar-nos as vozes ruidosas e profanas do mundo. Os canticos sagrados affastam esses eccos para bem longe. O sacerdote, na cadeira da verdade, é um pae entre seus filhos, e todos nós formamos uma só familia de irmãos. E quando, preparados pelo jejum e pela oração, não podemos deixar de receber a semente das boas doctrinas que nos esparge na alma, aonde bom grão por certo ha-de fructificar. O sacerdote dispoem de objectos grandiosos durante esse tempo sagrado. E como poderá deixar de remontar-se a espaços tão sublimes que a eloquencia humana só pôde admirar de bem longe? O sacerdote vê o infinito no espaço, e a eternidade no tempo, e sam seus quadros a terra e os mares, o inferno e o céu, o arrependimento e a penitencia, a misericordia e a virtude, a vida e a morte! As suas inspiraçoens sam as dos antigos profetas; e para consolar os homens tem o balsamo do Evangelho. A sua voz sonora e vibrante descreve o magestoso poder de Jehovah dictando as suas leis no Sinae entre relampagos e raios! Ao mesmo tempo muda de tom, e com meiga e suave intonação, mostra-nos a tocante mansidão de Jesus abençoando as criancinhas! Variando constantemente segundo os objectos, que pertende pintar-nos com cores vivas e palpaveis ou offerecer-nos, como modêlos, falla-nos de Agar no deserto, d'Isaac conduzido por Abrahão ao sacrificio, de José vendido por seus irmãos, de Tobias viajando com o anjo, dos Machabeus defendendo a patria, dos crimes de David, da sua amarga penitencia, e d'esses canticos sublimes e sem rival no decurso dos tempos, da Virgem e do seu divino filho consolando os afflictos, curando os enfermos do corpo e da alma, resuscitando os mortos da sua corrupção; representa-nos o povo attento ás parabolas que lhes conta o Salvador, e banhado em lagrimas quando ouve a do filho prodigo

E será possivel que alli se encontre algum dos ouvintes com a alma tão de pedra que se não commova com estas scenas tão patheticas, variadas e instructivas?

A palavra dos ministros do Senhor não deixa de se ouvir, explicando o Evangelho em toda a quaresma nas cidades e nas aldêas, tanto nas vastas cathedraes como nas humildes capellas.

O tribunal divino está permanente e accessivel a todos aquelles que careçam do perdão de Deus. Este juiz é tão benigno que só nos exige que o amemos sobre todas as coisas, e que tambem amemos o nosso proximo.

A Egreja, durante a quaresma, usa de cores escuras, e os seus altares estam despidos de flores. Os crucefixos e as imagens dos santos cobrem-se com véus; e, quando termina a predica da tarde, sahe o Santo-Ciborio do tabernaculo para abençoar os fieis ajoelhados. Os canticos de alegria sam substituidos pelos psalmos penitenciaes, e a maior parte dos christãos jejuam; muitos maceram-se e até alguns se abstem dos prazeres mais licitos, por quererem acompanhar a Jesus na sua paixão, do modo que é dado faze-lo a homens frageis como o barro de que sam formados.

A quaresma é a commemoração do jejum de Nosso Senhor Jesus Christo, quando permaneceu quarenta dias no deserto. O justo não tinha peccado, e não carecia de

fazer penitencia; como porem tinha vindo para ensinar os homens a mortificar-se, queria que cada uma de suas acçoens fosse um modelo para ser imitado, e um exemplo para ser seguido. A solidão, o retiro, o silencio, a temperança e a sobriedade eram coisas dignas de se ensinarem aos homens. No bulicio e nas agitaçoens da sociedade ha pouco tempo para pensamentos graves e piedosos. Ninguem dirá que a solidão e o silencio se assemelham á morte; porque é então que mais vive o espirito. Quando no silencio da noite contemplamos um formoso céu scintillante d'estrellas, quando gozamos do socego que a noite e o somno espargiram pela cidade, a nossa alma sentimo-la já solta de muitos laços que a prendem aos interesses do mundo! No deserto é mais do que isso ainda, porque os murmurios que se ouvem sam formados pelo vento que geme na folhagem dos bosques, pela torrente que se despenha ao longe. Estes sons misteriosos elevam-nos mais ao creador do que os agudos sons do apito que transformam o passo cadente das patrulhas em agitadas corridas, para evitar algum attentado contra aquelles que muitas vezes dormem o somno precursor da eternidade. A solidão tem imagens para tudo. O brando gemer do vento por entre os ramos das arvores parece-nos o som da voz dos amigos, que nos precederam nos gozos da ventura celestial, que nos lastimam por ainda nos demorarmos tanto n'este valle de lagrimas.

O ruido da torrente faz lembrar a vida que se escoa como as aguas, e que mais não torna a traz! Todos deverão reconhecer quanto é boa e salutar a tregua que nos propoem a quaresma á cerca dos negocios da vida. Com effeito ninguem dirá que no meio dos banquetes, e no delirio dos bailes, possam nascer as grandes idêas quer divinas quer humanas.

Alem de que, se o tumulto ruidoso do mundo, que não deixa de ter seus incantos, nos atordoa e faz esquecer momentaneamente das nossas penas, é sómente o retiro que nos dá doce paz, e que nos inspira um santo enthusiasmo. O primeiro embriaga, o segundo eleva-nos muito acima da nossa esfera.

E de mais d'isso a quaresma é tambem uma preparação para se chegar á semana das dores do filho de Deus; e para bem celebrar a paschoa cumpre estar puro, e como o viajante estar bem preparado para partir. Em todo este tempo aprendemos que a morte folga de surprehender os homens no meio dos festins, e que como o ladrão se introduz surrateiramente para ferir as cabeças coroadas de brilhantes.

A religião chama-nos sem cessar para que nos aproveitemos em quanto é tempo.

Este mundo não é mais para nós do que uma passagem transitoria, que o viajante christão deve considerar como o alvergue, onde se pernoita somente, ou como a tenda que de noite se arma e que no dia seguinte se levanta e enrola. Não devemos parar antes de chegarmos á casa de nosso pae. E nosso pae está no ceu! Esta é e deve ser a nossa linguagem diaria, e durante a quaresma ouvirmo-la e meditarmo-la a todos os momentos.

Se o racionalismo filosofico chegasse a dar á sociedade os costumes que devaneia em seus sonhos de perfectibilidade progressiva, os dias, os mezes e os annos seriam similhantes e monotonos, despir-se-hiam da variedade que a religião lhes dá. Não haveria festas alegres, nem solemnidades luctuosas. Seriam bem á maneira d'uma planicie immensa, arida e calva, sem effeitos do sol e da sombra. A religião conhece melhor o que convem aos homens, dotados de natureza leviana e inconstante, porisso espalhou a variedade pelo anno. Em todos os mezes festas alegres, e apenas quarenta dias para chorar, e para a penitencia.

Provida religião! como póde haver quem te desconheça e te queira banir d'entre nós, que tanto carecemos dos teus confortos na adversidade, e das tuas bençãos e cantares quando somos felizes!

Meu Deus perdoae a esses insensatos que não sabem o que fazem! Permitti que sejam attrahidos aos vossos templos pelos perfumes do incenso e das flores, pelos sons magos das harmonias da muzica, e pela voz illustrada e poderoza de vossos ministros, pelas pompas magestosas do culto catholico, e pela voz da consciencia; e que não saiam d'elles sem ter abjurado a sua descuidosa indifferença, o seu orgulho revoltado; porque não podemos accreditar que possa haver atheus! *Mendoça e Mello.*

SEMANA SANTA.

Aproxima-se a nós uma semana cheia de divinos mysterios, e das mais ternas recordaçoens; cada um dos hymnos, que a Egreja recita na liturgia destes dias consagrados ao luto e á dôr; cada uma das suas ceremonias encerram a mais sublime poesia, e seriam capazes de commover o coração mais frio e insensivel, se uma espantosa indifferença para todos os objectos religiosos não fosse o caracter distinctivo de um seculo, que é o descredito da humanidade, ao qual por escarneo se dá o nome de seculo das luzes, e que, em quanto não fôr riscado da serie dos tempos, tem na ordem dos seculos o numero 19.

Muitas vezes sentimos o coração comprimido com o peso da magoa, quando vemos uma cohorte de mancebos de todas as classes da sociedade, aspirantes a honras de litteratos entrarem em nossos templos na occasião, em que se celebram os divinos mysterios, movidos mais por curiosidade, do que por devoção, e tornarem a retirar-se sem ao menos colherem o fructo da mesma curiosidade, que encaminhou seus passos para as portas do santuario.

Queriamos de um obscuro e desconhecido canto, em que nos achamos escondidos, erguer um forte brado, e dizer-lhes com uma voz firme e persuasiva: « Se o gosto, que affectaes pelo bello e sublime ainda não está de todo depravado, voltae atraz, prestae por um só momento attenção a cada uma das ceremonias, com que a Egreja perpetúa a memoria da victoria alcançada sobre as montanhas do Golgota; lêde uma só pagina dos nossos Homeros sagrados, que cantaram com elegantes versos a liberdade do genero humano. » Mas receamos que a nossa voz não chegasse aos seus ouvidos, e que nem ao menos se dignassem voltar os olhos para quem lhes fizesse um tão desusado convite.

Desejavamos anciosamente descobrir o segredo de desenvolver um magnetismo religioso, e pôr em perfeita harmonia comnosco aquelles, que talvez porque *viram a luz* de alguma aurora boreal perderam toda a virtude magnetica; queriamos possuir a arte de copiar fielmente no papel, e trasladar dahi para os seus coraçoens os sentimentos, que nos animam, e depois de os ter disposto desta maneira, recommendar-lhes a leitura d'uma só strophe do hymno *Pange lingua*; não vale um só dos seus versos mais do que cem paginas escriptas por qualquer dos mais abalisados romancistas modernos? e como é possivel que sendo estes vossos companheiros inseparaveis, que só os largueis das mãos quando vos dispondes para dar aos sentidos o indispensavel e necessario descanço; que torneis a repetir a sua leitura, logo que a primeira luz do dia vos convida a entregar-vos de novo ao goso dos objectos que nos offerece diante do orgão da vista; que no passeio, na mesa, e até no banho sejam o vosso mais aprasivel recreio, e nem ao menos tenhaes conhecimento de que possuimos uma poesia tão rica de sublimes inspiraçoens?

Dizia um inglez, que viajou, e esteve entre nós em 1824, que se voltasse para a Inglaterra, e contasse lá aos seus patricios, que tinha estado em Portugal, e tinha despresado a occasião de vêr o convento da Batalha, era logo conduzido, e recolhido em algum hospital de doidos; e que diremos daquelles que nos apuram a paciencia impingindo-nos contra o nosso gosto paginas inteiras do *Judeu Errante*, e desconhecem inteiramente, talvez por estar escripto em rançoso latim, um poema, que encerra tantas, e tão variadas bellezas? não mereceriam com razão hir habitar um quarto no hospital de S. José?

Na opinião de um sabio, e desinteressado critico allemão, uma só estancia dos Lusiadas bastaria para grangear ao seu auctor um nome eterno. A estancia CXX do canto III que principia

Estavas linda Ignez posta em socego
. . . . . .
Aos montes ensinando e ás ervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

que era objecto de admiração deste sabio, o

Te dulcis conjux
. . . . . .
Te veniente die
Te desinente canebat.

que elle reputava de um merecimento inferior aos versos citados do nosso insigne Camoens não abundam mais em bellezas poeticas, do que qualquer strophe do hymno — *Pange lingua* e do *Lustris sex qui jam peractis*, que é continuação do mesmo hymno o

Crux fidelis inter omnes
Arbor una nobilis:
Nulla silva talem profert
Fronde, flore germine
Dulce lignum, dulces clavos
Dulce pondus sustinet.

A seguinte strophe do mesmo hymno que principia pelo verso

Flecte ramos arbor alta

não póde ser excedido, e só egualado, pelos versos

Arbor decora et fulgida
O Crux ave spes unica.

Desejavamos ardentemente saber interpretar fiel e dignamente os sublimes conceitos que encerram cada uma destas composiçoens maravilhosas, ás quaes se póde applicar com muita propriedade o epitheto de divinas; e se nós, quando vemos alguns objectos, que pelas suas perfeiçoens excedem tudo aquillo, a que chegam ordinariamente as mãos dos homens, costumamos manifestar a nossa surpreza e admiração, dizendo, que só por mãos angelicas podiam ser acabados, quem nos poderá estranhar que asseveremos que o auctor desta breve, mas bella Epopea sagrada estava abrazado por um estro todo divino?

Todo o genero humano, dizia S. Paulo na 1.ª carta aos fieis da egreja de Corinto, tinha morrido em Adão, todo o genero humano recuperou a vida por Jesus-Christo; *sicut in Adam omnes moriuntur, ita in Christo omnes vivificabuntur*, e na carta aos Gálatas accrescenta que Jesus-Christo se fez objecto de maldição, para resgatar aquelles, que gemiam debaixo da maldição da lei *Christus nos redemit de maledicto legis, factus pro nobis maledictus*. O fructo de uma arvore tinha sido causa da nossa perdição, o fructo de outra arvore é o preço da nossa redempção. Este objecto, que já foi cantado em elegantes versos pelo auctor do Paraizo perdido, e que foi desenvolvido com a sua costumada eloquencia por S. João Chrisostomo, é tratado nos dois mencionados hymnos de um modo admiravel.

O auctor não invoca alguma fabulosa divindade para lhe dar um *som alto e sublimado*; *uma furia grande e sonorosa* como é velho estylo entre os poetas profanos; mas dirigindo o discurso a si mesmo, principia deste modo: canta ó lingua a gloriosa peleja, e diz-me modo como o Redemptor do mundo conseguiu o triunfo s re o trofeu da cruz

Pange lingua gloriosa.

Condoendo-se do crime de nosso primeiro pae, na mesma occasião, em que incorreu na pena de morte por ter comido do fatal pomo, então destinou a arvore para remediar os males causados por outra arvore.

De parentis protoplasti.

A ordem da nossa salvação pedia, que a arte tirasse o remedio daquillo mesmo que o inimigo se serviu para causar o damno.

Hoc opus nostræ salus.

Quando foi chegada a plenitude dos tempos o Verbo por quem foi creado o mundo é mandado da morada de seu pae, e nasceu tendo encarnado em um ventre virginal.

Quando venit ergo sacri.

Foram ouvidos seus vagidos entre as estreitas paredes de um presepio; a Virgem envolve seus membros em pannos, e cinge as mãos, os pés, e as pernas com uma estreita faxa.

Vagit infans inter areta.

No fim de 6 lustros completos o Cordeiro é elevado sobre a arvore da Cruz, para ser sacrificado, tendo-se offerecido voluntariamente para isso.

Lustris sex qui jam peractis.

Aqui o vinagre e o fel é applicado aos seus labios; aqui não faltam os cravos, a esponja, a lança; do lado da innocente victima corre sangue e agua, com que são lavados os crimes de todo o mundo.

Hic acetum, fel, arundo.

O' Cruz, arvore nobre entre todas; nenhum bosque produziu outra egual na folha, na flôr, e no fructo, e sustentar um doce peso pregado com agudos cravos.

Crux fidelis inter omnes.

Verga os teus ramos, depoem a natural firmeza, para que te prestes a tocar o Corpo do Rei supremo.

Flecte ramos arbor alta.

Só tu foste digna de produzir o preço do resgate do mundo, e abrir um porto seguro ao mundo que tinha naufragado; tu mereceste ser regada com o sangue do Cordeiro.

Sola digna tu fuisti.

Falta-nos o tempo, mas não a vontade de fazer uma descripção circunstanciada das ceremonias, que a egreja emprega nesta semana com o fim de perpetuar a memoria do beneficio da redempção; mas assim mesmo não deixaremos de lembrar as do sabbado santo, e com particular especialidade as mysteriosas palavras do *preconio*. *O inæstimabilis dilectio charitatis, ut servum redimeres. Filium tradidisti! O certe necessarium Adæ peccatum, quod Christi morte delectum est! O felix culpa, quæ talem ac tantum meruit habere Redemptorem*; sejam ellas objecto de uma breve e curta reflexão, e encontrareis thesouros de infinito valor, que não apparecem á primeira vista.

B. V. de S.

AS 7 DORES DE MARIA SANTISSIMA.

I.

PROFECIA DE SIMEÃO.

Eis-aqui este menino que será o alvo da contradicção; e tua alma será atravessada pela espada da dôr.

S. Luc. C. 2. V. 34 e 35.

Prodigio de martyrio, anjo d'angustias,
Maria!... eu vou na harpa da tristesa
Consagrar-vos um hymno em som de dôr.
Deixai que esta alma desça á profundesa
Das suas afflicçoens, já que não póde
A' vossa angustia immensa dar valor!

Vós ereis Mãi d'um filho estremecido,
Não tinheis outro, nem mais bello o havia,
Nem um anjo do céu valêra mais!
Bastava serdes mãi! Quanto seria
Amargo para vós, se vos dissessem:
« Para a morte da cruz é que o creaes! »

Curvarieis, Senhora, o joelho humilde,
E, para o céu erguendo o filho amado,
Dirieis: « Oh meu Deus! guardai-mo vós!
« Levai-m'o antes do dia assignalado.
« Em que deve soffrer meu caro filho,
« Nos braços d'uma cruz, flagello atroz! »

Dos homens o mais duro em piedade
Qual póde, sem pesar, vêr a agonia,
Que rala o coração de terna mãe! . . .
De mãe, que para a morte um filho cria,
E não póde comprar com sua vida
A vida do infeliz, que ao seio tem! . . .

Era a Mãe de Jesus, que ao virgem seio
Seu filho acarinhava. . . Era Maria,
A serva do Senhor, que balbucia,
Em delirios d'amor, preces a Deus!
Era o anjo da terra immaculado,
E thesouro da graça restaurado,
O astro redemptor predestinado,
Era a Mãi de Jesus, filha dos Céus!

A consagrar Jesus ao Deus de Sara,
Maria, com seu Filho, entrou no templo:
Do mundo o Creador quiz ser o exemplo
De humilde sujeição á antiga Lei!
No altar, aonde a lampada fulgura,
Vae a Virgem depôr a offrenda pura,
Dois pombinhos, imagem da candura,
Vassalagem d'amor, que presta um Rei!

O justo Simeão entra no templo,
E, subito, a Maria se encaminha:
Em seus braços recebe a creancinha,
E dobrando o joelho assim fallou:
« E' este o Salvador! a luz formosa
« Das escuras naçoens! . . . Hora ditosa,
« Em que vi o Senhor! . . . Que venturosa
« Minha morte não é! . . . Em paz eu vou! »

Extaticos, José e a esposa amada
Escutavam tão leda profecia. . .
Mas bem rapido o enlevo d'alegria
Converte-se em terror no coração!
Do velho pelas faces respeitosas
As lagrimas desciam copiosas,
Quando estas palavras pavorosas
Profere, em voz pungente, o ancião:

« Mãi! Que immensa dôr teu Filho espera!
« Os homens cravarão agudo espinho
« De atroz ingratidão em seu caminho
« Na terra, que persegue o seu Creador!
« Ai de ti, Mãi sósinha e desgraçada!
« Verás do Filho a face ensanguentada,
« E o gume sentirás d'aguda espada
« Varar-te o coração, morto de dôr! »

Maria! não são homens, que se elevam
Deste mundo a julgar vosso martyrio!
Dos homens as paixoens são um delirio
Momentaneo, fugaz. . . angustias — não!
Dizei, vós, se podeis, mães carinhosas,
Que lagrimas amargas, tormentosas,
Chorou a Mãe das mães mais extremosas
Ao vêr prescripta ao Filho a perdição!

. . . . . .

II.

FUGIDA PARA O EGYPTO.

Minha vida inteira se passou na dôr e nos gemidos: meus tormentos tive-os sempre diante de meus olhos.
Ps. XXX, 2 e XXXVII, 18.

Nas plagas desertas da Arabia inclemente,
Na aurora da vida, uma virgem mimosa
Mendiga um refugio em terra piedosa,
Que ampare a existencia do filho innocente.

Em quanto Maria á dôr que a trespassa
Cedendo, consolo não tem na afflicção,
José, seu esposo, mendiga ao que passa,
Nos trances da fome uma esmola de pão!

Nos sêrros gelados, por noites de inverno,
Maria seus membros cansados pousava.
Seu peito era o berço do Filho do Eterno,
Ao som de seus prantos Jesus dormitava.

Nos sonhos da Virgem o ferro, tingido
De sangue innocente, sinistro luzia;
De mil creancinhas pungente gemido,
Nas vascas da morte, acordava Maria!

« Meu Filho! meu Filho! » soltava-lhe o peito
O grito materno, que chega até Deus!
« Que vás ao Egypto, do Eterno é preceito »
Dizia-lhe um anjo descido dos céus.

No centro das pompas da terra do Egypto
Maria, na angustia de immensa pobresa,
Lá vai mendigar, pois assim fôra escripto,
A's portas do rico as migalhas da mesa!

Migalhas da mesa. . . uma esmola pedida
A's portas dos homens com tanta humildade! . . .
Quem pede essa esmola o auctor é da vida!
O Rei do Universo a pedir caridade! . . .

O amargo sustento da Virgem Maria,
Durante sete annos d'acerba afflicção,
Abunda no pranto, que verte a agonia,
Lembrando as palavras daquelle ancião.

Que importa a pobresa? não tem ella um Filho?
Nas trevas da vida o amor não é luz?
Maria! não chores! . . . eterno é seu brilho,
E' astro perpetuo nos braços da cruz!

III.

DESAPPARECIMENTO DE JESUS NO TEMPLO.

Vistes o querido de minha alma? Perdido meu filho. . . onde irei eu!?. . .
Cantares III e Ruben.

De David os sanctos hymnos,
Que magestade não tem!
Que delicia é ir ao templo
Da santa Jerusalem!

Como é terno, ao som dos psalmos,
O fervor d'uma oração!
E enviar ao céu, no incenso,
Uma sancta aspiração!

O cadente som das harpas,
Que Sião aos céus envia,
Prende os anjos com os homens
Pela mystica harmonia.

Desce o anjo ao som do hymno
Busca o homem na afflicção,
E murmura-lhe na alma
Palavras de contrição.

O amor nasce-lhe ardente
D'entre os gelos da apathia;
Densa nevoa da tristesa
Foge aos raios da alegria!

Dorídos lances da vida,
Profundos golpes da dôr,
Grata esp'rança os suavisa
Com o balsamo do amor!

De David os sanctos hymnos
Que magestade não tem!
Que delicia é ir ao templo
Da sancta Jerusalem!

Com seu Filho e seu Esposo
No templo estava Maria.
O seu cantico inspirado
Era aos céus arrebatado
Pelos anjos da harmonia.

« Minha alma exalta e louva o meu Senhor!
« Meu espirito exulta
« No meu Deus, meu Salvador!

« Desta escrava a humildade o Eterno viu
« E de bençãos e venturas,
« Deus potente, me cubriu.

« E, por tal, me julga o mundo a mais ditosa,
« Mas o Eterno é pai de quantos
« Temem sua mão poderosa.

« Em seus thronos os soberbos derrubou,
« E os humildes, com seu braço,
« Sobre os grandes exaltou.

« Rico fez o pobre, e o rico empobreceu;
« E Israel como seu filho,
« Compassivo, recebeu.

« As palavras que fallou a Abrahão,
« Hão-de ter divino ecco
« Na extrema geração. »

Calaram-se as harpas dos cantos divinos,
O ecco dos hymnos ao longe se esvae;
Mária, não vendo Jesus a seu lado
Do templo sagrado á pressa ella sahe.

Pergunta, anciosa, se viram seu filho
A quantos no trilho de Nazareth vão;
Ninguem lhe dá novas do filho sumido...
Talvez que, perdido, ficasse em Sião!...

Talvez que os parentes o templo deixassem,
Comsigo levassem Jesus, filho seu!..
A atroz incertesa cruel agonia
Da Virgem Maria no peito accendeu.

A esposa do Espirito em pranto banhada
Caminha apressada até Nazareth;
Na pobre choupana seu filho procura...
Que intensa amargura!... Jesus lá não é!

N'um trance tão negro a Virgem afflicta
Se julga maldita da Lei do Senhor;
Suppondo-se indina de ter em seu seio
Aquelle, que veio a ser Redemptor!

O ferro que a magoa no seio lhe enterra
Nas linguas da terra não tem expressão!
Que contem os anjos os tristes lamentos,
Os surdos tormentos do seu coração!

IV.

MARIA ENCONTRA JESUS NO CAMINHO DO SUPPLICIO.

Aonde ides, Virgem Sancta?
Ao Calvario!... Ah!... vêr
cravar n'um madeiro infame
aquelle que era a vossa existencia!...

S. Affonso de Ligorio — e
Deuter. XXVIII, 66.

Vem, discipulo amado!
Vem ao seio amargurado
Desta mãi do justiçado,
Um allivio vem trazer!
Toda a noite lagrimosa,
Ella espera-te anciosa...
Traz-lhe nova venturosa...
Diminue-lhe o padecer!
Diz-lhe que Jesus tem vida,
Que do céu lhe foi cedida,
E que, victima remida,
Não hirá na cruz morrer!

Nem uma esp'rança para a Mãe das Dôres!...
Jámais veria junto a si Jesus!
Não era della seu amado filho,
Era do mundo, no altar da cruz.

No lacerado coração da Virgem,
Do filho amado o derradeiro adeus
Vertêra a morte, a não descerem anjos
Manter-lhe a vida como um dom dos céus!

Que tristes novas vem trazer-lhe aquelles,
Que viram Christo condemnado á morte!
Fugiram todos ao furor das turbas...
Na hora extrema só Maria é forte!

Fugiram todos, e João, chorando,
Encontra a Virgem, que, no seu delirio
D'accesas ancias, corre apoz seu Filho,
Que vae de rastos ao cruel martyrio.

Segue os vestigios de Jesus, no sangue
Que tinge as ruas, onde o Justo passa!...
Em cada gota, um punhal de fogo
Da pobre Mãi o coração trespassa!

Pedindo á morte a robustez da vida,
Maria rompe a multidão intensa,
E os sons escuta da fatal trombeta,
Que diz ás turbas a feroz sentença.

Primeiro encontra o apparelho horrivel
Que vai seu filho suspender na cruz...
Depois... vergado sob um lenho enorme,
Vertendo sangue, deparou Jesus.

« Meu Filho!... » exclama a desvairada Virgem...
Corre a abraça-lo, mas em vão forceja!...
E', com despreso, repellida, e, a custo,
A Mãi consegue que seu Filho a veja.

Os olhos torvos de gelado sangue
Jesus fitou em sua Mãi; e a dôr,
Que, neste lance, lhe varou o peito,
Qual ella foi, sabei-la Vós, Senhor!

V.

A MORTE DE JESUS.

Em vão busquei ao redor de mim consolaçoens. Olhei, e nem uma só pessoa vi que me ajudasse a soffrer... Eu estava estreitamente abraçada com a cruz de meu filho...
REV. A S. BRIGIDA, E ISAIAS, LXIII.

Ao Golgotha subiu o condemnado!
Da tunica inconsutil despojado,
Provoca a irrisão!
Resôa a voseria imprecadora,
Referve irada a onda rugidora
Da fera multidão!

Sobre o lenho da cruz Jesus é posto...
Goteja-lhe da fronte o sangue ao rosto
Em serena agonia!
Rangem-lhe os ossos, quando atroz pancada
No cravo, sobre a mão ensanguentada,
As carnes lhe fendia.

Retumba o alarido! Ei-la suspensa
A cruz, imposta a Christo, em recompensa
Dos homens, que salvou!
MARIA! eis o teu caro filho exangue!
Vem lagrimas verter sobre este sangue
Que no teu circulou!

Vem, Senhora, saudar o moribundo!
Vem vêr que paga tem do ingrato mundo
Por quem morre na cruz!
Abre teu peito a esta dôr suprema,
O golpe desta dôr, talvez extrema,
Aos anjos te conduz!

Já viste, entre as rochas, n'um mar em tormenta,
Ludibrio das ondas, ao mastro abraçado,
Um filho, que implora soccorro das praias,
Soccorro aos seus trances crueis d'afogado?...

Já viste nas praias vagar delirante
A mãe desse filho, que, além, vê morrer...
Que pede, prostrada, que salvem seu filho...
E em vão, que não tem quem lhe possa valer?...

Julgai pela dôr dessa mãe carinhosa,
Que vira entre as vagas seu filho expirar,
A angustia da VIRGEM, que, ao pé de seu Filho,
Da morte affrontosa o não póde salvar!

Julgai pela dôr dessa mãe carinhosa,
Que dôr não seria a da Mãi de Jesus,
Ao vêr-se isolada no ermo da morte,
Cingindo em seus braços a hastea da cruz!

Julgai pela dôr dessa mãe carinhosa,
Que espada no peito da Virgem desceu,
Ao vêr que seu Filho, voltando-lhe a face,
Succumbe ás torturas, perdôa, e morreu!

VI.

JESUS GOLPEADO PELA LANÇA, E DESCIDO DA CRUZ.

Vós, que passaes, insensiveis, parai, e vêde se ha uma dôr igual á minha!

TREMEU a terra, e no seio
Fende-se o abysmo profundo!
Do templo rasga-se o véu...
Negro manto cobre o mundo!

Os mortos surgem das campas,
Os vivos vergam á dôr!
Os assassinos de Christo
Vagam hirtos de terror!

No pó se curva contricto
O cruel centurião...
Do fundo d'alma lhe estala
O seu grito de perdão!

Nas escarpas do Calvario
Mora o silencio da dôr...
A virgem não tem gemidos...
Suffocou-lh'os o terror!

Lá no intimo da alma
Turvada pela agonia,
Uma supplica afflictiva
A Jesus ergue Maria.

A seu Filho, que no seio
Do Padre Eterno descança;
Mas d'amor é sua prece,
Não é prece de vingança!

E' perdão aos matadores
De seu Filho, e do seu Deus!
E' a pomba erguendo o vôo
D'entre espinhos para os céus!

A paschoa d'Israel, festa pomposa
Na judaica nação,
Ao sangue tinha horror; e Jesus Christo,
Suspenso n'uma cruz, turvava o goso
Da cruel multidão.

A turba sobe aos visos do Calvario,
E pára ao pé da Cruz...
Vai o morto descer, partir-lhe os ossos...
E' lei dos justiçados... vão cumpri-la
No corpo de Jesus!

MARIA vai de rojo ante os malditos
Da colera do céu!
« Meu filho — a Virgem diz — é um cadaver!
« Inutil crueldade é espedaça-lo!...
« O meu Filho morreu!

« Ah! não exacerbeis o meu supplicio!...
« Cedei á compaixão!
« Não vêdes tanto sangue derramado?!
« Por ventura terá uma sò gota
« Seu morto coração?!...

Mão cruenta levanta uma lança
Que no lado de Christo embebeu!
Desse golpe, n'um peito já morto,
Jorro d'agua e de sangue correu.

Outro golpe cruento rasgava
As entranhas da VIRGEM MARIA!...
Era a espada cruel dos ultrages
No cadaver, que aos impios pedia.

Condoidos da Virgem dois justos
De Pilatos alcançam mercê.
De Jesus. . . de seu Filho os despojos
Em seus braços Maria emfim vê!

Contra o seio comprime o cadaver,
No delirio da dôr abrasada. .
Cola os labios na face sanguenta,
E na fronte d'espinhos rasgada.

Vê-lhe as chagas das mãos denegridas
E dos golpes do açoute os vergoens! . . .
Grande Deus! que preceito d'angustia
A' Rainha dos anjos impões!

« Todos vós, que passaes insensiveis. . . »
— Exclamava esta Mãe desditosa —
« Reparai se ha martyrios que possam
« Egualar esta dôr tormentosa! »

VII.

JESUS ENCERRADO NO SEPULCRO.

Meu querido filho! tudo perdi comtigo! . . . Filho de Deus. . . eras meu pae, e meu esposo, e minha alma. . . e perdi-te! . . .

S. Bernardo. De Lament. V.

Sinta o meu coração as minhas culpas,
Se não póde sentir a dôr da Virgem.

Sosinha, pelos ermos, onde soam
Seus gritos derradeiros, vaga o anjo
Da nossa redempção a Mãe de Christo!
Seu Filho ás regioens desceu da morte! . . .
As guardas afastaram-na do tumulo!
Alli, sobre o sepulcro de seu Filho,
Nem lagrimas verter a Virgem pode!

Sinta o meu coração as minhas culpas,
Se não póde sentir a dôr da Virgem.

Uma só d'entre vós, mães extremosas,
Que, entre afagos d'amor, creou seu filho,
Innocentinha flôr, singelo anjo
De virtude e bondade! . . . . . .
Eu quero ouvir-te
Os mysterios d'horrivel supplicio,
Passados em teu seio, quando viste
Tal filho de teus braços arrancado,
E, victima de infame ignominia,
Entregue á mão do algoz no cadafalso!

Contae-me esses segredos pavorosos,
Que eu não pude dizer, quaes os tormentos
Da mais atormentada entre as mulheres!

Sinta o meu coração as minhas culpas,
Se não póde sentir a dôr da Virgem.

Christão! é fraco o homem: suas dores
Algemadas á terra não se exaltam
Acima das paixoens, filhas da terra.
Sabemos conceber grandes martyrios;
Mas lagrimas que a face inundam hoje
Manhan vem o sorrir sustar nos olhos.

As angustias da Mãe de Jesus Christo
Não podem coraçoens, envenenados
Pelo fel das paixoens, que o crime inspira,
Senti-las; e, ao som d'um hymno triste,
A magoa despertar em almas tibias.

Eu, filho do peccado, e circumscripto
No circulo de ferro, que me cinge,
Lançado pela mão do Omnipotente,
Prostrado irei depôr no altar da Virgem
A harpa, onde intentei chorar-lhe as dores
E só pude chorar as minhas culpas.

2 de Abril.

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

MARÇO.

28 *Domingo da Paixão, chamado tambem de Lazaro.* chama-se da Paixão, porque o Evangelho deste dia já faz menção de quererem os judeus apedrejar a Jesus Christo, em consequencia de haver elle fallado muito claramente de sua Divindade; e chama-se tambem de Lazaro, em consequencia de se lêr na sexta feira precedente o Evangelho, onde se refere a resurreição deste amigo de Jesus Christo.

Item. S. Alexandre, que, vivendo nos arrabaldes de Cesarea da Palestina juntamente com Prisco e Malcho, inflammado no ardor da fé á vista dos assiduos martyrios, que nesta cidade tinham logar no tempo da perseguição de Valeriano, no meado do seculo 3.º, foi espontaneamente apresentar-se ao juiz, increpando-lhe a barbaridade de que usava para com os christãos, o que teve em resultado aquillo que de certo elle previu, e para que hia preparado: foi lançado ás feras, e por ellas devorado.

29. *Segunda feira.* S. Victorino e seus companheiros, que em testemunho da verdade da fé catholica soffreram glorioso e heroico martyrio.

30. *Terça feira.* S. João Climaco, natural da Palestina, se retirou para o monte Sinai, onde por espaço de quatro annos viveu com um velho chamado Martyrio; d'alli passou para uma ermida solitaria, onde viveu por quarenta annos; varios outros solitarios o elegeram para seu superior geral, cargo que exerceu por quatro annos; porém não podendo assim dar-se com a assiduidade, que queria e costumava, ás suas favoritas contemplaçoens, se demittiu, e tornou a recolher-se á sua predilecta ermida, d'onde passou para o céu. O cognome Climaco é uma palavra grega que significa escada, e foi assim chamado em rasão de um excellente livro que escreveu, intitulado — Escada do Céu. Floresceu este insigne varão no 6.º seculo.

31. *Quarta feira.* S. Benjamin, diacono, foi um dos muitos martyres, que nos principios do seculo 5.º derramaram o seu sangue na Persia. Uma imprudencia do bispo Audas deu logar a uma exterminadora perseguição, sendo até ahi tractados os christãos com bastante tolerancia, e fazendo por isso muitos progressos o Christianismo nesta região. Consistiu a imprudencia em alagar de seu motu proprio um templo pagão, em que os persas adoravam o fogo; e foi quanto bastou para atear-lhes a raiva mais cega e cruel.

ABRIL.

1. *Quinta feira.* S. Macario de Constantinopla, não se deixando levar de medo aos Iconoclastas, tributava e ensinava que se devia tributar veneração ás santas imagens; e sendo por isto desterrado no tempo do imperador Leão Isauro, pelo anno 814, degradado acabou o degredo desta vida, para nós o venerarmos tambem como um amigo de Deus.

2. *Sexta feira.* S. Francisco de Paula é assim cognominado por ser natural de Paula, pequena povoação da Calabria. Sendo mancebo se retirou para um ermo, onde foi denunciado pela fama de sua santidade, e para alli começaram a affluir-lhe discipulos. Edificou depois uma egreja junto a Paula, e foi este o berço da ordem religiosa por elle fundada, e que, em conformidade com o que elle de si repetia muitas vezes « que era o minimo de todos » quiz fosse chamada dos Minimos. Sua Regra foi approvada por Alexandre VI. Em o nosso Portugal foi introduzida esta Ordem pela rainha a snr.ª D. Marianna d'Austria que em Lisboa lhe fundou e dotou um magnifico convento. S. Francisco de Paula passou a melhor vida no anno 1507.

Item. Nossa Senhora das Dôres. E' com esta invocação que a Egreja na sexta feira depois do domingo da Paixão celebra os officios divinos em honra da Mãe de Deus. Ainda que ella é a mesma Senhora, e está sempre prompta a ser nossa medianeira, comtudo o effeito de sua protecção alguma proporção deve ter com o fervor de nossas rogativas; e esta invocação, que nos recorda, que ella foi testemunha de todos os tormentos, que desde a rua da Amargura

até expirar na Cruz soffreu por nosso amor o seu amantissimo Filho, e portanto que soffreu ella tambem a mais aturada e cruel tortura, deve compungir-nos, e á compuncção segue-se esse fervor que faz acceitar nossas oraçoens.

3. *Sabbado.* S. Pancracio, sendo ordenado bispo pelo apostolo S. Pedro e mandado a prégar o Evangelho para Tauromenio na Sicilia, elle depois de espalhar esta divina semente a regou com o seu sangue.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Hontem festejou-se a *Mãe dos Céus*, debaixo da invocação das Dores, nas egrejas dos expulsos congregados e carmelitas. Em ambas houve excellente musica, e haviam sido precedidas na vespera pelo bem conhecido *Stabat Mater* de Rossini. Em ambas foram as Dores da *Mãe dos Afflictos* explicadas pelos oradores insignes o snr. Sinval, e o nosso particularissimo amigo o snr. dr. Antonio Bernardino de Menezes. A este ultimo tivemos a fortuna de lhe ouvir uma oração tão bem acabada e tão nova para o Porto, que só no seguinte numero poderemos descrever a deliciosa impressão que nos causou, e ao immenso numero de fieis que se agglomeravam naquelle bem adornado templo.

CHRONICA RELIGIOSA.

França. — Escrevem de Castelnau de Medoe: « Não, o catholicismo não morre, augmenta-se todos os dias; á indifferença succede o fervor, e a impiedade soffre sem cessar novas derrotas: testemunha as fructuosas missoens que acaba de fazer em Medoc o abbade de Préau. Aos prodigios operados em Moulis, acaba de accrescentar o milagre do seu triunfo em Castelnau.

« Tudo è contrario a esta missão; o digno pastor, que durante mais de 30 annos, havia edificado e guiado aquella communa, acabava de morrer. M. de Préau estava só, isolado no meio d'uma população de todo indifferente; vae de casa em casa, recorda a cada um os divinos preceitos, e exhorta-os a hirem ouvi-lo. A sua bondade, e eloquencia persuadem, e ninguem ousava recusar-lhe, o que todavia se não atreviam a cumprir.

« Um digno e zeloso collega vem prestar-lhe o seu apoio nesta obra de piedosa regeneração.

« As predicas de M. de Préau começam; a principio tem poucos ouvintes; estam attentos, e comprehendem-no; pouco a pouco abalam-se as massas; a egreja, de si tão vasta, torna-se mui pequena, e tambem lhe chega concurrencia das communas visinhas.

« Seria impossivel pintar a eloquencia tão persuasiva do santo apostolo; é mister te-lo ouvido, e então não serão de admirar os prodigios da misericordia divina de que é instrumento.

« Em suas instrucçoens particulares para os homens, agglomeram-se mais de 600 á roda da cadeira, para ouvirem aquella voz que, apesar do tempo em que vivemos, triunfou de todas as resistencias moraes.

« E a bella ceremonia da consagração de todos á protectora da França, e a procissão em que a Virgem levada successivamente pelas auctoridades judiciarias e civis, pelas senhoras e mocidade, e durante a qual novos braços disputavam a honra de conduzir a Rainha dos Anjos.

« E a tão magestosa ceremonia da promulgação dos mandamentos de Deus e da Egreja, em que todos os fieis, em voz alta, pondo os divinos preceitos no plural se obrigavam á sua observancia. Para tão tocante festa elevou-se no santuario uma montanha de relva, em que ardiam mais de 500 luzes; o livro da Lei e o Santissimo Sacramento, collocados no cume, recebiam nossas adoraçoens; emfim uma procissão, como de memoria d'homens se não tinha visto naquella cidade, veio terminar a santa missão, durante a qual se verificaram mais de 900 communhoens. »

Inglaterra. = Consta que o conde de Shrewsbury offereceu 10$ lb. (45 contos) para construir uma cathedral catholica em Chichester, e egual quantia para construir outra em Shrewsbury. Honra ao illustre fidalgo que tão bem emprega os seus grandes rendimentos. Seria bom que os titulares portuguezes que tem sido dotados com o suor dos pobres, por occasião das nossas discordias civis, pozessem os olhos no bom uso que o nobre conde inglez faz dos rendimentos herdados de seus avòs.

= A nova e formosa egreja de Mortbeke, que foi erecta pela munificencia d'uma distincta familia dos arredores, ajudada pelas immensas subscripçoens publicas de outras partes da Inglaterra, está agora quasi terminada, esperando-se que se abra, á grande população de catholicos pobres, no principio da primavera. E' um templo no gosto gothico.

= *Conversoens em Liverpool.* = No dia 25 de Janeiro houve grande funcção na egreja de Santo Antonio, em Scotland-road, e por essa occasião abjuraram o protestantismo, sendo admittidas no seio da egreja romana, duas senhoras de 22 annos e uma de 30

Irlanda. — *Conversão.* = Depois de concluida a celebração da missa na cathedral de Tuam, no dia 28 de Fevereiro, a joven *Maria Coutan*, leu a sua retratação do protestantismo, e foi recebida na egreja catholica pelo rev. mr. Conry.

America. = Estados-Unidos. = Deixou temporariamente a sua diocese de Vincennes, no novo estado d'Indiana, o bispo Monsenhor Mauricio d'Aussac de S. Palais para se dirigir a França a pedir esmola para os estabelecimentos religiosos e de charidade da sua diocese. Contém ella uns 5,000 catholicos irlandezes e allemaens emigrados e que por tanto ainda estam pobres. Este digno bispo tem a crear tudo, e o seu rebanho não lhe póde subministrar os meios por não os ter. E' mui pouco para tamanhas necessidades o que recebe da *Associação da Propagação da Fé.* O cholera veio augmentar-lhe as precisoens, porque o santo bispo tomou conta de 200 orfãos de 6 mezes a 8 annos d'idade, e não lhes tem faltado com o alimento do corpo e da alma, e lhes deu por mães as *irmans da charidade* de França. Em Lille aonde chegou o apostolo da charidade os primeiros a quem se dirigiu foi aos filhos de familia e não lhes faltaram as suas lagrimas de commoção e os fructos da sua charidade. Espera-se que um tão digno prelado que veiu á Europa esmolar para o seu rebanho não regressará á sua diocese sem obter da charidade dos catholicos recursos abundantes.

Prelados portuguezes, imitae-o!

Oceania. = Australia. = Em Adelaide houve uma reunião publica no seminario de Santa Maria para combinar os meios d'arranjar fundos para augmentar e concluir a cathedral catholica. Presidiu o arcebispo a esta numerosa e escolhida assemblea, e todos concordaram em uma subscripção, que logo realisou grandes sommas, dando o arcebispo o exemplo de subscrever com 50 soberanos.

ADVERTENCIA.

Os redactores do Christianismo conheciam demasiado o seculo, em que viviam, e previram as hostilidades e contradicçoens com que teriam de afoutamente luctar para que o pensamento religioso deste jornal podesse lançar raizes nos espiritos da má sociedade em que hia peregrinar. Previram todo o genero de guerra que o falso racionalismo, e o atheismo theorico lhe declarariam, mas nunca, em suas previsoens bem-fundadas, receiaram que a mais encarniçada das pelejas lhes seria atraiçoadamente commettida por parte dos *correios!*

O certo é que faz pejo consignar aqui neste papel, que é lido entre pessoas civilisadas, que temos soffrido uma avultada perda de numeros do *Christianismo*, em todas ou quasi todas as direcçoens que o jornal segue em seu destino.

Já que todas as inviolabilidades são rasgadas livremente, sem que a lei possa punir os snrs. administradores de correio que a despedaçam, pedimos a ss. s.as que nos façam saber os numeros que querem do *Christianismo*, para lhes serem pontualmente remettidos, sem que os nossos assignantes tenham de queixar-se.

Se, todavia, o fim deste desvio é acabar com o jornal, por nos serem d'outra maneira, impossiveis os transportes, nesse caso especialissimo, curvaremos a cabeça ás energicas medidas de ss. s.as, e pediremos a Deus que lhes perdôe.

ABRIL 10. 1852. — N.º 15.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

IV.

Jesus Christo, o illuminador das intelligencias, e balsamo dos coraçoens, derramando beneficios sobre os homens, e, elevando-os, pela palavra, á unção sublime de aproveita-los, quiz que aquelles beneficios permanecessem eternos em signaes sensiveis, e que aquella palavra fructificasse em uma sociedade universal, e imperecedoura. A Egreja e os sacramentos são a graça e a verdade eterna, que significam Jesus Christo entre os homens até á consummação dos seculos.

A Egreja é, pois, uma sociedade religiosa, instituida por Jesus Christo, e depositaria da sua doutrina. A missão desta sociedade é a conservação, a defesa, e interpretação da doutrina, cuja identidade de fé está submettida á auctoridade d'um apostolado permanente, que o Espirito Santo dirige, para que até ao fim das geraçoens sejam continuados os beneficios do Salvador, durante a sua vida mortal.

O mysterio da Redempção e da Incarnação, com todas as circumstancias que pertencem a este duplicado mysterio, são prerogativas, que a Egreja recebeu de Jesus Christo, seu fundador, porque « a Egreja é Jesus Christo na sua plenitude » como Bossuet a define.

Esta sociedade, constituida corpo moral, vive de uma vida sua, e funcciona naquella elevadissima esfera onde se estabelecem as mais intimas relaçoens do homem com Deus.

Os membros de tal corpo são os fieis ligados por laços visiveis d'uma mesma fé, d'uma identica moral, d'uma semelhante legislação, d'um mesmo culto, e d'uma mesma sugeição ao chefe do apostolado perpetuo, divinamente instituido depositario dos poderes espirituaes, e da auctoridade confiada á Egreja.

O caracter deste apostolado é essencialmente monarchico. O voto de todos os catholicos colloca a supremacia do poder nas mãos de um só, legitimo representante de Jesus Christo, e chefe unico e invisivel de toda a Egreja.

Estas ligaçoens, que, sahidas da mão de Deus, vinculam intimamente os membros d'um corpo universal, não podem ser quebradas no menor dos seus enlaces, sem que os fieis reneguem o principio fundamental sobre que a Egreja repousa. Tal é a infallivel auctoridade da jerarchia apostolica, prerogativa divina, legitimo exercicio de auctoridade, que ninguem poderá affastar de si, sem que as portas da Egreja lhe sejam fechadas pela mão d'Aquelle que disse: « Quem vos ouvir, ouvir-me-ha, e quem vos « despresar, despresar-me-ha: ora, quem me despresa, « tambem despresa aquelle que me enviou. »

E ainda:

« Como meu Pai me enviou, eu vos envio. . . « Ide « e instrui todas as naçoens. . . Serei comvosco todos os « dias até á consummação dos seculos. » « O que não escutar a Egreja seja entre vós estrangeiro como um pagão « e um publicano. »

Qual é o principio vital da Egreja?

Esta questão é o ponto capital da controversia que divide os catholicos dos protestantes em materia de tradição.

No artigo immediato daremos o resumo deste pleito.

Camillo Castello-Branco.

ELOQUENCIA SAGRADA.

As Dores de Maria foram o magestoso incentivo de duas festividades, que rivalisaram em grandesa e excellencia nos Congregados, e no Carmo.

O snr. Sinval orou nos Congregados. Não o ouvimos; mas poderiamos de antecipação escrever as impressoens, que a sua oração nos causaria, porque não é difficil apontar o caminho que seguirá uma grande intelligencia, depois que fomos testemunhas do seu primeiro passo. Quando ouvimos a tocante oração do snr. Sinval, sobre o motivo da Conceição de Maria, presentimos o merito do mesmo orador commemorando o luctuoso quadro das afflicçoens de Nossa Senhora. O nosso juizo a respeito das vocaçoens oratorias do snr. Sinval está feito. O mais, que podemos fazer agora è consignar os novos louros, que s. s.ª colheu na sua ultima oração.

O snr. dr. Antonio Bernardino de Menezes veio de Vianna, sua patria, orar ao Carmo, onde o chamou a zelosa Irmandade daquella confraria.

Era necessario que o orador tivesse um nome, com todas as circumstancias do merito, para de tão longe ser chamado ao desempenho d'um grande assumpto. Não foi temeridade o chama-lo. O snr. dr. Menezes não desmentiu a fama, que o apregoava, nem ficou inferior á espectação, o que realmente é muito difficil conseguir.

Um discurso sagrado, onde muitas scenas grandes da historia profana, perdem o seu caracter mundano, e rescendem o perfume das coisas celestes: um contexto urdido pelo fio das glorias terrestres, e matisado pelas flores da poesia divina: um quadro d'amargas saudades do que fomos, orvalhado por lagrimas que se inspiram da historia amargurada da Santissima Virgem: — tal foi a oração do snr. dr. Antonio Bernardino de Menezes.

Suppomos que é muito trabalhoso fallar ao orgulho do homem, contando-lhe ovaçoens de batalhas, e grandesas do Capitolio, quando é necessario pungir-lhe o coração pelas humildades do Divino Mestre, e pelas amarguras do Calvario.

E, todavia, o snr. dr. Menezes conseguiu as primeiras emoçoens sem enfraquecer o effeito das segundas. E' que s. s.ª levantava o homem ao apogeu das magestades mundanas, e de lá apontava-lhe o abysmo do seu nada, onde as suas glorias eram symbolisadas por um craneo

descarnado, e uns ossos pulverulentos, ludibrio d'algum dos mais abjectos escravos dos seus passados triunfos. Nas scenas patheticas, s s.ª tinha o fio electrico de acordar a tibiesa do coração; e nas pinturas grandiosas, que alteam o homem a um prestigio de mentirosa gloria, s. s.ª tinha o segredo de o fazer cahir, como columna de barro, soprada pelos furacoens do Altissimo.

Grande gloria é alcançar tanto, e muito seria o snr. dr. Menezes, se não chegasse a conseguir todos estes raros triunfos sobre o coração d'uma sociedade sceptica e embotada

Estas bellesas de eloquencia sagrada são as que constituem a oração do snr. dr. Menezes. Agora não nos cegue o brilho do que foi escripto os olhos da intelligencia, que não poderam vêr sem desconsolação a maneira porque foi recitado.

O snr. dr. Menezes é moço, e, como todos os aspirantes ao exclusivo da gloria, creou uma escóla de declamação, que não poderá vingar muitos discipulos.

S. s.ª, a quem de viva voz fizemos uma ligeira observação, captivou-nos com a sua docilidade, não em respeito a nós, que fariamos rir se a exigissemos; mas a respeito de pessoas competentes, cujos respeitaveis conselhos fosse uma culpa não adoptar.

Redactor d'um jornal, que se não vangloria em ser o orgão da opinião publica, escreveremos a critica sem temor, como nosso particular juizo, nem pedido á opinião publica, nem ambicioso dos applausos do publico.

O espirito da reforma não póde ser chamado sempre o espirito da perfectibilidade possivel nas coisas do mundo. Embora, em nossos dias, a ideia innovadora se embellese com as enganosas esperanças do melhor, um triste destino influe em quantos actos humanos se affeiçoam em moldes novos, donde a mão do desengano tira sempre o peor.

Esta generalidade tem um ponto de contacto com a eloquencia sagrada, porque o espirito da reforma não recuou diante da cadeira da verdade, que é sempre a mesma e inalteravel verdade. Tambem no pulpito o pensamento, que não podia ser reformado na sua essencia, firmou as bases da nova escóla sobre as intonaçoens da voz, sobre o rapido da declamação, sobre as pausas e as virgulas, sobre as evoluçoens da lingua, sobre a quantidade de folego que alimentaria a expedição da palavra, emfim, o espirito da reforma estabeleceu todas as divisoens possiveis entre o classico e o romantico, e achou nos attributos da declamação os recursos da novidade, que o Evangelho lhe não daria, porque são immutaveis as suas inspiraçoens.

A escóla puramente romantica, installada no sagrado asylo do pulpito, é o theatro com todas as suas intergeiçoens ruidosas e tragicas, com todas as suas desinencias e suspensoens patheticas e sinistras, com todo aquelle apparato de gritos sem o assenso do coração, e sem a semelhança da naturesa.

A classica é a escóla da monotonia clamorosa, o gemido continuado, aquelle tom funebre e das entranhas, que ás vezes faz tremer o coração, aterrado pelo vosear dos tumulos, e retrahido n'um recolhimento, que, em certas almas, é sempre uma dôr verdadeira, um chamamento á contricção

Temos ainda nos ouvidos os ultimos sons da escóla classica, onde o monge era o mestre e o discipulo, porque as divisoens das escólas nunca poderam fundar cadeiras de declamação nos recintos dos mosteiros. Lembram-nos os sermoens dos *expulsos*, ou *egressos*, como irrisoriamente lhes chamam, e é certo que estas recordaçoens vem acompanhadas d'uma saudade, e esta é a saudade dos seus sermoens, do seu estylo, e da sua declamação.

Somos, pois, um sectario da velha escóla, um admirador do velho estylo, e não o somos por capricho, nem por cegueira, porque nos sentimentos que produzem a dôr e as lagrimas, nem o coração se cega, nem o capricho enturva a intelligencia do ouvinte.

Ora a dôr e as lagrimas não se prestam ás exclamaçoens do theatro, nem a intonação romantica pode alcança-las, embora as peça do pulpito, como de um local soberano d'onde o antigo sacerdote arrancava lagrimas, quando as suas lhe desciam sinceras na face.

O snr. dr. Menezes não pode ser determinadamente classificado em uma destas duas divisoens; mas é verdade que tirou dos novos estylos o elemento organisador do seu. Não diremos terminantemente que a sua expressão é affectada á custa d'um mal encaminhado exercicio de declamação; mas trahiriamos as nossas convicçoens, se não dissessemos, que buscando affectar-se pouco mais poderia conseguir.

As Dores da Mãe de Deus, contempladas no silencio do coração, despertam ideias em que a sombra d'um luctuoso mysterio, nos priva comprehender o intimo afflictivo da Senhora, que as soffria. Taes ideias, formalisadas em palavras, e communicadas aos que nos pedissem o nosso juizo sobre as Dores de Maria, deveriam ter a fórma do pensamento, deveria a palavra repassar-se do funebre da ideia, deveria a voz vacillar nas suas expressivas inflexoens, como o espirito, doido e contristado, exerce as suas operaçoens na analyse d'um grande padecimento proprio ou estranho.

Não ousaremos affirmar se a escóla romantica poderá enlaçar esta harmonia entre o sentimento e a expressão; mas, por experiencia, diremos que a declamação exaggerada dos modernos oradores, poderá, quando muito, agradar n'um panegyrico, e ha-de sempre debilitar o assumpto funebre, pelo divorcio em que reluctam a dôr com a musica da declamação

A « naturesa » deve ser a escóla universal de todos os oradores; e os artificios, que lhe vem a fingir adornos como dadiva d'outros seculos e d'outros costumes, muito mal lhe ficam, se precisam de crear o gosto, á custa de tempo, na opinião publica. Ora o publico, que ajoelha á sombra da cadeira evangelica, não vai admirar no templo difficuldades de estylo, e estudadas inflexoens de voz. O que elle quer é sentir; e o sentimento, que está dentro em sua alma, não lhe mandará lagrimas aos olhos, se o ecco d'uma declamação triste as não fôr lá excitar. A naturesa humana não sahiu assim das mãos do seu Creador; mas é certo que o coração religioso tem necessidades, sempre as mesmas, apesar de todas as innovaçoens, desde que a queda original lhe operou uma reforma que persistirá eternamente.

Se resumissemos, em poucas linhas, o que fica escripto, diriamos que o snr. dr. Antonio Bernardino de Menezes escreveu uma das melhores oraçoens, que temos ouvido, e sacrificou-lhe uma boa parte do merito ás inverosimilhanças da declamação.

Camillo Castello-Branco.

O GENERO HUMANO ANTES DA VINDA DE JESU-CHRISTO.

II.

Tudo o que com verdade se pode dizer é — que a moral pagan se reduzia a algumas maximas gravadas nos porticos, e muros dos templos; e que em geral, sacerdotes e legisladores diziam ao povo que temesse os deuses. Mas era acaso isto sufficiente para dizer-se que havia algum systema de moral annexo ao culto do paganismo? As moralidades, que se encontram em Homero são quasi sempre independentes ou separadas do influxo celeste; é uma reflexão filosofica que o poeta faz sobre um grande feito, ou sobre uma grande desgraça, que refere.

Se personifica os remorsos, e a ira do ceu; se figura os criminosos no Tartaro, os justos nos campos Elisios, são isso certamente excellentes ficçoens; mas que não dão, nem constituem principio, nem regra nenhuma de moralidade. Separe-se ou tire-se o Evangelho a Jesus Christo, e o Christianismo acabou; separem-se, ou tirem-se do paganismo as alegorias de Minerva, de Themis e Nehemesis, e o paganismo subsiste o mesmo. Fazia-se uma grande festa a uma divindade, transportava-se em triunfo no seu carro, offerecia-lhe o sacerdote um sacrificio, mas nem este Deus, nem este sacerdote ensinavam cousa alguma com isso ao povo: era um divertimento theatral, um espectáculo, que se offerecia á multidão, como

outra qualquer festa profana, á semelhança dos jogos do paganismo.

A religião era, pois, toda material; nenhum Deus, nenhum sacerdote ensinava nem o que é o homem, nem d'onde veio, nem para onde vai; porque razão existe, quaes as suas obrigaçoens, o que deve fazer e o que deve evitar, ou os vicios de que fugir e as virtudes, que deve praticar; o fim a que se deve propor, qual o seu destino no tempo e na eternidade. No christianismo, porem, a religião e a moral são identicas; a escriptura mostra-nos a nossa origem, o fim da creação, e da-nos a rasão do nosso estado, sem o que seria incomprehensivel. Tudo o que Deus revelou, todos os mysterios da religião dizem respeito ao homem, tudo falla delle, tudo lhe diz relação, tudo é feito por cauza do homem, é, tudo por sua causa, se annuncia desde a origem do mundo a vinda do Messias, é por sua causa, que é escolhido um povo, para ser depositario dos oraculos, que o caracterisão, e que marcão a epoca do seu apparecimento; é por causa do homem que o Verbo desce do ceu á terra e toma carne humana no seio d'uma Virgem, reveste-se da nossa pobre humanidade e manifesta-se ao mundo cheio de graça e de verdade, derrama nas enfermidades o balsamo da sua divina virtude, illumina-o com a doutrina divinisada pelo exemplo, e salva-o por sua morte, sujeitando-se voluntariamente a padecer e a derramar o seu sangue no mais aviltante e doloroso dos supplicios.

Que maiores sacrificios podia praticar um Deus a favor do homem, e porque preço mais estimavel podia ganha-lo e obriga-lo ao amor e ao reconhecimento? Desde Moyses até Jesus-Christo, desde os apostolos até os ultimos padres da Egreja, tudo nos patentea, tudo nos retrata o homem, tudo se dirige a dissipar o veu que o cobre. Eis-aqui o caracter essencial do Christianismo, eis-aqui o que o distingue de todos os cultos, que são obra dos homens; tudo nelle se reduz a unir o homem a Deus; união que principia no tempo e acaba na eternidade.

Em conclusão do que fica dito: foi pois Jesus-Christo o unico, que esclareceu os homens e os tirou dos vergonhosos erros, das espessas trevas e das eternas incertezas a que estavam entregues. Um povo unico na terra é que estava isento desta horrorosa corrupção, ou destes monstruosos desvarios, ou possuia uma sabedoria, que era como um clarão, apenas percebido no meio de trevas immensas. Só o povo judaico é que levantou um templo e um altar ao Deus vivo, ao Deus eterno e invisivel, ao Senhor do ceu e da terra, ao Creador do homem e de todas as coisas. Só esse povo, depositario das tradiçoens patriarchaes, manteve a divindade na sua unidade e soberania: é nos livros sagrados deste povo que se acha escripto, muitos seculos antes, que da Judea sahiria aquelle, que havia de quebrar os idolos, descobrir a gloria do Senhor aos gentios, mudar a face da terra, livrar o mundo da fatal cegueira a que estava entregue, formar um reino eterno de que elle havia de ser o Supremo Rei e Senhor. Que oraculo houve ahi mais exactamente cumprido *nos dias preditos pelos profetas do povo de Deus?!*

Alvaro Vaz Correa de Seabra da Silva.

S. PEDRO DE ROMA.

Qui t'eleva, dôme eternel,
Du Pantheon celeste frère?
Si tu fus l'œuvre d'un mortel.
Les arts ont aussi leur Homere.
CASIMIR DELAVIGNE.

Ha no mundo um monumento
D'um genio mais, que mortal;
Symbolisa o pensamento
D'uma cabeça real!
E' um livro em que a memoria
Pôz de dois sec'los a historia
Para lembrança eternal.

Grandesa do vasto Egypto
Invejas nunca lhe deu:
Nem lavores de granito
Riquesas do Colyseu:
Impassivel viu defronte
Açoutar-lhe o tempo a fronte,
E nunca, nunca tremeu.

Suspensa sobre pilares
Essa cupula immortal,
Soberba demanda os ares
Desafia o vendaval:
E' a c'rôa magestosa,
Que cinge a fronte espaçosa
Da cidade triunfal!

Vasto genio a quem o mundo
A fronte no pó curvou,
O pensamento profundo
D'essa grandesa creou!
Foi Rafael, e Bramante
Que o granitico gigante
Sobre essa terra plantou.

D'entre as cupulas de Roma
Orgulhoso sobe aos céus,
O genio, que os vôos toma,
Vai poisar ao pé de Deus:
Nas asas de pedra, airosa,
Essa aguia magestosa
Se libra nos vôos seus!

Resumindo uma era inteira
E' das grandesas padrão;
Contempla altivo a poeira,
Que redomoinha no chão!
E' o rei do Vaticano,
E' o extremo esforço humano. . .
Mais que humana concepção!

Nas flexas, nas arcarias.
Nas ogivas, capiteis;
Nas naves, nas galerias
Um pensamento achareis!
Uma epopêa sublime,
Que nessa pedra s'imprime
Escripta pelos cinzeis!

Toda a infinda variedade
D'uma alma grande a pensar,
Alli está na infinidade
Desses lavores sem par. . .
E' um magestoso hymno
D'um genio, que ao ser divino
Para sempre ha-de louvar!

Entrae no templo. . . e transponde os porticos
Da sublime mansão. . .
De Miguel Anjo, de Canova illustre
Olhae a creação!

Junto dos tumulos dos heroes do mundo
Ajoelhae no pó. . .
A horas mortas, quando o templo esteja
Solitario. . . só!

Pensae no mundo nas grandesas delle
Largas horas pensae. . .
De vossos prantos essas lageas negras
Ajoelhando banhae.

Lá s'esmigalham portentosos craneos
Do mais vasto pensar! (1)
Craneos, que os raios da divina mente
Vieram animar!

Quantos ahi jazem a que os reis do mundo
Se curvavam no chão,
Que o orbe encheram com seu nome e gloria
Com sua vasta rasão!

---

(1) E' em S. Pedro de Roma, que os Papas pela maior parte estão sepultados.

E agora. . . apenas tem o brilho tremulo
D'uma funebre luz,
Ermo murmurio d'oraçoens de mortos
A sombra d'uma cruz!

E vós, o sec'los, respeitae passando
O hymno do Senhor!
Que eterno suba sublimado aos astros
Aos pés do Creador!

. . . . . .
. . . . . .

Ei-lo plantado nos jardins de Nero
Cr'oado d'uma Cruz,
Mostrando ao mundo quanto póde o genio
Da crença de Jesus!

Coimbra — Março. *Guilhermino Augusto.*

ANNO CHRISTÃO.

ABRIL.

4 *Domingo de Ramos.* E' este o dia em que a Egreja celebra a entrada triunfante de Jesus Christo em Jerusalém, cuja ruina elle, chorando, vaticinou, dando por causa d'um tal castigo « o não haver conhecido esta cidade o tempo de sua visitação. » Com effeito, passados dias, este mesmo povo que ora, em todo o enthusiasmo d'uma ovação, acclamava a Jesus Christo Rei de Israel, é quem, em todo o frenesi das ruins paixoens, pede o seu sangue; e passados annos, sublevando-se os judeus contra os romanos, foi a cidade sitiada por Vespasiano; e protrahindo-se o sitio com todos os seus horrores, Tito, filho do mesmo Vispaziano se resolveu a occupa-la, e não ficou pedra sobre pedra, nem mesmo, contra suas expressas ordens, escapando o templo, que rapidamente foi abrasado pelo incendio.

5. *Segunda feira* S. Vicente Ferrer, natural de Valencia na Hispanha, sendo um mancebo de muita piedade e talentos, abraçou o instituto regular de S. Domingos ou a Ordem dos Prégadores. Aperfeiçoando ahi seus estudos, mereceu ser laureado com o grau de doctor em theologia. Com a sua predica deu a fé a muitos infieis, e reduziu ao caminho da salvação a outros que pela corrupção de costumes andavam delle perdidos. Os seus trabalhos apostolicos não se circumscreveram á Hispanha, mas percorreu muitas provincias da Europa; e havendo concorrido muito efficazmente para remediar o scisma principiado com a eleição de Urbano VI e com a de Roberto Cardeal Genova, que tomou o nome de Clemente VII — scisma que por tão longo tempo dilacerou a Egreja do occidente, morreu em Bretanha, onde estava prégando, no anno de 1419.

6. *Terça feira.* S. Marcellino, natural de Carthago, deu a vida em defesa da fé catholica, sendo morto pelos hereges.

7. *Quarta feira de Trevas.* S Epiphanio, bispo de Salamina na ilha de Chypre, é um dos padres e escriptores do 4.º seculo. Escreveu muito, e em suas obras transparece mais piedade e erudição do que elegancia: a mais interessante dellas, e por isso aquella que mais impugnada tem sido pelos protestantes, é o *Panorium*, em que elle, fazendo uma resenha das heresias, prova que a doctrina christan não podia ser alterada, visto surgir sempre triunfante no meio de polemicas. Depois de haver por seus escriptos vencido os adversarios da fé, estes com o *jus gladii* ainda lhe proporcionaram outro triunfo, dando por elle sua vida.

8. *Quinta feira de Endoenças.* Esta palavra significa o mesmo que paixão — soffrimento. Com effeito Jesus Christo neste dia, depois de haver ceado com seus discipulos, instituindo o Sacramento da Eucharistia e lavando-lhes, para exemplo de humildade, os pés, foi no Horto de Gothesemani preso por uma horda de canalha amotinada, capitaneada pelo perfido Judas, e é levado á presença de Caifaz, em cuja casa S. Pedro, que até alli o seguiu, teve a fraquesa de negar que fosse seu discipulo!

9. *Sexta feira da Paixão.* Neste dia é que se consumou o sacrificio cruento da redempção dos homens. Pilatos, reconhecendo a innocencia de Jesus Christo, e por outra parte muito receoso e contemporisador com o povo que via amotinado, tentou por artificios livrar Jesus Christo da morte, perguntando ao povo qual, segundo o costume de soltar-lhes pela Paschoa um preso, queriam solto? Jesus Christo ou Barrabás? persuadindo-se que sendo este ultimo um detestavel assassino, o povo optaria por Christo; porém enganou-se! Ainda recorreu ao sentimentalismo, mandando flagellar a J. C, e apresentando-o ao povo assim todo chagado; porém a nada se moviam, e não desistiam de que fosse crucificado. Então Pilatos que tremia ás palavras « Se o soltas não és amigo de Cesar » lavrou a iniqua sentença, que no alto do Golgotha foi executada!!

10. *Sabbado da Alleluia.* A Egreja, por ser este dia a vespera da resurreição de Jesus Christo, depois de algumas ceremonias de luto, entoa aquelle seu cantico festival e reassume as galas de seus ornatos.

Item. S. Ezequiel profeta, que havendo sido morto pelo Juiz do povo de Israel, por causa das arguiçoens que com um zelo divino elle fazia ao mesmo povo de sua idolatria, foi sepultado no sepulcro de Sem e Arphaxad progenitores de Abrahão, e começou a ser assidua a romaria de devotos seus, que alli hiam orar.

CHRONICA RELIGIOSA.

Sardenha. — O *Catholico* de Genova, denuncia um novo attentado dos demagogos d'aquella cidade. O pregador da quaresma na egreja de S. Lourenço é D. Fernando Anglici, dotado de sciencia, talento e piedade. Discipulo do veneravel Gaspar del Buffallo, ha muito que é missionario, e na moderação da linguagem rivalisa com a solidez da doctrina e o ardor do zelo. Desde que começou as suas conferencias na cathedral de Genova, não se cabe n'aquella egreja. Em 4 de Março deu um demagogo um assobio, porém só em 17, quando o veneravel sacerdote fallou no Papa como chefe da egreja, é que romperam gritos e huivos dos grupos de figuras patibulares que haviam tomado posição em varios pontos da egreja.

O auditorio christão levantou-se por um movimento espontaneo, e lançou-se de joelhos para pedir perdão a Deus. O pregador, que nada é capaz de perturbar, tomou um crucefixo, e com voz commovida dirigiu a oração mais tocante ao Salvador para lhe pedir perdão para os infelizes que acabavam de o insultar. Este movimento produziu o maior effeito, e foi um triunfo completo da eloquencia e da caridade christan Quando o orador desceu da cadeira viu-se cercado pela multidão e recebeu os maiores testemunhos de veneração. Em sua casa foi visitado pelo clero e seculares os mais distinctos de todas as classes. O governo como é revolucionario ha-de fazer o mesmo que se tem feito em Portugal de 34 para cá.

America. = Estados-Unidos. — *Diocese de Cincinnati.* — Sabe-se pelo *Telegrafo de Cincinnati*, que os catholicos naquella cidade, formam actualmente mais d'um terço da sua população; sam, por conseguinte, mais numerosos do que qualquer das seitas protestantes. O numero de casamentos catholicos, no anno de 1851, foi de 1,342, o dos nascimentos, de 3,667; o dos fallecidos, 1,871.

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

= O CHRISTIANISMO. =

Porto — No escriptorio da redacção do *Christianismo* e do *Portugal*, rua dos Lavadouros n.º 24. Braga — snr. J. M. de Sousa, Porta Nova. Vianna do Castello — snr. J. L. de Moraes, na Picota. Guimaraens — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14. Bragança, snr. F. J. Affonso. Mirandella, snr. dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. Trancoso, snr. Francisco José Tavares Cardoso. Villa Real — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. Covilhan — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. Coimbra — snr. Mesquita, rua das Covas. Matta (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Barata dos Reis. Batalha — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire Lisboa — escriptorio da administração da *Nação*, campo de Santa Anna n.º 31, e snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Evora — snr Antonio Candido de Moraes Cerveira. Ferragudo — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim. Ponta Delgada — snr. Francisco José Machado.

Preço (*adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$600 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 880 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 480 reis. Avulso 40 reis.

Vae franco de porte segundo a lei.

HOSANNA!

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Comprehende em 47 paginas a Paraphrase dos Sete psalmos penitenciaes, e as Sete dores de Maria Santissima. Vende-se no escriptorio da redacção do *Christianismo* e *Portugal*, Lavadouros n.º 24; e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.º 82 a 84; e nos Correspondentes do *Christianismo*. — Preço 60 reis.

ABRIL 17. 1852. — N.° 16.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

AS SETE PALAVRAS DE N. S. JESUS-CHRISTO.

Á BORDA do lago de Tiberiades, um homem vestido com a tunica do povo, sentado na encosta da montanha, alonga a vista pelas orlas do mar da Galilea, e contempla as ondas espessas das multidoens, que se lhe avisinham, bradando clamores de vassalagem, como se a montanha fôra um throno, e o homem do povo o rei das multidoens.

Este homem, saudado pelas turbas, fugira ao alarido que reclamava a corôa de David para aquella fronte real, onde a mão do Senhor escrevêra os gloriosos destinos da Judea.

D'entre os que lhe apregoavam a magestade, haviam uns que juravam a grandesa d'aquelle homem pela formosa luz, que a sua vontade omnipotente lhes derramára nos olhos, cerrados desde o ventre materno. Outros, ha pouco levantados do estrado da agonia, juravam a presença do Messias naquelle homem, que os mandára erguer e caminhar, como se a sua voz tivesse o imperio daquella que soára entre os relampagos do Synai. O filho da viuva de Nahim, invocado das regioens da morte pela voz d'aquelle homem, jurava, em nome de Deus, a divindade do que fôra sentar-se no cimo da montanha, para dominar o universo como rei da creação. As irmans de Lazaro, rodeadas de povo, contavam a resurreição de seu irmão; e Maria Magdalena rompia, delirante, por entre as turbas, para derramar novas lagrimas aos pés d'aquelle homem de Nazareth.

Eram passados tres dias, e aquelle homem do povo, que arrastava apoz si as tribus, o rei daquellas massas tumultuosas, que se prostravam ao aceno d'um hebreu, que não trajava as ricas franjas, nem ostentava os pergaminhos dos principes da Synagoga, Jesus de Nazareth, fallando a homens tão pobres como elle, disse n'um tom de piedade, que revelava ao mesmo tempo a soberania de Mestre:

« Tenho compaixão deste povo, porque ha tres dias « que está comigo, e nada tem que comer; e se o des- « peço para suas casas, sem ter comido, faltar-lhe-hão « no caminho as forças, porque de muito longe alguns « vieram. . . . Quantos pães tendes? »

« Sete » — responderam os discipulos.

A um aceno de Christo quatro mil homens se assentaram.

Fallou a linguagem mysteriosa da sua vontade Omnipotente, e os sete pães se multiplicaram entre as mãos dos discipulos. Seus labios proferiram palavras de benção sobre alguns peixes, e as multidoens ergueram-se saciadas, para de joelhos entoarem o cantico de graças ao Filho de David.

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que mandaste erguer do sepulcro a Lazaro, e bafejaste o halito da vida na face morta do tão chorado filho da viuva de Nahim.

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que déstes vista aos cegos de Bethesaida e Jericó, e áquelles que, nunca illuminados pela luz do sol, foram visitados nas suas trevas pelo raio da luz celestial, que lhes mostrou o Filho de Deus!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que tivestes piedade daquella grande afflicção, que dobrou a orgulhosa fronte d'uma cananea a vossos pés!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que sobre o dorso da tempestade, estendeste a mão ao discipulo, que se julgou perdido, nas voragens da procella, que se retrahiu apavorada, quando a vossa mão lhe reprimiu as iras!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que reanimaste os membros entorpecidos do paralytico de Jerusalem, e o mandaste caminhar com o seu leito, que ha 38 annos lhe fôra o eculeo tormentoso de dores incuraveis para os filhos dos homens!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que recebeste o possesso de Geraza, quando, sahido de entre os sepulcros, rojando os cadeados que lhe algemavam as furias, se prostrou perante vós, exclamando « Que ha entre mim e vós, Jesus, Filho do Altissimo?! »

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que sois o Pai deste povo, sobre quem o Senhor, na hora da penuria, derramou os pães multiplicados, porque não quizestes que a vossa palavra descesse ao coração de vossos filhos, á custa de fome e sacrificios pesados á sua fragilidade!

E' este, pois, o Senhor dos exercitos, que o povo hebreu acclamou ha pouco nas ovaçoens ruidosas do Cedron.

Resoam nas ruas de Sião os eccos festivaes d'aquelle hosanna ao Filho de David, a cujos pés a purpura dos mantos é alcatifa real que conduz o ungido do Senhor ao throno dos reis de Israel!

Descei, archanjos da gloria! Vinde ser o cortejo deste grande do céu, porque o Senhor do universo, rodeado de pobres, não terá, sentado sob o docel de Salomão, o seio d'um grande da terra, onde reclinar a sua fronte real!

E d'entre os globos de luz, que passam desde o seu primeiro dia aos pés do Eterno, desceram myriades de archanjos para coroarem a fronte do CHRISTO, que viera a triunfar do inimigo irreconciliavel dos céus.

A corôa era d'espinhos, porque o seu throno era uma cruz, e os hymnos da sua victoria eram imprecaçoens blasfemas, e os oleos fragrantes das ceremonias reaes eram gotas de sangue esprimidas pelos açoutes, pelos cravos, pela lança, pelos espinhos, e pela ingratidão do genero humano!

A mão, que multiplicára os pães, e levantára o Lazaro do tumulo, e afastára a escuridão dos olhos aos cégos de nascimento, era trespassada pelo cravo com que a justiça d'Israel decretava que a mão facinorosa d'um salteador, borrifado pelo sangue de innocentes, fosse atravessada.

Jesus, erguido ha pouco nos braços das tribus, que se atropellavam para beijarem os vestigios de seus pés, é agora, pelos mesmos braços, exaltado ao supremo fastigio dos flagellos!

Aos pés da cruz debate-se um coração nas agonias maternas; lucta entre a vida e a morte um discipulo daquelle Justo, que expira; e vociferam palavras de escarneo os labios d'um povo, que dias antes beijára os pés sacrosantos do enviado do Senhor.

O sangue de Jesus-Christo, pedido pelas turbas no pateo de Poncio-Pilatos, borrifa as faces dos deiicidas. Deus, que rasgára as cataratas do céu sobre a geração pervertida dos primeiros homens; Deus, que vertera o fogo abrasador no seio corrupto de Sedoma; Deus que sepultara nas ondas o exercito de Faraó; Deus, que soprára o incendio do exterminio nas hordas amaldiçoadas dos Felistheus; Deus, que enviára seu Filho Unigenito a remir uma raça, que Lucifer algemára aos eternos postes do inferno; Deus... despede o archanjo da desolação sobre o povo, que dilacera as carnes do Redemptor, quando seu Filho, elevando-lhe os olhos enturvados pelo sangue que lhe desce dos espinhos, exclama:

Pai! perdoa-lhes que não sabem o que fazem.

Jesus-Christo, nos dias do seu triunfo entre os homens, que chamára seus filhos, dissera, que não queria a morte do peccador, mas a sua vida pela sua conversão.

O Senhor perdoára aos Israelitas rebeldes, depois que gemeram longo captiveiro de lagrimas e trabalhos.

O Senhor attendera as afflicçoens da rainha Esther, que lhe pedia a conservação do seu povo.

O Senhor ouvira os gemidos de Jonas, que anciava as torturas da morte no ventre da balea.

O Senhor perdoára duas vezes ao Rei-profeta, depois que o grito do coração repêso lhe estalou nas cordas da harpa.

O Senhor perdoára ao rei Achab, depois que os cilicios da penitencia lhe ulceraram as carnes.

O Senhor permittira que a semente do perdão germinasse no coração criminoso, regado pelas lagrimas de Ezequias.

O Senhor erguera sobre o throno o rei Manassés, que se revolvia no pó da humilhação.

O Senhor levantára ao fastigio da grandesa Nabucodonosor, que sete annos curvára a fronte de rei nos pastos, onde se alimentavam os cavallos de Babilonia.

O Senhor recebera os publicanos, e enchera o céu de canticos d'alegria quando um peccador afogava nas suas lagrimas o verme do crime, que lhe roia a existencia.

O Senhor, que do alto da cruz, contemplava no fim das geraçoens o tremendo dia do juizo, pedia a seu Eterno Pai perdão para aquelles que não sabiam o que faziam, perdão para nós, que lhe roçamos nos labios a esponja de fel, perdão para nossos filhos, que mandarão ao fim dos seculos uma posteridade polluida pelo sangue do cordeiro innocente!

E nem a humildade com que morria aquelle Justo, sem lançar no rosto de seus algozes tantos benificios que fizera a seus irmãos, serenou as iras da voseria tumultuosa, que lhe atirava á face ensanguentada affrontas e insultos. O anjo das trevas inspira os algozes de Christo, para que o beneficio da redempção não fosse operado naquelles, que blasfemaram até ao derradeiro instante da morte do Redemptor.

Ao lado do padecente ha dous homens que se estorcem no martyrio da cruz. O máu, como symbolo da desesperação na misericordia celeste, invectiva contra a impotencia d'um Deus, que se não salva, nem o livra a elle dos tormentos da cruz. O outro, imagem do crime que se lava nas doces lagrimas do arrependimento, pede ao bemfeitor d'ingratos, que lhe dão em paga um supplicio, que, no reino do ceo, lhe não sejam pesadas as suas culpas.

Hoje serás comigo no Paraizo.

lhe respondeu o Filho de Maria, como se daquelle seu elevado eculeo de tormentos respondesse ao maior dos criminosos do genero humano, que na hora do remorso atribulador, nesse instante de suprema afflicção exclama: « Jesus-Christo! sêde misericordioso comigo! Eu creio na vossa omnipotencia, e não tenho lagrimas que valham o perdão do menos grave de meus crimes! »

Nestes trances, em que o homem cede ao grito da consciencia; nesta intima peleja das trevas com a luz; neste subir d'espirito para o seio de seu creador... qual de nós não anciará pelo amor de mãe celeste, que junto do Altissimo balbuciasse a supplica do nosso perdão?!

Felizes aquelles que acordaram do afflictivo pesadello do crime, porque o Senhor collocou a seu lado a mão carinhosa da mulher, que lhe enchugou as lagrimas! Dessa mulher foram ditos os destinos do calvario:

Mulher! ahi tens teu filho.

Dessa mãe fallou Jesus-Christo ao discipulo, apontando para a sua:

Ahi tens tua mãe.

Maria! coração ralado de tormentos, e sempre carinhoso em receber o deposito das nossas lagrimas! Maria! bemdita entre as mulheres, pomba mystica que desces do seio dos anjos a poisar sobre o coração do homem, que te chama na hora do seu remorso! Maria! formosa palma de justiça, lirio purissimo de castidade, que floresces no seio d'aquelles em que a mão do crime semeara espinhos de tormentosa desesperação! Maria! carinhosa mãe, que me foi dada no calvario, a mim orfão dos afagos daquella, que tão cedo me abandonou no meu primeiro somno de innocencia! Maria! cumpri em mim aquelles destinos, que vosso Filho nas agonias do passamento vos confiou! Sêde o meu amparo, para que eu não murmure, nas minhas horas de desfallecimento, aquella penetrante queixa de vosso filho:

Meu Deus, meu Deus por que me desamparastes?

Que exclamação é essa de filho abandonado nas ultimas aspiraçoens de sua alma, nos ultimos arquejos de seu peito roxeado pelos vergoens das disciplinas?

E' a derradeira prova de amor de Jesus-Christo ao genero humano.

E' o Deus que se priva de todas as consolaçoens, para lavar as nodoas do homem com a ultima gota do seu sangue. E' o ultimo trago que o calix da agonia derrama naquelles labios, onde a palavra da Redempção deve ter o seu complemento pelo grito da sede abrazadora.

Tenho sede

exclamava Jesus, quando o anjo dos flagellos lhe descia o veo da morte nos olhos que se fechavam sobre o mundo resgatado. Era uma sede espiritual da nossa salvação. Era o incendio do coração, que lhe escaldava os labios: o incendio do amor, que tão ingratos recompensamos com a perversidade da indifferença.

Pai! Em tuas mãos entrego o meu espirito.

O espirito do Filho Deus expiara os peccados do genero humano.

Os nossos orgulhos tinham sido perdoados pelo preço dos opprobrios, soffridos por Jesus.

Quando Lucifer era lançado ás trevas eternas, Christo estendia-nos a mão ensanguentada ao fundo abysmo da culpa.

Do sangue do justo renascêra uma geração nova.

O mysterio da Redempção, em todos os seus lances de sangue, estava cumprido. A morte do Enviado do Senhor era a ultima letra das profecias.

O Enviado, pois, quando o extremo halito da vida lhe sahiu do peito, e a face lhe pendia morta, e a natureza se carregava de trevas, e os mortos surgiam dos tumulos, e o veo do templo se rasgava... murmurou a palavra final da sua paixão:

Tudo esta' consummado.

O ecco desta palavra será o brado condemnador para aquelles que a despresaram na vida, e, no ultimo dia do tempo, não saberão comprehende-la.

Sexta feira de Paixão. *Camillo Castello-Branco.*

O Christianismo exulta por atrahir ás sua columnas um genio destincto, que os tufoens violentos da politica impelliram para longe desta terra. Era uma flor, que nascera debaixo do formoso ceu de Portugal, e que desabrochara derramando aromas que promettiam afastar de nós o ambiente pestilencioso da impiedade. O author do *Novo Principe*, o illustre combatente daquelles principios politicos, cujo triunfo se regosija com o respeito devido ás instituiçoens catholicas, é a vasta intelligencia que brindou este jornal com os atavios do genio, consagrado as sublimes crenças da Cruz. Longe dos seus, pulsa-lhe o coração pela felicidade da patria, e não póde callar os conselhos que a sua edade lhe authorisa, e as crenças vehementes lhe inspiram. Um artigo sobre « Penitencia » n'uma epoca d'orgulhos como a triste em que vivemos, é, talvez um conselho de bom pai dado a pessimos filhos, mas o pensamento grande, que inspirou um tal artigo, é o desejo de applicar o balsamo da religião ás ulceras sociaes, que os dilirios politicos rasgaram no coração de Portugal. Se nos perguntassem o que tem o confessionario com o regimen das sociedades, perguntaria-mos que razão de parentesco milita entre o livre arbitrio e a anarchia. Pediria-mos que nos explicassem a virtude daquelles que ajoelham frequentemente aos pés d'um ministro do altar. Pediria-mos, em fim, que reconstruissem o edificio da nossa nacionalidade com os ellementos da impiedade, do atheismo, e da absoluta negação religiosa.

O snr. dr. José da Gama e Castro, instigado pelas suas vigerosas crenças, dará ao Christianismo alguns preciosos instantes, que, lhe sobejem á sua vida occupadissima no centro da tumultuosa Paris. O interesse é de nós todos, e o Altissimo é que póde dar a justa paga destes serviços.

O artigo, que se segue, foi escripto para ser lido na estação da Quaresma; mas era já tarde quando esta redacção o recebeu. A penitencia é de todo o tempo, porque a culpa tambem o é, e a misericordia do Senhor não tem prazos fixos, porque o « tempo » é um attributo da humanidade tranzitoria.

O SACRAMENTO DA PENITENCIA.

Só Deus, que foi o legislador dos christãos, é que podia fazer um sacramento do que é indispensavel á felicidade dos homens; porque (coisa admiravel e digna de eternas acçoens de graças!) este mesmo sacramento da penitencia, instituido para penhor da nossa felicidade na outra vida, começa por no-la dar na presente.

Uma vez que a innocencia esteja perdida, não ha senão o arrependimento das nossas culpas que possa substitui-la; e arrependimento sem confissão e reconhecimento profundo de que se peccou, é impossivel. Quanto mais tal reconhecimento e confissão nos custar, tanto mais o seu effeito será feliz.

Se o orgulho é a causa de todo o mal (e certamente o é por que o Espirito Santo o diz) só uma humiliação voluntaria é que o póde curar. E' certo que não ha nada tão proprio para fazer revoltar a soberba, e para offender tão cruelmente o amor proprio, como esta revelação voluntaria das proprias mazelas e das torpezas do coração e da alma. Mas que ha-de ser? Em quanto o orgulhoso não vier cahir aos pés do sacerdote, que está no confessionario, a sua vida não é senão uma serie de imposturas. Como! Andava pelo meio de todos estimado e muitas vezes honrado, e ha-de ser elle mesmo que, destruindo todas as illusoens, ha-de vir despojar-se de todos os ricos afeites que o vestiam, e appresentar aos olhos alheios o espectaculo da sua hedionda lepra?! De que decepçoens, de que humiliaçoens, de que miserias não deve a sua vida ter sido atravessada, para obrigar a tam difficil resolução!

Julgaveis, pelo sorriso que de continuo lhe vieis sobre os labios, que a paz e a tranquillidade morava no fundo daquella alma? Enganaveis-vos: debaixo da superficie liza das aguas lá estava estirado o crocodilo, e lá ia roendo em silencio essa mesma alma, que tão feliz vos parecia. Lá estava, acompanhada de todos os seus ministros, a consciencia que é executor da alta justiça de Deus. Ninguem a ouvia, ninguem a via: porem lá estava occupada continuamente do seu terrivel officio; lá mandava ao remorso que se erguesse, que se enroscasse á roda do peccador, e que nem de dia nem de noite lhe deixasse um unico instante de repouso. E o triste, cansado de combater, faminto de tranquillidade, acabava por sentir dentro de si alguma coisa de semelhante ao que arrancou ao filho prodigo o grito de salvação: *Surgam et ibo ad patrem!* Quero-me levantar, e quero ir ter com meu pai.

Sim, nesta mesma confissão que tanto medo nos mette, ha alegria e ha ventura para quem a ella recorre depois de uma longa vida de culpas e de tormentos moraes. De resto nada mais simples do que a liturgia do sacramento da penitencia, e nada mais proprio para facilitar o accesso do peccador. E' sempre na parte a mais retirada e a menos evidente do templo que o tribunal de misericordia está collocado. Em muitas igrejas, sobretudo d'Italia, pódem ler-se, na frente delle, differentes sentenças, tiradas da Escriptura, e escolhidas para convidar o culpado a appresentar-se. Eisaqui algumas das mais tocantes: *Vou-me ter com meu pai, e hei-de dizer-lhe* — Meu pai, pequei! — *Vinde ter comigo vós todos que succumbis debaixo do vosso fardo, e eu vos alliviarei.* — *Ide em paz e não torneis a peccar.*

E antes de vir lançar aos pés do sacerdote todas as suas iniquidades, qual era o estado do peccador? Depois de ter vivido tantos annos com os vicios e com as torpezas do peccado, como se fossem seus irmãos e suas irmans, bem reconhecia que para arrojar de si o pezo insupportavel da consciencia, lhe era preciso reconhecer todas as transgressoens da lei divina, todas as offensas de Deus e do proximo, de que se sentia culpado; porem tambem tinha vivido com os homens e, á força da conhecê-los, bem sabia até aonde as suas exigencias podiam ir. Aos olhos de Deus uma unica lagrima de arrependimento sincero era bastante; aos olhos do mundo eram necessarias torrentes de sangue para reparação de uma unica injuria.

Mancebos que lerdes estes artigos; não sei que felicidades ou que fortunas vos estejam reservadas durante o curso da vossa vida. Não sei se vosso saber vos deve collocar acima dos vossos emulos; não sei se as artes ou as sciencias vos guardam as suas coroas: porem o que sei é que nesses mesmos momentos em que, rodeados de homenagens e embriagados d'incenso, vos sentirdes mais completamente felizes, sê-lo-heis todavia mil vezes menos que o homem que, levantando-se do confessionario, póde dizer aos anjos se os encontrar: *Anjos, sou vosso irmão!*

Vinde, por tanto, procurar no meio das nossas igrejas um destes tribunaes que estão sempre abertos ao arrependimento e á desgraça, vós todos que, esmagados pelo peso das vossas culpas, amaldiçoais mil vezes por dia a noite em que vossas mãis vos concebêram, porque só encontrais em torno de vós frieza e abandono; vinde e encontrareis no ministro de Jesus-Christo o mais compassivo de todos os consoladores, o mais seguro de todos os amigos, o mais discreto de todos os confidentes. Se peccastes, sereis perdoados; se vos desviastes do caminho da justiça, sereis dirigidos; se estaes afflictos, recebereis consolaçoens; se cahistes, sereis levantados; se perdestes o animo, dar-se-vos-ha coragem; se sois infelizes, sereis soccorridos; e ainda que tudo vos faça pender para a terra, recebereis azas com que a vossa alma se possa elevar a Deus.

Qualquer que seja a idade da vida, não ha nenhuma em que a confissão não facilite e não melhore cada uma das estaçoens da nossa existencia. Se o homem é ainda menino, nada mais proprio para conservar este perfume de innocencia que tam facilmente se perde, como este habito de dizer a verdade desde que a intelligencia começa a alvorecer. E' então que as primicias da vida se preservam mais facilmente, já pelo temor do mal que o sacerdote inspira, já pelos prudentes conselhos que dá, já pela fugida das más companhias que recommenda, ja pela obediencia e respeito que lhes inspira para com os auctores dos seus dias.

Entrou já o homem na epoca da adolescencia? Nada mais necessario para elle do que o confessionario, se quizer resistir á torrente das paixoens que ameaça arrebata-lo. E' então que se torna ainda mais necessario que uma voz amiga lhe ensine a evitar as leituras perigosas e as companhias suspeitas. E' então que é preciso representar-lhe todos os preceitos de uma vida desoccupada, e pôr-lhe di-

ante dos olhos as regioens infernaes povoadas de victimas da ociosidade.

Quanto ás pessoas casadas, quem mais necessidade terá do que ellas de conselhos que lhes ajudem a conservar a paz e a concordia, sem a qual a felicidade domestica é impossivel? Não sam sobretudo as classes trabalhadoras que podem por este meio ser preservadas destes habitos funestos, que absorvem em um dia d'orgia o fructo do trabalho d'uma semana, arruinando assim as familias, e chamando atraz da ruina a miseria, atraz da miseria o crime, e atraz do crime o suicidio?

Ah! já percebo; é certamente ao velho que o tribunal da penitencia será inutil. « Já sahistes da tormenta das paixoens, virá tal sceptico dizer-lhe; gozai da paz que a sua auzencia vos procura, e não attribuleis os vossos ultimos dias, curvando-vos debaixo do jugo d'um confessor. »

Como! E seremos nós os que já chegamos ás fronteiras da eternidade, que havemos de privar-nos do unico elixir que póde procurar-nos o descanso dos nossos dias, o somno tranquillo das nossas noites, e afugentar de nós os remorsos que são os espinhos da consciencia?! Já a idade nos trouxe as enfermidades que devem preceder a nossa partida; já o tempo devastou tudo em torno de nós; os nossos amigos desapparecêram uns depois dos outros como as folhas seccas que o vento leva; quem nos consolará, no meio de tam cruel solidão, das privaçoens da adversidade? Quem, melhor do que o amigo que Deus nos deu no confessionario, sabe as palavras que consolam, que fortificam, que sustentam e que levantam? Sim, aquelle que devassou todos os escaninhos do vosso coração, aquelle que tenteou todas as feridas que o peccado vos fez, aquelle que vos absolveu e purificou de todas as vossas iniquidades, é sem contradicção quem, melhor do que ninguem, vos póde ajudar na rapida e temivel passagem do tempo à eternidade.

Costumai-vos cedo a frequentar os ministros de Jesus Christo para vos não verdes embaraçados, quando chegar o momento em que delles tiverdes necessidade. E' precisamente este divorcio que a moda e o filosofismo tem estabelecido entre os seculares e os ecclesiasticos, que torna extremamente difficultoso o accesso destes ultimos, quando a sua presença se torna indispensavel. Qual de vós não tem sido testemunha do embaraço em que as familias se veem quando uma molestia grave e perigosa vem visitalas? Já a morte bateu á porta do moribundo; a necessidade é urgente; mas a familia, preoccupada do susto que deve causar a presença d'uma batina, hesita, tergiversa, e ainda o padre não chegou á cabeceira do doente, já a morte se apoderou da sua presa, e daquelle que o ministro de Jesus-Christo teria reconciliado com Deus, apenas resta a memoria e o cadaver!

Choremos sobre aquelles de que a morte nos separa todos os dias; porem ao menos obremos de maneira que as nossas saudades nunca sejam eivadas de remorsos.

JEZUITAS.

VI.

ODIOS IMPOTENTES.

> Se o mundo vos aborrece, sabei que primeiro eu fui aborrecido. Mas os maus tratamentos que vos dérem, por causa de meu nome, vos serão dados, por isso que elles não conhecem quem me enviou.
>
> S. João, XV, 18 e 21.

Paulo III, recebendo alegremente estes experimentados obreiros da trabalhosa vinha do Senhor, collocou-os onde mais urgentes necessidades os reclamavam. A cadeira de escolastica, e a da Sagrada Escriptura, no collegio da Sapiencia, foram confiadas ao zelo de Laynés, e Lefebvre. O pulpito, d'onde a voz apostolica devia trovejar sobre as multidoens da Roma immoral, coube a Ignacio de Loyola, nesta partilha solemne d'uma difficultosa regeneração de costumes.

De differentes cidades da Italia convergiram a Roma, ao chamamento de Ignacio, aquelles sete missionarios, que aguardavam a palavra do chefe para entrarem na grande lucta do catholicismo contra o bando heresiarca de lutheranos e calvinistas.

Estas são as palavras que Ignacio de Loyola fallou aos seus irmãos de batalha nas vesperas do seu vigoroso acommettimento:

« Cerrou-nos o céu as portas da Palestina, para que « as do universo nos fossem abertas. Para tamanha em- « presa era pequeno o nosso numero: cresceu: mais cres- « cerá ainda: quasi constituimos uma hoste. Mas os mem- « bros não se fortificam em corpo, se os não prende um « mesmo vinculo. Convém estatuir leis que regulem a « familia reunida á voz de Deus, e que não só aviventem « a sociedade, que vamos organisar, mas tambem lhe « dêem uma perpetua duração. Oremos juntos e separa- « damente para que a vontade divina se manifeste. »

Na segunda assemblea, unanimemente convieram em que a sua nascente sociedade fosse submettida á approvação pontificia. Na ausencia de Paulo III, o cardeal, legado de S. Santidade, concedeu-lhes, visto que mais não podia, a faculdade de prégarem. Os padres, dispersos pelas egrejas mais populares, exerciam uma tal influencia no espirito das turbas, que Roma parecia transformar-se no seu caracter pervertido, e possuir-se, como prodigiosamente, d'uma severa consciencia do seu passado, que é o recolhimento precursor da contrição.

Agostinho de Piemonte, religioso eremita do santo de seu nome, vertia no coração de seus ouvintes o veneno de Luthero, quando do pulpito hypocritamente bradava contra o relaxamento da disciplina ecclesiastica. Loyola encarrega a dois padres a vigilancia sobre as doutrinas do heresiarca; e, convencido d'uma verdade que lhe parecia incrivel no centro do Catholicismo, sobe ao pulpito, e de lá arranca a mascara ao hypocrita, que protesta vingar-se pela traição, já que a eloquencia era impotente, depois da sua derrota.

Quatro hispanhoes, assalariados pelo lutherano, divulgam que Ignacio era feiticeiro, e heresiarca, e, como tal, fôra queimado em estatua nas praças de Pariz, Alcalá, e Veneza.

A calumnia produzin uma impressão desagradavel no povo: Ignacio diminuiu na opinião que o favorecia; mas o brilho da calumnia é um relampago, que rapido se apaga no espirito tenebroso do calumniador. Ignacio de Loyola instaura um processo no tribunal do bispo, governador de Roma, Benedetto Conversini. Abre se o Evangelho ás testemunhas que não apparecem. Pergunta-se ao auditorio, qual a testemunha que viu Ignacio de Loyola queimado em estatua em Veneza, em Alcalá, e em Pariz. O auditorio olha-se mutuamente silencioso, quando do seu seio se levantam tres homens, que juram pela innocencia do accusado. Estes tres homens eram os tres magistrados ecclesiasticos das tres cidades, onde a calumnia inventára fogueiras para a estatua de Ignacio de Loyola!! Providencia de Deus!

Agostinho de Piemonte, como espavorido pelo fantasma da sua deshonra, fugiu para Genova. Ahi o demonio da vingança inspirou-lhe imprecaçoens escriptas contra a S. Sé, e mais tarde a Inquisição foi o tribunal onde o heresiarca obstinado fechou a sua lamentosa biografia.

Ignacio não adormeceu nos regalos da sua justificação. Corpo solidario com seus irmãos, o mais zeloso da honra de seus companheiros, Ignacio fez que de todos os pontos onde a doutrina daquelles se exercêra, uma voz unisona proclamasse a santa vida dos missionarios. Não foi bastante um tão eloquente testemunho. A inquietação, filha da desconfiança, agitava o espirito popular, cujas preoccupaçoens lavram profundas raizes á sombra da ignorancia. Era necessario o argumento positivo dos factos: era indispensavel um destes successos grandes, que a intelligencia popular não comprehende em theoria, mas que o tacto material crê, santifica, e eleva ás honras d'um venerando prodigio. A mão providente do Altissimo manifestava-se nas occasioens arriscadas.

Em 1539 as chuvas do céu afogaram as sementes nas

scaras de Roma. As classes pobres vagavam, pallidas de fome, e encostavam-se aos porticos dos palacios, como quem, nos trances da indigencia, busca morrer á sombra da grandesa. Ignacio, e seus companheiros, mendigavam o pão da caridade, e distribuiam-no ás victimas da penuria, que mal podiam gemer uma supplica ao abastado que passava indifferente. Pobres nús, e desamparados sobre as lages das ruas, eram os futuros jesuitas quem os tomavam aos seus hombros, e os recostavam nas pobres enxergas do seu asylo. Depois, á porta do rico batia a mão humilde de Ignacio de Loyola, e o rico, condoido pela supplica que lhe era feita em nome da desgraça, lançava no regaço do Gentil-homem d'Hespanha a bemdita esmola, que o missionario levava aos infelizes, que não eram mais pobres que elle.

Então, sim. O povo comprehendeu. As suas lagrimas fallavam pelo homem dos sacrificios. Ignacio de Loyola já não era o herege, nem o suspeito de tençoens cavilosas. Era um anjo, em redor do qual nove apostolos se illuminavam d'um reflexo que o céu vertia sobre a fronte do seu enviado.

Ignacio, instigado pela aura popular que seus feitos lhe grangearam, cura dextramente de formular as constituiçoens do seu Instituto. Apresentadas pelo cardeal Contarini ao chefe da Egreja, Paulo III, meditando-as, exclamou: « Está aqui o dedo de Deus! »

Camillo Castello-Branco.

Snrs. redactores.

No meio da corrupção d'immoralidade, que lavra por toda a parte; neste tempo, em que parece os homens se não elevam acima da região dos sentidos, algemados a objectos materiaes — em que o amor das riquesas e dos prazeres é o grande pensamento da vida — escrevo algumas paginas para mostrar áquelles, que o habito do crime não petrificou, quanto são frivolos os seus gostos, imaginarios e soberanamente despresiveis esses bens, porque o seu coração anceia com tamanha avidez, e que a virtude é o unico bem do homem, o unico caminho da sua felicidade, e que, fóra della, está aberto o abysmo de penas e de desgraças. E' para demonstração desta verdade que offereço a Vv. snrs. redactores, este discurso, que sujeito ao seu juizo e correcção, para que lhe dêem cabimento no seu jornal, se entenderem, que é digno disso. = Deus guarde a Vv. muitos annos

Lourosa da Trapa 15 de Março de 1852.

Alvaro Vaz Correa de Seabra da Silva.

VAIDADE DO MUNDO, E EXCELLENCIA DA VIRTUDE.

I.

« *Vanitas vanitatum et omnia vanitas* » — Vaidade das vaidades e tudo vaidade » — disse o Sabio, e verdade é esta, que todos vemos e que ninguem ainda contestou; pois é incontestavel a evidencia. Tudo no mundo roda n'um turbilhão perpetuo de aspiraçoens, de projectos e de prazeres; mas que mentirosas esperanças! Tudo vaidade, e só vaidade! Os astros que passam sobre a scena do mundo brilham um instante. O meteoro de hoje terá manhan desapparecido no occaso dos desenganos! Tudo o que finda com o tempo tem uma existencia efemera; é uma sombra que passa, é uma perfeita nullidade, a nada se reduz, pois nada é o que em nada se converte! Corremos para o tumulo, dizem os nossos livros sagrados, como as aguas correm para o mar, aonde se somem e donde não voltam mais: é debaixo dos nossos pés que se fende essa cova, que nos ha-de devorar, é ao nosso lado que se levanta o esquife, como derradeira homenagem do leito da morte á sepultura! Calcamos hoje aos pés a terra, que ámanhan nos ha-de cobrir! Que terra é esta que habitamos? — um vasto cemiterio, a que desceram as geraçoens passadas, e em que se emerge a geração presente!

A destruição do nosso ser, a morte, que anniquila a nossa existencia, esta catastrofe horrivel porque havemos de passar, e que a cada momento póde realisar-se, reproduz-se incessantemente á nossa vista por mil modos differentes, por mil scenas variadas: tudo perece, tudo cahe á roda de nós: a cada instante o sopro da morte desfolha as flores d'alguma vida preciosa, ou de alguma pessoa que nos é cara: todos os dias nos leva nossos parentes, amigos, visinhos e conhecidos: todos os dias joga á sorte os valentes e os fracos, os moços e os velhos, os opulentos e os desgraçados: todos os dias murcha grandes esperanças, desfaz grandes projectos, e arruina grandes fortunas: todos os dias passa terrivel e soberana sobre tudo o que respira e vegeta: a cada momento empallidece os semblantes mais risonhos, deslustra o encarnado das rosas, amarellece o alvor dos lirios, e desce o seu véu sombrio sobre as bellesas da vida na sua primavera!

Não contente d'arrancar o tenro menino dos braços da mãe, que o afaga contra o seio; não contente de sepultar as maiores esperanças com o moço robusto e intrepido; não contente de roubar um pai de familias a filhos consternados, um esposo querido a uma viuva desolada; d'arrogar o semblante do velho muito tempo antes que a luz dos olhos lhe fuja, a morte suscita fomes, pestes, guerras, incendios, e vulcoens, assentada deshumanamente sobre estes flagellos formidaveis como sobre um throno de gloria e magestade! banhando-se com muita satisfação assim nas lagrimas, que correm de todas as partes como no sangue, que faz derramar. Manda á terra que engula os vivos e esta se muda logo n'um vasto cemiterio: determina aos prazeres que executem as suas terriveis sentenças, e elles lisongeando os homens vem a ser finalmente os seus verdugos: rasga o véu, que cobre os thronos e acaba-se para logo a illusão; e aquelle, cujo esplendor parecia tão duravel como o sol, transforma-se de repente em um espantoso rochedo, ou para o dizer melhor, n'um formidavel escolho, ou n'um horrivel espectro: nada escapa emfim á sua acção destruidora! A morte não deixa ao heroe mais famoso senão algumas lembranças lugubres, quando muito um triste bronze sem alma e sem vida, que os substitue nos logares, que foram o theatro das suas façanhas; mas a final nem essa lembrança lhe deixa; porque depois de devorar a sua pessoa apressa-se a roer o seu retrato e o seu sepulchro e não descança até que o risque para sempre da memoria dos vivos. Apaga em fim os brasoens de gloria, as armas, as victorias, e nolas representa como vãos simulacros, que passam soberbamente por nossas cabeças, e que já não existem, quando se contemplam. A sua força é tamanha, o seu imperio tão universal, que ella desafia todos os entes que vivem, ou respiram sobre a terra para que existam um momento sem licença sua. E' tão ciosa do seu poder, que parece se apraz em procurar de preferencia, ou para primeiras victimas do seu furor aquelles, que menos a temem, ou se persuadem teem forças para luctar com ella e resistir-lhe.

E no reino da morte, no meio de tantos desenganos desta ruina universal, destes destroços immensos, desta mortandade horrorosa, sob este poder fatal nós temos a impudencia, ou a loucura de nos prometermos uma especie d'immortalidade e de permanecer impavidos, como se a sorte dos outros não fosse a nossa, ou como se tivessemos sobre a terra raizes immortaes, ou algum privilegio especial nos preservasse da ruina e da destruição geral. Mas bem depressa se dissipa esta ridicula illusão; ámanhan a morte nos fará partir pelo caminho dos outros, sem outra differença, que não seja a de algumas horas, que nos precederam aquelles que já foram, ou que se hão-de demorar aquelles que cá ficam para irem depois de nós, e este intervallo, que nos separa da morte é tão curto, é tão instantaneo e repentino, que apenas o percebemos; sempre chega o seu termo quando menos o esperamos, e quando mais desapercebidos estavamos delle; nunca suspeitamos que a vida passasse tão ligeira, e que o tumulo estivesse tão perto de nós!

Assim passa o homem, como tudo o que é obra do tempo, que só tem um instante de vida e outro de morte e anniquilação: assim passa o homem; assim deixa de ser, como se nunca fosse; como se fosse um sonho a sua existencia

e uma illusão a sua vida! Que restará pois brevemente de nós? Nem signal de que existimos: uma pouca de cinza fria, um pouco de pó, que jaz no sepulcro, e a final nem essa cinza, nem esse pó, nem as mesmas exhalaçoens da sepultura. . . que digo! nem o mesmo tumulo, nem o mesmo epitafio, que quizeram nos sobrevivesse e que pareciam destinados para perpetuar alguma coisa de nós; porque a morte anniquilará tudo para apagar de todo a nossa memoria, para não deixar por onde passou o menor signal de vida, o menor vestigio d'existencia!

Ah! que pouco é o homem sobre a terra!

Que seria pois de nós, ou como deveriamos ser avaliados se não tivessemos mais, que esta vida animal, que ámanhan se ha-de desfazer, se os nossos destinos não abarcassem uma eternidade! Que ente despresivel não seria então o homem! Como é pois vão, como é frivolo e ridiculo tudo o que nos apega á terra! Como é enganador este mundo, como é falso quando nos gaba seus bens como se fossem a nossa felicidade! Que chimera!

Se ha em nós um principio intelligente, que mede a extensão dos céus e da terra, que ha-de sobreviver-lhe e sahir intacto das suas ruinas para subsistir eternamente, que é todo o mundo em comparação delle? Que importa a uma alma destinada a viver na região da immortalidade, que tem por sorte, ou por herança uma eternidade, todos os bens da terra, todas essas felicidades imaginarias, que lhe offerece o mundo e que acabam com elle? Acaso podem felicita-la? Em que relação está ella com o tempo, que perece; em que contacto com alguns palmos de terra que deixa para sempre?

Um ente immortal em si e em seus destinos, poderá ser felicitado por bens que o deixam n'uma nudez, ou n'uma deformidade eterna? Deverá correr apoz de sombras que passam?

Deverá edificar sobre a arêa, que leva agua, ou que espalha pelos ares qualquer ligeira viração? Deverá levantar colossos sobre o nada e a sepultura? Deverá estender seus desejos e fixar por termo dos seus destinos algumas particulas de pó que se somem, algumas gotas d'agua que se evaporam, algumas faiscas que se extinguem, alguns vapores, que se dissipam, e em que se decompõe este universo! Um ente immortal em si e em seus desejos poderá ser satisfeito por alguns instantes de felicidade? Poderão sacia-lo os gosos d'um momento? Como é que tanto se degrada o homem, como se arrasta elle até á condição dos mais vis animaes? Como á similhança do bruto é tudo para elle o momento presente, em que o seu instincto o leva á satisfação de seu apetite! Como se abate elle tanto, como se faz tão rasteiro e tão abjecto como a terra que pisa! Como se esquece da sua dignidade, do seu nobre e sublime fim, dessa immortalidade, que é o seu destino! Como destinado para o céu se encaminha e se dirige elle todo para a terra? Como destinado para a vida futura, só cogita da presente? Como destinado para a immortalidade vai elle procurar a sua felicidade em bens que lhe são estranhos, que fogem e desapparecem com os despojos dessa mortalidade, que pertence á terra d'onde sahiu, que, ou se tornam seus verdugos, ou tão inuteis, como se nunca existissem, como se nunca os tivesse gosado; e o que é mais ainda, como vai elle procura-la no que ha de mais vil e despresivel, ou no que ha de mais torpe e criminoso! Como pertende elle encontra-la desmentindo a Deus, contrariando seus designios, revogando seus decretos, abrindo um caminho diverso daquelle, que Deus lhe assignalou como necessario para obte-la? Porque não acredita elle em Deus? Porque trabalha contra si com tanta ancia e furor? Porque é tudo para elle um corpo que perece e pouco, ou nada um espirito, que lhe sobrevive? Porque rasão cuida com tanto empenho d'uma fortuna, que acaba, e não reserva antes a sua ambição para engrandecer a sua alma, para ajuntar thesouros, que não perecem, que lhe grangeam honra e louvor eterno? Acaso uma terra, que passa, uma vida que se extingue, annos que fogem, honras que se anniquilam, riquesas que desapparecem, ventura, que se perde são objectos comparaveis á sua immortalidade, são vantagens que possam tenta-lo, são bens que o felicitem? Se a filosofia emprestasse os seus olhos á maior parte dos homens, ou lhes cahissem as cataratas que os cegam, elles envergonhar-se-hiam de si mesmos da triste figura que fazem, ou da grosseira e ridicula illusão em que vivem; quero dizer elles veriam sem duvida que nada ha mais fragil, que as cadêas, que os prendem a tudo o que não é eterno.

ABRAHÃO LIVRA LOT DO CAPTIVEIRO.

XIII.

Sodoma desgraçada, que seria,
Que seria de ti? dessa riquesa?. . .
A não ser d'Abrahão a fortalesa
Contra a gente brutal que te opprimia?

Talvez por longo tempo á tyrannia
Servisse o povo teu d'infausta presa!
E Lot, victima triste da pobresa,
Grilhoens de captiveiro arrastaria!

Mas graças a Abrahão, que, confiado
No soccorro de Deus, que é justiceiro,
E só dos servos seus acompanhado,

Destroe o grande exercito guerreiro. . .
Recobra esse despojo antes roubado,
Salva Lot infeliz do captiveiro!

FUGIDA D'AGAR.

XIV.

Agar, que de ser Mãi se vangloria
Na sua triste condição d'escrava,
Os limites transpoem, que lhe marcava
O respeito, que a Sara ter devia.

Mas Sara, não soffrendo a rebeldia,
Com que ao dever de serva lhe faltava,
Severa a cada passo castigava
O louco arrojo seu, sua ousadia.

Agar, d'um tal castigo horrorisada,
Fugindo pr'o deserto, desampara
A casa, onde se vê tão maltratada;

Mas um anjo, que Deus alli mandara,
A faz tornar á casa abandonada,
Pedir perdão da culpa aos pés de Sara.

Vieira.

OS MISSIONARIOS JULGADOS POR UM REPUBLICANO.

(*Frédéric Lacroix. Dicc. politico de G. Pagès. art. Mission.*)

É aos missionarios que os francezes foram devedores da util e constante alliança dos Hurons contra as tribus selvagens, que pelejavam á sombra da bandeira ingleza. Todas as vezes que a paz ou um armisticio, ou troca de prisioneiros eram necessarios, apparecia a intervenção destes intrepidos apostolos. Quantos pagaram com a vida sua generosa dedicação! Quantos pelo martyrio coroaram uma existencia de abnegação, de fadigas, e experiencias de todo o genero! . . . . . .

O paiz, em que as missoens obtiveram os mais maravilhosos resultados, é sem duvida, a China.

E' sabido que os missionarios jesuitas, á força de perseverança e habilidade, chegaram não só a fazerem-se tolerados na China, mas ainda a influenciar nos negocios politicos deste imperio. Quem póde ahi prevêr onde esta influencia iria, se os missionarios a conservassem no extremo oriente?! No momento, em que escrevemos, outros apostolos, não menos corajosos, pregam na China a religião christan, a despeito das formidaveis prohibiçoens cuja ameaça está continuamente suspensa sobre suas cabeças. Não os aterram perseguiçoens nem supplicios: seus heroicos esforços são, todos os annos, recompensados pela conversão de numerosos pagãos. Os neophitos são amigos da Europa, e de prompto se apreciam as consequencias destes progressos relativamente ao grande problema da fusão do oriente com o occidente. . . Eis-aqui o numero de catholicos nas differentes divisoens da Asia (em 1838):

Asia occidental: cerca de . . .	660,000	
Asia central.	800,000	
Asia oriental	752,000	
Somma total	2,211,000	catholicos. (*)

HARPA DE DAVID.

Vou tentar a versão poetica dos 150 psalmos de David. E' um trabalho de vontade, e uma homenagem, que presto ás paginas mais elevadas em dolorosa poesia, que deparo no « livro por excellencia » na Byblia sagrada. A forma, e o estylo, e o zelo, com que farei a versão, estão postos, como especimen, na parafrase, que fiz dos SETE PSALMOS PENITENCIAES. Se mais não consegui, para o aprimorado d'aquella versão, é porque mais não pude, e mais não prometto agora.

O complemento destas tençoens depende do favor do publico. Peço uma subscripção para a HARPA DE DAVID, e peço-a, com esperanças em alcançal-a, porque tenho encontrado no publico um favor, que não ousei esperar.

Calcúlo 40 folhas em 8.º francez, na impressão do Psalterio. Um livro de 640 paginas, pouco mais ou menos, orçando 20 rs. por cada folha, dependia d'uma não pequena assignatura para ser vendido por 800 rs.

E' este, pois, o preço que estabeleci para os assignantes. E' costume calarem-se estes calculos, e arbitrar cada escriptor o merito do seu trabalho; mas eu não vejo algum estorvo que me prive de mostrar que avalio em pouco o meu trabalho, do que estou dando em cada pagina que escrevo — ao menos á minha consciencia — um grande testemunho. . . .

(*) O bispo de Platea, coadjutor do Vigariato apostolico de *Tong-King*, confiado a padres hispanhoes, em 23 de Abril de 1851 escrevia para a França, e da sua carta é o extracto d'algarismos que apresentamos:

Baptismos d'adultos	638
De meninos infieis em perigo de morte.	24,677
De meninos infieis comprados e confiados a catholicos. . .	694
Idem — catholicos.	8,289
Confirmaçoens	28,257
Confissoens	128,623
Communhoens	121,111
Extrema-Unção	5,862
Matrimonios	1,362

Todo este fructo é o trabalho de 35 padres hispanhoes.

Apresentamos esse trecho de F. Lacroix para mostrar aos sequazes d'uma politica, que se julga a rainha das sociedades, sem precisão de auxiliar-se da Egreja, que o bom senso d'algum republicano algumas vezes o obriga a venerar o que ha de mais grandioso para a civilisação dos povos. Em quanto Lacroix procura, por meio das missoens, estabelecer a communhão do occidente com o oriente, nós, sem desvirtuarmos o grande pensamento do republicano, proclamaremos as missoens como meio civilisador de todos os povos, educados pelo mesmo espirito, que é o do Evangelho, ensinados pela mesma doutrina, que é da Egreja catholica, e encaminhados pelos mesmos mestres, que são aquelles a quem J. Christo disse — « Hide e ensinai. »

As pessoas que me auxiliarem nesta publicação podem fazer a sua assignatura em caza dos correspondentes do CHRISTIANISMO. E a estes snrs. peço eu me seja feita a remessa dos prospectos.

Camillo Castello-Branco.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — ROMA. — Falleceram dois eminentes cardeaes: o grande penitenciario Castracane, e o prefeito da sagrada congregação dos bispos e regulares Orioli. O primeiro foi substituido pelo cardial Ferretti, secretario dos memoriaes: e o segundo pelo cardeal Simonetti. O cardial Morini foi nomiado prefeito da economia de Propaganda e da R. camara d'Espolios; o cardial Fornari, protector dos carmelitas calçados e descalços; e o cardial de la Genga Sermattei, protector dos menores conventuaes.

No dia 15 de Março foram proclamados cardiaes Monsenhor Donnet arcebispo de Bordeus, e Monsenhores Lucciardi, Andrea, e Morechini. Foram preconisados muitos bispos, e entre elles o snr. dr. Manoel Bento Rodrigues, arcebispo de Mytilene para bispo de Coimbra.

S. Santidade nomeou secretario d'estado o cardial Antonelli que havia sido prosecretario desde 1848.

O *Giornale di Roma* de 17 publica o decreto do summo pontifice, pelo qual Santo Hilario, bispo de Poitiers, foi collocado no numero dos doctores da Egreja.

— No dia 18 houve outro consistorio em que prestaram juramento os novos cardeaes, e foram admittidos a beijar o pé e mão de S. Santidade por quem foram abraçados, e depois pelos seus collegas.

Monsenhor Orfei, advogado consistorial perorou pela primeira vez em favor da causa da veneravel serva de Deus Germana Cousin, da diocese de Tolosa.

No fim preconisou S. Santidade varios bispos para diversos pontos da christandade.

HUNGRIA — No condado de Kraszo entre esta região e a Turquia, duas povoaçoens d'umas 6000 almas cada uma, que pertenciam ao culto grego dissidente, entraram com os seus ecclesiasticos no gremio da Egreja catholica romana. Chamam-se as povoaçoens Grass — Tikwan e Kakra.

Louvemos a Deus por este triunfo, e roguemos-lhe que se digne abrir os olhos do entendimento áquelles que teem trabalhado para nos separar da Egreja de Roma, e que ainda hoje zombam della e de seus filhos.

HOLLANDA — O culto catholico faz todos os dias novos progressos neste paiz: os religiosos redemptoristas estam construindo actualmente em Rotterdam uma vasta Egreja. Só em Portugal se derribam ainda, ou se deixam cahir em ruinas os formosos templos que nos legaram nossos religiosos avós. Só entre nós se resiste ainda ao grande acto de reparação que se vae propagando por toda a parte. Ninguem mais do que nós precisa de missoens e educação religiosa. Senhores bispos! cumpri com o vosso dever, levantae a vossa voz em favor dos institutos religiosos d'ambos os sexos, de que tanto carecemos, e tereis as nossas bençãos e as da posteridade. Começai por exigir do governo o cumprimento da promessa que fez de restabelecer os seminarios, que tão necessarios sam para educação do clero. Ralha-se da ignorancia do clero, e difficultam-se-lhe os meios de se elle instruir, e moralisar!. . . .

INGLATERRA — No dia 24 de Março verificou-se uma reunião dos chamados *amigos da Italia*, na taberna dos franc-maçons, e discorreu-se largamente em sentido revolucionario. O celebre *Mazzini* sustentou que a forma republicana era a mais conveniente para reunir a Italia em um só corpo compacto, porem que *só podia realizar-se destruindo o pontificado tanto como poder temporal como* ESPIRITUAL. Eis o fim da revolução que se não esconde: chegar á destruição do poder espiritual por meio da destruição da auctoridade, da familia e da propriedade. Abri os olhos aquelles que ainda os tendes fechados.

Hispanha — No dia 21 de Março professaram 5 religiosas no convento de Carmelitas descalças, de Salamanca, recebendo o veu da mão do snr. bispo da diocese, o qual, por esse motivo, pronunciou uma pratica, que muito lhe custou a concluir, por cauza da commoção que sentia e que lhe banhou o rosto de lagrimas. O immenso povo que enchia a Egreja, não se mostrou menos commovido.

— De Barcellona se dirigem a Santander 7 religiosas do convento de Nossa Senhora do Ensino para alli fundarem uma casa de sua utilissima instituição. A senhora que doou seus bens ao estabelecimento vai professar nelle cem a expressa condição de que nunca será prelada. Admiravel exemplo de piedade e modestia de que a falsa filosofia não dá exemplo. Elegeram, portanto, uma prioresa para as governar no seu novo asylo, e contam no seu numero duas noviças recentemente professas, e que pertencem a familias ricas de Barcelona.

Em Pedralbes ao pé de Barcellona professaram varias noviças no dia 20 de Março. Assistiu grande numero de pessoas áquella terna funcção, e foram celebrados os officios divinos com a maior solemnidade. E' deste modo que a religião responde aos seus adversarios.

Asia. — India. — *Missoens do Maduré.* — O vigariato do Maduré, situado na extremidade meridional da peninsula indiana, encerra perto de 150$ christãos, disseminados no meio de 3 a 4 milhoens d'indios e musulmanos. Comprehende em um espaço de mais de 200 milhas inglezas de longo sobre 100 de largo os antigos reinos do Maduré, de Marava e Tanjaour, e a costa da Pesca, primeiro theatro dos trabalhos apostolicos de S. Francisco Xavier na India

O R. P. de Nobili, sobrinho do cardeal Bellarmino, foi o primeiro que, em 1606, conseguiu estabelecer o christianismo no reino de Maduré. Converteu á verdadeira fé milhares d'idolatras e os seus trabalhos foram continuados com bom exito por mais de 150 annos pelos missionarios da companhia de Jesus, muitos dos quaes sellaram a fé com o seu sangue, entre outros o V. P. João de Brito, cuja beatificação foi proclamada por S. Santidade.

Depois da suppressão da companhia, soffreu muito esta missão por falta de padres, até que em 1838, a S. Sé, accedendo ás mui reiteradas peticoens da parte dos christãos, confiou-a de novo á sociedade de Jesus.

Depois desta epoca, a companhia enviou ao vigariado de Maduré mais de 60 missionarios, de que 22 na força da edade, já succumbiram, neste curto espaço de tempo, ao cholera, ao calor do clima, á fadiga e ás privaçoens inseparaveis da sua posição.

A missão quasi que não tem recurso algum. Em muitas localidades, as egrejas que teem os christãos são raras choupanas, que se não fosse a necessidade, não permittiria a decencia que se celebrassem os santos mysterios, ao passo que o paganismo ostenta por toda a parte seus immensos pagodes, e entretem, pelo explendor de suas brilhantes festas, a superstição dos seus sectarios. Tudo o que os missionarios teem podido fazer até aqui, apesar da mais estricta economia, muitas vezes ruinosa á sua saude, reduz-se a 3 ou 4 egrejas construidas em logares os mais importantes.

Ainda não poderam estabelecer nenhuma das instituicoens christans com que a industriosa charidade da Europa sabe tão bem prevenir as necessidades da infancia, da pobresa e da velhice. A unica obra que teem podido emprehender, por meio d'algumas esmolas obtidas para esse fim, é um collegio-seminario, destinado a espalhar a instrucção entre os indios, a formar sacerdotes indigenas e bons cathequistas, e ao mesmo tempo a oppôr um dique ao progresso do protestantismo, que por toda a parte, com o seu ouro, biblias e numerosas escólas, se esforça por fazer proselytos. Já este estabelecimento hia além das esperanças quando veio primeiro o cholera dispersar os alumnos; e depois, um incendio attribuido á malicia dos scismaticos, reduziu a cinzas toda a mobilia com uma bibliotheca preciosa, que havia sido enviada da Europa. O novo edificio ainda está por acabar.

Jerusalem. — O francez Affonso Lequeux, de Lille, fundou um hospital em Jerusalem. Tendo-se distinguido no estudo das linguas orientaes entrou na carreira diplomatica e acha-se incumbido do consulado em Jerusalem. Logo que chegou ao Oriente ficou impressionado com a falta de estabelecimentos de caridade que na sua cidade de Lille teem tido tanto desenvolvimento, para miserias de todo genero. Mr. Lequeux não se limitou, como outros que o precederam, a fallar e escrever. Fez mais do que isso: fundou o *hospital francez* que ha mezes é a providencia dos pobres christãos de Jerusalem por tanto tempo abandonados, e d'esses mesmos musulmanos seus vencedores hontem pelo alfange, e seus vencidos de hoje pela caridade.

Em uma semana soube achar Mr. Lequeux uma casa, organisar uma farmacia, improvisar 22 camas, reunir os fundos necessarios para as primeiras despezas.

No dia de Todos os Santos abriu-se o hospital.

Eis o que diz o proprio Lequeux: « Consegui fundar aqui um hospitalsinho de 22 camas que tem produzido o melhor effeito possivel na população. N'elle recebemos os peregrinos enfermos, os catholicos, os gregos, os coftas, os musulmanos de Jerusalem, e os catholicos de Bethlem e dos arredores.

Notareis que digo *nós*, porque não sou só, como parecieis acreditar, e sem contar com a protecção de Monsenhor Valerga, patriarcha de Jerusalem, fui auxiliado poderosamente por D. Caetano Sorrentino, missionario italiano, que acaba de embarcar para hir pedir a Roma alguns soccorros para o nosso hospital, e ainda o sou pelo doctor prussiano Arnaldo Mendelsohn, que é a mola real do estabelecimento, visitando os enfermos tres vezes por dia, e dando tambem consultas gratuitas aos pobres todos os dias por espaço de duas horas. Mendelsohn acha-se já mais que sufficientemente pago, da sua dedicação; por quanto a caridade conduziu-o á fé, e em 15 de Novembro abjurou o protestantismo em a nossa capellinha.

« Duas palavras de estatistica que tanto em moda está hoje!

« *Movimento do mez de Novembro*: 18 *enfermos*, 10 *estam curados, e* 8 *em convalescença, sendo* 2 *musulmanos: uma menina de* 8 *annos, e um mancebo de* 18, *filho do governador musulmano de Naplusa.* — *Consultas* 427.

Conclue dizendo que espera brevemente tres *Irmans de S. José*, de Mans para servirem o hospital; que o hospital carece de recursos e que recebe esmolas; e que tudo lhes serve — *linho novo e velho, fios, medicamentos e dinheiro.* Recorre aos homens de boa vontade...

Recebem-se esmolas para o *hospital francez em Jerusalem*, em casa de M. Lefebvre rua de Roubaix, 15, em Lille.

America. — Estados Unidos — Ao passo que em Roma se está reedificando a celebre basilica de S. Paulo, que foi presa das chammas, ha 10 annos, *na qual brilhará a bellissima columnata de pórfiro com que o Sultão brindou o papa*, nos Estados-Unidos, os protestantes de Filadelfia ameaçam retirar as quantias com que subscreveram para o monumento que se vae levantar a Washington, senão se excluir do monumento um tronco de bello marmore que o summo pontifice actual enviou para esse fim fazendo-lhe gravar: *Roma á America.* O cazo parece incrivel, e todavia é verdadeiro, e está sendo discutido pela prensa anglo-americano. Como não sobresahe a tolerancia illustrada e a magnanimidade do catholicismo sobre a intolerancia estupida do protestantismo! No entanto ha *pobres d'espirito* neste reino de Portugal, outr'ora classico d'orthodoxia, que todos os dias deprimem o catholicismo e louvam o protestantismo! Oremos por elles que não sabem o que dizem!

HOSANNA!

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Comprehende em 47 paginas a Paraphrase dos Sete psalmos penitenciaes, e as Sete dores de Maria Santissima. Vende-se no escriptorio da redacção do *Christianismo e Portugal*, Lavadouros n.º 24; e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.º 82 a 84; e nos Correspondentes do *Christianismo*. — Preço 60 reis.

ABRIL 24. 1852. — N.º 17.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

V.

Reduziremos a proposiçoens a doutrina dos protestantes, nos artigos que nos são indispensaveis para a controversia que deriva do titulo deste artigo.

I. A doutrina do Salvador e dos Apostolos, no que diz respeito á salvação, acha-se completamente substanciada na 'palavra escripta.' São incriveis os 'artigos de fé, embora a Tradição no-los transmitta, logo que a 'palavra escripta' os não justifique manifestamente.

II. Qualquer leigo, homem ou mulher, tem o direito de julgar o sentido da Escriptura, e pessoalmente interpreta-la.

III. Em controversias religiosas não ha ahi pastores d'Egreja auctorisados pela supremacia a quem devamos submetter nossos juizos. Cada qual decide como lhe apraz.

IV. Os pastores da Egreja são homens; e, como taes, o mesmo importa valerem-se da sua importancia em Concilios geraes, porque a susceptibilidade do erro é a mesma, qualquer que seja a dignidade do homem.

V. A Egreja de J. Christo não só póde errar, mas effectivamente errou, quando a idolatria, a superstição, e outros erros condemnaveis lhe mancharam a primitiva toga d'innocencia.

VI. O papa é o Anti-Christo, e os seus successores são a continuação do Anti-Christo.

VII. Jesus-Christo não deu a S. Pedro algum privilegio sobre os seus companheiros d'apostolado. As Escripturas não nos revelam a supremacia de S. Pedro, e por consequencia os bispos de Roma são eguaes aos bispos de todo o mundo catholico.

Qualquer destas sete proposiçoens, assim francas e desembaraçadas, bastaria para significar a barreira interposta á Reforma e ao Catholicismo.

Pareceu-nos, porém, conveniente alinhavar no mesmo apontoado estes pedaços rasgados do mesmo estendal de heresias, que, mais ou menos coloridas, são aquellas que ha pouco repellimos, embuçadas n'um manto de hypocrisia com visos de moralidade christan.

Pareceu-nos, outrosim, que mais avultariam as nossas provas, quando buscassemos nossos adversarios com os seus argumentos unidos, e não dispersos em posiçoens perigosas. Sendo certo, que em todos os trabalhos systematicos da intelligencia humana ha um enlace de raciocinios, que os faz valiosos e solidarios, é tambem evidentissimo que, nesta maneira de expôr a controversia, não procuramos fazer pedaços a estatua do protestantismo para mais commodamente a pulverisar em fragmentos.

Esta linguagem, que parece um atrevimento contra um complexo de seitas que se contam por milhoens, não diz tanto como as eloquentes conversoens, que o Christianismo annuncia na sua 'chronica.' A filosofia da impiedade não tem jus á polidez das consideraçoens e do respeito. Fronte levantada, e o fel prompto nos labios para cuspir a face do catholico, o impio orgulhoso não reclama a caridade do Evangelho, quer a disputa aguerrida das escólas, e, collocando-se na linha dos Julianos, dos Arios, e dos Pelagios, desafia o justo resentimento dos Tertulianos, dos Origenes, e dos Agostinhos.

Não póde o seculo, infelizmente, erguer estes vultos venerandos na Egreja lusitana: todavia, á sombra dessas arvores magestosas, que bracejaram frondes para todos os seculos, o Christianismo busca elevar-se para aquelle alto principio donde descem aos pequenos da terra a coragem que os faz grandes entre os maiores do orgulho humano.

Os protestantes repellem absolutamente a tradição. A 'palavra escripta' e nada de doutrinas que derivem do consenso universal, nem tradiçoens humanas, que debalde a Egreja catholica reputa divinas. Ora nós, se proposermos sobre a 'palavra escripta' uma questão muito simples, podemos ficar seguros que não receberemos uma resposta de todas as seitas protestantes, qualquer que seja a denominação de cada uma.

A questão é esta:

Que 'palavra escripta' ensinou aos protestantes a eleição dos livros sagrados, que constituem o seu codigo ecclesiastico?

Suppondo que um dos livros da Escriptura presta testemunho a todos os outros, qual é a 'palavra escripta' que justifica a authenticidade desse livro abonatorio?

Não existe essa palavra escripta; e, comtudo, as egrejas reformadas receberam a tradição da Egreja romana para escolherem os livros do seu codigo ecclesiastico!

E' uma grosseira inconsequencia, que denuncia os frageis alicerces da Reforma!

E como seria possivel o contrario se a genuina interpretação da palavra escripta é contra a 'palavra escripta' dos protestantes!?

Como consta da 1.ª proposição, a doutrina do Salvador, e dos Apostolos, em tudo que diz respeito á salvação, está consignada na escriptura; mas não será cegueira prestar credito a semelhante maxima contrariada pela propria escriptura?!

S. Paulo é, quanto podemos desejar que o seja, explicito:

« E portanto, meus irmãos, permanecei firmes; e conservai as tradiçoens, que aprendestes, de nossas palavras, ou por meio de nossas cartas. » (*a*)

« Em nome de N. S. Jesus-Christo, meus irmãos, ordenamos que fujais aquelles d'entre vós cujo procedimento desregrado não é o que lhes ensina a tradição, que receberam de nós. » (*b*)

(*a*) Itaque, fratres, state: et tenete traditiones, quas dedicistis, sive per sermonem, sive per epistolam nostram. 2. Thessal. Cap. 2, V. 14.

(*b*) Denuntiamus autem vobis, fratres, in nomine Domini nostri Jesu Christi, ut subtrahatis vos ab omni fratre ambulante inordinate, et non secundum traditionem, quam acceperunt à nobis. 2. Thessal. C. 3. V. 6.

« Eu vos louvo, meus irmãos, por vos ser lembrado em tudo, e guardardes as tradiçoens que vos dei. » *(c)*

Não é mister fatigar a intelligencia na versão destes textos para comprehender que S. Paulo ensinára verbalmente aos de Corintho e Thessalonia doutrinas, que suas cartas não mencionavam. E, ao mesmo tempo, reconhece-se que o Apostolo recommendava egual observancia tanto para o que fôra dito, como para o que fôra escripto.

S. Paulo, escrevendo a seu discipulo Thimoteo, observa-lhe que transmitta aos homens capazes de instruir os outros o deposito de doutrina, que elle discipulo lhe ouvira na presença de muitas testemunhas. *(d)* Este deposito doutrinal não é a 'tradição escripta' porque essa era de todos, e ninguem, por mais elevado na gerarchia ecclesiastica, se irrogava o thesouro peculiar dos livros sagrados. O deposito era a 'tradição oral' cuja perpetuidade é providenciada pelas admoestaçoens do Apostolo, repetidas vezes, ás Egrejas d'Epheso, de Corintho, e Thessalonia.

Em virtude destes argumentos buscados na 'palavra escripta' S. Paulo não favorece os protestantes: reprehende-os como fizera aos de Thessalonia, cujo procedimento desregrado estava bem longe de respeitar a tradição, que lhes fôra revelada.

O Evangelho de S. João, nas suas derradeiras palavras, é um testemunho insubornavel ás cavilosas interpretaçoens dos heresiarcas. « Jesus operou outras muitas coisas, que minuciosamente contadas não bastaria o mundo para conter os livros escriptos. » *(e)*

E é crivel que a palavra de Jesus, a significação do homem-Deus, a semente lançada no seio do genero humano cahisse na voragem do esquecimento?! E' crivel que as obras de Jesus, tão amplas, tão multiplicadas como o Evangelista as proclama, fossem beneficios precisos á primeira geração dos filhos da lei nova, e inuteis para a geração do seculo XVI?

Sustentam os protestantes — quanto é possivel á má fé sustentar principios absurdos — que qualquer leigo, homem ou mulher, tem o direito de interpretar e julgar o sentido da Escriptura. Os anabaptistas, ramificação daquelle tronco regado por sangue precioso no coração da Allemanha, avançavam que aos mais ignorantes concedera o Altissimo mais penetrante espirito de interpetração. E' por isso que João de Leide, cansado das saturnaes de Munster, em que o *verdadeiro* culto era representado por uma devassidão liberrima, batia á porta dos jornaleiros a mendigar a versão genuina das palavras de Jesus-Christo.

As palavras da Escriptura desmentem rigorosamente estas asserçoens disparatadas.

« E' de saber, primeiro que tudo, que nenhuma profecia da Escriptura se explica por interpretação particular. . . porque os santos homens de Deus fallaram inspirados pelo Espirito Santo. » *(f)*

Confessando os protestantes que sem o dom do Espirito Santo é impossivel interpretar as escripturas inspiradas por elle, como é que a Reforma traduz o sentimento dos seguintes textos de S. Paulo:

« Este recebe do Espirito Santo o dom de fallar com sabedoria: aquelle o dom da sciencia, e aquelle outro o dom da profecia. . . ora é só um o mesmo espirito que opera, distribuindo a cada um os dons que lhe apraz. » *(g)*

Na intelligencia do texto ha esta supposição unicamente rasoavel: o dom da interpretação foi singularmente concedido aos *apostolos*, *pastores*, *e doutores* *(h)* expressamente designadas por Deus columnas da sua Egreja.

Com que senso commum ousarão os protestantes apellidar 'dom do Espirito Santo' aquelle especialissimo dom de contradição, que elles tem, a ponto de não haver uma d'entre multiplicadas seitas, cuja totalidade de membros esteja d'accordo n'uma só interpretação da Escriptura?!

Confessam os protestantes que sem o dom do Espirito Santo é inefficaz a intelligencia das Escripturas; mas as suas egrejas contradizem-se, guerream-se, e desacreditam-se ciosas da superioridade de entendimento; e, sendo impossivel a cada uma dellas, de boa fé, reputar-se a inspirada pelo Espirito Santo, poderemos nós concluir que nem o seu clero, nem os seus leigos podem avaliar, e menos dar como julgado o sentido da Escriptura. Accresce ainda sobre estes argumentos de prova moral, aquelle que julgamos irrespondivel — o da propria letra da Escriptura, contheudo nos textos que vamos mencionando.

Se nos dissessem, que, nos primeiros annos do Christianismo, em tempo dos Apostolos, um dos leigos mais curiosos em escutar os juizos daquelles em cujas mãos eram frequentes as Escripturas — se nos dissessem que esse leigo comprehendêra habilmente uma passagem de Izaias, acredita-lo-hiamos com bem pouca repugnancia. E, com tudo, o Novo Testamento viria em contrario da nossa crença com a seguinte passagem:

« Ora um ethiope eunuco, que era dos primeiros of-
» ficiaes de Candáce, rainha da Ethiopia, e superintenden-
« te geral do seu erario, viera a Jerusalem por fazer sua
« adoração.

« E quando já voltava, hia assentado no seu coche,
« lendo no profeta Izaias.

« Então disse o Espirito a Filippe: — chega, e ajunta-
« te a esse coche.

« Correu logo Filippe; e ouvindo que o eunuco lia
« no profeta Izaias, disse-lhe: *Tu crês que entendes*
« *o que estás lendo?*

« Elle lhe respondeu: *Como poderei eu entende-lo,*
« *se não houver alguem que m'o explique?!* E rogou a
« Filippe que montasse, e se assentasse com elle. » *(i)*

Notemos que o eunuco era um homem, que reunia a santidade e a illustração. Comparemo-lo, depois, com os interpretes da Escriptura, quaes o protestantismo nos apresenta nas pessoas dos seus homens e das suas mulheres, cuja *sciencia e santidade* é um motejo ás duas ideias elevadas que estas palavras significam.

Quando os proprios discipulos de J. Christo precisaram interprete na intelligencia das escripturas; quando aos proprios Apostolos enviou o Mestre a luz indispensavel no entendimento dellas *(j)*, não será judicioso negar ao mais transcendente genio o privilegio, que os adversarios da auctoridade se adjudicam irrisoriamente?!

Dizer que Jesus-Christo inspira as interpretaçoens contradictorias, que são a base das egrejas reformadas, é blasfemar.

Prosoguiremos na 5.ª proposição enunciada.

Camillo Castello-Branco.

SARA CONCEBE ISAAC.

XV.

Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, et habebit filium Sara uxor tua. — Gen. XVIII, V, 10.

Agar, á voz do anjo obediente,
Voltou á casa, que deixado havia,
Alli um filho dando á luz do dia,
Que tinha de ser Pai d'immensa gente.

Então, vendo o Senhor que descontente,
Por tambem não ser Mãi, Sara vivia,
E que ao consorte idoso dar queria
Do conjugal amor fructo innocente,

(c) 1. Corinth. Cap. 2. v. 2.

(d) Et quæ audisti a me per multos testes, hæc commenda fidelibus hominibus, qui idonei erunt, et alios docere. Ep. 2. C. 2. v. 2.

(e) Sunt autem et alia multa, quæ fecit Jesus: quæ si scribantur per singula, nec ipsum arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros. C. 21 — v. 25.

(f) Hoc primum intelligentes quod omnis profecia Scripturæ propria interpretatione non fit. Non enim voluntate humana. . . sed Spiritu Sancto inspirati, locuti sunt sancti Dei homines. S. Pedro 2. Epist. Cap. 1. V. 20, 21.

(g) 1.ª Corinth. cap. IV. 11, 20.

(h) Ephes. Cap. IV, v. 11.

(i) Act. CVIII — V. 28 e seg.

(j) Tunc aperuit illis sensum ut intelligerent Scripturas — Lucas CXXIV. V. 45.

Para mais estreitar essa alliança,
Que entre elle e Abrahão tinha formado,
De novo lhe apparece, e lhe affiança:

Que Sara lhe dará um filho amado,
Que do céu ha-de ser a confiança,
E de Deus para sempre abençoado.

SODOMA INCENDIADA.

XVI.

Igitur Dominus pluit super Sodomam et Gomhorram sulphur et ignem à Domino de cœlo. — Gen. cap. XIX v. 24.

Dos vicios de Sodoma populosa
O grito tinha allim aos céus chegado,
E Deus, por tantos modos ultrajado,
Levanta do castigo a mão pod'rosa;

Mas antes, que essa terra criminosa
Sentisse os golpes de seu braço irado,
Dous anjos para alli tinha mandado
Que salvassem a Lot com mão piedosa.

Depois, de suas iras fulminantes
Despede essa torrente desabrida
Em chuveiros de fogo crepitantes,

Sodoma deixa a cinzas reduzida,
E faz assim pagar seus habitantes
Com morte de afflicção crimes da vida.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

ABRIL.

11 *Domingo.* Paschoa da Resurreição. A egreja santa de J. C. veste neste dia as suas galas para celebrar com alegres Alleluias a Resurreição do Redemptor do genero humano. A Resurreição de J. C. é a prova incontestavel da sua divindade. E' o complemento da Misericordia infinita de Deus para com os homens; para os quaes se abriram as portas do céu Exige do homem a gratidão; e que facil não é? a resurreição da vida do peccado para a das virtudes que o mesmo J. C, o Divino Mestre, praticou e ensinou — e S. Paulo recommenda aos fieis « *Consurrexistis cum Christo, quæ sursum sunt quærite, non quæ super terram.*

12. *Segunda feira.* S. Victor M Portuguez. Sendo ainda cathecumeno negou-se a offerecer incenso a um idolo em Braga, capital do Minho. Foi isto causa para que padecesse muitos tormentos sem que por elles se diminuisse no mais minimo o seu ardente zelo pela religião de Jesu-Christo. Foi por ultimo degolado, e deste modo baptisado em seu proprio sangue.

13. *Terça feira.* S. Hermenegildo, Rei Martyr. Padeceu o martyrio em Sevilha, côrte dos Reis Visigodos. Leovigildo seu pai o educou na heresia de Ario. Convertido á fé catholica pelo Santo Bispo Leandro, e perseverando constante na sua fé apesar das instancias de seu Pai, e dos bispos Arianos, de quem recusou na prisão acceitar a communhão paschal — foi mandado assassinar por seu proprio pai, e assim alcançou a corôa celestial.

14. *Quarta feira.* S. Pedro Gonçalves Telmo Confessor. Nasceu em Palencia no anno de 1185, e morreu em Tuy em 1246. Este santo é invocado protector no meio das borrascas e temporaes dos mares, é portanto universal a devoção que lhe professam os navegantes e os habitantes da beira-mar. E' mui festejado em Lisboa, Biscaia e Guipuzcoa, e conhecido geralmente pelo appellido de *Santelmo.* Em Tuy se venera o seu santo corpo. O decreto da S. Sé em que se confirma o culto publico do mesmo santo, publicou-se em Dezembro de 1741.

15. *Quinta feira.* Santa Basilissa e Anastacia, MM. Estas bemaventuradas irmans nasceram na cidade de Jativa, em Valencia d'Hispanha, e foram baptisadas pelo apostolo S. Paulo. Tendo passado a Roma assistiram ao martyrio do seu santo mestre, e concurreram para se lhe dar sepultura aos restos sagrados, pelo que foram cruelmente martyrisadas no anno 69 de Christo. O Papa Urbano VIII entregou o corpo de Santa Anastacia aos reis d'Hispanha, em cuja real capella se venera actualmente.

16. *Sexta feira.* Santa Engracia V. M. portugueza. Padeceu martyrio em Çaragoça d'Hispanha, e foram tão atrozes os tormentos que lhe fizeram soffrer, que tendo-lhe cortado os peitos lhe tiraram o figado, e como ainda assim permanecesse viva, encerraram-n'a em um hediondo calaboiço, aonde a deixaram morrer entre chagas e podridão.

17. *Sabbado.* S. Aniceto P. M. Era natural da Syria e presidiu á Egreja, no tempo do imperador Marco Aurelio. Mandou que os clerigos usassem de cabello cortado. Recebeu a corôa do martyrio quasi no nono anno do seu pontificado, sendo sepultado no cemiterio da via Appia.

---

18 *Domingo da Paschoella.* S. Gualdino, cardeal e bispo de Milão, foi um eloquente orador; e morreu no exercicio de seu ministerio, ao terminar uma homilia contra os hereges.

19. *Segunda feira.* Nossa Senhora dos Prazeres. O coração da Virgem, oppresso nas angustias da soledade, carecia de dilatar-se; ella vira seu amado Filho exhalar o ultimo suspiro no meio dos mais acerbos tormentos; ella o deixára de vêr quando lho arrancaram dos braços para o cobrirem com a louza sepulchral; agora o vê glorioso e resuscitado, não podendo mais os algozes exercer sobre elle sua tyrannia; quem poderá comprehender seu jubilo?! A Providencia nunca falta com o balsamo da consolação áquelles que soffrem com resignação os males desta vida; e quando outro prazer não tenhamos, sempre ha aquelle, que é sem duvida o mais real — o prazer que deriva da consciencia, de que a resignação, com que acceitamos as tribulaçoens, é um titulo para a gloria do céu.

Item. S. Hermogenes, que, juntamente com mais séis athletas de Christo, recebeu a palma do martyrio em Melitina da Armenia.

20. *Terça feira.* S. Ignez de Montepolliciano foi uma freirinha dominicana muito austera e fervorosa. Edificando um convento, escolheu o logar que havia sido habitado por mulheres mundanas, a fim de que agora virgens castas, por uma vida toda espiritual, desaggravassem o celeste esposo das offensas que o sensualismo daquellas lhe haviam feito.

21. *Quarta feira.* S. Anselmo, natural de Pretoria ou Aosta na Italia, havendo cursado os estudos profanos com o aproveitamento e gloria de um talento extraordinario, deixou a patria e se recolheu ao mosteiro Beccense da ordem de S. Bento, e ahi, doctrinado na theologia por Lanfranio prior do mesmo mosteiro, professou a vida monastica aos 27 annos de edade. Transferido Lanfranio para abbade do mosteiro Cadomense, succedeu-lhe Anselmo em seu emprego de prior. Morto Herluino, succedeu-lhe em abbade do mosteiro. E por morte de Lanfranio, que do mosteiro Cadomense havia sido tirado para reger a Egreja metropolitana de Cantuaria, succedeu-lhe tambem neste arcebispado. Em defesa dos direitos da Egreja, que o rei Wilhelmo queria usurpar, foi compellido a emigrar; porém depois que este morreu e lhe succedeu seu irmão Henrique, foi chamado e restituido á sua sé com grande contentamento de todos. Suas obrigaçoens pastoraes e exercicios espirituaes ainda lhe deixaram tempo para nos transmittir o fructo de sua vasta erudição em algumas obras que nos deixou. Morreu em Cantuaria no anno de 1109.

22. *Quinta feira.* S. Sotero e Caio. O primeiro destes romanos pontifices governou a Egreja desde o anno 168 até que foi martyrisado no tempo de Marco Aurelio no anno 177. O segundo era Dalmata e parente de Diocleciano; o que não obstante, foi por ordem delle martyrisado, depois de haver passado 8 annos escondido em uma cova para lhe fugir á sanha. Governou a Egreja desde o anno 283 a 296.

Item. S. Senhorinha, nossa gloriosa patricia, era filha de Adulfo conde de Vieira, tronco do apellido dos Sousas. Logo desde menina mostrou ser uma dessas privilegiadas creaturas, que, sem conhecerem o mundo, conhecem muito seus perigos para fugir-lhe. Regeitando vantajosos casamentos se desposou com Jesus-Christo, professando a regra de S. Bento no mosteiro de Vieira, em que era abbadessa S. Godinha, e á qual depois succedeu neste emprego. Com suas religiosas se mudou para o mosteiro de Basto, que era no local pouco mais ou menos onde hoje existe a Egreja parochial com a invocação da mesma S. Senhorinha, onde em um tumulo se venera seu corpo, que se diz estar inteiro, desde o anno 892 em que ella passou a melhor vida.

23. *Sexta feira.* S. Jorge era natural de Capadocia; e sendo christão occulto seguiu a vida militar, e subiu á patente de Tribuno. Não podendo conservar o incognito á vista das barbaridades que via praticar contra os seus irmãos na fé, foi denunciar-se como christão, e increpar a Diocleciano sua deshumanidade. O resultado foi qual era de esperar — no dia seguinte foi degolado. E' invocado como o Defensor do nosso reino; e a piedade de nossos maiores attribuiu á sua protecção muitas das prodigiosas victorias que as armas portuguezas alcançaram.

24. *Sabbado.* S. Fiel de Simaringa, que é uma villa da Suevia, havendo-se formado em direito canonico e civil na universidade de Friburgo, deu-se á vida de advogado; porém conhecendo os riscos que corre aqui a salvação, professou a vida religiosa na ordem dos Irmãos Menores Capuchinhos. A virtude que no meio mesmo dos tumultos do mundo conservou sempre illibada, foi no asylo do claus-

tro medrando extraordinariamente. Ardendo no desejo de soffrer o martyrio em testemunho da fé, que tão viva e pura elle tinha, se lhe proporcionou esta gloria, morrendo ás mãos dos hereges que traiçoeiramente o convidaram a prégar, estando de missão em Sevisio na Rhecia, no anno de 1622.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — Morreu mais um principe da egreja o cardeal Bernetti vice-chanceller da egreja romana. Morreu como vivera, santamente. Diz-se que é substituido pelo cardial Vanicelli-Casoni.

— No dia 19 de Março, festa de S. José, abriu-se o jubileu em Roma com grande pompa. Desde esse dia ha numeroso concurso de fieis nas 3 basilicas de S. Pedro, S. João de Latrão e Santa Maria Maior. O cardial Ferretti prega com eloquencia e zelo apostolico em Santa Maria in-Trastevere aos numerosos fieis que se agglomeram para o ouvirem.

— Os exercicios religiosos destinados ás tropas pontificias de guarnição em Roma foram seguidos com fervor e produziram excellentes resultados. Haviam-lhes sido expecialmente designadas 6 egrejas, nos quaes Monsenhor *Tizzani* e todos os capellaens do exercito rivalisaram em zelo com os prégadores seculares e regulares, que haviam chamado em seu auxilio para aquella tão interessante obra.

— Diz o *Univers* que em consequencia do grande numero de clerigos protestantes inglezes, que todos os dias se convertem á fé, o S. Padre vae fundar um collegio, que será especialmente dedicado a receber nos preparatorios do sacerdocio os ministros protestantes convertidos. S. Santidade espera poder abrir esta instituição no proximo Agosto Com quanto seja especialmente dedicada aos clerigos convertidos da egreja anglicana, admittir-se hão nella tambem convertidos de outras naçoens.

— Dizem de Roma ao *Telegraph* que S. Santidade mandou preparar um asyllo, a pouca distancia das portas de Roma, em um edificio chamado *Vigna Pia*, para nelle se recolherem e serem educados os rapazes pobres e vadios que, apesar dos numerosos institutos de beneficencia, vagueam pelas ruas. Mandou tambem que se alargasse o convento das freiras do Bom Pastor, para reforma e protecção das mulheres infelizes; e fez abrir outro inteiramente novo — um convento para as « Filhas do sagrado coração, » ordem recentemente fundada por uma senhora de santas virtudes, irman do bispo de Brescia. Esta communidade e o seu convento sam dedicados á recepção de mulheres convertidas do judaismo, e á educação gratuita de raparigas pobres. O local muito apropriado foi em outro tempo collegio de cathecumenos, fundado por S. Ignacio. Como se fallou em judeus convertidos, deve saber-se que existe em Roma no Trastevere um convento de freiras dominicanas, chamado a *Nunzziatina*, cujas 18 freiras e a sua prioreza, sam todas proselitas da communhão israelita. S Santidade visitou ultimamente este interessante estabelecimento, e se tem empregado nestes ultimos tempos em visitar todas as cazas religiosas

Lombardia. — O dia 20 de Março de 1852 era o 4.º anniversario do dia em que os RR. PP. Jesuitas foram d'um modo tão iniquo e brutal expulsos das duas casas que tinham em Verona. Nesse dia, toda a communidade, que havia mezes habitava uma parte do antigo convento de S. Jorge, reassumiu a vida propria da Companhia.

Sardenha. — Duas jovens protestantes, nascidas na Russia, e recolhidas na casa do Bom Pastor de Turin, abjuraram ultimamente o protestantismo e receberam o baptismo sob condição na capella daquelle estabelecimento.

França. — O prussiano M. Voigt, que ha um anno habitava em França abjurou o protestantismo em Laval, e entrou no seio da egreja catholica. Foi acompanhado por sua mulher que era boa catholica, e que bem mostrava, na alegria que lhe radiava no semblante, quanto se reputava feliz e quam grata era ao nosso bom Deus, que havia escutado as suas fervorosas oraçoens.

— Falleceu no seu castello de Soult-Bourg, a duqueza de Dalmacia, viuva do marechal Soult com 81 annos de edade. Era protestante, e logo que cahiu na cama, abraçou espontaneamente a fé catholica, e recebeu os sacramentos.

— A França tem actualmente 6 cardiaes que sam os arcebispos de Bourges, Cambrai, Rheins, Lyão, Besançon e Bordeos.

Inglaterra. — *S. Salvador, em Broadvay* — Em 29 de Fevereiro, depois dos exercicios d'um retiro espiritual feito pelo padre José, da Congregação da Paixão, no convento de S. Salvador de Broadway, andou por 21 pessoas que renunciaram os erros do protestantismo, e foram recebidas no seio da Egreja catholica.

— *Convento em Norwood.* — Monsenhor Talbot escreveu, da parte de S. Santidade, ao bom capellão dos orfãos, o R. Vesque, enviando-lhe a benção pontificia e o donativo de 10 soberanos, dizendo que S. S. recommendára muito aos inglezes residentes em Roma aquelle estabelecimento Monsenhor Talbot envia tambem 5 soberanos, e insta para que se estabeleça promptamente em Londres um asylo para os criados desempregados, uma 2.ª penitenciaria, como a do Bom Pastor, um asylo de pobres, um hospital, e uma casa d'alienados.

— *Conversoens* — A Egreja catholica recebeu em seu seio o clerigo anglicano J. Watson, M. A., cura de Long Whatton, na diocese de Peterborough. Mr. Watson havia sido discipulo da Alta Egreja, ou Escola tractariana de theologia.

Em Castlebar foram recebidos na communhão romana dois respeitaveis protestantes: Mr. Andrew Cunnigham, de Newantrim, que foi recebido pelo R. Curley; e Mr. Samuel Brookhouse, inglez, recebido pelo R. Arcediago parocho MacHale Cada um delles fez renuncia formal do protestantismo, e recebeu em seguida o sacramento do baptismo, com os mais ritos do costume.

Em Liverpool o jesuita P. O'Carroll, que serve a capella de Salysbury-Street, está occupado em preparar 12 pessoas para serem recebidas na egreja catholica. Sam pessoas respeitaveis e breve farão a sua profissão de fé.

— O muito honoravel e R. Lord Henrique Ker, irmão do fallecido e thio do actual marquez de Lothian, e rheitor de Ditchingham, entre Dartmouth e Totness, foi recebido na egreja catholica, abandonando a commoda situação em que se achava. Esta rheitoria, rendia 600 soberanos por anno (2:700$ rs.) e era apresentada pelo conde Mountedgcumbe. Lord Henrique Ker nasceu em Eton e foi educado em Christ Church, em Oxford, e por muito tempo foi olhado como um dos luminares do clero d'Exeter na alta egreja.

— *Convertidos de S. Salvador de Leeds* — O R. Ricardo Ward, anteriormente vigario protestante do titulo mencionado, devia ser ordenado de presbytero pelo bispo d'Hexam no dia 4 d'Abril, no collegio de S. Cuthberto, em Ushaw. Mr. Hathaway tambem voltou de Roma a Inglaterra, e dirige-se a Stoneyhurst para entrar na sociedade de Jesus.

— *Confirmação.* — Em 21 de Março o snr. bispo de Liverpool administrou o sacramento da confirmação na capella de Seel-Street a perto de 500 pessoas, adultas pela maior parte. Por esta occasião pregou um excellente sermão. Desde o principio da quaresma tem administrado em varias capellas aquelle sacramento a umas 3000 pessoas.

Irlanda. — *Conversão.* — No dia 28 de Março um soldado protestante do regimento d'infanteria 14, de guarnição em Limerick, tendo acompanhado os soldados catholicos á egreja dos dominicos, fez-lhe tanta impressão a missa e a pratica do R. Mac-Donnell, sobre os deveres do homem nas varias posiçoens da vida, que foi ter, no fim, com o digno sacerdote, e lhe pediu que o admittisse no seio da egreja romana. Logo começou a receber as instrucçoens necessarias para a sua recepção formal na Egreja.

— No dia 2 d'Abril reuniram-se em Dublin, na cathedral os conegos e parochos do arcebispado, com os bispos suffraganeos de Kildare e Leighlin, d'Assory, e de Ferns para propor a S. Santidade 3 candidatos para a Sé de Dublin. Eram ao todo 51 os votantes. Teve 23 votos o digno campeão da Egreja catholica o Primaz *Cullen*, 9 o deão Meyler, e 8 o reverendo Lourenço Dunne, parocho de Castledermot. Os 11 votos restantes repartiram-se por 4 candidatos, tendo o 1.º 5, o 2.º 3, o 3.º 2, e o 4.º 1. Os 3 primeiros foram propostos para Roma immediatamente.

— A commissão permanente para as subscripçoens a beneficio da universidade catholica recebeu durante o mez de Março 1,200 soberanos.

MAIO 1. 1852. — N.° 18.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

(Continuação do V. artigo.)

Sustentam os protestantes a negativa de submissão, nas controversias religiosas, aos pastores da Egreja. Remettem os contendores ás Escripturas, e proclamam a « palavra escripta » juiz sufficiente nas disputas religiosas.

A Escriptura contraria manifestamente estas maximas por estes textos, colhidos entre muitos:

« Assim como fui enviado por meu Pai, eu vos envio. . . (1)

« Ide, pois, e ensinai todos os povos, em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo (2)

« Quem vos escuta, é a mim que escuta: quem vos despreza, me despreza; e quem me despreza, despresa aquelle que me enviou (3) »

No estudo das sciencias humanas, a razão individual póde afastar-se do trilho dos mestres, e subir mais alto na investigação da verdade. Mas verdades reveladas são sempre escuras no seu sanctuario mysterioso, embora a viva luz da mais transcendente razão as queira devassar. Jesus Christo, que não viera a instituir um codigo caprichoso em maximas incomprehensiveis, apontou aquelles que deviam interpretal-o tanto quanto convinha á salvação dos homens de boa vontade. Taes depositarios da genuina interpetração da palavra divina são os apellidados « Delegados de Jesus-Christo. » « Dispensadores dos mysterios de Deus.» Convictos da sua soberana missão, os Apostolos, os zelosos propagadores da doutrina, declaram anathema ao anjo, que descesse do ceu a annunciar uma doutrina diversa da que elles tinham encinado.

Se quereis um exemplo da authoridade que os pastores da Egreja receberam de Jesus-Christo para julgar as heresias, e condemna-las lêde os actos dos Apostolos no cap. XV —:

« Ora alguns que tinham vindo da Judea ensinavam esta doutrina aos irmãos: Se não sois circumcizos, segundo a pratica da Lei de Moises, não podeis ser salvos. Paulo e Bernabé, vivamente sublevados contra elles, decidiram ir, juntamente com alguns dos adversarios a Jerusalem para, na presença dos Apostolos, proporem a sua questão. Reuniram-se, pois, os Apostolos e os padres para resolver esta pendencia, e, depois de muito examinada de parte a parte, Pedro levantou-se e deu o seu juizo. »

Vemos, pois, na primeira questão ventilada na Egreja, a decisão de Pedro curvar á obediencia os fieis, tanto judeus como gentios. Onde irão os protestantes mendigar um texto que lhes abone a má fé da sua razão arbitraiar nas controversias religiosas? Se a « palavra escripta » repelle a maxima fundamental da Reforma; quem, tão cego como o orgulho humano, accreditará uma cavilosa invenção, que se não peja de authorizar-se com o Evangelho, diametralmente opposto?!

Os protestantes respondem a esta invectiva dos catholicos com a mais irrisoria presença de espirito:

« Não ha duvida que as decisoens dos apostolos eram infalliveis; mas, mortos elles, cessou a infallibilidade. »

E, comtudo, S. Paulo, o infallivel nas suas doutrinas, segundo o argumento dos protestantes, deixa de o ser na carta aos de Epheso, que tão luminosamente destroe o debil recurso dos adversarios do Catholicismo:

« Elle mesmo (J. Christo) deu á sua Egreja Apostolos, Profetas, Evangelistas, pastores, e doutores, cada um com sua missão a fim de cooperarem para a perfeição dos santos, para as funcçoens do seu magisterio, para a edificação do corpo de J. C.: até que todos cheguemos á unidade d'uma mesma fé, e d'um mesmo conhecimento do Filho de Deus, á perfeição do homem. . . e que não sejamos como creanças, e pessoas voluveis, que se deixam levar por todos os ventos das opinioens mundanas, por trapaças de homens, e pela astucia que elles tem de arrastar ao erro artificiosamente. »

Ahi está bem coordenada a missão d'um tribunal, complexo de homens com varios encargos, que deve ser continuado em quanto a Egreja luctar contra as aggressoens da heresia.

Camillo Castello-Branco.

(1) S. J. C. XX, V. 21.
(2) S. Mat. C. XXVIII, V. 19.
(3) S. Luc. C. X, V. 16.

ELOQUENCIA SAGRADA.

Ouvimos a oração do snr. padre Henrique Barbosa, por occasião da brilhante e solemnissima festividade que teve logar na matriz egreja de S. Nicoláo.

Fôra-nos annunciado este joven orador como distincto naquella respeitavel cadeira do Evangelho e como o primeiro, entre os da nova geração, que mais glorioso futuro promettiam no Porto. Ouvimol-o, e não sentimos diminuido o enthusiasmo com que entramos no templo para ouvil-o.

O snr. padre H. Barbosa estava inspirado pelo tocante motivo da « Boa nova. » Denunciou que os seus mestres d'estylo eram os ultimos oradores francezes. Comprehendeu o auditorio a quem fallava, e fez da sua oração um convincente e rigoroso tecido de demonstraçoens logicas em favor da fé. Tão espinhoso assumpto, desenvolvido á claridade do raciocinio, e levado triunfantemente ás suas conclusoens, comstitue a reputação do snr. padre Henrique Barbosa. Se o clero portuguez fosse affeiçoado por aquelle molde, em todos os atributos que fazem um ex-

cellente ecclesiastico, bastaria o pulpito e o sacerdote para rebater as aggressoens da impiedade insolente. Confiemos na semente lançada á terra pelos poucos sacerdotes, altivos da sua soberanna representação, e mais tarde colheremos os fructos da moral, e resarcirmos os nossos espoliados thesouros da fé.

CULTO DEVIDO AO AUGUSTO SACRAMENTO DA EUCHARISTIA.

I.

A HUMANIDADE de Jesus Christo já não contava mais do que algumas horas de existencia sobre a terra; o mesmo povo, que o tinha querido acclamar rei, e que havia ainda poucos dias o tinha recebido ao som de solemnes hymnos, e entre os hosannas da piedade, trabalhava já de concerto com os seus sacerdotes, e com os doctores de lei para lhe darem a morte.

Jesus Christo, a quem não eram desconhecidos os passos dos seus inimigos, como um pai que não póde deixar a companhia de seus filhos, escolhe a ultima noite da sua vida, o tempo das suas maiores afflicçoens, os momentos proximos á sua paixão, para nos dar a prova mais incontestavel do amor, que sempre teve aos seus.

Reunido em socegada e amigavel conferencia com aquelles, a quem pela sua escolha tinha elevado á alta dignidade do apostolado, descobre-lhes os seus mais impenetraveis segredos, e repete-lhes com novo e duplicado ardor as mais firmes protestaçoens de amisade. E' chegada a hora, eu sinto que os meus inimigos se aproximam, porém vou dar-vos um penhor seguro da fidelidade das minhas promessas; hoje será firmado o meu Novo Testamento; nelle sereis instituidos herdeiros do meu corpo e do meu sangue, como um signal de perpetua união e amisade comvosco.

E' um dogma de fé definido pelo Conc. de Trento na sess. 13 can. 1.º que no augusto Sacramento da Eucharistia se contem *verdadeira, real, e substancialmente,* o corpo e o sangue de Jesus Christo, juntamente com a sua alma e divindade; e no can. seguinte fulmina com a pena de anathema a toda a pessoa, que disser: que a substancia do pão e do vinho permanecem no mesmo sacramento juntamente com o corpo e o sangue de Jesus Christo.

Esta fé repousa sobre bases inabalaveis, e por essa rasão tem sido constante e invariavel, e, se alguma vez tem sido combatida, é por uma disposição particular da Providencia; é como diz S. Paulo na primeira carta aos de Corintho cap 11 v. 19 — *per que oportet et hæreses esse, ut et qui probati sunt, manifesti fiant in vobis.*

Se João Scoto negou no 9.º seculo a presença real de Jesus Christo na Eucharistia, appareceu logo quem confundisse os seus erros; no undecimo seculo a doutrina de Berenger não chegou a fazer proselytos, e o mesmo dogmatista depois de se haver retratado, e voltado de novo a lamber o vomito, morreu ultimamente reconciliado com a egreja; no decimo sexto a heresia campeou altiva; e orgulhosa dos seus triunfos preparava-se para cantar uma completa victoria; porém as armas, em que confiava, cederam aos exercitos da fé reunidos na cidade de Terento em 1545.

Não é do nosso intento, nem cabe nos limites de uma folha periodica reproduzir os argumentos, que comprovam este dogma essencial da nossa religião, tão sómente faremos vêr a veneração, com que era tratado este augusto sacramento nos primeiros seculos da egreja.

Todos os fieis, que concorriam ás *agapas*, ou banquetes de caridade, o recebiam das mãos dos presidentes, isto é dos bispos como se collige do que diz Tertuliano no liv. *de corona militis etiam antelucanis cœtibus nec de aliorum manu, quam Prœdientium sumimus;* era mandado de umas egrejas para outras em signal de perfeita união e amisade, neste sentido dizia o Apostolo na 1.ª carta aos de Corintho no cap. 10 v. 17 *unum corpus multi sumus omnes qui de uno pane participamus*; era mandado tambem pelos diaconos aos ausentes, e com particularidade áquelles, que estavam detidos nos carceres, e precisavam mais de serem nutridos com este manjar celeste, para soffrerem os tormentos, e para não desanimarem no meio do martyrio; era conservado com o maior cuidado de uns dias para outros, para se dizer a Missa dos *presantificados*; e ainda hoje na egreja grega se observa a mesma disciplina pelo tempo da quaresma; desde a segunda feira até á sexta inclusivamente não se consagra a Eucharistia; conserva-se desde o domingo antecedente para os usos convenientes.

As disposiçoens com que os fieis chegavam á mesa Eucharistica sam uma prova irrefragavel do respeito, com que recebiam o pão dos Anjos; e S. Paulo na carta acima citada no cap. 11 v. 28 manda a todas as pessoas, que desejam receber a Eucharistia, que examinem bem se estam em estado de a receber com fructo, *probet autem se ipsum homo et sic de pane illo edat et de calice bibat*; o jejum natural era uma das disposiçoens, que já no terceiro seculo se exigiam destas pessoas, como se vê das palavras de Tertuliano no liv. 2. ad uxorem, *non sciet maritus, quid secreto ante omnem cibum gustes.* No quarto seculo estabeleceu-se a lei geral, que prohibe recebela depois de o ter quebrantado, como facilmente se póde colligir do can. 29 do II Concilio de Carthago, o qual omittimos para copiarmos litteralmente o can. 16 do I Conc. de Braga no 1.º de Maio de 561 reinando Ariamiro, presidido por Lucrecio bispo da referida metropolitana egreja *si quis quinta feria Paschali quæ est cœna Domini, hora legitima post Nonam jejunus in Ecclesia Missas non tenet, sed secundum sectam Pricilliani, festivitatem ipsius dici ab hora tertia per Missas defunctorum, soluto jejunio colit, anathema sit.* Esta determinação é renovada no can. 10 do Conc celebrado tambem em Braga no 1.º de Junho de 610 no tempo de Miro rei dos Godos, e presidido por S. Martinho, o qual já neste tempo tinha sido transferido do mosteiro benedictino, chamado de Dume para a sé primacial de Braga. A estes repetidos decretos dos dois mencionados concilios celebrados entre nós, podiamos juntar o que se lê na sess. 13 do conc. Constanciense *nec sumatur a non jejunis nisi in casu infirmitatis.*

A gravidade e a decencia dos vestidos era outro signal por onde os fieis manifestavam o seu respeito; a egreja não deixou de applicar o conveniente remedio, logo que principiou a introduzir-se algum abuso a este respeito. O synodo Bononiense reprime a audacia de algumas mulheres, que chegavam a receber a Eucharistia com descompostura nos vestidos, mandando que *feminæ ad Sacramenta pœnitentiæ et Eucharistiæ non admittantur, si notabiliter pectus nudatum ostenderint, aut brachia.* O synodo de Essina celebrado em 1683 não só declara, e confirma a mesma doutrina, mas emprega quasi as mesmas palavras *mulieres humeris, pectore bracchiis que seminudatis accedere ad tantum sacramentum non formidantes sacerdos divino sacramento non pascat.* Ouçamos ainda a S. Carlos Borromeo nas actas da Egreja de Milão *mulieres non sumptuosis, non caudatis vestibus, non crinibus inaniter tortis, non fuco aut pigmentis vultu illito, non pectore nudo, aut tenui velo obtecto, sed ita vestito, ut præter faciem quidquam nudum non cernatur*; finalmente era tal o respeito com este divino Sacramento que as pessoas casadas antes de o receberem *aliquot dies a concubitu uxorum abstinebant* isto era conforme com aquillo que é determinado no Can. *omnis homo de cons.* dict. 2. *omnis homo ante sacram communionem a propria uxore abstinere debet, aut tribus aut quatuor, aut octo diebus.*

A estas demonstraçoens, que com rasão podemos chamar exteriores, reuniam outras interiores entre as quaes tem o primeiro logar a graça santificante, sem a qual não era permittido chegar á mesa da communhão; era como a veste nupcial, da qual falla S. Math. no cap. 22 tão necessaria que quem a não tiver e se introduzir a tomar parte no banquete do rei, ha-de ser lançado nas trevas exteriores; esta disposição é recommendada nos escriptos dos padres da egreja com fortes e persuasivas expressoens *mutet vitam, qui vult accipere vitam* diz Santo Ambrosio no sermão da quarta dominga do Advento. *Qui Christi corpus vult accipere, prius studeat in Christi fide et dilectione manere.* O Can. *quotidie de consecratione dist.* 2 vem tambem em auxilio da doutrina dos Padres *accedat ad Eucharistiam intrepidus et securus, sed hoc de illo dico, quem capitalia et mortalia peccata non gravant*; o ardente desejo, que inflammava os coraçoens daquelles,

que chegavam a receber este adoravel Sacramento, é uma nova prova, que mostra o respeito que lhe tributavam; não podemos resistir á tentação de copiar uma passagem de S. João Chrysostomo por ser muito natural e significativa; diz elle na hom. 83 explicando o cap. 26 de S. Math. *non videtis quanta infantes animi alacritate mammillas arripiunt? qua pressione papillis infigunt labia? non minori cupiditate nos quoque ad hanc mensam, et ad hujus calicis spiritualis accedamus papillam, immo vero majore desiderio quasi lactentes pueri gratiam spiritus sugamus. Unus sit nobis dolor, una mœstitia, si hoc alimento spirituali privamur.*

Tanto e tão grande era o respeito que geralmente se consagrava ao corpo e ao sangue de Jesus Christo debaixo das especies sacramentaes, que a muitas pessoas não só não era permittido recebe-lo, mas nem ainda podiam offerecer a materia para se consagrar; Santo Ambrosio com um valor proprio dos successores dos apostolos diz ao imperador Valentiniano que não acceitaria as suas oblaçoens se continuasse a reparar os templos dos idolos *quid respondibis sacerdoti dicenti tibi: munera tua non quærit Ecclesia, quia temple gentilium muneribus ornasti. Ara Christi dona tua respuit, qui aram simulacris fuisti.*

Os hereges eram excluidos de fazer as oblaçoens nos templos; S. Basilio recusou acceita-las da mão do imperador Valente, porque tendo-se feito ariano, favorecia os seus erros; do mesmo rigor usou o papa Liborio, para com o imperador Constante como referem Santo Athanasio e Theodoreto.

Aquelles que andavam cumprindo penitencias publicas tambem não eram admittidos a faze-las; ainda mesmo os *consistentes*, a quem já era permittido assistir até ao fim dos divinos mysterios, não podiam offerecer nem receber a Eucharistia. Os antigos canones não permittiam que se fizessem oblaçoens em seu nome, se morriam antes de concluida a penitencia; este rigor foi moderado a favor daquelles, que na linguagem então usada, *pœnitentiam honoraverant*, dos quaes não eram acceitas as oblaçoens em quanto vivos; mas não eram regeitadas depois da morte, se alguem as fazia em seu nome. O can. 14 do II Conc. Aurelianense prohibia acceitar oblaçoens por aquelles, que commettiam o crime de suicidio *oblationem defunctorum, qui in aliquo crimine fuerint interempti, recipi debere censemus, si tamen non ipsi sibi mortem probentur propriis manibus intulisse.*

Finalmente não deixaremos de citar a auctoridade de um concilio de que já fizemos menção fallando do jejum, é o concilio I de Braga, o qual no can. 35 expressamente prohibe acceitar oblaçoens pelos cathecumenos, que morriam antes de receber o baptismo *catechumenis sine redemptione baptismi defunctis, simili modo non oblationis sanctæ commemoratio, neque psallendi impendatur officium.*

B. V. de S.

VAIDADE DO MUNDO, E EXCELLENCIA DA VIRTUDE.

II.

Os homens o que são? Meninos que se entreteem com ninharias, que se enredam com bagatellas, que se engodam, ou perdem com entretimentos vãos e frivolos! Parece que lhes falta entendimento para conhecer a verdade, fortalesa para a seguir, para meditar e calcular com discernimento, e decidir-se com acerto e perseverança: parece que a rasão não preside aos seus affectos nem regula o seu procedimento. Não pensam nem reflexionam sobre si. Prendem-se a noçoens superficiaes, as primeiras ideias, que lhes ferem os sentidos, sem que examinem se são falsas, ou verdadeiras, sem que lhes importem as suas consequencias por mais desastrosas ou desgraçadas que sejam. Este vive maniatado á quimera d'uma formosura, que está a murchar-se por instantes, ou que corre a receber culto de outros adoradores sem que medite, que de tudo isso só lhe resta desgosto, e enfadamento, nausea, e angustias, precursoras de amargurados dias.

Aquelle corre apoz d'um prazer falso, não vendo nelle a sua perdição, ou a sua deshonra. Outro agita-se por uma paixão sem que reflicta que é ella o tumulo da sua felicidade, o escolho em que naufraga e se perde: outro prende-se a uma dignidade tão inconstante como a fortuna que só tem por alicerce e fundamento a mutabilidade e a inconstancia, sem vêr o labyrintho de penas e cuidados em que se enreda. Outro trata d'engrandecer-se, de affortunar-se, ou de adquirir um grande estado, ou valimento e dependencia no mundo por meios iniquos, ou torpes sem que se lembré, que é contra si mesmo, que trabalha, que forma um pedestal sobre que levanta um throno d'ignominia e de infamia eterna. Outro afadiga-se por ajuntar thesouros, por adquirir bens sem que considere, que tudo isso lhe é inutil, que só lhe resta a sepultura, que não é para si que enthesoura, que outro, ou outros brevemente hão-de possuir tudo isso sem que lh'o agradeçam, rindo-se interiormente da sua cegueira, ou da sua loucura, fingindo algumas vezes ignorar que o amor a esses bens é essa mesma avaresa, é esse espirito de cubiça tão condemnado e reprehendido no Evangelho como incompativel com a salvação, que nos faz escravos do mundo, que apaga em nós a caridade, e a justiça que faz com que faltemos aos nossos mais sagrados e indispensaveis deveres, ao que devemos (segundo diz um theologo distincto) a Deus ao nosso proximo e a nós mesmos. Todos, emfim, engodados em sombras fugitivas, que passam por elles mas que não podem apanhar por mais que façam, reduzindo-se tudo, para nos servirmos da linguagem da Escriptura, a vapores, que se dissipam no ar, ou que se apagam como o fumo! Estranha contradição no homem! Desconcerto fatal!

Parece incrivel, que tendo o homem destinos immortaes, que estando neste mundo de passagem á similhança de um viajante, que se recolhe á sua patria, aonde tem de fixar a sua residencia e habitação para sempre, se occupe em fazer obras pouco duraveis, e que lhe não dizem respeito! Sendo eterna a duração da virtude, o homem edifica templos á mentira e á vaidade! Como é pois só discreto, só sabio aquelle que só se prende á sua alma, á sua immortalidade, a bens em que não tem poder a morte, que permanecem sempre, que o acompanham para toda a parte, que lhe grangeam riquesas eternas, gloria immortal! Como é, pois, feliz aquelle, que não olha senão para o céu, que não trabalha senão por elle, que só anhela aquelles palacios feitos pela mão da justiça eterna, como logar, que ha-de ser a sua habitação, que não considera todas estas habitaçoens que o orgulho orna cá na terra, se não como prisoens lugubres, aonde se aloja o vicio e o desgosto!

Nas profundesas da Eternidade é que o homem sabio lança os fundamentos da sua reputação, e não sobre uma terra, que ha-de perecer. A virtude não edifica na terra: perigrina e estrangeira passa sobre a terra sem lhe tomar o sabor; não procura deleites em paiz, que lhe é estranho, em terra que não é sua; procura rapido atravessar a terra arida e secca, em que só rebentam espinhos e abrolhos; um valle, em que só escorrem lagrimas, em que só se ouvem gemidos. Espera que as perseguiçoens e os dissabores a acompanhem para toda a a parte porque é delles que recebe o seu lustre e é por elles que ella entra no reino dos céus. A eternidade é pois o seu triunfo, o céu o seu termo, o seu destino a sua patria. Em quanto passa pelos objectos que encontra atem-se a elles como meios, que Deus poz na sua mão para a sua santificação; mas avalia como nada tudo o que se não dirige á Eternidade, ou que não condiz com os seus altos destinos. Não reputa preciosas as riquesas quando ellas não correm ao seio da indigencia.

Eis-aqui como o sabio avalia o mundo; eis-aqui o uso que faz delle. Será pouco talvez aos olhos da carne e da sensualidade; mas que enganosas esperanças as suas! Que felicidade aquella que promette o mundo! Que felicidade aquella de que o homem se faz o proprio architeto! Vejamos o que é, e o que vale. Que promette o mundo que não esteja sugeito a mil desventuras, e que não acabe com elle? Que promette o mundo, que não esteja debaixo do dominio da morte, que a cada passo ameaça tragar-nos, perturbar o nosso socego, envenenar nossos prazeres, cobrir de lucto todos os nossos passos, sulcar de

lagrimas e de dôr o nosso leito! Que felicidade aquella que ámanhan ha-de perder-se na triste sorte do nada, nas agonias da morte, no silencio da sepultura, no aspecto medonho do futuro, nos abysmos insondaveis da eternidade! Que bens aquelles, que quanto mais se amam, mais nos perdem e infelicitam, mais inquietam a alma; mais dilaceram e despedaçam o coração; porque mais horrorosa e sensivel é a sua perda; porque quanto maior é o apreço, ou a estima que delles fazemos tanto maior é a dôr e a violencia que sentimos quando a morte no-los arranca, no-los arrebata, no-los obriga a deixar d'uma vez para sempre, para nos servirem talvez de tormento eterno, e certamente para se converterem em uma nullidade perfeita para nunca mais os tornarmos a vêr nem possuir! Ah! que bens aquelles de que só resta um desengano esteril e fatal, uma lembrança amarga, um pensamento lugubre, um pesar inquieto, uma recordação dolorosa, uma magoa profunda! Que felicidade aquella que maldiz de si nos seus ultimos actos, que termina por ais e suspiros, por lamentaçoens e gemidos! Que bens aquelles de que são companheiros inseparaveis, funestos pressentimentos de um futuro, que assusta, o juizo antecipado da alma, que treme pela sua sorte, que se afasta delles cheia d'horror e confusão, que tiveram por objecto e por fim uma vida, que perece miseravelmente, um corpo que acaba em ancias e agonias mortaes! Que offerece pois o mundo que não seja soberanamente despresivel?

Que importa que se ganhe, ou para o mundo, que a fortuna corra adversa, ou prospera se não temos aqui assento permanente; se a vida corre tão ligeira e acaba tão desgraçada; se os grandes se os pequenos, se os opulentos e os desgraçados teem todos o mesmo fim? O que é o homem!

Como não é tudo para elle essa vida futura, essa sorte eterna, esse destino immutavel, que o espera, em que Deus constituiu a sua desgraça, ou a sua felicidade? Acaso vale mais a vida do corpo, que a do espirito, mais o tempo, que a eternidade! Como se cobre a terra de iniquidade, como se alaga de vicios e crimes? E a virtude que devia ser a rainha do universo, a quem só o homem devia render culto e vassalagem, quasi, que só apparece como uma estrangeira, que o intimida com a sua presença, e o afugenta com a sua linguagem! Como cogita o homem em outra coisa, que não seja nessa habitação celeste, nessa morada eterna que faz as delicias da rasão, que satisfaz a nossa intelligencia e que a excede: nessa felicidade immensa, a quem o verdadeiro filosofo consagra tsdos os seus desejos, todos os seus pensamentos, a cuja vista desapparecem os thronos, fogem os imperios, somem-se os astros, que brilham no firmamento: a cuja vista em vão as grandesas terrestres chamam em seu soccorro o fausto, a mentira e orgulho para darem mais corpo ás suas chimeras, para encherem mais os seus titulos e as suas pertençoens?

Que é tudo isto, senão uns atomos fugitivos apenas percebidos ao reflexo da luz, que não deixam nenhum signal de si? Que é tudo isto á vista daquella cidade santa, de que Deus é o architeto e o fundador, aonde tudo é puro, tudo grande, tudo magnifico e eterno? Que maravilhas juntas naquelle reino divino, aonde o mesmo Deus e o sol, que o illumina, a bellesa, que o orna, o templo, o santuario e o altar? Ah! que comparação poderia ser digna de fazer-se entre aquellas bellesas originaes e improduzidas com estas caducas e emprestadas — entre as bellesas da terra e as do céu? Seculos, estaçoens amorosas do anno, formosuras transitorias não vos chegueis aqui: a inconstancia é incompativel com esta habitação. Os espiritos celestes formam circuito a esta cidade santa, as virtudes constituem-lhe o muro e as suas portas eternas não se abrem senão para a justiça e para a verdade. Se daquelle luminoso logar descesse algum raio de luz, que viesse illuminar este mundo opaco e terrestre, que colossos de grandesa formados pelo nosso orgulho se veriam sem demora anniquilados! Nossas riquesas, parecer-nos-hiam preciosas miserias, as nossas honras soberbos nadas, a nossa vida um sopro, a nossa existencia uma complicação de miserias, paixoens e necessidades! Feliz, pois, só aquelle, que só se prende, á eternidade e que sufficiente a si mesmo olha para este mundo, como para uma faisca que luz, que estala e que se extingue, que se desprende totalmente d'uma vida, cujo ultimo acto, por mais bellos, que tenham sido seus precedentes, é sempre tragico, é sempre lugubre, e sanguinolento, é sempre medonho e desolador! Que aproveitam ao homem seus bens, sua gloria e sua fortuna no momento, em que as perde, no momento em que as grandesas se desvanecem, em que o tempo foge, em que a eternidade se abre, em que a ambição se devora, em que a avaresa se inutilisa, em que a fortuna se enterra, em que os remorsos se accumulam, em que os temores se augmentam, em que os pensamentos se perdem, os desejos se acabam, em que as sombras da morte o circundam quando um suor frio lhe humedece as faces, quando a palpitação apressada do coração, quando a contracção violenta de todos os membros, quando uma pallidez disforme, qaando uma nevoa negra mesclada de sangue cobrindo-lhe as palpebras dos olhos, quando uma lagrima descendo lentamente delles já cerrados á luz, quando um suspiro violento, quando um arranco profundo annuncia que está acabado o tempo e que só resta Deus e a eternidade! Que lamentavel sorte neste supremo instante a daquelle que tem enthesourado para a terra em vez de enthesourar para o céu, e sente partidos os vinculos que o prendem ao mundo, sem poder arrancar o coração que as paixoens lhe algemavam á terra!

ABIMELECH PUNIDO POR DEUS.

XVII.

> . . . Soror mea est. Misit ergo Abimelech rex Geraræ, et tulit eam . . . . . .
> Et ego scis quod simplici corde fueris: et ideo custodivi te ne peccares in me, et non dimisi ut tangeres eam. — Gen. C. 20 V. 2, 6.

Abrahão, tendo Bethel abandonado,
A' terra de Gerare emfim chegára,
Aonde Abimelech lhe roubára
Mulher, que por irman se tinha dado:

Mas Deus, de culpa tanta horrorisado,
Bem como já no Egypto castigára,
Castiga em breve o roubador de Sára,
Que do regio poder tinha abusado:

Ameaças depois lhe faz de morte,
E diz-lhe, que a mulher, que pertendia,
Não era irman d'Abr'hão, mas sim consorte:

O Rei, que de seu crime não sabia,
Entrega logo Sara, e desta sorte
Novamente com Deus se concilia.

ISMAEL EXPULSO POR ABRAHÃO.

XVIII.

> Surrexitque Abraham mane, estollens panem, et utrem aquæ, imposuit seapulæ ejus, tradidit que puerum, et dimisit eam. — Gen. 21. V. 14.

Isac, filho de Sara, que fazia
Dos Paes, que o ser lhe déram, a ventura,
No peito d'Ismael da inveja impura
O fogo cada vez mais accendia:

Então d'Agar o filho, que assim via
Fugir-lhe das riquesas a doçura,
Tornou-se emfim de condição tão dura
Para aquelle, a quem só amar devia;

Que Sara, p'ra atalhar um mal já certo,
Consegue d'Abrahão por seus pedidos,
Que expulse o filho, e mãi para o deserto;

Os quaes, sómente d'agua e pão munidos,
Lá vão da Solidão caminho incerto,
Ao capricho da sorte conduzidos!

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

ABRIL.

25 *Domingo.* S. Marcos Evangelista. Nasceu em Alexandria e como discipulo e interprete do apostolo S. Pedro, foi rogado em Roma para escrever o Evangelho. Partiu depois para o Egypto, foi o primeiro que annunciou a boa nova e fundou a egreja d'Alexandria. Preso e arrastado pelas ruas com cordas foi encerrado em um carcere, aonde teve a ventura de ser confortado pelos Anjos e depois o ineffavel gosto de lhe apparecer o mesmo Deus que o chamou ao reino celestial no 8.º anno do imperio de Nero.

Neste mesmo dia celebra a Egreja a Maternidade de *Nossa Senhora.* Teve a Santissima Virgem a incommensuravel dita de dar á luz o Redemptor do mundo, e a humanidade adquiriu o direito á presença de Deus, de que estava privado pelo peccado de nossos primeiros paes. Quam preciosa nos deve ser a Maternidade de Maria, e como deveriamos ser gratos áquella Mãe tão amorosa, que o foi do homem-Deus, e o é do genero humano! Nós os portuguezes possuimos o bem infinito de a termos por nossa especial padroeira sob a invocação de sua virginal Conceição, e este nosso semanario tambem para elle invocamos com confiança a protecção da Mãe de Deus.

24. *Segunda feira.* S. Pedro de Rates, 1.º bispo de Braga. Instituido pelo apostolo S. Thiago, segundo as tradiçoens mais acreditadas. Favorecido do céu com o dom dos milagres tendo convertido á fé grande numero de gentios, e judeus — foi martyrisado no anno 45 da Era Christan. Seu corpo jazeu muitos annos na egreja de Rates, d'onde foi trasladado para a Sé de Braga.

27. *Terça feira.* Fugida de Nossa Senhora para o Egypto. A egreja celebra esta Festividade cuja origem é consignada na indefectivel verdade do Evangelho. S. Matheus cap. 2.º Tendo Jesus sido adorado pelos magos, e illudido a Herodes na promessa de voltarem a participar-lhe o que encontrassem a respeito do recem-nascido Rei de Judea — o Anjo do Senhor avisou a José esposo de Maria Santissima para fugirem com o Menino Deus para o Egypto. Ahi estiveram até á morte de Herodes. Então voltaram por novo aviso do céu, e vieram habitar a Nazareth, cidade da Judea.

28. *Quarta feira.* S. Vital M. Natural de Ravena foi pae de S. Gervasio e S. Protasio; e como sepultasse o corpo do bem-aventurado Ursicino soffreu os tormentos do eculeo por ordem do consul Paulino; e sendo mettido n'uma profunda cova cobriram-no de terra e pedras, voando a sua alma para Christo com este cruel martyrio.

29. *Quinta feira.* S. Pedro Martyr. Pertenceu á ordem dos Prégadores e foi morto pelos hereges em Milão, por causa da fé catholica.

Item. Começa a Novena da Apparição de S. Miguel.

30. *Sexta feira.* Santa Catharina de Sena V. Professou na ordem de S. Domingos, e viveu vida gloriosa e illustre por seus milagres, e foi numerada entre as Santas Virgens pelo Pontifice Pio II.

MAIO.

1. *Sabbado.* S. Filippe e S Thiago Menor, App. O primeiro depois de ter convertido á fé de Christo quasi toda a Soythia foi crucificado em Hierapolis cidade da Asia e depois coberto de pedras, hindo a sua alma repousar no seio do Eterno Pae; o segundo foi o 1.º bispo de Jerusalém, e sendo precipitado do pinaculo do templo, ficou com as pernas quebradas, e acabaram de o matar esmagando-lhe o craneo com a vara d'um pisoeiro, e o enterraram não longe do mesmo templo.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma — Em 30 e 31 de Janeiro publicaram-se 3 decretos, referendados pelo cardial Lambruschini, declarando validas as sentenças da sagrada congregação dos ritos em favor: 1.º para continuar o exame do titulo do servo de Deus, P. Estevão Bellesini, fallecido em 1840, á beatificação e canonisação; 2.º que declara verdadeiros os milagres do servo de Deus, P. Gerardo Majella; e 3.º contendo a opinião do delegado do arcebispo de Napoles, em favor da sanctidade da veneravel serva de Deus, soror Maria Crucifixa.

— Em 25 de Janeiro foi baptisado e confirmado na egreja de S. José, pelo arcebispo de Sirace, procurador geral dos monges armenios Mechitaristas, de Veneza, Elia Bruto, judeu de Constantinopla, de 38 annos d'edade.

— S. Santidade commovido profundamente com as noticias dos estragos e catastrofes produzidos pelos ultimos temporaes, mandou distribuir 1500 escudos romanos do seu bolsinho pelas familias pobres do littoral romano que tiverem soffrido sinistros.

Parma. — Os monges benedictinos de S. Julião alcançaram permissão de estabelecer no ducado uma casa da sua ordem. Para esse fim, restituiram-lhes os bens que possuiam os monges do Monte Cassino.

Lombardia. — O imperador d'Austria decretou em 15 de Março de 1852 que ficava sem vigor o decreto (*revolucionario*) de 7 de Maio de 1848 que havia supprimido os jesuitas no reino Lombardo-Veneziano, e ordenou que se lhes restituissem todos os bens que lhes haviam sido confiscados, com os seus rendimentos durante o tempo que haviam estado privados delles.

Este acto solemne de justiça honra no mais alto grau a rectidão e justiça do joven monarcha. Com o seu exemplo do respeito que se deve á propriedade ensina certos governos que não a respeitam, apesar de se pavonarem com o nome de liberaes.

Sardenha. — Em quante nos paizes protestantes, ou republicanos se suspenderam as sessoens dos parlamentos, na semana santa, na Sardenha continuaram todos os dias e na sexta feira santa houve 2 sessoens! Os sardos em religião andam a par dos portuguezes da situação que trabalham nos domingos e dias santos como nos outros dias, recebendo o exemplo das auctoridades que mandam continuar os trabalhos dos seus subordinados como todos os dias estamos vendo, com escandalo geral.

— D'uma statistica publicada pela *Gazeta do Povo*, orgão official da propaganda anti-christan e anti-social, resulta que esta associação já destribuiu 264$ exemplares de seus libellos, e que lhe restam ainda 95$. Póde julgar-se por este facto da educação moral e religioza que recebem as populaçoens do Piemonte. Se tal é a semente, qual será a colheita?

Allemanha. — *Missoens* — Aquelles que veem a Allemanha de longe não podem comprehender todo o movimento que se tem operado nos espiritos em favor da verdade catholica.

E' uma reacção tal que em verdade se não póde explicar senão por uma intervenção particular do poder de Deus. O que era, ha sómente 10 annos, o catholicismo em Allemanha, o que é hoje já, o que será nos seguintes 20 annos, eis o problema de que a experiencia dos tempos actuaes apresenta a solução. De modo que todos podem pôr-se agora a adivinhar com segurança, sem receio de serem desmentido pelos factos.

Sim. E' de toda a evidencia mathematica que dentro d'um periodo dado, em 20 annos por exemplo, e mais cedo talvez, a Allemanha, e a Prussia com especialidade, voltem ao principio catholico. Sam chegados os tempos. Faz-se a decomposição de todos os lados. Os espiritos desencaminhados pela negação racionalista, procuram em redor de si senão ha já ponto de apoio, e esse ponto de apoio que invocam em seu desfallecimento extremo, é a verdade catholica que lho dará.

O' verdade catholica! o que seria da familia humana, senão viesses allumia-la com vossas vivas luzes, quando ella corre loucamente a todas as ruinas e destruiçoens.

O que se passou estes ultimos dias em Neuss, junto de Dusseldorf, é mais do qua um symptoma feliz; é uma maravilhosa justificação de tudo o que acabamos de dizer. Os missionarios prégavam na pequena cidade de Neuss, e os povos que haviam corrido a ouvi-los agglomeravam-se em redor delles com tanto ardor e em tão grande numero, que o recinto da egreja se achou mui pequeno para um auditorio de mais de 15,000 pessoas, e foi então preciso, como no tempo das cruzadas, transportar a scena para o meio do campo, a fim de que todos os homens de boa vontade, podessem participar sem excepção do dom de Deus.

O ardor evangelico daquelles santos homens não conhece já limites: para elles não ha treguas, não ha repouso. Querem recomeçar a conquista de Jesus-Christo e reconduzir ao redil todas as ovelhas extraviadas que vivem, ha tanto tempo, longe do bom pastor.

Hontem estavam em Neuss; depois de Paschoa estarão em Wiesbaden, no ducado de Nassau, e sabeis quem os chama lá? Vamos dize-lo; é curioso de saber-se.

Desde o tempo que os Jesuitas Roh e Roder prégaram a ultima quaresma em Bonn, tomou sempre parte entre os ouvintes o *joven principe de Prussia*, e os dois irmãos mais moços do duque reinante de Nassau.

Era grande o enthusiasmo, poderosa a palavra desses homens de Deus e todos os dias produzia prodigios.

Ora, um dia que os jovens principes acabavam de ouvir o P. Roh, esse grande orador, esse profundo theologo, cuja eloquente demonstração os havia arrebatado a um tempo e abysmado de admiração: *Ah! quanto desejara*, dizia o principe de Prussia, *que o podessem ouvir em Berlin! Com effeito*, diziam apoz elle os jovees principes de Nassau, *quando se ouvem estes homens deseja-se ser ou vir a ser catholico!*

Porém como o bom grão da santa palavra germina, floresce e fructifica no coração dos homens, eis o que succede: o P. Roh é chamado a Wiesbaden, como acabamos de o dizer para alli prégar um retiro, e foi o proprio duque de Nassau, irmão dos dois estudantes da Universidade de Boun que sollicitou a vinda do santo apostolo.

Ha annos, apenas, que os principes protestantes da Confederação riam publicamente de todas as blasfemias que a escóla de Strauss e Rouge proferia todos os dias contra a divina pessoa de Jesu-Christo, e tambem contra a auctoridade do seu vigario, de Roma.

Mas deixaram-se de rir, porque os demagogos que sahiam dessa escóla, depois de haverem tão frequentes vezes blasfemado contra a auctoridade de Deus, poseram-se depois a blasfemar contra a auctoridade dos principes, chamando os povos á revolta. E era de justiça, que na ordem das ideias falsas ou impias, que todas conduzem ao mal, tudo se liga e incadêa na mais stricta e intima connexão.

E' assim que opera a graça de Deus, porque é necessario que a sua obra se cumpra apesar das perversas combinaçoens dos homens e de suas sacrilegas tentativas.

O que seria, com effeito, o beneficio da redempção, se dependesse d'alguns espiritos audaciosos detela e limita-la em sua acção?

O racionalismo destes ultimos tempos glorificava-se d'haver abalado o edificio, e confiando no bom exito da sua crusada contra o reinado de Christo, esperava com alegria saudar-lhe o proximo fim, para lhe lançar o insulto e a ultima pedra; mas como foi passageira a sua alegria, e como essa arma aguda que brandia contra a Egreja se voltou contra si-mesmo, ferindo-o por todos os lados e atravessando-o de todas as partes.

De sorte que sobre o seu cadaver existe o catholicismo, que caminha victoriosamente á reconquista do terreno perdido, podendo mesmo dizer-se que o racionalismo foi o instrumento de que Deus se serviu para chegar aos seus fins.

Coisa estranha, mas formidavelmente verdadeira! os homens da reforma não chegam logo á primeira á orthoxia catholica, é mister que passem pela negação do racionalismo; porque o racionalismo serve aqui de *criterium* á obra de Deus. — (E. DE FENOUILLET, no *Univers.*)

AUSTRIA. — Escrevem de Vienna que o governo austriaco mandou exercer a maior vigilancia para impedir a distribuição gratuita de biblias, que a sociedade biblica de Londres enviou com o fim de protestantisar o imperio d'Austria.

— Diz o *Correio italiano* de Vienna quo o governo austriaco toma medidas as mais energicas para impedir a venda das Biblias protestantes, que se procuram espalhar por todos os meios e que se dam por toda a parte por baixo preço.

PRUSSIA — Em toda a parte onde domina o protestantismo, sam os catolicos opprimidos e tratados com a maior intolerancia. Neste reino tem melhorado a situação dos catholicos, ha annos, e com quanto ainda sejam tratados com bastante desigualdade pelo governo e pelas leis, vam ganhando terreno todos os dias. A população catholica já forma tres quintos da protestante. A catholica sam 6,079,613; e a protestante 10,016,798. Esta compoem-se de todas as seitas e declina todos os dias.

— *Jesuitas.* — Sahiram ultimamente ordens do governo para serem protegidas as missoens dos Jesuitas na Silesia.

França. — O cardial *Gousset* nasceu no 1.º de Maio de 1792 na humilde aldêa de Montigni — le-Cherlien, no departamento do alto-Saona. Seu fallecido pae foi lavrador. Sua mãe, ainda viva, educou com o maior cuidado a numerosa familia com que Deus a abençoou. Thomaz Gousset trabalhou no campo até 1809, em que começou a aprender o latim em uma escola particular. Cursou 3 annos a academia de Beançon, e recebeu o diploma de bacharel em Lettras. Entrou em seguida no *grande*-seminario, e entre os distinctos theologos que alli se criaram, no seu tempo, foi elle o 1.º estudante. Ainda bem não tinha concluido os seus estudos quando foi incumbido de dirigir os daquelles que começavam. Em 22 de Julho de 1817 foi ordenado presbytero pelo cardial de Latil, então bispo d'Amyclea *in partibus*, a quem dapois succedeu no arcebispado de Rheims. Foi nomiado para o difficultoso vigariado de Luve, que mui bem desempenhou, e 9 mezes depois foi incumbido por auctoridade diocesana de professar theologia moral em Besauçon em que empregou 14 annos. Em 1830 foi nomiado vigario geral pelo cardial de Rohan, e continuou com os snrs. Dubourg e Mathieu, até ser elevado ao episcopado. Em 1835 foi designado para a Sé de Perigueux, e consagrado, pelo arcebispo de Paris Monsenhor de Quelen, em Março de 1836. Em 1840 foi transferido para a Sé archiepiscopal de Rheims, e em 1851 promovido ao cardinalato.

O cardial Gousset é auctor de grande numero d'obras estimadas, de que vamos dar noticia: 1.ª Uma edição das « Conferencias d'Angers », com notas e dissertaçoens, em 26 volumes, em 1823; — 2.ª Exposição da doctrina da Egreja a respeito d'emprestimos a juro, em 1825; — 3.ª O ritual de Toulon, commentado e amplificado; 4.º Uma edição do « Diccionario theologico de Bergier » com notas; — 5.º o codigo civil commentado em suas relaçoens com a theologia moral, de que appareceram 3 edições em 1827, 29 e 34; — 6.ª A justificação da theologia de Santo Affonso de Liguori; — 7.ª Carta ao Abbade Blanc a respeito da communhão dos sentenciados á morte; — 8.ª Compendio do Ritual de Perigueux; — 9.ª Observaçoens sobre o projecto de lei a respeito da liberdade do Ensino; — e 10.ª Theologia Moral, 2. vol. em 8.º Em 1851 foi eleito membro d'Academia de Besançon.

— Dion, no Allier, possue, ha tempos, religiosas d'uma ordem que promette fazer grandes serviços ás familias. O bem sensivel que tem resultado dellas fez desejar dos habitantes de Pierrefite o ter tambem religiosas da mesma ordem, e acabam de receber uma nova prova do zelo do seu excellente pastor que fez os maiores esforços para realisar um desejo tão louvavel. No dia 2 d'Abril installou o cura de Pierrefite 3 religiosas da *Apresentação de Maria* sob os auspicios de S. José. Os habitantes mostraram o maior prazer na sua recepção, e as mães de familia agglomeraram-se na egreja para festejar a chegada das boas

freiras. Um sacerdote da diocese impressionou vivamente o auditorio com um improviso caloroso. Apoz do officio divino foram as religiosas conduzidas processionalmente á casa d'escola que foi posta á sua disposição.

— *Charidade christan.* — O R. P. Chable, director da missão alleman de Paris, dirigiu-se á cidade de Praga, capital da Bohemia, com o fim de obter donativos e esmolas para construir em Paris uma egreja catholica, especialmente destinada aos numerosos allemaens que habitam aquella capital. O imperador Fernando e a imperatriz Marianna acolheram cordialmente o P. Chable e concorreram com 1000 florins (468$ rs.) para uma obra tão pia.

— Em a noite de 10 d'Abril reuniram-se uns 600 soldados de todas as armas na egreja dos Cartuxos de Lião para assistirem ao caminho da Cruz que se faz exclusivamente para os militares. A egreja, assim como as naves lateraes, estavam litteralmente cheias. Seria difficil pintar o que havia de tocante e nobre neste espectaculo. Um coração voltairiano ou impio não teria experimentado mais do que um sentimento de despeito ou de desdem, um coração christão não podia deixar de abençoar a Deus Quem seria capaz de dizer, ha annos, que se veria um dia soldados francezes conduzindo uma cruz e lanternas, precedendo um sacerdote em redor d'uma egreja cheia exclusivamente de soldados?

— *Passagem curiosa* — No dia 13 passou, por Paris, de caminho para Lião é Roma, Monsenhor Novella, bispo de Chang-si, na China. O trage de Mandarim de que usa o prelado attrahia muito a attenção dos parisienses. Em Roma deve encontrar-se Monsenhor Novella com Monsenhor Forcade, vigario apostolico do Japão.

— No dia 13 teve logar em Lille uma ceremonia tocante, na egreja de Moulins-Lille. Depois da missa e em presença de muita gente, abjurou um israelita o judaismo para abraçar a religião catholica. Recebeu o baptismo das mãos do parocho, sendo padrinho o presidente da conferencia de S. Vicente de Paulo, e madrinha uma dama da charidade da mesma parochia. Dentro de poucos dias havia de receber os outros sacramentos.

— Acaba de fundar-se em Avinhão um convento de *Recolletos*. Estes religiosos, que foram chamados d'Italia, servirão a egreja dos penitentes-pardos, onde está exposto o SS. Sacramento todo o anno. Em numero de dois foram hospedados na casa dos RR. PP. Jesuitas. Os 2 Jesuitas que S. Ignacio enviou em outro tempo a Avinhão hospedaram-se no convento dos Recolletos. Tocante reciprocidade! Os Recolletos comporão primeiro uma communidade de cinco religiosos.

Inglaterra. — *Conversoens* — A snr.ª Law, d'Hawthorns, no Berkshire, viuva do fallecido Archivista de Londres, fez a sua profissão publica da fé catholica, na egreja de S. João, em Islington, depois de vesperas, no dia da festa da Purificação.

Um dos leitorers da escriptura, de Mr. Baptista Noel, acaba de ser recebido na egreja de S. João, em Islington, e tem havido varias outras conversoens da extincta congregação de Mrs. Harper, em Pimlico. No dia 24 de Janeiro a esposa do fallecido Mr. Harper, fez a sua profissão de fé na egreja catholica de S. João em Perth.

— Cinco pessoas respeitaveis foram admittidas no seio da egreja catholica em Liverpool: uma na capella de S. Patricio e 4 na de S. Albano, officiando o R. Kelly parrocho desta ultima freguezia.

— Em Bolton abriram-se as novas escolas de S. Pedro e S. Paulo para suprir a população catholica que se eleva a 700 pessoas. Cada escola póde acommodar 500 meninos.

— *Escolas nocturnas para raparigas em S. Wilfrid, em Hulme.* — As boas freiras irlandezas, aqui estabelecidas, não contentes de abrirem escolas diurnas no seu convento tiveram a benevolencia de as abrirem nocturnas para as raparigas empregadas durante o dia.

Estas já terão de 60 a 80 raparigas.

Escolas destas é uma ventura para cidades manufactureiras em que as raparigas, que as frequentam para receber instrucção moral e religiosa, trabalham 12 horas por dia nas fabricas, expostas ao exemplo e á influencia d'uma linguagem obscena e desmoralisadora, que todos reconhecem naquellas escolas do vicio, nas qaaes a virtude e a castidade estam expostas a todo o instante aos perigos da ruina e da infamia. Que immenso serviço, pois, lhe não fazem as freiras?!

Asia. — China. — Segundo as ultimas noticias, o missionario Brunière, recentemente nomeado pela S. Sé coadjutor de Monsenhor de Verolles, bispo da Mantchourie, foi assassinado em Ki-li-Mi, aldêa da Tartaria Chineza, por 7 individuos do paiz, que depois o roubaram. O consul reclamou providencias ás auctoridades chinezas, pelo assassinio d'um veneravel ecclesiastico que gosava da estima universal.

America. — Estados-Unidos. — A egreja adquire sempre por um lado o que parece perder por outro em influencia, extensão ou liberdade. Em quanto o Piemonte exilia os bispos, lança mão das rendas das associaçoens caritativas e repelle as religiosas de seus hospitaes, os Estados Unidos dão aos collegios dos Jesuitas os privilegios d'universidade, outorgam aos conventos o direito de adquirir e chamam as irmans da charidade á administração dos hospicios publicos. No *Freeman* de Novayork, de 13 de Março, vemos que o conselho municipal de Mobile, depois de profundas deliberaçoens, confiou os cuidados do seu hospital ás irmans da charidade de S. José. Este conselho compeem-se de 22 membros, 18 dos quaes sam protestantes, e 4 sómente catholicos; mas nem por isso deixou de ser o voto unanime, tendo-se todos convencido da immensa vantagem de possuir as irmans no triplice ponto de vista da economia, do bem-estar dos enfermos e da moralidade. Este contraste deveria fazer corar os conselheiros da corôa de Sardenha, e das outras corôas constitucionaes, se os filosofos não tivessem uma cara que não córa nunca. Mobile é um porto de mar muito importante, situado no golfo do Mexico a 50 leguas de Nova Orleans. A cidade conta umas 20$ almas, e é alli immenso o movimento dos negocios principalmente em algodoens.

Progressos do Catholicismo no Illinois — Os catholicos devem folgar com os progressos da sua religião neste estado. Haverá 180 annos que os primeiros brancos appareceram nesta terra indiana do velho Micchgan. Uma partida de francezes que explorava o Mississipi conduzia comsigo o missionario jesuita P. Marquette que primeiro espalhou a semente da fé naquella terra. Desde então occorreram muitas vicissitudes, e o poder francez foi substituido pelo inglez, e este pelo dos Estados-Unidos.

Com todas estas mudanças progrediu sempre o catholicismo, augmentando todos os annos as missoens aos clerigos residentes. Chicago, Kaskaskia, Lasalle, Quincy, Kahokia, Galena, &c., cada uma tinha sua egreja, e seus sacerdotes. Porém muitos catholicos tinham de contentar-se com a passagem accidental dos missionarios, e havia-os que se passavam annos sem verem um padre. Felizmente o augmento da população e riquesa, e tambem o do catholicismo tornaram necessario erigir um bispado no Illinois; e Chicago foi escolhido para sua sede. O R. Quarter foi o 1.º bispo, e organisou alli formalmente a egreja. A sua administração foi breve porém laboriosa. Começou os seus trabalhos em 1844 com 10 sacerdotes, e outras tantas egrejas. Quando morreu em 1848 deixou á diocese 40 sacerdotes, 56 egrejas, 1 seminario ecclesiastico, 1 universidade, 2 conventos &c. com uma população mui numerosa. Durante estes ultimos 3 annos tem continuado a augmentar-se consideravelmente sob o vigoroso governo do bispo Vandevelde. O numero dos sacerdotes, egrejas, hospicios, escólas, e institutos de charidade tem augmentado muito. Não podemos avaliar ao justo o grande augmento da população nestes ultimos 5 annos; porém sómente Chicago á sua parte tem 12 a 13$ catholicos, 11 sacerdotes além do bispo, e 6 egrejas, que já não chegam para os seus parochianos; e o mesmo acontece por toda a diocese, tornando-se necessario fundar novas egrejas e ordenar mais presbyteros. O actual veneravel bispo emprega os maiores esforços em supprir as necessidades nascentes da sua diocese.

Maryland — Baltimore é a primeira sé archiepiscopal dos Estados-Unidos, o logar em que se celebrou o primeiro concilio, o centro do catholicismo na America. E' tambem a capital do Maryland aonde ha 250 annos se estabeleceram os primeiros catholicos, fugitivos da mãe patria para escaparem ás perseguiçoens que lá lhes faziam por professarem á sua fé! Poucos missionarios precederam ou acompanharam os fugitivos, e no decurso de 40 annos augmentaram tanto os catholicos, em todos os estados da União, que se estabeleceu um bispado em Baltimore para dirigir a egreja, e João Carrol denominado « o veneravel » foi escolhido para 1.° bispo. Em 1796 celebrou um synodo diocesano em Baltimore. Era então o unico e o 1.° *bispo* dos Estados-Unidos! Só achamos os nomes de 22 clerigos, que assistiram, entre elles 2 irlandezes. Depois de se fazerem os decretos no synodo, consultou os clerigos presentes, e sollicitou á santa Sé mais bispos. S. Santidade nomeou mais 4 Gortyn, Philadelphia, Boston, e Bardestown. Foi esta a infancia da egreja catholica nos Estados-Unidos.

Em 1810 celebrou-se outro concilio de todos os 5 bispos existentes; e até 1829 não tornou a haver concilios. James Whitsfield, mercador inglez, que se havia enriquecido em Hispanha, e era distincto por sua grande piedade foi escolhido successor do veneravel bispo Carroll. Receando-se do estado d'agitação do paiz, com poucos bispos e clerigos, assentou que os concilios não podiam fazer o bem, e por isso influiu em Roma para que se suspendessem, até que o Senhor inspirou João England, natural de Cork, na Irlanda, bispo de Charlestown, na Carolina do Sul, para que dissipasse o receio do primeiro bispo, e obtivesse a continuação dos concilios.

No 1.° d'Outubro de 1829 reuniu-se em Baltimore o 1.° concilio *provincial* a que assistiram 6 bispos (estando 2 ausentes na Europa, o dr. Dubois, bispo de Newyork, e o dr. Portier, bispo de Mobile). Dzierozynski, superior da sociedade de Jesus, o Carriere, de S. Sulpicio, depois tão famoso por seus escriptos theologicos, assistiram ao concilio, alem de muitos outros sacerdotes distinctos por seus talentos, alguns dos quaes foram depois elevados ao episcopado, taes como Kenrick, Blanc, e Wheeler. Este concilio durou 12 dias em que se promulgaram muitos decretos, e terminou com uma carta a Pio VIII em que o informavam do estado da Egreja naquelles estados; em que se haviam fundado 6 *seminarios* e 9 *collegios*, 3 dos quaes com privilegios universitarios; 33 estabelecimentos religiosos do sexo feminino, com especialidade das seguintes ordens: Ursulinas, Visitandinas, Carmelitas, do Sagrado Coração, Irmans da Charidade e da Santissima Virgem. Tambem existiam alguns religiosos da Companhia de Jesus, da congregação secular da missão, e de S. Sulpicio; e alguns hospitaes d'enfermos e escólas de charidade para os pobres Os decretos deste concilio foram confirmados em Roma com ligeiras alteraçoens.

Em 1833 celebrou-se em Baltimore outro concilio provincial, convocado e presidido pelo arcebispo Whitsfield, a que assistiram 10 bispos, faltando só o de Bardstown por enfermo. Neste foram os Jesuitas representados pelo provincial P. Guilherme M'Sherry, e os dominicos pelo R. Fr. Nicolau Young Entre os que assistiram como theologos figura o R. João Hughes actual e distincto arcebispo de Newyork. Neste concilio pediu-se a Roma que erigisse novas Sés, fixaram-se-lhe os limites, e adoptaram muitas resoluçoens uteis.

Em 16 d'Abril de 1837 reuniram-se os bispos em concilio sob a presidencia do arcebispo Eccleston, que succedeu ao dr. Whitsfield. Como em 34, assistiram 10 bispos e numeroso clero secular e regular Pediram que se erigissem novas sés em Dubuque, Natchez, Nashville, e Pitsburgo e fecharam os seus trabalhos com uma carta synodal a Gregorio XVI em que deploram as perseguiçoens que soffre a Egreja e folgam com os seus triunfos. Fallam da falta de sacerdotes e elogiam as ordens religiosas dos PP. da Missão, Sulpicianos, Redemptoristas e Jesuitas, que com tanto zelo se empregavam em propagar o Evangelho.

Em 1840 celebrou-se outro concilio a que assistiram 13 bispos, e que escreveram uma carta de sentimento a S. Santidade e outra ao arcebispo de Colonia pelas perseguiçoens que soffriam pela causa de Deus.

Em 1843 houve novo concilio a que assistiram 16 bispos, além dos representados, e sollicitaram a S. Santidade que se erigissem novas Sés em Chicago, Milsoawki, Littlerock, e Hartford, sujeitando o Oregon a um vigario apostolico. Durou de 13 a 21 de Maio. Fechou-se com uma carta ao Pae dos fieis em que fallaram dos progressos da egreja americana, pois só em uma diocese se erigiram 43 egrejas em 3 annos. Mencionaram os trabalhos dos Jesuitas entre os naturaes além das Montanhas pedregosas, assim como entre os indianos.

Em cada um dos concilios seguintes vemos crescer o numero dos bispos assistindo já 23 ao de Maio de 1846, e 25 ao ultimo, em Maio de 1849. Além do clero secular assistiram as seguintes ordens religiosas: A congregação da Missão, a ordem de S. Bento, a dos Prégadores, a de Santo Agostinho, os Redemptoristas e os Jesuitas. Neste concilio sollicitaram os bispos a creação de 4 novas Sés archiepiscopaes em Nova Orleans, Cincinnati, Novayork e S. Luiz, que Baltimore fosse declarada primaz sujeitando-se-lhe todas as outras e que se reunisse um concilio nacional, em 1852. Pediram novas sés em Savannah, Wheeling e Minnesota, e escreveram a Pio IX dando-lhe os sentimentos pelos seus soffrimentos e exilio.

A egreja dos Estados Unidos tem agora 6 arcebispados, 2 vigariados apostolicos, 32 bispados, além de 4 Sés vagas, e a probabilidade de se crearem 6 novas Sés no proximo concilio; tem 1380 presbyteros, 1411 egrejas, e 681 capellas; 34 institutos ecclesiasticos, comprehendendo 421 pessoas preparando-se para o sacerdocio; 136 institutos religiosos ou conventos d'ambos os sexos *(Aprendei liberaes do Mindello!)* 100 academias de mulheres catholicas, e mais de 120 institutos de caridade para orfãos, enfermos e velhos. No anno passado foram designados para as missoens quasi 200 clerigos addicionaes, pela maior parte da Irlanda.

A egreja podia fazer maiores progressos se tivesse mais recursos e mais operarios. O clero não é sufficiente para supprir as necessidades apesar do reforço que chega constantemente da Irlanda e outros pontos da Europa. A Associação da Propagação da Fé tambem coadjuva com missionarios e recursos pecuniarios, porém tudo é pouco. As egrejas não chegam para conter os fieis Em Nova York estam quasi concluidas 7 novas espaçosas egrejas e não sam bastantes ainda, porque os mesmos protestantes vam assistir aos officios e funcçoens catholicas, o que augmenta as conversoens todos os dias em um numero pasmoso. Parece que quanto mais sacerdotes apparecem mais sam precisos. Seja Deus louvado! E' este um paiz republicano que offerece tão formosos exemplos aos nossos chamados republicanos. Nós temos republicanos da escóla franceza de 93 somente; por outra especuladores de fórmas de governo. E se algum colhe algum beneficio ecclesiastico conserva só a lembrança da politica para gosar sómente o beneficio, esquecendo as obrigaçoens de encargos.

— California. — Em S. Francisco existe 1 bispo hispanhol, um santo homem, e 7 presbyteros, um delles irlandez, bom prégador, o P. Scaulan. Tem uma egreja de madeira, e nella celebram todos os officios divinos desde as 5 até ás 10 da manhan. Vivem em apostolica pobresa, e esperam, de Monterey, alguns frades e irmans da charidade.

Oceania. — Nova Zelandia — De Carlow partiram algumas freiras das Mercês para Aucklaud, na Nova Zelandia. Arribaram ao Cabo da Boa Esperança, e na cidade do Cabo assistiram á festa da Epifania com grande satisfação de todos os catholicos. Em 9 de Janeiro tornaram a seguir o seu destino entre as bençãos do povo. Em Grahm'sTown ha freiras das Mercês, porem não no Cabo, apesar de ja estar prompto o convento para receber as que se esperam da Europa, segundo lhes prometteu o seu bispo.

MAIO 8. 1852. — N.° 19.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

CARIDADE.

I.

Esta virtude, considerada o amor de Deus, e o amor do proximo, é a mais excellente de todas as virtudes. A fé é uma luz que se apaga ás portas da bemaventurança, porque a presença do Senhor é o seu complemento; a esperança cessará quando os prazeres esperados se converterem na dulcissima realidade das delicias celestes; mas a caridade subsistirá eternamente, como diz S. Paulo. (1)

E' lamentavel que a naturesa humana, para elevar canticos d'amor ao Deus do céu e da terra, carecesse de um preceito em que o proprio Deus lhe ordena que quer ser amado! Se tão mysteriosas alteraçoens não fossem as que a culpa operou no espirito do primeiro homem, não seria a sua existencia uma continuada aspiração áquelle Senhor Omnipotente, que, envolto no véu da divindade, rege os destinos da creatura, que a cada instante mais se aproxima do seu Creador?

« Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças, e de todo o teu espirito. » (2)

Eis-aqui o preceito, cuja intensidade d'amor, avaliada por S. Bernardo, era o amor do infinito, amor incommensuravel, extasis celeste, que modificava a naturesa do homem, identificando-a á naturesa dos anjos.

O espirito contencioso da impiedade não se peja de interrogar o homem religioso ácerca desse amor que lhe estimula o coração em affectos ao Altissimo.

E' impossivel — diz o incredulo — amar um Deus que pune o crime com penas infinitas.

Se não fosse a punição do crime onde estaria a justiça de Deus?

Sem a justiça quaes eram os attributos da divindade? Como poderia ser amado pelos bons um Deus não justiceiro para os maus?

Resolvidas estas questoens pelo silencio consciencioso, que é o mais cabal assentimento da rasão, a negativa audaciosa da impiedade fica no goso daquella consideração, que outras muitas merecem, depois que o seculo da 'filosofia' passou com ellas, e com seus desvellados propugnadores.

O amor é a primeira condição da felicidade do homem. As venturas da existencia multiplicam-se segundo a repetição dessas emoçoens espirituaes que parecem alongar o homem da esfera material da sua naturesa grosseira. O amor é anterior á rasão: acompanha-a até ao seu derradeiro exercicio, e quando é quasi extincto o pensamento no espirito, ainda no coração lavra o incendio dos affectos.

Incapazes de comprehender o amor de Deus, se ajuizarmos pelo que em nós operam estas raras affeiçoens do mundo, que o materialismo dos sentidos não desvirtua, poderemos, se não defini-lo, ao menos julgar do amor de Deus como suprema felicidade nos soberanos destinos do homem.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade; sem o seu impulso é impossivel a perfectibilidae humana, e quantos esforços empregue o homem por attingi-la, n'um alvo excentrico ao amor de Deus e do proximo, serão esforços impotentes.

Nos amores da terra afadiga-se o homem por ataviar-se de todos aquelles dotes, que devem faze-lo querido aos olhos de quem mais deseja se-lo. Tortura-se o espirito em advinhar-lhe os desejos; sacrificam-se os proprios por lisongear os alheios, e, á custa de penosas decepçoens e difficeis constrangimentos, procuramos fortalecer os vinculos do amor pela semelhança dos genios, que é verdadeiramente o ponto de contacto que estabelece as sympatias humanas.

No amor de Deus ha um sacrificio que faz a semelhança do que se ama no céu com o que se ama na terra. A observação dos mandamentos do Senhor constitue a caridade: deste manancial fecundo manam as lympidas virtudes, que proclamam a grandesa do homem, a quem Jesus Christo promettera perfeiçoens eguaes ás do seu Eterno Pai. Todas as nossas acçoens, filhas do amor, devem gravitar para Deus, como centro de todas ellas. Fóra deste movimento, ha a perdição das glorias promettidas, porque no reino do céu, no tribunal do Eterno, não ha a infracção das leis geraes do espirito.

A caridade é, pois, a essencia do Christianismo. S. Paulo julgava-se annullado em todas as suas boas obras, se a caridade as não perfumasse daquelle amor de Deus e do proximo sem o qual amor a alma, privada do principio vital, é esteril para o céu, porque os seus fructos são mortos.

« Predomine a caridade em todas as vossas acçoens » diz S. Pedro. (3) Eis-aqui — diz S. Matheus — o primeiro e mais importante de todos os mandamentos: o segundo que manda amar o proximo como a si mesmo, é semelhante ao primeiro: nelles está incluida a lei e os profetas. » (4)

O amor de Deus é inseparavel do amor do proximo. E' impossivel no coração humano o incendio suavissimo do amor de Deus, quando o grito da miseria não desperta no coração a magoa das afflicçoens do proximo. « Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado » disse Jesus Christo. « Amai vossos inimigos, para que sejaes os filhos do Pae celestial, que beneficiou a todos » (5) — exclama o divino martyr da nossa redempção, quando pela sua mor-

(1) A caridade nunca jámais ha-de acabar, ou cessem as profecias, ou expirem as linguas, ou as sciencias sejam abolidas. — 1.ª Corinth. C. XIII, 8.

(2) Deuter. 6, 7.

[3] S. Pedro — IV, 8

[4] Math. XXII, 38.

[5] João XV, 12.

te vai exemplificar este preceito escripto pelo sangue de Deus, para que os homens o observem, sacrificando-se á desventura de seus irmãos.

A pobresa, a desgraça, e a doença — estes attributos de uma porção da humanidade que mais reclama o valimento dos felizes da terra, constituem a riquesa dos indigentes que J. Christo mais recommendou á ternura e compaixão dos poderosos. O Salvador não só legisla em favor dos pobres: identifica-os no respeito e no amor que a Elle proprio se deve; e julga-se amado ou despresado na pessoa do indigente. « O que dérdes aos mais pequenos d'entre os homens é a mim que o dais, e o que a elles recusardes a mim o recusaes » (6) são palavras do Justo, que, sentado no throno das maravilhas do Universo, acarinha o ente degradado entre os homens que lhe voltam a face enjoada.

« Vêde como elles se amam » diziam os pagãos, quando a sociedade christan repartia seus haveres em communas, onde o grande, despojado de suas gallas, vinha sentar-se ao lado do pobre, vestido de uma mesma tunica, e nutrido por um semelhante quinhão nos ágapes da caridade.

« Conhecemos muita gente — diz S. Clemente d'Alexandria — que se tem sacrificado ás algemas para resgatar os que estavam algemados; muitos que se tem escravisado para com o preço comprar a uns a liberdade, e a outros o pão. (7)

No 3.° seculo, quando em dez annos consecutivos, o flagello da peste destroçou o imperio romano, no meio dos mortos e moribundos, como anjos de consolação, eram os christãos a unica assemblea de homens que não fugiram apavorados pelo exterminio. A caridade, esse balsamo divino, que J. Christo legára aos seus no thesouro do Evangelho, foi nesses dias d'angustia repartida por todos. Os pagãos que ainda hontem perseguiram os filhos da ideia christan, bemdiziam hoje a mão que os salvava, e os labios que proferiam as palavras do Christo: « amai os vossos inimigos. »

A caridade christan foi o manancial de prodigios que produziram instituiçoens de beneficencia, onde muitas lagrimas foram enxutas, e muitas chagas guarecidas, quando os barbaros, escoltados pela fome e pela peste, invadiram as regioens meridionaes.

Atravez dos seculos, e inaccessivel ao espirito perturbador das reformas, o sentimento da caridade é sempre o inalteravel inspirador de tudo que é sublime nas relaçoens que prendem o homem com o seu semelhante, e a humanidade com o seu Creador. Não ha muitos annos que o colera-morbus, em França, abriu aos christãos uma nova seára de fructos abençoados, para que, recolhidos ao abastado celleiro do catholicismo, germinassem em mais felizes tempos a colheita de virtudes, que nossos avós tiveram daquelle grão semeado nos primeiros seculos do Christianismo. E' então que o « clero » sempre mal reputado, e até ignorado, nestes dias se mostrou admiravel com essa eloquencia d'obras, que, como a dos apostolos, falla todas as linguas, e é entendida de todos os coraçoens. » (8) E' então que a caridade, rainha de todas as virtudes, coroada pelo divino diadema do seu Instituidor, se ostenta no seu throno de sacrificio, de abnegação, de fraternidade, e de magnificencia humilde.

O vulto da reforma delirante tentava esmagar entre os braços de ferro a Egreja Catholica, a mãe fecunda dessa angelica virtude, quando um homem, pisando aos pés a estatua do egoismo, é proclamado o heroe da caridade nos modernos dias de aborrido individualismo.

S. Vicente de Paulo era esse homem prodigioso « a quem — na linguagem energica d'um orador francez — foram erguidos altares por esses mesmos que levantaram cadafalsos para a virtude. »

Contemplaremos a obra desse inspirado por Deus, não aqui onde os raios beneficentes daquelle astro não poderiam chegar, mas no seio da França, naquella Pariz irrequieta onde a humanidade de 93, despedaçando-se, na embriaguez do sangue, parecia n'um padrão de immoralidade feroz insculpir para todo o sempre o timbre maldito da filosofia revolucionaria: « expirou a religião do Christo! »

Hospicios para os enfermos, para os velhos, para os viajantes, para os dementes, para os orfãos, para os engeitados... levantaram para o céu as suas cupulas, onde o symbolo da caridade — a cruz de N. Senhor Jesus Christo — fôra hasteada, como atalaia de protecção celestial.

Organisaram-se congregaçoens de homens e mulheres para assistir aos enfermos, aos presos, aos réus da justiça humana, e para o resgate dos captivos. Era mais ampla a missão destes soldados encorajados pelo exemplo de Vicente de Paulo. Instituiram-se collegios, onde meninos pobres eram instruidos, e formados para o trabalho. Abriram-se as portas de uma sociedade nova ás victimas da devassidão, que buscavam no asylo da paz uma vida melhor, um coração novo, um sorriso d'amor e de esperança em alguns labios, que lhe promettessem menos desgraçada velhice, e mais direitos á misericordia do Senhor.

Viram-se então arrojos sublimes de quasi incrivel sacrificio. Senhoras d'alto nascimento, renunciando as delicias da vida, descendo das alturas da sua faustosa posição, joelhavam no estrado do indigente que a pallida fome prostrára nos braços da doença.

Algumas foram nas florestas do novo mundo suavisar os dias de amargurado captiveiro ao huron, e ao iroquez, que, no seu grito selvagem de gratidão, bemdizia a « mulher branca de manto negro » que os ensinavam a amar a existencia, apesar de attribulada por afflicçoens, que a Providencia de Deus converteria em perpetuo descanço e contentamento. Irmans da caridade! eis um titulo trocado pelas pompas do mundo! Eis os pergaminhos com que as filhas dos homens se apresentam na fileira dos anjos para que o nosso joelho se curve respeitoso, e nossas lagrimas reconhecidas se não envergonhem prestando um tributo de amoroso respeito ás lagrimas dessas heroinas, que não somos capazes de imitar nos prodigiosos feitos de sacrificio. Que magestade e que abatimento! que magestade sobre as fraquesas humanas, e que abatimento até rojarem a par dos homens que se revolvem na miseria de suas fraquesas! « As paixoens desenfreadas — diz o erudito auctor das *Meditaçoens* — que atacavam tudo, suspendiam sua furia á vista destes anjos da terra. Soldados freneticos, invadindo seus hospicios, vociferando injurias, sahiam arrependidos, edificados, e cheios de veneração por ellas. (9)

E' que, á cabeceira do doente, a *irman da caridade*, escuta cuidadosa o grito do enfermo, a cuja bocca sua mão piedosa ha-de chegar o remedio, ou talvez um Crucifixo na hora derradeira. E' que nessa mulher, vestida de negro, expiraram a mocidade, a formosura, as brilhantes esperanças, o ouro com que o mundo se compra — e ficou em toda a sua puresa a mulher do Evangelho, a consoladora de Jesus Christo, que geme nos seus membros penalisados, nos pobres, nos afflictos, nos desamparados em cujos padecimentos e consolaçoens o Redemptor consubstanciara as suas recompensas e vinganças.

Não é só ao lado do moribundo que as filhas de S. Vicente de Paulo satisfazem os preceitos penosissimos do seu instituto.

Nos cumes gelados dos Alpes, nas pestilenciosas enxovias de Constantinopla, nos tugurios infectos da Tartaria, e no interior das minas homicidas do Mexico, onde quer que a humanidade soffredora mais perigoso trilho segue no caminho, que conduz á morte, é lá que as delicadas mãos da mulher levantam sobre as areias do deserto uma choça para o viageiro perdido nos gelos, ou depositam o preço do resgate pelo infeliz que se arrasta debaixo dos flagellos d'um senhor turco, ou erguem do chão o trabalhador asfixiado, que revive ao ar livre, e desperta daquelle somno de morte, nos braços d'uma pobre mulher, que não vira talvez em toda a sua vida!

Acompanhai-a com a imaginação aos eternos gelos dos polos. Vêde-a, ao lado do missionario, com a cruz arvorada, buscando nas florestas o selvagem, que a não comprehende, e muitas vezes lhe embebe no seio um ferro envenenado! Vêde como, sorrindo nos labios e perdoando-lhe no coração, a virgem dos sacrificios lhe offerece o sangue de seu seio para lhes approveitar como semente de vida e de salvação!

Que tocantes maravilhas as da caridade christan!

Camillo Castello-Branco.

---

[6] Math. V, 45.

[7] Epist. 1, n.° 7.

[8] Rosely de Lorgues. — J. C. p. o seculo.

[9] Cap. X. Pag. 130 — 5.ª Edição.

XIX.

Extenditque manum, et arripuit gladium, ut immolarit filium suum. Et ecce angelus domini clamavit. . .

Per memetipsum Juravi, dicit Dominus: quia fecisti hanc rem, et non pepercisti filio tuo. . .

GEN. CAP. XXII, V. 10, 11, 16.

ABRAHÃO, á voz de Deus obediente,
Com passos vagarosos lá subia
Ao alto monte, onde immolar devia
O filho, a quem amava ternamente!

A victima infeliz, que reverente
A paternal vontade só cumpria,
Qual timido cordeiro, offerecia
Ao ferro cortador collo innocente;

Quando Deus finalmente já seguro
Daquella obediencia illimitada,
Nascida d'um amor sincero, e puro,

Ao vêr do triste Pai a dextra alçada,
Um anjo manda alli, que o golpe duro
Vibrar não deixe â fulminante espada.

MORTE DE SARA.

XX.

Et mortua est (Sara]. . . Venit que Abraham ut plangeret et fleret eam.

Cumque surrexisset ab officio funeris locutus est ad filios Heth, dicens: Advena sum et peregrinus apud vos: date mihi jus sepulcri vobiscum ut sepelliam mortuam meam.

GEN. XXVIII, V. 2, 3, 4.

DEPOIS d'immensos annos ter gosado
D'uma sorte feliz a idosa Sara;
Depois de sete lustros, que passára
Do seu amado filho sempre ao lado,

Da vida o tenue fio, já delgado,
A morte finalmente lhe cortára,
Hindo a alma, que do corpo se apartára,
Gosar do premio ao justo destinado.

Abr'hão lamenta a sua desventura,
Mas, já que assim o quer a lei superna,
Só cuida em dar ao corpo sepultura:

De Geth ao povo faz supplica terna,
Que, docil de seus rogos á brandura,
Lhe dá pr'a seu jasigo uma caverna.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

MAIO.

2 *Domingo 3.º depois de Paschoa. S. Athanasio, ordenado diacono por Alexandre bispo de Alexandria, o acompanhou ao concilio de Nicea, onde se fez notar sua erudição e eloquencia na refutação dos erros dos Arianos, os quaes por isso lhe juraram um odio implacavel, e foi sempre o alvo de suas calumnias. Desmascarada uma, não desistiam e logo urdiam outra, até que conseguiram que o imperador Constancio o desterrasse. Chamado do desterro por Juliano, pouco duraram o regosijo e honras com que foi recebido, e começaram a attentar abertamente contra seus dias, pelo que teve de homisiar-se até que, governando Valente, morreu em seu leito no anno de 375, e passou para a celeste Jerusalém, onde não ha perseguidores nem perseguiçoens.*

Item. S. Mafalda, a mais nova das tres irmans santas, nossas infantas, filhas de Sancho, annuindo com difficuldade ás instancias de seu irmão Affonso II, celebrou matrimonio com Henrique de Castella; porém antes de o consumar reconheceu-se ser nullo por impedimento de parentesco, e por isso se recolheu ao mosteiro de Arouca, que seu pae lhe dotára, e que ella reedificou e reformou. Não ha genero de penitencia que ella aqui deixasse de praticar, jejuando tres dias cada semana a pão e agua, passando noites inteiras em oração; e essas poucas horas, que tomava de descanço, as passava recostada em uma cortiça. Teve especial devoção para com a Mãe dos peccadores, e algumas vezes visitou e fez oblatas á sua imagem que se venera na cidade do Porto com o titulo de Nossa Senhora da Silva. Havendo assim conquistado o reino do céu, foi gosar suas delicias no anno 1256.

3. Segunda feira. *Invenção da Santa Cruz. Depois que no anno 312 o imperador Constantino e seu pequeno exercito, animados com a miraculosa visão de uma cruz, alcançaram uma completa victoria sobre Maxencio, Santa Helena, mãe do mesmo Constantino, foi logo a Jerusalém com o fim de vêr se encontrava a cruz que havia servido de altar ao sacrificio do Homem Deus pelos homens. Finalmente encontrou tres, e não podendo distinguir qual dellas era a de Jesus Christo, veio um milagre declara-lo. Com effeito, havendo S. Macario, bispo de Jerusalém, tocado uma mulher, desesperadamente enferma, em cada uma dellas, só a terceira lhe deu promptamente a saude. S. Helena mandou logo edificar alli um magnifico templo, onde deixou parte do sagrado Lenho, e a outra parte a trouxe a seu filho Constantino, que depositou em outro templo que edificou em Roma com o titulo de Santa Cruz; e decretou que ninguem mais fosse suppliciado em cruz, a qual de objecto de opprobrio e de ignominia, se tornou um emblema honorifico e glorioso.*

4. Terça feira. *S. Monica, casada com um homem idolatra, pôde á força de orar por elle converte-lo á verdadeira religião. Ficando viuva restava-lhe um filho — o grande Agostinho — que seguia a heresia dos Maniqueos, e cuja conversão era o objecto de suas preces e lagrimas. Vindo elle á Milão, ella o acompanhou, e pode move-lo a hir ouvir as homilias publicas de Santo Ambrosio, e depois mesmo a ter com elle conferencias particulares, o que foi seguido de uma sincera conversão. Voltando para a Africa sua patria, adoeceu na cidade de Ostia, onde morreu contente por deixar seu filho renascido na fé.*

5. Quarta feira. *Conversão de S. Agostinho, que teve logar pelos fins do seculo 4.º, e pelo modo que no precedente dia fica dito.*

6. Quinta feira. *S. João* ante portam Latinam. *E' com este titulo que a Egreja hoje celebra o modo milagroso pelo qual o Evangelista, conduzido preso de Epheso por ordem de Domiciano, e sendo por sentença do Senado mettido em uma talha de azeite a ferver, sahiu illeso, como refere Tertuliano visinho áquelles tempos.*

Item. *S. João Damasceno, sendo dotado de um talento extraordinario, adiantou-se muito nas sciencias humanas e divinas, proporcionando-lhe a Providencia um bom educador na pessoa do monge Cosme, que sendo levado pelos Sarracenos captivo para Damasco foi remido pelo mesmo S. João. Foi zelosissimo defensor do culto das santas imagens; e para o inhibir de escrever lhe mandou o imperador Iconoclasta Leão Isauro cortar a mão direita, que se diz lhe fôra outra vez soldada por milagre de Santissima Virgem. Morreu pelo meado do seculo 8.º*

7. Sexta feira. *S. Estanislau abraçando a vida monastica, e instruindo-se nos sagrados canones, foi tirado para conego de Cracovia, e ultimamente, por morte de Lamperto, foi eleito seu successor em Bispo da mesma cidade. Reprehendendo com franquesa o rei Boleslao de sua escandalosa incontinencia, incorreu em seu odio; e procurando primeiramente desacredita-lo com calumnias, por ultimo o mandou matar, merecendo assim ser contado entre os martyres da Egreja.*

8. Sabbado. *Apparição de S. Miguel. Muitas são as appariçoens deste Archanjo, que constam da Escriptura e tradição dos Santos Padres; porém aquella que a Egreja hoje celebra é uma acontecida no alto do monte Gargano na Apulia no Pontificado de S. Gelasio, pelos fins do seculo 5.º, declarando ao bispo dos Sipontinos que aquelle logar estava debaixo de sua tutella, e queria que alli fosse tributado culto a Deus.*

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma — Em principio d'Abril foi recebido no seio da egreja catholica um irmão do arcedîago Manning, com seus 4 filhos,

Lombardia — Está a ponto de sahir brevemente de Milão para a Oceania uma missão, da Propagação da Fé. E' composta de 50 sacerdotes e de 2 cathequistas leigos. Ha 2 annos que se tem estado preparando para a sua missão. Dois delles foram o anno passado a Roma para receber as instrucçoens necessarias da congregação da propaganda, e depois a Lião para conferenciar com o superior da congregação de Maria naquella cidade. O director da missão é D. Paolo Reina, e o convento que vam fundar hade ser dedicado a Santo Caloceto.

França.— Por occasião da desobriga estiveram as egrejas de Paris cheias de soldados, e na cathedral deu o arcebispo a communhão a mais de 4,000. Commovia vêr os guerreiros francezes curvados com o maior respeito na presença do rei dos reis, e confundirem as suas vozes com as dos sacerdotes que entoavam os louvores de Deus.

Hispanha. — Na *Paz de Sevilla* de 23 d'Abril lemos o seguinte: « Sem prejuizo de nos occuparmos estensamente d'um acontecimento extraordinario e maravilhoso, que acaba de ter logar no convento de carmelitas descalças de S. Lucar a Maior, devemos hoje dar expansão a todos os coraçoens christãos, fazendo ligeiras indicaçoens. Alli existia uma freira septuagenaria, cujas virtudes tanto mais meritorias, quanto mais cobertas com o veu da singeleza evangelica, haviam não obstante fixado a attenção do confessor e superioras; porem chegou a hora designada nas alturas para que brilhasse aquella luz sempre afanosa, por estar de baixo do celemin; e á hora de lhe dar o Sagrado Viatico parece que, com admiração geral, se ouviu uma musica mais harmoniosa que a da terra.

« Foi geral o alvoroço: depressa circulou por toda a povoação noticia tão notavel: com rasão se duvidou da realidade; com tudo não se perdeu já de vista nem o menor movimento da alegre e soffrida enferma Os simptomas agravaram-se sabbado anterior, 17 d'Abril: *soseguae-vos minhas irmans*, lhes disse com rosto risonho, *ámanhã descansarei de todo.* Pela volta das 8 horas de domingo chamaram o P. confessor, porque começou a agonia conservando o seu vigor intellectual; e desde que o sacerdote começou a auxilia-la tornou a ouvir-se a mesma musica que tanto havia chamado a attenção.

« Corre o rumor pela povoação, apresentam-se, segundo os promenores que nos deu uma testemunha que acaba de chegar de Sanlucar, as auctoridades civis e ecclesiasticas, o povo inteiro quer participar do intento, e todos commovidos e chorosos veem que aquelle anjo morre entre as harmonias dos anjos, durando os seus suaves concertos mais de duas horas, desde as 8 até ás 10 dadas em que exhalou o ultimo suspiro.

« Segundo nos asseguram, já teve noticia do successo o prelado e o governador civil, e pouco tardaremos em ser inteirados de tudo, especialmente quando dois amigos, tão illustrados como veridicos, um ecclesiastico e outro secular, preparam trabalhos para a *Paz*, garantidos e robustecidos com toda a legalidade possivel. Entretanto suspendamos todo o juizo, e adoremos os arcanos da graça divina. Poderá ser que nos tenham exagerado os factos, mas tambem poderá acontecer que sejam ainda maiores os portentos. Em a negativa ninguem como christão teria uma complacencia indigna; mas sem duvida que todos nos alegrariamos, como cumpria se se acreditar mais outra vez que Deus é summamente admiravel em seus Santos. »

Gloria in excelsis Deo! Anhelamos pela prompta verificação, e decisão do prelado diocesano que promptamente faremos conhecer aos nossos leitores.

— *Catalunha.* — Em 18 d'Abril terminaram as missoens em Balaguer com grande fructo. A' communhão geral apresentaram-se mais de 4000 pessoas. Durante a missão houve mais de 40 sermoens. Os missionarios passavam mais de 10 horas no confessionario para ouvir as innumeraveis pessoas que vinham de 7 e 8 leguas de distancia, algumas das quaes havia 20 e mais annos que não se aproximavam ao Sacramento da penitencia. Conseguiram desterrar daquelles sitios os jogos, as blasfemias, os roubos, usuras e outros vicios. Dirigem-se agora á villa de Borjas, ponto mui central e a proposito para conseguir os saudaveis fructos que se desejam.

— *Salamanca.* — No dia de S. José, 19 de Março professaram 5 noviças no convento de Carmelitas daquella cidade. A concurrencia foi extraordinaria. As noviças brilhava-lhes a alegria no semblante; haviam resistido a todas as tentaçoens e seduçoens do mundo, resistindo a tudo com constancia. Houve um excellente sermão. O orador por vezes se commoveu a ponto de derramar lagrimas e de as fazer derramar ao seu auditorio. O veneravel prelado diocesano deitou o véu ás noviças, collocando-lhes ao mesmo tempo na cabeça formosas corôas de flores Estava tão cheio de contentamento, que fazendo um esforço, pronunciaram seus labios uma exhortação tão terna, que os soluços e lagrimas que derramava o impediram de a terminar. « Não posso mais, minhas filhas, lhes disse, que dita tão grande é a vossa, sois já esposas do Immaculado Cordeiro; haveis escolhido a melhor parte, não vos será tirada! Separadas do mundo e do seu bullicio, sois mil vezes felizes; Deus só deve ser o vosso centro, a vossa vida, e algum dia será tambem a vossa recompensa. » Concluiu dando-lhes a santa benção, ficando todos penetrados desta santa ceremonia de que conservarão gratas recordaçoens. Aprendam aqui os filosofos, como se despresa o mundo e as suas pompas vans e mentirosas.

Irlanda — Em meado d'Abril professaram no convento das Mercês, de Tuam, duas jovens filhas do fallecido cavalheiro Miguel Dowdall, de Corundo.

No dia 13 foi posta a primeira pedra d'uma nova egreja catholica, em Ballinarloe, pelo reverendissimo dr. Derry acompanhado de numeroso clero da sua diocese.

— *Conversão.* — Na illustre casa dos condes de Kenimare só faltava regressar a condessa á unidade catholica. Realisou-se finalmente esta fortuna a contento geral de parentes, amigos e povo.

America. — Estados-Unidos. — *Progresso da Egreja catholica na diocese de Buffalo.* — Spring Port. — No domingo de Paschoa de 1851 estabeleceu-se esta missão. Não havia egreja nem meios de a erigir porque o rebanho era pobre mas dentro de 9 mezes estava concluida. Os catholicos ainda mesmo pobres sam insignes para estas fundaçoens, testemunha as explendidas cathedraes e egrejas da Irlanda que se levantaram das ruinas e devastaçoens protestantes como por encanto. Os irlandezes na sua emigração para a America levam o mesmo gosto de construcção. De seus duros trabalhos sahem canaes e estradas, e tambem magnificos templos em que enviam louvores e fervorosas supplicas ao Omnipotente.

Agora tem quasi concluida nesta cidade, no condado de Cayuga, uma linda egreja com uma elegante spiral coroada com uma cruz dourada de apropriadas dimensoens. Depois da fundação desta egreja tem duplicado o numero dos catholicos. Os emigrados irlandezes estabelecem-se sempre aonde encontram um padre e uma capella.

— Canandaigua — Ainda não haverá 8 annos que poucas familias irlandezas alli existiam, e compoem-se hoje o rebanho de 3000 almas. O parocho actual é um pastor excellente que tem introduzido a melhor ordem na sua missão. Tem alargado consideravelmente a sua egreja e quando se concluam os novos accrescentos será uma das melhores ao Oeste de New-York. Já tem uma escola commoda ao pé da egreja aonde todos os meninos catholicos sam instruidos moral e religiosamente. Tambem possue actualmenteum decente cemiterio comprado pelos fieis ha pouco tempo.

— Batavia — Nesta povoação em Attica, e Leroy tem-se elevado a população catholica a 1200 almas, e cresce todos os dias pelo zelo não só do digno parocho, mas tambem dos seus parochianos.

HOSANNA!

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

E' uma pequena broxura, contendo a Parafrase dos 7 Psalmos penitenciaes, e As sete Dores de Maria Santissima — Acha-se á venda, por 60 reis, no escriptorio da redacção do *Portugal* e *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.° 24 e no da administração do Portugal, rua das Hortas n.° 82 a 84.

MAIO 15. 1852. — N.º 20.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

CARIDADE.

II.

Inventai palavras, fylosofos do dia! Creai systemas, turgidos de uma sciencia farta de indigestas hypotheses! Jogai com a humanidade esse vosso jogo de experiencias infructuosas, e de promessas a cuja impossivel realidade é forçoso caminhar sobre a estrada de sangue, onde renascem em cada seculo os espinhos do desengano! Agitai ao sopro das revoltas innovadoras o estandarte da mentira, agitado pela mão do egoismo! Pedi, com brados de perfida convicção, á economia politica o pensamento regulador da sociedade! Rolai no desfiladeiro, por onde se abysmaram os imprudentes que muitos seculos antes de vós, proclamaram principios, que ao menos tinham a virtude de uma boa fé, que em vós não pode existir sem o cunho da ignorancia! Trabalhai, manipuladores do veneno da humanidade, que vossas canceiras laboriosas, no tribunal dos seculos vindouros, não valerão uma pagina prestavel para escrever um codigo melhor que a « Republica de Platão » a « cidade do Sol de Campanella » e os dislates delirantes de Brissot!

Quizeram embotar no coração do rico o sentimento compassivo da pobresa, compellindo-o a contribuir, por obrigação, ao alimento de uma classe necessitada, que lhes despertava uma commiseração espontanea, e um respeito condoido pela pobresa, que Jesus Christo fizera grande e veneranda aos olhos da opulencia.

Quizeram cavar com o alvião d'uma politica atheista o cimento social, a cohesão de todos os elementos de governo, a caridade christan, que reluctava incessante contra uns outros elementos destruidores de divisão e discordia.

Quizeram destruir esse nivel, suspenso nas mãos de Deus, onde as cabeças dos reis se não alteam mais que as dos vassalos.

Quizeram desconjuntar as molas da machina social circumscrevendo os deveres do homem aos limites de um calculado patriotismo, dentro dos quaes a soberania é um ser dominador, que, forte da sua ascendencia sobre os que não podem comparti-la, nenhumas contas tem que dar a Deus, visto que os olhos do Creador não descem a contemplar o fraco esmagado pelo pé do forte.

Quizeram, emfim, substituir ao sentimento divino um moderno sentimento humano, riscando dos coraçoens a palavra « caridade » para escrever n'um codigo de regimen social uma outra palavra, que a impostura descrida apellida « filantropia. »

A filosofia politica, sentada no seu throno de chimeras, e cortejada pela cohorte dos que se promettiam uma existencia dourada no galvanismo das revoluçoens, levantou a mão imperiosa para o céu, e mandou suspender a influencia que de lá descia sobre a existencia das sociedades. Luctando contra Deus, o genio das reformas, o racionalismo, filho primogenito do orgulho humano, e pai de quantas estravagancias rebaixam a lei da sua influencia salutar, promettia-se uma victoria infallivel.

O fogo da caridade, que de sobre o altar irradiava o seu calor no coração do homem, foi extincto ahi, e, em recompensa, a filantropia, soprada pelos labios da mentira, accendeu-se em grandes incendios de palavras ôcas, n'um outro altar, que os sacerdotes do racionalismo denominaram « civilisação. »

A arvore da caridade nutria-se da seiva da graça. O sopro divino bafejava-lhe as vergonteas vivazes; os ramos que ella bracejava eram a sombra protectora de muitos desgraçados. Nenhum daquelles que se nutriam do seu fructo iria dar seu nome á seita destruidora de uma arvore plantada por Jesus Christo, regada pelo seu sangue, fecundada pela sua omnipotencia, e, segundo as promessas do seu divino conservador, transplantada para o reino dos céus. Nenhum dos que, abatidos pela fome, se encostavam ao tronco venerando daquella arvore, levantaria contra seu bemfeitor a mão de mendigo convertida em mão de homicida.

Era preciso, pois, arranca-la. Faltava uma planta, cujos fructos não deixassem os espiritos famintos da nutrição da velha arvore. Buscaram no terreno safaro do racionalismo uma planta rachitica, enfesada, e desconhecida na sociedade catholica: baptisaram-na com um nome pomposo, e apregoaram, como charlataens embaidores da boa fé, as virtudes sociaes, o elixir humanitario, que lhe manava dos poros sobre as chagas da indigencia, e sobre os coraçoens calcinados pelo frenesi da desventura.

A missão theorica da « filantropia » se não fosse desmentida pelo descredito da pratica, passaria por divina aos olhos da ignorancia orgulhosa. Não era, porém, possivel aos reformadores do coração humano esconder por muito tempo a sua deusa pagan nos envoltorios d'uma linguagem requintada. Os factos rasgaram o véu que lhe occultava o semblante desanimador, e, exposta á luz de todas as comprehensoens, a fylantropia, tombada da sua peanha de barro, mostrou-se, como ella era, feitura d'homens, e d'homens fracos, que nem ao menos se tinham inspirado daquelle poder curativo, que o céu concede aos que sinceramente se doem das enfermidades do genero humano.

« A caridade regenerada — diz um ' filosofo ' da escóla racionalista — desapegada da sua alliança impura, brilhará de novo sobre o mundo, cheio de força, de vida, e de actividade: desfazer-se-ha daquelle seu decrepito nome, que recorda o seu perigoso e velho cortejo de mysticismo, e fé cega e ignorante; será depois chamada *filantropia.* »

Publicado o programma, a humanidade soffredora sentou-se á porta da filosofia e esperou as consolaçoens que lá dentro se preparavam com grandes calculos, e pomposos discursos, e vastas operaçoens de arithmetica, cujo conceito era altear a uma prodigiosa escala de felicidade

a porção dos infelizes d'outro tempo. Estes infelizes eram os que já não podiam, nas horas regulares de cada dia, sentar-se á porta do mosteiro não só para receber o pão do corpo, mas a nutrição do espirito, a palavra d'esperança, e os alentos christãos que dulcificam na face do pobre as suas lagrimas.

O padre foi exauthorado da sua influencia paternal sobre os filhos bastardos da sociedade. A filosofia ousou applaudir a suppressão das ordens monasticas, por isso que ellas fomentavam pela esmola a mendicidade preguiçosa, como se um mendigo, que não vê, e outro que se arrasta sobre moletas, e a viuva carregada de crianças, e o octogenario curvado pelos trabalhos, e os idiotas, e os orfãos de menor idade podessem prestar á republica dos economistas modernos um trabalho proveitoso.

« De certo não póde dizer-se — diz o padre Barthélemy — que a beneficencia moderna, encoraja a preguiça, e a mendicidade: os fracos soccorros que ella presta são vendidos á custa de humilhaçoens e ultrages; o que ella encoraja é a fome e a desesperação. Que piedade, ou antes, que amarga irrisão quando se compára aquillo que se dá com as grandes necessidades da maior parte daquelles que recebem a esmola! Por substituir os conventos donde as esmolas e as consolaçoens piedosas fluiam a jorros sobre as populaçoens, cujas dôres alliviavam, abriram-se por toda a parte bailes publicos e theatros, nos quaes se impõe um direito de subsistencia para o pobre. Quem quer que estiver reduzido á vida de mil privaçoens póde hir testemunhar a exaltação dos gosos da fortuna e dos prazeres: quem tiver a alma e o corpo varados pela angustia, póde hir dançar e folgar, se assim o quer, com os que tem o contentamento na alma e o sorriso nos labios, e, se lhe parecer, poderá ensinar ao pobre como é que se dá cabo da vida, quando ella pesa como um fardo insupportavel. E chama-se a isto « progresso »! E alcunham-se de barbaros os tempos em que o pobre, nutrido, vestido, e consolado, não gosava dessas *vantagens preciosas!* »

Não temos em Portugal um vasto campo onde analisar os fructos da filantropia. Este paiz, quando muito, póde arremedar palavrosamente as grandes theorias do progresso, mas, falto de vida e de sangue, as congestoens cerebraes não lhe deixam atirar-se a grandes experiencias, que são os delirios da civilisação descomposta e desatinada. Aqui tambem se clama em obsequio á pobresa: tambem se rifam prendas e galanteios em nome das agonias do povo; tambem se arremessa á cesta do pobre um pedaço de pão amargo, comprado pelos 1$200 rs. dos bailes e illuminaçoens para o *asylo de mendicidade;* mas se quereis uma questão de cifras, se vos não cansa uma analyse circumspecta sobre as formulas pesadas da arithmetica, que é o evangelho dos factos em economia politica, lêde a excellente obra, de que extrahimos este fragmento, elaborada no *grande mundo* de Pariz, em presença dos grandes feitos da filantropia pratica:

« Installaram-se reaes habitaçoens da indigencia: deu-se-lhes uma administração em grande vulto: isto é, sob o pretexto de administração, introduziu-se-lhe, como o verme, no fructo para lhe roer a substancia. Comtudo, funcciona-se, ha assembleas, delibera-se com grande luxo de secretarias, cifras, e empregados, entre tanto que os pobres, cujo quinhão é cerceado, tiritam á porta, ou morrem de miseria e inanição nas suas possilgas. Atormentam-se as religiosas, vexam-se os esmoleres, embaraça-se o seu ministerio, trata-se mesmo de vence-los pela fome: tomam-se grandes deliberaçoens, agita-se, perturba-se, fatiga-se o céu e a terra, e tudo isto em nome dos pobres e para sua felicidade immensa! Assim, trapaças, vexames, desleixos, excessos de despesas inuteis, são em summa os beneficios da caridade legal. Esta caridade administrativa, feita em nome da lei, com as lentas e impertinentes formalidades da moderna « *bureaucracia* »: esta caridade tão dura, tão fria, tão mesquinha, e ás vezes tão cruelmente surda, dá em resultado o descontentamento do pobre, e provoca os seus murmurios. Habituado a vêr na esmola, que se lhe dá, uma divida publica que lhe vão pagando, recebe-a sem reconhecimento, e, em logar de bemdizer, maldiz a mão que lha dá. E que outra coisa poderia ser? E' assim que se dá a esmola? E' com esta friesa, arrogancia, soberba, impaciencia, e outros processos humilhantes? Mais conselhos piedosos, mais acoroçoamento, mais doces palavras, e, por consequencia, mais consolaçoens para o pobre, e mais allivios a seus males! O desgraçado recebe com a esmola legal liçoens de irreligião e immoralidade. Diante delle, ridiculisam-se os mais sagrados objectos; espantam-se de que elle tenha filhos; e querem fazer-lhe comprehender que não devia te-los. Foi um grande acto de juizo riscar a palavra *caridade* do frontispicio de taes escriptorios. Se a filha de S Vicente de Paulo lá não estivesse (posto que ligada de pés e mãos, e obrigada a amoldar o ardor do seu zelo a todas as lentas e frias, operaçoens d'uma contabilidade sem coração nem sentimento) seria necessario raspar ainda o titulo d'*escriptorio de beneficencia*, e substitui-lo por *escriptorio d'intrigas e humilhaçoens.* Oh moderna beneficencia, como tu és maravilhosa! pede-se-te pão, e tu respondes com cifras! pede-se-te um asylo, e tu respondes que apenas tens habitação para alojar decentemente aquelles que vos representam! Senhores, por quem sois! menos cifras, menos empregos e administração, se vos parece, e um pouco mais de affecto e sacrificio aos desgraçados! Melhorai, se podeis, o que tão mal obraes, ou deixai fazer aos outros o que fazeis tão mal e tão caro. . . . . .

Sendo impossivel soccorrer todos os desgraçados, aquelles que são soccorridos, serão sempre os mais dignos de o serem? Que barbaras exclusoens, e odiosas preferencias! Quantas vezes os bens dos pobres são cerceados por agentes prevaricadores! Quantas vezes o orçamento destinado a subsistencia do pobre não tem contribuido para sustentar a opulencia? A *tranquibernia* exerce a sua ingerencia nos viveres, nos bragaes, nos vestidos, nos fornecimentos de todo o genero, e até nos proprios medicamentos! Que importa que as cifras estejam d'accordo, se cada cifra é uma mentira? . . . Não quizeram depositar em mãos religiosas o patrimonio dos pobres, sob pretexto de que era mal administrado, e chamaram para administra-lo uma multidão de funccionarios ricamente estipendiados. Não quizeram celibatarios piedosos, caritativos e desinteressados, e chamaram para substitui-los homens ambiciosos, e sem probidade que desapparecem com os cofres que lhes foram confiados — homens, que teem mulher e filhos a sustentar, e que prevaricam porque são pais de familia. Considerando sómente as despesas legaes, vê-se que este systema d'administração mercenaria, em materia de caridade, é absurdo e insustentavel. Vêde o que é usurpado aos desgraçados:

O numero de familias soccorridas em Pariz pelos escriptorios de beneficencia é trinta e seis mil. O numero d'individuos que constituem estas familias é oitenta e quatro mil; e a cifra das despesas geraes e gastos d'estabelecimentos 120;000,000 diariamente.

Prosegue o profundo analytico dos mappas a sua austera critica sobre as tabellas da receita e despesa, e leva á evidencia dos algarismos, que podendo cada familia receber quatro mil seiscentos e oitenta reis mensaes, apenas perceberão metade, porque a outra lhe é delapidada, cerceada, e á força d'incriveis extorsoens posta á disposição dos *filantropos* secretarios, thesoureiro, amanuenses, e não sei que outros figuroens da administração que rodam os tylburis dourados da sua opulencia creada nos subsidios da pobresa.

« A sociedade de S. Vicente de Paulo — conclue Barthelemi — tem centenares de membros á disposição do ministerio. Ha ahi homens tão recommendaveis pelos seus talentos como pelas suas virtudes e posição social, que fariam gratuitamente, e cem vezes melhor, o que tão caro é feito e por tão maus mercenarios. » (*Encyclop. Catholica art.* CARIDADE.)

Camillo Castello-Branco.

JEZUITAS.

VII.

Nenhuma associação conseguiu, como a de Jesus, dar simultaneamente leis aos povos mais selvagens, e aos mais civilisados

O, protestante, *João de Muller.* — *Historia Universal* — T. III.

Ignacio de Loyola, reanimado pelo lisongeiro elogio de S. Santidade, qual de viva voz nos foi transmittido atravez tres seculos de provas grandiosas que o justificam, pediu ao chefe da christandade a sua approvação authenticada por um acto, que garantisse á sociedade a boa consciencia dos seus feitos.

Paulo III interrogou a opinião de tres cardeaes, antes de formular o seu prompto e justo assentimento. Um dos cardeaes, Bartholomeu Guidiccioni, inimigo de innovaçoens, e escrupuloso em demasia na observancia daquellas determinaçoens de Concilio, oppostas á multiplicação das ordens religiosas, oppoz-se, e arrastou comsigo os votos dos

dois cardeaes, e até mesmo o do Pontifice, que, momentaneamente impressionado pelas rasoens do erudito cardeal, obrou judiciosamente na sua irresolução. Guidiccioni tinha-se creado uma tal reputação de sciencia e santidade, que a magnitude dos seus votos sugeitava sempre o espirito de seus companheiros. (*)

Esta friesa inconsequente na recepção do instituto de Jesus por parte do collegio cardinalicio, que mais vivaz e energico devera abraça-lo, explica-a o mais profundo historiador da Companhia com estas poucas linhas de penetrante analyse:

« A curia pontifical tem como principio nunca precipitar os negocios de mais vantagem quer para a Religião, quer para a sua politica. De tempos immemoriaes o Sacro-Collegio é um senado de principes da Egreja togados de purpura, que, convictos da perpetuidade promettida á fé, não se dão pena em aventar a hora nem o dia da sua decadencia. São outras tantas imagens daquelle Fabio Cunctator, que, temporisando, salvou a velha Roma. Mantem com piedoso respeito a usança d'antigas tradiçoens, e fazem revive-las nos seus actos, e suas ceremonias, e immobilisam-se, crendo que deve tudo immobilisar-se longe e em volta delles, e que o mundo intellectual gravita apenas entre o Quirinal e o Vaticano. » (*)

Superior, porém a estas inertes reverencias a um passado de paz, quando o presente era tumultuoso de scismas, manifestou-se o vulto dos grandes meritos desses dez homens, que tomavam sobre seus hombros o peso d'um edificio, que mãos sacrilegas ameaçavam destruir.

Instados pelos bispos, os dez membros de uma congregação, que a presença do Altissimo sanccionára na capella onde Ignacio de Loyola orára com seus companheiros, dispersaram-se por aquellas cidades, a cujas portas a serpente da duvida entonava o collo atrevido.

D'entre elles, Simão Rodrigues e Francisco Xavier vieram a Portugal, invocados pelo piedoso rei, que do alto de seu throno dominador por longos ambitos, contemplava nos seus territorios indicos a penuria da semente da fé.

De todas aquellas partes, onde passaram os abençoados semeadores do pão da alma, convergiam a Roma as novas maravilhosas de eloquencia e santidade, que, postas como exemplo nas pessoas de seus apostolos no meio das multidoens, fecundavam conversoens e virtudes, que não poderiam, sem o sensivel auxilio da Providencia, manifestar-se.

E' então, que o irresoluto cardeal Guidiccioni resolve lêr a regra, que não quizera vêr, de procedimento destes homens, e decidiu, que, para debellar as heresias, era indispensavel a ordem proposta por Ignacio.

A 27 de Setembro de 1540 foi proclamada a bulla *Regimini militantis Ecclesiæ*, cuja versão é do seguinte theor:

PAULO, BISPO, SERVO DOS SERVOS DE DEUS,

Para memoria perpetua.

Proposto, apesar de nossa indignidade, para o governo da Egreja militante, e penetrado, em salvação das almas, daquelle zelo que nos é imposto pelo encargo de Pastor, investimos de todo o favor apostolico os fieis, quaesquer que sejam, que nos exponham a tal respeito seus desejos, reservando-nos ordenar depois o que, segundo o maduro exame dos tempos e dos logares, nos parecer salutar e util no Senhor.

Assim, soubemos que nossos caros filhos Ignacio de Loyola, Pedro Lefevre, Jacques Laynès, Claudio Lejay, Pasquier-Brouet, Francisco Xavier, e Affonso Salmeron, Simão Rodrigues, João Codure, e Nicolau de Bobadilha, todos padres das cidades e respectivas dioceses de Pamplona, Genova, Siguenza, Toledo, Vizeu, Embrum, Placencia, todos mestres em artes, graduados na universidade de Paris, e exercitados longos annos nos estudos theologicos: soubemos (dizia-mos nós) que estes homens, impellidos, como piamente se acredita, pelo sopro do Espirito Santo, se reuniram de differentes regioens do mundo, e, renunciando aos prazeres do seculo, consagraram para sempre sua vida ao serviço de N. S. J. C., ao nosso, e d'outros Pontifices Romanos nossos successores. Os quaes já trabalharam de louvavel modo na vinha do Senhor, prégando publicamente a palavra de Deus, obtida previamente a permissão requerida; exhortando em particular os fieis a viver uma vida santa e meritoria d'eterna felicidade, e incitando-os a piedosas meditaçoens; servindo nos hospitaes, instruindo os meninos, e os ignorantes das cousas necessarias a uma educação christan; em uma palavra, exercendo, com ardor digno de todos os elogios, em quantos paizes percorreram, todos os officios da caridade, e todas as funcçoens proprias á consolação das almas.

Emfim, depois de vindos a esta illustre cidade, persistindo sempre no vinculo da caridade, a fim de cimentar e conservar a união da sua sociedade em J. Christo, elles adoptaram uma regra de vida em harmonia com os conselhos evangelicos, as decisoens canonicas dos Padres, conforme sua experiencia lhes inspirou mais util ao fim que se proposeram. Ora, este genero de vida, expresso na formula, que deixamos mencionada, tem não só merecido os elogios dos homens sabios e cheios de zelo em honra de Deus, mas ainda tamanho gosto ha causado a alguns delles, que resolveram abraça-lo. Eis-aqui esta regra de vida, qual a conceberam:

« Quem quizer, á sombra do estandarte da cruz, armar-se por Deus, e servir o unico Senhor, e o Romano Pontifice, seu vigario na terra, em nossa sociedade, que desejamos seja chamada a Companhia de Jesus — feito voto solemne de castidade, deve propor-se fazer parte d'uma sociedade principalmente instituida para trabalhar no adiantamento das almas no caminho e doutrina christans, na propagação da fé, por pregaçoens publicas e ministerio da palavra de Deus, por exercicios espirituaes e obras de caridade, especialmente explicando aos meninos o cathecismo, e aquelles que não estão instruidos no Christianismo, e ouvindo as confissoens dos fieis para sua espiritual consolação. Deve proceder de maneira que tenha sempre diante dos olhos: primeiramente Deus, e depois a fórma deste Instituto que abraçou. E' a estrada que conduz a ELLE, e deve empregar todos os seus esforços por attingir este fim que o proprio Deus lhe propõe, segundo a medida de graça que recebeu do Espirito Santo, e o grau de sua vocação, para que ninguem se deixe transportar d'um zelo desigual á sua sciencia. O Geral ou Prelado é quem nos elegeremos para decidir do grau proprio a cada um, bem como dos empregos, que serão todos em sua mão, a fim de que seja observada a conveniente ordem, tão necessaria em toda a communidade bem regrada. Este Geral é auctorisado a fazer constituiçoens conformes ao fim do Instituto, por assentimento dos socios, e em conselho, onde tudo será decidido pela pluralidade de suffragios.

Nas coisas importantes que deverem subsistir no futuro, este conselho será a maior parte da sociedade, que o Geral poder reunir commodamente; e, em negocios ligeiros e momentaneos, todos aquelles que se encontrarem no sitio onde residir o Geral. O direito de mandar é exclusivo do Geral. Saibam pois todos os membros da companhia, e nunca se esqueçam disto, não só nos primeiros tempos da sua profissão, mas em todos os dias da sua vida, que toda esta companhia, e todos aquelles que a compoem, combatem por Deus, debaixo do commando de nosso Santissimo Senhor o Papa, e mais pontifices romanos, seus successores. E posto que nós, pelo sabermos do Evangelho e da fé orthodoxa, façamos profissão de firmemente crer que todos os fieis em Jesus Christo são sugeitos ao romano pontifice, como a seu chefe, e ao vigario de J. Christo; todavia, para engrandecer a humildade de nossa sociedade, e a dedicação de cada um de nós, e a renuncia de nossas vontades seja mais perfeita, julgamos que seria utilissimo, além do vinculo commum a todos os fieis, vincularmo-nos ainda por um voto particular, de sorte que qualquer coisa que o actual pontifice romano e seus successores nos determinarem a respeito do adiantamento das almas, e propagação da fé, sejamos obrigados a cumpri-la immediatamente, sem tergiversação nem desculpa, seja qual fôr o paiz onde nos enviem, ou aos turcos ou outros quaesquer infieis, mesmo ás Indias, ou contra os hereticos e scismaticos, ou a qualquer paiz de fieis. »

(Prosegue este cap.)

Camillo Castello-Branco.

(*) Morrendo este cardeal, exclamou o papa: « acaba de morrer o meu successor! » Estas poucas palavras são a apologia eloquente de Bartholomeu.

(*) Cretineau-Joly — T. 1. pag. 43.

VAIDADE DO MUNDO, E EXCELLENCIA DA VIRTUDE.

III.

Que escóla a da morte! que desengano para o homem se reflectisse nella! N'um sinistro cerrar d'olhos converte-se tudo em nada; deixa-se tudo o que mais se amava, d'uma vez PARA SEMPRE! Rompem-se todos os vinculos, ainda os mais intimos; acabam-se todas as relaçoens ainda as mais estreitas; desapparecemos do mundo como se nunca tivessemos entrado nelle, como se nunca o tivessemos conhecido! De que vale o que se deixa para sempre, o que se perde d'uma vez para nunca mais se tornar a achar, o que uma vez se gosou para nunca mais se gosar?! Não sabemos de que sirva a coisa perdida a não ser a sua lembrança para nos encher de magoa, a não ser para avivar o tormento da saudade, que nos deixou. Ah! que é a vida do homem senão uma continuada illusão? Em que se revolve elle se não no lodo do engano e da mentira!

Imaginemos o homem mais feliz que tenha vivido até hoje n'um mar de delicias e prazeres, mas que neste momento um assassino lhe crava no coração um punhal, e lhe arranca a alma das entranhas á força de dôr e violencia, em morte affrontosa e penivel; de que lhe valeu o placido remanso de felicidades? Não precisamos tirar a consequencia; ella é obvia de si mesmo, não ha ninguem que deixe de a sentir. Quem é que duvida que de nada lhe serviu tudo isso; que todos esses gostos e prazeres se converteram em dôr e pranto lamentavel, e que só serve para lastimar mais a sua desgraçada sorte! Ahi está precisamente o destino, que nos está preparado: hão-de finalisar um dia os nossos gostos e acabar as nossas felicidades tão desastrosa e desgraçadamente, como as daquelle miseravel; ha-de varar-nos um dia aquelle mesmo punhal, e havemos de cahir como aquelle desgraçado aos pés do assassino, somos como elle a victima destinada ao seu furor; é de necessidade ser presa sua e cahir debaixo dos seus golpes, este assassino é a morte, esse punhal é essa mão invisivel, que anniqnila tudo; para que sobretudo reine como soberana; é essa fouce cruel, que corta os fios da vida como o ceifador costuma segar a erva dos campos, que derruba o alto cedro bem como o arbusto rasteiro, que abate os soberbos palacios dos grandes, bem como a rasteira cabana dos pequenos, que arruina as pyramides, junca de cadaveres as terras e os mares, lança por terra as cidades, anniquila os imperios, extingue as dynastias, e diz ás geraçoens — abysmem-se — e ellas precipitam-se umas no abysmo das outras, e desapparecem como se nunca existissem, como se fosse um sonho; e, como se ainda isto não bastasse, vai ás sepulturas destruir os seus ultimos vestigios.

Que desastroso fim, que espectaculo lugubre, que scena dolorosa não é o ultimo acto da vida do homem, o ultimo termo da sua existencia! Que horrorosa perspectiva a do seu ultimo fim! Que painel o deste montão de reliquias, que substituem o seu logar e que fazem estremecer a humanidade! E deverá o homem viver sobre a terra como se nella se cifrasse o seu destino? Deverá uma alma immortal levantar seu throno sobre ruinas? Que gloria a sua trabalhar para a morte e para o nada! Como é que assim se illude o homem, como assim despresa a sua fortuna, como assim desconhece os seus interesses, como não conhece elle a illusão em que vive! Quem é que não viu hontem esse homem soberbo levantar o seu sceptro de ferro sobre os infelizes e exaltar o seu poder, ostentar sua grandesa? Quem não viu esse avaro cruel, surdo aos gemidos da humanidade afflicta, insaciavel em sua cubiça, juntar thesouros, amontoar riquesas como se fosse eterno sobre a terra, e o não viu hoje n'um momento deixar seus thesouros, suas riquesas, seu orgulho, sua soberba e baixar do seio da opulencia, e d'um leito de rosas para os horrores da sepultura!? E que resta hoje da sua avaresa, da sua vaidade e do esplendor do seu estado? Nada: tudo passou, como o clarão do relampago que só deixa apoz de si horrorosas trevas. Se alguma coisa existe é a triste memoria do seu nome, é o escandalo, que deu ao mundo, são os males, que causou, são as imprecaçoens, ou as lagrimas dos desgraçados, ou daquelles que offendeu pela sua iniquidade! Nada nos parece hoje tão vão, tão inutil, tão chimerico e ainda tão louco e tão insensato como tudo o que elle emprehendeu e fez pelo mundo, e este juizo, que fazemos hoje delle, é o mesmo que os outros ámanhan farão de nós. A sua vida desappareceu como o somno da manhan ao despontar da aurora: tudo foi para elle uma illusão, dizemos nós hoje porque o vemos. No entanto, ó fatal cegueira! apesar deste desengano e desta intima convicção, que nos entra por todos os sentidos, que apalpamos com as mãos, e que vemos com os olhos, proseguiremos no mesmo caminho, continuaremos a prostrar-nos aos pés do espantoso idolo do nada! Cegueira!!

Que papel representamos? o da vaidade: deleitamo-nos com illusoens, corremos apoz de quimeras, entretemo-nos com fantasmas! Tudo o que vemos, tudo o que nos cerca são sombras, que passam, e sombras somos nós mesmos, quasi similhantes áquellas que ondeiam as ervas e as espigas quando as nuvens surprehendem os raios do sol: tudo é nada: é nada, o que já passou: por muitos annos, que fosse, por mil annos, que durasse, é menos, que um instante: é nada tambem o que está para ser: que é esse nada que está para ser, que a nada se reduz? que é esse futuro incerto, que não nos pertence, com que não podemos contar? Que são alguns instantes, que correm tão velozes como o raio, que nos surprehende, que brevemente hão-de ser absorvidos na noite do tumulo e sumirem-se no seio da Eternidade, nesse abysmo aonde tudo se perde, aonde desapparecem as gerarchias, aonde não existem distincçoens, onde não ha preeminencias, aonde se confunde o rei com o vassalo, o pastor com o rebanho, o sacerdote com o leigo, o senhor com o escravo, o rico com o pobre, o sabio com o ignorante, o opulento com o desgraçado, á maneira desses rios caudalosos e soberbos, que chegando ao Oceano deixam d'existir e perdem o nome e a fama que os fizera tão celebres e famosos!... Estranha loucura, pois, essas distincçoens pouco duraveis, que pertendem differençar os mortaes! ridiculo erro todos esses vãos titulos, sobre que se eleva arrogantemente o orgulho!

Mas se o passado não existe, se não póde mais existir, se não existindo de nada nos póde servir; se o futuro ainda não existe, nem sabemos se existirá; se elle está fóra do nosso alcance e das nossas combinaçoens; se não podemos sugeita-lo aos nossos calculos; se elle se ri dos nossos projectos; se se escarnece das nossas especulaçoens. . . de que posso eu dispôr? D'uma cousa que passa, sem que eu a sinta e que é tão imperceptivel e tão instantanea, que a muitos tem parecido, que não existe; é deste instante = a = que eu concebo, mas que deixa de existir desde que o concebo; porque já vai longe de mim desde que intento apprehende-lo pelo pensamento e significa-lo pela palavra.

Que é o homem, abstracção feita desse principio celeste, de que traz a sua origem, dessas prerogativas que o constituem o rei dos animaes, quero dizer, da grandesa dos seus destinos? vermes d'um dia que rastejam á borda do tumulo: elle é menos ainda que os carvalhos inanimados; é um ponto imperceptivel entre o nada e a sepultura, é um atomo fugitivo no meio dos colossos, que o cercam por toda a parte, é um grão d'arêa em comparação dos proprios edificios, em que habita, é um sopro que n'um momento se dissipa como o dos mais vis animaes, é uma particula de barro unida á substancia do reptil; sobre o que imprimo os meus vestigios, é um pouco de pó que sobrenada no rio do esquecimento! O' loucura incomprehensivel!

Como se apega o homem a uma vida, que lhe foge, com que não póde contar, que se apressa todos os dias a chegar ao seu fim! Em que funda o homem a sua esperança? Em que assegura a sua existencia? Elle não vive senão á custa de si mesmo, senão morrendo a cada momento, antes de morrer uma só vez, segundo a ordem do seu destino, e a cada momento é disso advertido: cada hora passada na roda do tempo, que arrasta nossos prazeres e divertimentos, é uma verdadeira diminuição de nós mesmos, é uma sombra que se estende sobre a nossa vida, como sobre um relogio do sol, é uma brecha feita

á nossa existencia, sem que alguem possa repara-la! Os nossos pensamentos, que se reproduzem e destroem incessantemente dentro de nós mesmos; os nossos desejos, que se accendem e apagam a cada instante, nos evidencêam do mesmo modo, que a nossa vida caminha rapidamente para a sua total ruina e destruição. Bem quizera o homem suspender esta marcha veloz, este rapido curso, que o destroe e consome; mas debalde; uma voz incommoda lhe grita sempre « Caminha, caminha » e uma força irresistivel o arrebata tão acceleradamente para o seu destino, que sem o pensar topa comsigo na margem do tumulo! E' então que se rasga o véu, e que a verdade apparece radiante e luminosa. Que scena se não apresenta então ao homem mais capaz de o fazer maldizer a sua existencia, estremecer de horror e desfallecer de angustia: a inutilidade de seus trabalhos, a nullidade de seus gostos e prazeres, o fumo do seu orgulho, a loucura das suas paixoens, o nada de todas as cousas, que foram objecto dos seus affectos, ou dos seus cuidados; uma vida gasta no crime, ou na vaidade, perdida para o « tempo » que acaba, sem esperança para a « Eternidade » que principia, de que só restam angustias no presente e vivas apprehensoens para o futuro. D'uma parte o terror, o espectaculo funebre da morte, da outra o espantoso rigor da justiça d'um Deus, muitas rasoens para encherem a alma de horror e confusão, talvez nenhuma para alentar um motivo d'esperança e de consolação, pungentes dôres d'espirito e coração e nenhum lenitivo para minora-las, nenhuma especie de refugio no meio de tantas penas! Que horror! Que não daria então o homem para arredar de si esta scena pavorosa! Que não daria elle então para não tragar este calix de amargura? Que não daria elle ainda para arreda-lo de si por alguns momentos? Elle desejaria levantar as mãos para o céu, dirigir-lhe um voto, fazer-lhe uma supplica; mas uma voz lhe grita: « Já é tarde, é tempo de colher os fructos da semente, que deitastes á terra e de beber as feses desse calix, que preparastes para esta hora. » E, no meio destes horrores, ainda tem de dar mais um passo, ou ser absorvido por esse vulcão, que tudo devora e sumir-se nessa voragem horrenda, que tudo anniquila!

Não pareça que temos dito de mais. Que é a vida do homem no meio dessa multidão de seculos que a tem precedido e que hão-de seguir-se depois della? Que é ella nos abysmos do infinito? Aonde se encontrará o ponto, que a separa do nada? A que a compararemos pois, ou a que diremos, que ella se assemelha? Compara-lahemos á gota da agua, que se perde no meio do Oceano, ao atomo, que se confunde no meio dos elementos, ao ponto imperceptivel, que se prende a uma cadêa immensa? Não, não é a nada disto, não tem analogia, nem ponto de contacto com cousa alguma das que existem. Acaso umas faiscas podem ser comparadas com o sol? Poderá haver alguma similhança entre alguns instantes e a eternidade? Que é ella pois? é o que não existe diante do que existe; é o nada diante da eternidade! Eis-aqui o que é esta vida animal exposta todos os dias a perecer e que ámanhan se ha-de arremessar no meio desse pó, que já não é nada, mas que já foi tudo o que eu sou agora. Ah! e ha-de enlear-nos este nada! havemos delle um ente real, e o que é mais ainda uma divindade e adora-la!? Havemos de offerecer-lhe em holocausto a nossa perdição?! Que abysmo de cegueira! Como é logo verdade que tudo o que se não dirige a Deus, como nosso ultimo fim, que tudo o que não condiz com o destino d'uma alma creada para a immortalidade, é uma nullidade, é um puro nada, é, como disse o sabio « vaidade das vaidades e só vaidade! »

Com effeito á ideia d'immortalidade só corresponde um bem immortal como ella, qualquer outro perece, e a immortalidade fica. No imperio d'um Deus eterno só a eternidade é alguma coisa; tudo o que não é eterno nem corresponde á magestade d'um Deus eterno, nem á nobresa e dignidade de que Deus nos revestiu, nem ás esperanças do homem a quem Deus fez conhecer a sua eternidade. E' pois nada tudo o que não é Deus, ou que não participa alguma coisa da sua eternidade. Que é pois este mundo? um véu que o Ente Supremo poz entre nós e elle, para nos fazer suspirar pelo momento de o possuir, estando condemnado a perecer, nada tem por mais brilhante que nos pareça, que occupe as attençoens d'uma alma immortal.

Eis-aqui a rasão porque para o christão o céu é o norte das suas acçoens, o ponto fixo dos seus pensamentos, o alvo dos seus desejos, o grande empenho dos seus propositos, o unico objecto da sua ambição. O céu é a sua morada porque nelle tem posto o seu coração, o seu affecto, e nelle habita com a viva esperança e com os vivos e ardentes desejos de se vêr nelle e de o possuir.

E' por isso, que segundo os Santos Padres a vida do christão é um continuado suspiro pelo céu; porque Deus é o seu amor, e porque vivendo longe do seu amado o christão anhela com impetuosidade unir-se a elle, gosa-lo nas delicias do seu amor.

E que recto desejo, e que santa ambição aquella, que poem o seu affecto longe da milicia trabalhosa da vida, como lhe chama o santo Job, longe deste desterro inseparavel de todas as miserias humanas; aonde as paixoens e os sentidos sempre em guerra para nos subjugarem disputam entre si a triste honra de nos perder: além dos vaivens da fortuna, longe das vicissitudes humanas, naquelle ente invisivel, immortal, immenso, infinito, e eterno, á vista do qual todo o Universo, todas as gentes são, segundo a expressão de Isaias, como se não fossem, são como um atomo produzido pela força na sua omnipotencia; naquelle Bem supremo e infinito, naquella torrente de felicidades, naquelle manancial de todos os bens e de todas as maravilhas, que enche os céus e a terra de gloria e magestade; naquella bellesa sempre antiga e sempre nova, porque se apressavam a sahir da vida os discipulos de Platão; que uma eternidade inteira se não fartará d'admirar e de gosar, n'um extasis eterno d'amor, n'uma alegria perpetua, em gostos que sempre se multiplicam, nunca se esgotam, que enchem o coração e o espirito d'um diluvio de prazeres, d'uma torrente de delicias e de louvor n'um triunfo sem fim, n'uma alleluia perpetua em hymnos de acçoens de graças que mostram, que todos os nossos desejos estão satisfêitos, e que só resta louvar a bondade divina.

Ha annos lendo uma das homilias de S. João Chrisostomo encontrei nella uma passagem que aqui transcrevo fielmente em quanto ao sentido pesando-me de não poder transplantar para ella a valentia das expressoens e a eloquencia do S. Padre. Depois do S. Padre ter fallado da morte da vaidade e do nada de todas as cousas do mundo, elle conclue:

« Mas ainda não tenho dito tudo, resta-me ainda descer ao tumulo e vêr alli a nullidade do mundo, o orgulho confundido, ou antes a miseria do homem! Um pouco mais, e eis-ahi o supremo momento, eis-ahi a hora do passamento, eis-ahi o anjo da morte a annuncia-lo, a bater-nos á porta, a entrar no nosso aposento apontando para essa lousa, que ha-de ser a cobertura do nosso jasigo, dos tristes restos da nossa mortalidade, em que se ha-de insculpir o nosso epitafio, uma lembrança lugubre de que já não existimos, o triste desengano de tudo quanto somos! Eis-aqui, diz o anjo, em que se converte o teu destino, eis-aqui a sorte, que partilharás com o mais desgraçado, eis-aqui o unico signal de que exististes e o que resta da tua fortuna, do teu ridiculo orgulho, da tua louca ambição, e desses bens, em que imaginavas a tua felicidade! Tudo acabou de uma vez para todo o sempre, tudo se tornou inutil para ti, e só te resta, sem que possas chamar teu esse jasigo lugubre, que nem vês, nem sentes, que se abre nas entranhas da terra e em que se apressam a recolher-te, para que desappareças para sempre da face dos vivos, a que causas horror, para que te reduzas alli a uma nullidade eterna, a um esquecimento eterno, para que te desfaças n'uma podridão asquerosa, fetida, immunda e insupportavel, longe do ar, que alimenta a vida, que ella torna pestifero e immortal, para que alli te reduzas a menos ainda que ao pó e do que á cinza, áquillo que ninguem sabe o que seja e que nenhuma linguagem tem vocabulo com que o signifique, para que conheças, que só Deus existe e que tu não és mais do que pó e vaidade! O' espantosas reliquias, ou o quer que seja, que resta do homem fallai, eu vos pergunto, dizei-me — que resta dos prazeres da vida, dos bens, das dignidades, das honras tão exaltadas e tão apetecidas no mundo? Eis-aqui a que tudo se reduz, ah! não sou eu que o digo, é a experiencia, que o mostra, é o que vemos a cada instante com os nossos olhos, eis-aqui em que param as vaidades do homem, todas as pompas do seculo, todas as fadigas, todos os grandes negocios, que se agitam sobre a terra; eis-aqui o escolho, em que naufragam as grandesas humanas, em que se perdem as frivolas distincçoens da terra, em que se esmigalham os sceptros e as corôas; eis-aqui em

que param as façanhas, os vastos planos dos conquistadores, os altos feitos dos heroes; eis-aqui o termo fatal desses prazeres frivolos, que nos aviltam e degradam, dessas paixoens, que devastam e assolam a terra, dessa corrupção e immoralidade, que a corrompe e preverte, dessa ambição, que tudo devora e nada sacia, dessa luxuria torpe, que nos embrutece, dessas mancebias, desses adulterios abominaveis, desses escandalos publicos, dessas traiçoens, desses assassinios horriveis, desses roubos, dessas torpesas, dessas infamias, desses crimes que são a vergonha, o horror e o flagello da humanidade; eis-aqui o termo fatal desses bens adquiridos pela iniquidade, ou conservados pela torpesa, por esse egoismo immundo, que tudo materialisa, por essa avaresa sordida, que não se importa se não de si, que S. Paulo chama a raiz de todos os males, e que é o tumulo de todas as virtudes, de que devendo usar o homem, segundo as regras da justiça e da caridade, prescriptas por Deus, por um abuso detestavel, convertendo os meios em fins, faz delles pasto da vaidade, do orgulho, da immundicie, da concupiscencia e da luxuria. »

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra e Silva.

A CRUZ DA SOLIDÃO!

(Ao meu presado amigo o Rev.mo Snr. Reitor de Paranhos.)

Salve, Cruz, estandarte venerando
Das hostes do Senhor!
A' tua sombra acolhe-se o que soffre,
E encontra ás dores balsamo sagrado
De crenças, paz e amor!...

Bemdito o teu poder!... Neste ermo erguida
Só — entre a terra e os céus
Qual fantasma cruel aos maus revellas
Mysterios do sepulcro! — E's contra os impios
Sentinella de Deus!...

A *civilisadora mão* do seculo
Aos povos te arrancou!
Eras-lhe estorvo á venenosa crença!...
Embora! — A religião aqui neste ermo
Signal de fé te alçou!...

. . . . . .
Sociedade maldita!... Da impiedade
Passára o furacão
Um dia arremessando em terra os templos...
Despindo as aras... derrubando imagens...
E a Cruz lançou no chão!...

O homem do soffrer passou gemendo,
Pedindo allivio á Cruz...
Buscou-a... mas em vão!... Entre as ruinas
Calcado aos pés... quebrado o leito achára
Onde expirou Jesus!...

Que dôr de coração!... Prostrado em terra,
Ergueu as mãos aos céus!..
Pediu... chorou!... Estava só no mundo!...
Faltava-lhe um refugio... um santo asylo
Do mundo aos escarceus!...

Oh! que horrivel combate!... Atroz lembrança
Na mente lhe esvoaçou!...
Um punhal e uma Cruz!... o altar e a tumba!...
Os céus e o inferno!... religião e o crime!...
Ai! tudo o atormentou!!...

Custa muito soffrer!... Entre as torturas
Faltara-lhe o valor!...
Gemeu... fugiu-lhe o pranto... a alma cançou-se,
Mas tinha-a boa!... Esteril de consolos
Ergueu-se ao Creador!...

No meio da oração fulgiu-lhe um astro,
E aos ermos o guiou!...
Ai! vêde-o... Lá caminha pressuroso
Com a esperança na Cruz!... prosegue... um passo...
Nos bosques se internou!...

Sósinha no declive da montanha
Foi a Cruz encontrar!...
Não chegára inda alli a tempestade!...
Sagrado symbolo das mais santas crenças
Não pôde o impio achar!...

Que prazer!... Não ha prantos sobre a terra,
Nem ha risos nos céus,
Que possam similha-lo!... O que sentia
Não ha voz a exprimi-lo!... o mundo ignora-o...
Só elle o sabe e... Deus!!...

Agora, sim, que ás magoas que o ralavam
Um lenitivo achou!...
Deus abriu-lhe seus braços!... Que, de escarneo,
O apontem sorrindo... que lhe importa,
Se o mundo despresou!?...

O' Cruz! — consolação nas amarguras,
Que doce influxo o teu!...
Aquella alma mirrada de desgostos
Nova vida ganhou, e crença e esp'rança...
O mais... tudo esqueceu!!...

. . . . . .
Salve, Cruz! — nestes ermos erguida!...
Missionario sagrado dos céus!...
— E's refugio ás tormentas da vida!...
Companheira no mundo mais qu'rida,
Por ti creio na gloria... em meu Deus!...

Paranhos 4 de Maio de 1852.

A. P. Soromenho.

(COMMUNICADO.)

REFUTAÇÃO DE UM FOLHETO, QUE TEM POR TITULO — « NUNCA VISTO. »

Um folheto que appareceu impresso, em que se affirma um facto acontecido na freguezia de S. Senhorinha de Cabeceiras de Basto, é todo cheio de absurdos e impiedades. O seu auctor, que não se dignou declarar-nos o seu nome, ou ignorante, ou possuido de má fé, pertende persuadir a existencia d'um desses feitiços, que a superstição, a calumnia e a loucura tem inventado; e pela extincção d'um tribunal que punia os crimes anti-religiosos, atreve-se agora a levantar o collo, causando gravissimos prejuizos á sociedade e á religião. Intitula-se: Nunca visto! — *Julia, o Diabo, e uma Alma.* E na verdade é elle o nunca visto de loucas e ridiculas superstiçoens! Para melhor impôr ao publico, atreve-se a ajuntar-lhe duas certidoens — uma de Carlos Manoel Botelho de Carvalho, então parocho na dita freguezia, e outra do P. José Bento Leite Basto, — as quaes nada mais provam do que

a boa fé e simplicidade destes ecclesiasticos, que se deixaram illudir pelos fingimentos da supposta endemoninhada, e que talvez sem o lerem, ou lendo um outro manuscripto que não tivesse feiçoens tão monstruosas, vieram, sem o quererem, a auctorisar com seus nomes um dos partos mais hediondos entre os muitos que os prélos portuguezes tem dado á luz.

Julia Ferminia, filha de Maria solteira, de edade de 18 annos, foi possuida do diabo, que, em figura de um menino preto, lhe appareceu dançando, mesmo de dia, debaixo da sua janella. Este diabo, preto ou branco, era na verdade bem divertido! Mas ao mesmo tempo entrou nella tambem uma alma, que vinha de Anna Rosa da Pereira, sua thia por parte paterna, e que havia fallecido a 2 de Janeiro de 1840. Pobre Julia! contendo dentro de si ao mesmo tempo o diabo, uma alma vinda do outro mundo, e talvez sua propria alma! Sem duvida tudo isto junto havia de ser insupportavel!... Comtudo a possessa soffria todo este flagello, e ainda trabalhava no seu officio.

Aquella alma, que pôde transtornar a eternidade, e teve a habilidade de voltar a este mundo, tratou, em quanto existiu em Julia, diversas e divertidas conferencias com um seu irmão, chamado Rodrigo. E' de advertir que estes irmãos e irmans da casa de Pereira nunca se déram bem uns com os outros: no entanto foi bom que aquella alma viesse agora reconciliar-se com o seu Rodrigo. Mas a sua acção teve pessimas e ainda mais escandalosas consequencias, em que Julia e sua mãe imaginaram melhorar de fortuna, e talvez fosse esta a grande ventura que a alma prometteu a seu irmão.

A segunda parte deste folheto é um aggregado infame de absurdos, contradiçoens e impiedades. Em primeiro lugar o seu auctor, que eu supponho sempre de má fé, nos representa a moça Julia muitas vezes em extasis e transformando-se totalmente na figura de Anna Rosa. Já se vê que este ignora que coisa seja extasis, e confunde a impostura ou uma acção combinada com o privilegio especial dos servos de Deus. Além disto, a supposta transformação é uma mentira grosseira e ridicula, segundo affirmam todos os circunstantes que o auctor apresenta como testemunhas do facto, reduzindo-se apenas a certas palavras, de que aquella usava, e que as impostoras, mãe e filha, pretenderam imitar, mas sem propriedade ou similhança

E' cheia de contradiçoens; pois declarando por duas vezes ser Deus infinitamente misericordioso (e nisto diz a verdade) affirma que elle a mandara para este fim: diz que a Santissima Virgem a livrára do perseguidor; e, conforme a sua expressão, o demonio havia entrado juntamente com ella na fingida endemoninhada, contradizendo assim o poder de Deus, a sua justiça e bondade infinita; e tendo dito, que nos 18 annos, desde que morreu até entrar na creatura, não tivera premios nem castigos, accrescenta « que só estivera privada da vista de Deus. » Tanto o auctor como a alma reputam em bem pouco a maior pena de uma alma — a privação do Summo Bem. — Tudo isto se acha em contradição com a sua promessa de dizer só a verdade, que elle ignora, podendo dizer com Pilatos: *Quid est veritas?*

E', finalmente, impia e heretica; pois atrevendo-se a affirmar, que estivera em companhia dos Anjos, e tendo dito, que não havia tido premios nem castigos, nega aos anjos a gloria de que gosam; é impia e directamente opposta ás sagradas escripturas, que dizem « o espirito que vai não volta; » é impia e contraria á nossa santa fé catholica, que ensina, que a alma será destinada ao inferno ou ao céu, purificada no purgatorio; e aquella contradiz a crença catholica, representando-a volante por espaço de 6 mezes sem premio ou castigo

A pobre alma, depois de viajar volante no immenso espaço dos ares pelo tempo de seis mezes, se havia de encontrar muitas e repetidas vezes com aquelle diabo que entrou quasi juntamente com ella em Julia; pois que elle tambem era volante, como ella mesma declara. Já me parece que pelas estreitas relaçoens e frequentes encontros que tiveram, se haviam feito amigos; e bem se mostra, pois poderam agora viver juntos, por espaço de tres annos em perfeita harmonia!... Tambem era pouco animosa; porque tendo batido á porta de suas irmans e irmão Rodrigo uma só vez, devia, por isso mesmo que elles não ouviram, repetir até os despertar, e principalmente a seu irmão, que se mostra tão caritativo para com ella nos seus dialogos, e tanto se empenhou em a conduzir a melhor sorte, do que a de andar mettida juntamente com o diabo no coração de Julia.

Mas este Rodrigo que edade terá? Eu supponho-o ainda menino e de pouca capacidade, pois que elle assim o parece em seu dialogo, aliás deveria retorquir á impiedade daquella alma, que se atreveu a dizer, que Deus a mandara para alli, fazendo-o deste modo auctor do mal. Este Rodrigo continua a sua conversação com a alma da defunta irman, divergindo totalmente do fim de que tratavam, dizendo destacadamente: « Se soubera que possuia alguma coisa do alheio, antes quereria ficar pobre, do que rete-lo. » A que fim viria isto? Então o espirito o anima, certificando-o, de que nada possuia do alheio.

Para que diria este Rodrigo: « Eu quando vejo um pobre velho ou menino que tem fome, muito me penaliso quando o não posso soccorrer? » E' bem caritativo! Mas este segredo do coração do bom Rodrigo parece-me que traz agua no bico. Que importava declarar ao espirito as boas intençoens do Rodriguinho, se, tendo vivido ambos até á edade de 44 annos, as suas intençoens lhe deviam ser assás manifestas? Vamos seguindo este dialogo, pois parece-me ser aqui o *busillis* da obra Queixando-se aquelle de ter pouco, a alma lhe diz: « Faze como até agora tens feito, e Deus te ajudará. » — « Mas eu tenho outras obrigaçoens. » — « Essas estão primeiro. » — « Mas eu o que tenho tudo gasto. » — « Dá como tens, e não te acobardes. » — « Vivo triste. » — « Desde hoje em diante has-de ser mais alegre. »

Lance o publico a vista a este ponto e medite; que eu por decencia não ouso manifestar os meus sentimentos. Sómente direi, que o sobredito espirito não me parece de salvação por aconselhar o crime e o peccado. Os senhores que possuem estes escriptos reconheçam a sua falsidade, e devem queima-los como hereticos e impios.

ANNO CHRISTÃO.

MAIO.

9 *Domingo 4.º depois de Paschoa.* S. Gregorio Nazianzeno, que por sua vasta erudição em materias theologicas mereceu ser por antonomasia chamado o theologo, nasceu na Capadocia, sendo seu pae um outro Gregorio, que de idolatra se tornára insigne christão por instigação de Nona sua mulher, e depois, enviuvando, foi bispo de Nazianzo. Tornando ao nosso S. Gregorio, passando treze annos com seu particular amigo S. Bazilio vida eremitica, empregando-se todo na contemplação e estudo, foi depois ordenado bispo de Sazima, coadjutor de seu pae na diocese de Nazianzo, e tambem por algum tempo regeu o bispado de Constantinopla, que elle expurgou completamente da heresia Ariana. Daqui se retirou para a sua dilecta solidão, onde novamente se deu com mais particularidade á contemplação, estudo e escripta As suas oraçoens, epistolas e poesias revelam um grande talento, e a inspiração de uma fé mui viva e costumes austeros. Cumulado de merecimentos, foi para a mansão dos Sanctos no anno 389.

10. *Segunda feira.* S. Antonino, natural de Florença, professou aos dezeseis annos o instituto de S. Domingos, declarando perpetua guerra aos prazeres e ao ocio, andando sempre cingido de celicios e, á força de vigilias, desabituando-se quasi de dormir. Empregado em varias prelazias de sua ordem, era o primeiro no exercicio da humildade; e mais tarde foi mister que o papa Eugenio IV lhe fallasse preceptivamente para que elle se resolvesse a acceitar o episcopado de Florença, em cujo regimen mais notorias se tornaram todas as virtudes e sciencia de que era adornado Admira que havendo feito quasi todos os seus estudos sem mestre, chegasse a saber tanto; e especialmente na explicação dos concilios teve tal dexteridade, que merece ser denominado Antonino dos *Concilios.* Depois de mostrar o caminho da salvação, de viva voz á

muitas almas, e a todas em seus escriptos, chegou elle ao fim de sua jornada no anno de 1459.

11. *Terça feira.* S. Anastacio, natural de Camerino, foi com varios outros companheiros martyrisado por ordem do presidente Antiocho, na perseguição de Decio pelo anno 250.

12. *Quarta feira.* S. Joanna, nossa princeza, filha de Affonao V, soube, ainda menina, no meio das delicias, tausto o dessipação da côrte, passar uma vida penitente, sobria e recolhida. Era ella a herdeira presumptiva da coroa no caso de morrer sem successão seu irmão que depois foi rei com o nome de João II, e por isso e por sua rara formosura que parecia augmeutar-se-lhe com os jejuns e cilicios, foi pretendida por varios princepes da Europa em cazamento; porem a sua resolução estava tomada; e com licença de seu pae entrou no convento de dominicas de Aveiro. Aqui se entregou toda á contemplação da paixão do seu Jesus; e, não obstante sua compleição delicada e saude precaria, jejuava toda a semana santa a pão e agua, e o mesmo fazia nas sextas feiras de todo o anno. Não chegando a professar porque seu irmão e magnates do reino lho embargaram, foi todavia mais observante do que nenhuma de suas companheiras ligadas com voto; e aos 39 annos de sua edade, e no de Christo 1490, foi gosar o premio de sua innocencia e virtudes.

13. *Quinta feira.* Nossa Senhora dos Martyres. Com esta invocação se começou a venerar Maria Santissima depois que no anno 610 o papa S. Bonifacio IV, purificado o antigo Pantheon, o converteu em um templo dedicado a Nossa Senhora e a todos os martyres. Em Lisboa ha uma parochia com a mesma invocação, e foi aqui onde nasceu e foi baptisado o grande Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Item. S. Pedro Regalado, que foi o reformador da ordem dos Menores na Hispanha, morreu em Vallisoleto em principios do seculo 15.°; e Benedito XIV em attenção de suas virtudes e milagres o canonisou.

14. *Sexta feira.* S. Gil, como refere André de Resende, foi natural da villa de Vouzella no bispado de Vizeu. Dissoluto e famoso nigromante, formou-se em medicina pela universidade de Pariz; e por ultimo, tocado da divina graça, se arrependeu de suas desordens e desvarios e professou na ordem de S. Domingos, onde por suas penitencias e virtudes morreu com opinião de Sancto.

Item. S. Bonifacio, cidadão romano, tão sinceramente se arrependeu de sua escandalosa mancebia com a nobre matrona Agla, que com o fervor, humildade e caridade de um verdadeiro penitente se empregava, qual outro Tobias, em dar sepultura aos mortos. Em Tarso, cidade da Cilicia, era o confortador de innumeraveis martyres, cujos grilhoens osculava com pia veneração, até que elle mesmo foi agarrado pelos sangue-sedentos ministros de Diocleciano, e depois dos mais horriveis tormentos tollerados com heroica constancia, lhe foi decepada a cabeça. De Tarso foi para Roma trasladado o seu corpo, e aqui lhe erigiu um templo aquella mesma Agla, que havia sido sua cumplice no peccado, e que agora o imitava no arrependimento e penitencia.

15. *Sabbado.* S. Izidro, denominado o *lavrador*, floresceu em principios do seculo 13.°, dando á Hispanha, sua patria, o encantador exemplo de um pae de familias verdadeiramente christão, e porisso merecendo, elle e sua mulher S. Maria, ser contados em o numero dos Sanctos.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma — S. Santidade nomiou prefeito da sagrada congregação dos bispos e regulares o eminentissimo cardial de la Genga Sermatey, sobrinho do pontifice Leão XII. de quem é digno pelas suas virtudes, firmesa e zelo pelos interesses da Egreja.

Tem concurrido a Roma muitos peregrinos por causa do jubileu; e nas ultimas semanas da quaresma abjuraram o protestantismo muitos inglezes.

No dia 6 d'Abril houve na egreja da Caravita a assemblea geral annual da Sociedade das conferencias de S. Vicente de Paulo. E deu conta de haver recebido e destribuido aos pobres ás escolas, e familias necessitadas 15:228$000. Esta sociedade foi instituida pelo jesuita P. Ravignan, em 1842 e divide-se em 2 conferencias uma d'estrangeiros, e outra d'italianos. Compoem-se de homens de todas as classes, e todos teem obrigação de servir os pobres de graça na profissão de cada um. Os filosofos do tempo tambem fazem d'isto.

Inglaterra. — *Egreja nova.* — No dia 17 de Março que era a festa de S. Patricio fez-se a ceremonia da benção e do lançamento da primeira pedra da nova egreja catholica romana no alto de Westgate, em Bradford, na presença de grande concurso de fieis e de bastantes clerigos presidida pelo seu bispo.

— *Sermão notavel* — No 3.° domingo do meio da quaresma subiu á cadeira da verdade em Santa Maria de Moorfield, o cardeal arcebispo de Westminster; e fez um admiravel discurso sobre os « Institutos monasticos » no qual insistiu nas grandes obrigaçoens que a litteratura lhes devia. Só a Hispanha, disse o veneravel orador, (esse paiz tão obscurantista aos olhos de muitos dos nossos compatriotas) de 1550 a 1750 (200 annos) publicaram os Augustinianos 222 obras, os Franciscanos 587, os Jesuitas 533, e os dominicos 408, além de muitas outras por ordens mais pequenas, fazendo um total de 1,750 obras. Fallando da attenção que os inglezes prestavam á Biblia e ao seu estudo, ousou dizer que mais obras sobre sciencia biblica haviam sahido dos claustros d'uma ordem do que no mesmo periodo nas 2 grandes universidades inglezas. A muito mal julgada companhia de Jesus publicou mais de 300 obras sobre a Biblia no 1.° seculo depois da sua instituição. O cardeal concluiu o seu discurso com um grandioso e bem merecido elogio aos RR. PP. da Sociedade, e aos trabalhos de muitos da mesma Ordem nos ultimos 15 dias nesta egreja que todos os dias estava cheia d'immensas e devotas irmandades, muito attentas ás exhortaçoens dos PP., e que punham em pratica o resultado de suas reflexoens, agglomerando-se em de redor dos sagrados tribunaes, procurando piedade e perdão para os seus peccados e graça e perseverança na virtude.

— *Conversoens.* — Miss Wardell, irman do architecto catholico, foi recebida recentemente na egreja catholica de N. Senhora Immaculada, em Farm-street, em Londres.

Em Liverpool, na egreja de Santo Antonio, em Scotland-road, foram admittidos no catholicismo dois importantes protestantes, cujos nomes ainda não é licito publicar, e que renunciaram publicamente os seus erros.

O tenente Innes do 1.° regimento europeu do exercito de Bengala, na India foi recebido na communhão catholica com sua mulher e filho pelo R. P. Mascarenhas, vigario da egreja de Dhurruuttollah.

— *Norwood* — Em 1848 desembarcou nas margens do Tamira o abbade Saulet, superior dos missionarios da diocese de Bayeux com 18 religiosos do convento de N. Senhora da Delivrande, e o padre Vasque antigo vigario de Santa Catherina d'Honfleur, seu confrade. Foram estabelecer-se no bairro de Norwood em que ha muitas familias catholicas que vegetam na miseria. O seu fim era estabelecer um asylo para as orfas, e para aquellas filhas de familia que a miseria póde desmoralisar e até conduzir á apostasia. Tiveram que lutar com muitas difficuldades, mas felismente consolidaram-se e estam prestando grandes serviços á sociedade. Ensinam as meninas pobres e tem tambem pensionistas, porem carecem d'augmentar o seu estabelecimento, e porisso recorreram ás esmolas da mãe patria, tanto para isso como para fundar uma nova egreja, que não cabem os fieis na pequena que tem actualmente.

França. — O bispo de Nancy acaba de constituir uma associação em favor das egrejas pobres da sociedade. Já se compoem de 260 membros. O seu fim é prover as egrejas pobres d'ornamentos, vasos e objectos necessarios ao culto, e concertar as egrejas tambem. E' composta de 3 classes: socios propriamente ditos, auxiliares e padroeiros. Os primeiros sam todos sacerdotes e seculares da diocese que concorram annualmente com o *minimum* de 900 reis, sendo o *maximum* illimitado. Os segundos pódem ser seculares d'ambos os sexos e tambem freiras que contribuam com offertas ou trabalhos manuaes. Serão padroeiros os que concorrerem com 20 francos seus ou alheios durante o anno. Os socios em geral teem direito a uma missa dita no dia, aniversario da fundação, por vivos e defunctos.

MAIO 22. 1852. — N.º 21.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

VI.

Affirmam os protestantes, que não podemos confiadamente jurar nas palavras da Egreja e dos concilios geraes sobre decisoens de fé e de moral, porque os pastores da Egreja *são homens*, podem enganar-se, e por consequencia enganar-nos, se lhes prestamos inteiro credito. A conclusão que a sua má vontade lhes dá de taes principios é — que, para maior segurança, devemos só adherir á palavra de Deus *escripta*.

Depois d'uma determinação assim enfatica e suasoria devemos de boa fé consentir em que os protestantes *não são homens*, não se enganam, nem podem enganar-nos com suas decisoens! O arbitrio tem estas estravagancias, que o obrigam a rir em assumptos muito serios, e mesmo não sabemos se o riso será a mais judiciosa illação de suas primicias.

Que importa a illustre assemblea dos pastores da Egreja de J. Christo comparada com um Calvino a trovejar as suas inauferiveis conclusoens?

Quem falla ahi da infallibilidade da Egreja, quando um quaker, ou um anglicano, ou um anabaptista se declara infallivel em relação áquelles pouco sectarios que o acreditam?

O absurdo, pelo menos, tem a particularidade de ser engraçado, e não sabemos porque operação providencial estes parallelos não podem já hoje ser estabelecidos com os argumentos de uma logica grave e sisudamente sincera.

Dizer que a Egreja póde enganar-se é ir d'encontro ao Evangelho de Jesus Christo, que expressamente contraria uma tal asserção. Estas são, entre outras, as provas, não pedidas ao livre arbitrio, mas extrahidas da « palavra escripta »:

« E eu tambem te digo que tu és Pedro, e que sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno. » (Math. Cap. XVI, v. 18.)

As portas do inferno teriam prevalecido contra a Egreja, se esta, alguma vez, se tivesse desviado da fé e doutrina de J. Christo; mas o divino fundador da Egreja catholica predisse e prometteu o contrario: logo ou taes promessas nunca foram feitas, ou Christo era um falso profeta, ou nunca a sua Egreja será manchada pelo erro.

« Ide, e ensinai todos os povos, baptisando-os em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, ensinando-lhes a observancia de tudo aquillo que vos eu mandei: e confiai, que eu serei sempre comvosco até á consummação dos seculos. » (Math. Cap. XXVIII, v. 19, 20.)

Os protestantes estão d'accordo com os catholicos na infallibilidade das doutrinas dos apostolos, e dão como preservados d'erro os fieis que os ouviram, por isso que J. C. promettera acompanhar os depositarios da doutrina até á consummação dos seculos.

E' evidente, porém, que a promessa do Salvador não poderia cumprir-se integralmente nos apostolos a quem J. C. não prometteu simultaneamente uma vida que atravessasse as geraçoens até á ultima. A infallibilidade da doutrina, coadjuvada pela vontade do Altissimo, devia passar em legado celeste áquelles que foram enviados para *ensinar todas as naçoens*. Os unicos homens apostolicos, que, depois dos apostolos, pregaram o Evangelho de J. Christo a todas as naçoens são os bispos, e os pastores da Egreja Catholica Romana, e os seus delegados ás naçoens idolatras, que abraçaram a fé.

Ora, se os apostolos eram infalliveis em virtude das promessas de Christo, conclue a intelligencia menos versada na theologia, que a Egreja dos apostolos, nos seculos posteriores, em virtude daquella promessa, manteve o seu cunho d'infallivel, garantido pela invariabilidade da doutrina.

« Eu supplicarei a meu Pai, e elle vos dará um outro consolador, que permaneça comvosco eternamente. (Joan. Cap. XIV, v. 16.)

« Quando este espirito de verdade descer, toda a verdade vos será ensinada por elle. (Joan. C. XVI, v. 13.)

Os apostolos, como homens, eram falliveis por natureza; mas o dom particular de ensinar a verdade, priviligiou-os no dom da infallibilidade. Não nos pergunte o espirito do sofisma se a dadiva do Espirito Sancto foi um exclusivo dos apostolos: respondemos que não. O espirito de verdade, como espirito de sanctificação, foi derramado sobre todos os fieis: mas o espirito de ensino é uma promessa especial daquelles que Jesus-Christo elegeu entre as multidoens, e que precizamente não preferiria, se o mesmo espirito illuminasse com a mesma intensidade de luz as intelligencias de todos. Onde iriam, fora do mundo, os apostolos propagar a doutrina do divino Mestre?

Jesus-Christo prometteu a coexistencia *eterna* do *Espirito de Verdade* na pessoa dos apostolos. Estes, por certo, não vieram atravez das geraçoens até ao extremo dia da humanidade para que o *eternamente* da promessa de J.-Christo tivesse nelles o seu comple-

mento. A concessão no rigor da palavra escripta foi feita á serie de successores daquelles primeiros que ouviram a promessa do Redemptor, e a tomaram desde logo como garantia para si, e para aquelles que succederam no seu augusto ministerio.

E' sublimemente expressiva a profecia de Izaias, quando prediz a descida do Espirito Santo sobre a Egreja de Jesus-Christo:

« Meu espirito que é comtigo, e minhas palavras que puz em tua boca, não serão de tua boca arrebatadas, nem *da boca de tua posteridade*, nem da boca dos descendentes de teus descendentes para todo o sempre — diz o Senhor » (Izaias cap. LIX, v. 21.) A divina Providencia, depois de tão solemnes promessas, não permittiria que os missionarios da sua instituição sagrada, os successores do sancto congresso dos apostolos, abandonados, e arbitros da sua missão sem fé nem auctoridade, proclamassem o erro contra a fé, e a fé contra a san doutrina de seus predecessores. Concluimos por uma illação rigorosa das palavras de Jesus-Christo, que a Egreja romana, sob a inspiração infallivel do Espirito Sancto e da divina Providencia, nunca pôde nos passados tempos, nem poderá nos tempos futuros, ser abandonada ao ensino do erro contra a moral e a fé.

Thimotheo, temeroso de que em sua auzencia, a Egreja a seu cargo desvairasse nos conselhos, que de viva voz recebera, escrevia:

« Escrevo-vos, não obstante bem cedo estar comvosco; para que, demorando-me muito, soubesseis porque maneira deveis proceder na caza de Deus, que é a Egreja — do Deus vivo, columna e fundamento da verdade » (1 Thim. Cap. III. v. 14, 15.)

Admittida a infallibilidade da Egreja de Jesus no seu começo, uma necessaria consequencia proclama scismaticos e hereticos aquelles que, separados della, senão pejam de divinisar o espirito de seita sobre a apotheose do livre arbitrio.

Camillo Castello-Branco.

JEZUITAS.

(*Conclusão do Cap. VII.*)

« Assim, pois, os que quizerem unir-se a nós, examinem bem, antes de se impôrem o jugo, se tem bastante base espiritual para, segundo o conselho do Senhor, firmar este edificio: isto é — se o Espirito Santo que os impelle lhes promette bastante graça para que possam esperar de, com sua ajuda, levar o peso desta vocação; e quando, por inspiração do Senhor, nesta milicia de J. Christo se alistarem, é preciso, que noite e dia, cingidos os rins, estejam preparados sempre para se desquitarem desta immensa divida. Mas para que nos não seja permittido sollicitar nem recusar missoens em differentes paizes, todos e cada um de per si nos obrigamos a nunca, directa ou indirectamente, fazer a este respeito algum requerimento ao Papa, mas inteiramente nos abandonarmos á vontade de Deus, do Papa como seu vigario, e do Geral. O proprio Geral prometterá, como os outros, de não sollicitar o Papa sobre o seu destino e pessoa propria, com preferencia de lugares, salvo se a sociedade lhe dér o seu consentimento. Farão todos voto de obedecer ao Geral em tudo que respeita a observancia de nossa regra, e o Geral prescreverá o que elle souber harmonisar com o fim que Deus e a Sociedade tiveram em vista. No exercicio de suas obrigaçoens, lembre-se frequentemente o Geral da bondade, doçura, e caridade de J. Christo, bem como das tão humildes palavras de S. Pedro e S. Paulo, e nunca desta regra se apartem elle e o seu conselho. Sobretudo, tomem a peito a instrucção dos meninos e dos ignorantes no conhecimento da doutrina christan, dos dez mandamentos, e outros semelhantes elementos, segundo convier, attendendo a circunstancias de pessoas, tempos e lugares. Por quanto, muito necessario é que o Geral e seu conselho, velem attentamente sobre este artigo, ou porque não é possivel sem alicerces construir o edificio da fé no coração do proximo, tanto quanto convém; ou por que é de recear succeda entre nós, que á proporção que mais sabio se é, menos se preste áquelle exercicio como menos bello e brilhante, posto que o não haja mais util para o proximo que se edifica, e para nós que nos exercemos na caridade e humildade. A respeito dos inferiores, tanto em rasão das grandes vantagens que a ordem lucra, como pela assidua pratica da humildade, que é virtude superior a todos os elogios, devem elles sempre obedecer ao Geral em tudo que lhes impõe o Instituto, e, na pessoa delle, deverão representar-se a pessoa de J. Christo, como se presente fosse, e reverencia-la quanto é conveniente. Mas, advertindo-nos a experiencia que a mais pura, agradavel, e edificante vida para o proximo é aquella que mais se aparta do contagio da avaresa, e mais conforme, por isso, á pobresa evangelica, e confiados em que N. S. J. Christo prestará os alimentos e vestidos necessarios a seus servos, queremos que todos os nossos, e cada um de per si, façam voto de perpetua pobresa, sabendo que não podem adquirir nem particular nem communmente, para mantença ou uso da Sociedade, algum direito civil a bens de raiz, ou quaesquer rendimentos, mas devem contentar-se do uso daquillo que lhe fôr dado como exercicio para alcançarem o indispensavel. Todavia, poderão ter nas Universidades collegios com rendimentos, foros e fundos applicaveis ao uso e necessidades dos estudantes, conservando o geral e a sociedade toda a administração e superintendencia sobre os ditos bens e estudantes em relação á escolha, regeição, recepção, e exclusão dos superiores e estudantes, e regulamentos instructivos, edificação e correcção dos ditos estudantes, maneira d'alimenta-los e vesti-los, e todos e quaesquer outros pontos de regimen e administração — de maneira, pois, que nem os estudantes possam abusar dos ditos bens, nem a sociedade converte-los em seu uso, mas sómente subministra-los ás necessidades dos estudantes. Os quaes, alcançada a segurança de seus progressos na piedade e na sciencia, e depois de uma prova sufficiente, poderão ser admittidos em nossa companhia, cuja totalidade de membros a ordens sacras, posto que não possuam beneficios ou rendimentos ecclesiasticos, são obrigados a resar o officio divino, segundo o rito da Egreja, mas em particular, e não em communidade. Tal é a imagem que podemos esboçar sob a protecção de nosso soberano e da Sé apostolica.

O que fizemos com o fim de instruir por este escripto summario os que presentemente se informam do nosso Instituto, e os que de futuro nos succederem, quando aconteça, que, por vontade de Deus, tenhamos imitadores neste genero de vida, que, supposto rodeada de grandes e numerosas difficuldades, como d'experiencia propria o sabemos, julgamos a proposito ordenar que ninguem será admittido a esta companhia sem longo tempo de cuidadosas experiencias, e sem ter-se manifestado como prudente em J. Christo, e distinguido na doutrina, ou puresa da vida christan: será então recebido na milicia de J. Christo, a cujo favor submettemos nossas pequenas empresas, para gloria de Deus, seu Pae, o qual e unico seja honrado e glorificado em todos os seculos. *Amen.* »

» Ora, não deparando nesta exposição coisa que não seja piedosa e santa, para que estes mesmos associados, cuja humilissima petição nos foi apresentada, abrissem o seu plano de vida com tanto mais ardor quanto mais agradecidos do favor da Sé Apostolica; Nós, em virtude da auctoridade apostolica, e sciencia certa, approvamos, confirmamos, abençoamos e garantimos de uma perpetua estabilidade a precedente exposição, no todo e nas especialidades; e, quanto aos associados, tomamo-los debaixo de nossa protecção, e da Santa Sé Apostolica, permittindo-lhes confeccionar com plena vontade e pleno direito as constituiçoens que julgarem conformes ao fim desta companhia, á gloria de N. S. J. Christo, e á edificação do proximo, não obstante as constituiçoens e ordenanças apostolicas do concilio geral, e de nosso predecessor de feliz memoria, o papa Gregorio X, ou outras quaesquer contrarias.

« Queremos, todavia, que as pessoas, que desejarem professar esta vida, não sejam admittidas nem aggregadas á sociedade além do n.° sessenta.

« Ninguem tenha no mundo a temeridade de contravir ou contradizer algum dos pontos aqui expostos por nossa approvação, nosso beneplacito, nossa concessão, e acolhimento. Se alguem ousar attentar, saiba que incorre na indignação de Deus Omnipotente, e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo. Dada em Roma, em S. Marcos, no anno da Incarnação do Senhor 1540, quinto das calendas d'Outubro, e sexto de nosso Pontificado. »

Aos 17 de Abril de 1541, Ignacio de Loyola, eleito por unanimidade geral, na primeira votação, e á custa de instantes rogos, aberta uma nova eleição, mas identica nos resultados — o escolhido de Deus e dos homens, acceitou o governo da companhia de Jesus.

Camillo Castello-Branco.

ISAC DESPOSA REBECCA.

XXI.

Dixitque ad Servum. . . ut non accipias uxorem filio meo de filiabus Chananœorum. Domine Deus domini Abraham, occurre, obsecro, mi hodie et fac misericordiam eam domino meo Abraham.

. . . et accipit eam uxorem, etc.

Gen. c. 24 — V. 3. 12. 76.

Quiz dar o Pae d'Isac ao filho amado
Mulher, que lhe adoçasse o fel da vida;
Mas não que fosse em Chanaan nascida,
E do Eterno provocasse o desagrado.

Fiel executor de seu mandado,
Apresta-se Eliezer á partida;
E, para achar a esposa pretendida,
A' terra de Naccor corre apressado.

Alli supplica a Deus humildemente
De mostrar-lhe uma virgem virtuosa,
Que faça Isac feliz eternamente.

Indica-lhe o Senhor a mais formosa,
Rebecca, que é trazida em continente
Ao filho d'Abrahão, que a desposa.

JACOB E ISAU.

XXII.

Deprecatusque est Isac Dominum pro uxore sua, eo quod esset sterillis, qui exaudivit eum, et dedit conceptum Rebeccæ. . .

Ait Jacob: Jura ergo mihi. Juravit Isau, et vendidit primogenita.

Gen. c. 25. V. 21. 23.

O filho d'Abrahão, Isac chamado,
Que as delicias de Pai não conhecia,
Em suas oraçoens a Deus pedia
Um filho, que lhe fosse affeiçoado.

Suas preces ao céu tendo chegado,
Dois filhos deu Rebecca á luz do dia:
Um delles — Isau — por nome havia;
Ao outro o de — Jacob — se tinha dado.

Dos dois era Isau, por nascimento
Herdeiro de seu Pai, inda a despeito
De haver em seu irmão mais mer'cimento;

Mas um dia, em que á fome era sujeito,
Isau a Jacob com juramento
Vendeu por um guisado o seu direito.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

MAIO.

14 *Domingo 5.° depois de Paschoa.* S. João Nepomuceno, assim chamado por ser natural de Nepomut pequena villa da Bohemia, dotado de uma indole feliz e desenvolvida por uma esmerada educação religiosa e litteraria, seguiu por inteira vocação a vida clerical. Dado todo aos trabalhos de seu ministerio, eram infinitas as conversoens que operava, sendo para todos egual a sua caridade, já prestando-lhes os auxilios espirituaes, já soccorrendo-os, quanto podia, em suas necessidades corporaes. Esmoler-mór e confessor da rainha Joanna, foi tentado pelo rei Wenceslau, cuja devassidão fazia diametral contraste com as virtudes de sua mulher, para que lhe revellasse o que na confissão ella lhe dizia. O santo lhe repelliu, como era seu dever, a sacrilega, perfida e infame proposta; e como nenhumas torturas fossem capazes de o fazerem prevaricar, o mandou lançar ao rio Moldava, e afogado, é contado como um martyr do sigillo sacramental. No anno 1729, havendo-se passado mais de 300 annos depois de sua morte, authenticados seus milagres, e especialmente aquelle de achar-se inteira e incorrupta sua lingua, foi canonisado pelo papa Bento XIII.

17. *Segunda feira.* S. Paschoal Baylão, natural da villa de Torre Formosa no bispado de Monviedro na Hispanha, era pobrinho, e se empregou, rapaz, em guardar gado. Aprendendo a lêr por sua propria industria, era depois o caridoso letrado de sua aldêa, difundindo as suas luzes aos rusticos seus visinhos, presidindo a seus simples contractos, e compondo-os em suas duvidas. Conseguiu depois ser admittido em um convento da ordem de S. Francisco, onde negociou um rico thesouro de bens espirituaes, e foi gosa-los ao céu no anno de 1592.

N. B. Este dia e dois seguintes (os tres que precedem o da Ascenção) chamam-se das Rogaçoens. E' esta a quadra das esperanças ou do calamitoso descoroçoamento para os lavradores; e a Egreja catholica, sempre sollicita em proporcionar-nos mesmo aquillo que é temporal, determinou no anno 511, que nestes dias se cantassem publicamente as Ladainhas dos Santos, a fim de tornar propicio o Supremo Distribuidor dos fructos da terra.

18. *Terça feira.* S. Venancio, mancebo ainda de 15 annos, sendo accusado como christão a Antiocho presidente de Camerino, soffreu tudo o que a barbaridade, na esperança de lucrar um renegado com a desesperação, podia inventar. Enganaram-se porém; sua constancia e paciencia, sustentada por especiaes favores do céu, foi a tudo superior; e, em vez de terem elles um renegado, lucrou o christianismo muitos convertidos á vista de tanto heroismo e do modo miraculoso porque elle sobrevivia a tão mortiferos tormentos. O obcecado presidente, não se rendendo ao milagre de não consumirem as chammas o corpo do nosso santo, e de o não devorarem os famintos leoens, que, lambendo-o, se prostraram por terra, o mandou decapitar; e estando assim cumpridos os designios de Deus, foi receber a palma do martyrio no anno 250.

19. *Quarta feira.* S. Pedro Celestino, natural de Esernia, fugiu do tumulto do mundo para em um ermo se entregar todo á contemplação. Affluindo-lhe companheiros, fundou uma congregação de religiosos, a quem deu estatutos, servindo-lhe de modelo a regra de S. Bento, e vieram estes religiosos a serem considerados como uma das muitas ramificaçoens da ordem benedictina, e são conhecidos com o nome de seu fundador Celestino. Lá mesmo desde o ermo se divulgou a fama de suas virtudes, e ahi o foram buscar para o summo pontificado, dignidade que, passados 6 mezes, elle resignou para voltar ao ermo, onde morreu no anno de 1294.

Item. S. Ivo, francez, doctorado em direito canonico e civil, deu-se á nobre profissão de advogado, que elle ennobreceu ainda mais, sendo-o gratuito dos orfãos e pobres. Recebendo o habito de

ordem 3.ª de S. Francisco, empenhou-se ainda mais, do que até alli, por attingir a perfeição evangelica, sugeitando o corpo ao espirito por continuas maceraçoens, e elevando o espirito ao céu nos arrobamentos da oração. Parocho e provisor de uma diocese, gastava todas as rendas em esmolas, não se contentando com esperar á porta os pobres, mas convidando mesmo aquelles que encontrava a que o acompanhassem, servindo-os e provendo-os de tudo aquillo que careciam. Presentindo o dia da sua morte, foi celebrar o santo sacrificio; pregou e ouviu as confissoens daquelles que procuravam este sacramento, e recebendo elle o da extrema-unção, deu a alma a Deus.

20. *Quinta feira.* Ascenção de Nosso Senhor Jesus Christo Depois de haver apparecido por varias vezes a seus discipulos de modo a tirar-lhes toda a duvida a respeito de sua resurreição, e promettendo enviar-lhes o Paraclito Espirito, se elevou aos céus, á vista delles, quarenta dias depois que resuscitára.

Item. S. Bernardino de Sena, ainda mancebo, deu provas de sua piedade, servindo aos enfermos no hospital de S. Maria de Scala, durante um desolador contagio que alli grassava. Retirado depois a uma especie de Loura, que nos suburbios edificára, incessantemente pedia a Deus que lhe mostrasse qual o modo de vida que devia seguir, e o resultado foi não duvidar de sua vocação para a ordem serafica, que effectivamente abraçou. Feito prégador, desappareceram miraculosamente os defeitos de debilidade e rouquidão de voz, que até alli tinha; e foi elle o missionario arrebatador, que, percorrendo varias cidades da Italia, as deixava todas melhoradas de costumes. Depois de uma vida tão santa e laboriosa, foi descançar no céu pelo meado do seculo 15.º

21. *Sexta feira.* S. Manços se diz, que fôra daquelles que miuistraram a Jesus Christo no humilde acto de lavar os pés a seus discipulos. Ordenado bispo pelos apostolos, foi mandado a prégar o Evangelho, e chegando a Evora, ahi estabeleceu sua Egreja, convertendo muitos daquelles povos á fé. O idolatra presidente Validio o mandou martyrisar com horriveis tormentos; porém o seu sangue não suffocou as sementes que elle havia espargido, antes ellas germinaram mais rapidamente. Ainda hoje é venerada uma columna, em que por antiga tradição consta, que fôra o encosto de S. Manços em quanto o flagellaram.

22. *Sabbado.* S. Rita de Cassia, natural de Roca Porena, lugar proximo á cidade de Cassia na Umbria, passada uma piedosa juventude, e exercitando depois as virtudes matrimoniaes com exemplar cuidado, passou, viuvando, a receber o habito de S. Agostinho. A meditação na paixão de Jesus Christo era o seu principal emprego, e mereceu que elle lhe imprimisse na fronte uma chaga, similhante áquellas, que os duros espinhos haviam aberto em sua sacrosanta cabeça. Cheia de favores neste mundo, foi no outro gosa-los ainda maiores.

Item. S. Quiteria, natural de Pombeiro, e filha de paes infieis, foi convencida das verdades do christianismo por uma piedosa mulher, que a educára; e baptisada, e confessando publicamente sua religião, seu proprio pae, tentando primeiramente o faze-la abjurar, depois a mandou matar por seus sicarios. Juntamente foi martyrisado Lenciano e outros, que, havendo apostatado, outra vez se reconciliaram com Deus, movidos das virtudes e constancia de Quiteria.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — No dia 18 d'Abril terminou o Jubileu na cidade santa. Foram abundantes os fructos, estando os templos constantemente occupados por innumeraveis fieis naturaes e estrangeiros. Os soldados francezes assistiram em grande numero, e tomaram parte nas confissoens e communhoens e nas esmolas para ganhar o Jubileu. As esmolas para a Propagação da Fé foram abundantissimas, e as destinadas aos pobres não foram pouco consideraveis. Quam fertil é a caridade, e quam differente da filantropia e da humanidade que sam sempre acanhadas e mesquinhas, como tudo o que não participa do elemento religioso, unico que fecunda tudo quanto toca!

Allemanha. — *Conversoens.* — Mui abundante tem sido o fructo das missoens em Allemanha. Todos os dias se acolhem protestantes ao seio da Egreja, ou se afervoram os catholicos tibios. O barão Jurskeim, ex-ministro de Baden entrou no aprisco catholico, e o mesmo succedeu a Mr. Baersch, redactor do *Correio do Baixo-Rheno*; e á duquesa de Duglas, filha da gram-duquesa de Baden. Em Paris morreu no seio da nossa santa Egreja o principe Paulo de Wurtemberg. Pertencia a uma familia eminentemente protestante. Havia 2 annos que o principe fallava nas duvidas que o atormentavam. Dizia elle que uma religião sahida da revolta do frade Luthero e dividida em tantas e tão variadas seitas não podia dar nem a verdade nem a salvação. Haverá um anno que lhe ouviram dizer: *Morrerei catholico.* Antes da sua abjuração teve conferencias com o eximio orador jesuita o P. Ravignan. De tudo isto movido e ainda mais dos effeitos da graça entrou o principe no seio da Santa Madre Egreja Catholica Apostolica Romana no principio de Janeiro deste anno de 1852. No mez passado adormeceu no seio do Senhor, depois de receber os sacramentos da Egreja com todo o fervor em presença do Nuncio, e de varios de seus parentes protestantes, notando-se com muita especialidade a profunda impressão que a augusta ceremonia produziu no principe de Nassau, que depois chamou os missionarios jesuitas a Wiesbaden.

Prussia. — Em Berlin, capital da Prussia e centro do protestantismo allemão acabam de verificar-se successos inauditos nos seus fastos religiosos. O capellão Herzog recebeu 18 protestantes no seio da Egreja catholica, e lhes ministrou o pão dos anjos. O capellão Franke recebeu 3 e 1 o vigario Muller.

Inglaterra. — *Conversoens.* — O dr. Henrique Coleridge, clerigo protestante, pertencente aos mais distinctos da universidade d'Oxford, foi recebido, em 16 d'Abril, no seio da egreja, em Claphan, pelos frades redemptoristas.

— Miss Buckle, filha do cavalheiro Mr. W. Buckle, de Clifton, que abraçou a fé catholica, com quasi toda a sua familia, ha poucos annos, entrou como noviça no convento de S. Francisco de Salles, em Westbury-on-Tryen.

— Em Belleview-terrace, foi recebido em 25 d'Abril no seio da Egreja catholica, o cavalheiro Henrique Woodley pelo R. W. Fisher, sendo baptisado condicionalmente na egreja de S. George de York

— Miss Hardin, filha do coronel Hardin, que morreu valorosamente na guerra do Mexico, abjurou a egreja anglicana, e foi recebida na romana.

— No dia 16 abraçaram o culto catholico, em New Ross, Daniel Jure May, Carlos João Dwyer, e Maria Dwyer. Este magestoso acto verificou-se na egreja de Santa Maria em presença de muitos fieis.

— Os PP da congregação do Oratorio estabeleceram-se no espaçoso convento d'Edgbarton, e brevemente terão uma espaçosa egreja para 2,000 pessoas.

— No dia 27 abriram-se as novas escólas catholicas para os pobres, em Richard-Street, em Bath. Sam ellas devidas a subscripçoens, porque a revolução tambem já em outro tempo destruira alli os fructos do catholicismo, e ainda hoje lhe faz guerra.

Irlanda — *Universidade catholica.* — Brevemente poderá abrir-se com rendimento solido, por quanto as subscripçoens continuam a produzir grandes resultados, tanto na Europa, como nas outras partes do Mundo, e com especialidade na America. Desde 7 até 26 d'Abril receberam-se 600 lb. (2:700$).

— *Conversoens.* — Mrs. Martha Forde da seita presbyteriana, foi recebida no seio da egreja catholica, perdendo o seu emprego de mestra na escóla protestante, e sendo seu marido destituido tambem do seu emprego para se provar a tolerancia dos protestantes.

Asia. — India. — Eis o numero de conversoens que tiveram logar na missão de Sérapolis, no Malabar, no decurso dos tres ultimos annos Em 1848, abraçaram o catholicismo: 1121 pagãos, 25 protestantes, 480 westoranianos. Total: 1626. Em 1849 elevou-se a somma dos pagãos a 1452; a dos protestantes a 34; e a dos westoranianos a 384. Total: 1870. Em 1850: eram os pagãos 1465; os protestantes 22; e os westoranianos 538. Total: 2,025. Total geral das conversoens ao catholicismo nos tres annos: 5:521.

America. — Maryland. — Em principios de Abril foi consagrado na egreja de Santo Affonso em Baltimore o reverendissimo João Nepomuceno Newmann, bispo designado para a sé de Filadelfia. As confrarias de catholicos allemaens com mais de 1:400 irmãos sahiram em procissão até á residencia do arcebispo de Baltimore, que junto com o bispo d'Hartford, e todo o seu clero, de sobrepelizes se dirigiram á egreja de Santo Affonso, onde se verificou a apparatosa ceremonia com grande concurrencia.

MAIO 29. 1852. — N.º 22.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

CARIDADE.

(*Conclusão.*)

« O egoismo dos grandes — diz *M. Gaume* — cedo ou tarde acaba por fomentar as murmuraçoens, e, por fim, a revolta da plebe. As associaçoens de caridade são as melhores companhias de segurança, porque (não nos estejamos a illudir) não é a filantropia, que dança a bem do pobre, que lhe refrigera as suas paixoens — irrita-as: só a caridade, a caridade christan, que desce ao pobre, que chora com o pobre, que remeche a palha da sua enxerga, que se identifica com todas as suas miserias, só a caridade póde abafar a ambição no coração do pobre, ensinando-lhe que os ricos são verdadeiramente seus irmãos. » (*)

Esta riquesa do pobre, thesouro fecundo de consolaçoens para as suas penas, seára feracissima de fructos succulentos para o arido de seu espirito queimado pelas desgraças terrenas — esta sua unica propriedade, que Jesus Christo lhe garantira na propriedade dos ricos, foi-lhe confiscada pela 'filosofia' destes infatigaveis reformadores do velho coração da sociedade.

Quando a mão *milagrosa* da filantropia mandou afastar do pobre a mão da caridade, as multidoens indigentes deveriam acotovelar-se á porta dos filosofos da beneficencia para lhes beijarem a fimbria do vestido, como a Jesus Christo em casa do Centurião. Por essa arrogancia imponente, que caracterisa o seculo dos 'humanitarios' julgar-se-hia que foram destruidas as causas que produzem a pobresa. Alguns annos mais de caridade legal, e de beneficencia dançante, e a sociedade, contente de si, delirante da sua felicidade, e coroada de flores que uma primavera plena lhe enfloraria na fronte, dançaria n'um promiscuo baile de ricos, não em beneficio dos pobres, por que todos seriam ricos, mas em honra d'algum Jupiter da filantropia, á laia daquelle deus do Neo-Christianismo, que um 'filosofo' francez do seculo passado se dignou fecundar na sua imaginação para bem dos seus patricios. Era um bello sonho nas amarguras da vida positiva! Era uma bella creação grega para sublimar a profecia d'um Deus de Homero, que viesse até nós brilhando nas paginas da mythologia!

Mas a vida das sociedades é toda materialissima, quando se contempla sobre a terra, chorando e rindo, com todo o positivismo mechanico das lagrimas e dos risos.

Nas attribuiçoens da reforma cabia degenerar o espirito da caridade; mas destruir as causas da pobresa, com os sonhos d'uma reorganisação *humanitaria*, era o mesmo que destruir os revezes da fortuna, as revoluçoens, a velhice, as enfermidades, e a libertinagem, que são as causas do infortunio e da pobresa, quando esta não é hereditaria.

A diminuição dos pobres, aconselhada pelo programma da reorganisação, consistia em diminuir as esmolas. A execução desta receita era facillima, e não é á mingua d'ensaios que a pobresa não tem enriquecido. Difficillima julgára-mos nós a execução do conselho contrario, se delle pendesse a melhoria da classe mendiga.

E' certo, porém, que desde a data do decreto que mandava affastar das ruas o indigente, cresceu o numero dos necessitados admiravelmente. O numero dos pobres, que chamavam as attençoens com uma gritaria mentirosa de dores que não tinham, diminuiu; mas o numero dos verdadeiros pobres augmentou. Terminou uma certa industria, que jogava com a commiseração publica; mas outras industrias mais criminosas vieram substituir as primeiras. O pobre que passava na sociedade entretido com um aleijão fingido, e uma chaga de proposito aggravada, quando lhe imposeram o rigoroso preceito de outra vida, ensaiou aquella que, á semelhança da que lhe tolhiam, menos trabalhada lhe proporcionasse a subsistencia. E' certo que a mais bem policiada sociedade, por força da sua organisação naturalmente defeituosa, mantem no seu gremio individuos, que a lei puniria se podesse devassalos no segredo da sua existencia. Mas um tal segredo é umas vezes insondavel ás investigaçoens do codigo penal, e, quando um flagrante delicto desvenda o mysterio, augmenta a povoação dos carceres, e, em vez d'um mendigo astucioso, a sociedade tem de prover ás necessidades d'um criminoso forçado.

A presença d'um infeliz, que se apresentava aos olhos da caridade, lacerado pelas cortaduras d'uma chaga esqualida, causava nojo ao rico, eventualmente encontrado com o aborrido contraste da sua opulencia. Era necessario, pois, desviar dos olhos do rico o espectaculo das miserias humanas. Desviaram-no, e conseguiram que o rico esquecesse a existencia desses filhos da desgraça, que uma lei da policia administrativa sacrificára á opulencia no altar da fome e da nudez.

« Endureceram-se os coraçoens — diz um illustre orador francez — e para obter algumas miseraveis esmolas, foi necessario recorrer aos concertos e aos bailes: foi necessario prometter ao egoismo satisfaçoens e prazeres: querendo consolar o mendigo insultaram sua miseria. »

Na generalidade, estas ideias carecem de absoluta applicação ao regimento filantropico em Portugal. Como dissemos no primeiro artigo deste conciso assumpto, podemos exemplificar pequenos actos d'inspiração filantropica; mas, se os tomarmos como assumpto de filosofia christan, são de sobeja moralidade para o nosso fim.

A caridade christan é uma virtude que chora com a desgraça, quando não póde limpar-lhe as lagrimas. A filantropia filosofica é uma invocação aos prazeres de uma noite bem folgada por um preço dado, em que o contribuinte se lhe não dá que o seu dinheiro seja applicado á salvação de uma familia que se debate nas angustias da

(*) *Cathecismo de Perseverança. T. IV.*

fome, ou ao sustento d'algum ambicioso que mercadeja com as lagrimas de seus irmãos, ou á construcção d'uma pyramide que conte aos vindouros as parvoas glorias deste seculo de obeliscos. O que importa ao contribuinte é o passatempo, revestido de todas aquellas deliciosas circumstancias, que o aproximam das emoçoens, que não gosaria, se as não comprasse.

A caridade, com todos os attributos do seu verdadeiro caracter, está aonde o christianismo predomina os sentimentos do amor do proximo, em toda a sua plenitude. Comparai entre si todas as naçoens da terra, e pelo signal da *caridade* reconhecereis as christans. Comparai entre si todas as naçoens christans, e reconhecereis, pela perfeição da caridade que as distingue, as que são catholicas. O exemplo do homem Deus incarnado — diz o padre Barthélemy — vivendo, soffrendo, e morrendo entre os homens, falla mais alto aos christãos que todos os livros dos filosofos. Mas este mesmo Deus perpetuando e cada dia renovando seu sacrificio sobre todos os pontos do globo; este Deus, morando entre nós, vinculado pelo seu amor, fazendo de si proprio esmola ao homem, dando-se em alimento á sua creatura, eis-aqui o que diz mais que o sacrificio da Cruz aos coraçoens catholicos; eis-aqui o segredo das maravilhosas dedicaçoens no seio do Christianismo; eis-aqui o que gera e engrandece os heroes da caridade; eis-aqui, finalmente, porque todas as seitas protestantes reunidas nunca produzirão um verdadeiro missionario, e uma filha de S. Vicente de Paulo.

Camillo Castello-Branco.

ISAC ABENÇOA JACOB.

XXIII.

Senuit autem Isac, et caligaverunt oculi ejus. . . Et vestibus Isau valde boni, quas apud se habebat domi induit eum — Statimque ut sensit vestimentorum fragrantiam, benedicens illi, ait.

Gen. Cap. 27. V. 1. 15. 27.

Isac, que largos annos já d'idade
Contava, a densas trevas reduzido,
Quiz um dia Isau, filho querido,
Em nome abençoar da Divindade.

Rebecca, que atéli mais amisade
Por seu filho Jacob tinha sentido,
Servindo-lhe a cegueira do marido,
P'ra do filho fazer a f'licidade,

Ordena-lhe que tome em continente
As mesmas vestes, que Isau trajava,
E ao Pai em lugar delle se apresente.

Isac, que na cilada não pensava,
Jacob abençoou, tendo na mente
Que seu filho Isau abençoava.

ESCADA DE JACOB.

XXIV.

Cumque venisset ad quendam locum. . . dormivit in eodem loco.

Viditque in somnis scalam stantem. . .

Et dominum innixum scalæ dicentem sibi:

Ego sum Dominus Deus Abraham. . . terram, in qua dormis, tibi dabo. . .

Gen. C. 28. V. 11. 12. 15.

Á raiva d'Isau Jacob fugira,
Para terra d'Haran guiando os passos,
No meio do caminho os membros lassos
Sentiu, e a brando somno succumbira.

Ahi, como dormisse, em sonhos vira
Escada milagrosa, cujos braços
Tocavam cá da terra nos espaços
Onde o astro da luz constante gira!

Os anjos do Senhor por ella via
A subir, e descer, e lá firmado
No alto o Creador, que lhe dizia:

« Eu sou Deus d'Abrahão, desamparado
« Por mim nunca serás, té dar-te um dia
« A terra, em que ora dormes descançado.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

MAIO.

23 *Domingo.* S. Basilio, discipulo de S. Thiago Maior, o acompanhou ás Hispanhas. Encarregado primeiramente do governo da Egreja do Porto, foi, depois do martyrio de S. Pedro de Rates, transferido para arcebispo de Braga; e sabendo que em Placencia estava preso, por causa da religião, o santo bispo de Tuy, e um grande numero de outros christãos, eram atrozmente perseguidos, lá correu logo para os confirmar na fé, e assim, assegurando para muitos a palma do martyrio, tambem colheu uma para si.

24. *Segunda feira.* S. Afra, piedosa mulher, natural de Brixia, ahi soffreu o martyrio no tempo do imperador Adriano, pouco mais ou menos no anno 130.

25. *Terça feira.* S. Gregorio VII, que, quando monge no celebre mosteiro de Cluni, se chamava Hildebrando, foi, em attenção a suas virtudes e letras, elevado primeiramente á dignidade de cardeal, e depois á de summo pontifice por morte de Alexandre II. Acerrimo defensor da liberdade ecclesiastica, foi vexado em Roma com um apertado cerco, que lhe poz o iniquo imperador Henrique IV, e teve de retirar-se para o mosteiro de Cassino, o que pode conseguir por auxilio de Roberto Guixardo, duque Northomano. Vindo dalli a Salerno com o fim de celebrar a dedicação do templo de S. Matheus, adoeceu, e no anno de 1085 entregou a Deus a alma.

26. *Quarta feira.* S. Filippe Nery, natural de Florença, renunciando a copiosa herança de um seu thio, foi para Roma habilitar-se com os estudos para ser um respeitavel e util ecclesiastico: e mesmo nesta quadra da vida, que costuma empregar-se em frivolidades, elle mostrava uma sisudesa e recolhimento, que era a edificação de todos, visitando a miudo as sete Egrejas de Roma, e passando muitas noites em oração no cemiterio chamado de Calisto. Ah! quanto incendido de fervor não sahiria elle desta solemne morada dos martyres do christianismo! Ordenado presbytero, passava dias e noites confessando, a ninguem se negando; e tendo o particular dom de mover á verdadeira penitencia, a todos despedia consolados na esperança de haverem alcançado o perdão de seus crimes. Chegou a ser tão provada e geral a opinião de sua santidade, que os mesmos libertinos o respeitavam, e por isso foi elle o reformador dos costumes de seu tempo. Para crear operarios em sua escóla, fundou a congregação do Oratorio, que tão respeitavel e util se tornou, preservando-se e oppondo um dique á impetuosa corrente da relaxação e impiedade dos nossos tempos. Chegando a uma provecta velhice, assim mesmo confessava sempre, e havia recommendado aos seus companheiros que lhe guiassem ao quarto qualquer pessoa que o procurasse, e a qualquer hora que fosse. No anno de 1595 recebeu o premio de tantas virtudes.

Item. S. Eleutherio, natural de Nicopolis na Grecia, foi elevado ao summo pontificado no tempo do imperador Commodo. Logo no principio do seu governo teve a doce satisfação de receber uma carta de Lucio, rei da Bretanha, pedindo-lhe o ser admittido ao christianismo; e, em consequencia, elle, mandando para alli a Fugacio e Damião, viu todo este povo convertido. Havendo elle e a Egreja gosado por alguns annos de bastante tolerancia, por ultimo foi martyrisado no anno 192.

27. *Quinta feira.* S. João I, papa, foi dolosamente chamado a Ravena pelo rei Theodorico, fautor dos Arianos, que o mandou aferrolhar em uma masmorra, onde, no meio de tormentos, com a paciencia de um martyr, expirou no anno 526.

Item. S. Beda, monge benedictino de Inglaterra, havendo hido em pequenino para ser educado no mosteiro dos Santos Apostolos Pedro e Paulo, ahi professou, e tornou-se um perfeito religioso e consummado sabio. Ainda que, como elle mesmo diz « nada lhe era tão doce como lêr e explicar as sagradas escripturas » comtudo mesmo nas sciencias naturaes, como se vê de suas obras, era elle profundo. A sua vida está resumida nas palavras de sua legenda « *Semper legit, semper scripsit, semper elocuit, semper oravit.* »

Havendo sido a « luz do mundo » foi ser um bemaventurado no céu no anno 762.

28. *Sexta feira.* S. Germano, francez, tendo logo desde Menino as mais piedosas inclinaçoens, passava em casa de um seu thio uma vida em tudo conforme ás regras monacaes. Ordenado presbytero, foi por S. Nectario, bispo de Autun, eleito abbade do mosteiro de S. Symphoriano. Eleito bispo de Paris, trouxe muitas ovelhas perdidas outra vez ao aprisco, porque sabia elle chama-las com tal unção em suas instrucçoens pastoraes, que era impossivel resistir-lhe.

29. *Sabbado.* S. Maximo, bispo de Verona, governou esta Egreja ao beneplacito de Deus; e, como diz o seu nome, maximo em virtudes, maximo ainda é o seu premio no céu.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — Duas jovens negras resgatadas pelo P. Olivieri, de Genova, e instruidas no convento de religiosas de Santa Clara de Terni, foram recentemente baptisadas na Egreja da Annunciação pelo bispo Monsenhor Magrini. Uma chamava-se Fatma e era natural do Cordofan: foi chamada Maria-Antonieta Volunnia-Margarida-Luiza. A outra, Mariscilla, nascida no Darfour, recebeu os nomes de Maria-Pia-Jacintha-Antonieta-Luiza-Liberata. A primeira tinha 11 annos, e a outra 8. A ceremonia não podia ser mais tocante.

Napoles. — O rei ordenou a todos os commandantes dos corpos que se entendessem com os capellaens, para sem obstaculo poderem dar instrucção religiosa aos soldados, quer nos dias festivos quer nos de trabalho.

— O rei de Napoles, em sua veneração pela Mãe de Deus, decretou que a Imagem da Virgem Santissima, venerada com o titulo *del Pozzo*, no altar mór dos Menores Descalços da stricta observancia, denominados Alcantarinos, em Capurso, na provincia de Lecce, Imagem que diversos milagres tornaram celebre, fosse coroada solemnemente. S. Santidade auctorisou o cabido do Vaticano para confirmar o decreto de S. M.

Sardenha. — Miguel Varni, grego scismatico de Moscou, na Russia, d'edade de 53 annos, que habita em Genova ha muitos annos entrou no seio da Egreja catholica.

Malta. — Em 27 de Abril conferiu o bispo o diaconato ao R. João E. Bawden, da congregação do Oratorio de S. Filippe de Londres, convertido ha annos. Pertence a uma das familias mais distinctas da Inglaterra, e é sobrinho de sir H. Ward Lord-Commissario superior das Ilhas Jonias.

Foi recebido publicamente no seio da egreja o R. J. Watson, doctor d'Oxford, parente do R. Baof, da mesma Universidade que se separou da communhão protestante haverá um mez.

Nestes ultimos dias foram recebidas mais de 5 pessoas no seio da Egreja catholica. *Te Deum laudamus.*

Allemanha. — A maior parte das dynastias d'Allemanha pertence ao protestantismo, e a maior parte do povo ao catholicismo. Assim tomando para o numero das dynastias d'Allemanha 38, e para o da população mais de 35 milhoens, achamo-los nas proporçoens seguintes:

	Catholicos.		*Protestantes.*
Sob 6 governos catholicos.....	13,328:204	e	3,022:114
Sob 32 governos protestantes....	6,081:964	e	13,834:079

Assim o 3.° dos catholicos d'Allemanha acha-se debaixo de governos protestantes, ao passo que apenas a 5.ª parte dos protestantes se encontra sujeita a governos catholicos, e isso contando nesse numero o reino de Saxonia, no qual a familia real catholica está á testa d'uma população quasi exclusivamente protestante.

Ao lado dos catholicos e dos protestantes da Confederação germanica acham-se 318:000 judeus, 4:700 gregos e 300 armenios.

A grande parte dos catholicos sujeitos a governos protestantes pertence á Prussia; eis porque tambem os actos religiosos da Prussia teem grande influencia relativamente ás medidas dos outros governos a respeito dos catholicos. Contam-se em Prussia (1850), 8 milhoens evangelicos, 5 milhoens de catholicos, 300$ judeus e 14,000 menhonitas. Os catholicos sam particularmente numerosos em Posen, na Prussia occidental (população polaca) depois na Silesia, por tanto tempo austriaca, e finalmente nos antigos principados ecclesiasticos de Westphalia e dos bispos eleitores de Colonia e Treveris. Contam-se:

Em *Brandembourg*, sobre 1,740$000 habitantes, um numero quasi imperceptivel de catholicos.

Na *Pomerania*, sobre 990:000 habitantes, ainda menos catholicos que em Brandemburg.

Na *Saxonia*, sobre 1,560:000 habitantes, 90:000 catholicos.

Na *Prussia* (2 provincias), sobre 2,148:000 habitantes, 535:000 catholicos.

Na provincia de Posen, sobre 1,169:000 habitantes, mais de 700:000 catholicos.

Na *Silesia*, sobre 2,679:000 habitantes, perto d'ametade sam catholicos.

Na *Westphalia* e na *Provincia Rhenana*, sobre 3,729:000 habitantes, 2,350:000 catholicos.

Em virtude da concordata de 1821 existem na Prussia: 1.° o arcebispado de Gnesen e Posen para a provincia de Posen, com um suffraganeo em Culm para a provincia de Prussia occidental; 2.° o bispado exempto de Breslau para a Silesia, Brandembourg e Pomerania; 3.° o bispado exempto d'Ermeland para a provincia da Prussia oriental; 4.° o arcebispado de Colonia com 3 suffraganeos: Munster, para a cidade e para Cleves; Treveris, para a cidade e para Coblentz; e Paderborn, para Minden, Arenberg, Erfurt, Eichsfeld e catholicos da Saxonia

O bispo de Munster tem tambem jurisdição sobre os catholicos do gram-ducado d'Oldemburgo.

A eleição dos bispos nos 3 mezes depois da vacancia da Sé, pertencem aos cabidos, sob condição de que o novo eleito seja do agrado (*persona grata*) do rei e receba o seu consentimento. A nomeação dos prebostes da cathedral pertence ao papa nos mezes denominados do papa, e sob as condiçoens requeridas para a eleição dos bispos. Todas as outras prebendas sam dadas pelo bispo com consentimento do rei. De resto, em virtude do acto da Confederação germanica, os catholicos gosam da tolerancia, e as rendas da Egreja devem ser baseadas já desde 1833 sobre rendas de bens de raiz. Dos 38 conventos que a Prussia encontrou no ducado de Posen em 1815, restava apenas um em 1840. As perseguiçoens de que os catholicos foram objecto na discussão dos casamentos mixtos não fizeram mais do que augmentar-lhes o fervor: as romarias d'Aix-la-Chapelle, &c. bem o provam.

Desde 1817, os Lutheranos e os 200:000 reformados ou calvinistas se confundiram mais ou menos, e não formam officialmente senão uma egreja denominada evangelica.

Os judeus estam, pela maior parte, em terras da antiga Polonia.

(De Franzi, *professor da academia de Vienna.*)

— Em muitas communas protestantes augmenta todos os dias o numero de pessoas que recolhem ao seio da Egreja catholica. Attribue-se isto em grande parte ás missoens que de tempos a esta parte sam feitas ás populaçoens catholicas pelos RR. PP. Jesuitas.

Prussia. — *Carta do rei de Prussia dirigida em 1851 á direcção da associação catholica de Lintz:* « Recebi com a carta de 15 de Março passado o relatorio dos trabalhos da 4.ª assemblea geral da Associação catholica da Germania de 1850, e li com interesse o seu contheudo. Folgo de vêr que a Associação mantem a doctrina christan sobre a origem de toda a auctoridade e poder neste mundo, e olhe como um dever « dar a Deus o que é de Deus, e ao principe o que é do principe. » Desejo que os esforços da Associação possam obter o mais completo successo a este respeito. — Assignado — Frederico Guilherme.

Suissa. — Em Genebra, encontra-se na loja d'um judeu, mercador de curiosidades, uma *Biblia* encadernada com guarniçoens e pedras preciosas. Foi dada por Carlos Magno ao convento de S. Mauricio. Venderam-na os religiosos pela modica somma de 2,000 francos (360$ reis);

e o actual detentor pede por ella 25$ (4 contos). Muitos objectos raros e preciosos que, havia seculos, se conservavam religiosamente nos conventos de S. Mauricio e de Sião, tiveram a sorte da Biblia. Foi mister vende-los ao desbarate para facer face á contribuição que pesou sobre os conventos, como consequencia da guerra do Sonderbund. Aonde uma vez entra a revolução, dinheiro e preciosidades tudo desapparece com a felicidade e socego.

Inglaterra. — Miss Mary Lawton, filha mais velha de um respeitabilissimo cidadão protestante, que reside em Queen's square, na cidade de Liverpool, entrou no convento das irmans de N. Senhora, e partiu para uma das casas da ordem na Belgica.

— *Conversoens em Chester.* — As seguintes pessoas renunciaram aos erros do protestantismo, e foram recebidas na communhão da Egreja catholica pelo R. Edmundo Carberry: Na semana da Paixão, Eliza Paghe, as senhoras Galagher, e Burns; no domingo de Paschoa, Mr. Thomaz Robertson Hyde, sua esposa, e 3 filhas, e Thomaz Williams; e na segunda feira de Paschoa, Miss Margarida Taylor, Bridget Landford, e Miguel M'Namara.

Escocia. — Na festa da Annunciação o rever^mo bispo dr. Gillis deitou a primeira pedra a uma nova egreja no antigo burgo de Leith, a qual foi dedicada a Nossa Senhora com a invocação d'*Estrella do Mar.* Foi bem escolhida, porque contém um porto de mar aonde a Imagem da Virgem suspensa em cima do Oceano serve d'escudo d'armas.

O sitio é espaçoso, cercado de tres lados por edificios, um dos quaes é possuido por catholicos e contem as escólas instituidas pelo incansavel zelo dos RR. Carlyle e Grant. Houve uma procissão em de redor do edificio, cantou-se missa e prégou o bispo. Em todos estes actos notou-se alguma interrupção e falta de respeito dos *tolerantes protestantes* que assistiam em grande numero.

Asia. — India. — O bispo vigario apostolico de Vizagapatam escreveu ao arcebispo vigario apostolico de Bengala occidental annunciando-lhe a chegada alli de 4 clerigos e 6 freiras para servirem na missão e nas escólas do vigariato. Um sacerdote e duas freiras do Instituto do Loretto sahiram em 16 de Novembro de Londres para Calcutta, com o fim de se dedicarem ao serviço da religião, e á educação na missão de Bengala oriental.

Nos ultimos 10 annos tem prosperado muito na India o catholicismo e as suas instituiçoens. Em 1838, quando o arcebispo de Bengala occidental chegou a Madrasta havia em todo aquelle immenso vigariado 3 padres sómente. Ha agora no mesmo territorio 3 bispos em Madrasta, Vizagapatam e Secunderabad e 34 sacerdotes. Não havia então seminario, convento, ou asylo d'orfãos. Ha actualmente 17 escólas para naturaes d'ambos os sexos, 1 seminario para ecclesiasticos e leigos, 2 conventos, 4 asylos d'orfãos. Em todas estas instituiçoens educam-se de presente 2 300 meninos. Breve vae haver um 3.° convento da ordem das irmans de S. José, em Kamptee, que tendo mais de 2,000 catholicos, é provavel que as escólas do convento tenham mais de 200 a 300 pupillos.

Depois que se erigiu de facto um vigariato de Bengala oriental ha 3 ou 4 annos estabeleceram-se em Dacca e Chittagong 2 conventos com escólas e asylos d'orfãos feminis. Antes disso havia só uma escóla do sexo masculino.

Em Bengala occidental, depois de 1842, erigiu-se 1 collegio para ecclesiasticos e seculares, 2 conventos do instituto do Loretto, e 1 d'irmãos christãos, com aulas de orfãos para ambos os sexos, e para viuvas pobres.

Nos ultimos 6 ou 7 annos tem sido muito animador e consolador o progresso do catholicismo e seus Institutos no vigariado apostolico d'Agra, de que sahiu o de Patna, com grande vantagem da religião. Em o novo vigariado, além do convento de Darjeeling, está-se construindo um semelhante mui extenso em Patna, com um asylo para orfãos e escólas livres. Além do bispo tem 12 presbyteros.

O vigariado d'Agra ou antes do Hindostão, além de um collegio e 3 conventos em Agra, Mussooria e Simla, tem presentemente extensos asylos d'orfãos d'ambos os sexos, e 4 escolas para meninos nacionaes d'ambos os sexos. Além do bispo ha 16 presbyteros.

Depois da sagração do presento zeloso e erudito bispo, vigário apostolico d'Ava e Pegu, haverá 4 annos, estabeleceu-se em Moulmain 1 convento e 1 asylo d'orfãs, e uma escóla de varoens inglezes. Em varias partes do vigariado ha 15 escólas para naturaes d'ambos os sexos, e classes. O bispo é auxiliado por 12 presbyteros.

Até o advento de 1851 receberam-se no seio da Egreja em 3 vigariados, sómente, durante 1 anno, 36 protestantes e 730 infieis, ensinando-se mais de 4,000 meninos nas escólas, creadas nos ultimos 10 annos. A colheita foi realmente grande, porém os lavradores sam poucos, devem por tanto os irmãos na fé unir-se em oraçoens, pedindo a Deus que se digne enviar mais lavradores.

No anno de 1838 havia em toda a India, incluindo Ceilão, Ava e Pegu, 7 bispos sómente: temos agora 19, e vai crear-se um 20.° para o Punjaub.

Concluiremos com uma estatistica dos edificios catholicos nos seguintes bispados.

Vigariado d'Agra. — Uma esplendida cathedral em Agra que é o templo mais amplo e magestoso da India; egrejas novas em Nomila, Lahore, Umbalia, Peshawur, Jullundur, Simla, Landour; egrejas em Nomila, Ferozepore e Cawupore muito accrescentadas; nova capella em Wuzeerabud.

Vigariado de Patna. — Egrejas novas em Chunar, Dinapore, Bankipore, e Purneck; 1 grande edificio do governo em Benares convertido em egreja e presbyterio; 1 egreja consideravelmente accrescentada em Bettiah; todas as outras do vigariado reparadas.

Vigariado de Bombaim. — Egrejas novas em Kurrachee, Poona, Ahmednuggur, Baroda, e Sholapore; 1 capella em construcção em Hyderabad (no Scinde); subscripçoens reunidas para 1 nova capella em Aden; as de Belgaum e Kurrachee muito augmentadas.

America. — Indiana. — Uma carta de Vincennes annuncia a conversão da esposa do clerigo protestante Elwel residente naquella cidade. Renunciou formalmente ao protestantismo e foi recebido no seio da Egreja catholica em 22 de Fevereiro.

Estados Unidos. — *Wisconsin.* — Ha 6 annos que o Wisconsin tinha 6 presbyteros e 1 bispo, e não mais de 4000 catholicos. Contém agora 60:000 catholicos. Fundam-se egrejas em todas as direcçoens, e nada agrada mais ao viajante do que os elevados e formosos campanarios que se alevantam magestosamente por entre as arvores, com bandeira de salvação, a cruz, denotando que é um lugar de refugio para aquelles que estam carregados de cuidados; que é uma casa para orar e dar graças ao Supremo dispensador de beneficios. Em Fond du Lac ha agora 350 familias catholicas, quando ha 2 annos e meio, não havia mais de 20.

Rio da Prata. — Um missionario genovez escreve para a sua patria dizendo que se acha em Bahia Blanca, a 600 milhas de Buenos-Ayres e 4 do mar; que havia 8 annos que não se tinha alli visto um Padre, e que não tinha um instante de seu para baptisar, validar matrimonios, instruir na religião &c. que eram aquellas gentes christãos no nome, e não por culpa sua, mas porque o governo os deixára sem um padre que os pastoreasse. Cá pela Peninsula tambem o governo faz das suas.

Oceania. — Nova Gales do Sul. — Temos a felicidade de dizer que a religião catholica está em uma condição mui florescente em a Nova Gales do Sul. Fez se ultimamente o censo que deu em resultado 56:899 catholicos. Este numero é pastoriado por 40 clerigos, sendo 1 arcebispo, 1 bispo coadjutor, 1 vigario geral, 1 arcediago, 1 deão de Sidney, 3 deoens ruraes, e 32 padres missionarios. O clero está estacionado nos pontos de Paramalta, Maitland, Moreton Bay, Ipswich, Bathurst, Goulburn, Wollongong, Campbelltown, Newcastle, Liverpool, Windsor, Hartley, Penrith, Carcoar, Singleton, Queanbeyem, Yass, Berrina, Macdonal River, e Bronlee. Estes missionarios infatigaveis administram as necessidades espirituaes do povo em 1800 milhas de costa, e 400 pelo interior. A população e os sacerdotes sam pela maior parte irlandezes, ou filhos d'irlandezes, e até o gosto das egrejas e capellas é irlandez. Os trabalhos do arcebispo Polding tem sido abençoados por Deus.

JUNHO 5. 1852. — N.º 23.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

VII.

Quem se imposer á utilissima tarefa de estudar a reforma lutherana em todas as suas ramificaçoens, irreconciliaveis com o tronco, chegará precizamente aos mais proficuos resultados do estudo, que são a sabedoria, e ás extremas consequencias d'um falso systema, que são o desengano.

Mais de um mancebo desta geração analytica, e ao mesmo tempo inerte, me tem dito que o seu espirito religioso fôra regenerado na leitura dos livros filosoficos do seculo XVIII. Confessam o vacuo de convicção que depararam na sciencia turgida daquelles homens, que senão acreditavam, e proclamam a divindade do christianismo, antes de syndicarem as provas nas formulas inspiradas da Biblia, ou nos argumentos imperiosos do raciocinio.

Estas illaçoens, colhidas de principios absurdos, são as mesmas que afluem da leitura imparcial das rasoens do protestantismo contra as rasoens da Egreja catholica.

Leiam-se, e dissequem-se na raiz que medrou pela seiva da mentira; profunde-se o principio do erro, como quem lhe não consente uma só de suas consequencias; argumente-se com o Evangelho aberto, já que a reforma se não pejou de arrogar-se o Evangelho em abono d'um capricho de *frade despeitado* (*), e felizmente o joelho do homem, que procura saber o seu destino, curvar-se-ha no sanctuario das verdades eternas, confiadas por Jesus-Christo ao seu representante.

Não sejamos timidos em assoalhar ao sol da intelligencia os retalhos dispersos da reforma. Não haja medo que o racionalista insipiente vacille entre os caracteres da verdade catholica e da mentira protestante. Não se arreceie o bom christão em prejudicar a san doutrina de Roma, expondo-a aos que passam indifferentes para que a comparem com a d'Inglaterra, para que a comparem com a de todo o mundo, e com a de todos aquelles que julgam mais bem doutrinado o que não tem doutrina alguma religiosa.

E', por isso, que, por pouco, proseguiremos na franca apresentação d'um ou outro argumento dos protestantes, que valha a pena de ser rebatido. Temos procurado a claresa nas formas deste trabalho arido e mesmo obrigatorio. Quizeramos que o assumpto em discussão fosse já hoje entre catholicos reputado uma frioleira; porque faz pena sentir a precisão de invocar o espirito de analyse de algum de nossos leitores para que decida sinceramente entre a Egreja pura de Jesus-Christo, e a *prostituida de Babylonia*, como poderiamos denominar a filha de Luthero, essa mãe fecundissima de erros e desgraças, se quizessemos faze-la a realidade daquella tremenda visão do Evangelista na ilha de Pathmos.

Se, com espirito de lealdade e desejo de saber, lhe pedimos a causa radical da sua separação, respondem, com inabalavel firmesa de caracter, que a Egreja de J. Christo, na sua totalidade, não só podia resvalar no despenhadeiro do erro, mas que effectivamente resvalou, desde que, inficionada d'erros, e superstição, e idolatria, forçára a consciencia dos protestantes a *sahir do centro da Babylonia*. Estas suas ordinarias expressoens, como ridiculas, e de todas as menos insolentes, invectivas á esposa de Jesus-Christo, são a arma que mais destramente jogam, e é por ventura aquella que *Voltaire* melhor jogou como legitima herança provinda de seus mestres. São consequencias filhadas e rigorosas. Depois do livre arbitrio o scisma; depois do scisma o racionalismo; e o sarcasmo ultimamente como complemento da destruição, embora, apadrinhado por homens, que lhe déram aquelle pomposo nome da 'filosofia.'

Não fecharemos ainda a Byblia, em quanto presentirmos que a serpente do erro se refugia nas suas paginas.

Em Daniel — cap. II, V. 44 — lê-se:

« No tempo de taes reis, o rei do céu creará um reino, nunca destruido, um reino, que não passará a outro povo, que pulverisará todos os reinos, e subsistirá eternamente. »

Concedem os protestantes ser esta a predição do *Reino espiritual de J. Christo, nunca destruido, e eternamente existente.*

Fortaleçamos a predicção com palavras do mesmo profeta:

« Eu via estas coisas em uma visão nocturna, e vi o Filho do homem, que vinha, entre as nuvens do céu, e abrangia o ultimo dos dias. Vieram á sua presença, e delle receberam o poder, a honra, e o reino; e todos os povos, e todas as tribus; e todas as linguas o serviram: o seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será usurpado, nem o seu reino destruido. » (Dan. C. VII, V. 13, 14.)

« Elle será grande, e chamar-se-ha o Filho do Altissimo. O Senhor Deus dar-lhe-ha o throno de David, seu pai: reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e seu reino será infinito. » (Luc. C. 1. V. 32, 33.)

São evidentes e clarissimas as palavras do texto, e cremos que accumula-las não augmentaria a sua força de prova. A Egreja de J. Christo, que, segundo o estylo da Escriptura é o seu *Reino Espiritual*, foi, desde a sua fundação destinada á perpetuidade, e construida como nação indestructivel entre todas as naçoens perecedouras.

Articulam os protestantes:

« Nós tambem affirmamos que a Egreja de Jesus Christo é perpetua e indestructivel. »

Pois bem: acceitamos a benevolencia da sua confissão.

Onde é que estava a Egreja perpetua e indestructivel antes da Reforma protestante?

« Nos seculos anteriores á reforma — respondem elles — existia uma Egreja christan, que ensinava o Christianismo; mas era impura, corrupta, idolatra, e supersticiosa. »

(*) Epytheto expressivo d'um principe, que vivêra protestante e ha pouco expirou catholico.

Fallar d'uma Egreja de Jesus Christo *corrupta*, é uma contradição manifesta dos termos, um « ente de rasão » — diz um scismatico da Egreja anglicana n'um lucido intervallo de boa fé. A demonstração é simples, sem recorrer aos poderosos auxiliares das rasoens moraes.

A Egreja é um corpo mystico, essencialmente composto de verdadeiros crentes, e adoradores de J. Christo. Quem faz o verdadeiro crente é a profissão da verdadeira fé, e do verdadeiro culto de J. C. Logo — a egreja apostata que abandonou a fé e doutrina christans, que degenerou em erro e idolatria, e impuresa, e corrupção, tal egreja não é a Egreja de J. Christo, nem uma parte della. Um particular, que professou a verdadeira fé, e depois se fez heresiarca, deixou, no instante da sua rebeldia, de pertencer á Egreja de J. Christo As mesmas condiçoens militam na transfiguração religiosa de uma nação, qualquer que seja a heresia predominante do seu systema religioso. Se toda a Egreja apostatou, como os protestantes affirmam, muitos seculos antes da Reforma, a Egreja de J. Christo necessariamente pereceu, por isso que membros impuros, hereticos, idolatras e corrompidos não podiam constitui-la. Mas a Byblia rebate energicamente esta hypothese bem degradante para a humanidade, e muito ultrajadora para o divino fundador da Egreja catholica. A Byblia repete-nos que o *Reino Espiritual* de J. Christo, desde o seu estabelecimento, não poderia ser anniquilado. A Byblia brada contra a accusação de idolatria, de superstição, e de erros condemnaveis, que a reforma atribute á Egreja romana.

A Byblia diz claramente que a Egreja de J. Christo foi, por graça e misericordia de Deus, estabelecida em perpetua santidade.

« Sereis respeitado e honrado por todas as idades, em quanto o sol e a lua subsistirem. » (Ps. 4, XXI, V. 5.)

« Nesses dias florescerão os justos, e saborear-se-hão ahi fructos de paz, em quanto a lua subsistir. » (V. 7.)

Em traducção ingleza, os protestantes affirmam que David profetisa aqui a gloria do Reino ou Egreja de J. Christo. E, comtudo, o profeta é solemnemente desmentido pelos seus interpretes, quando chamam ao tribunal do livre arbitrio a Egreja do Pontifice para se vêr condemnar d'impura e corrompida! A Byblia protestante declara que Isaias profetisa a vinda do Reino de J. Christo por estas palavras, realisadas no rigor da palavra:

« Acontecerá nos ultimos tempos, que a montanha sobre a qual a casa do Senhor será edificada, terá seus alicerces nos pincaros dos montes, e sobrepujará o vertice das collinas: e todas as naçoens hão-de ahi convergir em multidão. . . e os idolos serão ahi pulverisados. » (Isaias C. II, V. 2, e 18.)

O anniquilamento da idolatria, não tendo sido cumprido pessoalmente por Jesus-Christo durante o seu transito nas amarguras da Redempção, é o que nós hoje contemplamos nessa obra gloriosa, levada ao seu complemento pela Egreja catholica, cujos prégadores apostolicos converteram á fé os idolatras, e ainda hoje, dispersos na face do mundo, luctam anciosos contra as perseguiçoens, para abrigar no redil da fé o resto d'infieis, sobre quem a luz da Redempção começa a derramar o seu influxo de vida e immortalidade. E é esta a Egreja que os protestantes condemnam de impura e idolatra! A Egreja romana, forte da graça, e depositaria da missão de J. Christo, condemnada de corrupta, e supersticiosa, e idolatra!

Camillo Castello-Branco.

SCIENCIAS RELIGIOSAS.

ENSAIO

SOBRE

A HISTORIA DO CHRISTIANISMO.

§. I.

Impossibilidade religiosa d'antiguidade pagan.

Parece que Deus quiz, durante quatro mil annos, punir o homem do seu orgulho. Como o menino, que anhela escapar á vigilancia paternal, assim o homem, não confiando na sabedoria divina, tinha, contra o preceito de seu Senhor, tirado da arvore defesa o pomo da sua perdição.

Teve o prazer de conhecer e sentir a inutilidade da sabedoria humana. Deus o deixa entregue á sua inutil sciencia, e o faz senhor dos rios, das montanhas, terras e mares; tu não quizeste o meu auxilio, marcha que a naturesa será tua; tu serás o rei do mundo. Sendo-te mister deuses cria-os á tua imagem, amassa o lodo de que eu te hei formado, e adora a obra de tuas mãos. Depois descançarás. O homem logo que perdeu a graça, se tornou anjo decahido, a quem faltam as azas para subir ao céu, permaneceu aterrado no meio dessa immensa solidão, que só o espirito de um Deus póde encher. Nu, transido de frio, e terror prostra-se por terra, vem a tempestade e elle adora.

O carvalho e a montanha não curvaram suas sumidades á tempestade, julga-os mais fortes e por isso os adora. O sol dissipa as nuvens accumuladas, amaina o vento e illumina as montanhas, o homem adora o sol. Não temendo já a tempestade, o raio, adora só o Poderoso; levanta-lhe altares, sacrifica-lhe victimas; e quando examina os tumulos, em que havia depositado esses poderosos, depois da sua apotheose, não encontra senão cinzas, por isso grita — Os deuses são mortaes! Levanta murmurios confusos, gritos, rengimentos de dentes, risos e maldiçoens; vem ás praças publicas, batendo com violencia na terra, bramindo com desesperação: não, não existem deuses! Os tempos estarão preenchidos. Da nuvem sahirão essas palavras, que terrificaram os amigos de Job. — Homem que me renegas, onde estavas tu, quando criei o céu e a terra? onde estavas, quando fixei o sol e as estrellas no firmamento? onde estavas, quando disse ás vagas que entrassem no seio do mar, á terra que se vestisse de verdura; aos animaes que nascessem; e a ti que te fiz sahir do nada? Deus teve piedade do mundo, deixando convencer o homem da sua propria impotencia, lhe estende, depois, sua benefica mão, e lhe envia — *la bonne nouvelle.*

§. II.

Judeus — ideia da unidade divina.

Na extremidade do Mediterraneo, entre a Europa e a Asia, acha-se um paiz esteril, montanhoso, onde o mar não offerece porto algum, e o deserto o fecha com uma cintura d'arêa: terra d'afflicção junto das agradaveis margens do Euphrates e do Nilo. Para esta terra se refugiou, das seduçoens do Egypto, um povo de antigos pastores, abandonando sua vida nomada, se vai immobilisar nas montanhas da Judea. Não é sem admiração, que junto a esses grandes imperios d'Asia, a quem a critica moderna não tem ainda escripto a sua verdadeira historia, se encontre uma pequenissima povoação, pobre, e desconhecida no antigo mundo, mas que tem consignada sua historia em todos os annaes escriptos, teve por legislador um homem animado do espirito de Deus, e que emfim no meio da antiguidade pagan foi o unico povo, que professou o dogma d'um Deus unico e moral.

Este povo cumpriu a missão, a mais bella e brilhante, que jámais povo algum póde ser chamado a preencher, hoje esse povo erra e verga debaixo do peso dos infortunios, por meio dessas naçoens, que lhe devem a sua religião; erra e vaguea trazendo impresso, em caracteres indeleveis, na fronte, o signal da sua maldição: porque quando o Salvador do mundo subia para o Calvario, Ahasvero lhe negou algumas gotas d'agua; O Senhor ha determinado, que seus pés e os de toda a sua descendencia permaneceriam em continua marcha até a consummação dos seculos; o que se deve considerar uma vingança divina. Respeito todavia para esse povo, respeito mais que a todos os outros, porque em seu destino ha o signal de uma missão divina. Rodeado, por todos os lados da idolatria, podia, do alto de suas montanhas, ouvir os voluptuosos canticos de uma Tyro, ou Sidon, quando festejaram a volta d'Adonis, mas resiste a essas seduçoens, e encerra no recondito do Santo dos Santos no tabernaculo a ideia da unidade de Deus, que transmitte ao mun-

do, quando este se achava cançado dos seus deuses d'ouro e pedra. Conhecendo a importancia e preciosidade do dogma, que este povo estava encarregado de defender e conservar, explica-se essa insociabilidade, que, se lhe imputa como crime. Comprehende-se a severidade das leis mosaicas, e já se não bradará anathema sobre esses homens, que fazem correr o sangue, e trucidavam os vencidos, e seus proprios irmãos, quando prostituiam seus incensos aos idolos.

Esta nação devia ser separada das outras, não importa o preço dos sacrificios. Era mister, que Deus sahisse do santuario, porque a humanidade não estava inteiramente desherdada da verdade religiosa.

Os tempos marcados por Deus tinham vindo; e esse pequeno canto da terra, pobre, infecundo, batido de todo o vento das miserias humanas, chamado a Judea, illumina-se de uma luz celeste; os muros do antigo templo desmoronam-se, o Santo dos Santos abysma-se, porque o pavimento do novo templo devia ser a terra, sua cupula — o céu — seus altares as montanhas, e o seu santuario o coração de todo o homem justo.

Depois que a confusão, em que este cataclismo deixou o mundo, se foi dissipando, olha-se e vê-se uma Cruz, e aos pés da Cruz um novo mundo.

§. III.

Roma — unidade politica.

O povo judaico formou a unidade religiosa, assim como o romano a politica. Este povo, sendo em sua origem um punhado de homens heroicos, de salteadores, não importa o nome, porque o salteador é o heroe dos tempos barbaros, que seja um Achilles, ou Theseo, todos raptores de mulheres, fazem a guerra pela guerra, pelo ouro, e mulheres que encontram, quando percorriam o mundo, confiando na força de seus braços. Estes bandidos da primitiva Italia, vieram, com o seu primeiro chefe, Romulo, lançar-se corajosamente entre as bellicosas povoaçoens do Lacio e da Sabina, e a agradavel e rica Etruria.

Lá construem, nas collinas, que o Tibre banha, o seu acampamento, que lhe servia de guarida, e donde sahiam, como de um covil, para acometterem tudo que estivesse ao seu alcance. Nascidos no meio da guerra, não podiam viver sem a guerra, por isso a faziam constantemente. No espaço de sette centos e vinte annos não fecharam as portas do templo de Jano, se não tres vezes.

Assim como o Pirata da meia edade, em sua limitada barca infestava os procelosos mares do norte, e abordava lá onde os ventos o impelliam, assim tambem, os romanos, no Estio, sahiam da sua limitada cidade, a infestar e assolar as terras dos seus vizinhos. Seus progressos eram mui lentos; só depois de terem decorrido trezentos annos, é que elles possuiam algumas legoas de territorio, mas uma vez adquirido jamais o perdiam; nunca abandonavam uma cidade sem a eliminarem da terra, para que não mais se podesse rebellar contra elles.

O ninho da aguia estava formado desde sua origem das miserias e despojos dos povos vencidos, a quem algumas vezes se concedia a vida, Roma era, como esse animal, que nos recorda a fabula, que engordava as suas prezas, mas cortava-lhe os membros, para que se lhe não podessem escapar; assim aquella, concedia a vida áquelles dos vencidos, de quem cousa alguma tinha a temer.

Avança com morosidade, porque não deixa após de si inimigos alguns. Domados todos os povos da Italia, dilata depois seus dominios ao mundo inteiro. Roma leva suas armas além da peninsula Italica, a Grecia estava já decrepita, e o Oriente corrumpido pelos successores d'Alexandre tinha perdido toda a força vital. Roma chega ao apogeu das grandezas, no tempo de seus impios reis, que não temeram levar suas sacrilegas mãos sobre o templo do Senhor, mas cahiram, aterrados perante elle pela colera divina. O Occidente resiste por mais tempo: as bellicosas tribus da Hispanha, das Gallias, e da Germania, por mais de uma vez, fizeram conhecer, ás legioens romanas, o pezo de suas barbaras espadas: mas estava ordenado, que Ocidente, como Oriente se prostrassem perante a dominadora do mundo Assim vemos, que do Eufrates ao Oceano Germanico, e do Danubio aos pés do Atlas, tudo se sujeitava ás ordens dos magistrados nomeados por essa cidade da Italia. Causa admiração que povos de tam differentes costumes, linguas, e civilisação, fallem todos a mesma lingua, e tenham todos o mesmo nome. Anterior a Roma, já mais se vio, uma tam grande unidade: grandes imperios tinham existido, mas nenhum havia dilatado tanto os seus dominios; porem o que mais transcende os limites da rasão humana, é como todas as naçoens conquistadas haviam perdido inteiramente o caracter da sua nacionalidade debaixo do imperio, do seu vencedor. Este facto é devido ao direito romano, que substituiu as legislaçoens particulares de todos os povos vencidos; porque todos os annos os Pretores e os Proconsules iam ás provincias estabelecer os tribunaes, em que haviam de ser julgados os vencidos, pelas leis, que eram feitas nos comicios, ou no senado romano. Cousa alguma podia melhor produzir a unidade politica, já começada pela conquista, visto que o que forma uma verdadeira sociedade é o ter uma e a mesma legislação. Alem disto as legioens romanas, quando se retiravam, deixavam por toda a parte e com especialidade nos povos do Occidente do imperio, as suas Colonias, que existindo entre os vencidos, os instruiam em seus costumes, e na lingua da grande metropole; em quanto que a lingua grega, levada por Alexandre até aos indios, se fazia vulgar no Oriente, ensinando-se nas escollas do imperio — Roma era o mundo, — o que foi obra de sete seculos. No começo do oitavo seculo, Augusto, pela victoria d'Actio, dá ao imperio a paz, politica, de que elle tanto carecia, depois de tão aturadas guerras; no silencio da paz ouviu-se no calvario essa voz, que trazia ao mundo a paz moral. Parece, sem duvida uma cousa bem triste, que uma cidade expoliasse successivamente todos os povos de sua liberdade. Esses Celtiberios, que preferiam entregar-se ás chammas, a serem arrastados a Roma em triunfo. — Esses Germanos e Gaullezes, contra quem o maior dos romanos ha consummido dez annos de fadigas e trabalhos. Mas que importa ao mundo essa independencia selvagem do homem barbaro, se não póde entrar na marcha da civilisação, da moral, sacrificando sua liberdade? pois bem, desappareça por um pouco, porque ella já mais póde acabar, visto ser um fogo sagrado, indestrutivel, que renasce das ruinas do templo, a despeito de todos os esforços do impio. Roma tinha uma missão santa a cumprir, era necessario, que as espadas das suas tropas, destruissem todas essas nacionalidades, que levantavam barreiras invenciveis entre os povos; era mister, que de todas as differentes naçoens formassem um só povo, que tivesse uma só lingua, leis, e civilisação; uma sociedade uniforme sobre a qual se estabelecesse o christianismo.

Villa Real. *(Continua.)*

O maior argumento que se póde apresentar em favor das — *Associaçoens religiosas* — é descrever os beneficios que ellas fazem. Qual é o sacrificio, qual a abnegação de que não deem um exemplo? Não ha soffrimento na vida que não aliviem. Por certo que a filosofia pagan, de que tanto se ufanam alguns miseros pedantes, não cria associaçoens que arranquem á morte as criancinhas expostas; que lhes ministrem educação moral e religiosa, para as pouparem á morte da alma, e lhes ensinem os meios de ganharem o pão de cada dia, sem recorrerem ao *socialismo* e ao *communismo*; que as tratem, nas suas enfermidades, e as guiem na vida, recebendo-as na velhice, para lhes adoçarem não só os ultimos dias neste mundo, senão ainda para lhes tornarem aprasivel a transição para um logar de perennes recompensas. Estas associaçoens estendem-se por toda a parte: vam aos paizes mais inhospitos: atravessam os sertoens mais aridos para levar a *Boa-Nova* aos confins da terra. Só o nosso misero reino continua assentado á sombra da morte, sem que a mão da caridade religiosa o faça entrar no movimento, que tão vivo é nos paizes que nos

cercam. Homens que governaes, concedei-nos a liberdade que só existe nos vossos documentos escriptos — concedei-nos a liberdade *d'associação religiosa* a que temos direito, e vereis desapparecer com a rapidez do relampago a maior parte dos males que nos vexam. Vereis entre nós o que para vosso desengano podeis lêr no artigo, que do *Univers* passamos a transcrever-vos:

DA RELIGIÃO EM FRANÇA.

M. Guizot, no seu discurso do 1.º de Maio, citava algumas cifras que, com quanto parciaes e incompletas, como elle mesmo confessa, já serviram pela publicidade que lhes deu, a rectificar as falsas ideas que da França fazem no exterior, aonde, geralmente, a julgam muito menos fecunda em obras religiosas do que na realidade é. Este resultado pode fazer comprehender quam util seria um estudo pratico minucioso e profundo do estado actual da religião em França, não só para os estrangeiros senão ainda para os mesmos francezes; porque não ha nada menos conhecido que a força, e póde dizer-se a superabundancia da vida religiosa que possue hoje esta nação. Ha bem poucos annos, considerava-se o catholicismo, em França, como morto e sepultado. Se conservava algum prestigio aos olhos dos estrangeiros, não era senão o prestigio do sepulcro, junto do qual algumas mulheres derramam lagrimas. Quando, ha perto de 10 annos, o barão de Barante, vindo de S. Petersburgo, parou duas horas em Copenhague com o simples fim d'ouvir missa os dinamarquezes, muito admirados de verem um academico, um embaixador francez praticar tão livremente actos de religião, diziam uns com outros: « Mas parece que o catholicismo não morreu de todo em França. » Em Inglaterra, Allemanha e Russia, só julgavam a França pelos romances d'Eugenio Sue e pelas medidas de Luiz Filippe contra os jesuitas. Esta ignorancia do verdadeiro estado da religião em França foi a mais fatal das illusoens de Luiz XVIII, de Luiz Filippe, e até de muitos membros das ultimas assembleas. Imaginavam que a França era mais parlamentar que catholica, ao passo que o parlamentarismo só existia na casca da França, dessa arvore que os bispos plantaram outr'ora para que abrigasse com a sua sombra a civilisação europea, e que como que a enxertaram para fazer circular em todos seus ramos a seiva do catholicismo. Compara-se muitas vezes a Egreja a uma arvore cujos ramos resequidos ou podres sam as heresias; estudando o estado actual da França á luz de sua historia nos ultimos 60 annos, póde dizer-se quasi com certeza que só a seiva catholica tem podido conservar a França a travez de suas numerosas revoluçoens; que se a França não fosse catholica succumbiria á prova, e, que, destruindo-se por suas proprias mãos, deixaria em breve de ser contada entre as grandes potencias. No reinado da Universidade illudiam-se a tal ponto sobre o verdadeiro estado da França, que em logar de fortificar a seiva catholica, que a sustenta, não pensavam senão em multiplicar os insectos que roem a arvore, e porque encobriam a casca tomavam-nos pela sua substancia. Hoje varre-se esses insectos voltairianos, e a seiva catholica recobra novo vigor. Com effeito, se os relatorios dos *Annaes da propagação da fé*, o dinheiro de S. Pedro, o bom exito das livrarias catholicas e outros factos geraes indicam já que o catholicismo tem muito mais vida em França do que ordinariamente se pensa, um estudo dos *departamentos*, cada um de per si, estudo pratico, minucioso e profundo, mostraria á Europa admirada e á França reconhecida que, debaixo da relação religiosa, é quasi diametralmente o opposto da idêa que se faz della, e que, se lhe falta alguma coisa para se penetrar completamente do espirito catholico, é antes a coragem que a fé. Havemos percorrido a França em quasi todas as direcçoens, havemo-la comparado com outros paizes quanto ao aspecto religioso, e podemos dizer que tomando por termo medio, entre todos os departamentos considerados debaixo do ponto de vista da religião, aquelle que vamos citar, ficamos mais aquem do que alem da verdade. Poderiamos fallar da Bretanha, da Alsacia, etc. contentar-nos-hemos de enumerar que perto de 100:000 pessoas visitam todos os annos a pobre romaria de S. Francisco-de-Regis, no Vivarais.

Situação religiosa da diocese d'Amiens.

O departamento da *Somme* ou a diocese d'Amiens, que acabamos de visitar pela terceira vez, conta *mais de* 200 estabelecimentos religiosos livres. A metade destes estabelecimentos prova d'um modo especial quanto estas instituiçoens, obra do zelo religioso, sam necessarias ao estado; a outra metade, quanto lhe sam uteis e quanto, por conseguinte, deve o estado regozijar-se com a sua existencia, que, mostrando a charidade e a fecundidade do catholicismo conserva sommas consideraveis ao orçamento. Assim, 138 escolas primarias de meninas dirigidas por freiras de diversas congregaçoens, e sustentadas só pelos recursos da caridade, provam tanto a nossa ultima asserção, como a popularidade de que gozam as *Sorores*. Entremos em uma dessas escolas para melhor lhe apreciarmos a importancia. Vemos nella quasi todas as meninas da parochia recebendo gratuitamente, álem da instrucção religiosa, o asylo que as preserva da dissipação, e que dispensa seus paes de cuidados muitas vezes incompativeis com os outros seus trabalhos: as meninas aprendem a ler, escrever etc.; e habilitam-se para os trabalhos manuaes proprios do seu sexo. Vemos essas meninas, com a alegria pintada no semblante, ligar-se desde a infancia ás Sorores, e por ellas á religião; vemo-las, ao sahir da escola, espalhar o bom aroma do christianismo na sua familia, e recordar-lhes, pelo exemplo e pelas palavras, os seus deveres religiosos. No tempo de paschoa, sam essas jovens, que movem seus paes a hirem confessar-se, e que frequentes vezes dam a vida da alma áquelles de quem receberam a vida do corpo. E' nessas escolas das Sorores, e não na filosofia da historia, que achamos o enygma da differença que existe entre a França e a Italia debaixo da relação da pratica dos deveres religiosos. Na Italia os homens fazem mais exercicios religiosos que as mulheres, porque alli tem os rapazes por toda a parte congregaçoens religiosas que prehenchem o logar que em França é occupado pelos instituidores primarios; em França, pelo contrario, as mulheres praticam mais exercicios religiosos que os homens, porque, em quasi todas as aldeas, as meninas recebem a educação das Sorores, ao passo que os frades das Escolas christans não sam mais do que uma excepção, se se compara o seu numero com o dos instituidores primarios da universidade. Eis um quadro exacto dos estabelecimentos regidos por ecclesiasticos ou religiosas na *Somme*:

Lazaristas	3
Jesuitas	2
Collegios e casas d'internos sob a direcção d'ecclesiasticos	4
Frades da Doctrina christan	8
Frades das Escolas christans	1
Religiosas do Sagrado Coração	2
Irmans da Charidade	19
Religiosas da Immaculada Conceição	4
Religiosas de Louvencourt	3
Fieis companheiras de Jesus	2
Freiras do Sagrado — Coração de Maria —	1
Freiras da Providencia	40
Freiras da Esperança	1
Ursulinas	3
Religiosas do Bom-Pastor	1
Religiosas da Sacra-Familia	93
Religiosas da Visitação	1
Religiosas hospitaleiras	4
Religiosas de S. José de Cluny	1
Religiosas de Santo Agostinho	1
Religiosas do Bom Soccorro	1
Religiosas da Santa-Infancia	4
Religiosas do Santo-Menino-Jesus	2
Freiras da Pureza	3
Freiras Claras	2
Freiras Carmelitas	2
Freiras da Casa de Gard	1
Total	209

Estes algarismos referem-se ao alivio de quasi todas as miserias humanas, aos beneficios que se espalham sobre os corpos, sobre as intelligencias e almas, sobre todas as edades e classes da sociedade, sobre tudo o que quer alcançar o amor de Nosso Senhor, que inspira esta caridade catholica. Ve-se Nosso Senhor percorrer as cidades e campos espalhando os beneficios pelas mãos de seus discipulos: *pertransiit benefaciendo.* Se a natureza d'alguns de seus estabelecimentos não carece senão da presença de duas ou mesmo d'uma só pessoa, por exemplo nas escolas primarias de meninas, ha outras que contem grande numero de ecclesiasticos ou religiosas occupando na salvação das almas, na preparação dos noviços, etc de 50 a 150 por casa, sem contar os ecclesiasticos ou as religiosas que, em numero de perto de 20 (termo medio), em cada uma das casas se consagram aos cuidados dos enfermos, á visita dos doentes, etc. etc.

As religiosas da Sacra-Familia e da Providencia occupam-se da educação das meninas pobres, e alem das casas d'externas que teem em mui grande quantidade, possuem tambem certo numero de casas d'internas. As religiosas da Immaculada Conceição e da Santa Infancia teem asylos; as freiras da Esperança tratam dos doentes nos seus domicilios; as Irmans da Charidade de S. Vicente de Paulo (que tem 19 estaçoens na *Somme*), as Hospitaleiras e as freiras augustinianas dirigem hospitaes e hospicios, e soccorrem os pobres em seus domicilios. As freiras do Sagrado Coração de Maria teem celas-de-lavor para meninas pobres; e as do Bom-Pastor refugios d'arrependidas, e tambem celas-de-lavor. As fieis companheiras de Jesus dirigem os asylos dos orfãos, e tracta-se de fundar em Amiens um estabelecimento d'Irmansinhas dos Pobres, que tratam dos velhos. As religiosas do Sagrado Coração de Louvencourt e as Ursulinas dirigem ao mesmo tempo escolas gratuitas de pobres e casas d'internas para donzellas da classe burgueza e das altas classes. As religiosas de Louvencourt tem alem destas escolas um numerosissimo asylo d'orfans. Emfim, as freiras da Visitação occupam-se da educação das donzellas, ao passo que as Carmelitas e Claras levantam de dia e de noite as mãos supplicantes ao ceu, para pedirem a Deus que derrame sua graça sobre as irmans das diversas congregaçoens occupadas na vida activa.

Oh! se se podesse ver todo o bem que mais de 200 estabelecimentos, contendo talvez mais de 1.500 religiosos ou religiosas, fazem ao departamento, quantas vendas cahiriam dos olhos das pessoas que teem preocupaçoens contra a religião! Estam habituados em certos logares a ver religiosas, e esquecem quanto custa a formação de cada uma dellas e que a força divina do catholicismo póde só produzi-las verdadeiras. Ha 5 annos que o imperador Nicolau, desejando honrar a memoria de sua fallecida filha, e chamando em seu auxilio tudo quanto a auctoridade, o dinheiro e a boa fé de seus subditos podiam subministrar-lhe, quiz estabelecer uma especie de congregação do Bom Pastor em S. Petersburgo. Depois de longos esforços, apenas conseguiu formar um pequeno instituto, tendo á sua frente uma dama ingleza da seita dos quakers. O que não teria elle realisado em materia d'obras de caridade se fosse catholico, e se reinasse sobre catholicos! Porque, na realidade, a menor das numerosas casas do Bom Pastor, em França, vale mais do que o estabelecimento analogo do Czar. Bem se vê que as obras christans não podem brotar no scisma senão como plantas exoticas em uma estufa, aonde nem sempre amadurecem, ao passo que no catholicismo brotam como em ar livre e produzem fructos centuplicados.

Passando agora aos estabelecimentos religiosos dos homens na diocese d'Amiens, diremos que os frades das Escolas christans e da Doctrina christan teem uma dezena d'escolas primarias e verdadeiramente catholicas. Outras congregaçoens analogas dirigem escolas, e casas d'internos em S. Fusiano e em Menil. Em S. Firmino ha uma instituição agricola dirigida pelo pio e sabio M. Bazin. Poderá fazer-se justa idêa se se attender que a sua cultura é tão consideravel que se faz necessario haver ali perto de 200 bois. Os Lazaristas, além do grande seminario, que conta perto de 120 alumnos teem um grande collegio secundario em Montdidier, com filosofia, rhetorica, e 8 classes inferiores. Padres seculares dirigem o collegio ou pequeno seminario de S. Riquier, com 320 alumnos e todas as classes d'instrucção secundaria. O abbade Favel tem um collegio d'internos secundarios em Amiens, e um de seus professores, M. Patry, aproveitando-se da liberdade, ainda restricta, que nos foi concedida, foi fundar um estabelecimento analogo em Abbeville. Outro collegio fundado depois da lei de 15 de Março em Amiens é o da Providencia, contando já mais de 220 alumnos e dirigido pelos RR. PP. Jesuitas, com um pessoal de 20 padres. O superior deste collegio é o ultimo prefeito do collegio de St. Acheul, que contava 900 alumnos no momento em que as ordenanças de 1828 o supprimiram. Aquelles alumnos, tornados hoje paes de familia, foram os primeiros que, se aproveitaram da liberdade para entregarem a seus antigos mestres o cuidado de seus filhos. Segundados pelo bispo d'Amiens, convidaram os Jesuitas a fundar um collegio que, depois d'um anno d'existencia, conta já não menos internos e externos que o lyceu, sustentado pelo orçamento e possuindo edificios de que uma ordem religiosa fôra despojada pela revolução. A casa, comprada pelos paes de familia para o collegio catholico, pertenceu primeiro ás religiosas da Providencia: dahi o nome que se lhe deu. Os meninos vindos ao collegio da Providencia dos differentes estabelecimentos universitarios ou do seio de suas familias, se devemos acreditar os juizes mais competentes, estam hoje cheios do mesmo espirito que é o de Jesus-Christo. Bastou um anno para esta grande mudança, e operou-se sem que houvesse necessidade de recorrer a nenhuma medida de rigor. O retiro dado a estes meninos por um sacerdote de Paris subministrou, segundo dizem, provas indubitaveis do bom espirito do collegio livre d'Amiens. De resto, o proprio lyceu, graças ao zelo do seu capellão, tem tirado proveito da emulação e da piedade do collegio da Providencia. Entre os professores deste ultimo collegio notam-se antigos professores de filosofia, doctores da universidade, antigos alumnos da escola politechnica, todos aperfeiçoados pela dedicação e experiencia da vocação religiosa, que abraçaram a preço de numerosos sacrificios. Aquelles professores que teem algum tempo livre consagram-no ás obras de zelo e caridade, e estimulam desto modo, pela força do exemplo, os alumnos do collegio a entregarem-se a obras analogas, quanto é possivel na esfera de seus deveres. Entre estas obras, cumpre que se note a dos soldados, que recebem dos sabios religiosos não só a instrucção do cathecismo, senão ainda a da escripta, da leitura e calculo para os preservar da ociosidade, mãe de todos os vicios, e para lhes segurar ao mesmo tempo os meios de melhorarem a sua existencia ao sahir do regimento. O ensino do collegio livre dura 8 annos e é destribuido do modo seguinte. o curso de letras dura 6 annos e comprehende a grammatica, poesia e eloquencia. Ao estudo de letras, objecto principal deste curso, ajunta-se o da historia, geografia, arithmetica, e elementos d'algebra e geometria. O curso de sciencias é de 2 annos. Comprehende a filosofia, mathematicas, fisica, chimica, historia natural, e conferencias sobre a religião, historia e litteratura.

Os jesuitas teem outra casa ao lado d'Amiens, em St. Acheul. Esta envia apostolos missionarios á China, Indias, Canadá, bem como ás aldêas d'Artois e Picardia. Dizem-nos que o movimento religioso é tão grande, que mais 20 missionarios não bastariam para satisfazer a todos os pedidos das terras circumvisinhas. E com tudo a diocese ainda tem os sacerdotes do Gard, que, ao passo que se preparam para o instituto dos negros, ajudam a vivificar a fé nos orredores, e provavelmente teremos breve os Minimos do R. P. Arezzo, que querem estabelecer em Amiens o seu noviciado. Nos confessionarios de St. Acheul vê-se com frequencia pessoas de todas as classes da sociedade que vem procurar a consolação de suas almas de 3 e 5 leguas em redor. Os administradores d'algumas povoaçoens circumvisinhas, deputados pelos seus parrochos ou pelos seus administrados, na ausencia dos parrochos, vieram em pessoa, no tempo da quaresma, buscar pregadores a St. Acheul para as suas parrochias. As conversaçoens que havemos tido com os magistrados e outras pessoas influentes d'Amiens convenceram-nos plenamente da verdade destes factos, prova irrecusavel da conservação da fé neste departamento, onde não ressuscita como depois de morta, mas em todas as classes da sociedade, acorda como

depois d'um somno. Refere-se uma immensidade d'anecdotas interessantissimas e mui consoladoras que confirmam esta asserção. Basta citar a resposta attribuida ao prefeito d'Amiens, que, por occasião do baile de terça d'entrudo que havia dado na segunda, dizia: « Não o dei na terça, por que as danças prolongam-se pela noite de quarta feira de Cinza, que a Egreja considera como dia de penitencia. » Tambem não fallamos dos institutos de Charidade e zelo estabelecidos no departamento, como o instituto da Santa Infancia, o instituto da Charidade maternal para os meninos pobres no berço, etc. Voltemos a St. Acheul, e notemos que ahi se encontra na sua bibliotheca, como uma filial da bibliotheca da cidade, outr'ora tambem propriedade dos Jesuitas, como testemunha a divisa da Companhia de Jesus que se encontra na maior parte dos seus livros. Foi em St. Acheul que encontramos o pio e sabio abbade Gerbet, haurindo nas actas dos Santos e em outras obras theologicas e asceticas os pensamentos que exprime com tanta elegancia, doçura e unção. Desde paschoa, que se pensa em fundar ao lado de St. Acheul uma reunião d'artistas para os domingos; ahi encontrarão os meios de se instruirem, d'economizarem as suas ferias, de sanctificarem o dia do Senhor, e, tornando-se o mais instruidos nas artes, de se fazerem christãos na pratica, cidadãos uteis e paes de familia felizes. De resto, alguns dos artistas que favorecem este projecto das reunioens do domingo gozam do respeito universal, e um delles prehencheu por muitos annos as funcçoens de administrador do concelho.

Permitta-se-nos dizer aqui duas palavras d'um agronomo mui distincto, M. *Wasse*, tão conhecido na *Somme* pela charrua que inventou, a qual tem obtido varias medalhas e se espalha hoje por toda a parte, tendo esta charrua, por opinião dos homens competentes, muitas vantagens sobre a charrua do Brabante, considerada até hoje como a melhor. O que traz o nome de M. *Wasse* aos bicos da nossa penna, é com especialidade a sua piedade tão illustrada como pratica, que o torna o modelo dos lavradores catholicos, e que o levou a renunciar á sua patente d'invenção, a fim de facilitar o bem que de dez annos a esta parte a sua charrua, propagada aos milhares, fez aos lavradores da Picardia. Temos estes factos, que nos repetiram muitos ecclesiasticos, de M. Laurent, vice-presidente do comicio agricola, e de M. Thuillier, professor d'agricultura do estabelecimento central d'Amiens

Concluiremos dizendo que conhecem bem mal os picardos se os julgam impios; porque, com quanto a diocese d'Amiens não possua tantos estabelecimentos religiosos como a de Cambrai, Ruão, e Arras é mais christan do que os departamentos do Aisne e d'Oise, que, tambem, estam longe de serem incredulos, como se imagina no exterior ou mesmo em Paris. Sem fallar dos homens instruidos que seguiam em massa os eloquentes discursos de Monsenhor de Salinis na cathedral, quasi que senão encontra nunca falta de fé nas pessoas do campo. O que os contem affastados dos exercicios praticos, é um certo respeito humano que na actualidade cahe por toda a parte, ainda mesmo no lyceu d'Amiens, e certa costumaria que os leva a fazer como fizeram seus paes, formados na epoca mais desgraçada. Este amor da costumaria é a unica explicação possivel d'uma contradição assaz frequente no proceder de certas partes da população, em que se encontra tão grande zelo em celebrar certas festas de padroeiros ao passo que mostram tanta incuria em hirem á missa nos domingos. Não se deve concluir que esta negligencia seja geral, como erradamente se imagina quando se julga os campos da Picardia por algumas cidades. No bispado d'Amiens, asseguraram-nos que muitas parrochias da diocese sam de tal modo exemplares, debaixo da relação da piedade, que senão encontra nellas um só homem que deixe de commungar pela pascoa. Se as classes instruidas, e sobre tudo os funccionarios publicos e burguezia em geral, renunciam ao espirito do deismo universitario e começam a praticar a religião com constancia, os camponezes e os artistas nada mais desejarão do que imita-los; porque o povo da *Somme*, é realmente muito apegado a religião, mas carece de ser animado, acordado, instruido e apoiado.

P. M. Etienne.

JERUSALEM.

I.

Que é de Jerusalem — a grande, a forte,
Das gentes a senhora?!
Que é da rainha do orbe, tão altiva,
Nobre dominadora?!

Em vão a procuraes, que do Eterno
A derrubou a mão;
Ergueu o anjo a mó... ouviu-se um brado...
Morreu uma nação!

Das folgas, dos banquetes, das orgias,
Cessou já o estrondar;
Não se escutam as harpas e os psalterios,
Nem os sons de bailar!

Cahiram as muralhas — o repairo —
Do homem vicioso;
Lá desabam os paços da luxuria
Com baque estrepitoso!

Lá foge espavorido as mãos alçando
O velho de Sião....
Mas que vale o fugir se estampa leva
Que diz « reprovação »!?....
....

II.

Lá do cimo do Golgotha se ouvira
Um brado de tremer;
Responderam-lhe os pios da coruja, —
D'uma mãe o gemer!

Turbaram-se nos altos as estrellas,
As trevas condensaram,
Estremeceu a terra — abriu-se o templo —
As campas descerraram!

C'rôa de espinhos cinge a fronte augusta
Ao homem do soffrer;
Até aos pés da cruz goteja o sangue
Para a terra o beber!

As carnes denegridas são pendentes
Sobre o lenho da dôr!....
— Soffre o filho do Eterno atroz supplicio
Dos homens pelo amor!....

A turba ri de escarneo, cospe affrontas
Sobre o martyr da Cruz!...
— E unida ao lenho partilhando insultos
'Stava a mãe de Jesus!...

Só tu, Jerusalem, foste a culpada....
Aguarda a punição!....
Deus não te escuta lagrimas, nem rogos....
P'ra ti não ha perdão!....

A tua hora é chegada! — Em breve um campo
Serás de lucto e dó!....
Ermas as ruas, solitario o templo....
Tudo arruinado e só!....

Se em ti o caminhante fatigado
Quizer vir repoisar,
Só ha-de no logar onde exististe
Ruinas encontrar.

E entre ellas lerá: = Aqui outr'ora
Soberba uma nação
Se erguia de seus crimes.... mas do Eterno
A derrubou a mão!!

III.

Sómente ruinas encontro desertas....
Procuro um asylo, não acho ninguem!....
— Ai! como encontra-lo?.... Ninguem hoje existe
Aonde n'outr'ora foi Jerusalem!!

A. P. Soromenho.

ANNO CHRISTÃO.

MAIO.

30 *Domingo de Pentecostes.* A descida do Espirito Santo sobr os apostolos coincidiu com a festividade dos judeus assim chamada, isto é, a festa do quinquagesimo dia depois de Paschoa. Estavam por esta causa em Jerusalem innumeraveis judeus estabelecidos em differentes provincias do imperio romano, e só á voz de Pedro se converteram tres mil, não podendo resistir á unção e sabedoria com que lhes fallava, expressando-se em todas as linguas, e sendo até alli conhecido por um rustico, idiota e velho pescador.

Item. S. Fernando III, rei de Castella e Leão, floresceu em todas as virtudes christans, e especialmente no zelo pela dilatação da fé. Tomou aos mouros a cidade de Cordova, a de Sevilha, e quasi toda a Betica ficou expurgada destes dominadores infieis. Fazendo em todo o tempo penitencias, era ao tentar alguma acção sobre os inimigos da cruz que elle as redobrava, procurando ganhar forças com os jejuns, e tornar-se invulneravel com os cilicios. Reinando na terra segundo o espirito do Evangelho, foi cingir no céu a corôa immarcessivel.

31. *Segunda feira.* S. Petronilla, filha do Apostolo S. Pedro, sendo pretendida em casamento por Flacco, homem nobre, que lhe concedeu o praso de tres dias para se deliberar, foi no ultimo destes tres dias, que ella passou em jejuns e oraçoens, desposar-se com Christo no céu, morrendo logo que acabara de o receber sacramentado.

JUNHO.

1. *Terça feira.* S. Firmo, Egipcio, não podendo por tormento algum ser levado a renegar da fé christan que abraçára, foi decapitado no tempo da perseguição de Maximiano pelo anno 306.

2. *Quarta feira.* S. Marcellino, presbytero, incorreu nas iras do juiz Sereno por causa de baptisar toda a familia do carcereiro Artemio, que havia sido convertida por S. Pedro Exorcista, que estava preso debaixo de sua guarda. Na primeira entrevista do nosso santo com o juiz, que ousou propôr-lhe a abjuração do christianismo, teve logar a mais impavida e firme profissão de fé; e por isso, aferrolhado em um carcere todo irriçado de pontas ou fragmentos de vidro, foi por ultimo degolado juntamente com o sobredito S. Pedro, pelo anno 302.

3. *Quinta feira.* St.ª Paula, V. M. andando no piedoso trabalho de apanhar o sangue de uns poucos de martyres que em Constantinopla acabavam de ser decapitados, e um (o bemaventurado S. Lucilliano) crucificado, fez o bastante para que o presidente Silvano a mandasse tambem degolar.

4. *Sexta feira.* S. Quirino, bispo de Scissa na Hungria, hia fugindo para um deserto, por evadir-se á perseguição de Maximiano, e por cumprir o conselho de Jesus Christo, que dissera a seus discipulos: « Se vos perseguirem em uma cidade, fugi para outra. » Preso por uns soldados, e trazido á presença do presidente Maximo, foi mandado flagellar, e depois encarcerado. Passados dias ainda o presidente ensaiou tenta-lo com a alternativa de promessas e ameaças; porém nada foi capaz de abalar sua constancia, e por isso foi mandado lançar a um rio com uma pedra ao pescoço, e assim chegou ao porto da salvação eterna.

5. *Sabbado.* S. Marciano foi um dos muitos santos martyres que no Egypto regaram com seu sangue as sementes evangelicas durante a perseguição de Galerio Maximiano, pelo anno 306.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

UMA ROMARIA A' SENHORA DA GRAÇA DO MONTE FARINHO.

No concelho de Mondim de Basto, limites da freguezia de Villar de Ferreiros, é situado este outeiro, notavel pela sua fórma, elevação, e sobretudo pelo seu remate.

E' uma perfeita pyramide, e só para o nordeste se lhe segue uma cordilheira de outros pequenos outeiros, que acabam junto de Limoens.

E' tão elevado, que pouco inferior fica ao visinho Marão; e ainda uma illusão derivada de sua fórma o faz parecer mais alto, do que o mesmo Marão. Já se vê quão extenso e pittoresco ha-de ser seu horisonte: tem-se algumas vezes, em dias claros, descoberto até o mar pela cortadura da estrada velha de Vallongo; em todas as outras direcçoens é á proporção extenso; e os montes dos dois concelhos de Basto e Cabeceiras parecem que se applanam para formarem uma mesma planicie.

No cimo deste outeiro ha uma pequena egreja, cujo corpo principal é rotundo, com uma capella mór, e por detraz della uma sachristia; tem á entrada uma arcaria sobre a qual se eleva um campanario e coro, tudo de bem lavrada cantaria, e coberto de uma abobada da mesma, que, embetumada, é sua unica cobertura. Na tribuna da capella mór está a linda Imagem da Senhora da Graça, a quem é dedicada, e com quem todos os povos de muitas leguas em redor teem especial devoção.

Haviam varias familias, ligadas com a mais estreita amisade, combinado fazer-lhe uma romaria no dia 24 do corrente Maio: appareceu a manhan com todos os signaes de tempo vario, e naquelle alto uma trovoada é cousa horrenda; porém ninguem hesitou, e posemos-nos a caminho com tal felicidade, que nem tivemos sol que nos fizesse mais custoso o ascenso da espiral que de Mondim lá conduz, nem tambem choveu senão quando lá chegamos e nos recolhemos á Egreja para cantar uma missa. Finda ella, e feitas outras devoçoens, o dia tornou-se sereno e enxuto de modo que nos deixou gosar todas as bellesas d'aquelle sitio, que eram dignas de serem descriptas por um poeta; porém não o sou, e por isso contentando-me de dar em tosca prosa essas poucas ideias topograficas, peço a publicação de uns versos que o fervor pela Senhora da Graça e Senhor dos Afflictos, que tem alli tambem uma tocante imagem, me inspirou de improviso, e que foram depois cantados com edificante devoção e melodia.

A' Senhora da Graça.

Qual será o cego errado
Que hoje um protesto não faça
D'entregar-se sem reserva
A' Mãe Senhora da Graça?

Ella bebeu no Calvario
As feses d'amarga taça,
Em que foi elaborado
O remedio á nossa raça.

Entre o filho medianeira,
Ella o peccador congraça,
Quando penitente a busca,
E na dôr á Cruz se abraça.

Ah! desta excelsa collina
Parece ao céu se esvoaça!
Todos lá nos juntaremos,
Se fôrmos fieis á graça.

Ao Senhor dos Afflictos.

Senhor dos Afflictos,
Que esp'rança inspiraes
A nós peccadores,
Aos miseros mortaes!

Com os pés pregados
A todos mostraes,
Que não se arreceiem
Que vós lhe fujaes.

C'os braços abertos,
Vós nos abraçaes:
Com as mãos pregadas,
Não nos castigaes.

No lado rasgado
A estrada apontaes
Do coração, onde
Vós nos recebaes.

A vossa cabeça
Ao peito inclinaes,
Assim com acenos
A vós nos chamaes.

Olhos scintillantes
Vós os enturvaes,
Como que o peccado
Já vêr não queiraes.

Ouvidos abertos,
Nos patenteaes,
Que surdo não sois
Aos nossos ais.

J. A. V. S.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — No dia 4 de Maio celebrou-se na egreja de S. Roque de Roma a ceremonia d'abjuração e entrada no seio de nossa santa Madre Egreja, de 4 meninas inglezas pertencentes a uma familia distincta, que ha tempos vive em Roma. Ainda que o pae é por ora protestante, não se oppoz á resolução de suas filhas.

França. — Entre os neofitos que no dia 9 foram confirmados em Paris na capella de Nossa Senhora de Sião notou-se a israelita Siona Levy actriz distincta do theatro francez. Um seu irmão artista distincto, lendo a Biblia pela primeira vez foi tocado da graça, e tornou-se o apostolo da sua familia, provando com o sagrado livro na mão que no christianismo se achavam realisadas todas as profecias do Testamento Velho. Recebeu o baptismo em Nossa Senhora de Sião, aonde se havia instruido antecipadamente nos dogmas da nossa religião, e pouco depois entrou em um collegio para se habilitar para o sacerdocio. Sua irman foi ter com o sacerdote director do joven christão para lhe pedir que a ajudasse a dissuadi-lo da sua ultima resolução, e illuminada por aquella luz que tocára seu irmão reconheceu em Jesu-Christo o promettido Messias. Foi regenerada nas santas aguas do baptismo pelo celebre P. Ratisbona, da sociedade de Jesus que tão milagrosamente largou o judaismo para se tornar um vigoroso athleta da religião do Crucificado, nessa invencivel milicia, que faz enfiar de terror os campanudos racionalistas, e toda a caterva de sanhudos sectarios que só na perseguição encontram armas para a combater. Assegura-se que a joven christan logo que conclua as suas escripturas theatraes vae entrar em um convento de freiras.

Hispanha. — Na manhan de 21 de Maio celebrou-se no collegio da Escóla Pia de S. Antão abbade, de Madrid, uma das mais ternas ceremonias da religião catholica. Era a 1.ª communhão de 150 meninos, pela maior parte pobres, que frequentam aquellas beneficas escólas. Tudo era alegria e candura naquelles innocentes coraçoens. Os seus trages, o apparato do templo, as flores, a musica tudo encantava. Felizes se nos annos adultos se lembrarem das agradaveis impressoens daquelle dia. Os PP. Esculapios desenvolveram grande apparato nas ceremonias, e brindaram os seus discipulos com os vestidos que trajaram, com as velas, diplomas e estampas que se lhes dam em memoria de tão memoravel começo da vida espiritual. Houve missa e uma excellente pratica, sahindo todos os meninos com seus mestres, clero e grande acompanhamento de povo pelas ruas adjacentes, adornando-se as janellas com vistosos damascos para honrar tão magnifico acto. Os nossos visinhos já teem a fortuna de possuirem aulas gratuitas para os pobres, e dirigidas por frades respeitaveis votados a criar para a sociedade e para Deus aquelles mesmos rapazes, que entre nós se criam viciosa e estupidamente, e que o nosso *moralissimo* governo manda de tempos a tempos recolher nas cadêas para acabarem de se perder.

Inglaterra. — *Conversoens.* — Entraram no seio da Egreja catholica, em Boulogne-sur-Mer, duas senhoras do nome Young, e tambem Mrs. Langdon, esposa do cavalheiro Henrique Langdon. A Bruges tambem se dirigiu uma senhora com o fim d'entrar na communhão romana.

Irlanda. — S. Santidade em um breve apostolico, enviado ao arcebispo primaz Cullen, confirma do modo mais solemne os decretos do synodo nacional de Thurles e prescreve a sua stricta observancia. O breve dá tambem a sancção apostolica ao estabelecimento da universidade catholica.

Asia. — India. — O catholicismo vae progredindo no Oriente. Em Bombaim fundou-se um novo estabelecimento para jovens do sexo feminino debaixo da direcção das religiosas de Jesus do convento de Santa Maria. Havia subscripçoens para se fundar alli tambem um asylo para orfãos de soldados catholicos. Estava-se erigindo uma nova capella em Sholapore; e subscreveu o regimento 64 com uma grande quantia para reparar a egreja de S. Patricio em Kurrachee.

ADVERTENCIA.

Aquelles senhores, cujas assignaturas, acabam com o 1.º semestre, ou 2.º trimestre, no fim do corrente Junho, queiram ter a bondade de as renovar com tempo para não soffrerem interrupção na remessa do Periodico. Os que não tenham satisfeito ainda as condiçoens do prospecto, de *pagarem adiantado*, tenham a bondade de o fazer, porque não se póde prescindir dessa justa exigencia, *de que depende a conservação deste periodico*, attendendo a que os seus redactores nem podem nem devem adiantar mais do que os seus trabalhos intellectuaes.

Em todos os paizes, exceptuando sómente Portugal, costumam pagar-se as assignaturas adiantadas, e suspender-se no ultimo dia em que termina a assignatura se não sam renovadas a tempo.

JUNHO 12. 1852. — N.º 24.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

JEZUITAS.

VIII.

CONSTITUIÇÃO DA ORDEM.

O plano e fim das constituiçoens é bem simples... E' a santificação do mundo pela propria santificação do religioso.
C. Joly. *Historia da Companhia. T. 1. Cap. 2. pag. 58.*

Ignacio de Loyola é o auctor das « Constituiçoens e Declaraçoens » da Companhia de Jesus. O seu plano, esboçado em duas linhas, é o contheudo da epygrafe do presente artigo.

Parecêra uma temeridade no energico fundador da Companhia lançar os olhos para um claro céu de virtudes religiosas, quando a tempestade açoitava rijamente a cruz do Vaticano. Nenhumas ordens monasticas ousavam mirar tão amplos horisontes! Loyola hia cravar o seu estandarte sobre o reducto mais atacado pelos inimigos de Roma. Hia collocar-se ao lado do Pontifice, cujas armas da fé, poderiam triunfar, sem o soccorro dos novos soldados de Christo, se houvesse astucia e reserva no emprega-las. Mas nós dissemos já o que era a Curia de Paulo III, e que espiritos influiam na crise daquelles dias, em que o destino religioso dos povos balanceava indeciso entre Roma, catholica sem a energia das convicçoens, e a Allemanha heretica com todo o fogo de uma novidade enthusiasta.

Com a intenção de formar coraçoens, semelhantes áquelles que o acompanhavam no instituto da Companhia, Ignacio lançou mão dos elementos d'ensino. Considerando no homem duas existencias, elle, que tão profundo estudo fizera em si, encarregou-se de formar o discipulo, ou regenerar o indifferente, na sua existencia interior, por meio da oração mental, exames de consciencia, leituras piedosas, retiros espirituaes, e frequencias de sacramentos. O homem exterior, affeiçoou-o pelas sciencias, e predispô-lo a peregrinar com coragem no terreno da virtude, sem que o aborrecimento lhe fatigasse a vontade, que é, na maioria dos convertidos, o arrefecimento das suas vocaçoens. Ai daquelles peregrinos, que desanimados, se sentam á borda do caminho a pensar no que perderam no mundo, porque a noite da desconsolação ha-de ahi surprehende-los.....

Não quiz o fundador da companhia um trajo particular para ella. Sotana negra, o manto antigamente usado, chapéu d'abas largas, hoje ainda conservado por S. Santidade e Sacro-Collegio: — sem notavel dessimilhança era este o trajar do clero secular. (*)

Findo o trabalho das constituiçoens, estabeleceu Ignacio de Loyola os promenores condicionaes, que habilitavam o adepto na sociedade.

Quem n'outra ordem vestisse habito religioso, não podia troca-lo pelo da companhia. Entrar em noviciado, é renunciar á vontade propria, á familia, e a todos os vinculos da terra.

Os noviços eram tres classes: os « destinados ao sacerdocio » os destinados a empregos temporaes, e « os indifferentes » isto é os que se entregam sem destino á vontade dos superiores.

Os « irmãos temporaes formados » postos ao serviço da communidade, dez annos experimentados, e, com trinta d'idade, são admittidos a votos publicos.

« Escolasticos approvados » são os que, findo o seu noviciado, e feitos os votos simples de religião, continuam em experiencias, até á epoca de seus votos solemnes.

« Coadjutores espirituaes formados » são os que, sem o talento e necessaria sciencia, presidem ao governo dos collegios e residencias, á predica, ao ensino, ás missoens, e á administração. Sem 30 annos d'idade, e 10 de religião não podem ser promovidos.

O « professo de tres votos » tem o mesmo emprego dos « coadjutores espirituaes » em quanto não tem as qualidades exigidas para os quatro votos.

Os « professos dos quatro votos » são os que constituem a Companhia em toda a accepção da palavra.

A observancia das regras é egual para todos. O ultimo noviço e o Geral trajam, habitam, e comem sem distincção. Exceptua-se o barrete dos coadjutores que é quadrado.

Os escolares promettem viver, e morrer observando os votos de pobresa, de castidade, e d'obediencia. O Geral ou a Congregação póde dispensar este triple voto em casos judiciosamente permittidos.

Todos os paizes catholicos, afóra a França, acceitaram a livre posse dos bens, no acto da entrada, como medida approvada pela S. Sé, e Concilio de Trento; todavia, a

(*) A casa, o sustento, e tudo que diz respeito aos usos da vida commum, estava em harmonia com este molde. As macerações da carne, sobre que algumas ordens antigas fundaram o seu Instituto, a solidão, o silencio, e os officios em coro, noite e dia, não entraram no seu plano.

O seu fim era dar á Egreja uma milicia sempre activa, prestes sempre a empenhar-se no mais forte do perigo, e não um corpo ascetico, enervado por insomnias e abstinencias. Fez ao mesmo tempo Ordem mendicante, e Ordem de clero regular, porque o fim destas ordens, como a dos padres ordinarios, é trabalhar para a salvação do proximo pelo exercicio do santo ministerio No amago de todas estas leis, encontra-se o vislumbre dos costumes hispanhoes. Mais de um artigo das Constituiçoens parece modelado pelos *Fueros de Biscaya*. Mais de uma disposição recorda, mais ou menos, essas especies de cartas provinciaes, de que tão orgulhosos os hispanhoes se ufanavam. O que distinctamente se sente, é que Ignacio tinha um profundo conhecimento do caracter alheio. A cada instrucção revela-se o homem politico, e sem deixar possuir-se de ideias que podiam agradar a seus sentimentos religiosos, traça com mão segura as differentes regras, que a Companhia deve seguir em tudo que toca ao respeito material e individual de seus membros. » Historia da Companhia de Jesus.

sociedade não regeita as dadivas de seus membros, espontaneamente feitas.

O tempo de experiencias é de 15 a 18 annos. Só aos 30 são permittidos os votos finaes.

(Prosegue este Cap.)

Camillo Castello-Branco.

(COMMUNICADO.)

JESUS CHRISTO E O NUMERO TRES.

A VIDA de Jesus Christo, tão mysteriosa como a essencia divina de que emanara, acha-se prodigiosamente ligada ao numero 3, symbolo talvez da divindade. Folheando os sagrados livros, não nos póde escapar esta circunstancia que muitas vezes nos fez reflectir; colligimos até mesmo algumas notas sobre isto, e hoje as publicamos, deixando a apreciação desses fenomenos ao livre arbitrio do leitor.

Jesus Christo nascido, foi saudado por 3 magos ou sabios do Oriente (Balthazar, Gaspar e Belchior), e por 3 pastores (José, Jacob e Isaac); de 30 annos começou a sua divina missão (numero divisivel por 3). Chamou para o apostolado 12 homens (numero divisivel por 3); teve 3 apostolos predilectos entre todos (S. João, S. Thiago, e S. Pedro); 3 virtudes principaes recommendou como a base da religião, (Fé, Esperança e Caridade); 3 milagres assombrosos de ressurreiçoens praticou; 3 apostolos presenciáram a sua Transfiguração no Thabor (S. Pedro, S. João e S. Thiago), e 3 pessoas viram elles revestidas do explendor celeste (Jesus Christo, Moysés e Elias). Aos 33 annos terminou com a sua Sacratissima Paixão, a grande obra da Redempção; a 3 juizes foi levado (Annás, Caiphás e Pilatos); 3 vezes foi negado por S. Pedro; á hora 3.ª (9 horas) foi pregado na cruz, e com 3 cravos; 3 cruzes se acharam então no Golgota (a sua, a de Dismas e a de Gestas); 3 vezes fallou na cruz; ás 3 horas da tarde expirou, a 25 de Março, 3.º mez do anno; ou a 3 de Abril como alguns dizem. A sua missão durou 3 annos; 3 dias depois de sua morte ressuscitou; 3 appariçoens fez depois de resurgir; e 3 mulheres santas o prantearam e seguiram ao supplicio. Em fim, 72 discipulos teve, (numero divisivel por 3); e 30 moedas recebeu o traidor Judas (numero divisivel por 3, e representado por 3).

* * *

SCIENCIAS RELIGIOSAS.

ENSAIO

SOBRE

A HISTORIA DO CHRISTIANISMO.

§. IV.

O Christianismo, unidade moral.

JESUS Christo disse — Dai a Cesar o que pertence a Cesar — O que com ferro mata, com ferro morrerá. — Todavia não deu ao mundo uma paz eterna; porque não prescreveu a guerra: a guerra juntou os povos, e subministrou as ideias; a guerra conduziu aos pés da Cruz essas povoaçoens virgens, que se achavam retiradas para além do Rhim e do Danubio, que deviam infiltrar nas veias exhaustas do colosso romano, um sangue mais vigoroso e puro. Aos verdadeiros filhos do Christianismo só a guerra os podia arrancar da sua barbaria, para educar na moralidade christan. Christo subindo ao céu, legou ao mundo a paz moral, que é a unidade das crenças, é a religião catholica, segundo o sentido etymologico da palavra. Hide — disse Jesus Christo aos apostolos, — baptisai as naçoens em meu nome, e os fieis discipulos cumpriram a palavra de seu Divino Mestre. Todos esses Olympos, ou céus, que a imaginação tinha creado foram derrocados em seus alicerces; e do Egypto á ilha de Mona, os falsos deuses tremeram em seus proprios altares. A confusão era grande entre essas divindades, que até eram contrarias entre si. Roma julgou, que tudo devia ceder á sua forte vontade, estabeleceu por isso a paz e unidade religiosa, como tinha estabelecido a paz e unidade politica. Esta, porém, já não era a sua missão; a Providencia tinha-lhe promettido vencer toda a resistencia armada, o que se manifesta atravez de quatrocentas ou quinhentas leguas de vias indestructiveis, que se encontram nos paizes, que suas tropas atravessaram. Roma devia uniformisar o mundo. Mas submetter este mundo vencido a um e o mesmo culto era coisa muito difficil, emprehendeu-o, porém succumbiu em tão ardua empresa.

Primeiramente julgou pode-lo conseguir mostrando uma inteira tolerancia, levantou um Pantheon, para servir de asylo a todos os deuses, a quem dava o direito de burguezia. A sua tolerancia chegou a ponto tal, que para mais agradar aos vencidos, despresou e abandonou as suas antigas divindades, muito rudes e grosseiras, para não serem eclipsadas pelos deuses brilhantes da Grecia. E' por isso que deixou desthronar o seu velho Saturno, o grande Deus do Lacio, pelo grego Zeno (nome, que os gregos davam a Jupiter). Fez de Marte, esse Deus sanguinolento dos Sabinos, amante da voluptuosa Venus; adora Apollo, e sua irman Diana. Quando Cesar assolou a Gaula, por uma guerra de dez annos, em que morreram mais de um milhão de homens, este infeliz paiz, perdeu, com a sua independencia, a sua liberdade. As legioens romanas correram este territorio em todas as direcçoens, e por isso penetraram por essas sombrias e mysteriosas florestas, em que os Druidas faziam os seus sacrificios, tomaram Carnutum, o centro da religião druida, e aprenderam os nomes de todas as divindades do paiz. Os chefes das legioens para terem mais sugeita esta bellicosa população, lhe confiscaram seus deuses, e conjuntamente a sua liberdade.

Heso (divindade dos Gallos, crê-se, que era Marte) e Nehallemnia (deusa que os povos septentrionaes da Europa invocavam para conseguirem uma navegação feliz) entram em Roma; O terrivel Kirh, Deus dos ventos e tempestades, toma os costumes romanos, e Augusto lhe levanta altares: tudo se confunde, os Gaulleses sacrificam nos templos erigidos pelos vencedores; a Marte — Cannel, a Dianna — Ardinna, a Belus-Apollo. Roma queria ser o centro de todas as religioens, o santuario de todas as divindades. Sua tolerancia desmente-se a respeito dos deuses do Oriente. Teme, por instincto esses cultos, que ella não comprehendia, sentia que delles nasceria uma luz perante a qual desappareceriam todas essas vãs crenças do erro. Persegue aquelles, que primeiro transportaram taes cultos para Italia.

Já, duzentos annos antes da terminação da republica, Catão, o censor, queria fechar Roma, ás religioens orientaes, que considerava assaz dilatadas, para poderem ser encerradas no limitado capitolio do monte Tarpico. Os primeiros imperadores seguiram esta politica: os sacerdotes d'Isis, e os de Serapis, os judeus e os christãos foram perseguidos. Para que o homem se convencesse de sua propria impotencia, quando só confia na sua força, é que a Providencia Divina, tinha ordenado, que Roma usasse e tivesse todas as fórmas religiosas inventadas pelo paganismo do Oriente, e do Occidente, antes que ouvisse a palavra santa. Roma, no seu cosmopolitismo religioso, tinha, pela força de seu braço, attrahido a si todas as religioens do Occidente; tinha absorvido, desfigurado, e batido de morte, bem como esses immensos reptis, que tomam tudo, o que está ao seu alcance, e o envolvem com suas dobras, o quebram, esmagam, e o deixam depois cahir sem vida, sem forma, sem côr: massa inerte que se putrifica com os primeiros raios do sol.

Foi no principio do terceiro seculo da era christan, que os deuses do Oriente tomaram solemnemente posse de Roma. Não entraram desta vez occultamente, mas aos claros raios do sol; conduzidos ao Capitolio, por um imperador, grande sacerdote de Baal — Esta divindade era uma pedra negra de figura conica, foi transportada sobre

um carro: e durante toda a marcha, o joven pontifice, sustentado nos braços de seus ministros, nunca perdia de vista o symbolo da sua divindade. Roma ficou inteiramente surprehendida, quando viu este joven imperador vestido com os habitos sacerdotaes, coberto de bracelletes e collares, as sobrancelhas e corpo pintado de branco e preto. Este espectaculo, e o mais que se lhe seguiu, causou horror. O oriente, seus cultos, e os imperadores enviados a Roma, foram detestados; as orgias monstruosas, os crimes de cada dia, e as saturnaes de cada noite, continuaram.

Continua a perseguição contra os justos.

Aos leoens! gritava a populaça, aos leoens os christãos. Os martyres com toda alegria, derramavam seu sangue sobre as arêas do amphitheatro; vinham gostosos offerecerem-se ao martyrio, porque lhe era doce a morte. Esta epoca, foi de sincera fé, e viva esperança, a alma sentia-se constrangida em sua prisão de carne, e aspirava á morte, como á liberdade.

Eu vos supplico, dizia Santo Ignacio, bispo d'Antiochia, aos christãos de Roma — Eu vos supplico ancioso a morte. Permitti-me que eu me torne o pasto desses animaes ferozes, que seja o pão de Deus; que possa esmagado debaixo de seus dentes, ser achado o verdadeiro pão do meu Senhor! Oh! possa eu gosar dos tormentos, que me preparam. Que póde contra este santo enthusiasmo um Nero, um Domiciano, um Septimio Severo, um Decio? Elles fizeram, que o sangue dos martyres, se tornasse a semente do Christianismo. A religião flagellada, torturada, proscrita, se dilatava debaixo dos flagicios, e abrangia pouco a pouco toda essa velha sociedade, que ainda fazia vãos esforços para voltar seus fracos braços contra ella. No anno 313, o Christianismo se assenta, com Constantino, sobre o throno imperial, e a humanidade toma uma nova vida. Esse vacuo d'alma, essa terrivel desorganisação moral, que o polytheismo moribundo tinha deixado apoz de si desapparece; e toma o seu logar, uma viva e firme crença d'amor e de caridade. Sobre todas as fronteiras do imperio estavam os barbaros, que tambem queriam assistir ao banquete servido por Roma; chegaram do Oriente e do Occidente arrastados por um fatal impulso. Já se ouviam os sons de seus passos; estavam junto do Castra Strativa; (entrincheiramento que os christãos tinham construido sobre o Rhim e o Danubio, para protegerem suas fronteiras) mediam com a vista a altura das fortalezas dos romanos. A religião santa, ousa affrontar este procelloso mar, marcha perante os barbaros, os baptisa e os faz christãos, e forma com elles essa alliança d'onde depois nasceu a meia idade, e os tempos modernos. O barbaro, era filho docil, crê o que a Egreja lhe ensináva; não é como os gregos subtis, e os disputadores d'Alexandria ou de Constantinopla, que pediam a rasão de todas as palavras do Evangelho; curva sua cabeça debaixo da mão do sacerdote, queima o que tinha adorado, e adora o que tinha queimado. «Bemaventurados são os pobres d'espirito — diz o Senhor — porque delles é o reino do céu.» Esses simples filhos da Germania, não foram elles inteiramente felizes, que durante sete centos annos permaneceram abrigados, com o manto da religião, e em seu seio repoisaram?

Quem podia hoje dizer-nos, suas intimas alegrias, e suas doces esperanças? Não temos nós pesar por esses tempos, a despeito dos seus incommodos e miserias, que então se soffreriam; nós homens de uma civilisação muito mais avançada, a quem já não faltam os gosos de um bem estar material, mas a quem se teem dessecado uma a uma todas as suas crenças, sem que ousemos, em nossas afflicçoens, levantar os olhos para o céu, que nós temos tornado tão deserto.

A incertesa, a duvida cheia d'angustia e perturbação d'espirito, que hoje entristece as almas, como nos ultimos seculos do paganismo, os homens da meia idade, não a conheceram. Os heresiarcas, que tinham apparecido nos primeiros tempos da Egreja, haviam-se calado; a Europa inteira, não obstante a differença dos povos, louvava o Senhor, na mesma lingua; e pelas mesmas preces, maravilhosa unidade, que era vista pela primeira vez no mundo. O colosso romano já não existia; as barreiras entre os povos e tribus, se tinham tornado invenciveis; as naçoens se tornaram desconhecidas entre si, mas o peregrino, podia, com segurança, atravessar todo o mundo christão, de uma extremidade a outra.

O signal da Cruz, o fazia conhecer por irmão, era por toda a parte acolhido e respeitado, e a hospitalidade, que lhe era offertada, pagava-a com uma supplica ao céu. E' com as crusadas, que se manifesta essa unidade moral de todas as naçoens; quando a voz de Pedro Hermita se fez ouvir de uma extremidade da Europa a outra, como scintilla do raio; o movimento foi immenso. Os homens do undecimo seculo, que o feudalismo tinha como arraizado ao solo, se levantam todos, como se fossem um só homem. Todos querem partir; nobres e escravos, moços e velhos, abandonam seus lares, para hirem orar ao tumulo de Christo: marcham aos milhares de todos os pontos da Europa: da Scandinavia, d'Allemanha, da Inglaterra, e da França sobretudo: homens de linguas tão differentes entendem-se sem se comprehenderem, e partem reunidos debaixo da mesma bandeira, a uma conquista commum. O Christianismo tem constituido — *Le moi Europeen* — fazendo della uma grande familia, onde ha mais velhos, mas sómente, para estender suas mãos, aos mais moços, marchando diante delles, desembaraçando o caminho que elles teem a percorrer. União santa, que Jesus Christo, tem bemdito. Examinai Christo sobre a Cruz, vereis, que é para nós, que elle tem inclinada sua santa cabeça, é para o occidente que volta sua vista; porque sabia, que não era em vão, que sua palavra aqui seria ouvida; e ha longo tempo que ella reina. Ha longo tempo, dizeis vós, E hoje immudece! Oh vós! sabios! fortes! dizei-me, ouviu-se alguma outra voz?

Villa Real. *(Continua)*

CONTOS MORAES.

I.

TEMOR DE DEUS.

Deus é o pensamento deste romance. Maria, linda creatura da terra, é a rainha de dous diademas: um no ceo, que os anjos, seus irmãos, lhe tecem das flores que ella rega no mundo com suas lagrimas: outro na terra, que é a soberania da virtude, respeitada, embora não comprehendida, pelos homens que lhe curvam o joelho.

Eu sou um destes homens.

E o meu romance é uma palavra deste cantico de louvor, que o espirito, orgulhoso delle, recuza revelar aos que, no seu caminho, não parariam a comprehender-lh'o.

Meditemos este assumpto.

Ha ahi nesse mundo material uma decidida negação para acompanhar o espirito nas suas elevaçoens. Eu sei-o.

Um ou outro homem encosta a face á mão, abraça os horisontes com uma vista scismadora, afina a harpa da sua alma pela toada sonorosa dos pinhaes, compoem das notas lugubres da tempestade a harmonia tetrica em que a divindade falla aos homens, e exalta-se, e desfigura-se, e poetisa, e parece não querer nada de commum com a fraca natureza humana. E' o *sentimental*.

O sentimentalismo, sem a religião, é uma mentira.

O que ahi vai de fantastico, e espiritualista nos affectos, é uma exigencia da epoca; é um encargo que a mocidade se impoz; é a precizão de variar. E' a *moda*.

Não porque a vida seja feliz, e a natureza do homem precise inventar amarguras, para que a felicidade o não enoje.

Não porque o espirito, extenuado em sensualidades, procure no ideal respirar o elemento de vida que lhe é proprio.

E' porque as felicidades, saboreadas nestes tempos, não deixam no coração motivo para um hymno. O homem, que não póde apagar na mente a faisca de genio que lhe desceu no berço, ou mata a inspiração na orgia, ou abysma-se com ella por feretros e ossadas, até materialisa-la nas formas d'uma dor monstruosa.

E, se assim, não fizer, o seu alaude não tem sons'

e o genio morre-lhe de impotencia. Mas o poeta quer este titulo : e cantor quer a grinalda das flores em troca da coroa d'espinhos : é preciso cantar.

Se lhe pedisseis, em vez de horrores, uma poesia banhada de luz celeste, em que os mil reflexos de cima fossem as virtudes possiveis no mundo !.. .

Se lhe pedisseis, em vez da pagina sempre negra da sua vida, as alvissimas alegrias d'uma virgem, que, a fugir d'um mundo, que se lhe pinta ingrato á sua alma candida, se refugia aos pés de Maria, Rainha das Virgens, a pedir-lhe o ceo, como repouso inviolavel da innocencia !..

Se lhe pedisseis a doçura das lagrimas da pobre, que agazalha seus filhos n'um envoltorio d'andrajos, e ajoelha depois, entregando-os á Providencia, para que, ao amanhecer, não sejam muito repetidos os seus gritos de fome ! ?. .

Pedi.

O poeta hade dizer-vos que a luz do ceo é esse occeano de luz, que banha a terra, quando as arvores florescem, e as aves cantam no alvorecer d'um sol esplendido.

Hade fallar-vos da Virgem, arfando esperanças no seio immaculado, mas esperanças todas d'aqui, todas embalsamadas pelo incensorio das paixoens terrenas.

O pobre, esse, que val bem a pena d'uma poesia, e d'uma pagina de romance, é sempre a victima da má organisação social, e d'uma insufficiente economia politica. Velo-heis invectivar o rico, com toda a iracundia d'uma inoffensiva estrofe ; mas o pobre, que continua nas palhas da miseria, esse não recebe uma consolação em nome do futuro, do ceo, e das promessas de Jesus-Christo. E' sempre o pobre, reentrado para as fileiras que guerream o rico !

Eu penso, ha pouco tempo, na vastidão de assumptos sobre que o sceptro do talento estende o seu imperio. Chamando á reminiscencia o acervo de leituras recreativas, que fiz durante alguns annos, entrevejo nos meus tempos nebulosos o muito tempo consumido, os muitos volumes folheados, e não poderei classificar-vos, em synopse d'ideas, uma só que me prestasse ao espirito, ou ao coração, ou á cabeça.

Apprendi o desengano no romance, antes que a sociedade m'o desse.

Libei na poesia do seculo a mentira, antes que o coração contaminado m'a inspirasse.

Aborreci-me de mim e das minhas leituras, como se o livro e a poesia fosse um sarcasmo a quem, nas más horas, lhe mendiga espairecimentos para o espirito.

Vislumbravam-me no escuro das minhas ideas religiosas uns claroens pallidos do que o romance e a poesia deveriam ser para aliviarem a desgraça. Mas, que me pedissem a idea formulada no livro ! Faltava-me a convicção das virtudes do balsamo para saber applica-lo á ferida.

Não tinha eu provado ainda as doçuras da religião, para sentar-me, com a taça do Evangelho, á borda do caminho, e dizer ao peregrino cansado :

Bebe !... .....

.....

Não vos dão tedio estas minhas consideraçoens ? Não são pretenciosas. Eu juro-vos que me doeria muito se uma verdade, esboçada com amplos contornos, não valesse mais que uma mentira, alentejoada pelo ouropel d'um desusado estylo.

O que está dito é o prefacio do meu romance. Duas palavras resumem-n'o laconicamente n'uma idea conceituosa. Eu quero do pouco que posso em litteratura affeiçoar em molde christão todos os generos, todas as formas, e todos os estylos que ella me permittir.

Fiz e faço versos muito inferiores á inspiração sagrada que os estimula. São os unicos de que não estou arrependido.

Escrevo um romance, ou antes descanto em prosa uma virtude, porque não desafinarei a lyra em que fiz soar as minhas poesias.

Se eu podesse avaliar a vossa opinião, consolava-me de não ser enganado pela minha consciencia de christão e de artista.

Camillo Castello-Branco.

O PREÇO D'UMA LAGRIMA.

(*Versão livre de* Violeau.)

Do pulpito em redor, á noite, as turbas
Os tormentos do Golgotha escutavam :
Um padre d'alvas cans, e a cruz em punho,
Contava os trances do trespasse acerbo.
Fallou de Judas, e das crueis affrontas
Do pretorio, da tunica rasgada,
Da cana aviltadora, e das blasfemias
D'um povo ingrato, e atroz, e sem piedade,
E dos caros discipulos traidores.

Da mais triste das mães fallava elle
E com ella chorava, e amargo pranto
Do coração aos olhos attrahia,
Qual tributo d'amor á Cruz do Eterno,
Sua voz d'inspirado !
A' sombra escura
D'um pilar, um mancebo era encostado.
A angustia maternal sondada a fundo
Pelo padre de Christo, ás vezes, n'alma
Do mancebo soava em sons pungentes,
E lagrimas furtivas lhe arrancava ;
E seu corpo tremia, quando o padre
Exclamava « Maria ! ó Mãe das Dores ! »

Quem visse a face pallida, assombrada,
Deste homem, só, a mergulhar-se em sombras,
Julgára vêr o anjo do remorso,
Em nome d'um Deus martyr, supplicando
Para os homens perdão !
Era bem triste,
Bem digno de dó este mancebo !
Seus dias infantis, por mão da esp'rança,
Em berço d'ouro emballados foram.
No regaço da mãe elle aprendêra
Oraçoens para Deus, c'o as mãos erguidas.

Depois, adolescente, abandonára
Seus carinhosos pais, e dado ao mundo
Seguira a estrella d'um amor profano,
E, depoz ella, n'um profundo abysmo
De torpezas insanas resvallára.

No lodo quiz achar essas venturas
Impossiveis na terra ! E a fé, e a crença,
Qual peso insuportavel, regeitou-as.
Sem leme, fragil lenho, arrebatado
Pelas ondas do crime, hia d'encontro
A cada escolho deste mar da vida.
Seu ouro, dom do céu aos que se doem
Das lagrimas do pobre, em mãos deste impio
Era o preço da honra, em almoeda,
Era o escarneo feroz da indigencia.
Bello, a seducção era-lhe facil ;
Rico, o seu triumpho era infallivel,
Talentoso, venceu quando a bellesa
E o ouro podem menos que a palavra !

Sua mãe. . . essa, calada em seus tormentos,
Queixára-se uma vez. . . depois. . . morrêra !
Entrára em casa o filho... e o quarto della....
Deserto... não... lá estava a mãe no esquife !
Alguns dias chorou... vagou no ermo...
E, depressa, suffocando o seu remorso,
Lembrou-se de Pariz — terra d'encantos,
Onde a flôr da saudade em breve murcha —
Já prestes a partir, sósinho e triste,
Vergando sob o peso do enojo,
Lento veneno que devora o espirito,
Errava pelas ruas dessa terra
Abandonada... e talvez p'ra sempre.

Distrahido, chegou do templo á porta,
Onde fôra christão, e onde viera
O cadaver da mãe buscar refugio
A's duras penas da chorosa vida.
Aberta estava a egreja; e elle vira
As multidoens entrar... acompanhou-as
Sentou-se, e viu de véus forrado o templo,
E de negro coberto o Crucifixo,
E, despojado o altar, prostrado o povo.
Escuta vagamente a voz, que conta
Do Salvador as amarguras intimas.
Sua mente, apavorada como a noite,
Se quizesse resar não poderia!
E quando o padre exclama — « O' Mãe das Dores! »
Apenas comprehendeu que era medonha
A vida que vivia, assim ralada
Por mão que o coração lhe aperta irosa,
E sente a precisão de verter lagrimas.

Descera o padre da cadeira augusta;
As luzes nos brandoens já são extinctas;
A lampada symbolica derrama
Um pallido clarão no tabernaculo,
Onde a imagem do Christo não fulgura.
Um confuso rumor esvae-se ao longe
De passos e palavras que se extinguem.
Fecha-se a porta, e o mancebo immovel,
Sobre os joelhos recostada a face,
Perdido em sonhos de visoens terriveis,
Não vê que é só. E o silencio e a noite
Acordam-no emfim... Ergue-se... corre...
Chama cem vezes... quer sahir... debalde...
Seu ecco apenas lhe responde aos gritos.
Sob um vago terror lhe arqueja o seio.
Este homem tão altivo, ei-lo tremendo,
Como debil mulher, das sombras torvas
Que volteam, durante as longas horas
Daquella noite immensa. A passos largos
Da lampada, colerico, se chega:
Recorda seus desdães cheios d'orgulho,
E por tudo que é fé chama o despreso!
Elle! despresador de Jesus Christo,
Despresador do reino onde ha o espirito,
Ao terror cederá d'infantis larvas?!
Contos de velhas! E sorriu... um instante.

Uma egreja natal, embora envolta
Nos crepes negros da semana santa,
Mysterios em si tem, que o affecto accordam.
Ninguem lá curva o joelho, que não sinta
Restos de paz, de fé, e de innocencia.
Assim, junto do altar, o impio joven
A's vezes via a luz de viva imagem,
Que brilhava nas trevas de seus crimes.
E dizia: — « Eis-aqui o baptisterio!
« Esta agua, qual perfume, ungiu outr'ora
« Meus orgãos infantis. Aqui... as preces
« Que vão ao céu me foram ensinadas...
« Aqui dado me foi o pão dos anjos
« Por mão do padre... o pão mysterioso!
« E eu era puro então! Materno beijo
« Neste meu coração tinha um murmurio
« D'ineffavel prazer! Entre creanças
« Eu brincava e sorria!... e o rir d'infancia
« Nos labios da innocencia... ah! quanto é doce!
« A' sombra das cortinas do meu quarto
« Um anjo protector, guarda invisivel,
« (Dizia minha mãe) m'esperava o somno,
« E os sonhos em meu berço acalentava.
« Eu era o orgulho de meus pais felizes!
« Mocidade fatal! desejo ardente!
« Depois que eu me curvei a teus conselhos,
« Que me déste no mundo? Em recompensa,
« De tanto que perdi... tu que me déste?!
« Porque fujo do templo? Eu bem podéra
« Sentir em minha mão a mão da virgem...
« E aqui, perante Deus, dos labios della
« Palavras escutar d'eterno goso.
« Bem podéra meus filhos ter nos braços,
« Com elles repartir os beijos ternos,
« Os carinhosos dons de minha esposa!
« Eu proprio anniquilei minha ventura!
« Nada posso por mim!... Sobre esta pedra
« Minha mãe murmurou a prece extrema...
« E eu, ingrato filho, longe della...
« Ao longe me perdi!... impio!... matei-a! »

Cansada de soffrer esta alma ardente,
Buscou no somno a paz deste arduo inferno!
Quiz mentir ao remorso... e já nas palpebras
O somno a bemfazeja mão descia...
E já do templo a abobada sombria
Chamara a si as larvas inquietas,
Quando na torre em lugubre toada
Doze vezes bateu o bronze augusto.
O mancebo tremeu! Na face livida
Um halito gelado lhe perpassa.
Estende um braço... uma mortalha encontra,
E sente a mão por outra comprimida.
Tenta fugir... em vão... que assim lhe fallam:
« Não lutes, que é loucura! Antes m'escuta:
« Estes rapidos instantes... são-me caros...
« Mil annos de tormentos dei por elles.
« Quando eu vivia, meu filho despresava
« As minhas ternas supplicas!... E hoje,
« Morta, a meu amor talvez se humilde.
« No bello paraizo, doce premio
« De minha fé, de meus padecimentos,
« Eu sem ti, que farei, meu caro filho?
« Soffrer... que importa... se salvar-te posso?!
« Sabe-o, pois, emfim, chama-te o tumulo
« Dentro d'um anno, e nesta mesma hora!
« Cultiva os dias que te concede o Altissimo!
« Céu ou inferno! escolhe! »
A mão gelada
Deixou cahir a mão que presa tinha:
E a voz materna, murmurando, ao longe,
Um som soturno, e lento assim dizia:
« Dentro d'um anno!... A' meia noite!... »
Um anno!
Que surpresa! que dôr! que extrema angustia!
Sai da Egreja o mancebo, quando é dia.
Comsigo leva a citação tremenda,
Feita por Deus, embora o lugar mude:
« Dentro d'um anno!... A' meia noite! » Em tudo
Gravado vê tão pavoroso aresto!
Sombrio desespero, horrivel febre,
Se apossam delle, incredulo n'outr'ora.
Suspira, e amaldiçôa, e ruge ás vezes,
E a quanto o cerca exora auxilio inutil.
Instantes tem ás vezes em que exclama:
« Farei eu penitencia? e a fronte altiva
« Pelo pó rojarei? Serei eu visto
« Manhan buscar no padre, que detesto,
« Palavras de perdão? E os meus amigos
« Não se ririam?!.. Sim! Ah! custa muito
« Ser corajoso em receber o ultrage
« Do pungente sarcasmo que tortura! »
Depois ao recordar-se a antiga vida,
Tocado pelo estimulo dos gosos,
Exclamava: « Pois sim! que venha a morte!
« A mim... o turbilhão de mil prazeres!
« A mim... gratos festins libidinosos!
« A mim... o ardente amor, que embriaga o espirito!...
« No fundo o copo tem a melhor gota!
« Esgotemos a taça antes que a morte
« Me cerre os labios com perpetuo sello! »

E buscou em Pariz o esquecimento
Do seu praso infallivel! A tristesa
Mais profunda, talvez, lá o tortura.
De Balthasar a lugubre legenda
Nos devassos festins depara o triste!
A suprema sentença estava escripta!
O tempo se devora a cada instante...
Seis mezes já lá vão... resta metade!...

Tem ouro, tem bellesa, e graça, e forças,
E não podem salva-lo! E sua alma
Poderão melhora-la essas venturas?!
Talvez! Pois bem! o impio vai salvar-se..
Agora!... manhan!... Não! que ha sacrificios
Tremendos a fazer!... Ha a vergonha
De deixar um caminho, aonde outr'ora
Funestas relaçoens se contrahiram!...
Manhan... talvez!... Jesus é tão piedoso!...
Quem não sabe que a lagrima vertida
Com fé e com amor... uma so basta
A desarmar-lhe o braço justiceiro!
....

Chegado o tempo, fiel a seus designios,
Quiz Alfredo tornar ao lar paterno,
A chorar, solitario, as suas culpas.
Mas, antes de partir, o seu segredo
Ao seu amigo intimo confia,
Córando de vergonha ao revella-lo.
Ah! foi isso bastante! O falso amigo
Desvia-o, lembrando-lhe que um sonho,
Um fantasma, talvez, o ludibria!
Sorri-se de que a Mãe lhe haja fallado;
Da boa fé lhe zomba, e, *franco amigo*,
Supplica-lhe não creia eguaes inepcias!
« Seria um sonho?! » se interroga elle.
« Embora fosse... na semana extrema,
« Uma lagrima contrita... hei-de chora-la! »

Qual, em mar tormentoso, a afflicta victima,
Ao vêr seu companheiro de naufragio
Abraçado na taboa redemptora,
Tambem nella se aferra, e, sem salvar-se,
Não deixa a salvação ao seu amigo;
Tal o homem corrupto, ao vêr o impulso
Da honra e do remorso emfim triumphando
Naquelle que arrastára ao seu abysmo,
Quer comsigo arrasta-lo ao crime e á perda!

Alfredo, escravo, e preso entre as algemas
Dos lubricos festins, bebe o veneno
A longos tragos por lasciva taça.
Ahi mãos de mulher, cingindo as suas,
Não n'as deixam juntar, ao céu erguidas,
Na hora do remorso! O mez extremo
E' quasi findo!... Embora!... que as orgias,
Dos copos atravez, se o vinho espuma,
Não deixam vêr do tempo o vôo rapido!..
Um outro mez succede... outro começa,
E Alfredo, allucinado nos deleites,
Entre os devassos que chamára « amigos »
Ao vêr de perto a ultima semana,
A si proprio se disse: « Eu sou um louco
« Que importa deixar já meus doces gosos?
« Mais ainda um prazer! um só! bem bastam
« Oito dias á dôr! Mais um sorriso...
« Que uma lagrima só custa bem pouco! »

E os amigos diziam: — « Nossos hymnos
« Não são do canto-chão as choradeiras!
« Chegada a hora extrema... a noite outava...
« Que turbilhoens de luz e de barulho!
« Beberás, sonhador! E a fatal noite
« Has-de passa-la tão folgada e leda,
« Que no dia seguinte nem te lembres
« De fallar-nos tolices de virtude,
« Nem projectos de parvo convertido! »

Tres dias já lá vão. Eis um convite
D'amigos n'um castello invoca Alfredo.
E ousará partir? O desgraçado
Suffocará no seio o seu remorso?
Não! que ouviu sinistra voz: « MANHAN! »
Tremeu, fugiu, trahindo a vigilancia
De seus crueis *amigos*! Alta noite
Entrou no quarto aonde a mãe outr'ora,
As faces lhe beijava em seus delirios.

Era no mez d'Abril: fresca verdura
De formosos festoens lhe engrinaldava
A janella do quarto A philomela
Louvava o Creador em seus descantes.
E as brancas franjas de seu rico leito
Dourava-lhas do sol furtivo raio.

« Ah! — murmura Alfredo — as minhas penas
« Aqui ecco não tem que me responda!
« E' possivel que a morte hoje me chame,
« Quando nesta mansão é tudo encantos?
« A morte! a morte já! E a naturesa
« Tão pura e tão serena hoje se ostenta!
« Porque tão lindo o sol hoje parece
« Ligar a terra e o céu em terno enlace?
« Este hymno precursor da primavera
« Que harmonias não tem? que esp'rança afaga!
« Quando é tão bella a vida entre estas flores
« Quem é que pensa em Deus? quem tem coragem
« De vêr a morte, e de saber morrer! »

Assim, longe do céu, scismava Alfredo
Nos encantos da terra! Assim repelle
A penitencia, no descrêr da morte.
E, comtudo, duvida... e treme, e pensa
Se tão magico sol, manhan, seus raios
Sobre elle verterá!... Quem sabe! E as forças
Tão cheias de saude e mocidade
Nunca elle as sentiu!... Morrer... tão cedo!

« Esta noite! Esta noite! » D'entre o crepe
Que o retrato da mãe cobria, Alfredo
Estas vozes ouviu!
Descera a noite.
Lançado n'um sophá, junto da pendula,
Que rapida lhe marca a noite extrema,
O desgraçado espera o seu trespasse.
Os olhos crava no ponteiro, e conta
Os minutos que fogem! Lucta horrivel!
Quer chorar, e não póde... uma só lagrima,
Lagrima d'amor, não tem que o salve!

« Ao menos — elle diz — que eu n'outro mundo,
« Possa agora prevêr a luz da esp'rança!
« O tempo que me resta é um relampago!
« Esta é a hora da prece e do remorso!
« Eu ergo as mãos... Senhor!... mas perturbado
« Me sinto, e minha alma não tem vôos...
« Augmenta o meu terror! Eu ouço a pendula
« Contando-me os instantes derradeiros...
« E não posso chorar!... A dôr me foge!...
« Oh meu berço tranquillo! ó lar materno!
« Dai-me suspiros de contricto! dai-me
« A fé na penitencia!... Vãos esforços!
« Eu só vejo o relogio, que se apressa!
« Onde achar uma lagrima, Senhor!
« Quando o meu coração se preoccupa
« No ponteiro fatal que tanto corre!..
« Um minuto... um só... meu Deus!.. ei-lo passado!
« Uma hora, Senhor!... Um quarto, ao menos!... »
....

Era já tarde! um grito Alfredo solta!
Meia noite soou!
Que negros muros
São esses, povoados de fantasmas
Envoltos em lençoes por entre as trevas?
Que sinistros claroens por entre as sombras!
Alfredo os olhos abre, e crê estar vendo
Sua egreja natal... e, exclama: « Oh Christo!
« Seria um sonho apenas! Eu me prostro...
« Meu Deus! meu protector! Vós me valestes!
« Este sonho me déstes! Foi o preço
« Da lagrima d'amor, e de remorso!
« Só foge a contrição ao que a despresa...
« Eu quero ser christão!... Quero adorar-vos! »

Alfredo foi fiel ao seu remorso
As algemas quebrou do captiveiro;
Cheio de fé e ardor, seguiu a estrada
Da honra e do dever; e achou a esp'rança
Ligada ao casto amor da terna esposa.
Venturosos viveu continuos annos...
E no instante final do passamento,
Erguendo as mãos ao céu, assim dizia:
« Meu Deus! muito chorei!... e morro em paz! »

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

JUNHO.

6 *Domingo.* Santissima Trindade. O mysterio da nossa religião, que a Egreja neste dia (oitavo depois do Espirito Santo) celebra, estando muito clara e expressamente consignado nas divinas escripturas, é todavia o mais profundo e incomprehensivel á nossa razão, e por isso aquelle, cuja crença mais prova a inteira submissão da mesma nossa fraca rasão, que pouco alcança, á palavra de Deus, o qual tudo comprehende, e não póde enganar-nos. Confessemos pois altamente « que Deus é *um* na essencia e *trino* em pessoas » e respondamos ás subtilesas inspiradas pelo orgulho dos racionalistas « que a rasão humana não póde ser a medida do possivel; — é ella um facho que apenas allumia em uma esfera mui curta, e fóra dessa esfera ainda existem muitas coisas; — os mysterios não se comprehendem, porque estão fòra dessa esfera, e qualquer dos da nossa religião não é mais incomprehensivel ao sabio, do que ao ignorante o são algumas coisas, que para aquelle são claras e patentes. »

7. *Segunda feira.* S. Roberto, monge da ordem de Cister, fundando um novo mosteiro em Inglaterra, e havendo-o governado por muitos annos com a prudencia e zelo de um perfeito abbade (que significa *pae*) foi gosar as delicias do céu, operando-se á sua morte o milagre « de ser vista sua alma em fórma de um globo igneo elevar-se ao céu, o que é attestado por Godrico seu confessor.

8. *Terça feira.* S. Salustiano, natural da Sardenha depois de servir a Deus no exercicio de todas as virtudes christans, foi receber no céu o devido galardão.

9. *Quarta feira.* Os Santos Primo e Feliciano, irmãos pelo sangue e pela fé, o foram tambem na morte que ambos soffreram por Christo no tempo da perseguição de Diocleciano, pelo anno 302. Esta ultima fraternidade bem cuidaram os perseguidores tolher-lhes tendo-os em separado; e em quanto que torturavam a Feliciano, mentindo a Primo, e dizendo-lhe, por diabolica seducção « que elle estava cumulado de honras, por isso que havia abjurado. » Porém nada foi capaz de os seduzir ou abalar; e por isso, depois de lançarem a ambos chumbo derretido na bocca, e de os exporem a dois famintos leoens, que se lhes deitaram aos pés e os começaram a afagar com a cabeça e com a cauda, por ultimo foram decapitados: e o milagre dos leoens, que foi presenceado por mais de doze mil pessoas, produziu a conversão de quinhentas familias.

10. *Quinta feira.* Corpo de Deus. Esta festividade foi instituida por Urbano IV no anno 1264, para confusão dos hereges Valdenses, Albigenses e Manicheos, que negavam a presença real de Jesus Christo na divina Eucharistia, e para mais afervorar os fieis na crença de um dogma, em que o amor do mesmo Jesus Christo pelos homens apparece em toda a sua latitude infinita. E' pois com muita rasão que alguns monarchas nossos, para dar á procissão do *Corpus Christi* toda a pompa possivel, hiam pegando as varas do palio, sendo certo, que nunca as magestades da terra tanto se elevam como quando se acurvam diante da magestade do céu.

11. *Sexta feira.* S. Barnabé, cujo nome significa *Filho de Consolação*, e, chamando-se antes José lhe foi posto pelos apostolos por causa de seu dom particular de consolar os afflictos, era natural de Chypre e da tribu de Levi. Depois de varios trabalhos apostolicos foi ordenade bispo juntamente com S. Paulo, e ambos vieram a Seleucia e depois a Chypre, percorrendo outras muitas terras com grande proveito para a propagação da fé. Ultimamente separando-se de S. Paulo, e aggregando-se-lhe João por sobrenome Marcos, continuou os seus trabalhos em Chypre, até que no anno 61 da era christan ahi colheu a palma do martyrio durante a perseguição de Nero.

12. *Sabbado.* S. Onofre foi um desses anjos penitentes que no seculo 4.º viviam na Thebaida inteiramente separados do commercio do mundo, e elevando-se ao céu nos vôos da contemplação. Assim viveu 60 annos em um logar que o seu mesmo anjo Custodio lhe marcava, e ao cabo delles, firmemente esperançado nas promessas de Christo, lhe entregou a alma.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — Domingo 9 de Maio, um piedoso alumno do collegio irlandez em Roma, Mr. Patricio Savasi, natural de Dublin, que acabava de terminar os seus estudos ecclesiasticos, foi ordenado presbytero por Monsenhor Olliffe, bispo de Bengala oriental, que se achava, havia 3 mezes, na cidade eterna para negocios da sua missão, a que o joven presbytero se destina. O prelado havia já ordenado outros 3 presbyteros no collegio da Propaganda, a saber: um *catholico grego*, para Constantinopla, um *Hispanhol sueco*, para Stockolmo, e um *irlandez* para Dublin. Que magnifico exemplo da unidade e catholicidade da Egreja! Monsenhor Olliffe obteve do Summo Pontifice o titulo de doctor em theologia para o seu vigario geral, o zeloso e sabio P. Storck, benedictino allemão e professor de theologia na Suissa.

Lombardia. — Monsenhor Ramazotti, bispo de Pavia, prosegue a realisação d'uma obra que seria bastante para illustrar o seu episcopado. Assustado do abandono em que se deixavam os meninos pobres e enfermos, resolveu subtrahi-los ás fataes consequencias do vadiismo e da ociosidade. Já tem recolhido grande numero, e, para lhes assegurar um azillo, fez concertar o antigo convento das capuchinhas franciscanas. Este pio estabelecimento denomina-se: Filhos da caridade

Allemanha. — A missão que os jesuitas acabam de terminar em Eupen na Prussia começa a produzir os melhores fructos: todos os *livres pensadores*, d'aquella povoação, ou para melhor dizer *livres praticadores* foram vistos á sagrada mesa. Quanto aos jesuitas que actualmente evangelisam a Allemanha, póde dizer-se que se este paiz está ainda por salvar, será infallivelmente salvo por estes prodigios de sciencia e piedade. Difficilmente acharia a graça instrumentos mais aptos.

Austria — No imperio ha escólas para soldados. Ordenou o imperador que n'estas escólas, denominadas escólas de batalhoens, empregassem o maior cuidado em ensinar a doctrina christan.

Holstein. — Não admira que os progressos do catholicismo em Allemanha se estendam ao Holstein. A condessa Hahn de Neuhauss converteu-se recentemente ao catholicismo. Como esta dama é rica e nunca se fez notar por idêas excentricas, consideramos este facto como significativo. Esta conversão parece-nos indicio d'uma tendencia geral de regresso ao catholicismo.

Inglaterra. — O *Almanack Catholico* d'Escocia para o anno presente de 1852 traz os seguintes promenores acerca da egreja d'Escocia e Inglaterra:

« Contam-se em Escocia 5 bispos e 130 sacerdotes, 100 egrejas ou capellas, além de 40 estaçoens mui regularmente servidas. Junto d'Aberdeen ha um collegio catholico, e fóra da ilha ha varios outros collegios que provem a missão d'obreiros apostolicos. Estes collegios sam o escossez de Roma, o de Santo Ambrosio, de Valladolid, em Hispanha, e o de Sanctiago, em Ratisbona. Ha alem disso 4 conventos em Escocia: em Edimburgo o de Santa Margarida, em Dalbeth, junto de Glasgow; o do Bom Pastor, e em Glasgow o das Irmans da Misericordia e o da Immaculada Conceição. Neste ultimo 9 meninas tomaram o habito o anno passado, e em 16 de Julho do mesmo anno professaram 8 noviças. Educa 70 jovens internas. As *sorores* tambem sustentam 3 escólas de meninas, de dia, e de noite, concurrendo a ellas 250 alumnas; teem alem disso outras classes aos domingos de noite que sam frequentadas por 2000 meninos. O convento das Irmans da Misericordia deu o véu a 5 postulantes; as suas escólas contam 400 alumnas e 600 a do domingo.

« Calcula-se em 150$ o numero de catholicos na Escocia, porém a maioria delles compoem-se d'irlandezes ou descendentes seus.

Em Inglaterra calcula-se que ha milhão e meio de catholicos; contam-se 710 egrejas ou capellas, 11 collegios, 17 casas religiosas d'homens, 62 conventos e 1,039 sacerdotes ou religiosos. De modo que no numero de sacerdotes houve este anno um augmento de 67 individuos sobre o anno anterior. »

— O *M. Advertiser* de Londres faz a seguinte resenha dos adiantamentos do catholicismo em Inglaterra, durante o anno de 1851.

« O anno que acaba de decorrer foi mui prospero para o catholicismo, não só pelo numero de conversoens, senão ainda pelo augmento d'egrejas e conventos. Não baixam de 19 egrejas as que se abrira em Inglaterram

durante o ultimo anno; entre ellas se contam Nossa Senhora das Victorias em Clafan, 1 convento e escóla em Brandford Square, a egreja de S. João Evangelista, e a de Nossa Senhora da Estrella do Mar em Greenwich. Na actualidade está construindo-se um convento e outras 4 egrejas.

« Pelo que toca a conversoens, em 1851 abandonaram a egreja anglicana, chamada baluarte do protestantismo, 38 ministros dessa egreja e se reconciliaram com a Egreja de Roma: 4 delles residiam em Londres, e sam o R. Bedford, cura da egreja de Christo-Hoston; o R. Dodsworth, amigo intimo do bispo de Londres, e cura da egreja de Christo — Regent's Parker; o R. Harper, de S. Pedro, Pimlico, e o R. Vale, da capella do palacio de Buckingham.

« Nas provincias succede o mesmo. Em 1851 o papismo (o catholicismo) apoderou-se de 6 dos collegios do doctor Hook em Leeds; e sam: os RR. Rooke, Coombs, e Grawley, todos 3 curas de S. Salvador, com os 2 vigarios da mesma egreja, o R. Minster e o R. Ward; depois o R. Hattaway, graduado de Oxford, e parocho em Snadwell junto de Leeds. Tambem devemos fazer menção do veneravel arcediago Manning, de Chichester, com seu cura o R. Saprimandaye, o honoravel e R. Towry, irmão de lord Ellenboroug, e além disso os RR. Orr, e Woorward, de Bristol.

— *Conversoens recentes.* — M.ma Hope, viuva d'um medico distincto. Esta senhora acabava de concluir uma historia da Egreja no momento da sua conversão. Os seus estudos a esse respeito contribuiram sobretudo para a esclarecer sobre a divindade do catholicismo. Foi recebida em Londres na capella do Oratorio.

O capitão Osborne Burgoyne, outr'ora pertencente ao exercito da companhia das Indias, sobrinho do fallecido sir George Burgoyne, d'uma familia distincta no condado de Bedford. Mr. Osborne Burgoyne foi recebido no Oratorio de Londres. A sua conversão, que remonta ja a algum tempo, ainda senão havia publicado.

— *Conversão extraordinaria d'uma familia protestante, narrada no Catholic-Standard.* « Domingo 9 de Maio passado foram recebidos solemnemente no seio de nossa Santa Madre Egreja pelo R. D. Ferault, na egreja de Courtfield, no Herefordshire, na Inglaterra, Guilherme Little Davis, sua mulher e outros 2 protestantes. A conversão de Guilherme Little Davis fez muitissima sensação, com especialidade nos ministros protestantes de Welen, Rirkenor, e Goodrich, que fizeram todos os esforços para impedir que Deus estendesse seu braço misericordioso sobre aquella alma infeliz. Os meios que se empregaram para isso fariam estremecer de horror o homem menos rasoavel. Mas *quis ut Deus?* quem pode lutar contra Deus?

Assim, não obstante o numero e a força dos obstaculos que encontrou, alcançou a graça o triunfo mais completo. Little fez-se senhor de suas paixoens, confundiu os seus inimigos e respondeu á voz daquelle Deus que com tanta paciencia o esperou. Ninguem gosava naquelle paiz de mais má reputação do que esse pobre homem, e quantos o conheciam pensavam e diziam que era impossivel desvia-lo do seu mau caminho. O R. Pastor (dr. Ferault) respondia sempre que nada era impossivel a Deus. Obrigou-o a casar legalmente antes de lhe receber a abjuração. Little dirigiu-se ao registo de Ross para se publicar o seu casamento. Tres semanas depois estava casado. E' impossivel expressar a consolação que experimentei sendo testemunha das homenagens feitas áquelle pobre homem e a sua mulher nesta feliz circunstancia, não só para os catholicos senão ainda para os protestantes. Um destes ultimos ficou tão cheio d'alegria de vêr este par finalmente bem estabelecido, que enviou o seu carrinho a Ross para transportar os esposados quando voltaram á sua aldeia. Quando chegaram encontraram o caminho coberto de povo, que se comprazia em lançar-lhe flores; a mesma estrada, até á porta de sua humilde choupana, estava guarnecida d'arcos de triunfo coroados com a cruz; batiam palmas, cantavam hymnos, até queriam tocar os sinos da parochia, porém o ministro protestante recusou-se a isso. Todos exclamavam unanimemente: Eis uma obra que o protestantismo nunca teria podido operar: só a religião catholica é capaz de semelhantes milagres! O mesmo Little não cessava de dizer: Sim, confesso-o altamente, tenho até o presente sido um grande peccador; porém agora sou catholico, e com a graça de Deus repararei para o futuro os maus exemplos que tenho dado; teria feito a sua confissão geral publicamente se lho tivessem permittido.

« Nesta extraordinaria conversão teve o R. Pastor a prova mais evidente das vantagens das escólas dos pobres, porque, quem teria jamais podido acreditar que um rapazinho devesse ser o instrumento empregado por Deus nesta maravilhosa obra de sua misericordia? Guilherme Little tinha um filho d'edade de 8 annos, que era como um *bruto*, quando foi recebido na escóla catholica de Santa Maria. Porém Deus que queria a conversão de seus paes, tornou em breve o pobre rapazinho tão virtuoso que os parentes reconheceram facilmente nesta mudança a voz de Deus. Desde este momento conceberam o mais ardente desejo de abraçar a religião que havia feito seu filho tão perfeito, e pediram para ser instruidos. Temos logar de crêr que apoz uma conversão tão surprehendente grande numero de nossos infelizes irmãos, que vivem á sombra da morte, abrirão os olhos á luz da fé catholica, e terão assim a mesma ventura que Guilherme Little. Quarta feira seguinte, o mesmo R. D. Ferault recebia uma joven no seio da Egreja, na capella de Ross.

Asia. — Turquia. — Dois missionarios capuchinhos e as 3 irmans de S. José que haviam partido para Trebisonda, chegaram em 10 d'Abril, conduzidos de Constantinopla por um vapor turco, em que foram tratados com muitas attençoens. Deram-lhes logares de 1.ª ordem apesar de terem pago para 2.ª e 3.ª e deram-lhes alimento gratuito. Apenas chegaram começaram os seus trabalhos caritativos e estam em exercicio as escolas dos dois sexos.

O R. P. P. Pedro de Settingiano, prefeito apostolico de Constantinopla, tambem se occupa d'estabelecer uma escola de meninas na ilha de Creta, havendo motivos que tornam mais urgente o que ha tanto desejava.

Tentaram os protestantes abrir uma escola de rapazes, que não póde sustentar concurrencia com os estabelecimentos catholicos e gregos que já existiam. Pensam agora em segurar a sua propaganda apoderando-se da educação das meninas. E' para prevenir esta desgraça que o prefeito apostolico acaba de pedir á superiora de S. José duas irmans que possam, abrindo immediatamente uma escola, impedir as meninas de receberem uma educação heretica.

— Em Mossoul, aonde o consul francez M. Place, chegou depois de penosa viagem, é satisfactorio o estado do catholicismo. Os mahometanos irritados a principio por verem estabelecer um consul e europeus no coração do islamismo, começam a perder suas prevençoens. A missão é servida por 4 religiosos dominicos, cujo superior, o P. Marchi, possue todas as qualidades que exige uma posição tão difficil.

ADVERTENCIA.

Aquelles senhores, cujas assignaturas, acabam com o 1.º semestre, ou 2.º trimestre, no fim do corrente Junho, queiram ter a bondade de as renovar com tempo para não soffrerem interrupção na remessa do Periodico. Os que não tenham satisfeito ainda as condiçoens do prospecto, de *pagarem adiantado*, tenham a bondade de o fazer, porque não se póde prescindir dessa justa exigencia, *de que depende a conservação deste periodico*, attendendo a que os seus redactores nem podem, nem devem adiantar mais do que os seus trabalhos intellectuaes.

Em todos os paizes, exceptuando sómente Portugal, costumam pagar-se as assignaturas adiantadas, e suspender-se no ultimo dia em que termina a assignatura se não sam renovadas a tempo.

JUNHO 19. 1852. — N.º 25.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

JEZUITAS.

(*Continuação do Cap. VIII*)

Pobresa total é uma das restrictas obrigaçoens do professo. Quando uma ligeira modificação podesse alterar a regra, abraçada por voto particular, tal modificação deveria apenas ser admissivel, se dahi augmentasse o rigor da sua pobresa! O egoismo não comprehende este sacrificio; e os inimigos desta respeitavel porção de homens, que abdicam aos pés de Deus o sceptro da soberania que a naturesa lhes deu, não podendo conciliar o seu orgulho com aquella humildade, imaginaram a hypocrisia vestida de farrapos, para, mais desapercebida, envergar a purpura! ....

Um jesuita não póde aspirar ás dignidades. Offereçam a esse homem uma honra, que a recusa é uma obrigação que elle se impoz. A mão do pontifice poderá collocar-lhe na cabeça a mitra, mas ha-de primeiro impôr-lhe, no caso de rebeldia, a pena do peccado mortal.

Quando o jesuita educa, préga, e encaminha, não ha para elle recompensa: dai-lhe uma parca esmola, como a daes a um mendigo, e elle acceita-la-ha.

O principio d'auctoridade firma-se sobre estas bases.

A sociedade é governada por um Geral perpetuo e absoluto. (*)

E' nomeado pela congregação geral, e não póde recusar-se.

Roma é a sua residencia habitual, como centro da ordem e da catholicidade.

Não prega: governa livremente, como unico regulador e dispensador. Delle é que os provinciaes recebem poderes. Sem o seu consentimento, ou o de examinadores seus delegados, nenhum auctor jesuita poderá imprimir a sua obra. Convergem-lhe amiudadas as informaçoens das provincias, porque, em cada semana, os superiores locaes informam o provincial respectivo, e este, em cada trimestre, o Geral.

O Geral é mais que um jesuita humilde e passivo. Com o estandarte da cruz, á frente d'uma tribu predestinada, o Geral marcha, impavido a crava-lo entre inimigos, e deixaria gotejar-lhe o sangue das faces, mas os labios não cessariam de exaltar as glorias de Deus, de exorar o perdão para os maus, e de alentar a coragem dos seus. Antes desses lances, infelizmente repetidos, no transito dos filhos d'Ignacio entre uma sociedade ingrata, o Geral emprega as armas da intelligencia, as da penetração, e as da prudencia, que são quasi sempre as fadadas para todos os triunfos.

Só o Geral póde, per si ou por seus delegados, receber, nos collegios da Sociedade, os que pareçam aptos para o Instituto. Póde recebe-los, a contento, ou aspirantes á profissão, ou coadjutores espirituaes, ou escolares approvados. Tambem póde despedi-los; mas, para tanto, não basta elle, se o despedido é professo: então é preciso o assentimento do Papa. Rarissimos exemplos destes nos denuncia a historia do Instituto. E' sublime o ultimo appello do professo, que grandes culpas desvirtuaram aos olhos do seu Geral! Resta-lhe a compaixão de Deus; e essa onde encontra-la, a não ser aos pés do vigario de Christo, do representante do Senhor misericordioso?! E encontra-a. Ignacio de Loyola, em cada artigo do seu Instituto, revella a inspiração do alto.

Não proseguiremos na exposição das prerogativas que são adjuntas á auctoridade do Geral. E' demasia de noticias recordar aquellas que são sabidas, porque a Companhia de Jesus não é uma sociedade extincta, que a penna do historiador apresenta, contornada de virtudes, para que o seculo actual, saudoso della, a revoque do seu tumulo. Ella ahi esta na Europa, com o seu mais fecundo tronco em Pariz, vigorosa de seiva, e rica das mais infalliveis esperanças para o mundo catholico. Historiamo-la desde o seu começo, como quem busca, não altea-la onde os tiros da calumnia afrouxem como partindo de braço fraco; mas afastar-lhe as cortinas d'um mysterio, que os homens da « filosofia » tiveram a astucia de fantasiar para embair o povo amedrontado. Durante este trabalho de vontade e de zelo, nem nos lembra *Eugenio Sue* com o seu « Judeu Errante » nem *Edgard Quinet* com as suas liçoens de historia, nem *Victor Cousin* com o seu « racionalismo » nem as fanadas heras de cá, a enroscarem-se, parasitas, naquelles troncos carcomidos, que o verme lento da sciencia corroeu nessa grande cidade da religião e da impiedade, d'onde os adeleiros daqui mercadejam baratos farrapos de sciencia. O que nos lembra é fazer deste jornal um monumento a tudo que é grande: uma lapide a todas as legendas, dignas d'attenção e de respeito; um papel, cuja leitura, hoje dissaborada, possa, no germen que deixa, garantir-se um fructo util para uma geração melhor, que ha-de, mais venturosa, passar sobre nossos ossos.

E' conveniente, expostas as principaes prerogativas da auctoridade do Geral, segundo o texto das « Constituiçoens » examinar as precauçoens d'Ignacio de Loyola para que fosse impossivel a demora d'um abuso nesta especie de dictadura clerical — como lhe chama o consciencioso e ultimo historiador da Companhia.

São seis as disposiçoens peremptorias do Instituto:

A primeira designa o vestido, o sustento, e as despesas do Geral. Quando a Companhia determinar o augmento ou diminuição das suas despesas, o Geral não a contraría.

A segunda restringe os trabalhos e as penitencias do Geral, para que a diminuição de forças não traga o desfallecimento no trabalho.

A terceira é mais um conselho de pai, que um preceito de instituidor. O Geral deve ter a seu lado um admoestador, que lhe note as suas irregularidades pessoaes, ou as suas mais pequenas faltas no governo da Companhia.

A quarta é para affastar-lhe do espirito quantos es-

(*) Vejam *Cretineau-Joly* — na *Hist. da C. de Jesus*, *Cap.* 2.

crupulos a ambição cavilosa podesse suggerir-lhe para desmoralisa-lo. Se um grande rei, a preço de uma grande dignidade, tentasse captar-lhe a vontade, em detrimento da Companhia; e, suppondo mesmo que S. Santidade enlaçava o baculo com o sceptro, para atenuar a resistencia do Geral — ainda assim o Geral resiste, e a sociedade sobe ao tribunal para decidir entre o rei, e o seu chefe, e o chefe da Egreja catholica.

A quinta é sugeita-lo a delegar n'um coadjutor as suas funcçoens, quando a velhice ou a doença lhas tolhe na mais cabal plenitude do seu exercicio.

A sexta é a de mais ampla jurisdição na soberania do todo sobre a parte que delinquiu. E' quando o Geral, despudado da grande auctoridade, vem na presença da sociedade, responder antes que uma repulsão para sempre lhe seja intimada. Assim aconteceria ao Geral réu d'escandalo n'um peccado mortal, suspeito d'alienar os bens da casa, ou propagador de doutrinas perversas.

Camillo Castello-Branco.

IMAGENS DE CHRISTO.

Ha poucos annos que o genio interesseiro d'um ocioso pintor de Pariz creou, copiando d'um typo ideal uma bella imagem d'homem. Deu-lhe aos olhos a languidez sympathica da ternura; as faces contornou-lhas de linhas harmoniosas; ondulou-lhe os cabellos, como era fama que assim os hebreus os tinham; e rematou a sua obra, muito longe de ser correcta, intitulando-a *verdadeira imagem de* Nosso Senhor Jesus Christo.

E o certo é que as lythografias francezas responderam ao pensamento lucrativo do inventor, derramando sobre o mundo catholico milhares d'imagens, authenticadas por não sei que legendas cavadas em ruinas, que *Chateaubriand* não viu, nem os nossos zelosos franciscanos em Jerusalem noticiaram.

Qualquer taboleta de paineis fez provimento da imagem, e o publico concorreu ao mercado, a saciar a vista e a boa fé do coração naquelle fiel retrato do Redemptor do mundo, a quem nas horas da oração devia ser consolador elevar-lhe os olhos, como á vera effigie do espirito de Deus, no seu involucro doloroso da carne.

Ainda hoje são procurados estes paineis, e não será estranho acontecimento que outro francez manhan, cavando novas ruinas, reproduza umas novas feiçoens, e faça jus a um novo commercio com a innocente credulidade dos menos avisados.

Parece a proposito avisar o leitor, que precisar de aviso, sobre o que ha crivel nos retratos que a pintura nos dá de Jesus Christo.

As actas do concilio de Nicea, reunido para decidir contra os iconoclastas, fallam d'um retrato, que, contra todo o verosimil, o proprio Christo, enviára a Abgar, rei d'Edessa, e d'um outro quadro miraculoso, existente em Béryta, onde o Salvador era figurado de pé; e tambem menciona uma estatua de bronze, erigida a Jesus, por uma das mulheres curadas, e pulverisada pelo apostata Juliano, quando quiz, no mesmo local, erguer a sua, destruida immediatamente pelo fogo celeste.

A authenticidade destas imagens é duvidosa.

Não é averiguado entre os artistas que alguma vez existisse uma imagem authentica de Christo. Os typos que lhe consagram os pintores e esculptores, depois que as artes se aperfeiçoaram, é por consequencia duvidoso. Quando, no V seculo, a perseguição aos christãos cessou a cruesa dos seus flagellos impotentes contra o espirito, e ao circo dos leoens succedeu o templo, e aos subterraneos do culto o altar, e o sacrificio em pleno dia — a pintura e a esculptura, chamadas a embellesar as ceremonias e os symbolos, eram tão rudes e barbaras no seu mesquinho desenvolvimento, que de tudo o que podiam, nos deixaram um triste documento nas figuras traçadas sobre os sarcophagos, e medalhas. Ora, não vai tão longe o seculo V, que não possamos estudar o especimen da esculptura contemporanea nas figuras monstruosas, que dificilmente acreditaremos que eram humanas na imaginação dos artistas.

Não é desses esboços imperfeitissimos que Nicolau de Piza, e os que decorreram até Leonardo de Vinci, se inspiraram para crearem o typo de Christo. Dos escriptos dos PP. da Egreja é que, mais naturalmente, se serviram, e, com especialidade, talvez, do patriarcha de Constantinopla, S. Nicephoro, que descreve assim a fisionomia do Salvador:

« Estatura elevada, e gesto de tal sorte grave, que quantos se approximavam, amavam-no e temiam-no. Seus cabellos, repartidos na testa, segundo o uso dos nazarenos, tinham a côr d'uma avelan madura, e eram lisos e abundantes. Alastrados sobre os hombros, arqueavam-se em ondas, até terminarem em caracoes. A testa era espaçosa, e o aspecto sereno, sem rugas nem nodoas. As faces eram docemente coloridas, e a bocca e o nariz perfeitos. Em todas as suas feiçoens era insculpido um sensivel caracter de constancia e de verdade. Tinha grandes e brilhantes os olhos: era terrivel a sua expressão quando reprehendia; affavel e doce quando exortava. A alegria tinha em seus labios uma gravidade propria: ninguem o viu rir, e seus olhos estavam sempre embaciados de lagrimas. Fallava pouco; mas sempre com dignidade; por seu mesmo exterior, parecia altear-se sobre a fórma humana. »

Seria impossivel ao primeiro pintor, como o foi a Miguel-Angelo, revelar com o pincel esse typo que S. Nicephoro expoz subordinado a relevos moraes. Quando Leonardo de Vinci, no admiravel quadro da *Ceia*, pintava a mais bella cabeça, que fantasiaram homens, era a arte operando, segundo as tradiçoens escriptas, e imperfeitamente figuradas. Era Phidias, traçando o typo de Jupiter Olympico.

« Toda a pintura — diz um collaborador do *Dicciona-rio Catholico* — que não tiver, como a de Leonardo, não tem, o caracter israelita marcado por todas as feiçoens fisicas e moraes, que constituem o homem por excellencia, isempto de vicios e dotado de todas as virtudes, o homem, não alterado nas proporçoens por alguma enfermidade da alma ou trabalho do corpo.... tal pintura não tem direito a nossa fé e admiração. »

Não restringiremos tanto o rigor da arte em nossos respeitos ás variadissimas imagens que temos de Jesus Christo, mais ou menos modeladas pelas de Rafael, Carrache, Carlo Dolce, Holbein, e Miguel-Angelo. Todas ellas nos excitam o fervor da oração; e se os olhos, mais attentos, fixam, nesta imagem, os traços afflictivos, que aquell'outra não tem, ha dentro em nós aquelle olhar do espirito, que procura no throno dos céus, o ente supremo, cuja imagem é impossivel no pincel e na concepção dos homens.

O fim deste conciso artigo, sobre um assumpto de mais amplas lucubraçoens, é mostrar a falsidade dos retratos, que se attribuem á figura de Jesus Christo, sejam seus auctores quem forem, porque todos elles são pura invenção; trabalhos d'uma « iconologia » sempre imperfeita, como deve ser a intelligencia do homem traçando os caracteres da divindade. (*)

Camillo Castello-Branco.

CONTOS MORAES.

TEMOR DE DEUS.

II.

Tinham dito muitos dos que estavam em redor d'uma creancinha, na pia do baptismo, que na face della havia uma luz mysteriosa, como a projecção d'um cyrio

(*) Os que quizerem consultar uma « Iconologia » abundante dos retratos de Christo recorram á obra intitulada *M. J. Reiskii Exercit-histo. de imaginibus Jesu Christi*, Jena, 1685. » *Les Tetes de Christ* — publicadas por *Junter* em 1777, e *Joh. Fechtii — Noctes Christianæ.* (Rostock, 1706.)

invisivel, que naquelle instante solemne, allumiasse, nas mãos d'um anjo, as ceremonias do sacramento augusto.

Era uma menina de 9 dias.

Seu padrinho era um duque, vestido d'ouro, com as suas insignias de general em chefe, com a sua herança de nove commendas, com o seu thesouro de condecoraçoens guerreiras, a cobrirem-lhe o peito, onde pulsava um coração real.

Sua madrinha era Nossa Senhora da Conceição, fulgurante de mil lumes, no altar da capella, com as mãos crusadas sobre o seio, com os olhos extaticos no céu, como seguindo o trilho d'estrellas por onde, aos pés do Eterno, voejava o anjo da annunciação.

Seu pai era um coronel, fidalgo como os primeiros desta terra, valente como o primeiro e como o ultimo da sua linhagem, e honrado como aquelle de seus avós, que morrera desterrado, em Tanger, por não denunciar o que lhe não fôra amigo desleal, embora traidor ao rei D. João II.

Era o coronel.... — que vos importa o nome?! ....

Sua mãe nascera dama de D. Maria I, crescêra mimo de galanteria e de docilidade, emancipara-se donzella de todas as virtudes, casara-se, mulher, exemplo das mais santas affeiçoens d'um marido, e fôra mãe, como pôde se-lo a mulher depois que a Virgem Maria alimentou um Filho, depois que Jesus Christo rehabilitou a fascinada da serpente, depois que a filha de Eva entrou no seu reconquistado Eden, a colher a flôr da dignidade, regada pelo sangue do Filho de Maria.

III.

Este dia de jubilo para anjos, a quem os orvalhos do céu fecundando as aguas do baptisterio, geraram na terra um irmão, de jubilo para seus paes, que, depois de quatro filhos, tinham um novo penhor d'innocencia para, em seu nome, agradecer, com labios puros, as esmolas do céu; de jublilo para a Egreja catholica, que estremece de felicidade, quando toma em seu seio um novo filho que lhe gosta o leito da virtude, como sustento da immortalidade.... — este dia amanheceu em 1832.

Maria era o incentivo de tanta alegria. Ao voltar da capella, nos braços de sua mãe, com o seu olhar errante pelas faces desmaiadas della, que parecia sorvê-la com os seus beijos, como se aquelles fossem os ultimos.... Maria, a afilhada da Senhora da Conceição, estava alli asseverando o que tantos diziam da luz mysteriosa que lhe illuminava a face na pia do baptismo! Seria uma fascinação de pai e d'amigos? Quem sabe! A puresa dos anjos não será como a santidade do predestinado!? E o justo, na ultima hora da sua passagem na terra, quando o anjo da serenidade lhe empana o rosto com as suas azas transparentes, não será como a creancinha immaculada, cuja alma, vem brincar-lhe no rosto com toda a puresa e innocencia, que o halito creador lhe bafejou?! ...

A mãe de Maria chorava, e as suas lagrimas desconsolavam o pae, que as não queria vêr naquelle dia, naquella hora, tão faustosa, tão de gala para os parentes, que se abraçavam em redor do leito.

Mas fossem calar-lhe o presentimento no coração! Digam á flôr que não penda amortecida sobre a haste, quando o sol se esconde! Digam ás lagrimas, que sequem nos olhos, quando o que chora não sabe donde ellas nascem, nem o que contempla sabe a linguagem do espirito, para consola-lo em seus presentimentos sobrenaturaes!

Porque é que aquella mãe não buscava o allivio no sorriso de seu marido? Porque não olha ella para os seus? Que é tão consolador ahi como a face d'um marido, quando a fraca mulher quer desafogo?

Não ha nada no mundo; mas é tão pequeno o mundo! ....

Deus! oh! esse, sim, para todas as afflicçoens, para todos os presagios, para todos os temores, para todas as mães, que vaticinam desventuras a suas filhas!

Deus! E na sua imagem é que aquella mãe fitava os olhos! Depois, ao lado de Christo, estava outra imagem. Era Nossa Senhora da Conceição. Que lhe dizia aquella pallida mulher, com sua filhinha nos braços! Ouviram-lhe só as derradeiras palavras:

« Minha mãe santissima! Entrego-vos a vossa afilhada. »

Viram um sorriso nos labios de Maria. Seria uma acção maquinal dos labios? Porque é que os adultos não sorriem maquinalmente? ...

Deus sabe o que foi! ..

IV.

Eu não devo aqui pintar um quadro de guerra. Seria salpicar de sangue a tela onde me propuz traçar uma figura grandiosa, com o colorido suave da religião christan. Desventuras da patria podéra eu conta-las, sentado, como o profeta, sobre suas ruinas, porque os odios civis, aqui, geraram-se nas entranhas da impiedade. Mas a penna, que escreve a historia, trahindo-se a cada momento, poderia ser instrumento de pensamentos celestes n'uma pagina, poderia, como o hyssope do orvalho abençoado, refrigerar as escandecencias « politicas »; mas na pagina dos desenganos, correria molhada em fel sobre caracteres, para quem a caridade do historiador é, ás vezes, um preceito penosissimo de cumprir-se.

E tomára eu que estas linhas, pallido reflexo do que ha de incommunicavel no meu coração, accendessem o amor de Deus, apagando a flamma das inimisades humanas! Tomára eu lagrimas e dó, e paz e esquecimento para os homens que não devem vir aqui encher uma pagina de odio no livro da caridade! Que durmam o breve somno, que vai do anoitecer da vida á alvorada do archanjo! Vêr-nos-hemos em volta do Juiz, que, nos seus dias de réu entre a humanidade pervertida, dissera:

« Só a mim pertence julgar os bons e os maus. »

V.

1834!

Foi um anno de muitas lagrimas. Debaixo dsste formoso céu amontoavam-se os cadaveres. As espadas retiniam debaixo deste sol, quando dois coraçoens do mesmo sangue, na vanguarda de dois exercitos irmãos, anciavam aniquilarem-se. E quando ao ruido das armas succedia o silencio da morte, rompiam os ares os gritos das mães, das viuvas, dos orfãos, e das irmans. Paiz, onde esta harmonia d'angustias se levanta de milhares de labios para o céu, representa a suprema das desgraças humanas, e baptisa-se no sangue d'uma tremenda expiação.

Tremenda... como a de Gaza e Moab!

« Que é dos edificios de marmore, cidade dos obeliscos! » dizia o profeta das lagrimas

Não vêdes em Portugal os fustes das columnas dispersos na ruina dos grandes edificios?

Não vêdes! — Pois que tem esta terra de cummum com Moab e Gaza?

Que tem?!

O enviado de Deus responderia:

« Que é dos teus edificios de virtude, terra da honra e da probidade?

« Que importam os corucheus de vossos palacios, Balthasares do tempo, se lá não está a cruz velladora das felicidades da vida?! »

....

.....

Mãe de Maria, porque choravas tu?

As tuas lagrimas já não eram um mysterio!

....

Camillo Castello-Branco.

A companhia de Jesus é a guarda avançada do catholicismo, porque sempre apparece na frente para combater o erro. O *erro* tambem lhe vota um odio inexoravel, que bem conhece o inimigo que tem na superior esfera intellecual dos jesuitas e na sua reconhecida virtude. Não se poupa a calumnias, e ao emprego de meios violentos, para os anniquilar. Nas lutas da intelligencia teme d'entrar que sempre fica fulminado.

Como temos por fim destruir o erro publicamos o seguinte artigo que no *Catolico* de Madrid encontramos ácerca das Missoens dos jesuitas. Não comprehende as missoens na Europa civilisada, de que já temos fallado por vezes, e que tão uteis tem sido para afugentar o erro.

ESTADO DAS MISSOENS CONFIADAS A' COMPANHIA DE JESUS.

Estas missoens sobem ao numero de 12, a saber: 2 na Europa, Tina e Sira no Archipelago, e Trevinha na Hersegowina; 3 na Asia, China, Maduré e Syria; 2 na Africa, Argelia e Madagascar; 5 na America, America meridional, Jamaica, missoens dependentes do Missouri, Montanhas Penhascosas e Canadá.

Tina e Sira — 7 *religiosos e* 2 *irmãos coadjutores.* — Os PP. que estam empregados naquellas ilhas continuam nellas o seu humilde, porém util ministerio. O conhecimento do grego moderno que adquiriram, em cuja lingua ha alguns que sobresahem, colloca-los-ha em estado de aproveitarem a primeira occasião que se apresente para estender o seu apostolado. A edificação que produz o sello daquelles missionarios é tanto maior quanto é extrema a sua pobresa. A casa em que habitam carece antes de ser reconstruida do que reparada, e apesar disso nunca se queixaram em suas cartas do mal que nella estam, nem d'outras mil privaçoens que estam soffrendo.

Trevinha ou Hersegowina — 8 *padres e* 3 *irmãos coadjutores.* — Na diocese de Trevinha não ha actualmente mais do que 5 padres e 1 irmão coadjutor; 2 com 2 irmãos estam empregados na diocese de Raguza; e 1 que se acha actualmente em Durazzo.

As estaçoens da diocese de Trevinha que occupam os PP. jesuitas sam: Trevinha, Gradaz e Dubrave. Durante duas terças partes do anno, tem o missionario de visitar os catholicos, que quasi todos sam pastores disseminados nas montanhas, e que ás vezes estam mui distantes do ponto em que reside a parochia. Ahi lhes ensina o cathecismo, ouve as confissoens e fortifica por meio da administração dos sacramentos aquelles singellos christãos que estam rodeados de Mahometanos, a quem estam sugeitos.

As estaçoens da diocese de Ragusa, sam Topollo e Trapano, as quaes não differem das precedentes, senão em que o paiz não se acha sob a dominação musulmana. Na cidade de Durazzo contam-se 200 catholicos. O missionario, além de ter cuidado naquelles pobres christãos e nos que o commercio attrahe ao porto, principiou a abrir uma escóla para os rapazes.

China. — 26 *padres*, 4 *escolares e* 5 *irmãos coadjutores.* — Apesar do numero satisfactorio de religiosos da Companhia que estam empregados na China, esta missão ainda não tem podido desenvolver-se como fará mais para o diante. Os ultimos esforços teem permittido ao ill.mo snr. Maresca e ao superior, que se conceda a varios missionarios já antigos algum tempo para estudarem a lingua mandarina e os caracteres chinezes. Atégora os padres jesuitas, vendo o completo abandono em que se achavam havia muitos annos varios districtos, limitavam-se a aprender o dialecto de Kiang-Nan para poderem á sua chegada confessar e ensinar o cathecismo, succedendo frequentemente verem-se lançados no meio das christandades, antes de poderem passar sem interpretes, e é de notar que quando ajudados pela graça haviam vencido as primeiras difficuldades do dialecto de modo que podessem dar-se a entender á gente do povo, achavam-se com o inconveniente de não poderem exercer o seu ministerio para com os letrados, por ignorarem a lingua technica, logo que se tenha superado este obstaculo, alguns de nossos padres hão-de fazer proselytos nas classes superiores em favor de nossa santa religião. Além dos 4 alumnos que estudam ao mesmo tempo a theologia e a lingua mandarina em Zikawey, ha tambem 4 religiosos que aprendem esta ultima.

O P. Alexandre Rose continua a dirigir o seminario de Wandam. Não ha muito que se achava em França um joven alumno deste estabelecimento que se dirigia a Napoles para terminar os seus estudos. Os mais missionarios que se acham disseminados em varios districtos, dedicam-se com zelo ás costumadas tarefas do apostolado. As esmolas da Propagação da Fé, com os donativos dos indigenas e dos estrangeiros, empregam-se na construcção da cathedral, cujos alicerces foram lançados em Chang-Hai pelo ill.mo snr. Bessi, e cuja obra vae continuando o ill.mo snr. Maresca.

Madure' — 40 *padres*, 13 *escolares e* 6 *irmãos coadjutores.* — O noviciado que d'alguns annos a esta parte se acha estabelecido nesta missão começa a produzir fructo: os noviços que professaram vieram da diocese de Goa, ou da Europa, depois de terem dado sufficientes provas de vocação e aptidão para o apostolado das Indias. Sahiram já do noviciado 4 religiosos que se acham actualmente occupados em tarefas da missão, dos quaes 2 foram ordenados no Maduré; e além destes 5 escolares que se applicam a dirigir os estudos no collegio de Negapatam. Desde a fundação daquella casa, arrebatou a morte 2 noviços dos mais jovens: seus companheiros consideram-nos como protectores que os precederam na gloria.

E' sabido que no Maduré existem sempre os mesmos trabalhos com as mesmas vicissitudes de provas e consolaçoens. Os maiores obstaculos que se oppoem ao engrandecimento da obra de Deus, dimanam dos scismaticos. Pelas ultimas cartas do ill.mo snr. Canoz, sabemos que 3 aldêas do Sul, impellidas por um chefe que havia permanecido sempre adido ao scisma se haviam sublevado contra os seus missionarios. Estes, com paciencia e doçura, talvez consigam que aquelles neofitos extraviados voltem ao bom caminho, a maior parte dos quaes sam menos culpaveis que dignos de lastima; mas em quanto de Goa não se atacarem os chefes com um golpe decisivo, os sacerdotes catholicos estarão continuamente expostos a tão desagradaveis contratempos. Esta situação da egreja primaz das Indias, é tanto mais afflictiva quanto que achando-se, ha 3 seculos, arreigados naquellas regioens os costumes da fé que as familias indo-portuguezas conservam ainda, não seria difficil que debaixo d'uma boa administração ecclesiastica se formassem muitos fervorosos missionarios para todos os vigariados apostolicos da India. Os jovens de Goa que entraram na Companhia nestes ultimos annos teem confirmado atégora esta conjectura.

O collegio de Negapatan vae adiantando, e será um bem immenso para os filhos de familias estrangeiras, e uma nova esperança para a religião. O dos tamalenses offerece tão felizes resultados como o dos brancos, no qual se tem manifestado já algumas vocaçoens.

Em Tutucurin acaba de se construir uma formosa egreja, cujas dimensoens sam proporcionadas ao numero de christãos que ha naquella povoação, os quaes sobem a 3:500. Tem a fórma d'uma cruz latina com 3 naves; mas por ora só está coberta com folhas de palmeira, abrigo insufficiente contra a violencia dos ventos do Oeste que reinam naquellas paragens. A instancia do ill.mo Bettachini, vigario apostolico de Jaffna, o ill.mo snr. Canoz pôde prestar-lhe 4 missionarios para as ilhas que estão situadas entre o Maduré e Ceilão, as quaes estavam inteiramente abandonadas. O ill.mo snr. Bettachini dividiu o seu vigariado em 3 districtos principaes. Confiou a parte occidental que comprehende Jaffna aos oblatos de Marselha; a parte oriental aos sacerdotes seculares; e as ilhas aos Padres da Companhia. Se a Divina Providencia permittir que a missão do Maduré se constitua com bastante solidez para ter um noviciado e uma casa d'estudos para os escolares, poderá com o tempo prestar aos outros vigariados da India um favor analogo áquelle que está fazendo na actualidade o vigariado de Jaffna.

Ilha da Reunião e de Madagascar. — A principal esperança desta missão funda-se no estabelecimento do Recurso, erecto em favor dos jovens malgachos, bem como para offerecer aos missionarios que estam atacados de sesoens tenases um asylo onde possam descançar e recobrar a saude. Conta-se já nelle 30 rapazes do Madagascar; mas apenas podem caber, em rasão de que as vivendas que occupam actualmente, e que até hoje lhes teem servido de capella, escóla, refeitorio, dormitorio, &c., além de não offerecerem mais do que um espaço insufficiente por sua estreitesa, acham-se em tal estado de ruina, não obstante os reparos que se estam fazendo continuamente, que é muito para temer que á primeira refega de vento tudo venha a terra, e fiquem todos sepultados debaixo das rui-

nas. Estes temores não sam infundados se se attender a que os furacoens que reinam nas colonias sam summamente violentos. A fim d'interessar ainda mais os nossos associados em favor desta obra citaremos um rasgo daquelles jovens malgachos. Ainda não estam todos baptisados. Os missionarios fazem-nos esperar e desejar com ancia esta graça para lhes fazerem apreciar a importancia d'um acto tão solemne. Um dia, indo estes rapazes lavar a roupa, cahiu o sabão a um delles em uma paragem bastante funda, e ao tempo d'hir deitar-se á agua para o apanhar, parou lembrando-se de que não era christão. Neste entrementes dirige-se a um dos seus companheiros que já estava baptisado, dizendo-lhe: « Tu, que és christão, « mergulha, que nada tens que temer. Se te afogares « hirás direito para o céu, cuja graça não posso eu es- « perar, visto que não recebi ainda a agua do baptis- « mo. »

Syria. = 13 *padres e 4 irmãos coadjutores.* — Os estabelecimentos desta missão reduzem-se ategora ás residencias de Beiruth e de Bick-Faja, ao collegio de Glazir e á missão de Zahlé. Os alumnos do collegio de Glazir continuam a dar muitas consolaçoens a seus mestres. Em Zhalé, as escólas sam sempre mui numerosas e florescentes. As de Bick-Faja não tem diminuido. Em Beiruth o numero de discipulos tem augmentado, em termos que sobem actualmente a 120, a maior parte dos quaes sam catholicos e maronitas; tambem ha alguns que sam gregos scismaticos ou de Rum, que é como lhes chamam no paiz, os quaes recebem a instrucção litteraria dos PP. jesuitas. O contacto em que estam com os missionarios dissipa-lhes as preoccupaçoens e as de suas familias, coisa que não póde deixar de ser util para a sua salvação, segundo as vistas da Divina Providencia. Acaba de se formar em Beiruth uma congregação de jovens, cujo numero é ainda limitado; porém como muitos delles sam mui fervorosos, é d'esperar que a obra prosperará. Um dos principaes objectos desta associação foi o ajudar os seus individuos a passar santamente o domingo; e tendo-se conseguido o fim tem-se posto alguns jogos á sua disposição. O P. de Prunières, que dirige esta obra, busca os meios para procurar-lhes uma bibliotheca de bons livros, a fim de os preservar do perigo que lhes póde acarretar o conhecimento de nossas linguas europeas, fazendo que só se aproveitem dellas utilmente.

Argelia. — 27 *padres*, 6 *escolares*, *e* 36 *irmãos coadjutores.* Dos quaes 29 se acham em Ben-Ak-Num ou Dely-Ibrahim, sufraganea daquelle estabelecimento. Além do ministerio que exercem estes religiosos para com os soldados nas expediçoens militares e nos hospitaes, devemos fazer menção da casa d'orfãos, aonde se recolheram 200 meninos indigenas, que a religião adoptou; e do noviciado, cujos objectos servirão para a reparação immediata dos jovens missionarios que estam destinados aos paizes em que o arabe é a lingua usual. Daqui a poucos annos se poderão recolher os fructos desta instituição, cuja importancia desde já se póde conhecer.

America meridional. — 63 *padres*, 28 *escolares*, *e* 25 *irmãos coadjutores.* — As missoens que estam comprehendidas debaixo deste nome formam 2 divisoens principaes, cada uma das quaes tem um 1.ª superior, que depende immediatamente do padre provincial d'Hispanha. A Nova Granada fórma uma destas divisoens, e a outra compõe-se do Paraguay.

A divisão da Nova Granada tem 30 padres, 21 escolares e 16 coadjutores. Comprehende os collegios pensionistas de Santa Fé de Bogotá e de Medellin, assim como o noviciado e seminario episcopal de Popayan e a residencia de Pasto. Nos collegios de Santa Fé e Medellin existem muitos externos; e pensionistas ha tantos quantos permitte o local. O santo ministerio exerce-se com fructo naquellas duas populosas cidades, segundo o exige o cuidado dos alumnos. Tem-se feito varias missoens no paiz, acompanhadas como sempre de felizes resultados.

A residencia de Pasto foi principalmente estabelecida para as missoens indianas, e com tudo isto acha-se a 3 ou 4 jornadas distante da vasta extensão de terreno (cerca de 200 leguas) coberta em grande parte de pantanos e bosques onde se occultam os selvagens.

Quando a Divina Providencia tenha proporcionado os meios estabelecerá mais immediato a elles outra residencia; porém já actualmente teem os missionarios a vantagem de que quando voltem com sesoens de suas viagens de terras incultas aonde a humidade da noite supera a maior parte do tempo o calor abrasador do dia, não hão-de caminhar um mez inteiro para achar uma casa onde possam ser tratados (1)

A missão do Paraguay tem 33 padres, 7 escolares e 9 irmãos coadjutores. Além deste numero ha 18 padres, 7 escolares e 4 irmãos coadjutores no Brasil; 4 padres e 1 coadjutor em Montevideu; 8 padres e 1 coadjutor na republica de Bolivia; 2 padres e 1 coadjutor no Chili.

Em todas estas paragens, as missoens que teem feito os RR. padres, foram coroadas de admiraveis bençãos, de modo que todas ellas foram um verdadeiro triunfo da graça e da misericordia divina. A obra dos indios naquelles paizes é objecto dos votos mais ardentes da Companhia; porém para que possa continua-la d'um modo duradouro, deseja que haja primeiro residencias ou collegios bem estabelecidos. Principiou com bom exito as suas tarefas no Brasil, para cuja obra principalmente, e para a manutenção dos escolares e gastos de viagem, sam mais necessarios os soccorros da propagação da fé.

Jamaica. — 6 *padres.* — A chegada de 2 novos missionarios permittiu já poderem visitar-se todas as semanas as estaçoens visinhas de Kingstown. Só naquella cidade e suas circumvisinhanças baptisaram-se 100 adultos durante o anno passado.

Missoens que estam debaixo da immediata dependencia da provincia do Missouri. — 6 *padres e* 9 *irmãos coadjutores.* Estas missoens, situadas a E. das Montanhas Penhascosas, sam as dos Osages e potowatomias. Estas ultimas continuam a encher de goso e consolação os seus missionarios. A escóla que se acha estabelecida entre os Osages caminha bem, e os adultos dam grandes esperanças, se bem a sua proximidade ás fronteiras da União, e o seu commercio habitual com os brancos, serão por longo tempo um obstaculo á sua conversão.

Montanhas Penhascosas. — 11 *padres e* 10 *irmãos coadjutores.* — Os temores que havia de que estas missoens fossem perturbadas, ou talvez dispersadas, por causa da guerra que se declarou aos selvagens de resultado do assassinio que commetteram na pessoa d'um ministro protestante que exercia a medicina, não se realisaram felizmente. Contam-se nas Montanhas Penhascosas 4 estaçoens principaes, a saber: A de Santa Maria, entre os Cabeças Chatas; a do Sagrado Coração, entre os coraçoens de sovela; a de Santo Ignacio, entre os Kalispels; e a de S. Francisco Xavier, em Vallameta. A direcção daquellas nascentes christandades tem de tal modo empregados os Padres que se acham á frente dellas neste momento, que não podem dedicar-se á conversão em massa de novas tribus, a cujos numerosos neofitos não poderiam dedicar os seus cuidados sem comprometter a existencia das missoens já fundadas. A de Santa Maria dos Cabeças Chatas ha 2 annos que esteve a pique de perecer com motivo de haverem os brancos querido apoderar-se das terras immediatas, cujo trama foi descoberto pela vigilancia do P. Mengarini, contra quem procuraram vingar-se com mil calumnias. Estabeleceu-se entre os coraçoens de sovela um asilosinho d'orfãos que promette muito para o porvir religioso daquelles indios.

Canadá. — 31 *padres*, 7 *escolares e* 21 *irmãos coadjutores* — Além deste numero d'apostolos ha 15 padres e 10 irmãos coadjutores occupados nas missoens estabelecidas no Alto Canadá, a saber: A de Sandwich ou da Assumpção, em que não ha selvagens, ou quasi nenhum; as de Wilnot e Nova Germania, formadas em grande parte de colonias allemans; a do Salto de Santa Maria; a do Sagrado Coração, na ilha de Walpool; a de Santa Cruz, na Manitulina, e a da Purissima Conceição, nas margens do Lago Superior. Estas 4 ultimas sam principalmente para os indios; sam mui laboriosas e produzem sem ostentação fructos solidos e mui preciosos aos olhos do Senhor, apesar do limitado numero d'obreiros. Assim é que o P. Hanipaux, que se acha na ilha Manitulina com o P. Nicolau Point, tem na dita ilha e no continente mais de 20 para-

(1) Todas estas obras, collegios, seminarios e missoens da Nova Granada, receberam um golpe mortal com o decreto que expediu o governo daquella republica, desterrando os RR. Padres Jesuitas.

gens ou aldêas para visitar. Acham-se algumas destas estaçoens, que comprehendem de 50 a 100 neofitos, a umas 30 leguas de Santa Cruz. Aquelle bom padre, apesar de sua robustez e actividade, não se considera pouco ditoso quando póde uma vez no anno empregar alguns dias em percorrer alguns daquelles pontos.

A missão do Salto de Santa Maria serve uma estação de selvagens que se acha a distancia de 80 leguas, e a da Purissima Conceição tem varios pontos que distam de 40 a 50 milhas. Além das fadigas das viagens, aggregam-se ás vezes desgostos muito amargos para o coração d'um missionario. Em uma noite do mez de Março ultimo, achando-se ausente o P. Rauquet, pegaram fogo á egreja e ao presbyterio, e tudo foi consumido pelas chammas. Attribue-se geralmente este incendio á má vontade d'alguns chefes infieis, atiçados ao mesmo tempo pelo espirito de seita.

Vamos concluir esta ligeira resenha das tarefas apostolicas da Companhia de Jesus com um facto que applaudiriamos com satisfação, se não fosse a um tempo uma perda e uma mancha para alguns paizes. « Só no ultimo « anno, escreve o R. padre geral dos jesuitas, mais de « 130 religiosos da minha ordem sahiram da Europa para « hir reforçar as missoens. Os soccorros da Propagação « da Fé teem contribuido poderosamente para que este « numero fosse tão crescido. Parece que a Divina Pro- « videncia quer reservar a esta obra milagrosa, e tão emi- « nentemente catholica, a gloria de ter criado ou resta- « belecido, ou quando menos salvado, todas as missoens « que existem actualmente em toda a terra. »

RACHEL E LIA.

XXV.

Quam diligens Jacob, ait: serviam tibi pro Rachel filia tua minore septem annis.

Et vespere Liam filiam suam introduxit ad eum.

.... serviens apud eum septem annis aliis.

Gen. C. 29. V. 18. 23. 30.

Contente das promessas do Senhor,
Pr'á terra de Labão Jacob partiu;
Onde, apenas Rachel formosa viu,
Seu puro coração bateu d'amor.

P'ra ser esposa sua, com fervor,
A filha de Labão ao pai pediu,
Que em dar-lhe sua mão só consentiu
Se fosse por sete annos seu pastor.

O praso dos sete annos acabou;
Mas Labão, que Rachel lhe não quiz dar,
Por Lia, que era feia, lha trocou:

De sorte que Jacob a assoldadar
Por mais outros sete annos se tornou,
Só para com Rachel se desposar.

FUGIDA DE JACOB.

XXVI.

Maximè dicente sibi Domino: Revertere in terram patrum tuorum.....

Qui assumptis fratribus suis, persecutus est eum diebus septem, et comprehendit eum in monte Galaad.

Tullit itaque Jacob lapidem et erexit illum in titulum.

Gen. Cap. 31. V. 3. 23. 45.

Jacob, por seus rebanhos opulento,
Temendo desses bens ser despojado
Pelo pai de Rachel, que de mau grado
Soprar-lhe via da fortuna o vento,

Os conselhos de Deus recorda attento,
E de Lia e Rachel acompanhado,
Lá foge de Labão, que exasperado
Dos filhos pouco tarda em seguimento!

Passado o rio Eufrates se encontraram,
E, quando guerrear-se só deviam,
Uma nova alliança alli firmaram.

Sacrificios depois a Deus enviam,
Levantando uma pedra, a que chamaram
— Testemunho dos votos, que faziam. —

Vieira.

MEDITAÇOENS.

(*A' Exc.ma Snr.a D. F. I. O.*)

I.

Eu vejo a geração nova, que passa,
N'um profundo dormir;
Feliz, ri-se á ventura, e á desgraça
Com o mesmo sorrir!

A vida é-lhe um festim · se folga hoje,
Manhan... mais folgará.
O tempo entre as delicias não lhe foge....
Que importa o que será?!...

A voz da naturesa diz-me á alma
Profundesas dos céus:
Deparo escripto sobre o cedro e a palma
Os mysterios de Deus!

Mas não assim o ebrio das venturas
Do seculo traidor...
E' cego, e não contempla nas alturas
As glorias do Senhor!

Sósinho, junto ao mar, e sobre a fraga,
Que a celeuma affrontou,
Eu vejo vir partir-se a irada vaga
Onde Deus lhe apontou.

Mais dentro, nesse mar, a poucos passos,
Um perdido baixel
Relucta, e geme, e estala... ei-lo pedaços,
N'uma angustia cruel!...

Meu Deus! quem disse ao mar, que o rolo irado
Viesse aqui estalar?
Quem é que ao mar, além, mais dentro, ha dado
O poder de matar?

Nas poucas horas, em que vivo envolto
No manto seductor
Da tragedia do mundo, eu sinto solto
O genio pensador.

Vejo, em volta de mim, raiar o goso
Nos filhos do prazer:
E eu, forçado e triste e sem repouso,
Vivo alli... sem viver!

Sempre o anjo da dôr... sempre comigo
O meu anjo fiel!
E' forçoso tomar das mãos do amigo
O meu calix de fel!

E sempre, além da vida, o pensamento
No austero tribunal,
Onde ha contas severas d'um momento,
Neste trance mortal!

Se eu tivesse um sorrir dos que a virtude
Aos seus amigos dá,
Não coroára de flores este alaúde,
Sagrado a Jehová!?

Não sorrira, mancebo, como tantos,
Que vivem no Senhor?
Não gosára da vida os mil encantos,
Dourados pelo amor?!

Não sei! Essa alegria que fulgura
Tanto em volta de mim,
Tenho-a visto brilhar, sorrir, impura,
Em labios de Caim!

Mais d'um impio me diz que é venturoso,
E parece que o é!
Não sei mesmo se gosa esse repôso
D'um justo em sua fé!

Não sei se é de remorsos o seu leito,
Nem os sonhos, que tem!...
Se mão de larva atroz lhe esmaga o peito
Não n'o diz a ninguem!

E que importa, meu Deus, que elle o não diga?
Acaso a perversão
Suffoca do remorso a voz amiga,
Que falla ao coração?!

Não tenho eu dentro em mim dois sentimentos
Com bem distincto som?
O *mal*, com seu cortejo de tormentos,
Fará que eu seja *bom*?

E o *bem*, que já sentir uma vez pude,
Acaso é meu algoz?
Oh Christo! o prazer santo da virtude
Não me falla de vós?

Donzella, em cuja face illuminada
Pelo brilho dos céus,
Eu leio um coração, onde florescem
Vivas crenças em Deus...

Não sei se comprehendeste a voz do homem,
Que não soube entoar
Por labios d'innocencia um hymno d'anjo
Para a anjos fallar.

Eu quiz mostrar-te o céu onde fluctua
O teu astro de luz,
E mostrar-te na terra quasi extincta
A lampada da Cruz.

Mostrar-te a geração onde se enrosca
A serpente do mal,
Que verte pelos labios da perfidia
Um veneno mortal.

Não sabes que uma flôr, que espinhos cercam
Depressa feneceu?!
Tal o bom coração, que os maus rodeiam,
Entre os maus se perdeu.

Ao throno, aonde estás, não chega o verme
Que roe o coração;
Mas, se desce a virtude, o verme sobe
No rasto da traição!...

Praias de Villa Chan 13 de Junho de 52.

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

JUNHO.

13 *Domingo.* S. Antonio de Lisboa, havendo sido por seus nobres paes educado na piedade, consagrou-se, quando mancebo, mais estreitamente a Deus na ordem dos conegos regrantes de S. Agostinho. Inflammado no desejo do martyrio, á vista das reliquias dos SS. Martyres de Marrocos que acabavam de ser trasladadas para Coimbra, pediu licença para passar para a ordem Serafica, e consecutivamente se offereceu para hir prégar aos Sarracenos; porém a embarcação em que hia, impellida por um forte temporal, arribou á Sicilia, d'onde elle veio para Assis, e depois para um ermo do monte Paulo. Ordenado presbytero, deu-se principalmente ao ministerio do pulpito, e tão insigne se tornou, que o Summo Pontifice, ouvindo-o prégar, lhe chamou « a Arca do Testamento »; e pela solidez e energia dos argumentos, com que stygmatisava e confundia os hereges, tambem era chamado « o martello dos hereges. » Foi tambem empregado em Bononia e outros conventos da sua ordem no ensino dos religiosos moços. Finalmente em Padua entregou a Deus o espirito, adornado de virtudes, no anno 1231.

14. *Segunda feira.* S. Basilio Magno, natural da Capadocia, havendo frequentado as escólas de Athenas, passou a instruir-se nas sciencias sagradas em um mosteiro. Eusebio bispo de Cesarea o encarregou, na qualidade de coadjutor, de doctrinar esta cidade, onde depois, por morte do mesmo Eusebio, ficou bispo. Acerrimo defensor do dogma da consubstancialidade, incorreu no odio do imperador Valente, o qual só deixou de o perseguir e de lavrar ordem de desterro contra elle depois que repetidos milagres o inhibiram de o fazer. De um engenho e erudição profunda, é um dos padres do 4.º seculo que melhor commentou as sagradas Escripturas, e conforme diz S. Gregorio Nazianzeno « ninguem as explicou mais verdadeira e diffusamente » *verius aut uberius.* Foi o reformador dos monges do seu tempo, edificando um mosteiro, cujos estatutos combinavam sabiamente a vida contemplativa com os differentes trabalhos. Os seus terminaram no dia 1.º de Janeiro pelos fins do seculo 4.º; porém este dia é o designado para em seu louvor se recitarem os officios ecclesiasticos.

15. *Terça feira.* S. Vito, havendo, ainda menino, abraçado a religião christan sem que seu pae o soubesse, veio depois a experimentar da parte delle uma ira, que não se compadece muito com a paternidade: entregou-o ao juiz para o obrigar por meio de tormentos a abjurar; porém elle foi constante, e desta vez o juiz, vendo que sua fé era a prova de todas as temporalidades, o tornou a entregar a seu pae. O cruel e ingrato Diocleciano, acabando de receber delle o beneficio de sarar-lhe o filho que estava sem esperança de viver, pagou-lhe a vida com a morte, mandando-o torturar por differentes modos, e ultimamente despedaçar no eculeo.

16. *Quarta feira.* S. João Francisco de Regis é uma das abençoadas primicias do instituto de S. Ignacio de Loyola. Verdadeiramente penetrado do espirito do fundador da ordem da Companhia, era todo abnegação, empregando-se sem reserva em dirigir almas para o céu.

17. *Quinta feira.* S. Theresa, filha de Sancho I de Portugal, foi dada em matrimonio, quando ainda não tinha trese annos completos, a Affonso de Leão. Passados annos, o romano pontifice lhes fez saber que seu casamento fôra nullo por falta de dispensa do impedimento de consanguinidade, e então elles, que até alli viviam na boa fé, se resolveram, não a sollicitarem a dispensa, mas a separarem-se, vindo a nossa santa para o mosteiro de Lorvão, onde floresceu em virtude.

Item. S. Manoel, vindo na qualidade de deputado do rei da Persia para tratar paz com o apostata Juliano, foi compellido por este a venerar os idolos, e como o recusasse fazer, porque era christão, foi passado á ponta da espada.

18. *Sexta feira.* Coração de Jesus. A santa egreja, querendo por todos os modos accender em nossos peitos o fogo do amor ao nosso Deus expõe hoje á nossa veneração o Coração de Jesus Christo, como um objecto bem capaz de o excitar. Com effeito, foi neste coração onde ardeu um amor tão intenso pelos homens, que o fez sacrificar-se por elles! foi este coração amoroso, que não permittiu a Jesus separar-se inteiramente de nós, e o fez instituir a divina Eucharistia, onde realmente existe! é finalmente este coração, que, resuscitado, ainda nada deseja tanto como a salvação dos homens, e está sempre prompto a perdoar-lhes, quando arrependidos o buscam!!

19. *Sabbado.* S. Gervasio e Protasio, ficando orfãos depois do martyrio de seus paes Vital e Valeria, venderam o seu patrimonio e distribuiram pelos pobres o seu producto; irritados por isto os sacerdotes gentios, persuadiram a Astasio, que se preparava para uma guerra « que não venceria se não obrigasse Gervasio e Protasio a sacrificar aos idolos; » e por isso, recusando-se elles a esta idolatria, mandou flagellar a Gervasio até morrer, e a Protasio mandou decepar a cabeça com um machado.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — No dia da Ascensão, apesar de chuvoso, foi S. Santidade assistir á celebração da missa a S. João de Latrão, e subindo ao balcão grande deu a benção *urbi et orbi.*

Prussia. — Chegaram os jesuitas a Berlin para abrirem uma missão. A sua chegada fez sensação, porque foram atacar o protestantismo no seu centro.

Augmentou-se o numero dos capellaens catholicos do exercito prussiano, e consta que S. Santidade vae nomear bispo o snr. Muncke, conselheiro de instrucção publica, que havia sido nomeado capellão mór dos catholicos do exercito.

França. — Em 22 de Maio foram reintegrados solemnemente em Lião os frades da doctrina christan, na sua qualidade de instituidores communs, que lhes havia sido tirada depois dos eventos de 1848. M Guilloud, administrador da Guilhotière, que com tanta coragem e perseverança sustentára os frades contra uma maioria malevola, procedeu a esta reparação d'uma grande injustiça e d'uma grande falta politica, em presença dos snrs. curas e outros ecclesiasticos da localidade.

Hispanha. — No 2.º mosteiro das Salesas Reaes de Madrid professaram em 7 de Junho 5 religiosas, e na Conceição franciscana, vulgo a Latina, professou 1 no dia anterior. Em varios outros conventos continuam as profissoens em grande numero e com frequencia, ao passo que entre nós ainda pertendem acabar com os que existem. Quando virá aquecer-nos tambem o sol da reacção religiosa?!

— A rainha, em conformidade com o parecer do conselho real, resolveu que as irmans da caridade possam dedicar-se ao ensino de meninas nos estabelecimentos a que forem destinadas, sem carecerem d'obter titulo de mestras, devendo sómente habilitarem-se convenientemente na sua ordem.

— Ja se deu ordem para se estabelecerem os seminarios episcopaes, segundo o concilio tridentino. Os mestres sam da escolha dos bispos, a quem o governo só pede que lhe participe quem sam os nomeados.

Em Portugal apenas se falla em seminarios e isso mesmo com muita timidez, apesar de ser um dos fins da concessão da Bulla o restabelecimento dos seminarios. Parece que os nossos governantes folgam com a ignorancia do clero, pois lhe difficultam todos os meios de se elle instruir.

Irlanda — S. Santidade dignou-se confirmar para a Sé de Dublin o dr. Paulo Cullen, arcebispo d'Armagh, primaz d'Irlanda; e ao mesmo tempo foi servido nomea-lo delegado apostolico para continuar a presidir ao episcopado irlandez.

Falla-se em que o dr. Manning, insigne doctor d'Oxford, que o anno passado se conciliou com a Egreja, e se ordenou presbytero, será proposto para a sé archi-episcopal d'Armagh, vaga pela transferencia do arcebispo Cullen para a Sé de Dublin.

Asia. — Jerusalem. — As festas da Paschoa passaram-se com tranquillidade. O Sultão fez uma concessão que muito regosijou os frades franciscanos. Permittiu-lhes comprar as casas turcas que dominam a habitação dos frades enviados pelo convento de S. Salvador para serviço do Santo Sepulcro. Esta visinhança muito os vexava, porque nem mesmo podiam reparar as suas pobres cellas. A habitação dos frades, contigua á grande rotunda do Santo Sepulcro é encravada em um terreno elevado, e só recebe ar e luz por um patiosinho estreito. As cellas estam ao nivel dos canos que conduzem a uma grande cisterna as aguas dos terrados, o que entretem continua humidade; e os turcos divertem-se a obstruir os canos para lançarem a agua sobre as cellas dos catholicos. Tinham estes d'obter licença para os limpar, que pagavam ás auctoridades e aos porprietarios tambem. Em 1847 e 52 tiveram os PP. de abandonar as cellas inundadas. Como as janellas dos turcos abriam para o patio deitavam immundicias, e em 1835 levantando um religioso dois pedaços d'estofo foi atacado da peste e morreu poucas horas depois. Tambem teem 2 janellas para o interior da Rotunda do Santo Sepulcro o que dá logar a irreverencias e profanaçoens.

Um religioso franciscano hispanhol, fr. Simão Soriano, vai partir para Jerusalem por Marselha, onde embarca.

ADVERTENCIA.

Aquelles senhores, cujas assignaturas, acabam com o 1.º semestre, ou 2.º trimestre, no fim do currente Junho, queiram ter a bondade de as renovar com tempo para não soffrerem interrupção na remessa do Periodico. Os que não tenham satisfeito ainda as condiçoens do prospecto, de *pagarem adiantado*, tenham a bondade de o fazer, porque não se póde prescindir dessa justa exigencia, *de que depende a conservação deste periodico*, attendendo a que os seus redactores nem podem, nem devem adiantar mais do que os seus trabalhos intellectuaes.

Em todos os paizes, exceptuando sómente Portugal, costumam pagar-se as assignaturas adiantadas, e suspender-se no ultimo dia em que termina a assignatura se não sam renovadas a tempo.

A quem faltar algum n.º por extravio do correio queira reclama-lo, em carta franca de porte, que lhe será remettido.

ERRATAS.

Na poesia — *O preço d'uma lagrima*:

O verso:
E, *depressa*, suffocando o seu remorso,
Leia-se:
E, *prestes*, suffocando o seu remorso.
O verso:
Um minuto... *um só*... meu Deus!... ei-lo passado...
Leia-se:
Um minuto, meu Deus!... Ei-lo passado!...

JUNHO 26. 1852. — N.º 26.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

Cópia da Pastoral do governador do Bispado de Bragança.

João Pereira Botelho d'Amaral e Pimentel, bacharel formado em Direito, chantre da Sé Cathedral desta cidade, provisor e governador do bispado de Bragança por S. Exc.ª Reverendissima

A todo o clero e mais fieis desta diocese, saude e graça em Nosso Senhor Jesus Christo — Encarregado por s. exc.ª rev.ma do governo deste bispado, durante a sua ausencia, como consta da cópia da provisão que vos vai ser lida, é meu primeiro dever, depois de vos dar conhecimento desta escolha, unir-me a vós em espirito de caridade pastoral por meio da palavra, reconhecendo a minha insufficiencia para tão grande cargo, e pedindo o auxilio do reverendo clero, e oraçoens de todos os fieis para que o possa desempenhar dignamente.

Não me cançarei em demonstrar a importancia da commissão, de que me acho encarregado, nem exaggerarei a minha falta de recursos para bem poder cumprir, posto reconheça serem muito diminutos; porque com boa vontade e com o auxilio divino, não ha empresa a temer, e principalmente quando ella mesma é no serviço de Deus e da sua santa egreja — Animado pois dos melhores desejos de poder prestar todos os serviços á Religião Santa, que temos a fortuna de professar, farei em quanto couber em minhas forças para conservar intacto o precioso deposito da fé, trabalhando incessantemente para que a disciplina ecclesiastica se conserve no seu vigor e puresa, e empregarei todos os esforços possiveis para que seja observada a moral evangelica fundamento de toda a felicidade. Será para mim uma grande gloria se, ao prestar contas do meu governo, tiver a fortuna de entregar ao supremo pastor desta diocese o vasto e precioso rebanho que por algum tempo, senão augmentado, ao menos não deteriorado nos seus bens espirituaes. Para que porém eu possa conseguir tanta fortuna muito careço depois do auxilio divino, da sincera e efficaz cooperação do reverendo clero deste bispado, principalmente dos muito reverendos parochos meus irmãos no ministerio sacerdotal, e coadjutores na vinha do Senhor, e esta cooperação eu lha peço com toda a instancia, não por mim, mas por bem da santa egreja; por bem da classe ecclesiastica que deve ser a luz do mundo, e o sal da terra; por bem desta religião divina, que temos a honra de evangelisar; por bem dessas almas que foram confiadas á nossa vigilancia; pela honra d'um Deus infinito em sua bondade, mas inexoravel em sua justiça; e pelo nosso proprio bem e felicidade que não podemos encontrar n'outro caminho que não seja o do cumprimento de nossas obrigaçoens. E' pois com toda a instancia que peço essa cooperação, e peço-a da parte d'um Deus, porque sem ella pouco eu poderei conseguir, e quizera que ella fosse não só de palavras, não só de obras, mas igualmente de bons desejos, e acompanhada sempre dos melhores exemplos; porque nada é impossivel a quem devéras quer, e principalmente coisa tão justa; e os bons exemplos é uma prégação constante e permanente, que tocando todos os nossos sentidos, não se lhe póde resistir: confio pois amados irmãos no Senhor, que pela ausencia do nosso zelosissimo prelado não affrouxareis no vosso custoso, mas sublime ministerio, e que unindo-vos comigo por estreita caridade em fervoroso zelo do bem das almas e da prosperidade da egreja; terei a satisfação de restituir não deteriorado a seu digno Pastor o rebanho que se dignou confiar-me, no que vos caberá uma grande parte de tanta gloria. De todos os amados fieis deste bispado, e principalmente daquelles que mais se empenham na honra de Deus, e da sua Santa Egreja quero fervorosas oraçoens, e lhas peço encarecidamente a fim que o Senhor se digne auxiliar os meus bons desejos, proteger e defender esta diocese de qual quer mal durante a ausencia do seu exc.mo prelado, e prosperar e augmentar a sua Santa Egreja em graças e bens espirituaes. Peço finalmente piedosas oraçoens pelo inteiro restabelecimento da preciosa saude de s. exc.ª rev.ma o snr. bispo desta diocese, a fim de que voltando brevemente a tomar conta do vasto e querido rebanho que o Espirito Santo confiou á sua vigilancia, nos possa mais facilmente dirigir a todos com seu fervoroso zelo, provada virtude, e consummada prudencia atravez dos embaraçados e custosos caminhos desta terra de peregrinação até á patria dos verdadeiros gosos, aonde desejo nos juntemos todos um dia, e seria para mim de summa gloria o ter para isso d'algum modo concorrido.

Dada aos 26 de Maio de 1852.

CULTO DEVIDO AO AUGUSTO SACRAMENTO DA EUCHARISTIA.

(Continuado do n.º 18.)

Ás demonstraçoens de veneração, e religioso acatamento prestado nos primeiros seculos da egreja ao augusto,

e veneravel Sacramento da Eucharistia, podemos juntar uma serie de factos de que temos noticia acontecidos entre nós, os quaes, se por um lado mostram até que ponto póde chegar a perversidade do coração humano, quando nelle chega a extinguir-se o fogo da caridade, por outro lado manifestam se compungiam com a simples noticia de qualquer irreverencia, ou desacato feito a Jesus Christo no augusto Sacramento do seu amor, e de verem praticar para com elle as mesmas ingratidoens os mesmos opprobrios, que padecera no Calvario.

Sendo bispo desta diocese D. fr. Gonçalo de Moraes, monge da congregação de S. Bento, nascido em Villa Franca de Lampares na provincia de Traz-os-Montes, varão de excellentes virtudes, entre as quaes sobresahia a magnanimidade, como se deixa vêr de tudo quanto emprehendeu, e concluiu no tempo do seu governo, aconteceu em 11 de Maio de 1614 na egreja cathedral um horroroso desacato; este crime, que então se reputava novo e inaudito, e que nos nossos tempos tantas vezes se tem repetido, encheu todo o reino de consternação e espanto; a todos parecia impossivel que homens remidos com o sangue de Jesus Christo se atrevessem a levantar contra elle suas mãos sacrilegas; em todas as terras desta diocese, e de fóra della se fizeram publicas demonstraçoens de penitencia para desaggravo da offensa feita á divina magestade; o mesmo venerando prelado deu o exemplo da mais edificante piedade, acompanhando com os pés descalços uma procissão de penitencia, que correu as principaes ruas desta cidade; egual exemplo deu Diogo Lopes de Sequeira, que então era governador das justiças.

Na freguezia de S. Thiago da Capella tambem deste bispado aconteceu um semelhante facto, e ainda que não foi possivel determinar o anno, em que foi perpetrado, podemos comtudo affiançar a sua veracidade por nos ser testificado por pessoas de todo o credito; homens de costumes perversos, e desmoralisados entraram na egreja, arrombaram a porta do tabernaculo, e levaram o vaso, que continha as sagradas fórmas, as quaes foram encontradas sobre uma pedra, que fica a duzentos passos ao poente da egreja; para descobrir os auctores de tão execrando attentado não se pouparam assiduas diligencias, ainda que todas ellas ficaram sem effeito; partiram immediatamente desta cidade duas alçadas, uma de ministros da justiça ecclesiastica, outra da civel para devassarem, e conhecerem deste crime; não ha muito tempo que deixou de se cantar na mencionada egreja uma missa em desaggravo no dia anniversario do desacato, e ainda hoje é vista com veneração, e com respeito religioso a pedra, em que foram lançadas pelas sacrilegas mãos dos impios as particulas consagradas.

O dia 15 de Janeiro de 1630 é de uma triste recordação para todas as pessoas, que nutrem em seus coraçoens verdadeiros sentimentos de religião; mas especialmente para os habitantes da freguezia de Santa Engracia da cidade de Lisboa. E' de todos sabido, e ainda hoje se conta como se fôra recentemente acontecido o desacato, que teve logar na mencionada egreja naquelle dia de publico, e geral sentimento; todo o reino se cobriu de pesado lucto; todos desejavam expiar o crime commettido por alguns poucos homens perversos; a principal nobresa da côrte, que em todos os tempos se distinguiu pelos seus sentimentos religiosos formou logo uma irmandade de cem membros com o nome de escravos do Santissimo Sacramento, os quaes todos os annos imploram a misericordia divina offendida, celebrando um solemne triduo na capella da Ajuda.

Pelo mesmo motivo foi edificado aos 12 de Abril do mesmo anno na villa do Louriçal o convento que hoje é das religiosas de Santa Clara, duas das quaes estam orando mentalmente diante do Santissimo Sacramento, até serem substituidas por outras duas, vindo deste modo a haver naquella casa um nunca interrompido Lausperenne. Este convento está edificado no mesmo logar, em que estiveram as casas dos paes da bemaventurada Maria do Lado, pessoa de tão reconhecidas virtudes e santidade, que el-rei D. João 5.º sendo ainda principe, venceu por sua intercessão uma perigosa enfermidade, que principiava a dar sério cuidado á côrte e a todo o reino, como é testificado em um documento assignado pelo seu proprio confessor; donde procedeu dar em todo o tempo da sua vida publicas demonstraçoens da sua particular veneração, para com este refugio da virtude, e asylo de santidade. Depois de ter assumido as redeas do governo, dignou-se tomar esta casa debaixo da sua real protecção, e a sua portaria de 20 de Abril de 1707 manifesta bem claramente os sentimentos de religião deste piedoso rei: *hei por bem* (diz elle) *e me praz tomar o convento a que agora se reduziu o dito recolhimento debaixo da minha protecção real com a qual procurarei executar as demonstraçoens da minha bôa vontade, e da particular devoção, que tenho ao soberano e ineffavel mysterio do Sacramento do altar, e o quanto estimo e desejo se multipliquem os logares, em que profundamente seja venerado.*

Na noite de 13 para 14 de Maio de 1778 teve logar na egreja de S. João Baptista da villa de Palmella um horroroso desacato; apenas na corte houve noticia delle pela participação dada pelas respectivas auctoridades, foram expedidas as mais terminantes ordens para descobrir e capturar os auctores de um crime tão grave, e que excede tudo quanto póde conceber-se de mais atroz. A snr.ª D. Maria primeira no nome, e unica nas qualidades, por não haver outra, que a iguale na religião e na piedade, ordenou logo que a corte tomasse pesado lucto por espaço de 9 dias, e ella mesma acompanhada de todas as pessoas da casa real e de toda a nobresa, seguiu a pé uma edificante procissão de penitencia, que no dia 28 do mesmo mez sahiu da santa egreja patriarchal, e foi recolher-se á Graça, manifestando em todo o tempo que durou este religioso acto signaes da mais pungente dôr, e do mais vivo pesar, como se ella só quizesse satisfazer pela offensa feita por alguns dos seus subditos a Jesus Christo sacramentado. Os sentimentos religiosos desta exemplar rainha eram um perfeito contraste daquelles, que não póde encobrir quem parece se enfada de entrar nos templos do Deus vivo, e ter repugnancia de estar ainda por curto espaço de tempo na presença do pão dos anjos.

Não ha muitos mezes, que em uma rua publica desta cidade se praticou um desacato de nova especie, quando o Sagrado Viatico era levado processionalmente a um enfermo; a indignação das pessoas que o presencearam foi superior á impiedade de quem o commetteu; se alli mesmo não vingaram um tal ultrage feito á religião, o qual offendeu muito a moral publica, foi porque lho não permittia o respeito devido ao augusto Sacramento da Eucharistia, em cuja presença estavam. E' muito digno de elogio o procedimento da auctoridade administrativa, que empregou os meios, que cabiam dentro dos limites das suas attribuiçoens, para impedir a repetição de factos tão escandalosos.

Os crimes de um pequeno e muito limitado numero de homens pervertidos, so teem servido para radicar mais profundamente nos coraçoens a fé para com o ineffavel sacramento, que é o maior de todos os prodigios da omnipotencia divina e a obra mais espantosa da sua misericordia, e para promover o seu culto; porém Urbano IV entendeu que todos os crimes deste genero, e todas as offensas, que se commettem no decurso de cada anno deviam ser reparados por um acto religioso publico, commum e solemne; com este fim instituiu a festividade e procissão do Corpo de Deus, sendo particularmente movido para isso por um crime acontecido em Volsinio, como referem os escriptores ecclesiasticos, e é contado pelo mesmo Bento XIV em uma instrucção pastoral ao seu rebanho de Bononia. Achava-se Urbano IV na cidade de Urbino, para onde se tinha retirado por causa de uma invasão de Manfredo, tyranno da Sicilia; um sacerdote que estava celebrando na cidade de Volsinio, depois de feita a consagração, principiou a duvidar da presença real de Jesus-Christo; de repente appareceu o corporal tinto de sangue, como para confundir a incredulidade d'aquelles, que sentem do mesmo modo, que sentia o ministro da egreja perante o qual Deus operou este prodigio; este corporal ainda no principio do seculo passado se conservava na egreja cathedral da cidade de Urbino, para onde foi levado com solemnidade, e Bento XIV certifica te-lo visto *non sine pia animi commotione.*

O mesmo Urbano IV e os summos Pontifices seus successores concederam innumeraveis graças para excitarem os fieis a celebrarem esta singular festividade com a veneração, e solemnidade, que é devida a tão veneravel

sacramento. O concilio de Trento na sess. 13 cap. 5 declara que *singulis annis peculiari quodam et festo die præcelsum hoc, et venerabile sacramentum singulari veneratione, ac solemnitate celebraretur.*

Martinho V estendeu as mesmas graças a todas aquellas pessoas, que acompanharem o Sacramento, quando é levado aos enfermos, com o unico fim de promover o seu culto. S. Carlos no liv. 1.º das actas da egreja de Milão recommenda, que se alguem, hindo a cavallo, encontrar o Santissimo Sacramento salte immediatamente em terra, ajoelhe, e assim permaneça, até que passe; porém o sacerdote, clerigo, ou leigo que caminhando a pé o encontrarem devem acompanha-lo até casa do enfermo, e na volta para a egreja; o mesmo recommenda Bento XIV na instrucção acima citada.

Os reis e principes com rasão julgaram que não degradavam a sua auctoridade prestando ao rei dos reis o mesmo culto. D. João 1.º de Hispanha determinou por lei que *Nos, hæres regni princeps, aliique libri nostri, quoties in via Sanctissimum Christi Sacramentum occurret ad Templum a quo delatum fuerit, omnino prosequamur, fixisque humi genibus, donec Sacerdos transierit, debitum religionis cultum exibeamus; a quo nec lutum, nec ullæ sordes excusare possunt.*

B. V. de S.

ULTIMAS CONSEQUENCIAS DO ATHEISMO.

Em todo o tempo, ao lado das arrogantes columnas do palacio do rico, appareceu a casinha de barro amassado pela mão do pobre. A desgraça e a opulencia é de todas as geraçoens e de todas as épocas. Os risos folgados da alegria, e as lagrimas inexhauriveis da penuria misturaram-se sempre debaixo do mesmo céu, no seio da mesma sociedade, ao abrigo de todas as legislaçoens, e sob a influencia de todas as formulas religiosas.

O astro do Christianismo, porém, eclipsando os faustosos lumes dos saloens dos ricos, allumiava mais dentro naquelle escuro d'alma, onde não chega o reflexo dos brilhantes atavios da terra, e, na vertigem do goso, gerava o sentimento da piedade por essa porção de creaturas, que não podiam, do tremedal da pobresa, altear-se a rebuscar os desperdicios dos banquetes do afortunado.

Era grande o influxo do Christianismo na sociedade. Era mais que sublime o seu preceito consolador dos afflictos, e nunca indifferente para os mimosos da fortuna. Era esta tres vezes santa religião de Jesus Christo a mãe providencial dos infelizes, que não receava sentar-se, como um anjo invisivel, á cabeceira da prodiga mesa do abastado, e mostrar-lhe seus filhos com a face annuviada pela amarellidão da fome.

E, comtudo, o homem desgraçado é de todos os tempos. A causa da pobresa tem atravessado as geraçoens, como o sello da sua degradação. Um dia, porém, amanhece na vida amargurada dessa porção desvalida da sociedade. A aurora desse dia é perfumada e bella como nunca a viram ricos, dourando-lhes as purpuras de seus leitos. O desgraçado, erguendo-se de suas palhas, para adiantar um dia mais na sua peregrinação dolorosa, encontra um marco, levantado entre as torturas do seu passado, e a desesperação do seu futuro: encontra uns braços, que o recebem no seu manto de farrapos; encontra uns labios, que lhe lêem o seu destino, na fronte, onde a sociedade lhe insculpira um despreso perpetuo... e estes braços, e estes labios eram os de Jesus Christo, que lhe diz: « Bemaventurados os pobres... bemaventurados os que soffrem, porque é delles o reino do céu. »

Desde esse momento o pobre pôde levantar os olhos enxutos para o céu, como para o seu thesouro! Não descessem os Neros e os Caligulas as escadas d'ouro de seus thronos para deporem suas purpuras nos hombros do pobre, mal cobertos d'um andrajo fetido! Não viessem do fastigio das glorias terrestres os hypocritas das lamurias sociaes bradar reformas, a favor d'uma tribu de proletarios, que se assentava á noite no liminar da sua possilga, vasia de tudo, esperando que a providencia do dia seguinte lhe ministrasse um bocado de pão incerto!

O desgraçado tinha no seu intimo o refrigerio de consolaçoens, que, neste desterro, não podiam dar-lhe. Embora a mão da fome lhe cerrasse os olhos da face, a luz da fé brilhava-lhe nos olhos do espirito, e os horisontes da esperança dilatavam-se-lhe nessa herança infinita, que era sua, que era a conquista das suas dores, a arvore regada pelas suas lagrimas, e o deposito sagrado, que, em suas mãos santissimas, Jesus Christo lhe garantira.

E Jesus Christo, sentado sobre o seu throno de justiça, estendendo sempre a mão da recompensa, e alargando continuamente o coração da misericordia, não cessava de proferir, pela bocca sagrada do seu representante na terra, as palavras que proferira no alto da montanha, quando os foragidos ao orgulho dos opulentos da Judea, seguiam o unico sabio, o unico piedoso, o unico homem, que, semelhante a um Deus, tinha a eloquencia de convencer o desgraçado da sua suprema felicidade: « Sois felizes, quando os homens vos cobrirem de maldiçoens, e perseguirem, e contra vós, por minha causa, vociferarem todo o genero d'affrontas. Alegrai-vos, estremecei de prazer então, porque uma grande recompensa vos é reservada nos céus... »

Esta voz soou sempre dos labios de Christo, como nos dias da sua passagem entre os filhos da redempção. Não era preciso ao pobre seguir os vestigios do sangue d'aquelle, que a dissera; não lhe era necessario folhear, á porta do rico, o livro do Senhor, para ensinar a piedade a coraçoens insensiveis; não lhe era finalmente imposto, como condicional d'um pão negro de cada dia, renunciar a todas as alegrias deste mundo, para não enjoar com seus esqualidos andrajos a sensibilidade repellente de seu irmão, coberto d'ouro.

Quem lhe administrava o pão providencial, e a palavra symbolica para entrar no reino do céu; quem lhe estendia a mão, nos grandes abysmos do seu trabalhoso caminho para a sepultura, era o chamado por Deus; era o levita coberto de uma tunica, pobre como a sua; era o monge, que levantava os joelhos da lage do templo para derramar o pão do corpo, e o orvalho da alma nos queridos de Jesus Christo, que, desde o amanhecer, esperavam sentados á porta do mosteiro.

Um dia o sopro da tempestade apagou a lampada que brilhava no topo do templo: esse farol, que chamava a si os perdidos nas voragens deste mar da vida, escureceu-o a nuvem da impiedade, que lhe passou por cima, e os naufragos, cansados de luctar contra os ventos encontrados da « fylosofia » e da « fome » n'um só dia perderam o fanal que os chamava ao porto de salvamento, e a ancora da fé, que poderia, durante a tempestade, conte-los... reanima-los na esperança d'um melhor futuro!

A fé! Essa flor, sempre viçosa no coração do infeliz, poderia resistir, quando o sopro abrasador da irreligião lhe desfolhava, em cada desgraça, uma petala, em cada petala uma dessas expansoens d'alma, que o desgraçado tem com Deus!? O ouvido do indigente poderia ensurdecer á voz do seculo, que continuamente lhe bradava: « a tua fé, é uma mentira! Neste mundo, unico possivel, o que ha é um fardo pesadissimo nos hombros do desgraçado, que não tem o valor de sacudi-lo! »

Estava discutida a rasão do soffrimento. Estava determinada o nada como complemento do homem. Estava constituido o sepulcro como um leito placido d'um somno infinito. Estava, finalmente, laureado o suicidio com as ovaçoens da intrepidez!

A escóla do suicidio funccionava, só e livre de embaraços, porque a impiedade trancára as portas do mosteiro, donde não podia sahir o anjo da salvação para sentar-se á sombra da morte ao lado do desesperado.

Temos visto em cada jornal, em cada dia, o annuncio d'uma, duas, tres victimas desse genero de morte, que obrigam os olhos a verter lagrimas de piedade por essas almas, que daqui partiram, laceradas pelas agonias do desespero, para um mundo, onde a misericordia do Altissimo lhes será tardia! Compunge a meditação nos lances tormentosos, que, sem a consolação d'alguem debilitaram as forças moraes, que reagem incessantemente

contra a destruição daquelle que se faz victima do seu braço. E' pavorosa a resolução daquelle que se atira ao sepulcro, atando com suas proprias mãos o elo, que prende a cadeia da vida á eternidade dos reprobos!

E não é só na taça da indigencia, que muitos desventurados, nestes ultimos mezes, tem tragado o veneno do suicídio. Vemos que algumas infelizes se precipitam nas ondas, ou nas lagens das ruas, quando não é a fome que lhes perverte a rasão, nem a nudez, que as envergonha de se olharem postas em espectaculo de irrisão. Não é a fome, nem a nudez. E' talvez a *deshonra* — palavra tremenda de impiedade — que significa um enlace maldito entre a pomba e o açor, que teve a perversa coragem de desvirtuar a sua victima, a ponto de arrancar-lhe do coração o temor de Deus, e as crenças na eternidade, primeiro e derradeiro amparo d'uma pobre mulher!

Não fatiguemos a imaginação debuxando, com o sangue d'uma realidade cruel, os quadros variadissimos do atheismo pratico. Balsamo, balsamo para tantas chagas!

E' necessario que todos os homens de bom coração se esforcem por destruir esse arrimo, que a immoralidade construiu para os desgraçados. E' necessario que os que podem se não recusem a valer ao infortunio, que lhe ergue as mãos, pedindo-lhe um recurso, muitas vezes pedido na vespera daquelle dia em que determina anniquilar-se. Não haja constrangimento em sondar muitos segredos, que, na escuridade d'um sotão, elaboram o veneno do suicidio, depois que o desfallecimento moral inervou o braço da religião. Haja piedade em todos os homens para que a mulher, exauthorada do seu diadema de virgem, não busque cobrir a vergonha da face com o véu pallido da morte. Venha a caridade substituir esse sarcasmo aviltador, que convence pouco e pouco o infeliz da sua indignidade entre os homens, até arremessa-lo para fóra delles, dando-lhe, como salvo-conducto um punhal, uma pistola, um despenhadeiro, e por fim uma gargalhada sobre o cadaver. Quando d'entre vós houver um homem, que a necessidade forçou a degradar-se para um degrau vergonhoso na escala das infamias, não o apupeis, como a um maldito, porque o Senhor das misericordias não delegou em vós a vara do poder O homem, assim lacerado pelas affrontas d'uma sociedade inexoravel; a mulher assim repellida pelos motejos d'uma sociedade hypocritamente ciosa das suas puresas, não é já um suicida, quando se lança nos braços da morte: é um assassinio da sociedade. E quando os principios da irreligião procuram acobertar-se n'um véu hypocrita d'estremado pudor e honradez, o suicidio é a derradeira consequencia do atheismo, para quem a *caridade* é uma palavra sem significação!

Camillo Castello-Branco.

Entre os titulos authenticos e magnificos, que levam a divindade do Christianismo a um grau tal de evidencia, que os sofismas só servem para lhe dar maior lustre, e para mostrarem que a verdade é tão radiante e luminosa, que a sua luz, á similhança da do sol, não pode ser obscurecida por nenhuns vapores, que se levantem contra ella — são certamente a resurreição de Jesus Christo e o cumprimento dos grandes acontecimentos, que, conforme as profecias, nelle deviam verificar-se, e que eram um signal caracteristico da sua vinda. A prova desta verdade não é necessario mendiga-la nos apologistas da religião; encontra-se naquelles, que teem escripto contra ella. Quando elles fallam de qualquer destes factos enjoam, ou causam indignação as inepcias a que recorrera. Qualquer homem de mediocre engenho, e ainda medianamente instruido na religião, reconhece que são tão futeis e ridiculas, que só merecem soberano despreso, e que a verdade, por qualquer parte que se acommetta, é invulneravel.

Destes dois factos me propuz fallar, principiando pela resurreição, e dizendo alguma cousa em geral sobre a authenticidade dos milagres de Jesus Christo, reservando para outro discurso fallar da destruição dos judeus, do seu estado actual, da vocação dos gentios, ou do estabelecimento do Christianismo, segundo as profecias, contrario a todas as ideias recebidas, excedendo incomparavelmente as forças da natureza, e em que se vê visivelmente o poder de Deus apresentando n'um lance d'olhos os principaes fundamentos do Christianismo. Parecerá talvez temeridade, que eu escreva sobre estas materias, depois de o terem feito tantos homens grandes, que esgotaram sobre ellas, se é licito assim dizer, todo o seu talento e profundo saber: mas muita gente, que lê o seu jornal, não lê aquellas obras, e é para estes, que eu escrevo, extractando alguma cousa dellas para lhes mostrar que os fundamentos do Christianismo estão fóra do alcance dos tiros dos seus inimigos, e que é louco o seu empenho em impugna-los. Se o meu trabalho vale alguma cousa eu lh'o offereço para ter cabimento no seu jornal.

Lourosa da Trapa 6 de Junho de 1852.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

DIVINDADE DO CHRISTIANISMO.

I.

Ainda que todos os titulos com que Jesus Christo se acredita, e manifesta ao mundo a sua missão, sejam de uma authenticidade tal, que nenhuma logica, nenhum argumento os póde sofismar — isso não embaraça, que digamos com um dos nossos mais distinctos escritores: « Podem os incredulos pôr em duvida todos os milagres, podem recorrer ás mais extravagantes travessuras do espirito para explicarem o poder daquelle que obrou prodigios e maravilhas nunca vistas: que applaca as tempestades, resuscita a Lazaro do sepulcro, bafeja o halito da vida na face morta do filho da viuva de Nahim, expulsa os demonios, afugenta toda a qualidade de molestias, dá vista aos cegos de Bethezaida e Jericó, reanima os membros entorpecidos do paralitico de Jerusalém, mandando saltar do leito aquelle, que ha trinta e oito annos nelle jazia prostrado e immovel; sustenta com alguns paens milhares d'homens proferindo sobre elles algumas palavras de benção; o que nunca poderão explicar, sem recorrer a milagre, é a resurreição de Jesus Christo. » (1)

Quando não houvesse no Evangelho senão esta maravilha, bastava ella, para confundir o orgulho dos sabios, e para provar a divindade do homem extraordinario, que ha desoito seculos encheu d'admiração a Judea, fez cahir por terra a synagoga e o paganismo, e, nas suas ruinas, levantou uma religião nova; que deu ao mundo outra face e outros destinos; que lançou Jupiter e com elle todos os deuses abaixo do Capitolio, e que fez, com que a sua queda fosse eterna; que mostrou a essa altiva e soberba Roma, chamada a senhora das naçoens, que havia outro poder além do seu, contra o qual ella em vão luctava; que fez arvorar sobre o Pantheon, sobre esse monumento, pela superstição e pela vaidade levantado a todos os deuses, o estandarte da nossa redempção — essa Cruz, em que consummára o sacrificio da sua vida para redempção do genero humano, em que satisfizera por nós e nos reconciliara com Deus; que elle tinha dito havia de attrahir tudo a si, e que com effeito todas as gentes vieram adorar; que prostrou por terra e encadeou a seus pés todos os deuses, todas as falsas divindades, para servirem d'ornamento ao seu triunfo; que d'um theatro de ignominia se tornou um manancial de gloria, e o objecto do culto e da veneração dos reis e dos povos; que ensinou aos homens a moral mais pura, doutrinas as mais sublimes, que fez brotar da terra uma santidade, até alli desconhecida, e virtudes as mais heroicas; que estabeleceu emfim esse imperio, que domina sobre todos, que abraça todos os tempos e todos os lugares, a que tem vindo sujeitar-se todas as naçoens, que se estende, para me servir da expressão do profeta, de mar a mar, d'uma extremidade da terra a outra, que só tem por balisas a Eternidade.

Mas este homem extraordinario auctor de tantas ma-

(1) *Nação*, n.° 10063.

ravilhas e de tão prodigiosos acontecimentos, sem que empregasse outra virtude mais que a força da sua palavra, teria o mesmo fim dos outros homens? Jazerá como elles no pó da terra? Teria a morte poder sobre o auctor da vida, sobre aquelle, que a communicou a quem a não tinha, que animou o que já não existia para tornar a ser o que d'antes era, que mostrou emfim ao mundo que estava revestido do mesmo poder daquelle, que do nada fizera o homem a sua imagem e similhança?

Os apostolos começam a prégar Jesus Christo resuscitado no meio de Jerusalem e entre os povos da Judea, ou como tendo sahido ao terceiro dia triunfante da noite do tumulo, como tendo-se-lhes manifestado, conversado e tratado com elles por muitas vezes por espaço de quarenta dias, e como tendo subido ao céu á vista delles todos; e referem estes factos, como testemunhas presenceaes delles, descendo ás mais miudas circunstancias!

Este triunfo de Jesus Christo é o milagre, que elles apresentam como fundamento ou como base da religião e que offerecem como titulo mais brilhante da missão divina de Jesus Christo. S. Pedro o annuncia no templo do povo judaico: « Vós déstes a morte ao auctor da vida, mas « Deus o resuscitou e nós somos disso testemunhas. »

S. Paulo o vai annunciar a Athenas, á cidade mais polida da Grecia e até no meio do Areopago, isto é no meio do que havia de mais illustre e de mais lusido no universo. Quando S. Paulo escreve aos de Corintho, que lhes testifica elle? a certesa da resurreição por ter visto a Jesus Christo resuscitado com seus proprios olhos: « Se « o nosso testemunho é falso, diz elle, é contra Deus que « nos levantamos, é contra Deus, que damos este tes- « temunho, a vossa fé é falsa, nós somos testemunhas « falsas, e (accrescenta elle ainda) somos os mais misera- « veis de todos os homens. »

E na verdade sobeja rasão tinha elle para o dizer, porque só lhe restava a morte, o odio dos homens, a ira e a maldição de Deus. Que convicção! Que intima certesa daquillo, que se annuncia!

Será esta a linguagem da impostura?

Em vão se commove o mundo e se levanta contra os apostolos; em vão o Synedrio lhes impõe silencio; em vão os magistrados os prendem, os interrogam, os levam aos carceres e de lá para o supplicio e para a morte, uma só palavra desfaz tudo « annunciamos o que vimos, é Deus que nos manda e é melhor obedecer a Deus do que aos homens. » Mas esta prova, este testemunho dos apostolos, em que se dão como testemunhas presenciaes dos factos, que annunciam, trará elle comsigo o cunho de uma certesa irrecusavel? Cumpre advertir que aquillo, que elles annunciam não é mais que o cumprimento das promessas, que se lhes tinha feito. Não lhes tinha elle dito que existia *ab eterno* no seio de seu pai, que sahira delle e que voltava para elle? Não lhes tinha elle dito que existia antes d'Abrahão e de todas as coisas? Não lhes tinha elle dito que destruissem aquelle templo, fallando do seu corpo, que elle o faria reviver e apparecer de novo? Não lhes tinha assegurado, que depois da sua morte havia de attrahir tudo a si e que elles estavam destinados para fazerem a conquista d'um reino eterno, de que elle havia de ser o supremo rei e Senhor? Não confiavam elles que elle lhes havia de apparecer cheio de gloria, vencedor da morte, para cumprimento das suas promessas, que nada lhes deixavam a esperar da terra?

Cumpriu, ou não cumpriu Jesus as suas promessas? Se as não cumpriu, que detestavel impostor, que monstro de orgulho e estravagancia!! Mas se Jesus as cumpriu quem ha, que se assemelhe com Elle?

Não eclipsa Elle a gloria dos conquistadores?

Não desapparece diante d'Elle toda a pompa e vaidade humana, toda a grandesa, todo o fausto e esplendor do seculo?

Não é Elle o arbitro e Senhor supremo de todas as coisas?

Não é Elle só o que impera sobre a naturesa?

Que é toda a gloria humana diante da de Jesus Christo?

A gloria dos heroes acaba com a vida, desce com elles ao tumulo, para alli ficar sepultada eternamente; mas a de Jesus Christo ergue-se magestosa sobre o tumulo, e permanece para sempre; principia aonde acaba a delles! E' vencendo a morte que Jesus Christo reina e que adquire um triunfo sem fim! é do leito da morte que sahe glorioso e triunfante: sugeita-se á morte para destruir a morte, para mostrar que ella não tem poder sobre Elle; para fundar o seu imperio sobre as suas ruinas! O' maravilha nunca vista e só privativa de Jesus Christo!! Não mostra esta ideia só por si que ella excede a comprehensão humana? Não prova ella por isso mesmo que Jesus Christo nada tem de commum com os outros homens, que Elle é infinitamente superior a elles, que Elle é em fim um Deus?

Resuscitou, ou não resuscitou Jesus?

Eis-aqui a pergunta que dirime todas as questoens e que leva a verdade a um grau de evidencia tal, que nenhuma outra se póde comparar com ella.

A resurreição de Jesus é a primeira verdade que se annunciou, porque devia ser o fundamento de todas as outras: é o grande milagre, que reflecte sobre todos os outros, é o centro emfim donde dimanam todas as partes do Christianismo. *(Vide Conferencias sobre a religião ou defesa do Christianismo pelo bispo de Hermopolis.)*

A. V. C. de Seabra da Silva.

S. JOÃO BAPTISTA.

(A' Ill.ma e Exc.ma Snr.a D. Anna Candida Emilia de Sampaio Mello e Castro da Cunha Sottomayor de Mendoça.)

Donde vinha o rumor que alvoroçava
As turbas d'Israel,
E, surdo, murmurava
Nas aras dos pagãos, e amedrontava
O tetrarcha orgulhoso em seu docel?!

Soava um hymno accorde d'alegrias
No reino de Judá:
Fallava-se d'um rei naquelles dias
Prescriptos para a vinda do Messias,
Egual a Jehová.

Virgilio, o rei cantor do paganismo,
Vencendo a corrupção,
Vencendo o servilismo,
N'um extasis d'amor, e mysticismo,
Profeta, descantava a Redempção.

Nos céus orientaes todos fitavam
A mais brilhante luz:
As naçoens do poente alli buscavam
Um astro, cujos raios fulguravam
Na fronte de Jesus.

O gélido torpor da idolatria
Matára os coraçoens:
Nos fogos d'uma orgia,
O homem, sem destino, consumia
A vida, enredo vil de vis paixoens.

Apenas de Abrahão restava um culto
No reino d'Israel;
Mas culto, sem temor... bem mais um insulto,
No manto dos hypocritas, occulto,
Como ultrage cruel!

Os homens, sem poder, e sem ventura
Lembravam-se de Deus.
Ao verem que tortura
Lhes ralava na terra a vida escura,
Anceavam paz e luz dentro dos céus.

O mundo, em seus delirios, corrompido
Ao seu abysmo vai...
Não sôa já um ecco enfraquecido
Do rígido fragor outr'ora ouvido
No alto do Synai.

Nas vastas dimensoens da altiva Roma,
Se um só justo passou,
Ao céu a mente assoma,
Prostrado, como Loth, ao vêr Sodoma,
Que o fogo devorou.

*

Houve um justo. Era Baptista,
Era o anjo precursor,
Que suspende a luz celeste
Sobre as trevas do terror.

Outro anjo o revellára
A seu pai, homem sem fé,
Que não crê, na esteril 'sposa,
Um poder, que seu não é.

Quer nos labios a descrença,
Infeliz, balbuciar;
Mas a algema do castigo
Não lh'a deixa articular!

Mudo escuta o brado alegre
Que a fecunda esposa deu,
Ao sentir, que, nas entranhas,
Seu filhinho estremeceu.

E' que dentro em seu alvergue
Entrára a Virgem Maria
A cantar um sancto hymno,
Delirante d'alegria.

*

Quem é esse mancebo, envolto em pelles,
Errante nas agruras do deserto,
Não tendo a quem pedir sustento incerto
Para a fome matar?
Quem é esse infeliz, que pede ás fragas
Um leito onde repouse os membros lassos,
Nos instantes, que dá ao somno, escassos,
Em que deixa d'orar?

Baptista, o precursor de Jesus Christo,
Aquelle, pelo anjo annunciado,
Apenas de seu berço emancipado,
Quer o excesso da dôr!
Sósinho, nas entranhas do deserto,
Espera ouvir do anjo a voz amiga
Que, mostrando-lhe a estrada, aponte e diga:
« Vai! manda-te o Senhor!

E foi! As multidoens, quando escutaram
Essa voz inspirada, estremeceram
E confusas, e timidas disseram:
« E' chegado o Messias!
« E' este o promettido! Eia! adoremos
« O homem-redemptor, o pai mais terno,
« O Santo, o Justo, o Bom, Filho do Eterno,
« Segundo as profecias! »

— Não sou — lhes diz João — Eu represento
— A voz que, no deserto, em vão clama;
— Mas do seio de Deus eu vejo a flamma,
Que abrasa os coraçoens...
— Tremei vós, orgulhosos no fastigio
— Das grandesas da terra! ... Ouvis o abalo
— Do grande d'Israel?! Vinde adora-lo...
— Erguei-vos, geraçoens! —

E clamava « penitencia! »
Pelas margens do Jordão,
Como estrella matutina,
Na manhan da redempção.

« Penitencia! » era o seu brado
Quando o fausto das orgias
Simulava a febre ardente
Do que morre em agonias.

« Penitencia! » era o seu brado
No portal do fariseu,
Alma tôrpe em sacro manto,
Que tentou mentir ao céu.

« Penitencia! » era o seu brado
Nos covis da indigencia,
Onde a fome era a blasfemia,
E a desgraça a impenitencia.

E na purpura do crime
O abastado trepidou;
E no andrajo da virtude
O indigente exultou.

Joelho em terra! escravos da serpente
Que Maria esmagou!
Joelho em terra! Vae passando o Christo
Que dos astros baixou!

Adora-vos, Senhor, immensa turba
Com a face no chão!
Hossana! rei dos reis! pobre entre os homens
Da mais pobre nação!

Prostrado o « precursor » ouvi-lhe a prece
Pelo povo infiel!
Ouvide-o, que seu pranto encerra as dores
Do reino d'Israel.

E vós lhe daes a mão, fazeis erguel-o
Do seu humilde pó...
Ouviste no deserto os seus gemidos
Como outr'ora os de Jób.

Nas margens do Jordão, das puras aguas
A sacra fronte ungis:
João hesita, e treme, e vós, oh Christo,
O baptismo pedis!

Precursor de Jesus! que amor inspira
Vossa augusta missão!
« Eis o manso cordeiro... — vós dissestes —
« Votado á Redempção!

« Eis a victima do amor!.... eis o chamado
« — O cordeiro de Deus!
« Seu sangue vae descer da cruz do opprobrio
« Em resgate dos ceus! »

*

E clamava « penitencia! »
Pelas margens do Jordão,
Como estrella matutina
Na manhan da Redempção.

« Penitencia! » era o seu brado
Nas cabanas e doceis:
Sua voz fallava altiva
Fossem pobres, fossem reis.

Entrou no paço d'Herodes,
Nos festins da corrupção;
E maldisse o rei que espósa
A mulher de seu irmão.

Sente os pulsos algemados
E, no carcere, sem luz,
O perdão do rei adultero
Supplica ao seu Jesus.

Uma voz chama o seu nome,
Uma mão lhe solta as suas
E' serena a sua face,
Quando vê espadas nuas.

Curva a fronte; e a mão do alfange
Faz rolar, em aurea taça,
A cabeça, premio e mimo
Dos caprichos da devassa.

Nos transportes d'um banquete,
Doudejando de prazer,
Herodias delirante,
A cabeça alli quer ver.

Um adresse desencrava
Do dourado carmezi,
Atravessa-lh'o na lingua,
E, vingada, folga e ri!....
.....
.....

*

.....
Herodes! que é do teu famoso exercito,
Que, ha pouco, a batalhar, marchava ufano,
Qual heroe, que venceu?
Vai!.... levanta as bandeiras espargidas
Do sangue desses bravos, retalhados
Pela espada do ceo!

Na concha da balança pesa o sangue
Dos vinte mil, que alastram as campinas
Do reino de Judá!
Na outra pesa o sangue do Baptista,
Verás equilibrado o sangue; e o Eterno
Entre ambos julgará!... (*)

Villar de Paraizo — 23 de Junho de 1852.

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

JUNHO.

20 *Domingo.* S. Silverio, natural da Campania, foi elevado ao summo pontificado por morte de Agapito. Desterrado para a ilha Poncia por Theodora Augusta, que pretendia que elle restituisse ao episcopado de Constantinopla a Anthimio, que havia sido deposto por Agapito em rasão de defender a heresia de Eutyches, ahi morreu, consumido de trabalhos e privaçoens, no anno 540, havendo convocado um concilio de muitos bispos, que decretaram varios canones, tendentes á conservação da unidade da fé, e ao restabelecimento da disciplina ecclesiastica.

21. *Segunda feira.* S. Luiz Gonzaga, filho de Fernando marquez dos Stiveros na Castella, fazendo, de nove annos, voto de castidade diante da imagem da Santissima Virgem em Florença, mereceu que nunca em sua vida, que foi cortada na flôr, sentisse o menor movimento sensual: tambem era elle tão recatado, que, estando por algum tempo na côrte na qualidade de moço fidalgo, nunca fitou os olhos no rosto de Maria Austriaca. Obtida com difficuldade a annuencia de seu pae, e transferido a um irmão o direito dos titulos, se consagrou mais estreitamente a Deus na sociedade de Jesus; e empregando-se em servir nos hospitaes de Roma, onde grassava uma peste mortifera, foi della contagiado, e acabou sua vida angelica, para hir gosar a bemaventurança aos 24 annos de sua edade. Bento XIII em vista de seus milagres o canonisou, e inaugurou como patrono dos estudantes.

22. *Terça feira.* S. Paulino, bispo de Nola, é um modelo de caridade e abnegação christan. No tempo da devastação que os godos fizeram na Campania se privou mesmo das coisas mais necessarias para as converter em soccorro dos pobres. Na consecutiva invasão dos Wandalos, pedindo-lhe uma pobre mulher « que lhe resgatasse um filho captivo » elle, não tendo outra coisa com que o fizesse, se offereceu em troca, e lá foi para a Africa, onde, escravo do genro do rei, foi empregado na cultura de um quintal. Havendo predicto a morte do rei, e coincidindo sua profecia com um sonho que o mesmo rei teve, em que se lhe figurou vêr Paulino assentado no meio de dois juizes, foi despedido livre, e com elle todos os seus concidadãos. Voltou pois para Nola, onde por algum tempo ainda se empregou em pastorear o seu rebanho, e finalmente Deus o chamou ao premio de suas virtudes.

23. *Quarta feira.* S. João Presbytero, que, constante na fé, foi, por mandado do apostata Juliano, decapitado na antiga via Salaria, diante de um idolo do Sol. Seu corpo foi depositado piedosamente nas catacumbas dos martyres pelo bemaventurado presbytero Concordio,

24. *Quinta feira.* S. João Baptista, o precursor de Jesus Christo, foi por elle santificado ainda no ventre de sua mãe S. Anna, que, sendo esteril, o concebera já velha, conforme um anjo predissera a Zacharias seu marido, o qual em castigo de não acreditar neste vaticinio ficou mudo até depois de nascer seu inesperado filho. Quando crescido foi para o deserto prégar o baptismo da penitencia; e aos emmissarios da Synagoga, que lhe perguntavam « quem elle era? » respondeu que não era o Christo, mas que no meio delles estava quem elles ignoravam. » Tambem Jesus Christo disse « que elle era mais do que profeta » e foi sujeitar-se ao seu baptismo. Havendo reprehendido a Herodes tetrarcha de seus escandalos com Herodiades sua cunhada, foi mettido em um carcere, e ahi foi degolado a pedido de uma filha de Herodiades, a quem seu thio, encantado de a vêr dançar em um festim, prometteu dar-lhe o que lhe pedisse; e a cabeça de João foi o que ella, instigada por sua ressentida mãe, pediu.

25. *Sexta feira.* S. Guilherme, natural de Vercellis na Insubria, havendo na idade de 14 annos feito uma peregrinação a visitar o corpo de S. Thiago em Compostella, regressou á Italia, e viveu por alguns annos eremiticamente no alto do monte Soliculo. Divulgada a fama de sua santidade, começaram a affluir-lhe para alli discipulos, e então fundou um mosteiro no monte Virgiliano, que desde esse tempo se ficou chamando « o monte da Virgem » e á sua communidade deu estatutos fundados na regra de S. Bento. Ainda depois fundou outros mosteiros; e o mesmo Rogerio, rei de Napoles, que duvidára de suas virtudes, e, para o tentar, mandára uma mulher devassa, o veio finalmente a respeitar, sabendo como elle, repellindo a tentação, convidou a tentadora a entrar em melhor caminho. Cheio de virtudes, foi para o céu no anno 1142.

26. *Sabbado.* S. João e S. Paulo, irmãos, havendo sido familiares de Constancia, filha de Constantino, foram por ella beneficiados com bens, que elles empregavam na sustentação dos pobres. Convidados por Juliano apostata tambem para seus familiares, responderam francamente « que não queriam habitar com aquelle que havia abandonado Jesus Christo. » Ao cabo de dez dias que ainda lhe foram dados para deliberarem, foi Terenciano, commandante da cohorte pretoria, apresentar-lhes uma effigie de Jupiter, dizendo-lhes da parte do imperador « que se não prestavam culto aos deuses, e não annuiam ao convite do mesmo imperador, eram mortos »; a resposta porém delles foi aquella que era de esperar, e por isso Terenciano logo alli os degolou, não querendo que este supplicio fosse publico com receio de algum tumulto. A' sua morte seguiram-se varios prodigios: e começando Terenciano e um seu filho a serem vexados pelo espirito immundo, e ficando livres junto do sepulcro destes martyres, se converteram, e até se crê, que fôra o mesmo Terenciano quem lhes escrevera a vida.

(*) O historiador judeu Flavio Josepho attribue á morte de S. João Baptista o destroço maravilhoso do exercito d'Herodes. Não ha auctoridade mais insuspeita. Veja-se a sua *Historia da guerra dos judeus, e antiguidades judaicas.*

CHRONICA RELIGIOSA.

CONCILIO NACIONAL DE BALTIMORE NA AMERICA.

Domingo 9 de Maio teve lugar a abertura do primeiro Concilio Nacional de Baltimore, e os jornaes que recebemos da America vem cheios dos promenores desta magnifica ceremonia. Não só as folhas politicas de Baltimore, mas tambem as de New-York, de Boston, e Philadelphia, reproduzem as mesmas descripçoens, e desde segunda feira 10 de Maio que o publico, em toda a extenção dos Estados-Unidos pôde lêr o sermão de inauguração do arcebispo de New-York, transmittido por inteiro durante a noute a toda a imprensa pelo telegrafo electrico. Este facto prova

quam grande importancia a America liga aos progressos do catholicismo no seu seio. As mil seitas do protestantismo podem muito embora reunir-se em synodo, em convenção, fazer ou desfazer seus symbolos, que ninguem se occupa cá fóra do pequeno rebanho que por alguns dias consente em saguir a mesma doctrina. Mas desde que alguns pobres bispos, governando pobres irlandezes emigrados, se reunem para discutir os graves interesses da Egreja, immediatamente a attenção publica se concentra sobre este ponto, e tanto o homem politico como o homem do mundo, o protestante como o filosofo conhecem que é alli que está a força, porque é alli que está a unidade.

Le-se no *New-York-Herald* de segunda feira 10 de Maio:

« Hontem domingo ás 10 horas da manhan os prela-
« dos reuestidos das suas vestes pontificaes foram proces-
« sionalmente desde o palacio archi-episcopal até á cathe-
« dral, fazendo o circulo da praça, e entrando na Egreja
« pela grande nave. A' frente da procissão ia um ma-
« gnifico crucifixo doirado, seguido dos acolytos com tochas
« accesas; seguia-se depois o mestre de cerimonias com
« os seus assistentes, cantores e os theologos um por cada
« bispo, e no fim os arcebispos e bispos, occupando cada
« um o seu lugar segundo a data da sua sagração, reves-
« tidos todos com riquissimas vestimentas. »

O *Ballimore Sun*, exprime-se nestes termos:

« A scena na cathedral era do caracter o mais respei-
« tavel: desde as 9 horas da manhan que a multidão co-
« meçava a dirigir-se para o edificio. A's 10 horas todos
« os logares estavam tomados, e milhares de pessoas se
« esforçavam para entrar no templo. Os membros da
« Egreja manifestavam o mais profundo interesse, ao mes-
« mo tempo que os protestantes exprimiam a maior curio-
« sidade.

« Nas ruas, que vam dar á cathedral uma compacta
« multidão atulhava todas as avenidas; as janellas cor-
« nijas e telhados estavam occupados por milhares de ex-
« pectadores. Era tal o apertão nas ruas, que a policia
« teve immensa difficuldade em abrir caminho á procissão;
« e até foi necessaria a energica assistencia dos membros
« da Sociedade Fraternal dos Jovens Catholicos, para im-
« pedir o publico de fazer irrupção nas alas do clero. Du-
« rante todo o dia esta sociedade serviu de escolta aos pa-
« dres do Concilio, e seus serviços merecem os maiores
« elogios pela polidez, tacto, e firmeza, que cada um dos
« membros desenvelveu no cumprimento de sua volunta-
« ria tarefa. = Contam-se, presentes ao Concilio, seis ar-
« cebispos e vinte e cinco bispos, com um grande numero
« de theologos eminentes, formando assim a maior assem-
« blea de distinctos ministros da Egreja Catholica, que
« até hoje se tem reunido na America.

« O Concilio devidir-se-ha em seis secçoens que discu-
« tirão os negocios de manhan, para serem admittidos á
« sessão geral todos os dias depois do meio dia. Devem-
« se ahi tractar questoens de uma grande importancia para
« a Egreja; mas como os actos do Concilio hão-de ser
« submettidos á Santa Sé para serem approvados, passar-
« se-ha algum tempo antes que o resultado das delibera-
« çoens seja publico. »

O Concilio actual é o primeiro Concilio Nacional dos Estados-Unidos, e é composto dos Bispos das seis provincias ecclesiasticas, a saber: Baltimore, New-York, S. Luiz, Nova-Orleans, Cincinati, e Oregon-City. Estas seis provincias comprehendem trinta e tres sédes occupadas por Bispos *ejusdem tiluli*, e dois vigariados apostolicos ao cuidado de Bispos *in partibus infidelium*. Os unicos que estão ausentes são o snr. Saint-Palais Bispo de Vincennes, que neste momento se acha na Europa por negocios da sua diocesse, e dois dos Bispos do Orégon, que acabam de chegar aos seus longinquos bispados. Todos os outros Prelados estão presentes em numero de trinta e dois, e neste numero contam-se os Bispos de Monterey na California, de Santa Sé no novo Mexico, e de S. Paulo de Minosata, que tiveram que vencer grandes distancias para se reunir a seus collegas. Além disto, dos Bispos do Canada vieram para assistir ás deliberaçoens do Concilio, e augmentar com sua presença a pompa das ceremonias.

Não ha nos Estados-Unidos, nem Primaz, nem legado de Santa Sé, a um dos quaes pertenceria *ex-officio* a presidencia do Concilio Nacional. Na sua falta um ablegado *pro hac vice* foi nomeado pelo Papa na pessoa do Arcebispo de Baltimore.

Foi no 1.° de Outubro de 1829, que o primeiro Concilio provincial de Baltimore foi convocado pelo snr. Whitfield, Arcebispo desta cidade que reuniu á roda de si seus tres suffraganeos, e bem assim o Bispo de S. Luiz então dependente directamente da Santa Sé. Vinte annos depois, em 1834, celebrou-se o quinto Concilio provincial, contando desesete Prelados. Um novo periodo de nove annos decorre apenas, e o numero dos Bispos está quasi duplicado!

Estes progressos incontestaveis do Catholicismo são consoladores para o christão, e o homem politico não tem menos rasão de os estudar com profundo interesse, porque só a Egreja é que póde salvar a federação americana dos perigos que a ameaçam.

O protestantismo tem produzido os seus fructos naturaes; a indifferença, e impiedade. Sobre 24 milhoens de habitantes que tem os Es-tados-Unidos, metade nem ao menos é baptisada. A fé verdadeira só se encontra entre Catholicos. De resto só ha fanatismo, quando existe outra coisa que não seja uma constante preoccupação pela fortuna e bens da terra. O divorcio, tornando-se mais frequente, avilta o casamento; o socialismo, prégado por cem jornaes, converte ás suas funestas doctrinas as massas ávidas de gosar; a emigração do continente europeo vaza sobre a America a escoria da nossa sociedade, para acabar de corromper uma sociedade já doente, e o futuro dos Estados-Unidos seria desesperado se a poderosa organisação da Egreja não apparecesse para unir os fieis em torno della, e para mostrar o porto de salvação aos nossos irmãos dessidentes no meio da desorganisação geral das seitas e de seus erros.

Barrier.

Inglaterra. — *Cathedral catholica romana em Manchester.* — Recebeu-se nesta cidade uma bulla de S. Santidade investindo a nova egreja catholica romana de S. João, de Salford, na dignidade de cathedral. Só ha outras 3 cathedraes em Inglaterra, S. Jorge de Southwark Schad de Birmingham, e S. Barnabe, de Nottingham.

Lombardia. — Em 10 de Maio foram installadas solemnemente, no hospital de Faenza, as irmans da charidade de S. Vicente de Paulo. Vam tambem ser chamadas a dirigir o de Montagna, diocese de Padua.

Sardenha. — Diz o *Catholico* de Genova que em fins do mez de Maio hiam embarcar-se 16 religiosos franciscanos menores observantes, todos jovens que apenas contam 25 annos de edade, para Tarija, cidade situada no Alto Peru, chamada tambem Bolivia, aonde devem associar-se aos trabalhos apostolicos de outros religiosos da mesma ordem estabelecidos já n'aquelle paiz. O superior dos novos missionarios é o P. Zeferino de S. Jorge de Lomelyna, que havendo trabalhado durante muito n'esta porção da vinha do Senhor e visto os fructos que promette a semente espalhada, tem vindo á Europa buscar novos obreiros.

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

= O CHRISTIANISMO. =

Porto — No escriptorio da redacção do *Christianismo* e do *Portugal*, rua dos Lavadouros n.° 24. Braga — snr. J. M. de Sousa, Porta Nova. Vianna do Castello — snr. J. L. de Moraes, na Picota. Guimaraens — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.° 14. Bragança, snr. F. J. Affonso. Mirandella, snr. dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. Trancoso, snr. Francisco José Tavares Cardoso. Villa Real — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. Covilhan — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. Coimbra — snr. Mesquita, rua das Covas. Matta (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Barata dos Reis. Batalha — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire. Lisboa — escriptorio da administração da *Nação*, campo de Santa Anna n.° 31, e snr. Lavado, rua Augusta n.° 8. Evora — snr. Antonio Candido de Moraes Cerveira. Ferragudo — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim. Ponta Delgada — snr. Francisco José Machado. Aveiro — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes.

Preço (*adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$600 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 880 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 480 reis. Avulso 40 reis.

Vae franco de porte segundo a lei.

JULHO 3. 1852. — N.° 27.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

IX.

Ha um braço, que desarma esse gigante de tres seculos, que, no delirio da sua grandesa, ousou encostar o hombro ás columnas do Vaticano, para nivella-las com o tremedal de vicios, em que mergulhára os seus admiradores. O protestantismo, como todas as creaçoens arrogantes do homem, recua tres seculos a sua origem na cella d'um frade heresiarca, para explicar-nos a miseria da sua morte pela miseria do seu nascimento. Aventureiro, que medrára á custa das paixoens da humanidade, que lisongeára nas praças, entre as multidoens, e nos saloens mais viciosos que as praças, o protestantismo é hoje o decrepito, entorpecido no leito da paralysia, esperando bocejar o ultimo suspiro da sua desastrosa passagem entre os homens. Nos ultimos dias da sua existencia, chamou á cabeceira do leito o racionalismo, revelou-lhe o segredo da sua conservação, legou-lhe a herança das suas doutrinas desacreditadas, e socegou um instante, na esperançosa felicidade de desempenhar, na pessoa de seu herdeiro, o thesouro de mentiras, que a sciencia lhe rebaixára a um despreso bem merecido.

O racionalismo está descoroçoado á cabeceira do moribundo. O seculo da mentira para o regimen da sociedade, é tambem o seculo da verdade para investigar as profundesas do espirito, e as elevadas hypotheses do destino da humanidade. As luctas infatigaveis ha tres seculos do homem com o homem, da sociedade com o seu governo, e das velhas instituiçoens com os novos ensaios, enervou a coragem, desanimou a esperança, e desacreditou o materialismo da vida, sempre occupada em *viver*, e sempre irresoluta para avaliar-se depois do tumulo.

O reinado do espiritualismo, com o seu cortejo de concepçoens elevadas, e generosas renuncias das coisas do mundo, apresentou-se, ha vinte annos, sem estrepito, sem ovaçoens, e sem a concorrencia de fanaticos, que apparecem sempre para justificar o bom quilate d'uma novidade que se annuncia. O seu progresso, lento e regulado na estrada das experiencias, logrou assumir as honras d'uma verdade magestosa, que caminha sempre desimpedida ao seu fim, sem embaraçar-se com os empecilhos do erro. Neste mundo, a verdade religiosa é como um estandarte animador, agitado sobre nossas cabeças pela mão d'um anjo, que nunca desce a hastea-lo entre os homens.

Nós crêmos na fervorosa dedicação de muitos espiritos para que a Egreja de Jesus Christo triunfe sobre todas as seitas, e converta ao seu seio maternal todas as rebeldias de seus ingratos inimigos. Este zelo é em si o fructo da caridade christan; — é verdadeiramente o fructo que mais se resente do saboroso leite, que bebemos no seio daquella mãe carinhosa; mas a verdade é uma, eterna, e superior aos bons officios da humanidade.

A religião christan é a luz perenne accesa por Deus na longa noite que atravessa as geraçoens desde o primeiro homem, perdido na vereda em que Lucifer o desviára, precisou de luz, que o encaminhasse á gloria para que fôra creado. O fervoroso zelo, que os amigos dos homens empregam em mostrar-lhes essa luz redemptora, é um beneficio feito a seus irmãos, perdidos no caminho, mas não é um novo argumento para mais illuminar a face da verdade. *Frayssinous*, o inspirado apologista do Christianismo, não avançou provas que Santo Irineu não adduzisse no 2.° seculo. S. Clemente d'Alexandria não recearia caminhar ao lado de *Lacordaire* nas provas da divindade da religião christan. E *Bossuet* não subiu mais alto nas contemplaçoens de Deus, que Santo Agostinho ha 14 seculos.

A vantagem é toda para os homens. O sol brilha sempre no firmamento; mas na terra nem todos tem o dom da visão para contempla-lo. E o cego, que hoje abriu os olhos, dará mais resplendor ao astro, que nunca vira?

Quem nós devemos ouvir com mais anciedade nos argumentos que nos aproximam da verdade, é os que, mais perto della, beberam a sciencia pura, que lhes manava como de fonte virgem, antes que a onda turva do orgulho humano lhe manchasse a puresa.

E', por isso, que no ultimo artigo do motivo que rapidamente desenvolvemos neste jornal, viemos, no decorrer dos seculos, mencionar a auctoridade daquelles que valem mais que o mais bem pensado artigo no assumpto « tradição. »

No 1.° seculo, S. Barnabé condemna o orgulho dos hereticos, que preferem a sua sciencia aos mandamentos da egreja universal, cujo ensino e communhão regeitam. S. Clemente reprova aos Corinthios as suas desintelligencias, e menospreço pela auctoridade dos pastores, que os apostolos, animados do espirito de Deus, lhes conferiram para governa-los. Exhorta-os a submetterem-se aos padres, desarmando-se do seu orgulho e arrogancia. Santo Ignacio repete em suas cartas a necessidade de se unirem os fieis a seus pastores. S. Polycarpo pedia aos de Fylippica firmesa e constancia na fé, que receberam dos apostolos por intermedio de seus pastores; e ao mesmo tempo, segundo refere Eusebio, repetia as palavras do Senhor, quaes as ouvira da bocca dos apostolos. Hegisippo, no começo do 2.° seculo, fez uma viagem a Roma, consultou um grande numero de bispos, e declarou que deparara a mesma fé em todas as cidades. Reuniu, depois, todas as tradiçoens apostolicas em cinco livros, que Eusebio viu, e que não chegaram a esta geração. No mesmo seculo, em cada manhan do domingo, as cartas do papa S. Clemente, e d'outros bispos eram lidas na assemblea dos fieis, em seguida ás dos apostolos.

No 2.° seculo vejam-se as bellas e profundas doutrinas de Santo Ireneu, Tertuliano, e S. Justino. Este re-

corda o preceito de se ajuntarem os fieis na egreja para celebrarem o domingo — tradição emanada de J. Christo, fallando a seus discipulos em uma de suas appariçoens. « Dir-se-ha que este preceito não foi promulgado por J. Christo? — pergunta um professor de theologia — Ou faz elle parte da tradição escripta? Que escolham os nossos adversarios uma destas asserçoens absurdas e sem provas, com a condição, porém, de que encontrarão a maneira de concilia-la com o seu systema, e com a obrigação de direito divino, que elles reconhecem, como nós, de santificar o domingo, primeiro dia da semana, em logar do septimo. »

Diz Tertuliano, no livro da « Resurreição » que os hereges deveriam provar os seus sentimentos pela simples escriptura. Esta asserção tomaram-na os protestantes como resposta para fazer calar os catholicos. Esqueceram que Tertuliano repelle victoriosamente os hereticos, que invectivam os dogmas particulares, formalmente expressos nos livros sagrados, com vãos raciocinios, e auctoridades pagans. O apologista manda-os renunciar os habitos do paganismo, diametralmente adversos á doutrina das Escripturas, cuja intelligencia é um profundo trabalho, e não uma analyse superficial em que a heresia termina por gritar contra o dogma contrario ao raciocinio. E' necessario — diz elle — combater com o sentimento das Escripturas, enunciadas por uma segura interpretação. Onde encontrar esta segurança? — pergunta a heresia do alto da sua magestade racionalista. Tertuliano responde: — « na tradição, no consenso unanime das egrejas, no ensino oral, primitivo, e uniforme dos pastores, que substituiram os apostolos, cujo valor tem na integridade da doutrina.

No IV seculo ensina-nos Eusebio que os discipulos do Salvador nos transmittiram sua doutrina, parte na obra que nos legaram, e parte na tradição oral que é — póde assim chamar-se — o direito não escripto dos christãos. Na sua obra contra Marcel d'Ancyra mostra-nos elle a doutrina de J. Christo espalhada d'uma extremidade á outra da terra, por meio da tradição oral, que é o sustentaculo e a confirmação da que as Escripturas nos ensinam.

(Prosegue o cap. IX e ultimo.)

Camillo Castello-Branco.

FE' CHRISTAN, E PAPA.

O que ha para qualquer homem de mais difficil, e não só difficil, mas sem a graça impossivel, na fé christan é mostra-la em obras, e poder com segura consciencia dizer áquelle, que assim a não mostra, o que lhe dizia S. Thiago: Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei com obras a minha fé.

O que muito custa, é imitar o seu Divino Fundador, que costumava só ensinar com palavras, ainda que suas, e por consequencia obras, o que já tinha ensinado com o exemplo: « Jesus ensinava, praticando. »

Tal é a difficuldade invencivel para as forças da naturesa sem o auxilio da Graça. Quando se trata porem, como neste breve artigo, unicamente d'examinar, o que seja fé, como profissão commum de todos os christãos, bons, e maus, sabios e ignorantes, justos e peccadores, nada mais facil do que dizer, o que ella é, porque toda se reduz a estar unido, quem a quizer ter verdadeira, com o seu parocho, em quanto elle o estiver com o bispo, em quanto elle o estiver com o papa, e com o papa sempre na certesa de o estar com a egreja de Christo, quem o estiver com a Pedra, sobre a qual foi por Christo edificada.

E daqui vem, que os mais temiveis inimigos da fé christan não são, os que abertamente a regeitam, os atheus, os deistas, os racionalistas, os idolatras, os judeus, os mahometanos &c. porque esses a ninguem enganam, ou só enganam os mui dispostos a ser por seu gosto enganados. Tambem não são, os que, separando a egreja do papa, imaginam constituir egreja sem papa, a quem alguns chamam « Anti-Christo » porque não é necessaria muita agudesa para ver, que egreja sem papa é circulo sem centro. Os mais terriveis são, os que dizem respeitar egreja, e papa, mas papa, que só mande, o que elles entenderem lá de si para si com o seu nunca assaz louvado e exaltado juizo, que póde e deve mandar, porque, ainda que isto seja escarnecerem do papa, e fazerem-se papas, ou mais, que papas, levantando-se em juizes do papa, não falta gente de boa fé, que tenha por justo e necessario desviar os sonhados abusos possiveis da authoridade pontificia não só com representaçoens francas, e energicas, de que até algumas vezes os mesmos papas gostariam, mas com manifesta e termosa desobediencia, que nunca póde ser christanmente justificada.

E com esta doutrina, claramente anti-catholica, por que submette o governo espiritual ao temporal, como ponderou Innocencio 8.°, e reconheceu D. João 2.°, costuma andar misturada outra mais perigosa talvez ainda, porque destroe, como ella, mas com apparencias de mui catholica, e por isso com mais arte, o catholicismo; a qual é fallar-se muito em canones, em concilios ecomenicos, e sobre tudo em egreja universal, dispersa, ou junta, para se fazer do papa com o pretexto de não ser por si só, como ella, infallivel, não cabeça, e chefe, mas subdito e ministro da mesma. Assim o fez, por exemplo, o nosso padre Antonio Pereira de Figueiredo na sua chamada « Analyse da Profissão de Fé de Pio 4.° » onde, analysando, ou antes repellindo, o artigo 12, que declara mui expressamente a egreja romana mãe e mestra de todas as outras, diz, e isso mesmo, como facto só historico, não como dogma, que é sim mãe e mestra de cada uma em particular, mas não de todas juntas, por que de todas juntas, ou da universal, não é mãe e mestra, mas filha, e discipula; o que equivale a dizer, que a cabeça governa cada um dos pés, e cada um dos braços, não porém os braços e pés, ambos, porque os braços e pés, ambos são, os que governam a cabeça. Parece impossivel, que um theologo de tão vastos conhecimentos, o traductor, e commentador da Biblia, cahisse em tamanhos absurdos só desculpaveis algum tanto pela consideração de serem mui raros os espiritos superiores ás opinioens dominantes no tempo, em que fallam, ou escrevem, ainda que ellas sejam clarissimamente falsas, e insustentaveis.

Com effeito não ha, ou quasi não ha, desde muitos annos, ou seculos, quem diga, o que é o papa, ou o papado, em toda a força da palavra sem restringir por um modo, ou por outro, o poder amplissimo, que lhe foi dado por Christo sobre toda a egreja christan. O mesmo sabio e religioso auctor dos — Pensamentos theologicos — dados no Porto á luz em linguagem vulgar no anno de 1850, (fim do n.° 16 no cap. 7, paginas 119) diz « que o papa, como pae commum dos christãos, póde fazer novas leis, e propo-las á egreja, mas que não tem força de leis geraes senão pela acceitação dos seus collegas no episcopado. » Não concordo. Que uma lei do papa, assim como a de qualquer soberano temporal carece de ser recebida e conhecida por tal antes de executada para ser possivel a sua execução, é tão claro, como a luz do meio dia; que seja porém a acceitação ou recepção della, e não o legislador, quem lhe dá o caracter de lei, não entendo. Ainda que os bispos recebam immediatamente de Christo, e não do Soberano Pontifice, o seu poder como diz o mesmo auctor no seguinte n.° 17, não resulta dahi, que lhes não seja dado com subordinação ao do papa, e menos que o do papa fique subordinado ao delles para só com o seu consentimento, licitamente recusavel, vir a ser lei em toda a egreja, o que determinou, que o fosse. O papa em tal caso seria menos para a egreja, do que é para nós, os portuguezes, um rei constitucional segundo a carta. Não é lei segundo ella nos artigos 57 e 58, o que dizem as cortes, mas o que o rei, tendo ellas fallado, approva, se bem lhe parece.

Quem quizer pois abraçar e professar o Christianismo, como elle é, deve reconhecer no papa, vigario de Jesus Christo, o fundamento indispensavel e irrecusavel do mesmo Christianismo em todos os pontos do mundo christão; entendendo e dizendo com Joseph de Maistre na excellente obra — *Du Pape* — (livro 1.°, cap. 2.°, pag. 13) que a egreja christan, quer dispersa, quer junta, é sem a menor duvida infallivel, mas por causa desse fundamento, sem o qual, ou contra o qual, não só seria infallivel, mas seria nada, porque não existiria. A promessa de sa-

hir sempre vencedora de todas as heresias, e de todas as perseguiçoens, nasceu da de ser estabelecida sobre Pedro: « E's Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha egreja, e contra ella não prevalecerão as portas do inferno. »

E' verdade, que a todos os bispos, successores dos apostolos, prometteu Christo assistencia perpetua, e quotidiana: « Serei comvosco até á consummação dos seculos » mas aos bispos unidos com Pedro, ou com o papa, e não aos delle, e por consequencia da egreja, que nelle fundou, separados. Com muita rasão, e coherencia, a egreja, ou assemblea, d'Inglaterra no artigo 25 da sua Constituição declarou não ser infallivel, porque, tendo regeitado o principio ou fundamento da unidade e infallibilidade, não póde ser infallivel, em quanto não voltar áquelle principio.

Um leigo.

CONTOS MORAES.

TEMOR DE DEUS.

VI.

Uma vez, a esposa do coronel, com sua filhinha de dois annos nos braços, ajoelhava diante da imagem da Senhora da Conceição, e murmurava esta prece:

« Virgem Maria! Nunca a vossos pés cahiram mais affectas lagrimas! Attendei-me, Senhora, que eu sou uma fraca mulher, mãe de cinco filhos, e esposa de um homem, que é o amparo desta pobre familia, que vos ajoelha! Vêde, oh mãe dos afflictos, que o tumulo de meu marido é o tumulo destes orfãos, e o desta mãe desvalida, que não tem um palmo de terra onde possa regar com suas lagrimas um fructo, que mate a fome de seus filhos. Protegei-o, oh Senhora, nesta guerra desastrosa, em que a cada instante cae um pae de familia, tão desgraçada como a minha! Eu não vos peço as honras, e a subsistencia que meu marido ganhára no serviço da sua patria e do seu rei: o que eu vos peço é muito mais... é a vida de meu marido, mas só a vida, sem a gloria de vencedor, sem o premio do seu sangue empenhado, sem mais outra riquesa que a do coração que elle tem, e a resignação com que eu, e vós, consoladora do infortunio, lhe adoçaremos a desgraça!... Os labios da vossa afilhada não murmuram a oração de sua mãe, mas o seu coração é aquelle que vós lhe déstes ha dois annos! Eu vos supplico em nome della. Fazei que estes olhos não sintam tão cedo o travo das lagrimas, que chora sua mãe! Piedade para todos nós!... amparo para meu marido... compaixão para todas as mães attribuladas, que, neste momento, vos pedem como eu a vida de seus maridos... »

Era esta a oração, que os suspiros não poderam cortar. Assim simples e angustiada, confirmava a verdade de uma grande dôr, que não escolhe palavras, nem se atavia do lucto forçado das pompas funebres do estylo. Quem orou n'um destes lances, sublimes no tormento, pela explosão da agonia com que se refugiam no céu, comprehenderá o cunho pungente, marcando a mais insignificante dessas palavras, que os labios febris da mulher afflicta proferira, ajoelhada, entre seus filhos.

E, depois, a mãe de Maria foi deitar sua filha no berço, e, acalentando-a, estremecia ás vezes como se os accessos d'uma convulsão a não deixassem aquietar-se ao lado do seu anjo. E' que a cada trom remoto da artilheria, nas linhas de Lisboa, aquella desolada esposa de um homem de guerra sentia o véu da viuvez descer-lhe na face, e o lucto da orfandade envolver aquellas cinco existencias, para nunca mais se mostrarem no mundo com direito a serem amadas por alguem. E os outros quatro meninos aconchegavam-se no regaço della: fitavam-na, como os passageiros d'um barco em perigo fitam o semblante do homem a quem se confiaram; e, no choro, modelado pelos gemidos de sua mãe, compunham uma consonancia de vagidos, e brados, e soluços, a que a indifferença do Eterno seria um cruel desengano para os infelizes, que se acolhem ao abrigo das suas misericordias.

A oração é um respiradouro do espirito, quando a mão da desventura o comprime até lhe abafar a derradeira esperança na terra. A oração não tem nada com este mundo. Pedir a justiça do céu para as injustiças, que os homens nos fazem, é renunciar a toda a vingança, e pedir a felicidade de nossos inimigos, porque Deus é misericordioso, e não precisa de fulminar o poderoso para vingar o fraco. Orar é cahir de joelhos, e muitas vezes não articular dous sons de uma supplica: é não atinar com a linguagem de fallar a Deus, porque a sciencia do mal, exclusiva do homem, só inspira ao desgraçado expressoens para que os homens o comprehendam. Aquella mãe consternada, quando orou, orava assim. Seu marido, com o peito na frente d'um regimento, era o alvo das balas inimigas. Na sua frente um outro coronel, escravo das suas convicçoens, da sua honra talvez, ou dos caprichos da politica, e tambem pai de familia tambem ouvia o zumbir da metralha, como halito de morte, a arejar-lhe os cabellos. Mas a mãe de Maria pedia por ambos; e quando a oração assim é feita, o espirito de Deus está nos labios da que ora.

Enxuga as tuas lagrimas, sorve as de teus filhos com teus beijos, mãe e esposa, que o pai dessas creanças, o homem que traz no coração os alentos que te mantem no mundo não ha-de a bala ou a espada cortar-lhe os vinculos a que prendeste a tua melindrosa existencia.

VII.

O coronel... (já não era coronel) o homem da honra e da coragem amanheceu um dia á porta de sua mulher. Trazia nas faces aquella magresa livida, que o sopro das batalhas, e o enervamento da fome estampam no rosto do vencedor e do vencido. Vencido era elle. Não trazia espada, que a deixara, não aos pés do vencedor, mas sobre a acta d'uma capitulação, que deixára ao bravo a consciencia da sua intrepidez. Nem uma lagrima lhe escapou involuntaria dos olhos, quando, exauthorado e desvalido, se collocou entre os derradeiros thesouros que lhe restavam — sua esposa, e seus cinco filhos. Essas, sim, eram delle, eram do seu coração, como a virtude, emanação de Deus, é quasi sempre o unico patrimonio do virtuoso.

Maria alongou, do collo da mãe, os bracinhos para seu pai, que não vira ha 5 mezes. Tinha dous annos. Este lance extraordinario, n'uma edade em que o espirito não conserva muitos dias a memoria d'uma impressão, susteve em pasmo os dois, pai e mãe, que se olhavam mutuamente, como maravilhados d'um successo, que despertava a lembrança daquella luz mysteriosa da pia baptismal.

E é por isso que não houveram lagrimas, que crestassem o sorriso de jubilo daquelles labios que se não tocavam ha 5 mezes E' por isso que pais e filhos cahiram de joelhos, e, no silencio de seus coraçoens, Deus sabe a acção de graças, que lhe subira aos pés de seu throno naquellas extaticas elevaçoens da alegria reconhecida.

Ao levantarem-se, abraçaram-se, uma e muitas vezes; e quando as palavras venceram a suffocação da surpresa, uma só voz, na voz de todos, exclamou:

« Somos muito felizes! Bemdito seja Deus! »

(Continúa.) *Camillo Castello-Branco.*

S. PEDRO.

Astro de luz, que em ceu de infaustas trevas
Illuminaste a senda do porvir;
Que aos povos amostraste a vera estrada,
Que deviam tomar; onde cumpria
Para sempre existir!

A ti ergo meu canto humilde e rude
Mas bem que rude santo! — Em ti de Deus
Vejo o sublime enviado que arrancára
O mundo á impiedade e lhe applanára
O caminho dos ceus! —

Vagava no deserto impio, perdido
O povo, que perdera a escravidão,
Foi Christo o Salvador; tu foste a base
Em que tentou para viver nos seculos
Firmar a religião! —

Surgiste qual fantasma no deserto
A fulminar os impios! — Do Senhor
Prégaste a san doutrina; o povo ouviu-te....
O mundo á tua voz corre a adorar
A cruz do Redemptor! —

Triunfaste! — Nos eccos da montanha,
Nos plainos ao rugir da tempestade
O impio, que até 'li zombou de tudo
Atterra-se.... tremendo curva o joelho
E adora a Divindade! ....

Ninguem ousa negar do Omnipotente
O immenso poder! — Já o impio crê:
O crente busca asylo entre teus braços
Pois em ti do que mostras Rei dos homens
Um enviado vê!

Soffreste muito! — Roma alfim buscaste
Para a séde firmar da religião....
Era um asylo aos filhos do teu Mestre....
Um monumento onde a Cruz alçaste
Signal da Redempção! —

Jámais no decorrer de immensos annos
Alguem pôde por terra arremessar
O simbolo da fé, que ergueste outr'ora! ....
Ninguem o poderá! — De Christo a crença
Jámais ha-de findar! —

Eterna, como aquelle em quem é posta,
No mundo, oh! nunca mais terminará! ....
— Se impios, se nescios hoje zombam della,
Embora! — Um dia sobre o vasto mundo
Universal será! —

E a quem se deve a inabalavel obra
Que firmou para sempre a religião
Do nosso Salvador? — A ti sómente,
A ti, primeiro chefe que arvoraste
A cruz da Redempção! ...

Ditoso alfim gosaste do martirio
Que teu Mestre soffreu! — Em vida a Cruz
Defendeste.... vivias junto della...
Na morte acompanhou-te! — Até na morte
Seguiste o teu Jesus!! ....

A. P. Soromenho.

ANNO CHRISTÃO.

JUNHO.

27 *Domingo.* S. Ladislau, rei de Hungria, vivendo em conformidade com a lei de Deus, e sendo especialmente devoto da Virgem Santissima, mereceu tambem especiaes favores do céu, sendo manifestamente protegido pelos anjos em differentes campanhas, em que teve de entrar. Nomeado commandante dos Crusados, que emprehendiam a conquista da Terra Santa, foi, em quanto se preparava para esta expedição, acommettido de uma doença, que poz termo á sua vida mortal, para hir gosar da immortal.

28. *Segunda feira.* S. Leão II, natural da Sicilia, governou por pouco tempo a Egreja, porém prestou-lhe relevantes serviços, como era de esperar de um santo e sabio Pontifice. Approvou as actas do sexto concilio Constantinopolitano, em que Cyro, Sergio e Pyrrho haviam sido condemnados por ensinarem « que em Christo havia uma só vontade e operação. » Ao clero de Ravenna, que, ensoberbecido com o poderio de seus Exarchos, menospresava as determinaçoens da Santa Sé, trouxe a uma perfeita submissão. Verdadeiramente pae dos pobres, levou muitas vezes, por suas esmolas, serviços e conselhos, a consolação e a boa ordem á casa da viuva e do orfão; e assim ninguem houve que deixasse de chorar a sua morte, acontecida no anno 684, no decimo mez com dez dias do seu pontificado.

29. *Terça feira.* S. Pedro e S. Paulo Ap. O primeiro era natural de Bethsaide, e vivendo da industria de pescador, foi apresentado por seu irmão S. André a Jesus Christo, que o recebeu em o numero de seus discipulos, mudando-lhe o nome de *Simão* em o de *Pedro*, e constituindo-o como cabeça dos outros apostolos. Depois da morte de Jesus Christo, havendo percorrido toda a Judea e grande parte da Asia, veio estabelecer sua sé em Roma, onde, durante a perseguição de Nero, soffreu o martyrio em uma cruz, e segundo a tradição, impetrando dos algozes que o pregassem com a cabeça para baixo, querendo que ella tivesse o logar que na sua tiveram os pés de seu divino Mestre, a quem outr'ora negara.

S. Paulo, que antes de converter-se se chamava Saulo, e fôra um encarniçado perseguidor dos christãos, era natural de Tarso. Convertido pelo modo que no dia 25 de Janeiro fica dito, deu-se todo aos trabalhos apostolicos, hindo aqui e acolá prégar, e dirigindo a varias egrejas epistolas, que revelam o homem talentoso, zeloso e inspirado. Os trabalhos e maceraçoens não foram capazes de tirar-lhe os estimulos da carne: elle mesmo é quem o diz, e que pedindo tres vezes a Deus, que lhos tirasse, tivera em resposta: « Basta-te, Paulo, a minha graça; porque a virtude se aperfeiçoa na enfermidade. » Padeceu o martyrio em Roma no mesmo dia e anno que S. Pedro; porém foi degolado.

30. *Quarta feira.* S. Marçal, francez, foi bispo de Lemovico, e por suas virtudes mereceu que Deus o favorecesse com o dom dos milagres. E' invocado como especial protector contra os incendios.

JULHO.

1. *Quinta feira.* S. Theodorico, natural da diocese de Rheims, sendo ordenado presbytero por S. Remigio, muito trabalhou na conversão dos Francos no tempo do rei Clodovéo; e por suas virtudes mereceu ser contado em o numero dos santos confessores.

2. *Sexta feira.* Visitação de Nossa Senhora. Sabendo Maria Santissima pelo embaixador celeste S. Gabriel, que sua prima S. Isabel andava gravida, foi logo congratular-se com ella, não lhe mettendo embaraço o incommodo da jornada, que de Nazareth a Hebron era longa e difficil. Esta visita teve em resultado a santificação do Baptista pela presença do Redemptor, que já morava no casto seio da Virgem, em quem sua prima, inspirada, reconheceu a mãe do Senhor, prorompendo nesta exclamação: « Quem sou eu para que a mãe do meu Senhor venha a minha casa? »

3. *Sabbado.* S. Jacintho, servindo ao imperador Trajano na qualidade de cubiculario, foi accusado como christão; e por isso, ensaiadas, como era de costume, as torturas para vêr se o faziam abjurar, vista sua constancia, o atiraram a uma masmorra em Cesarea de Capadocia, onde consumido pela fome, foi saciar-se dos eternos gosos, e é contado entre os martyres da primitiva Egreja.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Funcção do Santissimo Sacramento na cidade de Bragança. — No dia 13 de Junho teve logar a magnifica festividade do Santissimo Sacramento na Sé cathedral, de que era juiz o actual governador do bispado o rev.mo chantre. O mui digno juiz fez os mais louvaveis esforços para que fosse feita com todo o brilhantismo, explendor e pompa, como era proprio d'Aquelle a quem era dirigida. O templo estava ricamente armado, com especialidade, a capella mór, adornada com muito bom gosto. Pelas 11 horas achando-se presentes as pessoas convidadas, auctoridades, empregados e officiaes militares, principiou a missa, officiada pelo reverendo abbade da mesma freguezia, e acompanhada a musica pela capella do P. Cruz e Sousa que desempenhou optimamente. O que fez porém realçar a funcção foi o eloquente discurso pronunciado pelo rever.mo snr. juiz, que pela primeira vez subiu á cadeira da verdade, e que surprehendeu a todos agradavelmente por se ignorar até áquelle momento quem fosse o orador. Ha muitos annos que não subiu alli ao pulpito um tão eximio orador, e que se não ouviu um discurso tão magistralmente concebido. Agradou a todos geralmente, e teve bom acolhimento da não pequena porção illustrada do auditorio. Provou com mui solidos, claros e concludentes argumentos a presença real de Jesu-Christo no Santissimo Sacramento da Eucharistia, e bateu largamente e com opportunidade os impios. Fazemos votos pela conservação de s. s.ª para continuar a servir a religião e a patria *para maior gloria de Deus.* Durou a funcção até quasi 2 horas da tarde. A's 5, ao sahir da procissão houve outro sermão do digno orador o reverendo conego Moreira, que é dos antigos, e que gosa bem merecidos creditos. O Santissimo Sacramento foi levado debaixo do palio pelo exc.mo e rev.mo snr. deão da Sé cathedral. A procissão correspondeu á grandesa e brilhantismo da festividade interior, por quanto o ill.mo secretario Carvalho dispoz tudo para esse fim d'accordo com os mordomos para honra e gloria do divino fundador da nossa santa religião, e para obsequiar o rev.mo juiz.

JULHO 10. 1852. — N.º 28.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DIVINDADE DO CHRISTIANISMO.

II.

A resurreição de Jesus é o milagre por excellencia: é o fundamento da nossa fé, a base inconcussa, em que assenta todo o edificio do christianismo.

O christão poderá ignorar muitos prodigios, depositados nos nossos livros sagrados, sem que a sua fé seja prejudicada; mas não póde ignorar o prodigio de Jesus Christo, livre até nos braços da morte, sahindo triunfante da noite do tumulo.

Este só facto supre por todos; e que mais é preciso que a prova desta verdade?

Mas primeiro, se Jesus-Christo não resuscitou, que foi feito do seu corpo? Roubaram-no os discipulos de noite? Mas os soldados não impediram o roubo? Acaso dormiam, ou foram comprados? Mas que castigo se lhes deu; e os que o roubaram, para onde o levaram, que lhe fizeram? Como coordenaram, ou concertaram elles entre si a impostura da resurreição? Que motivo os impellio a isso, ou que rasão tiveram para o fazer? Que interesse foi, que os decidiu? Porque estratagema formaram elles entre si o projecto de dizer, que Jesus-Christo tinha ressuscitado? Como se lembraram elles, ou como lhes veio á imaginação um pensamento tão impio? Como conceberam elles uma similhante extravagancia? Como executaram um arrojo tão perverso, inaudito e atrevido? Como se atreveram a annuncia-lo a todo o mundo e fazer delle o fundamento da nova crença, e a base do novo edificio, que hiam a construir? E o que é mais; como tiveram o valor de selar com seu sangue a mais abominavel de todas as imposturas, e a mais detestavel de todas as mentiras?

Foi em nome de Deus, que elles annunciaram um homem, attribuindo a si, todos os attributos da divindade, intitulando-se e fazendo-se Deus; exercendo as mesmas funcçoens de Deus, e revestindo-se do seu mesmo poder e auctoridade; que não falla em nome de Deus, mas como Deus, que exige dos homens as mesmas homenagens, o mesmo culto e adoraçoens; que quer ponham nelle toda a sua esperança; que fação tudo por honra e gloria sua; que o amem sobre tudo, até derramar por elle o seu sangue, até sacrificar-lhe a propria vida; e que levando o arrojo, ainda mais adiante, faz consistir a vida eterna em conhece-lo e ama-lo, e a seu pae, que o enviou: isto é, que se apresenta no mundo como um monstro, sem egual, d'extravagancia e orgulho, que se propoem aos homens como o objecto do seu amor, que pertende, que até nos coraçoens se lhe levantem altares, para o adorarem; que vem usurpar o direito mais essencial do Ente supremo, isto é roubar-lhe os coraçoens e banir delles o amor, que só a elle é devido; que escarnece de Deus e dos homens, do Ceu e da terra, que elle quer encher de um culto mais impio e mais abominavel, que a mesma idolatria. Que horror e que monstruosidade!! Que se poderá imaginar de mais estranho e insensato, que fazer passar por um Deus, um tal malvado, só digno de despreso e da indignação do genero humano; que acabava de expiar o seu crime no suplicio infame d'uma cruz! Mas ao mesmo tempo que impiedade, que injuria e que blasfemia contra Deus!!

Acaso se póde excogitar maior insulto e ultrage contra a divindade? Que se póde imaginar de mais impio e de mais abominavel, do que proferir contra Deus um tal testemunho, do que usurpar-lhe a sua divindade, do que dar á creatura as honras, que só são devidas ao creador, do que honrar como Deus, um puro homem e servir-se para isso do nome daquelle, que não reparte com outro a sua gloria!! Que maior impiedade, do que tornal-o cumplice d'uma impostura, e fazer revelaçoens falsas em seu nome para a accreditar!!

Se existe um Deus vingador do crime, que castigo não deve ser aquelle, que está reservado para aquelle, que em seu nome, forma uma impostura, para lhe usurpar o seu culto, a sua honra e a sua gloria!!

Que! um projecto, para enganar, em nome de Deus, todo o genero humano, e estabelecer sobre a terra um culto, mais monstruoso, que a mesma idolatria, não é elle uma impiedade desconhecida, que não ha nome, com que se designe; não é uma monstruosidade inaudita, uma perversidade singular, não é elle um crime, que horrorisa a natureza, que não tem classe a que pertença!!

Como tiveram elles a coragem de levarem ao tumulo a horrivel gloria de inventarem uma falsidade tal, para abonarem um impostor, que miseravelmente os illudira? Porque fatalidade não duvidaram elles incorrer na ira e maldição de Deus, no odio e execração dos homens? Como levaram elles o arrojo e a mania a ponto de desafiarem contra si a colera do Ceu e da terra, d'incararem sem horror os tormentos da vida presente e os suplicios da futura? Como escarneceram elles de Deus e dos homens e de si mesmos? Que frenezi se apoderou desta gente, que nova especie de loucura foi esta? Que foi, que os levou a irritar toda a terra contra si, que os condemnava ao oprobrio, á infamia, á morte, a suplicios horriveis e crueis, a perder tudo no tempo e na eternidade, a soffrer os castigos de Deus e dos homens? Não revolta isto todas as ideas? Não é este o prodigio, mais incrivel de todos os prodigios!! Em verdade se Jesus-Christo não resuscitou, se os seus discipulos, em vão esperaram pelas suas promessas, o engano, que lhes fez, foi manifesto: elles não podiam já duvidar mais de que elle abusara da sua credulidade, que vivera como um impostor e morrera como um louco; e então deviam elles dar-lhe as honras de um Deus, erguer-lhe altares e sacrificarem-se por elle, e levantarem-lhe um padrão, ou um monumento eterno de gloria? Acaso lhes merecia elle algum respeito? Não deviam elles antes abominar a sua memoria, e detesta-lo como um impio, e um malvado? Como é pois, que timidos e fracos até á morte de Jesus, mostraram, depois della, uma firmesa inabalavel, e um heroismo nunca visto?

Como é, que sendo tão fracos, á vista do perigo, em que veem seu mestre, que um o nega, á vista d'uma creada, e outros se dispersão, vacilando sobre o juiso, que deviam formar a seu respeito, de repente se transformam em leoens, que vão arrostar com todos os perigos, e expor-se á morte? Que inconsequencia, que desvario, que desconcerto de ideas?!! De que lhes servia um impostor que dormia na noite do tumulo, que estava marcado com um ferrete eterno de ignominia e de maldição?

Se pois apesar de todas as rasoens, que elles tinham, para despresar a Jesus, conceberam o projecto de o fazer acreditar como um Deus, este acontecimento inexperado, só se podia realisar do seguinte modo. = Ou a pregação da resurreição de Jesus-Christo se fez por meio de combinação entre todos, ou sem ella: mas sem ella como? Cada um annunciaria a nova da resurreição a seu modo; um d'uma maneira, outro d'outra; e a contradição seria manifesta, tão visivel e palpavel, que a impostura se desfazia por si mesma.

Não resta pois outro expediente senão um concerto, um ajuste entre todos, por meio do qual, se combinaram propagar a impostura da resurreição; e então é de necessidade admittir, que o mais atrevido d'entre elles levantou a voz no meio de todos e disse:

« Esse Jesus de quem fomos discipulos, e que vimos conduzir ao suplicio; depois de nos enganar em vida, tornou-se inutil para nós, depois da morte; disse que resuscitava; e eis-aqui, teve o destino dos outros homens, jáz, como elles, no sepulchro: no entanto, apesar de tudo isso, diremos que resuscitou, que o vimos, conversamos com elle por espaço de quarenta dias, e que sobiu ao Ceu na nossa presença: propagaremos em seu nome as cousas mais inacreditaveis; faremos com que esse desgraçado, que morreu no suplicio infame d'uma cruz, como um vil escravo, passe como um Deus, e que toda a terra se prostre a seus pés: animo irmãos: havemos de propagar esta impostura, ainda que, nos custe a vida, ainda que se irritem e voltem contra nós Deus e os homens. »

Com esta deliberação assim tomada elles se propoem a annunciar a Jesus, e a fazer passar por um Deus um infame impostor e a espalhar por todo universo uma doutrina, de que elles se riam e escarneciam interiormente, ou de que faziam zombaria em seu coração!.... Que empresa e que vasto projecto!!

Um conloio para enganar todos os homens, para destruir todos os cultos e todas as religioens, para arrasar todos os templos e todos os altares, para extinguir todas as divindades e substitui-las por um miseravel impostor, morto n'uma cruz, como um malfeitor: um conloio para revolucionar toda a terra, mudar suas leis e costumes, para atrair todos os povos e todas as naçoens a novas leis e a novos costumes, a um culto tão despresivel, como o seu auctor, não é uma idea, que só o imagina-la surprehende e abysma o entendimento, quanto mais o executa-la e pô-la em pratica?!!

Se para fallar em nome de Deus e propor aos homens vastos planos, que tem profundamente combinaçoens e meditaçoens profundas, se necessita d'uma habilidade rara e d'um grande talento, de uma impiedade consummada e d'uma ambição desmedida; qual destas cousas entrou neste conloio como causa efficiente delle? Acaso se encontrará alguma dellas no caracter dos discipulos de Jesus-Christo? Foi a simplicidade e a innocencia da sua vida, foi o seu procedimento irreprehensivel, foi o seu genio grosseiro e humilde, foi o interesse, que os moveu ao conselho mais detestavel que tem visto o mundo; a esse sconloio, que horrorisa o Ceu e a terra, que é uma blasfemia contra Deus e um insulto contra os homens? Como concebeu a intelligencia humana um projecto tão descompassado e monstruoso? Que! fazer passar por um Deus uma personagem tão despresivel, e que acabara por um modo tão tragico, tirando-lhe tudo, o que ella tem d'impia e de abominavel, não parece ser a idea mais absurda e extravagante, que podia entrar no espirito humano?

Ah! não mostra esta idea, só por si, que este conselho não é dos homens, e o seu resultado não evidencea elle, que esta obra é só de Deus? Quem não vê pois, que uma similhante impostura é um absurdo e que um similhante concerto é um delirio?

No entanto é o unico expediente, que resta á incredulidade, para explicar o estabelecimento do Christianismo, ou a fundação da Egreja pelos apostolos, a que serve de base a resurreição de Jesus Christo. Não é pois este expediente, ou monstruosa explicação um documento, ou uma prova irrefragavel da verdade da resurreição? Não é elle um monumento authentico e incontrastavel da divindade de Jesus Christo? Mas se uma similhante supposição revolta todas as ideias, se só o enuncia-la manifesta a sua falsidade, que fará quando se attende ás suas consequencias e ao destino, que tiveram aquelles que a propagaram?

Em verdade, se este facto fosse invento da imaginação, ou effeito de um conloio, como podiam seus auctores sustenta-lo sem horrorosas contradicçoens, que tornassem evidente a sua falsidade?

Como é possivel que nenhum dos seus auctores se desmentisse no meio dos maiores horrores, com que se ha experimentado a sua sinceridade e pertendido abalar a sua convicção? Que levados perante as auctoridades, que interrogados perante os magistrados, nenhum se contradissesse, e que déssem sempre o mesmo testemunho, que uma só vez não vacilassem, que até á morte mostrassem sempre a mesma constancia, que escarnecidos, insultados, martyrisados, apedrejados, serrados, crucificados, esquartejados, devorados pelas feras, pelos dentes dos leoens e dos tigres, consumidos a fogo lento exhalassem todos o ultimo suspiro invocando a Jesus?

Porque fatalidade nenhum succumbiu aos horrores da morte? Porque nem um só foi seduzido pelos attractivos da recompensa, ou se deixou vencer por promessas lisongeiras? Porque nenhum cedeu aos rogos d'um amigo, ás lagrimas d'uma esposa terna, ou d'um filho querido? Por que nenhum se deixou abalar por respeitos humanos, por rasoens de familia, por motivos d'amisade, ou pela força irresistivel d'um affecto intimo, ou d'uma paixão violenta? Porque nem um só revellasse esse conselho impio e detestavel, ou o deixou escapar por imprudencia, irreflexão, ou levesa?

Porque todos foram surdos á voz da rasão, insensiveis aos remorsos, superiores á sua convicção, indifferentes ao grito da sua consciencia, que se levantava contra elles e os condemnava? Porque luctaram contra todos os deveres e contra todas as leis? Porque suffocaram, ou vilipendiaram elles todos os preceitos da moral e da justiça? Porque postergaram elles a rasão divina e humana, que os fazia responsaveis por aquelle crime? D'onde lhes proveio esse valor, que lhes fez affrontar a morte, vencer todas as difficuldades, arrostar com todos os perigos e fazer todos os sacrificios, que se sustentou impassivel e inabalavel no meio dos supplicios mais exquisitos, no meio das chammas e nos horrores da dilatada agonia do supplicio d'uma Cruz? D'onde procedeu esse valor mais que humano, que não succumbe a nenhum combate, que não se rende a nenhuma força, que violenta a naturesa e a faz succumbir? D'onde procedeu esse fogo divino, esse enthusiasmo, que os faz superiores a si mesmos e á naturesa!

Ah! elles soffrem com uma serenidade e com uma alegria, que espanta o mundo, e que surprehende os seus inimigos, os cavalletes, os garfos e as unhas de ferro, o impeto das feras, que os devoram e despedaçam; isto é tudo o que a morte tem de mais horrivel e a tirannia pode inventar de mais barbaro, cruel e deshumano. Se o interesse é a molla real das acçoens do homem, se não se pode conceber que alguem seja mau, ou mentiroso sem motivo, como se póde suppor que alguem sacrifique ao prazer d'affirmar uma falsidade a sua consciencia, o seu repouso, os seus mais caros interesses, ou invente um facto, que o desacredita, que o condemna a uma morte certa e a um supplicio infame?

Acaso é possivel que o homem obre contra todos os seus interesses, que desprese todas as suas conveniencias, que resista contra tudo aquillo que o deve mover a decidir e obrar? Acaso é possivel que elles se sujeitassem a todos estes horrores, para sustentarem uma impostura desgraçada, ou para abonarem um malvado, que nada tinha, que lhes offerecesse; porque jazia na podridão, porque o cobria a pedra do tumulo, porque o encerrava a espessa noite da morte? Porque incomprehensivel desatino pois davam elles estes cultos a um ente, que não existia, ou que só devia existir, para lhes causar horror, e abominar sua memoria?

Se este incomprehensivel desatino, se este delirio, nunca ouvido, é inacreditavel n'um só homem, como o podia ser em muitos em differentes tempos e logares? Qual é aquelle homem, que tem soffrido o escarneo, o despreso publico, os açoutes, as dores, as injurias, as mais terriveis affrontas, os tormentos emfim e a morte para dar testemunho d'um facto, que elle inventou, que nunca existiu, para attestar uma mentira, de que elle tem a intima convicção que a é, ou de que elle só foi o auctor? Qual é aquelle que se deixou devorar pelas chammas podendo evita-las, que deixou duplicar o seu supplicio ou martyrio, ou faze-lo mais cruel para fazer constar como certo que viu, o que não vira, ou que ouviu o que não ouvira?

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

USURA.

Não vem aqui a insoluvel questão, pendente no tribunal dos theologos, sobre a usura legal, ou ganhos provenientes d'um commercio legitimo. Prosigam os jurisconsultos nas varias hypotheses em que o legitimo interesse se transforma em roubo, e o roubo em rigorosa restituição, conforme o preceito da theologia moral. Nós, com *Bergier*, não imputamos criminalidade aos proventos commerciaes, quando uma tabella, organisada pela lei, os determina, sem offensa da rasão e do direito natural.

A palavra, que intitula este artigo, em nossos dias, abrange um numero infinito de factos, que os santos padres não conheceram, nem previram, quando se imposeram legislar para uma certa *usura*, que bem poderamos hoje apellidar *honradez* se dessa tirassemos o assumpto para este escripto.

Cá, entre nós, homens da industria progressiva, e do progresso industrioso, usura é um trafico de dimensoens amplissimas; que comprehende o roubo em todas as suas variantes.

Atravessai uma longa cadeia onde se enfileiram os elos de toda esta sociedade que mercadeja, á força d'astucia, uma barata e intempestiva fortuna, e atinareis com o vulto grandioso da usura.

Esta definição metafisica não significa a ideia precisa e palpavel deste fenomeno da immoralidade, que tentamos incorporar nas palavras.

Acima das palavras, e das ideias vagamente abstractas, que vos pintam a usura, está a realidade das muitas dôres que passam nesse mundo, onde tres partes se disputam, na lucta da penuria, o privilegio d'enriquecer aquella parte que lhes ministra uma migalha de pão, que, lançada nas entranhas famintas do que a pede, vem por fim a produzir fructos que fartem para encher o celleiro daquelle a quem sobeja o pão na mesa, e a impiedade no coração.

Quem vive nas cidades populosas de Portugal, quem investiga a existencia dessas multiplicadas situaçoens que ahi se acotovellam, quem sonda o infortunio no coração alheio, se lhe não sobra experiencia do seu, demore-se alguns instantes a pensar nos lances que atravessa o homem, que precisa de bater á porta do usurario para satisfazer as suas primeiras necessidades. A meditação ser-lhe-ha mais eloquente, bem mais compassiva, que estes traços esboçados n'um quadro, que seria preciso encastoar-se em ouro para transpôr o limiar do rico...

E' necessario partir d'um ponto remoto aquelle que houver de enfeixar todos os fructos, segados na seára da irreligião, e lança-los no colo desta deusa do seculo — a AGIOTAGEM — rainha do commercio, alma de todas as associaçoens politicas, e ancora de salvação para todos os governos, que cahem de impotentes, se não se arrimam áquelle esteio d'immoralidade.

A *corrupção*, palavra symbolica, que ha pouco vimos irrisoriamente arvorada em marco milliario na estrada da « regeneração portugueza » convem despi-la dessa parvoa importancia, que a politica lhe déra, e estampa-la na fronte de todos, como symbolo, não d'um governo cahido, mas de todos os governos, e de todos os homens, que se intitulam puros e immaculados, sem apostatarem a impiedade cega que os encaminha.

Não queiram vêr aqui, os que vêem pouco, lapsos politicos, quando tão plana e segura temos para trilhar a estrada da caridade. Aqui não ha frases odientas, nem lamurias hypocritas. O que ha é o anathema á corrupção dos costumes; e se ao regimen destes está vinculada a administração daquella, não venha a mão imprudente do descrido lançar uma linha divisoria entre a religião e a politica, entre a corrupção e a sociedade.

A usura é o manancial fecundo do ouro, vertido ahi pelas mãos da miseria. A miseria é a ultima consequencia d'uma pessima organisação social. O socialismo, como do Evangelho se deprehende, é uma entidade impossivel, quando o verme da usura lhe devora os alicerces da caridade, unico ponto de apoio que assegura estabilidade á alavanca dos politicos.

As fortunas accumulam-se prodigiosamente em poucos possuidores. A opinião publica tem a má fé de se admirar dos rapidos saltos que vê altearem o homem ao fastigio da opulencia. E' que a opinião publica não desce a entreter-se na contemplação da miseria, quando sobe a espreitar o que vae dentro da mysteriosa casa do rico. Não espere essa curiosa investigadora vêr resaltar o ouro do fundo d'algum cadinho alchimista. O apparelho é simples: o processo é baratissimo, com tanto que uma mão cheia d'ouro, e um coração cheio de insensibilidade, estejam á disposição do homem que quer enriquecer-se.

D'antes corria uma ideia popular a respeito d'algumas riquesas repentinas. Dizia-se que o rico, antes de sê-lo, abjurára a fé da religião christan, cuspira na face de Christo, alistara-se na seita dos « pedreiros livres » e desde logo abrira os seus cofres vasios para os fechar depois repletos d'ouro. Esta mentira era a ideia preexistente, se assim podemos chamar-lhe, d'uma grande verdade. Quem renega a religião christan, quem cospe na face do Christo, quem calca as mais santas leis da humanidade, antes de ser rico, é o usurario Esse sim, que não precisa, para sê-lo, arreiar-se com o pomposo titulo de « carbonario. » Esse, do escuro de seu laboratorio, não sopra a flamma illuminadora da pedra filosofal, mas ateia a lavareda das revoluçoens, que nunca se apresentam ao sol do triunfo, sem mendigarem á agiotagem a luz que deve dirigi-las.

Mas que desçam a analysar os contrastes esses incansaveis interpretes de fortunas improvisadas. Não se demorem a contemplar o egresso, e a viuva do militar que morreu, e a mulher do que vive na inactividade, e o empregado, que trabalha com a penna, e inveja os que trabalham com uma enxada... não se demore nesta dolorosa analyse, fertil de lances na antecamara d'um agiota; mas observe de perto o filho-familia, que victimado ás multiplicadas urgencias e despesas, que uma pessima educação lhe creára, sacrifica a um juro inqualificavel uma fortuna que deve pertencer-lhe, e que desde já lhe presta em letras que firma uma garantia, não delle, mas do usurario, que lhe satisfaz a paixão do jogo, a paixão dos vicios, e o vicio d'uma infancia desregrada.

Não muitos aqui, mas em Lisboa são lamentaveis os innumeraveis exemplos deste conflicto entre o homem, que precisa abraçar-se ao salteador, que recebe a victima á sombra da lei!

Quando a idade traz comsigo o dominio da fortuna, que importa a emancipação, que importam as conveniencias d'um matrimonio, se nas mãos do usurario redobra a fortuna que devera assegurar aos filhos desse adulto a subsistencia, que, mancebo, lhe vendêra por um prato de lentilhas, adubadas com o veneno da agiotagem?!...

Estas vagas consideraçoens, que tão de leve resvalaram no vasto desfiladeiro da usura, inspirou-no-las a leitura da carta, que vae lêr-se, e nós tivemos cuidado de purgar d'alguma frase, que revelasse o ponto d'onde partiu:

« Snrs. RR.

« Eu já vi, não sei em que jornal, um bem traçado « artigo, que se occupava dos usurarios de * * * Se bem « me lembro dizia elle, que esta terra, com os seus mil « fogos, contava 120 usurarios. Isto era verdade; mas « tive pena que o auctor não estivesse cabalmente infor- « mado para dividir em parcellas esta somma total. Sai-

« bam Vv. que dos 120 — dez são sacerdotes, e entre estes « ha um que préga o Evangelho de Jesus Christo, e diz « que S. Lucas (no cap. 6. V. 35) dissera: « Fazei bem, « e emprestai sem nada esperar » e (no verso 38) » Dai « e dar-se-vos-ha » e Moysés (no Deut.) « não emprestareis a vossos irmãos dinheiro com usura » &c. &c. S. « em.ma o arcebispo de Braga não é estranho a esta biografia. Já alguem, zeloso do pastor e do rebanho, levou onde devia a pagina negra da historia deste clerigo, e nada obteve, que servisse de exemplo para resalvar o bom clero das imputaçoens que o fazem victima deste typo de corrupção, lançado entre muitos sacerdotes dignos, a todos os respeitos, da alta missão « que exercem.... »

O Christianismo, atalaia que, do alto do seu magisterio sublime, vigia as acçoens louvaveis e reprehensiveis, não póde deixar de considerar em muito a correspondencia transcripta, e não será difficil juntar os seus esforços aos daquelles que não consentem um *padre usurario*, para que s. em.ma o snr. cardeal arcebispo de Braga, não desconsidere as reclamaçoens que mais o convencem da sua dignidade de pastor de um rebanho, que J. Christo lhe confiou,

Camillo Castello-Branco.

RECONCILIAÇÃO D'ISAU COM JACOB.

XXVII.

Elevans autem Jacob oculos suos vidit venientem Esau, et cum eo quadragintos viros:

Et ipse progrediens adoravit pronus in terram septies, Currens itaque Esau obviam fratri suo, cumplexatus est eum: stringensque collum ejus, et osculatus, flevit.

Genes: C. 33. V. 1. 3. 4.

Avisado Isau, que, sem tardança,
Jacob ao lar paterno regressava,
Com gente ao seu encontro caminhava,
Para d'elle tomar crua vingança.

Então perde Jacob a confiança,
Que punha nos prezentes, que offertava,
E, quasi sem alento, só fundava
Nos soccorros de Deus sua esperança.

Avistam-se os irmãos; mas adoçado
O furor d'Isau pela humildade,
Com que é por vezes de Jacob saudado,

Por um toque talvez da Divindade,
Converte-se o rancor, n'alma guardado,
Em fraternal abraço d'amizade.

DINA.

XXVIII.

Locutus est itaque Hemor ad eos: Sichem filii mei adhesit anima filiæ vestræ: date eam illi uxorem.

Responderunt filii Jacob Sichem et patri ejus, sævientes ob stuprum sororis.

Et ecce die tertio.....Simeon et Levi fratres Dinæ, ingressi sunt urbem confidenter: interfectisque omnibus masculis, etc.

Gens: Capt. 34. V. 8. 13. 25.

Depois que por Siquem fôra roubada,
Na terra de Salem, Dina formosa,
Hemor, vendo esta acção tão criminosa,
A foi pedir ao pai, e lhe foi dada;

Porem os irmãos d'ella, que vingada
Queriam ver a affronta vergonhosa,
Encobriam com fraze mentirosa
A má tenção, que n'alma era guardada.

D'esta arte os Siquimitas enganados
Em ser circumcidados consentiram:
E, quando dias tres eram passados,

Leví e Simeão ambos partiram
A deixar os seus ferros ensopados
No sangue d'esses mesmos que illudiram.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

JULHO.

4 *Domingo.* S. Isabel, filha de D. Pedro 3.º de Aragão, foi dada em casamento a el-rei D. Diniz de Portugal, onde por suas muitas e nunca desmentidas virtudes mereceu ser apellidada « a rainha santa. » Com effeito, para sugeitar completamente o corpo ao espirito, vivia mesmo no meio da côrte, emcontinuos jejuns e penitencias; sabia que seu marido era um tanto devasso em costumes? não mostrava *zelos*, mas seu zelo a levava a procurar a boa educação aos filhos adulterinos, e a escogitar os meios de subtrahir, sem irritar seu marido, as victimas da lubricidade delle; já se moviam exercitos em guerra civil e parricida, entre seu filho Affonso 4.º e o proprio pae D. Diniz, ou entre o mesmo Affonso 4.º com o cunhado e primo rei de Castella? era ella o anjo da paz, que os obrigava a depôr as armas, fazendo convenios justos e rasoaveis; finalmente a sua caridade era illimitada, e Deus lh'a premiou mesmo nesta vida mortal com varios milagres, sendo um o de converter em rosas, para evitar enfados de seu marido, algumas moedas que ella destinava para os pobres, e outro o de ficar promptamente san uma chaga rebelde, que ella por humanidade lambeu em uma mulher pobre. Morto seu marido, vestiu o habito da ordem serafica, e foi por suffragio em peregrinação a Compostella. Em Estremoz terminou sua vida mortal; e em conformidade de seu testamento foi trasladado seu corpo para o convento de Santa Clara de Coimbra, que elle edificára, e onde existe um vetusto monumento do precitado milagre, o qual apontamos (é a porta das rosas no antigo e quasi desmoronado convento) áquelles que só acreditam á vista de monumentos de pedra. Sua morte foi no anno 1336; e sua canonisação por Urbano VIII, no de 1625.

5. *Segunda feira.* S. Athanasio, que assistindo ao concilio de Chalcedonia, foi preso e martyrisado em Jerusalém pelos hereges, em cujas iras incorrera por have-los refutado victoriosamente no dito concilio. Não se confunda este, que era apenas diacono, com o outro Athanasio bispo de Alexandria, de que fizemos menção a 2 de Maio.

6. *Terça feira.* S. Domingas, nascida na Campania, havendo, em sua execração contra a impiedade, esmigalhado uns idolos, foi no tempo do imperador Diocleciano condemnada ás feras; porém ellas a respeitaram, e por tanto os algozes lhe deceparam a cabeça, e assim recebeu no céu o ramo e a palma de martyr.

7. *Quarta feira.* S. Pulcheria V, filha do imperador Arcadio e irman de Theodosio, foi na menoridade deste, não a regente, porque ella mesma ainda era muito joven, mas dotada de tão acertado juizo, que realmente por seus dictames se governavam os da regencia: e ella no interior da casa era uma verdadeira mãe de suas irmans mais novas e do mesmo Theodosio, a quem inspirava a piedade e fazia amar a religião. Por causa de intrigas, que os hereges urdiram entre ella e seu irmão, se retirou para Hebdomo, logar visinho a Bysancio; porém logo que seu irmão abriu os olhos, e invocou sua cooperação para pacificar o imperio, ella não hesitou e desenvolveu a maior energia em bem do imperio e da religião, merecendo que os padres do concilio de Chalcedonia a apellidassem com os mais honrosos epithetos. Depois de uma vida toda empregada no exercicio das virtudes christans, foi para o céu no anno 453.

8. *Quinta feira.* S. Procopio, que durante a perseguição de Diocleciano foi conduzido preso de Scythopolis, sua patria, para Cesarea, e ahi, interrogado pelo juiz, confessou que era e queria morrer christão, e por isso logo lhe mandaram cortar a cabeça.

9. *Sexta feira.* S. Cyrillo, bispo de Gortyna em Creta, havendo sido, durante a perseguição de Decio e debaixo da presidencia de Lucio, lançado a uma fogueira, e, illeso elle, queimando-se e consumindo-se os grilhoens, o presidente, em vista de um tal prodigio, o mandou soltar; porém elle ainda mais alegre e publicamente fez a profissão de sua fé, e por isso foi mandado decapitar pelo mesmo presidente.

10. *Sabbado.* S. Januario é um dos sete filhos de S. Felicidade, que na perseguição de Marco Aurelio Antonino soffreram o martyrio em Roma, exhortando-os sua propria mãe á constancia na fé e á paciencia e resignação no meio dos tormentos, que foram bem variados e crueis.

JULHO 17. 1852. — N.º 29.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

TRADIÇÃO.

(*Conclusão.*)

Todos os padres, e doutores dos primeiros seculos do Christianismo, estabelecem, unanimes, a sacrosanta auctoridade da tradição. Os adversarios do catholicismo, que apregoam, para fins sinistros, a integridade da religião do Christo nos primeiros seculos, não sabemos como, tão inconsequentes, recusam acceitar a tradição oral, em cuja observancia consistia a bellesa desses chamados bellos seculos do Christianismo!

Ao grave testemunho da antiguidade ecclesiastica, reune-se o dos concilios, e a voz unisona da egreja universal.

Nihil innovetur, nisi quod traditum est: é este o preceito que preside a todas as deliberaçoens em Nicea, e em Constantinopla, em Epheso, e Calcedonia, em Roma, e Trento.

A constituição da Egreja não poderia subsistir, qual J. Christo a instituira, sem a existencia e auctoridade divina do ensino tradicional.

Pois que é a Egreja? Não é ella uma assemblea, divinamente privilegiada com a infallibilidade da doutrina, e com a prerogativa de propaga-la? Não é em seu seio, que, pelo vinculo da mesma fé, se abraçam os homens, se santificam pelo culto, e se colligam submissos a uma só auctoridade, representante de Deus?

Mas a Egreja não é só sociedade divina, porque a palavra do eterno lhe bafejou a existencia. E' porque Jesus Christo e o Espirito Santo presidem ahi na realidade do espirito, na intelligencia dos pastores, e de todos os seus membros. A tradição é a palavra de Deus reproduzida na bocca dos que a transmittem; e o Espirito Santo, allumiando o coração dos que a escutam, illumina-lhes o entendimento para que a rasão não repugne assimila-la aos seus juizos. Negar a tradição é negar a Egreja, cuja existencia é essencialmente tradicional. Ensinar é transmittir a verdade de geração em geração pela palavra viva, e não pela letra morta. A palavra que significa ensino, é semelhante á palavra tradição, na lingua de S. Paulo, e na intelligencia das Escripturas.

J. Christo nem escreveu, nem fez escrever codigos legislativos. O seu augusto preceito é « hide e ensinae » e não « hide, e ensinae isto, ou aquillo, estes, e não aquellos preceitos. » O novo testamento, posterior ao estabelecimento da religião christan, é um compendio de dogmas enunciados debaixo de fórma imperativa. Os evangelistas escreveram muito depois da morte de J. Christo, para desmentir as falsidades, que o paganismo, e os fariseus disseminavam. As epistolas eram uma substituição ao ensino oral, que os apostolos não podiam exercer de viva voz, por estarem longe das suas egrejas. E' evidente, pois, que a Escriptura não entrou nem sequer integralmente na fundação do Christianismo. « Se o Christianismo — diz de *Maistre* — não tivesse soffrido ataques, nunca seria forçoso recorrer á Escriptura para fixar o dogma; mas nunca o dogma seria determinado pela Escriptura, senão existisse anteriormente no seu estado natural, que é a *palavra*... A fé, se a opposição sofistica a não forçasse a ser escripta, seria mil vezes mais angelica. A fé chora sobre essas decisoens que a revolta lhe arrancou, e que produziram desgraças sempre... o estado de guerra levantou essas veneraveis muralhas em torno da verdade: defendem-na, por certo; mas occultam-na; tornam-na inaccessivel; mas, por isso mesmo, menos accessivel. Ah! não era isto o que ella queria! Reunir o genero humano em seus braços — era esta a sua vontade! » Diz o mesmo illustre escriptor: « O homem não póde fazer-se uma constituição, e nenhuma constituição legitima poderia gravar-se em caracteres legiveis na sua amplitude » (1) Nunca foi nem será escripto *á priori* uma collecção de leis fundamentaes, que devam constituir uma sociedade civil ou religiosa. Só, quando a sociedade está constituida, sem que possa dizer-se como, é possivel fazer declarar ou explicar por escripto certos artigos particulares; mas quasi sempre taes declaraçoens são effeito ou causa de grandissimos males, e sempre custam aos povos mais do que valem. » (2)

Se bem que o conde *de Maistre* exceptue desta regra geral a legislação de Moisés, inalteravel e pura durante quinze seculos, a legislação de Moisés confirma rigorosamente a regra geral. Por quanto, ao lado desse codigo civil, religioso, e militar, emanação divina, funcciona uma tradição, que rege os tribunaes encarregados de explicar os sentidos obscuros da lei, e os meios d'applica-la em casos reservados « Nenhuma instituição verdadeiramente grande — diz um theologo francez — embora seja divina, poderia fundar-se na simples escriptura, por quanto, a não degenerar a naturesa das coisas, nem Deus, nem o homem poderiam communicar á escriptura a vida e virtude que ella não tem; será sempre uma letra morta, e uma palavra muda. »

O Christianismo, sem a tradição, seria forçosamente no seculo 5.º semelhante ao seculo 1.º, e no seculo 19 identico, e estacionario como nos primeiros. A sua vida consiste na harmonia das suas fórmas com os tempos e com os logares.

A multiplicidade de leis escriptas denuncia a fragilidade d'uma instituição. « *Pessimæ reipublicæ plurimæ leges* — dizia Tacito. E Platão, por estas palavras, que, segundo um illustre canonista, são o *prefacio humano do Evangelho*, parecia responder, fatidicamente inspirado, aos que recusam confiar o espirito religioso ás tradiçoens oraes: « O homem que deve toda a sua instrucção á escriptura não tem de sabedoria mais que as apparencias: a palavra é para a escriptura o que um homem é para o seu retrato. A nossos olhos apresentam-se-nos como vivas as obras

(1) *Principio gerador das Const. T. 17 — pag. 22.*
(2) *Ibid. T. 27. p. 39.*

da pintura: mas, interrogadas, guardam silencio com dignidade. Tal é a Escriptura. Interrogai-a, dar-vos-ha sempre uma só e mesma significação. E por isso que todo o discurso escripto se espalha entre sabios e ignorantes, elle não sabe o que ha-de dizer a uns nem occultar a outros... Atacado, e insultado sem rasão, não póde responder, nem defender-se, e carece sempre de seu pae ausente para sua defesa.. Mas, se o mesmo discurso é fallado, como nos elle parece legitimo, como sae mais possante e corajoso do seio de seu pae!... Fallo do discurso vivo, que se grava com a sciencia na alma do discipulo; fallo da palavra, que tem a sua defesa, e que sabe o que convem revelar a uns e esconder a outros... daquelle Verbo vivo e animado, cujo simples retrato é a escriptura. » (3) S. Joáo Chrysostomo applica á revelação do Salvador os principios da sabedoria antiga. Diz elle: « sem duvida, bom seria que não necessitassemos da Escriptura, e que os preceitos divinos nos estivessem escriptos no coração, pela graça, como o estão, pela tinta, em nossos livros; mas, já que perdemos tal graça por nossas culpas, construamos, que assim é forçoso, *uma prancha em vez de uma nau*, sem comtudo esquecer que o primitivo estado de nossa doutrina era o melhor. Deus nada revelou por escripto do velho testamento aos patriarchas eleitos: fallava-lhes directamente, porque sondava a puresa de seus coraçoens; mas, cavado o abysmo de vicios pelo povo hebreu, foram-lhe necessarios livros e leis. Renovou-se o mesmo sob o imperio da nova revelação, pois que o Christo não deixou um só escripto a seus apostolos. Em vez de livro, prometteu-lhes o Espirito Santo: « *E' elle quem vos inspirará quando vos fôr necessario fallar.* » Mas, com o decorrer dos tempos, revolta a humanidade, contra os dogmas e contra a moral, foram-lhe tambem precisos livros. (4)

Regeitando a tradição, finalmente, os protestantes despresam a essencia do Christianismo, e os racionalistas conferem-lhe a mesma importancia que lhes merece a palavra escripta. Para que os primeiros sejam consequentes devem cedo ou tarde encarnarem no systema dos segundos.

Desça sobre todos um raio da rasão celeste, um orvalho de fé reanimadora, e de sobre a face da terra passarão, como a onda abrasadora do deserto, as trevas pavorosas do erro.

Camillo Castello-Branco.

DIVINDADE DO CHRISTIANISMO.

III.

Morrer pelo erro, como se elle fôra verdade, valor nos tormentos, quando o fanatismo impera n'alma, isso sim, que é possivel, que o refere a historia: esse mesmo fanatismo é filho d'uma convicção, erronea embora, mas viva, mas profunda, mas até nobre: a fé existe; existe a crença, e essa crença embora erronea, embora falsa póde exaltar o espirito, porque a julga como verdade, e como verdade a ama e defende: o martyr do erro sellará com seu sangue o erro, porque esse erro elle o crê, ama e defende, como verdade: uma opinião, ainda que mui falsa, póde ser julgada como mui verdadeira, e então ella tem sobre o coração todos os direitos e todo o imperio da verdade. (*Nação*, n.° 1063.)

Póde pois uma opinião, um erro do entendimento ser sustentado á vista da morte e do que ella tem de mais horrivel, é a vida, que se imola á verdade e a verdade é tambem uma divindade, que merece sacrificios: porém erguer no coração um altar ao idolo do nada, offerecer-lhe em holocausto o seu espirito e a sua vida, fazer-lhe o sacrificio da sua convicção, da sua consciencia, das suas conveniencias e das suas mais caras affeiçoens, perder por elle o que ha de mais caro e sensivel ao coração: imaginar uma chimera, venera-la, render-lhe cultos e homegens; inventar uma fabula e adora-la; dar a vida por uma mentira, sellar com o seu sangue um embuste, quem é que já o fez, ou aonde se viu? Quem é que já quiz ser martyr da sua propria impostura, ou preferiu aquelle genero de morte, que fosse mais exquisito e horrivel? Quem já quiz morrer nos tormentos, só pelo gosto de os padecer?

Como é possivel, que haja martyres, por impostura, e que por impostura se padeçam os tormentos e a morte? Para se morrer no meio dos tormentos, quando estes se podem evitar, é de necessidade ser dotado d'uma alma grande e d'um valor heroico, e como é possivel, que a mentira e a hypocrisia produzam e possam inspirar esse valor, ou como é possivel que elle possa existir sem proceder d'uma causa verdadeira, ou sem ser resultado d'uma fé viva, ou d'uma convicção intima, sincera, verdadeira e profunda?

Certamente este furor inaudito, este delirio incomprehensivel, este effeito sem causa e sem rasão, ou contra todas as rasoens, ainda não consta, que se désse em pessoa alguma; e quando houvesse quem chegasse a este desatino, a este excesso de loucura e de furor, ou quando houvesse alguem, que alienado dos sentidos, ou transportado fóra de si, se precipitasse em similhante frenesi, teria elle quem o imitasse, ou seguisse o seu exemplo? Não é isto um contrasenso, não é uma contradicção, não é até um absurdo imaginar uma similhante supposição, porque se oppõe ás leis organicas do ser intelligente; porque repugna com a naturesa fisica e moral, que rege e domina o homem; porque contradiz os sentimentos, de que Deus nos dotou, para a nossa conservação, e que formam a regra invariavel do procedimento do homem; porque nunca houve, nem consta que houvesse homem de similhante especie, ou de similhante contrasenso, ou desaccôrdo; porque emfim não é possivel figurar homens tontos e desasisados por indole e organisação, quero dizer, não é pospossivel admittir um transtorno geral nas faculdades intellectuaes do homem, ou uma variação, ou total mudança nas regras, que constituem a essencia do homem, que formam o seu senso, siso e instincto e a sua rasão, que sam communs a todos os homens, e sem os quaes elles deixariam de ser, o que são, entes intelligentes e rasoaveis: e então como é possivel figurar em cada um daquelles, que sellaram com o seu sangue a resurreição de Jesus Christo, um prodigio, um desvario, o ultimo excesso da demencia e do furor, ou do que ha de mais ridiculo, abjecto e pueril, isto é hypotheses moralmente impossiveis e visivelmente absurdas, que nos fingem monstros, d'horriveis formas, que não pertencem á classe das coisas vivas e reaes, ou dos entes possiveis e existentes da naturesa?

Toda a certesa humana se funda neste principio: « os homens não são loucos, e ha certas regras de que elles nunca se apartam, sem um transtorno geral da rasão. »

Quando pois não póde negar-se um facto, sem resultar um completo absurdo, um monstruoso desvario, ou sem uma contradicção manifesta n'um grande numero de homens, tem este facto chegado ao ultimo grau de certesa.

Ainda mais: se é de necessidade assignar uma rasão ás acçoens do homem, porque o ente intelligente não obra, sem algum motivo, e se esta alienação mental, se esta extrema e incomprehensivel loucura, se este furor e desarranjo do cerebro, se este fenomeno, que espanta a naturesa, ainda se não deu em homem algum, como é possivel figura-lo em muitos, e assignar-se-lhes como causa? E aqui não foi um só, foram muitos, foram todos os discipulos de Jesus Christo, que por um delirio nunca visto, por uma aberração d'espirito incomprehensivel, por uma loucura sem igual e sem exemplo nos annaes da loucura e da extravagancia humana, trocaram a vida pela morte, o descanço pelos tormentos! Foram muitos, que sem uma esperança no presente, e sem uma crença no futuro, perdendo tudo, a vida do corpo e a do espirito, a amisade de Deus e dos homens, trocaram a paz da vida pelos horrores da morte! Foram muitos, que trocaram as delicias da vida, pelos tormentos mais estranhos e horriveis; foram muitos, que se offereceram e sugeitaram ao escarneo, á irrisão dos homens, aos ultrages, ás injurias, ao martyrio, á mais dolorosa morte, á mais abjecta, á mais infame aos olhos do mundo, á mais cheia de horrores e d'angustias, levando o heroismo até o ultimo sopro da vida!

Que mais se póde desejar do que um similhante testemunho, do que o sacrificio voluntario da propria vida?!

---

(3) *Plat. in Phædr. edit. Lugdun.* 1590. *p.* 356 *e* 357.
(4) *Hom. in Math.* 1, 1.

Que tem o homem mais estimavel do que ella, ou que póde elle dar além della? E se este testemunho não basta, aonde é que se encontra outro, que o iguale?

Ah! que se póde desejar de mais authentico, de mais decisivo e concludente do que um similhante testimunho, que assenta n'um facto positivo, que não está sujeito ao erro, que é justificado pela maior prova e pelo maior documento, que se póde apresentar; isto é por uma confissão publica e por um depoimento solemne feito não por alguns homens, mas por uma infinidade delles, no meio dos horrores da morte, no momento terrivel, em que acabam as illusoens da vida, e em que só resta Deus e a Eternidade; que convenceu o mundo e lhe fez abrir os olhos á luz da verdade?!

Os apostolos, diz Bossuet, não são homens prevenidos, que morrem pelos sentimentos, que beberam com o leite; não são especuladores, que fazem das suas opinioens o seu idolo, e que o defendem á custa da propria vida: os apostolos não nos dizem: — nós temos pensado, meditado e concluido, em cujo caso os seus pensamentos podiam ser falsos, as suas meditaçoens mal fundadas e as suas consequencias mal deduzidas e defeituosas; mas dizem: « nós vimos e tocamos: vimos com os nossos olhos, tocamos com as nossas mãos. » E que bastava para isto? O testemunho dos sentidos: olhos, abri-los, e vêr.

Quando S. Pedro, S. Paulo, S. Simão, S Estevão e uma infinidade d'outros deram a vida por Jesus Christo, que testemunhavam elles? que tinham visto a Jesus Christo fazer milagres, que o viram morto, e resuscitado: e ensinavam aquellas doutrinas, que elle lhes tinha ensinado e mandado pregar. E acaso podiam elles dar-se por testemunhas de Jesus Christo resuscitado, e dizerem, que o viram, que fallaram com elle, que o tocaram, sem que em nada disto houvesse realidade? Por ventura acreditariam elles vêr o que não viram, ouvir o que não ouviram, tocar o que não tocaram, e este delirio estravagante reproduzir-se-hia por 40 dias, em homens, que tinham vivido com Jesus Christo na maior intimidade, por espaço d'alguns annos, e que só o tinham perdido por espaço d'alguns dias?

Em quanto pois se não provar, que os apostolos, os seus discipulos, os primeiros martyres e essa prodigiosa multidão de pessoas de todos os sexos e condiçoens, que déram a vida por Jesus Christo, dotados d'um valor heroico, que só respiram paz no meio do furor dos tyrannos e dos seus implacaveis inimigos, caridade sobre os cadafalsos e sobre as fogueiras, não sabendo mais que enviar votos ao céu, pela conversão dos seus verdugos.... em quanto se não provar que taes homens eram dementes, freneticos e extravagantes, e inventaram fabulas, e imaginaram factos, composeram ficçoens ridiculas e pueris, e déram a sua vida por ellas, isto é em quanto se não admittirem impossiveis — quem é que póde invalidar este testemunho, quem é que póde recusar-se a acredita-lo? Acaso bastará uma simples negativa sem prova? Mas que póde esta contra um testimunho positivo, occular, conteste, circunstanciado, dado sobre um facto por muitos, por todos aquelles, que o presencearam, sem que um só se desmentisse, ou contradissesse, sem que um só deixasse de sellar o seu depoimento com seu sangue e com a sua vida?

Em que juizo, ou tribunal se deu a mais leve attenção a uma simples negativa d'um facto, quando este está provado, quanto humana e juridicamente póde ser, ou quando se não póde illudir o depoimento daquelles, que o testificam, por nenhuma impugnação, que o destrua? Eis-aqui pois em que a impiedade fundamenta a sua incredulidade — na simples negativa d'um facto provado, e provado d'uma maneira, que nada deixa a desejar: póde acaso haver cousa mais futil e ridicula? Mas se esta negativa só merece soberano despreso, será melhor o argumento de que se vale a incredulidade, de que Jesus Christo devia apparecer em Jerusalem aos seus inimigos, aos doutores da lei, aos fariseus, que o condemnaram á morte? Delira ella, ou está cega? Que inepcia e que ridicula evasiva!! Qual é o homem sensato que, uma vez provado um facto, se recusa a acredita-lo, pela unica rasão, de que podia ter mais provas da sua existencia? Mas acaso devia Jesus Christo manifestar-se aos impios? eram elles dignos disso? Que atrevida e que orgulhosa pertenção aquella, que dicta a lei áquelle, de quem a devia receber! Mas quando J. Christo o fizesse, que se teria lucrado com isso? De que serve o resplendor da luz, ou a claridade do dia, a um cego? e não estará cego aquelle, que fecha os olhos á luz da verdade, e tanto mais, quanto maior é a sua força e evidencia? Mas de que publicidade nos falla a incredulidade, ou que publicidade deseja ella? Se fosse bastante para si a incredulidade, a authenticidade e publicidade dos factos, que evidenceiam a divindade do Christianismo, ha muito que não haveriam incredulos. Qual é o facto, que serve de fundamento á verdade da religião, que não fosse publico e que não haja delle uma certesa indisputavel?

Não seria publico, não seria o universo inteiro testemunha desse prodigio, que confunde o vão empenho de Juliano de levantar o templo de Jerusalem e de desmentir a J. Christo e aos profetas, e por isso convertem-se os judeus? Abre Juliano os olhos á luz da verdade, humilha-se, reconhece a sua cegueira? E no entanto podia o milagre ser mais publico, mais incontroverso, mais estupendo e admiravel?

A incredulidade é pois uma cegueira, ou um estado monstruoso e inconsequente, em que não ha, nem póde haver convicção. E na verdade, se ella se convence daquillo, de que não tem, nem póde ter certesa: que demencia! e se hesita; que tormento!! Que! póde ella ter como certo ser falso um facto sellado com o sangue daquelles, que delle deposeram como testemunhas occulares? Quem é que lho affiança, d'onde deduziu ella essa certesa? Em que repousa a sua convicção?

Em que historia, ou quaes são os annaes d'um povo, em que se apresenta um facto tão provado como este? Qual foi o historiador, que se deixou degolar, ou derramou todo o seu sangue, para mostrar á posteridade, que a não tinha enganado, e que a sua historia era a fiel expressão da verdade? E aqui não ha um só daquelles, que no-lo referiram que o não fizesse; isto é, não ha um só, que depois de o annunciar a todo o universo, se não exposesse depois, não digo já a soffrer os ultrages e os tormentos, para confirmação delle; mas que se não deixasse degolar para attesta-lo com o seu sangue com a perda da sua vida: não ha um só que se não offerecesse á morte em testemunho delle, e são tantos, quantos são os escriptores do Novo Testamento a saber — S. Matheus, S. Lucas, S. Marcos, S. João, S Pedro, S. Paulo, S. Judas e S. Thiago! Que padrão, ou que monumento eterno levantado á divindade de J Christo!! A' vista deste testemunho, não posso dispensar-me de perguntar ainda segunda vez á incredulidade « Que pertende ella? desfaze-lo, invallida-lo? mas como? »

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

ESPERANÇA E CONVERSÃO DOS JUDEUS.

Bergier no *Traité de la vraie Religion* (Tomo 7.°, cap. 9.°, art. 3.°, §. 1) diz, que o judeu Orobio era muito instruido; e pouco depois (no art. 4.°, §§. 9, e 10) assim o prova com a resposta dada a um dos argumentos, em que elle se fundou para justificar nos judeus a esperança d'um Messias futuro, que os venha libertar. O que, com effeito, se colhe da resposta de *Bergier*, é ter elle julgado o argumento assaz forte para não ser bem destruido com outro, que deixasse intacta a crença geralmente respeitada no Christianismo de vir um dia, em que os judeus abram os olhos, e se convertam para o mesmo Christianismo.

O livramento futuro dos judeus pelo Messias, disse Orobio, pareceu aos mesmos apostolos e doutores christãos predicto com tal evidencia, que, não o vendo bem realisado por Jesus Christo, foram forçados a imaginar, que todos se converterão algum dia para o Christianismo. Esta esperança, accrescentou Orobio, só póde ser fundamentada nas profecias, onde está claramente annunciado, que, quando o Messias apparecer, todos os judeus se unirão a elle; e não é mais, que um subterfugio inventado pelos fundadores do Christianismo para desviarem um argumento fulminante contra a pertendida redempção obrada por Jesus Christo.

A isto responde *Bergier*, dizendo, que, quando S. Paulo (no cap. XI da Epist. aos romanos) esperou a conversão dos judeus, alludiu ao cap. 59 d'Isaias: que tanto um, como outro, só promettem, ou predizem, a conversão daquelles, que cessam de ser impios, ou incredulos « *qui redeunt ab iniquitate — si non permanserint in incredulitate* » que as promessas de Deus, ainda as mais amplas, são sempre condicionaes de sua naturesa; e que da parte dos judeus está realisa-las, quando bem lhes parecer, convertendo-se — *Qu'ils se convertissent*, diz elle no fim do §. 10, *le prodige será operé*.

A resposta de *Bergier* não parece, a quem isto escreve, mui propria d'um theologo tão sabio, como elle foi. Prometter, ou predizer, conversão aos já convertidos seria prometter, ou predizer, nada: e esperar, que os judeus se convertam por sua propria virtude, é esperar, que façam, o que é de fé não caber nas forças naturaes d'homem algum sem o auxilio da Graça. E' verdade, que Deus não converte alguem por força; e deve ser isso o que significam as referidas palavras do profeta, e do apostolo; mas não lhe é impossivel a promessa da Graça efficaz com resultado infallivel para aquelles, a quem é feita, ainda que permanecendo sempre nelles illesa a liberdade; e tudo leva a pensar, que entrou, e entra, nessa classe a de serem os judeus algum dia christãos para darem os mortos á egreja, que não morre, vida — « Regeitou Deus o seu povo? Não por certo. » — .. Tropeçaram elles de modo, que a queda, que déram, fosse irreparavel? Não... » Poderoso é Deus para os tornar a enxertar. »

O redemptor, de que falla Isaias no fim do cap. 59, parece não ser Christo, mas algum enviado seu; porque já Christo havia nascido, vivido, morrido, resuscitado, e subido ao céu, quando S. Paulo, referindo-se ao profeta, no citado cap. XI, §. 26, disse, não que veio, mas que virá — *Sicut scriptum est: veniet ex Sion, qui eripiat et avertat impietatem a Jacob.* Seja porém, como fôr; o que mal póde ser posto em duvida, é a promessa de conversão geral feita aos judeus por S. Paulo, e antes delle por Osêas no cap. 3.°, §. 5.°, com os mais claros e pomposos termos.

Bergier era o grande Bergier, mas não era o celebre Antonio Vieira, que, na carta apologetica de 30 d'Abril de 1686, explicando a proposição undecima das censuradas por um tal Escoto Patavino, disse, que os judeus podem fazer-se christãos sem renunciarem a esperança de vir um descendente de David livra-los do captiveiro, e dispersão, que soffrem; e que nem a elles, nem aos hereges, nem aos atheus, se deve negar tudo, mas só o que é incompativel com a verdadeira fé, porque essa condescendencia, ainda que não passe de ser condescendencia a ser probabilidade ou certesa da parte delles, concorre muito para se abrandarem, e reduzirem, como a experiencia lhe tinha mostrado, havendo o padre Francisco Soares rendido um judeu muito obstinado com lhe dizer, que podia, sem largar a dita esperança, receber a fé christan.

O erro dos judeus contrario a essa fé não é esperarem um libertador temporal, como sonhou a inquisição de Coimbra na revoltante sentença, em que arguiu Vieira de para elle com Bandarra se inclinar, mas esperarem, que seja opposto a Christo, e não um seu enviado, que bem póde ser o promettido em Ourique á descendencia d'Affonso 1.° pelo mesmo Senhor com as palavras — « Em ti, e na tua posteridade, quero firmar o meu imperio. » A esperança de tal enviado póde ser, ou não ser, bem fundada; mas em qualquer dos casos nada tem com os erros judaicos.

Fica pois manifesto, que *Bergier* não respondeu ao argumento d'Orobio pelo modo, como lhe responderia o padre Vieira, o qual diria ao judeu, que esperasse embora um redemptor, mas redemptor, que o livrasse da cegueira, em que estava, fazendo-o christão; e foi isso, o que intentei mostrar neste breve artigo.

José Diogo da Fonseca Pereira.

CONTOS MORAES.

TEMOR DE DEUS.

VIII.

Cahir d'uma elevada jerarchia, quando os braços da religião não amparam o infeliz na queda, deve ser... morrer! Altear-mo-nos a despeito de muitos, que não podem voejar tanto acima, é provocar-lhes a inveja. Olha-los para baixo, quando nos cospem ironias odientas, deve ser-lhes o maior dos castigos; mas se d'ahi a mão de Deus nos atira ao raso dos invejosos, se a desgraça nos marca no meio delles, um circulo onde rodar com o peso d'affrontas, que o nosso orgulho enfardára... tal vida é a preexistencia do inferno.

Ha tres remedios para alliviar as angustias dessa situação:

Christo, e a resignação.

Diogenes, e o cynismo.

Séneca, e o suicidio.

A resignação é mais alguma cousa santa e sublime: não é só o amparo daquelle que resvala no precipicio das honras deste mundo. A resignação não deixa cahir o homem, que olha sempre, com temor, o despenhadeiro, em que de ao pé de si se abysmaram grandes homens, grandes fortunas, grandes reputaçoens. Levantado pela providencia, o homem, que teme a Deus, não se julga, no vertice das glorias, posto ahi pela mão do destino. Quem lhe promette o dia de ámanhan, vinculado aos contentamentos de hoje? Quem lhe diz hoje que a taça do seu mel ha-de ámanhan trasbordar de lagrimas? Quem affiança á aguia, dominadora dos espaços, que, de mais alto, o açor se libra para abate-la nas urzes?

E, quando a nuvem do infortunio escurece aquellas alegrias, que formavam o cortejo da nossa riquesa: — quando a sociedade nos retira os contentamentos, que nos vendia pelo ouro que perdemos... quem é esse *destino* que accusamos? onde existe essa mentirosa *fatalidade* que nos humilhou? onde depararemos o primeiro *acaso*, que nos felicitára, e o segundo que nos empobreceu? Não ha lagrimas, que suavisem as ferocidades da nossa *sina*, nem ameaças que a forcem a desmentir-se? Será obrigatorio o punhal ou o veneno, porque *estava escripto* o meu suicidio?! ...

A providencia é a acção da divindade.

O grande da terra julgara-se grande na terra pela providencia. Era um magestoso edificio aos olhos da humanidade, e fragil barro entre as mãos de Deus. Quando o sopro da desventura lhe assolou as columnas, o grande, empobrecido, só, e cercado das suas corôas desfolhadas, só, e proscripto das ovaçoens, *em que elle fôra o menos laureado*, era ainda o grande na desgraça, na esperança, na humildade, na renuncia, e na confiança.

Esperava... o tumulo, e antes delle um saldo de contas com o mundo, onde o rico deixa debitos enormes a desquitar na eternidade.

Humilhava-se diante de Deus, que o abatera, não, como um cego destino, mas como um decreto, sanccionado no céu, cumprido na terra, e explicado no dia das tremendas explicaçoens dos mysterios, incomprehensiveis aqui. Humilhava-se diante dos homens a quem nunca humilhára; diante daquelles, que podéram abandona-lo, mas não escarnece-lo pelo seu passado orgulho.

Renunciára quantas prerogativas o seu ouro lhe déra na sociedade; quantas pompas lhe sahiam ao encontro na sua estrada de flores; quantas esperanças idealisára, que mais o engrandecessem, na perspectiva do mundo, sem adulterar as mercês do Creador.

Confiava na humildade da oração: no pão de cada dia, no repouso providencial de cada noite, porque no mundo nenhuma existencia vira abandonada, nem a do passarinho que se levanta com a aurora, e louva o Creador, e vae procurar o alimento, que não deixou de vespera.

IX.

Não é assim o cynico.

Herdára um thesouro que seus paes lhe prepararam; e preparára elle o seu coração com todos os elementos para augmenta-lo.

O ouro augmenta quando é lançado no cadinho da perversidade. E o coração, perdido em sonhos, d'ambição, e gélido de insensibilidade, é um segundo thesouro para quem herdou o primeiro. O mais santo instrumento da caridade, o ouro, póde, nas mãos do aváro, converter-se em alavanca de destruição!! Quantas faces envergonhadas, quantas reputaçoens perdidas, quantos Judas impunes... por trinta dinheiros!

E' assim o cynico.

Em cada degrau da sua escala de grandesa espirrava o sangue das faces, que calcava. Entre elle, e um circulo de victimas, que lhe volteavam em redor, fascinadas pelo brilho da sua aureola, erguia-se o anteparo da irreligião.

Quem lhe déra o sorriso feroz fôra a impiedade

Quem lhe alimentava as ancias de cevar-se em gosos, adubados em lagrimas e sangue, fôra a impiedade.

Quem lhe segredára os derradeiros segredos do crime, para que o enojo de crimes repetidos lhe não desfallecesse o amor sordido da vida, fôra a impiedade.

Quem lhe dissera, que do tumulo para dentro não ha pobres para repellir, nem corôas de virgem para desfolhar, nem faces lagrimosas para cuspir, nem amigos para vender a inimigos, fôra a impiedade.

X.

E, depois, a mão de Deus despenhou o cynico.

No tremedal, onde cahira, roeram-no os vermes dos cadaveres que elle fizera.

E riu-se.

Cobriram-no os improperios, e os sarcasmos de tantos, que elle enxovalhára sacudindo-lhes ás faces a lama das ruas com as rodas do seu carro insultuoso.

E riu-se.

Teve de acceitar uma esmola, que, por escarneo, lhe lançou ao chapéu, um daquelles que lha pedira, em vão, estimulado pela fome.

E riu-se.

Bateu á porta de seus creados, que medravam nas prodigalidades do amo, pediu um bocado de pão, e responderam-lhe de dentro com uma gargalhada.

E riu-se.

Este é o cynico.

E quando lhe aconselharam o suicidio, riu-se, e riu até morrer, porque a morte do cynico é uma risada na blasfemia.

XI.

Lamentai o suicida, porque a sua ultima hora foi uma guerra entre ideias gigantes de desesperação, de terror, de saudade, e de incertesa!

Ao ver-se pobre no mundo, considerou-se o homem sem vida social; mas a vida fisica, onde as frechas do despreso lhe rasgavam até ao coração, era-lhe uma algema insoffrivel a maneata-lo ao poste da vergonha.

Feliz pelo destino, ou desgraçado pela fatalidade, o Lucifer, despenhado deste céu da terra, que a impiedade creou, optou pelo tumulo entre as duas ideias — pobresa, e impotencia.

Impotente para vencer a sociedade que lhe não restituia o seu ouro, o desesperado, aborrecendo a morte tanto como a vida, crava-se um punhal, que nem elle sabe se o vinga dos homens, se o deita no tumulo, se o sacrifica á justiça de Deus

O atheu pensára longas horas antes de erguer-se o patibulo; mas, nos seus instantes ultimos, não era filosofo: era um algoz.

A desesperação enervara-lhe o entendimento, e robustecera-lhe o braço.

O cutello, no braço do algoz, não tem nada com o espirito. Um e outro são machinas de morte.

XII.

E o coronel * * *, e sua esposa, e seus filhinhos eram christãos. E oravam na desgraça, e sorriam-se no infortunio, e esperavam...

Esperança, filha dos céus! eterno cantico dos anjos! ... Bemdita sejas tu!

(*Continúa.*) *Camillo Castello-Branco.*

O nosso Portugal foi um dos ultimos reinos da Europa a quem a revolução arrancou as associaçoens religiosas. As do sexo masculino foram completamente saqueadas e banidas. As do sexo feminino conservadas em quanto não morressem as existentes; e para apressar esse momento tiveram a barbaridade de as despojarem do que possuiam, sendo hoje mui poucas as que teem certo um bocado de pão.

Ainda não contentes com isso, os revolucionarios assentaram de devorar os restos, que ainda existem, apesar da reacção religiosa da Europa, que já vae ganhando vulto, neste reino, e que tem feito conquistas nas proprias fileiras revolucionarias.

Hão-de porém ser restabelecidas as associaçoens d'ambos os sexos, em que pese aos revolucionarios; porque a sua utilidade é manifesta, e a opinião publica patentea-se cada vez mais pronunciadamente.

Queremos gosar das vantagens de que gosa a Europa, e que tão palpaveis sam em França. Dae-nos o instituto das irmans da charidade, mas não rachitico e acanhado como elle existe em Lisboa e Porto. Em Coimbra torna-se muito sensivel a sua falta. Se elle existisse não morreriam, todos os annos, tantos mancebos sem uma consolação na hora do passamento.

Revolucionarios! Deus vos perdoe, que não sabeis o que fazeis. Olhae para a neta d'um soldado da republica francesa, que o andar dos tempos transformou em duque e pae, como vós todos pertendeis transformar-vos sem os merecimentos do fallecido Soult.

Vêde esse anjo de bellesa, como cumpre os preceitos da religião e da caridade.

Vêde a

IRMAN DA CHARIDADE.

« Tem-se fallado muito nos circulos elegantes de Paris d'uma ternissima anecdota que teve logar nos ultimos momentos d'um homem cuja morte foi sentida geralmente.

Uma irman da charidade, de 22 annos e de celestial belleza, estava de joelhos ao pé do leito em que agonizava o conde de Mornay, a quem aquella prodigalizava o seu cuidado com um amor evangelico

A religiosa derramava abundantissimas lagrimas, e ao ouvir as oito e meia levantou-se e beijou aquella fronte pallida e humedecida com o suor da agonia.

« Que fazeis irman? » lhe disse o capellão do collegio d'Estanislau que encommendava a alma do moribundo.

« Tenho de retirar-me, » respondeu a religiosa banhada em lagrimas.

« Esperae, replicou o capellão e fechareis os olhos a *vosso nobre pae.* »

Era com effeito aquella irman da caridade a senhora Luiza de Mornay, neta do marechal Soult, duque de Dalmacia.

O capellão procurou dete-la, e teve em resposta: — « Não. A regra impoem-me o dever de voltar ao convento ás 9. Eu devo dar o exemplo.... e a dor que me despedaça o coração fará mais meritorio o meu sacrificio e a minha obrigação aos olhos do Altissimo. »

Tornou a beijar seu pae, que já não sentia aquelle supremo adeus, e sahiu do quarto soluçando e orando.

A Allemanha foi o berço do protestantismo. Alli se abalaram profundamente os alicerces da auctoridade religiosa, e por tanto da civil.

Uma boa parte de principes e nobres allemaens, levados da cubiça dos bens que o clero tão bem administrava em beneficio dos pobres, prestaram ouvidos ás doctrinas de Luthero e outros devassos, e fizeram mão baixa nas riquesas da Egreja.

A fome e uma guerra d'exterminio foram as consequencias necessarias e immediatas daquelle nefando attentado. Então atacava-se sómente a auctoridade da Egreja; depois atacou-se a dos monarcas.

Não deve por tanto admirar que os reis de Wurtemberg e Prussia protejam os catholicos; porque es-

tes sam martyres da auctoridade, ainda mesmo illegitima.

Não consiste, porém, esta protecção em mais do que em conceder liberdade ao clero catholico para poder levar a boa doctrina ao meio dos protestantes, e arcar com elles nas luctas da intelligencia, em que a melhoria está sempre de nosso lado, e com muita especialidade quando os Jesuitas sam os que combatem.

Os principes catholicos vam tambem abrindo os olhos e conhecendo os laços que os filosofos, co-irmãos dos protestantes, lhes teem armado, lisongeando-os, e vam tirando as pêas ao clero.

Como tudo se encaminha para que a Allemanha seja breve o tumulo do protestantismo, porque os protestantes não teem crenças vivas, e estam divididos em seitas *in infinitum*, publicaremos tudo o que encontremos a esse respeito, e começaremos com o seguinte debaixo do titulo:

MOVIMENTO RELIGIOSO EM ALLEMANHA.

A dominação do clero na Baviera havia soffrido um golpe em 1847, em consequencia d'um acontecimento *coreografico* bastante conhecido. A abdicação do rei Luiz, em 20 de Março de 1848, trouxe de novo o antigo systema. E' necessario saber que a concordata de 1817 com a Santa Sé havia favorecido singularmente o clero de Baviera. Desde o 1.º até 20 de Outubro de 1850, reuniram-se os bispos deste paiz em Freising (circulo do Isar), e declararam que não reconheciam, nem as disposiçoens da constituição, nem as leis organicas que estavam em contradição com a concordata de 1817. Protestaram contra toda a disposição da concordata distincta das suas, contra os estorvos postos pelo estado ás *missoens* e emfim, contra tudo o que podesse prejudicar a *unidade* do episcopado nos assumptos do culto.

« A memoria dos bispos bavaros, do mez de Outubro de 1820, foi approvada por um breve do Papa, de 20 de Fevereiro de 1821. O governo, na sessão de 7 de Março de 1851, declarou que considerava a Memoria dos bispos como uma simples petição; porem viu-se estes dirigirem-se ao rei, agitar a prensa, e provocar uma crise ministerial que ainda continua....

Examinemos agora o estado em que ainda se encontra o resto d'Allemanha. Em Março de 1818, os commissarios de 17 estados, entre os quaes se encontravam os de Wurtemberg, Baden, os 2 Hesse, Nassau, os 2 Hohenzollern e Francfort, ensaiaram, em uma conferencia que tiveram neste ultimo ponto, estabelecer as bases d'uma concordata com o papa. Porem as proposiçoens formuladas em 30 d'Abril de 1818 foram despresadas por S. Santidade. Não teve melhor resultado outra conferencia celebrada na primavera de 1820. Então a Santa Sé tomou a iniciativa. Em 16 d'Agosto de 1821 appareceu uma bulla de Pio VII que regulou provisoriamente os limites e a organisação das sés episcopaes, dioceses e cabidos da *provincia ecclesiastica do alto Rheno allemão*. Esta provincia devia comprehender: o arcebispado de Friburgo, em Brisgau, para o grão-ducado de Baden e os 2 principados de Hohenzellern que pertencem agora á Prussia; o bispado d'Hesse, para o Hesse gram-ducal; o bispado de Fulde, para o eleitorado d'Hesse, e o gram-ducado de Weimar; o bispado de Rottemburgo, para o Wurtemberg, e o bisdado de Limburgo para o ducado de Nassau e a cidade livre de Francfort.

Os governos a quem o negocio concernia adheriram á bulla de 16 d'Agosto de 1821, por um tratado de 8 de Fevereiro de 1822; porem publicando uma *pragmatica sancção* que tinha por objecto pôr a coberto a soberania, e cuja acceitação e observancia pelos bispos e cabidos deviam ser as condiçoens de sustentamento da fundação.

Uma bulla posterior de Leão XII de 11 d'Abril de 1827 procurou subtrahir mais a *provincia do Alto Rheno* em tudo concernente ao culto e gerarchia (collação dos beneficios, nomeação dos bispos, estabelecimento dos seminarios etc.) á vigilancia do poder civil. Desta vez ainda se submetteram os governos desde 1827 a 1829; porem sempre fazendo reservas. Em 1830, um edito identico para todos os paizes da *provincia ecclesiastica* determinou as relaçoens da Egreja e do estado, assim como o direito de protecção e de vigilancia do ultimo sobre a primeira. Este edicto, desapprovado por Pio VIII, em 30 de Junho de 1830, teve, sem embargo, força de lei.

Tal era a situação da *provincia do Alto Rheno* até 1848. Depois desta epoca, os progressos do clero, na Prussia e Austria animaram o da *provincia ecclesiastica* a avançar por seu turno. Em Março de 1851, os 5 bispos da provincia redigiram uma Memoria em que se pedia:

« A abolição de toda a innovação religiosa, tal como o *casamento civil etc.*; a nomeação de parochos; a appellação para o governo das medidas disciplinares e ecclesiasticas; o estabelecimento de seminarios; a auctorisação para formar associaçoens d'homens e mulheres para resa, contemplação, e obediencia passiva; restauração do poder disciplinar episcopal; livre communicação dos bispos com Roma; abolição do registo na administração dos bens da Egreja, &c. &c.

A memoria e suas petiçoens estavam em contradicção com a pragmatica de 1822, e o edicto de 1830 que havemos citado. Sem embargo, os governos responderam-lhe d'um modo mui conciliador.

Em consequencia de tudo isto, o clero conseguiu tirar a sé de Moguncia ao bispo Leopoldo Schimidt, nomeando em seu logar a Mr Kettler, bispo de Breslau. Este publicou pastoraes que não tinham o *placet* do governo, e despojou a universidade de Gressen de sua faculdade de theologia em proveito do seminario de Moguncia restabelecido de novo. Ao mesmo tempo rebentou o conflicto entre o governo de Baden e o bispo de Friburgo, por causa do seminario de theologia.

Os commissarios do governo que formam parte da *provincia ecclesiastica do Alto Rheno* abriram uma conferencia em Carlsruhe, em Fevereiro de 1852. Os bispos convocaram immediatamente por seu turno uma segunda reunião, e em 11 de Fevereiro de 1852 concordaram em uma declaração estraordinaria que contem:

1.º Que sustentam firmemente as petiçoens formuladas em sua declaração de Março de 1851.

2.º Que senão fossem attendidas estas reclamaçoens, estavam resolvidos a tomar a iniciativa e a proceder como se se tivessem concedido todos os pontos.

Os commissarios do governo tratavam de aprazar suas reunioens para Maio, quando na ultima sessão se apresentou mr. de Sydow, enviado da Prussia na Suissa, e que foi deputado á conferencia pelos principados de Hohenzolern.

Tem corrido versoens contradictorias sobre a attitude de mr. de Sydow no seio da conferencia. Os periodicos disseram que em nome do seu governo havia *apoiado* formalmente as pertençoens dos bispos. Porém o *Monitor* de Stuttgard desmentiu o facto dizendo que M. de Sydow havia declarado que se apresentava sómente para se informar do estado das negociaçoens.

Com effeito, assegura-se que Mr. de Sydow hia com incumbencia do rei para o informar.

A conferencia addiou-se pouco depois, e os periodicos déram a conhecer a marcha successiva deste negocio que não está terminado.

A MONTANHA.

Como é linda a montanha, que nas nuvens
Esconde a fronte augusta, coroada
De purpuras e d'ouro! Que harmonias
Não solta a viração, brincando, á tarde,
Pelas selvas, do bosque entre a ramagem!
Para longe de mim viver do mundo...
Naturesa, comtigo, a sós, eu quero
Modular as cançoens das harpas d'alma!

O' montanha, por ti deixo as cidades,
E os murmurios das turbas retumbantes....
Aborreço o gosar, calco as vaidades,
Folgarei de lhe ouvir eccos distantes:

Aqui, nas solidoens, não ha maldades,
Orgulhosos palacios, fulgurantes....
Ha, em vez d'invençoens mentidas d'arte,
A grandesa de Deus por toda a parte!

Harmonias do céu, de doce accento
Embriagam de sons nossos ouvidos;
Pelos ares murmura a harpa do vento;
A voz das solidoens solta gemidos....
Adormece no peito o sentimento,
Emballado nos sonhos mais queridos;
E nossa alma, que em amor de goso anceia,
Nas vastas regioens livre vagueia!

Aqui respiro em paz na paz do ermo!
Fito os dos céus na cup'la infinda
E a minha aspiração não acha termo
Outros mundos ignotos busca ainda.. ...
O espirito assim estua enfermo,
Das loucas illusoens quer a mais linda
Mas debalde no mundo busca o mytho
Que seu doido aspirar é infinito!

Nos mysterios de Deus 'stá a ventura,
Na terra... é tudo vil, pequeno e immundo...
Verdade... só além da sepultura,
Que lagrimas e dôr só ha no mundo.
Desbota-se o fulgir da formosura,
Apoz do goso vem tedio profundo....
Pouco importa ter c'rôa, empunhar sceptro
São grandesas de pó, tudo é um espectro!

Assim eu, que me cria no meu peito
Para sempre feliz, ai! triste sorte....
Vi meu sonho d'amor cahir desfeito
Esconder-se na campa, dar-se á morte
Embora ao calix d'ouro o labio affeito,
Não cahi no torpor porque era forte,
Pela angustia minh'alma resequida
Maldisse o meu soffrer, maldisse a vida!

Mas depois... para Deus ergui meus olhos...
Pedi-lhe compaixão quando gemia...
Os meus pés s'embotaram contra abrolhos
Pouco a pouco cessou minha agonia:
Minhas forças tornaram-se em escolhos
Em que o mar da desgraça em vão batia:
E agora na montanha em liberdade,
A Deus venho votar minha saudade.

Como é doce esta paz! nenhuns temores
A minh'alma perturbam, que se expande:
O sol desce dos céus: a frente d'ouro
Nas montanhas do occaso o immerge em fogo!
Nas correntes do ar mil vozes soam
Nas harpas da soidão repercutidos...
A meus pés se dilata um vasto espaço....
Aqui torce-se em giros de serpente,
Mas de serpente immensa um rio immenso,
E no curso caudal envolve espumas,
Murmurando atravez das serranias!
Alli surge a cidade das mil torres
C'o bulicio das turbas, que murmuram:
Mais além... desenrola nas planicies
A campina os seus mantos variegados.
Os eccos da soidão repetem tristes
Triste dobre de morte pelos campos!
Pobre verme! humilhei-me... a minha mente
Se sentiu confundida.... a voz dos labios
Me escapou... a bradar extasiado:

— Bemdito seja, oh Deus, teu nome santo
Entre os povos do mundo! Os sec'los todos
Pregoem teu louvor!
Cantem sempre nos céus, girando os astros
Pelas leis eternaes, que tu lhe déste
As glorias do Senhor!

Quem ás serras prendeu as longas serras
Deu ao sol o fulgir, brilho ás estrellas
Deu movimento ao mar?
Quem nos vacuos mostrou a orbita immensa
Aos milhoens das esferas scintillantes
Nas planicies do ar?

Foste tu, que existindo antes dos tempos,
D'entre o cahos tiraste o tempo, e a morte,
E as longas geraçoens!
Que marcaste no circ'lo das idades
A cada ser parcellas d'existencia,
A vida das naçoens!

Tu és grande, meu Deus! do sol, que nasce
No brilhante fulgir leio o teu nome
Teu eterno poder!
No crepusculo da tarde, quando em fogo
Vae o astro dos ceus suas madeixas
Nas aguas esconder!

Tu és grande! seus raios prateados
Déste á lua que vem fallar ás selvas
Solitarias d'amor!
A's boninas da serra déste a vida:
E só por teu poder no prado cresce
A linda e meiga flôr!

E's tu que ao rouxinol mandas que trove,
Pelas horas da noite entre as ramagens
Trovar do coração!
E que a brisa acompanhe em seus murmurios
Variado triuar, soltos gorgeios
Do cantor da soidão!

Bemdito seja, ó Deus, teu nome santo
Entre os povos do mundo os sec'los todos
Pregoem seu louvor!
Cantem sempre nos céus, girando os astros
Pelas leis eternaes, que tu lhe déste
As glorias do Senhor!

Villa Real 5 de Julho.

Guilhermino Augusto.

ANNO CHRISTÃO.

JULHO.

11 Domingo. *Patrocinio de Nossa Senhora. A' Maternidade de Maria Santissima está vinculada a efficacia de seu patrocinio. Os Ss. Padres não duvidam chamar-lhe « omnipotente junto do omnipotente »; e com effeito, que poderá um filho negar a uma mãe quando lhe pede por outros filhos? Invoquemo-la pois com muita esperança de ser attendidos; mas desenganemo-nos, de que para termos a plenitude dos direitos de filhos seus, é mister que renunciemos o peccado.*

Item. *S. Sabino, ensinando de palavra e com o exemplo o*

povo pictaviense a praticar a suave lei evangelica, mereceu hir incorporar-se no céu aos santos confessores.

12. Segunda feira. *S. João Gualberto, nobre Florentino, seguia a vida militar; e encontrando-se no dia de sexta feira de Paresceves com o assassino de seu irmão Ugo em um logar que não podia escapar-lhe, e já lhe pedia a vida apontando-lhe para uma cruz, lhe perdoou, e entrando ambos em um templo, em quanto elle adorava um Crucifixo, viu o mesmo Crucifixo acenar-lhe com a cabeça Foi então que, contra vontade de seu pae, trocou o uniforme militar pelo habito monastico, e hindo ao ermo camaldulense fallar com S. Romualdo, este lhe vaticinou, que havia de ser o fundador de uma ordem, e com effeito no Valle-Umbroso lançou os fundamentos de uma congregação, que é contada entre as muitas ramificaçoens benedictinas, e que ella mesma, muito se propagou. Deu-se todo aos trabalhos da propagação da fé e extirpação das heresias e simonia, pelo que teve inimigos, que o guerrearam, e até lhe incendiaram o mosteiro de S. Salvio, salvando-se milagrosamente, ao signal da cruz por elle feito, todos os monges. Como diz a sua legenda: « Vendeu as alfaias sagradas para occorrer ás necessidades dos pobres; para enfrear os malvados, viu que os mesmos elementos o segundavam; para comprimir os demonios, era a cruz nas suas mãos qual uma espada. » Firmemente esperançado da bemaventurança, e em quanto repetia as palavras de David, que bem expressivamente revelam a mesma esperança « A minha alma está sequiosa pelo Deus forte e vivo: quando hirei e apparecerei diante da face de Deus? » cerrou os olhos, e viu realisar-se-lhe aquella ventura, que sempre buscára, no anno* 1073.

13. Terça feira. *S. Anacleto, de nação atheniense, foi eleito papa no mesmo tempo que era imperador Trajano. Foi elle quem decretou, que na sagração dos bispos não assistissem menos de outros tres. Sempre com o leme da egreja na mão, para a fazer navegar até aos confins da terra, não temeu a tempestade movida pelo mesmo Trajano, e foi martyrisado no anno* 100.

14. Quarta feira. *S. Boaventura, natural de Balneoregio na Etruria, entrou para a ordem de S. Francisco em consequencia de um voto, que sua mãe fizera por occasião de uma desesperada enfermidade, que elle em menino tivera. Deu logo mostras de sua grande piedade e talento, e chegou a ser o ministro de sua ordem Depois o papa Gregorio X o elegeu cardeal e bispo Albanense, movido de sua erudição e santidade. Assistindo ao 2.º concilio de Leão no anno de* 1274 *foi atacado de uma enfermidade, que lhe consumiu as forças fisicas, e então seu espirito, livre das prisoens do corpo, foi gosar a* boaventura.

15. Quinta feira. *S. Camillo de Lelis, de uma illustre familia deste apellido, da diocese Theatina, seguiu em mancebo a carreira militar, e um tanto se deixou escorregar para os vicios Aos* 25 *annos d'edade cahiu em si, e movido de uma verdadeira penitencia, parecia querer lavar com lagrimas a sordidez de sua passada vida. Pediu o habito de Capuchinho, que teve de deixar depois em rasão de uma ulcera que lhe sobreveio a uma perna; e então foi para Roma, e no hospital chamado « dos Incuraveis » se empregava em todos os serviços que a mais ardente caridade pelos enfermos lhe suggeria, e convertia em delicias. Conhecendo que para a assistencia aos moribundos carecia de mais alguma instrucção, aprendeu o latim; e ordenando-se de presbytero, fundou a congregação de clerigos regulares para soccorro dos enfermos, fazendo elle e seus religiosos um quarto voto » de se não recusárem a prestarem seus serviços a qualquer enfermo, mesmo contagiado que fosse. » Só a religião christan apresenta exemplos de uma tal abnegação de si proprio e das delicias da terra, para empregar-se em beneficio dos outros, e merecer uma eternidade feliz. Com effeito elle a foi gosar no anno de* 1614.

Item. S. Henrique, o piedoso, nunca se deixou offuscar pelo brilho das corôas, as quaes só lhe serviam de peso, e lhe deixavam vêr novas obrigaçoens a cumprir, de que lhe tiraria estreitas contas o rei dos reis. Duque de Bavaria, rei da Germania, e finalmente imperador dos romanos, em todos estes degraus porque a Providencia o fez subir, foi sempre, pela virtude, avisinhando-se do céu, até que no anno de 1024 *lá chegou.*

16. Sexta feira. *Triunfo da Santa Cruz. Depois que no anno de* 1212 *Affonso de Castella, por sobre nome o Bom, alcançou em Navas de Toledo uma maravilhosa victoria sobre os mouros, foi instituida esta festividade, commemorativa da apparição de uma cruz no ar que teve logar nesta jornada, bem como do valor sobrehumano que o estandarte da mesma cruz, conduzido por Domingos Paschasio, conego de Toledo, inspirava aos soldados de Affonso. E' tradição que dos moiros morreram* 200,000, *e dos christãos sómente vinte e cinco.*

Item. Nossa Senhora do Carmo. Logo nos primeiros tempos da Egreja, retirando-se muitos christãos para o alto do monte Carmello, ahi começaram a venerar com especiaes cultos á Santissima Virgem, no mesmo logar em que outr'ora Elias hovia visto a nuvem subindo. Tal é a origem desta denominação da Senhora, e tal o começo da respeitavel ordem religiosa, que a venera como sua padroeira.

17. Sabbado. *S. Aleixo, illustre romano, havendo passado* 17 *annos peregrinando, e visitando as principaes egrejas do mundo, se recolheu outra vez á casa paterna, onde não foi já conhecido, e por isso ahi viveu o resto de seus dias na conta de um pobre; e quando morreu lhe acharam um escripto em que declarava quem era.*

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Irmandade 3.ª de S. Francisco de Bragança. — Esta irmandade a mais respeitavel da cidade, tem experimentado bem visivel a divina protecção do seu serafico fundador; porque quando se julgava que acabasse com a 1.ª ordem em rasão da laxidão e corrupção do seculo, um brado como que divino veio despertar nos coraçoens a mais fervorosa devoção para com o P. S. Francisco, que não houve idade, estado nem sexo que não quizesse alistar-se debaixo dos auspicios do glorioso santo patriarcha, attrahidos do amor e caridade com que a todos liga com os vinculos do seu cordão, que, contando ha mui poucos annos com apenas uns 200 irmãos, conta hoje em todo o districto com mais de 4:000! E' por esta V. O. que se acha em pé bem conservado com toda a decencia o magestoso templo que era dos frades ainda que á custa de grande despesa. Faz nelle as suas brilhantes funcçoens no que se distingue sempre das mais irmandades pelo zelo dos ministros e mesarios que tem servido, abonando á sua conta uma grande parte das despesas.

Era da vontade de todos os irmãos que a ordem tivesse o seu cemiterio privativo por ser permittido isso por lei e quasi todas as ordens do reino o terem, e por isso pediu ao governo lhe vendesse um pedaço de terreno da cerca dos frades que fica nas costas da egreja para esse fim por estar nas circunstancias da lei, e que com effeito lhe foi vendido, concorrendo os irmãos com seu donativo para as despesas em que passaram de 200$000 rs. Para se conceder a licença d'usar da concessão tem-se empatado as vasas no governo civil.

Festividades e procissoens no Porto e suburbios. — Tem continuado este anno a fazer-se as festividades e procissoens com muito fervor, ganhando terreno diariamente a ideia religiosa. As procissoens da Trindade e Terço foram magestosas. Ambas pertenciam ás bem conhecidas irmandades do mesmo titulo. Ambas teem hospital para os seus irmãos, e devem bastante á caridade d'alguns portuguezes, que assentaram que era melhor promover o bem estar dos homens á sombra da Cruz, do que priva-los das crenças que constituem a sua felicidade, neste e no outro mundo, em nome de falsos e detestaveis systemas filosoficos.

Missoens. — E' bem sensivel o seu fructo em Entre-Douro e Minho, e em parte de Traz-os-Montes. Deus Nosso Senhor ha-de permittir que se propaguem nas outras provincias onde geralmente sam desejadas; e se não tem apparecido já é por falta d'operarios, e por fraquesa dos prelados a quem Jesus Christo incumbiu a pregação da sua doctrina, independente dos poderes seculares. Se existissem as ordens religiosas, nem por isso se sentiria a falta que lamentamos. Senhores revolucionarios! contentae-vos com os bens dos frades, não nos priveis por mais tempo das associaçoens religiosas. Não vos pedimos dinheiro. Só carecemos de que não façais opposição a que empreguemos o nosso no restabelecimento das ordens religiosas, que tão necessarias sam para evangelisar e moralisar o povo.

ANNUNCIO.

O 3.º numero da Bibliotheca do Christianismo que contem a = Noticia da Apparição da Virgem Sanctissima na Montanha de Salette = acha-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do Christianismo, rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.ª 82 a 84; e em casa dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios pontos do reino.

Vende-se tambem o 1.º numero, e *Hosanna*, collecção de poesias religiosas. O 2.º numero da Bibliotheca continua a publicar-se, e formará 1 tomo no volume do *Manual* de Roquette.

JULHO 24. 1852. — N.º 30.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

PARADOXOS DA INCREDULIDADE.

Meditando na concorrencia prodigiosa dos trabalhos scientificos, em confirmação das crenças religiosas de nossos paes, uma bem amarga contrariedade penalisa o coração de quem medita.

A luz, que parece descer a todos os coraçoens pela abundancia em que desce do céu, encontra,. em muitos, uma resistencia pertinaz, uma negação furiosa, um despreso sacrilego!

Nem o exemplo das pasmosas conversoens, nem o testemunho authentico de successos maravilhosos, nem a eloquencia dos milagres, que, em nossos dias, não movem, nem pungem aquelles para quem se operam... conseguiram ainda civilisar coraçoens selvagens, que por ahi se pavoneam d'uma afinada cultura!

Repugna acredita-lo; mas é certo que o abrasado espirito do erro não se acobarda, na presença dos respeitaveis triunfos de Christo, e pugna, não como Lucifer, contra a mão de Deus que o despenhára, mas, como filho ingrato, contra o espirito de Deus, que o chama. Esse esforço do homem contra o homem, essa batalha intima, que alvoroça a consciencia do incredulo, esse afanoso desejo de materialisar os affectos religiosos dos seus semelhantes — revelam a duvida, e não a certesa; o temor, e não a confiança; o tremor das consequencias e não a solidez dos principios.

São tão diversos os caminhos, que levam o homem a Deus!...

A anciedade do incredulo em augmentar partido; aquella vontade, que elle accusa, de acabar com Deus, e com o culto, e com a moral, não serão um brado continuo, que lhe grita na consciencia: Deus existe!? E tantas são as conversoens, que, por este brado, foram feitas! Tantos são os coraçoens orvalhados pelo céu, ao sentirem-se morrer na sêde de affectos, que a sciencia dos impios não podéra mitigar-lhes!... Quantos, buscando um formal desengano do seu destino no estudo dos mestres, que a impiedade divinisára, depararam a mentira do impio, a verdade do religioso, a existencia de Deus, a immortalidade da alma, a divindade de Christo, e a sentença da Eternidade?

Que importa para alguns o exemplo, o toque mysterioso, o abalo inesperado da consciencia, e a desgraça, em que flagella a sociedade, perdida nos desvios da irreligião?

Na mente do Senhor é que se escondem as soluçoens destes problemas, que não decifra a humanidade, circumscripta na esfera limitada da sua rasão. Lá é immutavel a vontade omnipotente, em quanto aqui a creatura, hoje rebelde, manhan submissa, caminha ao seu destino por veredas espinhosas, por estradas floridas, agitando o estandarte do erro, apregoando as verdades do Evangelho, gemendo sob o fardo de remorsos, sorrindo sob o peso da sua cruz.

Pelo que, embora em volta da Cruz se agrupem milhoens de amigos, embora o impio de hontem levante as mãos contrictas manhan para o Pai misericordioso, o erro tem seducçoens, a impiedade tem o seu throno, e seus compendios doutrinarios, e seus apostolos apparentemente convencidos da doutrina, que apostolisam.

Temos visto sustentado, com pertinacia, um paradoxo d'entre os muitos, que deshonram seus inventores, e corrompem seus sequases, tão ignorantes como credulos, tão faceis em crêr como incapazes de pensar.

Este paradoxo acha-se assim formulado, nos livros da filosofia alleman:

« A religião nada contribue para a puresa das costumes. As opinioens dos homens nada influem sobre suas acçoens. »

Se assim é, racionalistas, que motivo vos excita um tamanho fervor em ensinar aquillo que vós chamaes « a verdade?! » Se as opinioens e os dogmas não contribuem para a bondade das acçoens humanas, que vos importa a vós que os homens sejam christãos ou atheus?! Prégar a impiedade e ensinar a religião não será o mesmo absurdo?

Avaliemos a falsidade de uma tal maxima comparando os costumes dos adoradores do verdadeiro Deus com os das naçoens votadas á idolatria.

Nos livros de Moisés, especialmente no Genesis, e nas Lamentaçoens de Job, poderemos seguir os raros vestigios da sociedade primitiva. Ha uma grande differença entre os costumes dos patriarchas, e aquelles descriptos, na Byblia, entre os egypcios e chananeus. Abrahão é veneravel pelas suas riquesas, mas tambem o é pela sua virtude. Esta palavra, que os detractores dos sentimentos nobres reputam a formula d'um sentimento de convenção humana, já então, applicada a Abrahão, significava a regularidade dos costumes, o desinteresse, a justiça, a humanidade para com os estrangeiros, a fidelidade nos contractos, e a obediencia a Deus.

A familia de Labão, infeccionada de idolatria, não é semelhante em virtudes á familia de Abrahão. Que importam as desordens, que, algumas vezes, denunciam mau caracter nos filhos de Jacob? E' que o seu nascimento, e a sua educação, no seio d'um povo, inquinado de polytheismo, devia resentir-se dos costumes de Labão. O Egypto, depravado e corrupto, não poderia mante-los firmes na tradição das antigas virtudes de seus antepassados.

Job revela-nos muitos crimes dos idumeos, adoradores do sol e da lua. As historias chinesa, indiana, romana, e grega pintam-nos suas primeiras assembleas — hordas selvagens constituidas naçoens. Nunca as familias patriarchaes desceram ao abatimento da barbara ignorancia daquellas multidoens.

Parece-nos escutar uma objecção mil vezes repetida: « Segundo vós, todas as antigas povoaçoens reconheciam e adoravam o verdadeiro Deus, pois que o polytheismo não é a religião primitiva. »

Reconheciam-no, mas não o adoravam como a um só Deus. A revelação aos hebreus, por ministerio de Moisés,

indica a desordem do culto, apenas guardado, na puresa da sua primeira revelação, entre aquelles patriarchas que o Eterno designára, como thesouros futuros das puras doutinas. A pintura, que fez Moysés da corrupção dos cananeus não quadra aos costumes israelitas. Este legislador vaticina ao seu povo uma queda egual á dos seus visinhos no lodaçal dos vicios, se desgraçadamente se vincularem com elles em sociedade. Moisés era profeta. As desgraças predictas realisaram-se; e os inspirados do céu, posteriores a Moysés, lamentando os infortunios d'Israel, fallavam da communhão de vicios, que o povo de Deus participara, associando-se aos filhos dos homens.

Os incredulos, porém, dos vicios do povo judaico argumentam contra a puresa dos seus costumes. Eis-ahi uma prova da depravação dos idolatras. Tivessem os judeus obedecido a suas leis, e nunca os profetas reprehenderiam, na sua desventura, um povo, que nascera feliz, e, por suas proprias mãos, abraçara a desgraça, filha do crime, imitando as desordens de seus visinhos. E' tão visivel aqui o plano, que a Providencia entrega á execução dos homens, para que elles mesmos, á custa d'uma experiencia amarga e sensivel, reconheçam as verdades que a rasão allucinada desapprova!

O livro da *Sabedoria* observa — que a idolatria era a origem, e o receptaculo de todos os crimes. Os que duvidam desta auctoridade, sagrada para nós, leiam o que disseram auctores profanos dos costumes das differentes naçoens conhecidas, na época da apparição de Christo. Poetas, filosofos, e historiadores contribuiram todos para legar-nos um quadro perfeito das propensoens, dos costumes, e do regimen das naçoens contemporaneas de Tiberio.

Nesta terceira época da revellação, a influencia da religião sobre os costumes é incrivel, sem que a luz da sua divindade nos explique uma reforma tal nos costumes dos diversos povos do mundo. Não fôra tão cruel a resistencia, que venceram os primeiros apostolos do Christianismo, se não fosse preciso refundir a humanidade para vasa-la nos moldes do Evangelho.

Não diremos aos incredulos, que cedam ao testemunho dos padres da Egreja, nem ás reflexoens do *Discurso sobre a historia universal* de *Bossuet*, nem aos *Costumes christãos* do abbade *Fleury*. Busquem auctoridades insuspeitas, inimigas do Christianismo. Plinio, Celso, o imperador Antonino, Juliano apostata, esses, sim, que o que tem de commum com os apostolos, nem com os martyres é serem seus verdugos.

Plinio certifica, na celebre carta a Trajano, que, por confissão dos sectarios do Christo torturados, ou pela dos que apostatavam, nada descobrira, a não ser que os christãos se ajuntavam em segredo para honrar Christo como Deus; e se obrigavam por juramento a abster-se do roubo, do adulterio, do prejurio, de negar um deposito, de faltar á sua palavra, &c.. Que elles — accrescentava o pretor da Abyssinia — comiam em communidade uma innocente refeição, e fecharam suas assembleas, apenas lhes foram prohibidas. (L.° 10. C 97.)

Celso confessa, que, entre os christãos, existiam homens moderados, sabios, intelligentes, e sobrios. Não tem um crime a reprehender-lhes, senão a sua recusa em adorar os deuses, e reunirem-se, contra a lei, e procurar persuadir suas doutrinas a jovens inexperientes e ignorantes. Deixemos Celso confessando a *sabedoria e intelligencia* dos christãos, e ao mesmo tempo a *ignorancia e inexperiencia* desses sabios, e consultemos o imperador Antonino no seu rescripto aos estados da Asia.

Reprova aos pagãos obstinados tamanha perseguição contra os christãos: que estes homens, cuja morte pedem, são mais virtuosos que elles. Faz justiça á innocencia, caracter pacifico, e coragem dos christãos: prohibe matalos por causa de religião.

Juliano elogia-os em muitas de suas cartas. Censura os pagãos, por menos caridosos e virtuosos que os galileus. Diz que a impiedade destes se fizera acreditar no mundo pela hospitalidade, pelo zelo em sepultar os mortos, pelo regramento da vida, e pela apparencia de todas as virtudes. « E' vergonha — diz elle — que os impios galileus, além de seus pobres, sustentem ainda os nossos por nós abandonados! » Queria elle introduzir entre os padres pagãos a mesma disciplina e regularidade dos padres do Christianismo.

Luciano admirando a caridade, fraternidade, coragem, e innocencia dos costumes christãos, escreve: « Regeitam, com constancia, os deuses dos gregos: adoram, apenas, aquelle sofista, que foi crucificado · regulam seus habitos e acçoens por suas leis: despresam os bens da terra, e põe-nos em commum. »

Dos fragmentos de Porfirio, Jamblico, e Hyerocles, e de mais filosofos inimigos do Christianismo, não deduzimos uma frase que condemne os costumes christãos. Aos olhos de todos os filosofos pagãos, os sectarios de Christo eram indignos, e perseguidos, e mortos por seguirem Christo · Não é bem pasmosa a impudencia dos modernos inimigos dos christãos, que vituperam a memoria dos primeiros martyres, e desmentem os historiadores contemporaneos destes, asseverando que as assembleas christans eram focos revolucionarios contra a ordem estabelecida no imperio romano, e contra o legitimo dominio dos Cesares?! Por Deus! que elles não amam a religião do Crucificado mais que os Cesares!...

A não ser a virtude, que attractivo chamaria um pagão ao seio do Christianismo? Comparando a indole desta religião de sacrificio, com as praticas do paganismo tão querido das paixoens, vêr-se-ha, que para abraçar o primeiro, e repellir o segundo, era necessaria uma miraculosa mudança no coração do convertido. O paganismo ensinava que o mundo era governado por multidoens de genios viciosos, inimigos entre si, caprichosos, indifferentes as virtudes, mas vaidosos dos sacrificios de sangue tributados pela humanidade. Era licito supplicar aos deuses, mais devassos que o supplicante, os meios de satisfazer uma paixão criminosa. E' que os filosofos tinham decidido, que a virtude não era dom da divindade mas uma vantagem, que o homem podia dar-se. A parte mais cultivada do paganismo era a impudicicia, o sortilegio, a magia, os agouros, e a effusão do sangue humano. Mandassem regrar os costumes, e formar o coração com taes costumes! E, comtudo, os *illuminados*, que abriram os olhos á luz do seculo XIX, dizem-nos, em tom de mestres, que a religião nada influe nos costumes da humanidade!

O Evangelho disse ao homem que um só Deus, infinitamente santo, sabio, e justo, creára o mundo por sua palavra, e com ella governava o universo desde o homem, creatura immortal, até ao insecto, que rasteja no pó; desde a myriade dos astros, que rolam nas alturas, até ao grão d'areia, que se perde nos abysmos.

O Evangelho dissse ao homem que este Deus é incapaz de não punir o crime, e deixar sem recompensa a virtude: que seu culto não consiste em vans ceremonias, mas em sentimentos de respeito, amor, confiança, obediencia, e gratidão.

O Evangelho disse ao homem, que a caridade era a mais sublime das virtudes, e que a migalha de pão, esmolada em nome de J. Christo, não ficaria sem recompensa.

O Evangelho disse ao homem que abençoasse a Providencia quando as afflicçoens lhe arrancassem lagrimas, pois são ellas a expiação das culpas, o crysol onde as virtudes se purificam, a repressão das paixoens indomitas, e a pedra de toque para avaliarmos as afflicçoens de nossos irmãos.

Os pobres, que d'antes haviam sido julgados objectos da colera divina, foram chamados pela voz do Evangelho a um banquete d'irmãos com os ricos.

Cahiram as barreiras que separavam o barbaro do grego. Roma não mais zombou do peregrino, sem honras de cidadão romano. O judeu e o gentio sentaram-se no mesmo ágape a saborear o pão da caridade. Os heroismos da caridade brilharam então sobre a face do mundo, como resplandores da lampada, suspensa na Cruz, onde o Redemptor agonisára. Nas calamidades publicas, os leprosos infieis apoiavam a face pustulosa no seio dos christãos. Destes alguns venderam a liberdade para resgatar seus irmãos captivos. O pagão baptisado, deixou de arrastar-se debaixo do peso d'ignominia, que, na situação de escravo, o paganismo lhe cuspira na face Não mais o infeliz foi atirado aos amphiteatros para passatempo das multidoens, sequiosas de rir-se com os labios humidos de sangue.

A polygamia e o divorcio foram proscriptos, ou reprimidos. O poder paterno, d'antes illimitado, prescreveram-no as leis a formulas que a rasão aconselhára. Rasão, essa palavra de guerra nas modernas batalhas do arbitrio com a fé, desconheceram-na os pagãos, quando cederam ao pai o poder de matar seu filho, se uma venda prompta o não indemnisasse do trabalho de colloca-lo no mundo. O despotismo dos imperadores abateu consideravelmente, e o proprio Constantino, chamado por Deus a empunhar o facho civilisador, prescreve rigorosos limites ao seu poder, receando a crueldade de seus successores.

« Devemos ao Christianismo — diz *Montesquieu* — no governo, um certo direito politico de guerra, e um certo direito das gentes, que a naturesa humana não seria capaz de reconhecer. » A estas vantagens, que uma supina ignorancia não ousará negar, juntemos as da sociedade civil, a confiança reciproca do commercio, e uma esfera de liberdades e prerogativas, que saberemos bem apreciar, se nos compararmos ás naçoens privadas da civilisação evangelica. Esta revolução abrangeu todos os climas, onde o Christianismo cedo ou tarde respirou seu halito de vida.

Que é desses principios que auctarisam a absurda consequencia impugnada neste artigo?

Que religião é essa, sem influencia nos costumes das naçoens?

Debaixo do céu, onde está o povo cujos costumes realcem mais em civilisação que os daquellas naçoens, onde impera o Christianismo?

Meditem os « filosofos » a mentira, na solidão de seus gabinetes, que os viajantes tomarão a seu cargo desmenti-los.

Camillo Castello-Branco.

DIVINDADE DO CHRISTIANISMO.

IV.

Mas como? — perguntamos no cap. III. Como é que a incredulidade pertende anniquilar o padrão eterno, levantado sobre os cadaveres dos martyres, á divindade de Jesus Christo? Suppondo talvez, que os apostolos inteirados da fraude e impostura de J. Chsisto, inventarão a fabula da resurreição?

Mas que desatino, que desordem, que transtorno de ideias, que absurdos, que monstruosidades, que impiedades, que prodigios incriveis, que contradiçoens visiveis e palpaveis não precisa ella admittir, em cada um daquelles que nos garantiram com a sua vida a verdade da resurreição!! E é assim que se avalia a historia? E' por meio de hypotheses falsas e de supposiçoens gratuitas e quimericas, contradictorias e absurdas que se destroem os factos, que se lhes recusa dar credito, ou que se lhes nega a sua authenticidade? Que logica, que sinceridade, que amor á verdade!!

E' assim que a incredulidade regeitando a resurreição de Jesus Christo tem admittido muitos absurdos, e cahido no ultimo excesso de demencia, ou d'uma credulidade ridicula e pueril!

Como se não envergonha ella dos seus desvarios, dos seus excessos e das suas pretençoens vergonhosas e insensatas, em que mostra o seu furor, bem como a sua impotencia, para abalar os fundamentos do Christianismo!!

Como é que ella faz monstros de maldade, loucos e insensatos aquelles, que encheram a terra de virtudes, que fizeram a mais bella conquista, de que se póde gloriar o espirito humano, que déram ao mundo o espectaculo do que a virtude tem de mais sublime e a caridade de mais terno e compassivo, e o valor de mais heroico!? Em que abysmo se não despenha o espirito humano, quando fecha os olhos á luz da rasão e da verdade e teima pertinazmento no erro!!

Que tem a incredulidade, que não seja orgulho, uma vaidade pueril, ou uma fatuidade ridicula? Como se persuade ella, que póde desmentir todo o genero humano, destruir a auctoridade dos seculos, o testemunho dos profetas, dos apostolos, dos discipulos de Jesus Christo, dos martyres e dessa infinidade de gente de toda a ordem e condição, que na origem mesmo do Christianismo e á vista dos factos, que mostram a sua divindade déra a vida pela religião? Como se atreve ella a despresar um tal testemunho, e o daquelles, que delle fizeram a regra da sua fé e das suas virtudes? Como se atreve ella a condemnar esses homens respeitaveis dos primeiros tempos, esses pontifices imminentes por sua piedade, esses filosofos pagãos recommendaveis pelo seu talento e saber, que regeitaram os seus systemas para se sujeitarem á simplicidade da fé, esses doutores cheios de luzes e sabedoria, que profundaram a religião e a defenderam em seus escriptos, esses voluptuosos, esses ricos educados no paganismo, que perderam o gosto dos prazeres da vida, que renunciaram ás vaidades do mundo, esses grandes de Roma, esses officiaes da côrte dos Cesares, esses generaes, esses guerreiros, que não fascinou o fastigio do poder, que renunciarão ao seu fausto, despresarão as suas fortunas, que dando de mão a tudo corriam a um glorioso martyrio, esses todos, que não duvidaram perder pela fé, ou sacrificar por ella suas esposas, seus filhos, seus bens, suas honras e dignidades, que não duvidaram arrancar-se aos seus prazeres, as suas mais caras affeiçoens, isto é praticar tudo o que é violento á naturesa, e perder tudo o que é sensivel e amavel ao coração?

Acaso deverão considerar-se tantos homens illustres e tantos sabios, como um rebanho d'estupidos e d'insensatos? Casar-se-hia nelles a estupidez com a demencia para produzir um parto informe, um monstro de loucura e de extravagancia nunca visto, isto é um procedimento tão contrario a todas as ideias, a todas as noçoens do senso commum, que não ha vocabulo, que o qualifique? Acaso correriam elles apoz de uma chimera? Renderiam elles os seus cultos e sacrificariam elles a sua vida a um fantasma? Seduzi-los-hia uma ridicula ficção? Engana-los-hia uma invenção pueril e despresivel? Mas acaso illudiria esta todo o mundo? produziria tantas maravilhas, acçoens tão heroicas, conversoens tão admiraveis, mudanças tão repentinas, virtudes tão sublimes, acontecimentos tão estupendos? Teria elle a força de desarreigar dos coraçoens costumes tão inveterados e arreigar nelles sentimentos tão differentes, convicçoens tam oppostas, tão vivas e tão profundas e d'obrigar a sacrificios tão penosos, tão violentos á naturesa? Que força de loucura os transportou? Que paixão violenta os arrebatou? Quem é que os moveu a estes excessos? Quem é que os levou a esta alienação a esta aberração d'espirito? Como se explica isto, se não foi a força d'uma verdade irresistivel evidentissima de si mesmo? Se não foi o impulso da sua consciencia? Se não foi uma convicção mais forte, que todos os interesses e que todas as consideraçoens? Se não foi tudo isto, por amor á verdade e d'uma fé tão viva que os tinha arrebatado acima de si mesmo e da naturesa?

Que força da verdade não devia ter a pregação dos apostolos para produzir acontecimentos tão graves e maravilhosos, para converter o mundo, para fazer no homem uma revolução intellectual e moral, que lhe deu um novo ser, que lhe mudou o espirito e o coração!!

Que força da verdade não devia ella ter, para que o mundo escutasse a voz d'uns poucos de homens obscuros e desconhecidos, que intentavam nada menos do que desthronisar seus deuses, arrasar seus templos, demolir seus altares, abolir suas festas e solemnidades, destruir todos os objectos do seu culto, do seu respeito, da sua estima e veneração, vedar-lhe seus prazeres, prohibir-lhe seus divertimentos como illicitos, ou indecorosos, desarreigar-lhe suas ideias, faze-lo mudar de suas convicçoens, obriga-lo a renunciar, ou condemnar como falsas ou supersticiosas suas crenças, a despi-lo de seus habitos e prejuizos, em que fora creado, em que vivera sempre, que fariam o fundo da sua educação, que eram da sua patria e de seus paes, isto é que intentavam o que ha mais difficil, mudar o coração do homem e captivar o seu espirito!!!

Que força da verdade não devia ella ter para arrancar o homem á prepotencia de seus habitos e costumes, ao imperio de seus vicios e prejuizos, á tyrannia das suas paixoens, á seducção dos seus prazeres e ao encanto das suas mais doces illusoens, isto é a deixar uma religião tão corrupta e tão sensual, como elle, tão conforme com os seus desejos, tão analoga ás suas inclinaçoens, tão commoda á sua naturesa, tão lisongeira ao seu coração, para

se sujeitar a outra, tão alta, tão elevada, tão superior á sua esfera, tão inaccessivel aos sentidos, tão repugnante ás suas ideias, tão contraria aos seus affectos, que elle para a abraçar necessitava fazer uma grande violencia a si mesmo e soffrer uma grande revolução intellectual e moral!

Com que força de verdade se não devia apresentar uma religião toda espiritual; que exigia o sacrificio da vida, das mais doces inclinaçoens da naturesa, e dos objectos, que mais captivam o homem, que com sua doutrina, seus dogmas incomprehensiveis humilhava a rasão, e se afastava, ou combatia todas as ideias recebidas, que com sua cruz, seus mysterios, austeridade de sua moral, regidez de seus principios irritou todas as paixoens, e sublevou todos os prejuizos contra si?

Que força de verdade não devia ella ter, para resistir ao mesmo tempo a essa lucta do mundo empenhada em destrui-la por incommoda, ou insupportavel, vencer os mesmos obstaculos, que lhe oppunha a naturesa, para derrubar essa trincheira inexpugnavel do orgulho do espirito e da corrupção do coração, que se combinaram entre si e que protestaram anniquila-la, empregando para isso tudo o que a arte e a força tem de mais temivel e seductor!

Que cunho de verdade não devia ella ter para produzir no coração essa convicção, que não pôde ser abalada, pela perda da liberdade, da vida, dos bens e de tudo quanto ha caro e sensivel ao homem, que não pôde ser suffocada pelos prejuizos do espirito, paixoens do coração, força d'habitos e costumes, e de tudo quanto ha forte e poderoso para subjugar o homem, e abafar nelle os remorsos da consciencia?!!

Que authenticidade não devia ella ter para abalar todo o universo, para desperta-lo do profundo lethargo em que jazia, para arranca-lo aos seus idolos, ás suas paixoens e infames beldades!! Que força foi esta qne resistiu a todos os esforços, a todo o poder, e a toda a sabedoria dos homens; que convenceu todos os coraçoens, que se soube imprimir tão profundamente no animo dos grandes e dos pequenos, dos sabios e dos ignorantes, dos ricos e dos pobres, do grego e do barbaro, do selvagem, e do polido, das naçoens e dos seus chefes; que fez com que todas as gentes a seu turno lhe viessem prestar igual respeito e homenagem!

Com que força de verdade não devia ella manifestar-se ao mundo, para produzir a queda desse baluarte inexpugnavel da idolatria, que formava a existencia civil e politica das naçoens, profundamente arreigada pelos habitos e costumes, apoiada com toda a auctoridade das leis, embellesada com a pompa das festas, dos encantos da poesia, dos divertimentos e prazeres do theatro, defendida pela politica e ambição dos principes, sustentada pelo fanatismo, zelo e interesse dos sacerdotes, tão commoda e tão cara ao nosso coração e á nossa naturesa corrompida, cujas inclinaçoens lisongeava!

Que força de verdade não devia ella ter para vencer este colosso, ou para fazer sahir deste cahos, ou d'um mundo todo material, a formação d'um mundo novo, ou a creação d'um mundo moral e intellectual!!

Que admiração não deve ser a nossa, quando se considera, que esta revolução tão estranha e tão estupenda, tão sublime em seu objecto, tão vasta em sua extensão, e tão pasmosa em seu successo; este prodigio, que no sentido de S. Agostinho é o maiór de todos os prodigios; isto é a mais difficultosa de todas as empresas, foi acabada e levada ao fim com o mais fraco de todos os meios!

Com effeito, meia duzia de homens, sem nome, sem sciencia, sem protecção, sem auctoridade, sem valimento, sem nenhuma fortuna, sem nenhuma qualidade, que os recommendasse aos olhos do mundo, isto é uns poucos de pescadores, rudes e pobres, uns poucos de judeus e de barbaros (1) vão annunciar a todo o Universo, que o que faz objecto do seu culto e da sua adoração é cheio de loucura d'estravagancia e falsidade, e que é necessario renunciar e despresar a tudo, para só seguir e adorar um homem, que nasceu pobre, que viveu sempre mortificado e que morreu a final em uma cruz no reino da Judea, de quem não podemos ser discipulos sem nos sacrificarmos com elle, tomando-o em tudo e por tudo como nosso modelo, porque este homem tão abatido e humilhado é um Deus feito homem, vivendo com os homens para os instruir com o seu exemplo e com a sua palavra e morrendo por elles para os salvar com sua morte!! Com esta linguagem estranha, com esta doutrina, que revolta todas as ideias, com palavras, que eram um escandalo para o judeu e uma loucura para o gentio e que são ainda tão repugnantes para o incredulo, sem outra sciencia mais, como diz o apostolo, do que Jesus Christo crucificado — *Non judicavi scire aliquid inter vós, nisi Jesum Christum crucifixum* — viu o mundo os primeiros pregadores do Evangelho vencer os prejuizos mais fortes, dissipar as prevençoens mais arreigadas, abater os raciocinios mais artificiosos, humilhar o orgulho indocil, captivar os mais insolentes appetites, ou desordenados desejos, alcançar sacrificios dos sentimentos mais delicados, fazer immudecer as paixoens e destruir o seu imperio, attrahir a multidão combatendo-lhe os vicios, fazer discipulos, conquistar os coraçoens promettendo-lhes despresos, soffrimentos, opprobrios e a morte, destruir ou inutilisar todos os esforços e todos os interesses colligados entre si para os perder, vencer finalmente tudo o que havia de mais forte, mais poderoso e de mais temivel sobre a terra; a força e auctoridade suprema desses imperadores, diante dos quaes se curvava reverente toda a terra; a horrivel crueldade dos magistrados, a barbaridade e ferocidade dos tyrannos, os prejuizos dos povos, a superstição audaz e sanguinaria dos sacerdotes, a falsa sciencia dos sabios, as subtilesas dos oradores, os sofismas dos filosofos, as calumnias e artificiosas intrigas de seus inimigos, as ciladas e manejos occultos desses judeus, que, accusados d'um crime horrivel, concebem contra os apostolos um odio implacavel, que formam por toda a parte um vasto plano de conspiração para suffocar o Christianismo no seu nascimento, talvez o maior de todos os obstaculos, que se lhe oppoz!

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

(1) *A Judea, se não marchava na vanguarda da civilisação romana, pelo menos resentia-se do progresso, que o caracter romano imprimiu em todas as naçoens do seu dominio. Suppomos que o sabio auctor deste artigo apellidou barbaros os hebreus, por que tal apellido, por mofa, lhes davam os romanos.* *Os RR.*

EDUCAÇÃO

DEBAIXO

do ponto de vista religioso, moral, intellectual, social e physico.

A EDUCAÇÃO é o mais precioso dos bens cedidos ao homem. Em nossos dias quem ousa ahi impugna-lo? Sem ella, com effeito, a sociedade ser-nos-hia um problema insoluvel, pois que a civilisação é seu natural principio d'acção e vida, e essa tão lenta e tão penosa obra não pode cumprir-se n'um povo, sem a lei indispensavel d'um progresso e aperfeiçoamento indifinidos. Mas, para completar-se, a educação deve necessariamente abranger os grincipaes generos da vida que o homem é chamado a viver no mundo, vida religiosa, moral, intellectual, social, e physica.

Nestas amplas dimensoens, a educação provê a todas as necessidades da epoca; só ella pode garantir-nos vantagens reaes; os que ella grangeia são os unicos bens que podem escapar aos naufragios da vida. Feliz aquelles que, por esforços repetidos, e estudos fortes e conscienciosos, pôde colher algum fructo da sua educação primitiva na seara do espirito e do coração; porque esse trabalhará então incessantemente em desenvolver sua intelligencia, persuadindo-se de que a mais longa vida seria insufficiente para avaliar de leve a somma dos conhecimentos humanos. Feliz, repetimo-lo ainda, aquelle que pode exclamar com um sabio dos mais queridos da antiguidade: « todas as minhas riquezas trago-as comigo! » — *Omnia mecum porto!*

Aquelle não deve arrecear-se d'algum perigo, porque

a religião tem consolaçoens para todas as penas, palavras magicas e harmoniosas que acalmam e adormecem as mais pungentes dores: sua esperança immortal afigura-se-lhe como protectora divina ao escurecer da existencia, e, por fortalecer sua fraqueza, colloca-se junto delle áquem e alem do tumulo. Sabedoria e razão, aperfeiçoadas pelo estudo, elevam-no bem a cima dos caprichos e injustiças da sorte; e sua virtude corajosa triunfa quasi sempre dos assaltos das paixoens. Trahido pela amisade, victima da inveja, odiado e injustamente perseguido pelos homens — a benevolencia é a sua vingança; a utilidade e importancia de seus serviços, taes são os elementos que elle fornece á negra calumnia, e aos remorsos do erro desabusado.

Moderado no prazer, firme sempre na adversidade, o sabio não se irrita com os passageiros estorvos que lhe empecem a vida: porque sabe que o verdadeiro merito existe nas obras do sacrificio, exigidas pelo direito que a patria a ellas tem O estudo encanta deleitosamente seus uteis ocios; paz de coração e testemunho da consciencia procuram-lhe ineffaveis prazeres, que vem remunera-lo amplamente do oneroso tributo d'uma esteril admiração, ou de um tardio reconhecimento.

Taes são as preciosas vantagens que produzem uma completa educação sabiamente dirigida. Comtudo, forçoso é dize-lo, taes vantagens são impotentes para attender a todos os planos, e satisfazer altas exigencias.

Com este pensamento, a vós nos dirigimos, interessante mocidade, a vós, que, ouvindo estas palavras, direis no fundo de vossa alma: « não basta isso... » vós cujo tenro coração medita já prematuras ambiçoens; vós que pareceis dizer á geração presente com uma especie d'orgulhosa ambição: « o futuro é nosso! » Pelo merito, virtude, e sciencia chegareis ás honras e aos encargos; pela sciencia tereis consideração e recompensas civis: toda a illustração real reside nella verdadeiramente: e se alguma vez a protecção e o favor lisongeiam a intriga e a ignorancia com titulos e empregos nobres, muitas vezes tambem a sociedade, mais justiceira, procura o merito modesto nas classes obscuras, ao passo que desdenhosamente regeita de seu seio aquelle que pesava ahi com todo o peso da sua inutilidade.

Vivamente sentimos que estreitos limites nos sejam prescriptos, e nos não concedam ampliar as faces destes assumpto pelo modo que as encaramos na educação.

Todavia, trata-las-hemos successivamente na ordem indicada na sua relativa importancia.

II.

Educação religiosa.

A influencia do Christianismo sobre a educação é hoje geralmente reconhecida.

Comprehendeu-se rasoavelmente, que, em sua moral e doutrina, deparava-se toda a idea de verdade e de justiça; que só ella podia illuminar o espirito do homem, e, aperfeiçoando sua intelligencia, dirigi-lo seguramente á verdadeira sciencia.

Julgaram-se os erros do seculo XVIII; suas impias doutrinas produziram na sociedade uma completa desordem, uma desmoralisação horrorosa, e um transtorno universal. Fatigada deste estado de duvida, d'agitação e incerteza, em que a filosofia mesquinha e materialista do ultimo seculo despenhara os espiritos, a geração presente interrogou o futuro com sobresalto, e buscou remedio a grandes males, quando viu simptomas de morte e destruição em toda a parte. A religião, formosa da sua mocidade eterna e da sua força divina, appareceu-lhe sosinha sobre vastas ruinas, sempre a mesma no fim de 18 seculos, soberana do universo, victoriosa sempre das grandes luctas com a impiedade. Atormentada pela sede insaciavel de fé e de sciencia, a mocidade do seculo XIX cingiu-se fortemente a suas immortaes doutrinas, e desde então ousamos crêr no futuro!

III.

Ensino religioso desenvolvido.

Para que os beneficios do Christianismo se derramem inteiramente na sociedade, de modo que elle possa exercer ahi toda a sua energica influencia, e conduzi-la seguramente na carreira illimitada da perfectibilidade, devemos proporcionar a educação religiosa com as imperiosas necessidades do seculo. Sem duvida, os sentimentos affectuosos da piedade christan são o mais bello ornamento dos coraçoens noveis, e um dos mais importantes deveres da educação é excita-los a nutri-los. A fé, rainha das virtudes, é o mais nobre apanagio da alma christan; é o solido fundamento para o edificio d'uma educação religiosa; por quanto, comenta-lo d'areias movediças, quaes são os pensamentos dos homens, seria arruina-lo; e a fé — digam o que disserem — é e será sempre a força e a virtude das naçoens....

E' um erro funesto pensar que os meninos não devem ser iniciados no conhecimento dos dogmas da religião. O ensino religioso deve, sem duvida, proporcionar-se á debilidade da sua intelligencia: que as instrucçoens sejam, pois, progressivas em harmonia com o desenvolvimento da sua razã nascente: que estudem primeiro os principios da religião nesse livro admiravel, que exactamente resume toda a doutrina do Christianismo, e que, por sua prodigiosa perfeição, fez dizer a alguns sabios do seculo passado, e a muitos da nossa epoca, que um mancebo, sufficientemente versado nas verdades contidas neste compendio sublime, pode desconjunctar a consummada sciencia do mais habil filosofo; e destruir as arguiçoens capciosas do mais perigoso sophista, e que seu texto fecundo, simplesmente explicado primeiro e, mais tarde, amplamente desenvolvido, torna-se para o educando o motivo de numerosos e variados exercicios. Dê-se aos mancebos a intelligencia da Biblia (com o seu indispensavel complemento do Evangelho) que excitou em todo o tempo a admiração dos povos, e cada pagina, marcada com seu sello sagrado, exhala ao longe o doce perfume das virtudes.

Livro immortal, que atravessaste os seculos como um velho testemunho dos acontecimentos da terra, e dos prodigios que altamente proclamava a omnipotencia do Eterno!

(*Continua.*)

A TRISTESA.

Senhor! quando serão meus tristes dias
Na torrente dos tempos envolvidos?
Quando hirei gosar longe de agonias
Os instantes, ha tanto, apetecidos?!

P'ra que existo? ai de mim! se, no universo,
Vivendo sempre triste e solitario,
Qual argueiro de pó, vago disperso
Ante os rudes baldoens do tempo vario?

Porque, Senhor, gravaste o santo lume
Do teu rosto sublime na humildade?
Se a ventura da terra é qual perfume
Que nasceu e s'esvae na immensidade!...

Fui ás vezes, no topo d'alta serra
Assentar-me, nas rochas de granito...
Dilatava-se além o mar e a terra,
Sobre mim via os céus e o infinito!

Ao vento perguntéi que alli passava
Pela morada ignota da ventura?
E pareceu-me que o vento murmurava
Como os eccos de dôr da sepultura

Quando o sol pelos céus corria pulchro
Perguntei-lho tambem com voz tremente,
Fez um raio luzir sobre um sepulchro
E de novo partiu para o Occidente.

Perguntei-o tambem, da dôr no cumulo,
A's estrellas do céu, do prado ás flores;
E as estrellas brilharam sobre um tumulo,
Os arbustos perderam seus verdores!....

.....
A tristesa envolveu d'escuros mantos
Minha fronte d'espinhos coroada,
Meus olhos innundaram crueis prantos,
Minh'alma confrangeu-se magoada!

Vi da lyra pender livres, distensas
As cordas em que amor cantava outr'ora:
D'antigas illusoens, d'antigas crenças,
Da saudade o pungir só tinha agora....

E chorei por me vêr ermo no peito
Sem voz no coração, sem voz na lyra
Achando em vêz do sonho assim desfeito,
Fantasma enganador, louca mentira.

Meu Deus! fecho pr'a mim teu livro eterno!...
A existencia não quero, que eu odeio...
Oh! livra-me, Senhor, do meu inferno
Abriga-me das dôres no teu seio!

Villa Real 6 de Julho.

Guilhermino Augusto.

ANNO CHRISTÃO.

JULHO.

18 *Domingo.* O anjo Custodio do reino. A piedade de nossos maiores, na crença « de que Deus incumbe a guarda de cada reino a um anjo em especial » instituiu esta festividade, para assim tributar louvor e gratidão áquelle que vela em nossos destinos. Possa elle fazer que Deus se torne propicio, e que, esquecendo nossas faltas, sejamos outra vez uma nação *fidelissima*!

Item. S. Marinha, natural de Antiochia e filha de paes gentios, teve a dita de ser dada a crear a uma mulher christan, a qual a mandou baptisar e educou na santa religião. Namorando-se o presidente Olibrio de sua formosura, lhe mandou propôr casamento, e em consequencia de sua recusa. e por saber que ella era christan, a mandou primeiramente atormentar de varios modos, e por ultimo degolar.

19. *Segunda feira.* S. Vicente de Paula, devendo a existencia aos até então obscuros Guilherme de Paulo e Beltrana de Moraz, pobres habitantes da freguezia de Poy no bispado de Acqs no reino de França, pôde elevar-se ao sacerdocio; e empregado por S. Francisco de Salles em director das freiras da Visitação, percorria as aldêas visinhas prégando com summo aproveitamento, e levando a consolação aos que por varios modos attribulados careciam della Mais tarde instituiu a congregação dos clerigos da missão, e tendo o gosto de a vêr propagar-se e corresponder ao seu fim, morreu na cidade de Paris no anno de 1660.

Item. As S. Justa e Rufina, naturaes de Sevilha na Hispanha, eram pobres e viviam de um pequeno negocio de louça, que vendiam á porta de Triana. Do seu pouco eram liberaes para com os pobres; e recusando dar oblatas aos sacerdotes do idolo Salambom, foram accusadas ao juiz Diogeniano, que, depois de varias torturas, mandou que S. Justa fosse precipitada em um poço, e S. Rufina fosse queimada. Assim derramaram pela fé o seu sangue no tempo do imperador Diocleciano,

20. *Terça feira* S. Elias, portentoso profeta no tempo do rei Achab, havendo confundido os falsos profetas, e ensinado de palavra e com o exemplo a lei do Senhor ao seu povo, foi arrebatado ao céu em um carro igneo, deixando successor de seu espirito profetico a Eliseu, a quem legou tambem aquella mysteriosa capa, a cujo contacto se abriram as aguas do Jordão.

21. *Quarta feira.* S. Paraxedes, donzella romana, era o anjo consolador dos christãos perseguidos pelo imperador Marco Antonino: a uns dava escapula em sua casa; a outros exhortava a que não trepidassem diante dos algozes; e finalmente dava sepultura áquelles que já nada temiam dos homens. Altos juizos de Deus! ella qne tão altamente publicava sua fé não teve a gloria do martyrio, mas sim, pedindo a Deus que a tirasse deste mundo, que tão perverso era, morreu de doença.

22 *Quinta feira.* S. Maria Magdalena, formosa, nobre, mas escandalosa mulher hebrea, logo que ouviu a pregação de Jesus Christo foi tocada da divina graça; e chorando amargamente as suas faltas passadas, toda se abrasou no amor do mesmo Jesus Christo, cuja divindade reconheceu, e merecendo que elle d'ella dissesse « que lhe haviam sido perdoados os muitos peccados, por isso que tambem o amava muito. » Durante os trances da paixão de Jesus Christo teve sempre o valor de acompanha-lo, e por isso mereceu que fosse a ella que elle primeiro se mostrasse ressuscitado. Havendo combinado a viver, sozonando de mais em mais os fructos de uma verdadeira penitencia, foi gosar as delicias do Ceo.

25 *Sexta feira.* S. Apollinario, vindo com S. Pedro de Antiochia para Roma, foi d'ahi ordenado bispo, e mandado para Rovena a pregar o evangelho. Os sacerdotes idolatras lhe declararam crua guerra, porem elle sempre impavido, e por muitas vezes tirando-se milagrosamente de suas cilladas, foi sempre augmentando o numero dos crentes, até que cellou com seu sangue a doutrina que pregou.

22 *Sabbado.* S. Christina, natural da cidade de Tyro na Italia, havia, ás escondidas de seu pae idolatra, recebido o baptismo. Denunciada pelas donzellas que com ella residiam em uma torre, seu pae tentou fazel-a abjurar a religião christã; e exhaustos os meios de brandura, recorreu aos tormentos que lhe fez soffrer crueis. Desenganado que nada fazia com ella, a mandou afferrolhar em um carcere, tencionando fazel-a degollar no seguinte dia, porem foi promptamente castigado de sua barbaridade, apparecendo morto n'aquella noite. Outro juiz ainda cahiu tambem morto em quanto a mandava suppliciar. Finalmente chegado o termo do seu triumpho, morreu com os golpes de algumas settas que um terceiro juiz lhe apontou ao coração.

ERRATAS.

No n.º 27 do *Christianismo*, o artigo — Fé christan, e Papa — sahiu com as seguintes:

1.ª No periodo terceiro, onde se lê — com o seu parocho, em quanto elle o estiver com o bispo, em quanto elle o estiver com o papa — deve repetir-se entre virgulas — com o bispo — antes de — em quanto elle o estiver com o papa.

2.ª No periodo 7.º, onde se lê — não só seria infallivel — deve lêr-se — não só não seria infallivel.

JULHO 31. 1852. — N.º 31.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O SUICIDIO.

I.

Enlucta-se o coração, e amesquinha-se o pensamento, ao escrever essas oito letras, que se me afiguram o epitafio desta sociedade, esvaida de coragem para luctar com a miseria e a desesperação! Eu não sei que seja possivel transfigurar o homem moral, mandando-o soffrer com paciencia o infortunio, depois que a resignação desmereceu no conceito do homem irreligioso. Não sei que aproveitamento esperam as minhas palavras, sem unção talvez para os que m'as lêem, e menos ainda para uma sociedade entretida em grangear-se amarguras, e incredula de mais para acreditar que possa um jornal religioso suavisa-las! Não póde, não, quando a impiedade entrou em casa do desgraçado, e foi sentar-se nos andrajos da sua miseria. Não póde, não, quando o infeliz, a quem envio esta pagina escripta diante da cruz de Jesus Christo, cerrou os ouvidos de sua alma ao chamamento de Christo, e cahiu, de cançado, renegando o peso da sua Cruz!

E o infortunio tem força de erguer um braço contra o peito a que está preso pelas mãos de Deus! E a mão do homem tem força de encravar um ferro no coração, onde o Creador gravára seu nome, tres vezes santo! E o sangue, rasgado no seio, é aquelle mesmo que pulsára ahi apressado, quando, em tempos felizes, a ideia da immortalidade, a ancia do infinito, o amor vehemente do céu, agitava esse coração, escaldava esse sangue, e erguia essas mãos em preces incendidas para o Senhor do Universo!

Os homens conspiraram contra Deus no fundo de seu coração, e vieram depois á luz do dia aggredir a Divindade. Suas armas eram ervadas no veneno mortal da arvore da «sciencia» e o seu estandarte, agitado nas mãos ensanguentadas do livre arbitrio, chamava-se «rasão.» Este inimigo, poderoso como Lucifer, cantava o seu hymno de victoria, e nós, christãos vencidos, nós, soldados da cruz, apupados nas ruas de Babylonia, e escarnecidos no Areopago dos filosofos, apontamos-lhe de longe os seus triunfos, e exclamamos:

«Levanta do chão esses cadaveres de suicidas! Levanta-os em obelisco de triunfo, que são teus!»

Chamaram a esta época uma época de transição. Por desgraça a geração, que vem, deverá lavar-se no sangue da que passa? Haverá um mysterio aterrador a cumprir-se antes que a sociedade se renove? Teremos de venerar, como martyres da renovação social, os que vão cahindo a nosso lado, apunhalados por sua propria mão? Os discipulos de Confucio, suicidando-se em honra de seu mestre, serão menos filhos da civilisação que os discipulos de Voltaire, suicidando-se em honra do atheismo? Nunca mais terriveis problemas torturaram a humanidade!

II.

Não chamem ao suicidio o resultado d'uma demencia. O homem, que se mata, é responsavel da sua morte: é arbitro daquelle ferro que empunha, daquelle braço que ergue, e daquelle sangue que derrama.

Vós não vêdes que a filosofia dos pantheistas creou o atheismo? Julgaes que o materialista, enfastiado de viver, não é coherente com seus principios acabando com uma vida, que lhe pesa?

Não sabeis que os estoicos se matavam, raciocinando, quando viram ameaçada a republica pela espada de Cesar?

O cavalheiro d'Assás seria demente, quando, na ponta das bayonetas austriacas, escuta a offerta da vida, se se calla, e elle exclama, já com o peito atravessado: «A mim, d'Auvergne!»

Esses sacrificios admiraveis, que a historia nos relata, não são demencias.

Bisson, vendo-se aggredido, no seu navio, pelos piratas gregos, força a equipagem a salvar-se; e, depois, occulto no paiol da polvora, espera a chegada de seus inimigos, e, de improviso, setenta piratas, com o navio, e o intrepido logar-tenente daquelle vaso, vôam em estilhaços entre as lavaredas do incendio. Bisson suicidou-se: seria elle um demente?!

Dous homens, perseguidos n'uma sociedade maçonica, estão sobre uma prancha, seu unico refugio, que estremece debaixo de seus pés e range para partir-se. A morte é inevitavel; e um delles exclama: «minha querida mulher! meus pobres filhos!» E o outro lhe diz: «tu és casado!... a tua vida é mais util... supplica a Deus por mim!» E suicida-se. «Se este homem estava demente — diz um jornal francez relatando o facto — são confusas todas as noçoens do nosso espirito, e invalidas as significaçoens da nossa lingua!»

Os raros suicidios, que a medicina póde capitular demencias, não podem, ainda assim, considerar-se taes. Antes desse extremo de infortunio, que transterna a intelligencia do homem que se anniquila, a logica da desgraça atravessára por todos os raciocinios que levam o homem a desquitar-se da vida, condição terrivel dos seus padecimentos

Que lucram os religiosos em illudir-se, julgando louco o suicida? Se a demencia exclue a vontade, que contas póde a justiça do céu pedir a um homem, que se desvinculou da vida, que lhe não pertencia, mas que tambem não tinha a consciencia de possui-la?

Os factos são aqui d'uma prova mais eloquente que as indagaçoens abstractas. Citaremos alguns d'uma obra excellente, colleccionados por um medico, verdadeiro christão, e incansavel trabalhador no edificio da moral evangelica. Com quanto apresenta-los não seja de uma rigorosa necessidade para o assumpto, eu penso que os desgraçados accidentes do materialismo, essencial no suicidio, não enfadam o espirito, nem desvirtuam o coração.

«M. M... de quarenta e quatro annos d'idade, re-

cebera da naturesa uma intelligencia distincta, e aptidão para o trabalho. A carreira da medicina, que escolhera, pareceu mostrar-se-lhe sob os mais agradaveis auspicios. Distincto nos concursos, e illustre por algumas obras que escreveu, casou-se, ainda moço, com uma mulher d'excellente educação. Cercado de lindos filhos, tudo parecia prometter-lhe uma existencia feliz e brilhante, quando um inesperado successo veio fulminar de espanto aquelles que o conheciam: preso por um roubo feito n'um estabelecimento publico, foi julgado e condemnado a prisão. Na prisão, o seu comportamento foi tão regular, que a benevolencia real commutou-lhe o tempo da pena. Já me não lembrava delle, e um dia encontrei-o em sitio, onde não podia evita-lo sem um desvio insultuoso. Confesso que tinha vontade de estudar esta naturesa, cuja queda só podia attribuir-se a enfermidade moral, ou a uma paixão violenta. Fui polido com elle· aproximou-se de mim, e agradeceu-me com as mais animadas expressoens o bom acolhimento que lhe eu fizera. M..., apesar da sua nodoa, chegára a recuperar uma boa clientella; e, passados alguns mezes, veio conduzir-me um alienado, cuja posição de fortuna lhe não permittia curar-se no grande estabelecimento, onde fôra collocado. Desde então, foram frequentes nossos encontros, porque muitas familias o encarregaram de visitar os alienados em minha casa. A conversação de M... revelou-me qualidades que eu estava longe de suppôr-lhe, e que poucas pessoas poderam apreciar-lhe por causa da sua posição excepcional. Observaçoens profundas e finas, conceitos engenhosos, vastos conhecimentos em historia e litteratura, taes eram as qualidades que M... mostrava na intimidade, e captivavam a attenção no mais elevado interesse. Mostrei-me um dia surpreso de encontrar em homem da nossa profissão tão variados conhecimentos; respondeu-me: « tudo é o resultado da divisão do tempo: cada manhan emprego duas horas na leitura d'obras da nossa arte, depois vou á clinica; consagro aos doentes a maior parte do dia; e duas horas da noite passo-as lendo os nossos melhores auctores em historia, economia politica, e litteratura. » Assim, em cada dia, este homem, nascido para melhor destino, cuja vida fôra desgraçada, e que tão miseravelmente devia acabar, consagrava seis horas ao trabalho! Como fôra elle conduzido á falta, que annullára o seu futuro? Era confissão que elle só podia fazer-me. Agitou-se uma conversa sobre as paixoens, e M... confessou-me que a do jogo fôra a causa dos seus infortunios = « Nunca, me disse elle, pude resistir á sua influencia, e ao tempo da minha catastrofe eu tinha devorado o dote de minha mulher, uma parte do meu patrimonio, e estava carregado de dividas. O que então me succedeu curou-me para sempre, e hoje encontrei no estudo as melhores distracçoens. » Ninguem, com effeito, vendo a sua actual posição e gosto pelo trabalho, deixaria de crêr que elle triunfára daquella propensão terrivel! Desgraçadamente não era assim! M... gastava, quanto o seu trabalho lhe dava, em satisfazer a sua paixão insaciavel. Alguns dias antes do seu deploravel fim, esteve comigo: achei-o triste e abatido: « uma grande desgraça — me disse elle — me aconteceu. Meu filho, que annunciava um brilhante destino, succumbiu antes de hontem a uma tysica pulmonar. Este acontecimento desanimou-me, e estive, esta manhan, quasi a suicidar-me com acido prussico, que trago sempre comigo desde a origem da sua doença. Era o laço que me prendia á vida, e o consolador das minhas desventuras. Eu vivia orgulhoso do seu adiantamento na estrada do bem... » Consolei-o quanto pude, deixou-me, e pouco depois li, nos jornaes, seu desgraçado fim, que um jornal contou por estes termos:

« Desde muito que mr. M... doutor-medico hia a casa d'um ourives, rua *Saint Honoré*, vender diversos objectos, como relogios, pulseiras, cadeias &c. M... dizia que tinha precisão de desfazer-se desses objectos preciosos, umas vezes para saldar dividas de rapaz, outras para uma viagem indispensavel, e estes pretextos pareciam sempre tão naturaes, e mesmo provaveis, que o ourives não tinha de que suspeitar. Comtudo eram tão frequentes as vendas, que o mercador acabou por julgar que o vendedor tinha á sua disposição uma mina de joias preparadas. O ourives attribuiu estes objectos a fonte illegitima. Deu parte ao commissario da policia. Este espantou-se de ser possivel deparar-se um ladrão na classe dos medicos, e recommendou-lhe sómente que o chamasse, quando M... viesse a fazer uma outra venda. Hontem, pelas 4 horas, chegou o medico, propondo a venda d'alguma baixella. O commissario, immediatamente prevenido, perguntou a M... donde vinham aquelles objectos de que elle queria desfazer-se, e outros anteriormente vendidos. O medico, reconhecendo a condição da pessoa que taes perguntas lhe fazia, titubeou. Todavia, depressa recuperou presença d'espirito, e respondeu que taes valores lhe vieram d'uma herança. Prestou-se de boamente a abrir as portas da sua casa. Mostrou o seu domicilio: era um pequeno quarto ao rez da rua, no qual nada existia, nem um leito, que revelasse ser aquelle o quarto do medico. Consultado o guarda-portão, soube-se que o medico habitava um gabinete no 5° andar. M... conveio nisso, e disse sorrindo, ao commissario, que em consequencia d'uma divida, que lhe queriam fazer pagar corporalmente, o monteavam como raposa, e como ella, tinha dois quartos para evitar a prisão. Antes de subir, M... pediu um copo d'agua ao guarda-portão, e subiu a escada apressado, como quem queria chegar adiante. O commissario, que o não perdia de vista, entrou conjunctamente n'um pequeno quarto, graciosamente mobilado, e, em quanto procedia á visita, M... pediu-lhe licença d'escrever uma carta a seu pai. Mr D... não lh'a negou, com a condição de lê-la. A busca não teve resultados, e, quando terminada, Mr. D... viu que o seu preso levava rapidamente aos labios uma garrafinha negra, que tinha occulta no lenço. O commissario segurou-lhe o braço, mas M... gritou « é inutil! eu sou um homem morto! acabo de tomar o acido prussico. » Um momento depois M... tinha morrido..... Suppoem-se, que, filiado n'uma horda de ladroens, este infeliz, aproveitando suas relaçoens, indicava as expediçoens, e encarregava-se de vender os objectos, que lhe traziam, e repartir o producto. »

« Julgamos completamente erroneas as supposiçoens do jornal. M... vivia só, e tinha muita experiencia dos homens para não confiar-se de nenhum. Subjugado por uma paixão, que não podera vencer... fôra arrastado a acçoens cujo perigo elle concebia... A publicidade que teria esta infamia, o desespero de seus parentes, a impossibilidade d'entrar, segunda vez, na sociedade, a privação de prazeres a que estava habituado, a obrigação fatal de viver com os miseraveis castigados pela justiça humana... taes foram os motivos que nutriram a ideia da sua morte... Seus estudos o tinham feito materialista... Fallava da morte como de um accidente natural, e sustentava o direito de acabar com a vida, quando, pela desgraça, se fazia insupportavel.. Nunca se exaltava. Era um espirito frio, rasoavel, cheio de interesse na conversação, cujas ideias eram muitas vezes falsas, segundo a inspiração das paixoens. Mas não era um demente. » (1)

Poderá alguem suspeitar demencia em Napoleão? E, comtudo, este seguro pensador tres vezes tentou contra a sua existencia Seja elle que nos conte um desses lances, meditados em hora de claro raciocinio, e deduzidos como rigorosa consequencia de principios, infelizmente maus.

« Sempre só no meio dos homens, aparto-me para scismar comigo, e abandonar-me á vivacidade da minha melancolia. De que lado me acommette ella hoje? do lado da morte. Na aurora de meus dias, posso ainda esperar longa existencia. Ha seis ou sete annos que estou fóra da minha patria Que prazer eu não sentirei, tornando a vêr meus compatriotas, e meus paes! Das ternas sensaçoens, que experimento com o prazer das recordaçoens d'infancia, não posso eu concluir que será completa minha felicidade? E que furor me inspira a minha destruição? Que faço eu neste mundo? Pois se eu devo morrer, que importa matar-me? Se eu tivesse passado os 60 annos, respeitaria os prejuizos dos meus contemporaneos, e esperaria pacientemente que a naturesa concluisse a sua obra; mas, começando já a experimentar desgraças, sem que haja um prazer para mim, porque supportarei eu dias em que não tenho uma prosperidade? Quanto os homens estão longe da naturesa! Como são vis, cobardes, e rasteiros! Que espectaculo verei eu no meu paiz? Meus compatriotas, rojando cadeias, beijando a mão que os opprime! Não

(1) A. Brierre de Boismont. Ency. Cath. art. Suicid.

são esses os bravos corsos, que um heroe animava com suas virtudes, inimigos dos tyrannos, do luxo, e dos vis cortesãos..... O quadro actual da minha patria, e a impotencia de muda-lo, são nova rasão de fugir de uma terra, em que sou obrigado, por dever, a louvar homens, que, por virtude, aborreço... Quando não existe patria, o bom cidadão deve morrer! Se eu tivesse um só homem a destruir para livrar meus compatriotas partiria já a ensopar no sangue do tyranno a espada vingadora da patria e das leis violadas... Pesa-me a vida, porque não tenho um prazer, e tudo me é penoso. » (2)

Napoleão conta os outros dois episodios da sua vida, que o levaram á execução da morte. Sua mãe estava pobre; suas irmans em preço de deshonra, e elle sem recursos alguns « Sahi — diz elle — com tenção de matar-me. Mais alguns instantes, e ter-me-hia precipitado na agua, quando o acaso me fez encontrar um individuo, vestido de simples operario, o qual, reconhecendo-me, lançou-se-me ao pescoço, exclamando: « E's tu, Napoleão? que prazer tenho em vêr-te! » Era Demasis, meu antigo camarada d'artilheria... « Que tens tu? não me escutas? não gostas de vêr-me? Que desgraça te succedeu? pareces-me um tolo que vae matar-se! » Este chamamento directo á impressão, que me dominava, produziu em mim uma revolução, e, sem reflexão lhe contei tudo « Se não é mais que isso.. aqui tens 30$ francos em ouro... toma-os e salva tua mãe. » (3)

A ultima, e mais expressiva tentação, é a do Napoleão, já imperador. Forçado a depôr a corôa, quando os proprios que elle elevára, o abandonaram friamente, o heroe d'Austerlitz resolve matar-se. E' elle que o confessa, no rochedo de Santa Helena, perto do seu tumulo, ao general Montholon:

« Desde o desbarate da Russia, trazia eu veneno, n'um saquinho de seda, suspenso ao pescoço... Minha vida já não era da patria... os acontecimentos destes ultimos dias fizeram-me senhor della. Por que soffrer tanto! — me disse eu — quem sabe se a minha morte collocará a corôa na cabeça de meu filho! A França será salva!... Não hesitei... saltei abaixo do meu leito, e, diluindo o veneno n'uma pouca d'agua, bebi-o com uma especie de felicidade; mas o tempo tirára-lhe a força... Dores atrozes arrancaram-me alguns gemidos... foram ouvidos... soccorreram-me... Deus não quiz que eu morresse ainda... Santa Helena era o meu destino.. » (4)

Boismont extrahiu dos autos de suicidios, guardados no archivo do ministerio publico, milhares de factos, que revelam a maior segurança e a mais pensada deliberação dos suicidas. Copiarei o primeiro que é um pai que se asfixia, em quanto sua filha procura recursos para sustenta-lo. Eis-aqui a sua carta:

« Minha cara filha. Tenho 69 annos, estou doente, paralitico, e quasi cego. Tenho trabalhado por não estar ás tuas sopas, mas nada consegui. Quando pedi aos hospitaes que me recebessem, disseram-me que eu não tinha a idade! Ha seis mezes, que esgotas os teus recursos; não se passa uma semana que não leves algum penhor ao monte-pio: o fim de tudo isto é claro — a mais terrivel miseria para ambos nos: é cem vezes melhor que eu dê cabo da minha penosa existencia. Aproveitei o momento da tua sahida. Quando entrares todos os meus males serão terminados, e terás só de trabalhar para ti. »

Effectivamente aquella filha, voltando com o caro pão de seu pai, encontrou um cadaver. Quereria ajoelhar ao pé delle; mas um pai, que assim morreu, legaria algumas crenças religiosas a sua filha?

Repetirei sempre; o suicidio não seria motivo de momentanea surpresa se todos fossemos atheus. Não ha consequencia mais rigorosa, dadas as primicias do infortunio. Sem temor de Deus, sem confiança na providencia, grandes desgostos me levariam a mim a procurar a maneira de não senti-los. Quando a vida fosse o preço, não compraria eu a morte com grandes sacrificios?

O suicidio não é um delirio.

III.

Quem vasou no seio desta geração torrentes de um veneno, que despedaça os vinculos, que prendem o homem ao soffrimento, foi a anarchia das ideias, foi a mão destruidora que quebrou o freio da religião ás multidoens licenciosas.

Houve ahi quem dissesse que tudo era divino na naturesa. As afflicçoens poderiam aspirar aos consolos do céu; mas para isso devera crêr-se que a terra não continha a suprema felicidade do homem. Deu-se o contrario como revellação da sciencia. Disseram-nos que procurassemos o complemento dos gosos mundanos, e nelle acharíamos o nosso destino, n'um throno de deleites, n'uma perenne satisfação de todas as nossas paixoens. Desde então julgamo-nos deuses de nós mesmos, divinos em nossas acçoens, livres em todas ellas, senhores absolutos da nossa existencia, grandes aos olhos do universo embora salpicados do nosso proprio sangue.

Transtornado o espirito, affluiram-nos ao coração as gotas d'um licôr morbido, que nos embriagava em visoens d'um espiritualismo, que nada tinha com Deus. *Chateaubriand* deu-nos o *René*. Affeiçoamos por elle, pelas suas ardencias inquietas, por aquelles desejos infinitos, por aquelles sonhos sem logica nem destino, a nossa alma aspiradora d'um céu imaginario, onde o Senhor não era o martyr da Redempção, nem as esperanças eram os fructos colhidos na arvore do Evangelho. Aprendemos o desgosto sem o allivio, a melancolia poetica sem a poesia de Jesus Christo.

A Allemanha alimentou-nos d'uma litteratura vaporosa, metafisica, e descrida. Deu-nos *Werter*, e divinisou o suicidio, decorando-o no seu altar de brilhantes imagens, que despertavam o appetite de morrer assim.

Não faltava nada para formular uma honrosa theoria de morrer, antes que Deus mandasse refluir o sangue ao coração, e cerrarem-se as palpebras a esta luz do mundo. A pratica lamentavel do suicidio lisongeou cabalmente a theoria. Ei-lo ahi esse desforço que os desgraçados tiram das irregularidades da sua vida: matam-se! Eis-ahi o complemento d'um raciocinio que o homem faz sobre a sua existencia, sobre o seu destino, e sobre os seus infortunios: um tumulo!

Camillo Castello-Branco.

DIVINDADE DO CHRISTIANISMO.

V.

Donde proveio aos apostolos a força para abater o despotismo de todos os erros, e de todos os vicios; destruir todo o poder da terra e do inferno que os sustentava, invalidar todos os esforços e inutilisar toda a sciencia e toda a habilidade dos homens?

D'onde proveio a victoria dos fracos contra os poderosos, dos ignorantes contra os sabios? Acaso procederão estas maravilhas d'uns póucos de pescadores rudes e humildes, que se deixam degolar como mansos cordeiros, e que só sabem fazer oraçoens e oppôr a mansidão e o soffrimento ao furor de seus inimigos? Submetteu-se toda a terra ao que havia de mais pobre e despresivel, ás humilhaçoens e ignominia d'uma Cruz, ou ao simples enunciado desse mysterio, escondido desde a origem do mundo, que era um escandalo para o judeu e uma loucura para o gentio? Seduziu o mundo uma doutrina nova, que lisongeava as paixoens? Foi devida esta mudança a um conquistador famoso, que, com o terror das suas armas, e com a fama do seu nome, dominava a terra e a sujeitava ás suas leis? Deve-se esta mudança a uma sociedade filosofica, que com o seu profundo saber e com a força da sua dialetica e eloquencia dissipava todas as duvidas, e convencia todos os entendimentos? Como se fez esta mudança, como se plantou no meio de naçoens tão

---

(2) *Souvenirs de la jeunesse de Napoleon*, par M. G. Libri. (*Revue des deux mondes — janvier, fev. mars.* 1842.)

(3) Este *Démasis*, que a muito custo recebeu do imperador 300$ francos, foi depois administrador geral dos jardins da corôa com 30$ francos annuaes; e seu irmão governador d'uma praça.

(4) Vide os folhetins da *Presse*, 5 e 14 de Fevereiro de 1846. Historia do captiveiro de Santa Helena pelo general Montholon.

oppostas em interesses, tão differentes e desconhecidas em linguagem e costumes, essa Cruz objecto de escandalo e de ignominia para o mundo? Como é que aos pés della se veio prostrar toda a terra? Como é que vieram adora-la e render-lhe seus cultos e homenagens os grandes e os poderosos, quando ella os condemnava com o seu ridiculo orgulho, com todas as suas pompas e vaidades? Quem foi pois, que moveu os homens para que escutassem a voz d'uns poucos de peregrinos, que só pregam a mortificação e a penitencia, que fazem consistir a virtude n'uma guerra viva, n'uma lucta continuada contra a naturesa, em nos vencermos a nós mesmos, em domar a carne pelo fervor do espirito, que nos impõe como um dever o despreso de todas as coisas do mundo, de todos os gostos e prazeres da vida, que nos fazem considerar tudo o que perece com o tempo, tudo o que desce comnosco á sepultura, como uma vaidade, como uma nullidade perfeita, como indigno de entreter uma alma, que tendo destinos immortaes, só póde ser felicidade por um bem immortal como ella; que nos impõe em fim como condição para sermos filhos de Deus, a que não podemos faltar sem deixar de o ser, o aborrecimento do mundo, para que despidos dos affectos carnaes e desapegados de todos os bens da terra ponhamos no céu a nossa esperança e consolação, vivendo no entanto de pouco e este mesmo esperando-o todos os dias da divina providencia, e para dizer tudo n'uma só palavra, para que um só pensamento nos occupe, e enleie o nosso espirito Deus e o seu amor! Quem moveu o entendimento dos homens para conhecer a verdade e lhes moveu o coração para praticar a virtude?

O milagre dos milagres, diz Bossuet, é que com a pregação do Evangelho se espalharam pelo mundo as virtudes mais eminentes!

Os innocentes castigaram com um rigor extremo esta propensão prodigiosa, que temos para o peccado, e os culpados entenderam que a penitencia da mais longa vida era apenas sufficiente para expiar um só peccado, que nos fizera perder a amisade de Deus e nos condemnára ás penas eternas. Os desertos foram povoados de solitarios, e solitarios ainda mais perfeitos foram procurar desertos ainda mais solitarios. Povoou-se o mundo de homens, que se desprendiam de todas as coisas visiveis, de todos os affectos do mundo, de todos os laços da naturesa, de todos os vinculos da carne, para só viverem para o seu Deus, para só terem no céu o seu coração, o seu amor e os seus affectos: povoou-se o mundo de homens para quem a vida era um enojo, o mundo um desterro, a morte um triunfo! Ah! quem produziu prodigios tão estupendos, maravilhas nunca d'antes ouvidas?

Mas se o mundo convertido rendeu uma solemne homenagem á divindade do Christianismo, como a avaliarão aquelles, que tiveram a desgraça de a não reconhecerem?

Acaso impugnarão, ou contestarão elles a certesa dos factos, que lhe serviam de fundamento? Que cunho de authenticidade não devia ter a pregação dos apostolos, que fez immudecer uma nação, que chamam a juizo, que por escripto e palavra accusam do maior de todos os crimes, ou d'um deificio, que lhes citam as provas, os factos, os documentos publicos, que o certificam e que disso a convencem, e que ella se interessava por honra e brio seu um desmentir solemnemente?

Que certesa, ou que cunho de verdade não devia ter esta pregação, que se annuncia a um povo inteiro, e que se lhe apresenta, como incontrastavel, pelos acontecimentos, de que elle todo tinha sido testemunha, de que ninguem duvidava, porque todos o tinham visto com seus proprios olhos?

Que incontrastaveis não deviam ser aquelles factos, que offendem e desacreditam gravemente um povo, que se lhe apresentam como publicos e como prova manifesta da sua iniquidade!

Que demencia, que inepcia, ou que descaramento não seria o daquelle, que chamasse um povo inteiro como testemunha daquillo, que nunca viu, ou lhe recordasse factos, que nunca existiram! Acaso haveria um só homem que acreditasse? Podia alguem persuadir-se que sabia, o que não sabia, e que viu, o que não vira? Acaso passaria elle sem o stigma de um vil falsario, ou de um ridiculo impostor? Não seria elle logo condemnado como um louco, e encarcerado como tal?

Formar-se-hia logo á sua vista uma assemblea numerosa composta dessas mesmas pessoas, que se deviam dar por offendidas, que tomaram estes factos por fundamento da sua fé e da sua crença e que deram a sua vida em obsequio a elles?

Em quanto aos filosofos e hereges, será menos authentico e menos brilhante o seu testemunho? Que grau de certesa não deviam ter estes factos, ou a pregação dos apostolos para confundir todos os seus inimigos, que sofistas insignes tratam de deprimir, porque não podem contesta-la, que uma filosofia sempre rebelde á auctoridade trata d'explicar por causas naturaes, porque nada póde contra a certesa de que se reveste; que uma infinidade de hereges, sahidos mesmo do meio dos apostolos, não ousam contradizer, combatendo com furor a sua doutrina, que um sem numero de seitas dos primeiros tempos, apesar de fazerem uma alliança impia do Christianismo com a filosofia, e de impugnarem a divindade de Jesus Christo, não podem deixar de reconhece-lo como um genio de superior esfera descido do céu á terra para esclarecer os homens, porque nada podem contra a evidencia dos factos, em que assenta a sua missão divina!

Que incontestavel não devia ser a pregação dos apostolos, ou os factos em que elles fundamentam a divindade de Jesus Christo, para que os judeus se lembrassem attribui-los a uma arte secreta, que Jesus tinha aprendido no Egypto, ou á virtude ineffavel do nome de Deus, que, segundo os judeus, póde tudo, e que Jesus Christo tinha descoberto no templo, sem se saber de que modo, como se Deus podesse ser contrario a si mesmo? Para que um Celso, que procurou com diligencia incansavel desacreditar o Christianismo e que nada lhe escapou, d'aquillo, com que podia deprimi-lo; para que um Juliano, de cuja malicia e sagacidade, ninguem duvida, em vez de os negarem se satisfazem em verem nelles operaçoens magicas, intentando persuadir que Jesus Christo se fizera intitular Deus pelas maravilhas, que obrara por força desta arte detestavel?

Que incontrastaveis não deviam ser aquelles factos, que foram reconhecidos por verdadeiros pelos maiores inimigos da religião e confessados por aquelles mesmos, que tiveram a desgraça de não reconhecerem a Jesus Christo por um Deus? Que estrepito não deviam elles ter feito no mundo, e que respeito e veneração não deviam ter inspirado aos pagãos para que a santidade, ou a vida prodigiosa de Jesus Christo fosse reconhecida pelos mesmos oraculos do paganismo; para que um Profiro visse nelle um homem pio e digno da immortalidade, que estava no céu com os deuses e com as almas santas; para que Tiberio, segundo as relaçoens, que lhe foram enviadas da Judea, proposesse ao senado, que se tributassem a Jesus Christo as honras divinas, como affirma Tertuliano na apologia, que apresentou ao senado em nome da Egreja, cujo facto elle refere, como sendo de notoriedade publica? E acaso poderá alguem persuadir-se que Tertuliano tomasse por fundamento da sua defesa uma falsidade conhecida, ou désse como publico um facto, que o não era? Acaso ousaria elle impôr com semelhante extravagancia ao senado e ao povo romano? Para que um Aurelio lhe mandasse levantar templos e altares; para que um Alexandre Severo lhe désse um culto particular e intentasse pô-lo no numero dos deuses, segundo o testemunho de Lampridio, escriptor pagão? Para que mais tarde o maior inimigo do Christianismo o famoso auctor do Koran, tão insigne pelas suas revelaçoens, como pelas suas armas, por seus crimes e imposturas como por seus feitos militares em que lançou os fundamentos do mais vasto imperio que tem visto o mundo, podesse negar a divindade de Jesus Christo, conta-lo sómente no numero dos grandes profetas enviados por Deus a terra, para instrucção dos homens; mas não podesse deixar de reconhecer authenticamente os seus milagres e de vêr nelles o poder de Deus?

Estes milagres, diz um escriptor judicioso e não suspeito, tinham um tal grau de notoriedade publica, que ninguem se atrevia a contesta-los!

E na verdade qne authenticidade não deviam elles ter, para que todo o mundo os reconhecesse como verdadeiros, ainda aquelles, que os examinaram com má fé, com o perverso designio de os convencer de falsos; para que amigos e inimigos déssem um solemne testemunho á verdade?

Não ha lugar a disputas : a vinda do homem-Deus foi um facto publico, que se annunciou a toda a terra e que toda a terra acreditou, depois do mais renhido combate e rigoroso exame porque podem passar as cousas humanas,

Se o mundo pois o discutiu e acreditou como verdadeiro, depois de o haver severamente examinado, quem é que póde hoja pô-lo em duvida e chama-lo a novo exame? Quem poderá convence-lo de falso, ou desmentir o testemunho do genero humano?

Ah! que maior testemunho se póde dar d'um facto do que ser reconhecido por verdadeiro por uma geração inteira e que o transmitte como tal ás geraçoens futuras?

A divindade pois de Jesus Christo assenta n'um facto publico, reconhecido por todo o universo, tão claro e tão brilhante, como a luz do sol: facto emfim, que ninguem póde contestar, porque os seus maiores inimigos, como vimos, se não atreveram a faze-lo.

A conclusão é pois obvia de si mesma; ninguem póde deixar de ser christão sem fechar os olhos á luz da verdade, sem mostrar, que está cego e allucinado: é pois logo de necessidade que seja christão todo o homem entendido e rasoavel, assim como, para se ser incredulo, é de necessidade ter uma força de loucura, que resista á verdade conhecida, um entendimento embrutecido, ou uma vontade depravada, que vai por veredas erradas conhecendo, que o despenham n'um abysmo. Se ha uma credulidade, que tudo adopta sem exame, ha tambem uma incredulidade, não menos funesta, que resiste á mesma evidencia e que não é mais do que uma cegueira, uma obstinação demente e pueril.

Concluamos pois, com um famoso apologista da religião, dando graças á divindade por se haver dignado que a mais importante das verdades fosse tambem a mais certa, e que não fosse possivel duvidar mais da divindade de Jesus Christo, do que da existencia de Cesar, ou de Alexandre, de que ninguem duvida.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

LOUVORES A DEUS.

Coeli et terræ ennarrant gloriam Dei!
PSALM.

Que diz a florinha brotando entre as rochas
E abrindo mimosa da calma ao ardor?
— Que diz a rolinha gemendo na selva
Saudosos suspiros de goso ou de dôr?

Que diz a fontinha que d'entre os fraguedos
Tão branda, tão doce se vê deslisar?
— Que diz o murmurio da aragem fagueira
Que passa de noite nas praias do mar?

Que dizem as vagas altivas bramindo
D'encontro aos rochedos com lugubre som?
Que diz a tormenta rugindo no espaço?
Que diz o medonho roncar do trovão?

Que diz a estrellinha brilhando nas trevas?
Que dizem os raios ardentes do sol?
Que diz alta noite, trinando sósinho
No centro dos bosques, gentil rouxinol?

Que diz meiga lua sulcando de nuvens
Um mar procelloso? — Que diz o chorar
De meigo innocente que á luz vem do dia;
Que a dôr desconhece de intenso penar?!

Que diz a ovelhinha balando no prado?
Que diz a natura nos canticos seus?
Que diz dentro d'alma celeste harmonia?
Que diz tudo isto? — São hymnos a Deus!!

* * *

EDUCAÇÃO.

XI.

Educação moral, considerada socialmente.

A MORAL póde dizer-se alma e vida de todo o corpo social, que, sem ella, elanguesce e dissolve-se. Se, em particular, tratamos da educação moral, é para melhor fazer apreciar-lhe a importancia e necessidade. Por certo que não queremos destacar a moral da religião: tal pensamento seria criminoso e impio. Assim, apraz-nos altamente reconhecer, que o Christianismo é a fonte fecunda e inexgotavel d'onde a moral necessariamente afflue: é o foco ardente e immortal onde ella aspira a sua força energica, e o seu calor vivificante. Pela suavidade de perfumes que ella ressuma, a superioridade da moral evangelica sobre a que se gera nas entranhas corruptas da filosofia, foi sempre reconhecida. Voltaire e Rousseau, por um contraste bem estranho, publicaram-no, d'envolta mesmo com seus erros monstruosos; e se a moral filosofica alguma cousa fez a bem da humanidade, foi sempre impotente no cicatrisar da chaga, que a devora no longo decorrer dos seculos. Esta chaga hedionda, este cancro roaz, este inimigo mortal e implacavel da humanidade, é o interesse pessoal, é o gélido egoismo.

Só ao Evangelho pertence, conferindo ao homem a verdadeira emancipação moral e intellectual, destronar esse tyranno do Universo; e, se já em nossos dias não é completa a sua victoria; se, nas classes numerosas da sociedade, e sobre tudo nos mais honrosos empregos, e, que, por isso, reclamam mais generosos sacrificios, ainda ha quem se atraiçóe pela ambição e sordidez do interesse, destes, a tarefa odiosa, suas intrigas surdas e despresiveis, desvendadas pela penetrante vigia do sabio, para sempre os priva da consideração da patria, e chama sobre elles uma justa abominação

Era um direito exclusivo do Evangelho ensinar á humanidade que ella é uma só familia, que todos os homens são irmãos, pois são filhos d'uma mesma mãe — a Providencia! — d'um pai commum — Deus! Desgraçado aquelle que esqueceu estas immutaveis verdades, e finge ignorar que a beneficencia e o reconhecimento são os dois mais fortes vinculos da sociedade, as suas bases fundamentaes e consecutivas!....

V.

Ensino moral.

O ensino moral deve principiar em tenros annos. A sollicitude materna, tão previdente e sollicita, deve necessariamente tirar todo o partido possivel da infancia, para formar o coração flexivel da creança. A época d'uma cruel separação depressa chega. Com pesar, a terna mãe confia esse precioso deposito, embora nas mãos d'um mestre consciencioso e illustrado. O menino cercam-no ainda os brilhos da sua aureola de ingenuidade, candura, e innocencia primitiva. E' então que deve para elle realmente começar a sua educação moral. Ao entrar no collegio, deve tudo afigurar-se-lhe a imagem das virtudes que embellesam seu coração, e recordar-lhe os deveres que tem a cumprir. A execução deve, com exemplos, facilitar-se-lhe; e com liçoens e discursos alinhar-se-lhe o seu futuro; mas, sobre tudo, importa affeiçoar-lhos pela debilidade da

intelligencia, inconstancia e ligeira d'espirito, que muito importa captivar.

Mostrai-lhe a virtude sob risonhas imagens, colori-lha sempre graciosa, e pintai-lhe o vicio em toda a sua negrura. Umas vezes um conto de entreter coará a moral em sua alma, picando-lhe a curiosidade; outras uma narração grave, excitando sua mobil attenção, virá ao mesmo fim.

Entretanto, o menino cresce, suas faculdades intellectuaes desenvolvem-se com o corpo, pelo exercicio robustece-se sua memoria. Que não venha sem fructo o desenvolvimento desta preciosa faculdade, a mais importante da sua educação: dai-lhe, em lição, fragmentos moraes e religiosos; iniciae-o no uso da narração oral com os vossos discursos modelados pela intelligencia do discipulo.

Por estes simples meios, a moral penetrará insensivelmente em sua alma, porque vós sabeis que o coração de um menino é terreno fertil que dá cem por um grão que se lhe semeia.

Mestre, que reconheceu a extensão de seus deveres, considera-se pai dos meninos que educa; com sua vigilante sollicitude segui-los-ha em todos os escaninhos do dia; far-lha-ha sensivel aos olhos pela decencia, e resguardo da puresa, mas tambem da presumpção nos trajos. Sua vigilancia paternal espreita-los-ha no leito onde repousam, em volta do qual se respire um perfume de honestidade.

Tudo, na educação moral, deve tender a escudar os meninos do imperio das paixoens, excitando-lhe na alma, pelo horror ao vicio, o amor á virtude.

Recompensai-lhes as boas acçoens: e puni as más severamente: dar-lhe-heis assim ideias exactas do merito e demerito. Applicai, muitas vezes ao seu procedimento esta maxima, que rigorosamente resume toda a noção da justiça: « não faças a outrem o que não quererias que te fizessem. »

Um mestre esclarecido desenvolve progressivamente a seus discipulos todas as seçoens da moral, fazendo-a, por assim dizer, guiar desapercebida em todos os seus passatempos, e liçoens; mostrando-lhes quanto a ignorancia envillece o homem, e que más consequencias d'ahi provém. A miudo lhe recordará os deveres da justiça, formulados nesta maxima « faz a outrem aquillo que quererias que te fizessem. »

Vós que tomaes a peito de formar a mocidade, pintai-lhe o despresivel da mentira; ensinai-lhe a respeitar a reputação dos seus semelhantes; nunca os deixeis olvidar que a honra é a alma do corpo social; que o egoismo é o seu inimigo mortal, e que o prejuro excita o despreso de seus concidadãos. Lembrai aos meninos, que vos confiam, a obedienoia, amor, e respeito que devem aos auctores de seus dias; fallai-lhe com vehemencia do amor da patria, pela qual é doce a morte.

E, mais tarde, quando elles estudarem filosofia, apreciarão melhor a utilidade e justesa da theoria moral, cuja lhe tiverdes feito vêr a feliz applicação. Se empregardes vossos esforços nesta nobre empresa, podeis esperar que uma tal educação não vos será sem fructo; pois que, apreciadores das solidas vantagens que tiraram della, elles hirão naturalmente á origem d'onde vieram, e vos retribuiram esforços e fadigas, em testemunho de sua gratidão: ouvi-los-heis confessar, que, se a seus pais devem a vida fisica com as urgencias que ella reclama, a vós são devedores da vida intellectual e beneficios d'uma educação completa sabiamente harmonisada com todas as necessidades do homem. Sereis, então, perfeitamente ditosos com a ideia d'uma gratidão eterna, e os meninos, formados por vós, não poderão esquecer, que se se paga uma divida material de preciosos cuidados de educação, a divida do coração é impagavel.

(*Continúa.*)

O SUICIDA.

O sol já vae no occaso! — Os frouxos raios
Com tibia luz o céu doiram, saudosos
D'um dia que morreu! — Ao largo, ao longe
O mar semelha um campo de batalha
Depois de terminada ardua peleja,
De sangrentos cadaveres juncado
E tudo em torno respirando a morte!
Negreja além gigante penedia
Os impios a aterrar; mudo fantasma
Das cavernas da morte! —
Em fragil barco
Das ondas á mercê, vaga perdido
Mancebo, que perdeu risonhas crenças
Dos sonhos da cançada fantasia!

— Amára! — Viu coar-se-lhe a existencia
No filtro da amargura, entre os sorrisos
Do idolo, que ergueu no altar das crenças!
Sentiu voar-lhe d'alma e espedaçar-se
Aos pés d'uma mulher, magas esperanças,
De infernal gargalhada ao som medonho!
As lagrimas pungentes do desgosto
No silencio da dôr tragou sósinho!
Da vida o véu risonho de venturas
Sentiu despedaçado ás mãos cruentas
Da perfida, que amou! — Que lhe restava?...
— A sós no mundo, orfão de prazeres,
Cançado de soffrer, de dôres farto,
Consoladora ideia lhe fulgira
Na mente afogueada... — era o suicidio!...

Que faço eu na terra, sósinho, sem crenças
Sem nada que á vida me possa prender?
— Maldicto o cobarde que treme ante a morte;
Que altivo não sabe vingar-se e morrer!

Lá longe, entre as vagas! — Que importa que um dia
Meu frio cadaver á praia vá dar?...
— Vinguei-me do mundo, que escarneos me déra!
Vinguei-me da ingrata! Que mais desejar!?

Deixaram-me todos? — Que importa! Do oceano
Nos humidos braços hirei repousar!
Mas antes, erguido no cimo das rochas
Um riso de escarneo lhe quero offertar!

Não temo! — Que valem crueis prejuizos?
Que é isso de inferno? — Chimeras! — E Deus?...
Mentira dos homens! — Morrendo... acabou-se!
Não ha mais pesares, inferno, nem Céus!...

Ao largo!... Onde a terra não possa avistar-me
A's vagas meu corpo rojar poderei!...
— A'vante!... Meu termo chegar-se já vejo...
Não tremo ante a morte! — Morrer saberei!

E a tormenta rugiu! — Das grossas nuvens
A chuva se despenha acompanhada
De medonhos trovoens!..
O raio fulge rapido no espaço;
O mar brame; e o baixel é fragil brinco
De altivos vagalhoens!

E o impio ergueu-se! — Na elevada fronte
As compridas madeixas a tormenta
Uivando levantou!...
Pelo vasto oceano alonga a vista....
E ao troar do trovão, rugir das vagas
Um sorriso soltou!

« Que sublime espectaculo! Meu tumulo
« Não precisa epitafio; a naturesa
« O meu responso faz! ..
« Mas quando o meu cadaver fôr sepulto...
« Que lemma lhe porão?... Talvez... cobardes!
« *Aqui um impio jaz!* »

E sorriu-se!... Sobre as vagas
Par'cia o genio do mal!...
Lançou as mãos á cintura...
Procurou... era um punhal!...

« Companheiro de infortunios,
« De venturas o vaes ser;
« Vivi comtigo cingido
« Quero comtigo morrer!

« Póde ser que um navegante
« Me possa as ondas colher!...
« Não quero dever aos homens
« A vida... nada sequer!

« Podes n'um rapido golpe
« Da vida me desquitar;
« Vamos!... nas vagas perdido
« Hão-de um cadaver achar!

Mas quando desesperado sobre o peito
O mortifero ferro levantou
Medonha vaga vem galgando o espaço
E a elle, e ao baixel.... tudo levou!....

Ei-lo luctando, além, de encontro ás vagas ..
Vendo a vida tam longe e perto a morte!....
Ai! quanto desejára nesse instante
Seu punhal p'ra findar tam dura sorte!...

Ahi vê da existencia o horisonte
Cerrar-se-lhe; e a morte aproximar!
Atraz fica-lhe um mundo de esperanças
Ali todos os sonhos vê findar! =

Cançado de luctar soccorro anceia
Mas d'onde se não cré? — Sómente Deus
Podia libertal-o ás mãos da morte....
Mas o impio escarnece o inferno, os Ceus.

Terrivel lucta se travou lá dentro....
Mas da campa a incerteza alfim venceu!....
Deixou voar-lhe o espirito ao Etérno....
Mas uma onda vem.... desapareceu!

Era ao romper da alvorada
Sobre a praia.... ao longe.... alem
Um santo monge ajoelhado
Um corpo immovel sustem!....
Era um pobre naufragado. ..
Tinha o corpo enregelado....
Não batia o coração;
De sangue a carne tingida
Mas dava signaes de vida...
Não estava morto.... inda não!

Breve espaço e os negros olhos
Ao bom do monge lançou
Meigo sorriso nos labios
Um momento lhe esvoaçou!
« Foi Deus? » pergunta, e sorri-se
Quando o bom monge lhe disse:
« *Quem mais vos póde salvar?*
« Ai meu padre, abensoae-me....
« E vós, meu Deus, perdoae-me
« Crimes que hia consumar!
.. ..

Morreu passados annos n'um mosteiro
Um monge, que em continuas penitencias
Como um santo viveu!...
Foi elle.... Nunca mais deixou vencer-se
De infernaes tentaçoens!.... Martir no mundo
Lá foi gosar do Ceu! —

Porto 30 de Julho de 1852.

A. P. Soromenho.

ANNO CHRISTÃO.

JULHO.

25 *Domingo.* S. Thiago, denominado o *Maior* por ser admittido no apostolado primeiro do que outro do mesmo nome, era irmão do evangelista S. João, e por tanto filho de Zebedeu e Salomé. Havendo, depois da Ascenção, pregado o Evangelho na Judea e Samaria, veio, segundo a mais bem fundada tradição, evangelisar tambem as Hispanhas, d'onde voltou a Jerusalem, e aqui soffreu o martyrio por mandado de Herodes Agrippa. Seu corpo foi depois trasladado para Compostella, onde é visitado por peregrinos de todo o mundo, que alli vão já para lucrarem as indulgencias a tal peregrinação concedidas, já esperançados de obterem por sua intercessão algum milagre, ou finalmente a cumprirem o voto por algum já impetrado.

26. *Segunda feira.* S. Symfronio, que tendo seu espirito inflammado no amor de Deus, supportou na Via Latina as chammas da fogueira mandada accender pelos intolerantes idolatras.

27. *Terça feira.* S. Pantaleão, nobre medico de Nicomedia, instruido nos dogmas da nossa fé pelo presbytero Hermolao, foi baptisado, e depois converteu elle mesmo a seu pae Eustorgio. Prégando publicamente em Nicomedia, foi condemnado ao potro dos tormentos, accrescentando ainda á violencia deste supplicio aquelle de lhe chegarem ao corpo lamina em brasa. Finalmente, sendo inabalavel a sua constancia na fé, foi passado á espada no tempo do imperador Diocleciano. E' venerado S Panlaleão como padroeiro desta cidade do Porto e a sua intercessão se attribuiu o não entrar dentro dos muros da mesma o flagello da *Peste grande*, quando no anno de 1598 e 1599 reappareceu e assolou todas as provincias. Invoquemo-lo pois para que aparte de nós esse contagio que tantas vidas de portuguezes tem ceifado nessa terra onde hiam procurar modo de vida.

28. *Quarta feira.* S. Innocencio V, de uma vida innocente e sciencia não vulgar, cingiu a theara no anno de 1276, e no mesmo anno a morte lh'a foi depôr para hir no céu cobrir a corôa de gloria devida ás suas virtudes.

29. *Quinta feira.* S. Martha, irman de S. Maria Magdalena e de S. Lazaro que Jesus Christo fez resuscitar, mereceu a honra de hospedar ao mesmo Jesus Christo em sua casa, e tanto se esforçou para que elle fosse bem servido, que elle lhe estranhou isto, dizendo-lhe com a brandura que costumava « Martha, Martha, tu tomas cuidado e te amofinas em muitas coisas, quando uma só coisa é necessaria. » Esta *uma só cousa* que Jesus Christo queria era que o amassem como Deus que era; e com effeito deste amor lhe deu ella provas; pois foi sempre fiel á graça, vivendo exemplarmente já em sua patria, já em Marselha onde milagrosamente aportou, sendo, com outros christãos, mettida em uma embarcação sem leme para que désse a pique. Finalmente, depois de uma morte tão suave como pura havia sido a sua vida, chegou á patria celeste.

30. *Sexta feira.* S. Rufino, que vivendo em Assis no santo temor de Deus, foi martyrisado pelos impios, que em todas suas acçoens viam uma censura ás delles

31. *Sabbado.* S. Ignacio de Loyola, nobre hispanhol, primeiramente empregado na côrte, seguiu depois a profissão das armas. Em quanto se curava de uma grave ferida recebida no assalto de Pampelona, lhe cahiu entre mãos um livro mystico, e então comprehendeu quanto é arriscada a salvação por esses caminhos embora nobres, embora gloriosos no conceito dos homens. Logo que convales-

ceu foi depôr as armas sobre o altar de Maria Santissima de Montserrate, e partindo daqui para Manresa se deu a todos os exercicios da penitencia, e cada vez se conheceu mais allumiado por essa luz que deixa vêr a vaidade do mundo; e concebeu o grandioso plano de fundar uma milicia religiosa, que viesse em auxilio de Egreja por tantos e tão astutos inimigos combatida. Com effeito foi elle o fundador da *Companhia de Jesus*, cujos relevantes serviços em bem da humanidade se deixam vêr mesmo atravez desses negros véus com quo seus perversos inimigos os teem querido encobrir. O anno de 1540 é aquelle em que esta providencial ordem estava organisada, e já no de 1541 mandou uma missão para as Indias. O nosso santo, depois de enriquecer-se de merecimentos para com Deus, foi gosar no céu de sua vista, e deve ser bem distincto o logar que alli habita.

CHRONICA RELIGIOSA.

FRANÇA. — No dia de S. Pedro, monsenhor Libour, arcebispo de Paris, recebeu na egreja do seu arcebispado a abjuração de dous mancebos pertencentes a familias distinctas. O abbade Bouget, vigario geral, administrou-lhes o baptismo; e o marquez de Valdegamas, embaixador de Hispanha, serviu de padrinho aos dois neofitos. Em seguida monsenhor Libour lhes endereçou uma edificante e eloquente allocução, terminada a qual lhes deu a divina Eucharistia e administrou o sacramento da confirmação.

E' ao abbade de Torrecilla, capellão do convento de Agostinhos, e a suas piedosas e doutas exhortaçoens a quem se deve a conversão destes jovens ao seio do catholicismo.

(*Esperanza.*)

ALLEMANHA. — Por toda a parte os filhos de S. Ignacio de Loyola ganham completo triunfo. Em Vienna assegura-se que vai publicar-se o decreto imperial chamando os jesuitas que haviam sido expulsos de Austria em 1848, restituindo-lhes todos os bens que naquella época se lhes haviam confiscado.

Em Dantzich os RR. PP. da Companhia de Jesus Haslacher, Potgeisser e Anderledi prégaram com successo prodigioso e ante um numeroso publico na egreja de Santa Brigida durante quinze dias. Tres sermoens prégavam cada dia e o resto do tempo era empregado no confessionario. Estes reverendos padres descançam agora de seus penosos e santos trabalhos em Oliva (antigo mosteiro famoso por sua magnifica situação a uma legua de Dantzich) para os continuar no proximo domingo na egreja parochial de S. Nicolau. Innumeraveis conversoens teem havido entre chamados catholicos allemaens.

(*Univers.*)

Berlin. — No dia 5 converteram-se ao catholicismo 31 protestantes. Tem isto causado grande sensação!

O proselytismo protestante ha feito vãos esforços para adquirir adeptos nas grandes populaçoens; mas está já cançado e desesperado da esterilidade de sua empresa. M. Baltex, evangelista protestante, residente em Cannes ha bastante tempo, acaba de partir. E' de crêr que não consiga resultado algum favoravel.

Chegou a Roma o bispo de Samos, vigario apostolico do Japão com o fim de submetter á approvação da sagrada congregação da Propaganda, as actas do primeiro concilio celebrado pelos bispos da China.

Piemonte. — Na egreja collegial de N. S. da Vinha um joven protestante abjurou de suas ideias, recebendo o baptismo das mãos do arcebisco de Pirgi. Foram padrinho o marquez José Marcos Durazzo, e madrinha a condessa Maria Bonaventuri.

IRLANDA. — O *M Chronicle*, de Londres, folha protestante, publica o facto seguinte, tomando-o do *Tipperary Vindicator*: Na ultima terça feira occorreu na egreja catholica de Nenagh um incidente de que todo mundo falla e que parece incontestavel. Uma pobre mulher, chamada Margarida Clifford pessoa mui piedosa e cega havia 6 annos, recobrou a vista em presença de todos os assistentes. Na dita egreja havia um formoso quadro da Virgem que devia rifar-se em beneficio das *Irmans da Mercê*. Conduzida Margarida diante deste quadro, poz-se de joelhos, e levantando-se logo no fim d'alguns segundos, exclamou que Deus pela intercessão da Santissima Virgem se havia dignado restituir-lhe a vista. Este facto é estranho; porém todos os que conhecem Margarida Clifford prestam-lhe inteiro credito.

Egipto. — No domingo da Santissima Trindade teve logar na Alexandria uma ceremonia muito tocante. O R. P. Leonard de Spipuo, acompanhado de todos os religiosos franciscanos, ministrou o baptismo a um escravo negro, que ha muitos annos o desejava. A noticia desta ceremonia levou muitissima gente a presencea-lo, não só os catholicos, senão os de diversas seitas que muito gostam das nossas festas religiosas. O P. Cypriano de S. Albano aproveitou a occasião para fazer ouvir a estes pobres extraviados da egreja palavras de caridade e a linguagem da verdade; e seus discursos fizeram derramar bastantes lagrimas. Os hereticos ao sahir da egreja pediam aos christãos lhes dissessem quando havia outra ceremonia. Mgr, vigario apostolico, não perde occasião de os attrahir ás nossas egrejas; e póde regosijar-se dos resultados.

No Cairo, onde a colonia christan se augmenta consideravelmente, os religiosos conferem o baptismo a tres mancebos. O R. P. Angelico parocho do Cairo queria que Mgr. augmentasse a solemnidade assistindo a ella, mas o prelado pelos muitos deveres que tem na sua vasta diocese, não póde chegar alli senão no inverno.

(*Univers.*)

ERRATAS DO N.º ANTERIOR.

NA poesia, onde se lê:

Meu Deus *fecho* pr'a mim teu livro eterno!...

Lêa-se:

Meu Deus *fecha* pr'a mim teu livro eterno!...

ANNUNCIO.

O 3.º numero da Bibliotheca do CHRISTIANISMO que contem a = NOTICIA DA APPARIÇÃO DA VIRGEM SANCTISSIMA NA MONTANHA DE SALETTE = acha-se a venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do CHRISTIANISMO, rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.ª 82 a 84; e em casa dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios contos do reino.

Vende-se tambem o 1.º numero, e *Hosanna*, collecção de poesias religiosas. O 2.º numero da Bibliotheca continua a publicar-se, e formará 1 tomo no volume do *Manual* de Roquette.

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

= O CHRISTIANISMO. =

PORTO — No escriptorio da redacção do *Christianismo* e do *Portugal*, rua dos Lavadouros n.º 24. BRAGA — snr. J. M. de Sousa, Porta Nova. VIANNA DO CASTELLO — snr. J. L. de Moraes, na Picota. GUIMARAENS — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14. BRAGANÇA, snr. F. J. Affonso. MIRANDELLA, snr. dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. TRANCOSO, snr. Francisco José Tavares Cardoso. VILLA REAL — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. COVILHAN — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. COIMBRA — snr. Mesquita, rua das Covas. MATTA (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Barata dos Reis. BATALHA — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire LISBOA — escriptorio da administração da *Nação*, campo de Santa Anna n.º 31, e snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. EVORA — snr Antonio Candido de Moraes Cerveira. FERRAGUDO — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim PONTA DELGADA — snr. Francisco José Machado. AVEIRO — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes. GUARDA — o snr. padre João Antonio da Silva Sampaio.

Preço (*adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$600 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 880 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 480 reis. Avulso 40 reis.

Vae franco de porte segundo a lei.

AGOSTO 7. 1852. — N.º 32.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O PADRE.

I.

Na terra não ha palavra, que mais depressa acorde no coração pensamentos do céu.

Padre, este titulo augusto, que nunca se mancha das impuresas de quem mal o exerce, nada tem com o homem, indigno delle, e parece refugiar-se no seio de Deus, donde viera, como vinculo sagrado, entre os attributos divinos e as fraquesas do homem.

A sua historia é anterior á das naçoens. A sua presença na sociedade é eterna como o principio, que representa, e como a religião individualisada na magestade de sua missão.

Buscai-o no berço das geraçoens: encontra-lo-heis rei, como Melchisedec em Salem, chefe de raça, como Noé nas montanhas da Armenia, ou sacrificador como Abel. Quem é o Padre?

« Nós somos os auxiliares de Deus » — responde S. Paulo.

E' magnifica esta jerarchia pronunciada pelos labios timidos do apostolo! Será ella uma imagem oriental, uma hyperbole d'orador, uma impostura de aventureiro? Deus, que fecundára o universo no seio do infinito por um acto incomprehensivel da sua vontade omnipotente, precisaria do verme da terra em seu auxilio? O Padre, como assevera S. Paulo, será o auxiliar de Deus?

E'.

Quando o Filho de Deus gotejou o sangue da Redempção, a face do mundo, orvalhada por aquelle sangue, devia ser, em seus fructos novos, um monumento perpetuo da passagem de Christo. Sobre as ruinas desse immenso emporio da corrupção, dessa vasta cidade pagan, que abrangia os horisontes da terra, uma nova cidade era fundada. Com os alicerces na terra, e as cupulas no céu, a Jerusalem celeste precisava operarios, cujos trabalhos fossem sacrificios, cujo suor fossem bagas de sangue, e cujas recompensas lhes fossem garantidas pelo thesouro das mercês divinas.

Os padres foram estes operarios, homens de trabalho, de lagrimas, de sangue, e de espirito ancioso por essas recompensas de gloria não comprehendida na terra. As pedras desse edificio celeste, desvastadas pela palavra do sacerdote, e collocadas pela mão do ministro de Deus, eram os homens, somos nós, serão nossos netos, será a ultima das geraçoens.

« Nós somos os embaixadores de Christo » — accrescenta S. Paulo.

E são ha desoito seculos. O mais profundo segredo do Senhor é o sacrificio do Calvario. Dos labios do padre póde o genero humano colher a revellação possivel desse augusto mysterio. Ha sobre a terra um reino divino que pertence a Jesus Christo, herdeiro de David.

Rei eterno, carecia de ministros iniciados no seu plano. Foram-no estes homens, que passam entre nós, filhos d'um seculo desvirtuado, e desvirtuador das missoens que nos deslumbram o entendimento, annullando-nos a rasão, tão orgulhosa da sua fraquesa!

Quereis avalia-los por um caracter que os separa dos *auxiliares*, dos *embaixadores* dos reis da terra? Olhai para vós, pequenos de hoje, que ainda hontem creis grandes na republica social. Olhai para vós, que perdestes o caracter d'um alto dignitario apenas o arremeço da politica vos repelliu de sobre a cadeira curil, que considerastes vinculada á vossa astucia, ou ao vosso merecimento.

Olhai agora para a fronte do Padre, e lá vereis o signal glorioso, que a mão do Eterno alli gravára ha 18 seculos! Recordai as iras tempestuosas, que tem conspirado contra aquelle distinctivo mysterioso do embaixador de Deus; lembrai-vos do punhal revolucionario que intentou achar no coração do sacerdote o sentimento exclusivo do espirito; juntai á morte a perseguição, e a colera dos aggressores á paciente humildade dos aggredidos; mas o caracter indelevel da sua soberania não lh'o vereis um instante perigoso nas tormentas do despreso que lhe votam, e das guerras traiçoeiras que lhe fazem.

Ha mil e oito centos annos, que o facho da verdade eterna entre as mãos dos levitas, illumina o mysterio daquallas palavras do mestre: « Vós sois a luz do mundo. » E onde é que não soam os eccos do Padre evangelisador? Que mão impiedosa póde apagar os vestigios de seus passos na mais inculta das naçoens, e na mais polida das cidades modernas? As hordas errantes d'Africa, os selvagens da Oceania escutaram-lhes as palavras de vida, que hoje resoam nos templos de Pariz, vibradas pelos labios inspirados de *Ravignan*, *Ventura*, e *Lacordaire*. Que maravilhosa consonancia de vozes! Que caracteres tão profundos o Verbo insculpiu nos milhoens de espiritos, que se exercem n'um mesmo pensamento! Que mensagem tão rigorosamente cumprida é a destes *embaixadores de Deus!* Que prodigioso derramamento de raios não espalha aquelle farol das naçoens, aquella privilegiada *luz do mundo!*

II.

Dizei ao olho penetrante do legislador, que sonde no fundo dos coraçoens o pensamento do crime. Folheai os codigos penaes, e buscai ahi a punição d'alguns delictos que os tribunaes não interrogam, nem adevinham.

Hide espreitar nas trevas os segredos que lá se riem das comminaçoens sanguinarias da justiça, e dizei á justiça humana, que devasse o foro interior do homem, ou ao carrasco, que vá puni-lo no fundo da consciencia!

Quem tem a chave dos pensamentos reconditos, quem desce á consciencia com a luz das consolaçoens, quem julga no tribunal do foro intimo do homem, é um outro homem, auctorisado por Deus, abraçado pela creatura, incomprehensivel mesmo no seu dominio, ao vermos a docilidade com que seus irmãos lhe franqueiam os mais pe-

rigosos segredos da sua vida. Este homem é o padre; é o *sal da terra*, que, não póde obstar á dissolução putrida dos nobres sentimentos do coração, quando a alma recusa assimila-lo ás suas aspiraçoens finitas, mortaes, e privativamente terrenas.

Se quereis a historia da civilisação europêa, se quereis civilisar a Asia, e a Africa, estudai-a no Padre que passou, e encarregai-a ao Padre, cujas prerogativas não poderam ainda os civilisadores da espada substituir entre os selvagens. Dai-lhe essa grande missão de sacrificios incriveis, e não cuideis que elle a recusa, porque o seculo lhe tirou suas honras e riquesas. O bastão do perigrino, e o Evangelho no coração, esses é que ninguem póde usurpar-lhes, e são essas as suas armas de triunfo; e os seus cantos de gloria são as palavras de benção e benevolencia para os seus perseguidores. E' que a margem que o Padre ambiciona aportar não é deste mundo; mas é elle o ponto que reune as duas margens — a do templo e a da eternidade — assim como S. Paulo o intitulara — ponto lançado entre o céu e a terra.

Os resplandores da gloria, e as riquesas do sacerdote estão na ordem espiritual. Como homem e como christão, o Padre tem uma patria, mas, como Padre, não a tem, se é que a sua patria não é o universo. Onde quer que a justiça reclama um executor, e o grito da innocencia a protecção d'um homem, ahi é a patria do sacerdote. O marco da cruz assignala a nacionalidade do padre; mas a cruz de Jesus Christo está arvorada nos confins do mundo conhecido, e á sombra della o seu ministro, providencia viva dos infelizes, acerca-se de desvalidos, de viuvas, d'orfãos, e de toda essa porção immensa do genero humano que pena as amarguras da penuria corporal e espiritual.

Quereis avaliar por um só facto a santidade dessa creação sublime? Quereis honrar o Padre, sem throno, sem respeitos, sem gloria, e sem vaidade da sua elevada jerarchia?

Contemplai-o na humildade com que recebe, em paga de seus disvellos pela humanidade, em paga da sua heroica renuncia, dos prazeres do mundo, a desdenhosa recompensa d'insulto, de despreso, e de sarcasmo, todos os dias formulado no livro d'ensino, no romance de recreio, e no jornal desmoralisador. Os adversarios implacaveis do ministro do altar não choraram ainda aquellas lagrimas, que Deus consola, quando o sacerdote lh'as offerece como suas!

.....

III.

O profundo caracter da sociedade actual é a miseria de muitos, confrontada com as accumulaçoens prodigiosas d'alguns.

O numero dos que precisam o balsamo da resignação para não travarem do punhal de salteadores, é muito grande. O numero dos que vivem contentes da sua felicidade, e dispensam palavras consoladoras, ou concelhos paternaes do sacerdote, é muito pequeno. A guerra perenne, em que Hobbes fazia consistir o equilibrio social, nunca foi tão afogueada, nem tão surdamente lavrou nas entranhas da sociedade. São muitos os infelizes que pelejam desesperados contra o mau successo das suas coisas. A desigualdade social, que os falsos amigos da humanidade lhes fizeram acreditar como causa efficiente das suas dôres, não admitte consolaçoens em quanto o pavoroso processo da anarchia não arruinar as instituiçoens viciosas desta pessima sociedade.

O coração do homem, irritado pelas privaçoens, baniu de si a esperança, que sorri desses mundos invisiveis, onde não ha gosos semelhantes a estes dos sentidos; e o coração, desligado do espirito, não póde comprehender outros.

O Padre era o interprete que fallava a linguagem do espirito, e fazia callar as exclamaçoens delirantes do coração. O Padre convertia a pobresa do christão em thesouros, que faziam o orgulho do soffredor, e do homem das consolaçoens. O Padre era ouvido primeiro que os systemas das reformas, e o Evangelho valia mais em suas mãos, que o estandarte revolucionario no punho de mentirosos reformadores do genero humano.

Que importam ainda esses pregoens de guerra, que chamam a humanidade para um progresso indefinido?

Quem progride é o crime, e a impunidade. Quem progride é a fome, e a desesperação. Quem progride é o desengano das coisas, dos individuos, dos systemas, e até da significação das palavras, que d'antes eram a maneira de os homens se comprehenderem.

E, por isso que o progresso do mal avança até onde lhe ha marcado os horisontes a mão de Deus, o Padre, cada vez mais grande na presença do seu destino, cada vez mais pequeno na presença dos regeneradores desacreditados, exerce hoje a missão divina, conferida a anjos de paz no centro de irmãos em guerra, e no coração de uma sociedade em agonias.

O embaixador de Christo não tem a recear-se das imprecaçoens odiosas dos partidarios de Lucifer. O caracter sagrado, que o faz invulneravel no centro de seus inimigos, deve dar-lhe uma coragem sublime, um espirito de paciencia, uma resignação de martyr. Estas virtudes são a garantia de todos os triunfos do espirito. Ha outras oppostas, indignamente apellidadas virtudes, que precisam ser salpicadas de sangue, e victoriadas por um canto de gemidos, para constituirem a gloria dos que não esperam outra fóra deste terreno que pisam, juncado de cadaveres.

Estes triunfos, estas acclamaçoens caprichosas, em quanto deliram no seu ruidoso enthusiasmo, não se occupam da viuva, nem do orfão, nem do enfermo, que se reclina mutilado, no seu leito, em quanto o Senhor a quem servira, galga ovante as escadas do Capitolio. A viuva bate ás portas da caridade, e pede alentos para soffrer ao ministro de Deus. O orfão, se a mão da beneficencia o não chamar para o seu regaço protector, chamará manhan ao tribunal das contas uma sociedade que o abandonára. O enfermo, esse não chama um filosofo para a cabeceira, nem um bravo para lêr-lhe a sua Ilyada na enxerga dos paroxismos. Quem elle invoca, no seu extremo descoroçoar do mundo, é o Padre, e o Evangelho, e a linguagem da esperança, que traz o doce esquecimento das precarias venturas, e inseparaveis desventuras da vida.

IV.

Ministros do Senhor! quereis levantar o espirito á elevada consideração, que deve ser-vos tributada?

Ouvide os santos e os sabios:

S. Ignacio, martyr, diz que o sacerdocio é a dignidade suprema, entre todas as dignidades creadas. (1)

S. Chrisostomo diz que o sacerdocio, posto que exercido na terra, deve ser contado no numero das coisas celestes. (2)

Cassiano diz que o Padre é superior a todos os poderes da terra e a todas as grandesas do céu: inferior, só a Deus. (3)

S. Diniz chama-lhe homem divino. (4)

Jesus Christo manda-o ouvir como a elle proprio. (5)

A sentença do Padre precede o consenso de Deus. (6)

A dignidade sacerdotal é a mais nobre de todas as dignidades na terra. (7)

A dignidade sacerdotal excede a dos anjos. (8)

São tantas e tão magestosas estas difiniçoens, estes conceitos sublimes do sacerdocio, derramados nos livros dos oraculos ecclesiasticos, quanto avillanadas e lamentaveis as gratuitas indicaçoens que desconsideram o clero no tribunal da impiedade *scientifica* destes nossos dias nubelosos.

Não sabemos aonde está a poesia e o sentimento deste

---

(1) *Omnium apex est sacerdotium* (*Epyst. ad Smyrn.*)

(2) *Sacerdotium in terris peragitur, sed in rerum cœlestium ordinem referendum.* (*Lib.* 3, *de Sac. Cap.* 3.)

(3) *O' sacerdos Dei, si altitudinem cœli contempleris, altiores; si dominorum sublimitatem, sublimior es; solo Deo, et creatore tuo inferior es.*

(4) *Qui sacerdotem dixit, prorsus divinum insinuavit virum* (*De cœl. hier. C.* 3.)

(3) *Qui vos audit me audit, qui vos spernit me spernit.* (*Luc.* 10, 16.)

(6) *Præcedit sententia Petri sententiam Redemptoris...* (*S. Pedro Dam. Serm.* 27.)

(7) *Nihil excellentius in hoc seculo.* (*S. Ambr. De dign. sac.*)

(8) *S. Thomaz.* 3 *p. q.* 22. *art.* 1. *ad.*

seculo, que tanto se ensoberbece d'aquelles attributos nobres! Sem crêrem no ceo, nem no enlace do reino espiritual com as cousas da terra, como pódem estes *idealistas sensuaes* despegar o pensamento do que ha mais positivo, para o altearem ao que ha mais sublime na creação d'um Padre! Mandem estes homens de « grandes aspiraçoens » como elles se classificam, á cabeceira do agonisante ajudar-lhe a partir sem dor, os vinculos d'uma existencia, que o prendia á terra, á esposa, e aos filhos; mandem-nos dulcificar aquellas lagrimas, que banham a cruz da redempção, suspensa nas mãos do sacerdote, cuja voz, abalada pelo seu proprio enthusiasmo naquelle *adeus* solemnisado pela morte, revela a inspiração de cima, que vem aos labios de seu enviado com palavras d'amor, de esperança e de misericordia, chamem os « sentidos aspiradores » da fylosofia pagan, e mandem-nos entrar no oratorio do condemnado para absolver, em nome do jury Celestial, o reo, que o jury da terra atirára aos braços do algôz. Mandem-n'os a elles, propagadores da impiedade, que sanctifica o crime, e, ao mesmo tempo, clamorosos pregoeiros contra a pena de morte, mandem-n'os atravessar as ruas do tranzito, com a face do justiçado apoiada no hombro, com os labios collados no ouvido do reo, com o sorriso da esperança nos promessas que faz áquelle homem, cujo apoio na terra, depois do seio do Padre, é o cêpo da estrangulação, que uma sociedade « illuminada » lhe decreta.

Homens, que cuspis o rediculo no que ha mais sublime entre nós, mostrai-nos a fonte das vossas inspiraçoes, apontai-nos o vosso sublime, que anceamos por comprehende-lo!

V.

Curritur passim ad sacros ordines sine consideratione. E' S. Bernardo, que se doe e geme ao ver tantos insensatos chegar ás ordens sagradas, sem considerar a sanctidade, que devem ter aquelles, que pertendem elevar-se a tão grande altura.

Quem sabe se a indignidade d'hum homem, ultrajador das vestes sagradas de levita, fez tanto rebaixar a consideração da sua classe?

Quem sabe se o sordido desprezador de seu augusto destino, foi dar-se em expectaculo aos olhos da fylosofia, para que ella o apupasse? Iria; mas esse homem levava já na fronte o estigma do desprezo que o clero digno lhe fizera gravar pela mão da sua propria indignidade.

A esse abandonai-o, mas não o ultrajeis, porque o caracter sacrosanto da sua missão lá o tem indelevel como o de Judas. Affastai os olhos desse homem, cujos crimes são a extrema offensa, a derradeira affronta ao Altissimo. *Nulla re Deus magis affenditur quam quando peccatores sacerdotis dignitate præfulgeant* (1). Mas se quereis dar todo o merito ao que é grande, comparando-o a uma grande magestade que voluntariamente se precipita n'um lodaçal, comparai o ministro do altar, digno deste nome, com o máu Padre, reprobo de Deus e da sociedade.

Camillo Castello-Branco.

DIVINDADE DO CHRISTIANISMO.

VI.

(Conclusão.)

Se nada ha tão bem provado e tão authentico como os fundamentos do Christianismo, ou os titulos da sua origem celeste, tambem nada ha tão vão, tão inutil e ainda tão louco e insensato como os esforços que se tem feito para combate-los, ou para lhes disputar a sua validade; porque destes esforços só tem resultado gloria para a religião por se ter manifestado cada vez mais brilhante o triunfo da verdade! Abracemos, pois, com transportes de alegria, uma religião, que fixa a alma pela fé, a sustenta pela esperança, e a aperfeiçoa pela caridade; que veio trazer o remedio para todos os males, e que é a ancora da salvação no meio das tormentas deste mar procelloso, em que vivemos: tão magnifica em suas promessas, tão pura em sua moral, tão fecunda em virtudes, tão poderosa sobre os coraçoens, tão prodigiosa pela sua extensão que abraça o mundo inteiro e pela sua permanencia no meio das revoluçoens, que destroem tudo o que é humano, tão respeitavel por essa multidão de genios eminentes, que a tem professado á desenove seculos!

Tudo o que ha mais sublime em genio e virtude, mais extraordinario pela sciencia e pelo talento, e mesmo mais interessado pelo orgulho em achar falsa esta religião, a tem descutido, examinado e profundado debaixo de todas as relaçoens e tem acabado por lhe prestar a fé mais completa! Que suffragios! Que gloria pois não deve ser a nossa em professar uma religião, que foi reconhecida por verdadeira por tudo, o que tem havido de grande, de sabio, e de illustrado no universo, cujos fundamentos os seus maiores inimigos não se atreverão a disputar! Que gloria não é ainda para esta religião, que não haja um só vicio, que ella não condemne, uma só virtude, que ella não persuada, que não haja uma só verdade, que tenha podido substituir-se-lhe; que se não encontre emfim fóra della senão monstruosos desvarios! Qual é aquelle, que a abandonou, que não tenha admittido systemas, que revoltam todas as ideias, que escandalisam a rasão, que chocam e offendem o senso commum? Que inconsequencias, e que desconcerto o do homem! ao passo, que elle regeita uma religião divina, para fazer valer os direitos da rasão, precipita-se em erros insustentaveis, em paradoxos e abstracçoens « filosoficas » de que elle nada entende, de que nada comprehende e de que não sabe dar nenhuma rasão. Que! serão mais consequentes os furores e as extravagancias do atheu, a quem a materia é a sua alma e o seu Deus, que se faz o triste brinco dos objectos materiaes, que absolutamente entregue á filosofia dos sentidos se atreve a despojar a divindade dos seus attributos, para com elles revestir a naturesa, vindo a ser por esta causa mais idolatra, que o mesmo paganismo, que adorava um Jupiter por autor do Universo, que nos pertende fazer persuadir, que a fermentação da colera e do sangue produzem o pensamento, e que é a esta, que devemos tudo o que os sabios teem produzido de mais alto e sublime; que nos manda emfim dar graças a esta lynpha, que circula em nossas veias e a estas fracas fibras, sempre expostas a romperem-se, por terem produzido tantos primores d'arte d'eloquencia e de talento, que formam a substancia das nossas bibliothecas!?

Será mais consequente o atheu, calcando aos pés nossas almas immortaes, lançando por terra os altares da Divindade, abjurando para sempre o seu culto e a sua gloria, mandando-nos abraçar os brutos, os carvalhos, as estatuas, como nossos similhantes, como nossos irmãos, fazendo-nos rodar como areia, com que o vento brinca nos ares, sem esperarmos outro destino; que nos faz contemplar o universo como palacio do acaso, aonde já não ha nem intelligencia, nem quem mande! Que será mais consequente este atheu fazendo rodar os astros sobre as nossas cabeças, sómente por habito, sem piloto e sem amarra, fazendo todos os tempos jogos dos elementos, e a todos os homens brincos das suas paixoens, dando-lhes por premio a impunidade de seus crimes, pondo a consciencia no logar das chimeras, fazendo da terra um logar de horror, aonde o mais fraco deve ser devorado pelo mais forte, um covil emfim habitado por tigres e leoens! Senhor Deus, que cahos sahido da intelligencia dos que vos desconhecem! Justiça, e leis! em vão se procuraria invocar-vos, vós serieis inuteis! a terra pertenceria ao mais valente, que não reconheceria outro direito e outra justiça se não a sua crueldade o seu furor, em quanto não fosse devorado por outro mais forte, ou mais afortunado!

Serão emfim mais consequentes e rasoaveis os absurdos do pantheista, do fatalista, do materialista, os desvarios do sceptico? Será mais consequente e rasoavel a ridicula divindade do deista, a ignorancia e estupida indifferença de Voltaire sobre um Deus, uma providencia, uma vida futura? Serão mais sensatas as eternas incertesas e vergonhosos desvarios da filosofia antiga e moderna?

Oh! como só é grande, só sublime e só rasoavel esta religião santa, dissipando nossas duvidas, fixando o nosso espirito e instruindo-nos sobre a nossa origem e sobre os

nossos destinos! Como é bella esta religião descobrindo-nos as suas verdadeiras riquesas, ou para o dizer melhor as suas luzes e as suas virtudes, produzindo os seus titulos escriptos pelo mesmo Deus lá nos céus com a data da Eternidade, manifestando-se á vista de todos os seculos, segura de todo o seu respeito e de toda a sua admiração! Como é grande esta religião chegando até a nós no meio das revoluçoens, e no decurso das idades, destruindo todos os seus inimigos, todos os sofistas e todos os impios, pondo em fugida a mentira, o crime e a desordem, sempre a mesma, sempre victoriosa, apesar das mais violentas perseguiçoens!

Que espectaculo maravilhoso diante do qual desapparece a mesma naturesa!! A' sua vista desapparecem os thronos, fogem os imperios, extinguem-se as grandesas, e só ella brilha com todo o seu esplendor! Opulentas cidades, edificios magnificos, sumptuosos palacios, soberbos mares, amenos rios, bosques, jardins, amenidades encantadoras, formosas e ricas estaçoens do anno que fazeis as delicias do homem, retirai-vos! Que sois vós á vista dos grandes objectos que a religião apresenta? Ah! tudo é pequeno á vista della!! Tudo se eclipsa com a grandesa! Tudo desapparece com a lembrança dos grandes bens que ella promette! Nada ha na naturesa, que não esteja sujeito a perecer, a mesma naturesa acabará; mas na religião a moral é incorruptivel, a doutrina inalteravel, e os seus thesouros eternos! O mesmo Deus a ligou do modo mais intimo ás nossas almas immortaes, e Elle só é o seu termo, assim como é a sua felicidade!

Que beneficios não tem esta religião derramado pelo mundo? Por toda a parte se encontram monumentos do seu zelo, e vestigios das suas conquistas a favor da humanidade. Desenove seculos publicam que o seu imperio é o da doçura e o da caridade, e que a sua auctoridade é a do mesmo Deus!!

Homens profanos e ridiculos sofistas! calai-vos, ou dizei-nos: surprehendeste-la já alguma vez fazendo alguma obra d'iniquidade, ou aconselhando alguma acção má? Já a vistes uma só vez que não persuadisse o bem, e que não evitasse cuidadosamente o mal, que não fosse o sustentaculo da virtude e o terror do vicio? Já a vistes como um despota que condemna á morte os que não observam as suas leis, ou como um tyranno que manda o que não póde cumprir-se? Em que parte se não manifestou ella com entranhas de misericordia? Em que paiz do Universo se não manifestou ella como verdadeira amiga do homem, como a luz da san filosofia, como trazendo a paz e a consolação ao coração? Ah! quando os seus ministros cahem em erros, ou commettem excessos é porque não escutam a sua voz, é porque a não praticam; e quando os impios a accusam é porque a calumniam!

Nascendo a religião no mesmo dia em que nasceu a luz, tendo ella o seu primeiro templo no coração do primeiro homem, não havendo contrahido nada que a macule em todas as idades, conservando-se sempre pura, sempre abraçada com a verdade e com a justiça, sempre inimiga de todo o excesso, de todo o zelo indiscreto, de toda a superstição e fanatismo — ella desafia todos os homens e todos os tribunaes do Universo para verem e examinarem se acham criminosa!!

Que seria do mundo sem a religião? E' por ella que se adoçam os costumes, que os povos depoem a sua ferocidade, que os reis tem entranhas de paes, que as paixoens tomam a tintura das virtudes, que as mesmas virtudes se divinisam, e que a paz reina sobre a terra!!

Acabarei este discurso, cantando a sua victoria e perguntando pelos seus inimigos.

Que é feito daquelles homens atrevidos, que usando da singularidade por grandesa imaginaram, com o seu impio systema, crear os seculos futuros conforme o seu gosto; que feitos victimas do seu orgulho procuraram persuadir a toda a terra, que sómente o terror havia produzido a divindade; que esta era uma palavra inventada para aterrar os cobardes e fazer tremer os fracos?

Aonde estão aquelles, que julgaram podiam governar o mundo sem Deus, que baniram a religião dos seus calculos, que não tomaram por arrimo senão a sua soberba, que não admittiram outra verdade senão o seu orgulho, os seus caprichos, ou a sua presumpção, outra regra se não os seus desejos, ou as suas paixoens, outra linguagem senão os seus erros e os seus desvarios, que despertaram todas as paixoens, que dormiam em seu seio, e que fizeram dellas um baluarte contra a verdade? Aonde estão emfim esses famosos sofistas, que, abandonados á effervescencia d'uma imaginação inquieta, trabalharam toda a sua vida para não terem outra recompensa dos seus trabalhos mais do que a triste sorte de serem lamentados pela posteridade? Morreram, e Deus é justificado pelo mesmo impio que cumpriu os seus designios, e a indignação, que lavrou os seus epitafios, rendeu uma nova homenagem ao Eterno!

E quem ha que poderia tirar do seu throno aquelle, que existe necessariamente, que enche tudo com a sua immensidade? Seria o homem que não é senão um vapor, fraca terra ha pouco tirada do nada? Seria o homem infeliz escravo, lançado sobre esta terra até ámanhan, em que tem de tornar a entrar nella? Seria elle que se atreveu a dizer que Deus é um ente imaginario, e que a existencia do Universo não suppõe a do seu Creador? Ah! elle fez tudo isso, logo que perdeu de norte a luz da fé!!

Com effeito, logo que o homem desconhece a auctoridade da religião, corre de precipicio em precipicio até abysmar-se em todos os erros e em todas as estravagancias; levanta-se contra Deus, e, ou nega a sua existencia, ou se subtrahe ao seu imperio, desthronisa o Senhor do Universo de todo o seu poder sobre as suas creaturas, constitue-se principio de si mesmo, seu fim e sua divindade! Depois desta rebellião contra Deus elle abre a porta a todos os crimes e a todos os vicios, não deixando a cada um por lei senão a paixão que o domina, e julga-se depois muito feliz em ter a sorte do animal, que pasta, e do verme, qua se arrasta sobre a terra!

Eis-aqui, filosofos, em que se cifram as vossas obras; só vos resta a triste gloria de ter corrompido e pervertido a terra e causado immensos males á humanidade!

Vós todos, que andaes pelo mesmo caminho, sabei que vos espera a mesma sorte: morrereis, restando-vos só a ignominia de vossos factos. Edifica-se sobre a areia quando se não edifica sobre a verdade: só a verdade, a titulo d'immortal, é que tem direito de conduzir-nos ao templo da gloria.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

A' SANTISSIMA VIRGEM MÃE DE DEUS.

DEPRECAÇÃO.

Ave, Maria! Virgem Santa, e pura!
Ave, Mãe do Senhor!
Benigna attende humilde creatura
Que invoca o seu favor!

A voz do coração, que a dôr opprime,
Se ergue em consternação!
Dá-lhe um ecco piedoso em teu sublime
Materno coração!

Um ecco divinal que santifique
Os ais, os rogos meus!
Que as vozes minhas leve, justifique,
Ante o nosso Bom Deus!

Minhas ardentes preces, Mãe piedosa,
Não recuses ouvir!
Do mundo afasta a sombra procellosa
De medonho porvir!

Lava funesta, que arremessa o vicio,
Do inferno rebentou!
E nas trevas de horrendo malificio
O Universo enluctou!

Do codigo supremo, essa grande obra
Que a rasão n'alma lê,
O homem livre se esquece, e a cervis dobra
A um fantasma que vê!!....

O mundo sem moral no horror se abysma
De impia destruição!
No throno da verdade ergue o sofisma
Co'o sceptro da illusão!

E o nosso Portugal que foi tão crente,
Tão fiel ao seu Deus,
A maligna influencia já resente
Grassar nos filhos seus!....

Mãe do Eterno! Sobr'ana Padroeira
Do nosso Portugal!
Do povo teu afasta a atroz cegueira!
Calca a serpe infernal!

Luz gloriosa! Assoma no horisonte,
Linda Aurora de Abril!
E as sombras fugirão, que em tua fronte
Cinges Estrellas mil!

Astro immortal que te elevas
A' immensa altura dos céus!
Que vences do abysmo as trevas,
Doiras do porvir os véus!

Estrella que portentosa
Ao Presepio nos conduz,
E reflecte luminosa
Sobre o estandarte da Cruz!

Um raio da luz immensa
Manda ao triste que descrê!
E a quem segue a justa crença
Tu Senhora augmenta a Fé!

Faze vêr que o Christianismo
A liberdade nos deu;
Que em seu Santo Cathecismo
A Lei de amor se escreveu:

Que Teu Filho Omnipotente
Foi no Golgotha expirar;
Pois quiz co'o sangue innocente
Os humanos resgatar:

Que a Cruz, no Universo inteiro,
Ha-de os braços estender;
Que o Christo é o Deus verdadeiro
De omnipotencia, e saber!

E guia nossas falanges
Que exaltam do Christo a lei!
São as mesmas que os alfanges
Quebraram do impio Molei!

Tem pennas em vez de espadas,
(Justo emblema se adoptou...)
E tem as lyras sagradas
Que o Senhor nos confiou!

Temos a voz do Universo!
Temos a luz da rasão!
Por trofeu povo converso
Da Cruz unido ao pendão!

Dá, Senhora, a tantas almas
Teu auxilio, Teu favor!
Do triunfo outorga as palmas
A quem segue o Redemptor!

Lisboa 1.° de Agosto de 1852.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

DEUS O QUER.

Essas duas palavras, tão significativas, foram a nossa intima exclamação, quando lemos a primeira Conferencia do Padre Ventura de Raulica. Importa primeiro saber quem é esse Padre. E, por desgraça, será necessario dize-lo? Os eccos dessa eloquencia prodigiosa não chegaram ainda a Portugal?

Por certo, não. Tal nome não será novo a raros de nossos leitores; mas os raios da gloria, que cinge a fronte desse apostolo de reputação européa, não queceram ainda este nosso terreno de serodios fructos

Antes de lêr as suas Conferencias, o simples nome de seu auctor suscita uma ideia sublime, que faz do orador um homem extraordinario. Antes de estudar o homem, estuda-se um facto. E' a apparição d'um italiano, que passa em Paris, e sobe o pulpito, e fulmina a filosofia dos racionalistas, e fere a duvida em todos os coraçoens, e illumina entendimentos fascinados pelas ideias novas d'elementos velhos, e desperta um brado clamoroso de respeito e admiração!

Quereis agora do homem uma noticia circumstanciada? Quereis saber como a França recebe esse conquistador das glorias de *Bossuet* e *Bordaloue*?

Lêde a advertencia dos editores de suas Conferencias; e no fim vos diremos, que rasão tivemos para copia-la.

ADVERTENCIA DOS EDICTORES.

« O mais abalisado elogio, que póde fazer-se ás Conferencias do Padre Ventura, é, seguramente, inscrever no frontispicio deste livro o nome de seu auctor.

Perguntando um francez ao soberano pontifice Gregorio XVI qual era o primeiro sabio de Roma, S. Santidade, apoz um instante de reflexão, respondeu: *E' o Padre*

Ventura. « Temos, sem duvida — proseguiu o papa — theologos, apologistas da religião, filosofos, publicistas, oradores, e litteratos distinctissimos; mas só o padre Ventura é tudo isto ao mesmo tempo. » Amigos, e inimigos harmonisaram em reconhecer que o Padre Ventura, e o abbade Rossini são as duas mais illustradas intelligencias d'Italia. Para nada minguar na sua gloria, estes dois homens notaveis, depois de haverem defendido a Egreja durante mais de trinta annos pela robustez do genio e do zelo, tambem ha pouco a tornaram edificante pela sublime docilidade da sua submissão.

Mormente, como orador, o Padre Ventura não tem rival no seu paiz. A sua oração funebre d'O'Connell, se outro titulo não tivesse, bastára-lhe para justificar o nome de *Bossuet italiano*, que lhe dá a Europa. Este primor d'arte foi traduzido em todas as linguas.

Mas os titulos do Padre Ventura são tão numerosos como brilhantes. Não os queremos enumerar aqui. Desejamos, todavia, assignalar um dos mais maravilhosos accidentes da sua carreira oratoria. Facto inaudito na historia do pulpito em Roma: quatro vezes, no espaço de seis annos, a instancias reiteradas do capitulo, elle prégou a estação da quaresma em S. Pedro; e, nessas quatro estaçoens, improvisou cento e quarenta homilias, setenta e cinco das quaes foram depois impressas. Soou então um grito unanime de admiração e quasi de assombro! Estas homilias, perfeitos modelos do genero, ostentam o methodo amplo e solido dos padres da Egreja da primeira ordem. Nellas derrama a jorros o orador todas as riquesas d'uma erudição san, e longo tempo sasonada: os textos da Escriptura cimentam-se, como espontaneamente, no todo, e a pura substancia dos santos doutores, com egual vantagem, soube assimila-la. Tal é o dobrado ponto de apoio dessas poderosas concepçoens. E' assim que desenvolve, á luz clara da logica, os mysterios christãos, applicando-os á moral. Se a fórma, se o fundo, não se sabe o que mais se admire.

Sem algum apparente artificio, suas ideias encadeiam-se sempre sobre um plano ousado, mas regular. Não escaceam no seu estylo as imagens e os movimentos, com quanto elle se imponha, a este respeito, muito prudentes economias. O que mais o distingue é a prisão e a clareza, a energia e a amplidão, e, por assim dizer, a orthodoxia da palavra: é ainda um prodigioso dom de originalidade que lhe faz encarar as questoens debaixo d'aspectos inteiramente novos, e que dá a cada um de seus discursos a importancia de uma quasi revellação.

O seculo XIX espera do Padre Ventura uma reforma salutar e immensa. As divinas Escripturas e os livros dos padres, quasi inteiramente banidos do pulpito, reintegrou-os elle. A' eloquencia de imaginação e de palavras substituiu-lhe a eloquencia da realidade e das doutrinas. Sua influencia, já visivel na Italia, começa entre nós a sentir-se egualmente.

Tal é o orador, cujas Conferencias hoje publicamos.

A França viu e ouviu este orador tão famoso, profundo, erudito, realmente incomparavel em facundia, em variedade, e tão admirado dos sabios como amado do povo. A França ouviu-o, e achou-o maior que sua propria reputação. Em presença da avida multidão, que enchia o recinto da Annunciação, julgou elle que o seu apartamento de Roma era um sonho apenas, e que as suas palavras soavam na basilica de S. Pedro ou S. André *della Valle*. Paris glorificou-se do Padre Ventura, e a provincia anciou por sua palavra. Suas conferencias d'improviso fundaram uma escóla sublime de eloquencia, onde affluiam nossos mais illustres compatricios. Ao sahir de lá, mr. *Berrier* dizia: « Ouvi S. Paulo fallando no Areopago, e commovendo todos os espiritos e coraçoens, com o seu tom de estrangeiro. » Depois da magestosa pintura de Deus, e dos attributos divinos, encontrada na 5.ª Conferencia, mr. de *Montalembert* um de seus mais assiduos ouvintes, exclamava: « E' admiravel! Eu não ouvi ainda nada mais bello na nossa lingua! » A imprensa de todas as variantes politicas e religiosas associou-se, sem reserva, a estes graves suffragios. Entre um grande numero d'apreciaçoens, que os jornaes publicaram, citamos o seguinte artigo, que nos parece definir com perfeita justesa as Conferencias e o seu auctor. E' elle devido á penna d'um escriptor celebre, pouco propenso ao enthusiasmo, e mais conhecido pela causticidade seductora de seu espirito, que pelo excesso de suas condescendencias com oradores sagrados.

« Evidentemente Deus fez da França a sua filha mimosa; mas pena é que a França não aproveite assaz este paternal carinho. Temos distinctos oradores de pulpito: em comparação das pobresas dos tribunaes e mesmo do parlamento, é uma irrisão citar-nos o seu pequeno numero. Excepto dois ou tres homens d'escolha, os grandes advogados morreram ha muito: as tribunas publicas estão sendo camarotes de bisbolheticas travessas. Ouça-se uma voz sonora, ainda que pouco grammatical, o fanatico enthusiasmo, que a victoria, accusa uma surpresa, mesquinha, e reduz-se, no fim de contas, a uma aviltante confissão de pobresa. Sem negar a inferioridade relativa dos modernos, como prégadores, nada me estorva de reconhecer entre elles alguns eccos remoçados da bella eloquencia que *Bordaloue* e *Bossuet* personificam na sua mais vasta expressão. Os padres *Cœur* e *Ravignan* são nomes que podemos pronunciar com legitimo orgulho. Cousa admiravel! — ha um monge dominicano, que a voga persegue, ha quinze annos, cada vez mais, neste povo versatil por excellencia, e cujo successo seria já de per si um maravilhoso signal de força, pondo de parte a realidade do seu indecifravel talento, que explica este successo, e o justifica. O padre Lacordaire tem quasi a fórma d'um genio d'apostolo e de uma gloria nacional.

E' certo, como já dissemos, que estes thesouros, tão preciosos e fecundamente derramados, não encerram tantos fructos, quanto é de direito desejar. Ainda ha nos santos auditorios alguns logares vasios. Poderia saber-se melhor o dom de Deus, como a Escriptura se exprime. Mostrai-nos, comtudo, mesmo em vossos clubs, no dia de vossas scenas mais enthusiasticas, a concurrencia que rodeia um prégador na época da quaresma! Comparai, se o quereis, a dignidade dos assistentes, a naturesa das sympathias e a extensão dos resultados.

Bemdito seja Deus, e reconheça a França o cuidado que ELLE toma em fazela grande, fazendo-a christan! Por mais privilegiado que seja ou que se julgue, não ha ahi povo que lhe cause invejas. Que digo eu? Ahi mesmo se revella a excessiva predilecção de Deus por ella. Parece que, afóra as suas proprias producçoens, os povos estrangeiros produzem em seu proveito. Deus põe o mundo inteiro ao serviço da sua gloria e salvação Aqui é o ponto de reunião obrigatorio de todas as santidades e intelligencias consagradas. Seja qual fôr o effeito de circumstancias combinadas ou fortuitas, tudo aquillo que sente em si agitar-se alguma cousa fecunda, lança-se, ou deixa-se ir a seus braços hospitaleiros. A França é a mãe natural do genio, quando mesmo ella creia que simplesmente o adopta. Esta verdade applica-se a todas as artes, a todas as sciencias, e a todos os generos de creaçoens da alma e do genio. Facilmente o provariamos, se preciso fosse, por factos, isto é, innumeras provas. Mas propomo-nos o fim unico d'indicar um exemplo magnifico.

Muito ha que a fama nos fizera conhecer o Padre Ventura. Diziam-se aqui immensas coisas a respeito deste religioso. Os seus livros, traduzidos em francez, apenas publicados em italiano, em Roma ou n'outra qualquer parte, auctorisavam-nos o apreciamento, salvos os inconvenientes d'um idioma de emprestimo. Entre elle e M. de Lamennais passára-se aquillo que nós apellidamos um esplendido choque sobre o terreno da filosofia e da politica. A lucta foi travada em honra dos dois campeoens, até á queda do primeiro.

Agitou-se em Roma a revolução, que todos sabem. Ventura, ex-geral dos Theatinos, exerceu então ahi uma influencia mais notavel que nunca. Era elle positivamente o homem da Italia como tambem o era do santo Pontifice Pio IX. O poderoso escriptor era orador não menos poderoso. Dominava com sua palavra multidoens comparaveis, pelo numero e enthusiasmo, áquellas que se acotovellavam em redor de Hortensius, e Cicero no antigo Forum. Tinha-as, por assim dizer, de sua mão. Um seu discurso tinha a importancia d'um acontecimento. A espaçosa egreja de S. André *della Valle*, quando Ventura ahi se esperava, enchia-se de tal modo, que a concorrencia dos ouvintes á egreja de NOSSA SENHORA, dará apenas muito pequena ideia. Parecia, diz um jornal de Roma, um navio gigantesco assaltado ao mesmo tempo por todas

as vagas, cujo rugido repentinamente se enfraquecia para deixar ouvir a voz d'uma tempestade magestosa. Por motivos, que nos não pertence aqui julgar, o padre Ventura não quiz acompanhar no seu exilio o augusto pontifice, de quem era, e ainda é extremoso amigo. Seria um erro? disseram-no muitos; mas elle julgou dar ao papa, na sua separação, um signal d'intrepidez de coração, e sacrificio Para a formação de um novo governo, já que elle ficára, devera reclamar-se o seu concurso. Longe de nós invectivas, que definitivamente não são da nossa competencia, mas uma justificação que só a elle pertence! ....(1)

Como quer que fosse, vencida a revolução, o estado dos espiritos fez pensar aos amigos do celebre Theatino, que lhe convinha affastar-se de Roma: fizeram-no partir por Civita Vecchia, donde passou a França.

Eis-aqui o que no-lo deu.

O bispo de Montpellier offereceu-lhe, primeiro, hospitalidade. Eram dignos um do outro: os coraçoens attrahem-se depressa, quando as intelligencias podem olhar se de face. Tornaram-se amigos, e nós poderiamos, a este respeito contar, passagens interessantes. A falsa reputação politica, imputada a este hospede illustre, torna-se o elogio do sabio prelado, que, notoriamente inimigo da revolução de Roma e de muitas outras, o admittiu com tanto afago e affectuoso disvello na sua intimidade.

Foi em Montpellier que o P. Ventura orou pela primeira vez, na lingua francesa.

Ha poucos mezes que chegou a Paris, e, rivalisando com *mgr. Thibault* em cortesias e amabilidades, *mgr. Sibour* offereceu-lhe o pulpito da Assumpção, porque o de Nossa Senhora era occupado pelo P. Lacordaire.

Inaugurou-se o curso de suas Conferencias em todos os domingos, ás oito horas e meia da manhan; e bem depressa a nomeada do P. *Lacordaire*, foi amplamente quinhoada por elle, senão obscurecida. As conferencias em questão são o objecto principal deste artigo.

O P. Ventura nunca vira a França. Por maior que fosse a sua aptidão em lêr obras francezas, aquelles que o não ouviram difficilmente comprehenderão o uso prodigioso que elle sabe fazer de nossa lingua. De ordinario falla-se bem aquella lingua que já se tem fallado. Mas neste homem tudo é extraordinario. Se, por acaso, como estrangeiro, encontra difficuldades em exprimir-se, essas mesmas lhe redobram o vigor da expressão. Fórça a palavra, por assim dizer, como conquistador; derruba-a, esmaga-a, e faz-lhe exhalar um grito sublime d'angustia. A temeridade muitas vezes produz arrojos de fortuna, mormente quando ella se aventura em nome do genio. Não receamos affirmar que poucos oradores francezes, na época actual, possam tirar da nossa lingua, unida e methodica, tantos e tão opulentos recursos. A mesma inflexão estrangeira do seu idioma, vibrada por uma lingua assim harmoniosa, presta um encanto particular á sua dicção.

Compara-lo pela acção, não é facil saber a quem. E' nobre e tranquilla sua presença: é extensa e sem asperesa a sua voz sonora; doce a sua pronunciação, posto que energicamente accentuada. Em S. André *della Valle*, oito ou dez mil homens, nos locaes mais apartados do pulpito, podiam ouvi-lo distinctamente. Contra o costume assaz reprehensivel dos prégadores francezes, e de todos os nossos oradores em todos os generos, elle agita pouco os braços, evita as inflexoens do corpo, conserva constantemente airosos o peito e a cabeça, nunca se curva no pulpito, e reserva esses effeitos para a opportunidade. De mais, esta figura recorda-nos exactamente a bella figura de *Bordaloue*: sobre os mais authenticos retractos que existem do eloquente jesuita, um grande numero d'ouvintes da Assumpção assignalam esta semelhança como pasmosa. Sómente os olhos são mais afogueados, e a tez mais animada talvez. A não destacar do complexo de traços um imperceptivel typo siciliano, hão-de ser da nossa opinião.

De feito, nessa larga fronte, pesam os pensamentos do principe dos prégadores; nessa grave postura, a sua austeridade; nesse methodo, a sua grande rasão; nessa leal abundancia de saber, a sua theologia. Mas neste, confessemo-lo, ha mais variedade, mais rapidez, mais invenção até, e mais calor sobre tudo. O sol d'Italia, e o fogo das tormentas sociaes passaram por lá: as emoçoens do desterro, e as vastas recordaçoens de *Bossuet*, e, se é licito dize-lo, a herança do sangue de S. Thomaz de Aquino, resentem-se nelle.

Crê-se muito pouco nos oradores que se gabam d'improvisar. O P. Ventura tanto melhor o faz quanto menos o diz. A sua memoria espanta-nos; e a sua memoria é a sciencia. Litteratura, poesia, filosofia, theologia, historia, mathematicas, &c. &c... oh meu Deus! não ha um só de seus discursos que não revelle uma incontestavel universalidade de conhecimentos reflectidissimos, muito coordenados, muito presentes, e de quilate superlativo. E' dizer muito, e nada dizer — que elle trata cada sciencia, como se tivesse sido, n'um homem do seu valor, objecto de uma applicação especial. O acaso — engano-me — a Providencia conduziu-o entre nós, seguramente, contra as suas previsoens Pelo que elle faz em França póde agourar-se o que teria feito em outros paizes onde a Providencia o chamasse. Ora, sendo a tarefa que elle se impoz, na Assumpção, combater particularmente os escriptores do nosso paiz, que envenenaram a filosofia, quem quer que o ouve, pergunta-se — se póde ser que uma existencia d'homem baste aos estudos que elle tem feito sobre este unico ramo. Nada foge á sua miraculosa memoria, e penetração fulminante; nenhum auctor, nenhum livro, nenhuma especialidade. A Encyclopedia, e a *Summa* são as menores obras que elle sabe *de cór*, como um bom christão sabe o signal da cruz.

Uma so coisa falta ao P. Ventura. E' um ambito mais espaçoso que o da Assumpção. Sem confiar nas profecias de algumas pessoas, que, por duas ou tres palavras equivocas d'um discurso de claustro, consideram para sempre finda a carreira do illustre dominicano (2), nós prevemos, e repetimos, que, bem cedo, o P. Ventura, a não succeder-lhe directamente, ao menos occupará alternadamente o pulpito de Nossa Senhora. D'ora ávante é nosso: tornou-se uma de nossas glorias; pois quem assim falla a lingua do paiz, é d'Athenas. A Providencia redigiu essas grandes cartas de naturalisação, e de certo a França de bom coração conveio nesse contracto. »

A estas notaveis consideraçoens do P. *Hippolyte Barbier* ajuntaremos só algumas linhas, que alludam especialmente á nossa publicação.

As Conferencias podem considerar-se uma apologia completa do Christianismo. Por attingir o seu exito, o P. Ventura seguiu uma estrada totalmente nova: quiz responder ao sensivel movimento de curiosidade, que arrasta os espiritos para as coisas filosoficas. E, assim, se impoz rebater as falsas filosoficas, que desmoralisam o seculo, com uma filosofia solida e pura: pelo que de suas Conferencias reunidas fez um grande tractado contra o racionalismo antigo e moderno. Ahi são analysados todos os systemas, e, com immensa auctoridade de juizo e de luz, discute-os peça por peça, para demonstrar-lhes victoriosamente a funesta futilidade. A lingua da metafisica nunca tinha sido fallada com mais claresa e valentia. Como já se disse, o P. Ventura deve a si proprio maravilhar-se!

Muitos jornaes trataram de reproduzir na sua integra estas admiraveis Conferencias; mas são inexactas as suas reproducçoens. Muitas vezes fazem dizer ao orador o que elle não disse, ou o contrario do que disse.

Na *Gazette de France*, o abbade *Chatenay* escreveu analyses, tão fieis como sabias, mas não passam d'analyses. E' por isso que pedimos ao P. Ventura, que authorisasse a impressão com o seu concurso: prestou-se pelo mesmo motivo, dizendo — *que era feliz deixando em França esta pequena lembrança da sua passagem.* O volume das Conferencias foi impresso debaixo da sua revisão, e principalmente nas primeiras partes modificou-as sensivelmente: desenvolveu certas passagens, poliu outras, e reuniu ao texto um consideravel numero de notas e esclarecimentos.

Realmente, a Providencia, como disse o P. *Barbier*, trata-nos com prodigioso favor. Em epoca de regeneração social e religiosa, deu-nos o doce e methodico talento de M. *Frayssinous*. Mais tarde, quando os espiritos, geralmente descridos dos brilhantes sofismas do seculo XVIII, mas tambem doridos d'um vago enojo, e d'uma impacien-

(1) Illiminamos consideraçoens politicas, que, supposto judiciosas, não nos pareceram bem localisadas.

O Traductor.

(2) Lacordaire.

cia incommoda, aspiravam a uma religião que os definisse, o P. Lacordaire veio com a maravilhosa celebridade dos seus meios e imperiosas conclusoens. Alguns annos depois, transformára-se a disposição dos espiritos: adoptára-se uma outra regra para investigar a verdade, e não aquella d'um extasis caloroso. Aos perigos da imaginação succedia o attractivo das controversias metafisicas: é nas entranhas da sciencia, que se procurava esta suprema verdade, inutilmente pedida ao enthusiasmo. Era preciso que a filosofia se fizesse introductora dos homens no sanctuario da pura religião; suscitou-nos Deus o P. Ventura. As suas Conferencias formam d'alguma sorte um todo historico com os daquelles seus dois gloriosos antecessores. Dando-lhes maior luz de publicidade, fica-nos a consciencia de servir efficazmente, da nossa parte, a causa da sciencia e a da religião. »

Não sabemos que mais addicionar a estas paginas, que são a acta dos triunfos do P. Ventura. Seria uma redundancia, tudo o mais que se dissesse, por muito que a linguagem se inspirasse da excellencia destas Conferencias. O mais que póde fazer ao publico quem tanto as admira, é traduzi-las para aquelles que não podem lê-las no original. Principiamos já este trabalho com vehemente vontade, com ambição de servir a causa que o livro serve, com anciedade em vê-lo na nossa lingua, senão formosa e energica, qual ella é, ao menos intelligivel e prestadia como são todas as versoens de livros bons.

O livro das Conferencias contem 544 paginas. Na versão avultará o mesmo numero. A assignatura, se fôr qual nós a esperamos, permitte custar 720 reis, com quanto o original seja vendido por 1$000 reis. Cada assignante que tomar 10 volumes recebe um gratuito. Não distribuimos prospectos; mas os senhores subscriptores podem fazer as suas assignaturas em casa dos correspondentes, abaixo indigitados, ou enviar-no-las directamente á *Rua Chan — n.º 44*. Desde o meado de Setembro começa a obra a ser impressa, para ser distribuida no fim d'Outubro, ou talvez antes, conforme a concurrencia dos subscriptores.

Camillo Castello-Branco.

Porto — No escriptorio da redacção do *Christianismo* e do *Portugal*, rua dos Lavadouros n.º 24. Braga — snr. J. M. de Sousa, Porta Nova. Vianna do Castello — snr. J. L. de Moraes, na Picota. Guimaraens — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14. Bragança, snr. F. J. Affonso. Mirandella, snr. dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. Trancoso, snr. Francisco José Tavares Cardoso. Villa Real — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. Covilhan — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. Coimbra — snr. Mesquita, rua das Covas. Matta (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Barata dos Reis. Batalha — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire. Lisboa — escriptorio da administração da *Nação*, campo de Santa Anna n.º 31, e snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Evora — snr. Antonio Candido de Moraes Cerveira. Ferragudo — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim. Ponta Delgada — snr. Francisco José Machado. Aveiro — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes. Guarda — o snr. padre João Antonio da Silva Sampaio.

ANNO CHRISTÃO.

AGOSTO.

1 *Domingo.* S. Anna, Mãe de Maria Santissima, era descendente da tribu de Levi, e foi recebida em matrimonio por S. Joaquim, que descendia da tribu de Judá. Vinte annos viveu no desgosto da esterilidade, porém resignando-se sempre com a vontade de Deus, mereceu que ao cabo delles concebesse e désse á luz Aquella que havia de conceber o Redemptor do mundo. Sempre caritativa — sempre incendida no amor de Deus — creou e educou sua privilegiada Filha; e quando esta tinha doze annos de edade, ella, depois de uma morte suave, foi no Limbo esperar que se operasse o resgate universal, para depois entrar no céu.

Item. S. Pedro *ad Vincula.* Commemora hoje a Egreja o modo miraculoso pelo qual S. Pedro, encarcerado e agrilhoado de ambas as mãos por mandado de Herodes, e com soldados á vista e em volta do carcere, foi solto e livre por um Anjo. Com effeito, estando toda a Egreja, como se refere nos *actos dos apostolos*, em continua oração, um Anjo desceu lá de noite ao carcere, e allumiando-o com o seu resplendor, acordou a S. Pedro, e lhe mandou que prestes se levantasse, e immediatamente os grilhoens se lhe desataram e cahiram. Logo lhe mandou que o seguisse, e assim foram passando por todas as guardas, até que, posto S. Pedro a salvo, o Anjo desappareceu.

2. *Segunda feira.* Nossa Senhora dos Anjos E' com esta invocação que em Assis foi dedicada uma Egreja á Maria Santissima, querendo o Serafico Patriarcha que fosse considerada como a cabeça de sua ordem, e impetrando indulgencia plenaria para aquelles fieis que o visitassem — indulgencia que depois o papa Gregorio XV tornou extensiva a todas as egrejas da ordem de S. Francisco.

Item. S. Affonso Maria de Ligorio, nobre napolitano, havendo-se graduado em direito com assombro de seus professores, que não imaginavam que fosse dada ao homem e em tão verdes annos uma esfera tão extensa de intelligencia, se empregou por algum tempo na profissão de advogado. Acontecendo que na melhor boa fé elle defendesse uma causa injusta, elle, logo que advertiu o erro em que laborava, reconheceu o risco que por aqui corria a sua salvação, e resolveu ordenar-se, não obstante seu pai, por isso que era o primogenito, não ser contente com isto. Empregando-se em prégar e confessar pelas aldeias, reconheceu a necessidade urgentissima das missoens, e por isso em Nocera del Pagani lançou os fundamentos dessa veneranda associação religiosa com o titulo do Santissimo Redemptor, cuja obrigação especial é hir levar o pasto espiritual a essas ovelhas que vivem no solo infecundo da ignorancia. Ninguem — e tão occupado era — escreveu mais, nem com mais claresa e elegancia de estilo. Quasi forçado acceitou o bispado de S. Agatha dos Godos, que, logo que póde, resignou para passar o resto de sua vida mortal no meio de sua communidade, onde deu a alma a Deus no anno de 1787

3. *Terça feira.* Invenção de S. Estevão. Por muito tempo se ignorou o logar onde o corpo deste protomartyr do Christianismo jazia; e no tempo do imperador Honorio sendo divinamente revelado ao presbytero Luciano onde era este logar, elle foi ter com o bispo de Jerusalem, o qual, convocados os bispos e clero visinhos, foi alli e mandando cavar, se encontraram os quatro corpos — de Estevão, Gamaliel, Nicodemos e Abion — exhalando-se de todos elles um suavissimo cheiro, e fazendo-se ao seu contacto muitos e incontestaveis milagres. Foram consecutivamente collocadas estas reliquias na egreja da Santa Sion em Jerusalém; depois, por mandado do imperador Theodosio Junior, foi o corpo de Estevão trasladado para Constantinopla; e finalmente para Roma no tempo do papa Pelagio I.

4. *Quarta feira.* S. Domingos de Gusmão, de uma nobre familia de Calaroga na Hispanha, habilitando-se com os estudos de humanidades e theologia, foi eleito conego regular da egreja Oxomiense. Vendo com grande magoa do seu coração os estragos que a heresia causava, creou essa milicia armada de rosarios, que tão formidavel se tornou aos Albigenses. Com effeito a ordem dos prégadores, approvada por Honorio III no anno de 1216, foi um desses meios extraordinarios de salvação que a Providencia faz sempre apparecer quando a necessidade o pede.

5. *Quinta feira.* Nossa Senhora das Neves. No tempo do papa Liborio (entre o anno 352 e 366) não tendo filhos um nobre patricio romano, e pedindo constantemente elle e sua mulher a Maria Santissima, que lhes indicasse qual o piedoso uso que deviam fazer de seus bens, aconteceu que neste dia 5 de Agosto — na quadra em que os calores costumam ser mais intensos em Roma — appareceu o alto do monte Exquilinio coberto de neve, tendo um sonho o mesmo patricio, em que se lhe revelava isto mesmo, e que era este o logar em que a Santissima Virgem queria que elle lhe edificasse um templo Não tardou em pôr mãos á obra que talhou tão magnifica como grandes eram suas riquesas e fervor. Depois de varios titulos veio a tomar este templo o de *Santa Maria Maior.*

6. *Sexta feira.* Transfiguração de Christo. Levando comsigo os apostolos Pedro, Thiago e João, Jesus Christo subindo ao alto de um monte (o Thabor?) lhes patenteou sua divindade, apparecendo nesta visão (que para estes predilectos apostolos se póde chamar uma antecipada amostra da visão beatifica) Moysés e Elias fallando com o Redemptor.

7. *Sabbado.* S. Caetano, descendente de uma nobre e opulenta familia da cidade de Vicencia, havendo empregado a sua herança em fundar e subsidiar hospitaes, onde elle, sem medo aos contagios, hia exercer os serviços, ainda os mais abjectos aos olhos dos homens. Inflammado do zelo da honra de Deus, todo se angustiava vendo a decadencia dos costumes de seu tempo, e para lhe oppôr um dique fundou uma congregação de Clerigos, os quaes nada podiam possuir, nem mesmo mendigar sua sustentação, mas, confiando tudo da Providencia, esperassem as esmolas espontaneas que os fieis quizessem offerecer-lhes. Este homem verdadeiramente apostolico, havendo-se assim tornado um membro muito util e benemerito da Egreja militante, foi gosar da gloria triunfante no meado do seculo 16.º

AGOSTO 14. 1852. — N.º 33.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

A INCREDULIDADE.

O movimento religioso, que se observa no seio das naçoens menos propensas, segundo pareciam, a recebe-lo, não é sensivel ainda entre nós. E' um segredo providencial o contraste, que apresentam as naçoens primeiras a apostatar a fé de Christo, com as ultimas que, arrastadas pelos successos da politica, renegaram emfim os santos principios do Christianismo, do qual tão vantajosas consequencias tiraram, em honra da patria, em proveito da civilisação, e em gloria de seus destinos immortaes!

A Allemanha, foco das tremendas conspiraçoens contra Roma, e das batalhas sanguinarias contra a humanidade, solta hoje um brado de contrição, pela bocca dos seus filosofos, dos seus professores, e daquelles a quem serviam as riquesas para que bem cumprissem os legados do implacavel heresiarca do seculo XVI.

França, a orgulhosa innovadora d'ideias desvirtuadas pela experiencia de seculos, não quiz cingir-se aos moldes allemães, que lho vedava o seu orgulho; mas arrojou-se ás extremas illaçoens de Luthero, annullando a tradição oral bem como a escripta, e dando aos homens a naturesa, como unico livro digno d'estudo, e de explicação. A França é hoje a rainha usurpadora, que despe a purpura aos pés do vigario de Christo, e depõe o seu diadema, salpicado de sangue, na fronte augusta da verdade, que volta do seu desterro com o sorriso de perdão para aquelles que a saúdam.

Portugal, a patria dos valentes descobridores de mundos novos, a estancia predestinada, donde o genio civilisador, a par do animo destemido, voava com o estandarte de Christo sobre milhoens de tribus; Portugal é hoje o velho sem alentos, sem dignidade, sem attricção, que, acabrunhado sob a carga do seu proprio vilipendio, não póde altear a face para contemplar a cruz levantada, e adorada entre as naçoens, donde a atrophia da incredulidade viera a marasmar-lhe o sangue.

Este contraste maravilha, e desconsola! Esta incoherencia é um symptoma indelevel de ignorancia ou de perversão! Não podemos ao certo determinar se os espiritos deste canto do mundo são incapazes de interrogar a sciencia; ou se a immoralidade — enervando-lhe a fé no coração, pôde tambem abafar-lhe aquella ancia tão natural de caminhar á sepultura, com a certesa em alguma coisa, além desse extremo arrimo do cadaver! Tudo haverá ahi! Ignorancia e immoralidade, são as duas fortes columnas onde os homens erguem estatuas ao atheismo; mas não é crivel, que absolutamente reinem esses dois inimigos do homem, acarinhados pelo homem, e seguros da sua eterna soberania.

A incredulidade, aqui, nutriu-se ás escondidas no seio d'uma politica desvairada, que não podia vingar, sem deprimir, pela palavra, a ideia religiosa; e sem anniquillar, pela obra, os ministros, apologistas dessa ideia. A guerra surda á Cruz era ao mesmo tempo uma guerra clamorosa ao sacerdocio. Prostrar em terra um padre, com a arma do sarcasmo, era ao mesmo tempo destronar a Cruz, e faze-la baquear com o seu ministro. E, quando algumas vozes soltas, para cohonestarem a impiedade, reclamavam illustração para o padre, e adoração para o symbolo daquelle grande socialista, chamado Jesus, o bom senso de alguns poderia exclamar: « hypocritas! » e o de outros, melhores juizes, poderia dizer « blasfemos! »

A hypocrisia não foi sentimento aproveitado nas manifestaçoens anti-religiosas da França de Robespierre e Marat. Alli foram direitos ao templo, e revolveram-no desde os alicerces até aos espiraculos. O pó das ruinas ensoparam-no de sangue, abandonaram-no á influencia dos annos d'amarga experiencia, e vieram depois colher os fructos, que fertilisam hoje o espirito faminto dessa nação doridamente penitenciada.

Aqui, deixaram o templo, mas inauguraram-no, primeiro, um passatempo d'irrisão; depois um ermo d'alguns foragidos da *sociedade illuminada*; e ultimamente, quando viram que este povo não dispensava o Christo, nem o sacerdote, concederam-lhe o Christo como um filosofo, mais socialista que Platão e Socrates, e deixaram-lhe o sacerdote, como um ente, tão necessario ao culto de Jesus, como o fakir ao culto musulmano, e o bonzo ás lyturgias de Brahmá.

A « filosofia » é uma palavra ôca e banal, desde que a déram em pretexto á incredulidade. D'antes o homem consummado nas sciencias laboriosas, e tido como tal na opinião publica, juiz de suas obras, chamava-se um filosofo, pois que o amor da sabedoria, rigorosa significação da palavra, era a sua paixão fecunda em verdades prestimosas á sociedade.

Neste nosso tempo, porém, de intelligencias rapidas e encyclopedicas, é mais barato encontrar dez filosofos em cada duzia d'homens, que deparar um que o não seja em materia de religião.

Nunca os filologos atinaram com uma palavra menos cabal para exprimir o que os incredulos querem significar.

A ignorancia, por mais que torturem a palavra, nunca poderá sinceramente chamar-se filosofia. A creança, que ainda hontem despiu os coeiros dos rudimentos escolares, póde mover o sorriso da piedade, mas difficilmente se dará importancia litteraria, quando se proclama arrogantemente *filosofo*. A genuina interpretação deste termo derrama um soberano ridiculo sobre as pretençoens irrisorias daquelles que nunca se sugeitaram á experiencia d'uma polemica religiosa. Se a pedissem, devia servir-lhes de muito. O espirito lucrára a convicção d'algumas verdades; e o amor proprio, fustigado pelas disciplinas d'uma correcção preciosa, habilitara-se melhor para vencer-se, antes de dar-se em espectaculo com os seus argumentos ignaros e balofos.

Mas seja a verdade confessada em honra da verdadeira filosofia. — Os discipulos dessa escóla do scepticismo tem mais de *quakers*, que de materialistas. O silencio é o mais respeitavel artigo de seus estatutos. Pensarão muito; mas não é pela palavra que nos asseguram a realidade da con-

jectura. Serão vigorosamente scistematicos, mas não é pelos argumentos que denunciam a incredulidade, formulada pelas leis do systema. Se não fosse a vida pratica, e o sorriso da indifferença, e o sarcasmo solto na conversação, ou desapegado nos folhetins espirituosos, podéramos julgar estes filosofos uns ferventes energumenos do culto interno, e uns profundos pensadores nas glorias celestiaes.

Todavia, nem todos os filosofos escrevem folhetins, nem mesmo a existencia deste filho bastardo da litteratura lhes é conhecido. Ha delles, que chamados a uma suave palestra sobre as mais vulgares ideias d'um cathecismo religioso, ignoram-nas, e descrêam-nas pelo facto simples de as não meditarem para sabe-las. Outros, versados em humanidades, se devemos acredita-los, e versadissimos em grosso cabedal de sciencia respigada no *Diccionario de Conversação*, vão a Coimbra examinar-se em doutrina christan, e voltam reprovados, como quem fôra defender theses *de omni scibili*.

Estes vergonhosos factos não são raros, e pena é que esta asserção não passasse d'um pretexto para armar á hilaridade, quando, com ella, fazemos jus á compaixão, e á censura tão bem-merecida pelos pais, e pelos mestres.

O certo é que dos nossos filosofos muitos são assim. D'outro quilate, se os ha, não os conhecemos; nem devemos julga-los encapotados no rebuço da modestia.

Desde que, infelizmente, a questão religiosa trasbordou da esfera ecclesiastica, a imprensa catholica lançou a luva aos seus poderosos adversarios. Era tão grande a animosidade dos livres pensadores, apregoavam-se tão alto as victorias da rasão sobre o Christianismo — que, por mais convictos e armados, os soldados fieis daquelle magestoso symbolo, retrahiam-se pavidos, ao pensarem na grande lucta, que travavam com as hordas filosoficas, capitaneadas pelo genio do seculo XIX.

As batalhas, apenas feridas, desfalleciam. O inimigo, perdido o terreno, guerreava de soslaio, acommettia atraiçoadamente, como conquistador, que almeja uma victoria, seja ella embora com as suas bandeiras inquinadas pela deshonra. A deshonra, que mancha a estrategia filosofica de nossos adversarios, é a manobra de ridiculo, a que recorrem, depois que a verdade solemne e severa os feriu na face.

A minha rasão! Esta arrogante confiança, que os incredulos tem na sua rasão, é o primeiro e ultimo golpe que elles dão na sua deusa. Chamam á incredulidade o signal d'um espirito independente; e a rasão é o sepulcro da incredulidade!

« Acreditei — diz La Harpe — porque examinei; examinai, e acreditareis como eu. »

Mas o peor é examinar, porque no exame vai a difficuldade do estudo; e para não crêr dispensam-se cuidados e talento: é a triste admissão do axioma: *Plus negaret asinus quàm probaret fylosophus.*

Dos incredulos ha alguns que o publico reputa instruidos, e nós forçosamente acordamos nesse conceito. Mas, desde a infancia entretidos nas sciencias de immediato interesse na vida, não lhes sobra o tempo, nem a vontade, prra se imporem um estudo methodico em religião. Outros, tambem diguos da admiração que pedem seus brilhantes poemas, seus deleitosos romances, e mesmo suas profundas lucubraçoens em sciencia, consagraram á religião as horas d'ocio, mas, como ociosos, crearam romances, sonharam reformas, e decoraram o symbolo christão de poeticos apparatos, a titulo de novas consequencias tiradas do Verbo. São quasi sempre inintelligiveis; mas em todo o caso compete-lhes o juizo que Rosseau fazia dos seus contemporaneos: « Hoje não se estuda, nem se analysa: sonha-se, e dão-se-nos, como filosofia, os sonhos d'algumas noites de pesadello. »

Em verdade, os preceitos de Jesus Christo são gravissimos para aquelles que não sentem de dentro o nobre impulso de acolhe-los. A virtude não é filha das bossas, nem a frenologia modifica as más indoles, que repugnam dulcificar-se pelos conselhos evangelicos. « Eu queria vêr um homem — dizia La Bruyere — sobrio, moderado, justiceiro, negar a existencia de Deus, e o futuro, por consequencia; fallaria ao menos sem interesse; mas tal homem não se encontra. »

A incredulidade, irman da ignorancia, é filha da vaidade e da libertinagem.

Camillo Castello-Branco.

O DEISMO.

Se ha uma verdade demonstrada, ou que não admitte duvida, nem contestação, é que entre o Christianismo e atheismo não ha meio termo, e que aquelle que deixar de ser christão, ha-de viver como atheu, quer se apellide pantheista, materialista, fatalista, sceptico, indifferentista, ou deista — é a mesma coisa; tudo isso se cifra n'uma palavra só: no atheismo: — as palavras não mudam a essencia das coisas.

Dizem que alguns, abandonando a religião christan, se tem refugiado no deismo, ou na religião natural. Nada ha mais falso.

A religião natural não existe em parte alguma: o deismo não é uma ideia religiosa, uma profissão de fé, uma crença qualquer: é a total carencia della: não é uma lei, não se circumscreve em alguns preceitos em moral, é o total abandono delles, ou antes, é um protesto contra elles todos: não é um culto, é a total regeição delle: não é uma homenagem, um tributo de respeito prestado á divindade, é a indifferença e o despreso para com ella: não é uma verdade, que se acate e venere, é um fantasma da imaginação, que se illude, é um jogo d'espirito, que se escarnece, é uma nullidade filosofica; é um problema irresoluvel, que não pertence ao coração, com que pouco se importa o espirito, e com que ainda se entende menos; é quando muito uma opinião especulativa, abstracta, incerta, e vacillante, objecto das investigaçoens, ou das inuteis discussoens dos filosofos; todavia tão absurda, tão monstruosa e extravagante como o puro atheismo, ou a positiva negação de Deus, ou de uma intelligencia suprema, que dá a tudo a existencia, o ser e a vida. Eis-aqui como o homem sem fé encara o primeiro dos seres, de que todos os outros procedem, ou a primeira verdade de que todas as outras dependem: e é para o demonstrar que escrevo e que remetto a Vv. algumas palavras sobre o deismo e sobre as eternas incertesas, ou monstruosos desvarios da filosofia antiga e moderna, que sugeito á censura de Vv. para lhe darem cabimento no seu jornal, se as julgarem dignas disso.

Lourosa da Trapa 19 de Junho de 1852.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

I.

Não podemos conceber que se possa imaginar coisa mais inconsequente que o deismo. Em verdade admittir um Deus e não o reconhecer como tal, não o adorar, não lhe render nenhum culto, nenhuma homenagem, viver como se elle não existisse, como se nenhumas relaçoens nos ligassem com elle; não acreditar que elle se manifestasse ao homem para o glorificar como elle merece, ou para lhe ensinar o caminho, que devia seguir para chegar ao seu destino, viu-se já coisa mais absurda? não parece se-lo tanto, e mais, que o mesmo atheismo, por muito monstruoso, ou absurdo que seja?

Entende-se o deista, ou antes não se envergonha elle de si mesmo, quando finge acreditar n'um Deus, que não regulou por nenhuma lei as acçoens do homem, que apenas o creou e entregou aos seus caprichos, que nos dispensou por isso de toda a sugeição e obrigação para com elle, e de todo o esforço e sacrificio para lhe agradar? Que é uma divindade, que não entra por coisa nenhuma no meu espirito, que não me reputo obrigado a invoca-la, a ama-la e adora-la, que não me impõe obrigaçoens, nem deveres, que se reduz a ter della um conhecimento especulativo, abstracto e inutil?

Que divindade aquella, que se me não apresenta, nem com uma crença, que illumine, ou captive o meu entendimento, nem com uma regra, que deva dirigir as minhas acçoens, nem com um culto com que lhe preste uma homenagem de reconhecimento, que seja um acto vivo de amor, ou um testemunho perenne de servidão e obediencia!!

Que é um Deus estranho ao meu espirito, e ao meu coração, se não um fantasma, de que escarneço? De que

vale conservar o nome de Deus, com todos os effeitos do atheismo? Que é uma divindade, que me deixa ás cegas sobre o meu destino, sem saber se devo limitar as minhas esperanças á terra, que piso, ou se devo cogitar em alguma coisa além della? Que não me esclarece sobre o que mais me importa saber, sobre a resolução que devo tomar, que deve dirigir os meus actos, na vida presente, e de que dependem os meus destinos na eternidade?

Que divindade aquella, que me não dá como regra das minhas acçoens, se não a paixão, que me domina, que me não impõe outros deveres, se não aquelles, que me dictar o orgulho do meu espirito, ou a corrupção do meu coração; que me faz arbitro da minha sorte, do meu destino, e das minhas acçoens, sem saber quaes sejam, ou devam ser? Que divindade aquella, que me deixa dictar a lei a mim mesmo, reconhecer por bom, ou mau o que eu quero, que o seja; avaliar do justo e injusto, segundo os meus prejuizos, paixoens, e interesses; desarranjar á minha vontade a ordem moral do universo; constituir-me o architecto da minha felicidade, ou fazer uma a meu gosto e a meu modo? Que fantasma! Que ridicula divindade!

Um ente metafisico e abstracto, que só pertence ao gabinete e ás disputas dos filosofos, que nenhuma influencia exerce sobre os destinos e a conducta do homem! Que maravilha, pois, que uma semelhante divindade, seja para o deista, um jogo de espirito, ou um objecto de despreso e de indifferença? E na verdade uma divindade, que não regulou por nenhuma lei o meu comportamento, póde tirar-me contas delle? Se me não patenteou um fim, para que devo dirigir-me, póde ser arbitro dos meus destinos? Não terei eu direito para procurar, o que mais me agradar? Se ella me fez senhor das minhas acçoens; porque as não regularei á minha vontade? a quem deverei eu dar conta dellas, se não a mim mesmo? Se me não impoz deveres como me póde castigar pela transgressão delles?

Coisa notavel, que só por si basta, para mostrar a necessidade de uma divindade, de que o homem não seja auctor, ou que elle não forme á medida do seu desejo.

Todo aquelle, que abandona a religião, ou nega descaradamente a existencia de Deus, ou fórma uma divindade monstruosa, que não reconhece, ou que insulta, isto é, ou elle se mostra indifferente para com ella, como o bruto é indifferente á mão, que o sustenta, ou se faz ingrato e criminoso pelas injurias, que lhe irroga e pelo despreso com que a trata. Qual é aquelle, que abandonou a religião, que não escarneceu da immortalidade d'alma, ou não fez della um problema, uma opinião especulativa, em que o pró e contra não está sugeito a demonstração; que por este facto não cortou, ou não destruiu todas as relaçoens, e toda a communicação com a divindade; desligando-se de toda a obediencia, e sugeição para com ella, como se ella não existisse, ou lhe fosse indifferente? Qual é aquelle, que a considerou como fundamento dos seus deveres, como devendo occupar-se com ella, como seu Deus, e Senhor, como seu pae, e creador, como seu principio, e unico fim? Qual é aquelle, que fez consistir o seu destino em servi-lo no tempo, para gosa-lo e louva-lo sem fim na eternidade?

Que fraquesa e que miseria a do homem, que, entregue a si mesmo, desconhece logo o seu creador, não o reconhece mais como seu legislador, torna o seu espirito, e o seu coração independente delle, nega-lhe toda a obediencia, desliga-se de toda a obrigação, não lhe dá mais culto, nem signal algum de respeito, e homenagem, vive sem Deus, sem regra e sem freio; não escuta outra voz senão a das suas paixoens, precipita-se em monstruosos erros e espantosos desvarios. Eis-aqui, como o homem, entregue a si mesmo, trata aquelle, que o creou, que o dotou d'uma rasão sublime, que o eleva até o seu throno, que o revestiu de um espirito susceptivel de o contemplar, e de um coração capaz de o amar, e de lhe dar aquelle culto de summo amor, obsequio, e servidão, que a creatura deve ao creador, e a que não póde faltar sem crime.

Mas como é que o homem chega a esta aberração de espirito, a este embrutecimento, ou corrupção do coração? Como não conhece elle, que tem uma grande missão a cumprir, grandes deveres a satisfazer, para com o seu creador, que não podia colloca-lo neste mundo, para ter o mesma destino dos irracionaes? Como não conhece elle, que traz dentro em si escripta a prova de um destino eterno, que o espera? Não vê elle, que este desejo, que Deus infundiu em seu coração, que o traz sempre em uma continuada anciedade, sem nunca poder satisfaze-lo, é uma prova, de que existe uma outra vida, em que este desejo deve ser satisfeito? Como não vê elle que marchando tudo na ordem natural aos seus fins, por meio de leis justas e sabias, não podia elle ser creado sem designios? que não podia ser dotado de faculdades, que o ennobrecem, que o elevam acima de si mesmo e do universo, sem que fosse destinado para um fim grande e sublime; sem que fosse destinado para o goso de um bem maior, que o mundo, para esse bem, que elle anhela como complemento da sua felicidade, de que precisa, para encher este vasio, que sente, esta sede de felicidade, que o acompanha para toda a parte, que o faz desfallecer de nojo, e amargura ainda no seio dos maiores prazeres, que cresce á proporção dos objectos, que procura, para satisfaze-la; similhante ao fogo, que quanto mais devora, mais se inflamma, e mais ardente se faz?

Que bem ha, que corresponda aos destinos de uma alma eterna, a não ser um bem eterno, como ella, que não pereça com o tempo, mas que exista além delle, na região da immortalidade, aonde tem de fixar o seu destino? Que póde satisfazer os desejos que sentimos a não ser o goso desse bem supremo, e infinito, que comprehende em si todos os bens, que só corresponde á immensidade dos nossos desejos, em que o nosso coração deve repousar, como seu centro e unico fim, que nos attrahirá a si n'um extasis eterno de amor, e alegria, que exclue todo outro desejo, porque não póde haver nenhum, aonde a satisfação é completa e o goso summo, e perfeito?

Acaso estes pensamentos sublimes, que se estendem até á eternidade, estes vastos desejos, que teem a Deus por termo, e objecto, medir-se se hão pelo mesmo compasso, ou terão a mesma sorte que o instincto dos mais vis animaes? Se o homem está destinado para vêr na morte, ou na anniquilação o fim das suas esperanças, ou para correr apoz de uma sombra, que lhe foge, sem que possa apanha-la, para que são estes desejos que nos transportam até aos céus e que nos fazem contemplar como nossa habitação? Que significam estas homenagens, que os nossos coraçoens rendem as acçoens heroicas, ás almas dos homens grandes e o respeito, que tributamos á sua memoria, se ellas não são um testemunho a favor da immortalidade?

Não ha paiz no universo, em que a virtude não illustre o homem, que não mude os tumulos em altares, em que ella não receba a final cultos e respeitos: e qual será a causa deste testemunho, senão, porque se entende, que a gloria das suas acçoens, e dos seus illustres feitos, não desce com elles á sepultura, mas os acompanha á região da immortalidade?

Quem quereria honrar um fraco vapor confundido com as nuvens e com a corrupção, e que julgaria dignas de veneração, ou dos seus respeitos algumas exhalaçoens espalhadas, por esses ares, se fosse certo, que nada existe desses heroes, e que a morte anniquilou tudo?

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

Findos os preciosos artigos do nosso illustre collaborador o exc.mo snr. Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva, sobre a divindade do Christianismo, o assumpto, sobre que elles versaram, dá margem a que publiquemos, em fórmas menos amplas, mas em rigor egualmente logico, um outro artigo, que devemos a uma penna versadissima nestes estudos theologicos, e em todos aquelles que enriquecem a intelligencia do homem consagrado á verdadeira sciencia.

O leitor encontrará, como em resumo, as provas da divindade do Christianismo, na bem elaborada demonstração, que se segue. Gloriamo-nos de ter sido auxiliados por collaboradores, em que avulta, sobre este mesmo assumpto, o auctor dos artigos « Ensaio sobre a historia do Christianismo » cuja conclusão esperamos. Parece que as

tres intelligencias se combinaram para, no caminho da verdade, chegarem, a par, á mais brilhante consequencia da nossa augusta religião — a sua divindade.

RESURREIÇÃO DE JESUS CHRISTO.

Ainda que a Religião Christan não tivesse outra prova da sua divindade além do prodigioso milagre da resurreição de seu Divino Fundador, este facto só bastaria para evidentemente a demonstrar: ora se ha algum na historia de todos os seculos, que satisfaça completamente a todas as regras de uma critica a mais prevenida, minuciosa e exigente, é sem duvida a resurreição de Jesus Christo, pois que as testemunhas deste glorioso acontecimento não era possivel que se enganassem a si, nem possivel era que quizessem enganar os outros, e ainda que o quizessem, não era possivel que o conseguissem.

Não podiam enganar-se; por quanto os discipulos do Salvador conheciam muito bem o seu Divino Mestre, tinham observado o seu supplicio, viram-o expirar na cruz, e sepultar o seu sagrado corpo. Aterrados com a morte do Salvador, fugiram, e se conservavam retirados e escondidos quasi sem esperança alguma de o tornarem a vêr. Jesus Christo determinou convence-los gradualmente da sua resurreição; primeiramente appareceu a algum em particular, dpois fez-se vêr de todos juntos. Sobresaltados os discipulos com esta inspirada vista, Jesus Christo os socega, falla-lhes, annuncia-lhes a paz, mostra-lhes seu corpo, suas chagas, e emfim come com elles: desta visita porém é privado um discipulo, que se achava ausente, o qual sendo depois informado pelos companheiros da resurreição do seu Divino Mestre, tão longe está de acredita-lo, que resistindo ao testemunho de seus collegas, protesta que tal não acreditará, em quanto com seus proprios olhos não vir a propria pessoa de Jesus Christo, e com suas mesmas mãos tocasse seu lado e suas chagas — *Nisi videro, non credam.* — Jesus Christo condescende com o discipulo incredulo, cede ás condiçoens, que elle exige, procura-os estando todos juntos, e dirigindo-se logo a Thomé — Vê, lhe diz, este meu corpo, toca com teus dedos estas minhas chagas, mette essa mão neste meu lado, e reconhece que sou teu proprio mestre: — o discipulo já não póde resistir a tanta evidencia, e exclama — Meu Senhor, e meu Deus.

Por quarenta dias successivos continua Jesus Christo a tractar com seus discipulos familiarmente, fallando e comendo com elles, instruindo-os nas coisas relativas á grande missão a que os destinava, até que no fim dos quarenta dias ajunta a todos, em numero de mais de quinhentos, despede-se de todos, depois de com elles ter comido, dá-lhes a sua benção, e em dia claro, quando o sol estava no seu zenith, aos olhos de todos sobe ao céu, uma nuvem resplandecente o esconde, e arrebata ao seio da sua gloria, deixando todo aquelle numeroso ajuntamento penetrado da mais viva saudade. Ora seria possivel que uma tão numerosa multidão se enganasse sobre um facto revestido de tantas e tão miudas circumstancias? Jesus Christo não foi visto uma só vez, e como de relance, mas muitas vezes e de vagar; ora em particular por cada um delles, ora por todos juntos: os discipulos ao principio mostram-se desconfiados e receosos de se enganarem; mas emfim o testemunho uniforme de seus sentidos, tantas vezes repetido, e por tantos modos verificado os tira de toda a duvida, e lhes inspira aquella convicção tão valente, que lhes dá toda a força, para publicarem sem temor de serem desmentidos, e apesar das prohibiçoens e ameaças dos magistrados, e de todo o Synhedrim, a gloriosa resurreição de seu Divino Mestre. Testemunhas, que procedem com este tento, circumspecção e segurança no exame de um facto, aliás tão sensivel, tão obvio e palpavel, é impossivel que se enganem.

Mas é tambem impossivel que quizessem enganar: por quanto se Jesus Christo não tinha verdadeiramente resuscitado, os apostolos e discipulos jámais poderiam conceber o projecto d'enganar os outros homens, fazendo-lhes crêr a resurreição de Jesus Christo, não se tendo ella realisado. O homem é de tal sorte constituido, que jámais concebe a pertenção de impôr e enganar os outros suffocando os remorsos da sua consciencia, e expondo a perigo a sua reputação e vida, sem que a isso seja arrastado por um grande interesse: mas que interesse podiam ter os discipulos do Salvador em forjar esta mentira? nenhum certamente podiam elles esperar da parte de Deus; pois estavam bem certos que este Senhor aborrece toda a mentira, e que não deixaria de punir com eternos castigos uma impostura tão injuriosa á sua santidade: dos homens nada podiam esperar senão a mesma sorte, que tinham visto correr a seu mestre, pois que os judeus, que tão cruelmente tinham crucificado a Jesus Christo, com o annuncio da sua resurreição eram declarados á face do Universo incursos em um deicidio, crime o mais horroroso, que podem commetter os homens; a sua honra por tanto os empenharia a desmascarar esta impostura, o que facilmente podiam fazer, ou extrahindo do sepulchro o corpo do Salvador, e apresentando-o em publico, ou provando o roubo, que delle tivessem feito os apostolos. — Para entrarem nesta empresa era necessario que todos os discipulos unanimemente conspirassem no dolo: mas como era possivel, que em um numero tão grande de testemunhas, se conservasse inviolavel um tal segredo, sem que nenhum ou por levesa, ou por motivo de consciencia, ou por medo do castigo não delatasse a conspiração, e principalmente sendo perseguidos, flagellados, despedaçados, e no meio de tormentos os mais crueis? E' necessario não conhecer os homens, para acreditar um tal paradoxo: tem sim havido fanaticos, que estando intimamente persuadidos de um erro ou falsa opinião, se tenham obstinado a sustenta-la á custa da propria vida, mas isto não é d'admirar; a forte persuasão, que os dominava, de ser verdadeira a sua opinião, e que a sua morte era um sacrificio, que faziam á verdade, era bastante para lhes inspirar a coragem de arrostarem com os maiores tormentos; mas um homem bem persuadido de que é uma mentira, um puro dolo o seu testemunho, que apoio pode ter a sua obstinação no meio de furiosas perseguiçoens, de supplicios dolorosos e acerbos, e de uma morte cruel e infame? — Mas prescindindo de todas estas contradiçoens, basta sómente considerar o numero das testemunhas, para se conhecer a impossibilidade desta conspiração. A mentira é sempre filha das paixoens humanas, mas estas são sempre modificadas pela indole, caracter, inclinaçoens, costumes, habitos, interesses particulares, e opinioens de cada individuo; estas modificaçoens são tão variaveis e differentes entre os homens, como são variaveis e differentes o semblante e fisionomia de cada um; daqui resulta que se é difficil achar dois individuos perfeitamente concordes nas suas inclinaçoens, temperamento, interesses e opinioens, é absolutamente impossivel achar-se esta uniformidade em um numero grande d'individuos: ora o apostolo muito claramente nos assevera que as testemunhas da resurreição de Jesus Christo passavam de quinhentas; e como era possivel que em uma tão grande multidão de pessoas tão differentes no genio, temperamento, condição, sexo, opinioens, &c. houvesse, ou se achasse aquella — *unidade de motivo* — que podesse produzir a conspiração uniforme e unanime de todos para esta particular impostura? Sómente a verdade, que por si só subsiste, que é independente das humanas paixoens, é a que unicamente póde ter a força para reunir e manter na mesma confissão, e subjugar tanta variedade de individuos no seu testemunho, e reduzir a *unisono* (digamos assim) tantos elementos discordantes.

Ultimamente ou os apostolos déram credito ao Vaticinio, que Jesus Christo lhes tinha feito, da sua futura resurreição, ou não lhe déram importancia alguma: no primeiro caso, se Jesus Christo não resuscitou, a sua credulidade foi enganada, seu mestre foi um impostor, que abusou da candura e simplicidade de seus discipulos, e então estes foram os primeiros illudidos, e delle por consequencia nada tinham que esperar: que motivo pois os poderia determinar a sustentarem á custa da propria vida as dolorosas promessas de um falsario? No segundo caso, é signal que não reputavam este milagre necessario para prova da sua divindade; assaz a julgavam demonstrada pelos outros innumeraveis prodigios, que lhe tinham visto fazer, e então é natural que não quizessem arriscar a verdade destes pela invenção fraudulenta de um, que era falso, e cuja falsidade era facil de provar. Concluamos pois que os apostolos não podiam querer enganar.

Ainda que os apostolos quizessem enganar, jámais o poderiam conseguir; por quanto para isso era necessario que ou roubassem do sepulcro o corpo do Salvador, e para este roubo se effeituar era indispensavel ou que atacassem com mão armada a guarda escolhida e numerosa, que os judeus tinham collocado á roda do sepulcro, ou que a corrompessem com dinheiro, ou abrissem alguma vereda subterranea, e rompessem o sepulcro pela base: este ultimo modo era impraticavel; primeiro porque o sepulcro era aberto em rocha viva, e não podia ser rompido senão á força de rijos golpes, cujo estrondo avisaria logo os guardas do intentado projecto; segundo porque o rompimento da sepulcro e a vereda escavada seria evidente prova do roubo perpetrado.

Por compra e corrupção dos guardas tambem não podia ser, porque os apostolos eram homens pobres, e viviam sómente das suas redes; e além disso não era possivel que uma guarda de confiança fosse inteiramente corrompida, sem que algum dos soldados, fiel ao seu dever, não reclamasse, e não descobrisse o suborno, quando todos os motivos o persuadiam a relata-lo, e nenhum a encobri-lo; o horror do crime, o remorso da consciencia, o temor da pena, sendo descoberto, a esperança de ser remunerado pela sua fidelidade, e emfim a gloria, que daqui lhe resultaria.

Com violencia e mão armada tambem era impraticavel o roubo, por quanto este meio estava em contradição com o caracter timido e cobarde dos apostolos, cujo chefe se tinha aterrado tanto, até com a voz de uma miseravel escrava, que chegou a negar tres vezes o seu Divino Mestre, jurando mesmo que o não conhecia: os outros todós o abandonaram, e fugiram, quando o viram entregue a seus inimigos, e espavoridos á vista do seu supplicio e morte foram esconder-se, temendo a mesma sorte. — Em segundo logar, porque era necessario atacar uma guarda grande, o que não seria possivel sem um rijo combate, de que deveriam resultar mortes, ferimentos e fusão de sangue, o que tudo assaz manifestaria a aggressão, que indispensavelmente deveria inutilisar o fim, a que os apostolos se propunham. — Ultimamente este roubo deveria fazer-se ou vigiando os guardas, ou dormindo: no primeiro caso renascem as ponderadas difficuldades; e o segundo tambem é impossivel — 1.° porque era necessario romper o sello, remover a campa, o que não era praticavel sem estrondo, que despertasse os soldados; — 2.° porque uma guarda, encarregada com especial recommendação d'uma empresa tão importante, como é possivel que toda se entregasse ao somno, sem que algum soldado ao menos não ficasse em sentinella, sendo este um dos mais essenciaes elementos da disciplina militar, e praticado sempre com a maior exactidão e responsabilidade? Logo era impossivel que a fraude e impostura dos apostolos prevalecesse.

Em consequencia de todas as referidas reflexoens fica evidentemente provada a realidade da resurreição de Jesus Christo, e por consequencia a sua divindade.

José Rodrigo Paços.

MEDITAÇOENS.

II.

(A minha irman Carolina Castello-Branco.)

Bem raro é neste mundo um goso estavel!
Depressa as lindas flores pendem murchas,
Apenas seu perfume deleitavel
Em ávido aspirar se esvaeceu.
Nas ancias do prazer vem outras ancias,
No seio das paixoens gera-se o enfado,
Na terra é tudo assim, se, limitado,
O meu desejo aqui não busca o céu.

Gosar e entristecer! Eis o destino
De tantos, que tão caro o goso compram!
Já nos braços da mãe tenro menino,
A quem tudo sorri, vejo chorar!
Desejos... quaes serão neste innocente,
Que não possa cumprir? os seus vagidos
Serão brados d'amor, não percebidos,
Serão ancias d'um céu, que vê brilhar?

Depois que o véu do mundo empana os olhos
Voltados para a terra, que fascina,
Não mais os banhará a luz divina,
Que brilha na singella aspiração.
Macula-se a candura dos desejos,
A vista das paixoens tem outro prisma,
A mente agrilhoada já não scisma
Nos mundos ideaes do coração.

Que saudades me vem d'uns bellos sonhos,
Que não pôde guardar minha lembrança!
Que desejos sem fim, que infinda esp'rança
Nutria o coração nos vôos seus!
Este vago pensar, que eu tenho hoje
Dos magestosos dons da Providencia,
Seria, nesses dias d'innocencia,
De perto vêr a imagem do meu Deus!

Companheira d'infancia, se soubesses
Dos meus gosos d'então dizer-me o encanto;
O riso de meus sonhos se podesses
N'um canto harmonioso traduzir...
Vertêras-me no seio a singelesa,
Mostráras-me dos anjos o destino,
Erguêras-me n'um extasis divino,
Mandáras-me ao Senhor por ti pedir.

Meus labios já não tem essa candura,
Que, nas asas da fé, exalça a prece:
Verteu nelles o fel a desventura,
Que a doce paz não deixa á oração.
Tu, do mundo tão longe, anjo do ermo,
Ditosa entre as ditosas desta vida,
Não perdeste o fervor na amarga lida,
Que mata as illusoens no coração.

Correu-te a vida arroio bonançoso,
Teu pranto não verteste em suas aguas:
Ha lagrimas d'amor; mas não são maguas,
Que nunca mais permittam ser feliz.
Ha na terra um prazer, que não expira,
Uma luz immortal d'eterno brilho,
Amar um caro esposo, um terno filho,
Sentir um santo amor, que ninguem diz.

Um filho, e acarinha-lo, e comprimi-lo
No seio delirante de alegria,
E ouvir-lhe a voz de *mãe*, que balbucia
Nos labios, que o prazer articulou.
Depois, tenra vergontea, vêr-lhe as flores,
E os fructos saborosos da candura,
E um docil coração, e a crença pura,
Que o nome de Jesus lá fecundou!...

E's mãe! que mais anceias cá na terra,
Quando afagas teu filho, estremecida?
As glorias e o prazer, que o mundo encerra,
Não valem um sorrir do filho teu!
Em quanto o vês, tenrinho, amar-te os beijos,
Repara nessa fronte luminosa,
Exultará teu seio, mãe ditosa,
Pois nella o brilho vês da luz do céu!

Bem raro é neste mundo um goso estavel!
Mas Deus t'o permittiu: curva o joelho!
De mãe o coração insaciavel,
Jámais chora perdida uma illusão.

São puros de teu filho os labios d'anjo,
Derrama-lhe dos teus um hymno terno,
Ensina-lhe o chorar aos pés do Eterno,
Ensina-lhe por mim uma oração.

Camillo Castello-Branco.

JEZUITAS.

IX.

IRLANDA.

..... Escravos d'Inglaterra, quizeram, ao menos, ficar catholicos.

C. Joly. H. d'I.

Concluidas as trabalhosas Constituiçoens da Ordem, Ignacio de Loyola envia seus irmãos ao combate da fé com o livre arbitrio, reanimando-os daquelles corajosos brios que succumbem ao martyrio, qnando se não corôam do triunfo.

A Inglaterra daquelles dias deffine-se com duas palavras: era a Inglaterra de Henrique VIII.

Este monarcha, theologo no começo de seu reinado, transfigurou-se herege, quaudo as paixoens não transigiam com os preceitos catholicos, e acabou no extremo grau da libertinagem. Roma não lhe concedera a dispensa de divorcio com Catharina d'Aragão, para, a bel-prazer de seus apetites, esposar Anna Bolen.

O monarcha despeitado separou-se da communhão romana. A seu exemplo, separaram-se os nobres, e o povo, acenado pela ambição de quinhoar nos bens da Egreja confiscados, separou-se tambem.

Henrique VIII, enfurecido contra o caracter immutavel da S. Sé, tornou-se sanguinario. A Irlanda, que despresára a inspiração odiosa d'Inglaterra, sellava com o sangue de milhares de martyres a sua nobre historia de constancia religiosa, que depois de tres seculos, é ainda o seu vigoroso protesto contra a prepotencia de seus oppressores.

Roberto, arcebispo d'Armagh, foragido em Roma, expõe a Paulo III o quadro lastimoso da infeliz Irlanda S Santidade não podia abrandar as furias do oppressor, mas tinha o balsamo para mitigar as dores dos opprimidos.

Os jesuitas Salmeron, e Pasquier-Brouet, legados da S. Sé, e acompanhados de Francisco Zapata, notario apostolico, partiram em 10 de Setembro de 1541, com as instrucçoens secretas, indicadas neste sublime documento, e escriptas por Ignacio de Loyola, tão profundo diplomata, como fervoroso interprete da vontade divina:

« Recommendo-vos que sejaes, com todo o mundo em geral, mas sobre tudo com vossos eguaes e inferiores, sobrios e circunspectos em vossas palavras, sempre dispostos e pacientes a ouvir, prestando attento ouvido, até que as pessoas que vos tratam manifestem o fundo de seus sentimentos. Dar-lhe-heis, então, uma resposta clara e breve, que previna todas as instancias. Para conciliardes a benevolencia dos homens, no desejo de engrandecer o reino de Deus, sereis tudo para todos, á maneira do apostolo, para conquista-los para Jesus Christo. Nada, com effeito, é mais adequado para ganhar os coraçoens, e conciliar affectos, como a paridade de gostos e costumes. Pelo que, estudados o caracter e costume de cada um, procurareis hir com elles em quanto o dever vo-lo concedа; de modo que, a tratardes com um caracter vivo e ardente, cumpre-vos activar a lentidão fastidiosa Convém, pelo contrario, ser um pouco lento e reflectido, se aquelle a quem fallardes se mostrar circumspecto e mais pesado em seus discursos. De resto, se aquelle que deve praticar com um homem de temperamento irascivel, tem de si esse defeito, e não se harmonisam em seus juizos, muito é de temer que um accesso de colera os arrebate. E por isso, conhecendo algum esta propensão em si, deve observar-se com o mais vigilante cuidado, e fortalecer seu coração d'uma provisão de força para não ser surprehendido pela colera; mas que elle soffra, com equanimidade, quanto soffreria da parte d'outro, embora seu inferior. As pendencias e disputas são menos de temer em espiritos tranquillos e lentos, que em pessoas vivas e ardentes.

« Para attrahir os homens á virtude e combater o inimigo da salvação, empregareis as armas de que elle se serve para perde-las: tal é o conselho de S. Basilio. Quando o demonio ataca um homem justo, não lhe descobre suas astucias, pelo contrario as esconde, e ataca-o indirectamente sem combater suas piedosas inclinaçoens, fingindo mesmo harmonisar com ellas; mas pouco e pouco o attrahe e surprehende em suas armadilhas. Assim convém seguir um semelhaute trilho para arredar os homens do peccado. Começai por louvar-lhe prudentemente o que elles tem de bom, sem, ao princinio, atacar seus vicios: quando tiverdes ganhado sua confiança applicai-lhes remedio proprio a cura-los. A respeito de pessoas tristes ou perturbadas, mostrai-lhes, tanto quanto poderdes, em lhes fallando, um semblante alegre e sereno; usai da maior doçura em vossas palavras, a fim de traze-las suavemente ao estado tranquillo d'alma, combatendo um com outro extremo.

« Não só em vossos sermoens, mas tambem em vossos discursos particulares, quando, principalmente, reconciliardes inimigos, não percaes de vista que todas as vossas palavras podem ser publicadas, e o que vós dizeis nas trevas manifestado á luz do meio dia. Nos negocios, em vez de addiar, antecipai o tempo. Se promettestes para ámanhan alguma coisa, cumpri-a hoje.

« Quanto a dinheiro não toqueis mesmo aquelle arbitrado para despesas. Fazei-o distribuir aos pobres por mãos estranhas, ou empregai-o em boas obras, a fim de que possais, se preciso fôr, asseverar com juramento, que, no decurso de vossa legação, não recebestes um obulo. Quando fôr necessario fallar aos grandes, seja Pasquier-Brouet quem falle. Deliberai entre vós em todos os pontos sobre que vossos sentimentos estariam divididos; fazei o que dois sobre tres teriam approvado. Escrevei frequentemente a Roma, durante vossa viagem, logo que chegardes a Escossia, e bem assim quando penetrardes em Irlanda; depois, prestai mensalmente conta dos negocios da legação, »

Antes de aportarem na Irlanda, os jesuitas, segundo as credenciaes de S. Santidade, pediram audiencia a Jacques V, rei d'Escossia. A sua missão era exhorta-lo a favor da Egreja, e da sua propria corôa, pois que seu thio Henrique VIII esforçava-se em arrasta-lo á sua impiedade, com intenção de atraiçoar a Escossia.

No começo da quaresma de 1542 chegaram a Irlanda. Presenciaram uma lucta cruelissima de infortunio, em que o tyranno d'Inglaterra, cevava, á farta, as suas iras impiedosas. Henrique VIII não guerreava apenas o catholicismo na Irlanda: minava-lhe a sua futura escravidão, negando-lhe a instrucção, para que a estupidez trouxesse a apostasia, e, privando-a de chefes legitimos, para que a perseguição não enfraquecesse n'um braço estranho e conquistador. Com todos os direitos, foi-lhe caçada a propria nomeação de seus bispos, e, ao mesmo tempo, decretado o incendio de todas as correspondencias vindas de Roma, e a captura dos legados para serem punidos pelas justiças do rei d'Inglaterra.

Brouet e Salmeron não acharam asylo nessa terra de desolação. Fugiam-nos como homens de terror, e não ousavam ouvi-los por que as palavras d'um padre eram a condemnação daquella multidão possessa, que se vigiava e accusava, e despedaçava mutuamente.

A muito custo, e depois de muito tempo, os jesuitas adquiriram a confiança d'alguns poucos. Estes, divulgando a missão apostolica daquelles anjos de paz no foco do exterminio, attrahiram em volta dos jesuitas, uma porção de homens corajosos pera affrontar o sacrificio.

Tal era a perseguição, e a vigilancia dos partidarios de Henrique VIII, que, a bem dos irlandeses, que os recebiam, os jesuitas nunca pernoitaram duas noites na mesma casa! E, comtudo, estes homens de soffrimento, sorriam á perseguição, como ás mais lisongeiras ovaçoens do seu triunfo. Palavras de paz para todos, obras de caridade na presença de todos, humildade de martyres a todos os improperios — é assim que venciam aquelles protegidos

do céu a lucta enfurecida das paixoens, contra a qual não va eriam exercitos, abrindo caminho sobre cadaveres.

Os irlandeses cotisaram-se para alimentarem Salmeron e Brouet, que, fieis aos preceitos de Loyola, nem ao menos percebiam a modica parcella arbitrada para a sua subsistencia. Taes proventos, administrados pelos bispos proscriptos, eram applicados a consolar as viuvas, a mitigar a fome dos orfãos, e a amparar a honra das donzellas pobres.

Os brados afflictivos d'Irlanda tinham levado um ecco ao coração do Vigario de Christo. Na sua desolação, os irlandezes reconheceram que suas lagrimas achavam um seio amigo onde cahir; mas a espionagem perseguia os vestigios dos enviados de Roma, cuja existencia transfigurava a Irlanda n'um aspecto desagradavel para Henrique VIII.

Foi posta a preço a cabeça dos jesuitas; e a pena de morte e confiscação de bens pronunciada contra a familia, que désse asylo a Salmeron e a Brouet.

O soberano Pontifice, prevendo a vingança, que os tyrannos subalternos exerceriam sobre os catholicos, chamou á Italia os jesuitas, que seriam pretexto para um grande exterminio.

Os irlandeses sentiam-se despedaçados nas suas esperanças, quando abraçaram os dois padres na despedida. Humildes a Paulo III, não podiam ceder á vocação de martyres, que lhes seria o extremo passo de uma carreira gloriosa. Promettendo aos infelizes mover a compaixão de Henrique VIII, mal sabiam elles que invenciveis estorvos encontrariam na Escossia. Apenas desembarcados ahi, a perseguição, instigada por Knox, discipulo de Calvino, não os deixou pronunciar a primeira palavra de reprovação, e chamamento ao campo das discussoens religiosas. Fugitivos, entraram na França, e d'ahi foram apressadamente chamados a Roma.

Irlanda ficou, qual era, a victima a debater-se entre as mãos sanguentas do mais devasso monarcha; mas a sua fé robusteceu-se dessa coragem que, ha 300 annos, a caracterisa heroicamente.

Camillo Castello-Branco.

EDUCAÇÃO.

XI.

Considerada aperfeiçoamento intellectual.

Considerada no ponto de vista intellectual, a educação aspira ao aperfeiçoamento da intelligencia; e, melhor apreciando o que o seculo tem a esperar della, sustamo-nos um pouco a meditar nos progressos da educação.

Sacudida por crises violentas, a sociedade recebeu abalos profundos, que lhe revolveram os alicerces: em seu seio fermentou-se um elemento activo e energico. Achando-se angustiada nos velhos limites, espedaçou-os: qual torrente impetuosa que trasborda por toda a parte, arrastou ao mesmo tempo, no seu curso ambicioso, artes, industria, sciencias, e letras. Altas, poderosas intelligencias surgiram ao de cima dessas ondas tumultuosas: comprehenderam o porvir que promettia a feliz disposição dos espiritos, conceberam e executaram corajosamente o audacioso projecto d'entrarem na liça. Homens d'ambição desmedida, com doutrinas funestas e pretençoens atrevidas, revoltaram-se contra aquelles. Travou-se uma lucta assustadora, guerra de morte, e, alfim, a filosofia religiosa sentou-se triunfante sobre as ruinas deploraveis das doutrinas impias e paixoens humanas. Depois desta importante victoria para a humanidade, tudo seguiu o avançar rapido do seculo.

Só o ensino classico estacionára, apesar dos esforços corajosos d'alguns homens de sacrificio, que por suas luzes e profundidade de suas observaçoens, mereceram ir na frente desse corpo educador, tão recommendavel pela extensão de seus conhecimentos e raro merito.

Comtudo, suas lides não foram infecundas, e, mais tarde, seus esforços laboriosos foram encorajados por algum successo; pois que o ensino classico começou emfim a seguir o impulso geral.

VII.

Exame dos differentes methodos, seguidos no ensino

E' verdade demonstrada até á evidencia, que o entendimento dos meninos é mais temporão em nossos dias, pelo que, nos cumpre dispôr no methodo os meios engenhosos para facilitar-lhe o desenvolvimento.

Tão importante dever, parece, no começo, despresado, ou mal comprehendido; se bem que theoricos presumpçosos correram a valer-se daquelle facto em seu proveito.

Os seus systemas *mecanisados*, se assim posso dizer, considerando o homem um ente puramente authomatico, exaltam e põem em jogo suas faculdades intellectuaes, por uma especie de elasterio; d'ahi as decepçoens numerosas, e as deserçoens quasi diarias de todos aquelles que fazem a triste experiencia; e, se ainda subsistem, só o raciocinio póde purga-los dos ultimos venenos do erro. E' evidente que, no aperfeiçoar da intelligencia, e imprimir ao ensino uma direcção util, convém levar o menino por uma escala progressiva, e nisto vai toda a arte de educar.

Os innovadores, menos numerosos talvez, entraram na carreira com uma ambição, que não souberam fingir; assoalharam um estendal pomposo de conhecimentos universaes; e deixaram aos outros o cuidado de coordenar as partes em uma ordem luminosa. E o mais é que muito se gloriaram elles de accumular uma abundancia confusa de riquesas scientificas.

Com a mira no orgulhoso interesse pessoal, espesinharam tudo pela critica: não viram nada respeitavel no passado, e pareciam arrogar-se, exclusivamente, no presente, o direito de regenerar o futuro.

Proclamam altamente o progresso do seculo. E' que, segundo elles, o vestido dos paes não póde em nada adaptar-se ao talhe dos filhos.

E ainda assim, por um contraste notavel, n'uma época em que diariamente o progresso encurta os horisontes da sciencia, elles, de cabeça alta, apressam-se em dar-nos, com pasmosa confiança, seus ambiciosos systemas, que parecem trazer comsigo o fecho da abobeda, que sustenta o grande edificio dos conhecimentos humanos!

Se deprimimos, e declaramos impotentes essas mesquinhas theorias que empobrecem a intelligencia, em logar de imprimir-lhes vôo — esses systemas monstruosos, que matam o enthusiasmo e a energia, avivando a confusão e a desordem — evitamos egualmente a vereda obscura d'um ensino incompleto, fundado pela rotina e pela inexperiencia, que enfraquece o talento, e quebra as azas do genio.

Um movimento de progresso e aperfeiçoamento indefinidos caracterisa o nosso seculo; tambem o ensino, para ir em boa paz com as urgencias do seculo, deve necessariamente recorrer a um methodo luminoso e eminentemente racional, sempre um, sempre vantajosamente applicavel a todos os ramos do ensino.

Conclusão.

O desejo mais apegado ao coração do homem é o de viver em sociedade: é d'alguma sorte a lei constitutiva da sua naturesa, pois que elle não póde aperfeiçoar-se sem estabelecer relaçoens com os seus semelhantes. d'ahi esse vacuo immenso, que soffre, quando não póde gosa-las; d'ahi, em summa, esse natural enojo da solidão.

Relaçoens sociaes, sabiamente estabelecidas, prestam ao homem numerosas vantagens reaes: o desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes, primeiro; e depois os conhecimentos para o espirito, e as virtudes para o coração.

No amplo seio da sociedade encontram-se misturados, como em reservatorio commum, o bem e o mal, a dôr e a alegria, o vicio e a virtude, a sciencia e o genio, a ignorancia e fraquesa: pensamentos tão difficeis, sentimentos tão variados, e necessidades de toda a especie, mistura monstruosa cujas partes incoherentes se chocam entre si com toda a energia e violencia de seus oppostos movimentos.

A sociedade póde considerar-se um grande livro, que nos revela as necessidades da humanidade, como um espelho fiel que reflecte exactamente a sua imagem. Conhece-la, é saber medir as nossas acçoens, e as vantagens, que devemos esperar dellas. Convictos da indispensavel precisão das relaçoens mutuas dos homens, pelas vantagens, que d'hi resultam, procuremos na educação os meios de facilita-las, tornando-os agradaveis.

Não é bastante ao que dirige a mocidade, cercar seus discipulos dos grandes armazens d'instrucção. Tambem deve fazer homens amaveis e polidos, proprios a viver na boa sociedade, como seus ornamentos; os mestres deverão, para isso, entrar na roda dos discipulos, durante o recreio, a fim de que os preceitos da urbanidade girem, por assim dizer, desapercebidos em seus brinquedos.

Os discipulos, sempre debaixo dos olhos do director, ou profeseores dignos, não pódem apartar-se das formas e usos da polidez, e, com estas sabias disposiçoens, póde fazer sentir-se a um pensionado as vantagens de *viver em familia*.

Far-se-hão advertencias frequentes aos discipulos a respeito da limpesa. Far-se-lhe-ha um curso de civilidade com o fim de os premunir nos usos da sociedade e nas maneiras convenientes e principaes deveres por ella prescriptos: aprenderão quanto é respeitavel a velhice, e a veneração que se deve aos que exercem honrosas funcçoens na ordem civil, militar, e religiosa; e não lhes será permittido ignorar o respeito e as attençoens, que uma galanteria honesta deve prestar ás damas, que são o mais bello ornamento da sociedade, e que tantos encantos ahi derramam: emfim, o conhecimento exacto dos deveres, que impõe ao homem a vida social os habilitará a conhecerem os tratamentos devidos a cada um.

Esta parte da educação, para ser completa, deve regrar o uso e a escolha de nossas palavras: sejam ellas sempre proporcionadas á idade, á condição, e á intelligencia das pessoas com quem nos relacionamos: convém insinuarmo-nos nas suas ideias, e estarmos sempre do seu parecer, quando é admissivel; mas quando exista uma divergencia bem clara d'opinião, então a delicadesa da nossa consciencia, e deveres nos impoem a lei rigorosa de não trahir a verdade, e devemos demonstra-la com moderação, e calarmo-nos, por fim, por não ferir as regras que prescrevem as conveniencias do decoro.

Um mancebo bem educado não se apodera inconsideradamente do sceptro da conversação: é mais seguro brilhar por uma modesta mediania, e um sabio emprego de suas palavras, que por discursos futeis e malignos, que depressa descobrem a ligeiresa do espirito, e a maldade do coração....

Instituidores encarregados d'instruir e formar a mocidade, dirigi-vos com confiança aos meios que indicamos neste rapido bosquejo sobre a educação, pois a experiencia no-los aconselhou como infalliveis.

(*Encyclop. Cath.*) *E. Jourdan de Hertz.*

ANNO CHRISTÃO.

AGOSTO.

8 *Domingo.* S. Cyriaco e seus companheiros, que em Roma, na via Salaria, soffreram heroicamente o martyrio por ordem do cruel Diocleciano. Estando já ha muito tempo presos os santos Cyriaco, Sisinio, Largo e Smaragdo, foi Arthemia, filha de Diocleciano, livre de vexaçoens diabolicas pelas oraçoens de S. Cyriaco. Então Diocleciano os remetteu para Sapor rei dos Persas, cuja filha Jobias tambem soffria as mesmas vexaçoens, e que egualmente ficou livre, baptisando-se em consequencia de um tal prodigio seu pae e mais de 430 de seus vassallos. Voltando a Roma, os mandou Diocleciano atormentar, fazendo-os hir adiante de seu coche, e mandando que, estendidos no equleo, lhes lançassem pêz derretido. Por ultimo lhes mandou decepar a cabeça.

9. *Segunda feira.* S. Romão, que, sendo soldado, e assistindo ao martyrio de S. Lourenço, prestou ouvidos á divina graça, que lhe fallou ao coração ao vêr tanto e tão heroico soffrer, e por isso, pedindo e sendo baptisado pelo mesmo S. Lourenço, logo colheu a desejada palma, dando a cabeça depois de horrivelmente açoutado.

10. *Terça feira.* S. Lourenço, arcediago do papa S. Sixto II, mostrando-se pesaroso de não quinhoar com elle da gloria do martyrio, alegre ouviu do mesmo S. Sixto o vaticinio « de que d'alli a tres dias havia de alcançar um ainda mais glorioso triunfo. » Havendo pois distribuido pelos pobres os thesouros de que era depositario, lhe veio o cúpido Valeriano pedir contas delles; e não os achando, o mandou, depois de exhaustas todas as outras torturas, assar em uma grelha. Tudo soffreu o nosso santo com a constancia do heroe, ou antes com a alegria de quem via abrirem-se-lhe as portas do céu, porque, como diz S. Leão: « era menos violento o fogo que exteriormente o queimava, do que aquelle de que interiormente estava incendido. » No anno 258 da era christan teve o christianismo este triunfo.

11. *Quarta feira.* S. Tiburcio, havendo, por conselho e doctrina de S. Sebastião, abraçado a religião christan, foi conduzido á presença do juiz Fabiano, onde não trepidou, antes fez uma franca profissão de sua fé; e por isso o juiz lhe disse, que ou havia de sacrificar aos deuses, ou caminhar descalço sobre carvoens accesos de que mandou alastrar o pavimento. O nosso santo, fazendo o signal da cruz, logo começou a andar sobre os carvoens, e, dirigindo-se para o tyranno, lhe disse: « desengana-te de que só é verdadeiro Deus aquelle que os christãos adoram; porque estes carvoens me parecem antes rosas, do que instrumentos de tua barbaridade. » Nada foi capaz de abrir os olhos ao obsecado juiz, que, attribuindo isto á arte magica, mandou que o conduzissem a tres milhas da cidade pela via Lavicana, e ahi lhe decepassem a cabeça, o que foi executado.

12. *Quinta feira.* S. Clara, natural de Assis e contemporanea do serafico patriarcha, por conselhos e direcção delle aspirava á perfeição evangelica, e por isso distribuindo todos os bens terrenos em esmolas, se deu toda aos actos de penitencia e contemplação. Aggregando-se-lhe varias companheiras fundou o collegio de S. Damião, cujo governo quasi coacta tomou. Todas as suas companheiras, a quem ella dirigia mais com exemplos do que com palavras, admiravam como com tão pouco alimento ella podesse viver: por muitos annos nada tomava em tres dias de cada semana, e as quaresmas as jejuava a pão e agua! Assim conservou ella sempre puro o seu espirito, que voou ao céu no meado do seculo 13.º

13. *Sexta feira.* S. Hyppolito, baptisado por S. Lourenço, foi logo denunciado; e conduzido preso á presença de Valeriano, ahi deu testemunho de sua fé, e por isso foi mandado açoitar. Como estes tormentos ainda o fizessem mais constante na fé, tentaram de o fazer renegar com promessas, mas tambem nada lhes aproveitou este meio, e por tanto trataram de o matar, fazendo-o estrangular por cavallos bravos, a que o ataram.

14. *Sabbado.* S. Eusebio presbytero, sendo um potente adversario dos Arianos, foi mandado prender pelo imperador Constancio, e retido incommunicavel mesmo em um cubiculo do palacio imperial; ahi, ao cabo de sete mezes que elle passou em continua oração, deu a Deus o seu espirito.

CHRONICA RELIGIOSA.

Por uma carta de M. Huot, padre da congregação das Missoens estrangeiras e vigario apostolico do Jun Nân, se sabe que o abbade Vachal acaba de receber o martyrio nas fronteiras de Tang-King no meio de uma christandade nova que acabava de estabelecer. *Sanguis martyrum, semen christianorum.* M. Vachal contava apenas quarenta annos.

— O veneravel bispo das duas Guinés, M. Bessieux, acaba de dar sobre a missão os detalhes seguintes:

« Os missionarios catholicos continuam a luctar com perseverança contra a idolatria e fanatismo sobre os tropicos. A superstição dos negros é tão tenebrosa que é é muito difficil aos padres missionarios descobrir os segredos de seus cultos. Todas suas ceremonias religiosas são nocturnas. Todos os ministros, e velhos do paiz são iniciados nas doctrinas do fetichismo Os insulares de Gambia e Gorea não offerecem sacrificios senão ao genio do mal, com a esperança insensata de arredar de si as calamidades e flagellos deste mortifero paiz.

— O R. Padre Henrique Leagrave, da companhia de Jesus, reitor do collegio de S. Paulo em Malta, acaba de fazer uma viagem a Napoles e teve a consolação de receber no seio da egreja catholica uma familia inteira de protestantes inglezes que passavam naquella cidade.

— O patriarcha da Cicilia, Gregorio Pedro, residente no Libano enviou a Cesarea um padre-doutor para instruir nos dogmas da religião catholica cincoenta familias armenias heretico-schismaticas; e é tal o ardor destes neofitos em entrarem na egreja que o patriarca se viu obrigado a enviar outro padre para ajudar o primeiro. Egualmente o P. José Arakial, bispo de Trebisonda annuncia que cento e vinte e duas familias armenias, tambem heretico-schismaticas tinham chegado para serem instruidas na religião catholica e entrar no seio da egreja!

AGOSTO 21. 1852. — N.º 34.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

ASSUMPÇÃO DE NOSSA SENHORA.

A POESIA do Evangelista, enlevado na visão da rainha dos anjos, exclamava:

« Ei-la no céu como um signal prodigioso! ... E' uma mulher, que traja os resplandores do sol, e tem a lua a seus pés! »

Era o discipulo amado quem fallava: o companheiro, o confidente das amarguras da Virgem, o bemaventurado por quem Jesus Christo dissera a sua Mãe:

« Mulher! ahi tens teu filho! »

Levantem os homens o seu cantico d'amor á estrella d'Israel, e será pobre a sua lingua, e tibia a sua voz para acompanhar a voz do discipulo, a lingua do inspirado, e o coração do ultimo, que subiu da terra com o segredo das ultimas agonias do Redemptor! Elle, sim, que enchugara as lagrimas daquella Mãe! Elle, sim, que a vira, trajando os resplandores do sol, e alteando-se nas ondulaçoens da lua, entrar no seio luminoso das esferas, que rodam aos pés do Eterno.

A penna do homem, desgastada neste prurido esteril das glorias terrenas, não póde traçar os elogios de Maria, sem descahir nas ovaçoens mesquinhas da linguagem commum.

Pronunciar esse nome sem emoção é sentir o verme da insensibilidade corroendo o orgão das mais sublimes elevaçoens. Pronuncia-lo com respeito e ternura de filho, é sentir pequeno o coração para tamanho sentimento, e debil a linguagem para revella-lo.

Mas o augusto nome da Mãe do Salvador attrahe, reanima, inspira a confiança, e desfere nos coraçoens, escurecidos pelo peccado, a faisca da fé, a luz da esperança, o incendio do amor divino, e o divino condão de arrebatar as almas, que crêem e esperam, com este simples e magnifico nome: MARIA!

Onde bate um coração catholico, que não sentisse o estranho jubilo, as consolaçoens especiaes que são o mysterioso perfume desse nome ineffavel! Os afflictos, e os desgraçados, que nome invocam, e abençoam em recompensa das consolaçoens que recebem? Quem não estremece de alegria, quando, a braços com o infortunio, espera vencer a dôr com a protecção reanimadora da Virgem Santissima?

Invoca-LA, chorar-LHE aos pés as lagrimas de tantas angustias, que não remedeiam os homens, é reconhecer-LHE o poder sobre o infortunio, a superioridade aos tormentos, e a piedade maternal, a que temos direito, nós, os resgatados pelo sangue de seu Filho innocentissimo, de seu esposo espiritual, do seu Deus, morto em seus braços.

MARIA adoptou, na pessoa do discipulo amado, todos os homens por seus filhos.

MARIA, vivendo, egualou o sacrificio de JESUS CHRISTO expirando. Vivia nos flagellos d'uma saudade incomprehensivel. Vivia os dolorosos instantes de martyr; egualava, vivendo, os martyres em seus tormentos, porque, morta com JESUS CHRISTO, a sua existencia converteu-se n'uma torrente de lagrimas, que deviam misturar-se com o sangue de seu Filho no calix da Redempção.

Quinhoando da sorte dos apostolos, os derradeiros annos de Maria decorreram em peregrinaçoens no solo estrangeiro. S João, illuminado por aquella estrella, que o acompanhava em suas viagens, aperfeiçoou a maravilhosa sciencia, que brilha inspirada no seu Evangelho. A' luz daquelle candieiro de sete lumes, como os Santos Padres a denominam, o Evangelista penetrou o mysterio incomprehensivel da essencia increada do Verbo, e seu pensamento, voando audacioso, parecia divinisar-se na intelligencia das coisas infinitas, apanagio dos céus.

O apostolado tinha cumprido a sua missão, e MARIA julgou cumprida a sua, por que a Egreja, nas suas proprias forças, tinha os alentos da perpetuidade.

Nas montanhas de Sião, pobre e humilde, sobre um pobre e humilde leito, acercou-se de fieis que se prostravam regando-lhe de lagrimas o estrado. D'improviso os apostolos, dispersos no mundo, se encontram em redor daquelle leito de delicias MARIA fallou a todos palavras de consolação, e ostentou um rosto sereno, uma voz segura, e uma coragem divina, que eram, naquelle lance de separação, uma promessa de bem cedo se encontrarem na região, onde as torturas eram galardoadas, por mão d'Aquelle que escrevêra com seu sangue essa promessa.

MARIA parecêra adormecer n'um somno tranquillo. Aquelle coração, abrasado no amor divino, deixára de pulsar na terra. Um brilhante clarão innundara o aposento daquelle cadaver. Os canticos dos anjos resoavam em volta da sua Rainha. E os moradores de Jerusalém correram a venerar o corpo santissimo de MARIA.

Um sepulcro foi aberto em Gethsemani, e ahi, dos hombros dos apostolos, desceu sobre um leito de rosas o precioso cadaver. Durante tres dias, diz Juvenal, patriarcha de Constantinopla, os apostolos e fieis oraram, e vellaram, joelhados em redor do tumulo, misturando suas vozes e cantares aos canticos dos anjos, que não calaram suas harmonias desde o extremo suspiro de Maria. S. Thomaz, que viera depois dos funeraes, pedira com instancia a consolação de adorar o santo corpo de Maria. Vencidos por suas supplicas, os apostolos tiraram a pedra, que fechava a entrada do sepulcro; mas apenas encontraram murchas flores, sobre as quaes o cadaver repousára, e os véus de que fôra revestido, exhalando perfumes, que embalsamavam os ares, e extasiavam os fieis.

Cumpriram-se as palavras do profeta:

« Levantai-vos, Senhor, e entrai na vossa pousada, vós e a arca, pela qual glorificastes vosso nome. »

Camillo Castello-Branco.

FÉ.

O estudo psichologico, brasão nobilissimo entre os muitos que esmaltam o largo campo das sciencias, se bem que hoje, desgraçadamente, pouco apreciado entre nós, offerece-nos continuo a admiravel harmonia entre a naturesa e o Creador, a rasão e a fé, os segredos d'alma e os mysterios da religião.

Os homens pensadores, que reunem ás ideias religiosas, objecto de suas aturadas meditaçoens, um profundo conhecimento da naturesa racional, não cessam de vêr relaçoens, qual mais estreita, qual mais maravilhosa e multiplicada, que, como vinculos indissoluveis de mutuo parentesco, nos fazem conhecer como inseparaveis irmans a religião e a filosofia.

Por mingua do estudo da religião, despresado com notavel negligencia por notaveis escriptores, que se dizem filosofos, se tem apresentado em differentes épocas a sciencia das coisas como inimiga da fé.

A filosofia é a sciencia da verdade; começando, porém, negando suas investigaçoens, ou desconhecendo as revelaçoens da primeira verdade, é certo que, por uma consequencia inevitavel, filha de tão cega e porfiosa hostilidade, a incertesa e o erro tem occupado os dominios da intelligencia.

A tal ponto chegára a confusão, que o nome de filosofo, no sentido em que hoje se toma esta palavra, se julgara desfavoravel á reputação do Christianismo, pois se diria que o auctor do mundo sobrenatural não era o mesmo da naturesa, ou se affirmaria que a verdade se achava em contradição comsigo mesmo.

Mas estas contradiçoens que em distinctas épocas nos mostra a historia, fructos naturaes da ignorancia e das paixoens, desapparecem facilmente ante a rasão imparcial, que ao vêr traçada nos céus a gloria de Deus, e ao ouvir o firmamento publicar suas glorias, não se envergonha de prestar attento ouvido ás inspiraçoens religiosas.

Então o entendimento redobra suas forças, descobre um immenso espaço de luz onde antes só palpava espessas trevas, e penetrando no meio desse Oceano luminoso distingue os objectos que mal podia divisar ao longe. Inquire a naturesa e ella lhe responde em eccos de harmonia. Então mais animado com as novas descobertas, consulta seu proprio coração, e observa que esses sons mysteriosos, esses sentimentos, que foram incomprehensiveis, são vozes acordes do universal concerto.

Desde a mais remota antiguidade se tem chamado o homem animal racional. Com analogos fundamentos podia apellidar-se *animal religioso*, como observa um filosofo christão do seculo presente, por isso que a racionalidade não é mais natural á especie humana do que o sentimento religioso. A religião, ao passo que natural, é necessaria ao homem; e, como condição inherente á sua naturesa, deve ser inteiramente adequada a suas necessidades, affectos e destino.

A rasão e a fé não podem contradizer-se; porque, digamo-lo assim, o homem da naturesa não é contrario ao homem da religião; e toda vez que estes dois germens existem na alma e se desenvolvem espontaneamente, suppo-los inimigos, como com frequencia se pratica, é o cumulo do absurdo!..

Com muita rasão diz um sabio que a muita sciencia conduz á religião, assim como a escassa sciencia nos separa da fé. Se bem se reflexiona, vemos que uma grande parte dos erros filosoficos, dessas falsas theorias, innundaçoens furiosas que de tempos a tempos propagam a sisania nos fecundos campos do saber, traz sua origem da precipitação dos juizos. O costume de generalisar antes de bem haver observado todos os fenomenos, que devem sugeitar-se á analyse para julgar com acerto, é um dos maiores inimigos da verdade. Quando se trata de examinar um objecto complexo, grande e elevado, o estudo frivolo e ligeiro póde arrastar-nos ao erro, ainda a pesar nosso. Não é pelo matisado das côres da penna que se ha-de medir o vôo da aguia; nem pela superficie das ondas a profundidade dos mares.

Não é, pois, estranho que a escóla filosofica do seculo passado estudando unicamente as sensaçoens da alma, descesse até ao materialismo; como tão pouco nos maravilha que Hume e Berkley, encastelados no idealismo puro, negassem a existencia dos corpos.

Entre o maniaco e o sabio que, fixando a attenção n'um só ponto dos complicados objectos scientificos, intenta explicar falsamente por elle todos os fenomenos, não ha differença substancial. A loucura do segundo é um tanto mais surprehendente e duplicadamente funesta pelo ascendente que exerce sobre a multidão ignorante.

Esta falta de estudo que se observa em muitos escriptores quando buscam explicar a maravilha das maravilhas — o homem, é uma das causas mais poderosas da inconcebivel e escandalosa inimisade que suppoem existir entre a filosofia e a religião. Os mais augustos mysterios da fé tem sido impugnados em nome da rasão e da naturesa, como se estas, até certo ponto, não no-las revelem se quizermos escutar suas vozes.

Abramos o livro da naturesa, consultemos suas paginas, e veremos que todo elle é um brilhante prologo da Biblia.

(*Continúa.*) *S.*

O DEISMO.

II.

O sentido interior, que não póde absolutamente suffocar-se, não nos determina a tributar homenagens á virtude, se não, porque nos dicta, que ella vive além do tumulo; e não nos leva a consagrar respeito ás almas dos homens grandes, senão segurando-nos interiormente da nossa immortalidade.

Se o impio se recolhesse dentro de si mesmo, para meditar, se calculasse e se examinasse bem o seu coração, em vez de se deixar arrastar por suas paixoens, e de andar bebendo paradoxos vergonhosos, elle abjuraria sem demora os seus erros, renderia, com todo o Universo, uma solemne homenagem á verdade.

O homem não desce até fazer-se similhante ao caracol, até vêr no cão um seu irmão, até confundir-se com os vermes, se não por uma aberração de espirito incomprehensivel, senão negando a existencia da divindade, ou fazendo della uma ideia monstruosa, que importa no mesmo atheismo.

Um Deus, que é a suprema rasão de todas as coisas, formaria o homem, para lhe mostrar, no goso das suas depravadas inclinaçoens, e na satisfação dos seus crimes, e maldades, a suprema felicidade, a que póde chegar? Será o homem tanto mais feliz, quanto mais bru-

tal e deshumano fôr, quanto mais se affastar do seu Deus e das suas obrigaçoens, quanto mais procurar a sua felicidade em seus affectos desordenados, na iniquidade do seu procedimento, na soltura de suas paixoens criminosas, ou na origem dos males, que affligem a humanidade? Que horror, e que injuria feita á divindade!!

Por ventura verá Deus com os mesmos olhos aquelle, a quem o dever é a suprema lei, a que obedece, que não duvida sacrificar-lhe a propria vida, como aquell'outro, que na prostergação delle, faz consistir a sua felicidade, que não duvida sacrifica-lo a uma paixão cruel, ou a um vil interesse — que não duvida, para proveito seu, deshonrar, ou fazer desgraçados seus irmãos?

Acaso não fará elle differença entre o infame parricida, e o filho terno e submisso; entre o coração sensivel e generoso, que se compraz em fazer bem, e o infame egoista, e o sordido avarento, surdo aos clamores da humanidade afflicta, que escarnece da sua miseria, não se importando senão de si? Não fará elle differença entre o monstro, que crava um punhal nas entranhas de seu irmão, para lhe arrancar a vida, e a alma generosa e bemfeitora, que salva a vida dos outros á custa da sua?

Em que abysmo de cegueira se não perde o homem, quando perde a luz da fé!!

Como se atreve elle a degradar e aviltar a divindade, até faze-la despresivel?

Não terá ella que dar áquelles, que a servem? Abandonará ella os seus amigos, para nunca mais os conhecer? Será como o homem, que acompanha o amigo á sepultura, e depois, não tem mais, que lhe faça?

Como se atreve elle escarnece-la, ou a fazer irrisorio o seu poder? Acaso escarnecerão della o impio e o malvado, que se subtrahem ao seu imperio? Não será ella ciosa da sua gloria? Nada faria Deus para assegurar o seu poder, para ser respeitado e obedecido? Como se atreve elle a faze-lo inconsequente e iniquo? Será Deus legislador, para abandonar as suas leis ao capricho de cada um, importando-lhe tanto, que sejam observadas com fidelidade, como transgredidas com furor, dando igual galardão áquelle, que o serve fielmente, como áquelle, que o insulta e ultraja? Como o faz elle absurdo, isto é auctor d'uma obra tão indigna da sua sabedoria, como da sua justiça?

Proscreva-se da face da terra o nome da divindade, ou não se duvide mais da immortalidade d'alma, do premio para a virtude, e do castigo para o vicio. Um Deus indifferente ao vicio e á virtude, é um fantasma ridiculo, é um ente despresivel, é um monstro forjado pelas paixoens em delirio!!

Mas que mostra este tecido de desvarios, e de extravagancias do homem, que abandonou a religião, que prova elle? que o homem entregue a si mesmo, se perde n'um labyrintho de erros, e de extravagancias incomprehensiveis, não conserva uma só ideia religiosa, mas anathematisa-as e destroe-as todas!

Tanto é verdade, que o orgulho do homem não soffre superioridade, e que quando não reconhece o seu Creador, como seu legislador, constitue-se em divindade, adora-se a si mesmo, não reconhecendo mais, nem lei, nem juiz, a que obedeça!!

Como é logo verdade, que não ha religião sem que a divindade se manifeste ao homem, como seu Deus e Senhor, como seu juiz e supremo arbitro dos seus destinos! Como é verdade, que não ha religião, sem uma crença positiva, sem preceitos, e sem um culto, que seja delle a viva expressão, ou sem que se nos mostre, n'uma lei, a regra dos nossos deveres, e na sancção della, ou no premio e castigo, que estabelece, um grande bem no seu cumprimento e um grande mal na sua transgressão!

Não ha religião, quando da ideia de Deus se separa o dominio supremo, que tem sobre as suas creaturas, a dependencia e relaçoens, que nos ligam com elle; quando cessamos de lhe manifestar, por actos internos e externos, que o reconhecemos por nosso Deus e Senhor; quando deixamos de lhe manifestar, por nossas acçoens, que o reverenceamos por sua grandesa; que lhe damos continuadas acçoens de graças por sua bondade, e que implorámos a sua clemencia, confessando as nossas miserias e desarmamos a sua justiça, reconhecendo as nossas culpas.

E' pois a divindade do deista um puro fantasma, é uma inconsequencia, ou antes, um absurdo. O deismo é um atheismo pratico, menos consequente, e tão fecundo em resultados fataes como o atheismo de opinião, ou o puro materialismo.

Aquelle, pois, que não quizer viver como christão, ha-de viver como atheu, não sendo o deismo, como diz Bossuet, mais que um atheismo disfarçado.

Mas se dissemos que o deismo é inconsequente e absurdo o systema contrario a elle, ou d'um Deus manifestando-se ao homem deve ser consequente e rasoavel.

Se Deus não podia crear-nos sem algum destino, que se póde imaginar de mais conforme á bondade e infinita sabedoria de Deus do que manifestar-se ao homem, como seu Deus e Senhor, como seu pae e creador, fazer-lhe conhecer a sua vontade, para que se não extravie do seu fim?

Que pae ha, que deixe d'instruir seus filhos e prescrever-lhe a regra da sua conducta? e Deus o melhor dos paes abandonaria a creatura mais perfeita, que sahiu das suas mãos; aquelle que elle fez á sua imagem e semelhança, e entrega-lo-hia á sua fantasia para ser victima dos seus erros e das suas paixoens?

Que rei ha, que deixe de se interessar na felicidade de seus vassallos, que não procure dirigi-los por meio de leis justas e sabias a um glorioso fim? e só Deus o supremo rei do céu e da terra, o ente sapientissimo e perfeitissimo, a soberana rasão de todas as coisas crearia o homem sem respeito á sua gloria, sem outro fim e outro objecto mais, que condemna-lo á morte e ao nada? não parece isto repugnante ao fim da creação, não sendo possivel conceber-se, que fosse outro senão a manifestação da sua gloria, ou antes não se vê, que isto é um visivel absurdo?

Aquelle pois, que regeita a revellação, vendo-se na necessidade de acredita-lo, não é elle levado naturalmente ao atheismo, ou a duvidar da existencia do creador, não podendo combina-la com um procedimento tão indigno da sua grandesa e da sua sabedoria?

O deismo, não sendo um systema religioso, uma crença qualquer, mas simplesmente uma ideia vaga, especulativa e esteril ácerca da divindade, de que elle não conhece mais que o nome, que não póde fixar-se no coração; que por sua naturesa, está condemnado a uma uciação eterna, que não exerce nenhuma influencia sobre os nossos sentimentos e sobre a nossa conducta importa, sem differença nenhuma, no mesmo que o atheismo.

A filosofia, que algumas vezes se tem proclamado deista não é o ensino d'alguma ideia religiosa, é a aniquilação dellas todas, porque a filosofia arrancando o Christianismo do coração lança o homem necessariamente na incertesa, n'um vasto campo d'opinioens, que não teem mais apoio, que os humores e o capricho de cada um; e não é com opinioens incertas e vacillantes, que a cada momento se mudam e desvanecem, que se dirigem os espiritos, mas com crenças e habitos religiosos, que ella não póde crear e muito menos prescreve-las, ou impo-las aos outros, de que o resultado é o atheismo ou a total carencia de ideias religiosas, seja qualquer que fôr o apellido com que ella se denomine.

Não ha pois fora da religião, se não atheismo e por toda a parte atheismo, porque o Deus da filosofia não é um ente real, é um ente puramente ideal, é um fantasma da imaginação, que cada um reveste das cores que lhe parece, figurando-o sempre monstruoso e absurdo, acabando por isso pelo entregar ao despreso; e a filosofia aqui não é inconsequente.

Se a sua divindade, desde que nos creou se não embaraçou mais comnosco, se nos abandonou para sempre, para que havemos de procura-la, para que havemos de invoeala e render-lhe homenagem, ou tractar de lhe agradar? porque não viveremos á medida do nosso desejo, como muito bem nos parecer sem nos emportarmos com ella, visto que ella se não importa com nosco?

Mas como tudo isto é soberanamente absurdo e monstruoso, é por isso que, desde o momento em que a existencia de Deus é uma convicção para o nosso espirito, o christianismo se appresenta logo com todos os seus dogmas com uma força tal que subjuga o nosso espirito, e que elle tem a gloria de não deixar aos seus inimigos se não o atheismo, isto é o que ha de mais louco despresivel e in-

sensato. Tiraremos pois em conclusão sem medo de sermos desmentidos, ou desafiando todo o mundo, para que nos desminta, que não ha meio termo entre o christismismo e o atheismo, e que aquelle que não quizer viver como christão ha de viver como atheu, sendo indifferente que se appelide panteista, materialista, fatalista, septico, indifferentista, ou deista, porque os nomes não mudão a essencia das cousas.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

RETROSPECTO DOLOROSO.

Não é sem profunda repugnancia que vamos evocar amargas scenas d'um theatro de sangue, em que a « filosofia da impiedade » estreou as suas primeiras façanhas, na historia moderna.

Doe-se o coração, e recusa o entendimento historiar a inauguração desse gigante immoral, que veio cevar-se em cadaveres, e sentar-se em thronos, e victoriar-se em ruinas, que são hoje ainda os cimentos sobre que o seculo XIX intenta edificar o seu monumento de regeneração social.

Queremos fallar dessa época, chamada TERROR, epitheto expressivo, que substitue o de IMPIEDADE.

Entre 21 de Janeiro de 1793, em que foi morto Luiz XVI, e 28 de Julho de 1794, em que na mesma cesta rolou a cabeça de Robspierre, ha lances, que fazem chorar a humanidade, e obrigam-na a aviltar-se até ao degradante covil de feras insaciaveis.

Os braços paralisaram tolhidos pela atrofia do terror; mas eram os braços daquella parte da nação, que contemplava consternada a carnagem dos seus, em quanto a mão do algoz lhe não mostrava esgotado o ultimo bago da ampulheta, o ultimo suspiro da existencia.

Os proconsules, enviados de Pariz, decretaram a proscripção da innocencia e da virtude, a inquisição domiciliaria, o roubo sem desculpa, o carcere sem esperança, o cadafalso sem escolha, a violação de todos os direitos e principios, o cynismo cruento do paganismo, a reclusão de infelizes, sem distincção de sexo nem idade, nos templos outr'ora consagrados ao culto. Depois a tortura, a mutilação, a morte de todo o genero, de invenção « gloriosa » para o inventor, mais dolorosa que o cadafalso, mais demorada que a estrangulação, e mais sublime de horror que a tradição dos circos romanos; decretaram, finalmente, a abolição do Eterno.

Morreram *Maria Antoinette*, o duque d'*Orleans*, *md. Rolland, Baielli, Manuel*. . . tantos, quantos seriam os amigos, os respeitadores, os indifferentes a esses caracteres sublimes, que, martyres da honra, do Christianismo, e da nacionalidade, *em nome da nação*, expiraram, corajosos das esperanças do justo, em mãos d'algozes politicos, instrumentos forjados na fabrica impiedosa dos « filosofos » voltaireanos.

Maignet, o enviado a Orange com o facho do exterminio, gloriava-se de ter atulhado as prisoens d'uma cidade com doze mil cadaveres.

Carrier, em Nantes, inventava a maneira *mais expediente*, como elle dizia, de desembaraçar-se dos seus: mergulhava-os no Loire, em feixes de ambos os sexos, e desenfasteava-se dos enojos do remorso, sorrindo na presença daquellas agonias, que elle chamava um *casamento republicano*.

Em Verdun foram decapitadas dezesete senhoras, que dançaram n'um baile de prussianos. Ao mesmo tempo rolavam as cabeças dos marechaes de *Noailles e de Maillé*, a do virtuoso *Malesherbes*, e a da angelica *Elisabeth*, irman do rei.

Se um brado d'indignação protestava contra o delirio sanguinario d'uns poucos de francezes, embora um republicano fosse o pregoeiro da paz, a sua cabeça respondia pelo atrevimento, como as cabeças dos vinte e dois girondinos, que tentaram erguer um dique á torrente de sangue, que ameaçava varrer a face da França.

Queremos fazer especial menção da mortandade no clero. Este facto explica a logica desastrosa, que encaminhou a França a essa primeira manifestação d'um iracundo atheismo. As disputas religiosas de seculo precedente, enfraquecendo os vinculos da caridade, atrofiaram o sentimento da fé; e o espirito de incredulidade, descendo das classes superiores, insinuara-se nas multidoens, cujo braço, desamparado do apoio da religião, e livre a beneplacito das paixoens, é um instrumento de sangue, que faz empallidecer a memoria dos amphiteatros de Diocleciano.

A historia não consente que se occultem successos lamentaveis, que envergonham uma classe, aviltada pelos feitos escandalozos de um de seus membros. Diga-se em honra da verdade, e para que mais se admirem os effeitos da irreligião, que algum membro do clero em França travou do punhal assalariado á convenção para alistar-se na horda dos algozes de seus irmãos.

O padre *Gobel*, bispo constitucional de Pariz, depoz as insignias, negou o caracter do episcopado, apostatou em presença das turbas, e arrastou comsigo alguns daquelles traidores, que, em toda a parte, envenenam a puresa da sua missão, renegando-a, sem comtudo a renunciarem. O cura de *Vaugirard* declara que « reconhecendo os prejuizos, que o fanatismo semeára em seu coração, e seu espirito, abjurava e rasgava o seu diploma de sacerdote. » Os tribunos acolhiam, com applausos ferozes, estas renuncias, e abraçavam cordealmente os apostatas, que, pouco depois, estrangulavam, sem lhes dizer porque.

Reuniram-se as communas, e vieram declarar á assemblea, que renunciaram os erros da superstição, e apenas admittiam um culto unico e respeitavel — o da rasão. Uma declara, que, d'ora ávante, o seu fanatismo é o da liberdade e egualdade, e o seu dogma as leis republicanas. Outra declara que vai fazer uma divertida fogueira de todos os confessionarios, e livros d'ensino catholico. Esta declara que quer o busto de *Marat* levantado no altar mór de S. Sulpicio. Aquella declara, que renunciando a todo o culto christão, proclama religião do paiz as virtudes republicanas.

Repellido o catholicismo, como religião do estado, apossaram-se de seus thesouros, e edificios como bens nacionaes. Os moveis das egrejas foram empregados, segundo as necessidades do momento, e Fouché, ex-congregado, enviava, do departamento d'Allier, as baixellas que podéra accumular nos mosteiros, e toda a prata, que deparára *mal-empregada no serviço dos idolos*. Aos pés da convenção descarregavam-se os fardos de corôas, e relicarios, e calices, e desses sagrados objectos alguns truoens, cantando *alleluia*, encarregavam-se tirar motivo para a hilaridade sacrilega dos mesmos, que, no dia immediato, salpicavam de sangue o theatro das suas galhofas.

A 10 de Novembro foi celebrada a primeira festa da *Rasão*, na egreja de Nossa Senhora. A esposa d'um typografo representava de deusa. Vestiram-na de branco, engrinaldaram-na de rosas, soltaram-lhe os cabellos pelas espaduas, e levantaram-na em um throno, levado por quatro 'benemeritos cidadãos.' Depois seguiam-se duas donzellas toucadas de flores, e as estatuas de *Lepelletier* e de *Marat*. Houveram discursos patheticos, e vivas estrepitosos de « Viva a republica, e morra Deus. » A superstição e o fanatismo, segundo elles, fôra até então o Deus de França, e da humanidade geralmente.

« Se attentarmos no quadro da França, nesta época, (diz *Thiers*) vê-se que nunca maiores repressoens foram exercidas sobre aquella parte inerte e paciente da população, sobre a qual se fazem experiencias politicas. Ninguem ousava emittir uma opinião pessoal; não se ousava vêr um amigo e um parente sem medo de compartir no seu compromettimento, e perder a liberdade, e muitas vezes a vida. Cem mil prisoens, e alguns centos de sentenças de pena ultima, tornaram o carcere e o cadafalso presentes sempre ao pensamento de vinte e cinco milhoens de francezes. »

Fouquier-Tinville fizera erguer o patibulo na sala immediata á das condemnaçoens. « Isto vai optimo! dizia elle — As cabeças cahem como as ardoseas, mas na decada proxima ha-de ser melhor ainda. »

« Quanto mais transpira o corpo social — dizia *Callot d'Herbois* — mais são se torna.

Robspierre era deista, e fez decretar a Assemblea que o povo francez acreditava na existencia de Deus, e immortalidade da alma. Em quanto a si, declarou-se Sum-

mo Pontifice do culto, e exerceu as funcçoens na grande festa das *Tuilleries*. Desde então eram executadas tresentas victimas por dia, segundo as estatisticas mortuarias que poderam alcançar-se. Uma testemunha ocular contou em Paris, no espaço de seis semanas, mil trezentas e quatorze. O meu fim é regenerar a nação, dizia Robspierre a quem lhe perguntava a utilidade de tantos cadaveres.

Como se explica esta aberração de todos os sentimentos nobres, esta negação de piedade para tantas dores, esta cruesa cerval contra tantos innocentes?

O despreso absoluto de Deus: não ha outra explicação possivel na linguagem humana.

Bayle semeára a duvida nas discussoens religiosas. *Voltaire* salgára-as com o ridiculo. *Rousseau* invectivára a desigualdade das condiçoens. *Helvetius* dissera que a alma era uma chimera. *Holbac* déra a naturesa como unico Deus possivel. O sangue da revolução francesa cahiu na posteridade que applaudira a obra daquelles responsaveis por tantas agonias.

Repetimos: é doloroso commemorar estes factos, que, a muito custo, desassombramos das côres negras com que devem ser descriptos. Mas é um serviço feito á humanidade, lembrar-lhe frequentes vezes o que é a impiedade, e que funestas consequencias derivam della.

Camillo Castello-Branco.

BYBLIOGRAFIA.

UM LIVRO DE OURO.

Ha obras cujas paginas são celeste balsamo ás magoas da existencia; outras que são o raio fulminador do atheismo.

Silvio Pellico, na aurora da existencia, quando a vida lhe sorria mimosa de venturas, e o futuro lhe apontava uma larga carreira de prazeres, condemnado a sepultar nos horrores d'um carcere quantas illusoens, e sonhos fantasiára, traça em frente do cadafalso as resignadas paginas das — Minhas prisoens!

Roselly de Lorgues, rico de esperanças ao despontar na vida, ebrio nos perfumes d'uma venturosa mocidade, collocado nos ultimos limites da existencia, com a saudade no mundo e o desejo em Deus, escreve as immortaes paginas de = *Jesus-Christo perante o seculo!*

Eis-aqui um livro que não poderá ser riscado da memoria dos homens; um monumento que Lorgues levantou á verdade do Christianismo. A França gemia sob o peso do atheismo, e em vão se esforçava por exterminar o veneno que corroia a alma da sociedade. Voltaire, morrendo, legou-lhe um tumulo, onde, como elle, a mocidade hiria precipitar-se raivando contra a Omnipotencia, e anathemafisando a sociedade!

A França definhava no encanecer da impiedade; e estorcia-se, gemendo, no potro da devassidão, cujo germen era o *volterianismo!* ....

Roselly de Lorgues estudára o coração do homem, analisára-lhe as tendencias, e, apesar de corroido, conheceu-lhe a vocação religiosa. Julgando apartar-se do mundo, quiz na sua morte legar como epitafio ao atheismo o seu livro immortal; quiz erguer-se a si proprio um mausoleu de gloria perenne.

E conseguiu-o!

Esse livro, escripto com o amor da humanidade, e com o sentimento da verdadeira religião, é o ultimo golpe descarregado sobre os inimigos de Christo.

E' o fantasma impassivel que de continuo surge ante os impios, e que não ha imprecaçoens, nem rogos a fazelo desapparecer! E' o estandarte da Cruz arrancado ás mãos dos profanadores do templo, e alevantado pela mão da verdade que, mau grado seu, se veem forçados a adorar!

E' o Christo patenteado ao mundo, rasgado o veu misterioso que lho vedava até então!

Impios, e crentes; atheus e adoradores todos reconhecem a Jesus-Christo pela obra monumental deste genio do Christianismo! ....

A verdade transparece em todas suas palavras. A inflexibilidade com que julga a todos, com que analysa tudo não admitte a menor tentativa em contrario.

Rematarei dizendo, que = *Jesus Christo perante o seculo* = é não só uma obra que honra o Christianismo, mas o seculo em que foi escripta.

Mancebos, que vos regosijaes no goso de vossas ideas impiedosas, meditae éste livro no silencio de vossos gabinetes e envergonhar-vos-heis de haverdes um dia pensado contra a religião. Eu, como vós, tive a minha epoca de indifferentismo; vivi na atonia de crenças algum tempo, e por isso conheço que só a ignorancia, a falta de conhecimentos na materia é a causa de tão desastroso estado. O coração da juventude é, de natureza, propenso á religião; as poucas luzes, somente, o podem corromper. Lêde este livro, que o amor de irmão me faz lembrar-vos, e eu vos affiança os resultados que em mim operou sua leitura.

Augusto Pereira Soromenho.

ANEDOCTAS

DO

Ministerio do Marquez de Pombal, e Conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Mello.

Versão do francez — 2 tomos em 8.° port.

O CRIME, acobertado nas dobras do manto impostor da mentira, não é mysterio muito tempo, nem ha geração viciosa, que possa legar á successora a sua capa de hypocrita virtude.

Vejam que D. José 1.°, e o marquez de Pombal, e a expulsão dos jesuitas são homens e acontecimentos de hontem, que já hoje respondem no tribunal da critica, em que o juiz incorruptivel — a VERDADE — condemna com documentos insubornaveis.

As iras tempestuosas desse mar de sangue, em que os « amigos » da humanidade desejaram vêr o naufragio da companhia de Jesus, ahi vem partir-se no rochedo da historia, que, inabalavel de factos irrespondiveis, arremessa para longe, como o dedo de Deus, as sediças invectivas de calumniadores ignaros.

A palavra — jesuita — estremecia os nervos desta multidão de superficiaes, que desgraçadamente são sempre os primeiros a sentar-se nos ágapes da sciencia. Ao passo que motejavam as supersticoens, alimentadas pela ignorancia dos imbecis, davam de si um triste documento de cega credulidade no *ipse dixit* do Seabra, e de muitos outros Seabras, inspirados pelo celebre senhor d'Oeiras.

A « Deducção chronologica » lida com anciedade por nossos paes, foi-nos transmittida como « cordão sanitario contra a peste jesuitica. »

Este gracioso epitheto faz-nos recordar um folheto, assim nomeado, e aqui publicado ha poucos annos, como prova da orthodoxia de seu auctor, que podéra melhor servir a causa do clero, a que pertence, se melhor comprehendesse o muito que recua no progresso das letras, onde quiz alistar-se com aquelle diploma d'admissão em punho.

Felizmente os espiritos não se impressionavam dessas leituras, que, por mais capciosas que venham de seus auctores, accusam sempre uma deficiencia de verdade, que emparelha rigorosamente com a deficiencia do genio. O mal não vem d'ahi, porque, n'um seculo analytico, a mentira não entra de barato na circulação como boa moeda. O mal veio do que nossos pais, sinceramente crentes, nos transmittiram a respeito da sociedade de Jesus. Em seu tempo, se viessem a campo as questoens vigorosas de *Cretineau-Joly* com os jornaes italianos e francezes, a geração que passou, desilludida, tomaria a cargo legar-nos uma herança de verdade, que hoje vamos grangeando, apesar dos embaraços espinhosos da ideia antecipada.

Quem quizer averiguar o dolo e reserva com que foram redigidos os libellos que maculam a companhia de

Jesus, leia, possua-se do espirito do desengano, dispa-se de preconceitos herdados, colloque-se ao lado desse tão apregoado luminar do seculo XIX, e revista-se da coragem, que demanda a profundesa d'um estudo, que, astuciosamente, os inimigos da companhia enredaram de estorvos fraudulentos.

Obra, que muito póde contribuir para este valioso resultado, é a que annunciamos publicada. O auctor esquadrinhou subtilmente os escaninhos do sofisma, que, *momentaneamente*, desvirtuou o primor d'arte das instituiçoens religiosas. O reinado de D. Jose 1.º, não seria melhor desenvolvido do seu enredo de intrigas, por um diplomata, que espreitasse invisivel cada passo do rei, cada pensamento do valido, e cada feito dos jesuitas, na crise angustiosa, em que se viram.

A obra tem a excellencia do fim — que é desafivellar a mascara da hypocrisia, e mandar compara-la em suas contursoens impiedosas com a serenidade da verdade, sempre magestosa no seu posto.

As edicoens são repetidas em Genova e Paris. Portugal precisava deste livro, para melhor interpetrar as *Memorias do marquez de Pombal*.

A versão, com quanto defeituosa, parece achar uma tal ou qual desculpa no merito do texto.

Camillo Castello-Branco.

CONFERENCIAS DO P. LACORDAIRE.

As conferencias do *P. Lacordaire*, principiadas a traduzir em Lisboa, não passaram das primeiras, segundo a noticia que temos. Essas mesmas não foram annunciadas ás provincias, e as provincias devem conhece-las, para admirarem o primeiro orador sagrado de nossos tempos. Padre Ventura encaminha o espirito na estrada plana d'uma logica persuasiva até ao extremo da convicção. *Lacordaire* arrebata o espirito em assomos de enthusiasmo religioso, e obriga-o, permitta-se-nos a figura, a tocar o céu, para, perto do Eterno, confessar a magestade do Christianismo.

Propenso ás emoçoens calidas, aos vôos audaciosos, que alteam o homem a uma esfera, que não parece a sua, tributamos uma fervente idolatria ao dominicano, e não podemos substitui-lo pela severidade demonstrativa do ex-geral dos Theatinos. Ventura é hoje em França o apostolo que invoca os espiritos abalados pela vibração enlevadora, que *Lacordaire* lhes imprimira; mas, Portugal não teve ainda esse toque de poesia, que commove o espirito, e cede o impulso depois ás rigorosas insinuaçoens do raciocinio. *Lacordaire* deve ser conhecido entre nós, como o é em Italia, em Inglaterra, na Belgica, no mundo civilisado, menos em Portugal, onde *Eugenio Sue* e *A. Dumas* não cedem por em quanto as honras de fornecedores de optimas armadilhas ao dinheiro e á moral. *Eugenio Sue*, o creador dos *Mysterios do Povo*, nega a divindade de Jesus Christo; *Lacordaire*, o orador de Nossa Senhora de Paris, affirma a divindade de Jesus Christo. Desgraçada comparação, e desgraçado conceito o em que devemos ter os importadores d'uma obra, e os ignorantes da outra!

Vamos dar no *Christianismo* as Conferencias do P. Lacordaire, e serão ellas as unicas traducçoens admittidas neste jornal, á excepção da *chronica religiosa*. A nossa collaboração neste jornal cessará, quando esta condição não fôr cumprida. Cabe aqui uma advertencia aos assignantes deste jornal. As *conferencias* publicadas não podem ser traduzidas e impressas nos numeros, que faltam a preencher o anno da assignatura; mas o jornal continuará senão falharem as primeiras condiçoens da sua existencia.

Camillo Castello-Branco.

PREFACIO.

Tres feridas fez no homem o peccado original, todas tres curaveis neste mundo pela efficacia da redempção: — a concupiscencia, a ignorancia e o erro. A concupiscencia, que, desligando o homem de Deus, o impelle freneticamente para os objectos sensiveis; a ignorancia, que, pelas trevas que em seu espirito accumula sobre a natureza e a acção divinas, o separa da luz increada; o erro, em fim, que, pelo clarão de uma luz illusoria, o attrahe e desvia para longe do centro brilhante da justiça e da verdade. Estes tres fócos do mal, que nos são transmittidos com a existencia para exercicio de nossas forças e origem de nossos meritos, são constantemente combatidos, em nome de Jesu-Christo, pelos sacramentos e pela palavra, de que é activa depositaria a egreja catholica. Por meio dos sacramentos, são por ella purificados os nossos corações, chamando a elles uma effusão de eterna santidade que em Deus reside; é ella a que dissipa da nossa intelligencia as sombras que a obscurecem, penetrando-a de uma luz superior á natural; ella, a que auxilia a fraqueza de nossa logica contra os sofismas de uma deducção illusoria, communicando-lhe a rectidão da humildade. Quiz, porém, o Senhor que a esta acção interna, que a egreja exerce em nossas almas, se juntasse a acção externa da palavra; pois nada do que é relativo ao homem, ao mesmo tempo, sempre, e por toda a parte, composto de espirito e de materia, deve ser puramente espiritual. E assim como os sacramentos são destinados a produzir tres effeitos — pureza, luz e rectidão, — assim tambem a palavra da egreja está preparada, nos conselhos de Deus, para sanctificar, esclarecer e desenganar o homem D'aqui se derivam tres prégaçoens diversas: — pregação de moral, para combater a concupiscencia; — prégação de doutrina, para combater a ignorancia; — prégação de controversia, para combater o erro.

Quando Jesus-Christo dizia ao povo: *Bemaventurados os pobres de espirito*, (1) era a prégação da moral. Quando disse ao Phariseo, que uma noite o procurou para sondal-o: *Quem não renascer da agua e do Espirito Santo, não póde entrar no reino do Ceo*, (2) era a prégação da doutrina Quando, em fim, respondia aos Sadduceos, que procuravam embaraça-lo ácerca da ressurreição dos mortos: — *Não tendes lido o que Deus disse: eu sou o Deus de Abraham, de Isac e de Jacob? Ora Deus não é dos mortos, mas sim dos vivos*, (3) era a prégação de controversia.

Estas tres prégaçoens são perpetuas na egreja, porque continuamente tem ella em sua presença homens fracos, homens ignorantes, homens illudidos Mas, — bem differentes das paixoens que permanecem constantemente as mesmas, salvas apparentes modificaçoens — a ignorancia e o erro variam quasi ao infinito, trajando ora as vestes da barbaridade, ora as da civilisação, ora as da decadencia, e emprestando aos povos, para adormece-los ou subjuga-los, seu proprio temperamento, sua indole natural. E' a antiga serpente da perdição, que muda de côres á luz do sol de cada seculo. Por isso, com quanto apenas diversifique de estylo a prégação da moral, é necessario que a de instrucção e de controversia, tão flexivel como a ignorancia, tão subtil como o erro, imite a poderosa versatilidade daquella e deste, e os obrigue, mudando de armas a todo o instante, a lançarem-se nos braços da immutavel verdade.

As conferencias que hoje publicamos não pertencem precisamente nem ao ensino dogmatico, nem á controversia pura: são um composto de uma e de outra coisa, da palavra que instrue e da palavra que discute, destinadas a um paiz aonde a ignorancia religiosa caminha a par da cultura do espirito, e onde o erro é mais audaz do que instruido e profundo: nellas procuramos tratar das coisas divinas em linguagem analoga aos sentimentos e á situação de nossos contemporaneos. Deus nos tinha preparado para esta tarefa, permittindo que por largos annos vivessemos esquecido do seu amor, arrastado pelos mesmos caminhos que um dia nos destinava a percorrer em sentido inver-

(1) S. Math. V, 3.
(2) S. João III. 5.
(3) S. Math. XXII, 31 e 32.

so; de modo que, para fallarmos como o temos feito, nada mais nos foi preciso do que ter ouvidos e alguma memoria, e collocar-nos a certa distancia de nós mesmo, unisonos com um seculo em que tudo amamos. Daqui nascem, segundo julgamos, tanto as sympathias que se nos tem manifestado, como as accusaçoens que nos tem perseguido. Uns nos tem tratado como a um irmão arriscado na perigosa travessia das regioens da fé, outros, como a um irmão perdido nas recordaçoens do mundo. Pela nossa parte, temos procurado conservar-nos manso com uns e com outros, quer no meio dos triunfos quer no da humilhação; e Deus, que é o juiz dos coraçoens, nos tem auxiliado.

Alguns perguntam qual é o fim pratico destas conferencias. Qual é, dizem, o alvo desta palavra semi-religiosa e semi-filosofica, que affirma e que contesta, e que parece entreter-se sobre os confins da terra e do céu? Seu fim unico, posto que muitas vezes excedido, é preparar as almas para a recepção da fé, porque a fé é o principio da esperança, da caridade e da salvação, e porque este principio, debilitado em França por sessenta annos de uma litteratura corruptora, aspira a renascer, e só lhe falta para consegui-lo o impulso de uma palavra amiga, de uma palavra que mais supplique do que ordene, que poupe mais do que fira, que mais affaste do que rompa os véus do horisonte, para que entre, emfim, em commercio com a intelligencia, poupando-lhe a luz como se poupa a existencia a um enfermo ternamente amado. Se este fim não é pratico, o que haverá no mundo que o seja? Em quanto a nós, que já experimentamos as dôres e os encantos da incredulidade, quando conseguimos lançar uma só gota de fé em uma alma atormentada pela magia da sua ausencia, damos muitas graças e bem-dizemos a Deus; e ainda que uma só vez em nossa vida o conseguiramos á custa do suor de cem discursos, igualmente bem-diriamos e agradeceriamos a Deus. Outros, se não formos nós, outros virão depois, que farão amadurecer a espiga e a cegarão; porque o Senhor disse: — *Um é o que semeia, outro o que cega.* (4) A egreja não se limita a uma so classe de obreiros: tem muitos e de todas as especies, formados por esse espirito que *sopra onde lhe apraz, que dá sem medida*, mas com *distribuição, que faz uns apostolos, outros profetas, estes evangelistas, aquelles pastores e doutores, a fim de empregar toda a santidade no ministerio que edifica o corpo de Christo.* (5) Como filhos desse espirito um e multiplo, respeitemos em cada um de nós a sua presença; e logo que uma alma repercutir no seculo o som da eternidade, logo que prestar testemunho a favor de Christo e da sua egreja, não sejamos mais rigorosos do que Aquelle que disse: *Quem não é contra vós, é por vós.* (6) Não se trata agora de seguir preceitos de rhetorica; mas sim de conhecer e amar a Deus: tenhamos a fé de Paulo, embora fallemos o grego tão mal como elle.

Chamado pela escolha de dois bispos ao primeiro pulpito da egreja de França, tenho defendido a verdade como minhas forças mo tem permittido, ao menos com um accento de sinceridade que em algumas almas tem feito impressão. Hoje publico as palavras que alli disse. Frias e descoradas chegarão ellas ao leitor, mas quando, pelos fins do outono, as folhas cahem por terra e nella ficam, ainda mais de uma vista as observa e muitas mãos as procuram, e, quando por todos despresadas fossem, não póde o vento leva-las e preparar nellas macia cama para algum pobre de que a Providencie se lembra nas celestes alturas?...

JOSE' VENDIDO.

XXIX.

> Et pretereuntibus Madianites negociatoribus, extrahentes eum de cisterna, vendiderunt eum Esmailitis...
>
> Gen. C. 37. V. 28.

Jose' por seus irmãos sempre odiado,
Por isso que seu pai mais lhe queria,
Por elles em conselho foi um dia
A' morte cruelmente destinado.

Mas Ruben, que não era tão malvado,
E que salvar-lhe a vida pertendia;
Que fosse (a seus irmãos persuadia)
Em horrida cisterna antes lançado.

Passado pouco tempo alli voltava,
Da sorte de José compadecido,
Aquelle, que salva-lo inda contava...

Mas ah! que tudo foi tempo perdido!
O misero José lá não estava,
Que já o tinham seus irmãos vendido!

CASTIDADE DE JOSE'.

XXX.

> Et illa, aprehensa lacinia vestimenti ejus, diceret: dormi mecum. Qui relicto in manu ejus pallio fugit, et egressus est foras.
>
> Gen. C. 39. V. 12.

D'escravo á condição era sujeito,
Depois que a Putifar fôra vendido,
José, que do Senhor sempre assistido,
Se tornava credor d'alto conceito;

Quando essa vil mulher, em cujo peito
Batia um coração d'amor perdido,
Olvidando o que deve a seu marido,
José convida a partilhar seu leito.

Resiste-lhe o varão, que com firmesa
Ante os olhos só quer da Divindade
Illesa conservar sua puresa;

Porém dessa mulher a atroz maldade
Co'a capa, que nas mãos lhe fica presa,
Em crime lhe converte a castidade!

Vieira.

(4) S. João IV, 37.
(5) Idem III, 8, 34. — S. Paulo aos Hebr. II, 4. aos Ephes. 11 e 12.
(6) S. Marc. IX, 39.

SATISFAÇÃO A TODOS.

Principiamos neste jornal um conto moral, intitulado Temor de Deus. Alguns capitulos estavam impressos, quando alguns assignantes se dignaram lembrar-nos que tal escripto não competia a tal jornal. Não nos demoramos muito na avaliação da justiça, com que a censura nos fôra feita, e cedemos á imposição das *conveniencias*, que nem sempre é juiz de vista muito illuminada. Neste mundo são tudo decepçoens, e é necessaria muita caridade e muita resignação para atravessa-lo com a serenidade no rosto. O caso é que suspendemos a publicação do pobre romance, e fizemos calar a consciencia que não queria suspende-lo. Vamos publica-lo n'um folheto, porque o romance é pequeno, e, com quanto pouco concorrido no mercado, esperamos não sentir por isso um grande desfalque nos nossos meios.

Camillo Castello-Branco.

ANNO CHRISTÃO.

AGOSTO.

15 *Domingo.* Assumpção de Nossa Senhora. E' crença geral da Egreja que Maria Santissima, depois de um transito ou morte suave, resuscitára, e fôra seu corpo alma elevado ao céu e ahi coroada como rainha delle e da terra. Esta, que como dito fica, é uma pia crença e não dogma, funda-se primeiramente em que esta distincção convém aquella que teve outras tão singulapes, e em segundo logar em não apparecer na terra vestigio algum de seu corpo, e parece que Deus que tem milagrosamente indicado aos homens o logar incognito, onde descançavam os corpos de alguns santos para que lhes fossem rendidos os devidos cultos, outro tanto faria a respeito do de sua Santissima Mãe, se elle na terra existisse.

16. *Segunda feira.* S. Roque, nobre francez, havendo repartido pelos pobres o seu rico patrimonio, foi como perigrino visitar os sanctuarios da Italia; e grassando por este tempo nesta região um contagio desolador, elle em varias cidades o afugentou com o signal da Cruz. Quando voltava para a França, foi acommettido em um deserto por uma grave enfermidade; e cobrindo-se-lhe o corpo de uleeras, e faltando-lhe todos os humanos soccorros, lhe mandou a a Providencia um cão, que não só, lambendo-lhas, lhe curava as feridas, mas até lhe trazia o quotidiano sustento. Póde finalmente chegar á França; porém, reputado explorador mandado pelos inimigos da patria, foi preso, e do carcere, onde penou 5 mezes, passou ao céu no anno 1327.

17 *Terça feira.* S. Mamede, oriundo de Cesarea da Capadocia, soffreu logo desde menino uma serie de tribulaçoens, que sómente terminaram com o martyrio, que o levou a gosar as delicias do céu, e que elle padeceu no tempo do imperador Aureliano, e por mandado do presidente Alexandre.

18. *Quarta feira.* S. Clara do Monte Falco, uma dessas privilegiadas almas que, por maceraçoens e penitencias, evitem o peccado, sem comtudo se poderem arrepender della, porque nunca o commetteram, chegou a attingir um grau de perfeição tão subido como o Divino Esposo quer em suas Esposas; e por isso a distinguiu com favores especiaes, permittindo que no peito della se gravassem todos os instrumentos de sua paixão, e que á sua morte foram com assombro vistos por muitas pessoas. Vivendo retirada do mundo juntamente com outras companheiras, que, como ella, haviam professado a regra da ordem dos eremitas de S. Agostinho, foi no céu gosar o premio de suas virtudes aos 33 annos de sua edade.

19. *Quinta feira.* S. Luiz, filho de Carlos rei de Sicilia, tendo decidida vocação para o estado religioso, professou na ordem dos Menores. Elevado depois á dignidade de bispo de Tolosa, elle pelos affazeres de seu cargo, que desempenhou sempre com exemplar sollicitude e pontualidade, nem por isso affroixou nos exercicios de contemplação e penitencia com que no claustro se elevava a Deus. Era particular devoto de Maria Santissima, dizendo « que ella o ajudaria na hora da morte. » Com effeito elle a teve muito suave, como todo aquelle que tem uma verdadeira e não infundada esperança, de que esta hora é a ultima dos trabalhos e o principio da bemaventurança.

20. *Sexta feira.* S. Bernardo, nobre e gentil borgonhez, passando illeso por entre os escolhos da juventude, foi no mosteiro benedictino de Cister fazer os votos da perfeição evangelica. Bem quizeram seus irmãos dissuadi-lo deste intento; porém elle os persuadiu a que fizessem outro tanto, de sorte que no mesmo dia entraram para aquelle mosteiro trinta mancebos, que o mundo attrahia, e de que elles fugiam. Eleito depois abbade do mosteiro de Claraval, fez algumas reformas nos estatutos da ordem, e assim veio a ser considerado como o fundador dessa ramificação da ordem benedictina que é conhecida com o titulo de Cister. Dotado de um extraordinario e bem cultivado talento, escreveu muito, e em seus escriptos transluz a unção e ao mesmo tempo a bellesa do estylo. Foi o anjo de paz do seu seculo, fazendo que muitos principes viessem á concordia quando já se faziam pseparativos para a guerra. Ao papa Innocencio II auxiliou elle muito na refutação do scisma de Pedro Leão e de Henrique de Inglaterra. Nunca quiz acceitar as altas dignidades ecclesiasticas, e antes quiz morrer simples frade, o que aconteceu aos 63 annos de sua edade. Alexandre III o canonisou, e ultimamente Gregorio XVI o mandou considerar como doctor da Egreja.

21. *Sabbado.* S. Joanna Francisca Fremiot de Chantal, uma das dirigidas do sabio e bondoso S. Francisco de Salles, viuvando, e sendo sempre exemplarissima em todos os estados em que vivera, por ultimo fundou a ordem de Religiosas com o titulo da Visitação; e cheia de merecimentos, deu a alma a Deus em Mollina na França, sendo depois trasladado seu corpo para Annecio, onde fôra a primeira casa da sua ordem.

CHRONICA RELIGIOSA.

O Brasil acaba de receber no seio da sua capital alguns religiosos Lazaristas e irmans de S. Vicente de Paula, que o seu imperador pediu ao superior M. Etienue, em Pariz. Este principe verdadeiramente catholico tem tomado a peito o progresso da religião, e o desenvolvimento das instituições de caridade no seu imperio. Só Portugal não abriu o coração ainda ao influxo da religião, que só, ha-de, que só pode sustenta-lo!..

— Chegou a Metz o reitor do collegio dos jesuitas o R. P. Turquand para tomar conta deste estabelecimento. O R. P. Turquand, antigo alumno de eschola polythechnica, fazia parte da eschola de applicação de artilharia, em 1837 e depois de por tres annos ter feito a guerra como official de artilharia, uma vocação religiosa irresistivel lhe fez abandonar a vida das armas pelo sacerdocio.

Tres jovens lutheranos, desejosos de entrar no exercito de sua santidade, renunciaram ao protestantismo na egreja parochial de S. Benigno, recebendo o baptismo porque ha muito anciavam. Foi uma ceremonia muito tocante, e em presença de um numeravel auditorio. No dia seguinte partiram de Pontarlier com alguns camaradas seus para Roma.

— Os padres capuchinhos que deviam lançar as primeiras bases a um estabelecimento da sua ordem em Lorgunes chegaram no meio de uma entrada triunfante. Pouco antes de occultar o sol, o tambor que já precedia o piedoso cortejo echoou nos flancos da collina. Longas álas de confrarias, homens, mulheres, rapazes, fieis de toda a condição, o clero de parochia, os curas de todos os esabelecimentost religiosos muitos padres estrangeiros, o *maires* e seus empregados, acompanhavam os bons padres, visivelmente commovidos.

ANNUNCIO.

JESUS CHRISTO PERANTE O SECULO.

Acaba d'imprimir-se esta obra, traducção feita sobre a 15.ª edição de Pariz, e annotada por *Camillo Castello Branco.* E' um livro de 408 paginas, nitidamente impresso, e decorado d'excellentes estampas, em harmonia com o texto. O merito d'este livro está sancionado pela voga europea, que o tem elevado á reputação d'um *livro d'ouro.*

O preço indicado nos prospectos para os senhores assignantes era 400 reis; mas o augmento d'uma estampa preciosa, e outros embellezamentos adoptados depois, obrigaram o editor a augmentar 40 reis em cada assignatura. Note-se que a traducção feita em Paris, e já consumida, custava 1$200 reis, o que muito diz em abono do preço d'esta.

Vende-se por 600 rs. no Porto, na loja do editor Francisco Gomes da Fonseca, rua dos Caldeireiros n.º 12 e 13, Lisboa na de Lavado, Braga na de Germano Joaquim Barreto, e em casa de J. M. de Sousa, Coimbra, na de J. Orcel, Vizeu, na de Dionisio. Lamego, na J. Cardoso, Vianna na de André Joaquim Pereira.

O 3.º numero da Bibliotheca do Christianismo que contem a = Noticia da Apparição da Virgem Sanctissima na Montanha de Salette = acha-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do Christianismo, rua dos Lavadouros n.º 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.ª 82 a 84; e em casa dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios contos do reino.

Vende-se tambem o 1.º numero, e *Hosanna*, collecção de poesias religiosas. O 2.º numero da Bibliotheca continua a publicar-se, e formará 1 tomo no volume do *Manual* de Roquette.

AGOSTO 28. 1852. — N.º 35.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

João Pereira Botelho d'Amaral e Pimentel, bacharel formado em direito, chantre da Santa Sé Cathedral deste bispado de Bragança e no mesmo Provisor, vigario geral e governador por s. exc.ª rev.ma o snr. bispo da mesma diocese

A todos os Fieis deste Bispado saude e graça no Senhor.

O ADMIRAVEL transtorno das estaçoens que se está observando presentemente entre nós, tendo-se convertido o mez d'Agosto n'um rigoroso inverno, com tanto prejuizo dos fructos, que em logar de se recolherem se vão perdendo irremediavelmente, é uma calamidade tão grande e extraordinaria, que não póde deixar de se attribuir a justo castigo de nossos peccados; castigo com que o Omnipotente nos ameaça innumeraveis vezes pela bocca dos sagrados oraculos « Se não quizeres ouvir a voz do Senhor teu Deus, se lê no Deuteronomio, (1) e não guardares e praticares todos os seus mandamentos (2); o Senhor mandará sobre ti a indigencia e a fome... (3) vêr-te-has na ultima miseria... (4), semearás muito e recolherás pouco... (5) plantarás a vinha, e a cavarás, mas não lhe beberás o vinho, nem della colherás coisa alguma, porque será destruida dos bichos; (6) terás muitas oliveiras mas não juntarás azeite com que te untes (7) todas as tuas arvores, e os fructos da tua terra consumi-los-ha a ferrugem (8) » Similhantes ameaças encontram-se a cada passo nos Livros Santos. « Vou começar a ferir-te com a destruição em rasão dos teus peccados, diz o Senhor pela bocca do profeta Micheas, semearás, continua o Senhor, e não recolherás, desfarás a azeitona mas não te untarás com o azeite, pisarás as uvas, mas não beberás o vinho. » (9)

Se pois a presente calamidade que experimentamos é um visivel e extraordinario castigo das nossas culpas, como é manifesto, louvemos ao Senhor que no meio das nossas iniquidades, assim mesmo nos não desampara, corregindo-nos tão brandamente para nos convertermos para Elle; louvemos ao Senhor « porque aquelles que Elle castiga são os que ama » segundo nos assevera a Sabedoria increada (10) louvemos ao Senhor « porque somos corregidos para que não sejamos condemnados com este mundo » segundo nos diz S. Paulo (11): louvemos ao Senhor « porque a correcção é um signal de Deus nos considerar ainda como seus filhos » segundo o mesmo apostolo. (12)

Mas não abusemos da bondade do Omnipotente, não sejamos surdos á sua benigna voz que nos chama á penitencia « convertei-vos, diz o Senhor pela bocca do profeta Ezequiel, e fazei penitencia de todas as vossas iniquidades, e não vos servirão estas de ruina » (13); e em quanto tratamos de reformar inteiramente nossos costumes segundo a lei de Deus, não cessemos de lhe implorar misericordia; porque o Senhor quer que lhe peçamos em signal da nossa dependencia e submissão; e peçamos-lhe com instancia, porque o Senhor é pai e pai de misericordias, e de tanta bondade, que elle mesmo nos ensina a pedir deste modo (14) promettendo-nos que nossas supplicas serão attendidas (15); peçamos com toda a confiança, porque o Senhor nos declara que tudo é possivel a quem pede com fé (16); peçamos finalmente em communidade, por que tudo o que assim pedirmos rasoavelmente, o conseguiremos segundo a promessa do Senhor. (17)

Para este fim fazer-se-hão preces publicas por tres dias na Sé Cathedral desta cidade, em todos os conventos e freguezias deste bispado, onde chegar o conhecimento desta carta durante o presente flagello, e os muito reverendos parochos não só lerão a mesma á estação da missa conventual, registarão, e farão correr com a maior brevidade; mas persuadirão a seus respectivos freguezes que juntem a estas supplicas, além d'uma inteira reforma de costumes, jejuns, oraçoens, e esmolas, porque são estes meios mais preciosos que o ouro, purificam dos peccados, fazem alcançar misericordia, e conseguem a vida eterna » segundo as Sagradas Paginas (18), e poderão assegurar-lhes da parte d'um Deus que se assim o fizerem o Senhor « lhes dará as chuvas só nos tempos competentes, a terra produzirá as sementes; as arvores carregarão de fructos: a debulha será tão grande que du-

[1] Cap. 28.
[2] V. 15.
[3] V. 20.
[4] V. 39.
[5] V. 39.
[6] V. 39.
[7] V. 40.
[8] V. 42.
[9] Cap. 6. V. 13 e 15.
[10] Prov. 3. 12.
[11] 1.ª aos Cor. C. 11. V. 32.
[12] Hebr. C. 12. V. 7.
[13] Cap. 18. V. 30.
[14] S. Luc. C. 11. V. 5 a 8.
[15] V. 9 e 10.
[16] S. Marc. Cap. 11. V. 24.
[17] S. Math. C. 18. V. 19.
[18] Tob. C. 12. V. 8 e 9.

rará até a vindima, e esta até a sementeira » porque o mesmo Senhor assim o promette (19), e por fim conseguirão a vida eterna (20) que é o ultimo fim a que se devem dirigir todas as nossas acçoens.

Dada em Bragança sob meu signal e sello das armas de s. exc.ª rev.ma aos 12 d'Agosto de 1852.

João Percira B. d'A. e Pimentel,
Governador do Bispado.

DOMINGO.

O boi não póde trabalhar nove dias seguidos; no fim do sexto seus mugidos parecem pedir as horas marcadas pelo Creador para o repouso da natureza.

CHATEAUBRIAND.

Não ha providencia mais caridosa, irrisoriamente fallando, que a dos filosofos politicos! Vista mais penetrante, e que mais ao longe descortine a sonhada felicidade do povo, tambem a não ha! Diga-se sinceramente, que esta magica filosofia de nossos dias não inveja nada aos famosos prodigios da pedra filosofal!

Viram os filosofos, no estabelecimento do domingo, uma lei prejudicial aos interesses do povo.

O repouso do setimo dia fôra instituido por Deus, e respeitado pelas geraçoens até nós. Era necessario por tanto declarar prejudiciaes as leis do Eterno! Declararam prejudicial o domingo. Invocaram os respeitaveis direitos da humanidade para abrogarem a lei odiosa do domingo. Chegaram mesmo a abolir o legislador, para que a lei perdesse o caracter divino que lhe fizera lavrar raizes na sociedade.

Proclamaram tyranna a lei que impunha o descanso ao corpo, e lembrava ao espirito as obrigaçoens da creatura para com Aquelle, que dera seis dias ao homem, e reservára um para si

Proclamaram defeituosa a sabedoria de Deus, que não previra uma outra sociedade, com outras necessidades, muito diversas daquellas para quem a lei do descanso e do culto dominical fôra instituida.

E' que os homens, auctorisados na correcção do decalogo, e do evangelho, profundaram com mais sciencia as necessidades humanas, e modificaram convenientemente o codigo divino, incompativel com o adiantamento das cousas e das pessoas.

Deus, dando ao homem a lei do trabalho, estabeleceu o principio fecundo dos desenvolvimentos da industria e da riqueza; mas a filosofia politica não comprehende que o homem deponha o laborioso instrumento, com que exerce a pesada condição da sua existencia, e levante as mãos agradecidas A'quelle, que mais imperiosa lhe fizera a obrigação de agradecer os beneficios recebidos. O filosofismo não se dá á penosa tarefa de saber se a vida futura tem alguma relação com os actos da vida presente.

E' que o preceito dominical não tem em si o profundo sigillo da eternidade; e a eternidade não appresenta sensivelmente a justiça de Deus. São tudo palavras para os filosofos, e palavras que soffrem correcção com os tempos.

E' falso que o repouso do domingo prejudique os interesses do *povo*. Cessem de jogar atraiçoadamente com essa palavra, por que o povo tem a consciencia do valor que lhe dão.

O homem não póde trabalhar sete dias sem repouso, quando nesse trabalho são as forças fysicas que predominam. As consequencias funestas, que provem do trabalho não interrompido, se não são immediatamente sensiveis, manifestam-se depois nas graves doenças da velhice, em que as despezas para paliar a existencia redobram os lucros, que o operario tirára da transgressão do preceito.

Um escriptor francez observou que as manufacturas das fabricas, em que o repouso do domingo era desprezado, eram inferiores em qualidade áquellas, que sahem de estabelecimentos onde o domingo se observa no rigor do preceito.

Como viviam os povos antes deste prurido reformador?

Eram menos os pobres; e, com tudo, não podia ser mais austera a observancia dos domingos e dias festivos. A fé e a caridade eram então os magestosos preceitos da filosofia christã. Os homens não se afadigavam em crear sentimentos novos, que substituissem aquelles d'impressão ingenita no coração da humanidade.

Em França adoptaram em algumas fabricas a segunda feira como dia de descanso. Esse dia é o da libertinagem. Não ha Deus a quem adorar, por que o dia da oração era o domingo, e esse foi abolido por uma filosofia que, no entender do artista, rigorosamente soube o que fez, por que fez o que a sciencia lhe mandou. Os ternos vinculos de familia, doce liame, que tão jubiloso tornava o domingo do artista, quebrou-os a immoralidade do atheismo, por que — não haja pejo em dize-lo — o homem, desembaraçado de Deus, é incapaz de preencher as condicoens de espozo, de pai, de irmão, de amigo, e de cidadão.

« Os operarios habituados a violar as leis de Deus e da Egreja — diz Puymirol — perdem a moral, consomem a segunda feira nas tavernas, nas cazas de jogo e lupanares, e com o tempo consomem os lucros da semana, e sua immoralidade faz perder aos patroens o ganho, que esperavam receber do trabalho do domingo. »

Na Inglaterra, Suissa, e Estados-Unidos, tantas vezes citados como modêlo da liberdade religiosa, todos os estabelecimentos se fecham ao domingo, e seria gravemente punido qualquer negociante que exercesse um pequeno trafico nesse dia. O espirito imitador das franquias politicas dessas naçoens cultivissimas, com que habilitaçoens forceja passar-lhe adiante no anniquilamento desta herança de fé e respeito á divindade, que nos legaram os homens christãos, e fortes, e felizes desta lastimavel terra! Não basta correrem parelhas no caminho do progresso? E' forçoso darmos o espectaculo de atrevidos na nossa grosseira ignorancia? Devemos ser impios forçosamente, antes de conquistar-mos a gloria de civilisados?

A sociedade não pode subsistir sem religião. Destruir a sociedade é ir d'encontro ao edificio religioso, pondo-lhe em terra os preceitos que constituem a sua observancia. A permissão legal de trabalhar ao domingo, é levar o povo pela mão, e atira-lo ao abysmo da descrença. Suppondo mesmo a certas localidades que soffressem com a prohibição do trabalho no domingo, a resignação ás leis da Providencia é a mais sublime expressão de acatamento que a humanidade presta ao seu Creador. A historia convence-nos das indemnisaçoens temporaes, que os povos recebem sempre dos sacrificios feitos á religião.

O *progresso* é o sinete que marca o cartel da filosofia moderna em duello de morte com as instituiçoens do passado. Falla-se em industria, em actividade, em aperfeiçoamento material, como se o genio do artista carecesse de não interromper a sua applicação para hombrear com as artes das naçoens visinhas.

Inglaterra, onde é ocioso lembrar o progresso industrial, as officinas fecham-se ao domingo, e os artifices entram no templo, e prostram-se reverentes diante de Deus, que lhes dera seis dias de saude para o trabalho, e um de repouso para a oração.

Caprichar em destruir, sem elemento algum para edificar, é um pessimo entretimento com as nossas agonias, é uma ironia amarga, com que a sociedade costuma punir, quando Deus a constitue intrumento de punição.

O Prelado desta Diocese, pedindo ás authoridades civis a prohibição de vendas ao domingo, cumpriu uma obrigação das muitas que o governo lhe cerceou, ou que s. exc.ª não tem a precisa coragem de cumprir. A imprensa das liberdades licenciosas veio á rua com uma censura, e pediu audaciosamente a rasão porque os estabelecimentos se fechavam. O *Portugal*, respondeu devidamente ao interrogatorio pueril, e confrangeu-se de ver a má fé com que depois lhe retorquiram. O articulista, precisamente insufficiente para entrar na questão seria do preceito dominical, declarou-se racionalista, porque a sua rasão lhe inspirou aversão ao repouso do domingo, e não comprehendeu o fervor da oração nesse dia santificado.

Em religião, é assim que os filosofos rematam os seus litigios.

Camillo Castello-Branco.

[19] Lev. C. 26. V. 3 a 5.
[20] Ep. aos Rom. C. 6. V. 22.

Em duas bem distinctas hostes se divide o numeroso exercito de Christo; cujos pavilhoens fluctuam na Europa, como na Asia; no Levante, como no Poente!

Uma, valorosa e invencivel, pugna pela fé nos desertos inhospitos da Arabia; nas montanhas pedregosas da America; no seio das cidades, ou nos plainos vastos do moderno mundo!

A outra, egualmente possuida dos sentimentos da religião de Christo, labora em prol da fé no centro dos claustros, no silencio dos templos, aonde houver uma Cruz, em quanto possuir voz para elevar aos Ceus!

Aquella, combate o inimigo face a face; debella-o com a verdade que defende: esta, destroe-o com a espada de Deus, que alcança por meio da oração!

Uma, é destinada a prégar com o exemplo; outra, com as preces.

Aquella, serve para mostrar a impugnabilidade da religião que defende; e que não ha tractos de martyrio capazes de suffocar no coração os sentimentos da fé, a crença no Christianismo; esta, para patentear a crença viva e indestructivel; a caridade intensa pelos infieis que dormem o somno da ignorancia, chamando-os á verdade unica por elles ignorada!

Aquella, ahi está sublimemente representada na sagrada Associação da Propagação da Fé; cujos filhos tantos milhares de almas teem chamado ao seio da egreja; tantos centenares de infieis tem tornado firmes adoradores da religião de Christo.

A outra vede-a divinamente figurada pelo celebre P. Ignacio. (Lord Henrique Spencer) que como documento impugnavel da sua conversão, alevantou a Associação de Oraçoens que tantos protestantes ha chamado e continua a trazer ao reconhecimento da verdadeira religião.

Vede-a vivamente retractada na santa Associação de Maria e dos apostolos Cyrillo e Methodo, que o veneravel Principe Bispo de Lavant acaba de formar, qual monumento de caridade, para maior gloria e valor da nossa santa religião.

Aquella conta milhares de martyres, mas, em recompensa, milhoens de convertidos; esta tem já milhoens de irmãos, e assim esperamos contar breve o mundo *catholico apostolico romano*.

Estas associaçoens tão dignas do verdadeiro catholico; que tantos filhos contam em toda a parte, não deixarão de ter acolhimento em Portugal, a patria de tantos martyres do Christianismo; e que se presa de ser a mais eminentemente catholica.

Que Deus ouça as nossas preces!

ASSOCIAÇÃO DE MARIA.

(*Extracto da pastoral do principe bispo de Lavant.*)

Quando o piedoso martyr S. Pedro de Alexandria estava preso pela fé, e esperava a morte, appareceu-lhe Jesus Christo em uma nuvem resplandecente e branca qual a neve, porem rasgada de alto a baixo. O Santo bispo espantado perguntou-lhe:

« Senhor! que significa isto? — Quem rasgou a vossa tunica? — Jesus lhe respondeu: — Foi Ario, que por sua falsa doutrina desuniu a minha egreja e a desunirá ainda mais.

O que fez Ario no seculo 4.° o orgulhoso Photio fez no seculo 9.°; e a ambição de Miguel Celulario completou no 11.° Despedaçaram o precioso vestido da esposa de Jesus Christo; dividiram a egreja em duas grandes partes; e estabeleceram o desgraçado scisma entre o occidente e o oriente que dura ha 800 annos.

Nenhum fiel deixa de prantear esta fatal separação, mormente quando se reflecte que é ella sobre tudo que entregou tres partes do mundo ao islamismo, e levou milhares de christãos á apostasia; despovoou paizes em outro tempo florescentes pelo Christianismo, e tornou o berço da nossa religião em arido deserto. Porem nenhuma nação da Europa recebeu feridas mais profundas deste scisma, que as diversas naçoens slavas. Estas, convertidas no seculo 9 por dois Santos Padres e Apostolos Cyrillo e Methodo á unidade da egreja romana, foram divididas entre si pelo scisma do seculo 11. Contam actualmente 22:349:000 catholicos; 54:000:000 scismaticos; 1:531:000 protestantes; e pouco mais ou menos 800:000 musulmanos.

Neste naufragio da fé desappareceu para os slavos a estrella da civilisação christan, que com tão brilhante resplandor para elles se havia alevantado no seculo 9. Neste abysmo tambem desappareceu a sua litteratura, que havia inaugurado a introducção de uma lingua commum consagrada pela lithurgia christan. A raça slava desuniu-se com sua religião. Cada seculo mais aprofundou o abysmo da separação. Todos os esforços tentados para reunir as duas partes teem sido infructuosos, salvo algumas excepçoens; e nesta nação n'outro tempo tão ricamente dotada e tão amada de Deus, Christo mostrou agora mais que nunca o vestido de sua santa egreja feito em pedaços. Preoccupado destes pensamentos e animado do desejo de vêr proximamente cumprida a supplica do nosso Salvador a seu Pae, quando no momento da sua Ascenção lhe pediu que fossemos todos unidos pelos vinculos da verdade e caridade (pois por esta união somente o mundo nos pode reconhecer como seus discipulos), eu manifestei durante o nosso retiro ecclesiastico do ultimo anno, minha intenção de formar debaixo da invocação de Maria Mãe de Deus e dos Santos Apostolos Cyrillo e Methodo uma piedosa confraria, que livre de toda a côr politica e de todo o fim temporal, tivesse por unica missão rogar a Deus a conversão dos scismaticos e sobre tudo dos da nação slava. Cada membro se obrigará a resar todos os dias por esta intenção um Padre nosso e Ave Maria com invocação = S. Cyrillo e Methodo rogae por nós = Se fôr padre deverá além disto celebrar a santa missa com a mesma intenção a 9 de Março, dia da festa destes dois santos. Se fôr leigo confessar-se-ha no mesmo dia ou na oitava. Todos se obrigarão a propagar a confraria, quanto lhes fôr possivel. Meu convite foi recebido com alegria; e muitos fieis da minha diocese entraram nesta confraria. Esta estendeu-se mais longe, e achou uma recepção favoravel em muitas dioceses da Hungria e Gallicia. Milhares de padres e fieis elevam já suas oraçoens e coraçoens para o Pae da verdade e da caridade pedindo comnosco que mais não haja entre nós alguma divisão (1, Cor. I, 10.) e que tenhamos o mesmo pensamento e o mesmo crer como o Pae e o Filho teem um unico; e que assim o mundo creia na missão divina do filho (Joan, XXIII, 21) e que bem de pressa não haja senão um só pastor e um só rebanho (Joan. X, 16.) assim na terra como no ceu.

Egualmente comnosco em uma grande parte da França rogam com zelo pela conversão da Russia e pela união da Egreja Grega á Romana. Parece mesmo que Deus nos quiz consolar e animar nossa empresa com felizes resultados. Assim, durante o corrente anno se converteu a princeza Narischkin muito proxima parenta do imperador da Russia. No condado de Krassowa duas povoaçoens compostas de 6,000 almas se converteram com seu clero. Em fim, na cidade maritima de Bukari, João Bassoritz passou do scisma para o seio da religião catholica, dando-nos a consoladora esperança de que será seguido seu exemplo. Com o fim de se obter para esta piedosa confraria a approvação do Pae commum dos fieis, e alcançar sua paternal benção, depuz a seus pés a supplica filial para que Sua Santidade se digne conceder aos meus piedosos confrades algumas indulgencias, e dar-lhe assim o caracter de uma associação verdadeiramente catholica. O vigario de Jesus Christo acolheu minhas supplicas com sua costumada caridade; e concedeu para este fim dois breves apostolicos.

ORAÇÃO.

Oh! meu *Pae!* Santificado
Seja sempre o nome teu!
Venha a nós a Eternidade!
Faça-se a tua vontade
Na terra, como no céu!

Meu sustento quotidiano
Dá-me hoje tambem, Senhor!

Eu perdôo a quem me offende;
Perdôa ao teu offensor!
Não deixes cahir-me em culpa;
Proteja-me o teu amor!

Ave, *Maria!* Cheia és de graça;
E' comtigo o Senhor!
Abençoada és tu entre as mulheres;
Bemdito é o teu amor!

Santa Maria, piedosa,
A teu filho ergue essa voz;
Agora, como na hora
Da morte — roga por nós!

Gloria seja ao *Pae* e ao *Filho*
E ao *Espirito* tambem!
Como fôra no principio
Seja agora e sempre! — Amen!

* * *

ANNO CHRISTÃO.

AGOSTO.

22 *Domingo.* O Sagrado Coração de Maria. Tem-se nestes ultimos tempos propagado por um modo maravilhoso a devoção e culto a este terno objecto do nosso amor, e por sua intercessão se teem operado conversoens, com que a santa egreja exulta. O piedoso parocho da freguezia de Nossa Senhora das Victorias de Paris, formando uma associação de oraçoens dirigidas ao Coração da Mãe de Deus, conseguiu que coraçoens já embotados pela sensualidade se penetrassem ainda do vivificante calor da caridade. Os estatutos desta associação foram approvados pelo Summo Pontifice em 1838, dando-lhe o titulo de Archi-confraria e enriquecendo-a de muitas graças e indulgencias. Por todo o mundo christão já existem outras filiaes, que contam milhoens de associados.

Item. S. Joaquim, que, resignado com o opprobrio da esterilidade de sua mulher S. Anna, teve depois o jubilo de se vêr pae de uma filha, que havia de ser mãe de Deus, e a co-redemptora do genero humano. Em uma avançada edade desceu este santo patriarcha ao tumulo, cheio de esperança de estar perto o tempo em que o céu havia de abrir-se-lhe.

Item. S. Thimotheo, vindo de Antiochia, sua patria, a Roma no tempo do papa Melchiades, ahi por espaço de um anno prégou o evangelho; e mandado depois prender pelo prefeito Tarquinio, e nada o podendo abalar de sua fé, foi degolado, e seu corpo sepultado pelos fieis na via Ostiense junto do de S. Paulo.

23. *Segunda feira.* S. Filippe Benicio, cuja infancia havia sido já notavel pelo milagre de, tendo apenas 5 mezes de edade, fallar e exhortar a sua mãe para que désse esmola aos servos de Maria, se tornou ainda mais notavel em sua juventude, quando em Paris frequentava os estudos, sendo para seus companheiros um exemplar de puresa e fervor, que lhes communicava. Retirando-se depois para o monte Senario, onde professou o instituto dos servos de Maria, ahi passou algum tempo entregue a penitencias e á contemplação das sete dôres de Maria SS.; e percorrendo toda a Europa e grande parte da Asia, propagou consideravelmente as associaçoens das Dores. Constrangido, foi por algum tempo Geral de sua ordem; e quando por morte de Clemente IV lhe constou que se lembravam delle para successor, se escondeu no monte Suniato, e só appareceu outra vez depois de publicar-se a eleição de Gregorio X. Fugindo sempre do mundo pôde chegar ao céu no anno de 1285, morrendo em Tuderto abraçado em uma cruz.

24. *Terça feira.* S. Bartholomeu apostolo, a quem tocou evangelisar a India citerior, havendo ahi com grandes fadigas e obstaculos semeado a divina palavra, veio para a Armenia maior, onde converteu o rei Polymio e doze cidades. Isto lhe concitou o odio dos sacerdotes idolatras, os quaes attrahiram aos seus interesses a Astyages, irmão de Polymio, o qual o mandou esfolar, e assim terminou barbaramente uma vida toda empregada em destruir a barbaridade.

25. *Quarta feira.* S. Luiz, rei de França, ficando orfão de pai aos 12 annos de idade, esteve debaixo da tutella de Branca sua mãe, a qual ao mesmo tempo que governava o reino com uma sabedoria e actividade varonil, tratava de fazer de seu filho, inspirando-lhe o amor e temor de Deus, um digno e santo rei. Aos 20 annos de edade se propoz á conquista de Jerusalém, onde, depois de algumas vantagens alcançadas sobre os Sarracenos, foi prisioneiro delles, por que seu exercito fôra atacado de um contagio, que muito o havia enfraquecido. Resgatado com todos os seus, e empregando o tempo de seu captiveiro em fazer amavel e inculcar sua religião áquelles povos, voltou á França; e passados annos, outra vez emprehendeu a conquista da Terra Santa; porém foi atacado, já em frente dos inimigos, pela peste de que morreu, não podendo assim alcançar a victoria sobre os inimigos de Christo, porque este lhe quiz antecipar a gloria que tem promettido aos seus amigos. Era observantissimo dos preceitos da egreja; e tomando algumas vezes o recreio da caça, nunca o fazia em dia de jejum para lhe ser possivel a satisfação deste preceito. Tornava-se accessivel a seus subditos, cujas necessidades e duvidas remediava e decidia sempre com a maior caridade e justiça. Em uma palavra era um rei santo.

26. *Quinta feira.* S. Zefirino papa, havendo governado com o cuidado de um vigilantissimo pastor o rebanho que Jesus Christo lhe confiára, e promulgando sabias leis relativas á disciplina da Egreja, foi martyrisado por ordem do imperador Antonino no anno de 219.

27. *Sexta feira.* S. José de Calazans, natural de Petralta no reino de Aragão, passando a Roma ao tempo que alli grassava uma peste terrivel, se empregou com S. Camillo em prestar aos enfermos todos os soccorros ao seu alcance. Era dotado de uma innocencia e candura singular, e de tanta caridade como o comprova o pensamento, por elle levado a effeito, de fundar uma congregação obrigada a instruir na religião e nas letras os meninos. Sim, foi elle o fundador da congregação dos clerigos regulares das escólas pias, que tantos serviços tem prestado á sociedade.

28. *Sabbado.* S. Agostinho, natural de Tagaste em Africa, dotado de um engenho extraordinario, teve a desgraça de deixar-se fascinar pelos erros dos Manicheos. Sua mãe, S. Monica, todos os dias dirigia ao céu oraçoens pela conversão de seu filho, e ella mesma algumas vezes lhe argumentava contra os seus erros; mas que podia uma pobre mulher em argumentos com um espirito o mais subtil?! Veio S. Agostinho para Milão ensinar rhetorica, e indo por curiosidade ouvir as homilias de S. Ambrosio, bispo desta cidade, foi pouco e pouco abrindo os olhos á luz da verdade, até que abjurou seus erros, e se tornou o mais potente defensor da verdade. Regressando á Africa, foi ordenado presbytero por Valerio bispo de Hipponia, e então instituiu uma ordem religiosa, a quem deu austeros regulamentos. Bispo coadjutor de Hipponia trabalhou sempre, já escrevendo já pregando, em defesa de religião christan, e por isso mereceu ser contado como um dos doctores da Egreja. Morreu no anno de 430.

CHRONICA RELIGIOSA.

O *missionario infatigavel.* — O P. Laverlochère, esse missionario intrepido da America do Norte, de que os jornaes de Leão tem contado as inumeraveis peregrinaçoens evangelicas, devia partir para Marselha, cabeça da congregação dos *Oblatos*, de que é membro. O humilde e infatigavel apostolo dos selvagens americanos foi ouvido, em Paris, nas egrejas de N. Senhora das Victorias e de S. Sulpicio. Com um accento de *sabor estrangeiro*, em razão de suas immensas e santas peregrinaçoens, relatou os trabalhos, as fadigas e maravilhas de suas missoens entre os Esquimós, os Algonquis e outras tribus autropofagas da America do Norte. Por espaço de 8 annos, percorreu o missionario essas regioens geladas e tristes, e teve de se familiarisar com 6 idiomas diversos. A graça acompanhou os seus esforços: mais de 12000 selvagens receberam o baptismo de suas mãos; e muitas vezes em circunstancias maravilhosas cuja narração causa a maior alegria e a maior edificação nos christãos que não podem ter a consolação de tomar uma parte activa nestes trabalhos, reservados aos amigos privilegiados do Senhor. Todos aquelles que ouviram o santo apostolo haviam de notar a sua singelesa, humildade, doçura e amenidade evangelica que dimana do nosso Salvador Jesus-Christo. Tanto as narraçoens como as virtudes do P. Laverlochère sam uma prova evidente da immensa utilidade da Associação da propagação da fé, a qual, sustentada por modicas esmolas, dá parte a todos nos meritos, triunfos, fadigas, trabalhos, privaçoens e longo martyrio dos missionarios.

Filhas da Cruz. — Trata-se de estabelecer em Parma uma caza de Filhas da Cruz, cuja cabeça está em La Pape, na diocese de Poitiers. A duqueza de Parma, irman do conde de Chambord, é que deseja fazer esta fundação; e se bem nos informam, o superior geral desta congregação dirigiu-se, ha mezes, a Parma para se intender com a princeza a respeito do novo estabelecimento. Concordaram facilmente; porém era necessario a intervenção do Santo Padre, porque a caritativa associação quer installar a sua obra em uma casa deshabitada actualmente, verdade seja, mas que pertence á ordem religiosa dos augustinianos, se bem nos parece. *E' por tanto necessario o consentimento do Santo Padre, para seguir o caminho canonico.* O duque de Parma seguiu este caminho, e encarregou o conego Marsolini, seu enviado extraordinario em Roma de pedir as faculdades necessarias para esse fim. Asseguram que o Santo Padre logo acolheu benignamente o justo pedido, apenas feito, fazendo os mais lisongeiros elogios á princeza que faz um uso tão nobre do poder e da fortuna, e á congregação franceza sobre quem lançou os olhos para prehencher suas caritativas intençoens.

SETEMBRO 4. 1852. — N.º 36.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

Por satisfazer aos desejos do meu collega o snr. Camillo Castello-Branco, não tenho duvida em publicar a sua declaração.

F. C. de Mendoça e Mello.

DECLARAÇÃO.

No meu artigo preliminar ás *Conferencias do padre Lacordaire* declarei que era esta a unica traducção d'ali em diante admittida neste jornal, e accrescentei que a minha redacção no *Christianismo* dependia da satisfação daquella promessa. Fui inconsiderado, porque o meu collega não deu a menor consideração, e como elle me disse *acceitou a condicional*, continuando a publicar a sua versão das *Meditaçoens para todos os dias do anno.* E' da minha honra continuar a escrever neste jornal até ao fim do anno corrente, em que dou por cumprido o compromettimento da minha palavra.

Camillo Castello-Branco.

ESPERANÇA.

Não queremos formular um artigo com o apparato de poesia, que é costume acompanhar aquella palavra. Não ha talvez uma ideia, por mais terrena e material que a façam, que tantas expansoens motive no espirito, menos propenso a ellas.

Não fallamos das illusoens deste mundo, nutridas no seio da esperança, que, tantas vezes, lhes prodigalisa uma nutrição impura. Essa tarefa é a do romance, e a da poesia, e ninguem dirá que o seculo vai minguado desses productos.

A nossa esperança é a virtude theologal, é a esperança no céu, é a confiança na misericordia de Deus. A nossa esperança é infallivel, porque tem as promessas e os merecimentos de J. Christo a garanti-la. A nossa esperança é aquella que não faz bater o coração do incredulo, porque a fé, no que se espera, é a essencial inspiração da esperança, é a sua irman, fecundada pela mesma vontade omnipotente, e no mesmo instante da sua apparição; é, finalmente, o seu fundamento, como diz S. Paulo.

A esperança christan não nos dá uma certesa absoluta da nossa santificação, da nossa perseverança no bem, e glorificação celeste, como querem os calvinistas; mas inspira-nos uma segura confiança na bondade de Deus, nos soccorros da graça, e nos merecimentos de J. Christo. Esta confiança, porém, não deroga a humildade que Deus nos impõe, nem nos permitte adormecer no seio da nossa fraquesa, sem recear a quéda, a que propende o espirito, por mais desligado que se julgue dos vinculos da terra.

A presumpção, e o desespero são dois excessos oppostos á esperança.

Presumimos, quando tão arreigadas julgamos nossas virtudes, e tão fortes nos suppomos em conserva-las, que não mais receamos perder a graça, e a felicidade eterna.

Desesperamos, quando alteamos a enormidade da culpa sobre a misericordia divina, e nos julgamos demasiadamente quebradiços e frageis, para que a graça nos sustente, em harmonia com os preceitos do Eterno.

Desesperar é um ultrage ao Infinito, que previra as fraquesas da creação, quando, por um acto de sabedoria immensa, permittiu que a alma infinita se revestisse da materia, que se anniquila depois de enfraquecer-se nas gloriosas luctas do martyrio, ou nas baixas sensualidades das paixoens

Desesperar é o extremo dos infortunios, que repelle o chamamento do Juiz, que tantas vezes nos chama, quantos são os sobresaltos de desesperação que sentimos!

O coração não adormeceria no seu marasmo de crimes, se entre a culpa e a misericordia existisse uma barreira de perpetua separação?!

Diz a filosofia que o temor e a esperança são incompativeis. Respondem os theologos, que a mais segura esperança não exclue o temor filial, que nos afasta da culpa, para que assim a mão invisivel do anjo nos encaminhe por estrada desempedida d'estorvos, que, ás vezes, embaraçam o transito das mais robustas virtudes.

A base do Christianismo são os merecimentos de J. Christo: e o só nome deste Justo, sellando as promessas do seu reino, promettendo-no-lo como conquista de seu sangue, vale mais, brada mais alto, que os escrupulos detestaveis d'alguns theologos, que, sentados indignamente no tribunal dos perdoens, d'alli declaram cerradas as portas do céu para o penitente, que não sabe avaliar o grau de parentesco que tem os escrupulos requintados, com a rude ignorancia.

« Deus — diz S. Agostinho — constituiu-se nosso devedor, não por ter recebido alguma coisa de nós, mas promettendo-nos o que lhe aprouve. »

« Deus — diz S. Paulo — é fiel ás suas promessas, e não permittirá que a tentação seja superior ás vossas forças; mas fará que da mesma tentação tireis vantagens, para que possaes perseverar. »

Recordemos a misericordia do Senhor em todos os tempos, e com todos os peccadores.

Possuam-se de esperançosa consolação os que são arrastados no turbilhão d'um seculo, em que as cidades são Ninives, e os homens não sentem a contricção de Menassés: possuam-se das esperanças, que sentira Achab, e

David, quando amarguravam no travo das lagrimas aquella perversa doçura do crime, momentaneamente convertido em remorso.

O remorso não é sempre a voz do crime: é muitas vezes o chamamento de Deus: é o bem que suspira confrangido pelos flagellos do mal.

Jesus Christo, em suas maximas, nos exemplos da sua vida, respira até á morte a indulgencia e a misericordia. O quadro, que ELLE nos deixou, foi o da sua misericordia, e não o da sua justiça. As parabolas da ovelha desgarrada, do filho prodigo, dos operarios da vinha, e do publicano no templo são licoens de misericordia. Zacheu, a peccadora de Nahim, a mulher adultera, S. Pedro, e os judeus, que o crucificaram, são sublimes exemplos de confiança.

Camillo Castello-Branco.

O DEISMO.

III.

N'um discurso feito para mostrar que fóra da religião não ha uma só ideia religiosa, ou por outra que não ha mais que atheismo, ou uma rebellião contra Deus, ainda me resta dizer alguma coisa mais terminante. E na verdade que se poderá apresentar de mais decisivo e vergonhoso para o espirito humano, ou para mostrar o que é o homem sem fé e sem religião, do que esse abysmo de cegueira e ignorancia sobretudo o que ha de mais importante « Deus e os nossos destinos » que se não envergonha de patentear a seus discipulos esse homem desgraçadamente muito famoso, que se constituiu o corifeu da impiedade, que por seus talentos extraordinarios, seu estylo seductor, pelo jocoso e satirico da sua dicção, fecundidade e riquesa do seu engenho, universalidade de seus conhecimentos, merece como escriptor um nome a par d'um Pascal, Arnaud, Nicolle, Boileau, Racine, que como historiador rivalisa com Bossuet, como poeta talvez com o auctor da Athalia, mas que visto pela sua nullidade filosofica, mobilidade de seus sentimentos, inconstancia de suas opinioens religiosas (de que farei um extracto tirado das suas obras, que apresentarei ao publico como prova deste artigo) é a vergonha e a confusão da rasão humana, se não é o cume da demencia e da loucura, que em sua vaidade e em seu ridiculo orgulho concebendo o projecto de arruinar o Christianismo, e destruir os prejuizos do genero humano achando-se sem ideia alguma religiosa e tambem sem nenhuma convicção, mendiga de seus discipulos um principio em que se fixe, um raio de luz, que o esclareça; porém em vez delle não vendo em torno de si se não densas trevas, que não póde dissipar a fraquesa do seu espirito, procura um triste refugio n'um pirrhonismo universal, em não acreditar nada, ou em duvidar de tudo. O' cegueira incomprehensivel!!

Este homem que não deixa aos seus discipulos senão as ruinas da fé, senão o vasio de todas as ideias, a nullidade de todas as opinioens, o tormento da duvida e a cegueira do espirito, morre na primeira cidade do Universo em luxo e grandesa, em sciencia e corrupção, cercado de um prestito immenso, que lhe dá as honras de mestre, que o applaude, que o celebra com transportes de admiração e imprime no seu seculo o seu espirito, quero dizer, esse espirito de irreligião e impiedade, d'orgulho e de independencia, de corrupção e immoralidade, que prepara, para nos servirmos das expressoens de um seu apologista, essas revoluçoens politicas e religiosas, que mudam a face da Europa, ou antes, que a innundam de sangue, de crimes e desordens!

Mas aonde se encontrará uma escóla mais vergonhosa, e mais degradante para aquelles que a frequentam? Aonde um chefe mais inconsequente, mais contradictorio e absurdo?

Este corifeu da impiedade ao passo, que se constitue chefe de uma vasta conspiração contra o Christianismo, e que excita os seus discipulos a unirem-se, e a redobrarem de esforços para acabar com a superstição e esmagar o infame, faz profissoens de fé catholica e poucos dias antes da sua morte envia uma ao abbade Gauthier em que lhe declara a sua intenção de morrer no seio da egreja catholica, aonde nascera; levanta-se contra todos os dogmas, e contra todas as crenças do genero humano, reconhecendo a impossibilidade de chegar ao conhecimento de alguma verdade, que se lhes substitua, sem que tenha a convicção de que propondo-se a destruir um erro se não esbarre em outro peor e mais funesto: propoem-se a destruir tudo quanto existe sem que tenha coisa alguma, que levante nas suas ruinas, sem que deixe ao homem uma só verdade, que invoque, ou em que se fixe, e fundamente a sua conducta, sem que lhe mostre no meio das trevas de que elle o cobre um clarão, que guie seus passos: propoem-se a destruir umas trevas para crear outras mais profundas, mais espessas e tenebrosas: propoem-se a destruir os mysterios da religião, porque incomprehensiveis, para cahir nesses abysmos de cegueira, que o confundem, e de que elle se retira sem se atrever a sonda-los; para fazer dos primeiros principios dos nossos conhecimentos e investigaçoens questoens indecifraveis, objectos d'interminaveis disputas pela rasão de que o véu, que os cobre é impenetravel á rasão do homem; que não tem outra missão senão a de acabar com tudo o que é objecto da estima e da veneração dos homens, sem que lhes deixe coisa alguma, que occupe o seu logar, sem que lhes caiba outra gloria se não a do anjo exterminador, a de anniquilar e destruir tudo para que só reine a desolação e a morte, a paz e o silencio dos tumulos! O' espirito inconsequente, obstinado e cego se não tens uma divindade, que adores, ou uma verdade, que reconheças a favor de quem trabalhas? que motivo para esse furor que te transporta? Eis-aqui a filosofia deste impio: elle não formou um symbolo qualquer, um systema qualquer, uma doutrina qualquer, mas intentou destruilas todas; não tomou por thema uma verdade, mas anniquilou-as todas: destruiu todos os dogmas, todas as crenças religiosas, sem que tivesse um só principio, uma só verdade que lhes substituisse: acabou com todos os cultos, com todas as homenagens, que se rendem á divindade sem que ensinasse uma só, com que ella fosse honrada e respeitada; acabou com toda a ideia de religião e crença positiva, com toda a ideia de culto exterior e respeito á divindade, com toda a ideia de dependencia e de communicação entre a creatura e o creador, sem que deixasse regra alguma que nos dirigisse, ou vinculo algum que ligasse Deus com os homens; o céu com a terra, em cuja escóla, não havendo um systema, que se estabeleça, uma sciencia, que se aprenda, um principio, que se proclame, uma fé, em que se creia reduz-se a que se proteste contra toda a fé, a que todos os symbolos se regeitem, a que todos os systemas se destruam, a que toda a sciencia se inutilise, a que todas as opinioens se abandonem, sem que se ache uma só, que se repute verdadeira, ou que sirva de farol ao espirito humano: cuja escóla não é por isso de luz, mas de trevas, não é de sabedoria, mas de ignorancia, não é um laboratorio de compôr, ou maquina de construir, mas de tudo decompôr, anniquilar e destruir; é uma escóla em que se ignora o conhecimento da primeira verdade, que as encerra em si todas, em que se faz da sua existencia, das nossas relaçoens e dependencia com ella, da moralidade das acçoens, do nosso destino do fundamento dos nossos deveres um problema, um objecto de discussão, de que se exclue a certesa, como sendo só propria dos charlatanes, uma questão metafisica de que — um nada sei — é a unica resposta rasoavel; é uma escóla em que o mestre é tão ignorante como os discipulos, em que tudo se põe em questão e nada se resolve, em que tudo se examina e nada se esclarece; em que aquelle pergunta a estes o que elles pensam do primeiro ser, se elle será tal como se diz, se teremos com elle relaçoens, como se figuram, ou se tudo isto deve entrar no numero dos fantasmas e das chimeras, com que se deixa fascinar o genero humano; e em que os discipulos tão espertalhoens como o mestre não julgam isso entre os objectos sérios, de que deva occuparse o espirito humano!

Com que expressoens descreverei esse corifeu da impiedade, que ora crê em Deus, ora renega da sua exis-

tencia; ora lhe parece uma verdade incontestavel, ora um enigma indecifravel, ora admitte um ente eterno separado da materia com acção livre sobre ella, ora co-eterno, confundido com a materia, ou escravo della, que acaba por não admittir nenhuma verdade, ou por duvidar dellas todas? Como deverá ser descripto um homem, que se diz filosofo sem principios nenhuns seguros em nenhuma materia, sustentando já o pró, já o contra, ou variando eternamente de sentimentos em moral, em filosofia e em religião? Como deverá ser avaliado um homem, que lisongeando-se de esmagar o infame e procurar um epitafio para pôr no tumulo do Christianismo, se não envergonha de confessar a nullidade das suas opinioens e que nada tem que lhe opponha, ou que o substitua a não ser a inconsistenca, ou a vergonha dos seus systemas? Mas quem se não encherá de admiração que com tanta ignorancia se fizesse tão grande guerra á verdade, e que com tanta petulancia se podessem dominar e seduzir os espiritos e que este homem adquirisse uma celebridade, que tão funesta tem sido ao genero humano! Com uma tal linguagem, com taes principios e com tal doutrina que discipulos produziria este mestre? Que opinioens seriam as suas? Acaso parariam elles diante do abysmo, que elle se não atreveu a sondar, ou pertendendo passar-lhe a barra aonde os conduziria o seu orgulho? a absurdos e monstruosidades ainda maiores que todas aquellas que póde produzir o espirito humano abandonado a si mesmo.

Não ha impio, seja qualquer que fôr o nome com que se apellide, ou o credo, que professe, que se não gabe de o ter por mestre, de ter aprendido na sua escóla, ou de ter bebido nas suas obras a sua infame sciencia, ou o seu furor contra a religião. A sua escóla não é destes, ou daquelles inimigos da religião, não é destes, ou daquelles sectarios, é de todos elles por mais torpes e abominaveis, que sejam seus dogmas, por mais contradictorios e oppostos que sejam entre si: é a escóla do deista, do pantheista, do materialista, do sceptico, do indifferentista; é a fonte e o manancial de todas as extravagancias e monstruosidades em materias de religião; porque todos elles dimanam do seu grande artigo de fé — que Deus se não manifestou ao homem para lhe revelar o caminho, que devia seguir para chegar ao seu destino — sendo disso consequencia necessaria, que fica ao arbitrio de cada um determina-lo como bem lhe parecer e que toda a revelação se deve destruir, como prejudicial e opposta á rasão, ou o que importa no mesmo que Deus nos abandonou e entregou a nosso proprio juizo, devendo cada um seguir o que este lhe dictar. Eis-aqui porque muitos dos seus discipulos se deitaram a prégar e a moralisar o mundo com o atheismo mais brutal e grosseiro, fallando tantas vezes de forças da naturesa, de fatalidade, de necessidade, de mundo eterno e improduzido, dando-nos palavras por coisas, effeitos por causas, leis por aquelle que as constituiu, não se envergonhando de fallar de Deus, como d'um ente imaginario, ou quando muito de um problema, que não está sugeito a demonstração, da alma, como d'um resultado da organisação da materia, da vida futura como de uma invenção da politica, ou quando muito, como d'uma opinião em que o pró, não é melhor demonstrado que o contra, do livre arbitrio, como d'um erro, do vicio e da virtude, como de uma invenção humana, que varia, segundo as leis e os costumes dos povos, da moralidade das acçoens como d'uma ficção, que tem por fundamento o clima, a politica e os prejuizos, e do bom ou mau, segundo convém, ou desconvém fisicamente!

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

A ACTUAL INSTRUCÇÃO DO CLERO.

A IGNORANCIA é um attributo, que ninguem possue, de boa vontade, e por mais depreciada que esteja a sciencia, tomaram todos os ignorantes amanhecerem sabios, ainda que para isso tivessem de perder os grandes interesses que, por não sei que maravilha, correm parelhas com a escassez de entendimento.

Não duvida ninguem daquelle axioma, embora alguns escriptores, feridos d'ingratidão, blasfemassem contra o genio que os tornára infelizes, quando a ignorancia tão farto patrimonio grangeia a seus filhos. Essas caprichosas aberraçoens nada prestam em filosofia, e apenas podem revelar no drama e no romance as luctas interminaveis da luz com as trevas, do talento com o obscurantismo.

Sendo, pois, inquestionavel, que ninguem trabalha para não saber, vejamos a injustiça com que o clero, ordenado em nossos dias, é aggredido com epythetos mais ou menos variados, mas quasi todos aferidos pelo primeiro que lhe arremeçam: — *ignorante.*

Não sei com que bom senso invectivariamos um cego, que nos pisasse, chamando-lhe *cego!* E o cego se recalcitrasse, como injuriado, não provocaria o riso? Seria como o padre, effectivamente ignorante, se quizesse provar-nos que o não era. Quando o cego discretamente dissesse: « Deus permittiu que eu não visse o pé que pisei » o padre deveria judiciosamente responder: « o governo privou-me da sciencia, que não encontrei. »

E' má fé exigirmos d'um padre, que hontem recebeu esse augusto titulo, essa soberana missão, uma synopse dos estudos que lhe enriqueceram o espirito de dons, que a Egreja lhe manda derramar pelos homens, pobres daquelle espirito do Evangelho, que resume em si um grande curso, e uma extensa filosofia. E' má fé pedir ao que boceja difficilmente os rudimentos da latinidade uma dissertação de theologia mystica, uma época de historia ecclesiastica, uma questão de principios e consequencias que concluam victoriosamente em favor de Jesus Christo contra Mahomet, em favor de Paulo III contra Calvino, em favor da rasão catholica contra a rasão filosofica, em favor de *Lacordaire* contra *Victor-Cousin.*

A resposta satisfactoria seria milagrosa como a agua do rochedo de Horeb, e como a intelligencia momentaneamente inspirada dos pescadores do lago de Gethsemany.

A ignorancia não responde á sciencia, e a incredulidade joga sempre as melhores armas quando repta cobardemente as crenças d'um padre que as não justifica pela sciencia. O incredulo não deve arrogar-se um triunfo, que a sua obra foi uma cobardia.

Porque são ignorantes os padres? Quererão voluntariamente, instinctivamente sê-lo? Não: outra resposta seria um absurdo sem espirito de galanteria ao menos.

O padre, qual hoje sahe das mãos sagradas do seu prelado, é um ignorante por força, pois que o sacramento imprime o caracter indelevel da ordem, mas não infunde sciencia.

E o padre não tem outro precedente, além do ajoelhar aos pés do bispo, e cumprir determinadas ceremonias que o sagram ao culto de Deus, e á tutella da humanidade?

Tem. O padre tem a rigorosa obrigação d'instruir-se. O padre é o depositario do livro de Deus, e o livro de Deus é um thesouro de mysterios, que, aberto pela mão do seu ministro, derrama torrentes de luz, que illumina verdades palpaveis, positivas, e comprehensiveis.

Pois bem. Dai-nos assim o padre — exclama o homem das duvidas — dai-nos assim o confidente dos céus, porque eu, filho das paixoens mundanas, não sei decifrar a mystica desse livro, que *Rosseau* julgou superior a todos os codigos humanos.

Procurai — respondemos nós — procurai o padre dos tempos passados. Entrai na cella deserta do mosteiro, e pedi a essas paredes que vos contem as vigilias do homem, que ahi encaneceu sobre os livros. Indagai, depois, se vive esse homem, ou se a penuria o surprehendeu ajoelhado supplicando ao Senhor paciencia para as dôres. Se elle vive, procurai-o: fallai-lhe como um impio, como um filosofo, como um sceptico, e ouvi-lo-heis; mas ao padre que hoje vêdes envergar a batina official, como um distinctivo de emprego, como uma capa de camarista, não pergunteis nada, porque a ignorancia tem um silencio, que não é o *silencium ore facundius.*

Quereis ajuisar da instrucção desse padre? Imaginai-o estudando na aldeia as primeiras letras com o visinho lavrador, nas horas da sesta, cerceadas do trabalho. Vêde-o, depois, estudando Eutropio, e Justino com algum padre, que sabe o que ensina, mas não póde ensinar o que não sabe, por uma regra muito conhecida. Ultimamente segui-o na tarefa do Genuense, nos scolios in-

fecundos, nos corollarios desapegados, naquelle profundo methodo de cogitar que esterilisa a cogitação.

E' chegada a epoca de entrar em estudos secundarios.

O ordenando vem ao lyceu do Porto, suppomos nós.

Senta-se á banca: apruma-se no estaleiro da intelligencia, responde pelo caso que lhe fazem a pergunta, mas esta pergunta é sempre feita, depois que os arguentes mutuamente se dizem: « Vai para padre. » Hir para padre é estar conscienciosamente habilitado para uma reprovação, e receber as melhores informaçoens, o mais lisongeiro *nemine*.

Abrem-se as aulas de theologia. O estudante, munido d'um livrinho em 8.° portuguez, chamado *Lugdunense*, entra nas complicadas veredas do dogma. O compendio é em latim, e o estudante lucta com as difficuldades do idioma, antes de penetrar os segredos da ideia. Esmorecido, abandona o inconcebivel, e senta-se placidamente no banco da aula. Chamado a revellar o seu cabedal de sciencia, confrange-se, como se lhe fallassem nos mysterios d'Eleusis, calla-se, e retira-se com mais um dia ganho no seu tirocinio da ordenação.

Chega o fim do anno. Se a fortuna pela bocca da revolução decretou um perdão d'acto, o estudante retira-se, e vem em tempo competente receber ordens. Se a paz anniquilou as esperanças, sempre vivas no perdão de acto — venha elle donde vier — o estudante passa pelo incommodo d'estudar o ponto, d'entregar algumas cartas de recommendação, de lembrar que é filho d'um pobre lavrador, de carpir-se aos examinadores da desgraça em que fica se o reprovam, e, feito isto que equivale a estudar muito, manda vir a egua, que deve transporta-lo, com a certidão do seu optimo exame.

Permitta-se-nos este colorido d'estylo faceto, que é o azado para a exposição de certas verdades, que desmerecem tratadas sériamente. Antes o risonho, que a severidade.

O segundo anno, e ultimo de seus estudos, occupam-no em theologia moral, e seria propagar o absurdo da sciencia infusa suppôr que os estudantes, findo o anno lectivo, podem resolver um caso dos que se topam a esmo no Diccionario do *Collet*.

Ahi está um padre, e, nesta apresentação, restrinjo-me ao bispado do Porto.

Resta saber que compendio estudam, que doutrinas decoram, que sciencia levam para o povo esses homens consagrados á revellação das verdades catholicas.

O compendio deve forçosamente ser a expressão genuina do Evangelho, não vos parece? O compendio deve ser a sciencia de S. Ireneu, de S. Clemente d'Alexandria, de S. Agostinho, de S. Thomaz, não é bem natural? O compendio deve ser a doutrina de Roma, e a palavra eterna de Christo, e do seu vigario na terra, não é bem crivel?

Ouvide agora: o compendio é um livro condemnado em Roma, é um livro reprovado pelo vigario de Christo, é um livro combatido pelos que professam as crenças da egreja unica, catholica, apostolica, romana.

Abride um livro intitulado: *Index librorum prohibitorum, juxta exemplar romanum, jussu Sanctissimi domini nostri, editum anno MDCCCXXXV.*

Procurai a paginas 189, e encontrareis:

Institutiones Theologicæ ad usum Scholarum accommodatæ; quæ vulgariter circumferentur sub nomine Theologiae Lugdunensis. *Lugduni* 1780. *Cum cœteris editionibus inde secutis.* (*Decr.* 17 *Decembris* 1792)

O nosso dever seria agora mencionar a justesa da prohibição?

Roma obra sempre com justiça, e seria uma affronta á infallibilidade dos seus juizos traze-los aqui á discussão. Mas, por desventura, quererá o exc.mo bispo que reprodusamos as actas da censura? Haja quem nos dê um leve signal d'assentimento, mas que tal assentimento venha de quem se interessa na conservação d'um tal compendio, e tão promptos na defesa como na accusação, exporemos com verdadeiro zelo as doutrinas de Roma, e as doutrinas do compendio, onde se ordenam sacerdotes catholicos.

O respeito que tributamos ao prelado do Porto não exige de nós o sacrificio de nossas convicçoens de catholico.

Camillo Castello-Branco.

A religião é a base da felicidade como o meio da civilisação dos povos. Sem ella a sociedade não é mais que um cahos immensuravel, onde as trevas prohibem a entrada da verdadeira luz; é um deserto inculto onde só vegetam selvagens espinhos, onde continuo se ferem os que nelles caminham. Sem a religião é impossivel a brandura da alma, que faz a ventura dos povos; a caridade fraternal, que constitue a harmonia das gentes; o receio do crime que fórma a irmandade social.

Onde faltar tudo isto, não póde haver civilisação, por isso que são os seus alicerces. No meio dos desertos, onde nunca penetrára a luz da religião; onde o coração selvagem empedrecido na ignorancia se endurece na crueldade; onde se não conhecem mais que idolos falsos de mentida crença, não ha civilisação.

Se no meio de tudo isto, um desejo de gloria á religião não levar ao centro dos selvagens alguns homens verdadeiramente possuidos da caridade evangelica, como póde operar-se a civilisação desses povos errantes?

Se os homens recearem ser devorados ou mettidos em torturas onde percam a vida como podem elles dirigir-se alli a levar o facho luminoso da religião?

No Christianismo sómente se vê essa abnegação pela sagrada fé de Christo; so nelle os filhos da crença indestructivel da verdade se levam atravez dos perigos e da morte a arvorar o estandarte da religião do Crucificado!

Lá vão nas selvagens povoaçoens da Australia, estes novos propagadores da fé, a quem a egreja deve seu maior trofeu, prégar a verdade a troco talvez de padecimentos, que soffrem resignados com a satisfação de haverem cumprido sua missão na terra. Eis os filhos de S Bento caminho dessas terras confiados em Deus e na recompensa celeste espalhar a luz da religião e tornar civilisados os povos dessa nova região selvagem.

O Christianismo só póde dar a verdadeira felicidade aos povos!

MISSOENS BENEDICTINAS.

Considero a missão benedictina da Australia como um formoso florão, destinado a enriquecer a já brilhante aureola que nos céus cinge a fronte do glorioso padre S. Bento.

E, na verdade, se meditarmos as provas porque tem passado esta obra eminentemente christan, e compararmos seu actual estado com os borrascosos começos que teve, bem podemos affirmar que está destinada por Deus para produzir os mais fartos e bem sasonados fructos. Já o selvagem na sua vida errante se vae affeiçoando aos costumes dos christãos; já lhe não é uma carga insupportavel o sugeitar-se ao trabalho; já começa a convencer-se da nobresa da sua origem e da maldição que sobre os homens acarretou seu primeiro pae; já a mimosa infante póde entranhar-se pelos bosques, sem receio de ser despedaçada para saciar os desejos de seus crueis verdugos; já, emfim, confiam seus filhos aos missionarios para que no mosteiro da Nova Nurcia os eduquem segundo os principios da religião christan. Novas falanges de intrepidos benedictinos se preparam para caminhar a tão remotos climas, desejosos de compartir com seus illustres companheiros os trabalhos do apostolado. Que interessante espectaculo! Que sublime expansão adquire meu espirito, e que suave alegria circunda meu coração quando vejo esses anjos do deserto, rompendo os laços que os prendem á terra, desapparecer gostosos, levados nas azas da mais ardente caridade, para chamar por meio do Evangelho os desditosos antropofagos da Oceania ao reconhecimento da religião de Christo. Dois mosteiros, edificados á custa de disvellos e trabalhos dos bispos de Pert e de Porto-Victoria, e povoados já de austeros e laboriosos cenobitas, são, no meio daquelle paiz selvagem, dois astros luminosos destinados a dissipar as densas trevas de seus desventurosos habitantes.

Sei que homens ha que, levados do seu odio ao estado monastico, depois de calumniar nossos virtuosos missionarios, se atreverão a dizer que me illudo com um futuro irrealisavel, por isso que a civilisação da Australia é mais obra do filosofismo que derrama suas luzes por meio

das modernas descobertas, do que empresa que possam conseguir uns *frades despresiveis*. Mas, sem que seja agora meu intento entrar em debates com quem se obstina em conservar os olhos cerrados á luz da rasão, permitta-se-me perguntar:

Onde existem esses venturosos entes que a filosofia volteriana arrancou do cahos de seus erros? Que é feito dos neofitos que teem conseguido os missionarios protestantes?

Uns com suas doutrinas, outros com seu scisma e ignorancia teem conseguido sómente encher a terra de desgraças!

Se, por outro lado, consultarmos as paginas da historia, e revolvermos os annaes dos povos, veremos que elles confirmam minhas asserçoens. Felizmente fallo de uma missão pertencente á religião de S. Bento, e todo o mundo sabe que este sagrado confessor civilisou a Europa por meio de seus filhos. A mesma Inglaterra que tanto pondera sua cultura, sem elles seria o que é presentemente a Australia. Isto que se diz de uma nação tão orgulhosa, que em nada consente rival, póde applicar-se ás mais naçoens da Europa.

Igualmente sei que ha outros que, blasonando de catholicos, não só recusam deixar certas ideias assaz reprehensiveis; mas até com seus arguciosos sofismas endurecem o coração do que se conhece animado para contribuir com seu obulo a favor da obra mais caritativa e filantropica. Contrarios a tudo que se não reveste do falso esplendor que lhes seduz os sentidos, sómente apreciam aquillo que póde augmentar os seus thesouros. Negam, com as mais deficientes provas, a utilidade das missoens, como se o imperio de Jesus Christo conhecesse limites, ou com seu divino sangue não houvesse remido toda a humanidade. Se o apostolo S. Thiago, conhecendo que nossos paes não eram galileus como elle, deixasse de por isto vir prégar-lhes o Evangelho, ainda hoje se adoraria o Jupiter de Roma, Minerva da Grecia e o Saturno de Cartago.

Por tanto, nós que conhecemos o valor de uma conversão, e apreciamos a sublime abnegação destes apostolos em favor da religião, cooperemos para que os snrs. bispos de Pert e Porto-Victoria possam dar grande impulso á sua santa empresa. E' grande o fructo já colhido em poucos annos; e maior o será logo que augmentem os recursos para o transporte dos missionarios. Coadjuvemolos com as nossas esmolas.

Pedro João Domingues.

A TOMADA DE JERUSALEM PELOS CRUSADOS.

Bem como o Occeano, que cavado ruge
Sob as asas do vento,
Em pé nos golfos, gigantesco, erguido
Se lança ás praias, sobe embravecido
Ao alto firmamento...

Dest'arte a Europa se levanta inteira
Ao nome de Jesus!
Armam-se os bravos aprestando frotas,
E vão ás praias arrojar-se ignotas,
Curvar-se aos pés da Cruz!

— Sião — é o brado, que soando ao longe
Se revolve a rugir....
Aos eccos manda o seu accento eterno,
E até no abysmo do escondido averno
Se vae repercutir!

Vagas e vagas amontôa a crença
D'um velho do Senhor!
Inflamma o peito sua voz divina
Chorando mostra além.... na Palestina
O pó do Salvador!

Pó.... que dez sec'los no ruidoso vôo
Contemplaram no chão....
E á voz de Pedro geraçoens inteiras
Vão com seu sangue humedecer poeiras
Dos plainos de Sião!

Servos e livres, e monarchas, todos
Uma crença levou....
Nesse estandarte desfraldado ao vento
Fulgia um symbolo de servil tormento
O madeiro brilhou!

Depois de passos incertos
Dos mares terras além:
Eis que ao longe nos desertos
Campeia Jerusalém:
A' voz de Pedro o Eremita
A turba se move, e agita
Se lança de rojo ao chão:
Em fogo o sol do deserto
O madeiro descuberto
Vem dourar com seu clarão.

Resôa a tuba estridente
Desde o Hebron ao Thabor:
Nitra o cavallo valente,
Nos gestos se muda a cor.
Mas a sede.... a cruel fome
Os fieis de Deus consome,
Que sustenta só a fé....
O Cedron já não murmura,
Mal serpêa a agua pura
Da fonte de Siloé.

Corre nesse espaço aberto
Do meio dia o tufão,
Fervente pó do deserto
Nas asas ergue do chão,
Que o sopro da vida apaga
O peito confrange, e esmaga
Ao cavalleiro da cruz:
Mas a crença mais se aviva
Vendo ao longe estar captiva
A cidade de Jesus!

Era tempo! ... ergueu-se o forte
Ai de ti Jerusalém!
Quem póde roubar-te á morte
Cidade santa? ninguem!..
Voseria retumbante
Do amplo solo distante
Foi encher a solidão.
Confunde-se o céu e a terra
A' frente fulge da guerra
Godofredo de Bulhão!

....
As turbas se movem
Como ondas do mar,
Que voam, que correm
A praia açoutar:
A tuba guerreira
Encheu a soidão,
Ergueu-se a poeira
Em nuvens do chão.

As torres c'o muro
Se vão abraçar:
O ariete duro
Está a pelejar.
As flexas ardentes
Os oleos ferventes
Se crusam no ar....

Calaram-se as aguas
Do Santo Jordão
A fronte com maguas
Inclina Sião.
Tremeu o sanctuario
E ao longe o Calvario
Nas bases tremeu;
E grossa corrente
De sangue fervente
N'areia correu!
Mas o arabe forte
Qual bravo leão,
Não dobra ante a sorte
Seu colo no chão!

Ai!... Deus!... que guerreiro s'ergueu de repente
Do meio das nuvens acceso em rancor!!
S. Jorge! bradaram de Christo as falanges
O ecco longinquo S. Jorge bradou.....
Nas cruzes do peito s'embotam alfanges
O auxilio do Eterno á victoria os levou,

Em breve a cidade no fogo abrasada
Confunde-se em gritos e mais a gemer:
Mal bate o alfange no ferro da espada
Mil peitos sem força se sentem morrer.

E o sol d'Asia mergulha magestoso
O seu sceptro de fogo portentoso
Nos desertos... além!
Cae a noite. Uma voz sôa no mundo
D'ecco em ecco, com som grave e profundo
Cahiu Jerusalém!!

Cantam anjos no céu o Hosanna eterno
E os louvores do Labaro no averno
Se vão repercutir....
Dos seus golfos o mar ergue o seu canto
Açoitado dos ventos, leva o espanto
A's praias a rugir!

Tudo é sombra! De passo incerto e vario
Toda a turba caminha pr'o Calvario
A curvar-se ante a Cruz.
Fronte nua!.... descalços! caminharam
E, chorando, na lagea ajoelharam
Da campa de Jesus!

Longe da patria sobre area ardente
Se finam dous milhoens,
Sem ter um tumulo, que lhe offereça abrigo,
Sem ter um peito, que lhe desse, amigo,
Amor, consolaçoens.....

As aves roem no deserto as carnes
Dos crentes de Jesus:
As campinas refulgem branqueadas
Pelo pó desprendido das ossadas
Dos guerreiros da Cruz!

Os seculos passam e na terra inclinam
Sua fronte a sorrir.....
O anjo da morte nos desertos poisa,
Desprende as azas, e essa immensa loisa
Vae com elles cubrir.

O bardo como a aguia do deserto
Em seus voos percorre o espaço aberto
Nos sonhos do cantar:
Mas, depois, quando deixa o firmamento,
E aos abysmos desceu do pensamento,
Então perde o sonhar....

D'essa heroica Epopea a longa historia
Será sempre lembrada na memoria
Dos annaes do porvir....
Essa crenca, que aos peitos tanto falla,
E' o braço de Deus que o mundo aballa
P'ra destinos cumprir.

Novas vias no Occeano se trilharam,
Dous milhoens de tyrannos se finaram
O mundo respirou!
Entre a Cruz, e as Luas, do vasto Oceano
Inflammada em valor de sangue humano
A Europa levantou.

O genio do futuro, no seu trilho,
Largas vias mostrando aponta o brilho
Das geraçoens porvir:
Esse sangue, que ao longe a Asia ensopa
Vae os ferros quebrar da velha Europa....
O mundo ressurgir.

Villa Real 28 d'Agosto.

Guilhermino Augusto.

ANNO CHRISTÃO.

AGOSTO.

29 *Domingo.* Degolação de S. João Baptista. Pelas vesperas de uma paschoa dos judeus, no dia natalicio de Herodes, teve lugar este acontecimento, que por um lado deixa vêr o quanto póde o resentimento de uma mulher devassa, e o pouco que póde o homem contra os encantos do amor, e pelo outro, quanto é forte o justo contra os respeitos humanos. Andava Herodes amancebado com Herodiades sua cunhada, e sendo disto reprehendido por S. João, ainda assim, sem embargo de o ter em custodia, de alguma sorte o respeitava; porém Herodiades é que só odio lhe votava. Chegou o dia natalicio de Herodes, e dando elle um banquete a toda a sua côrte, ficou ebrio de contentamento ao vêr a gentilesa e garbo com que uma filha de Herodiades dançára, e lhe prometteu dar-lhe o que ella quizesse « embora fosse metade do seu reino. » Por conselho da mãe ella pediu a cabeça do Baptista, e por tanto Herodes, arrependido sim da illimitada e indiscreta promessa, mas não tendo a força de deixar de cumpri-la, promptamente mandou um algoz que lha trouxesse em um prato. Como dito fica, este acontecimento foi pelo tempo da Paschoa, mas hoje é o anniversario do dia em que a cabeça de S. João foi depois achada, e, trasladada para Roma, collocada na egreja de S. Silvestre ao campo de Marte.

30. *Segunda feira.* S. Rosa, de Lima, cidade do Perú, logo desde a edade de 5 annos começou a dar-se toda á oração e penitencias. Professando depois na ordem de S. Domingos, foi sempre subindo em perfeição, e chegou a tal grau da *escala unitiva*, que mereceu a graça de lhe fallar varias vezes o seu Jesus, cuja paixão ella, por suas maceraçoens, imitou quanto possivel. Finalmente foi gosar a perenne felicidade.

31. *Terça feira.* S. Raymundo Nonnato, assim chamado por ser tirado do ventre de sua mãe, que acabava de expirar, viu a luz do dia em Portello na Catalunha. Muito devoto da Virgem Santissima, lhe pedia lhe indicasse qual o estado que devia abraçar, e se sentiu inspirado para professar o instituto recente conhecido com o titulo da Ordem da Mercê da Redempção dos Captivos, o que logo fez em Barcelona. Indo á Africa para tratar do resgate de alguns christãos alli retidos, e acabando-se-lhe o dinheiro, não se lhe extinguiu a caridade, antes então é que ella se patenteou em toda a sua força, pois se offereceu elle mesmo em penhor por alguns, que á força de maus tratos já estavam muito tentados á apostasia. Com effeito, ei-lo na condição de captivo! Mas livre sempre a sua lingua para dizer a verdade, convertia muitos mahometanos á fé, e por isso foi asperamente torturado, sobrevivendo comtudo a um aturado martyrio. Em consideração por tão heroica virtude o nomeou Gregorio IX cardeal da Santa Egreja Romana; e, quando resgatado, se dirigia a Roma, enfermando gravemente em Cardona, pediu os sacramentos, e demorando-se o sacerdote, mereceu que Deus fizesse um milagre, mandando que um anjo, em figura de um religioso

de sua ordem, viesse ministrar-lhe o Viatico. Em amorosos colloquios com Jesus que acabava de receber encuberto com o veu eucharistico, logo expirou no anno de 1240, e logo foi gosa-lo patente no céu.

SETEMBRO.

1. *Quarta feira.* S. Egydio, atheniense de stirpe real, ficando livre por morte de seus pais, vendeu seus bens e distribuiu o producto pelos pobres, e vivendo eremiticamente, chegou a despir sua tunica para vestir um pobre enfermo, que logo ficou são. Já se fallava muito da santidade deste servo de Deus, e por isso elle, desconfiando sempre dos laços da vangloria, deixou seu paiz, e veio para Arelate, deserto de França. Sustentando-se aqui apenas de alguns fructos silvestres e de leite que uma corça hia a certas horas dar-lhe, aconteceu que, perseguida ella pelos caens do rei, se refugiou na caverna de Egydio, a quem o mesmo rei tributou veneração, e alli lhe mandou edificar um mosteiro, de cujo regimen o encarregou; e neste emprego terminou sua carreira mortal.

2. *Quinta feira.* S. Estevão, rei de Hungria, teve a satisfação de vêr convertidos á fé todos os seus subditos. Com effeito, elle, não se esquecendo de promover a fortuna temporal de seus estados, por sua principal mira em assegurar para si e para os seus a eterna, e tanto nisto trabalhou, que mereceu ser apellidado o apostolo da Hungria, e pelo romano pontifice lhe foi concedida e a seus successores a faculdade de levarem diante de si, á maneira dos bispos, a Cruz. Havendo casado com Ghisella, irmã do imperador Henrique de Baviera, teve della um filho, a quem poz o nome de Emerico, e em cuja educação empregou todo o seu disvello, para que viesse a ser um bom rei. Devotissimo da rainha dos céus, falleceu no dia da sua Assumpção; porém Innocencio XI mandou que se festejasse no dia 2 de Setembro em memoria da victoria alcançada no assalto de Buda pelo exercito de Leopoldo, imperador dos romanos e rei de Hungria, contra os turcos.

3. *Sexta feira.* S. Eufemia, natural de Aquileja, conservando-se constante na fé em tempos tão difficeis como aquelles em que ella viveu, foi mandada martyrisar no tempo da perseguição de Nero. Seu corpo foi sepultado por S. Hermagoras.

4. *Sabbado.* S. Rosa, de Viterbo. Esta serva de Deus, que, professa na terceira ordem serafica, tantas virtudes praticou quantos foram seus actos, morreu no dia 6 de Março; porém festeja-se hoje por ser o anniversario de sua trasladação do templo de S. Maria de Podio, onde fôra sepultado trinta mezes antes, e se achava inteiro e incorrupto para o mosteiro de S. Maria de Rosas, que veio depois a chamar-se o mosteiro de S. Rosa.

---

5 *Domingo.* S. Antonino nasceu em Pamia de Tolosa, e teve a dita de ser educado na religião christan. O rei Galiacio, tentando com promessas faze-lo abjurar, recorreu depois ás torturas, fazendo-o açoitar, comprimir debaixo de um peso enorme de ferro e metter em uma caldeira cheia de enxofre e chumbo derretido; porém a tudo isto elle sobreviveu com assombro e conversão de muitos. Depois o mesmo tyranno o mandou lançar ao rio Garona com uma grande pedra ao pescoço, e andou quatro dias nadando na superficie como se a pedra fosse uma boia. A final foi-lhe decepada a cabeça com tal força, que ao mesmo tempo e de um mesmo golpe lhe amputaram o braço direito.

6. *Segunda feira.* S. Zacharias profeta, que, voltando, já muito velho, da Chaldea para a sua patria, expirou, e foi seu corpo depositado junto daquelle do profeta Aggeu.

N. B. O calendario que havemos seguido traz neste dia S. Libania; porém, empregando bastantes diligencias, não podemos deparar com alguma memoria de tal santa.

7. *Terça feira.* S. João, natural de Nicomedia, vendo crueis edictos affixados nas praças contra os christãos, se inflammou no zelo da fé, e, arrancando-os, os rasgou. Logo isto foi delatado a Dioclecíano e Maximiano, os quaes lhe fizeram experimentar toda a casta de supplicios, que elle soffreu com uma paciencia invicta, e assim mereceu a palma do martyrio.

8. *Quarta feira.* Natividade de Nossa Senhora. Depois da revolução de tantos seculos, apparece esta creatura tantas vezes promettida, e por tanto tempo esperada, sobre quem não pôde estender-se a commum maldição. Formada debaixo de uma ordem de decretos novos dados para ella só, sahe das mãos do Creador, obra prima de sua omnipotencia, digno objecto de suas complacencias as mais doces; o inferno quer em vão estender seus direitos sobre ella, a graça preveniu; a primeira vista do Creador sobre ella foi uma vista de amor. Apresse-se toda a naturesa a render-lhe homenagem! Sim, eu vos saudo nova Eva, mais perfeita e mais fiel do que a primeira, Eva verdadeira, pois que foi por vosso Filho, foi sobre vosso modello que todos havemos sido regenerados.

9. *Quinta feira.* S. Sergio, governando a Egreja em tempos muito difficeis, pôde todavia por sua prudencia trazer á concordia a egreja de Aquilea, e extinguiu o schisma da egreja de Istria, que fôra occasionado pela celebre questão dos tres capitulos. Sem embargo das diligencias e mesmo vinganças do imperador para que approvasse os canones do concilio Trullano, elle sempre se denegou a isto, por entender que os canones 13 e 55, embora outros houvessem cheios de sabedoria, eram altamente contrarios á disciplina e bem da Egreja. Deu a Deus a alma no anno 701.

10. *Sexta feira.* S. Nicolau Tolentino começou a prevenir com rigorosas penitencias os ataques da carne contra o espirito logo em uma edade em que taes ataques ainda não costumam sentir-se. Abraçando o estado clerical, e feito conego, ouviu elle prégar sobre o despreso do mundo um religioso da ordem de S. Agostinho, e não julgando ainda segura a salvação na posição em que se achava, logo foi professar na dita ordem. Alli ainda redobrou as suas fadigas na jornada do céu, onde, sem embargo de horriveis tentaçoens que o inimigo lhe suggeria, chegou, e foi canonisado pelo papa Eugenio IV.

11. *Sabbado.* S. Theodora penitente, matrona de Alexandria, havendo vivido na melhor paz e união com seu marido, veio a ceder a uma tentação e commetteu adulterio. Cahiu logo em si, e foi tal a dôr e confusão de que se possuiu, que concebeu o insolito projecto de esconder-se á vista de seu marido e conhecidos, fugindo para um convento de monges, onde se apresentou em vestido de homem, e com este incognito ahi viveu algum tempo nas maiores penitencias, até que Deus, havendo-lhe perdoado seus peccados, a chamou ás eternas delicias.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

Na egreja do extincto convento dos Carmelitas teve logar no dia 29 a festa annual do SS. Coração de Maria. Tudo concorreu para fazer este acto magestoso e tocante: a egreja, e especialmente a capella da archi-confraria, estavam decoradas com delicado gosto; a musica desempenhou com perfeição os sagrados hymnos, e principalmente o *Tantum ergo* — sendo para desejar que fossem reguladas por este modello todas as composiçoens do canto ecclesiastico.

O snr. Sinval foi o prégador. Que bem acabada oração! e com que enthusiasmo e uncção elle a recitou! Quanto é bello, em um seculo de indifferentismo, ver um sabio occupar-se dos louvores de Maria, e mostrar um coração tão cheio do seu amor!! Pena foi que ao pôr o remate a este na verdade grande, variado e altiloquo edificio, o snr. Sinval um tanto estremecesse na altura em que se achava: acabava de dirigir á Mãe dos peccadores uma pathetica apostrofe, que recitou com todos os requebros de um profundo sentimento, e foi então que a memoria um tanto lhe tardou. Ainda que todo o auditorio notou isto, não é comtudo rasão para que o snr. Sinval deixe de gostar todo o jubilo que deve acompanhar um glorioso feito. Foi a segunda vez que tive a honra de ouvi-lo, e prometto ouvi-lo sempre que elle prégue e eu esteja nesta cidade.

J. A. V. S.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Italia — O summo Pontifice dirigiu um breve ao arcebispo de Milão elogiando-o e louvando-o pela missão que enviou, dos padres do seminario das missoens estrangeiras, para a Oceania.

Veneza. — No dia 3 de Agosto teve logar em S. João de Verdara de Padua a installação dos jesuitas.

França. — Um facto certamente raro nos annaes da egreja, teve logar no dia da Assumpção na egreja de Nossa Senhora das Victorias.

Officiava o snr. Pallegoix, bispo de Sião. Era assistido do R. P. negro Santa Maria, do reino de Congo, escravo comprado por um padre italiano em uma viagem á Alexandria; e que hoje, revestido do caracter sagrado de sacerdote, volta para o seu paiz a arvorar o facho da fé no meio de seus irmãos. M. Lacombe joven padre do seminario do Espirito Santo, filho de uma nobre familia do reino de Gorea, fasia as honras de diacono. M. Mikalowich, padre polaco muito distincto por suas virtudes como por seus talentos, que depois de se haver evadido miraculosamente da Siberia, onde estava carregado de ferros de que ainda conserva signaes, veio buscar um refugio na egreja privilegiada; fazia as funçoens de sub-diacono. As-

sim vimos reunidas em um só altar as egrejas da Europa, Asia e Africa; e por um descuido não figurou a da America. Esta função deixará vivas lembranças no coração dos habitantes da parochia.

— O R. P. Bertrand, antigo missionario da companhia de Jesus em Constantinopla, foi nomeado superior da nova instituição de jesuitas em Vaugirard.

— Ditosos aquelles cujas riquezas na terra servem para augmentar a gloria de Jesus Christo, e de sua sagrada religião. M. Charlot, fabricante e maire de Moussey (Vosges) acaba de levantar uma egreja á sua custa, cuja inauguração teve logar assistindo um bispo e varias autoridades; e uma nuvem immensa de povo de todas as partes. E' difficilimo de pintar o enthusiasmo do povo! Por toda a parte se lia e ouvia bradar: « *Honra e gloria a M. Charlot nosso maire*! — Honra seja a este generoso e religioso homem que tam nobre uso faz de uma fortuna honradamente adquirida!

Oxalá este exemplo fosse seguido pelos enthesouradores avaros, cuja vida parasita de nada serve á patria, á religião, e a Deus! — O melhor epitafio que o homem póde anciar se lhe trace sobre a sepultura é este:

« Suas obras em favor da religião e da christandade o levaram á presença de Deus! »

FRANÇA. — O R. P. Areso, religioso da ordem dos menores observantes do antigo convento de Olite na provincia de Navarra está actualmente organisando em Amiens um collegio de missionarios para a Terra Santa. Tanto o governo francez como os bispos e fieis desta diocese teem protegido o projecto deste veneravel padre, cuja virtude e trabalhos apostolicos o tem tornado celebre na França.

HISPANHA. — No dia em que se celebrou a festa de S. Lourenço em Murcia, foi baptisado um hebreu que ha muito anciava entrar no seio da egreja. Era de Gibraltar, e de uma familia nobre entre os judeus. Foi encarregado da sua doutrinação o cura de S. Lourenço, que na occasião da missa fez um pathetico discurso, que commoveu o auditorio, e mostrou a religião cheia de triunfo pela conversão deste novo fiel.

A verdade vae chegando a todos os coraçoens.

INGLATERRA. — O reverendo Belancy, vigario protestante de Arlington, deixou o seu beneficio, e entrou no seio da egreja catholica apostolica romana

ALLEMANHA. — Mr. Kettenbourg que recentemente se converteu ao catholicismo, acaba de mandar fazer uma casa de campo em a sua habitação de Malgendorf.

A primeira pedra do edificio contém uma inscripção indicando os motivos que o determinaram a abraçar o catholicismo.

— Em Eggenbourg o Nuncio pontificio, assistido do bispo de S. Hippolito, restabeleceu solemnemente a sagrada congregação do Santo Redemptor: os Ligoristas obtiveram licença para formar um noviciado em Grein na alta Austria.

PRUSSIA. — Foi prohibido aos catholicos das provincias rhenanas o fazer seus estudos nos estabelecimentas dos jesuitas; bem como vedado aos jesuitas estrangeiros assistirem na Prussia. D'aqui á expulsão dos jesuitas vae um passo. Por outro lado as povoaçoens rhenanas que teem conhecido o proveito das missoens, contribuem com satisfação á fundação de casas de jesuitas. Foi com profundo pesar que souberam do decreto, que os constrange na mais cara de suas affeiçoens; a liberdade religiosa.

POLONIA. — As noticias das missoens dos jesuitas no gran ducado de Posen e na Silesia, e dos resultados que teem colhido, tem feito muita sensação.

O partido catholico eleva aos céus os serviços prestados pelos jesuitas.

America. — CANADA' — *Nova Escossia.* — A peninsula da Nova Escossia tinha o nome de Acadia no tempo do dominio francez. Sua capital, Port-Royal, conhecida agora pelo nome de Annapolis sustentou contra os inglezes mais de um cerco, onde se patentearam nobres feitos d'armas de um heroismo que ficou quasi desconhecido. Tomada e retomada pelos inglezes, restituida muitas vezes á França a Acadia cessou definitivamente de lhe pertencer no fim do reinado de Luiz XIV. Porém depois de largos annos os habitantes que ainda conservavam o caracter francez e não testemunhavam para com os novos possuidores bastante ternura, viram consumar iniquidades de que só a historia de Inglaterra apresenta exemplos. N'um dia aprasado á sahida da missa alguns mil acadianos foram bruscamente arrebatados pelas tropas e embarcados em navios que dando á vela foram lançar estes desgraçados em diversos pontos do littoral da America, a 500 ou 600 leguas de sua patria. Ainda actualmente alguns descendentes destes desterrados se acham na Luisiana, onde formam muitos bairros e teem conservado a linguagem, a fé e costumes de seus paes.

Está-se acostumado só a vêr dar egual tratamento a jesuitas tão illegal e cruelmente por Aranda e Pombal. Os primeiros navegantes francezes encontraram as costas de Acadia habitadas pelos Abnekis, tribu guerreira, muito brava e consideravel pela puresa e docura de seus costumes. O primeiro missionario entre estes selvagens foi Josohé Flech padre secular que acompanhou o governador Potrincourt em 1610. Pouco depois os jesuitas foram enviados para estas costas por Henrique 4.° que deu 500 escudos para esta missão. O P. Biard de Grenoble e o P. Masse de Leon foram escolhidos pelo P. Coton e em 1611 foram para a Acadia. Seus trabalhos, porém, foram sempre contrariados pelos calvinistas que tinham o poder na colonia. Potrincourt para forçar os padres a abandonar o seu trabalho recusou-lhes todos os meios e os jesuitas tiveram de sustentar-se nos bosques de bolotas e raizes; mas tendo bem depressa o inverno reduzido os protestantes á indigencia, os padres construindo uma barca se dedicaram á pesca para sustentar seus perseguidores. Os descendentes destes Abnekis convertidos pelos missionarios do decimo setimo seculo estão ainda espalhados na Nova Escossia e observam com fé a religião catholica.

Passados vinte annos os progressos da egreja neste paiz permittiam á Santa Sé fundar bispados em Halifax capital da Nova Escocia; Arixat na ilha de cabo Breton; em Charlottetown na ilha do principe Eduardo e em S. João no novo Brunswick. Estes bispados derivam directamente de Roma, como todos os paizes de missoens; porem nós vemos que a religião ahi parece bem arreigada para que o soberano pontifice lhe tenha outorgado a constituição definitiva de uma provincia ecclesiastica. M. Walsh, primeiro arcebispo de Halifax tem por sufraganeos M. Frazen, bispo de Arichat; M. Makdonald, bispo de Charlottetown; e M. Conolly, novo bispo de S João onde succedeu a M. Dollard, cuja egreja teve de deplorar essa perda. As ilhas Bermudas submettidas á mesma jurisdição foram constituidas em vigariado apostolico, mas faltam-nos documentos sobre esta organisação.

As possessoens inglezas da America do Norte formam por tanto actualmente duas provincias ecclesiasticas.

A outra provincia é o arcebispado de Quebec que tem por sufraganeos os bispos de Montreal, de Kingstown, de Toronto, de Bitown, de S. Bonifacio e de S. João. (Terra Nova). A sé de Quebec fundada em 1670 no reinado de Luiz XIV foi durante 120 annos o unico bispado de todo o continente que comprehende o Canadá e Estados Unidos. Actualmente estes mesmos paizes estão divididos em oito provincias ecclesiasticas subdivididas em 47 bispados e sabe-se que os decretos do concilio nacional de Baltimore, submettidos neste momento á sancção papal propoem a eleição de 11 novas cadeiras episcopaes.

NOVA GRANADA. — Continuam alli as perseguiçoens. O veneravel arcebispo de Bogota foi condemnado pelos tribunaes por haver defendido os direitos da egreja contra o communismo.

O 3.° numero da Bibliotheca do CHRISTIANISMO que contem a = NOTICIA DA APPARIÇÃO DA VIRGEM SANCTISSIMA NA MONTANHA DE SALETTE = acha-se á venda no escriptorio da redacção do *Portugal* e do CHRISTIANISMO, rua dos Lavadouros n.° 24, e no escriptorio da administração do *Portugal*, rua das Hortas n.° 82 a 84; e em casa dos correspondentes d'ambos os mencionados jornaes nos varios contos do reino.

Vende-se tambem o 1.° numero, e *Hosanna*, collecção de poesias religiosas. O 2.° numero da Bibliotheca continua a publicar-se, e formará 1 tomo no volume do *Manual* de Roquette.

SETEMBRO 11. 1852. — N.º 57.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA.

I.

A vontade determina o homem em todas as suas acçoens. E' por um acto de sua vontade que se destina a todos os fins. E se a vontade o conduz á Associação religiosa, porque não ha-de ter esta direito á sua realisação, como todas as outras associaçoens?

O estado que existe no centro de todas as associaçoens deve ser sómente o seu *regulador* para as harmonisar com o todo da sociedade, na sua primitiva introducção, e o seu *inspector* para que ellas não se affastem da regra que assumiram, isto é, do contracto de sua admissão.

D'aqui se vê que em uma sociedade livre e civilisada, em que as normas do justo sejam uma realidade, não póde o estado recusar a Associação religiosa. E' por isso que no mundo conhecido, sómente aquelles paizes em que o estado é anomalo, é que nos apresentam a vergonhosa contradição das acçoens com as palavras dos que governam e applicam a lei geral da sociedade.

E na proporção que os diversos estados querem voltar ás condiçoens d'ordem, de verdadeira liberdade, e respeito pela vontade dos homens, desapparecem os obstaculos, que os mesmos estados haviam suscitado, e feito nascer para seus fins particulares e individuaes. Apparece a associação religiosa em todo o seu brilho e explendor primitivo, realisando á sociedade as vantagens que só ella póde com segurança offerecer, segundo os fins que se propoem e os meios de que póde dispôr.

A Associação religiosa é de ordinario contemplativa e activa.

Ao passo que uma parte se engolfa na contemplação da immensidade do Summo Bem do Creador de todas as coisas, offerece-se como victima expiatoria pelas faltas e crimes de seus irmãos. E quando não tivessemos outras provas de que a expiação é necessaria para a regeneração da humanidade, bastar-nos-hia lançar os olhos para o Filho de Deus expirando em uma cruz, em reparação da culpa do primeiro homem, para ficarmos convencidos desta asserção.

A outra parte, além dessa mesma contemplação, coopera mui directamente para o interesse da sociedade, assumindo o improbo trabalho da instrucção da mocidade, na sua immensa e variada gradação d'estudos. Os trabalhos scientificos, os praticos da lavoura e das artes e officios sam tambem do seu dominio. Ninguem póde desconhecer o que ella é no tratamento dos enfermos, na consolação dos encarcerados, na moralisação dos criminosos, e no amaciamento dos costumes.

Aos parochos é a Associação religiosa mais que muito necessaria para os coadjuvar no exercicio de suas augustas funcçoens. E para a conversão e civilisação dos barbaros infieis só a ignorancia e a má fé lhe pode contestar o reconhecido merito, e verdadeira disposição, que por nenhum outro meio se pode realisar.

Para se levar a effeito a Associação religiosa é mister que a vontade, que decidiu a vocação do homem, seja sujeita a provas variadas e mui rigorosas a fim de se conhecer a solidez d'essa vontade, e se sim ou não é conforme com o ramo da Associação a que se propoem.

De diversos modos, como havemos dito, se pode realisar a Associação religiosa; e esses diversos modos podem tambem variar em suas formas e meios para se conseguir o fim geral.

O que todavia é regra invariavel em todos os numerosos ramos da frondosa arvore da Associação religiosa sam os votos de castidade, abnegação pessoal e obediencia.

Estes votos sam mais ou menos em numero, segundo os meios que se propoem empregar para utilisarem ao genero humano, concorrendo para o seu bem-estar neste mundo e para a consecução da salvação eterna, verdadeiro e unico fim a que todos devemos tender.

Quando a sociedade romana estava toda dissoluta e feroz appareceram no deserto os primeiros cenobitas macerando o corpo com as maiores austeridades para o submetterem ao influxo do espirito. Aproximaram-se depois das povoaçoens para regenerarem a sociedade degradada, e conseguiram arranca-la ao imperio da corrupção.

Quando o povo não tinha consideração alguma na sociedade feudal, appareceram as ordens mendicantes a divinisar a pobresa, e o povo alevantou-se da sua condição de mesquinho servo.

No momento em que as seitas, representando a desmoralisação da Europa, atacaram de frente a auctoridade da Egreja, começaram de surgir essas valentes legioens, armadas de ponto em branco com as invenciveis armas da sciencia e da virtude, para rebaterem o orgulho que ousava levantar cabeça.

Nas luctas da sciencia teem triunfado sempre os propugnadores da auctoridade da Egreja; porém o erro tomando differentes mascaras conseguiu enganar os depositarios da auctoridade humana, que bem tarde vam conhecendo o laço em que cahiram.

Nos ultimos tempos e naquelles que vam decorrendo tem sido mui proficuas as associaçoens doctrinantes e caritativas. Cada dia nos traz uma nova milicia destinada a nutrir o espirito, a exercitar o corpo, e a curar os males d'um e outro.

Fallaremos especialmente das diversas epochas, e dos nobres soldados da cruz que nellas tão gloriosamente teem combatido.

Mendoça e Mello.

O DEISMO.

IV.

Que discipulos podia produzir o chefe d'uma escóla, que não tem, ou que não creou para seus sectarios nenhuma crença, nenhum symbolo, nenhum credo, e que não fórma juizo, nem opinião sobre o que ha de mais importante para a vida, que vacilla eternamente sobre a base de nossos conhecimentos, sobre o fundamento dos nossos deveres, que ignora emfim se temos moralmente obrigaçoens a cumprir e desempenhar para com Deus, para com o nosso proximo e para com a sociedade em que Deus nos fez nascer; que sobre todos estes pontos não teve pejo de revelar, que o cobrem densas trevas e incertesas eternas?

Que conhecimentos se podem adquirir n'uma escóla em que estas grandes verdades um Deus, uma Providencia, uma vida futura não passa de um objecto de disputa e de inuteis investigaçoens, em que a primeira verdade é um problema, em que fica ao arbitrio de cada um avalia-lo, admitti-lo, ou regeita-lo, como melhor lhe agradar, sendo sempre o mesmo em qualquer das hypotheses, isto é sempre uma nullidade filosofica; em que a primeira precisão do homem, a luz do seu espirito, o primeiro dos seres por sua naturesa, de que todos os outros derivam a sua existencia, se não liga ao homem como um ente necessario, como nosso creador, como nosso principio e ultimo fim. Viu-se já uma sciencia mais baixa, mais abjecta e despresivel?

Que sciencia aquella, em que a existencia do homem, as suas obrigaçoens, os seus deveres, o seu destino é um enigma indecifravel, em que elle tem de ficar suspenso entre a existencia de Deus e o atheismo, entre a providencia e o fatalismo, entre o materialismo, que nos sepulta debaixo da pedra do tumulo e a immortalidade, que nos abre as portas da eternidade e nos entrega ao juizo de Deus? Que sciencia aquella, que desconhece o que mais convém á nossa naturesa, o que a póde felicitar, ou conduzir ao seu verdadeiro fim, que nos deixa n'uma duvida eterna, ou n'uma irritação fatal, sobre a decisão de que dependem as nossas acçoens, ou que regulemos com acerto a nossa conducta e os nossos affectos?

Que sciencia aquella, que não tem uma verdade, que substitua as crenças do genero humano, que occupe o vasio, que deixa no nosso espirito, que não fórma um credo, um symbolo, uma fé qualquer, uma crença qualquer, mas que as destroe todas; que não nos dá uma lei, uma norma, ou uma regra qualquer mas nos deixa sem nenhuma?

Que sciencia aquella, que nada tem que offereça ao homem, nem uma só palavra com que o felicite, ou lhe sirva de conforto na desgraça, nem uma só, com que o affaste do vicio, nem uma só, com que lhe persuada a virtude, nem uma só, que lhe sirva de caminho, ou de norte de suas acçoens: que se nos falla algumas vezes de uma lei, nem elle sabe qual seja, nem se julga obrigado a cumpri-la, ou toma-la por fundamento dos seus deveres; que substitue todos os dogmas, todas as crenças, todas as verdades, todos os systemas, todos os principios da moral, todas as regras da justiça por um nada sei de Deus e das minhas relaçoens com elle, por um nada sei do meu destino e dos meus deveres, porque não está demonstrado, se tudo acaba com a vida, ou se existe alguma coisa além do tumulo; se devo levantar o meu pensamento para o céu, se fixa-lo unicamente na terra, se olhar para Deus como objecto das minhas esperanças, se despresa-lo, como coisa, que me é indifferente e inutil. Que horror, ou antes que abominavel doutrina! Que escóla de virtude! Que lição de moralidade! Que cartilha para servir de regra e de instrucção ao genero humano! Em que parte do Universo se encontrará outra, que se assemelhe com esta? E que seria daquelle povo em que ella se encontrasse, isto é que se deixasse entregue a si mesmo sem nenhuma fé, sem nenhum principio, que o dirigisse, ou que lhe servisse de norte, ou de guia da sua conducta?

E é este nada, esta nullidade eterna, que se pertendeu substituir ao Christianismo, ou antes eis-aqui em que se encerrava a sciencia desse famoso sofista, que pertendeu destruir o Christianismo, que se arvorou em mestre do genero humano, que sepultado n'uma profunda ignorancia, que envolto n'uma cegueira incuravel quiz illuminar o homem e destruir os seus prejuizos!

Quem mais que elle necessitava de ser esclarecido? Aonde se encontraria quem fosse mais cego e mais ignorante?

Com effeito não será cego e ignorante aquelle, que desconhece o fundamento dos seus deveres, que reputa indifferente aquillo, que mais lhe interessa? Que juizo e que discernimento aquelle, que não trata de inquirir — que sou eu? para onde caminho? que será de mim para o futuro? o meu destino será o do animal, que pasta, ou o da planta, que vegeta? ficarei enterrado debaixo do tumulo, ou deverei cogitar n'uma vida além desta? e que será lá de mim? encontrarei a felicidade, ou a desgraça? e que deverei eu fazer para merecer uma e evitar a outra? Acaso não serão estas questoens da mais alta transcendencia? poder-se-ha escogitar alguma coisa mais importante, e de maiores consequencias? e caso sobre o que ha de mais grave e importante não terá o homem meio nenhum de chegar ao conhecimento da verdade? estará fóra do seu alcance, o que mais lhe convém saber? Acaso nenhuma luz existe para o homem? Estará elle condemnado a espessas trevas desde o seu berço até o seu tumulo?

Que se póde escogitar de mais funesto do que esta fatal indifferença com que a filosofia encara o negocio mais importante, que ha sobre a terra, sem que pertenda indagar se existe outra vida além desta, ou se existe um Deus, que deva ser o nosso juiz!

Mas se existe uma vida além desta não deverei eu cogitar nella? Deverei entregar-me só ás cousas da terra? Não deverei elevar-me acima della á região da immortalidade, que me espera?

Acaso deverei julgar por cousa indifferente a parte mais nobre do meu ser; este espirito que vive e pensa em mim maior que o universo, que abraça e mede em suas concepçoens, que se lança no infinito rompendo os limites do tempo e do espaço, que ha-de sobreviver ás ruinas do universo para subsistir eternamente?

Acaso nos pertence mais este corpo que perece, do que este espirito, que vive sempre? E' mais preciosa a vida do corpo que a do espirito mais o tempo que a eternidade? Serão mais sensiveis os males presentes que os futuros, mais os que acabam do que aquelles, que duram sempre?

Se ha um Deus, em cujo tribunal tenhamos um dia de apparecer, não será da primeira necessidade que trabalhemos por apparecer sem mancha diante delle, ou em não cahirmos culpados nas mãos da sua justiça?

Ser-nos-ha indifferente aquelle, em cuja mão está a nossa sorte e de cuja vontade dependem os nossos destinos? precipitar-nos-hemos nos abysmos eternos sem nos importar a sorte que lá nos espera? Tudo será objecto dos cuidados e da curiosidade do homem menos o destino de uma eternidade? Acaso deverá o homem jogar á sorte, ou fazer zombaria do seu destino? Póde o homem adormecer a semelhante respeito n'uma indifferença estupida, ou n'um lethargo mortal? e será isto força de espirito, ou força de demencia e de loucura? O' cegueira incomprehensivel! o que é de summo interesse da vida presente e da futura, o que é de summa importancia e de tão alta transcendencia, que nem o homem o póde

comprehender, o que emfim é de summo interesse para todos e a todos os respeitos, é aquillo, que a filosofia, ou declara indifferente, ou que não encontra em si luzes para poder resolver. Que maior prova nos podia ella dar de que não foi feita para esclarecer o genero humano e que em vão se procura a verdade na sua escóla?

E' assim que a filosofia nos tem lançado n'uma região desconhecida, que nenhuma luz esclarece, n'um pego immenso sem fundo e sem praia, em que se não divisa porto de salvamento, n'um deserto sem termo e sem sahida, n'um labyrintho, em que todas as veredas perdem e desencaminham.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

ORAÇÃO D'UMA MÃE A N. SENHORA.

Defronte d'um sanctuario,
Sósinha sem mais ninguem,
A' Senhora do Calvario
Assim orava uma mãe.

Ai, filhinho, meu thesoiro
Que dores sinto por ti....
Meu lindo baguinho d'oiro
Não has-de morrer assi.

Tende dó do innocentinho
Mãe de Deus, ai! que se fina....
Quebrantae ao coitadinho
Aquella febre molina.

E' o filho destas entranhas
Qu'este peito amamentou....
Que soffre dores tamanhas
Que o mal feio magoou.

Em vez de rosas e lyrios
Que na fronte tinha outr'ora,
Roxa c'rôa de martyrios
Lh'a cerca de dôr agora.

Se vou beijar-lhe a boquinha
A febre m'a vem queimar:
Dias e noites sósinha
Passo ao pé delle a chorar.

Virgem Santa, pelas dores
Que soffreste ao pé da Cruz,
Ponde cobro aos meus temores
Pedi por elle a Jesus!

Vós sois mãe... tendes soffrido;
Sabeis quanto é p'ra carpir
Vêr um filho estremecido
Na terra fria dormir.

Onde ninguem o agasalha
Onde carinhos não tem:
Por camisinha a mortalha,
A feia morte por mãe...

Que não definhem, Senhora,
Os mimos da tenra flôr....
Lembrai-vos que a esposa chora
O seu primeiro penhor.

Ai, filhinho, meu thesoiro!
Que dores sinto por ti....
Meu lindo baguinho d'oiro
Não has-de morrer assi.

Villa Real 15 d'Agosto de 1852.

Guilhermino Augusto.

ANNO CHRISTÃO.

SETEMBRO.

12 *Domingo* O Santissimo Nome de Maria. Interpreta-se este nome consolador e esperançoso « Estrella do Mar. » Com effeito é Maria o nosso farol no meio deste agitado mar, porque, medianeira da luz da graça, nos mostra e attrahe para o porto da salvação. « O' tu, diz o melifluo S. Bernardo, que conheces que na corrente deste seculo antes fluctuas no meio de procellas e tempestades, do que andas sobre terra, não apartes deste astro a vista, se não queres ser submergido na procella. Se os ventos das tentaçoens sibillarem, se topares com os cachopos das tribulaçoens, fixa a vista na estrella, chama por Maria. Se fôres impellido pelas ondas da soberba, da ambição, da detracção, da emolação, fixa na estrella os olhos, invoca Maria. Se a ira, a avaresa, ou os estimulos da carne açoitarem a barca do espirito, olha para Maria. Se perturbado com a enormidade dos crimes, confuso pela fealdade da consciencia, aterrado pelo horror do juizo, começares a ser absorvido no abysmo de tristesa e desesperação, lembra-te de Maria. » Depois de tão eloquente elogio ao nome de Maria, nada nos resta accrescentar, senão aconselhar a todos, por qualquer modo attribulados, que experimentem, por uma humilde e confiada invocação, se este nome tem a efficacia, que diz o santo doctor. Verão instantaneamente desapparecer ou diminuir o motivo da afflicção, e em todo o caso o balsamo da resignação transformará as dores desta vida em prazeres.

13. *Segunda feira.* S. Filippe, natural de Alexandria, e pae de S. Eugenia, havendo-se demittido do cargo de prefeito do Egypto, abraçou a religião christan. Quando em fervorosa oração estava elevado ao céu, chegaram os algozes mandados por Terencio, seu successor na prefeitura, que com uma espada lhe cortaram a cabeça, e assim os extasis da contemplação de repente se lhe trocaram na realidade da vista e goso de Deus.

14. *Terça feira.* Exaltação da Santa Cruz. No começo do 7.º seculo foi o imperio do oriente muito enfraquecido pelas victorias de Chosroas, rei da Persia, que occupou uma grande parte das possessoens daquelle imperio, e entre ellas Jerusalém. Ao imperador Phoca succedeu no anno 610 Heraclio, que neste extremo não póde, nem ainda sugeitando-se a iniquas condiçoens, negociar a paz. Recorreu pois ao auxilio divino, preparando-se com jejuns e oraçoens, e logo as causas mudaram de face, vencendo tres generaes de Chosroas com seus exercitos. Despeitado Siroes, filho mais velho de Chosroas, por seu pae haver nomeado Medarse, filho segundo, companheiro no governo, os matou quando hiam fugindo em consequencia da mencionada derrota. Foi então que Heraclio celebrou paz com Siroes, uma condição da qual foi, que este lhe restituiria a Cruz, que já ha 14 annos estava em poder dos persas. Subsequentemente foi Heraclio a Jerusalém, e propoz-se a levar em seus hombros até ao Calvario esta arvore da vida; porém, vestido em todo o luxo da magestade, sentiu-se como detido á porta que conduzia para o Calvario, e não tinha forças para se mover além. Este incidente extraordinario logo pareceu milagroso a Zacharias, bispo de Jerusalém, o qual advertiu ao rei, que as galas e pedrarias de que hia coberto estavam bem longe de imitar a pobresa de Christo, e por isso Heraclio depoz todas as insignias reaes, e immediatamente póde continuar a levar a Cruz, até que a collocou no logar onde ella servira de altar para o sacrificio que reconciliou os homens com Deus.

15. *Quarta feira.* S. Domingos em Soriano, fugindo do mundo, onde tudo são perigos para a salvação, se refugiou em um mosteiro nos montes de Sora, onde ganhou a sua salvação e a de muitos outros que para alli concorreram, e a quem elle instruiu com os exemplos e doctrina de um perfeito abbade.

16. *Quinta feira.* S. Cornelio, havendo, de combinação com Lucina, dado mais honrosa sepultura aos corpos de S. Pedro e S. Paulo, e procurando pelos meios ao seu alcance augmentar o rebanho de que era o principal pastor, foi delatado e por isso exilado. Entretendo no desterro correspondencia epistolar com S. Cypriano, — correspondencia que não tinha outro objecto mais do que reciprocamente se dirigirem palavras de consolação, — foi reconduzido a Roma como réu de lesa-magestade, e alli, arrastado diante da estatua de Marte, a quem elle recusou sacrificar, foi decapitado no anno 252. A piedosa e intrepida Lucina sepultou em um areal de seu quintal o cadaver deste santo pontifice.

17. *Sexta feira.* S. Comba, natural de Cordova na Hispanha, logo que morreu sua mãe, que lho estorvava, se fez religiosa de S. Bento no mosteiro Tabanense, onde era abbadessa uma sua irman por nome Isabel. Aqui chegou ella ao apogeu da perfeição; e ardendo no desejo do martyrio, se resolveu a apresentar-se ao juiz Sarraceno mostrando-lhe a falsidade dos dogmas de Mafoma. Apresentada pelo juiz ao conselho dos satrapas, estes, mesmo admirados como ficaram de tanto valor, não lhe perdoaram a ousadia de lhes increpar seus erros, e mandando-a conduzir para o terreiro do palacio ahi foi logo martyrisada no anno de 853.

Item. As Chagas de S. Francisco. Havendo-se retirado para o alto do monte de Alvernia, a fim de dar principio a uma quarentena de jejuns em honra do archanjo S. Miguel, e dando-se todo á sua predilecta occupação de meditar na paixão de Jesus Christo, aconteceu apparecer-lhe um Serafim, que lhe imprimiu no corpo aquellas chagas que tantas vezes e tão vivamente elle havia representado em sua fantasia, para penetrar-se de mais em mais do amor divino.

18. *Sabbado.* S. José de Cupertino, natural de Auximo em Piceno, abraçara por decidida vocação o estado religioso, professando na ordem dos Menores Conventuaes. Insigne em humildade, caridade, e em admiraveis extasis, teve o premio de suas virtudes. O papa Clemente XIII o canonisou.

Item. S. Thomaz de Villa Nova, natural de Fontisplano na diocese de Toledo, logo em menino deu mostras da caridade que mais tarde o havia de caracterisar, pois mais de uma vez aconteceu despir a sua roupa para cobrir a nudez de pobres. Morto seu pai, distribuiu em obras de beneficencia os seus bens, e foi procurar um asylo no claustro da ordem augustiniana, onde se deu a todos os exercicios de piedade, e a sua predica produzia innumeraveis conversoens. Ainda foi tirado do claustro para na qualidade de bispo reger a diocese de Valencia, onde, cheio de virtudes, deu a alma a Deus.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Inglaterra. — No dia 4 d'Agosto abriu-se em Carmarthen a nova egreja catholica com admiração de todos, pela pobresa dos fieis. Não se sabia que uma senhora recem-convertida havia subministrado a maior parte das despesas. Em outros pontos tem tambem concorrido varias senhoras para os edificios e funcçoens religiosas.

— *Conversoens.* — No dia 11 o cavalheiro J. C. de Castro, de Wooden, fez profissão solemne da fé catholica na capella de Torre Abey, em Torquay. E' a 4.ª conversão no decurso deste mez. *Deo gratias.*

No dia 18 abjurou o protestantismo Samuel Kuttner, sua esposa e 2 filhos, e foi recebido no seio da egreja catholica na capella germanica de Londres pelo rev. P. Haklik. O R P. Petcherine prégou um sermão por esta occasião. O novo convertido havia sido Rabbino dos judeus na ilha de Jersei. Tornou-se depois protestante, e foi empregado pela sociedade das missoens protestantes da cidade de Londres; porém não achando na egreja protestante a verdade que procurava tornou-se finalmente catholico. Os sacrificios que fez para chegar á verdadeira egreja so poderão ser compensados pelos parcos proventos do ensino das linguas orientaes e das modernas da Europa.

— O cavalheiro Henrique Bowden, de Dulwich, foi recebido na Egreja e confirmado pelo bispo de Southwark, no oratorio de Sydenham em principies d'Agosto. Este cavalheiro é irmão do fallecido dr. Bowden, do collegio da Trindade em Oxford, auctor da « vida do papa Gregorio VII, » que tão conspicuamente representou no movimento theologico d'Oxford. Tambem é thio do R. P. Bowden, da congregação do Oratorio.

— *Egrejas* — Em varios pontos da Grã-Bretanha estão construindo novos templos em honra do Deus vivo. Entre nós deixam-se cahir em ruinas os que existem ou derribam-se, hindo apenas por diante alguma obra pertencente ás Irmandades Terceiras.

Hispanha. — O R. P. Carrillo, superior provincial dos missionarios dominicos das ilhas Filippinas, acaba de chegar a Madrid. E' o primeiro prelado que, contrario ás determinaçoens, vem á capital.

França. — Uma irman da Visitação enferma mortalmente havia em vão esgotado toda a medicina terrestre e já della nada tinha a esperar. Suas companheiras possuidas de um sentimento de caridade, havia muito que faziam uma novena ao Sagrado Coração de Jesus, implorando o favor dos céus sobre a infeliz; porém a molestia augmentava sempre. Chegava-se o dia, em que se festeja o Coração de Jesus, e na occasião em que se celebra o sacrificio da missa ella recobra o uso da palavra e possuida de novas forças sahe do leito e caminha para a egreja, onde assistiu ao santo sacrificio. Foi grande o espanto em toda a communidade, que já não via nella mais que um cadaver; e grande foi a gloria de Jesus Christo por tão espantoso milagre! Está hoje com mais vigor do que antes da doença, usando todos os regalos de uma existencia protegida pelo céu, e louvando-o pela demonstração dada aos incredulos.

Deus é grande em todas as suas obras!

— A França, n'outr'ora o foco da impiedade e corrupção; o germen do filosofismo volteriano; a fonte envenenadora de ideias de escarneo á religião; é hoje, o paiz mais altamente consagrado ao culto e propagação do Christianismo! O povo que, pela maior parte, vegeta nas trevas, é quem mais necessita auxilio para o conhecimento da luz.

Eis o fim da *Instituição de Oullins.* A missão civilisadora é hoje encarregada ás ordens religiosas. Dellas só devemos esperar tudo. O R. abbade Dauphin é o director desta associação civilisadora, para que se empenham todas as ordens monasticas e seculares sem attenção a odios, nem rancores. O padre Lacordaire, esse apostolo colossal do Christianismo, acaba de juntar-se a ella. Instruir e civilisar eis a missão desta instituição religiosa. Deus proteja seus membros, que tanta gloria dão á nossa santa fé!

— Instituiu-se em Amiens, sob a direcção de um bispo, uma nova casa de franciscanos, destinados á guarda do Santo Sepulcro em Jerusalém. Na época em que o catholicismo e a posse dos santos logares e ameaçada, é uma gloria para a França o recrutamento deste novo exercito pugnador da gloria de Jesus Christo. O estandarte da religião lá vae hastear sobre as cupulas do sagrado sepulcro; como que dizendo aos inimigos: « até aqui, não mais! » E' nossa a gloria, pois que são valorosos os Crusados!

— As seguintes pessoas foram recebidas na egreja catholica em Boulogne-sur-Mer no anno corrente. — Misses Blount, Young, Emilia S. Young, filhas do fallecido coronel Young da artilheria de Bengala; Mrs. Henry Langdon, Thomaz Xavier Law, e Miss Maria C. Low, filho e filha do honoravel R. Towry Law; Misses Ema Boniface, Helena Lever, Julia Lever, Harriet A. Robinson, Fanny C. Robinson, filhas do cavalheiro P. Robinson, de Bonn.

America. — Le-se no *Recorder* jornal de Halifax do mez de Julho o seguinte:

« Chegaram de Roma para o novo arcebispo de Halifax as bullas para a consagração do reverendissimo dr. Connoly, vigario geral de Halifax, e nomeado bispo de New-Brunswick no Canadá.

— *Concilio Nacional.* — Em Boston, no Maryland celebrou-se o 1.º concilio nacional dos Estados-Unidos com admiração e respeito de naturaes e estranhos. As suas decisões, segundo o costume, não se publicarão antes de serem aprovadas pela S. Sé. No entanto sabe-se que se propoz a creação de mais 11 sés episcopaes além das 46 já existentes. Este progresso é devido em parte á emigração dos catholicos da Europa, e em parte ao fructo das missoens dos religiosos.

ERRATAS.

Na poesia — *Tomada de Jerusalém pelos Crusados* — onde se lê:

Sem ter um tumulo que lhe offereça abrigo
Leia-se:
Sem ter um tum'lo, que lhe off'reça abrigo.
Onde se lê:
Entre as luas e a cruz do vasto occeano
Inflammada em valor de sangue humano
Leia-se:
Entre as luas e a cruz um vasto occeano,
Inflammada em valor, de sangue humano.

SETEMBRO 18. 1852. — N.º 38.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O SNR. Camillo Castello-Branco deixou de ser collaborador deste periodico.

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA.

II.

Não hiremos buscar a antiguidade dos monges ao profeta Elias, que fugindo da corrupção dos judeus, se retirou para as margens do Jordão, aonde viveu com alguns discipulos, alimentando-se d'hervas e raizes.

S. João Baptista e mesmo Jesus-Christo, vivendo nas montanhas, eram brilhantes modelos para serem seguidos na vida eremitica, e realmente o foram, quando a corrupção da sociedade e a horrivel perseguição dos tyrannos impelliu os homens virtuosos para o deserto.

As solidoens da Thebaida foram as primeiras que viram grande quantidade desses eximios varoens que se empregavam na vida contemplativa, alimentando-se primeiro d'hervas e raizes, e depois cultivando cada um uma pequena horta junto da gruta, que o alvergava; porque em seu principio viviam separados uns dos outros.

Uns como S. Paulo teciam os seus vestidos de folhas de palmeira. Outros vestiam cilicio de pello de gazella, e até alguns como o solitario Zenon cobriam parte do corpo com pelles d'animaes selvagens.

Querendo outros ter sempre a morte presente ante os olhos, envergavam de dia e de noite a mortalha com que deviam descançar na ultima morada.

Eram dotados de tanta humildade que, com quanto se alquebrassem com a asperesa das austeridades, e se mirrhassem com o rigor dos jejuns, confessavam a sua inferioridade, e não queriam como S. Cheremon que os recem-vindos ao deserto os tomassem por modelos.

Só no seculo IV se resolveram os santos anachoretas a viver em commum.

Foi S. Pacomio que fundou o primeiro *cenobio*, ou edificio commum, e a seu exemplo se alevantaram muitos mosteiros em varias cidades da Palestina e da Asia Menor.

S. Basilio-magno submetteu os exercicios de piedade dos primeiros monges a uma regra; e esta ainda hoje regula os monges do Oriente, apesar de todas as vicissitudes porque tem passado.

Deixamos dito a que ponto chegava a humildade monastica. E como esta virtude consiste no perfeito conhecimento do pouco que valem os homens; que vantagens não resultaram d'alli á sociedade, aonde o orgulho imperava e se divinisavam as maiores miserias humanas?

Quando homens que professavam a verdadeira sciencia; porque a recebiam da contemplação do Summo Bem, e das maravilhas que de todos os lados os cercavam, se humilhavam a tal ponto, que influencia não devia ter no mundo, o ecco de suas palavras e acçoens?

Se a verdadeira sciencia do homem consiste no conhecimento de si mesmo, que peso não devia ter a sciencia daquelles eximios varoens que se humilhavam no pó diante de seus irmãos, confessando-se ao mesmo tempo sem auctoridade para serem imitados visto que abaixo de Deus eram uns vermes imperceptiveis!

Uma só doctrina professavam — o Evangelho. Um só modelo achavam digno de seguir-se — Jesus-Christo.

Eram sempre uteis ao genero humano, quer instruissem com a sciencia e com o exemplo os que fugiam a um mundo, em que só imperava o vicio e o crime, quer descessem ás povoaçoens a edificar o povo com a sua presença, ou a confundir os impios e os sofistas mais com a sua santidade que com as suas palavras.

Deste modo procedeu Santo Antão, o pae da vida monastica. Vivia no deserto do monte Calzino, junto do marroxo, entregue á vida contemplativa, empregando algumas horas em entrançar esteiras e cultivar uma hortasinha para seu parco alimento.

A santidade de sua vida reuniu em de redor delle não poucos discipulos a quem communicava o fructo de suas meditaçoens.

Frequentes vezes se dirigiu ao mosteiro de Pispir, para confundir os filosofos e os sofistas que o vinham provocar á disputa. Tambem instruiu aquelles que a sua muita reputação chamava de longes terras.

Chegou mesmo a hir a Alexandria, a pedido d'alguns bispos, para confundir a contumacia dos sectarios d'Ario, o que conseguiu facilmente, tanto com as suas palavras, como com a sua presença.

Quizeramos fallar aqui dos monges do Occidente; porém recolhendo-nos d'uma curta digressão, só á ultima hora podemos lançar aqui estes ligeiros traços, reservando para o numero seguinte o continuar em o nosso proposito.

Mendoça e Mello.

O DEISMO.

V.

Que é a sciencia do incredulo? uma carencia de toda a fé, uma absencia de toda a crença e de todos os principios, é uma negação de Deus do seu culto e das suas leis, é o orgulho do homem divinisado, ou não reconhecendo outras leis se não as que dictar a si mesmo: é o homem entregue ás suas paixoens e á sua louca fantesia; é em uma palavra só a sciencia do incredulo um sorvedouro immenso, aonde se abysmam e se perdem todos os principios, e todas as verdades, sem que escape uma só, a que se possa ater o espirito humano.

Em que abysmo se não despenha o homem, diz um illustre escriptor, quando uma vez sacode o jugo da fé! elle fluctua com todo o vento de doutrina, não póde fixar-se em opinião alguma, e muito menos fazer della o seu symbolo, o seu credo, ou a regra da sua conducta!!

Que regra se póde derivar de um juizo vario, d'uma opinião inconsistente, de um problema irresoluvel, ou de um enigma indecifravel?

Tudo o que cerca o homem sem fé é um mysterio para elle; esta universalidade de coisas, que o confunde e de que elle nada entende, o indisivel ponto, que occupa no meio de espaços immensos sem saber como, nem para que: uma eternidade, que o precede, outra que deve absorve-lo em sua fugitiva existencia; tudo é para elle um abysmo, tudo se lhe prende a um enigma, que não tem solução. Como e para que appareceu o homem sobre a terra eis-aqui o escolho da filosofia antiga e moderna, eis-aqui o problema, que ella nunca póde resolver; e nada melhor o mostra como a historia das seitas religiosas antes do nascimento de Jesus Christo e os monstruosos desvarios da filosofia moderna.

Eis-aqui a rasão dessa mutabilidade das opinioens, dessas contradiçoens vergonhosas, dessas eternas incertesas, dessas questoens, que Voltaire propunha a seus adeptos a Alambert, Diderot, e a Frederico 2.º rei da Prussia sobre a existencia de Deus, sobre as nossas relaçoens com elle, sobre a immortalidade da alma, sobre o nosso destino a que seus adeptos tão ignorantes como elle declaravam não sabiam responder. E este miseravel cheio de cegueira, de demencia e orgulho tinha a impudencia de dizer que não acreditava em mysterios quando elle era para si mesmo um grande mysterio, quando de tudo o que via, de nada sabia dar a rasão.

Que gloria pois é a destes homens? Que galardão esperam pelos seus feitos? nenhum: « elles não confiam, « diz Bossuet, se não na sorte do nada; mas essa tão mi- « seravel como é que certesa podem ter della? Quem tem « a certesa de que Deus não existe, ou que não cuida « das coisas deste mundo? Quem é que lhes póde asse- « gurar que Deus não creou o homem para o reconhecer « como Deus e Senhor? que não tem obrigaçoens a cum- « prir para com elle, e que póde por isso viver á me- « dida do seu desejo? Quem póde assegurar-se que ha- « de escapar-se á sua justiça, vilipendiar seu poder, ou « subtrahir-se ao imperio daquelle, que domina sobre o « raio e a tempestade, que tem uma eternidade á sua « disposição, que vive e reina além dos tempos?

Qual é pois o credo do impio, ou do homem sem fé? Qual é a sua esperança? é o nada: mas que nada é este? é o nada do seu espirito, é o nada da sua rasão, é esta nullidade, é esta insufficiencia, que se conhece a si mesmo para formar um juizo, em que possa fixar-se, que se não invalide, ou desfaça logo por outros juizos, ou por novas ideias.

Sem fé, sem nenhuma regra, sem nenhuma convicção, não acreditando em nada, não esperando em nada elle vai de incertesa em incertesa, de abysmo em abysmo até esbarrar-se no que ha de mais horrivel, até cahir no atheismo, até perder-se n'um furor, que quasi não tem logar nos espiritos.

Mas não se julgue que elles param aqui, por que isso lhes daria a segurança d'alguma coisa e elles não tem nenhuma: elles vão até aonde elles mesmos não sabem que vão, até duvidarem de tudo, até duvidarem de si mesmos e dos objectos que os cercam.

Os absurdos, em que elles cahem são mil vezes mais insustentaveis, que as verdades, cuja sublimidade os assusta; e porque não querem acreditar em mysterios incomprehensiveis, elles seguem uns apoz dos outros erros tão visiveis e tão monstruosos, que são a vergonha e o vilipendio da rasão, sem que delles tenham convicção: elles vivem e morrem na horrivel incertesa se o nada é o fim da sua carreira, ou se os espera a justiça de um Deus para os castigar: nenhum meio posto em pratica para tornar a Deus propicio, para applacar a sua ira por causa dos seus crimes e por isso nenhum pensamento lisongeiro, nenhuma esperança de um estado mais feliz, nenhum meio termo entre estes dois extremos; uma indifferença estupida, o letargo, que precede á agonia da morte, ou um futuro cheio de horriveis apprehensoens; eis-aqui a sua sorte, eis-aqui o seu destino!!

E que se póde imaginar de mais desgraçado do que uma similhante sorte?

Eis-aqui toda a filosofia do impio, eis-aqui toda a sua sciencia em materia de religião!

Como é logo verdade que a religião vem de Deus; porque sem ella não ha mais que trevas, porque só ella nos descobre a rasão da nossa existencia, do nosso fim e do nosso destino, porque só ella nos apresenta Deus creando o homem para um fim digno da sua grandesa e que se nos dotou da faculdade de o conhecermos foi para um dia o glorificarmos como elle merece; porque só ella nos mostra que esta desordem moral, que nos afflige será um dia reparada, porque o tempo presente não é mais que a aurora da Eternidade.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

Com quanto seguissemos os mesmos passos do nosso illustre amigo o exc.mo marquez de Lavradio, na sua recente viagem a grande parte da Europa, e observassemos os progressos da reacção religiosa, do mesmo modo, que s. exc.ª, salvas as capacidades, vamos publicar a sua carta ao *Catholico* para auctorisarmos com o seu illustre e respeitavel nome a noticia de suas e nossas observaçoens.

Mendoça e Mello.

PROGRESSO DO CATHOLICISMO.

Snrs. Redactores do Catholico.

Acabo ha poucos dias de voltar á minha patria, depois de um rapidissimo giro n'uma parte consideravel da Europa. Não tive o tempo, que eu desejava para examinar, e estudar, materias interessantes, de que poderia tirar bastante proveito, não só individual, mas tambem que poderia servir de communicaçoens importantes, aos meus compatriotas, e amigos. Com tudo, a materia que mais nos interessa, e que mais está em relação com o seu Jornal, me dará lugar a referir algumas noticias, que não deixarão de alegrar os bons e sinceros catholicos; deixando-lhes sómente magoa em seus coraçoens, no momento em que descerem ao exame do grande contraste entre o progresso religioso de alguns paizes da Europa, e a decadencia de algum, que não dá por ora signaes de vida.

Começando pela Alemanha, donde (como é bem sabido) tem provindo uma chusma de máos livros, de pessimas doutrinas; por esse paiz cheio de Judeos, e de heterodoxos; todavia é alli mesmo em muitos dos Estados que comprehende que os catholicos se acham gozando actualmente de grandissima liberdade. Nos Estados Prussianos (não fallo das provincias rhenanas, que são catholicas) tem-se prégado o catholicismo, com applauso. Ainda não ha um mez que eu visitei em Miltemberg nos Estados de Baviera, a Egreja, em que durante 15 dias se deu ao povo uma missão, prégando nella tres insignes Jesuisas allemães; os Padres Roder, Melem, e Zeil. Não se faz idéa do grande respeito, e da concorrencia dos ouvintes, a ponto de se armar um pulpito na rua para que a palavra de Deus pudesse ser ouvida por todos que alli vinham para esse fim. E se a classe mais inferior se conduzia por este modo, nem por isso deixava de dar um semelhante exemplo, a primeira e mais elevada da Sociedade. Diversas Princezas frequentavam a missão com a maxima assiduidade. Era edificante ver aquelle parocho em sua casa, como eu vi, servindo á meza os bons missionarios, alternando estes serviços com os que prestava a seu pai moribundo, e que com effeito succumbiu naquelles dias.

Mas que lhe direi da mesma Inglaterra, onde passei duas vezes, e eu mesmo entrei em varias egrejas catholicas. E' incrivel o modo respeitoso com que se entra e está nos templos. Na egreja dos Jesuitas, onde se préga todos os domingos, não ha pèjo de combater os erros dessa barafunda de seitas, que se vão desunindo, e que já não se entendem umas ás outras.

Que direi da Belgica, onde ha tanta cousa boa? Com bem pena minha, atravessando-a quasi toda, não tive vagar de entrar em exames mais miudos; posso com tudo dizer que o Luvain de hoje não é o de Cornelio

Jansenio; que o Cellegio de Brugelettes é no meu conceito, o melhor da Europa no dia de hoje. Logo que entrei em França vi uma cousa muito edificante: Havia dias que chovia, e muito; por consequencia na Cathedral de Strasbourg, quando alli entrei, achei bastante gente para as préces que pouco depois começaram, observando-se a devoção, e respeito daquelle povo, que supplicava misericordia. Cheguei a Pariz na noite de 13 deste mez, e logo no dia seguinte de tarde tive occasião de ver o Padre Ratisbonne (o celebre Judeu convertido em Roma nos annos passados) que me disse ser dia mui occupado pelas confissões. — Tinha fallado pela manhã com o cura de Nossa Senhora das Victorias Mr. l'Abbé Desgenettes, que me assegurou da grande reacção religiosa e do extraordinario progresso, com que ella marchava.

De feito, no dia seguinte, apesar das grandes festas nacionaes de Pariz, não se pode formar uma idéa das confissoens, e communhoens de homens, e mulheres. Só naquella egreja de Nossa Senhora das Victorias, é bella cousa ouvir o povo responder ás oraçoens e canticos da Egreja; ver subir ao pulpito, como eu vi, um Jesuita, e mais tarde nessa noite um barbadinho com o seu habito de borel. Sim, tudo isso em Pariz, não só sem apupada, mas com respeito incrivel. Torno a dizer-lhe, em Pariz, no centro de Pariz, e naquelle dia em que os Parienses se achavam entregues aos prazeres, assim mesmo esteve aquella egreja por tantas horas frequentada, não tirando gentes ás outras; e mencionarei principalmente Notre Dame, e S. Roque, que sei são tambem mui frequentadas. Grande cousa é para se conseguir tudo isto que os Pastores tenham as mãos desembaraçadas; e bem se está vendo nestes paizes, de que tenho fallado e que visitei ultimamente. Tive a satisfação de me encontrar com Monsenhor Sthal Bispo de Wiizburg; na sua Diocese, é que no anno de 1848 se celebrou o Sinodo Allemão, de que dei noticia no n.° 612 da Nação no anno seguinte; e tive agora occasião de ouvir da sua propria bocca qual tinha sido a unanimidade de todos os prelados, de que se compõe aquelle respeitavel congresso ácerca das materias, que alli se tractam de tanta importancia para a religião.

Eu tenho a satisfação de conhecer tres destes homens respeitaveis e insignes: Monsenhor Sthal, que estava em Roma no tempo que alli rezidi; Monsenhor Raissach que era Reitor de Propaganda, e o Cardeal de Schwartzemberg, que passou de Salisburgo para Praga, e que tantos bens tei feito á religião. ¿ Poderão todos estes bellos exemplos mover algumas almas, que tenham a desgraça de habitar em paiz, que não só não tenha accordado do lethargo mortal em que se ache sepultado, mas que cada vez dê menos esperanças disso? Deus Nosso Senhor anime os Prelados, para que pugnem pela sua independencia: illumine os bons catholicos para que conheçam bem a verdade, e os toque com a sua divina graça para que a abracem; e finalmente pela sua infinita misericordia se compadeça de nós.

Sou de V.

Marquez de Lavradio.

A MINHA CONVERSÃO AO CHRISTIANISMO.

I.

Poucas vezes nas épocas as mais tormentosas da historia humana a intelligencia, depois de ter proseguido com estereis esforços a solução do problema social, tem experimentado uma necessidade mais imperiosa de escapar ao mesmo tempo ao cahos das contradicçoens, e ao sentimento da eminencia dos perigos e de buscar um refugio na esfera das unicas verdades immutaveis, e na contemplação dos consoladores fenomenos que se ahi descobrem. E com effeito qual seria a vista tão firme que se não perturbaria ao aspecto das complicaçoens presentes? D'uma parte o principio de ordem concentrando nas horas supremas o maior numero de seus elementos dispersos, mas fraccionando-se logo depois em seguida da opposição dos interesses e da divergencia das opinioens; do outro a anarchia sanguinolenta ululando ás portas da civilisação afrouxada: perigo mais temivel que não era antigamente a invasão das hordas barbaras, porque estas só feriam com a hacha e com a espada, e seu poder de destruição não passava além do alcance do arco e da frecha, entretanto que o socialismo absorvendo o veneno de todas as doutrinas subversivas ameaça anniquilar de um só golpe os principios fundamentaes, sobre que repousam a segurança e a felicidade do mundo. Emfim no ultimo grau da escala social os governos expostos d'um lado a faltar ás imperiosas necessidades da ordem por funestas connivencias, e pelo outro a eternisar no seio dos partidos as opposiçoens e os rancores; seja não parecendo buscar a poder para o mesmo poder, seja respondendo com a violencia á contradicção.

Não pertendemos erigirmo-nos juizes do presente; é uma nodoa complexa, ingrata e irritante; contentamo-nos em ser testemunhas. Habituados a vêr correr em silencio a marcha do tempo, reservamos nossa opinião, que não seria auctoridade para ninguem. E' porém permittido vêr de passagem esta scena e exclamar: « tudo são trevas neste cahos! » E se outros pertendem que somos nós os que temos a escuridão sobre os olhos, juramos de provar-lho tão bem, que todo o mundo possa crê-lo. No meio das agitaçoens destes ultimos tempos operou-se um grande fenomeno, ao principio pouco consideravel porque era apenas sensivel; e porque a attenção geral estava entretida pela gravidade das questoens sociaes. Fallamos da impulsão religiosa que une os individuos, e parece deverá juntar pouco a pouco todos os povos no seio da grande unidade catholica. Este movimento augmentou a tal ponto, que depois de ser assignalado ao principio por espiritos sérios, tornou-se por ultimo um facto evidente para todos, e que hoje ninguem pensa negar. Os inimigos da egreja esforçam-se em vão por lhe diminuir a importancia e fazer suspeitar sua sinceridade attribuindo-a a interesses; mas elles conhecem o facto de per si, e além disso vê-se geralmente que esta conversão á fé, se não contraria o progresso, é o signal da renovação religiosa e moral do seculo. O que não é, porém, menos incontestavel é que será egualmente o principio da reorganisação politica das sociedades.

Esta ultima consideração tem já sido feita por homens de genio, mas em pequeno numero. Parece-me pelo menos que se não ha tomado sentido bastante nas discussoens. A hora é propicia para a prégação destas doutrinas de salvação, e os animos estão geralmente dispostos a attende-las. Entre as diversas causas locaes que são de naturesa concordes a favorecer a extensão do catholicismo não marcaremos senão a mais efficaz, isto é, o enfraquecimento e decadencia das seitas oppostas á egreja, e as poucas forças com que se acham para dar ao homem consolaçoens e compensaçoens religiosas de que agora mais que nunca sente a necessidade. Trata-se, mais que nenhuma outra, do protestantismo.

A derrota que soffre ha alguns annos em Inglaterra é muito conhecida. Não fallaremos senão da Allemanha, menos conhecida, onde nos leva o objecto de nossas observaçoens. Tiramos de um pequeno livro recentemente publicado neste paiz, cujo unico defeito é não ser mais extenso, a situação desesperada da reforma no seio dos estados protestantes de além-Rheno:

« Nos fins do 18.° seculo o espirito da impiedade emprehendeu arruinar a religião totalmente, com o pretexto de a harmonisar com as descobertas das sciencias. Os homens do progresso minaram todas as bases historicas do Evangelho e estas culpaveis tentativas foram applaudidas com enthusiasmo entre as seitas protestantes

Então começou para a reforma o periodo da libertinagem de espirito, durante o qual todo aquelle que cria n'outra coisa que não fosse o seu segundo *eu*, era tido como tolo...

Nos ultimos tempos esta depravação de doutrinas chegou ao seu auge e arremessou o protestantismo ás bordas do seu abysmo. Os doutores academicos ensinam coisas inteiramente diversas do que o que se contém nos livros da fé; e os proprios prégadores não escrupulisam de prégar contrario ás instrucçoens que recebem, e ao juramento que prestaram. Em uma pequena cidade de duas ou tres mil

almas não é raro vir em questão no pulpito dois ou tres systemas theologicos inteiramente differentes »

« Grande numero de protestantes, com os sabios e escriptores na frente, contestam as verdades fundamentaes do Christianismo. Foram necessarios immensos esforços para salvar a fé da existencia de Deus e se não se passou este ultimo limite não era senão por temer dar *alarma* ao poder temporal. A fé no *Mediador* tornou-se vacillante; e o dogma da Trindade foi abalado. Da mesma sorte aconteceu á crença da redempção dos homens pelo divino fundador da Egreja; e pelo decorrer dos tempos, tem-se visto extinguir nas almas o desejo da immortalidade feliz de que nos deu a esperança . »

A religião protestante tal qual ella é hoje seria repudiada pelos que a estabeleceram. A 1.ª condição da existencia de toda a sociedade christan é que seus membros sejam tanto pela fé como pela pratica firmemente crentes nas verdades essenciaes do Christianismo. Ora, desde ha muito, que as seitas protestantes tem geralmente perdido este caracter. Os theologos arrancaram uma a uma as pedras do Santuario, que os reformadores haviam levado com elles, separando-se da egreja catholica. Não se tem envergonhado de nos livros e outras partes renegar o Christo da Escriptura e da tradicção; o Christo filho de Deus; e despojar-se assim do primeiro e mais glorioso signal do christão.... »

« E quaes as consequencias de tudo isto? Ei-las. Os ministros da religião e os prégadores do Evangelho não cumprem suas missoens tibiamente, porque não sabem a quem pertencem. As ovelhas erram aqui e alli sem pastor. A indifferença para com os deveres do Christianismo torna-se de dia em dia mais profunda e degenerada na incredulidade pratica. A unidade, de que ainda os protestantes fazem galla em alguns paizes, não é mais que apparente, e se o poder temporal cessasse de resguardar a doctrina e os symbolos religiosos bem depressa a divisão das seitas chegaria ao infinito. Os ultimos annos tem-nos dado uma triste mas clara prova.

Com effeito o vento da tempestade politica sacudiu o fructo ha muito sasonado. De toda a parte se formaram associaçoens de — *parochias livres* — que desertavam sem vergonha á face de Deus e do mundo do seio da egreja christan, e que não hiam estabelecer nada mais que um culto grosseiro da naturesa. Cada um dos chefes destas associaçoens tinha seu ponto de vista particular; de sorte que se podesse desde começo assignalar innumeraveis dissidencias. Comtudo a auctoridade civil vendo que não devia soffrer que assim se espedaçassem os fundamentos da ordem social, tomou medidas energicas e as — *parochias livres* — foram dissolvidas. Mas este remedio não cortou o mal pela sua raiz. Estas desgraças não são hoje menos estranhas á vida religiosa da egreja e não é o protestantismo com suas divisoens intestinas, e ideias de fé que póde formar e entreter nellas o homem espiritual.... »

Tal é em poucas palavras a verdadeira situação das seitas reformadas que se vêem de ora em diante ameaçadas de uma dissolução geral, mais ou menos proxima. E' tambem este estado de decadencia que inspirando a todos os protestantes sinceros, vivos, mas salutares alarmas, tem tirado já um grande numero do erro; e pondo, emfim a descoberto as consequencias estremes do livre exame tornará o ponto de partida para uma conversão para a egreja romana. Ha alguns mezes apenas que mostramos ao publico religioso um dos symptomas deste movimento na conversão e nos interessantes escriptos de Madame Hahn-Hahn. Hoje porém queremos citar outro nome e outro livro que testemunham de uma maneira não menos clara em favor da nossa santa fé.

(*Continúa.*) (*Univers*)

Salvos os elogios, que não merecemos, publicamos com prazer a carta do nosso collega no Rio de Janeiro e o seu 1.º artigo; e nos numeros seguintes publicaremos os restantes.

Snrs. Redactores do Christianismo.

Ha bem pouco tempo, Senhores, quando, falto é verdade de habilitação, mas não de boa vontade para pugnar pela sagrada causa, de que por mercê dos pios Céos fui tambem eleito ministro, elaborava nas minhas poucas horas vagas, entre outros, alguns insignificantes artigos sob a epigraphe — o *Christianismo e o Philosophismo* — para serem publicados em um poriodico desta côrte — a *Tribuna Catholica* — unico que aqui advoga os interesses da verdadeira Religião, e para a qual, não por meu merecimento scientifico, mas por bondade e amisade do illm° snr. Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Redactor do mesmo, fui convidado a prestar meu fraco contingente; e em cujos artigos, supposto que despidos de todas as bellezas devidas a tão sublime assumpto, procurava eu provar a importancia do *philosofismo* abandonado aos unicos recursos da orgulhosa razão humana, fatalmente emancipada da *fé evangelica*, e o nunca interrompido triunfo da Santa Egreja C. A. R.; bem longe estava eu de suppor, que nessa ingrata, mas sempre saudosa terra, em que pela vez primeira gozei a luz do dia, apparecesse tão breve, mau grado tanta desmoralisação que o demonio das intituladas *reformas* tem acarretado sobre um dos mais nobres, e ora o mais infeliz dos paizes, mais huma prova prática concluindo com toda a força da verdadeira logica a favor de todas, e especialmente de uma de minhas asserçoens que transcrevo — o *mais forte contendor milita sempre ao santo serviço do Christianismo.*

Esta prova, Senhores, prática e incontestavel é o vosso mesmo periodico, onde a vossa alma crente, pia e illustrada se deixa retratar fielmente aos olhos dos sinceros leitores do vosso *Christianismo*, onde eu encontro provado, apesar dos *leaes* esforços dos *religiosos politicos*, o que eu ardentemente desejava, mas não sabia bem propor e menos discutir.

Já vedes pois, illustres Senhores, que mal me cabia ficar insensivel ao vosso apparecimento no incommensuravel campo da Religião Christan, cujas avenidas se acham agora melhor defendidas por tão decididos Athletas nesse paiz, que nem em tudo deve ser desventurado! E supposto não tenha ainda a honra de conhecer pessoalmente a Vv. já para mim não seria pequena ventura, que se dignassem acceitar-me os já referidos artigos, que aqui mandei publicar, como se vê dos 4 numeros da folha junta, e que tomo a liberdade de dedicar a Vv., não pelo merecimento litterario, que nenhum encerram, mas em razão da epigraphe, que parece ter ligado o meu ao vosso pensamento, á vossa a minha humilde dedicação.

Se attenta, porém, a reconhecida, e já por mim confessada inferioridade de meu dizer, julgardes que meus artigos não devem occupar em vosso periodico um lugar tão precioso, e que pode, e deve ser, melhor prehenchido, nem por isso me direi escandalisado, pois que o meu unico desejo é mostrar-vos, Illustres Senhores, meu sincero reconhecimento pela defeza que tomais em uma causa, que por centuplicada razão me cumpria advogar, e para o que me não ha desfallecido a fé e a vontade, mas faltam-me com effeito os conhecimentos e capacidade precisa: o que não recuso confessar na doce esperança de ser absolvido, attenta a benevolencia de tão Illustrados Juizes; a quem desde já tributo veneração e respeito, por ser com estima e consideração

De. VV. etc.

P. José Mendes de Paiva.

O CHRISTIANISMO E O FILOSOFISMO.

ARTIGO I.

Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.
MATH. cap. 16 ver. 18.

ÁLERTA, christãos, álerta; soldados da fé catholica álerta..... não despreseis o grito de alarma de uma sentinella apostolica romana, que vos convida a occupar os vossos postos de honra e de gloria nos vastos acampamentos de nossa santa religião, impenetraveis sempre ás incursoens de seus perfidos adversarios, se defendidos com denodo e lealdade.

No momento, camaradas, em que os inimigos do Christianismo, a titulo de desforçar as liberdades humanas cer-

ceadas pelo espirito do jesuitismo, cujas fogueiras inquisitoriaes são (ainda hoje!...) o seu cavallo de batalha, se esforçam por alistar novos soldados, colher duplas munições e rearmar suas devastadas tendas, acastrando-se em redor de sua esfarrapada bandeira, a cuja *legenda* fronteira o = *livre exame* — escripta pela mão do egoismo e ociosidade, corresponde pelo avesso, que tão cuidadosamente nos occultam, *outra*, em que se lê — *mentira* — gravada pelo incontestavel testemunho dos factos na invariavel ordem dos tempos; em um tal momento, não seria só fraquesa e culpado desmaze-lo, seria abominavel relaxação, seria maldade imperdoavel abandonar o posto que á face dos altares, perante o delegado do Divino-Mestre, juramos defender; deixando á hypocrisia e ao egoismo arvorar o fatal pendão do *racionalismo* sobre as ruinas do estandarte da cruz, donde pendem tantos trofeus, quantos hão sido os combates, alcançados sempre contra esse precario poder do inferno, que agora parece querer levantar de novo seu colo lá do denso pó, sobre que fez rolar sua propria cabeça, depois de haver-lhe immolado victimas de toda a especie, cujo sangue se repellia; por que, ainda mesmo a jorros pela terra, o sangue innocente dos Luizes XVI e seu filho; de uma Antoinette sua digna esposa, tão respeitavel por sua instrucção como por sua exemplar firmesa de caracter; de uma Elisabeth credora dos mais altos respeitos por suas excellentes virtudes, e cujo unico crime era ser pia, religiosa e irman desditosa desse rei generoso, desse Socrates resignado á injuria e ao supplicio; de uma Lamballe (princesa de) tão bella, quão virtuosa; de um de la Rochefaucauld (duque de) o Mecenas da França, notavel protector das sciencias e das letras; de um Bailly distincto filosofo e astronomo; travava forte combate, ou fugia espavorido do sangue criminoso dos Robespierre, dos Marat, dos Danton, dos Desmolins, dos Vergniaud, Gensonné, Ducos e dos Brissot, quando entre o sagrado e o profano se ateava dura guerra, levando de vencida a execranda sombra do Mirabeau aos preciosos e venerandos restos de Santa Genoveva, a quem esses francos degenerados da antiga raça dos vencedores dos barbaros Unos, que essa santa pia, corajosa e patriotica, havia feito parar ao mero som de sua voz, no meio de sua devastadora marcha pelo coração da França agonisante! concederam por maior homenagem a profanada praça de Greve, para onde foi arrojada; por unico tributo, uma fogueira que a reduzia a cinzas; e o Sena, rubro pelo sangue de pios christãos, que fugia, como corrido de vergonha, a occultar essa côr de verdadeiro pejo, que lhe havia assumado ao rosto de suas limpidas aguas ao testemunhar tantos horrores, por tumulo das preciosas cinzas desses restos venerandos, para de logo ser seu templo sagrado transformado em profano Pantheon, e occupado seu tumulo pelo immundo *lodo* de Mirabeau; esse tumulo monumentoso que attestava a religiosa gratidão de um povo Christianissimo, que lh'o havia levantado com tanto enthusiasmo para descanço dessas cinzas, que mais tarde o Sena, cioso de tão excellente thesouro, recebeu sollicito em seu seio, fugindo apressado á vista de tantos horrores, para hir deposita-las na sagrada e vasta sepultura do circumvago Oceano.

O brado, porém, que convoca ás armas não vos ministra espadas, nem lanças com que junqueis de cadaveres de impenitentes contumazes os arraiaes de tão frageis, quanto barbaros inimigos: as armas que vos concede e aconselha são apenas a resignação nas tempestades da vida; a fé nas promessas do Salvador; a paciencia em supportar os embates da incredulidade; e o uso opportuno de uma razão animada pela Religião, e esclarecida pela unica doutrina revelada; mas uma razão modesta, repito ainda, e não presumpçosa, que repudie o auxilio da Religião e negue a necessidade de revelação; nem a paciencia do indolente, que nos leva ao indifferentismo; nem a fé que acompanha ao ocioso, que nos conduz ao fatalismo; nem a resignação do perdido, que nos condemna á muda inacção; isso não, porque taes virtudes eram apenas disfarçados crimes; não seria por esse methodo, que nós defenderiamos, como nos cumpre, nossas instituiçoens sagradas, e que dariamos provas de sua origem divina: ao contrario é-nos forçoso dar testemunho expresso e o mais pronunciado da identidade de nossa doutrina, dessa doutrina, que emanada lá do céo por uma ordem successiva de revelaçoens divinas, e attestada na terra pelos actos do proprio Deus humanado, é a unica capaz e necessaria para felicitar a humanidade, a quem protestamos servir, até com sacrificio da propria vida, se algum dia seus tyrannos, como nos primeiros seculos da Egreja, lhe declararem nova guerra desse exterminio, que o anjo das trevas lhes tem feito conceber, mas debalde; pois que contra a palavra Divina não ha forças que prevaleçam, — *et portæ inferi non prævalebunt adversus eam*: essa palavra Divina, que repetida pela bocca dos Apostolos, e exarada nas longas paginas do livro da verdade, desse livro unico, inimitavel e sancto, a cuja leitura cahem inermes, naturalmente fascinados pelas leis da verdade, que brilha em tantas parabulas sentenciosas, em tantas admoestaçoens paternaes, em tantas leis eternas, as turbas ainda que mal aconselhadas pelos demagogos e hypocritas, afim de sustentar essa torpe bandeira alada pelo scepticismo e atheismo, cuja legenda o — *livre exame* — as turbas ou não tem, ou não entendem, porque escravisadas assim aos appetites sensuaes e a toda sorte de paixoens degradantes, nem ao menos lhes resta a faculdade de attender livremente, e raciocinar sobre os dados da consciencia moral.

Em quanto porém esses *indifferentistas*, os mais perigosos inimigos de Deus, atheos disfarçados, porque, fallecendo-lhes a coragem de declararem-se, fingem, sob pretexto de tolerancia, defender todas as Seitas, todas as Religioens, igualmente faceis em condemna-las todas, porque nenhuma seguem; e assim não lhes peza ve-las affrontadas todas e condemnadas ao mais aviltante desprezo e ultrage; principalmente os Christãos simulados, que achando preferivel á religião em que nasceram, ora a religião de Mafamede, ora a seita de Ario, logo o protestantismo de Luthero, pouco depois a heresia de Calvino, furtam-se ás leis de todas ellas como apostatas licenciosos da propria consciencia: em quanto, dizia eu, lhes fallece tambem a coragem para chamar-nos, como aos nossos irmãos de outr'ora, cuja gloria é bem para invejar, a dar testemunho de nosso proprio sangue em fé explicita de nossa sancta crença, arca unica de esperança, em que navegaremos á vida eterna a demandar essa felicidade, cuja posse disputamos incessante e porfiadamente levados de um sentimento commum e innato; a que deve necessariamente corresponder uma realidade, mas que jámais alguem vio realisado neste valle de lagrimas; em quanto desleaes só nos insidiam com os laços do filosofismo, receosos de enristar as lanças do scepticismo, tantas vezes rechaçadas pelo duro embate do broquel das verdades eternas, sobre que descança a Egreja Catholica Apostolica Romana, não sofframos calados esses golpes dolosos que sob apparencias de verdade e coloridos com engenho, descarregam surrateiros no *estandarte* da *Cruz*, que com fé punica fingem defender; aproveitando assim, sob caracter de amigos, occasioens mais opportunas para sem risco o demolirem, e com elle toda a base da sociedade, que para elles são dous espantalhos sem significação ou utilidade alguma, e mera especulação de tyrannos ambiciosos, de embusteiros e supersticiosos ignorantes!....

Ahi estão porém os livros sagrados que, além de milhoens de factos que militam a favor de nossa causa, que fôra impossivel numerar, e superfluo mesmo, porque vós os conheceis, máo grado a aversão que lhes votaes, desmentem vossas argucias e aleivosias; as palavras Divinas, as verdades inexcusaveis, que elles contém, perseguem-vos como inexoravel fantasma por todos os delirios de vossos loucos pensamentos, e a inefficacia de vossas forças, tantas vezes empregadas, quantas baldadas, vos dará emfim a consciencia de vossa fraqueza, miseros ingratos! que, esquecidos de vossa natureza, negais até um precario tributo, a quem deveis veneração eterna!....

Continuai pois, se ainda vos apraz, em vossa fatal pertinacia; mergulhai-vos nesse immundo lodaçal do Pantheismo; deificai a vossa *razão*; que assim se vos deixa obcecar pelo egoismo; que um dia, envergonhados de vossos desatinos, renegareis aterrados tantos erros, mas talvez já sem remedio! junto á borda do tenebroso sepulcro, arrependidos de haverdes trocado as verdades eternas, contidas nesse grande livro que ora condemnais sem fundamento, pelas fabulas ridiculas e impraticaveis de vosso *contracto social*, parto abortivo da imaginação soberba e esquentada de uma intelligencia presidida pela consciencia

erronea, sob a fatal influencia de um egoismo extremamente ignominioso!....

E' esta uma verdade incontestavel, é esta a inabalavel convicção do *Nazareno*. (PADRE PAIVA.)

A PEDIDO publicamos os seguintes documentos:

DIZ Joaquim José de Meirelles, abbade de S. Thiago de Villela no arcebispado de Braga (mas desde o principio do actual governo, que Deus guarde, empurrado para fóra de seu beneficio) presentemente com residencia em casa dos ill.^{mos} snrs. Ornellas no lugar d'Abrunheira, freguezia de Revelles, que fôra avisado por um official des e juizo á instancia do ill.^{mo} snr. dr. José d'Ornellas da Fonseca para testemunha não sabe de que Muito alta, snr. juiz, é, sim, a auctoridade que v. s.ª representa, e o supplicante respeita, pois é não menos, que a de uma rainha em Portugal; mas o supplicante ouve uma voz do Ente Supremo, que sahindo de seu excelso e elevado throno, e rompendo as densas nuvens do horisonte lhe está bradando pela bocca de 294 padres no concilio de Trento, sessão 25, cap. XX: « Os reis devem ser admoestados, « para que, como catholicos e protectores que Deus quiz « fossem da Egreja. . , façam entrar seus subditos na de« vida reverencia para com o clero, parochos e ordens « superiores; e não hajam de permittir que os officiaes « (seus ministros) ou magistrados inferiores, por alguma « affeição de cubiça, ou alguma inconsideração, violem « a immunidade da egreja e pessoas ecclesiasticas, esta« belecida por *ordenação de Deus e canonicas sancçoens* — « *Dei ordinatione, A canonicis sanctionibus constitutam* » eis a immunidade do clero catholico por direito divino — *Dei ordinatione* — e por direito ecclesiastico — *canonicis sanctionibus* — eis a voz de um Deus, eis na Egreja abraçado o ecco daquella. Este mesmo divino som retumba nos ouvidos do supplicante, sahindo, além de outras, de quatro trombetas sagradas, quaes são — Levitico cap. ultim. V. 28 — Numer. cap. 45, V. 14 e 15 — Esdras cap. 7. V. 24 — S. Math. cap. 17 V. 25 e 26; ainda temos outra quinta, que atrôa e confunde o catholico degenerado, e é o Genesis 47 V. 22, onde se lê « que os sacerdotes e « levitas sob o poder de Pharaó, rei do Egypto foram « isentos da jurisdição secular » note-se que este rei era pagão. Que resta pois saber? Resta, sim, fazer certo que o direito da Egreja fundado no Divino, acima exposto exime o clero de ser obrigado por um juiz leigo a ser testemunha no foro deste sem licença do seu bispo; venha pois a juizo o concilio romano, presidido pelo papa Eugenio, que tão melodiosamente canta, e com sons tão harmonicos entôa ou solfeja: « Os clerigos e religiosos não « podem ser obrigados a testificar por meio do juiz leigo, « sem licença do proprio bispo; e isto, quando de outro « modo se não possa descobrir a verdade — *Ne veritas occultetur* — e para este depoimento ser feito perante o juiz leigo, inda em causas civeis, é necessaria para isto mesmo a licença do bispo (perante quem devia ser aquelle depoimento) como é expresso no decreto da sagrada congreg. de 5 de Maio de 1637: = *Clericus absque li« centia Episcopi non potest testimonium ferre etiam in « causa civili coram judice laico.* » Destes inquestionaveis principios segue-se, que o supplicante não póde, nem deve ser testemunha na causa do ill.^{mo} snr. dr. José d'Ornellas da Fonseca sem licença do ordinario desta diocese de Coimbra, a qual licença elle supplicante não tem obrigação de pedir, mas o ill.^{mo} snr. dr. a quem interessa, pela regra « de que tenha ou soffra o incommodo aquelle, que tem o commodo » e v. s.ª, snr. juiz, de duas uma, ou isenta, ou não isenta o supplicante: Se o isenta mostra que é catholico romano, e obediente á voz de quem rege céus e terra; Se o não isenta, espesinha o direito divino e ecclesiastico, insulta a rainha augusta de Portugal que v. s.ª representa, pois torna em ludibrio seu catholicismo que a mesma real senhora jurou na constituição do estado, presuppondo-a peor, do que o gentio Pharaó: mas quem acreditará isto da parte de v. s.ª, ou do ill.^{mo} snr. dr. José d'Ornellas da Fonseca? O supplicante não, nem ainda por leve suspeita, pois sabe que falla a quem professa a religião catholica, em que se attende antes a Deus do que aos homens — *Potius obediendum est Deo, quàm hominibus* — e onde ouvindo-se a voz dos bispos, se reputa como voz de Deus, e despresando-se, se julga despreso do proprio Deus — *qui vos audit, me audit; qui vos spernit, me spernit* — portanto

P. a v. s.ª haja por bem dispensar o supplicante de testificar no seu foro, em quanto não apparecer licença do ordinario ecclesiastico, sem a qual elle supplicante não póde, nem deve ser testemunha; e pedindo, além do referido, que, no caso de haver licença, seja inquirido n'uma quinta feira, unico dia desoccupado que tem, em rasão das licoens aos meninos do exc.^{mo} snr. visconde da Ponte da Barca.

E R. M.

O abbade *Joaquim José de Meirelles.*

Illmo snr.

As rasoens allegadas pelo supplicante, o reverendissimo abbade Meirelles não o dispensam de ser testemunha na causa, para que fôra dada em rol; e a parte, por quem foi produzida a mesma testemunha, entende que está no seu direito em não prescindir desta, sem que por isso a mesma parte deixe de ser catholico romano, e obediente á voz de quem rege céus e terra; deve por tanto ser indeferido o requerimento da dita testemunha.

Como parte o bacharel, *José d'Ornellas da Fonseca.*

Não tendo os ecclesiastieos, nem gosando pela legislação actual das immunidades, de que gosavam pelo direito antigo, anterior ao systema constitucional, mas antes estando elles todos sugeitos por aquelle systema á jurisdição secular no que não diz respeito ao espiritual, por isso indefiro o requerimento do supplicante.

Verride 19 de Julho de 1852.

Machado.

Illmo snr. juiz.

Com todo o respeito volta o supplicante abbade Meirelles a pedir licença a v s.ª para replicar sobre a resposta do ill.^{mo} snr. dr. José d'Ornellas, por inconsiderada, e em que sómente apparecem palavras, mas não rasoens. A questão consistia em que o supplicante não podia nem devia depôr perante v. s.ª sem se verificar a licença do ordinario da diocese; não se duvidava que o supplicante podia testificar; mas sim fez o supplicante certo que estava pendente da licença referida que exige Deus nos concilios œcumenicos e o logar-tenente de J. C. na terra. A ill.^{ma} parte respondeu que nem um, nem outro dispensavam o supplicante do juramento, de que elle não prescindia; seguindo-se de tal resposta, que nem a voz de Deus, nem a do vigario de J. C. devem ser attendidas. Entretanto, snr. juiz, todos os theologos catholicos, ultra ou cis-montanos, tem como dogma que a egreja congregada nos concilios ecumenicos é infallivel nas suas decisoens, pois que é assistida pelo Espirito Santo, e seus decretos são o ecco e a voz do mesmo, tendo o mesmo peso e certesa que o proprio Evangelho, por serem, como este, dictados pelo mesmo Deus; mas se estes são dispensados na resposta da ill.^{ma} parte, então alguem (mas não eu) poderá dizer: — Deus manda cumprir dos concilios ecumenicos o que nelles se decide; e a ill.^{ma} parte dispensa super — supra & extra Deum: — poderá alguem dizer: (menos eu) Ainda que J. C. diz por bocca do seu apostolo, fallando dos bispos unidos com o Summo Pontifice: — *Quæcumque ligaveritis super terram, erunt ligata et in cœlo*; comtudo a ill.^{ma} parte dirá: — *Erunt deligata ac disoluta in terra Verridensi* — E que tal sahiu o corollario? Eis a doutrina de Luthero, condemnada por Leão X: — *Via nobis facta est enarrandi authoritatem conciliorum*,

& libere contradicendi eorum gestis, & *judicandi eorum decreta*... Por esta, assim é, que o supplicante estava dispensado, e até incorria em nodoa d'impiedade e peccado na frase do mesmo Luthero (oppondo-se, como se oppoz) — *Si imperator, vel Princeps revocent libertatem datam personis, vel rebus Ecclesiasticis, non potest ei resisti sine impietate*, & *sine peccato*; — ainda que de tal labéu ao supplicante livra a faculdade theologica de Pariz, que o censura (a elle Luthero) deste modo: — *Hæc propositio est falsa, impia, schismatica, libertatis Ecclesiasticæ enervativa*, & *impietatis tyrannicæ excitativa*, & *nutritiva*. Bem se vê que a ill.ma parte, sendo catholico, não ponderou os principios do supplicante, nem suas funestas consequencias na resposta que deu, e só mediu os meios para o seu intentado fim. Em quanto ao despacho de v. s.a pede igual venia o supplicante para não ser cão mudo. Diz, sim, no seu despacho v. s.a, que a immunidade era pelo direito antigo; mas que foi antes da actual legislação do systema constitucional. Responde o supplicante, que o ser direito antigo lhe dá toda a força, porque em coisas de religião tudo antigo, sempre seguido, na egreja, prefere a tola e qualquer innovação: ora o supplicante não póde deixar de elogiar a v. s.a por confessar a immunidade do clero por direito antigo; diz bem ill.mo snr. ella principiou logo nos apostolos, pois que, prohibindo-lhes a synagoga que prégassem o nome de Jesus, elles conservaram sua posição, continuando e respondendo; — que « deviam obedecer a Deus, e não aos homens (eis com elles tem aqui o supplicante) eis a immunidade da egreja já no tempo dos apostolos. Sendo pois tão antiga e constituida por *Ordenação de Deus*, como o supplicante tem provado, quem haverá acima do Ser Supremo? Será algum imperador ou rei? Não, snr. juiz, a creatura não é igual nem superior ao creador; logo se elle constituiu a lei da immunidade ecclesiastica, ella não só é antiga, mas é eterna. E se o supplicante não satisfaz com todo o exposto a v. s.a; assim como S. Paulo preso pelos judeus, sendo romano, appellou para o Cesar, e o presidente lhe respondeu: = *Cæsarem appellasti, ad Cæsarem ibis* — da mesma guisa, sendo o supplicante romano no catholicismo, *ad Romanum Judicem, id est, Internuntium Apostolicum appellat.*

O abbade *Joaquim José de Meirelles.*

P. S.

Aqui tem, snr. juiz, appenso o despacho do competente juiz, que serve de sentença na lide entre o supplicante e o ill.mo snr. dr José d'Ornellas da Fonseca. Com este despacho fica o supplicante satisfeito, e v. s.a deve ficar inteirado da verdade, pelo supplicante evidenciada sem rebuço, e agora sem tréplica.

Exc.mo e rev.mo snr.

Diz Joaquim José de Meirelles, abbade de S. Thiago de Villela no arcebispado de Braga, e de presente em Verride, capellão do exc.mo visconde da Ponte da Barca, neste bispado de Coimbra, que sendo citado por um official do juiz leigo para hir depôr perante este n'uma causa do bacharel José d'Ornellas, e como isto lhe não seja concedido sem licença de v. exc.a segundo o decreto da S. C. de 5 de Maio de 1637. — *Clericus absque licentia Episcopi non potest testimonium ferre etiam in causa civili coram judice laico*: — por tanto

P. a v. exc.a rev.ma se digne conceder-lhe a licença referida para que possa depôr perante o dito juiz leigo de Verride.

E R. M.

A mesma graça pede a v. exc.a o egresso P.e Caetano Rodrigues Baptista da freguezia de Samuel, pois que foi citado para o mesmo effeito perante o dito juiz leigo.

Concedo a licença requerida, excepto em causa de effusão de sangue.

Coimbra 21 de Julho de 1852.

Dr. *Lemos.*

O CHRISTIANISMO.

As nuvens acclaram á voz de Isaias!
A luz apparece de immenso fulgor!
E os eccos repetem: « E' vindo o Messias!
O Deus verdadeiro é Deus Redemptor!

Os sceptros vacillam nas mãos dos tyrannos
Que o sangue innocente fizeram correr!...
Martyrio solemne! revela os arcanos
Do grande futuro que a terra ha-de vêr!

Aos golpes que vibram os impios tremeram!
Tremeram, que os sentem no peito soar
A' voz dos remorsos, que n'alma accenderam
As chammas do inferno que os vai devorar!

Ai tristes!... que vale tremendo attentado,
Frenetico esforço de humano poder
Do céu contra as forças! que vale ao malvado
Cavar os abysmos, se alli vai per'cer!

Lá sobre as ruinas do Templo abatido
Da Cruz o estandarte sublime se ergueu!
Em balde os insanos a tem perseguido,
Que sempre a victoria trofeus lhe off'receu!

Baqueia confusa Babel alterosa;
Os muros cahiram da altiva Sião;
Cahiu Babilonia, e Roma famosa;
Só firme se ostenta da Cruz o pendão!

Quem do nada fez o mundo,
Tão luminoso, e fecundo;
E a tantos seres deu ser;
Foi o Mesmo que humanado,
Para vencer o peccado
A um Presepio quiz descer!

Quem veio dar luz á terra,
Quem os abusos desterra,
Supremo Legislador,
Que nos deu a Lei mais pura,
Onde alto saber fulgura;
A Lei de paz, e de amor!

Quem dissipando os enganos,
Ferreo sceptro aos inhumanos
Fez cahir das impias mãos!
Quem nos diz á consciencia,
« Longe as traiçoens, e a violencia;
Quem nos brada: « Sois irmãos! »

Vêde mortaes, o Deus Forte
Que na dextra empunha a morte
Bradando á voz do trovão;
E' o Mesmo, que vestido
De humano pó veio ungido
Trazer-nos a salvação!

Olhai! da Cruz o estandarte
Triunfante em toda a parte
Tantos povos resgatar,
Onde fallazes doutrinas
Tantas naçoens em ruinas
Pertenderam sepultar!

Abraçai o Christianismo!
Combatei o barbarismo!
Segui a Cruz, não temaes!
Pelo Christo pelejemos;
Com Elle triunfaremos!
E' nossa a gloria, ó mortaes!

Lisboa 1.o de Setembro de 1852.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

ANNO CHRISTÃO.

SETEMBRO.

19 Domingo. *S Januario, bispo de Benevento, foi, na effervescencia da perseguição de Diocleciano e Maximiano, conduzido preso a Nola por ordem de Thimoteo presidente da Campania, o qual, em castigo de sua constancia, o mandou primeiramente arremessar a um forno ardente, d'onde com assombro de todos sahiu illeso, e depois, estirar-lhe os braços e pernas de modo que lhe estalassem os nervos e desconjuntassem as articulaçoens. Tudo soffreu o santo bispo com a resignação daquelle que está certo que seus combates hão-de ser coroados com a victoria. Foi depois conduzido para Puteolo diante do coche do presidente, e ahi lançado no amphitheatro ás feras; porém estas, em vez de o devorarem, se lhe lançaram fagueiras aos pés. O obcecado presidente ainda não viu em tudo isto a omnipotencia do Deus dos christãos! Cego do espirito, ficou tambem de repente cego dos olhos, e pelas oraçoens de Januario logo lhe foi restituida a vista. Ainda assim o monstro persistiu na raiva, e o mandou passar com uma espada. Agora sim, não quiz Deus demorar-lhe mais o premio devido a tanto heroismo, e lhe recebeu o espirito. Seu corpo foi trasladado para Napoles, onde é venerado como um protector muito querido de Deus, e especialmente no meio dos horrores vulcanicos do Vesuvio muitas vezes se tem visto parar a lava depois de ferventes oraçoens a elle dirigidas. O Martyrologio Romano tambem refere um milagre permanente, qual é o de tornar-se liquido e parecer borbulhar o seu sangue, que alli conservára em uma ampulla de vidro, quando a collocam perto da cabeça do mesmo santo.*

20. *Segunda feira. S. Eustachio, commandante de cavallaria do imperador Trajano, andando um dia á caça viu apparecer-lhe uma imagem de Jesus Christo pendente da cruz, e esta arvorada entre as pontas de um veado, que elle perseguia. A visão não foi baldada, e logo se converteu e baptisou com toda a sua familia. Antes mesmo que Trajano soubesse que elle era christão, elle incorreu no seu desagrado, e passou algum tempo na obscuridade e falta de meios, e tendo além disto o desgosto de lhe serem captivos os filhos e mulher em uma invasão dos inimigos. No meio do aperto sempre Trajano se lembrou deste habil militar, e nomeando-o commandante, logo teve uma victoria a festejar. Porém qual foi o premio do triunfador? foi a morte infligida por aquelle mesmo, a quem acabava de prestar um tão relevante serviço!! Trajano decretára sacrificios aos deuses, e como Eustachio recusasse assistir a este acto de idolatria, professando altamente a sua fé, o imperador mandou metter juntamente com a mulher e filhos, que elle na mencionada victoria tirára das mãos dos inimigos, dentro de um touro de bronze posto em brasa, e assim foram triunfantes para o céu.*

21. *Terça feira. S. Matheus, tambem chamado Levi, estando assentado no telonio em Cafarnaum, e sendo chamado por Jesus Christo logo o seguiu. Depois da Ascenção, escreveu em hebraico o evangelho e terminado este trabalho, partiu para a Ethiopia, onde lhe tocára ser o portador da boa nova. Em breve converteu toda esta provincia, concorrendo muito para esta conversão o milagre da resurreição de uma filha do rei. A este succedeu Hirtaco, que querendo casar com Ifigenia, filha do rei defunto, e recusando-se ella por ter feito voto de castidade, elle mandou matar S Matheus quando estava celebrando o santo sacrificio, por ser elle o conselheiro de tal voto.*

22. *Quarta feira. S. Mauricio, commandante da legião chamada Thebana, que toda era composta de christãos, separando-se com o corpo do seu commando do resto do exercito romano que o imperador Maximiano em pessoa commandava, e com que acabava de invadir a Gallia, e separando-se por causa de não participar em um sacrificio solemne que o mesmo imperador queria offerecer aos idolos, francamente declarou aos emissarios de Maximiano, os quaes o convidavam a voltar ao acampamento, qual a causa da sua separação. Maximiano, vendo que a legião Thebana estava firme em sua resolução, a mandou cercar pelo resto do exercito, e, desarmada, a decimou primeiramente, e conservando-se constantes na fé os restantes mesmo depois das torturas dos seus camaradas, toda a legião foi martyrisada.*

23. *Quinta feira. S. Lino, natural de Valaterris na Etruria, foi o primeiro successor de S. Pedro, cujos actos elle escreveu, e com toda a individualidade o que elle fez com Simão Mago. Entre as determinaçoens deste sabio pontifice ha uma, que manda, que as mulheres não entrem na egreja sem a cabeça coberta. Havendo livrado das vexaçoens do demonio a uma filha do impio consular Saturnino, este o mandou degolar no anno 76 da era christan.*

24. *Sexta feira. S. Gerardo, de uma familia patricia de Veneza, foi na qualidade de bispo de Pannonias prégar o evangelho aos hungaros, de quem é chamado o apostolo, e entre os quaes soffreu glorioso martyrio.*

Item. Nossa Senhora das Mercês. No anno 1223, depois que Maria SS. appareceu a S. Pedro Nolasco significando-lhe quanto lhe seria agradavel a instituição de uma ordem que se consagrasse ao resgate dos captivos pelos mouros, e que este santo, de combinação com S. Raimundo de Penafort e Jacob rei do Aragão, levou a effeito este caridoso estabelecimento, é que começou a invocar-se a Mãe de Deus com o titulo das Mercês, titulo que tomou a mencionada ordem religiosa, que por dinheiros que esmolava, tantos infelizes tirou das garras daquelles temiveis inimigos de Christo, e cujos membros levaram a abnegação de si proprios ao sublime grau de se hir metter nas masmorras para de lá tirarem seus irmãos.

25. *Sabbado. S. Firmino, bispo de Ambiano na Gallia, firme na fé e constante no desempenho das suas obrigaçoens pastoraes, foi mandado prender pelo presidente Rictiovaro, durante a perseguição de Diocleciano, e depois de varios tormentos foi decapitado.*

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — França. — *Milagres de N. Senhora da Salette.* M. Similien, professor de Mathematica na escola d'artes de Augers communicou á *Union de l'Ouest* que no 1.° de Julho, vespera da festa da Visitação da Virgem, uma joven pupilla da Visitação de Valença, cega, havia 3 mezes, com um ataque de gota serena, se dirigira com algumas freiras á montanha da apparição. Chegou fatigada, e apenas recebeu o Santissimo Sacramento, teve a inspiração de levantar os olhos, e lhe foi restituida a vista, sendo a Imagem da Virgem o primeiro objecto que viu. Uma mulher de 60 annos com um braço paralitico bradou milagre ao vê-lo restituido ao seu antigo movimento. Uma mulher que subiu a montanha, de muletas, com grande difficuldade começou a melhorar no principio da novena e quando ella terminou pendurou as muletas e serviu-se das pernas como se nunca as tivesse paraliticas.

Louvor a Deus e a sua Mãe Santissima!

Prussia. — O *Journal de Francfort* de 28 de Julho publica a nota seguinte sobre os progressos das associaçoens religiosas nas provincias rhenanas.

« Depois de muitos seculos o *partido clerical* nunca tinha dado tantos signaes de vida, e mostrado mais actividade do que nestes dois ultimos annos.

« Um convento nasce ao pé do outro, as associaçoens religiosas multiplicam-se e consagram-se para fins analogos sommas consideraveis. Colonia, Coblentz, Treves e Dusseldorf contam hoje no seu seio as ordens Carmelitas, religiosas do Bom Pastor, as irmans de caridade, religiosos de São Lazaro e outras. Mas Aix-la-Chapelle excede em estabelecimentos religiosos a todas as outras cidades.

« Dez conventos estão já fundados, e as damas mais distinctas e mais ricas apressam-se em consagrar os seus dias á vida monastica.

« Em quanto a outras associaçoens religiosas, para dar uma ideia da rapidez do seu progresso, basta dizer que o numero das sociedades de São Vicente de Paulo se tem augmentado com muitas confrarias, e que a associação de São Carlos Borromeu que em 1851 dispunha de 24,388 *reichstalers*, se augmentou neste anno com 3,000 membros. »

AVISO IMPORTANTE.

Pede-se aos snrs. assignantes, que estejam em divida, que se dignem pagar as suas assignaturas, o quanto antes; porque além de cumprirem com a condição do prospecto, pagando adiantado, concorrem para a sustentação deste periodico, que se propoem a continuar não só até ao fim do anno, senão ainda no proximo futuro de 1853.

Este periodico só deixará d'existir quando os snrs. assignantes lhe retirem o seu concurso, o que não é d'esperar.

As assignaturas continuam a receber-se e pagar-se nos correspondentes do periodico, e no escriptorio da redacção no Porto, na rua dos Lavadouros n.° 24; devendo toda a correspondencia ser dirigida franca de porte a F. C. de Mendoça e Mello, Director do *Christianismo.*

SETEMBRO 25. 1852. — N.º 39.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O DEISMO.

VI.

É, pois, verdade que a religião vem de Deus, porque em toda a parte, onde se desconhece a sua auctoridade, predominam erros grosseiros, duvidas eternas, vergonhosas incertezas, ou monstruosos desvarios!

Não é só a filosofia moderna, que assim se degrada: a filosofia antiga não foi mais feliz. Qual foi o dogma, que ella teve por fixo sobre a existencia e natureza de Deus, e sobre o nosso destino? Que absurdos se não encontram nessas Cosmogonias antigas, ou em tudo, o que disserão os poetas e filosofos sobre a origem do mundo, sobre a natureza de Deus formação do universo, e existencia do homem?! Qual é delles, que deu a Deus a honra e gloria, que lhe é devida, appresentando-o como creador do homem e do universo, e como supremo senhor de todas as cousas?

Qual e aquelle, que o reconheceu como o unico ente, que existe por sua propria natureza, e de que todos os outros recebessem a existencia, o ser, e a vida por effeito da sua bondade e da sua omnipotencia?

Não o suppozeram elles inhabil ou impotente para crear a materia? E que desvarios, que consequencias absurdas se não deviam naturalmente seguir deste primeiro erro sobre a natureza e essencia do primeiro ser?!!

Aquelles, que negão a Deus o poder de crear a materia devem necessariamente admittir uma destas duas proposiçoens: ou a materia existe desde toda a eternidade como sugeito passivo das operaçoens de Deus; ou a materia é o unico ente existente por si mesmo.

Mas uma e outra proposição não conduz aos maiores absurdos e ás mais revoltantes impiedades?

A primeira, que suppoem dois principios co-eternos e existentes por si mesmos, não é uma contradição manifesta? e a outra que suppoem, que a materia existiu sempre como a vemos, com pequenas differenças, é acaso menos contradictoria e inconsequente?

Na verdade tudo, o que nós vemos, ou seja em relação á forma prezente do mundo, á situação e ao movimento das suas partes, ou seja em relação á materia em si mesmo, sem respeito á sua forma actual, ¿ que ha, que não seja precario, dependente e o mais alheio possivel da idea d'um ente necessario?

Em quanto á segunda opinião de dois co-eternos entes e improduzidos, que maior absurdo do que fazer um escravo do outro; porque é da essencia de um ente increado sêr independente na sua essencia e nas suas propriedades, não necessitando senão de si mesmo para as suas operaçoens, não lhe faltando cousa alguma para a sua perfeição, não podendo receber modificaçoens d'outro ser para a sua maneira d'existir sem deteriorar-se.

Apesar porem dos absurdos de qualquer destas duas proposiçoens não houve filosofo na antiguidade, que não abraçasse alguma dellas; e é para o mostrar que vou d'um rapido lance de vista passar sobre toda a filosofia antiga, mostrando que a idea de creação foi extranha a toda ella.

Para proceder com alguma ordem no meio deste labirintho de opinioens e de contradicçoens, em que ella se encontra, farei as seguintes divisoens.

Primeiramente fallarei da opinião daquelles que julgaram o mundo eterno em quanto á sua materia e á sua forma: segundo, daquelles, que julgarão a materia eterna, mas não em quanto á sua forma; acabando por dividir em duas classes os filosofos, que admittindo a eternidade da materia, reconheceram todavia um ser intelligente como architeto do mundo.

Uns delles não reconheceram outra substancia, se não a natureza dotada de intendimento, de illustração e de vida: os outros admittiram a Deus e a materia como dois entes eternos separados e distinctos um do outro, sugeita porem a materia á acção de Deus.

Em quanto aos da primeira opinião principiarei por Ocello Lucano, cuja autoridade e antiguidade se tem opposto á de Moises, ainda que elle viveu um pouco antes de Platão. Este Ocello Lucano era um acerrimo deffensor da eternidade do mundo, e fez um pequeno tractado, que ainda hoje existe, para provar que o mundo não teve principio nem fim; e que elle é por sua natureza eterno, perfeito e indestructivel.

Aristoteles considera o mundo como uma emanação necessaria do poder de Deus, e por conseguinte não eterno como elle, pela razão de que Deus não podia existir um momento sem manifestar pelas suas obras a sua gloria, á similhança do Sol, que não póde existir, sem dar luz e claridade.

Segundo a sua doutrina, não só a materia dos Ceos e da terra é eterna, mas o mesmo genero humano e todas as especies de animaes teem subsistido sempre por uma serie de geraçoens, sem principio e sem interrupção.

Pertenderam alguns dar a esta opinião de Aristoteles, um sentido rasoavel, fundando-se na eternidade do decreto de Deus para a creação do universo e na indivisibilidade da sua existencia, sem considerarem, que similhante doutrina faz proceder as obras de Deus, não de um effeito livre da sua vontade, mas irresistivel de sua natureza, sendo ainda esta opinião summamente injuriosa á divindade, em quanto faz necessarias as creaturas para a honra e para a gloria do creador.

Os sentimentos de Aristoteles sobre a eternidade do mundo foram abraçados por muitos, e entre estes por Origenes: notando de passagem que no seculo 6.º se ensinavam publicamente as suas doutrinas em Alexandria por Amonio discipulo de Proclo, e ainda hoje ellas teem voga entre os mahometanos, tendo sido abraçadas por alguns dos seus mais sabios sectarios.

Segundo Xenophanes, que foi o fundador da seita Eleatica, no universo não ha mais que uma só substancia, Deus e o mundo sam uma e a mesma coisa: tudo o que existe é um unico sêr, que permanece sempre o

mesmo, e eisaqui o unico Deus, que existe, ou o unico Deus verdadeiro. Esta doutrina foi seguida pelos seus discipulos Zenão de Elea, Parmenides, Melisses, Stilpon e pelos filosofos Megarienos. Debalde Simplicio, interpretando a Aristotelles, pertende dar um sentido metafisico á opinião de Xenophanes.

Stratonio Lampraceno disse que o mundo fôra ingenito e que existia *ab eterno* pela sua propria virtude.

Alexandre Epicureo, que se suppoem sêr contemporaneo de Plutarco ensinava que Deus era material; que todas as cousas formão uma só essencia, ou que todas as cousas são essencialmente Deus, e que as formas são accidentes sem existencia real No seculo 13 foi desenterrado e queimado o cadaver de Almarico por ter ensinado esta doutrina.

Pedro Abailard foi accusado de ter dado nesta extravagancia.

Ha uma seita famosa no Japão, que ensina quasi isto mesmo, isto é que não ha senão um principio de todas as cousas, cujo principio communica a sua essencia aos entes particulares, de forma que fazem com elle a mesma essencia e nelle se resolvem quando são destruidos.

Entre os mahometanos tambem ha uma seita chamada Alzenadika, que estabelece como cousa certa que tudo o que existe no mundo, ou que tudo, o que vimos é Deus.

O famoso Abu-Mossem passa por ter seguido esta opinião, e por ter accreditado, que todas as cousas partem e se resolvem n'um principio commum, isto é em Deus: os arabes dão a esta opinião o nome de — metafisica de resolução. —

A doutrina, que reconheceu no universo uma alma, que o anima, que se communica aos differentes seres, e que forma com elles uma só essencia, e que tão universalmente está espalhada no Oriente, era muito commum entre os antigos; constituia a parte principal do systema Stoico. Segundo Plinio naturalista, o Ceu deve considerar-se como uma divindade eterna immensa sem principio e sem fim — *mundum numen esse credi par est æternum, immensum, neque genitum, neque interiturum umquam.* Lib 2.° Cap. 1.°

Seneca tambem parece ser da mesma opinião quando diz — *totum hoc, quo continemur et unum est, et Deus, et socii ejus suum et membra.* Sene. Cap. 92.

O mesmo sentimento se nota em Lucano. L. 9.° de Pharsal. — *Jupiter est quodcumque vides, quocunque moveris.*

Um auctor, que morreu nos principios deste seculo, que se fez tão celebre e conhecido pelos seus paradoxos, como depois foi desprezado e aviltado por elles, abraçou tambem a mesma doutrina pois que elle sustenta que não ha outra substancia alem desta immensa causa, que vêmos — *Dupuis origine des Cultes.* tom 1.° Cap. 1.°

Que systemas, ou antes, que montão de monstruosidades e extravagancias! Que se pode imaginar de mais absurdo do que fazer de Deus a causa e o effeito dos males fisicos e moraes do universo? Do que fazer da materia a mais vil de todas as cousas, o theatro de todas as mudanças, o campo de batalha de todos os combates, este ser eterno e improduzido, sempre o mesmo, em que não ha variação nem sombra de mudança!

Mas passando á segunda opinião, que a substancia do universo é eterna, ainda que o não seja a forma, em que ella hoje se acha, que foi a mais seguida entre os antigos pelo axioma, que de nada, nada se faz; alguns destes explicaram a formação do universo unicamente por principios mecanicos e pela força e actividade da materia e outros julgaram deviam recorrer á intervenção de uma intelligencia superior: mas todos estes, ou quasi todos estes suppoem que a origem da terra provem do cahos, ou d'uma massa opaca e fluida sem destincção d'elementos, composta de toda a sorte de partes em confusão e sem forma alguma determinada.

Parece que Ovidio foi de differente opinião e que concebeu o cahos como homogeneo, porque na bella descripção, que delle nos faz no lib. 1.° das suas metamorfozes nos diz que a natureza tinha então uma só face, o que todavia não combina com os principios que elle faz entrar na sua composição.

Principiando pelos filosofos da primeira opinão e primeiramente pelas Cosmogonias mais antigas dos phenicios, dos egipcios, dos caldeos e babilonios, a primeira, isto é a dos phenicios que nos refere Sanchoniaton escriptor fenicio n'um fragmento, que nos conservou Eusebio de Cesarea não faz entrar Deus por cousa nenhuma na formação do universo. Segundo Diodoro da Sicilia, que tambem nos deixou a sua, e que se suppõe ser a dos egipcios, a natureza se constituiu por si mesma independente da acção de qualquer outro ente.

Eusebio de Cesarea forma sobre ambos os systemas o mesmo juizo, dizendo que n'um e n'outro em vez de Deus se lhe substituiu uma formação do universo fortuita e espontanea. Para confirmar este seu juizo elle refere uma passagem de Porphiro, que na sua carta a Anebo sacerdote egipcio, diz que Cheremon e outros julgaram, que nada havia anterior a este mundo visivel, que os planetas e os signos de Zodiaco eram os verdadeiros deuses dos egicios, que o sól devia considerar-se como o creador do universo, concluindo Eusebio, que mesmo segundo a theologia secreta dos egipcios não haviam outros deuses mais que as estrellas e os planetas; não se devendo a formação do universo, nem a um principio espiritual, nem a uma, ou muitas divindades, mas unicamente ao sol pela sua acção sobre os elementos.

O resumo que nos deixou da filosofia egipcia Diogenes Laercio é precisamente conforme a esta doutrina, ou a que a materia foi primeiro principio de que sahiram os quatro elementos e todos os animaes, e que o sól e a lua eram as suas divindades debaixo dos nomes de — Oziris, e Izis.

Em quanto aos caldeos e babilonios, ainda que Diodoro diz, que elles acreditaram, que a natureza do mundo era eterna e que o universo não fôra gerado, nem estava sujeito á corrupção, no entanto Berozio, que merece mais credito pela sua antiguidade e porque era da Caldea faz preceder á formação do universo a agua envolta em espessas trevas, sahindo do seu seio os homens e os differentes animaes.

Segundo os poetas o mundo sahiu do Cahos sem assistencia da divindade, e ainda que elles digam que o amor presidiu ao arranjo das partes da materia, e por este amor queiram alguns intender um principio activo separado da materia, parece-me mais natural que elles quizessem explicar o accorde e harmonia dos elementos depois que acabou a guerra intestina, que os desunia, porque segundo elles o amor nasceu do Cahos bem como os deuses que verdadeiramente não eram outra cousa se não os corpos celestes, os elementos e as differentes partes da natureza personificadas, ou deificadas.

Orpheu, que foi o principal introductor dos ritos religiosos do paganismo entre os gregos e que parece foi elle o auctor dos nomes dos deuses, da sua genealogia e differentes funcçoens, em que foi seguido por Homéro, deixou-nos uma theologia muito confusa e muito extravagante. Com effeito ao passo, que guarda um profundo silencio sobre uma intelligencia suprema faz d'um dragão monstruoso um dos seus primeiros principios; apesar porém desta extravagancia a maior parte dos gregos o tem considerado não como um simples poeta, mas como um filosofo profundo fazendo das suas fabulas, que dizem respeito aos deuses allegorias admiraveis e sublimes mysterios, a cuja opinião deve Orpheu a honra de ter passado por um homem inspirado. Supposto pois elle fosse o grande apostolo do politheismo entre os gregos tem-se figurado como reconhecendo um Deus supremo como principio de todas as cousas fundando-se esta presumpção na grande estima, que fizeram delle as duas seitas de filosofos mais religiosas os pythagoricos e os platonicos; e esta opinião favoravel a Orpheu, a que parece mesmo terem subscripto alguns dos padres da Egreja, não será despida de fundamento se se reconhecer, que o resumo da Cosmogonia de Orpheu, feito por Thimoteo Cronographo, contém a verdadeira doutrina deste poeta.

Notarei de passagem, que elle foi o primeiro que introduziu entre os gregos o celebre ôvo do mundo, que provavelmente tirou da theologia dos egypcios, que á semelhança de muitas nações antigas representaram o mundo debaixo deste symbolo.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

SEMINARIOS.

Não ha quem ignore que a sciencia é, e sempre foi, tão necessaria como a virtude para formar um bom clero; que por isso que serve d'espelho de costumes, é tambem o director de nossas consciencias, e o soldado vigilante e imperterrito contra os inimigos de nosssas crenças.

Se em todos os tempos foi necessaria a instrucção ao clero, aquelle em que vivemos é muito mais carecedor della, por isso que as ideias de descrença ou de tibia indifferença, tornam mui preciso que o clerigo esteja sempre apercebido para combater com o exemplo e com a palavra.

Cumpre, pois, que aquelles que se destinam á vida ecclesiastica, além de decidida vocação para um estado de tanta perfeição se preparem com os estudos necessarios, que contenham não só o conhecimento profundo das doctrinas de Jesus-Christo, senão ainda os proprios para sustentar estas e combater os erros dos inimigos da Egreja.

Quem deverá ser, porém, o mestre dos jovens levitas, e quaes as aulas que deverão seguir para se prepararem devidamente, sem receberem uma educação mundana e impropria do sagrado e tremendo ministerio a que se consagram?

Só uma reconhecida malevolencia e decidida má fé poderá privar os bispos da intervenção no ensino do clero

Se Jesus-Christo os incumbiu d'ensinarem a sua doctrina a todos os povos da terra, como é que o poder da terra ha-de arrojar-se a contravir a um preceito divino tão expresso, impedindo-lhes não só o ensino geral da humanidade senão ainda o particular daquelles que os devem coadjuvar no desempenho de suas sagradas funcçoens?

Nos primitivos tempos da Egreja eram os clerigos ensinados muitas vezes pelos proprios bispos, ou debaixo de suas vistas, ou frequentavam as mui florescentes aulas dos mosteiros; e até mesmo eram instruidos pelos parochos quando viviam nas aldeias.

Comtudo o fecho deste edificio reservavam-no os bispos sempre para si.

Na edade media, com a introducção dos cabidos nas sés, deu-se um brilhante desenvolvimento ás escólas episcopaes de que sahiram ornamentos preciosos das sciencias e sacerdotes de consummada virtude.

A dignidade de Mestre-Escóla bem indica o que foi em seu principio; e só por um abuso passou, com o andar dos tempos, a ser mero examinador ou approvador daquelles que se empregavam no ensino.

Se estas escólas episcopaes vieram finalmente a decahir, é porque creando-se as universidades á sombra da Egreja, que as dirigia exclusivamente, passaram a instruir-se nellas os mancebos que se propunham ao ministerio sagrado.

As universidades, á proporção que foram affastando-se da influencia episcopal, tornaram-se perigosas para o ensino do clero, e foi mister aos bispos retirar-lhes a educação dos ordinandos.

Quando Ignacio de Loyola, que hoje veneramos sobre os altares, instituiu a sua cruzada contra os heresiarcas d'Allemanha, fundou em Roma em 1552 o collegio germanico para formar ecclesiasticos habeis para as lutas intellectuaes, que naquella epoca surgiram de todos os lados.

Gregorio XIII deu-lhe o maior desenvolvimento, e plenissima approvação em 1573, e a exemplo deste, e debaixo da direcção dos jesuitas, se organisaram muitos outros em diversos pontos da christandade, que produziram optimos fructos, em quanto o demonio não cegou os principes para não verem a cilada em que cahiam, subscrevendo á destruição dos seus mais extrenuos defensores.

Os bispos tambem conheceram que era melhor voltar ao antigo costume das escolas episcopaes, e dahi se seguiu que no sagrado concilio de Trento se decretou em 1563 que se creassem seminarios em todas as egrejas episcopaes, e que nelles se educasse o clero, recolhendo-se nelles os ordinandos depois de completarem doze annos de edade.

Seguindo as determinaçoens de Trento foi fundado em 1565 em Roma o *collegio romano* pelos esforços de Pio IV; e em 1585 foi consideravelmente augmentado e aperfeiçoado por Gregorio XIII.

A exemplo destes se erigiram os diversos seminarios episcopaes, por todo o orbe catholico, e na maior parte foram commettidos á direcção dos mestres insignes d'educar, entre os mais insignes — os padres jesuitas.

A suppressão dos jesuitas deixou grande vacuo na educação a que muitos bispos obviaram, chamando a si os jesuitas secularisados, ou os seus mais predilectos discipulos.

Com quanto abalados, foram resistindo os seminarios até que a falsa filosofia, sustentada pelas forças revolucionarias, deu em terra com esses focos da sciencia ecclesiastica.

A nossa patria não podia conservar-se ao abrigo dos golpes dos malevolos, que primeiro procuraram desacreditar aquelles estabelecimentos para melhor depois os destruirem.

Eram optimos os nossos seminarios episcopaes, e entre elles se avantajavam os de Braga, Lamego, Vizeu, Guarda, Coimbra, Leiria, Santarém e Evora.

Um rasgo dos arabes dos nossos dias fez desabar estes venerandos estabelecimentos, e a educação mais delicada e preciosa cahiu em mãos impias e corruptas, ou quando menos ignorantissimas, salvas rarissimas excepçoens.

O episcopado lusitano, com bem mágoa do nosso coração o dizemos, longe de se alevantar á altura dos seus irmãos de França, Inglaterra, Allemanha, Italia, e Estados-Unidos, tem-se submettido a mero executor das portarias do governo, e tem fechado os olhos ás habilitaçoens para o sacerdocio.

O governo impetrou a Bulla da Santa Cruzada, entre outros fins, para o restabelecimento dos seminarios, reconhecendo, por esse meio mui patentemente, o mal que se seguia da sua falta, e o quanto convinha que de novo se tornassem a abrir.

E aonde estam esses seminarios?

Talvez, nem mesmo, na mente dos governantes!

Mendoça e Mello.

GLORIA DE JOSE'.

XXXI.

Dixit ergo ad Joseph. . . Tu eris super domum meam, et ad tui oris imperium cunctus populus obediet: uno tantum regni solio te præcedam.

Gen. C. 41. V. 39. 40.

Accusado José desse delicto,
Do qual não tinha sido criminoso,
Passava d'annos dous que o desditoso
Em horrida prisão gemia afflicto;

Quando o rei, que mandava lá no Egypto,
D' hum sonho, que tivera, receoso,
Convoca os adevinhos presuroso
A ler-lhe o que nos astros era escripto;

Porem de balde, que José sómente,
Chamado da prizão, em que jazia,
A nocturna vizão lhe poem patente:

O rei, que então seu merito avalia,
De todo o Egypto o faz sup'rintendente,
Com elle partilhando a monarchia.

OS IRMÃOS DE JOSE'.

XXXII.

Et reversus locutus est ad eos. Tollensque Simeon et ligans illis presentibus jussit ministris ut implerent eorum saccos tritico etc.

Gen. C. 42. V. 24. 25.

No meio da penuria, que opprimia
A terra quazi toda d'Oriente,

E quando a pedir pão immensa gente
Ao reino do Egypto concorria,

Entre essa multidão José um dia
Diviza seus irmãos, e de repente
Com medo que tivessem cruelmente
Vendido esse outro irmão, que ali não via,

Occultando-lhes a face cuidadozo,
Para delles não ser reconhecido;
Concede-lhes o que pedem generoso;

Mas deixa Simeão ali retido,
Até que Benjamim, que espera ancioso,
Seja á sua prezença conduzido.

ANNO CHRISTÃO.

SETEMBRO.

26 *Domingo.* S. Cypriano, dado em sua mocidade á arte magica, consultou de uma vez ao demonio sobre o modo de render a seus torpes desejos a santa virgem Justina: e como recebesse em resposta « que nenhuma arte lhes aproveitaria para com aquelles que verdadeiramente amassem a Christo » cahiu em si, e tocado de uma verdadeira dôr, fez sincera penitencia. Zeloso defensor da religião que abraçára, escreveu um livro *De vanitate idolorum* e outro *contra Demetrianum*, e por isso desterrado, preso e torturado, por ultimo o cutello do algoz lhe cortou a palma do martyrio. E' um dos padres do 3.º seculo, cujos escriptos são preciosos monumentos da unidade de dogma na egreja catholica: a sua epistola a Donato, que com rasão se chama « o livro da graça de Deus » deve ser lida por todos os theologos.

27. *Segunda feira.* S. Wenceslau, duque de Bohemia, sendo filho de uma perversa gentia, teve a fortuna de ser educado na religião christan pela piissima Ludmilla, sua avó paterna. Morta esta por traição da ambiciosa e devassa Drahomira, mãe de Wenceslau, que assim pôde conseguir a regencia dos estados, os povos em breve se cançaram de tantas desordens, e acclamaram Wenceslau, que, ainda mancebo, soube pôr tudo em ordem. A sua extraordinaria caridade o fazia descer aos mais humildes officios para com os orfãos, viuvas e pobres, e sem menospresar classe alguma, dir-se-hia que estes eram os seus cortesãos. Seu impio irmão Boleslau, qual outro Caim, mordendo-se de inveja á vista de tantas virtudes, e todo dominado da ambição de reinar, lhe machinou a morte, convidando-o traiçoeiramente a jantar em sua casa, e tendo assalariado sicarios que o assassinaram quando elle estava na egreja orando.

28. *Terça feira.* S. Cosme e Damião eram dois irmãos naturaes da Arabia, e ambos tinham a profissão de medicos, curando mais pela virtude de Christo, do que pela sciencia de sua arte, toda a casta de doença. O prefeito Lysias, sabendo que elles eram christãos, os mandou vir á sua presença, onde elles altamente confessaram a sua religião o que era ella necessaria para a salvação Mandou-os por tanto atar de mãos e pés e lançar ao mar; porém a onda os trouxe illesos á praia. O fogo de uma ateada fornalha tambem os respeitou. A final o cutello do algoz lhes decepou a cabeça, e assim ganharam a palma do martyrio.

29. *Quarta feira* S. Miguel Archanjo. Na sagrada escriptura por varias vezes se faz menção deste bemaventurado espirito, e sempre em termos que deixam vêr que é elle o principe desses outros que permaneceram fieis á graça, e obedientes ao Creador. O Apocalypse (c. 12 v. 7.), descrevendo esse combate que os maus tiveram com os bons anjos, diz « que Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão etc. » A Egreja portanto o venera como o chefe da gerarchia celeste, e todos o devemos invocar como um vigilante guardador contra as ciladas dos inimigos de nossa salvação.

30. *Quinta feira.* S. Jeronymo, natural de Stridon na Dalmacia, foi em mancebo baptisado em Roma, e entregue a homens doutos e virtuosos que souberam tirar todos os fructos de sua privilegiada indole. Habilitado com copiosos conhecimentos de humanidades, fez varias viagens com o fim de dilatar a massa de sua erudição, e com effeito tornou-se um sabio consummado. As linguas hebraica, chaldaica e grega lhe eram tão familiares como a latina; e por isso fez para este ultimo idioma a versão dos livros do antigo testamento, e para o grego os do novo, trabalho sem duvida tão arduo, que parece curta a vida de um homem para ajuntar os materiaes necessarios e pô-los em obra. Mas elle não escreveu sómente isto: era elle o oraculo, a quem se recorria em casos difficeis, e por isso muito tempo gastava em respostas, e ainda assim, nos restam delle outras obras. Na divina contemplação tambem elle passava muito tempo, e é considerado como o patriarcha de uma respeitavel ordem religiosa, que teve sua origem em Bethelem no logar do presepio, onde Jesus Christo nascera, porque foi justamente aqui onde Paula Romana mandára edificar um mosteiro, em que elle por algum tempo viveu, dando a norma de vida aos outros monges. Sem embargo de tantos trabalhos, e com uma saude sempre vacillante, chegou a edade avançada, e deu a alma a Deus no anno 420.

OUTUBRO.

1. *Sexta feira.* Os Santos Verissimo, Maxima e Julia, irmãos pelo sangue e pela fé, são compatriotas nossos, que pelo anno 302, durante a perseguição de Diocleciano, antes quizeram que o algoz lhes cortasse a cabeça, do que inclina-la em veneração aos idolos. Lisboa, assim como todos nós, deve gloriar-se de achar na serie de seus habitadores exemplos de tanta constancia na fé.

2. *Sabbado.* Os Anjos da Guarda. E' uma crença, fundada em varios logares da escriptura, que cada um de nós é acompanhado por um anjo, que, por assim dizer, é o mensageiro de Deus, que nos communica as graças de que em cada occasião necessitamos. No Genesis c. 48, v. 16, vemos Jacob partilhar desta crença, quando, abençoando a seus netos, filhos de José, disse: « Abençôe a estes meninos aquelle Anjo que me ha tirado de todos os males, etc. » O profeta rei tambem estava na mesma crença, quando, no psalmo 90, v. 11, diz: « Porque elle mandou a respeito de ti os seus anjos, que te guardem em todos os teus caminhos. » Finalmente em S. Matheus e actos dos apostolos tambem achamos fundamentos para esta crença. Devemos pois, como diz S. Bernardo, possuir-nos de grande reverencia, devoção e confiança em o nosso Anjo da Guarda; reverencia — por causa da presença; devoção — por causa da benevolencia, e — confiança — por causa da guarda que constantemente nos faz, e que mesmo não cessa (oh! grande bondade de Deus!) quando peccamos, como no livro do Exodo c. 23 claramente se diz. E' pois uma pratica muito salutar o encommendar-se logo de manhan ao seu Anjo da Guarda; e quando alguma tentação sobrevier, lembrar de que elle vela em roda de nós, porque isto ao mesmo tempo nos dará animo de que sahiremos vencedores, e nos fará envergonhar de succumbir com tão potentes auxilios, e na presença do quem tanto se empenha por salvar-nos.

NOVO JORNAL RELIGIOSO.

Desde o 1.º de Janeiro seguinte começa a publicar-se o semanario religioso = A Cruz = ridigido pelo sr. Camillo Castello-Branco, que deixou de collaborar no *Christianismo.* O formato e preço sam eguaes aos do *Christianismo;* e pede aos snrs. correspondentes do mesmo, que não o quizerem ser do seu jornal, que façam o obsequio de o avisarem; e áquelles que quizerem assignar que inscrevam o seu nome em casa dos correspondentes, ou que lh'o enviem á rua de Santo Antonio n.º 82 desde o 1.º d'Outubro por diante.

Muito folgamos de que um tão habil soldado continue a combater debaixo da bandeira da legitimidade religiosa.

AVISO IMPORTANTE.

Pede-se aos snrs. assignantes, que estejam em divida, que se dignem pagar as suas assignaturas, o quanto antes; porque alem de cumprirem com a condição do prospecto, pagando adiantado, concorrem para a sustentação deste periodico, que se propoem a continuar não só até ao fim do anno, senão ainda no proximo futuro de 1853.

Este periodico só deixará d'existir quando os snrs. assignantes lhe retirem o seu concurso, o que não é d'esperar.

As assignaturas continuam a receber-se e pagar-se nos correspondentes do periodico, e no escriptorio da redacção no Porto, na rua dos Lavadouros n.º 24; devendo toda a correspondencia ser dirigida franca de porte a F. C. de Mendoça e Mello, Director do *Christianismo.*

OUTUBRO 2. 1852. — N.° 40.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

CONVITE PARA A ASSOCIAÇÃO DA PROPAGAÇÃO DA FE'.

De todas as empresas imaginadas pelos homens não ha seguramente nenhuma mais util, mais vasta, mais sublime do que hir acordar das trevas da ignorancia para a vida da civilisação, e levantar das sombras da morte para a luz da Graça essa innumeravel multidão de filhos de Adão, que degenerados pela prevaricação deste pae infeliz, sentem ainda todos os desgraçados effeitos daquella horrivel catastrofe, tendo a rasão inteiramente obscurecida, confundindo-se com os animaes brutos nos instinctos, e estando muito abaixo delles nas paixoens e sentimentos! E' o complemento da grande obra começada pelo Filho de Deus, continuada por doze enviados, e deixada ao cuidado de seus successores e discipulos, aos quaes foi prescripto o dever de espalharem a semente do Evangelho por todo o mundo, para ser fecundada pela graça do justo, que das eminencias do Golgotha corre em abundantes torrentes por toda a terra, restando apenas o trabalho de se lhes dar direcção.

E esta gloriosa empresa não é uma simples idealidade. E' um facto real, desempenhado por esses admiraveis esquadrões de valentes soldados da milicia de Jesus Christo, que, seguindo os conselhos do Evangelho, não tem duvida em deixar sua doce patria, seus caros amigos, seus extremosos parentes, e trocar, do melhor grado, todas as commodidades de um mundo seductor pelos maiores incommodos, privaçoens, e trabalhos, que é possivel imaginarem-se nesta terra de provação! Ei-los alegres... lá partem continuamente dos portos da França, da Italia, e d'outros da Europa... Lá começam uma peregrinação, que ha-de acabar com a vida, e no entanto as suas provisoens não são mais que um Breviario, e a Providencia Divina. Valentes guerreiros vão dispostos a combater incessantemente até á ultima gota de sangue, seu derradeiro triunfo; e as suas fortes armas não são mais que um Crucifixo, e a graça daquelle que os envia!...

Aportando nas mais remotas e desconhecidas praias ¿ quem poderia fazer uma imperfeita pintura de seus insuperaveis trabalhos, de seu ardentissimo zelo, e de suas extremas privaçoens?... ¿ Quem encontraria um destes anjos em figura d'apostolo entre os eternos gelos do polo, tiritando de frio, a soccorrer ainda os menos precisados que elle, e lhe não daria metade da sua capa? ¿ Quem acharia desfallecido no meio dos desertos da Africa ardente um tal missionario, e teria a crueldade de passar adiante sem o animar com uma gota d'agua? ¿ Quem seria tão barbaro que, cercado de todas as commodidades, teria a feresa de recusar abrigo e sustento a um destes enviados do céu, que, cançados de fazer prodigios de caridade, extenuado de forças, e no ultimo quartel da vida, lá nessas regioens longinquas, levantasse suas descarnadas e tremulas mãos á nossa caridade?!...

Mas isto, que classificariamos como um requinte de crueldade nos outros, é desgraçadamente o mesmo que pratica todo o christão, que, conhecedor desta grandiosa empresa, sabedor das grandes privaçoens, que sem duvida devem soffrer estes admiraveis apostolos, recusa cruelmente dar-lhes um pequeno auxilio: porque se não são elles em pessoa quem vem implorar a nossa caridade, nem por isso são dignos de menor consideração. Se elles nos encontrassem, cercados das commodidades e meios de que gosamos, no meio dessas terras remotissimas, seguramente não seriamos insensiveis ás suas supplicas: ¿ e se-lo-hemos porque somos mais felizes no centro da nossa patria, e elles mais dignos de compaixão não podendo pessoalmente mover a nossa caridade?!...

E isto, que é para todo o christão uma forte obrigação de caridade; por isso mesmo que somos obrigados a amar a Deus sobre todas as coisas, — e é pelo amor de Deus, para augmento de sua gloria, em complemento de seus profundos designios, e execução de suas terminantes ordens que se emprehendem tão penosas façanhas, — por isso mesmo que somos obrigados a amar o nosso proximo como a nós mesmos, e a humanidade reclama que sejam livres do captiveiro do demonio essas innumeraveis legiões d'almas para as quaes não alvoreceu ainda a benigna aurora da redempção: — isto, que para todo o christão é uma forte obrigação de caridade, para nós, ministros de um Deus de amor, consagrados perpetuamente ao seu serviço, pregoeiros de sua celeste doctrina, e dispensadores de suas abundantes graças, — para nós é ainda mais, — para nós é um rigoroso dever!

E na verdade — ¿ não somos nós, sacerdotes do Senhor, que somos mandados por todo o mundo, sem algumas provisoens, e só confiados na Providencia Divina, a prégar o Evangelho a toda a creatura, e a ensinar todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo? ¿ E não desejariamos, se nos achassemos naquellas remotissimas plagas, que nossos irmãos nos enviassem para lá meios de subsistencia? ¿ Não julgariamos mesmo que isso era um dever da parte da christandade, e da esposa de Jesus que para alli nos tinha enviado?... ¿ Como poderemos pois escusar-nos desta rigorosa divida?

Já que não temos a coragem sufficiente para emprehender tão arduas conquistas; já que em quanto outros combatem denodadamente por nós, cercados de trabalhos e privaçoens incalculaveis, gosamos das doçuras da patria, e de todas as commodidades da vida; ¿ teremos a crueldade, ou antes commetteremos a revoltante injustiça de deixar morrer de fome esses que voluntariamente se offereceram, á imitação do Cordeiro de Deus, para soffrer por nós toda a qualidade de trabalhos, occupando nosso arriscado posto? — Cobardes soldados da milicia de Christo, já que não temos coragem para affrontar os perigos, não haja ao menos um unico d'entre nós que deixe de se alistar nesta crusada famosa, concorrendo com o pouco, que pela admiravel Associação da Propagação da Fé se nos pede para tão gloriosa empresa. São esses mesmos

incançaveis apostolos, encarregados de rotear todo o mundo selvagem, que, pelo fraco instrumento de minha penna, Vos pedem hoje, por Deus, este pequeno auxilio.

E se isto ainda não é bastante para mover todo o christão a alistar-se na admiravel empresa da Propagação da Fé, mova-o ao menos o seu proprio interesse; abra qualquer dos edificantes e instructivos escriptos da mesma Associação, e que ella offerece gratuitamente aos associados, e veja que innumeraveis graças e indulgencias tem concedido a santa egreja a todos aquelles que concorrem com uma brevissima oração quotidiana, e com uma insignificante esmola para esta grande obra; e lembre-se que assim como o Senhor promette a esses admiraveis apostolos, que por elle deixam seu pae, sua mãe, seus irmãos, e suas terras, cem vezes em dobro desses bens, e a vida eterna; assim não deixará de dar igual premio a todos aquelles que concorrerem do modo que lhes fôr possivel para o mesmo fim.

Que não haja pois um unico christão, digno de tal nome, que, conhecedor desta admiravel Associação, deixe de se alistar immediatamente debaixo de suas bandeiras. = Prasa a Deus que ninguem deixe de conseguir as extraordinarias riquesas espirituaes, que por um tão pequeno sacrificio se podem alcançar, e que não tem proporção alguma com o seu preço. — Que estas minhas breves reflexoens com o auxilio da graça divina movam o reverendo clero não só a alistar-se immediatamente nesta nobre milicia; mas a recrutar com o maior zelo todos os fieis para ella dando-lhes conhecimento de seus piedosos fins, e faceis meios: porque todo aquelle que assim o fizer cumpriu com a missão do apostolado, reunindo-se á grande obra da prégação do Evangelho, dirigirá os fieis pelo caminho de seus verdadeiros interesses; e assim praticando, e ensinando será chamado grande no reino dos céus: e eu, cumprindo da minha parte com o meu dever, me darei por muito feliz, vendo que os meus esforços e bons desejos não são baldados.

Bragança 25 de Setembro de 1852.

João Pereira B. d'A. e Pimentel.

O DEISMO.

VII.

Os primeiros naturalistas quasi todos attribuem a producção de todas as cousas ao Oceano, ou á agua, e é por esta razão que os Deuzes jurávam pela agua da alagôa stigia, como pela cousa mais antiga e veneravel, e é por esta razão ainda que Homero chama ao Oceano o pai dos deuzes e a origem de todas as cousas, e que Thalles, autor da seita jonica, dizia que a agua era o principio de que todas as cousas erão compostas e em que a final todas se resolviam. Parece porem que fasendo da agua fluida o primeiro principio de tudo, não entenderam a agua elementar mas o Cahos, que era uma substancia segundo a significação da palavra grega.

Segundo a theologia de Hesiodo, ainda que muito confusa é do Cahos e do amor, de que elle faz o mais bello dos deuses, que procede tudo. Segundo esta extravagante filosofia não sómente a materia, os elementos, o fogo, o ar, a agua e a terra existião antes de Deus, sendo elles mesmos deuzes, mas os homens e os differentes animaes. Ainda que alguns tenham pertendido justificar Thalles da imputação de atheismo, querendo que elle admittisse um principio por quem tudo tinha sido formado da agua e para prova disso citem a Cicero e a Laercio, no entanto é tambem certo que o mesmo Cicero, Laercio e uma infinidade d'outros attribuem unanimemente a Anaxagoras a honra de ser elle o primeiro, que regeitou o acaso como autor da ordem do universo, e o attribuiu a uma intelligencia suprema, o que parece mostrar, que todos os filosofos da seita jonica, que precederam Anaxagoras eram atheos, ou materialistas, e é porisso que Aristotelles com razão chama a Thalles o principe desta filosofia.

Anexemandres reconhecia por primeiro principio do universo uma materia primitiva e infinita, a que elle não dá nome. E' desta materia que foram formados os corpos celestes e é da sua fermentação que nasceram todos os animaes, sendo produzidos os homens do ventre dos peixes aonde se conservaram até que podessem alimentar-se por si, sendo depois vomitados sobre a terra.

Aneximnes discipulo de Anexemandres não negava a existencia dos deuzes mas estava tão longe de lhes attribuir a formação do universo que elle os considerava como producçoens d'um ar infinito, de que elle fazia o principio de todas as cousas.

Plutarco, depois de ter exposto a opinião destes dois filosofos e mostrar que ambos elles se tinham enganado attribuindo a formação do mundo somente á materia sem intervenção da divindade faz a seguinte judiciosa reflexão — que a materia é tão capaz de produzir alguma cousa como é um pouco de barro de se organizar em forma de vaso por si mesmo sem a industria e intelligencia do oleiro. —

Diogenes d'Apolonia corrigiu a opinião de seu mestre Anexímnes estabelecendo o ar como primeiro principio do universo, mas o ar dotado de força divina sem o que elle nada teria produzido.

Todos sabem que o systema dos athomos, que uns attribuem a Leucipio e outros a Democrito e de que Epicuro pertendeu dar-se por autor, e que depois da sua morte teve grande voga, e parece mesmo ter prevalecido sobre todos os outros systemas, excluia a divindade da formação do universo e a atribuia ao concurso fortuito dos athomos e ao seu movimento continuo em um espaço infinito desde toda a eternidade, de que resultou depois de infinitas combinaçoens o mundo tal como o vemos. E que admiravel filosofia a deste Epicuro, admittindo a eternidade do mundo, formando os corpos de partes de materia infinitamente pequenas, fazendo sair a terra, os ceus, os planetas, as estrellas, os mineraes e os mesmos homens do movimento obliquo destes athomos, reproduzindo-se pela geração os differentes entes viventes logo que aquelles perderam a sua força productora! Que sensata filosofia a deste Epicuro admittindo os orgãos e as differentes partes dos corpos animaes creados sem destino, devendo os seus uzos ao emprego maquinal que delles fizeram os differentes animaes.

Passando aos filosofos, que admittindo a eternidade da materia reconheceram todavia um ser intelligente como architecto do mundo, alguns destes não admittiram outra substancia se não a mesma natureza, que elles suppozeram dotada de entendimento, de razão e de vida; e outros consideraram a Deus e a materia como dois seres separados e distinctos um do outro.

A primeira opinião, que não dista muito do Espinosismo, parece ter sido a de Diogenes d'Apolonia, d'Hippaso, d'Hethaponto, d'Heraclito e dos Stoicos. Hippaso e Heraclito fizeram do fogo o primeiro principio de todas as cousas resolvendo-se a final nelle depois de certos periodos de tempo, e elles fizeram ainda deste fogo o mesmo deus.

Heraclito o descreveu como uma substancia, que pela sua subtileza penetra e circula em todo o universo.

O famoso Hipocrates fazia da divindade a mesma idea, que Heraclito, pois que elle fazia deste fogo um ser immortal, que via, ouvia, e sabia todas as cousas tanto prezentes como futuras.

Os Stoicos admittiam dois principios primarios Deus e a materia, um activo e outro passivo ainda que ambos corporaes, porque elles não reconheciam substancia immaterial; o que verdadeiramente era reduzi-los a um só. Elles diziam que Deus, que elles consideravam como architecto do mundo era um ente immortal dotado de razão, que governava o mundo e todas as cousas pela sua providencia; mas elles representavam-no ordinariamente como uma substancia ignea sem figura, que se metamorfoseava em todas as cousas, ou como um fogo artificial procedendo systematicamente á formação do mundo contendo em si os modêlos, segundo os quaes cada cousa se forma segundo o seu destino.

Esta substancia, segundo elles, vivifica e penetra todo o universo, e cada uma das suas partes, como a alma vivifica o corpo, ou a differente parte da materia, que ella anima. E' por esta razão que elles consideram o mundo como um Deus e cada parte do mundo como uma porção da divindade: sem embargo porem de con-

fundirem Deus com o mundo elles tinham como certo que depois de certos periodos de tempo o universo seria consumido pelo fogo absorvendo Deus em si todas as particulas delle, e reproduzindo-as, ou communicando-as novamente por meio de uma nova extracção, ou reproducção.

Ha entre os homens de letras da India uma opinião muito similhante a esta pertendendo que o ente supremo tem não sómente formado as almas da sua propria substancia, mas mesmo todas as partes do universo, e que esta producção não resulta do ser immutavel, como causa efficiente della, mas de uma extracção, ou extensão actual da natureza divina, bem como a destruição dos seres particulares não é senão uma nova entrada na substancia divina donde elles emanaram, o que elles tratam de exclarecer pelo exemplo seguinte. Comparam a Deus com uma aranha de immensa grandeza, tirando a materia, de que forma a sua têa, de seu proprio seio urdindo-a com uma arte admiravel, contemplando-a por muito tempo e recolhendo depois em si todos os fios, donde resulta uma especie de aniquilação nos differentes seres: elles ainda poem outra comparação, dizendo que Deus se assemelha a um immenso Oceano, que contem em si uma immensidade de vasos cheios de agua, que delle procedem, que nelle nadam e quando se quebram, ou rompem o fluido, que contem derrama-se e confunde-se no mesmo Oceano, donde foi extrahido e de que fazia parte.

Ha opinioens identicas na China, sendo bem conhecida essa, que faz de Deus a alma material dos Ceos; que limita o seu poder, sem que muitas vezes possa fazer-se obedecer.

A de Foée, que parece faz do vacuo, ou do nada o principio de todas as cousas. Ha tambem no Japão uma muito similhante, ou que pouco differe das opinioens referidas e que quasi se confunde com o espinosismo, salvo em suppor que o mundo esteve em outro tempo em estado differente daquelle, em que se acha hoje. Ha outra no reino de Sião e entre os judeos modernos, que parece derivar a origem de todas as cousas das emanaçoens de uma causa primitiva tornando depois a entrar nella.

Passando agora áquelles filosofos, que admittiram dois principios independentes um do outro, e existentes desde toda a eternidade Deus e a materia, citaremos a Platão, a Pithagoras, e Anaxagoras entre outros muitos. Não se sabe precisamente qual foi a opinião de Prerecides mestre de Pithagoras: as primeiras palavras de um tractado, que existia ainda no tempo de Diogenes Laercio parecem indicar, que elle acreditava em tres principios eternos — Jupiter, o tempo e a terra. Pithagoras passa tambem por ter admittido dois principios existentes por si mesmos — uma Monade ou unidade, uma Diada, ou dualidade. Pela unidade geralmente se suppoem, que elle quiz entender Deus, ou um principio activo, ainda que alguem ha tambem que queira entender pelas Monades de Pithagoras os athomos; o que elle porem quiz entender por Diadas, ninguem o sabe dizer com certeza, o que tem dado logar a differentes opinioens, que o tempo não permitte expor.

Thimeu de Locres, que era pithagorico acreditava tambem na pre-existencia da materia; parece porem ter concebido o mundo como um Deus produzido.

Architas de Tarento, que tambem era pithagorico admittia egualmente dois principios eternos. Deus e a materia, suppondo que Deus é o autor da forma em que ella hoje se acha, ou da arte com que ella foi reduzida á organisação actual.

Não é pois verdadeira a opinião daquelles, que o accusavam de ter acreditado na eternidade do genero humano e associado por isso com Aristotelles e Ocello Luccano.

Alvaro Vaz Correa de Seabra da Silva.

AS MISSOENS EM PORTUGAL.

Sam as missoens d'instituição divina; porque Jesus-Christo impoz a seus discipulos o preceito d'hirem prégar por todo o mundo, baptisando em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Em todos os tempos tem a Egreja catholica cumprido com este preceito, em maior ou menor escala, e tem alargado os limites do seu imperio, mais com a palavra divina do que o imperio romano estendeu os seus por meio da espada e da lança.

Nos tempos aureos de Portugal, quando as armadas portuguezas devassavam os mares do Oriente, e seus guerreiros impavidos conquistavam mais reinos e imperios do que povoaçoens tinhamos, fizeram os missionarios, em que muito avultou S. Francisco Xavier, ainda mais conquistas com a palavra de Deus do que nossos soldados com a espada e o mosquete.

As corporaçoens organisadas para missionar não hiam só além-mar; porque na patria se entretinham tambem a confirmar os crentes na doctrina do Filho de Maria, a afervorar os tibios, e a convencer os descrentes. O pulpito e o confessionario eram baluartes em que sempre tremulava hasteada a bandeira de Jesus Christo.

Em todas as naçoens, aonde em nossos dias se teem semeado a palavra divina, teem as colheitas sido abundantissimas; e, naquellas que estavam assentadas á sombra da morte, tem a boa nova sido acolhida com ardor, e com grande aproveitamento espiritual dos povos barbaros que, por meio do Evangelho, recebem a verdadeira civilisação, que não póde dar um passo seguro fóra dos umbraes religiosos.

Nos tempos calamitosos, com que aprouve á Providencia Divina visitar-nos para castigar os crimes, que haviam provindo da relaxação dos costumes, e da frouxidão das ideias religiosas, fomos entregues ás disputas; e a palavra de Deus foi banida da cadeira da verdade, ou abafados seus eccos, e substituidos pelos d'uma filosofia van e mentirosa.

Foi então que se começou a voltar o espirito para Deus, e que alguns membros das corporaçoens proscriptas, juntos com alguns clerigos bem intencionados, commetteram a arriscada empresa de subirem á cadeira da verdade. Ahi fizeram os primeiros ensaios de criticarem os vicios da sociedade, que sem freio marchava de corrupção em corrupção para um abysmo insondavel.

A antiga provincia de Entre Doiro e Minho, e parte da Beira e de Traz-os-Montes é aonde as missoens se teem acclimado mais; porém o seu grande campo de batalha sam realmente os povos existentes entre o Minho e o Doiro, e bem visivel tem sido por todos elles o imperio da boa doctrina.

E, por desgraça, ha entre nós quem vitupere e calumnie atrozmente as missoens e os missionarios, e lhes faça crua e despiedosa guerra; uns, porque descrêem da religião do Crucificado e alevantam cinicamente a bandeira dos heresiarcas para chegarem ao horroroso *nada*; outros, porque soffrem em seus mesquinhos interesses, ou sam contrariados em suas depravadas paixoens, ou offendidos em seu despotico orgulho.

Todavia os fructos sam bem palpaveis e visiveis, onde quer que esses varoens apostolicos explicam a doctrina christan. Bem o mostram as massas, que, em numero de mais de quatorze e dezeseis mil pessoas, se agglomeram em um sitio á voz destes humildes mestres da lei, cujo unico talisman consiste na pobre cruz de madeira, que elevam acima de suas cabeças, no Evangelho, cujas paginas commentam e explicam, aconselhando a uns como o pae a seus filhos, ou trovejando a outros como um juiz entre culpados.

O que se verificou em Ribeira de Pena, e em Penafiel, em Vianna e em Braga, bem como em muitos outros pontos, e aqui mesmo, ao pé de nós, em Vallongo, basta sómente enunciar-se, não carece de commentarios. Os factos, de ordinario, sam mais eloquentes do que as palavras.

Foram as reparaçoens tão publicas, que todos as testemunharam. Nos costumes viu-se uma melhora consideravel. Relaçoens illicitas terminaram-se, e as possiveis foram reparadas pelo matrimonio, dando-se familia a muitos pobres entesinhos, que a dissolução lançara á margem. Maridos reconciliaram-se com suas mulheres, ou as trataram melhor, e egual beneficio se estendeu ás suas familias, que viviam flagelladas em todo sentido.

Muitos inimigos, até de tempos immemoriaes, foram vistos abraçar-se publicamente, para darem publica satisfação, e para cumprirem com a lei de Deus, que manda

não só que amemos os nossos amigos, senão ainda os nossos mesmos inimigos.

As restituiçoens foram numerosissimas: umas ás claras; e outras por intermedio dos angelicos missionarios, que, por onde quer que passam, derramam os beneficios a plenas mãos, curando as almas enfermas, e fazendo renovar a fé e a esperança onde se achavam já quasi extinctas.

Estas e outras muitas vantagens resultaram das missoens.

Em quanto na Europa havia mais missionarios, havia menos tribunaes e soldados.

E não valerá mais melhorar os homens, por meio da persuasão que transcende dos labios dos ministros d'um Deus de paz, do que corrigi-los perante os tribunaes, e submette-los pela força bruta?

Ai da sociedade, em que são necessarios taes meios, que a sua morte é certa, e não está distante!

Em bem poucas partes seria tão necessaria uma Missão, como nesta cidade do Porto, onde geralmente ha mais apparencia que verdadeira religião.

Aqui frequentam-se as Egrejas em grande parte, com o mesmo fim com que se frequentam os passeios e os theatros; isto é, para ver e ser visto, para ostentar um luxo desenfreado, ruina das familias e dos bons costumes; porque, quando não ha meios, recorre-se quasi sempre a a todos, por mais inhonestos que sejam.

Dam-se esmolas, não pela virtude divina da charidade; porem sim pela van ostentação da filantropia. Se não figurassem os nomes nos jornaes, e se desse sómente, segundo o preceito evangelico, não se daria um ceitil a ninguem.

Muitas fortunas estribam-se nos lucros monstruosos, que muitos individuos derivam do trabalho alheio. E' uma consciencia locupletar-se com detrimento d'outrem. Deve pagar-se a cada um, segundo o seu trabalho, e não segundo a concurrencia de quem trabalhe por menos; porque alem do improbo da acção, é concorrer para a imperfeição e até falsificação do trabalho.

Muitos vicios e erros aqui ha communs com os de outras povoaçoens, e outros que são mesmo locaes, não sendo o menor d'elles a irreligião, em uns por vergonha, em outros por fraqueza, e em bastantes por malevola estulticia.

Tudo isto está clamando pelos operarios evangelicos, pelos missionarios, para remediarem o mal geral mais ainda com seu exemplo, do que com as proprias palavras.

De varias tentativas sabemos nós que teem abortado. Hoje porem é necessario que vinguem. Ao ex.^{mo} Prelado incumbe-lhe ceder ás supplicas, ou chama-los de motu proprio.

Mendoça e Mello.

LIBERDADE E ACÇÃO.

A LIBERDADE humana anterior ao peccado sem ella impossivel, e posterior ao mesmo peccado, que a não destruiu, posto que a enfraqueceu, é não só um dogma de fé mui expressamente definido pelo concilio tridentino, *De justificatione*, cap. 1.°, e *canon* 5.°, mas uma verdade a tal ponto evidente, que por isso mesmo não é possivel illustra-la com principios, ou argumentos, de que resulte ficar para cada um de nós mais clara, do que o é pela nossa consciencia, e incessante experiencia. Negar a liberdade é um absurdo maior, do que negar a existencia dos objectos externos, do sol, da lua, das estrellas, da terra, e do mar, porque, não vendo nós esses objectos immediatamente em si, mas só em nós as ideias, que os representam, como existentes fóra de nós, e não havendo ligação necessaria entre nossas ideias, e a existencia dos objectos exteriores, como pondera Locke no seu Ensaio sobre o entendimento humano, livro 4.°, cap 7.°, §. 7.°, se pomos de parte a certesa de não querer Deus induzir-nos a errar sem culpa, não seria absolutamente impossivel, que não existissem fóra de nós os taes objectos sem embargo d'existirem em nós as ideias, que os representam, como existentes lá fóra. Negar porém a liberdade não é negar, que exista fóra de nós, o que só vemos em nós, mas negar, que exista em nós, o que vemos sem cessar em nós; que é, o que só póde ser negado por homens dispostos a negar tudo, quanto imaginam ser do seu interesse negar, ou pôr em duvida.

Não faltando todavia, quem tome sobre si, como tomam, e mui louvavelmente, Bergier no Traité de la vraie Religion, tomo 3.°, p. 1.ª, cap 6.°, art. 2.°, o penoso e fastidioso trabalho de refutar os sofismas dos fatalistas, e que muito convém para esse trabalho ser util, e impedir, que errem, como elles, os que ouvem, ou lêem, o que elles dizem, é não distinguir, como aliás distingue o mesmo Bergier no citado artigo 2.°, fim do §. 38, as nossas acçoens em livres, e não livres, porque admittir, ou conceder, que algumas não são livres, é abrir porta aos fatalistas para dizerem com apparencias d'algum fundamento, que nenhumas o são, resultando todas necessaria e inevitavelmente dos motivos irresistiveis, que nos levam a pratica-las nas variadas occorrencias, em que as fazemos. O que deve pois ser dito e sustentado pelos defensores da liberdade, que Bergier diz ser o excellente privilegio, em que mais brilha a semelhança do homem com Deus, é, que todas as acçoens indistinctamente são livres, po, que é da essencia de qualquer acção, que possa não ser feita por aquelle, que a faz, vindo por isso a ser tãr certo, que somos livres, como o é, que fallamos, quo lêmos, que escrevemos, ou que fazemos qualquer outre coisa. Ninguem faz, o que não póde não fazer. Se a faz, póde não o fazer, e por consequencia é livre. So não póde não o fazer, não é livre, e por consequencie não o faz. Quem anda, por exemplo, é livre, porque póde não andar. Se não póde não andar, não anda; pára, ou é levado.

No caso de ser isto assim, dirá talvez alguem, segue-se, que os animaes brutos são tão livres, como nós, ou mais, do que nós, porque não só andam, como nós, podendo não andar, mas até muitos voam, podendo não voar. E na verdade, se o facto é incontestavel, não pode não o ser tambem a consequencia, que delle sahe. O que nós vemos nos brutos, é o movimento que chamamos andar, ou voar, pela semelhança, que tem com as acçoens, a que dariamos com propriedade esses nomes, se nós as fizessemos; e sem duvida o movimento, que vemos nos brutos, é acção, mas acção, que bem póde ser feita nelles, e não por elles. E' com effeito mui notavel dizer em muitas partes a Escriptura Sagrada, que os homens se movem, ou que movem alguma coisa — *Movens tabernaculum* — *Moverunt castra* = *Moverunt caput suum* = *Moventes capita sua*, &c., e não dizer em parte alguma, que os brutos se movem, mas sempre, que são movidos — *Quo moventur* — *quod movetur* — Genesis, cap. 1.°, V. 26, 28, e 30, cap. 7., V. 14, e 21, e cap. 9, V. 2, e 3; Levitico cap. 11, V. 10, 29, 44, e 46, e cap. 20, V. 25, Deuteronomio cap. 4, V. 18, Ezechiel cap. 38, V. 20. Daniel cap. 3. V. 79. &c. embora na traducção do P. Figueiredo leamos — Que se movem — e não — Que são movidos — como se movimento activo, e passivo, fosse o mesmo.

E' verdade, que tambem Condillac no *Traité des Animaux*, p. 1.ª, cap. 1.°, diz, que os brutos se movem á sua vontade. Não temos porém obrigação alguma de crêr, o que diz, e não disse, como elle mesmo confessa, Descartes, que não quiz ser, nem mesmo fingidamente, uma estatua animada, ou governada só por — sensaçoens — isto é, pelo mais esteril de todos os principios em filosofia, porque reduz, como tambem confessa o mesmo Condillac no fim do citado capitulo, quem o adopta por unica base de conhecimentos, á saber só, que sente, ou não sente, assim, ou assim; o que equivale a saber nada, ou pouco mais de nada.

Não se limitou Condillac a dizer, que os brutos se movem a seu arbitrio. Disse tambem na p 2.ª, cap. 3.°, do referido tratado, que os animaes de qualquer especie differem tanto mais uns dos outros, quanto mais procuram copiar-se, e que, sendo os homens aquelles, que mais se copiam, ou arremedam, vem a ser por isso mesmo os menos semelhantes em suas operaçoens; accrescentando elle mesmo, que deve parecer isto a quasi toda a gente um paradoxo. Não se enganou, porque não só o parece, mas é. A rasão de serem mui differentes uns dos outros os homens nos juizos, que fazem, e nas ac-

çoens, que praticam, nasce de serem livres, e de ser uma consequencia mui natural desta liberdade, que, ainda que mais ou menos inclinados á imitação, não deixa por isso de fazer cada um, se póde, o que bem lhe parece com variaçoens imprevistas e indeterminadas, em quanto ao contrario os animaes de qualquer outra especie, não sendo livres, parecem fazer todos o mesmo, e da mesma sorte, ainda que tambem com alguma diversidade, por que não o fazem, e só executam, o que nelles, ou por elles, faz o seu, e nosso Creador: sendo tambem esse o motivo, porque, até onde chega o impulso, ou instincto, que lhes é dado, costumam de ordinario executar com mais perfeição, o que não fazem, mas é feito nelles, do que nós fazemos, o que realmente fazemos. A rasão dada por Condillac é uma subtilesa pueril, com que fica o fenomeno sem explicação na hypothese de serem os brutos, como nós, agentes, e por consequencia livres.

Deixemos porém os animaes brutos destinados por Deus a servir-nos, e não a instruir-nos, como sendo para nós um mysterio, que não é de nosso interesse estudar com muita applicação. O que para não abusar, ou abusar menos, da liberdade nos importa saber, é, que somos livres, porque fazemos, até onde cabe em nossas forças, o que bem nos parece, e é de toda a evidencia desejavel, que não o poderiamos fazer, senão podessemos igualmente não o fazer, isto é, senão fossemos livres. Baste.

Peniche 19 de Agosto de 1852.

José Diogo da Fonseca Pereira.

A MINHA CONVERSÃO AO CHRISTIANISMO.

II.

M. F. de Florencourt, ha muito tempo um dos mais ardentes defensores da causa liberal em Alemanha, foi tambem um desses raros escriptores, que em suas palavras só exprimem francas convicçoens, e dotados de espirito assas elevado e de caracter bastante firme para arrostarem de qualqner modo os preconceitos da opinião. Sabe-se que a conversão d'um tal homem attrahiu vivamente a attenção de todos os partidos politicos, e de todas as confissoens religiosas. N'um tal estado de couzas, M. de Florencourt julgou do seu dever explicar-se abertamente sobre os motivos de sua conversão á Egreja, o que fez com uma nobre singeleza, e rigorosa discussão na primeira parte d'um escripto, de que folgamos de notar as passagens mais tocantes. Não temos a honra de conhecer pessoalmente o auctor, nem conhecemos os seus precedentes, senão pelo que nos mostra no seu livro. Porem antes de começarmos a cita-lo, traduziremos como noticia e appreciação geral, a carta seguinte, dirigida em 7 de Dezembro por um correspondente de Munster ao *Deutsche Volkshalle* de Colonia:

« Li esta tarde d'uma só vez da primeira pagina até á ultima o livro de M. de Florencourt: *A minha conversão ao christianismo.* Estava impaciente de conhecer esta obra, não só pelo interesse que me inspirava o homem, que muito antes de se ter convertido á Egreja, tinha defendido com tanta clareza e energia no *Bœrsenhalle* d'Hamburgo os direitos e interesses da Egreja catholica, na pessoa de Clemente Augusto e, mais tarde, na de Mousenhor Lourenço pela Santa Sé nomeado vigario apostolico da missão do Norte: mas tambem esse mesmo homem que da romaria de Treveris, concluia que a fé ainda não estava extincta no povo allemão, e lhe presagiava um melhor futuro; esse homem finalmente, que se ligou ao *Deutsche Volkshalle*, e lhe adquiriu verdadeira gloria. Que prazer me causou esta leitura! Que abundancia e variedade de instrucçoens n'um escripto tão resumido! A vida domestica no começo do seculo 19, onde se encontra no centro da familia o espirito moderno do scepticismo e da indifferença religiosa, em opposição immediata com a pratica hereditaria de muitas virtudes christans; a influencia quando exerce um tal contacto em um menino e mancebo d'intelligencia precoce; os esforços que faz para escapar aos soffrimentos moraes, de que é victima; — tudo isto será para a maior parte dos leitores nascidos com o seculo, como um resumo de sua experiencia e de suas observaçoens pessoaes. Assim para nós que temos vivido nos paizes catholicos, é um espectaculo totalmente novo um homem, que querendo chegar á fé ao sahir dos sonhos vãos da mocidade, e olhando a doctrina lutherana como o unico christianismo possivel, vá d'encontro a um fantasma que não lhe offerece senão o erro e as contradiçoens, e não faz mais, que torna-lo a mergulhar no scepticismo.

« Não obstante o seu limitado quadro, esta obra contem em relação á historia, á psicologya, e á educação, um tão grande numero de verdades uteis em todos os tempos, com especialidade apropriadas ás necessidades de nosso seculo que recommendamos vivamente a sua leitura. »

O livro de M. de Florencourt divide-se em 6 partes, cujos titulos sam os seguintes: 1.° introducção; 2.° annos da infancia; 3.° epoca da juventude; 4.° esforços para se aproximar do christianismo, sem exito algum; 5.° conversão á Egreja; 6.ª conclusão. = Como nos propozemos a levar ao conhecimento de todos o que esta obra contem de mais notavel, e util; e temos de a seguir até ao fim, permittir-se-nos-ha o limitar-nos strictamente ao papel de traductor. O discurso simples e grave que se vae ouvir não carece de commentario algum. Se não tem o brilho, a graça e menos as bellezas daquella que tanto folgavamos de citar, ha tempos, nestas mesmas columnas, e que naturalmente tinham o cunho dos habitos litterarios, e da brilhante imaginação do auctor, agradará por outras qualidades, que convem ao caracter serio do objecto.

Achar-se-ha nestas paginas o escriptor acostumado ás lides austeras do pensamento que se não deixa arrastar pela forma, mas que se serve da palavra como arma e não como lyra. Porem ha cousas que tocam de tão perto as mais intimas fibras da consciencia, que não carecem, para as mover d'algum dos artificios ordinarios da linguagem. O interesse nasce naturalmente da solemnidade dos pensamentos, e o recolhimento da alma e do espirito, em presença destas verdades, despidas de todo o prestigio exterior só serve para melhor lhe fazer sobresahir o eterno poder. E' o que havemos experimentado percorrendo todo este livro; confiamos, que as seguintes passagens destacadas inspirarão á maior parte dos nossos leitores mais d'um pensamento consolador e d'uma reflexão que produzirá seus fructos.

OBJECTO DESTA OBRA.

« Um escriptor d'ha muito em contacto com certo numero de leitores, que teem seguido com mais ou menos interesse a marcha de suas ideias, não poderia, para dar conta das mudanças, que se tem operado nelle, recorrer a outro meio, que não seja o da publicidade.

Todavia, quando entramos no gremio da Egreja, onde finalmente encontramos paz, não seria bastante explicar-mo-nos em geral a respeito dos motivos da nossa conversão. Alem de que temos a impaciencia de participar aos outros a alegria de que estamos possuidos. Quanto mais felizes nos tornam os effeitos da redempção, tanto mais ardentemente desejamos que os nossos similhantes participem da mesma felicidade Todavia desejamo-lo muito mais por aquelles que nos são mais caros. Quem poderá ver aquelles que ama n'um leito de dor com uma dolorosa enfermidade, sem se compadecer vivamente de seus soffrimentos, e sem ser impellido pelo desejo de os mitigar? Ora sendo esta a verdade nos soffrimentos fisicos, nada ha mais natural, do que procurarmos acalmar as torturas moraes daquelles que olhamos como parte integrante de nós mesmos, sobre tudo quando sabemos por experiencia quanto é duro viver afastado de Deus e da sua Egreja?

Só póde calcular toda a extensão desta infelicidade, aquelle que já experimentou em si proprio por graça de Deus, os beneficios do estado contrario. O infeliz que viveu incessantemente opprimido pela doença não tem ideia da saude, e não sabe o que perde estando della privado. Aquelle que finalmente a conseguiu; é o unico que póde julgar por comparação a gravidade dos males, sob o peso dos quaes vê ainda gemer seus antigos companheiros de miseria. Antes que a venda fosse arrancada de meus olhos, sentia-me, é verdade, victima dessa extraordinaria indisposição e desses pungentes cuidados que soffrem necessariamente todos aquelles que, fora da Egreja, se consomem em vãos esforços para achar Deus e reconciliar-se com

elle; mas pensava que era essa uma das consequencias fataes da vida e o commum destino de todos os mortaes Ignorava que ha um estado essencialmente diverso, no qual o homem goza d'uma paz celeste e se sente isento das dores da natureza decahida, e quando ouvia fallar alguem deste estado, olhava-o como uma illusão, ou, pelo menos, como um melhoramento puramente relativo. E conheço aquillo que me faltava porisso que me não falta agora.

E' essa tambem a razão porque me compadeço daquelles, que me são mais caros, e tenho necessidade de orar continuamente por elles, porque o goso da minha prezente felicidade me faz comprehender o quanto é doloroso o estado em que ainda se achão. Parece-me impossivel, que aquelle que vem para o gremio da Egreja, e que agradeceu a Deus do fundo de seu coração este immenso beneficio, não se esforce com todo o ardor, para que os outros sigam seu exemplo, e não empregue todas as suas forças no cumprimento deste voto.

E' isto o que se costuma chamar espirito de proselitismo. Aquelles que julgam designar por este nome alguma cousa illicita ou odiosa não veem que deprezam toda a exhortação, toda a predica, e geralmente todo o ministerio, cuja pratica se dirija á salvação das almas. Para ser exempto deste espirito de proselytismo, que se funda na applicação dos meios auctorisados por Jesus-Christo, seria preciso não amar. Aquelle que não faz cazo algum de qne seus similhantes pertençam ou não, á Egreja, e que não procura fazer proselytos, logo que tem probabilidade de os fazer, não se pode chamar membro vivente da sociedade christan.

Assim pois ao publicar este escripto proponho-me logo a expor aos meus amigos e áquellas pessoas que eram do meu mesmo pensar, os motivos que me dicidiram a abraçar o catholicismo. Mas quero ao mesmo tempo, percorrendo as differentes frazes de minha vida domestica, apresentar a todos aquelles, que estiverem ainda involvidos nos mesmos erros e combates, de que tanto soffri, um espelho fiel, que lhes sirva para se conhecerem, e para julgarem da sua propria situação. Nada dispoem melhor o infermo a favor do medico, do que quando elle está perfeitamente ao facto de todos os symptomas da molestia; porque então espera que os remedios que lhe applicar serão tambem os mais salutares. »

CARACTER DA CONVERSÃO DO AUCTOR.

« Devo aqui chamar a attenção sobre uma circunstancia particular, que faz que a minha conversão differa essencialmente da maior parte das outras. Quasi todos os protestantes que teem abraçado o catholicismo eram, como o celebre Hurter, ha muito tempo christãos antes de se tornarem catholicos. Tinham já renunciado á comprehensão puramente fisica do homem e do mundo, e admittiam como acontecimento necessario e certo a revelação sobrenatural de Deus por seu filho unigenito Jesus-Christo. A sua reconciliação com a Egreja não tinha pois importancia senão em trocarem pelo christianismo completo os fragmentos de verdade, que toda a seita possue, porem que não concordam entre si, porque teem sido separados do organismo divino. Quanto a mim o caso era diverso. Verdade é que havia muitos annos, que vacillavam os meus principios naturaes sobre a criação; havia calculado todas as suas consequencias theoricas e praticas, e tinha chegado ao termo fatal onde deve parar todo aquelle que se encerra na esfera do mundo inferior: só havia encontrado o nada, abysmo silencioso e cheio de trevas, onde acaba toda a distincção entre o bem e o mal. Mas quando, sequioso de fé religiosa, bati ás portas do lutheranismo, e do calvinismo, não se me abriram. Sou prova evidente da verdade de que as doctrinas da reforma, em razão de suas contradicçoens intrinsecas, e das antinomias que applicam á fé do Salvador, nunca poderiam introduzir na ordem divina o homem que não julga ainda senão no ponto de vista dos sentidos, porem cujas faculdades speculativas tomaram um livre vôo, e a quem a consideração do elemento historico e do mundo organico se tornou já familiar. Que as leis ordinarias do pensamento não nos bastam para abraçar a ordem sobrenatural, é de facil convicção para qualquer mormente quando se chega aos ultimos limites das investigaçoens do espirito. Então, a fé torna-se uma necessidade racional. A razão vencida reconhece de per si a sua impotencia, e aceita pela fé a revelação divina como um soccorro indispensavel. Assim a fé não é senão o ultimo fructo da actividade intellectiva; isto é a mesma razão transpondo com o auxilio celeste, os limites de seu estreito dominio, e dirigindo-se, por um sublime esforço, á esfera da revelação divina, que é tambem uma esfera de liberdade, porque a intelligencia se liberta nella de todas as duvidas. Quando tem chegado ao ultimo terreno das suas observaçoens, a razão não pode dissimular que além deste mundo existe um outro d'ordem mais elevada, que é obrigada a admittir como real e necessario, mas, de que não pode, por si só perceber os fenomenos. Exprime-se de ordinario isto dizendo que a revelação sobrenatural de Deus não é a razão, mas que lhe é superior e estas expressoens são perfeitamente exactas. Assim, uma revelação naturalmente opposta á razão e que se contradiz a si mesma em seus dados, é uma revelação falsa, e é exigir muito do homem, o fazer-lhe accreditar como vinda do ceu uma doctrina contra doctrina. Tal era com tudo a dura condicção que me impunham, quando atormentado da necessidade de crer, pedia humildemente ao lutheranismo, em que havia nascido, que me descobrisse a fonte de toda a verdade. E quando digo *humildemente*, não exagero. Estava profundamente convencido da necessidade da fé, e onde quer que um crente lutherano dirigia a palavra, em nome do Evangelho, immediatamente me sentia, — eu d'ordinario tão ardente na luta, e tão violento no dominio das convicçoens naturaes, — transformado em um menino docil, attento e desejando só ser convencido. Ainda mais, cousa estranha! no decurso de muitos annos tinha defendido da maneira a mais energica, contra os ataques e insultos de seus adversarios, todas as confissoens christans, e todas as corporaçoens religiosas, e isto frequentes vezes em occazioens em que aquelles mesmos, que se intitulavam ministros da Egreja lutherana guardavam o mais profundo silencio, em quanto que eu não ousaria chamar-me christão e collocar-me ao lado dos mais simples fieis. Por muito tempo combati com denodo em favor de todos os direitos do christianismo, não tendo outro titulo para assim proceder senão o ardente e sincero desejo de me ligar á sua fé, e o sentimento d'incapacidade absoluta da razão natural em relação á ordem divina. Quiçá teria aproveitado em ser menos humilde sobre tudo se não tivesse repugnancia d'applicar a Luthero e a seus adherentes a minha critica, em outras partes tão prompta.

Talvez me veria então obrigado a estudar mais cedo o catholicismo, e o seu ensino religioso, e teria chegado mais cedo, por meio da Egreja á fé do Salvador e á redempção. Não comprehendia, porque motivo a Biblia era para mim um livro inintelligivel, porque motivo a minha rasão se revoltava contra o dogma lutherano da justificação só pelos meritos de Jesus-Christo. Hoje comprehendo-o: um só olhar attento, lançado ao complexo das doctrinas catholicas, dissipou a nuvem que me cobria a intelligencia. Hoje comprehendo-o: não era o lutheranismo que me podia introduzir no santuario da fé; porque, apesar de meu vivo desejo de crêr, repugnava-me, o sugeitar o espirito a dogmas absurdos, porque o meu instincto natural, que ainda não estava completamente pervertido, e que conservava certa aptidão para distinguir a verdade, revoltava-se contra tudo o que ha d'arbitrario e incoherente nos systemas protestantes; porque n'uma palavra, se me achava em estado de comprehender pela fé o fenomeno divino da revelação em sua ligação historica e organica, tal qual nos ensina a Santa Madre Egreja, era-me impossivel o achar um sentido aos fragmentos destacados por Luthero do grande symbolo catholico, e enganar a minha consciencia tentando debalde legitimar a meus proprios olhos uma adhesão, que só teria repousado na mentira e no constrangimento. Hoje comprehendo-o: era diante de Jesus Christo, filho de Deus vivo, e não do caprichoso e soberbo Luthero, que me devia prostrar. Seria difficil o dar uma ideia do que se passou em minha alma, logo que me resolvi a estudar os preceitos da egreja christan. Todas as portas da verdade se me abriram como por encanto; caminhava a passos agigantados de descoberta em descoberta; tudo o que lia, tudo o que estudava, me parecia de tal maneira necessario, que não concebia como podesse ser d'outra maneira. Em quanto, no decurso de

tantos annos, tinha estado mergulhado n'uma especie d'admiração estupida diante do lutheranismo, sem poder adquirir o menor conhecimento das verdades religiosas, tive a felicidade, seguindo a marcha traçada pela Egreja catholica, de me sentir, passadas algumas semanas, livre de todas as minhas duvidas, e de receber, como complemento, como reparação e como renovação de meu ser natural, a fé da revelação divina por Nosso Senhor Jesus Christo. »

(*Continua.*)

LEON DE BESSY.

JOZE RECONHECIDO POR SEUS IRMÃOS.

XXXIII.

Et dixit fratribus suis: Ego sum Joseph: adhuc pater meus vivit? Non poterant respondere fratri nimio terrore perterriti. Festinate et ascendite ad patrem meum et dicetis ei. . . Et habitabis in terra Gessen.

GEN. C. 45. V. 3. 9. 10

JOSE', quando outra vez seus irmãos viu
Voltar do Egypto á terra a pedir pão,
Não quiz deixa-los hir nessa illusão,
Em que da vez primeira os despediu:

Depois que em lauta meza lhes serviu
Banquete, em que reinava a profusão,
Não pôde reprimir seu coração,
E que era seu irmão lhes descobriu.

De susto cada qual estremeceu!..
Mas, bem longe Jozé de se vingar,
A todos em seus braços recebeu;

E por elles ao pay manda offertar,
Alem d'outros prezentes que lhe deu
A terra de Gessen para habitar.

IDA DE JACOB PARA O EGIPTO.

XXXIV.

Videnque eum, irruit super collum ejus, et inter amplexus flevit.

GEN. C. 46. V. 29.

ESPERAVA Jacob em anciedade
A volta de seus filhos lá do Egypto,
E quando um dia os lamentava afflicto,
Lhe trouce o seu regresso a flecidade.

Narrado então por elles com verdade
Tudo, quanto José lhes tinha dito,
Jacob, seu velho pai, deste innaudito
Successo crer não pode a realidade! . .

Mas logo que a razão vence a surpreza,
Qual homem, que d'um sonho vão desperta,
E vê dos bens sonhados a certeza,

P'ra terra parte, que José lhe offerta,
E pagando um tributo á natureza,
Nos braços paternaes o filho aperta.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

OUTUBRO.

3 *Domingo.* S. Candido, que em Roma, na praça chamada do *Urso de barrete*, derramou o seu sangue pela fé, com uma constancia, que assombrou, sem que fosse capaz de converter, os seus crueis perseguidores. Este é differente de um outro S. Candido, que, official da legião Thebana, foi, com todos seus camaradas, martyrisado por Maximiano.

Item. Rosario de Nossa Senhora. Ainda que graves escriptores, e entre elles o sapientissimo benedictino dom João Mabillon, hajam adduzido ponderosas rasoens a provar, que a devoção do rosario já era praticada pelos fieis no anno 1100, parece todavia incontestavel, que o rosario, tal qual hoje se recita, isto é, o complexo de 15 mysterios, constando cada um de um Padre Nosso e dez Ave Maria, fôra introduzido e ensinado por S. Domingos de Gusmão no anno de 1208. A festividade porém do rosario tem uma data mais recente. Em memoria e acção de graças pela miraculosa victoria que os christãos alcançaram sobre os infieis junto a Lepanto no primeiro domingo de Outubro de 1571, instituiu o papa Pio V uma festa annual neste dia, debaixo do titulo de Santa Maria das Victorias. Dois annos depois Gregorio XIII mudou este titulo no de *Rosario.*

4. *Segunda feira.* S. Francisco de Assis, seguindo, como seu pai, a profissão de negociante, negou a esmola a um pobre que lha pedia por amor de Christo; e tanto depois o pungiu o remoru. desta repulsa, que fez o voto de a ninguem mais negar a esmolas Seu pae não gostava de tanta liberalidade, e conceituando-o talvez de prodigo e imbecil, lhe exigiu uma desistencia da herança paterna, que elle sem difficuldade lhe passou, accrescentando: « que d'ora ávante mais rasão tinha de dizer: *Padre Nosso, que estaes no ceu.* » Aggregando-se-lhe dose companheiros, instituiu a ordem dos Menores, e vindo a Roma para impetrar da santa sé a approvação de sua austera regra, Innocencio III, que o recebera com pouca consideração, o mandou chamar, depois de uma visão que teve, e lhe deu a approvação que antes lhe havia denegado. Em pouco tempo esta nova ordem cresceu, e dava missionarios para levarem a *boa nova* a todas as partes do mundo. S. Francisco, desejoso da gloria do martyrio, embarcou para a Siria, porém achou bom acolhimento onde esperava tormentos, e por isso regressou á Italia. Havendo presidido á edificação de muitos conventos, e tendo recebido na solidão do monte Alverno a impressão das chagas, passados dois annos adoeceu gravemente, e então mandou que o conduzissem para o convento de Santa Maria dos Anjos, onde deu o espirito a Deus. A data da approvação de sua ordem é do anno 1210.

5. *Terça feira.* S. Placido, de uma familia da primeira nobresa de Roma, foi entregue por seu pae Tertullo a S. Bento para que o educasse no temor de Deus. O discipulo tornou-se digno de um tal mestre; e quando S. Bento tratou de dilatar sua ordem, o mandou á Sicilia edificar o mosteiro de S. João Baptista junto a Messana. Povoado este mosteiro por uma numerosa communidade, e quando alli estavam de visita a S. Placido seus irmãos Eutychio, Victorino e Flavia, aportou alli o pirata Manucha, e os martyrisou a todos, por isso que todos foram constantes na fé. Esta legião de soldados de Christo alcançou tão gloriosa victoria no anno 539.

6. *Quarta feira.* S. Bruno, natural de Colonia Agrippina, e filho de paes illustres, foi por elles mandado a Pariz frequentar os estudos, e tão insigne se tornou em filosofia e theologia, que mereceu o grau de doctor em ambas estas faculdades. Sendo conego da egreja de Rems, resolveu-se a fugir do mundo, e com seis companheiros se estabeleceu nos alpestres montes chamados da Cartuxa, donde tira o nome a ordem por elle fundada. Chamado a Roma pelo papa Urbano II, que fôra seu discipulo, muito lhe valeu com prudentes e sabios conselhos nos calamitosos tempos de seu pontificado. Bem quiz Urbano II que acceitassse o arcebispado de Reggio; porém elle, suspirando sempre pela solidão, logo que pôde se foi embrenhar no monte Squillaco, onde passou o tempo que lhe restava de vida, e dahi voou ao céu.

7. *Quinta feira.* S. Marcos foi eleito papa por morte de S. Silvestre, e tantas foram as suas virtudes, que mereceu ser canonisado. Seu corpo foi sepultado na via Ardeatina.

8. *Sexta feira.* S. Brigida, filha de nobres paes, nasceu em Suecia, e logo desde menina tão devota era de meditar na paixão de Jesus Christo, que se dizia, que era esta a sua perenne cogitação, que lhe fazia derramar copiosas lagrimas. Dada em casamento a Ulfão, principe de Nericia, ella com suas exhortaçoens o fez habituar a uma vida santissima, e educaram seus filhos na maior piedade. Convalescendo Ulfão de uma enfermidade, de que foi atacado quando regressava da peregrinação de Compostella, resolveu-se, com annuencia de sua esposa, a professar na ordem de Cister, onde morreu. S. Brigida, logo que o arranjo de sua familia lh'o permittiu, tambem se recolheu a um convento que fundou, e a que deu a regra de S. Salvader. Fez depois a peregrinação de Roma, e successivamente a de Jerusalem, e quando voltava a Roma adoeceu ahi, e deu a alma a Deus. Provadas suas virtudes e dom de milagres, o papa Bonifacio IX a canonisou, e seu corpo foi trasladado para o convento Vastanense, que ella edificára.

9. *Sabbado* S. Diniz, o Areopagita, convertendo-se á fé com a predica de S. Paulo, foi por este constituido primeiro bispo de Athenas. Vindo depois a Roma foi mandado por S. Clemente prégar o Evangelho na França, e chegando a Paris começou os seus trabalhos apostolicos, que produziram abundantes fructos. Passados annos, o prefeito Fescennino o prendeu, e depois de o atormentar, o mandou passar com uma espada. Este santo martyr é contado como o primeiro arcebispo de Pariz.

NOTICIARIO RELIGIOSO.

No dia 26 de Setembro celebrou a sua primeira missa, na egreja de S. Mamede de Vallongo, o reverendo snr. Jacintho dos Santos Loureiro. O dia da missa nova é sem duvida o mais notavel da vida do sacerdote, por ser aquelle, em que pela vez primeira, depois da ordenação, exerce o poder infinito de transubstanciar o pão e o vinho no corpo e sangue de Jesus Christo; mas quando o apparato lithurgico, a harmonia dos hymnos e a eloquencia do orador sagrado vem sommar-se a este acto, já de si tão solemne, torna-se elle magestoso, e este dia, um dia festivo, não para uma familia sómente, mas para toda uma terra, em cujos habitantes, ainda nos mesmos pequeninos, grava impressoens, que o decorrer dos annos não tem força de varrer. Com effeito, tudo concorreu para solemnisar a missa nova, de que tractamos: as ceremonias, dirigidas pelo digno coadjutor da freguezia, irmão do celebrante, se praticaram com toda a regularidade e sisudesa; o orador, o reverendo snr. Bernardo Martins das Neves, desempenhou muito bem seu ministerio, apesar do pouco tempo que teve para tractar o objecto da missa nova, e gostamos da circunstancia, que elle, depois de mencionar a gravidade das obrigaçoens do sacerdote, e quando lembrava ao novo celebrante as pessoas por quem devia applicar o sacrificio, adduziu dizendo « que se lembrasse da alma de cinco sacerdotes, que na sua mais propinqua geração contava, e que talvez estariam no Purgatorio expiando faltas commettidas no ministerio, que elle hia principiar a exercer »; a musica, composição de aprimorado gosto do mesmo snr. padre Bernardo, foi perfeitamente bem desempenhada; o concurso foi numeroso e lusido, merecendo particular menção a presença do ill.mo snr. Camillo Castello-Branco, que, particular amigo do celebrante, veio honrar-lhe este acto, a que, em um logar distincto da parte do Evangelho, assistiu com edificante acatamento, tomando uma rica opa, e ministrando a agua ás mãos depois da oblata. O celebrante repartiu do seu novo sacrificio a communhão a uma sua virtuosa irman, e a mais tres servas de Deus, que, tirando forças de seu fervor, estiveram em jejum até tão tarde. Terminou o acto pelo beijamão, em que todos se disputavam a primasia, e com profusão e enthusiastica alegria se espalhavam confeitos e flores. ***

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — *Estados Romanos.* -- Foi baptisada em Ferrara a joven israelita Benvenuta Ancona, pelo cardeal Vannicelli Casone na igreja do conservatorio de Santo Apollinario e Philomena da mesma cidade e deu-lhe os nomes de Josefina Marianna Philomena Negrini.

Napoles. -- No dia 10 fizeram alli a abjuração de seus erros 6 protestantes suissos, e entraram no seio da egreja Catholica, cujo acto religioso attrahiu grande concurso.

Tirol. -- O barão de Ketteler, cura de Hopsten, tendo concluido o seu noviciado nos capuchinhos de Chiusa, professou em 21 de Julho ultimo, tomando o nome de Fr. Boaventura, em presença de muitos individuos de sua nobre familia, especialmente de seu irmão o bispo da Moguncia, que officiou n'aquella solemnidade. Julga-se que Fr. Boaventura hirá breve á Westfalia com muitos religiosos de sua mesma ordem para se unir com os capuchinhos que alli foram restabelecidos ultimamente.

França. — O grande numero de jezuitas que se encontram na provincia de Leão decidiu o Geral da Companhia a dividi-la em duas. A de Leão de que foi nomeado provincial o padre Bon reitor da casa de Vals, junto de Puy; e a de Toutluse de que foi nomeado provincial o veneravel padre Maillard.

— Monsenhor Thibault, bispo de Montpellier, vae substituir no seu seminario, no proximo anno lectivo, para o estudo do grego e latim, os auctores pagãos por grande numero d'auctores christãos.

— Em uma cidade do *Alto Loire* existia um rapaz de 10 annos chamado Septimio, paralitico e abandonado da medicina humana. Recorreu á divina, hindo em romaria a N. Senhora da Salette com seus paes, e em quanto se dizia uma missa pela sua cura, verificou-se ella radicalmente com pasmo dos circumstantes. Seu pae é um pregoeiro do milagre, e quando regressou a caza, andou com o filho pelas ruas da cidade proclamando a efficacia da protecção da Virgem Maria com admiração de todos os que conheciam o soffrimento do infeliz paralitico. Gloria á Mãe de Deos, e Consoladora dos afflictos!

Hispanha. -- Chegaram a Cadiz e partiram no dia 6 no *Riensares*, procedentes de Sevilha, os jesuitas que vam fundar o seminario conciliar de Canarias.

Ponha Portugal os olhos na visinha Hispanha, e veja o governo como alli trata de se reformar no possivel o edificio desmantelado.

— Em Pamplona, abrindo-se um carneiro, no cemiterio das religiosas augustinianas recoletas, encontrou-se o corpo de Soror Anna de S. Firmino, depositado alli ha mais de 160 annos, inteiro, e sem detrimento. Estava flexivel e com a carne do peito branda, e o riçado da touca como se tivesse acabado de fazer-se.

Existem no mesmo cemiterio os cadaveres de 2 ou 3 religiosas no mesmo estado, sendo um de Soror Bruna, conhecida de muitas pessoas que vivem, a qual foi enterrada haverá 40 annos, achando-se inteira, com a carne dos braços como em vida, e com muita flexibilidade.

Diz um periodico de Malaga que em virtude d'uma portaria de 30 d'Agosto a communidade de religiosas cistercienses regressará ao seu antigo convento logo que esteja reparado.

No dia 5 chegaram a Figueras, na Catalunha, 11 freiras da Encarnação que hiam tomar posse como tomaram d'um novo convento. Foram visitadas por todas as auctoridades.

Inglaterra. — Acaba de se inaugurar em Manchester a biblioiheca papal, estabelecida com fundos d'uma subscripção voluntaria.

Recommendamos o seguinte prospecto pelo merecimento da auctora, que já tem adornado o nosso periodico com as suas excellentes poesias, e pelo caritativo fim a que é destinada a obra.

A BENEFICENCIA.

Anhellando coadjuvar, quanto em minhas forças cabe, a nobre Associação Consoladora dos Afflictos, offerecendo-lhe meus serviços em honra da humanidade, cujos males a mesma illustre Associação com louvavel disvello busca suavisar; e não me sendo possivel por melhor fórma eu me proponho dedicar-lhe um jornal com o titulo de — BENEFICENCIA — o qual, mediante a protecção do publico, será publicado de 15 em 15 dias, uma folha de papel, sendo o preço de 40 reis para os snrs. subscriptores, avulso 50 reis e aos pobres gratuitamente.

Offerecerei aos infelizes o sustento intellectual tão preciso á vida da alma, quanto o alimento do corpo á conservação da materia.

A BENEFICENCIA não publicará senão obras em honra de Deus, e proveito do proximo.

Publicar-se-ha logo que tenha sufficiente numero de assignaturas; para o que imploro a protecção das damas e cavalheiros que por sua moral e conhecimentos honram a sociedade.

Subscreve-se na Imprensa, praça de D. Pedro n.º 100, e nas lojas da Rua Augusta n.º 1, 3, 8, e 188 — No Porto, escriptorio da redacção do *Portugal*, rua dos Lavadouros n.º 24.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

ERRATA.

O 1.º terceto do soneto 32 deve ler-se:

Occulta-lhes a face cuidadozo,
Para delles não ser reconhecido,
E dá-lhes o que pedem generoso;

OUTUBRO 9. 1852. — N.º 41.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

A FÉ.

I.

Não pertendemos dissimular a difficuldade, e o rigor das obrigaçoens da fé: mas tambem não queremos occultar suas vantagens e doçuras; não queremos que o christão progrida em suas ingratidões vituperando a Providencia em seus proprios beneficios: o que desejamos pois é que elle comprehenda que a fé não é uma vil servidão, mas sim uma submissão cheia de liberdade, que é um jugo suave, e doce, e não um peso oneroso.

Todos os Santos Padres affirmam unanimemente, que a fé é uma especie de sacrificio, e de holocausto, por via do qual se immola a Deus uma orgulhosa rasão, a que Tertuliano dá o nome — de primeiro inimigo de Deus, de primeiro inimigo de seu soberano dominio; — mas elles tambem nos dizem, que com quanto este sacrificio pareça rigoroso, é todavia delle, que provem a verdadeira felicidade do homem; e ainda que custa submetter-nos a elle, nós somos felizes com esta submissão.

Que nos pede Deus pelo direito — da soberania — que tem sobre todos os espiritos, e sobre todos os coraçoens?

Pede primeiramente um sacrificio absoluto, uma obediencia cega: pede que o universo renda á sua palavra a devida homenagem: que todo o joelho se dobre; todo o poder se abata, todo o orgulho se anniquile, toda a curiosidade se cale, toda a rasão se humilhe; que a sua voz seja o oraculo de todos os homens, que occupe o logar da luz, da sciencia, da eloquencia, e da rasão; que tanto os sabios, como os ignorantes se submettam; que ninguem emprehenda profundar os thesouros de sua sabedoria, entrar no recondito de seus conselhos; e que nos encerremos todos com S. Paulo na obscuridade de seus mysterios.

O Senhor fallou (dizem os profetas) com conhecimento e exame: immudecei pois fraca rasão! Sentimentos impostores, lagrimas enganadoras dissipai-vos! A palavra da Providencia só busca coraçoens doceis, e não especuladores; e fallando ella adoremo-la, e fiquemos silenciosos.

Pede em segundo logar um sacrificio inteiro, e universal. Longe da pertenção de que seja livre ao homem escolher as verdades da religião, augmentar ou diminuir alguma coisa á palavra divina; submetter-se só a certos, e determinados dogmas; hesitar, e suspender a admissão d'outros, nós devemos dar um completo assenso ás verdades revelladas por Deus; e devemos acredita-las todas sem excepção: as claras, e as obscuras, as que se concebem sem trabalho, e as que o demandam para se conhecerem: aquellas, de que gostamos; e as que não excitam nossa affeição: as que são conformes á rasão, e as que se oppoem a ella. Tanto se deve crêr nos mysterios da Trindade, e da Incarnação, que são occultos a nossos olhos; como na divina Eucharistia, que apesar dos sentidos nos dizerem ser pão, e vinho, a fé nos ensina que é o verdadeiro corpo, e sangue da victima do Calvario. Devemos conservar na totalidade o deposito da tradição; e ter como inteira extincção da fé, qualquer divisão, que se faça em seus dogmas; por que, como pensa Santo Agostinho, a fé é uma só, e negar um só artigo della, é abandona-la *in totum*.

Ter uma fé generosa, e magnanima, declara-la solemnemente, e na presença de todos em prol do Ser Supremo, não a trahir ou dissimular; eis os deveres do verdadeiro christão, que deve dizer com o profeta-rei: — *Credidi propter quod locutus sum.*

Deus recommenda silencio á rasão; mas não á fé: o silencio daquella é um tributo religioso, e o desta seria uma perfidia, uma prevaricação; pois, segundo a expressão do apostolo, — crê-se de coração para ser justificado; e confessa-se de bocca para ser salvo. —

A salvação depende por conseguinte da confissão da fé: devemos por isso fallar com liberdade, e franquesa a sua linguagem, quando seja necessario; dar-lhe neste caso um testemunho authentico, ainda a custo da propria vida: derramar nosso sangue por confessar o nome de Jesus-Christo perante os libertinos, ou tyrannos, Cesares, ou despotas, nos tribunaes, ou nas praças.

Sabeis (diz Tertuliano) o que é a fé? E' uma obrigação ao martyrio; mas uma obrigação tão solemne, que desde que qualquer trepida derramar por ella o seu sangue, fica logo morto para com Deus.

Devemos por tanto crêr em todos os dogmas da fé sem exame, sem discussão, sem excepção, e sem dissimulação: é um Deus, que o ordena a todos, e primeiro, que tudo: faltando pois este sacrificio, todos os outros são reprovados.

A maior virtude dos christãos é a submissão: é esta a primeira homenagem, que o Creador espera de suas creaturas: toda a religião se funda nella.

Eis o que o concilio de Trento chama — o preciso preceito — da fé: uma crença cega em sua submissão, universal em sua adhesão, publica e solemne em sua profissão.

Exposemos as obrigaçoens, e rigores da fé: fallaremos de suas consolaçoens, e doçuras.

Aveiro 24 de Setembro de 1852.

Carvalho e Goes.

DAS ESCHOLAS ELEMENTARES.

Jesus-Christo, dando a seus discipulos a missão d'ensinarem a todos, bem claramente nos mostra a preferencia que deve dar-se ao ensino da Egreja sobre o ensino secular.

O ensino da Egreja não é assalariado. Aquelle que se emprega em cultivar a intelligencia dos filhos dos

homens pratica acçoens meritorias que Deus lhe levará em conta neste, e com especialidade no outro mundo; e por isso reveste-se de santa paciencia para exercer um dos mais improbos trabalhos da humanidade.

Pelo contrario o ensino secular tem fins diversos e todos humanos, que não habilitam o professor a colher os mesmos fructos que colhe o religioso. Como o seu fim é receber uma prestação, e obter um estabelecimento permanente, ou adiantar-se na carreira social, já se vê que os meios, que empregar no ensino, hão-de ser tão acanhados, mesquinhos e limitados como os fins que tem em vista.

As excepçoens honrosissimas servem sómente para confirmar a regra geral; porque a inexoravel experiencia ahi está a mostrar-nos, todos os dias, do modo mais evidente a verdade da nossa asserção.

Se a instrucção, a par da educação, concorre para desenvolver as faculdades do homem, ennobrecendo-o entre os seus similhantes, e dando-lhe uma posição distincta na sociedade, ninguem deve estranhar que a Egreja, essa Mãe carinhosa, que recebeu de Jesus-Christo a missão do ensino, o considere como obra charitativa, e tenha procurado em todos os tempos prestar os seus assiduos cuidados á mocidade.

Movida pelo bem estar dos homens neste mundo, e pelo seu descanço eterno, estabeleceu a principio escólas populares nos mosteiros benedictinos, que naquelles tempos encerravam os depositos das sciencias humanas, e que até os nossos dias teem conservado sempre intacta a sua reputação scientifica naquelles paizes, onde o machado revolucionario não foi lançado aos ramos da arvore, ou naquelles em que cançados de utopias vans e criminosas tiveram já o bom juizo de se não opporem á sua renovação.

Pelo decorrer dos tempos fundou tambem a Egreja bem reguladas escólas junto dos cabidos, para mais proximas estarem dos bispos, no que mui bem se mostrava, que debaixo de sua immediata inspecção melhor floresceria o ensino.

Os mesmos sacerdotes ruraes foram incumbidos da educação da mocidade, e para os coadjuvar lhes foi concedido um clerigo instruido.

Os concilios manifestaram não poucas vezes a sua sollicitude pela instrucção e educação christan da mocidade, mandando estabelecer escólas parochiaes, e recommendado que houvesse a maior escolha nos mestres e nos compendios.

Fundaram-se corporaçoens religiosas com o fim exclusivo d'educar a mocidade, e bem conhecidos sam os religiosos das escólas pias, os congregados e os jesuitas, pelos assignalados serviços que teem prestado á Egreja e ao estado, nos diversos graus d'educação da mocidade.

Bem se conhece, em vista do que deixamos exposto, o quanto a Egreja se esmerou sempre por cumprir o preceito do seu divino fundador.

Vieram tempos em que o Estado excluiu de todo a Egreja do ensino, ou em que, pelo menos, lhe coarctou a liberdade d'acção.

Bem infelizes teem sido esses tempos; e bem se tem resentido a mocidade da educação e instrucção que nelles tem recebido!

A França e outros paizes, até mesmo a visinha Hispanha, começam a arripiar do caminho errado que haviam seguido no ensino da mocidade.

Esperemos confiadamente em Deus, que tambem havemos de tornar ao bom caminho!

Mendoça e Mello.

A CARIDADE.

Curvada ao peso da senil edade
Uma infeliz mendiga caminhava
Ao raiar da manhan, pela cidade
N'um dia em que invernava.

Os passos a um palacio dirigia
Ao mesmo tempo que alta personagem
Em aureo coche aproximar se via;
Vem seguido de um Pagem:

E' o senhor do castello regressando
De um sarau onde a noite andou ligeira;
Os fogosos ginetes espumando
Na rapida carreira;

E a triste atropellaram, que fugindo
Sentiu dos hombros escapar-se o manto
Calcado aos pés dos brutos! Eis sorrindo
Se apeia o nobre entanto!

A pobre se aproxima, e lhe supplica
Uma esmola por Deus; mas com despreso
Lh'a recusa o soberbo! Ella replica;
Ei-ló de raiva acceso!

Affastando-a de si grita aos creados
« Longe da minha porta esta vil gralha;
« Não quero que me infeste os meus sobrados
« Essa abjecta canalha! »

Do senhor imitando a crueldade
Um servo chega, e maltratando a pobre
Fóra da porta a lança, e sem piedade
De injurias mil a cobre!

Tremendo se retira a desgraçada;
Vae ao campo!... eis n'um coche um cavalheiro!..
Foge a pobre temendo ser pisada,
E cahe n'um atoleiro!

O fidalgo a soccorre; ella chorando
A sua gratidão mostrar deseja;
E ante o seu bemfeitor ajoelhando
Lhe implora que a proteja!

« Já não tenho, lhe diz, um só abrigo!
« Nada tenho no mundo além das dôres;
« Um cantinho na valla por jasigo;
« E hoje os vossos favores! »

De tal desgraça condoeu-se o nobre,
E vendo que a infelíz estremecia,
Piedoso os descarnados membros cobre
Co'o manto que trazia!

Comsigo a conduziu, dá-lhe aposento,
Cama, e os soccorros todos que precisa;
Restauradas as forças c'o alimento
A pobre tranquillisa.

E em sonhos vê um anjo que a chamava,
Envolto em nivea transparente veste,
C'o as asas de oiro mais que o sol brilhava;
Tinha um sorrir celeste!

Bradou, vem descançar alma selecta!
De um braço a eleva aos céus; e na subida
Lhe disse « volve as vistas! olha a meta
« Das vaidades da vida!

« Em pompa funeral não vês na terra
« Dar-se um corpo a marmorea sepultura?
« Naquelle monumento hoje se encerra
« Toda a sua ventura!

« Teve riquesas, ostentou grandesas
« Que o Senhor lhe quiz dar; mas orgulhoso
« Despresou os andrajos da pobresa;
« Foi impio, ambicioso!

« Morreu!... finalisou sua opulencia!
« Sua vaidade inda o sepulcro ostenta!
« Mas nota além!... Verás a consequencia;
« E' o inferno!... olha attenta!

« Vê-o em chammas arder!... Vê que tormentos!
« Como irado o demonio vem rasgar-lhe
« O manto... a negra carne, e a seus lamentos
« Os tratos redobrar-lhe!

« Este é aquelle que ultrajou teu manto,
« Que as sacras leis calcou da caridade!
« Affasta delle as vistas que outro tanto
« Te fez sua vaidade!

« Olha agora mais alto!... além!... observa
« Elevar-se uma nuvem luminosa
« Que de estrellas c'roada em si conserva
« Harmonia pasmosa!

« E' o coro dos angelicos cantores
« Sobre a nuvem que vês levando á gloria,
« Um grande que plantou viçosas flores
« Na vida transitoria!

« Essas flores regadas co'o piedoso
« Terno pranto que arranca a desventura
« Ao nobre coração que generoso
« Alheias magoas cura!

« São essas flores as acçoens piedosas,
« Os beneficios que espalhou na vida!
« Foi sensivel ás vozes dolorosas
« Da innocencia opprimida!

« Foi da virtude protector constante!
« As lagrimas de Deus enxugar soube
« No rosto do infeliz! C'rôa brilhante
« Em premio hoje lhe coube!

« Este é o teu Bemfeitor!...» Nisto voando
Demandaram dos céus a immensidade!
E assim foi, que a mendiga despertando
Se achou na Eternidade!

Os dois nobres morreram de repente
Pouco antes de expirar a pobresinha!
Qual serpente um se abysma, outro eminente
Se eleva alva Pombinha!

Caridade! ó celeste alma virtude!
Com teu divino influxo anima a terra!
Vil egoismo que os mortaes illude
Do Universo desterra.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

ANNO CHRISTÃO.

OUTUBRO.

10 *Domingo.* S. Francisco de Borja, 4.º duque de Gandia, empregado desde mancebo na corte de Carlos V, e depois governador de Catalunha, deu sempre provas de grande temor de Deus; porém, quando acompanhando, para sepultar-se em Granada, o cadaver da imperatriz Isabel, leu nelle a condemnação ás vaidades da terra, foi então que se resolveu a nada fazer senão tendente a tornar-se grande no céu. Morta sua mulher Leonor de Castro, professou na sociedade de Jesus, o que fez um ecco mui grande, e foi causa de que outros fidalgos o imitassem. O sacrificio que de si, e de tudo que no mundo lhe pertencia, fez, foi sem reserva: flagellaçoens, jejuns, vigilias foi o que elle substituiu ás commodidades, regalos e distracçoens da côrte, e subjugando assim o corpo ao espirito, não houve acto algum de heroica abnegação, de que se não tornasse capaz, e effectivamente praticasse. Ainda que quando renunciára ás grandesas seculares por fórma nenhuma ambicionava as ecclesiasticas, comtudo obrigado pela obediencia teve de acceitar o emprego de commissario geral da ordem em Hispanha, e mais tarde o de preposito geral de toda a sociedade, que elle governou com um zelo, prudencia e sabedoria, como quem era universal herdeiro do espirito do fundador — S. Ignacio. Depois de fazer á egreja os maiores serviços, já mandando missionarios para todo o mundo, já empregando-se elle mesmo em colligar os principes christãos em crusada contra os turcos, acabou em Roma os seus trabalhos para hir no céu receber a paga, no anno de 1572. Francisco

Item. Patrocinio de S. José. Para implorar o patrocinio deste glorioso santo, que por tantos titulos merece especial attenção a Deus, foi instituida esta festividade no 2.º domingo de Outubro: com effeito, o casto companheiro da Virgem Mãe de Jesus, o pae putativo do mesmo Senhor, aquelle que tantas vezes o acalentou em seus braços, e pelos seus trabalhos proveu á sua sustentação, muito deve valer para com o Supremo Distribuidor das graças, ao qual, como diz S. Bernardo, já nada pede para si, mas tudo quer transmittir-nos: — o fervor do supplicante, e o fructo da supplica.

11. *Segunda feira.* S. Firmino, que, bispo de Uccia na Gallia Narbonense, se empregou sem descanço em apascentar e guardar o seu rebanho, ganhando assim o direito a uma boa paga no céu, onde, depois de uma morte suave, foi admittido.

12. *Terça feira.* S. Cypriano, bispo de Africa, foi um dos quatro mil novecentos e sessenta e seis heroes da fé, que na perseguição dos wandalos, no tempo do rei Hunnerico, que era Ariano, soffreram inauditas crueldades, no meio das quaes muitos perderam a vida, como aconteceu ao mesmo S. Cypriano, cujo ultimo suspiro foi uma recommendação a seus companheiros « de que não se deixassem possuir do medo da morte, a qual só tinha imperio sobre o corpo, e á alma dava ella a verdadeira vida. »

Este S. Cypriano, bem se vê, que é differente do outro, de quem se fallou no dia 26 de Setembro; e aqui cumpre-nos advertir (agradecendo ao exc.mo e rev.mo snr. Theodoro Monteiro Guedes, que nos fez notar esta inexactidão) que aquillo que pelo fim do artigo alli dissemos, considerando-o como escriptor ecclesiastico, não deve referir-se a elle, mas ainda a outro S. Cypriano, bispo de Carthago, e que tambem soffreu o martyrio a 14 de Setembro do anno 258. Quanto ao S. Cypriano, de quem no sobredito dia se falla, foi martyrisado em Nicomedia, juntamente com a virgem Justina, ao tempo da perseguição de Diocleciano, pelo anno 302.

13. *Quarta feira.* S. Eduardo, neto de outro santo Eduardo rei dos anglo-saxoens, que soffreu a morte pela fé, escapou da morte na invasão dos Daunos fugindo, de edade de dez annos, para a côrte de um seu thio duque de Normania. Ahi, no meio de todas as seducçoens, conservou illibada a sua innocencia; e quando se tratava de o restituir ao reino usurpado, disse elle « que antes queria estar privado do reino, do que have-lo á custa de sangue e de mortes. » Estas palavras que são bem significativas do seu desinteresse do mando, e interesse pelo sangue de seus vassallos, não foram comtudo por estes attendidas, e, expulsos os usurpadores, o chamaram ao throno. O seu primeiro cuidado foi curar os males, que, principalmente á religião, tinham os Daunos causado. Tudo prosperou á sombra bemfazeja de tão piedoso monarcha, que nunca tão alegre se mostrava como quando esvasiava seus cofres em beneficio dos pobres, ou quando por algum orfão era chamado pai. Com effeito, elle não teve outros filhos, não obstante ter casado por annuencia ás representaçoens dos grandes do reino. Sendo-lhe predito por S. João Evangelista, de quem era particular devoto, o dia de sua morte, mandou que fizessem preces por elle, e recebendo os sacramentos, tudo confiou da misericordia de Deus, cuja presença foi gosar no anno de 1066

14. *Quinta feira.* S. Calisto foi eleito papa por morte de S. Zeferino. Sem embargo das difficuldades de tão calamitosos tempos, edificou a basilica de Santa Maria além do Tibre, e um cemiterio na Via Appia, onde tantos martyres foram sepultados, e que tomou o seu nome. Foi elle que determinou as quatro temporas do anno, mandando que se guardasse o jejum, que já vinha da instituição dos apostolos. Mandado prender pelo imperador Alexandre, aconteceu o ficarem cegos todos os soldados desta diligencia, e um tal milagre

foi causa da conversão de muitos, entre outros, do consul Palmacio e de toda a sua familia. O imperador porém não se converteu, antes insistiu em o torturar todos os dias com açoites, até que desenganado de que o não fazia abjurar a fé, lhe mandou atar uma grande pedra ao pescoço, e lança-lo a um poço, no anno 224.

15. *Sexta feira.* S. Theresa, natural de Avila na Hispanha, comprehendeu perfeitamente, logo em menina, o fim para que todos fomos creados, e por isso começou a fazer grandes jornadas no caminho da perfeição, chegando mesmo áquelle grau de fervor, que lhe fez desejar e procurar o martyrio. Morta sua mãe, se recolheu a um convento de freiras carmelitas, onde por espaço de vinte e dois annos foi provada com continuadas molestias, anciedades, e mesmo tentaçoens do demonio, sem que tudo isto a fizesse declinar do seu norte, suspirando sempre pelo seu Jesus, que tambem sempre velava por ella, e que a final veio a patentear-lhe suas graças. Reformou os estatutos da Ordem, que um tanto se hia relaxando da primitiva austeridade, a qual reforma foi approvada pelo papa Pio IV, e não só as freiras, mas tambem os frades a adoptaram. Escreveu muito sobre mystica, em que se póde chamar doctora. Deus mesmo neste mundo deu um premio a suas virtudes, locupletando-a com o dom de milagres e profecias; e finalmente, no anno 1582, lhe deu o premio eterno.

16. *Sabbado.* S. Martiniano, que, servo de um rico wandalo, foi convertido á fé por uma creada da mesma casa chamada Maxima, soffreu glorioso martyrio na perseguição de Genserico, rei Ariano.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Estados Pontificios. — O *Giornale di Roma* de 13 de Setembro publica um decreto da sagrada congregação do index em data de 6 de Setembro, e approvado pelo papa em 9 de Setembro, pelo qual sam condemnadas as obras seguintes:

Historia do direito das gentes e das relaçoens internacionaes, por F. Laurent, professor da universidade de Gand, *Decr.* 6 *Septembris* 1852.

Labordo (de Lectoure.) Quatro palavras sobre a usura, ou relatorio d'um incidente acontecido em uma conferencia ecclesiastica do mez de Julho de 1835. *Decr. eod.*

— O grito d'alarma d'um catholico, ou defesa da doctrina da Egreja catholica sobre o emprestimo a juros, vingado do escandalo da novidade. *Decr. eod.*

— Do caminho da auctoridade em materia de religião, ou do meio de se manter no caminho seguro em tempo de controversia, precedido d'um discurso sobre o emprestimo a juro. *Decr. eod.*

— Censura de 22 proposiçoens de moral corrompida, tiradas dos livros d'um auctor de nossos dias. *Decr. eod.*

— Da crença na immaculada Conceição da Virgem Santissima, em resposta aos diversos escriptos que teem apparecido em nossos dias sobre esta controversia: escripto cuidadosamente revisto e retocado pelo auctor. Nova edição, seguida do discurso sobre algumas falsas legendas ácerca da ultima parte da Paixão de N. S. Jesus-Christo. *Decr. eod.*

Maria hispanhola, historia contemporanea de Madrid, composta por Wenceslau Ayguals de Izco. Primeira versão italiana de F. Giuntini. *Decr. eod.*

Adeus ao papa por João Jacome Maurette, cura de Serra (Ariége). Traducção do francez *Decr. eod.*

— *Conversão.* Em 16 de Setembro foi baptisado pelo cardeal Giacomo-Luigi-Brignole o joven moiro Ferat-Mahmet, de Tunes, de 27 annos d'edade, a quem foram dados os nomes de João-Francisco-Maria-Marianie, sendo seu padrinho o negociante Luis Preschi.

Toscana. — Uma rapariga da aldeia de Posto em Pisa, de 25 annos d'edade, foi curada por N. Senhora do Carmo d'uma enfermidade que a tinha prostrada na cama, havia 18 mezes.

— *Roma.* — No dia 19 foi S. Santidade para Castel Gondolfo, onde foi recebido com acclamaçoens pelo povo. Foi recebido á porta da egreja pelo cardeal Patrizzi, bispo d'Albano, e recebeu a benção do Santissimo Sacramento. Deu depois o pé a beijar e recolheu-se á sua habitação.

— O *Milagre de Rimini* — Diz um correspondente do *Universo* que o milagre do movimento dos olhos do retabulo da Senhora das Mercês em Rimini ainda continua: os olhos estam voltados para o céu, o seu movimento vagaroso e brando é da direita para a esquerda, e de tempos a tempos baixam-se; e por intervallos o olhar é animado, e d'um modo ineffavel. Foi o milagre testemunhado por 4 viajantes francezes por espaço d'um quarto d'hora.

Hispanha — No dia 26 foi installada solemnemente em Madrid a communidade dos PP. de S. Vicente de Paulo, novamente restabelecidos em Hispanha. Officiou o cardeal arcebispo de Toledo, e o secretario do Nuncio. O cardeal fez uma pratica ao immenso povo que assistia explicando o seu prazer pelo restabelecimento dos religiosos de S. Vicente de Paulo, que, animados do espirito de heroica caridade christan de seu santo fundador, serviram em toda a parte e servirão agora de novo de verdadeira consolação ao homem que em vão a procura em suas necessidades, se não se dirige aos ministros do Senhor.

Estes religiosos dedicam-se a ensinar ao povo a nossa santa religião, e a dar ao clero exercicios d'instrucção com que desempenhem dignamente o seu ministerio, e influem poderosamente em promover a nossa felicidade neste e no outro mundo. Hoje tornam-se mais necessarios pelos perigos provenientes da impiedade propagada pelos maus livros, cancros da sociedade, e origem funesta da ignorancia e indifferença em materias de religião.

Concedeu finalmente 100 dias d'indulgencia aos que assistiram, e nos que peçam a Deus pelo augmento e propagação da ordem de S. Vicente de Paulo.

Hollanda. — Os catholicos deste reino folgaram muito com a conversão de M. Dekker, em outro tempo director do jornal *Handwyzer* d'Amsterdam; o qual pertencia ao partido dos protestantes *orthodoxos*, isto é os sectarios do synodo de Dordrecht que não adandonam toda a crença positiva. Quanto aos outros, arrastados por dois professores da universidade de Groningue, sectarios da bandeira do famoso racionalista de Berlin, M. Nitoch, não admittem já nem a infalibilidade dos apostolos, nem a SS. Trindade, nem a divindade de N. Senhor Jesus Christo, nem dogma algum da religião sobrenatural. Esta 2.ª fracção dos protestantes é muito mais numerosa do que a 1.ª, cujas almas escolhidas se sentirão todos os dias, como os puseistas d'Inglaterra, como impellidos para o unico centro immutavel da auctoridade e da verdade. O exemplo dado por M. Dekker, no dia mesmo da Assumpção, é de bom agouro, e deve esperar-se que produza fructos de baixo da protecção da Virgem Santissima de que assignalou a festa. Louvemos a Maria protectora dos filhos d'Eva.

Mecklenbourg. — E' tal a intolerancia do governo lutherano deste pequeno estado que só nas cidades de Schwerin e Ludwigslust é permittido exercer publicamente o culto catholico. Alem disso é permittido celebrar o officio divino em Rostoch no Pentecostes, e uma vez por anno em Butrow. Se apparece algum clerigo fóra d'estes pontos é perseguido e posto fóra do gram-ducado. Eis a tolerancia dos protestantes que certa gente nos mette á cara todos os dias. Deos lhes perdoe, que não sabem o que fazem e ainda menos o que dizem!

Prussia. — As conferencias dos bispos de Treveris, Paderborn e Munster terminaram-se em 26 d'Agosto. Sabe-se que os veneraveis prelados se haviam reunido para deliberarem ácerca das medidas a tomar em vista da ordenança ministerial relativa ás casas d'educação catholica. Decidiu-se que se dirigisse um protesto energico ao rei, depois de o ter submettido a todos os bispos da Prussia.

Occuparam-se egualmente os bispos d'outras questões importantes. Se devemos acreditar uma correspondencia da *Gazeta das Postas* d'Augsburgo, o governo reclamou aos bispos um relatorio sobre o estado financeiro das dioceses, ameaçando em caso de recusa, não pagar d'então por diante as prestaçoens devidas ao clero, segundo o mesmo texto da constituição.

Bohemia — O cardeal principe-arcebispo de Praga enviou a Roma duas costellas extrahidas do corpo de S. João Nepomeceno; porque a Santa Sé lhe havia manifestado desejos de possuir esta reliquia.

Polonia. — Escrevem de Varsovia que d'alli desapparecera a colera, e que ha muitas conversoens de protestantes e judeus que escaparam á epidemia.

Russia. — Dizem da Russia que o famoso apostata, bispo Siemaszko, dirigiu ao clero a quem arrastou ao scisma em 1839, uma circular manifestando que Deus lhe concedeu a graça de lhe fazer conhecer o seu crime, e que vae fazer penitencia n'um convento até o fim dos seus dias para se purificar. Conclue supplicando ao clero e pessoas que extraviou do verdadeiro caminho, que voltem ao seio da nossa Santa Madre Egreja.

OUTUBRO 16. 1852. — N.º 42.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O DEISMO.

VIII.

Platão a exemplo de Socrates, de quem foi discipulo, admittiu tres principios eternos — Deus, a materia e a ideia, ou o modelo, segundo o qual Deus tinha feito todas as coisas.

Herocles intentou provar que Platão tinha reconhecido a creação da materia, e ainda que seja certo que se encontram nas suas obras algumas expressoens favoraveis a esta opinião, no entanto ha outros logares delle, em que se diz tão claramente o contrario, que não admitte a mais pequena duvida sobre qual fosse a sua verdadeira doctrina.

Plutarco quer, que Platão admittisse dois principios intelligentes, um bom, e outro mau. Sobre a formação do Universo a doctrina de Platão era — que a materia não tinha ao principio fórma alguma determinada e que movendo-se irregularmente, Deus, que prefere a ordem á desordem, convertera a materia em quatro elementos, formando delles o mundo e todas as coisas, conforme o modello, que tinha em si mesmo: que Deus tinha dado ao mundo uma figura esferica como mais perfeita e uma alma intelligente; porque um ser animado, é mais excellente que um ser inanimado.

Elle pertendia, ainda, que o mundo era incorruptivel, não por sua naturesa, mas pela providencia, que o preserva de toda a corrupção: elle queria ainda que não sómente o Universo fosse animado, mas ainda as differentes partes delle, que elle dizia, serem deuses inferiores ao Deus supremo, mas superiores aos homens, e por isso dignos de serem honrados por elles: elle fazia dos corpos celestes deuses; suppunha mesmo que a terra era um Deus, e dos mais antigos que existiam no mundo sublunar e criticava a Anaxagoras, que concebia os planetas e as estrellas como seres inanimados.

Anaxagoras não fez intervir a divindade na formação do Universo senão quando de outra maneira não pôde evadir-se das difficuldades que o embaraçavam; de resto concedeu tudo ás forças da naturesa.

Empedocles parece ter seguido o systema dos atomos

Archelau admittiu como primeiro principio um sem numero de particulas similares, ainda que outros querem que elle reconhecia um ar infinito, que se convertia já em fogo, já em ar, segundo a differente temperatura a que se chegava.

Anaxagoras e Archelau supposeram os homens produzidos pelo calor da terra, que lhe ministrou um alimento viscoso similhante ao leite, reproduzindo-se depois pela união dos dois sexos.

Plutarco reconhece expressamente a eternidade da materia, declarando explicitamente, que não podia ser tirada do nada. Este filosofo não podendo explicar a origem do mal, por não poder attribui-lo a um ente essencialmente bom, ou á materia por ser um sugeito passivo, elle admitte outro principio co-eterno a Deus e á materia, ou um genio malfazejo; e para dar mais peso á sua opinião elle ajunta aos argumentos a authoridade, pertendendo mostrar que foi esta a crença de todas as naçoens e dos mais sabios filosofos da antiguidade.

Se a brevidade a que me propuz me permittisse lançar a vista sobre todos os outros filosofos, reproduziria outros desvarios como estes: mas para que me hei-de cançar mais, depois de ter fallado desses chefes de seita, que tiveram numerosos discipulos e que formaram escólas, que tão famigeradas foram no mundo? Eis-aqui a que os filosofos chegaram pelas suas investigaçoens, e ao passo que se perdiam n'um labyrintho de erros e de opinioens monstruosas sobre a primeira origem das coisas, alguns povos formavam uma ideia mais ou menos distincta da creação do Universo referindo-se ás ideias tradiccionaes, que tinham recebido da mais remota antiguidade, entre os quaes podia referir os toscanos, os druidas, os magos, os persas e outros.

Mas á vista dos absurdos e opinioens monstruosas dos filosofos, que são o Deucalião e Pirrha, a idade de ouro e a idade de ferro celebradas nos poetas, o elefante na India sustentando o globo; o homem sahido de uma concha no Groenland; a grande lebre no Canadá; o sol creador do Perú; o nascimento de Askus e Emla na Scandinavia?

Neste montão de desvarios do espirito humano sobre a origem do mundo quem não ficará surprehendido de admiração á vista da narração de Moysés tão bella, tão simples, tão rasoavel e tão natural sobre a creação e o destino do homem? Quem poderá desconhecer a differença immensa entre o erro grosseiro e a verdade sublime, entre a puresa do original e a corrupção das cópias, entre a tradição verdadeira e as viciadas?

Qual é aquelle que tendo lido a narração de Moysés terá deixado de notar a correspondencia e a harmonia do todo com cada uma das suas partes formando esta unidade maravilhosa, este bello quadro que patenteia o genio e habilidade do artifice seu auctor. Que se póde conceber de mais alto e sublime, de mais magnifico e mais conforme com a rasão e com a grandesa do Ser Supremo do que este Deus de Moysés no principio dos tempos tirando o homem e todas as coisas do nada só pela força da sua palavra; dizendo: — faça-se a luz — e a luz immediatamente allumiando todo o Universo, suspendendo o sol no meio de uma abobada immensa, attrahindo á roda de si todos os planetas como se dominasse sobre elles como se viessem festeja-lo e render-lhe suas homenágens; cobrindo a terra de arvores de fructos, planetas, vegetaes para regalo do homem, balanceando emfim sobre o globo as montanhas e os mares, como para annunciar este feliz consorcio de que Deus é o sacerdote supremo, a terra o leito nupcial e o genero humano a posteridade.

Porém se os filosofos só disseram coisas absurdas so-

bre a origem do mundo, elles não mostraram mais que ignorancia sobre o nosso destino.

A immortalidade d'alma, este dogma tão importante, a base da moral e o fundamento dos nossos deveres, em que repousam a tranquilidade publica, e a segurança individual, os direitos de todos e de cada um em particular, por nenhum sabio, por nenhuma seita foi definido com claresa: algumas vezes o reconheciam, outras vezes o combatiam: ora era apresentado como um desejo do coração, ora como uma duvida da rasão: emfim este dogma tão transcendente não era mais que um objecto de disputa e de controversia filosofica e quasi um jogo d'espirito para todos os filosofos.

Socrates ao despedir-se dos seus amigos para ser conduzido á morte exita sobre a immortalidade da alma elle duvida, que alguma coisa sobreviva de nós, ou se tudo se confunde no tumulo: elle indica que o conhecimento desta verdade só pertence a Deus.

Cicero, quando nas suas obras falla da immortalidade d'alma não a apresenta como uma verdade demonstrada e infallivel, mas umas vezes como uma opinião verosimil, ou provavel = *Quævis*, diz elle, fallando da immortalidade d'alma, *ut potero, explicabo, nec tamen quasi Pithius Apollo, certa ut sunt, et fixa, quæ dixero; ultra enim, quo progrediar, quam ut verosimilia videam non habeo* — outras vezes como um desejo do coração, de que a rasão pouco se convence — *Nescio, quomodo, dum lego, assentio: cum posui librum, et mecum ipse de immortalitate animorum cœpi cogitare, assentio omnis illa elabitur. L. 1.° quest.* E é por isso que elle trata a immortalidade d'alma como uma questão academica, em que é permittido argumentar pró e contra; e assim o mostra elle; porque depois de muito discorrer, ou ter dissertado largamente sobre esta materia, se não lisongea de ter dissipado todas as duvidas, ou de ter chegado ao pleno conhecimento da verdade; e por isso conclue que nos devemos sugeitar com gosto á lei da morte; porque, ou ella nos leva a melhor vida, ou nos priva de todo o sentimento = *ut, aut in æternum, et plane in nostrum domum remigremus, aut omni sensu, molestiaque careamus. Tusc.* 1.° § 49.

E' por esta mesma liberdade filosofica que elle n'um logar ridiculisa, como pueril; o temor da outra vida destruindo assim toda a importancia desta verdade, pois de que serve acreditar na immortalidade d'alma se se não teme a outra vida, ou se não tem influencia sobre a nossa conducta? e n'outro dá como pouco verosimil o que pouco antes julgára ser muito *Cic. de natura deorum lib.* 2.°

Cousa notavel, Cicero tendo discorrido sobre a immortalidade d'alma não lhe parece te-la demonstrado, antes manifesta claramente as suas duvidas, e Lucrecio empenhado em destrui-la deixa escapar, (tanto póde a força da verdade) que se não convence do que disse, e que dá como certo para os outros, o que elle para si não reputa que o seja: eis-aqui como se explica:

Ignoratur enim quæ sit natura animæ
Nata sit, an contra nascentibus, insinuetur
Et simul intereat nobis cum morte direpta.—Luc. L. 1.ª

Seneca chama á immortalidade d'alma um sonho lisongeiro.

Cesar fazia zombaria della á face do senado. Tacito parecia concede-la como privilegio, ás almas dos homens grandes — *Si non cum corpore magnæ animæ extinguuntur, placide requiesce*, diz elle fallando da morte de Germano;

Uma grande parte dos filosofos antigos regeitavam-na sem disfarce, e de muitas passagens de Homero, de Hesiodo, de Pindaro, de Climaco, de Lucrecio, de Virgilio, de Ovidio, de Juvenal, e d'outros se deprehende claramente, que o dogma da immortalidade d'alma e da outra vida não passava de um problema sobre que tomavam a liberdade de discorrer já de uma já de outra maneira, sem que pertendessem resolve-lo.

No tempo de Augusto a libertinagem de espirito tinha chegado a ponto que este dogma se ridiculisava nos theatros e se cantava nelles publicamente — *post mortem nihil est, ipsaque mors nihil, spem ponant avidi, soliciti metum.* E' isto o que faz dizer a Bossuet que antes de Jesus Christo a immortalidade d'alma não era um dogma reconhecido, e que mesmo entre os judeus, apesar de terem na escriptura a certesa d'uma vida futura, fazia tão pouco este dogma o fundamento da sua constituição religiosa, que os saduceos, sem o reconhecerem, eram admittidos ao sacerdocio — *C'est un des caractères du peuple nauveau, de poser pour fondement de la religion, la foi de la vie future, et ce devait être le fruit de la venue du Messie. Disert. sur l'histoire univ.* 2.ª *parte.*

Alvaro Vaz Correa de Seabra da Silva.

O CHRISTIANISMO E O FILOSOFISMO.

II.

Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.

MATH. *cap.* 16 *vers.* 18.

O MAIS forte contendor milita sempre ao santo serviço do Christianismo: sua causa é a da humanidade, o peito do Salvador seu impenetravel escudo, sua divisa a fé constante, a verdade seu glorioso trofeu e sua corôa inaufferivel o eterno descanço junto ao throno da immortalidade.

Seu *estandarte* sagrado alçado sobre o Golgotha tremulará em todo o sempre inexpugnavel, ora sobre o altar do sacrificio, ora sobre a cupula do campanario, como a bandeira do tempo sobre o castello da eternidade..... ondulando sempre incorrupta e inabalavel mau grado o continuo vendaval do volver de todos os dias.

Toda a vez que á face de novas cohortes de perfidos alliados, ou barbaros inimigos é preciso hastea-lo e defender-lhe a base, um innumero concurso de valorosos e dedicados soldados disputam entre si a gloriosa palma de guia-lo á victoria por toda a parte que o contumaz filosofismo, sob o já gasto pretexto de desforçar as liberdades humanas, e deificar a *rasão!* armado de asquerosos sarcasmos e bifornes sofismas (armas sordidas, forjadas na hedionda officina do inferno, sobre a immunda bigorna da torpe mentira, pela mão nefaria e requeimada da inveja satanica!) ousa levantar-lhe novas barricadas, a despeito de tantas derrotas soffridas quantas batalhas guerreadas; donde jámais, esse inimigo commum do Christianismo e da sociedade, colheu outros despojos, que as palpitantes entranhas de milhares de victimas humanas, immoladas ás suas *brutaes e ferinas ambiçoens* sobre o nefando altar do *anti-christão egoismo!* Eis emfim a terrivel realidade em que se traduzem tantas promessas fabulosas, com que embalam a boa fé do espirito humano, sempre disposto a crêr na possibilidade de uma perfeita ventura sobre a terra do desterro, que transitamos todos rodeados, sempre das fadigas inherentes a uma viagem tão activa no tão curto espaço desta primeira vida!

Ainda assim se uma ou outra vez nos abandona Deus a nossos proprios recursos, é só para nos acordar nossa fraquesa e apoz ella, nossos deveres; uma vez reconhecidos, a Providencia vela sem intermissão sobre nossas necessidades, e o mais forte contendor continua a militar pela causa da sociedade, que é a causa mesma do Christianismo, contra quem não prevaleceráo as portas do inferno. *Et portæ inferi non prævalebunt adversns eam.*

Se uma seita pois de Arianos se levanta sob as ordens do ambicioso Heresiarca da Cyrenaica, que perfido a seu sagrado ministerio principiou em 312 a prégar um complexo de *paradoxos* que elle denominava *doutrina religiosa*, combatendo a *unidade e comsubstancialidade da Trindade Sacro-Santa, a Divindade de Jesus Christo, &c.* tomam, entre tantos varões conspicuos, a dianteira, Athanasio e Alexandre celebres bispos da Alexandria, e enristando por toda a parte que a falsa doutrina apparece, a lança inconcussa das verdades revelladas, que chegam até nós e continuarão por diante seu caminho á posteridade, viajando socegadas nas sagradas paginas da historia unica, e na fé da tradição universal e concorde, levaram o

destroço ás filas inimigas, que mais tarde jazeram sem alento e sem crença junto aos pés piedosos da caridade christan, essa filha legitima do céu, e de Deus a mais amada, que desde logo os recebeu no hospital dos invalidos da fé, e lhes curou com piedade as chagas asquerosas de seus perniciosos erros; e ainda que esta heresia tomou seu vulto ao nascer pelo apoio de Eusebio bispo de Nicomedia, e do imperador Constantino, e mais tarde pela decidida protecção de Constancio e outros dos seus successores, ella teria morrido da mesma colica que o seu instituidor (condemnado ao anathema pelo primeiro concilio Ecumenico, o de Nicéa, e por outros, e á morte pela SS Trindade que elle negára, na sua pretendida entrada triunfal na egreja, e subida ao patriarchado d'Alexandria) se a incursão dos barbaros lhes não viesse dar calor e actividade; pois que só nos estupidos e feros coraçoens dos vandalos, dos borgonhezes e dos lombardos, pode essa seita, filha legitima do *egoismo* adquirir uma vida de 348 annos que terminou emfim pela abjuração de Ariberto I, ultimo rei ariano dos lombardos; porque os dias e as noites se transmittiram em sua muda linguagem a verdadeira sciencia, e os mortaes não poderam deixar de escutala, como eloquente e simplesmente nos ensina o Psalmista:

Dies diei eructat verbum,
Et nox nocti indicat scientiam.

Se os discipulos de *Manés* se agitam na solução do grande problema da existencia de um Deus, que se compadeça com a heterogeneidade da existencia do *bem* e do *mal* que elles attribuiam a *dois principios necessarios e independentes*, do centro de suas proprias falanges lhes deserta o mais habil e corajoso de seus soldados, e corre a depôr suas armas aos pés de um dos mais famosos *centurioens da milicia christan*, o celebre bispo de Milão, Santo Ambrosio, cujas virtudes respeitou e temeu a propria espada de Theodosio o *Grande*, e abjurando seus erros vai esse mesmo soldado, o primeiro padre da egreja latina, instituidor dos seminarios (Santo Agostinho nascido em Tagaste na Numidia no anno 354 de um pai pagão, e de mãe christan Santa Monica) levar a devastação ás columnas do exercito em que outr'ora militára, e cuja causa agora debate com coragem e lealdade, fazendo publica a mais ingenua confissão de seus erros, para eterno opprobrio do egoismo, e da hypocrisia dos fatuos e cobardes inimigos do Christianismo, que ora procuram encobrir-se com uma já desbotada capa de virtude, em quanto não apparece algum novo Behram, que cioso da verdade lhes descubra as ulceras da mentira, que cuidadosamente encobrem sob a rugosa pelle do torpe embuste; sorte bem merecida que coube tambem ao ousado escravo Maniqueo auctor da mesma heresia, que acabou por ser esfolado vivo em 274, por ordem do principe Behram, successor de Hormisdas, que então presidia aos destinos da Persia: *Talis vita finis ita!*

Se um Luthero, se um Calvino em summa, ousam levantar seu collo lá do immundo lodaçal de paixoens ignobeis, atirando ao Christianismo C. A. R. uma luva sordida de suas ambiçoens e vinganças nefarias, mau grado o nojo que causa, uma longa cohorte de *esforçados propugnadores* alevantam sem medo e sem receio mesmo, até que Bossuet o *invencivel* Benigno Bossuet veste as armas, trava a batalha da discussão para de logo fazer succumbir sob o duro *açoute* do sabre irresistivel de sua rasão esclarecida nos *altos mysterios* da fé do Christianismo, os perfidos inimigos da sociedade humana, partos abortivos de um filosofismo tão absurdo quanto impraticavel, tão fatuo quanto pretencioso, cujas doutrinas todas reunidas e ornadas de seus mais fortes argumentos, ou antes de seus sarcasmos e sofismas, não poderão por uma só vez, um momento sequer eclipsar a luz da verdade que reflecte espontaneamente de cada um pensamento, de cada uma expressão desse genio encantador, como do astro do dia, quando allumia lá do firmamento; cada uma de suas palavras symbolisa uma estrella no céu e uma victoria na terra; as almas como as espadas cedem ao seu impetuoso impulso; até a do mesmo Turenna não ousou resistir-lhe.... ah! como é forte a palavra do Deus humanado explicada aos homens pelos verdadeiros orgãos do Christianismo! O proprio vencedor do Grão-Condé, esse novo colosso da França, cujo bronzeo peito não poderam penetrar centenares de imperiaes bayonetas, é atravessado pela palavra de Bossuet, e seu inexoravel coração impenetravel sempre ou insensivel á terrivel harmonia das trompas e bombardas de mistura com o roncar dos obuzes e clarins, não pôde resistir um momento sequer ás columnas do fogo da verdade que, como do rouco Etna as lavaredas, se despediam em turbilhões da bocca do grande orador christão, sem os apparatos de guerreiro, bem longe do tremendo campo da batalha, no pacifico recinto de um templo de Christo, onde o silencio mysterioso e eloquente das campas, de harmonia com o doce som de hymnos sagrados, qual brisa suave em noite tranquilla soprando brandamente aos ouvidos do pensador profundo absorto na contemplação de tantos luseiros inimitaveis, que povoam um firmamento de anil como testemunhas fieis da sapiencia e poder divino, murmura melancolica e insinuante aos ouvidos de todos os mortaes; o mais forte contendor pois, repito ainda, milita sempre sob o estandarte da Christandade que jámais será derribado pelo poder do inferno. *Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.*

Restava porém ainda aos *delgados labios* da hedionda avaresa soprar sua garrocha de perfidia sobre a inabalavel crença de tantos seculos; e os beiços *originaes* do *afilado* Voltaire cumpriram de prompto tal missão: está proxima, dizia o *espirito forte do sabiundo mestre* Francisco Maria Arouet e de seus affeiçoados discipulos, está proxima a época do triunfo do *filosofismo* sobre as *verdades revelladas do rançoso Christianismo*, e a presagiada sentença que condemnava á morte repentina a crença inveterada de *fanatiqueiros* avós foi victoriada com uma interminada salva de estrondosos apoiados desde logo correspondidos pelo monotono e descompassado som de uma voz, que lhes era bem semelhante: a do Cerbero trifauce, porteiro-mór do Pandemonio de suas sessoens; força era pois não despresar o ultimo momento de combate para que se não traduzisse ainda mais esta vez em *vergonhosa burla* o cataclysmo preconisado que hia mergulhar no seio de sua innundação o signal da salvação, a *cruz do Salvador!* mas como a dura experiencia lhes havia mostrado que uma discussão séria e franca era impotente para obter a completa victoria que elles anteviam em meros sonhos, força lhes foi recorrer a outro genero de armas; e nos saloens explendidos das madamas Geoffrin, Tencin e outras, ornadas de artesãos dourados e engrinaldadas de flores d'arte, encontraram o *cynismo* do *mestre* Voltaire, e a *leviandade* de Fontenelle ao calor das iguarias, e ao perfume dos licores, vastos arsenaes onde refundir e aperfeiçoar as armas abjectas do *sarcasmo* e do *escarneo*, com que perfidamente atacaram a *santidade dos livros de Moysés, a fé dos Profetas* e por consequencia a *Divindade de Jesus-Christo, etc., etc.*, desgraçados contendores que não ousam encarar de face o vulto severo e pio do Christianismo! e ainda assim.... desgraçadamente crearam *proselytos!* ....

« E' que os tempos, como disse o sabio De Lourges, « surpreso de dôr e de indignação, estavam maduros para « a impiedade! os costumes licenciosos gerados nos ulti- « mos annos do precedente reinado, que se occultavam « em rasão do respeito ao temor que ainda infundia o mo- « narcha, se mostraram despejadamente em toda a sua « nudez. Quem prégou a incredulidade, ja não foi o fi- « losofismo, foi a devassidão! antes dos francezes apren- « derem a descrêr, haviam aprendido a não obrar. O « atheismo foi systematisado por isso que já a maior par- « te dos homens punham nos prazeres e deleites materiaes « o unico cuidado da vida. Os sofistas d'então, á imita- « ção dos que antes delles foram, nada mais fizeram que « aproveitar-se das disposiçoens que occorriam. A semen- « te depositada na mente humana não fructifica, senão « quando uma causa anterior a dispõe para a fecundação. « Um systema não deita raizes nas intelligencias, senão « quando certas necessidades, que se coadunam com os « principios delle, lhe facilitam a assimilação, e o agei- « tam ao temperamento da época em que elle se manifes- « ta. Sem opportunidade não ha doutrina opportuna, e « em igual paridade a este respeito se acham a verdade « e a mentira, com a differença, porém, que a primei- « ra subsiste, e a segunda passa. » Assim parecia triunfar o *racionalismo* supplantando a verdade, e propalando

a mentira! e nenhuma voz se levantou acaso para anathematisar essa filha espuria da desvairada rasão divorciada da verdade e ornada com os seductores enfeites da prostituição que satisfazia, ou antes, entretinha as damnadas e exterminadoras paixoens de seus adoradores?! Oh! não façamos essa injuria ao bom senso da humanidade; ao contrario, a voz commum do mundo todo eccoou unisona e grave aos surdos ouvidos dos *pseudo-sacerdotes da rasão*: Malvados, lhes bradou, quereis acabar com a nossa sociedade, a filha mais querida do Christianismo?!.... Elles porém conservaram-se ainda surdos a esses clamores; sua obra satanica continuou ainda por diante; a rasão devia ser deificada.... ella porém foi a victima, o altar, a guilhotina e a mais hedionda ambição, o idolo mais caro de suas funestas adoraçoens: sobre esse altar infando correu o sangue do *justo* de envolta com o do *criminoso!* assim era preciso; o mundo enludrado por este, precisava ser lavado por aquelle; e o nosso reprehensivel desleixo, a nossa criminosa tolerancia carecia uma punição! ella chegou!.... A'lerta, pois, soldados da fé catholica, álerta; a reincidencia no crime importa como consequencia necessaria a reincidencia na pena, e esta costuma augmentar tantos graus, quantas são as vezes que naquelle se reincide.... e a segunda lição será mais severa que a primeira!.....

E' esta uma incontestavel verdade, é esta a convicção inabalavel do

NAZARENO *(Padre Paiva.)*

GRITO D'ALARMA EM FAVOR DAS ORDENS RELIGIOSAS.

De todos os paizes da Europa, em que a revolução fez preza, Portugal e a Suissa sam os unicos daquelles que fechando as portas aos frades, e empolgando-lhes os bens ainda lhas conservam fechadas, e se privam dos immensos beneficios, que os frades lhes teem prestado, e estam prestando a todo mundo.

Imitando os governantes desta malfadada terra bastante do que nos paizes estrangeiros viram, ou se lhes antolha de presente, sem discriminarem o bem do mal, e sem verem a applicação que póde ter em harmonia com os uzos, habitos, indole e preconceitos do povo portuguez, nem porisso se dam pressa em restabelecer todas, ou pelo menos algumas casas de religiosos.

Está França e Inglaterra cheia de conventos de frades de todas as ordens. Estam-se criando ordens novas, todos os dias com vantagem manifesta d'aquelles povos e dos longinquos, aonde sam enviadas em missão, e Portugal, o religioso Portugal permanece apathico, immovel e sem vida no meio deste movimento e resurreição geral!

A Hispanha que tanto tem influido em nossos destinos, aonde se estam tomando modelos de mais d'uma especie, já o seu governo restabeleceu os Esculapios, os Congregados de S. Filippe Nery, os da Missão de S. Vicente de Paulo; e dispoem-se a condescender com os povos, que lhe pedem de todos os lados o restabelecimento de todas as outras ordens, e com especialidade o da illustre Companhia de Jesus, que tanta falta faz para a educação da mocidade e moralisação do povo.

As congregaçoens de religiosas do sexo feminino tiveram alli permissão para admittirem profissoens, e n'um seculo tão material e corrupto logo acudiram immensas jovens a alistarem-se debaixo das bandeiras da religião: umas como Maria para contemplarem e orarem ao divino Esposo, e outras como Martha para alem disso se empregarem na educação do seu sexo, e aliviarem a humanidade enferma.

E é nesta mesma occasião, que em Portugal se dispoem a extinguir esses restos da piedade, e bom juizo de nossos maiores — esses conventos de freiras, escapos á rapacidade dos reformadores de 34?

E qual o fim que teem em vista com esse acto de brutal vandalismo?

Recolher alguns poucos bens e deterioradas cazas para as tornarem antros de depravação, a troco de mingoados cobres, que, sem utilisarem ao paiz, hirão cahir no abysmo insondavel por onde se tem escoado as riquezas e fortuna de Portugal.

Acaso devemos soffrer impassiveis que, no segundo quartel do seculo XIX, quando toda a Europa reage contra as falsas doctrinas e os falsos doctrinantes, e lhes oppoem a barreira das ordens religiosas, sejam fechadas as cazas das virgens do Senhor, e sejamos privados dos beneficios que os religiosos podiam prestar-nos e de que tanto carecemos?

A instrucção publica resente-se da falta das aulas, que os religiosos sustentavam entre nós com tanto lustre, como podemos provar todos os que fomos discipulos dos franciscanos, dos congregados, dos cruzios e dos jesuitas.

Os parochos carecem de quem os coadjuve no seu santo ministerio; e as missoens que devemos a alguns bons ecclesiasticos, e expulsos filhos das ordens religiosas, bem evidentemente teem mostrado, nos ultimos tempos, a grande falta que fazem as ordens religiosas.

Os chefes de familia, mais do que nenhuns outros teem interesse no seu restabelecimento, não fallando nos pobres, e nos enfermos de corpo e espirito.

Cumpre, pois, que todos aquelles que se interessam pelo bem estar desta nossa infeliz patria, e pelo lustre da religião sancta de Jesus Christo empreguem todos os meios para conseguir o restabelecimento das ordens regulares, e tambem a conservação das pobres religiosas, que tam ameaçadas estam na sua existencia.

Quanto a nós não deixaremos nunca de pugnar por uma causa tam santa e justa.

Conserve embora o governo os bens de que os espoliou; porem conceda-nos os frades, que nós os portuguezes lhes daremos caza, e curaremos da sua sustentação.

Mendoça e Mello.

LIVROS MAUS.

I.

A arte de tornar publicos pela imprensa os pensamentos do homem, e de divulgar as producçoens do espirito humano, é sem duvida uma arte divina, quando a letra exprime a san doctrina e a moral pura, como a verdade que provém de Deus.

Se ouvirdes a S. Basilio, elle vos dirá que os livros são o sustento da alma: porque assim como a comida conserva, reanima e fortalece o corpo, assim os livros com a sua sciencia, com a sua doctrina dão vigor á alma, alimentam o espirito, instruem, deleitam, e para assim dizer constituem o homem no maior, ou menor grau de *racionalidade*. Estes são os effeitos d'um livro bom. O contrario succede com os livros, cujas theses são erroneas e falsas, destructoras dos costumes sãos e honestos, e depravadoras da boa moral.

Em todos os tempos teem apparecido homens, que com suas maximas absurdas, e irreligiosas atacaram a religião, e offenderam os verdadeiros principios. Em todos os tempos teem havido auctores desvairados, e livros impios; porque a impiedade não é patrimonio de nenhum seculo, porque o erro tem sempre tido patronos, porque a verdade em todo o tempo tem sido o exclusivo d'alguns. Mas nos impios escriptos do seculo XVIII e XIX nota-se uma impiedade systematica. Sim, a imprensa com a rapidez do relampago tem innundado as naçoens com as producçoens mais impias, e tem feito correr as suas obras até á mais obscura aldeia. Nas cidades, nos campos, no palacio, na choupana, no paiz civilisado, no barbaro, em toda a parte tem penetrado o erro e a mentira enfeitada com os atavios do bom gosto, e da moda.

Já no seculo XII dizia S. Bernardo ao papa Innocencio Epist. 189: « Os livros espalham-se por toda a parte: introduzem-se nas cidades e castellos. Apresenta-se a todos o veneno sob o mel da eloquencia; as trevas em logar da luz. Passam de uma nação a outra, de um povo a outro. Préga-se aos povos um novo Evangelho, propoem-se-lhe nova crença; lança-se novo ali-

« cerce ao edificio da religião. » Que diria este santo, se vivesse no nosso seculo, em que a impiedade tem destruido todos os principios sociaes e religiosos?... Que diria elle, se visse as nossas bibliothecas pejadas de romances obscenos, e corruptores dos bons costumes?... Que diria elle, se visse a mocidade, revolvendo dia e noite livros perniciosos, partos da incredulidade, e d'um scepticismo estranho aos nossos maiores?..

A impiedade tem semeado o erro em tudo: nada tem escapado ao seu machado destruidor. Os mais caros sentimentos do coração, os laços que prendem o homem na sociedade, a virtude, a moral e a religião tem sido ameaçadas de morte, e consideradas como prejuizos dos homens da velha geração. O veneno corre por toda a parte, e ahi vão os leitores, com o pretexto de bellesa da lingua, elegancia d'estylo, energia de pensamento, e de força de eloquencia, aprender uma sciencia turgida de principios immoraes, e d'uma corrupta moral. Os bellos typos, o bom papel e a commodidade do preço servem d'armadilha aos que se illudem sobre o fundo da doctrina. Mas nós lhes responderemos com Origenes: *Olha que não sejas enganado pelo explendor da obra, nem attrahido pela bellesa do estillo.* Não se podem calcular os males, que se seguem d'uma perversa leitura.

J. V. N. C.

Como um dos fins, porque se concedeu a Bulla da Santa Cruzada, foi para ser empregado o seu producto na abertura e sustentação de seminarios, e chegasse o mez d'Outubro sem que elles se abrissem, vamos dar noticia do plano d'estudos dos d'Hispanha, que já começaram a realizar-se, a fim de que sirvam de governo aos que nos governam.

Fiquem, no entanto, certos de que, se não abrirem os seminarios antes da quaresma, os rendimentos da Bulla não chegarão para sustentar o tribunal que criaram em Lisboa.

Houve muita gente que comprou a Bulla para experimentar a boa fé dos governantes, e que deixará de a comprar se vir frustradas as suas esperanças. E depois de desacreditado um estabelecimento fica per si mesmo extincto.

Pedimos em nome da patria que se remedeie este mal, se ainda é tempo, e que olhem para o modo serio como a visinha Hispanha vae tratando as coisas religiosas. Não é com palavras, é com obras como a seguinte:

Real Cedula de 28 de Setembro de 1852, para o estabelecimento d'um novo plano d'estudos para os seminarios conciliares de Hispanha.

A Rainha. — Reverendissimos em Christo Padres arcebispos, reverendos bispos e vigarios capitulares *Sede vacante* das egrejas da monarchia. Bem sabeis que desde a promulgação do Santo Concilio de Trento nesta, teem sido constantes e mui repetidos os esforços feitos por meus augustos progenitores para sua execução quanto aos seminarios conciliares, procurando com o mais activo zelo pela sua parte em umas diocezes a sua reforma, em outras o seu regulamento e em todas o seu estabelecimento, para o que tiveram de contribuir em muitas com os meios necessarios. Estipulado solemnemente na ultima concordata que os seminarios devem reger-se conforme os decretos daquelle santo concilio, e convindo expressamente com a Santa Sé que o espirito do seu artigo 28 tem por objecto deixar em cada diocese aos Prelados a liberdade de regular do modo que julguem conveniente os estudos que tenham de fazer-se em seus respectivos seminarios, sempre que os seus effeitos se limitem unicamente á carreira ecclesiastica; para conseguir a opportuna e necessaria uniformidade e homogeneidade destes estudos, sem prejuizo da liberdade que a cada prelado corresponde em sua propria diocese, entabolou o meu governo com o Reverendissimo Nuncio de Sua Santidade nesta côrte as conferencias a que alludia a minha ordem que vos communicou em 10 d'Abril proximo passado o abaixo assignado meu ministro de graça e justiça, annunciando-vos entre outras coisas que o mesmo Nuncio se dirigiria logo aos diocesanos, a fim de obter com o seu concurso a formação d'um plano d'estudos para os seminarios, que em outra minha ordem communicada pela propria via em 31 de Agosto ultimo, vos avizei teria de publicar-se proximamente. E agora Sabei: que o Reverendissimo Nuncio o dirigiu já ao meu ministro de graça e justiça em communicação de 21 do corrente, cujo theor e o do plano é o seguinte:

« Convencionado expressamente entre a Santa Sé e o governo de s. m. catholica que o espirito do disposto no artigo 28 da concordata, tem por objecto deixar aos dioecezanos a liberdade que pelos sagrados canones lhes compete, de regular do modo que julgem conveniente os estudos em seus respectivos seminarios, sempre que os seus effeitos se limitem unicamente á carreira ecclesiastica; dictadas alem disso por conseguinte as opportunas disposiçoens para que em todos elles se confiram os gráus de bacharel em theologia e canones, e designados por ultimo os 4 em que até o estabelecimento das centrães se devem receber na devida forma os de Licenciado e Doctor nas mesmas faculdades, urgia a redacção d'um plano geral d'estudos para os seminarios, uniforme e homogenio ao menos em suas bazes, em attenção á conhecida conveniencia e grande interesse que a egreja tinha em que assim se verificasse. Para esse effeito, não querendo prejudicar no mais minimo o direito peculiar dos Prelados, e intimamente convencido de que nada tão natural e justo como que o indicado plano procedesse do Episcopado, não obstante que em todos os senhores bispos concurriam os correspondentes conhecimentos para me illustrarem, julguei sem embargo mais expedito consultar aquelles que pela especial circunstancia de se haverem dedicado muitos annos ao ensino publico, me podiam proporcionar mais facilmente os materiaes para o apetecido plano. Correspondendo completamente aos meus desejos cada um dos mencionados senhores bispos, remetteram-me ao mesmo tempo os seus respectivos trabalhos, em vista dos quaes formei um projecto que dirigi a todos os diocesanos, com o fim de que me fizessem á cerca delle quantas observaçoens julgassem uteis ou necessarias. Reunidas estas, em que com summo prazer adverti a illustração e zelo que tanto distingue os prelados d'Hispanha, redigiu-se definitivamente o plano de estudos, que adjunto tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª para seu conhecimento, rogando-lhe se sirva dar-lhe publicidade conjunctamente com esta minha communicação na *Gazeta* do governo, para que possa chegar á noticia d'aquelles a quem interessa.

(Continua)

A HUMILDADE.

Poesia dedicada a S. Francisco d'Assis.

Onde, espiritos mundanos
De vossa gloria os brasoens?
Vossos esforços insanos
Que alcançam das geraçoens?
O mundo ingenuo que ha visto
Em vós, de grande, como isto
Que nos simplices em Christo
Enche de pasmo as naçoens?

Mostra as palmas da victoria,
Victima do proprio amor!
Tu não crês que só dá gloria
O desinteresse e o valor?
Na terra erma de venturas
Se apenas buscas doçuras,
Sabio vão, como procuras
D'homens sensatos louvor?

Não córas vendo as asp'resas
Do homem que a Cruz só quiz?
Como executa proesas
Pelo nome que bemdiz?

Como armado dos cilicios,
Buscando só sacrificios,
Combate da carne os vicios,
Na morte se crê feliz?

E' que a gloria verdadeira
Foge da humana ambição,
Quando c'rôa, prasenteira,
A humildade do christão.
Dessa cohorte tão brava
Que a tyrannia affrontava
Nas frontes nobres brilhava
A mais pura abnegação.

Que bens produz teu exemplo
Virtude casta e tão san!
Tu fazes (não só no templo)
Toda a creatura irman.
Que transformaçoens tão bellas!
O pobre tu não rebellas,
E o rico ao pobre anivelas,
Santa humildade christan!

Era de corrupção talvez foi essa
Em que um Homem de Deus, fugido ao mundo
Pôde ao mundo prestar licoens divinas.
Trouxe ao grande ao plebeu justa egualdade:
D'opulentos senhores anjos formou,
De sordidos escravos creou filhos,
Fez renascer as honras do infortunio,
Fez amar como irmãos homens oppostos,
E fugindo da gloria, humilde e pobre,
A pobresa exaltou, cobriu de gloria.

Quem operava na Galia
Mudança tão salutar?
Tanta conversão na Italia
E toda a terra a mudar!
Deste santo, o exemplo era,
Que da penitencia austera
Ousára a escóla fundar.

Cinge a corda do culpado,
Sobre o fato do infeliz;
E a este sabio humilhado
Se curvam regias cerviz!
E da esfera em toda a parte
Se eleva o novo estandarte
De Sam Francisco d'Assis.

Serafico Padre que aos gosos fugindo
Do mundo enganoso, buscaste os do céu
Aos homens que amaste a Christo seguindo
Das falsas doctrinas desfaz-lhes o véu.

Tem sempre c'os pobres bondades que usaste
A Deus como Pai os move a buscar!
Repete-lhes n'alma a voz que exhalaste
Da herança paterna ao vêr-te expulsar.

As chagas sagradas que Christo em ti lança,
Da patria d'Affonso já eram brasão;
Defende a Italia, condoe-te da França
Mas lembrem-te os filhos da lusa-nação.

Porto 4 de Outubro.

A. C. de Sousa e Vasconcellos.

ANNO CHRISTÃO.

OUTUBRO.

17 *Domingo.* S. Hedwige, filha de Bertoldo e Ignez marquezes de Moravia, foi, na edade de 12 annos, dada em casamento á Henrique duque de Polonia. Educando seus filhos no amor e temor de Deus, e ficando viuva, foi tomar o habito da ordem de Cister no mosteiro Trebnicense, onde perfeitamente desempenhou as obrigaçoens de seus votos. O quanto sua alma estava desapegada de todos os affectos terrenos o significou ella bem claramente, quando, á noticia da morte que seu filho Henrique duque de Silesia recebera na guerra com os tartaros, com um rosto muito sereno começou a encommendar-lhe a alma a Deus, dando ao mesmo Senhor graças por haver permittido que seu filho terminasse tão gloriosamente sua carreira. Deus a favoreceu com o dom dos milagres, e, fazendo-lhe saber o dia de seu transito, a levou aos eternos gosos. O papa Clemente IV, em vista de suas virtudes e milagres, a canonisou, e na Polonia é ella venerada pelos fieis como uma especial padroeira.

18. Segunda feira. S. Lucas Evangelista, seguindo primeiramente a profissão de medico em Antiochia, foi depois convertido por S. Paulo, a quem acompanhou em varias das suas peregrinaçoens apostolicas. Fundado nas tradiçoens que dos apostolos recebera, escreveu um evangelho em grego, o qual idioma bem se vê que lhe era familiar. Dos factos que elle mesmo presenceára escreveu um outro livro com o titulo de *actos dos apostolos*, o qual abrange a historia da egreja desde a Ascenção de Jesus Christo até ao segundo anno da residencia de S. Paulo em Roma. Viveu no estado de solteiro 84 annos, no fim dos quaes foi gosar o premio de suas virtudes e trabalhos, morrendo na Achaia, d'onde depois foi mandado trasladar para Constantinopla pelo imperador Constantino.

19. Terça feira. S. Pedro de Alcantara, nobre hispanhol, foi logo em menino um prodigio de virtudes, e aos 16 annos professou na ordem dos Menores, de que foi um austero reformador e observante. Confessor de santa Theresa, tambem a auxiliou na reforma que esta deu á ordem Carmelita. Renunciando a todos os prazeres do mundo, e sómente aspirando aos gosos do céu, empregou toda sua vida em merece-los, e effectivamente lhe foram dados por Deus quando contava 63 annos de edade Apparecendo depois em visão a Santa Theresa, lhe significou a gloria de que estava gosando nas seguintes palavras, que condemnam altamente o sensualismo de nossos dias: « O' feliz penitencia, que tão grande gloria me lucrou!! » Provadas suas virtudes, e o dom de milagres e profecia que vieram em abono da puresa e realidade das mesmas, foi inaugurado como santo pelo papa Clemente IX.

20. Quarta feira. S. João Cancio, natural da Polonia, teve decidida vocação para o estado ecclesiastico, e ordenado em presbytero, desempenhou as arduas e augustas funcçoens de seu ministerio com tal perfeição, que o papa Clemente XIII não duvidou declara-lo como santo.

Item. S Iria. A historia desta santa nos offerece mais um exemplo de quanto é perigoso um commercio muito intimo entre pessoas de differente sexo, que, segundo a frase de S. Jeronymo « são um para o outro *palha e fogo.* » Nascida de nobres paes em Nabancia (defronte do sitio onde hoje é a villa de Thomar) foi em menina entregue aos cuidados de Celio, abbade de um mosteiro benedictino que alli houve, e a fez entrar para outro de freiras da mesma ordem, onde lhe mandava, para a ensinar, um monge chamado Remigio, que gosava a todos os respeitos de boa e bem fundada reputação. Era porém homem, e pouco a pouco se deixou dominar de um culpado amor por sua discipula, até que chegou ao excesso de provoca-la á torpesa. Repellido em seu atrevimento, resolveu, no frenesi da desesperação, desacredita-la, propinando-lhe a bebida do decocto de uma erva, que elle sabia ter a virtude de fazer entumecer o ventre. Eis a heroica virgem suspeitada em sua reputação; o Britaldo (filho do regulo de Nabancia) que ardera em amor por ella, e cujos desposorios ella regeitára, se desatina com ciumes e encarregou a um seu escudeiro, chamado Banão, que a matasse. Elle assim o fez, e lançando o cadaver ao rio Nabão, passou deste ao Zezere, e depois ao Tejo, parando em um pego defronte da povoação naquelle tempo chamado Scalabis, e que hoje do nome de Santa Iria, ou Irena, se chama Santarém. O Deus, vingador de seus santos, revelou tudo o que fica dito a Celio, o qual, convidando muita gente para testemunha, veio ao sitio, e, com assombro de todos, as aguas do Tejo se recolheram, e appareceu o corpo da santa. Tudo isto se passou no anno de 653. Quem quizer vêr esta historia mais desenvolvida, e os muitos milagres impetrados por intercessão de santa Iria, leia a Benedictina Lusitana T. 1, pag. 474 e seguintes

21. Quinta feira. As Onze mil Virgens — S. Ursula e suas companheiras. Ainda que bem ao certo se não saiba qual o numero destas mulheres fortes, costuma-se referir o sobredito — de onze mil, e eram donzellas, que mandadas pelo imperador Maximo para a Bretanha a fim de contrahirem casamento com soldados, de que elle havia feito uma colonia, foram no mar assaltadas pelos piratas Hunnos, que, não as podendo render aos seus torpes desejos, as martyrisaram.

22. Sexta feira. Dedicação da egreja de Mafra, grandioso padrão da piedade de ei-rei D. João V, que, se por sua riquesa pôde

fazer a maravilha das *aguas livres*, e outras tantas obras publicas, tambem quiz dar um testemunho de que reconhecia a dependencia do Supremo Dispensador de todos os bens.

Item. S. Maria Salomé, a qual como se vê de varios logares do Evangelho, foi uma dessas piedosas mulheres que se compraziam de ouvir a doctrina de Jesus Christo, e que, mesmo depois de elle morto, tão sollicitas se mostraram e tão impavidas junto do sepulcro. Em Jerusalém deu a alma a Deus.

23. Sabbado. S. João de Capistrano, religioso da ordem dos Menores, era já pela opinião publica apellidado como santo. Quando o castello Taurino estava cercado por um forte exercito de turcos, a esperança de todos se fundava no valimento das oraçoens deste frade, e com effeito só por milagre foram soltos deste apertado cerco, que, a calcular pelas forças humanas, só podia ter em resultado ou uma ignominiosa capitulação, ou uma geral carniceria, Deu a alma a Deus em Vilacko na Pannonia.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — *Roma.* — Em 14 de Julho foi recebido no seio da egreja catholica, pelo cardial Franzoni, o doctor Kissock, facultativo inglez, d'ha muito residente em Roma.

Sardenha. — Uma joven senhora protestante abjurou os seus erros, na collegiada de N. Senhora delle Vigne, nas mãos do arcebispo de Pirgi, que a baptisou condicionalmente. Foram seus padrinhos o marquez Durazzo, e a condessa Bonaventuri.

Belgica. — No dia 13 de Setembro, festa do nome de Maria foi aberto solemnemente depois de benzido pelo nuncio o novo convento dos frades capuchinhos, da cidade d'Enghien, na provincia de Hanéaut. Foi mandado construir pela duqueza d'Arnberg, á sua custa, seguindo o exemplo de seus illustres antepassados que alli construiram, ha 200 annos, um convento para os frades do serafico Francisco. Houve grande concurrencia e assistiram tambem os duques, e varias outras pessoas notaveis.

— Foi sagrada com grande pompa uma nova egreja, erecta em Bruxellas debaixo da invocação do archanjo S. Miguel. Officiaram e pregaram varios jesuitas debaixo da presidencia do cardial arcebispo de Malines.

França. — Estam-se construindo actualmente em França mais de 200 egrejas ou capellas em estylo ogival; maior numero ainda se está planisando, segundo o rigor do estylo gothico.

— A congregação da Propaganda acaba de dar uma nova prova de sua estima á piedosa e apostolica congregação de N. Senhora de Santa Cruz-de-Mans: confiou-lhe a missão de Dana, na Bengala oriental. Este paiz contém uma população de mais de 12 milhoens d'almas. Eis um vasto campo para fertilisar. Não se podia entregar a melhores obreiros. Não temos duvida de que hão de preparar uma abundante e gloriosa messe para a egreja.

— *Associação da propagação da fé.* — M. Bonnard, missionario da congregação das missoens estrangeiras, acaba de confessar a fé, sendo decapitado no Tong-King no 1.º de Maio de 1852.

Acabam d'embarcar para combater por Jesus-Christo seis missionarios; Jacques Sebastião Lavigne, da diocese d'Aire, para a China; João Claudio Pernot, de Besançon, para a Cochinchina; Guilherme Francisco Coulom, de Montauban, para Sião; José Simão Theurel, de Besançon, para o Tong-King; José Maria Perrier, de Nantes, para o Tong-King; e João Theofano Venard, de Poitiers, para a China.

Recommendamos os seus trabalhos ás oraçoens dos nossos leitores.

— A congregação do Bom Pastor d'Angers foi reconhecida pelo governo como estabelecimento d'utilidade publica.

— Acaba de fundar-se outro convento de religiosas carmelitas em Paris. E' já o 4.º que desta ordem existe naquella grande cidade. Ha nos 4 umas 260 religiosas. Parece que a fortuna d'uma religiosa, pertencente a uma das primeiras familias de França foi empregada em construir o dito convento.

— No dia de S. Pedro recebeu o arcebispo de Paris, na sua capella, a abjuração de 2 senhoras inglezas de familias illustres. Foram baptisadas condicionalmente pelo vigario geral P. Buquet, sendo padrinho o embaixador d'Hispanha Donoso Cortez. O arcebispo dirigiu-lhes um discurso tocante e eloquente, depois do qual lhes distribuiu a sagrada Eucharistia, e lhes deu o sacramento da Confirmação.

— Em Noyon, departamento d'Oise, e diocese de Beauvais abjurou o anglicanismo, sendo baptisada a snr.ª ingleza Baret, descendente da familia escosseza Bruce, assistindo á ceremonia muitas pessoas distinctas.

— Em muitas ruas de Lille ha nichos com a imagem da Virgem nos primeiros andares de varias casas. Estava um quasi arruinado: tratou de se restabelecer por meio d'uma subscripção e logo se reuniram mais de 200 francos (36:000).

— A ordem dos dominicos continua a desenvolver-se em França. Em fins d'Agosto deu o P. Lacordaire o habito a 4 noviços do mosteiro de Flavigny (Cote-d'Or) que conta 7 padres e 18 noviços. Ha outra casa junto do estabelecimento dos carmelitas em Paris; uma 3.ª em Nancy, e uma 4.ª junto de Grenoble. Esta prosperidade das ordens religiosas é o symptoma mais consolador dos progressos da fé catholica em França.

— A congregação do oratorio de França, supprimida como todas em 1790, vae ser restabelecida com auctorisação do papa e approvação do arcebispo de Paris. Foi instituida em 1611 pelo cardeal Pedro de Bérulle. O seu fim era formar ecclesiasticos instruidos, que sob a direcção dos bispos, preenchessem dignamente as funcçoens do sacerdocio e se entregassem com fructo ao ministerio da palavra. Era uma companhia em que, segundo a definição de Bossuet, se obedecia sem dependencia, e se governava sem mandar. Esta congregação dirigiu muitos collegios e seminarios celebres. Durante os 2 seculos de sua existencia produziu homens eminentes em sciencia e virtudes como Malebranche, Massillon, Dumarsais &c.

Foi ao abbade Pététot, cura de S. Roque a quem coube a missão de renovar este celebre instituto. A exemplo do cardeal de Bérulle é com uma minguada congregação de 5 ecclesiasticos sómente que o P. Pététot deve começar a sua obra de reorganisação, fazendo modificaçoens essenciaes no antigo instituto.

— Em 20 d'Agosto embarcaram em Bordeus 6 missionarios da congregação das Missoens estrangeiras: 5 para as missoens da India, e 1 para a do Thibet.

— Abriu-se um credito de 2:500$ fr (450 contos) para a reconstrucção da cathedral de Marselha com maiores proporçoens que as do plano actual.

Em Portugal derribam-se para fazer ruas e praças.

— O padre jesuita Delavigne tem prégado uma estação em Ségré que devia terminar em 3 de Outubro. Nesse dia devia ter logar a ceremonia da abjuração e do baptismo da duquesa de Fitzjames, filha do embaixador de Suecia, e que o celebre prégador instruiu e preparou para este acto tão consolador e tão desejado.

Hispanha. — A casa d'ensino gratuito de meninas, dirigida pelas religiosas da Providencia, cuja primeira pedra foi lançada em Figueras, ha um anno, concluiu-se e foi benzida no dia 17 de Setembro, e installadas as religiosas com grande apparato religioso e civil. Foi levada a effeito a obra com tanta brevidade sómente com o producto d'esmolas e donativos.

— A rainha Isabel ordenou que as auctoridades civis não coarctassem os bispos no exercicio dos seus deveres pastoraes quando publicassem pastoraes ou outros escriptos a elles tendentes, isso em consequencia de ter sido citado a juizo o bispo de Barcelona, por haver fulminado uma obra contra os jesuitas.

Vejam-se os nossos governantes neste espelho, e aprendam tambem alguma coisa boa com os estrangeiros.

Inglaterra — *Egrejas novas.* — Em Greenwich foi consagrada a nova egreja catholica romana de N. Senhora, Estrella do Mar, do mais bello estylo gothico.

— O duque de Devonshire concedeu aos catholicos de Lismore algum terreno para um cemiterio, e propoem-se a construir no mesmo sitio uma formosa egreja gothica.

— O bispo de Beverlay abriu solemnemente uma nova egreja em Yealand Conyers, fundada pelo cavalheiro Ricardo Gilow, de Leighton Hall. O bispo de Newport abriu tambem outra egreja em Carmarthen.

— *Conversoens.* — Miss Thomasina Wilson foi rece-

bida na egreja catholica, em Clonlara, parochia de Doonas pelo R. Keny. Esta senhora nasceu e criou-se protestante; porém nutrindo duvidas a respeito da sua crença, adoptou meios de as resolver investigando; e o resultado foi a sua feliz conversão á fé catholica.

= A festa da Assumpção da Bemaventurada Virgem Maria foi celebrada com o baptismo condicional de 4 convertidos, sendo 2 do sexo feminino e 2 do masculino; e todos pertencentes á seita puseista, que pela protecção da Virgem Santissima trocaram pelo catholicismo.

As egrejas catholicas surgem como por encanto em Inglaterra. E' engenhoso o modo com que se alli reunem os fundos para a sua construcção. Os habitantes do districto em que se quer fundar a egreja subscrevem com 5 reis por semana, e deste modo arranjam em 2 annos os fundos necessarios

— *Escólas auxiliares catholicas.* — Fundou-se recentemente uma Associação em Londres, debaixo da invocação de S. José de Calasans, para estabelecer e sustentar escólas nocturnas para meninos catholicos pobres, a fim de os livrar de más companhias e de os habilitar convenientemente. Já se abriram em Gate-street, Lincoln's Inn Fields, e acommodam de 400 a 500 alumnos de ambos os sexos. Vam abrir-se tambem escólas dos domingos.

— Escrevem de Liverpool em 23 de Setembro que entrára no seio da egreja catholica, em uma capella rural, junto de Manchester, a esposa de sir Thomaz de Trafford, das mais antigas familias catholicas d'Inglaterra. Era ella filha d'um nobre protestante.

O R. G. Norman, ministro da capella de Santa Margarida em Wolton, junto de Glocester, entrou no seio da Egreja catholica.

O R. R. Belaney, vigario d'Arlington, em Sussex, resignou o seu beneficio, e foi recebido na Egreja catholica.

— No dia 4 de Setembro foi installado o bispo de Hexham na sua nova cathedral de Santa Maria de Newcastle, com assistencia do seu cabido e de numerosa concurrencia.

Conversoens. — Foi admittido no seio da egreja catholica o R. Lord Henri Ker, vigario de Dittisham junto de Darthmouth, irmão do marquez de Lothian, cuja viuva se fez catholica o anno passado.

= Um joven d'origem judaica, chamado Belinfanti, foi baptizado publicamente, na capella franceza da Annunciação. Ha 6 annos que se havia convertido ao catholicismo, porem esperou pela maioridade, em consequencia da opposição de seus paes.

Irlanda. — Nos ultimos 6 mezes sahiram do collegio das Missoens estrangeiras 5 alumnos: o reverendo O'Brien, para Sidney; o R. Quines, para Monteray: o R. Ryan para S. Luis; e os RR. O'Brien e O'Reordan, para Hyderabad.

— *Conversão d'um patriarcha protestante.* — O cavalheiro James Standage de 99 annos d'edade, professou o protestantismo até cahir na cama, poucos dias antes da sua morte. Vendo que era chegada a sua hora mandou chamar o cura catholico O'Connor, com o qual se preparou para ser recebido no seio da egreja em que morreu felizmente. A sua longa vida havia-se distinguido pela virtude, honra, caridade e rigida integridade. Que morte tão feliz!

— *Novo convento.* — No dia 8 de Setembro, natividade da Virgem Santissima foi posta a primeira pedra de um convento da ordem de S. Domingos com o nome de S. Salvador.

— *Conversoens.* — George Blackwell soldado do regimento 31, achando-se destacado em Enmystimon, adoeceu gravemente. Era protestante, e convencido de seus erros melhorou a alma entrando no seio do catholicismo, e o corpo, porque se restabeleceu.

A esposa do sachristão da egreja protestante da mencionada povoação, converteu-se tambem ao catholicismo.

— *Universidade catholica.* — Na reunião de 21 de Julho, debaixo da presidencia do arcebispo de Dublin deu-se conta de se terem recebido 843 lb. 4 sh. e 2 pences (3:794$435), em 3 semanas sómente, para a fundação da universidade, de que ha-de ser rheitor o celebre dr. Newman.

— *Conversão d'um nobre.* — O conde de Dunraven assistiu á missa pela primeira vez na egreja de Adare, onde s. s.ª foi recebido publicamente entre os membros da egreja catholica. Diz-se que assistiu a este acto grande concurso dos districtos circumvisinhos, incluindo muitos dos mais respeitaveis cidadãos de Limerick.

— A missão dos PP. Passionistas em Birr produziu grande effeito. Alguns protestantes tambem foram admittidos por esta occasião no seio da egreja.

— As religiosas do Loretto mandaram collocar uma grande cruz doirada na mais alta torre do seu convento de Loughcooter-Castle, para poder ser visto de varias milhas em redor. Tambem mandaram collocar um enorme sino no campanario.

Allemanha. — *Concilio protestante.* = Está actualmente reunido em Bremen um concilio lutherano. Contem as seguintes opinioens: opinião filosofica, velho protestantismo, e pietista que se subdivide em prussiana evangelica, e reformada. Podem dormir os catholicos a somno solto, que alli só apparecem elementos de divisão, e porisso de dissolução.

— *Congresso catholico.* — O congresso d'associaçoens catholicas-allemans reuniu-se em Munster, capital da provincia prussiana de Westfalia. Celebrou poucas sessoens porque as abriu em 21 de Setembro e fechou-as em 24, depois de haver tomado varias resoluçoens, sendo a principal a que tem relação com uma memoria sobre a posição da egreja catholica-alleman, a qual será communicada a todos os soberanos.

Prussia. — No dia 5 de Julho fizeram a sua abjuração em Berlin 31 protestantes para entrarem no seio da egreja catholica. Estas conversoens fizeram grande impressão no conselho evangelico superior protestante.

Turquia. — Diz uma carta de Vienna que o Sultão enviou um magnifico serviço de meza de presente ao Papa Pio IX.

— A questão dos armenios catholicos vae-se tornando seria a ponto do seu primaz hir a Roma implorar o auxilio do Santo Padre.

— A Porta manda pôr em pratica em Jerusalem tudo quanto em favor dos catholicos concedeu ao ministro francez marquez de Lavalette. Estando concluida a estrella de prata, que o embaixador mandou fazer, foi enviada a Jerusalem para ser collocada no logar, onde chegaram os Magos conduzidos por uma estrella.

Tem o valor de 126:500 rs.

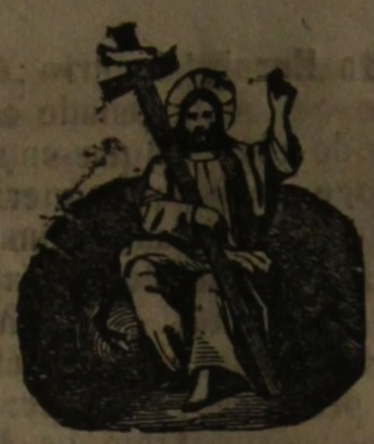
America. — Estados-Unidos. — *Nova Orleans.* = Na pequena ilha de Key-West, na entrada do golfo do Mexico, ha perto de 300 catholicos, e augmentam todos os dias. Cumprem fielmente com os seus deveres religiosos, e concertaram a sua egreja, esperando um sacerdote effectivo da diocese de Savannah, que apenas tem 9 sacerdotes para parochiarem toda a diocese. O tenente Beltzhoover, alli de guarnição, lê as oraçoens todos os domingos e dias santos, ajuda a ensinar o cathecismo aos pequenos, e ensina o cantochão áquelles que o querem aprender. Tambem fundou a associação da Virgem Santissima que já conta 25 socios.

Estados-Unidos — Segundo observa um periodico, o catholicismo vae progredindo d'um modo assombroso nos Estados-Unidos anglo-americanos. No decurso deste anno teem os catholicos construido 32 egrejas, e teem-se consagrado 5 templos puseistas ao mesmo culto. O numero dos que reconhecem a supremacia da Santa Sé passa já de 4 milhoens e meio, numero que receberá um poderoso reforço com mais de 600$ irlandezes a que, segundo os calculos mais provaveis, subirá a emigração de todo este anno.

— *Lição a tempo.* — Um menino de 6 annos e uma menina da mesma edade, filhos de paes protestantes, creavam-se juntos em Albany, e amavam-se ternamente, quando uma febre escarlatina levou o menino. A sua companheira vendo-o sem movimento depois de chorar lagrimas amargas levantou espontanea e instinctivamente as mãos ao céu e orou pelo seu amiguinho. A crença de seus paes chama supersticoens ás oraçoens, porém o exemplo de sua tenra filha faz com que tambem ajoelhem e implorem os anjos para que vigiem sobre ella!

E' só no catholicismo que encontramos consolação nas nossas afflicçoens; porque o protestantismo desseca a alma condemnando-a a uma assoladora aridez!

OUTUBRO 23. 1852. — N.º 43.



O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O DEISMO.

(Conclusão.)

IX.

Em conclusão do que fica dito se a filosofia pois não professa nenhum credo, nenhum dogma, nem mesmo o da existencia de Deus que manifesta claramente o espectaculo da natureza, as maravilhas do céo e da terra, nem mesmo o da immortalidade da alma, que é uma consequencia necessaria daquella verdade, de' que temos em nós mesmos a prova concludente neste desejo de felicidade que sentimos, que nunca vemos satisfeito de que nos convence o sentido intimo nesse tribunal interior, que nos julga primeiro, que todos os outros, que se nos dá galardão pelo bem feito, pelo mal nos dá vituperio, nos accusa e profere essa sentença de condemnação, que é um annuncio, um correio anticipado daquella. que nos espera no tribunal do Supremo Juiz.....

De que serve a filosofia, ou antes a sciencia do impio? Acaso pode haver cousa mais inutil, ou prejudicial?

Se o homem em perdendo a luz da fé não escuta a voz da natureza, se desconhece o seu creador, se lhe não rende nenhum culto, nenhum tributo de respeito e homenagem, se vive como se elle não existisse, se fóra da religião não ha mais que atheismo, aquelle a quem elle causa horror, aquelle para quem Deus é uma convicção e o seu culto huma necessidade pode elle exitar um momento em se recolher á arca santa da religião para o salvar do naufragio no meio das aguas do diluvio?

Tenho em fim chegado ao cabo deste longo artigo em que me propuz fallar do systema daquelles, que tomando por fundamento o maior de todos os absurdos, tem concebido o homem creado sem respeito á gloria do Creador, admittindo um Deus, que não manifestou ao homem o seu destino, que o abandonou a si mesmo para ser victima dos seus êrros e das suas paixoens; isto é que figuraram o Creador procedendo d'uma maneira, que o deshonra e avilta, isto é tam indigno da sua grandesa, como da sua gloria, de que a natural consequencia parece ser, que uma simelhante divindade é um ente sem realidade, uma chimera da imaginação, uma contradição do espirito, ou antes uma monstruosidade na natureza: e se isto é verdade tambem o é, que os auctores, ou sectarios deste systema monstruoso tem estabelecido, ou proclamado uma especie de atheismo mais brutal, mais grosseiro e degradante, se nos é licito explicar assim, do que aquelles, que descaradamente negam a existencia de uma primeira causa, que dá a tudo o ser, a existencia e a vida.

Em verdade como poderam elles conceber uma divindade inconsequente e absurda? Como fizeram della o fundamento dos seus systemas e a figuraram como o unico Deus existente e possivel? Como é que o espirito humano pôde conceber um Deus sem providencia, sem culto, sem homenagens e sacrificios, um rei sem respeito, e sem vassallos, um senhor sem auctoridade, e sem dependencia, um pai indifferente ao bem de seus filhos sem que prescreva regras de subordinação e obediencia, um legislador em fim sem designios e sem sabedoria? Como concebeu o espirito humano uma divindade para blasfemar della a todos os momentos para a condemnar ao despreso e ao ridiculo? Como concebeu elle uma divindade sem nenhuma idéa religiosa, um systema religioso sem nenhuma religião, em que se falla algumas vezes da divindade, é sem saber se ella existe, se da alma, é sem saber se existem espiritos, ou se tudo é materia, se do nosso destino, é sem saber qual elle seja, se de deveres moraes e religiosos, é ignorando se existem relaçoens entre Deus e homem e qual seja o seu objecto e fundamento?

Ah! o homem concebeu e admittiu tudo isto, porque não ha absurdo, que elle não admitta, ou em que o espirito humano se não precipite quando uma vez abandonou a religião e o seu coração se penetrou de corrupção e o seu espirito se cobriu de trévas e cegueira!

Que é pois o deismo, ou o deus da filosofia? é, quando muito, uma abstracção filosofica, em que o espirito humano estará sempre mais disposto a regeitar, que a admittir, que não pertence ao coração, com que pouco se importa o espirito, e de que elle ainda entende menos, que não pode passar d'uma opinião especulativa, abstracta incerta e vacillante, que importa no mesmo que o atheismo, ou tam inconsequente e absurda como a positiva negação de Deus.

Não será pois verdade que fora da religião não ha uma só idéa religiosa e que quem não quizer ser christão ha de viver como atheu? E' a proposição, que me propuz demonstar.

Alvaro Vaz Corrêa de Seabra da Silva.

DAS ESCÓLAS SUPERIORES.

Se as escólas elementares deviam ser dirigidas pela Egreja como já sustentamos, com a mesma razão o devem ser as *superiores* como nos propomos a demonstrar.

O ensino do latim, humanidades e filosofia professou-se sempre nos conventos com grande esplendor, e nos primeiros tempos da Egreja quasi exclusivamente, com grande aproveitamento da mocidade, interesse e economia do estado.

Os bispos estabeleceram junto dos seus cabidos, e por elles regidas, aulas que em breve se tornaram mais florecentes não só pelos professores de abalisado merito e illustração que explicavam as disciplinas, senão ainda pelas famosas bibliothecas, que mui cuidadosamente e com grandes despezas colligiam em beneficio do ensino, e da propagação das sciencias.

Com o decorrer dos tempos foram estas aulas quasi

absorvidas pela maior parte pelas universidades, que a Egreja protegeu com todos os seus meios.

Quando no seculo XVI as sciencias sahiram do adormecimento em que haviam cahido, tomando novo e mais vehemente impulso, começaram os concilios a impor, de novo com urgencia, aos conventos e cabidos, e até mesmo ás egrejas parochiaes mais consideraveis, o dever de restabelecerem as aulas de latim; e commetteram a sua inspecção nas cidades aos mestre-escólas dos cabidos, e nas povoaçoens menores aos decanos ruraes.

Quanto ás aulas d'humanidades e filosofia foram, nesta epoca, entregues, pela maior parte aos Jesuitas, e outras corporaçoens religiosas, que rivalisavam a qual daria melhores discipulos.

Quando o ensino se achava neste brilhante pé, começaram os jansenistas e outros bem conhecidos sectarios a insinuar-se com os governos civis, e a envenenarem as intençoens dos professores religiosos, com especialidade os Jesuitas, e não foram mal succedidos em seus ardilosos e infames manejos.

Conseguiram banir a Companhia de Jesus; e por esse meio fazer passar as aulas superiores para mestres seculares, que mudaram inteiramente o methodo do ensino.

Os fructos desta mudança, e da de todo o ensino, bem se tem conhecido nas quasi constantes revoluçoens e desordens que tem invadido todos os Estados civilisados, e que quasi se tornaram normaes nestes ultimos tempos.

Cumpre, pois, remediar o mal e quanto antes, como já se começou a fazer em alguns estados importantes, e com bem conhecidas vantagens.

Não sejamos pois dos ultimos a colher os fructos da experiencia. Errámos o caminho; voltemos ao ponto de partida; e depois caminharemos outra vez com segurança.

Mendoça e Mello.

LIVROS MAUS.

II.

No seculo passado operou-se uma grande revolução em toda a Europa. O *filosofismo* tomou assento na maior parte das cortes. O *Jansenismo* inundou as academias. A França começou a sentir as dôres d'um parto trabalhoso, que produziu uma serie de desgraças, que enluctaram o solo de Carlos Magno, e de S. Luiz.

Mas os espiritos estavam já d'ha muito preparados para essa fatal revolução pela immensidade de livros impios, e pestilenciaes, que dos arraiaes da incredulidade sahiam, como armas disparadas contra a religião, e contra a sociedade. Quebraram-se as molas da sociedadede civil e religiosa, transtornaram-se as idêas do justo e honesto, abalaram-se as columnas do edificio moral, e minaram-se as bases de tudo que incutia veneração e respeito.

E qual foi o resultado? Foi o desabar o edificio da religião e da sociedade, firmada no pacto chamado do altar e do throno. Como consequencia immediata seguiu-se uma espantosa corrupção de costumes. Os impios deram-se o nome de *filosofos*, e apenas tomaram este nome, julgaram-se aptos para dictarem a lei ao mundo que elles hiam reformar, e para fazerem curvar todos os homens aos seus desvarios.

Os mestres desta escóla intrincheiraram-se de trás da *encyclopedia*, e dalli lançaram a luva ao mundo moral, religioso e catholico. *Voltaire*, *Diderot*, *Alembert* e outros muitos espalharam por toda a Europa as producçoens mais impias. O contagio transmittiu-se a todas as classes da sociedade. O veneno corrumpeu a maior parte dos cidadãos. Desprezava-se a fonte pura das sans doutrinas, e corria-se a beber do lodaçal corrupto da impiedade. O nosso Portugal tambem participou do contagio *filosofico*. Tambem se imitou o pedantismo francez e allemão, porque em Portugal não ha mais que servis imitadores; tambem entre nós appareceram livros impios, *uns* plagiatos mais ou menos verdadeiros, *outros* traducçoens.

Mas elles encontravam uma poderosa opposição. As ordens religiosas eram um forte obstaculo á disseminação do erro; com especialidade os Jesuitas combatiam a impiedade com a sua grande sciencia, e com a sua virtude: a presença d'um Jesuita era um crime para esses homens, que queriam regenerar o genero humano, cavando-lhe a sua ruina. O claustro, que era o azilo da virtude e das letras, aterrava os *filosofos* do dia.

Venha pois a terra a associação religiosa. Acabe-se com o homem da roupeta, e offereça-se em espectaculo ás multidoens. A obra sahiu conforme ao projecto. Destruiram os Jesuitas como corruptores da moral, e inimigos da sociedade. Exterminaram o claustro, como o fóco de idêas anti-liberaes, e da desmoralisação. Hypocritas que elles eram! não podiam soffrer quem lhes perguntasse pela causa dos seus desvarios! Impios! não podiam tolerar um verdadeiro sabio, que lhes combatesse os erros na imprensa, no pulpito, e até no confessionario! Perversos! não podiam ver o homem dos sacrificios, e da penitencia. O erro então espalhou-se, a impiedade respirou ar livre, e inundou-se tudo de livros impios..

J. V. N. C.

A SANTA THERESA DE JESUS.

Salve! Estrella feliz que do Carmelo
Nas sublimes alturas resplandeces!
Joia de alto valor! da Mãi do Eterno
O diadema enriquèces!

Salve, thesouro de saber, e graça,
Dom precioso que do céu baixaste
Para gloria do céu, do mundo assombro;
Que em Lysia o berço achaste!

Salve, Theresa, Virgem sabia, e pura,
Tu que da terra as illusoens deixando,
A verdadeira luz vais dar ás trevas;
A clausura buscando!

No sepulcro da vida os dons encerras
De magica bellesa, e na frescura
Dos annos juvenis, só da virtude
Presas a formosura!

Pelo céu inspirada ao céu te elevas
Por entre as sombras de mysterio santo,
A fé te anima; um Deus te illustra a mente
Que só Deus póde tanto!

Ao nome que o baptismo te concede
O Sacro Nome de Jesus uniste!
E a Deus tambem ligaste immensas almas
Que em trofeu conseguiste!

Qual occulto diamante precioso,
Surge a ostentar no mundo a luz mais pura;
Assim Theresa, o nome teu se eleva,
Do fundo da clausura!

Tal preciosa luz no orbe difunde!
Astro que as trevas doira da existencia
Nos guia, nos conforta, e patenteia
De um Deus a Omnipotencia!

E atravessando os seculos remotos,
Sem declive chegando á Eternidade,
Multiplicada luz, de lá franqueia
A' mesta humanidade!

Em honra do Senhor deixaste ao mundo
Monumentos fieis de eterna gloria;
E o mundo de teus feitos milagrosos
Santifica a memoria!

Junto ao cofre precioso
Que encerra sacro penhor,
Tua imagem venerada
Ostenta vivo explendor!

Das ordens que reformaste
Tens culto, e veneração;
E tens de todo o Universo
Especial devoção!

A historia em pagina eterna
Com letras d'oiro gravou,
O Nome da que sublime
Tanto a patria sua honrou!

A que por motivos tantos
Tem ao nosso affecto jus;
E' de Jesus a escolhida,
E' Theresa de Jesus!

Virgem sabia, portentosa,
Que o céu tanto distinguiu!
Por essa c'rôa brilhante
Que Jehová te conferiu:

Por aquelle Amor divino
Que a alma pura te abrasou,
Ora ao Senhor pela terra
Onde teu corpo habitou!

Implora se compadeça
Dos lusos, dos filhos seus!
Sê dos lusos protectora,
Pois tambem são irmãos teus!

A sacro-santa promessa
Que no Ourique outr'ora fez,
Guarda n'alma este brioso
Fiel povo portuguez.

Dos males que o mundo opprimem
O céu nos ha-de livrar;
A's mais naçoens sobranceira
Portugal ha-de brilhar!

Triunfe em todo o Universo
Da Cruz o excelso pendão;
E Deus conceda aos humanos
Suave paz, união.

Lisboa 15 de Outubro.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

ANNO CHRISTÃO.

OUTUBRO.

24 Domingo. S. Raphael Archanjo, cujo nome significa « medicina de Deus » foi mandado á terra debaixo da figura de um mancebo aceiado, quando, ao mesmo tempo se elevaram aos céus os humildes e fervorosos clamores do cego Tobias e de Sara, filha de Raguel, que, havendo sido dada a sete maridos, os tinha visto morrer por maleficio diabolico, antes mesmo de consummar o matrimonio. O caridoso Tobias estava no captiveiro de Ninive, e achando-se em necessidade, ordenou a seu filho unico (o joven Tobias) que fosse á cidade de Rages para cobrar de seu parente Gabelo a quantia de dez talentos de prata, que lhe devia por uma escriptura, mas que procurasse um companheiro, que ao mesmo tempo lhe servisse de guia, e guardasse dos perigos da jornada. Sahindo o joven Tobias a procurar o companheiro, logo se encontrou com Raphael, que se promptificou em acompanha-lo, mostrando ter um conhecimento muito cabal tanto do caminho como da pessoa e familia de Gabelo. Partiram. Quando combinavam onde haviam de pernoitar, lembrou Raphael a Tobias que alli perto morava o seu parente, que tinha uma filha unica, com quem elle devia casar. Chegaram com effeito lá, e proposto o casamento, de que todos viam as conveniencias, mas que egualmente todos receavam tivesse o mesmo resultado que os outros, tiveram de ceder ás rasoens de Raphael, que elles reputavam um homem, mas cujas palavras tinham uma força sobrehumana de convencer. As primeiras tres noites das bodas as passaram os noivos, segundo as instrucçoens de Raphael, em oração, sem se tocarem, e foi um casamento abençoado por Deus. D'alli foi Raphael acompanhado de servos de Raguel receber de Gabelo o dinheiro que devia; depois voltaram todos a Ninive, onde o bom velho Tobias já estava cheio de cuidado, que se trocou em jubilo ao saber como tudo tinha corrido prospero a seu filho, e sendo consecutivamente curado da cegueira pelo mesmo S. Raphael, que só então, e quando o queriam forçar a que acceitasse, ao menos metade de tudo quanto tinham trazido, é que declarou quem era.

25. Segunda feira. S Chrispim e Chrispiniano, nobres romanos, acompanharam S. Quintino martyr, que se resolveu a hir prégar o Evangelho na França, mesmo no calor da perseguição de Diocleciano e Maximiano. Chegando a Soessons, destituidos de tudo, se poseram a trabalhar de sapateiro, e o faziam com tal perfeição como se realmente fossem consummados mestres neste officio; os seus preços para todos eram modicos, e aos pobres nada levavam, o que lhes attrahiu um credito e freguezia mui grande, e não se esqueciam elles de inculcar aos seus freguezes a religião christan. Faziam assim muitas conversoens, e por isso não tardou Maximiano em manda-los prender por seu ministro Rectiovaro. Depois de varios tormentos de que com assombro de todos, sahiram illesos, Maximiano lhes mandou cortar a cabeça, tendo-se Rectiovaro, na desesperação de achar-se cego por uma gota de chumbo derretido que lhe saltou aos olhos quando aos santos mandava metter em uma caldeira cheia deste metal, tendo-se, digo, Rectiovaro suicidado, lançando-se ao fogo. Estes santos martyres são especialmente venerados pelos habitantes de Lisboa, por ser no dia anniversario de seu martyrio, que aquella cidade foi tomada aos sarracenos no anno 1147.

26. Terça feira. S. Evaristo, judeu por descendencia e grego por nascimento, foi elevado ao summo pontificado no tempo do imperador Trajano. Além de outras sabias determinaçoens, fez aquella de que os casamentos, segundo a tradição apostolica, fossem celebrados publicamente, e tivessem a benção do sacerdote. No anno 109 recebeu a palma do martyrio, e foi sepultado no Vaticano junto ao principe dos apostolos.

27. Quarta feira. Os martyres de Evora. São assim por antonomasia chamados os santos irmãos Vicente, Sabina e Christeta, que no tempo do presidente Daciano soffreram naquella cidade glorioso martyrio.

Item. S. Elesbão, imperador da Abyssinia, havendo denodadamente guerreado os inimigos de Christo, se resolveu a passar o resto de seus dias em um mosteiro, depondo em Jerusalem o regio diadema, no tempo do imperador Justino, pelo anno 570.

28. Quinta feira. S. Simão e Judas. Ao primeiro destes apostolos tocou evangelisar o Egypto; e ao segundo, que tambem era conhecido pelo nome de Thadeu, a Mesopotamia. Depois ambos se reuniram na Persia, onde seus trabalhos foram coroados com innumeraveis conversoens, e ahi findaram sua carreira mortal, soffrendo constantes os tormentos do martyrio.

29. Sexta feira. S. Feliciano, que juntamente com outros heroes da fé, deu em Lucania o testemunho de que nada podem os tyrannos com aquelles, cujas crenças são arreigadas no coração, e que a nada mais aspiram, do que a tornar-se dignos do céu.

30. Sabbado. S. Serapião regeu a sé de Antiochia pelo fim do seculo segundo. Merecendo-lhe sempre nenhum credito um Evangelho que andava pelas mãos de alguem, e que attribuiam a S. Pedro, por fim, vendo que este mesmo chamado Evangelho dava occasião a algumas heresias, o convenceu de apocrifo com rasoens incontroversas. Suas virtudes eram em proporção de sua erudição; e dando ao pastor universal boa conta do rebanho que lhe fôra confiado, mereceu o galardão de seus trabalhos.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — *Roma.* — S. Santidade que havia sahido para Castellgondolfo a passar alguns dias longe do tumulto da capital recolheu de novo no dia 26 de Setembro por entre os applausos do povo. No dia 27 celebrou consistorio secreto em que preconisou 27 bispos. No dia 28 sanccionou 3 decretos para declarar virtuoso em grau heroico o veneravel Angelo Antonio Sandreani, de Sinigaglia, religioso da ordem dos Frades menores conventuaes de S. Francisco; e para proceder á beatificação dos veneraveis João Grande, que a si mesmo se chamava Peccador, religioso de S. João de Deus, e Paulo da Cruz, fundador da ordem dos Passionistas.

FRANÇA. — Em todas as provincias se fazem esforços para levar a effeito a guarda do domingo. O governo deu ordem para que os seus dependentes o guardassem; e os particulares procuram combinar-se por toda a parte para o levarem a effeito. Em Metz e Boulay reuniram-se os negociantes e fabricantes e assentaram em se obrigarem por escripto a guardar e fazer guardar o domingo aos seus dependentes.

— Quando L. Napoleão passou por Avinhão restituiu as irmans hospitaleiras de S. José á plenitude de seus direitos e á posse de sua antiga casa de que, em 1844 e 45 foram expulsas no tempo dos Orleans. Os velhos da caridade que haviam sido amontoados no seu convento passaram para o antigo hospicio dos invalidos, e as boas irmans de S. José sahiram dos corredores transformados em dormitorios, e das ruinas do hospicio de Deus para a sua antiga casa, e restituiram-lhe as suas antigas e santas funcçoens d'enfermeiras nos hospitaes.

— O collegio livre de Dole, aberto ha 2 annos pelos PP. da Companhia da Jesus, e que se havia empregado atéqui no ensino das classes inferiores, abraçará neste anno lectivo um curso completo d'estudos, havendo nelle todas as classes.

— O capitulo geral da congregação dos Trappistas, celebrado no mosteiro de Mortagne, ha poucos dias, acaba de adoptar definitivamente a fundação d'um convento da mesma ordem, na parochia de Bellegarde, no cantão de Cadours (diocese de Tulosa). Uma colonia de religiosos do mosteiro d'Aiguebelles hirá brevemente tomar posse de Santa Maria-do-Deserto. E' o nome do novo convento.

— Está decidida a instituição d'um novo bispado em Cayenna; e será levado a effeito quando o principe presidente regressar a Paris.

— Em 19 de Setembro morreu em cheiro de santidade na edade de 67 annos a madre Emilia Rodat, superiora geral da congregação das irmans da Sacra Familia, que ella fundára em Villefranche, no departamento do Aveyron. As suas exequias feitas por subscripção foram magnificas e muito concorridas. As extraordinarias virtudes da madre Emilia adquiriram-lhe a veneração universal. Enviou-lhe Deus o dr. Marty vigario geral da diocese de Rhodez, eminente em saber e virtudes, para lhe dirigir os primeiros passos na sua carreira. Ajudou-a a fundar a sua congregação, e antes de morrer teve a alegria de lhe vêr multiplicar as casas além de suas esperanças. Publicar-se-ha a sua vida escripta de sua mão ou por ella dictada por preceito dos seus confessores.

O numero das fundaçoens da madre Emilia é com effeito prodigioso, attendendo á limitação dos seus recursos, mas, pobre das riquesas deste mundo, era rica dos dons do céu, e não é com oiro e prata, porém sim com virtudes sobrenaturaes que os servos de Christo cumprem suas obras.

— Um decreto de 13 de Setembro reconheceu e approvou como estabelecimento d'utilidade publica a congregação do Bom Pastor, cuja casa matriz está em Angers

— O rev. P. Ignacio (Lord George Spencer) anda prégando em varios pontos da França, a fim de obter oraçoens para a conversão da Inglaterra.

— O 1.º estabelecimento d'instrucção secundaria que acceitou a *Companhia de Jesus* em França sob o novo regimen, foi o pequeno seminario de Montauban em Outubro de 1849. Por todos os titulos lhes é caro.

— Le-se na *Gazette du Midi*, de Marselha de 2 de Outubro: « 12 missionarios capuxinhos esperam, ha dias, no convento marselhez de sua ordem 30, ou 35 religiosos, com o prefeito apostolico á sua frente. Todos partirão depois para Brest, aonde o governo mandou pôr uma fragata á sua disposição. Destinam-se á missão do Chili, onde a sua ordem tem já alguns estabelecimentos.

Alguns outros missionarios capuxinhos embarcaram em Genova para Montevidéo. Os de Marselha, com quanto vivam apertados no local em que habitam, teem feito quanto estava em seu poder para dar generosa hospitalidade a seus respeitaveis irmãos.

Já houve tempos felizes, em que os reis de Portugal enviavam os seus navios com missionarios para o ultramar, e os faziam escoltar pelos seus governadores, subministrando-lhes tudo aquillo de que careciam para realisarem o seu sancto fim.

America — ESTADOS-UNIDOS — NEW-YORK. — Os padres protestantes, durante a estação dos calores, fecham as suas egrejas e vam refrescar-se no campo, annunciando que voltarão quando passar o calor. Bem se vê que estes especuladores só curam da sua commodidade, sem que lhes importe a dos seus rebanhos.

SARATOGA. — E' mui numerosa a população catholica de Saratoga, e augmenta todos os dias pelas vantagens que offerece. Construiu-se alli uma commoda e ampla egreja.

PLANO D'ESTUDOS.

Para os seminarios conciliares d'Hispanha.

TITULO I.

Latinidade e Humanidades.

O ESTUDO de Grammatica e Humanidades far-se-ha em 4 annos, suppostos os rudimentos de latim e castelhano, que os alumnos devem ter aprendido antes, e dos quaes assim como dos mais constituem a instrucção primaria, serão examinados na forma que cada diocesano julgue conveniente.

1.º *anno.* Repetição dos rudimentos, sintaxe de ambas as linguas e historia sagrada.

2.º *anno.* — Repetição da sintaxe e sua terminação; estudo da Prosodia e Orthografia em ambas os idiomas, e Historia Profana.

3.º *anno* — Rhetorica theorica, ou Preceitos da Arte Oratoria e Poetica; principios de lingua grega, e terminação da Historia Profana.

4.º *anno.* — Rhetorica pratica, ou applicação dos preceitos da Arte Oratoria e Poetica em latim e castelhano; continuação da Grammatica grega e Historia particular d'Hispanha.

TITULO II

Filosofia.

O estudo da Filosofia far-se-ha em 3 annos.

1.º *anno.* — Logica e Methafisica, e Historia da Filosofia.

2.º *anno.* — Ethica, e Elementos de Mathematicas.

3.º *anno* — Fisica experimental e Noçoens de Chimica. Principios de calculo differencial e integral e Fisico-Mathematica.

TITULO III

Theologia.

O estudo da Theologia far-se-ha em 7 annos.

1.º *anno.* — Fundamentos de Religião, Logares theologicos e Elementos de lingua hebraica.

2.º *anno.* — Instituiçoens theologicos dogmaticas, Historia e Disciplina ecclesiastica, e conclusão da lingua hebraica.

3.º *anno* — Continuação das instituiçoens theologico dogmaticas da Historia e Disciplina ecclesiastica. e Theologia moral.

4.º *anno* — Conclusão da Theologia dogmatica e Moral e da Historia e disciplina ecclesiastica.

Com estes cursos poderá receber-se o grau de *bacharel.*

5.º *anno* — Instituiçoens biblicas, ou Critica Hermeneutica geral, Patrologia e Oratoria sagrada.

6.º *anno* — Conclusão do estudo da Escriptura Sagrada, ou Critica Hermeneutica particular; continuação da Patrologia e da Oratoria sagrada.

Com estes 6 cursos poderá receber-se o grau de *Licenciado.*

7.º *anno* — Disciplina do Concilio de Trento e particular d'Hispanha e conforme os seus concilios e Concordatas.

Com estes 7 cursos poderá receber-se o grau de *doctor.*

Como a sagrada Theologia é o estudo de todo o ecclesiastico, aquelles que quizerem estudar canones hão de ter os 4 primeiros cursos daquella faculdade, com os quaes e 1 de canones poderão graduar-se bacharels nesta.

(*Continua.*)

OUTUBRO 30. 1852. — N.° 44.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

MOVIMENTO RELIGIOSO EM ALLEMANHA.

É a Prussia a sede do protestantismo em Allemanha, e nada mais natural, porque lhe deveu mais a sua existencia politica do que á espada de seus primeiros reis.

Como, porem, os caminhos providenciaes sam insondaveis, começou o protestantismo a ser alli abalado desde que a ultima revolução em Allemanha introduziu, na sua desordem, a tolerancia religiosa.

Passadas as primeiras demasias, sahiram a campo os jesuitas e os redemptoristas, e foram assentar os seus arraiaes nas proprias universidades protestantes, lançando do alto da cadeira da verdade a luva aos varios symbolos da descrença protestante.

De repente se tocou alarma nos adormecidos quarteis das seitas hereticas; e começaram de sahir convites para uma reunião, impossivel, em defeza de doctrinas que já seguem somente por uso e por interesse material.

Em Berlim soccorreram-se á intriga querendo indispor o governo e o rei com os melhores de seus subditos, com aquelles a quem o proprio rei actual disse, em uma de suas viagens pelas provincias rhenanas, que « nos aziagos « dias da revolução lhes devera obediencia firme, e a se- « gurança de sua coroa. »

Illudido o governo, lançou mão de medidas de perseguição, que longe de produzirem o effeito que tinham em mira vam produzindo pelo contrario fructos de benção, e daquelles que a Providencia Divina faz surgir, quando menos se esperem, e d'um modo que ninguem póde prever.

Os catholicos como os seus antagonistas, não recorreram ás armas; porem, com os seus bispos na frente, recorreram ao direito de petição, e pela imprensa discutiram as medidas impoliticas e ineficazes do erro, em seus impotentes esforços para sustentar o terreno que, a todo instante, lhes falta debaixo dos pés.

O arcebispo de Colonia chamado a Berlin, a conferenciar com os ministros, depois da explicação do presidente do conselho, é bem evidente prova de que a epoca das perseguiçoens religiosas já passou de moda.

No entanto o alarma produzido nas cohortes do protestantismo veio excitar muitos dos seus adeptos a usarem da liberdade d'exame, comparando o catholicismo com as seitas dissidentes.

A verdade começou a triunfar pelos mesmos meios que levaram nestes ultimos annos mais de 300 theologos da universidade d'Oxford, e perto de mil seculares distinctos a abandonarem os erros protestantes do anglicanismo, e a entrarem no aprisco romano.

A comparação da unidade e immutabilidade com a variedade e anthitese de doctrinas das seitas protestantes temlhes obtido da bondade divina a graça de conhecerem a verdade, e a força de a seguirem.

O pastor evangelico Lutkemuller foi o primeiro que sahiu a campo com um bem escripto livro, notavel pela sua erudição e cerrada dialetica.

Toma por ponto de partida o artigo do symbolo dos apostolos, admittido pelos mesmos protestantes: *descendit ad inferos*; e de deducção em deducção chega a reconstruir todo o edificio da Egreja catholica.

Demonstra com uma logica severa o primado da Sé de S. Pedro, a missa, o culto dos Santos, e a oração pelos mortos.

Restabelece a verdade dos factos historicos, falsificados ou inventados pelos auctores protestantes ou incredulos dos ultimos tres seculos, e conclue o seu trabalho exclamando com o accento d'um espirito desenganado: « Eis-aqui pois a ignorancia em que nos tem conservado « a nós, que desde a nossa mocidade somos theologos! »

O seu livro intitula-se: *O nosso estado, desde a morte até á resurreição; dialogo entre dois prégadores evangelicos de Prussia; questão a resolver entre a egreja protestante e a Egreja catholica*, por P. W. Lutkemuller, pastor evangelico em Selchow, junto de Storkow, na marca de Brandeburgo.

Dirige um convite franco e sincero aos protestantes de boa fé para que vam combater com elle, que permanece na estacada, encostado ás suas armas e sempre prompto a medir-se com quem deseje achar a verdade, por meios proprios do homem illustrado e honesto.

Muitos outros se acham na mesma situação que o dr. Lutkemuller; e prasa aos céus que soffram com a mesma resignação os effeitos da ira governativa.

O dr. Letkmuller foi suspenso das suas funcçoens, com o que já contava na sua obra.

O P. Ignacio Spencer anda pregando, por toda a parte, uma crusada, a qual consiste em que todos os que tomem a cruz suppliquem a Deus que converta a Inglaterra ao gremio catholico.

Nós, seguindo o exemplo do P. Ignacio, convidamos os nossos irmãos catholicos para que implorem a Deus o mesmo beneficio para a Allemanha.

Foi alli que o frade apostata e devasso Martinho Luthero despregou o estandarte da revolta contra a auctoridade da Egreja.

E' alli que devemos debella-la com as nossas oraçoens, que sam muito mais efficazes do que as luctas da intelligencia; porque estas podem mesmo ser perigosas, quando se não curvam humildemente diante da auctoridade da Egreja.

Mendoça e Mello.

LIVROS MAUS.

III.

O PRIMEIRO cuidado d'uma sociedade bem regulada deve ser pela religião. Se a religião é que faz a unica felicidade do homem tanto nesta, como na outra vida, segundo

diz o mesmo Montesquieu, por ella deve haver toda a vigilancia da authoridade, que está incumbida de a fazer observar.

A egreja catholica é a columna da verdade. O papa é doctor universal de todos os christãos. A sua decisão *ex cathedra* é infallivel.

E haverá mais vigilante mãe, do que à Santa Egreja?... Haverá no chefe de qualquer sociedade mais prudencia, do que no Summo Pontifice, chefe da Egreja Catholica?... Haverá pae mais empenhado no bom governo e conducta de seus filhos, e com maior escrupulosidade, do que o pae commum dos christãos?.. Escutae-me agora. Apparece um livro. Este livro contem proposiçoens hereticas, sapientes a heresia, mal soantes, blasfemas, temerarias, escandalosas, obscenas, offensivas dos pios ouvidos, impias, laxas, erroneas, falsas, etc.

Que cuidados? Que trabalho não tem a Santa Egreja em desviar similhantes obras da vista dos christãos? Que empenho em tirar das mãos dos fieis os livros máus, que offendem à religião, ou d'algum modo offuscam o seu esplendor?

E na verdade nada ha mais justo. *Fugi*, (diz Jesus Christo em S. Matheus. 7. 16.), *Fugi dos falsos profetas, que se chegam a vós sob a apparencia de ovelhas, mas no interior são lobos carniceiros.*

Em todas as naçoens houve sempre uma expurgação nos livros, que se publicavam. Entre os athenienses, Protagoras foi expatriado por um decreto do Senado, e os seus escriptos foram publicamente queimados, porque nelles duvidava da existencia dos Deozes.

Entre os gregos queimaram-se os livros de Epicuro.

Valerio Maximo (lib. 1. cap. 1.) assevera que o senado mandou queimar os livros de Numa, em que não sentia bem do culto dos Deozes.

Arnobio diz que os romanos pediram que fossem condemnados, e prohibidos os livros de Cicero *de natura Deorum*, onde parecia não pensar bem da religião.

Tito Livio (Lib. 10 decad. 10) affirma, que entre os romanos o pontifice Maximo tinha a seu cargo conhecer dos escriptos, condemna-los e queima-los.

Cesar prohio ler-se o livro de Ovidio *de arte amatoria.*

O mesmo Luthero escreveo (De doct.): « *E' necessario que os livros de Juvenal, Marcial, Catullo. e Virgilio sejam exterminados de todos os logares, e escholas, porque contem couzas torpes e obscenas, que se não podem ler sem grande perigo da mocidade.*

Nada temos que accrescentar a estes textos. Um livro máu é a peste da sociedade.

Nós bendizemos o homem que extingue uma peste, que hia infeccionando provincias e reinos: para sermos consequentes, devemos bendizer o homem, ou a sociedade que corta os passos á peste moral. E' sem duvida boa a lei, que véda ao homem os objectos nocivos.

Mas obrará com prudencia e justiça a Egreja na condemnação dos livros, que ella reputa máus?...

J. V. N. C.

PREDICÇOENS DE JACOB A SEUS FILHOS: SUA MORTE.

XXXV.

Finitisque mandatis, quibus filios instruebat, collegit pedes suos super lectulum, et obiit.

GENS: C. 49. V. 32.

Depois de largos annos ter vivido
Sempre á lei do Senhor obediente,
Jacob, a quem o Ceo constantemente
As promessas, que fez, tinha cumprido,

Da pallida doença accommettido,
Ao ver a morte sobre si pendente,
Convoca os filhos seus, e sabiamente
Lhes prediz seu porvir desconhecido.

Depois cheio d'amor e de ternura,
E as forças esgotando, que inda incerra,
A benção paternal dar-lhes procura:

Indica-lhes por fim qual seja a terra,
Que lhe deve servir de sepultura;
E no leito p'ra sempre os olhos cerra.

MORTE DE JOSE'.

XXXVI.

Cum que adjurasset eos, atque dixisset: Deus visitabit vos: asportate ossa mea vobiscum de loco isto: mortuus est....

GENS. C. 50. V. 24. 25.

Jose' a quem o Ceu predestinára
No mundo p'ras delicias da riquesa,
Quer pobre, quer no cume da grandeza,
Virtudes, sò virtudes praticara:

Vendido por irmãos, não se vingara;
D'amor ás seducçoens oppoem firmeza;
Responde da innocencia co'a puresa
A' culpa, que a malicia lhe imputára....

Mas ah! que nem, virtudes praticando,
José pôde isentar-se á morte dura
Que das bordas da campa o está chamando!...

Lá poem nas mãos de Deus sua alma pura,
Antes da morte a seus irmãos rogando
Que quer junto a seu pai ter sepultura.

Vieira.

ANNO CHRISTÃO.

OUTUBRO.

31 Domingo. S. Quintino, cidadão romano, de uma familia senatoria, não temeu perder as honras e mesmo a vida pelo amor de Jesus Christo. Com effeito, servindo no exercito que então occupava a França, no tempo do imperador Maximiano, foi accusado de ser christão, e não o negando elle, antes confessando que era este o unico titulo que tinha para entrar no céu, os algoses lhe desataram as prisoens do corpo, e para lá voou. Seu corpo, passados 50 annos, foi achado incorrupto.

NOVEMBRO.

1. Segunda feira. Festa de Todos os Santos. No anno 607 o papa Bonifacio IV dedicou á Santissima Virgem e a todos os santos martyres o antigo Pantheon, e foi isto o que deu origem á festa de que tratamos. No anno 731 o papa Gregorio III consagrou uma capella a todos os santos na egreja de S. Pedro. Gregorio IV vindo á França no tempo de Luiz I, no anno 837, alli introduziu esta festa, que foi por toda a parte adoptada.

2. Terça feira. Commemoração dos Fieis Defuntos. E' este o dia em que a egreja especialmente offerece sacrificios, oraçoens, esmolas e outras obras meritorias por todos aquelles que nos precederam a dar contas ao justo juiz, e que por ventura foram mandados para o Purgatorio expiar o resto de suas faltas. Sim, é um dogma da nossa fé, que, mesmo perdoada a pena eterna, ficamos pelo peccado sugeitos a penas temporaes, que ou havemos de cumprir nesta vida ou na outra. Ora, é igualmente um dogma em todos os tempos reconhecido, de que os suffragios dos vivos valem para a expiação das almas do Purgatorio; e é por isto que os verdadeiros crentes nunca se esquecem de enviar ao throno do Altissimo seus humildes rogos principalmente por aquelles a quem talvez deveram a vida, a educação e os bens, de que estão de posse. S. Odilon, abbade do mosteiro de Cluny, instituiu no anno de 998 em todos os mosteiros de sua congregação a commemoração geral de todos os fieis defuntos. Approvada pelos Summos Pontifices, foi logo em toda a egreja acceita esta festividade, que na terra é de lucto, mas que é de galla no céu em rasão das muitas almas, que neste dia lá entram.

3. Quarta feira. S. Malachias arcebispo primaz de Irlanda, foi um homem verdadeiramente apostolico. Vindo á França, ahi falle-

ceu, e foi sepultado no mosteiro de Claraval. S. Bernardo escreveu muito circunstanciadamente a santa vida deste amigo de Deus.

4. Quinta feira. S. Carlos Borromeu, descendente da nobre familia de Milão que usava este apellido, foi, ainda muito joven, iniciado nas primeiras ordens da gerarchia ecclesiastica, e continuou a aperfeiçoar os seus estudos na cidade de Papia. Provido depois em uma abbadia, logo tirou de condição a seu pae, que nada dos seus rendimentos havia de ser distrahido da applicação que devia ter: — a sustentação dos pobres. — Seu thio, o papa Pio IV, o nomeou cardeal, e depois, arcebispo de Milão. Todo se empregou em levar a effeito as reformas decretadas no concilio de Trento, que acabava de dissolver-se. A instrucção do clero mereceu-lhe particulares cuidados, como quem via que pende daqui o bom desempenho de seu augusto ministerio, e escreveu, entre outras obras, o cathecismo dos parochos, cheio de sabias instrucçoens em moral. Quando em Milão grassou um contagio desolador, elle era o primeiro a correr em soccorro dos empestados, já administrando-lhes os sacramentos, já dirigindo-lhes palavras consoladoras, já finalmente deixando-lhes alguns meios pecunfarios, de fórma que nesta occasião até o proprio leito mandou para um enfermo, e dalli em diante só em cima de uma nua taboa tomava algum descanço. Promovendo uma procissão de penitencia para apasiguar a justa ira de Deus, elle descalço, com uma corda ao pescoço, e uma cruz aos hombros transitou todas as ruas de Milão. Indo ao monte Varal, onde haviam os passos da paixão, e passando ahi alguns dias em mais assidua contemplação e maiores penitencias, sobreveio-lhe uma febre, e sendo trazido para Milão, ahi deu a Deus seu espirito purissimo no anno de 1584.

5. Sexta feira S. Zacharias e S. Isabel, paes de S. João Baptista. Era Zacharias da familia sacerdotal, e casado com S. Isabel prima de Nossa Senhora, não tinha filhos. Um dia lhe appareceu um anjo vaticinando-lhe que sua mulher conceberia, o que elle, vista a adiantada edade della, não acreditou, sem duvida porque tambem não estava certo de que fosse um mensageiro de Deus que lho dizia. Assim mesmo foi castigado, ficando mudo até ao dia em que nasceu o Precursor. Mereceram estes afortunados esposos hospedar em sua casa a Mãe do Redemptor, quando já o trazia em seu casto ventre, e cumulados de graças, a que elles foram fieis, expiraram na esperança de entrarem brevemente no céu.

6. Sabbado. S. Severo, bispo de Barcelona, sempre em guarda do seu rebanho que de tantos lobos era assaltado, morreu em seu posto, cravando-lhe os inimigos da fé um cravo no craneo.

CHRONICA RELIGIOSA.

Europa. — Roma. — Sob o impulso de S. Santidade está-se reparando actualmente, e d'um modo magnifico, a egreja parochial de S. Roque em Roma. Os bellos marmores variados que já se empregam na parte central sam tirados dos montes Prenestinos.

— Em Roma foi solemnisada a festa de S. Francisco d'Assis com grande pompa em todas as egrejas da ordem serafica. Segundo o costume, foi o officio celebrado em *Ara Cœli* pelos RR. PP. dominicos. O P. Genis, commissario d'Hispanha cantou as primeiras vesperas e a missa solemne, o rev. snr. P Jeandel, vigario geral da ordem, officiou nas segundas vesperas. S. S. o papa dirigiu-se com o seu seqnito á egreja ás 10 horas da manhan. S. Santidade foi recebido na grande escadaria pelos religiosos das 2 ordens que, precedidos dos seus geraes, ajoelharam á aproximação do Summo Pontifice. Depois de haver adorado o Santissimo Sacramento e ouvido missa na capella de S. Francisco, admittiu o S. Padre a beijar-lhe o pé os religiosos e algumas pessoas de distincção que lhe foram apresentadas pelo rev^mo P. Venancio de Celano, geral da Observancia. O P. Geral renovou, em seguida ao papa a promessa d'obediencia feita por S. Francisco ao papa Honorio III em seu nome e no de toda a ordem, e lhe offereceu um ramilhete que S. Santidade se dignou acolher com a sua bondade ordinaria. Pio IX foi visitar depois os enfermos á enfermaria, dirigindo a cada um palavras de consolação, e retirou-se depois de ter deixado uma abundante esmola para os pobres que os religiosos distribuiram immediatamente.

Toscana — Acaba de chegar o piedoso e caritativo abbade Olivieri vindo do Levante com um novo comboi de raparigas moiras que resgatou, e que vae collocar em casas religiosas aonde ha a caridade de as receber.

— A imagem da Virgem Santissima que se venera em Florença na Basilica da Annunciada, convento de Padres Servitas, foi coroada com grande pompa, havendo uma procissão a que assistiu a corte e corpo diplomatico.

Napoles — Converteram-se 6 soldados suissos, que abjuraram os erros do protestantismo e receberam o baptismo, em 8 de Setembro, das mãos do capellão mór do exercito napolitano

Sardenha — Le-se no *Echo du Mont-Blanc*: « Contraste singular! Certo cochicolo de Saboia despede todos os padres do seu collegio, e chama leigos parisienses para os substituir. Ao mesmo tempo, mais de 60 cidades de França dirigem-se aos seus bispos e lhes pedem para confiar a mocidade á flor do clero. Os collegios catholicos surgem em todos os pontos da França, e desde Avinhão até Tulosa e Bordeus, ensinam os nossos jesuitas da Saboia a sciencia e a virtude á mocidade francesa.

— Os bispos da Saboia acabam de publicar uma pastoral em que se queixam da irreligião que acintemente se propaga nas suas dioceses, e das desordens que dahi provem; por isso prohibem com graves penas ecclesiasticas a leitura de varios periodicos e livros, entre elles o *Judeu Errante*, os *Mysterios de Paris* e do *Povo* &c &c.

— Monsenhor Ferrari, vigario geral capitular de Genova, *sede vacante*, acaba d'instituir *uma piedosa associação em honra de* Maria *para a conservação e augmento da fé catholica.* Deverão os associados para conseguir este fim: 1.° *Invocar por uma oração incessante a intercessão da Virgem Santissima*; 2.° *propagar as boas leituras, e pôr obstaculos á propagação das más*; 3. *propagar a instrucção christan e auxiliar as predicas &c.*

Os associados devem proferir a seguinte formula para prestarem homenagem á Virgem Santissima.

« Eu-F... glorio-me de haver nascido, e quero a todo preço permanecer catholico, prestando plena obediencia ao Summo Pontifice e ao Episcopado, prompto a soffrer tudo antes que abandonar a minha fé. Renovo as promessas e renuncias feitas no meu baptismo, supplico a Santissima Virgem Maria Mãe de piedade e auxilio celeste que me fortifique nestas resoluçoens, e offereço-lhe um humilde testemunho de meu amor e devoção.

Os parochos dos estados sardos invocam a protecção da Virgem Santissima, e os fieis lhes correspondem. Não esperando já nada dos homens, é para Deus que voltam suas esperanças, e dirigem-se á sua divina Mãe para o applacarem. Fez-se um voto solemne, e todos os christãos se lhe associam, pelo modo supramencionado.

Os periodicos monarchicos e religiosos publicam aos milhares as assignaturas dos bispos, dignitarios, do clero, e homens mais distinctos do Piemonte por sua posição, luzes e virtudes.

Suissa — A egreja catholica continua a ser perseguida. Umas 50 folhas radicaes não cessam de clamar contra o clero; a maior parte dos mestres d'escóla fazem guerra aos parochos; os advogados, os empregados, os seminarios reclamam contra os exercicios religiosos; as lojas de pedreiros livres dirigem a acção, e os governos radicaes executam-na.

Os socialistas vão secularisar agora os conventos do cantão dos Grisoens como fizeram aos da Argovia, e continuam a secularisar os bens ecclesiasticos do Tessino, apesar dos protestos do arcebispo de Milão, do bispo de Como e do papa. Em Lucerna vam reduzir a nada as congruas dos parochos.

Sam assim os revolucionarios por toda a parte. Destruir e esbulhar a egreja é o seu alvo para melhor guerrearem o catholicismo.

Belgica — Haverá 5 mezes que duas jovens inglezas abjuraram o anglicanismo para entrar no seio da egreja catholica romana. Domingo 3 d'Outubro, o irmão das 2 neofitas recebeu o baptismo na egreja do collegio de N. Senhora. No dia 4 foi confirmado o recem-convertido. No dia 5 administrou o cardeal arcebispo de Malines a confirmação ás 2 irmans, que já haviam precedido, pelo baptismo, seu irmão, no seio da egreja catholica.

França — O arcebispo de Cambray publicou uma pastoral para que o Viatico fosse conduzido ostensivamente e com pompa aos enfermos. Desde a revolução de 1830 que havia sido vedado este uso da egreja pelo governo orleanista. Agora ve-se os proprios soldados tirarem as barretinas, e ajoelharem em quanto passa; e depois sahir uma patrulha apoz o palio.

— *Retiros pastoraes* — Em todas as dioceses de França se fizeram com a maior piedade os exercicios espirituaes do retiro. Na de Paris chegou o numero a 400 presbyteros, edificando a todos a presença do P. Terrasse, não obstante o peso de 93 annos. E' o decano do clero parisiense.

— *Observancia dos domingos e dias santos* — Os notarios de Metz e seu districto reuniram-se espontaneamente, e decidiram por unanimidade fechar os seus escriptorios nos dias santificados, e só fazerem nesses dias testamentos e actos urgentes.

— Na praça de S. Bernardo em Dijon poz-se a ultima pedra do pedestal da estatua que se vae levantar ao santo daquelle nome. Collocou-se tambem finalmente a estatua e faz um rico effeito.

— O arcebispo de Paris publicou um cathecismo de doctrina christan para uso da sua diocese, mais ao alcance de todas as classes do que o do arcebispo Affre, que só servia para pessoas mais intelligentes.

— O barão de Berthould não se contenta de ser o pae dos pobres, quer ainda procurar-lhes as preciosissimas vantagens d'uma educação christan. Acaba de fundar uma espaçosa e excellente escóla de meninas para as comunas d'Hulluch e Bénifontaine, na Flandres. E' dirigida pelas religiosas da Sacra Familia. Muitas parochias possuem já destas escólas e prouvera a Deus que as houvesse em todas; porque tratam dos pobres enfermos, recolhem a infancia e instruem a juventude.

— As *irmans de S. José da Apparição*, cuja instituição tem por fim o exercicio das obras de charidade e instrucção, principalmente nos paizes infieis e não catholicos, acabam de ser auctorisadas pelo bispo de Marselha para estabelecer nesta cidade a casa matriz de sua congregação.

Estas religiosas votam-se á instrucção completa do sexo feminino, e propoem-se abrir no 1.° do proximo Outubro, no seu estabelecimento de Marselha, uma escóla para externas, cuja pensão lhes permittirá tratar e velar gratuitamente os enfermos pobres da parochia da Santissima Trindade.

Hispanha — No dia 25 de Setembro recebeu em Villa Franca de Panades, com o necessario conhecimento, os santos sacramentos desde o baptismo até á extrema-unção o coronel inglez Ricardo Rafael Frederico Carlos Richardson Stuart. Na tarde de 28 entregou a alma ao Creador, morrendo como verdadeiro catholico. Serviu em Portugal na guerra de successão, e depois nos granadeiros do Porto contra os carlistas, em Hispanha.

Deus lhe perdoe, assim como nós lhe perdoamos o mal que nos veiu fazer.

— No dia 9 d'Outubro terminou em Briviesca a missão de 2 frades capuchinhos, que foram incançaveis, e tiveram a fortuna de colher optimos fructos dos seus suores.

E' com missoens, e não com o codigo criminal que se detem a torrente dos vicios e crimes, que ameaçam subverter a sociedade.

Inglaterra. — A missão dos Oblatas da Immaculada Maria, em Leeds produz diariamente grandes fructos, chamando muitos protestantes com especialidade da seita puseista, á communhão romana. Os bons frades contam começar na proxima primavera a sua egreja e convento em uma eminencia, que domina a egreja protestante de S. Salvador.

— *Convento de Passionistas em Broadway.* — Este convento fundado em 1848 vae em progresso. Quando alli se fundou havia apenas 12 catholicos, ha actualmente 120. Proximo está a bella fazenda que o general Lygon comprou para seu sobrinho o capitão Pakenham, irmão do conde de Longford, e sobrinho do duque de Wellington, o qual haverá 2 annos se converteu ao catholicismo, e abandonando as pompas do mundo é hoje um pobre frade naquelle convento, junto da rica propriedade que seria sua, se fosse protestante. Ainda o foram tentar á sua pobre cella para que reconsiderasse, porem aquelle fervoroso catholico calcou aos pés as riquezas deste mundo, aspirando somente ás do ceu.

Irlanda. — Mr. Crofton resignou a cadeira de professor de filosofia natural no collegio de Gallway, abraçou a fé catholica, e tornou-se membro da Sociedade de Jesus.

Os benevolos frades do convento de West, em Galway, vam erigir um asylo para os meninos orfãos dos que morrem no mar.

— *Conversão.* — Mrs. Griffiths excellente esposa d'um cavalheiro de Tipperary, e filha do cavalheiro George Roe, de Loran Park abraçou a fé catholica.

— A missão que durou 15 dias no condado d'Ulster, não só confirmou os catholicos na sua fé, senão ainda trouxe ao seio da egreja quasi todos os protestantes que nelle havia, os quaes receberam o baptismo condicionalmente.

— Mr. Ardill, depois de fazer a sua profissão de fé, foi recebido no seio da Egreja catholica; e mr. Sweeny abandonou os erros do protestantismo, no leito da morte, e foi acompanhado ao logar do repouso por immenso povo catholico de Ballenrobe.

Allemanha. — *Effeito das missoens.* — Um presbytero allemão foi encarregado em fins de Setembro de restituir a diversas familias belgas varias sommas, elevando-se a um total de 15$ francos (2:700$ rs.) E' um dos effeitos das missoens d'Allemanha.

Baviera. — A cidade de Ratisbona, na Baviera, tem emblemas religiosos nas fachadas e tectos de suas casas. Em geral o povo bavaro é muito addido ao catholicismo. Por toda a parte se encontram capellas, nichos e cruzeiros, e todas as classes da sociedade se portam com reverencia diante dos edificios e emblemas religiosos.

Prussia. — A população catholica da Prussia, contando os habitantes de Hohenzollern, sobe hoje a 6,046:292 almas, sendo a população total da Prussia 16,346:625.

A provincia de Prussia tem 664;033 catholicos; e comprehende 2 diocezes: Erlanguen, Culm e uma parte da de Gnesen e Posen. O bispo d'Erlangen é monsenhor Ambrosio Geritz, tendo por coadjutor monsenhor Grossmann, bispo d'Ancyson *in partibus*. A sé episcopal encontra-se em Trauenbourg. O bispo de Culm, que habita em Pelplin, é monsenhor Sedlag, tendo por coadjuctor monsenhor Dekawski, bispo de Sebaste *in partibus*.

A provincia de Brandenbourg, onde se encontra Berlin, não tem mais de 33:905 catholicos e encontra-se sob a jurisdição do cardial bispo de Breslau.

A provincia de Pomerania, tem apenas 10:630 catholicos, que pertencem a varias dioceses.

A provincia de Silesia, tem 1,476:905 catholicos, e acha-se sob a jurisdicção do bispo de Breslau, excepto dois districtos que pertencem á jurisdicção dos arcebispos de Praga e Olmutz. O cardial bispo de Breslau é monsenhor Melchior de Diepenbrock. Seu coadjuctor é monsenhor Catussek, bispo de Diana *in partibus*.

A provincia de Pozen tem 866:390 catholicos, e acha-se sob a jurisdicção do arcebispo de Gnesen e Posen, monsenhor Przyluski; seu coadjutor para Gnesen é monsenhor Brodziszewski, bispo de Themiscyra *in partibus*, e para Posen, monsenhor Dabrouski, bispo de Heneuopolis *in partibus*.

A provincia de Saxonia tem 111,432 catholicos, sob a jurisdicção do bispo de Paderborn.

A Westfalia tem 808,821 catholicos e 2 bispados: Munster e Paderborn. O bispo de Munster é monsenhor Muller, tendo por coadjutor monsenhor Brickmann *in partibus*. O bispo de Paderborn é monsenhor Drepper.

A provincia rhenana tem 2.074:153 catholicos e 2 dioceses: Colonia e Treveris. O cardeal arcebispo de Colonia é monsenhor Geissel, que tem por coadjutor monsenhor Baudry, bispo de Arethusa *in partibus*. O bispo de Treveris é monsenhor Arnold, tendo por coadjutor monsenhor Breum.

— *Biblias protestantes* — Le-se no *Indicateur religieux* jornal protestante de Berlin o seguinte: « De 1440 a 1800 não se imprimiram senão 2 milhoens d'exemplares da Biblia; no principio deste seculo, não se contavam ainda senão 4 milhoens em 50 linguas diversas. Depois desta época appareceram 32 milhoens em 200 linguas e foram distribuidos em todas as partes do mundo por 53 sociedades biblicas. Que resultou de toda esta despesa de zelo e dinheiro? Um progresso religioso, o adiantamento moral das populaçoens? Não, pelo contrario, uma decadencia incontestavel e profunda? »

NOVEMBRO 6. 1852.—N.º 45.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Em consequencia de nos retirarmos da politica militante, para irmos dedicar-nos á advocacia fóra d'esta cidade, tivemos de procurar quem nos coadjuvasse na redacção deste Semanario, e permanecesse fixo n'esta cidade ou nas suas immediaçoens, porque nos doía a alma de o vermos morrer tão robusto e vivaz.

Deus ouviu os nossos votos, e deu-nos para collega o Snr. *José Maximo Lopes da Silva Rebello*, bacharel formado em Theologia, e professor acreditado no Collegio da Formiga, moço mui digno por todos os titulos, e que, na carreira universitaria, fôra sempre premiado pelos seus mestres, e estimado pelos seus condiscipulos.

Não morrerá, pois, o nosso Semanario, tendo um mancebo orthodoxo e illustrado para nos ajudar a sustentar o CHRISTIANISMO, e contando confiadamente com a benevolencia dos nossos amigos para a continuação da sua mui valiosa e illustrada collaboração, e tambem com a dignissima collaboração de outros Cavalheiros, que nos honraram com suas promessas.

A maior demora, que tem ultimamente havido, proveiu da falta de typo e de compositores, na maior parte das typographias, que procurámos; porém, graças á Providencia, conseguimos vencer esta difficuldade, e, passada esta semana, sahirão dois numeros semanalmente até retomar o seu andamento normal.

As Meditaçoens para todos os dias do anno, só poderão continuar-se logo que chegue typo egual que de Lisboa se encommendou para esse fim, e que brevemente deve chegar.

Esperamos que os nossos dignos subscriptores nos relevarão esta falta involuntaria e independente de nosso arbitrio.

F. C. de Mendoça e Mello.

TODOS OS SANCTOS.

E' chegado o mez dos ventos e das tormentas. Torrentes de chuva alagam as terras, e conduzindo o seu excedente aos regatos, ou precipitando-se pelas quebradas das montanhas, vam intumecer os rios, que em sua rapida currente arrastam pontes, arvores e edificios.

Os tufoens precursores do rispido inverno, açoitam ás plantas e as arvores, arrebatando-lhes as folhas, como o tempo devorador nos rouba os nossos mais formozós dias, para nos aproximar da campa.

A religião mãe provida, espalha as festas de tempos a tempos, marcando-lhes os intervalos, como se fossem marcos indicativos do espaço, ou oasis no dezerto da vida, para os christãos fatigados repousarem.

Cada mez tem seus mysterios proprios, suas solemnidades correspondentes, suas commemoraçoens de Sanctos.

O nascimento do Salvador, a sua apresentação no templo, a sua circumcisão, epifania, paixão, morte, resurreição e ascensão, teem celebraçoens muito esplendidas.

A descida do Espirito Sancto, o Corpo de Deus, a Natividade, a Conceição, a Assum-

pção da Virgem Sanctissima, teem-se succedido alegremente umas a outras, como nos tempos precedentes.

O Christianismo, porém, não se contenta só com esses dias, consagrados a solemnisar os mysterios, colloca tambem cada um dos dias do anno, debaixo da protecção especial d'um habitante da mansão celeste.

No entanto o ceu tem mais escolhidos do que dias o anno, o que faz com que a religião nos subministre, como coroa de todas as commemoraçoens particulares, uma commemoração geral.

Eis a bem concebida origem da *festa de Todos os Sanctos*.

Do mesmo modo que uma mãe terna e carinhosa, reuniu a Egreja Catholica todos seus immensos filhos, para os festejar conjunctamente diante do throno do Altíssimo. E para demonstrar a sua justiça, conduz á presença do grande Remunerador, e expõe ás homenagens dos homens todos aquelles que mereceram uma gloriosa recompensa.

Nesta solemnidade de todos os Sanctos dá-se as mãos a Egreja, que existe n'este mundo com aquella que está no ceu, revelando-se a communhão dos Sanctos que gozam a ventura eterna, e dos justos que a anhelam, como grande consolação, e poderoso incentivo.

Aquelles que ainda habitam n'este valle de lagrimas, tomam animo por conhecerem, que, só atravéz das lagrimas e dos soffrimentos, chegaram os seus predecessores ao repoiso celeste, e por isso dizem comsigo: *elles foram como nós, sejamos nós como elles.*

Para bem fallar-mos da festa de todos os Sanctos, era necessario que podessemos descrever a sua gloria, a sua felicidade, e os seus extasis sem fim. Mas de que modo o poderiamos fazer sendo nós uns pobres mortaes, que não o podemos ver com os nossos olhos, que não o podemos ouvir com os nossos ouvidos, e que não o podemos comprehender em nossa acanhada humanidade e exiguidade terrena?

Bossuet empregou expressoens tão sublimes e frazes tão eximias, para explicar a ventura dos Sanctos, que só servem para nos fazer vêr a limitação do nosso ser, e o quanto é impossivel descrever-se aquillo que nem mesmo se póde imaginar.

Um dos meios de se poderem entrever as delicias do ceu, é pintar com vivas côres as miserias da terra. « No ceu diz, o *Ecclesiastes*, um oceano de ventura! n'este mundo algumas minguadas gotas de alegria; a terra só se sorri a tremer. »

A Egreja, n'esta solemnidade de todos os Sanctos, quer que anciosamente desejemos o ceu; e que nos desgostemos de todo d'este arido logar em que jazemos desterrados.

Com effeito nunca temos tanto amor á nossa patria, como quando vivemos em cruel desterro!

A Egreja antes d'estabelecer esta delicioza festa de todos os Sanctos, havia criado festas para diversas gerarchias dos habitantes do ceu.

Deste modo a Egreja oriental ainda hoje celebra a festa de todos os Sanctos do Testamento Velho, que são todos os justos, que precederam a vinda do Messias.

Por muito tempo se celebrou a festa dos Apostolos, a dos discipulos, e tambem a dos Martyres, bem como a dos Padres do dezerto.

O Papa Gregorio III que occupou a cadeira de S. Pedro em 731, foi o primeiro que fez solemnisar em Roma a festa de todos os Sanctos.

Tendo ido a França o Papa Gregorio IV, no anno de 835, exhortou a Luiz-o-Pondoso, para fazer celebrar a grande commemoração dos Sanctos em todos seus estados; o que foi executado no 1.º de Novembro do mesmo anno.

D'esde esse tempo ficou sendo ó dia de todos os Sanctos, a festa do Outomno, a festa que termina os dias formozos e se avisinha da morte.

Se a Egreja celebra a morte de cada um dos Sanctos em particular, por isso que pela morte alcançaram o gozo da bemaventurança eterna, é bem natural que no 1.º de Novembro se celebre a morte de todos, ou o seu triunfo na vespera mesmo do dia, em que commemora os funeraes de toda a familia de Adão.

E' n'esse dia, ao passo que os ventos assobiam em de redor das velhas Egrejas, e que as folhas secas juncam os campos, arrebatadas pelos frios e rijos turbilhoens, que a Religião canta em seus sanctuarios este hymno a todos os Sanctos:

« Nós mortaes reunimo-nos alegremente « para cantar as palmas e as coroas que haveis « ganhado, ó Sanctos habitadores do ceu, a « preço de tantas lutas e de tão rudes trabalhos!

« Nós, revestidos de miserias vos celebramos a vós, que o Todo-Poderoso revestiu de « gloria.

« Nós, que comemos o pão do trabalho e « das lagrimas, nós vos celebramos a vós, que « não viveis senão d'amor e verdade, e que « bebeis, nas taças d'oiro, as aguas vivas das « fontes sagradas.

« Vós que ereis humildes n'este mundo, « nós vos vemos hoje misturados com os Sanctos « anciãos, que depõem os seus diademas de « gloria aos pés do Rei do reis.

« O' vós, que haveis sido nossos irmãos, « sede-o ainda no ceu! Nós somos pobres, « mesquinhos e vestidos de miseria, e vós trazeis vestes esplendidas, lavadas no sangue « do cordeiro; mas não desvieis os olhos de « vossos irmãos d'este mundo! »

Quando as magestozas abobadas das cathedraes, e as singelas arcadas das egrejas d'aldêa ouvem cantar estas poeticas cançoens, começam já os dias a incurtar-se e as noites a desdo-

brarem mais cedo o seu negro manto, prolongando mais as suas opacas trevas, á ponto que a saudação da noite, no dia de todos os Sanctos, se celebraria ás escuras, se os altares não brilhassem com um sem numero de luzes.

E' então que os campos começam a tornar-se tristes para aquelles que só amam a verdura, as flores e os ceus sem nuvens.

E' então que as folhas pallidas e seccas cahem como as illusoens dos tempos felizes. Cada embate e decepção arrebata ao homem uma illusão, que o acalentava, como as lufadas e sacudidellas do gelido vento despojam a arvore das folhas, ha pouco ainda vicejantes.

Grandes e vagos rumores se elevam então pelas longas e frias noites, e fazem devaniar o homem a respeito do nada e da vaidade das coisas transitorias d'este mundo.

Porém n'este luto da natureza ainda existe um grande e indizivel attractivo para o homem, que tem encanecido, atravessando as vicissitudes dos tempos, por entre os abrolhos espinhosos do soffrimento.

Se as festas floridas da primavera e do verão são proprias da mocidade folgasan; a festa de todos os Sanctos quadra mais áquelles, que percorrendo longa meta se adiantam em annos, por isso que toca no dia de finados!

Mendoça e Mello.

APPENDICE

Ao Artigo sobre o Deismo.

X.

Disse, fallando de Voltaire, refferindo-me ao testemunho d'um dos seus discipulos, que elle preparara as revoluçoens politicas e religiosas, que inundaram a Europa de sangue, de crimes e dezordens.

Na biographia universal de Feller citam-se para prova desta verdade muitos escriptores, que assim o tem reconhecido, e entre estes o Mercurio de França de sete d'Agosto de 1790, em que seus auctores (1) mostram que a revolução franceza de 1789 foi obra de Voltaire, e que, se elle não viu tudo, o que se fez, foi elle que fez tudo, o que se viu. Disse, que imprimiu no seu seculo o seu espirito de corrupção e de immoralidade.

Para aquelles que nos fallam da gravidade dos costumes de Voltaire, remettelos-hemos ao poema — *la Pucelle d'Orleans* — que por sua libertinagem e indecencia, excitou a indignação ainda dos menos escrupulosos; devendo considerar-se como só digna d'um homem, para quem a honra e a reputação não passa d'um nome vão. Citar-lhes-hemos o seu *Optimismo*, a maior parte dos seus contos, o seu poema sobre a lei natural, aonde reina o escandalo e a indecencia, o seu poema sobre o desastre de Lisboa, em que insulta a mesma divindade, e que mereceu a censura do mesmo J. J. Rousseau.

Em quanto a essa vasta conspiração contra o Christianismo de que elle foi o chefe, citaremos a carta, que lhe escreveu Frederico 2.º Rei da Prussia no anno de 1767 — em que se exprime assim — « Que seculo tão desgraçado para a côrte de Roma, « diz Frederico, batem-a na Polonia, e expulsam de « França e de Portugal os seus guarda-corpos — (os « seus mais valentes esquadroens). Os filosofos minam « por toda a parte o throno pontificio, tudo está per- « dido para elle; é necessario um milagre para sal- « var a Egreja, e vós tereis a gloria de a enterrar e « de lhe fazer o epitaphio. »

Em outra carta por occasião da expulsão dos Jezuitas d'Hispanha, lhe diz o mesmo Frederico — « Acabamos de conseguir outra vantagem; os Jezui- « tas são expulsos do reino d'Hispanha: que se não « deve esperar do seculo que se seguir a este....? « O machado está á raiz da arvore; os filosofos le- « vantam-se contra os abusos d'uma superstição re- « verenciada, este edifficio (a Egreja Catholica) vae « a cahir por terra; os annaes de todas as nagoens « transmittirão á posteridade, que Voltaire foi o pro- « motor desta revolução, que se consumou no se- « culo 19. — »

Que mentirozas profecias! aonde se encontrarão mais falsas e mais desgraçadas para os seus auctores?

Em vez de Voltaire enterrar a Egreja, foi ella que o mandou enterrar, e custou muito trabalho aos seus parentes, e sectarios para obter della esta graça. Bem longe de Voltaire fazer o epitaphio para pôr no seu tumulo, elle a julgou tão forte, e tão cheia de vida ao tempo da sua morte, que ainda lhe fez humildes supplicas para se reconciliar com ella, e recebel-o em seu seio, se bem que alternadas com os gritos de desesperação do impio agonisante (2) e com transportes de furor similhantes aos de Orestes. Das cartas citadas, vê-se ainda, que a extincção dos Jesuitas entrava no grande plano da conspiração contra o Christianismo, a que parece não foram extranhos os jansenistas, que na revolução de mil sete centos e oitenta e nove se uniram com os revolucionarios, para dar cabo da Religião na França. Tudo o que havia de filosofos e jansenistas, ou para o dizer com mais

(1) « Os homens pensadores, dizem elles, reconhecerão, que Voltaire é o grande movel desta revolução, que enche d'assombro a Europa, que espalha o terror nas côrtes e a esperança no meio dos povos: foi elle que fez cahir o maior sustentaculo do despotismo, (o poder sacerdotal) se elle não tivesse quebrado este jugo, nunca o povo teria reconquistado a sua independencia e liberdade, ou desfeito os grilhoens, que o maneatavam. Foi Voltaire que fez a razão popular em França; se elle não ensinasse o povo a pensar, este nunca saberia o que era, nem teria sabido uzar da sua força para se libertar da tirannia. E' o pensamento dos Sabios, que prepara as revoluçoens, mas é o braço do povo que as executa. E repetia tantas vezes ao povo, que a sua maior desgraça era ser tolo e cobarde, que elle deixou de ser uma e outra cousa »

Basta-nos por ora este testemunho entre muitos que podia produzir, e que omitto por brevidade, e delle já o mundo póde conhecer por experiencia o que se lucra com a leitura das suas obras.

(2) Voltaire murió alcabo implorando los socorros de esta Iglesia misma, que havia perseguido; bien que alternando sus humildes suplicas al Abbate Gautier, con los furores y la rabia de un inpio desesperado. Pero en que tiempo murió este infame apostata de la Religion? Circunstancia mui digna de observar-se. Murió precisamente en el plazo que hera necessario para dismentir otra profecia suia semejante á la de Frederico. Havia escrito aquele impio á su discipulo d'Alembert en el anho de 1758 esta biasfemia — Esperad aun veinte anhos, y vereis en que para Diós, o que buena suerte le espera á Diós. — Contolos el mismo Voltaire, y al cumplir estos veinte anhos en el de 1778, despareció de la tierra aquel monstruo, que tuvo la osadia de desafiar al Cielo, y anunciar a Diós para el mismo anho la misma suerte. Assi se castigan los profetas falsos, y sus empiedades. Instrucção pastoral dos Bispos de Lerida, Tortosa, Barcelona, Urgel e Pamplona.

propriedade, todos os inimigos da Religião applaudiram á extincção dos Jesuitas e julgáram vêr nella o triunfo da sua causa. Esta ordem celebre oppunha-lhes, pois, uma barreira invencivel, que elles assentáram devia destruir primeiro, que tudo: é este o seu maior elogio, e o seu triunfo, é o maior brazão da sua gloria. Teve pois milhares de razoens um arcebispo nosso e pio escriptor, para exclamar — Se os Anjos do ceu podessem baixar a este mundo, para nos declararem os immensos fructos das missoens dos Jesuitas, por certo ficariamos « suspensos e assombrados, e poderiamos sem temeri- « dade romper nas vozes do profeta Evangelista, quan- « do viu essa multidão sem conto d'almas ditozas, esco- « lhidas de todas as gentes, tribus, povos e linguas, « para serem eternos adoradores da Magestade divina. « Se os demonios fossem capazes de auxiliarem uma « causa justa, elles proprios confessariam ser desmedido, « e mais que tresdobradamente acima do que anda im- « presso nas memorias dos Jesuitas, o numero d'almas, « que por industria destes varoens apostolicos, passa- « ram das trevas da gentilidade, para as mui claras e « bemfazejas luzes do Evangelho sancto. Não foi « por tanto exagerado um poeta, nem Jesuita, nem « Sacerdote, mas christão e imparcial, que ao extin- « guir-se a companhia de Jesus, desabafou nesta ma- « viosa e elegantissima queixa — se os esquadroens celes- « tiaes podessem chorar, as suas lagrimas trasp ssariam « o firmamento e appresentariam uma nova especie de « chuva que inundaria a terra. » (3)

Se porem os Christãos verteram lagrimas de sangue ao verem a extincção desta ordem celebre, que tantos serviços tinha prestado á Religião e á sociedade, os filosofos julgaram vêr na sua extincção a ruina da Egreja, ou pelo menos uma grande victoria, que lhes abria o caminho, para novos triunfos e para a execução dos seus planos, não se descuidando todavia em maquinar contra todas as outras ordens religiosas; e eis aqui porque elles declaráram benemeritos da filosofia todos os governos, que quando não podes-em extinguil-as de uma vez, principiassem por reduzil-as e acabar com ellas pouco a pouco — veja-se a carta de Frederico a Voltaire de 24 de Março de 1767, e a de Voltaire a Frederico de 25 de Abril do mesmo anno. —

No Breve de Pio 6.º dirigido aos bispos francezes, por occasião da extincção das ordens religiosas, na assemblea de França de 1790, dá este papa a razão das iras dos revolucionarios contra ellas — *Supressi sunt*, diz elle, *igitur ipsi ordines, tam ut in eorum invaderetur bona, quam ne amplius quis existerit, qui populos ab errore, ac morum corruptione revocaret.*

Alvaro Vaz Correa de Seabra e Silva.

LIVROS MAUS.

IV.

NADA mais justo que o modo de obrar da Sancta Egreja na prohibição de livros. Tudo alli é prudencia e circunspecção. Poderá algumas vezes haver excesso na expurgação, mas o principio, que preside á Sancta Egreja na condemnação d'uma obra, é verdadeiro e divino; porque ella não só prohibe as obras directamente heraticas e impias, mas até aquellas de que se póde suspeitar erro, ou que contem proposiçoens offensivas dos pios ouvidos da moral, e bons costumes.

E não entrará isto na esfera d'uma sociedade a mais bem administrada?

O homem não só se abstem das comidas venenosas, que por si mesmas dam a morte, mas tambem d'aquellas, que d'alguma sorte alteram ou podem alterar o seu estado valetudinario.

A Egreja pois condemna livros heraticos, como os de *Calvino*, *Luthero*, *Jansenio*, *João Hus*, *Melanchton*, e *Wiclef*; porque contém erros expressos contra a fé.

Condemna os livros escriptos por herejes, ainda que não tratem expressamente de religião, como os de *Henrique Estevão*, *de João Scapula*, *de João Jacob Hoffman*; porque d'ahi póde resultar perigo aos que os lêrem.

Condemna os livros impios, como os de *Voltaire*, de *Mirabeau*, de *Diderot*, de *Freret*, *d'Alembert*, de *Damilleville*, e de *Pigault-le-Brun*; porque atacam directamente a religião.

Condemna os livros que contém proposiçoens malsoantes, erroneas, temerarias e falsas, como os de *Van-Espen*, de *Eybel*, de *Febronio*, de *Tamburini*, de *Dunnemmayr*, de *Gmeiner*, de *Pereira*, e de tantos outros.

Condemna os livros que contém proposições escandalosas, como o *Contracto Social*, o *Cidadão Lusitano*, o *Espirito das Leis*, e outros muitos.

Condemna os livros que referem cousas obscenas, como o *Filho do Carnaval*, o *Retrato de Venus*, e uma immensidade de romances torpes e immoraes, depravadores dos bons costumes.

Condemna finalmente todos os livros de que póde haver damno na fé, e perigo na moral. Mas que precauções não uza a sancta Egreja na sua condemnação? Quando o livro é d'auctor catholico de reconhecida fama, e de nome celebre, accrescenta esta clausula — *Donec corrigatur*, ou *Donec expurgetur*.

O methodo de que uza na expurgação é o seguinte.

O livro em questão é entregue a um *Qualificador* da Congregação do Index que o examina, pondo nelle a censura e notando os erros, que lhe encontrou.

Depois supprime-se o nome do primeiro Censor, e entrega-se o livro a um Revisor: a suppressão do nome é para que este exponha livremente o seu juizo.

Se o segundo Censor concorda com o primeiro, o livro é mandado aos Consultores, para que cada um d'elles dê o seu voto. Porem se não concorda, admitte-se terceiro Censor.

D'aqui é apresentado o livro n'uma congregação particular ou preparatoria, a que assistem seis consultores com o mestre do Sacro Palacio, e com um Secretario, e alli é discutido e censurado: o Secretario escreve o voto dos Consultores.

Depois é levado á congregação dos Cardeaes com os votos e censuras anteriores, para que elles dêem o seu parecer.

Finalmente o Papa dá o juizo definitivo e condemna ou absolve o livro; muitas vezes o Papa manda que se julgue o livro na sua presença.

Poderá haver uma diligencia mais circunspecta, uma prudencia mais rigorosa?

Quem se recordar do que se fez em Roma na condemnação do pestifero livro de *Jansenio*, hade confessar que nada mais justo e legal do que o proceder da sancta Sé Apostolica a esse respeito.

J. V. N. C.

---

(3) Neste sentido patenteava o Palatino de Cracovia, e general dos exercitos da Polonia Venceslau Rzewusco a extincção dos Jesuitas.

Com o maior prazer publicamos a seguinte correspondencia a respeito do estabelecimento da Archiconfraria do *Immaculado Coração de Maria*, em Penafel, não só para que se veja o progresso d'esta pia associação, e o optimo acolhimento, que o povo do Minho lhe vai fazendo, como tambem para que chegue ao conhecimento d'outros, e os anime a seguirem o seu exemplo, mostrando fóra de Portugal, que o nosso povo é eminentemente religiozo e não tem culpa dos desvarios, que aqui se teem praticado depois de 1834.

Senhor Redactor

Por falta de tempo não lhe tenho participado, que no dia 29 d'Agosto proximo passado se festejou na Egreja dos Terceiros de S. Francisco desta Cidade o *Immaculado Coração de* Maria com o esplendor compativel com a Archiconfraria nascente; por quanto, havendo começado, como devoção, em 25 de Janeiro de 1852 com a inauguração d'uma piedosa imagem, apenas pelos exforços louvaveis d'alguas pessoas dedicadas, foi já regularmente constituida a primeira meza em 5 de Setembro de 1852 segundo os estatutos competentemente approvados.

Foi precedida esta solemnidade de concorrida novena e vesperas, cantada com boa muzica, estando o templo decorosamente ornado. Cantou a Missa o Reverendo missionario Joaquim José Alvares de Moura, assistindo grande numero de clerigos: e pregou o Reverendo missionario Antonio Correa dos Reis Coelho, que por ser novel neste ministerio surprehendeu o auditorio com uma oração primorozamente trabalhada e desenvolvida, satisfazendo a multidão, cuja parte illustrada o escutou com todo o interesse, não só na primeira parte, em que tratou das prerogativas e preeminencias da *Mãe de Deus*, como na segunda, em que historicamente narrou a fundação desta Archiconfraria em Paris e resto da França, e bem assim o grande incremento, que ha tido em outros paizes, contribuindo poderosissimamente para fazer cahir esses impios sistemas dos enciclopedistas, e infames doutrinas da escola de Voltaire, que, havendo chegado a ter voga mormente entre a incauta mocidade, hoje esta, áliás mais prudente e estudioza, refuta, e se condoe de taes erros e estupido materialismo.

De tarde subio ao pulpito o primeiro mencionado padre Joaquim José Alvares de Moura, que muito bem dispoz uma grande multidão de povo, que das aldeas contiguas afluiu, para assistire e ver a procissão, que 10 dias antes não se contava sahisse por falta dos arranjos necessarios! Mas foi tal o fervor e empenho em apoiar-se a idea deste incansavel missionario, que se venceram todas as difficuldades para ella sahir, senão com fausto, ao menos com toda a decencia. Notavam-se às alenternas do andor da bella Imagem as authoridades civis e ecclesiasticas; assim, como ás do palio, e às suas varas os bachareis formados que ha na Cidade, fóra um grande numero de irmãos respeitaveis. Fechava o prestito a força armada aqui estacionada, e precedida d'uma banda de muzica. As entradas dos devotos para augmento desta Archiconfraria teem subido neste primeiro anno a 2:800 e tantos! E bem fundadas esperanças ha de que os sentimentos religiosos, inatos nestes povos, e que as missoens teem corroborado nestes sitios, influam para seu incremento.

He uma verdade axiomatica, que o culto interno não he sufficiente, apezar do homem ser uma creatura instinctivamente religiosa; e por isso torna-se necessario o externo para animar e exaltar os crentes, se bem que ás vezes tibios; e mormente para aquelles mesmos desgraçados, que tem por maxima a negação de toda a religião qual haverá ahi que não observe fortemente impressionar-se sua imaginação e sentidos no meio dos canticos religiozos, e á vista dos ritos symbolicos, do esplendor dos templos, da riqueza dos ornatos, e das vestes sacerdotaes, pompa das ceremonias, e faustozas procissoens! Quantos destes, reflectindo um pouco mais sizuda e pauzadamente, se não deixam penetrar deste apparato a ponto de reconhecerem finalmente os cardiaes dogmas christãos, e até chegarem a adorar a Deus *em espirito e verdade*, como deixou recommendado, que se fizesse, a innocente victima do Golgotha!

Ajudemos pois este culto e devoção para que o Immaculado Coração de Maria nos proteja; e convença e converta os menos fieis a trocarem sua depravada philosophia pela sana moral do Christianismo.

Penafiel, Outubro de 1852.

Morgado da Folha.

LAMENTAÇOENS.

Oremos pelos Finados!

I.

Funéreo som de agonia,
Duro bronze nos envia!..
Chama os vivos á oração!
E' uma vós do infinito
Lembrando ao povo contricto
Sacro-sancta devoção!

A Egreja nos dá o exemplo!
Ao templo, mortaes, ao templo
Vossos passos dirigi!
Enlutada Mãe deplora
Os filhos, que extinctos chora!
São vossos irmãos!.. ouvi!..

Ouvi os eccos maguados
Repetir saudosos brados,
Que se escutam lá no ceu!
De negro vêde os Altares!
Renovae justos pezares!
Orae por quem já morreu.

Se tendes lá no jazigo
Pae ou Mãe chorae commigo,
Que na orphandade fiquei!
Filhos, irmãos, ou consorte,
Amigos.... ah! sim! que a morte
Roubou-me os que tanto amei!

Onde estam os meus parentes?!..
Onde tão queridos entes,
Que viviam junto a mim?!
Para sempre se ausentaram!..
Para sempre!... e me deixaram
Saudades, que não tem fim!

Onde estam?.. na sepultura!
Na mansão da morte dura
Jazem seus restos mortaes!
Mas as almas?.. ai! são essas,
Que lembram nossas promessas!
Oh! não se olvidem jámais!

Olhae, as juras da terra
A Eternidade as incerra!....
Em vão não jura ninguem!
Da vida as prisoeis cessaram;
Mas laços, que almas ligaram
Lá no ceu mais força tem!

Laços de fraternidade
Unem toda a humanidade
Em vinculo perennal.
Hoje orae pelos finados;
Amanhan sereis chegados,
Talvez ao termo fatal!

II.

Entre as plantas, que vicejam
Quantas campas ora alvejam!
Quantas cobre a excelsa cruz!
Vivestes, como vivemos!
Quaes hoje sois, nós seremos!
Dormi crentes de Jesus!

Oremos pelos Defunctos!
Um dia seremos juntos;
Hade o pó ao pó tornar!
E as almas dos que morrerem
Hão-de áquelles que viverem
Uma oração implorar.

Uma lagrima sentida,
Por quem se auzentou da vida
Cae aos pés do Creador!
Faz brotar linda saudade,
Que vive na eternidade
Junto ao throno do Senhor!

E as oblaçoens são as palmas,
Que Jehová entrega ás almas
Dos que honraram santas leis!
Orae, que a oração conforta!
A Egreja vos abre a porta!
Ajoelhae povos, e reis.

Ajoelhae, que a lei da morte
Dos mortaes eguala a sorte!
Lei suprema, divinal!
Vêde os Seculos passando,
Milhoens de ossadas levando!
Qual vestiu manto real?!

Ninguem sabe dif'rençal-o!
Que o rei é egual ao Vassalo
Em nascimento, e em morrer!
Só grande é quem viveu justo;
Quem olha a morte sem susto;
Quem nobre c'rôa vae ter!

Escutae!.. lá dobra o sino!
Lá repete ecco divino
Do Omnipotente a alta vóz!...
Oremos pelos finados;
Vamos dar prantos maguados
A quem viveu como nós.

Funereo som de agonia
Duro bronze nos envia!
Chama os vivos á oração!
E' uma vós do infinito!..
Recorda povo contricto
Sacro-sancta devoção.

D. A. G. Pusich.

ANNO CHRISTÃO.

NOVEMBRO.

7 *Domingo.* S. Florencio, que, bispo de Argentorato, ganhou na guarda de seu rebanho, o galardão devido a um bom pastor.

8. *Segunda feira.* S. Severiano e seus tres irmãos, tambem denominados *os quatro coroados*, soffreram na via Lavicana glorioso martyrio no tempo do imperador Diocleciano. Os tormentos foram aturados, porque morreram á força d'açoutes; porém nem um gemido lhe ouviram os algozes, antes uma alegre e desassombrada protestação de sua fé foi a primeira e ultima vez, que articularam.

9. *Terça feira.* S. Theodoro, havendo pegado o fogo a um templo dos idolos, foi por isso prezo; e propondo-lhe o commandante da sua legião (porque era elle soldado) « que abjurasse a religião christan, e seria perdoado » rejeitou com coragem um perdão, que importava a pena eterna. Por tanto, depois, de lhe dilacerarem o corpo com pentes de ferro, o lançaram a uma fogueira, onde, louvando a Deos, lhe entregou a alma.

10. *Quarta feira.* S. André Avelino, d'antes chamado Lancelloto, nasceu em Castro Novo, que é uma villa da Lucania. Indo para Napoles frequentar os estudos, levou bem gravada no coração a maxima « de que é o temor de Deos o principio da sabedoria »; e com effeito passou incolume o agitado mar das paixões dos verdes annos. Bacharel em direito foi ordenado em presbytero, e dando-se á advocacia no foro ecclesiastico, lhe es-

capou uma mentira quando defendia certa causa, e foi tão grande o subsequente arrependimento, que de todo abandonou tal profissão. Pedindo depois ser admittido na congregação dos Clerigos Regulares, todos os momentos empregou em tornar-se digno do ceu; a sua caridade lhe dava forças sobrehumanas para supportar os trabalhos de seu ministerio; passava dias inteiros no confessionario, e se de noite, fosse ella a mais tempestuosa, era chamado para assistir a algum moribundo, ell-o ahi corria a levar-lhe os soccorros espirituaes. Estando pa a celebrar o sancto sacrificio, foi acommettido d'uma apoplexia; e podendo ainda receber os sacramentos, expirou depois na paz do Senhor.

11. *Quinta feira.* S. Martinho, filho de paes idolatras, nasceu em Sabaria, e aos dez annos conhecendo que a religião christan era a verdadeira pediu ser admittido como catechumeno. Seguindo depois a profissão das armas conservou sempre pura de todo o peccado a sua alma; e quanto elle era caritativo, o mostrou quando pedindo-lhe um pobre quasi nu a esmola, elle cortou com a espada metade da sua capa, não tendo outra cousa que lhe desse. Abraçando depois a vida ecclesiastica, foi eleito bispo Turonense, onde edificou um mosteiro, em que vivia monasticamente com trinta companheiros. Adoecendo, pedia a Deos, que o libertasse do carcere mortal; porem bem differentes as oraçoens de seus discipulos: — elles queriam que elle vivesse ainda muitos annos. Deus attendeu antes ás de seu servo, e o levou á eterna gloria

12. *Sexta feira.* S. Martinho I foi eleito papa por morte de seu predecessor Theodoro I no anno 649. E ovocando em Roma um Synodo, em que foram condemnados os heresiarchas Sergio, Paulo e Pyrrho, incorreu no odio do imperador Constante, que era fautor dos ditos heresiarchas, e o mandou desterrado para o Chresoneso, onde á força de trabalhos e privações expirou no anno de 655 E' contado como um martyr; e seu corpo foi depoi trasladado para Roma, e ahi depositado na Egreja de S Silvestre e S. Martinho.

13. *Sabbado.* S. Eugenio foi, por suas virtudes e letras, elevado á dignidade de bispo de Toledo. Foi um liberal dispensador tanto do sustento da alma, como do corporal, empregando-se constantemente em doctrinar suas ovelhas, e distribuindo por ellas suas rendas. Morreu pobre, porem muito rico d. virtudes.

CHRONICA RELIGIOSA.

EUROPA. — Roma — S. Santidade Pio IX acaba de dirigir uma carta authografa a Luiz Napolião, na qual permanecendo estranho á politica, lhe dirige cordeaes cumprimentos pelos eminentes serviços que elle tem prestado á religião, e expressa os seus ardentes dezejos pela felicidade e união da França. Esta carta muito deve concorrer para promover a causa sagrada da religião catholica em França, e por toda a parte.

— Um decreto *Urbis et Orbis*, publicado por S. Ex.ª o Cardeal Asquini, prefeito da Sagrada Congregação das Indulgencias dispoem que todas as indulgencias que teem sido, ou que sejam concedidas para os dias festivos, e todas aquellas que teem sido ou que sejam concedidas a certas egrejas ou oratorios publicos, para serem ganhas mediante certas oraçoens, novenas, septenarios ou triduos, depois ou antes das sobreditas festas, ou durante a sua oitava, deverão, se a festa for transferida, ser consideradas como transferidas egualmente para o dia em que a festa for celebrada.

Sardenha — O rei escreveu a S. Santidade depois de haver tido uma conferencia com o arcebispo de Genova Monsenhor de Charvaz, seu preceptor. Espera-se que não tarde a renovação das relações, e a restituição dos bispos banidos ás suas diocezes, attendendo a que se muda o ministerio por causa da sua direcção dos negocios religiosos, ou para melhor dizer da perseguição que soffria a religião catholica.

Ilha de Corcega — Monsenhor Sarrebayrouze, bispo de Hetalonia conseguiu pacificar as communas de Ciamannacce, Paineca e Corrano. A' vós do venneravel prelado desappareceram as inimizades, que, havia muito. assolavam aquellas povoaçoens, e verificou se uma reconciliação geral, sendo jurada a paz diante do sanctuario e sobre os santos evangelhos. Como é poderosa a vós da religião quando passa pelos labios dos Santos Pontifices!

Suissa. — A parochia catholica de Coire, cabeça do Cantão dos Grisoens, composta de 1300 fieis que pertencem geralmente á classe dos artistas e criados, não tinha estabelecimento algum para orfãos e enfermos. Felizmente Fr. Theodozio, capuchinho, superior da missão da cathedral e cura da parochia, emprehendeu a fundação d'um hospital para os enfermos e d'um hospicio para os orfãos, collocando os 2 estabelecimentos sob a direcção das Irmans da caridade.

A divina Providencia dignou-se abençoar a empreza de tal sorte, que, durante 2 annos foram alli tratados, segundo careciam 280 enfermos e 23 orfãos. Comtudo os estabelecimentos ainda não estão consolidados, carecem de meios, e implora-se para esse fim a caridade dos fieis.

Inglaterra. — *Galles* — A egreja de Pantasaph, na sua origem foi destinada ao culto protestante, e pela conversão dos seus fundadores, Lord e Lady Fielding passou para o culto catholico. Ha 3 annos que lhe lançou a primeira pedra o bispo protestante de S. Asaph, accompanhado de 60 membros do seu clero, e por uma das maravilhosas mudanças que só Deus póde prever, acaba de ser aberta a Igreja pelo bispo catholico de Shrewsbury, assistido por uns 40 membros do seu clero secular e regular. Assistiram muitas pessoas notaveis, sendo grande o concurso de fieis de todas as classes.

Irlanda. — Os Padres Redemptoristas, teem feito maravilhas na sua missão em Vlster e Enniskillen. Passam o seu tempo na predica e no confessionario, e teem reconduzido muitos protestantes ao redil do catholicismo.

— Os deputados catholicos irlandezes, depois de celebrarem varias sessoens assentaram em promover, por todos os meios ao seu alcance, a abolição da egreja official protestante na Irlanda, e a liberdade da Egreja Catholica, empregando-se na sua sustentação os meios que devora o clero protestante sem ter rebanho algum

E' muito provavel que sejam bem succedidos, attendendo á sua força numerica, e ao grande fraccionamento, em que se acham os partidos na camara dos communs.

Prussia. — Uma petição com mais de 1:300 assignaturas, foi entregue ao Rei para prostestar contra as medidas recentemente adoptadas pelo ministerio a respeito do ensino da theologia catholica e dos Jesuitas estrangeiros. M. de Manteuffel respondeu em 27 do corrente aos signatarios da petição, que as medidas prescriptas pela circular de 11 de Julho, não tinham tido por objecto, como erradamente se havia julgado, prohibir aos theologos catholicos, o ir fazer seus estudos em estabelecimentos fundados por Jesuitas no exterior, ou o estabelecimento no paiz de Jesuitas estrangeiros; porem sómente cortar uma duvida que havia sobrevindo a respeito da concessão dos passaportes e cartas de naturalisação nos dois casos.

— O ministerio prussiano occupa-se seriamente na actualidade em fazer desapparecer de todo as desintelligencias, que se haviam suscitado com o clero catholico. Foi chamado a Berlin o Arcebispo de Breslau, e como adoecesse, chamou-se o de Colonia para uma conferencia resolutoria. O governo está disposto a propôr meios conciliatorios.

Mecklemburgo — As medidas violentas adoptadas pelo governo contra o camarista de Kettembourg, tendo descontentado no mais alto grau os catholicos e os pro-

testantes illustrados, M. de Kettembourg encontra por toda a parte uma ardente simpathia. A 4.ª assemblea das Associaçoens catholicas do bispado de Paderborn em Heerten, acaba de votar, em honra de M. de Kettembourg, uma mensagem que produziu a sensação mais favoravel em Mecklemburgo.

Hollanda — Ha negociaçoens entre a S. Sé e o governo hollandez, para estabelecer a gerarchia episcopal, e regularizar a Egreja catholica na Hollanda. Espera-se que breve se ultimará, e com bom exito, esta negociação.

Suecia — Pela primeira vez, depois da reforma, e no mez de Setembro prégou o R. Wackerbath, um sermão catholico, em Stockholmo, capital d'aquelle reino immoralissimo, e verdadeiramente protestante. E' um pequeno passo no verdadeiro caminho, e devido á influencia de L. Napoleão, que e primo da mulher do rei Oscar.

São grandes as penas que soffrem os catholicos na Suecia. Um cavalheiro, na corte do rei Oscar, sendo ainda mui joven, fez-se catholico. Era camarista com bons honorarios, apezar de ser estimado do rei foi banido por toda a vida, privado dos direitos civis e politicos, e confiscáram-lhe os bens. Refugiou-se em Inglaterra, onde ensina Allemão em um collegio catholico. Foi ultimamente convidado a voltar á corte com promessa de adiantamento, se abjurasse o catholicismo, ou fingisse externamente que era lutherano. Recusou-se formalmente, esperando em Deus que o catholicismo venha a ser tolerado na sua patria.

AFRICA. — Argelia — Espera-se que a profissão publica da fé catholica, será feita com muita brevidade por Bou-Maza. O distincto chefe arabio e amigo d'Abd-el-Kader. Bou-Maza, ha tempos que está sendo instruido.

AMERICA. — *Estados Unidos* — *Texas* — Extracto d'uma carta de Monsenhor Odin, bispo de Galveston: « Conto estar 2 mezes em Santo Antonio, onde me occupo d'um estabelecimento de frades. Os « pobres mexicanos que formam a massa da população nunca tiveram escola. A ignorancia é profunda n'esta parte de Texas. Talvez que possamos chegar a inspirar-lhes algum gosto pelo estudo. O « convento, que aqui fundei, ha um anno, já obteve grande sucesso e operou uma mudança sensivel. « Espero que a escola dos rapazes não contribuirá menos para regenerar esta pobre população. O Texas « povoa-se rapidamente. Não reconhecia já o paiz, que « acabo de percorrer para me dirigir de Galveston a « Santo Antonio. Julgava haver se-me reunido bom « numero de collaboradores, e eis que não posso enviar sacerdotes a grande numero de novos pontos que « os reclamam. »

Monsenhor Odin nomeado Vigario apostolico de Texas em 1842 começou a evangelisar este estado com 2 missionarios somente. No fim d'alguns annos já folgava de contar 17 collaboradores, quando enfermidades e penosas contrariedades fizeram abandonar de repente aquella missão aos religiozos, que a tinham aceitado e deixaram de novo o Prelado quasi só. Monsenhor Odin inaccessivel ao descoroçoamento, veiu a França o anno passado para reorganisar um clero, e a 23 de Março d'este anno, embarcou no Havre para a sua diocese com 7 padres oblatas, 7 seminaristas da mesma associação, 9 presbyteros seculares, 3 irmãos, 8 religiosos e 3 postulantes. Ve-se que apenas chegada esta piedosa colonia a seu destino, se acha insufficiente em numero para as necessidades do santo ministerio, e fazemos votos para que se apresentem novos missionarios a fim de segundarem o infatigavel bispo em sua obra d'abnegação e dedicação.

Maryland. — *Collegio de Santo Loyola* — Em 15 de Setembro deviam abrir os Jesuitas um novo collegio com este nome em Baltimore. Os professores sam dos mais eminentes d'aquella ordem O nome do presidente o R. P. João Early, abona o alto grau d'ordem e disciplina, que n'elle se hade observar; e de que é uma prova o rapido progresso do Collegio de St.ª Cruz, que tambem elle presidiu.

Chili. — *Missoens* — Em Maio de 1848, embarcou Fr. Angelo Vigilio, de Louigo, missionario capuchinho, para o Chili a bórdo do navio sardo *San Giorgio* com 11 dos seus confrades. Quando chegaram áquelle remoto paiz, foi lhes confiado promptamente um vasto campo de 10 missoens para ser desbravado e mudado em vinha escolhida do Senhor. Animados d'aquelle zelo christão que não olha a fadigas, penas e mesmo á vida quando se trata do bem das almas, não quizeram limitar-se os novos missionarios a esse vasto territorio; tentáram penetrar no paiz dos ferozes *Araucanos*, aonde, havia 2 seculos e meio, não haviam podido fixar domicilio viajante ou missionario europeu. Abençoou Deus os esforços d'esses homens apostolicos: conseguiram fundar duas missoens entre os infieis, e ganhar-lhes a benevolencia.

O governo de Chili, edificado pela ardente caridade dos missionarios e pelo exemplo de suas virtudes, decretou que os capuchinhos tivessem liberdade plena e inteira de fundar um convento em S. Iaiago, capital d'aquelle paiz, e confiou outras duas missoens a seu zelo. As pessoas mais distinctas da cidade associaram-se espontaneamente a esta resolução, obrigando-se a cobrir todas as despezas necessarias para a construcção da egreja e do convento, e para a viagem d'uma communidade numerosa de capuchinhos Italianos.

Fr. Angelo Vigilio, prefeito das missoens, não escutando senão a voz da caridade, aceitou esta offerta generosa, poz-se a caminho pelo Istmo de Panamá, em 8 de fevereiro de 1852, chegou a Roma em 18 de Maio, foi prostrar-se aos pés do Papa, expoz-lhe os desejos dos christãos zelosos do Chili, e pediu-lhe humildemente que se dignasse abençoar e approvar seus votos. Não carecemos de descrever com que affabilidade o chefe supremo da Egreja recebeu o R. Prefeito, e quanta affeição mostrou pelos fieis do Chili, que visitara em outro tempo na qualidade de auditor do Nuncio Pontificio. Informou-se d'immensos pormenores ácerca d'aquella egreja, e mesmo de particulares de quem não havia esquecido o nome e as virtudes. Deu ordem á congregação competente para que concedesse ao P. Vigilio os poderes mais amplos, e ao Superior dos capuchinos um aviso para que podesse escolher á sua vontade nas provincias da Ordem, todos os religiosos que quizessem fazer parte dos missionarios do Chili.

Quasi todas as provincias subministraram o seu contingente, de modo que em pouco tempo, se pôde reunir no convento da Santissima Conceição, de Genova, mais de 40 missionarios animados do mais vivo desejo de se consagrarem inteiramente á salvação das almas resgatadas pelo sangue preciozo de Jesus Christo.

Em 29 de Setembro partiram no brigue *Prudenza*, 25 missionarios e 2 seculares, 1 hispanhol e outro genovez, que vam entrar no noviciado no Chili. O mesmo navio recebeu a seu bordo D. Salvatore Ximenes, consul da S. Sé em Buenos Ayres, a quem S. Santidade havia recommendado especialmente que protegesse os missionarios.

Está para sahir uma segunda expedição, que se comporá d'outros 25 capuchinhos que embarcarão em Brest, na fragata *La Forte*, em que o governo francez concedeu passagem para o numero de 40 missionarios.

PORTO — Typ. de Freitas Junior, rua das Flores n.º 250 a 253.

NOVEMBRO 13. 1852.—N.º 46.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

O CHRISTIANISMO.

I.

Tivemos a fortuna de nascer no seio da Egreja catholica, e hoje lhe somos sinceramente votados pela profunda convicção que temos, de que a sua doctrina é incontestavelmente verdadeira.

Esta sancta doctrina, legada por Jesus Christo aos seus discipulos, e que tem atravessado inalterada dezenove seculos, tivemos a ventura de a bebermos com o leite, e de a roborarmos com a auctoridade dos pastores da Egreja, que aclarando-nos a razão, no-la transmittiram do pulpito sagrado ou da cadeira magistral.

Depois d'esta nossa profissão de fé, ninguem poderá estranhar, que, conscios da nossa falta de genio, talento, eloquencia, e até de conhecimentos practicos, nos abalancemos á ardua empresa de tomar parte na redacção d'um periodico religioso.

Verdade seja que por muito tempo lutamos contra a força, que nos impellia; porem cedemos á consideração efficacissima de que todo o cidadão deve ser util á sua patria, e que todo o christão deve propagar as verdades evangelicas em beneficio de seus irmãos.

Possuidos d'esta verdade inconcussa imploramos o auxilio divino, e sahimos a campo; porem o nosso primeiro rasgo de penna é ainda para pedirmos aos nossos leitores que implorem as divinas bençãos em favor de quem tão pouco confia em si.

Se a religião catholica não carece do auxilio de nossa tosca penna para se demonstrar a sua verdade, tambem a mais bem aparada lhe não dá força, que só de seu divino auctor a pode derivar.

Carecem, no entanto, os homens de quem os guie pela estreita vereda da virtude e da salvação (1) para não irem trilhar a ampla e batida estrada da incredulidade, da corrupção e da perdição eterna. Devemos por tanto ajudar-nos uns aos outros para que o sangue do Golgotha, não corresse inutilmente para nós.

E estarão n'estas circunstancias os portuguezes, essencialmente religiosos, e haverá entre elles quem não acredite nos dogmas da Religião, ou tenha costumes menos accomodados a seus preceitos?

Crêmos que sim: e o fundamento desta crença são os factos de todos os dias, que bem claramente mostram quem viciado se acha o nosso estado actual á cerca da Religião.

São elles, que nos dizem que esta nação tão rica outr'ora de recordaçoens religiosas, vê hoje dentro em si quasi extincta, toda a crença e em seu logar dominando a irreligião, o indifferentismo e a desmoralização, ou quando muito uma falsa apparencia religiosa.

Mas não percamos de todo as esperanças. Já vimos um passado pêor, do que o presente; e o futuro, que aguardamos, crêmos que realizará as lisongeiras esperanças, que nos animam.

Procuremos pois todos dar impulso ao movimento, que vem despontando entre nós: e com tanto maior ousadia, porisso que antecipadamente sabemos pela historia o resultado, que hade ter.

Consultemos essa mestra da vida e vejamos o que nos diz.

Não passaram muitos annos, depois que Jezus Christo entregou a seus discipulos o deposito da tradição para o guardarem puro e sem mancha, sem que apparecesse quem palmo a palmo disputasse a propagação da religião, que o mundo considerava nova.

Simão Mago e outros hereges procuram para si proselytos, e os obtem em grande numero; porem a Religião avança intrepida.

(1) Math. 7—14. Quam angusta porta, et arcta via est, quae ducit ad vitam: et pauci sunt qui inveniunt eam!

Os Philosophos vangloriando-se de *sabios*, armam-se com todo o apparato das sciencias, então bem florescentes, contra a simplicidade dos novos dogmas e a ignorancia de seus propagadores. E a Religião batendo-se com elles a peito descoberto, converte a uns, e confunde a outros.

Os Imperadores empregam seu immenso poder, expedindo ordens para todos os angulos do imperio, quasi tam vasto, como o mundo conhecido, para se promover a perseguição aos adoradores do *Crucificado*. E a Religião em poucos annos conta proselytos em todas as regioens desde o Oriente ao Occidente e do Septentrião ao Meio-dia.

Os Sacerdotes do erro vendo feridos pela raiz seus grandes e vitaes interesses, não perdem occasião de lançar mão de todos os meios d'acabar por uma vez com doctrinas, que o coração prognosticava, que substituirião seus erros grosseiros. E a Religião ia ganhando terreno na propria familia dos Sacerdotes.

Os povos em massa pertendem oppôr um dique á arrebatadora torrente das novas idêas, diametralmente oppostas a seus costumes e habitos inveterados. Mas nada podem conseguir, e curvam o joelho na presença da verdade, posto que acompanhada de mysterios incomprehensiveis e preceitos austeros, e alem d'isso proclamada por homens de baixa esfera da mais desprezivel das naçoens.

Não tarda porem muito, que os seus Apologistas proclamem, sem serem contradictos dos proprios inimigos, *que não existia reino, provincia, cidade, villa ou aldea, onde não houvesse grande numero de christãos*; e a capital do mundo pagão converteu-se em capital do mundo christão, e o throno dos Cezares é substituido pelo dos Pontifices.

Os barbaros do norte querendo-a barbarisar não o conseguem, porque ella atravessa intacta por esses seculos da edade media, salvando a Europa do naufragio da illustração, e policiando esses homens rudes, sahidos das inhospitas selvas.

Luthero fundando a independencia religiosa, Rousseau applicando-a á politica e Voltaire reunindo estes dois pensamentos com sua penna assoladora, que causou mais males ao Occidente, do que Mahomet ao Oriente com o alfange e os embustes, não poderam assim mesmo com toda sua immoralidade, impiedade de idêas, e raiva ferina contra a Religião, obter outra vantagem, que não fosse a de arrancar-lhe do seio alguns de seus filhos.

Mas em compensação desta perda depois do combate, brilhante com a victoria, tornou-se mais solida no coração dos crêntes *salutem ex inimicis*.

Veiu finalmente a revolução franceza, fructo maduro das ideas *anti-religiosas*, tendo por bandeira a *independencia absoluta* de toda a auctoridade, *dogma social*, que quer persuadir ao mundo.

O estandarte da impiedade tremúla nas sociedades patrioticas, na *assembléa*, na *convenção* e no *Directorio*. E o frenetico Dupont faz lavrar o infame decreto da *proscripção de todo o culto*, satisfeito de ter annunciado do alto da tribuna: *não ha Deus*. E desde então a *rasão*, com o trage de prostituta, é o unico Deus dos revolucionarios!!!

Mas no momento, em que os inimigos do Deus vivo começam a gloriar-se de haverem consummado a obra da desthronação da Religião, lá começa a surgir o gigante de cem braços de todas as partes, e os mesmos Francezes lhe prestam em seguida um culto decisivo e mais fervoroso.

Mas apezar das brilhantes victorias do Christianismo, a obra de Luthero, de Voltaire, Rousseau, Diderot, d'Alembert e Condorcet, deixou ainda grande fermento no mundo; e hoje lamentamos esse mal.

Um tão venenoso fermento tambem nos chegou a esta nossa terra, inoculando-se nos espiritos incautos e levianos. E' contra este mal que principalmente assestaremos nossas baterias, esperando em Deus que havemos de levar a convicção, que possuimos, a mais de um desvairado; e quando fosse um só dariamos graças a Deus por havermos sido instrumento da divina mizericordia.

Se não podemos com o Apostolo (2) elevar-nos á sublimidade de nos julgarmos devedores de ensinar a doctrina evangelica tanto aos sabios do seculo, como aos ignorantes, poderemos por ventura prestar algum leve serviço aos que tenham olhos e queiram ver, e aos que tenham ouvidos e queiram ouvir.

Assim nós podessemos chegar a este resultado.

Lopes.

A FÉ.

II.

Posto que a fé contenha dogmas, que estam acima da nossa razão, e que fazendo humilhar nosso espirito, e constranger nosso coração pareçam cobertos de espessas trevas, ella todavia não é mais, que um complexo de verdades razoaveis, luminozas e consoladoras para o homem.

A incomprehensibilidade, que se encontra n'ellas só serve para dar um novo pezo á sua auctoridade: porque se nós com a nossa fragil intelligencia podessemos conhecer o que está em Deus, entrando no fundo da sua essencia, e mysterios, este Ente deixaria

(2) Rom. 1. 14. Graecis ac Barbaris, sapientibus et insipientibus debitor sum.

de ser incomprehensivel; e conseguintemente de ser infinito: e n'este cazo não deixaria de ser Deus? Tal é o admiravel raciocinio de sancto Agostinho, ao qual a mais renitente incredulidade nunca tem podido responder.

Se o nosso espirito é fraco para penetrar as sublimes verdades da religião, não o é para as crêr: pois podemos ser fieis, sem ser doctores, ou prophetas.

Mas o que mais nos captiva na nossa submissão, é que estas verdades incomprehensiveis sam ao mesmo tempo dôces, e consoladoras. Que prazer não se experimenta, quando pronunciando-se o symbolo dos Apostolos se comprehende bem a possibilidade do que se diz?!

Creio em um só Deus. Aqui a razão marchando a poz da fé faz-nos ver um Deus unico, que recebe todo o nosso culto, toda a nossa affeição, e toda a nossa homenagem.

Creio em seu filho Jezus Christo nosso Senhor: e creio que elle se fez homem para a salvação de todos: que morreu sobre a cruz, onde foi o mediador pelos peccados de todo o genero humano: que a sua resurreição glorioza é o penhor, o modello e a affirmação da nossa: e que subiu ao ceu para lá nos preparar uma habitação de continuos, e deliciosos gozos.

Percorrendo assim (segundo a recommendação de S. João Chrysostomo) os artigos do nosso *Credo*, em todos elles encontraremos tanta doçura, que, quando não fossem verdades, nós desejariamos a affirmativa; tanta amabilidade, que não acreditando nós em respeito á auctoridade da Providencia, deveriamos fazelo para nosso interesse, e satisfação; tanto encanto finalmente, que não sendo nós christãos pela fé e virtude, deveriamos se-lo pela razão, prudencia e religião.

O motivo da nossa crença é Deus, sua palavra, sua verdade, e sua fidelidade: e que conza mais edificante do que a gratidão para com aquelle, a quem devemos a existencia, de quem estamos n'uma continuada dependencia, e de quem esperamos a salvação?

Buscando testemunhos da fé, a cada passo os encontraremos numerozos, infalliveis, e completos. Curamos todos os povos, e escutemos a voz de todas as egrejas do Oriente, do Occidente, do Meio dia e do Septemtrião, e ouviremos: — Nós somos o que vós sois: nós crêmos o que vós crêdes Naçoens inteiras nos dirão: — Nós lemos o mesmo Evangelho, que vós lêdes: cantamos o mesmo Symbolo, e reconhecemos o mesmo tribunal, e auctoridade.

Por toda a parte, e em todos os seculos apparecem provas, que depoem até á evidencia em favor da fé. Que testemunho mais crivel, que o dos homens, que por seu genio têm sido a gloria da humanidade, e por sua piedade o triunfo da religião? Fallamos do testemunho dos homens mais sabios, e sanctos do mundo, do testemunho dos Irineos, dos Cyrillos, dos Ambrozios, dos Gregorios, dos Agostinhos, dos Chrysostomos, dos Jeronimos, e de tantos outros heroes, que pela sua austeridade, virtude, sciencia, fidelidade, e firmeza têm merecido celebridade nos fastos do Christianismo. Não haverá pois, gloria em seguir estes ornamentos da Egreja?

Libertinos do seculo! Vós despresaes estes grandes homens: mas em que perigaes dando assenso áquillo, que têm acreditado os maiores genios, e mais fortes capacidades? Se a verdade da fé não admitte indubitabilidade, não teriam elles tanto interesse em duvidar d'ella como vós? Que inconvenientes vos resultam de viver n'uma religião, cujo gremio conta tantos reis, tantos pontifices e tantas naçoens? Em que perigo incorreis submettendo-vos ao que se tem submettido todo o Universo; e que utilidade vos provem d'adorar vossas proprias luzes, seguindo d'est'arte a vereda dos impios?

A incerteza, a mentira, o erro, as trevas, o horroroso abismo da eternidade: eis a mercede da orgulioza especulação, o fructo das loucas discussoens, e a triste recompensa do incredulo.

Dezejozos de que todos os homens sigam o verdadeiro caminho da salvação, não podemos deixar de lamentar, que queiram perseverar porfiadamente no erro aquelles, que julgam felicidade, o que só produz *paganismo e publicanismo*, e faremos perennes votos ao Todo-poderoso, para que os livre d'um tal estado.

E' certamente feliz aquelle, que se humilha, e curva ás verdades da fé; visto que esta submissão é a origem primaria da bemaventurança! Mas mais feliz ainda o justo, que vive da fé: e que pelas boas obras ultíma, e consumma sua ventura, seguindo d'esta sorte o que diz o Apostolo S. Thiago: *Fides ex operibus consummata.*

Aveiro 14 d'Outubro de 1852.

Carvalho e Goes.

LIVROS MAUS.

V.

Lêde um livro intitulado: *Index librorum prohibitorum juxta exemplar romanum jussu Sanctissimi Domini Nostri editum anno MDCCCXXXV.* — N'elle encontrareis as obras condemnadas e prohibidas pelo Summo Pontifice até o anno de 1813, em que esse livro foi publicado. Contém para cima de cinco mil livros em todas as materias. Mas devemos notar que nem todas as obras impias e immoraes ahi se contêm, ou porque eram pouco conhecidas, ou porque se publicaram desde esse anno para cá.

A França tem sido o solo productor d'extremos no bem e no mal. Pariz, essa cidade voluptuosa, essa moderna Babilonia tem embriagado toda a Europa com o vinho da sua prostituição. D'alli tem sahido as obras mais impias e immoraes. *Proudhon* tem enchido livros de extravagantes delirios e de principios destruidores da moral, da religião, da sociedade, e de todo o direito. *Eugenio Sue* e *Alexandre Dumas* com as suas ficçoens luxuriantes, tem inoculado o veneno em todos os membros do corpo social. Nossas bibliothecas gemem com estas infames bruxuras. Ellas correm pelas mãos de todos, e até as mesmas damas leem os *Mysterios do Povo*, o *Judeu Errante*, os *Filhos do Amor*, os *Sete Peccados Mortaes*, e outras obras, que não têm mais moralidade, que os livros d'*Ovidio*, *Catullo*, *Marcial e Juvenal*, censurado pelo impio Luthero, só com a differença que estes foram escriptos por pagãos e no tempo do paganismo; e aquelles têm por auctores homens, que se dizem Christãos, e que escrevem entre Christãos.

Paes, desviae das mãos de vossos filhos esses livros pestilenciaes. Vós, que tendes a vosso cargo a educação da mocidade, inspirae-lhe o horror ás obras impias e immoraes, e o amor aos bons livros e de san doctrina. Segui os dictames da sancta Egreja, que é a mestra infallivel da verdade. Respeitai o seu juizo — e a vossa crença será segura.

J. V. N. C.

Alem do artigo *Associação Religiosa*, de que começamos a tratar, e que nos propomos concluir brevemente, tencionamos publicar artigos em separado que deem idéa de cada uma das ordens religiosas d'ambos os sexos. Hoje fallaremos d'uma das associaçoens femininas recem-formadas, que tão caritativos fins tem em vista. Nas falsas religioens aniquilam-se os entes defeituosos, ou mutilados. No christianismo tratam-se com tanto carinho, como costumam ser tratados os felizes do mundo, que gosam de todas as commodidades. Como é sancta e divina a religião, que inspirou a uma mulher, melhor a um anjo sobre a terra a sociedade

DAS

IRMANS CEGAS DE S. PAULO.

Acaba de se formar em Paris, na rua das Postas n.º 21, com o nome *d'Irmans cegas de S. Paulo*, uma communidadesinha religiosa de mulheres, que se compoem de pessoas cegas e com vista.

Era bem infeliz atégora, tanto em França, como por toda a parte, a sorte das raparigas atacadas de cegueira.

Em nenhuma parte acharam ainda um asilo tal, como este, porque podem ter, com os cuidados temporaes alguma consolação para o coração, e algum desinvolvimento para o espirito. Neste recolhimento elevadas as raparigas cegas a seus proprios olhos, pelo trabalho, estudo e oração, comprehendem que Deus lhes deixou realmente mais do que lhes tirou, e abençoam o seu sancto nome com amor e alegria, todos os dias e a toda a hora.

Com effeito teem conhecido que, não só podem tomar logar entre os membros uteis da sociedade, e viver do seu trabalho, senão ainda que lhes é permittido alcançar essa grande dignidade da humanidade, que consiste em auxiliar os irmãos infelizes.

A associação tomou por padroeiro a S. Paulo, em consequencia d'elle ter perdido a vista, e de a recobrar por um duplo milagre. Adoptou por divisa as palavras seguintes do grande Apostolo, que acomodou aos sentimentos e situação de seus membros: *Eramus aliquando tenebrae. Nunc nobis lux in Domino.*

Aceita uma regra, cujos pontos principaes sam: voto simples, sem clausura, nem austeridades extraordinarias; vida repartida entre o trabalho manual, estudos continuos e progressivos, e oração. Recebe em seu seio: 1.º raparigas cegas; 2.º raparigas, sem excepção ou condição pecuniaria, que tenham sincera e firme vontade de se consagrar ao serviço de Deus e dos pobres cegos.

Finalmente propoem-se por objecto: 1.º receber na qualidade de pensionistas, sujeitas a uma regra de trabalho e estudos, as *cegas adultas*, que não tem no mundo posição honroza e segura; 2.º começar a educação dos cegos dos dois sexos desde a edade de 4 a 8 annos, isto é até o momento, em que podem ser admittidos á instituição nacional de Paris; 3.º dar educação christan e um estado manual a certo numero de *raparigas com vista*, que serão companheiras e guias dos cegos; 4. receber e servir como pensionistas livres, e mediante um preço mui modico, senhoras cegas, que encontrem no asilo uma existencia mais suave e cuidados mais intelligentes que em outra parte; 5.º em emprehender successivamente, e á proporção de seus recursos tudo, o que tenha por objecto o melhoramento fisico, intellectual e moral dos cegos, qualquer que seja a sua edade, sexo e condição.

Os elementos da communidade, com quanto se reunissem ultimamente, datam já de 1826. A casa contém actualmente 50 pessoas: 8 religiosas, sendo 4 cegas e 4 com vista; 6 pensionistas cegas adultas; 6 meninos cegos, sendo 3 do sexo masculino e 3 do feminino; emfim 30 raparigas com vista. Depois de 6 annos de trabalhos obscuros e silenciosos permittiu Deus que esta obrasinha avultasse, e que se elevassem respeitaveis testemunhos em seu favor. O methodo d'ensino exclusivamente catholico alli empregado tem tido feliz influencia no espirito, bem como no coração dos meninos e até dos adultos.

Em 20 de Maio foi visitado o estabelecimento pelo arcebispo de Paris, que ficou mui satisfeito, e para lhe segurar a sua protecção deu-lhe por superior o seu secretario intimo o P. Dedoue.

Mendoça e Mello.

A MINHA CONVERSÃO AO CHRISTIANISMO.

III.

JUIZO SOBRE A BIBLIA DE LUTHERO.

Não receio de me elevar contra uma asserção tornada axioma pelos litteratos allemaens, e de dizer que a biblia de Luthero é um dos maiores obstaculos para a intelligencia da Sagrada-Escriptura, e sobretudo para aquelles, que querem deduzir d'ella uma doctrina dogmatica. Eu não trato d'examinar os serviços, que Luthero pode ter feito á lingua alleman com a sua traducção. Elevaria ella com effeito a lingua alleman, ao seu mais alto grau de desenvolvimento, como se julga em geral na Allemanha protestante, ou não se encontraria aqui gravissimos inconvenientes ao lado de meritos incontestaveis? Eu não pertendo decidir esta questão. E' certo que no seu estado actual, a nossa lingua em relação ao raciocinio e a todas as noçoens especulativas, é muito inculta, vaga e obscura, e que se não chamasse em seu auxilio uma multidão de termos estrangeiros, não poderia ser sufficiente para a deducção filosofica a mais elementar. Mas ainda quando se concordasse que Luthero tirou da lingua do seu tempo todo o partido possivel, é preciso pelo menos reconhecer que o allemão da sua traducção não é o do seculo XIX, e que é mui pouco propria para nos dar a intelligencia dos pensamentos, e do sentido da Escriptura Sagrada. Qualquer que seja a riqueza e harmonia do seu estilo, qualquer que seja o preço, que lhe possam ligar aquelles que desde a mocidade recebem sob esta forma o alimento de sua fé, nem porisso a biblia lutherana é hoje menos obscura em si mesma. Ella não faz mais do que rodear de trevas a palavra de Deus, áquelles que não a teem estudado desde a infancia, e que não começam senão em uma edade mais avançada a procurar nella a confirmação dos dogmas christãos, e pode dizer-se que o uso d'esta versão, em uma epoca, em que a lingua soffreu tão grandes alteraçoens, é causa de se misturar muita enfase e phraseologia van, não só em nossas predicas protestantes, senão ainda em todas as discussoens

theologicas, de que aquelle que não esteja iniciado n'este pomposo palavriado, não pode extrahir senão ideas muito confusas. Se alguem lançar mão da Biblia, não só para excitar em si o sentimento religioso, senão ainda para se instruir e purificar na fé, e se procurar para isto a expressão mais clara, simples e precisa, em instancia lhe aconselho, no caso em que não possa ler elle mesmo o texto, que recorra a uma nova traducção. »

PREPARAÇÃO PARA A PRIMEIRA COMMUNHÃO NO PROTESTANTISMO.

« Deu-se-me finalmente a occasião d'estudar a doctrina christan quando tomei parte nas instrucçoens preparatorias, ás quaes assistem da mesma sorte os protestantes antes de se approximarem pela primeira vez do altar do Senhor, e de receberem a sagrada communhão.

Esta doctrina religiosa deveria ter acalmado as agitaçoens, que desde logo reinaram em minha alma juvenil. Por desgraça produziu um effeito inteiramente contrario. Durante os 3 mezes, que precederam a minha confirmação (1), ouvi, verdade seja, as liçoens do ministro protestante, que meus paes haviam julgado mais capaz de cumprir este cargo. Mas que liçoens, grande Deus, e que conta deverá dar d'isso no dia de Juizo aquelle, que se havia encarregado d'ellas! A historia do Testamento Velho abandonada inteiramente ao esquecimento! Nenhuma palavra do peccado d'Adam, nenhuma syllaba sobre as profecias, que annunciam o Messias venturo, até mesmo o silencio mais absoluto sobre as relaçoens do Filho com o Pae, e sobre os portentozos milagres, com que Jesu Christo provou aos homens a sua divindade! Não era uma exposição, mas antes uma omissão systematica de todas as verdades importantes da salvação. E com quanto o pastor evitasse com extremo cuidado tocar o grande ponto da revelação, não podia deixar de nos dar algumas vezes a conhecer que todas as narraçoens contidas na Escriptura, em relação a uma intervenção immediata da divindade, repousam unicamente sobre as ideas supersticiosas do povo hebraico e dos auctores dos livros sanctos, visto que estes phenomenos sam contrarios ás leis da natureza, e por conseguinte impossiveis. N'uma palavra, esta doctrina reduzia-se a uma especie de methodo socratico, tendente a demonstrar a necessidade de certas virtudes recommendadas por Jesu Christo. *Não conservei nada de tudo isso*, a não ser a idea de que uma acção sobre-natural de Deus não poderia ser admittida senão por povos rusticos e supersticiosos, e que o Christo em verdade foi o mais excellente dos homens, porem que mesmo para interesse dos Judeus d'então e de seus discipulos, teve de se accomodar á pueril fraqueza de suas imaginaçoens. Accrescentarei no entanto para me fazer justiça a mim mesmo, que a minha rectidão natural se indignou sempre contra este vergonhoso disfarce do divino Mestre, em *honesto impostor*, e de seus Apostolos em outros tantos parvos, que lhes não bastavam os 5 sentidos para descobrirem a fraude, de que os tornavam cumplices. O caracter da sanctidade tão claramente gravado em cada uma das palavras de Christo, parecia-me repugnar absolutamente com esta hypotese, na qual o ridiculo está a par do descaramento. As poucas passagens que conhecia da vida do Salvador, eram mais que sufficientes para apresentar a meus olhos a imagem d'uma grandeza sobre-natural e sagrada, que não pôde jámais em nenhuma epoca da minha vida apagar-se-me da alma. As minhas theorias naturaes sobre o mundo, ainda no tempo, em que as impellia até aos derradeiros limites, naufragaram sempre diante d'aquella magestosa e solemne figura; sempre um profundo sentimento de respeito me impediu d'applicar a minha critica especulativa a este ponto mysterioso da historia da humanidade. Deixei-o de parte mais tarde, como problema, que não ousava profundar, mas que me não julgava tambem com direito d'afastar; debaixo d'esta relação estive constantemente em contradicção commigo mesmo, e o meu coração não quiz aceitar nunca os resultados das minhas investigaçoens racionaes. De resto não posso recordar-me sem estremecer d'essa epoca da minha confirmação. Os 3 mezes do ensino preparatorio produziram em mim um effeito tão desagradavel, que 2 dias antes da ceremonia no momento, em que a instrucção, que se fazia na sacristia, acabava de terminar, e quando entravamos na egreja, tive com um de meus camaradas, junto mesmo do altar uma disputa, que rematou bem depressa em uma rixa encarniçada e renhida, de que todos os outros meninos e meninas foram testemunhas, e só foi apasiguada por intervenção do nosso catequista (o ministro Wolf, pregador da cathedral). Depois d'um similhante incidente, eu e o meu adversario deveriamos ser excluidos da participação da cea lutherana; mas por sermos filhos de boa familia, contentou-se o pastor de nos impor silencio sobre um tão escandaloso successo!

Dois dias depois fomos confirmados.

Ouvi então pela 1.ª vez o symbolo dos Apostolos; nós deviamos certificar a nossa adhesão por um sim, se bem que no decurso das instrucçoens nunca se fallou n'este resumo da fé christan.

Accrescentarei que a sagrada communhão nos foi apresentada pelo ministro como um acto puramente commemorativo, segundo a doctrina dos calvinistas, com quanto este ecclesiastico pertencesse a uma parochia lutherana. Isto não carece de commentario! »

Permitta se-nos que ajuntemos a estas graves palavras a passagem seguinte, que destacamos da nossa traducção do livro de M.ma de Hahn Hahn: *De Babylonia a Jerusalem*:

« Lembro-me mui bem do tempo, que precedeu a minha confirmação. Recebia a instrução religiosa d'um velho e digno pastor, a caza do qual me dirigia depois do meio dia. Tudo está ainda fielmente presente a meus olhos: o seu quarto alcatifado de verde, a cumprida meza de trabalho, de cada lado da qual estava-mos sentados, um defronte do outro, a simples e boa figura do velho, a pequena gorra de veludo, que lhe cobria os cabellos brancos. Era inverno; grandes arvores desguarnecidas de folhagem elevavam-se defronte das janellas, e o sol da tarde projectava a sombra de seus ramos sobre a parede, que me fazia face. As gralhas voavam grasnando em roda d'aquellas arvores, em que procuravam pousar de noite. Sentia-se no quarto aquelle cheiro forte e atmosphera pesada, que o fumo do tabaco deixa sempre a poz si. Tal é a exactidão das minhas lembranças ácerca de todas estas individuaçoens; mas quanto áquillo, que hia aprender a casa do digno pastor, e a doctrina christan que me ensinou, *não tenho conservado uma unica syllaba!* Em nenhum tempo ou momento algum da minha vida me tenho podido lembrar do que então havia aprendido ácerca da religião. Todavia estava nos meus 16 annos, e não me faltava memoria ou desejo d'aprender, ou sensibilidade pelas cousas elevadas. Tambem julgo que ouvia o meu mestre com attenção, e que minha alma não era desprovida de sentimento religioso; mas nada podia tirar positivo do que me tinham ensinado. Parecia que desde logo presenti que esta doctrina não era a verdadeira! »

A FÉ NO PROTESTANTISMO.

As minhas relaçoens de 10 annos com os homens

(1) Sabe-se que a *Reforma*, que tudo *deformou* não dá a esta palavra o sentido que tem na Egreja catholica.

da fé do protestantismo, longe de me aproximarem da verdade, deram-me occasião de fazer um grande numero de observaçoens, que augmentaram as minhas desconfianças a seu respeito, e me tiraram quasi todas as esperanças de me ligar jámais ao Christianismo, que professavam. A sua religião era-me suspeita, principalmente por causa das experiencias psycologicas, que eu deduzia do todo de sua existencia. Observando-os de mais perto, era impossivel que não visse que um grande numero dos mais devotos e distinctos entre elles perdiam de sua dignidade moral á medida que avançavam em edade, e que alem disso a sua mesma crença, de que não cessavam de me gabar os beneficios, tornava-se com o tempo ou mais fraca ou mais irritavel, e cheguei em breve a conhecer que não era preciso procurar em outra parte, senão nesta crença, a causa d'aquelles tristes phenomenos. Não citarei nenhum nome, porque não quero offender ninguem. Direi sómente que conheci mui grande numero de protestantes celeberrimos e respeitabillissimos, e que só em mui poucos tenho encontrado aquella candura e serenidade d'uma fé absoluta, que elles exigiam dos outros, e que se exforçavam por fazer apparecer no exterior. Não se trata aqui d'hypocrisia, mas somente de certa ostentação, de que se não tem talvez duvida, e á qual se deixam involuntariamente attrair, porque carecem de se illudir sobre uma decadencia interior. Não esquecerei nunca uma conversação, na qual certo pastor prussiano, que respeitava como pae, e cujo nome é conhecido, me fez abertamente esta confissão: Nós todos protestantes d'hoje, não acreditamos com tanta firmeza, como Luthero, Melanchton, e os mais reformadores, nem nos artigos particulares dos nossos symbolos, nem na revelação em geral. Não; Hengstemberg, Nander e todos aquelles, que olhamos como luseiros do protestantismo, se quizerem ser sinceros, confessarão que não estam tambem tão convencidos como o estavam aquelles. — Teria podido accrescentar tambem que os mesmos reformadores não estavam mui seguros do seu facto; porque Luthero confessa que chegou frequentes vezes a desconfiar da existencia de Deus, e se lhe devemos dar credito, foi sómente á força d'injurias vomitadas contra o Papa, que conseguiu dissipar em parte suas duvidas. — Mas eu devia fazer uma experiencia mais triste ainda. Aquelle de todos os protestantes, de quem mais admirei a fé, e o nobre caracter veiu um dia ter comigo, mergulhado em uma profunda desesperação e atormentado do terrivel pensamento do suicidio, e mais tarde confessou que não tinha recobrado alguma coragem senão depois de ter escutado as minhas exhortaçoens, isto é as exhortaçoens d'um homem, que n'aquelle tempo em relação a elle, não era mais do que um racionalista, e incredulo! »

O ENSINO DA HISTORIA NO PROTESTANTISMO.

« Se nos paises protestantes a critica historica está inteiramente adulterada, provem com especialidade da educação. O ensino da historia, tal como o recebemos, inculca-nos mui cedo a immoralidade, e conduz os principios mais anti-christãos ao estado de systema. Por certo que aprendemos nas escolas os dez mandamentos de Deus, assim como grande numero de maximas moraes, extrahidas da doterina do divino Salvador, e parece que estas regras christans deveram tambem ser applicadas á apreciação historica; e que se condemnará logicamente nesta, como contrarios á Lei de Deus, todos os actos, que se reprovavam por este motivo nas instrucçoens religiosas. Porem nada d'isso é.

Desde a mais inferior das escolas até ás cadeiras academicas de maior fama, os professores protestantes não teem, por toda a parte, para avaliar os homens e os eventos da historia moderna, senão um methodo unico e invariavel de critica natural, e a moral christan não entra de modo algum neste systema. A força de caracter e o genio são só exaltados, e, desde os nossos mais tenros annos, ensinam-nos, por meio d'exemplos praticos que estes preceitos: Não roubarás, não matarás, não desejarás as cousas alheias, não reverenciarás outros deuses á minha vista, &..., não foram promulgados para os homens de talento ou energia, que acabaram grandes cousas na historia. E para não assignalar senão um destes exemplos, como poderia um historiador christão offerecer por modello um homem que tomou á sua conta insultar o christianismo, e que se esforçou por propagar entre seus subditos o espirito d'indiferença ou antes de hostilidade, de que se achava animado a seu respeito? E todavia todas as obras eruditas ou não eruditas, que se mettem nas mãos da mocidade, tendem a inspirar-lhe um piedoso respeito por Frederico II de Prussia. « Não era certamente um christão: mas destinguia-se em compensação, por tantas qualidades excellentes, que poderiamos facilmente absolve-lo sobre este ponto, e que é com rasão que lhe chamarem o grande, e mesmo o incomparavel Frederico. » Que se, como se concorda, se apoderou sem a menor apparencia de direito d'uma parte da Silesia, não procuram dizer-nos a nós estudantes, pequenos e grandes: nesta ocasião desejou o alheio, e se tornou reu d'homicidio, porque desembainhou a espada por uma causa injusta. — Não, porem dizem: aproveitou a occasião favoravel para augmentar o seu reino, e bem lhe foi de se não sugeitar aos mandamentos de Deus! Pode-se afirmar que de todos os heroes mais gabados sobre os quaes se exercem, na mocidade nossos juizos moraes, longe de se poder citar um só, que aspirasse á perfeição christan, não há um que, pelo contrario, se não tornasse reu d'uma multidão de peccados mortaes. A moral christan é apenas uma moral *acanhada*. A sublime é aquella que permitte ao poder, ao talento, e ao genio, poder emprender tudo. Os homens superiores, nascidos para governar o mundo, ultrapassam a lei de Christo, que não é mais do que a lei commum. E admiram-se de que a mocidade da nossa epoca se conforme na pratica com esta doctrina commoda; que zombem da religião, calquem aos pés o direito, e se deixem arrastar das paixoens! Onde se encontrará um homem tão humilde que não se atribua tambem algum talento, algum poder ou genio? Quem terá tão pouca logica, que não possa chegar á seguinte conclusão: o que para aquelles não foi falta grave, não o será por certo tambem para nós? Oh não! nós pobres meninos nascidos no protestantismo, não seremos sómente julgados por esta immoralidade pagan, que de tão cedo murcha nossas almas juvenis; porque tudo que nos ensinam desde a tenra edade, exhala este halito corruptor?

Não quero porisso dizer que os historiadores catholicos não caiam nunca na mesma falta, e que não tenha acontecido tambem a muitos d'elles o renegarem de Christo nos seus juizos. Estes decahimentos são uma consequencia da fraqueza humana, e haverá exemplos d'isso até o fim do mundo. Mas o que importa notar, é que o ensino historico entre os protestantes *não poderia seguir outro caminho*, desde que pertende mostrar-nos heroes e modelos. Os homens verdadeiramente grandes e sanctos, que viveram depois de Christo, estão todos na mais intima relação com a historia e doctrina da Egreja catholica, e os historiadores protestantes não podem adoptar como base de suas apreciaçoens, a moral pozitiva do Christianismo sem rebaixar porisso mesmo os seus proprios heroes. Joven ainda havia comprehendido que Epaminondas, Timoleon e muitos outros personagens eminentes da

antiguidade nos apresentam modelos, muito mais puros do que os nossos *grandes homens* modernos, e não posso criminar a mocidade protestante por concluir d'um semelhante parallelo, que o paganismo formou mais bellos caracteres do que o christianismo. Este erro vem unicamente de se não ser iniciado no conhecimento da historia christan.

Leon de Bessy.

Hymno ao Eterno.

DIZEM-ME os astros e as aves,
Diz-me o campo e diz me a flôr,
Anda cá e vem cantar
Mais um hymno ao Creador;
Que diz toda a natureza,
Só tu és grande, ó Senhor!

Eu te adoro ó Sêr dos sêres,
O' excelsa Magestade,
Senhor dos ceos e da terra,
Deus por toda a eternidade!
Eu te adoro, porque és grande
O' Suprema Divindade!

Eu te adoro, quando o prado
Se matiza de verdôres;
Quando vem a primavera
Vestir a terra de flores;
E quando os raios do sól
Trazem estivos ardores.

Eu te adoro, quando vejo,
A' noite a lua surgindo;
Lá na esphera celeste
Milhoens d'estrellas fulgindo!
E na terra quando escuto
O mar com furias bramindo!

Eu te adoro ó Sêr dos sêres,
Eu te adoro ao pôr do sól;
Quando é meiga a natureza,
Quando canta o rouxinol,
Quando lá no occidente,
S'esconde o immenso pharol.

Eu te adoro, quando as flores
Principiam a brotar;
E quando as vejo sem viço,
Já murchas a desbotar;
Eu te adoro, quando ao longe
Ouço os rugidos do mar!

Eu te adoro, quando as nuvens
Se juntam n'um turbilhão;
E quando ouço lá distantes
Esses echos do trovão;
Quando chega a tempestade
E vem bramindo o tufão!

Eu te adoro, quando a chuva
Cahe sobre a terra em torrentes;
Quando vejo do Mondego
As puras aguas fluentes;
E á noite, porque avisto
As estrellas refulgentes!

Eu te adoro, quando escuto
O rouxinol, que gorgeia;
Quando a lua prateada
Nos ceus airosa passeia;
Eu te adoro se algum fogo
Dentro dest'alma se ateia!

Eu te adoro, quando o rio
Trasborda na sua cheia;
E quando de todo já secco
Eu só vejo a branca areia,
Quando a mimosa florinha
Esse campo formoseia!

Eu te adoro, quando sinto
Rijos ventos sibilar,
Ou quando a brisa suave
Vem á tarde refrescar;
Eu te adoro ó Sêr dos sêres!
Senhor da terra, e do mar!

Setembro 1852.

D. M. A. de Castilho Falcão,
Religiosa Ursulina de Coimbra.

ANNO CHRISTÃO.

NOVEMBRO.

14 *Domingo.* **Patrocinio de Nossa Senhora. O papa Bento XIII, querendo que toda a Egreja invocasse a Maria Santissima com tão significativo titulo, com que já desde o tempo de S. Alberico abbade era invocada na Ordem de Cister, designou o 2.º domingo de novembro para esta festividade. E' com effeito bem significativo o titulo do *Patrocinio*! elle comprehende o que ella quer, e o que ella pode! como extremosa Mãe dos homens, quer sem duvida que elles se salvem, e para isso de continuo roga para elles suprabundantes graças com que sejam amparados no declive de suas fragilidades; e como priviligiada Mãe de Deus, tudo pode para com elle, não duvidando um santo doctor chamar-lhe omnipotente junto do omnipotente!! Eia pois, filhos queridos de tão augusta Mãe! redobrai vosso fervor, e pedi a esta poderosa Mediadora que não só preserve do contagio da impiedade todos os que ainda a invocam, mas cure aquelles mesmos que d'ella blasfemam.**

15. *Segunda feira.* **S. Gertrudes Magna, natural de Islebio na Saxonia, entrou na edade de cinco annos para o mosteiro benedictino de Rodarda, onde mais tarde professou. Juntando uma completa abnegação de si a uma solida instrucção, não houve virtude em que não fosse insigne; e eleita abbadessa, era ao mesmo tempo a mestra e servente de suas subditas. Do Divino Espozo gozou extraordinarios favores; e quando na communhão o recebia ficava arrebatada em extasis celestial. Finalmente, desligada das prisoens do corpo, voou á mansão dos justos.**

16. *Terça feira.* **S. Gonçalo de Lagos, começou desde mancebo a ser um exemplar de virtudes, mostrando-se tão amante especialmente da castidade, que reprehendia, retirando-se, aquelles de seus companheiros estudantes, que soltavam alguma palavra menos honesta. Em Lisboa recebeu o habito de eremita de S. Agostinho; e frequentando depois com distincção os cursos de philosophia e theologia, não quiz por humildade, receber o grau de doctor. Era para elle uma delicia ensinar já do pulpito já em particular a doctrina christan aos rusticos ignorantes e meninos, magisterio sem duvida o mais honorifico, por isso que é o mais util. Por obediencia teve de acceitar o priorato de varios conventos, e em todos elles era o primeiro a cumprir as mais humildes e custosas obrigaçoens de religioso. Morreu com a morte do justo; e quando todo o Portugal se ufanava de ter no Ceu mais um sancto, o Papa Pio VI o declarou como tal a toda a Egreja.**

17. *Quarta feira.* **S. Gregorio Thaumaturgo, assim chamado pelos espantosos milagres que Deus por sua mediação operou, foi bispo de Neocezarea no Ponto. Com tal efficacia trabalhou na conversão dos habitantes d'aquella cidade, que morreu na consoladora certeza, de que deixava alli apenas dezesete infieis, quando não era maior o numero dos christãos ao tempo em que elle foi eleito seu bispo.**

18. *Quinta feira.* **S. Romão, nobre Antiochense, era um christão em todo o fervor e zelo dos tempos das perseguiçoens,**

e era incançavel em correr aqui e acolá, para com suas exhortaçoens animar seus correligionarios a que não trepidassem no meio dos tormentos. Finalmente chegou a occasião de mostrar que elle não era só forte de palavra: o prefeito Asclepiades o mandou prender, e elle com todos os tormentos do ergulo não deixou de trovejar no fogo da eloquencia contra a falsidade do paganismo, e convidou ao mesmo Asclepiades a que perguntasse a qualquer menino « se havia muitos ou era um só o verdadeiro Deus? » Com effeito Asclepiades foi confundido por um menino de sete annos, que affoutamente lhe ensinou este dogma, e o sanguinario barbaro o mandou degolar. S. Romão foi condemnado a ser queimado em uma fogueira; porem, como esta se apagasse milagrosamente, e elle não deixasse de publicar a omnipotencia de seu Deus, lhe cortaram a lingua, e nem assim deixou de fallar. Finalmente o levaram para uma masmorra, e ahi recebeu a palma do martyrio, tão valorosamente ganhado, morrendo com um laço de corda ao pescoço.

19. *Sexta feira.* S. Izabel, filha de André rei de Hungria, foi dada em casamento a Luiz Landgrave de Turingia. Soube precaver-se da soberba da magestade, exercitando-se de continuo nos mais humildes serviços para com o proximo: não só tinha sempre as mãos abertas para soccorrer com a esmola os pobres, mas ella mesma os lavava, fundando tambem um amplo hospital para os enfermos. Ficando viuva, vestiu o habito de S. Francisco, e foi uma perfeita imitadora d'este patriarcha, alegrando-se com o ver-se despojada de tudo o que lhe pertencia, e em ser o baldão das que erradamente pensam encontrarem a felicidade no mundo. Ella de tudo estava desapegada, e por isso exultou quando sentiu que a morte vinha cortar-lhe os fios, que a estorvavam de voar ao ceu, para onde sempre dirigia suas vistas, e onde finalmente entrou adornada de virtudes.

20. *Sabbado.* S. Felix de Valois, podendo com bastante fundamento aspirar ao throno da França, ordenou-se de presbytero, e retirou-se para um ermo, onde menos distrahido podesse conversar com Deus. S. João da Matta alli o foi encontrar, e vivendo ambos por alguns annos, finalmente em virtude de uma revelação, que tiveram, foram a Roma para impetrarem a approvação de uma nova ordem, que se empregasse na redempção dos captivos, e cujos fundamentos depois lançaram no logar chamado Cervo Frigido, com o titulo da Ordem da Sanctissima Trindade da Redempção dos captivos. Prevendo o dia da sua morte, exhortou os religiosos a que fossem sempre caritativos para com os pobres e captivos, e expirou no anno de 1212.

CHRONICA RELIGIOSA.

França. — O P. Adam, cura d'Osne, annuncia que a joven protestante Sofia Wedman, esposa d'um obreiro catholico cahira enferma, e que depois de varias rogativas, a fora visitar. Que em saude ja ella assistia ás festividades catholicas, e quizera confessar-se por vezes, esquivando-se aos actos e visitas protestantes. Finalmente fez uma profissão de fé mui completa, e admittida no catholicismo, adormeceu no Senhor, com todos os soccorros da Egreja, reclamando os sinos as oraçoens dos fieis para ella.

— No mosteiro da visitação do Puy, recommendou-se ás oraçoens dos fieis, por occasião das festas do Sagrado Coração, uma religiosa agonisante e abandonada dos medicos. De repente começou a mover os braços entorpecidos, assentou-se na cama, pediu de comer, vestiu-se e foi para o coro dar graças a Deus, entre as lagrimas de gratidão e prazer de toda a communidade, que entoou um *Te Deum* mais com suspiros, do que com vozes.

— A pequena communa de Cardonnette, nas visinhanças d'Amiens, acaba d'edificar toda a visinhança com uma d'essas ceremonias, que despertam sempre a fé no seio de nossas povoaçoens ruraes. Os reverendos padres franciscanos, que o zelo do pio bispo d'Amiens soube fixar na sua diocese, vieram presidir á plantação d'uma nova cruz em um logar precedentemente consagrado áquelle destino. Ouviu-se fallar com o mais pio recolhimento dos soffrimentos do Salvador e das glorias da sua cruz aos fervorosos religiosos, a quem está confiada a guarda do sepulcro de Jesus-Christo. Havia ainda bem pouco tempo, que um d'aquelles filhos de S. Francisco, tinha celebrado os sanctos mysterios em todos os sanctuarios da Terra-Sancta. Os fieis, que ouviram contar de sua boca, com tanta uncção como singeleza, as vivas commoçoens, que havia sentido, chegando os labios a tantas pedras, que haviam tocado os pés de seu divino Salvador, ficaram profundamente commovidos.

A affluencia das parochias circumvisinhas, favorecidas por um tempo magnifico, triplicou momentaneamente a população d'aquella aldêa; a d'Allonville, de que Cardonnette é annexa, veiu reunir-se processionalmente ao cortejo, que os habitantes formavam em de redor do crucefixo. O administrador, o conselho municipal e alguns cidadãos armados assistiam á ceremonia, em que mantiveram a melhor ordem. Em quanto o pregador contava as ignominias e as grandezas da cruz, a multidão amontoada em um estreito espaço, não esteve um instante distrahida do seu recolhimento. Aquelles, que testemunharam este espectaculo, podiam dizer comsigo: a fé ainda está viva aqui, e o remedio aos males da patria, que a impiedade ou a indefferença produziram, está sempre efficazmente presente.

DECLARAÇÃO.

Um amigo me avizou de que em um periodico, que não leio, publicára o Snr. Camillo Castello Branco, um annuncio, em que me increpava d'eu pedir o pagamento d'assignaturas em seu nome, e de as pedir 2.ª vez; e que tambem me pedia pela 5.ª vez contas do tempo, em que colloborara no Christianismo.

Respondo que, sendo eu gerente, não precisava invocar o nome do Snr. Camillo para os correspondentes do Jornal. O Snr. Camillo recebeu o dinheiro de Villa Real muito antes d'eu ir para Allemanha, como posso provar com a carta do correspondente, e só depois d'eu vir me avisou, como indica a carta do Snr. Camillo. Estava auctorisado por ordem minha para receber em Coimbra, e esqueceu-se de avisar-me, sendo-o só pelo livreiro Mesquita, quando revressei da minha digressão. Póde S. S.ª ficar descançado que hade ser chamado a contas logo que ellas estejam promptas, provindo a demora de não terem vindo todas as contas pedidas; porque os correspondentes do Periodico, sam de favor, e teem os seus negocios de que tratar com preferencia. — *F. C. de Menezes e Mello.*

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

— O CHRISTIANISMO. —

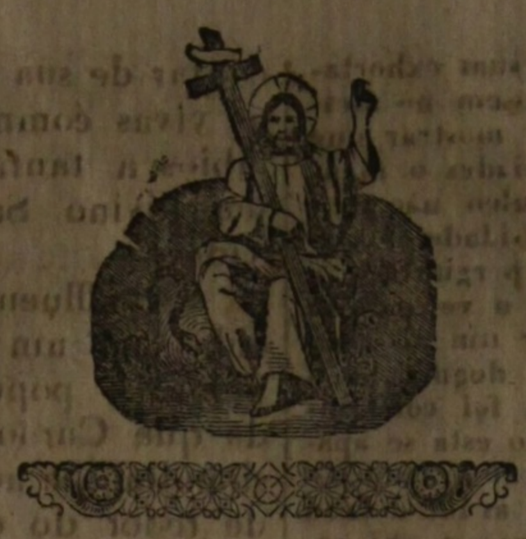
Porto — No escriptorio da redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 52. Braga — snr. J. M. de Souza, Porta Nova. Vianna do Castello — snr. J. J. de Moraes, na Picota. Guimaraens — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14. Bragança — snr. F. J. Affonso. Mirandella — snr. Dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. Trancoso — snr. Francisco José Tavares Cardoso. Villa Real — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. Covilhan — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. Coimbra — snr. Mesquita, rua das Covas. Matta (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Baratta dos Reis. Batalha — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire. Lisboa — snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Evora — snr. Antonio Candido de Moraes Cerveira. Ferragudo — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aloim. Ponta Delgada — snr. Francisco José Machado. Aveiro — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes. Guarda — reverendo snr. João Antonio da Silva Sampaio.

Preço (*adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$600 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 880 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 480 reis. Avulso 40 rs.

Vae franco de porte segundo a lei.

N. B. Pede-se por muito favor aos Snr.s assignantes, que não tenham pago ainda as suas assignaturas, que se dignem manda-lo fazer quanto antes.

NOVEMBRO 20. 1852. — N.° 47.



O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

Um novo e mui digno collaborador adquiriu este *Semanario* na respeitavel pessoa do Exm.° Snr. Theodoro Monteiro Guedes d'Abragão. S. Ex.ª dignou-se prestar-nos a sua sabia coadjuvação, vindo enfileirar-se entre os primeiros campioens do Christianismo. Sobre Pedro edificou Jesus a sua Egreja. E' da infalibillidade de Pedro e de seus successores, que S. Ex.ª começa a tratar.

DA INFALLIBILIDADE DO PAPA.

I.

Tem-se, desde antigos tempos, arvorado em questão, agitada ordinariamente por parte dos hereges, que a traz de si levaram alguma vez engenhos não vulgares — se o Papa nas suas decisoens *ex cathedra*, em assumptos moraes ou dogmaticos, é ou não infallivel?

Escriptores mui graves e orthodoxos defenderam em diversas epocas a verdadeira crença sobre a infallibilidade dos successores de S. Pedro; e modernamente alguns artigos appareceram já tambem no *Portugal*, e talvez em mais algum periodico, combatendo a nociva e erronea opinião contraria.

Recordamo-nos, em particular, assim daquelle, que de Moncorvo se dirigiu mui acertadamente contra o que dissera a tal respeito o A. dos *Pensamentos Theologicos*, e no tambem do outro, que mais recentemente apresentára ao publico para nossa instrucção sobre o mesmo objecto o R.mo Fr. Balthasar das Dores.

Nem nós teriamos mais, nem tanto a dizer sobre aquelle assumpto, nem mesmo dariamos agora publicidade ao presente artigo (já traçado antes de ver-mos o do R.mo Fr. Balthasar, mas que um incommodo grave de saude nos embaraçou de ter dado á imprensa), se aquelle erudito escriptor, seguindo até ao fim o magistral desenvolvimento, que dera a certos pontos do seu bello artigo, tivesse querido saciar mais completamente a avidez dos leitores ao vêl-o explicar e corrigir os adulterados factos, de que os adversarios da infallibilidade formam argumento para negal-a, fazendo-os assim entrar na verdadeira intelligencia desses mesmos factos.

Essa lacuna, que seria muito melhor preenchida pelo illustrado auctor do artigo, a que alludimos, nos dá a liberdade, e mesmo d'alguma sorte nos obriga a offerecer ao publico as observaçoens, que tinhamos feito sobre os erros da fé, que falsamente se attribuem a alguns papas; no que os adversarios constituem, como deixamos dito, o seu mais forte argumento contra a infallibilidade do vigario de Jesus Christo na terra.

Com tudo por não principiarmos *ex abrupto*, abandonando o nexo, que ordinariamente se dá ou por natureza ou por necessidade de comparação entre os principios e os factos, observaremos quasi só como preambulo, ligeiramente, o direito antes de passar á historia, collocando primeiro em frente uma da outra as duas oppostas opinioens da maneira que já tinhamos escripto.

Notáramos nós pois — que aquelles, que no maravilhoso estabelecimento da sancta Egreja de Jesus Christo, na sua portentosa propagação, e nos seus magnificos triumphos não querem vêr se não causas naturaes, e naturaes effeitos muito naturalmente produzidos por essas causas, diziam tambem por uma natural consequencia, que o pontifice, mero homem, não é isento das imperfeiçoens, que a natureza decahida innoculára (com a competente excepção) em todos os mortaes: que assim é possivel que como outro algum sabio o mais illustrado, possa errar em qualquer ponto que seja: que por tanto regeitam nelle a infallibilidade, no sentido mesmo que acima fica proposta. — Que, ao contrario, nós

que na existencia da Egreja divisamos sempre um continuo milagre, ou se considerem os seus principios, ou os seus meios, ou os seus resultados, não tinhamos por isso mesmo a menor repugnancia em acreditar como uma parte desse milagre permanente a infallibilidade do papa, supposto não ter sido ainda formal e positivamente julgada um artigo de fé.

E na verdade, como é que poderam poucos homens, pobres e ignorantes, ao lançar os fundamentos da Egreja, confundir os filosofos e os doctores da lei, e muitas vezes convencêl-os e convertêl-os? Como é que a morte e o sangue derramado, signal e principio de aniquilação e de exterminio, tem sido para a Egreja, no martyrio de seus sanctos, um fecundo germen de vida e de multiplicação? Como é que a Egreja pôde vencer e cantar por toda a terra os maiores triumphos sem outras armas alem da simples palavra, e dos peitos inermes dos proprios filhos, que offerecia ás agudas espadas de seus poderosos e terriveis inimigos?

As barbaras perseguiçoens, que a Egreja tem soffrido desde o seu principio até hoje ou abertamente da parte dos judeus, pagãos, hereges e dos impios, ou á surdina por parte dos hypocritas não menos perversos e inimigos, que ostentando-se fieis christãos a vam sempre minando para fazê-la desabar em ruinas; e o modo porque ella, sempre passiva e pacifica, tem sahido triumphante até hoje, e triumphará até ao fim dos seculos, sam irrefragavel documento de que ha ahi mais alguma cousa que simplesmente causas e effeitos naturaes.

Então por um pensamento elevado, como é elevada a causa primaria de todo este assumpto, poderemos nós deixar de admittir a infallibilidade do vigario de Jesus Christo na terra, da cabeça visivel da Egreja, sem outra rasão mais que a dedusida das imperfeiçoens humanas, a que o papa, como homem, tambem é sujeito? Mas, se a cabeça errou, quereereis vós que o corpo acerte? Ou se a cabeça é morta na fé, pensaes vós que um corpo acefalo tenha vida?

Passando porem a argumentos mais positivos, Jesus Christo disse a Pedro, que este era a pedra, sobre que elle edificaria a sua Egreja — *tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* Ora se a pedra angular e fundamental do edificio resvala e cahe, poderá este deixar de arruinar-se? Todos sabem, mesmo não sendo pedreiros ou architectos, que a pedra, que não está firme e segura, não sustenta edificio. Cahisse pois o mystico tabernaculo da Egreja; e as portas do inferno prevaleceriam contra ella, e contra a bem positiva disposição de Jesus Christo quando em seguida accrescentou — *et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.*

Todavia se daqui já deduz grande argumento de força e firmeza a infallibilidade do papa, não menos concludente e talvez mais claro ainda deve ser o que lhe subministra a formal declaração do mesmo divino Mestre Jesus Christo, quando deu a Pedro a segurança de que rogára a seu eterno Pae para que a fé nunca lhe faltasse — *rogavi pro te, ut non deficiat fides tua;* juntando logo — *et tu aliquando conversus confirma fratres tuos;* alem da incumbencia, que outra vez lhe fizera — *pasce agnos meos, pasce oves meas.*

Tal é o fundamento, a origem e o fim do primado de S. Pedro e seus successores, que segundo a expressa vontade de Jesus Christo ha de durar illibado na fé, e inconcusso até ao fim dos tempos; porque se o dom dos milagres e o das linguas, necessarios no principio para o estabelecimento da Egreja, não passaram de pessoaes, o da fé, sendo indispensavel para a sua conservação, é permanente assim no primeiro como em todos os vigarios de Jesus Christo, successores de S. Pedro.

O contrario seria um contrasenso, seria um paradoxo. Chefe visivel da Egreja, pedra fundamental, centro de unidade, pastor dos pastores com erro na fé, quando falla ou obra como tal, não póde combinar-se com principios nenhuns, nem divinos, nem humanos. Neste ponto a filosofia terreste, que tem discorrido diversamente, claudicou como em muitos outros.

Mas se por uma tactica mais *confortable* quizessem os adversarios levar a questão ao campo dos factos, não recusariamos, pequenas como sam nossas forças, entrar corajosamente no combate.

Theodoro Monteiro Guedes d'Abragão.

APPENDICE

Ao Artigo sobre o Deismo.

XI.

Já que toquei incidentemente nas ordens religiosas, não posso abster-me de fazer uma reflexão, e vem a ser, que todos aquelles, que se teem levantado contra a Egreja, ou desconhecido a sua auctoridade, teem principiado por decretar ou promover a sua extincção.

Luthero, Calvino, Beza, Zuinglio principiaram por declamar com furor contra ellas. O patriarcha ou o chefe principal da reforma, tam orgulhoso como corrupto e immoral, principiou por seduzir uma freira, com quem se casou publica e escandalosamente.

Os principes d'allemanha em virtude das doctrinas de seus mestres, saciaram logo a sua avareza, apoderando-se de todos os seus bens. O mesmo foi praticado pelo tyranno Henrique oitavo d'Inglaterra, pelo ambicioso Gustavo Vaza na Suecia, pelo turbulento e escandaloso Christiano na Dinamarca e por toda a magna

caterva de reformadores (1), que produziu o seculo 16.º para vergonha e confusão do espirito humano, que perturbaram a Egreja, e destruiram a Religião n'uma boa parte da Europa.

Os filosofos do seculo 18, e todos os revolucionarios, que lhes abraçaram os principios, ou lhes seguiram as maximas, mostraram o mesmo furor contra ellas; porem isto só próva a sua importancia e a estima, e veneração, em que sempre foram tidas na Egreja; e entre uma infinidade de testemunhos, que podia produzir para prova desta verdade, citarei S. João Chrysostomo, que se levantou com toda a força do seu zêlo, do seu talento, e eloquencia contra os seus detractores; S. Gregorio Magno, que prohibiu debaixo de graves penas que molestassem os regulares ou lhes tirassem as suas rendas e propriedades debaixo de qualquer pretexto, que fosse. E' sabido o apreço, que dellas fazia S. Luiz, rei de França, e o grande Alfredo, rei d'Inglaterra, e a estima, em que sempre foram tidas por todos os principes pios e religiosos. E como podia deixar de ser assim, se é verdade que uma cousa é tanto mais veneranda, quanto maior é a sua antiguidade! Que direito não teem ellas ao nosso respeito e veneração?!

O profeta Elias, fugindo á corrupção d'Israel, retira-se nas margens do jordão, e ahi vive d'ervas, e raizes com seus discipulos.

Que não teriam dito os poetas gregos, diz um celebre escriptor, se tivessem encontrado por fundador dos seus collegios um homem transportado ao ceu, n'um carro de fogo, que devia tornar a apparecer no fim dos tempos?!

A vida monastica póde gloriar-se de ter por seus auctores os profetas, S. João Baptista e o mesmo Jesus Christo, que muitas vezes se retirou sobre as montanhas para orar. Os Tharapeutas (2) deram-nos o modelo dos primeiros mosteiros christãos; mas se se póde dizer que a vida monastica é de todas as edades, e dos maiores servos de Deus, e que ella nasceu com o Christianismo, com que signaes de approvação a não manifesta Deus aos homens! Que maravilhas não exporiamos se fizessemos a historia dos Paulos, dos Antonios, e dos sanctos da Thebaida, que encheram o Carmello e o Libano de portentosas obras de penitencia!!

Que espectaculo! estes sanctos hymnos, esta infinidade de vozes, entoando a gloria e as maravilhas do Senhor, que converteram os desertos em templos, dedicados aos louvores de Deus! Quantas vezes as musicas celestes se não confundiram com o murmurio e estrepito das ondas, quantas vezes os anachoretas não tiveram por hospedes os Serafins!! Os leoens lhes serviram de mensageiros, e os corvos lhes ministraram o manná celeste. As cidades mais opulentas invejáram a sua reputação, tiveram ciumes da sua gloria.

Que diriamos ainda se fizessemos a historia dos do monte Sinái, do lugar, em que Jehová declarava os seus oraculos aos hebreus, ou daquelle, em que Jesus Christo desappareceu da face da terra!!

Mas se tudo isto os torna muito recommendaveis, que diriamos da sua instituição, que se identifica com a religião, e que é uma necessaria consequencia della! A sua proscripção ou prohibição, em qualquer estado, que outra cousa é, senão um desmentido ao Evangelho e uma injuria feita á Religião; porque é uma condemnação da profissão publica dos conselhos evangelicos, e desse genero de vida recommendado sempre na Egreja, como mais conforme com a doctrina dos Apostolos e com o espirito religioso, que consiste em viver desapegado do mundo para chegar á perfeição christan ou á caridade?! E que é ainda esta prohibição, como diz o papa Pio 6.º no citado Breve, e não um ultrage feito aos seus fundadores, que a Egreja poz no catalogo dos sanctos, e que todos os dias expõe á nossa veneração, para lhes imitarmos a virtude e lhes seguirmos o exemplo; que não fizeram estas fundaçoens, se não por effeito de revelação divina, como declara ainda o mesmo papa?

Condemnar pois as ordens religiosas, é seguir os principios dos hereges, e de todos os inimigos da religião: é condemnar a Egreja; é condemnar todos os concilios e todos os papas, que as autorisaram; é condemnar todos os sanctos padres, todos os sanctos doctores, que lhes tesseram os maiores elogios, e dellas fizeram a apologia: é condemnar todos os principes, todos os homens illustres por sua sciencia ou piedade, que as julgaram importantes ao estado e á Egreja; é condemnar todo o universo pio e religioso; é condemnar a experiencia de todos os seculos, que mostra que nada se tem descoberto mais util para dilatar a fé, propagar a religião, instruir os fieis, moralisar os povos, corregir e reformar os costumes, e ajudar os bispos e os parochos no exercicio do seu laborioso ministerio, e ainda direi mais, que debaixo de todas as consideraçoens e a todos os respeitos, e ainda em relação ás letras, ás sciencias e ás artes, ao commercio, á industria, e á navegação, o mundo lhe deve serviços impagaveis, que só podem ser desconhecidos pelo espirito de libertinagem e de irreligião, de que sam boas testemunhas as ordens militares, os Cavalleiros de Malta, a ordem teutonica, os Cavalleiros de Calatrava ou de S. Thiago d'Hespanha, as missoens d'America, do levante, da India, da China, do Paraguai, do Guyanne, das Antilhas, da nova Hispanha, e um sem numero de estabelecimentos, tão uteis como gloriosos á humanidade, que sam obra sua.

Direi por ultimo que a Egreja as tem ainda achado de muito interesse para arredar do povo christão os castigos da justiça divina, pois sempre na Egreja se acreditou na efficacia das oraçoens das pessoas consagradas ao serviço de Deus, de que sam testemunhas irrefragaveis S. Gregorio Magno nas seguintes palavras, fallando do estado, em que os longobardos tinham posto Roma. — *Se não fossem as supplicas das religiosas, já nenhum de nós subsistiria aqui, ha tantos annos, entre as espadas dos longobardos.* — Benedicto 14.º, fallando das suas religiosas de Bolonha, diz — *esta cidade aflicta com tantas calamidades, e ha tantos annos já não podia subsistir mais, se as oraçoens continuas das minhas religiosas não tivessem desarmado a colera do ceu.*

Alvaro Vaz Correa de Seabra e Silva.

---

(1) Que se lançaram como lobos esfaimados sobre os despojos das ordens religiosas, e a isto ou para isto é que se fez a reforma: diz um escriptor protestante.

(2) Monges christãos, que habitavam junto ao lago de Meris, no Egipto.

Associação de S. Francisco de Regis.

A fundação d'esta associação eminentemente civilisadora, remonta ao anno de 1826. M. Gossin, digno magistrado e antigo conselheiro do tribunal de Paris, atacado de graves enfermidades, fez uma romaria ao Sanctuario de S. Francisco de Regis, em Louveis no Vivarais. Ao pé do altar do Sancto fez voto de se consagrar de todo, no caso de curar, á fundação d'um instituto, que tivesse por fim reconduzir a bom caminho os infelizes, que contrahem laços illicitos, dando

o escandalo d'essa chaga social, denominada *concubinato*.

Este voto foi feito em 30 de junho de 1824. Deus, que, em seus impenetraveis designios, havia escolhido o honesto magistrado para dotar a França e o mundo com um estabelecimento destinado a fazer muito bem, acolheu favoravelmente a sua oração, e restituiu-lhe a saude.

M. Gossin, fiel á sua promessa, traçou o plano da associação, que havia concebido, e submetteu-o ao exame d'algumas pessoas, votadas ao serviço da humanidade. Estas não só o approvaram, senão ainda prometteram dar todos os seus cuidados á realisação d'um projecto, de que já previam os resultados beneficos.

Em 13 de fevereiro de 1826, M. Borderie, então vigario geral do arcebispo de Paris, e mais para o diante bispo de Versailles, annunciou por escripto que o primeiro pastor da diocese dava a sua plena approvação ao instituto projectado, e desde então ficou definitivamente estabelecida a associação de S. Francisco de Regis.

Esta obra, como tudo o que é bom, encontrou no principio grandes obstaculos, que, longe de desanimarem os zelosos fundadores, concorreram para consolidar a sua coragem, e para lhes inspirar novos alentos. Seus trabalhos civilisadores e christãos chegaram a ser objecto de motejo. Não poucos annos esteve o numero dos associados no mesmo pé, e a associação reduzida aos mais modicos recursos; tendo uma só pessoa sobre si, n'esse tempo, o peso da correspondencia e da recepção dos pobres.

Segundo o theor do voto, a associação havia sido collocada debaixo da protecção de S. Francisco de Regis, que, no seculo XVII, havia evangelisado com esplendor as provincias de Velay e Vivarais, empregando-se os seus esforços, com especialidade, na extirpação dos escandalos, produzidos pelas unioens concubinarias, e que consagrou toda a sua existencia ao melhoramento dos costumes pela influencia omnipotente da religião.

Finalmente melhor conhecida a associação por aquelles mesmos, que haviam sido seus primeiros detractores, passaram muitos d'estes a dar-lhe o seu apoio. Desde então augmentou o circulo de suas operaçoens, e espalhou os seus beneficios: e sendo auxiliada pela caridade publica póde produzir esses prodigios, de que só teem o privilegio as obras de Deus.

Está hoje admittida esta associação em muitas cidades de França e de outros paizes.

Para dar uma idêa de todos os beneficios espalhados por esta associação, e demonstrar a sua utilidade incessante, basta saber-se que a sociedade de S. Francisco de Regis de Paris, desde a sua fundação em 1826 até o 1.º d'abril de 1851, presidiu á rehabilitação civil e religiosa de mais de 45:000 casados, todos domiciliados no departamento do Sênna.

Em 1838 estabeleceu-se a associação em Marselha, mas só foi approvada pelo bispo em 1840. Hade parecer incrivel que se tenha alli obtido immensos resultados por seu meio, attendendo ao pequeno numero de subscriptores e associados activos, que a sustentam, e aos modicos recursos, de que póde dispor. Mais de 5:000 familias lhe devem, desde a sua fundação, o repoiso, a ventura e a inapreciavel vantagem de terem sido retirados do vicio e do opprobrio, e conduzidas ás doçuras d'uma existencia domestica, honrosa e christan.

Sómente desde o 1.º de junho de 1851 até 31 de maio de 1852, foram celebrados 433 matrimonios pelos cuidados da associação. E maiores seriam os bens, que ella poderia fazer, se maiores fossem os seus recursos, porque as quotas annuaes dos subscriptores apenas chegam a 1:800 reis cada uma.

Esta associação conta em Metz 14 annos d'existencia, e n'esse decurso tem concorrido para a celebração de 1:300 casamentos civis e religiosos, e para a legitimação de 400 meninos.

Em varios outros pontos tem obtido esta sancta associação vantagens immensas no sentido religioso e moral, adquirindo justissimos titulos ás sympathias de todos os homens honestos e christãos.

Quem nos dera ve-la transplantada a esta nossa patria, tão disposta sempre para acolher o que é bom e util, porem tão orfan d'ha muito de quem bem a governe segundo os preceitos de Jesus Christo.

Esperamos em Deus Nosso Senhor que tambem hade chegar um dia feliz, em que prostrados perante os altares, lhe demos graças por possuirmos estes e outros institutos religiosos, de que tanto carecemos.

Mendoça e Mello.

Temos grande prazer em communicar aos nossos leitores o extracto da carta, com que nos honrou o illm.º e exm.º snr. marquez de Lavradio. Esperamos que o nobre marquez nos desculpará por havermos publicado esta sua carta sem havermos primeiro obtido a sua auctorisação; porem ligámos tanta importancia ás suas correcçoens, e apreciámos tanto os juizos, que dicta a amizade, com que nos honra, e o seu amor pela nossa sancta Religião, que não vacillámos em a nossa resolução. S. Ex.ª hade coadjuvar-nos com a sua valiosa collaboração, que assim o demanda o interesse da causa sancta, em que todos os que temos *boa vontade* nos achamos empenhados.

EXTRACTO D'UMA CARTA DO ILL.MO E EX.MO SNR.

Marquez de Lavradio.

.....Muito boas cousas alli observei (*no Christianismo*), e bem bom seria que se fossem reproduzindo estes campioens em defeza de nossa sancta religião, que é tão atacada, e o que faz chorar lagrimas de sangue é vê-la atacar no nosso desgraçado paiz por um modo tam impio e immoral.

Como V. S.ª e o seu tam sabio, como illustre collega ao n.º 13 em 27 de Março, mostraram o desejo d'orthodoxia, posso com toda a franqueza notar-lhes algumas cousas, que julgo não serão mal acceitas.

No n.º 3 de 17 de janeiro no artigo *Razão* lê-se:

« A nossa consciencia é que nos julga. Reprehendemo-nos « antes que Deus nos reprehenda. Somos indignos aos nossos pro- « prios olhos, antes de o sermos na presença de Deus. »

Não duvido que reflectindo um momento, mesmo quem as escreveu, estaria prompto a retracta-las; porque para Deus não ha tempo de permeio. As suas reprehençoens consistem na consciencia, que dá a todos antes de peccarem, e por tanto o remorso immediato ao peccado é propriamente a reprehensão. A segunda ainda é mais saliente, porque pela previsão sempi-

terna de Deus as nossas iniquidades foram abominaveis aos seus olhos *ante omnia sæcula.* (1)

No n.º 17 — em 24 d'Abril se lê na *Chronica Religiosa:*

« S. S. fez abrir hum convento para as freiras do Sagrado Co-
« ração, ordem recentemente fundada por uma senhora de san-
« ctas virtudes, irman do Bispo de Brescia. Esta communidade
« e o seu convento sam dedicados á recepção de mulheres conver-
« tidas do judaismo, e á educação gratuita de raparigas pobres. »

A fundação das *Freiras do Sagrado Coração* foi feita pela condeça Verseri de Bergamo ha poucos annos. Não é para as judias convertidas, como alli se julga (2). Este estabelecimento tem por objecto principal o serviço dos hospitaes e a educação das meninas. A illustre, pia, e sabia fundadora morreu, creio que ainda não ha um anno. Eu e minha mulher conhecemo-la muito de perto, e até tive a felicidade de a ter por algum tempo minha hospeda em Roma. Temos em Lisboa uma obra composta por ella, que é digna dos maiores elogios. E' de notar que o sobrinho desta senhora, o Conde Medolago de Bergamo, cazou com uma neta do celebre escriptor o Conde de Maistre, negocio, que eu tractei pela amizade, que tinha com ambas as familias.

No mesmo artigo quando trata da *Nunciatina* de Roma, é inexacto que este convento esteja em Trastevere, porque está para cá do rio perto do Arco de Pantona no bairro dos Montes. Tambem nunca me constou que aquellas freiras fossem antes judias.

No n.º 20 em 15 de maio de 1852 lê-se na *Chronica Religiosa:*

« Que a Sociedade de S. Vicente de Paulo fora instituida
« pelo P. Ravignan em Roma em 1842. »

O que deu origem á fundação da Sociedade em Roma, foi a conversão de Mr. de Ratisbonne. — Neste tempo achava-se em Roma um certo barão Bock, anoveriano, que se tinha convertido nos annos passados em Constantinopla por meio d'um missionario de S. Vicente de Paulo. Esse tinha feito em Roma conhecimento e amizade com o barão de Bussieres, que foi o instrumento, de que Deus se tinha servido para a conversão de Ratisbonne. Ambos elles eram amigos do P. Borghese, e todos impressionados por aquelle grande facto se determinaram a que elle lhes servisse d'incentivo para fazer alguma cousa agradavel a Deus; e então escolheram esta da associação. A elles se uniram os Abbades Hiron, e Veron, Francezes, Conde Chimanoski, Polaco, Mr. de Stokelberg membro da legação Russa em Roma, e muito bom catholico; e tambem eu entrei. Esta Sociedade era chamada *Estrangeira*, e tudo se fazia em lingua franceza. Era presidida pelo B. Bock. O nosso superior era o P. Villefort da companhia de Jesus, e Protector o Cardeal Potrizi, vigario geral de S. Sanctidade. — Passados tempos se formou uma segunda sociedade com seu presidente proprio. Esta era romana, mas colligada com a nossa, e debaixo do mesmo superior e do mesmo protector. Eu conservo os estatutos, mas tenho-os em Lisboa. — Nós não estamos ainda para isto.

No n.º 24 — de 12 de Junho de 1852 — O *artigo Jesus Christo e o Numero Trez.* — Lê-se neste artigo o seguinte:

« Tres vezes fallou na Cruz. »

Jesus Christo fallou na cruz por sete vezes durante a agonia.

No n.º 32 — 7 d'Agosto de 1852.

No elogio do P. Ventura por Mr. Barbier não devem deixar de notar-se como bem pouco sensatas as seguintes expressoens: *Para a formação d'um novo Governo, já que elle ficára, devera reclamar-se o seu concurso etc.*

No n.º 33 — 14 d'Agosto — na Chronica Religiosa. Onde se diz Patriarcha de Cicilia, se deve seguramente lêr Patriarcha de Cilicia.

— Muito me congratulo com o seu collega pelas bellas doutrinas que tem expendido, e com o Snr. A. V. Correia de Seabra, que julgo ser filho d'um meu antigo amigo o Snr. José Váz Corrêa de Seabra. Aqui temos tambem o Snr. Gomes d'Abreu, que se destingue nos seus artigos, e o ultimo do Catholico de 30 de Setembro em confutação d'um dos mais impios artigos, que tenho lido na minha vida, foi primoroso.

(1) Concordamos com o illustre, sabio e orthodoxo auctor da carta. Os RR.

(2) A Chronica é moldada nas folhas estrangeiras: não podemos por tanto, assumir a responsabilidade da maior ou menor exactidão de suas narraçoens. Os RR.

JOSÉ.

Adjutor est in tribulationibus et
Protector omnibus Beatus Joseph
Nomen tuum pie invocantibus.

Ó Nome ao bom Jacob tam caro e doce,
Já famoso no Egypto,
Na historia dos christãos com quanto lustre
Te encontramos escripto!

Se és tu o filho, o irmão piedoso e casto,
De Moyses nos annaes,
Tu designas no Novo Testamento
O maior entre os paes.

A vara toda flor, de quem sam tronco
David e Salomão,
O que na terra abriga como a filho
O Deus da redempção.

Louvar o esposo da celeste Virgem
Vam pois os versos meus,
Possam por elle meus accentos debeis
Elevar-se até Deus.

Não fulgira aos filhos d'Eva
Inda o Sol restaurador,
Inda immersa em densa treva
E'ra a porção do Senhor;
Mas não vinha longe o dia,
Que predicera a Escriptura,
Em que a Virgem sancta e pura
Geraria um redemptor.

Esta Virgem promettida
Na terra existindo já,
Era por muitos querida
Dos mancebos de Judá;
Mas Deus, velando a puresa
D'esta mulher sem deffeito,
Diz-lhe n'alma, que do elleito
O cajado florirá.

Brotou a vara assucenas
Na mão do humilde José:
Nada as purpuras terrenas
Sam, d'este mancebo ao pé;
Elle leva aos mais a vista
Leva os coraçoens e as almas,
A mais viçosa das palmas,
A vergontea de Jessé.

Leva a mulher mais formosa,
Que a mãe do Eterno creou;
Leva a unica ditosa,
Que a culpa não maculou;
Leva a donzella perfeita,
Flor d'eminente fragancia,
Que desde o sorrir da infancia
No Templo a Deus se sagrou.

Não é o sangue, que dos reis herdára,
A illustre gerarchia,
O que o eleva a augusta dignidade
D'esposo de Maria.

Nem terrenos, dominios nem riquezas,
Que o dote, que alardea,
E' a profissão braçal, que elle aprendèra
Ao uso da Judea;

A angelica virtude, essa sómente
Lhe mereceu o favor
De fazel'o na terra imagem sua
O Pae do Redemptor.

O' Sancto illustre, do adoptivo Filho
O que não obterás!
Tu, na terra, d'um Deus representante,
Lá no ceu que serás!

Que digam teus devotos, grande Sancto,
O que podes obrar;
Que favores sem conto lh'alcançaste
Que victoria sem par....

Que diga o proprio inferno que de presas
Lhe fizeste perder,
Que digam mil christãos, que te invocaram
Que vale o teu poder.

Na terra o teu favor me escude sempre
O' Esposo de Maria,
Valha-me o amparo teu, teu patrocinio
No derradeiro dia.

10 d'Outubro.

ANNO CHRISTÃO.

NOVEMBRO.

21 *Domingo.* Apresentação de Nossa Senhora. E' uma tradição que no templo de Jerusalem havia meninas, que ahi eram educadas na piedade, e viviam no retiro. No 2.º livro dos Machabeos se diz que quando Heliodoro quiz roubar por violencia os thesouros do templo, *as virgens ahi enarradas corriam para o Summo Sacerdote Onias.* Crê-se, desde a mais remota antiguidade, que Maria Sanctissima fôra d'estas virgens consagradas ao Senhor, e que tambem vivera no templo, onde seus paes a apresentaram; e por isso foi instituida esta festividade, que, celebrando-se entre os gregos já no 12.º seculo, Sexto V em 1585 ordenou que fosse extensiva a toda a Egreja.

22. *Segunda feira.* S. Cicilia, havendo, contra sua vontade, sido dada em casamento a um certo Valeriano, o convenceu a que não attentasse contra sua virgindade, e a que se fizesse christão. Com effeito elle foi procurar o papa Urbano, que, em consequencia da perseguição, estava escondido nos subterraneos, que na via Appia serviam de sepultura aos martyres, e sendo por este baptisado, convenceu seu irmão Tiburcio a abraçar tambem o christianismo, e ambos soffreram depois heroicamente o martyrio por ordem do prefeito Almachio. S. Cicilia foi egualmente presa, e como sobrevivesse ainda aos tormentos d'um banho fervendo, tentou o algoz cortar-lhe a cabeça, e só passados tres dias é que seu puro espirito se achou solto, para elevar-se ante o throno d'aquelle, por quem tinha batalhado, e ahi foi gozar da paz e delicias eternas.

23. *Terça feira.* S. Felicidade, mãe de sete filhos, cuja constancia no martyrio ella com suas exhortaçoens auxiliou, foi tambem mandada prender e degolar pelo imperador Marco Antonino. Aquella, que teve não só a intrepidez de presenciar os tormentos de seus caros filhos, mas que, vencidos pela divina filosofia os instinctos carnaes, nada desejava tanto como vel-os assim morrer, menos podia intimidar-se quando os ministros da morte alçavam o braço para tirar-lhe uma vida, que ella tinha em pouco, e esperando, com a firmeza do justo, que ia nascer em outra, onde gozaria á vista de seu Deus, a companhia de seus filhos e de todos os bemaventurados, em uma palavra, onde se realisaria, e sómente lá, o que seu nome significava.

24. *Quarta feira.* S. João da Cruz, de Fontibero na Hispanha, logo desde tenros annos encetou o caminho da penitencia, sabendo que é por elle que se vae mais seguro para o ceu. Em mancebo, e n'aquella edade, em que as illusoens mais nos dominam, foi offerecer-se creado no hospital de Metyna do Campo, onde sua caridade lhe não deixava temer o contagio da febre, prestando a todos os enfermos aquelles serviços, de que carecciam com sollicitude e carinho, a todos recommendando a resignação. Acceito na Ordem dos Carmelitas, e ordenado presbytero, foi o mais caridoso medico dos leprosos peccadores, e o mais incansavel mestre e guia dos cegos ignorantes. Foi elle o restaurador da antiga disciplina de sua Ordem, que se ia relaxando da austeridade primitiva. Em Ubeda foi accomettido de uma grave enfermidade, e dispondo-se com os sacramentos para a perigoza passagem d'esta para a outra vida, elle o fez sem que o inimigo da salvação podesse offendel-o, nem levemente, com seus costumados tiros. Em 1591 é que o ceu recebeu mais este sancto, e a terra se gratulou de ter lá mais um valioso protector. Seu corpo se venera, incorrupto, em Segovia, havendo elle sido canonisado pelo papa Bento XIII.

25. *Quinta feira.* S. Catharina, nobre donzella d'Alexandria, cheia de zelo á vista dos innumeraveis martyres, que a crueldade de Maximinio suppliciava, foi em pessoa reprehendel-o. Admirado elle de tanto valor e da sabedoria, com que lhe provava que era a religião christã a unica verdadeira, chamou filosofos, que respondessem a seus argumentos; mas aconteceu o inverno do que elle esperava: ella a todos convencia, e muitos se converteram. Como por este modo a não fez renegar, tentou o meio das seductoras promessas, que lhe não deram melhor resultado. Finalmente recorreu ás torturas, que, variadas e cruelmente engenhosas, sómente serviram de provar-lhe, e ao mundo todo que nada podem os tyrannos contra crenças bem arreigadas. Sua constancia fez pasmar toda a cidade; e indo visital-a ao carcere a mulher do mesmo Maximino e Porphyrio, general dos seus exercitos, sahiram de lá convertidos, e soffreram depois o martyrio. Ella deixou de viver na terra e foi para o ceu depois que o alfange do algoz lhe decepou a cabeça. Seu corpo diz-se que fôra pelos anjos transportado para o alto do monte Sinai.

26. *Sexta feira.* S. Pedro Alexandrino regeu o bispado d'Alexandria nos calamitosos tempos da perseguição de Galerio Maximiano, e tão zeloso e intrepido se mostrou no meio de tam barbara carneficina, que a toda a parte corria a levar os soccorros da religião. Não eram sómente os pagãos, que por este tempo dilaceravam a Egreja; no meio mesmo d'ella appareceu então o schisma Melitano, e teve tambem o nosso sancto d'empregar seus cuidados por extirpal-o, condemnando o diacono Ario seu fautor. O dito Galerio Maximiano o mandou prender, e depois de o ter por largo tempo em horrenda custodia, por ultimo foi degolado.

27. *Sabbado.* S. Jacome Interciso que, havendo por conservar a amizade do rei Isdegerd, negado que fosse christão, e vendo que por isso sua mãe e sua mulher fugiam d'elle, cahia em si, e foi tal o arrependimento da apostasia, que foi ter com o mesmo rei a retractar-se. O resultado, que elle bem previu, foi ser decapitado.

CHRONICA RELIGIOSA.

EUROPA. — ROMA. — Em 25 de setembro reuniu-se a Congregação dos Ritos, para examinar diversas causas relativas a veneraveis servos de Deus, e com especialidade a do veneravel conego Gaspar del Bufa-

lo, fundador da congregação dos missionarios do Precioso Sangue.

— Em 12 d'outubro dirigiu-se o pontifice ao seminario pontificio romano, para inspeccionar os preparativos d'abertura d'um novo collegio estabelecido á custa de S. Sanctidade em S. Apollinario. Depois de testemunhar a sua viva satisfação pelos trabalhos regressou do Vaticano por entre as acclamaçoens do povo, que lhe pedia a benção apostolica.

Toscana. — Os tribunaes de Toscana condemnaram, segundo as leis, os esposos Madiai por propagarem o protestantismo n'aquelle paiz. Tocou-se alarma no campo dos protestantes, e em toda a parte se gritou, com especialidade em Inglaterra, aonde é furiosa a intolerancia contra os catholicos, apesar das leis do paiz os tolerarem, e tambem os costumes. A Inglaterra, que, sem poder pretende condemnar o Dr. Newman, porque desmascarou um apostata italiano, devasso infame revolucionario, não se pejou d'enviar a Toscana um agente, que foi apoiado por agentes dos paizes protestantes. O governo toscano portou-se como devia não intervindo na acção dos tribunaes, que julgaram, segundo a lei.

Belgica. — As escholas e collegios catholicos, tanto do clero regular como do secular, tiveram grande augmento de discipulos este anno; em alguns mais de metade. Pelo contrario houve grande diminuição nos estabelecimentos scientificos do governo, apesar das medidas legislativas em seu favor. E' o mesmo em toda a parte. Ninguem, melhor do que os paes de familia, conhece a educação, que convém a seus filhos.

França. — As freiras augustinianas do sancto Coração de Maria, de Paris, todos os annos abrem um retiro espiritual para senhoras. Teem quartos mobilados para aquellas, que desejam viver em communidade n'esse tempo, e tambem admittem aquellas, que não podem deixar suas casas nessão para assistirem aos exercicios, que sam tres por dia: ás 9 horas da manhan, ás 2 e 4 da tarde.

— No dia 3 d'Outubro foi inaugurada, em Nowent-Fontes, com uma benção solemne, a casa das irmans da Sacra-Familia. As religiosas acompanhadas das educandas abriam a procissão, que fechava o antigo decano da parochia. Convidado pelo seu successor concorrêra a coroar a obra, que havia começado com perseverança, apesar de tantos obstaculos, porque não tinha outro recurso senão a caridade. Os parochos das aldêas visinhas, assim como muitos bemfeitores da fundação, estranhos á localidade, assistiram á ceremonia, seguidos d'immenso concurso de parochianos. O parocho actual em uma allocução energica, fez sobresahir o beneficio do novo estabelecimento d'educação feminil.

Retrato do filosofo christão. — Lê-se na *Esperança* de Nancy: Uma noticia das mais dolorosas, chegou hontem a Nancy: — sexta passada, 15 d'outubro, dia da festa de Sancta Thereza, adormeceu no Senhor em Aulins, junto de Lião, M. Affonso de Saint-Beaussant, na religião fr. Agostinho da ordem dos pregadores. Esta morte espalhará um luto universal em a nossa cidade: Mr. de Saint-Beaussant, era amado e estimado de todos. Era a providencia dos pobres, que repetem o seu nome abençoando-o; e a edificação dos ricos, que apreciavam a nobreza do seu caracter e de seus sentimentos, a sua generosidade e todas suas eminentes virtudes. Era para todos o homem completo segundo o Evangelho, o christão pio, um modelo, de que só bastaria a presença para fazer amar e practicar o bem. Haveria bem que dizer sobre esta vida tam curta, e no entanto tam bem empregada. Poderiamos mostral-o artista, dotando o nosso muzeu de Nancy de quadros de grande preço; presidente da Sociedade de S. Vicente de Paulo, consagrando todos seus dias e sua bella fortuna ao livio e melhoramento moral dos pobres; catholico intelligente, trabalhando sem cessar em estender o reino de Deus, e contribuindo poderosamente para o restabelecimento da ordem dos frades pregadores (*dominicos*) em França; feliz do mundo, renunciando com alegria á sua familia, aos seus amigos, e á sua fortuna, para abraçar a pobreza voluntaria; religioso, cumprindo como sancto os deveres mais penosos da vida monastica. Mas que diremos nós que não seja conhecido de todos, admirado e repetido por todos? Demais d'isso se estivesse aqui ao pé de nós, a sua mão estender-se-hia sobre nossa bocca para impedir a expressão de todos os sentimentos, que nos transbordam n'alma. Affligir-se-hia penosamente de que a sua mão esquerda conhecesse os beneficios da sua direita. Não mortificaremos, pois, a sua memoria publicando o que sabemos de sua sancta vida, e concentrando em nós uma dôr bem legitima, diremos com resignação christan: O Senhor no-lo havia dado, o Senhor no-lo tirou, seja o seu sancto nome abençoado! — *Vaguer.*

— O Snr. bispo de Metz officiou de pontifical, celebrando a missa do Espirito Sancto, para chamar as bençãos do ceu sobre o novo collegio de Jesuitas, que se abriu n'aquella cidade. Assistiu o numeroso clero de todo o bispado, assim como as auctoridades civis e militares, e numeroso concurso de fieis. O Snr. bispo fez um excellente discurso e mui apropriado.

O Snr. bispo de Marselha fez uma ordenação *extra-tempora*. Ordenou 3 religiosos capuchinhos de sub-diaconos. O privilegio d'esta ordenação foi-lhes concedido na qualidade de missionarios. Estes religiosos dirigir-se-hão á cidade de Sancto Estevão no Forez; onde existe um convento da sua ordem. E' alli que se faz o curso d'estudos theologicos. O mosteiro dos capuchinhos de Marselha deve enviar-lhe uns 20 alumnos sob a direcção de fr. Diniz. O convento da cruz de Reynier, será destinado aos estudos religiosos, que precedem a theologia, assim como aos cursos d'eloquencia sagrada por fr. Archangelo, cuja sciencia e fructos evangelicos sam tão bem conhecidos em a nossa cidade.

Este movimento no pessoal do convento, é necessario em consequencia do augmento diario do numero dos religiosos. As vocaçoens multiplicam-se do modo mais consolador para a fé, e em bem pouco tempo podem-se citar bastantes mancebos pertencentes ás melhores familias, homens feitos, deixando uma carreira commercial das mais lucrativas, ou depondo as dignidades sacerdotaes para revestir o humilde burel de S. Francisco, e servir assim o seu proximo e o seu Deus com o merito d'uma completa abnegação.

Estes notaveis progressos da ordem dos capuchinhos sam felizes com especialidade, porque estes apostolos tão pios e uteis, poderam dedicar-se de novo ás missoens do Levante, servidas de religiosos italianos, desde que os capuchinhos francezes não foram sufficientes. Alem d'isso poderam acceder aos votos de muitos bispos de França, que estam esperando pela occasião de fundar em suas dioceses conventos da ordem de S. Francisco.

— Monsenhor Mortol, arcebispo de Toure, foi elevado ultimamente á dignidade de cardial.

— A associação da Santa-Infancia, acaba de ser inaugurada na parochia de Blanc. Um exercito de meninos, coroados de flores e com bandeirasinhas azues e côr de rosa, entraram processionalmente na egreja que era muito pequena para conter a multidão. Celebrou-se a missa com grande pompa. Depois d

Evangelho pronunciou o P. Barateau vigario da parochia, uma allocução pathetica. Depois de ter pintado o christianismo, aliiviando todas as miserias, commoveu vivamente o coração das mães christans, fallando-lhes d'essas infelizes crianças chinezas, que os nossos missionarios arrancam á morte com as esmolas dos jovens associados da Sancta-Infancia.

Depois da missa o snr. cura benzeu as bandeirinhas, e recommendou aos meninos que as conservassem com cuidado, dizendo-lhes que seriam felizes com ellas. No fim de tudo houve peditorio, e tiravam-se á sorte os nomes de baptismo, que hãode ser dados aos orfãosinhos da China.

— Em Lous-le-Saulnier, abre-se este anno um collegio livre, regido pelos frades do Instituto de Maria.

— *Indulgencias concedidas por S. Sanctidade Pio IX, ao sanctuario, peregrinos, confraria e missionarios da Salette.* 1.º Um rescripto de 24 d'agosto de 1852 declara priviligiado perfeitamente o altar-mór do sanctuario da Salette.

2. Um rescripto de 26 d'agosto de 1852 concede a permissão de dizer missa *de Bexta* todos os dias do anno, excepto certas festas e ferias privilegiadas, a todos os sacerdotes, que vam á Salette.

3.º Um breve de 26 d'Agosto de 1852, concede aos membros da confraria de Nossa Senhora Reconciliadora da Salette: 1.º indulgencia plenaria no dia da sua entrada na confraria; 2.º indulgencia plenaria *in articulo mortis*; 3.º indulgencia plenaria uma vez por anno, no dia da festa principal da confraria; 4.º indulgencia de 7 annos e 7 quarentenas, 4 vezes por anno em 4 dias fixos; 5.º 60 dias d'indulgencia por cada obra de piedade ou caridade cumprida por elles.

4.º Por um breve de 3 de setembro de 1852, indulgencia plenaria uma vez por anno a todos aquelles, que visitam a egreja da Salette.

5.º breve do mesmo dia: indulgencia plenaria aos fieis que seguirem os exercicios das missoens ou dos retiros pregados pelos missionarios da Salette; indulgencia de 200 dias cada vez que se assiste a uma d'essas predicas.

6.º Breve de 7 de setembro de 1852; poder dado por 10 annos aos missionarios da Salette de benzer e indulgenciar as cruzes, medalhas e rozarios.

7.º Breve do mesmo dia; poder de dar o escapulario aos fieis.

8.º Breve do mesmo dia, para erigir em Archiconfraria a confraria de Nossa Senhora Reparadora da Salette.

— O insigne orador P. Ventura, cahiu gravemente enfermo, recebendo os sacramentos no dia 29 d'outubro. N'esta occasião pediu perdão a S. Santidade, e aos Theatinos seus confrades, e a todos aquelles, a quem podesse ter offendido. Tambem fez uma consoladora profissão de fé.

— Os Padres da companhia de Jesus, acabam d'abrir no collegio livre de Dole, cursos de mathematica extraordinarios e gratuitos. Tres professores sam encarregados dos differentes ramos das mathematicas. Abriram alem d'isso um curso de lingua alleman e ingleza.

— Acabam de chegar a Valenciennes 3 religiosos da congregração dos Maristas, bem conhecidos no meio dia da França, e destinados ás missoens da Ociania. E' este o seu primeiro estabelecimento no Norte com destino a missionar nas povoaçoens corbanas e ruraes que os chamem.

— A loja dos pedreiros livres de Selle, acaba de ser abandonada por aquelles pobres diabos. Comprada pelos catholicas, vae ser transformada em capella catholica.

— Fr. Fausto da ordem das escolas christans era professor em Lous-le-Saunier, e era o idolo dos seus discipulosinhos. Sendo mudado pelos seus superiores para outra povoação, quando se despediu da sua escola, os paes de familia fizeram uma bernarda, e não deixaram sahir o frade. Os superiores accederam ás supplicas que lhes foram feitas da parte dos paes de familia, para que lhes não tirassem o amigo de seus filhos. No anno seguinte indo Fr. Fausto a Besançon a um retiro espiritual, foi então mudado. Quando os pequenos se viram privados do seu caro mestre foram ter com seus paes chorando a bom chorar. Combinaram-se estes, e partiram alguns para Besançon, apoderaram-se de F. Fausto, metteram-no em uma sege de posta e o reconduziram aos seus queridos discipulos, que o receberam com as maiores demonstraçoens d'alegria. Os superiores tiveram de ceder a tantas e tão decisas provas d'affeição.

— *Caridade christan.* — Ha um cura em Paris que possue uma casa consideravel de seu patrimonio, em um bairro pobre. O cura mudou-se para uma casa humilde. E a sua casa repartiu a em pequenos alojamentos d'alto abaixo; que arrendou gratuitamente a pobres casaes d'obreiros, com a obrigação de que os haviam de mobilar com as virtudes modestas, proprias do seu estado. A primeira condição exigida é a limpeza por que muito concorre para os bons costumes. A' tempos vae o bom cura vêr se cumprem com o contracto; se á arranjo, se sam laboriossos, se passam vida exemplar repartida entre o trabalho, os deveres pios e as affeiçoens de bons espozos, e de bons paes. Então que alegria não é a sua! Chama a isto receber a renda. Se se ferem no trabalho se enfermam, acode-lhes com soccorros a que chama *reparaçoens locutarias.* Pode applicar-se-lhe o verso de Piron ao cura de S. Sulpicio:

Gastava como principe, vivia como apostolo.

DESPEDIDA.

Francisco Candido de Mendoça e Mello, com quanto continue a ser um dos redactores d'este Semanario, teve de retirar-se d'esta cidade. Pede desculpa aos seus amigos, de quem não se despediu pessoalmente, pelo mau estado de sua saude. Offerece-lhes no entanto os seus serviços em Iseda, na provincia de Traz-os-Montes, onde vae por ora fixar a sua residencia.

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

— O CHRISTIANISMO. —

Porto — No escriptorio da redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 52. Braga — snr. J. M. de Souza, Porta Nova. Vianna do Castello — snr. J. J. de Moraes, na Picota. Guimaraens — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14 Bragança — snr. F. J. Affonso. Mirandella — snr. Dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. Trancoso — snr. Francisco José Tavares Cardoso. Villa Real — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. Covilhan — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. Coimbra — snr. Mesquita, rua das Covas. Matta (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Baratta dos Reis. Batalha — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire. Lisboa — snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Evora — snr. Antonio Candido de Moraes Cerveira. Ferragudo — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim. Ponta Delgada — snr. Francisco José Machado Aveiro — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes. Guarda — reverendo snr. João Antonio da Silva Sampaio.

Preço (*adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$600 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 880 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 480 reis. Avulso 40 rs.

Vae franco de porte segundo a lei.

N. B. Pede-se por muito favor aos Snr.s asssignantes, que não tenham pago ainda as suas assignaturas, que se dignem manda-lo fazer quanto antes.

NOVEMBRO 27. 1852. — N.° 48.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DA INFALLIBILIDADE DO PAPA.

II.

A EXPERIENCIA de quasi desanove seculos é um monumento indestructivel, levantado á infallibilidade dos papas. E supposto seja mesmo á sombra desse magestoso monumento da experiencia que os adversarios queiram ajudar-se dos factos para combater uma verdade tam solemne e fundamentalmente estabelecida, nós retocaremos, o mais rapido que podermos, esses mesmos factos, ou antes lhes sacudiremos o pó, com que alguns teem querido cobrilos para occultarem ás suas verdadeiras feiçoens, e enganarem assim os leitores incautos; e os mostraremos ao publico na sua verdadeira luz.

Não temos á mão alguma das obras de qualquer antigo ou moderno escriptor, que *ex professo* ou mais largamente tratasse deste objecto. Foi-nos por tanto necessario percorrer a historia para colligir os factos, que dizem respeito ao nosso assumpto, dispersos em toda ella, valendo-nos para isso principalmente de um curso de historia ecclesiastica recentemente publicado em Italia, e mesmo da grande obra do historiador Fleury, apesar de contrario, como quasi todos os gallicanos de certa época, á causa que defendemos. E como aqui nos não propomos compor um tratado, mas sómente redigir um artigo, que não póde ser muito extenso, bastará por isso apontar os principaes factos sem que seja necessario dar uma minuciosa e exacta relação de todos os insignificantes, a que a hostil imaginação dos antagonistas quiz dar o valor ou a intelligencia, que não teem; porque do maior se póde bem julgar para o menor.

Começando pois dos primeiros tempos diremos que não errou na fé o principe dos apostolos em Antioquia, quando foi admoestado por S. Paulo a que não deixasse, pelo medo de escandalisar os judeus christãos, a convivencia dos gentios convertidos — *segregabat se ab eis:* era este um facto de mera conveniencia ou desconveniencia christan, mais ou menos imprudente, mas que em nada affectava a fé inabalavel de Pedro.

Não póde ser argumento de fallibilidade no pontifice a questão entre S. Victor e os bispos contumases da Asia menor sobre a celebração da Pascoa; nem as queixas de alguns bispos do Occidente ácerca daquelle objecto contra o sancto pontifice se referiam mais que ao seu rigor, diverso do exemplo de seus predecessores.

No mesmo caso se acha a opposição dos bispos de Africa e de alguns asiaticos na outra tambem renhida questão da rebaptização dos hereges, mandando sancto Estevão que não tornassem a ser baptizados todos aquelles, que já uma vez o tivessem validamente sido. O facto era então meramente disciplinar, se havia ou não de reiterar-se o baptismo; nem S. Cypriano ou Firmiliano ou algum outro dos bispos oppostos, assim nesta questão, como já tinha sido na da celebração da Pascoa, duvidavam do poder, que tinha o papa de julgar sobre assumptos de fé; porque esta foi sempre a universal crença da Egreja catholica; pretendiam sómente conservar sobre aquelles factos o costume das suas particulares egrejas, que julgavam não reprovavel.

Em uma e outra destas duas questoens, isto é, a da celebração da Pascoa, e a da rebaptização dos hereges, se conformaram depois com as decisoens pontificias os votos dos padres de Nicéa.

O facto do papa Marcellino, mesmo a ser verdadeiro, pois ha muito boas rasoens para o não ter por tal, nem merece commemorar-se aqui, porque ninguem ignora que uma fraqueza nascida do medo da morte não é um erro de entendimento, e muito menos uma decisão *ex cathedra*.

Mais pareceria coadjuvar a opinião dos contrarios á infallibilidade dos papas a subs-

cripção de Liberio á formula de fé, em que se calava ou omittia a palavra *Omousion* — consubstancialidade do Filho com o Pae. Comtudo ponderados os precedentes deste sancto pontifice, a repugnancia, que sempre mostrára á doctrina ariana, e padecimentos e desterros, que por essa causa sofrêra, não póde dizer-se que houvesse da sua parte erro de entendimento em uma cousa, contra a qual tanto havia luctado; mas que unicamente assignára vencido do tedio e languor dos padecimentos — paixoens estas do animo, diz um escriptor, que explicam quando muito uma ligeireza do espirito, mas nunca uma vontade firme, ou proposito de querer que os outros assim obrem.

Alem de que por ter assignado quasi forçadamente o papa Liberio uma formula simplesmente equivoca, dizendo-se ali — que o Filho é egual ao Pae — e calando-se — que lhe é tambem consubstancial — nada egualmente se póde concluir contra a infallibilidade do papa, não só porque o que disse era em si verdadeiro, mas tambem porque não houve aqui alguma decisão *ex cathedra* pela falta assim de plena liberdade e de clareza, como de varias outras circunstancias indispensaveis em actos de similhante especie.

O procedimento de S. Zozimo na questão de Celestio, admittindo-o á communhão da Egreja como que se approvasse a depravada doctrina daquelle herege, é outro argumento dos impugnadores da infallibilidade: analisado porem o facto, nada se acha de erro contra a fé ou contra a moral no sancto pontifice.

Fôra apresentar-se-lhe Celestio queixando-se do juizo contra si proferido pelos bispos d'Africa, e protestando que não se oppunha aos decretos do papa Innocencio (sobre que versava a contenda), e que admittia ou reprovava aquillo, que pela sancta Sé fosse reprovado ou admittido. Parecia por tanto não haver ainda pertinacia; e sem lhe recusar a communhão, recebeu S. Zozimo benignamente a sua profissão de fé, na qual, comtudo calava o heresiarca o que sustentava manifestamente falso, e expunha com termos equivocos o que podia tomar-se em diversos sentidos: apenas porem apresentou as suas interpretaçoens explicando claramente o sentido das suas ambiguas palavras, foi logo condemnado por S. Zozimo, proscripto e denunciado como heretico ao imperador e a toda a Egreja.

O mais por tanto, que neste caso poderia imputar-se ao pontifice Zozimo, seria sómente o ter-se enganado quanto á pessoa de Celestio, julgando-o de animo catholico, ou pelo menos não pertinaz, segundo os seus protestos; apesar dos quaes averiguado depois melhor o facto, se conheceu que era realmente verdadeiro herege. Mas que póde o erro de pessoa ter de commum, para o nosso caso, com o erro de doctrina?

Theodoro Guedes Monteiro Mourão.

O CHRISTIANISMO E O FILOSOFISMO.

Artigo III.

Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.

Math. 14 — 16

Debalde se teem cançado os mais pretenciosos filosofos, enfatuados antes pela sua temeraria ousadia, do que pela sua *livre* sciencia, em substituir na instrucção dos povos uma cosmogonia filosofica á cosmogonia religiosa, fundada não como ella em meros inventos e imaginarias concepçoens, mas sim nas verdades unicas reveladas, nas tradiçoens de todos os povos existentes e extinctos de todas as crenças (*) e amparada pela fé, condição essencial desta nossa vida, que só depara com a realidade nas lagrimas, alimento na esperança, e consolação na caridade.

Cada uma lição dada á massa immensa dos povos, cuja totalidade consta de genios mediocres e incapazes de uma explicação metaphysica, pelo enfatuado e livre filosofismo só tem produzido em suas cabeças uma confusão fatal, abrindo a seus pés abysmos inevitaveis, em que vam sepultar-se mestres e discipulos.

Na primeira pagina do Genesis, explicada com a simplicidade caracteristica da verdade pelo filosofo christão (o padre), aprende o marido e a esposa, o filho e o servo a alta sciencia da creação do mundo e formação do homem, o que grossos volumes de discursos filosoficos não poderam fazer-lhes comprehender. Se lançamos ainda nossas vistas sobre o quadro *livre*, em que nos pintam a *sempre citada lei natural*, que aos olhos do filosofismo parece ter existencia propria, e construir a *grande alma* do mundo, (parto abortivo do mero acaso!...) o que vemos? superfluas declamaçoens, baldas de successo e de utilidade; e a illudida humanidade nunca chega a descobrir a certa vereda de seus sagrados deveres, que uma só expressão do christianismo a *caridade* lhe faz comprehender com a mais simples e mais natural explicação — *amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos.* — Eis, máo-grado todos os sophismas, a unica synthese possivel de toda a lei, que mereça este nome, natural, revelada ou escripta. Para que pois substituir na instrucção da humanidade e direcção da sociedade um systema tam facil, tam sublime e tam accessivel a todas as capacidades, satisfazendo a todos os espiritos; aos mediocres pela clareza, e aos

---

* E' bem para notar que em Mythologia, e em summa em todas as fabulas inventadas para explicar aos gentios e pagãos, etc., etc., o grande problema da natureza, e sua causa primeira e necessaria, tudo converge para um centro commum, attestando ao mesmo tempo a authenticidade da *revelação*, apoz a necessidade de um Deus Supremo, que todos os povos inventaram, como melhor o podiam conceber; tanto elles estavam convencidos da necessidade de sua existencia.

O furto praticado por Prometheo, a caixa de Pandora, a Meschia e Meschané (Adão e Eva) dos Parsis; a degeneração da especie humana deplorada pelos Indous; á Isis (Virgem e mãi do futuro libertador dos Druidas); o Zodiaco dos Persas (virgem e filho); a Sching-Mou (Mãe Sancta) dos chinas; o Mithra (mediador das numerosas almas de toda a terra) dos Persas; o Orus (mestre doutor) mediador dos Egypcios, etc., etc., nada menos representam que a copia fiel do quadro original do Genesis trasladado pela mão da tradição para tantos povos sob diversas formas e variadas sombras; mas representando sempre um mesmo pensamento, uma verdade incontestavel — *In principio Deus creavit cœlum et terram, etc., etc.*, No principio creou Deus o céu e a terra, formou depois o homem á sua similhança, deu-lhe uma mulher por consocia addicionando-lhe o imperio do mundo com todos os bens do Paraiso, á excepção de um fructo unico; o homem não guardou porem a prohibição, foi ingrato ao seu Creador e peccou; dahi procedeu o mal que opprime toda a sua descendencia que ficou escrava do mesmo peccado; dahi a necessidade da redempção humana a preço de uma victima, qual o proprio filho de Deus feito homem, e nascido de uma Virgem; eis a crença fiel de todos os povos e de todas as eras.

transcendentes péla sublimidade! para que substitui-lo por um systema, fundado em meras hypotheses, tam encontradas, como os pensamentos, tam precarias, como o entendimento humano, que as figura?!.. Que mais ensinaes vós em todas as vossas longas e incomprehensiveis dissertaçoens fundadas no *livre exame*, do que o filosofo christão na simples oração do *Padre nosso* escudado pela fé?! Se ensinaes o mesmo, para que tam arduo trabalho sempre mal succedido, quando o podeis conseguir com doçura e simplicidade? Se ensinaes o contrario, como quereis que nossos coraçoens amem e abracem vossas doctrinas, que assim tendem a materialisar-nos, e importam a nossa destruição?...

Se é pois um principio vosso negar a necessidade da fé, que outro meio inventareis mais simples e tam profiquo para que vossa nova doctrina seja crida portantos, que nunca poderam comprehender-vos!... ignoraes acaso que as proprias verdades, que julgamos adquiridas pelo mero trabalho de nosso espirito, essas mesmas não as reputamos taes senão pelo instincto da fé? « Se estamos certos da existencia do mundo exterior, diz com bem fundada razão um publicista contemporaneo, é porque damos credito aos sentidos: se não duvidamos das verdades de primeira intuição, é porque temos fé na razão humana: e n'um e outro caso não ha motivos para a fé: n'um e n'outro caso essa fé é um instincto, é uma lei de nossas concepçoens. »

« Se o testemunho dos homens póde ser falso, tambem a razão póde enganar-nos, tambem os sentidos muitas vezes illudem. A realidade objectiva das cousas, que por nós mesmos conhecemos, não se funda senão na crença illimitada, com que acatamos a auctoridade dos sentidos ou da razão. »

Ou a crença ou a duvida ou a fé ou o scepticismo; não ha meio termo. Esses, que tanto exaltam a razão e deprimem a fé, mal pensam que a homenagem rendida á razão não passa de um instincto de fé. Os motivos dessa homenagem sentem-se, não se calculam; *a razão da razão* crê-se, não se demonstra. Tirae ao homem a crença na divindade, que alimento deixaes á alma? O vacuo!...

E' tempo pois de reagir contra tam funestas theorias. Esse indifferentismo religioso do seculo é uma imbecilidade abjecta. Não confessemos a Deus unicamente nos labios, renegando-o no coração.

A religião não é só para o povo, curvem-se diante das mesmas crenças esses espiritos orgulhosos, que se ufanam da aristocracia do talento, continúa o mesmo escriptor, o talento não é a vaidade, é a simplicidade do espirito, é o ardor vivo das crenças. O orgulho do talento é a mais formal negação delle, é o opprobio dos intitulados sabios dos novos castelloens, que açoitam as turbas com seus escarneos.

E comtudo parecem ainda acreditar que esse orgulho se compadece com o sentimento e simplicidade da sabedoria!... E' porque não reflectem que o genio mais illustrado é sem contradição aquelle, que melhor comprehende a sua fraqueza, e que conscio della busca na fé o amparo da razão, que uma vez abandonada e circunscripta a seus pretenciosos recursos do *livre exame*, voga ao ludibrio das procellosas ondas no mar immenso da *cruel incerteza* sem bussola e sem estrella; e sem possibilidade de aferrar jámais o porto da salvação; instrumentos que só poderá encontrar na *fé*, na *crença* e na *religião*: em nenhuma parte depara mais com uma taboa de esperança; em todo o logar o desespero; o naufragio pois é inevitavel, e um insondavel abysmo sua eterna sepultura!... E quem sabe se debalde me canço em dar provas desta verdade!...

Oh!... talvez!... pois que factos, argumentos e intimaçoens, tudo tudo prescreveu para esses fatuos admiradores da razão, que se abstrahindo da admiração, que devem ao Creador e ao todo creado, não se pezam de desprezar o todo para só acatarem uma pequenina parte da creação. Prestaes reverentes e admirados um culto de latria a uma simples unha da estatua, e quaes miseros idolatras profanaes o seu *todo colossal*; e o que é mais, cobris de improperios o seu *estatuario*, sem reflectirdes, que a não valer o seu engenho e trabalho, essa *estatua* não passaria de uma materia vil e obscura, e menos seria formada a unha, que ora admiraes.

Vêde vós a que vil extremo vos arrostra essa deidade, que pretendeis ter libertado do dominio da fé christan (até a injuriaes de ter sido misera escrava!..) para divinisa-la! que perigosa não é a vossa temeridade, e que vão o vosso *livre saber*, que ousa inventar um novo Deus, quando nem capacidade tendes para reconhecer e venerar o que sempre existiu!...

Mas qual Deus, qual creação, me interroga ousado o filosofismo por seu *orgão luminar* o barão d'Holbach, qual Deus, qual creação; se tudo o que existe é devido ao mero acaso, se nada mais existe que materia, se ella mesma existe *ab æterno et per se* independente de nenhum principio e com faculdade de pensar, raciocinar e comparar em razão da *grande alma*, que lhe é inherente? E, com effeito, eu mesmo confesso que vo-lo concederia de barato se tivesse de avaliar do senso commum de todos os povos, e da habilidade do espirito humano pelos vossos juizos e raciocinios, que em verdade mais se assemelham a partos abortivos de *ociosa materia*, do que a actos reflectidos de um pensador consciencioso, como vós quereis inculcar em plena contradicção com os vossos mais favoritos principios, a vossa *sapiencia encyclopedica*!...

O que é pois a sabedoria se ella não curva sua fronte altiva perante o principio infallivel de todo o saber? Depois de percorrer com o pensamento o espaço, cujo termo jámais alcança em seu mais rapido vôo, e medir um a um todos os pontos do firmamento em busca de novos mundos, em pesquisa de incognitos seres; o que resta ao pobre mortal de suas descobertas que o possa tornar orgulhoso? Obterá acaso os precisos dados para se julgar um sabio consummado, independente e capaz de inventar mundos, astros, etc., etc., assignálar lhes vida, logar e rotação? Oh! ao contrario elle se convencerá, á medida de suas descobertas, de que o homem é realmente mais ignorante e mais fraco do que elle mesmo se suppõe, sua intelligencia muito mais limitada do que elle pensava, e que com effeito lhe resta muito mais que saber do que elle nunca imaginaria antes destes novos cabedaes de sciencia, adquiridos no mais accurado estudo dos planetas, etc., e na apreciação de tantos phenomenos, que nos escapam ao mais amplo circulo de todos os numeros imaginaveis. Em taes materias, sem um pouco de fé e uma crença viva, não ha mais a satisfazer nossa natural ambição de saber, cada dia mais despertada em presença dos variadissimos phenomenos, que nos affectam a sensibilidade, e nos agitam o sentimento a toda a hora, e em todos os sentidos.

Deus é infinito, immenso, suas faculdades illimitadas, e por consequencia acima de nossa razão; suas obras incomprehensiveis, suas leis invariaveis!... e o mais humilde christão sabe-o perfeitamente, ou quanto é possivel saber-se; porque todo este cabedal de sciencia nos é fornecido pela nossa crença filha de nossa fé bem fundada na revelação muda e expressa: expressa na tradição e nas sagradas paginas da unica historia; e muda nos phenomenos da mesma natureza. E torna-se tudo isto de uma intuição tal, que o comprehende assim o grande como o pequeno, o ignorante como o sabio!...

Ainda quando sejam reaes verdades as conclusoens

de vossos estudos, que cada vez vos devem convencer mais da necessidade de um principio regulador, que assim collocou esses vastos e innumeraveis corpos sem se perturbarem em seus cursos sob suas leis parciaes, sujeitos a um systema geral, como attesta a ordem invariavel de tantos seculos, sobre que fundaram suas crenças Copernico, Keppler e Newton; comparae, digo, todas as vossas descobertas com um sem numero de outros systemas, que vos sam incognitos, e com as leis, que regem a immensa, a incomprehensivel maquina do universo, e dir-me-heis então se ha paridade possivel, se ha motivo plausivel para vos considerardes *consummados sabedores*, e blasonar de terdes dado com o problema de Deus e da Natureza fóra do auxilio da revelação e da fé.

Emfim, em tudo quanto descobrirdes não haverá tal motivo para assim incrementar o orgulho á humanidade, que ao menor choque perde esse sopro de vida, que lhe anima a existencia; tal é a ordem dos phenomenos da natureza, que tudo quanto descobrirdes, repito ainda, só servirá a mostrar mais evidente a existencia de um principio regulador, em summa de um Deus; e que nós comparativamente ao todo somos em parte insignificantes insectos, que só por misericordia do mesmo Deus podemos conservar o uso de tantas faculdades, que parecem exceder o nosso nada!..

Um pouco de sciencia, dizia Bacon, leva-nos ao atheismo, e mais de sciencia á religião — *A little science Leads to atheism, more of it to religion.* — Esta verdade nunca tem deixado de ser attestada por um sem numero de testemunhas insuspeitas, e entre ellas notarei o celebre *Benjamin Constant*, que durante o seu exilio na Allemanha, tempo em que se occupou a compor sua obra sobre a religião, escreveu dahi uma carta a um seu amigo (M. Hochet), em que lhe dá conta de seu novo trabalho; em um trecho da qual se expressa da forma seguinte. « Eu « renovei todo o plano e mais de tres quartos dos « capitulos da minha *Historia do Polytheismo*. Assim « me foi preciso não só para chegar á ordem, que eu « tinha imaginado, e que julgo ter obtido, mas tam- « bem porque, como vós sabeis, eu já não sou mais « esse filosofo intrepido, que não creia na existen « cia de outro mundo, e que tam satisfeito deste se « alegra por não haver outro. Minha obra é uma « prova singular do que diz Bacon que *um pouco de « sciencia leva ao atheismo e mais de sciencia á Reli- « gião.* E' positivamente aprofundando os factos, col- « ligindo-os de todas as partes e affrontando difficul- « dades sem numero, que elles oppõe á incredulidade, « que eu me tenho visto forçado a recuar para as « idéas religiosas; eu o tenho feito de muito boa fé, « porque cada passo retrogrado me tem sido mui cus- « toso. Ainda presentemente todos os meus habitos « e todas as minhas lembranças sam filosoficas, e « defendo ponto por ponto tudo o que a religião « reconquista sobre mim. Ha mesmo nisto um sa- « crificio de amor proprio; porque é difficil, segundo « eu creio, achar uma logica mais severa do que a- « quella, de que eu me tinha servido para atacar to- « das as opinioens desse genero. Meu livro não tinha « absolutamente se não o direito de marchar no sen- « tido opposto ao que presentemente me parece ver- « dadeiro e bom, e eu teria alcançado uma victoria « indubitavel; eu teria ainda alcançado outra vanta- « gem; porque com muito levianas inclinaçoens eu te- « ria feito o que na actualidade seria mais apreciado; « — um systema de atheismo para as pessoas de ins- « trucção, um manifesto contra os sacerdotes; e tudo « isto combinado com a adopção de certas fabulas, « de que o povo necessita, e que satisfaz ao mesmo « tempo o poder e a vaidade. »

Vede-vos neste espelho, apostolos do divinisado filosofismo, e dizei-me depois, se a auctoridade desta personagem, que tem sido toda vossa, tambem é suspeita para vós?... ou então não vos peze, a exemplo della, confessar que toda a vez que o filosofismo abandonado a seus proprios recursos pretendeu dar solução do grande problema da criação, desligando seu principio da causa primeira, que a crença da necessaria revelação nos tem feito comprehender, ou pelo menos crer, sente-se para logo navegar a voga solta por um pelago immenso de duvidas invenciveis, encalhando a cada hora nas espessas syrtes das pobrezas e miserias humanas, e que elle torna ainda mais miseraveis, sepultando-as para sempre áquem da eternidade; desse lugar da esperança unica, que nos acena lá dos confins do futuro, e que nos póde tornar mais toleravel esta vida precaria, que nos seria por demais miseravel, se após ella nada jámais restasse á ambiciosa humanidade, que de todo esse numero infinito de diversos entes, que representam no variadissimo quadro da criação, seria o unico genero, que não chegaria a cumprir nenhuma missão razoavel; ver-se-hia em summa privada de todas aquellas vantagens, que a nenhum ente da criação foram negadas; todos cumprem sua missão; a do homem pois (creatura a mais perfeita) seria a unica incompleta; que miseria!... que systema de filosofar!...

Padre Paiva (Nazareno)

OS MILAGRES.

I.

Vós deveis saber (dizia outr'ora sancto Agostinho ao seu povo) que ha duas especies de milagres, dignos de toda a nossa attenção: uns, que involvem as maravilhas da nossa existencia, e de todo o universo: outros, que comprehendem os mysterios augustos da nossa sancta religião.

Investiguemos estas duas especies de milagres, seguindo o plano do grande Bispo de Hyppona.

Em nós só descobrimos milagres desde o alto da cabeça até ás extremidades dos pés; desde a mais pequena fibra, que entra na construcção do nosso corpo, até aos principaes ossos, que sustentam este edificio: e quer velemos, quer durmamos, maravilhas inefaveis se operam em nós, como n'um logar, que o Senhor tem escolhido com preferencia para assignalar suas misericordias e grandezas.

Qual é o prodigio comparavel com esta reunião de musculos e nervos, que por suas molas e jogo nos contém na mais perfeita harmonia; com esta multidão de veas e arterias, que distribuem por todas as partes do corpo um licor proprio para a sua verificação e conservação? Que mecanismo em todos estes movimentos, que nós fazemos sem reflectir; que ordem em todas aquellas pulsaçoens, que nos recordam o andamento dos relogios?

Sem fallar da digestão, e do somno, d'esses dous admiraveis vehiculos, que entretecem nossa carne tam fragil e delicada por um tam longo sequito d'annos: que dissipam nossas lacitudes, e que todos os dias nos fazem reapparecer com um corpo, que parece novo, analizemos a nossa alma para a admirar.

Filosofos de todas as naçoens e de todos os tempos, attendei a este espectaculo, como a um phenomeno sempre renascente, e que julgamos digno de toda a vossa admiração. Olhae esta alma, que, sendo indivisivel, parece dividir-se em idéas, desejos, e pensamentos: que sendo immortal parece aperfeiçoar-se, e deteriorar-se com o

corpo: que alfim sendo espiritual parece não obrar, senão por via da materia e dos sentidos.

Que couza mais maravilhoza, que esta memoria e imaginação, que em nosso corpo andam n'uma agitação continua, e que a cada passo nos transportam fóra de nós? Estas faculdades parecem, que reunidas na pequena capacidade do nosso craneo se perdem no meio das reflexoens, que geram, dos quadros, que apresentam, e das combinaçoens, que produzem.

Todos os livros, que nós lemos, todas as cidades, que admiramos, todos os chefes d'obra de paciencia e arte, que comtemplamos, sam partos d'aquella alma, que reconcentramos em nós mesmos, de que quasi nunca nos occupamos, e que é o principio activo de nossas cogitaçoens. E' ella, que imagina os planos, que executa; e que sem outro auxilio, que o de suas faculdades, se eleva até aos outros; determina sua distancia e grandeza; prediz as suas revoluçoens, cobre os mares de navios, que ella construe; e penetra o fundo da terra para extrahir d'ella thesouros, e fazer d'est'arte a riqueza do mundo inteiro.

Nós somos pois um abysmo de maravilhas; e todas as nossas idêas e pensamentos devem excitar nossa admiração e merecer nossas homenagens, como — reconhecimento — ao Ente increado.

Deus espalha sobre nós seus raios d'um modo verdadeiramente incomprehensivel, e depois de nos ter esclarecido, nós nos instruimos mutuamente, e esta communicação de luzes, é que produz as monarchias, as republicas, as sociedades, as sciencias, as artes, e é a origem de todos os bens, que possuimos.

Quanto é bello conservar em nós mesmos todos os successos preteritos, todas as revoluçoens, que se teem agitado no orbe terraqueo, retractando-os por sua ordem, quando é precizo?! Quanto é bello podermos figurar mundos mais vastos, que o que nós habitamos, estendermo-nos até immensos espaços, e achar Deus em nosso proprio seio?! Quanto é bello finalmente decompor os elementos, analizar os sons, a luz, as cores e apreciar todos os objectos, de que estamos cercados?!

Fallamos dos objectos, que constituem o universo, e que mais ou menos admiraveis annunciam a magnificencia do Creador.

E' certo que nos perdemos todas as vezes que elevando nossa vista sobre a face da terra e do ceu se nos appresentam corpos de toda a especie, arrastados com uma ordem invariavel. Quem é por tanto (dizemos a nos mesmos) que fez sahir todos estes mundos, e os conduz depois de tantos seculos, como um pastor a seu rebanho: quem transforma as flores em fructos; e quem cobre os prados d'um orvalho mais brilhante que as saphiras e os rubins? Teremos considerado bem aquelle sol, que todos os dias reapparece com tanta fidelidade: aquellas trevas, que todas as noites nos convidam ao somno: aquellas estrellas, que a Sabedoria eterna colloca n'um sitio, e que muda a seu grado para ornar o firmamento e embellezar as noites: aquelles planetas, cujas revoluçoens marcam os annos, e suas estaçoens: aquellas nuvens, que se abaixam, elevam e degeneram em saraiva, chuva e geada: aquelle arco no ceu, que estendendo-se d'um a outro horizonte, reune cores as mais lindas, e encantadoras; aquelle firmamento, que umas vezes azul, outras vermelho nos certifica a gloria do seu auctor?

Escutae com attenção (diz o sancto Job) o terrivel som da voz do Eterno, e o rugido, que sahe de sua boca: elle faz ouvir a voz do trovão até aos confins da terra; ordena que a neve cubra as planicies, e as montanhas: cauza as tempestades, que nós julgamos effeito do azar: suspende as nuvens, e move-as a seu beneplacito: faz sahir a luz de materia a mais espessa: extrahe dos thesouros do seu poder os raios e os ventos, enviando-os para toda a parte como mensageiros da sua — Omnipotencia. —

O mar obedece á sua voz: e do abismo de sua profundidade eleva-se, espuma e ruge; e quando suas ondas parecem querer engulir o universo, elle se volta com furor sobre si mesmo, e nos limites, que lhe estam fixados, rende homenagem á mão, que o impelle, e que lhes risca o seu caminho no meio dos pégos e dos rochedos.

Quem poderá olhar sem espanto para aquelle elemento, que umas vezes como um todo de gelo, outras como uma reunião de pequenos montes e cavernas, traz em si monstros de varias qualidades, e apresenta um quadro sempre novo?

O elemento do fogo não é menos espantozo: maravilhoso em sua natureza e em seus effeitos, que prodigios não occaziona? Quer forme nos ceus aquelles horrendos meteoros, cuja razão a astronomia ainda não póde descubrir, quer faça sahir das entranhas da terra os vulcoens, que teem devorado ilhas e cidades inteiras, elle parece ministro d'um soberano, que toda a natureza adora, e reconhece por seu — Senhor. —

Não deixemos escapar ás nossas observaçoens a terra, que nos sustenta, que nos nutre, e que nos ha de consumir; esta terra assaz firme para nos trazer, e assaz molle para se laborar. Que bellezas espalhadas sobre sua superficie! Que thesouros occultos em seu seio! Aqui nós somos sombreados por arvores, cuja folhagem serve d'azilo aos ociosos, e constitue os mais soberbos pavilhoens: alli somos deslumbrados por uma multidão de flores tam variadas como odoriferas, cujo brilhantismo produz a magnificencia dos reis.

Cada estação, cada mez, cada dia observa aproximar-se o renovo das plantas e dos animaes, que fecundados pelo calor tornam-se phenomenos os mais curiosos. Que virtude na herva, que se piza com os pés, e que robustece e cura nossos corpos?! Que industria na abelha; que actividade na formiga; e que transformaçoens no bicho da seda?!

O olho mais penetrante se fatiga em considerar tantos milagres; e a memoria mais vasta não é bastante para recordar os nomes de todos os seres, que vegetam ou respiram.

Continuaremos fallando dos milagres em referencia á religião.

Aveiro 22 d'Outubro de 1852.

Carvalho e Goes.

III.

CONGREGAÇÃO DE S. FILIPPE NERY.

A congregação de S. Filippe Nery mui poucos a conhecem pelo que ella é; por quanto é singular e unica no que diz respeito á sua instituição na Egreja de Deus.

Vê-se habitar os denominados congregados em uma casa com seu templo, como succede a todos os religiosos, e por isso sam reputados como se realmente fossem regulares.

S. Filippe Nery amou e respeitou todas as ordens religiosas da Egreja, porem não quiz ser religioso, e sómente presbytero secular, e movido por Deus fundou uma congregação de presbyteros seculares, sem voto algum.

E' esta uma das principaes constituiçoens, que quiz tivessem os que se associassem á sua congregação; e que vivessem unidos com ja-

ços de caridade, e não ligados por vinculo algum de voto solemne, ou simples, a juramento ou promessas.

Por conseguinte, aquelles que sam admittidos nas congregaçoens teem liberdade de sahirem d'ellas quando lhes convenha; e a mesma congregação póde expellir tambem do seu seio todo aquelle individuo, que não viva segundo as constituiçoens e usos da ordem.

E' isto tam preciso que diz a constituição, palavras formaes: *Se em algum tempo alguns da congregação julgarem conveniente apartar-se d'este estado, e ligar os padres e irmãos d'ella com alguns votos, juramentos ou promessas, ainda que este sentir seja da maior parte, tenham estes plena liberdade d'entrarem na religião, que quizerem, e a outra parte ainda que seja mui desegual em numero, tenha e possua todos os bens da congregação, onde quer que estejam, todo o tempo que perseverarem n'este estado, sem ter obrigação de dar ou restituir á parte separada alguma coisa, ou adquirida ou por adquerir; porque d'esta sorte se conservará a Egreja de Deus afformoseada com esta variedade de institutos.*

Outra constituição mui notavel, em que se distingue a congregação de S. Filippe de todas as mais congregaçoens ou religioens, consiste em prohibir-se que uma casa ou convento dependa de outro; antes se governe só a si, debaixo da direcção d'um superior com a denominação de Preposito.

As mais religioens e congregaçoens teem dependencia umas das outras, e teem uma superior, que governa todas: todos teem votos solemnes ou pelo menos votos simples: teem algumas mortificaçoens ou jejuns em certos dias, ou algumas rezas ou coisa similhante; porem na de S. Filippe não ha nada d'isso; ha sómente as obrigaçoens, que teem os mais clerigos seculares, que habitam separadamente em suas casas.

Ajuntam-se para melhor poderem trabalhar nos ministerios ecclesiasticos de confessar, pregar etc., sem terem cuidados da casa e arranjos domesticos, ficando mais expeditos para cumprirem com as obrigaçoens inherentes aos ecclesiasticos de trabalharem no bem das almas: porque é certissimo que Deus Nosso Senhor nos fez christãos para nos mesmos; porem aos sacerdotes fe-los para os proximos e bem das almas.

Nesta congregação não ha outro movel senão o zêlo do bem das almas e a honra individual; porque não ha nenhum castigo. Quando algum não cumpra com as obrigaçoens respectivas, é admoestado com caridade, e se as admoestaçoens não sam sufficientes, póde ser expulso da congregação.

As occupaçoens communs dos presbyteros de S. Filippe sam: confessionario diario e predica frequente, sanctificando-se a si mesmos na sanctificação dos proximos, porque devem ser o modelo do clero secular.

Tanto este como os seculares sam admittidos nas casas dos Congregados aos exercicios espirituaes, que sam feitos com a maior regularidade e devoção, contribuindo para aperfeiçoar aquelles, que os praticam.

Todos os dias ao anoitecer, celebram exercicios publicos, com as portas abertas, excepto nos dias festivos que sam de tarde, com predica de doctrina e d'um sermão moral, ladainhas de todos os sanctos etc.

Eis como esta muito illustrada e respeitavel corporação ecclesiastica se empregava no serviço espiritual da sociedade; quanto ao intellectual regiam as melhores cadeiras de latim, e tinham boas livrarias e gabinetes de fisica.

Mendoça e Mello.

MORTE! RESURREIÇÃO!

Seul flambeau qui nous luis dons notre sombre exil!
Si tu ne nous restais, que nous resterait il?

J. Reboul.

Densa nuvem cobriu ceus e terra!
Horror!.. trevas!.. morreste Jesus!
Nossa vida o sepulchro hoje encerra!..
O sepulchro escondeu nossa luz!

Concentrada no peito a agonia
O silencio da morte acatou!...
Mas no espaço que voz!.. que harmonia!..
Mas que sól improviso raiou!!..

Alleluia!.. o universo proclama!..
Alleluia, respondem os ceus!..
Luz immensa, que o espirito inflama
Já dos erros queimou negros véus!

Alleluia! Jesus ressuscita!
Foi seu sangue o baptismo, o perdão!
Surge!.. arvora, lei pura bemdicta,
Trumphante o sublime pendão!

Ante a cruz as naçoens vê prostradas,
Já vencida a herezia fatal
Morde a terra, das fauces damnadas
Espumando veneno infernal!

Da heresia se o monstro malquisto
Inda erguendo a cerviz blasfemar,
Tuas nobres falanges ó Christo
Hãode o colo maldicto atterrar!

D. A. G. Pusich.

ANNO CHRISTAO.

NOVEMBRO.

28 *Domingo* 1.º *do Advento.* Chama-se Advento ao tempo, que decorre desde o domingo, que incide entre o dia 27 de novembro e 3 de dezembro, até á vigilia do Natal. Antigamente contavam-se as semanas em uma ordem retrogada, sendo a primeira aquella, que precedia a dita festa do Natal, segunda a outra etc. A Egreja, nossa providente mãe, exhorta a todos a que façamos n'este tempo maiores penitencias, a fim de que dignamente commemoremos o dia natalicio d'aquelle, que quiz nascer pobre, e em um logar desprovido de todas as commodidades, e que por sua paixão nos abriu as portas do ceu.

Item. S. Gregorio III, natural da Syria, varão de grande prudencia e sabedoria, foi eleito papa por morte de S. Gregorio II. Foram sobre modo difficeis os tempos de seu pontificado: por uma parte o imperador Leão III era fautor dos Icnocaltas, e passava um sehretico decreto contra o culto das sanctas imagens, e elle tinha de luctar contra o poder civil; por outra parte as invasoens dos Longobardos, embora n'este tempo o seu rei fosse o catholico Luitprando, traziam ás Egrejas graves feridas, que era mister prover de remedio. N'este conflicto fugiu para a França a pedir auxilio a Carlos Martello; porem não resolveu este rei a empenhar-se então em uma guerra com os Longobardos, e no anno 741 morreu na paz do Senhor, havendo feito tudo quanto ao seu alcance estava para bem da Egreja, que elle lhe confiara.

29. *Segunda feira.* S. Saturnino, bispo de Tolosa, foi no tempo de Decio prezo pelos idolatras, e precipitado do alto da muralha do capitolio, e assim feita pedaços a cabeça, e todo o corpo esmagado, subiu ao ceu o seu espirito para ahi receber a palma do martyrio.

30. *Terça feira.* S. André Apostolo, irmão de S. Pedro, foi prompto em seguir a Jesus Christo, que á beira do mar da Galilea, os convidara a ambos a que largassem a barca e redes e os *faria pescadores dos homens.* Depois da vinda do Espirito Sancto, tocou-lhe evangelisar a Scythia; consecutivamente foi ao Epiro e Thracia, deixando em todas estas terras muitos crentes em Christo; finalmente em Patras de Achaia terminou gloriosamente o seu apostolado, sendo mandado crucificar pelo proconsul Egeas.

DEZEMBRO.

1. *Quarta feira.* S. Eloy, natural das visinhanças de Limoges na França, foi insigne ourives e tão conhecida sua habilidade n'esta arte, que teve e desempenhou com applauso algumas encommendas do rei Clotario Havendo assim adquerido notavel fortuna, abandonou o officio para empregar-se todo em negociar a salvação, distribuindo largas esmolas, e praticando todos os outros actos de um verdadeiro christão. Reconhecidas suas virtudes, foi eleito bispo Noviomense, e tendo melhorado muito por sua predica e exemplo esta diocese, foi chamado ao ceu, onde suas contas foram bem acceitas.

2. *Quinta feira.* S. Bibiana, nobre donzella romana, foi, para conservar-se digna do esposo celeste, superior a todos os meios excogitados para fazel-a abandonar a sua fé e prostituir sua pureza. Viu-se orfan de pae e mãe, mortos por ordem do apostota Juliano, em cujo nome aquelle havia sido um fiel prefeito em quanto isto foi compativel com suas convicçoens de catholico; — viu empolgar-lhe todo o seu patrimonio o cupido pretor Aproniano; — viu arrebatarem-lhe sua irman, a virtuosa Demetria, e achou-se só com a depravada Rufina, toda empenhada em fazer-lhe o officio de demonio tentador!... Nada foi capaz de fazer-lhe mudar seus propositos; e porisso o mesmo Aproniano a mandou despir e flagellar, presa a uma columna, até que sua candida alma sahiu do carcere de barro para ir habitar na mansão de Deus.

3. *Sexta feira.* S. Francisco Xavier, natural da diocese de Pamplona. foi um dos primeiros discipulos e companheiros do fundador da Ordem da Companhia, e abraçou este instituto fazendo a renuncia de tudo o que é temporal. Quando o nosso rei dom João III pediu ao papa Paulo III alguns missionarios para doctrinarem os povos da India, foi Francisco Xavier o primeiro a offerecer-se para tão ardua ministerio, que desempenhou com o zelo e caridade de um apostolo; e com effeito é elle chamado por antonomasia « o Apostolo das Indias. » No meio de seus immensos trabalhos ainda teve tempo para escrever uma obra preciosa com o titulo de *Avisos*, dirigidos ao P. Barzée, director da missão de Ormur. Coberto das bençãos de tantos filhos como á Egreja tinha dado, foi para o ceu, morrendo na ilha de Sanciano. Seu corpo, transladado para Malaca, fez que logo desapparecesse uma peste temivel, que alli grassava.

4. *Sabbado.* S. Barbara, filha do opulento e supersticioso Dioscoro, de Necomedia, foi por elle encerrada em uma torre para precancionar-se de que não fosse ella, tão formosa e rica, inclinar-se a casar com algum dos muitos, que por aquelles titulos haviam de requestal-a; porem não sabia elle que uma segurança maior do que a da torre era aquella, que se derivava de sua religião e voto. Ella era christan; e quando seu pae o soube e ella se recusava a casar com um potentádo, que elle lhe propoz, se enfureceu, e depois de desenganado que nem torturas nem caricias lhe faziam mudar de resolução, o barbaro a mandou matar!... Teve porem logo o castigo, sendo no mesmo logar fulminado por um raio.

CHRONICA RELIGIOSA.

— Sabe-se que o P. Petetot, deixou a parochia de S. Roque para fundar uma nova congregação, cuja sedo está em Paris, na rua do Regard, e que toma o nome do *Oratorio*, bem que não deva ser, para fallar com propriedade, nem o antigo *Oratorio* fundado pelo cardial de Bérulle, que não sobreviveu á revolução, nem o *Oratorio* de S. Filippe Nery, sempre existente em Roma, e introduzido em Inglaterra pelo R. P. Newman. Varios ecclesiasticos distinctos se reuniram já ao P. Petetot. Cita-se o abbade de Valroger, antigo director do seminario de Bayeux, e o abbade de Gratry, antigo capellão da escolla normal. O fim principal da nova congregaçam é, segundo dizem, formar professores para os pequenos seminarios.

— Os dominicanos francezes estam fundando uma ordem — teiceira doctrinante, e já lhes pertence uma optima casa d'educação. E' a instituição d'Oullins junto de Lião, que o P. Desfim tão distincto pelo talento e saber como pela virtude, conseguiu fundar e manter florescente, no ultimo reinado não obstante os obstaculos universitarios.

Prussia. — O arcebispo de Poseu chamou os Jesuitas á sua diocese, e deu-lhes uma casa em Abora, apesar da opposiçam das auctoridades.

— O governo prussiano pertende que se lhe submetta o orçamento do clero catholico a que este se oppoem, por ser uma invasão protestante contra lei.

— O cardial Diepenbrock, principe bispo de Breslecu, está doente de gravidade. Tem-se feito preces por este distincto prelado, e confia-se na Providencia que não privará os catholicos da Prussia d'este seu tam firme campião.

— A luta do protestantismo contra a Egreja catholica começa a produzir os fructos que se podiam esperar. Já havemos fallado do livro e da suspensão do pastor Luthemuler de Storkow, assignalamos hoje á attenção de nossos leitores outra conversam na pessoa do pastor protestante de Bunzlau, Hasert. Eis em que termos o annuncia elle proprio em o n.º 80 da *Folha de Busvzlau*:

« Breve serei membro da Egreja catholica. Bastaram 2 annos para fazer nascer e amadurecer em mim esta resoluçam. Acabo de o declarar abertamente á totalidade de meus honoraveis confrades, reunidos em synodo geral em Breslau, dizendo-lhes adeus com bastante cordialidade. Em presença de tudo o que se passa, diz-se: » Isto é para dar em catholico! « Sim, ó meu Deus! possaes vós conceder esta graça a bastantes outros! E' o que desejo a todo o mundo, deixando a cada um o direito de ser o que lhe é dado, porque tudo depende da graça. Tudo o que peço a meus honoraveis concidadãos, a meus irmãos em Jesus-Christo, é que não recusem seguir-lhe o attractivo, não superficialmente, porem de coração. Que não attribuam o meu regresso ao catholicismo á loucura ou superstição; que não julguem antes da vinda do Senhor, que um dia manifestará os coraçoens, ao passo que os homens não vêem senão o que teem diante dos olhos. Quanto a mim estou prompto a dar em tempo uma explicação amigavel a todos aquelles que tenham os mesmos sentimentos. — Bunzlau, festa de Santa Haduwiges, 1852. — Hesert, *até hoje pastor protestante* »

Com quanto casado e pae de muitos filhos, não temeu M. Hasert de sacrificar á verdade todos seus interesses materiaes; no domingo, que seguiu a data de sua declaração, assistia á missa na egreja catholica.

Devem os catholicos continuar a orar, porque a

Providencia trabalha misteriosamente no cahor das doctrinas hetherodoxas, e tudo annuncia o regresso á sancta unidade. O momento d'este regresso está mais proximo talvez do que pensamentos.

Austria. — A princeza Carolina Wasa, que se diz desposada com Luis Napoleão, entrará na religião catholica em Morawetz, na Moravia. Diz *Alpzeta de Wois* que o bispo de Brunn fará esta ceremonia.

Inglaterra. — *Conversão.* — M. Pollen, doctor do collegio de Merton, em Oxford, que foi « senior protector » da universidade e ministro protestante, foi recebido no seio da Egreja catholica no dia 20 d'outubro em Yvetot, na Normandia pelo Snr. arcebispo Ruão. Este successo será ouvido com grande prazer, porque ha muito que se esperava a conversão de M. Pollen, e o seu nome gozava do maior respeito pela sua piedade e bondade. E' auctor do interessantissimo livro « Quatro annos em S. Salvador de Leeds » no qual recorda a historia da grande tentativa, alli feita, para introduzir os principios catholicos na communhão anglicana. Quasi todos os excellentes homens, que foram conspicuos n'aquelle movimento, tiveram a graça d'entrar na Egreja catholica, e Mr. Pollen, seu associado e historiador, obteve por ultimo a mesma ventura.

Tambem é bem conhecido por ter acompanhado com outros Mr. Alliez, ha annos, para verem por seus proprios olhos, o estado do catholicismo no continente, cujo resultado é contido na celebrada obra de Mr. Alliez « Diario em França em 1845 e 48. » Hade haver quem se lembre de que n'esta obra se contem uma carta de Mr. Pollen, na qual com coragem, honra e sinceridade, que deviam ser agradaveis ao Todo Poderoso, e sem olhar aos motejos do mundo, affirma a sua crença no caracter miraculoso da *Estatica* e da *Dolorosa*. Quando nos lembramos de que aquella carta foi escripta no 1.º d'Agosto de 1847, e que só agora teve logar a conversão, concluimo-de que a demora não é nunca motivo justo para descoroçoar-mos em nossa esperança. Como membro d'um dos primeiros collegios da universidade d'Oxford, sacrifica consideravel posição e futuro prospecto. Tambem é muito bem aparentado, e a tudo deu de mão para abraçar com o catholicismo a pobreza.

— O jornal protestante *Kentish-Gazette*, faz saber a seus leitores que a egreja anglicana acaba de perder uma de suas sumidades ecclesiasticas. Eis como se expressa: « Temos a dôr de annunciar que Lord Carlos Thynne, thio do marquez de Bath e Wells, conego de Cantuaria, e rheitor de Loubridge Deveril junto de Warminster, acaba d'entrar na communhão romana. »

As conversoens, que veem com tanta frequencia lançar a perturbação entre os anglicanos provam que o trabalho intellectual, que á annos tem reconduzido á Egreja um tam grande numero de protestantes, não tem parado. As controversias que agitam n'este momento o anglicanismo e as publicaçoens que os convertidos dirigem de tempos a tempos aos seus antigos co-religionarios contribuem para entreter a actividade d'este trabalho.

Uma obra, que acaba de publicar em Londres o celebre Maning, outr'ora arcediago da egreja official, produz n'este momento grande sensação. Esta obra tem por titulo: *Os fundamentos da fé* (*The grounds offaitle*). O honoravel W. Tory Law, outr'ora cura d'Harborne e chanceller da diocese de Bath e Wells, publicou uma carta dirigida aos seus antigos parochianos. Este trabalho tem por titulo: *A unidade e a conformidade com a palavra de Deus não se encontram senão na Egreja catholica.*

E' uma consolação ler as folhas inglezas, que todos os dias nos annunciam novas conversoens ao catholicismo.

Hispanha. — Os bispos de Segovia e Barcelona, condemnaram como erronea, impia, blasfema e heretica a *Historia da pintura em Hispanha* — que se está publicando em Madrid.

— A obra intitulada — *Retrato dos Jesuitas a daguerreotypo* — foi tambem fulminada pelos mesmos motivos.

— Foram anathematisadas as biblias impressas em Newyork, em hispanhol, e espalhadas pela propaganda protestante.

— Por decreto de 12 de novembro, foi prohibida pela rainha a *Historia da Pintura*, por conter doctrina contraria aos dogmas catholicos, ás decisoens da Egreja, á ordem social, á monarchia e ao pontificado.

Grecia. — Em 20 de setembro foi consagrado em Athenas o 1.º bispo, independente do patriarcha de Constantinopla. A egreja do Oriente quando se separou da do Occidente pelo scisma de Phocio, reconhecia o patriarcha de Constantinopla como chefe. Com o andar dos tempos a egreja grega na Russia, admittiu a presminencia do chefe do governo temporal, porque sendo abolidos os *Popes* pelo imperador Pedro-o-Grande, substituiu-se-lhes o Sancto-Synodo que é presidido de ordinario por um ajudante de campo, do imperador, em seu nome. A seu exemplo separou-se a egreja do reino de Grecia, reconhecendo a supremacia real como na egreja russa e anglicana. Eis aonde o orgulho conduziu a egreja do Oriente; e sabe Deus as fases porque terá de passar, as subdivisoens, que terá de soffrer, e as transformaçoens, a que será arrastada, affastando-se cada vez mais da unidade, aié que a mesma gravidade do mal a reconduza ao verdadeiro aprisco.

A BENEFICENCIA.

Publicaram-se já 4 numeros d'este Jornal religioso que viu a luz em Lisboa, e que veiu reforçar o campo do catholicismo. Esperamos que não falteu subscriptores a um periodico, que propaga suas doctrinas, e que ao passo que lhes subministra leitura agradavel, lhes dá occasião de praticarem uma obra de caridade. Leiam e verão.

Mendoça e Mello.

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

— O CHRISTIANISMO. —

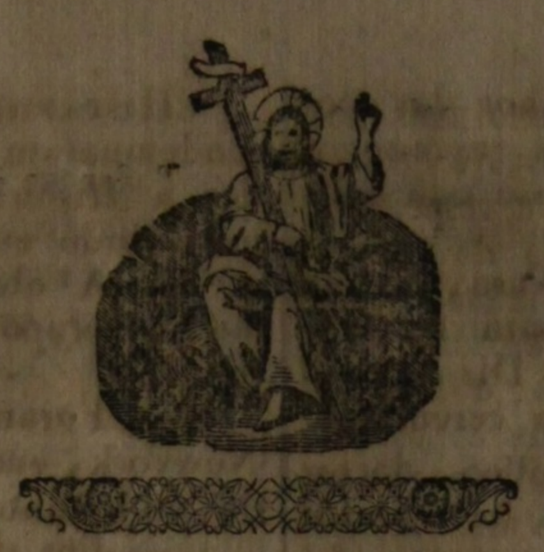
Porto — No escriptorio da redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 52. Braga — snr. J. M. de Souza, Porta Nova. Vianna do Castello — snr. J. J. de Moraes, na Picota. Guimaraens — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14 Bragança — snr. F. J. Affonso. Mirandella — snr. Dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. Trancoso — snr. Francisco José Tavares Cardoso. Villa Real — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. Covilhan — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. Coimbra — snr. Mesquita, rua das Covas. Matta (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Baratta dos Reis. Batalha — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire. Lisboa — snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Evora — snr. Antonio Candido de Moraes Cerveira. Ferragudo — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim. Ponta Delgada — snr. Francisco José Machado. Aveiro — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes. Guarda — reverendo snr. João Antonio da Silva Sampaio.

Preço (*adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$000 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 880 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 130 reis. Avulso 40 rs.

Vae franco de porte segundo a lei.

N. B. Pede-se por muito favor aos Snrs. assignantes, que não tenham pago ainda as suas assignaturas, que se dignem manda-lo fazer quanto antes.

DEZEMBRO 4. 1852.—N.° 49.



O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

João Pereira Botelho de Amaral e Pimentel, Bacharel formado em direito, Chantre da sancta Sé Cathedral do Bispado de Bragança, Governador, Provisor e Vigario geral da mesma Diocese, por sua Ex.ª R.ma o Snr. Bispo D. Joaquim Pereira Ferraz &c.

Aos muito Reverendos Parochos e mais Reverendo Clero d'este Bispado — Saude, Paz e Graça em nosso Senhor Jesus Christo.

Nolite conformari huic sæculo, sed reformamini. (Ep. aos Rom. 12. 2.)

Collocado, ainda que sem merecimentos, no eminente posto de guarda vigilante (1) da vinha do Senhor (2), é por um lado com grande sentimento que me vejo obrigado a clamar (3), e a advertir dos precipicios e extravios os meus proprios e caros irmãos no ministerio sacerdotal, de muitos dos quaes podéra receber liçoens de edificação e piedade; mas é por outro com grande confiança que me dirijo ao reverendo clero, entregue á minha inspecção, por isso mesmo que, fallando a irmãos (4), e a irmãos muito amados no Senhor, cooperadores do mesmo sublime ministerio, e possuidos de egual zelo pela causa da Religião, confio que ouvirão benignamente minha fraca voz; e os poucos desvairados do verdadeiro caminho de suas obrigaçoens, voltarão doceis ao fraternal aviso, que vou dirigir-lhes.

E' por estes motivos que cumprindo o rigoroso dever, que me é imposto pelo apostolo das gentes na sua 2.ª Epistola a Timotheo (5), não instarei importunamente, não arguirei, não reprehenderei, como ahi se insinúa em caso de necessidade; mas apenas pregarei, pedirei, e instarei (6), tendo presente a recommendação do mesmo apostolo em differentes logares das suas Epistolas (7); e confio que nem por isso serei menos attendido.

E' instado pela necessidade e em cumprimento de meus rigorosos deveres (8) que me vejo hoje obrigado a levantar minha debil voz no meio do reverendo clero, a que tenho a honra de presidir; porque, lembrado das palavras do divino mestre, vejo evidentemente que se entre nós, que devemos ser a luz do mundo, e o sal da terra, se desenvolverem as trevas e a corrupção, não haverá porseverativo para tam grandes males (9). E na verdade algumas irregularidades (com grande sentimento o digo) se observam entre o clero d'esta Diocese, que carecem de prompta reforma; cada uma das quaes seria extenso objecto para uma longa exhortação; direi, porem, apenas em resumo o mais principal, deixando o resto á illustração da respeitavel classe, a que me dirijo.

O primeiro e seguramente dos principaes escandalos, que se observam entre o reverendo clero d'esta Diocese, é a falta de harmonia, caridade, e união entre seus membros; falta tanto mais grave quanto ataca pelos alicerces o grandioso edificio da Egreja catholica, fundado na solida base da unidade (10); quanto enfraquece os esforços, que, para serem eficazes, devem ser conformes e compactos para o mesmo fim (11); e quanto vae de encontro com as maximas fundamentaes do christianismo, que todo assenta sobre as firmes columnas do amor (12), da caridade (13), da humildade, da mansidão, da paciencia e da unidade; virtudes todas ligadas pelo vinculo da paz (14).

Assim é dolorosamente muito frequente ouvir amargas queixas aos reverendos parochos dos ecclesiasticos seus parochianos, e tem-se verificado por muitas vezes que não só os não respeitam, como a seus immediatos superiores, que sam, e a titulo de ajudar os quaes se ordenaram (15); mas que calcando aos pés os mais sagrados deveres, recusam coadjuva-los no ministerio parochial em tudo o que sam funcçoens gratuitas, ou logo que fóra da sua freguezia lhes offerecem algum lucro mais: e até contrariam suas justas disposiçoens, celebrando o sancto sacrificio da Missa nos dias sanctificados a horas incompetentes, sem cumprirem com a obrigação de instruirem devidamente as pessoas, que d'este modo afastam da Missa e instrucção parochial. Tem apparecido até exemplos de se reunirem ecclesiasticos, celebrando Missas cantadas, e fazendo outras funcçoens publicas religiosas sem a assistencia dos reverendos parochos dessas freguezias, inspectores e chefes de tudo o que respeita ao culto externo dentro d'ellas; quebrando d'este modo escandalosamente a cadeia de unidade, que no catholicismo liga o ultimo fiel ao representante de Christo sobre a terra! E a tanto tem chegado n'este ponto o escandalo que se tem visto ecclesiasticos desvairados, fomentando vil, e arteiramente a indisposição dos povos contra seus parochos, e calumniando-os perante o Ordinario com o ambicioso fim de os substituir!!

(1) 2.ª a Tim. 4—5.
(2) Is. 5—7.
(3) Is. 58—1.
(4) Trid. S. 13 C. 1.º de ref.
(5) C. 4—2.
(6) Ibidem.
(7) a Tim. 5—1—2.ª aos Thess. 3—15—aos Gal. 6—1.
(8) Trid. S. 14—Proœm. de ref.
(9) S. Math. 5—13 e seguintes.
(10) 1.ª aos Cor. 1—10.
(11) Prov. 18—19.
(12) S. Mat 22—39—S. João 15—12.
(13) 1.ª aos Cor. 16—4.
(14) aos Eph. 4—2 e 3.
(15) Trid. S. 23—C. 1[illegible]—de ref.

Outra falta egualmente escandalosa, e tanto mais notavel quanto revela certa carencia de educação, de dignidade, e pondunor, que reflecte sobre toda a respeitavel classe ecclesiastica, é sem duvida o abuso de alguns clerigos, que esquecidos de sua sublime missão, não duvidam expôr suas pessoas ao desprezo, e escarneo publico, entregando-se a serviços, occupaçoens, e misteres servis e baixos, alheios inteiramente, ou antes oppostos á sua alta dignidade; não sendo difficil encontrar ecclesiasticos por feiras, negociando e traficando, e até mesmo nas ruas d'esta cidade de um modo que ninguem os reconheceria como taes, se aliás os não conhecesse! E não pára ainda aqui a indignidade de alguns, ainda que poucos, mas chega a tanto a sua indecencia, e abjecção, que não duvidam conduzir..... mas não me atrevo a dize-lo!.. Metta cada um as mãos na sua consciencia, e abstenha-se por Deus, pela sua propria dignidade, e caracter de tudo o que o póde manchar.

Egual a este é o revoltante abuso de vestidos. Os ecclesiasticos entregues á lavoura e a outros misteres, que lhes sam improprios, vestem muitas vezes com tal desalinho e pobreza, que provocam o desprezo: em quanto que outros mais miseraveis ainda, envergonhando-se de parecerem o que sam, querem pôr um pé nas cousas divinas, e outro nas mundanas, segundo a frase dos padres do concilio de Trento (16); ou antes, — pretendem despir todo o sagrado caracter ecclesiastico, despresando em si, com uma loucura inimitavel, um estado, a que ninguem os obrigou, nem mesmo convidou a abraçar, e que deviam ser os primeiros a amar e respeitar, para que os outros os estimassem e venerassem. Assim não é raro vêr ecclesiasticos, querendo affectar de seculares, sem insignia alguma clerical, como se o estado secular fosse mais nobre e honrozo que o ecclesiastico!.. E chega a tanto a inconsideração e leviandade de alguns, que não duvidam apresentar-se n'este revoltante estado no proprio paço episcopal!

Um outro ramo, em que a experiencia reclama promptas providencias, é sobre o uso de bençãos, exorcismos, esconjuros e leitura de Evangelhos. E' natural e constante que o povo rustico e ignorante, não podendo conhecer as verdadeiras causas dos acontecimentos, que lhe sam desfavoraveis, tudo attribua a maleficios e a causas sobrenaturaes: ora um clero, que devendo vêr as cousas por principios rasoaveis, segundo as regras da critica, se deixa arrastar ou talvez promove e fomenta estes prejuizos populares, dá fortes motivos a ser accusado de ignorante, ou talvez de má fé, fazendo suspeitar que abusa dos meios instituidos pela Egreja para fins mundanos, e talvez peccaminosos. O que tudo muito deslustra o estado Ecclesiastico.

Alem disto consta que as conferencias ecclesiasticas não sam frequentadas em alguns circulos com a regularidade ordenada na pastoral de S. Ex.ª R.ma o Snr. bispo actual d'esta Diocese de 31 de janeiro de 1851, nem com a pontualidade e exactidão, que reclama a falta de instrucção regular do clero n'esta Diocese, e deixa esperar o proprio interesse, e docilidade do mesmo.

Finalmente existem reclamaçoens de se não terem cumprido religiosamente em algumas freguezias as disposições da pastoral do mesmo Senhor de 12 de março de 1851, principalmente no que toca á admissão de seculares nas funcçoens ecclesiasticas.

O que tudo sendo por mim considerado, e desejando prover de remedio, como me cumpre, a tam grandes males, que desacreditam e fazem cahir em desprezo o respeitavel estado ecclesiastico; usando da auctoridade ordinaria, de que estou encarregado n'esta Diocese, e conformando-me com as disposiçoens de Direito a este respeito, ordeno o seguinte:

(16) S. 24 — C. 6 — de ref.

Artigo 1.º

Todos os Ecclesiasticos sam obrigados a respeitar como seus immediatos superiores aos respectivos reverendos parochos de suas freguezias, e a ajuda-los em tudo o que respeita ao culto divino, e administração de sacramentos e especificadamente nos objectos seguintes (17):

1.º Sam obrigados a assistir de sobrepeliz e a ajudar seus reverendos parochos nas procissoens dos domingos terceiros, das almas, em quaesquer outras procissoens publicas, e a acompanhar da mesma sorte o sanctissimo Viatico aos enfermos.

2.º A assistir e ajudar de sobrepeliz a todas as ladainhas, preces publicas, e funcçoens ecclesiasticas da freguezia, e particularmente á semana sancta.

3.º A ajudar os mesmos reverendos parochos no ensino da doctrina christan, e os reverendos confessores sam egualmente obrigados a ajudar no tribunal da penitencia, principalmente no sancto tempo da Quaresma (18).

§. unico. Não é permittido a nenhum ecclesiastico o deixar as funcçoens da sua freguezia a titulo de ir ás de outra, onde receba alguma remuneração, ou maior que na sua.

Art. 2.º

Sendo em regra os Fieis obrigados a assistir á Missa conventual de seus respectivos parochos (19), os reverendos presbyteros e capellaens de cada parochia não deverão celebrar o sancto sacrificio da Missa nos dias sanctificados em occasião, ou de modo que distraiam os fieis da Missa conventual; e por isso se deverão conduzir a este respeito de combinação com os mesmos reverendos parochos (20).

§. unico. Todos os reverendos capellaens e mais presbyteros, cujas missas forem concorridas nos domingos e dias sanctos, e principalmente fóra da cabeça da freguezia, sam obrigados immediatamente antes ou depois da Missa a ensinarem doctrina christan, a fazerem actos de fé, esperança, caridade e contrição, e a annunciarem os dias sanctos, e de jejum d'essa semana (21).

Art. 3.º

E' inteiramente prohibido celebrar Missas cantadas, ou fazer quaesquer funcçoens ecclesiasticas publicas em egrejas, ou capellas particulares sem a assistencia, ou ao menos licença dos respectivos reverendos parochos (22).

§. 1.º Exceptuam-se as irmandades e confrarias, legitimamente instituidas, e que tiverem capellão approvado, alem das cazas religiosas; porque a todas estas é permittido fazerem as suas funcçoens dentro dos seus templos independentemente dos respectivos reverendos parochos (23).

§. 2.º A licença, exigida no presente art.º, póde ser substituida por um despacho do Ordinario, com o competente — visto — do reverendo parocho.

Art. 4.º

Todo o ecclesiastico, que constar fomenta a indisposição dos povos, ou maquina contra seu reverendo parocho com o fim de o substituir no ministerio parochial, ficará por esse unico facto inhibido de o poder substituir, ainda sendo verdadeira a accusação, e será punido segundo as circunstancias.

(17) Trid. S. 23 — C. 11 de ref. e C. 16 e 18 — eod.
(18) Bulla Etsi minime de Bened. 14 de 7 de Fevereiro de 1741 — §. 6.º
(19) Trid. S. 22 — Decr. de observ. in cælebr. Miss. e S. 24 — C. 4.º de ref.
(20) Citada Bulla §§. 14 e 15.
(21) Citada Bul. §§ 14 e 18.
(22) Resol. da Sag. Cong. do Conc. de 7 de maio de 1749 — e de 14 de março de 1750.
(23) Decr. da Sag. Cong. dos Rit. de 10 de dezembro de 1703, approvado por Clem. 11 — em 12 de janeiro de 1704.

Art. 5.º

Nenhum presbytero poderá celebrar o sancto sacrificio da Missa, confessar, ou exercer quaesquer jurisdiçoens sem que tenha apresentado os seus papeis ao respectivo reverendo parocho, o qual lhe porá por baixo do despacho de jurisdiçoens a palavra — visto — com a sua rubrica (24).

Art. 6.º

E' prohibido a todo o ecclesiastico de ordens sacras o apresentar-se em jornadas ou em feiras com vestidos improprios do seu caracter, de cajado na mão, e fazendo de negociante e traficante.

Art. 7.º

E'-lhes inteiramente prohibido assistir a paradas de quaesquer crias, ainda mesmo proprias.

Art. 8.º

E' egualmente prohibido a todo o clerigo de ordens sacras o andar vestido inteiramente á secular, sem trazer ao menos cabeção, o trajar vestidos, que não sejam pretos, ou muito escuros, que sejam immundos ou rotos, e que por seu formato, feitio ou qualidade sejam indecentes, e improprios da dignidade ecclesiastica (25).

§. 1.º E' inteiramente prohibido usar de outros vestidos, que não sejam talares e decentes nas funcçoens ecclesiasticas, nos actos solemnes publicos e na presença do Ordinario.

§. 2.º E' egualmente prohibido a todo o ecclesiastico usar nos vestidos de distincçoens proprias de dignidades, que não tenham (26).

Art. 9.º

E' prohibido a todo o ecclesiastico d'este bispado fazer quaesquer bençãos, exorcismos e esconjuros para fazer os quaes se carece de faculdade especial, segundo o Ritual romano; e até mesmo a leitura de Evangelhos sem licença expressa, e por escripto do Ordinario com o competente — visto — do respectivo reverendo parocho (27).

§. 1.º As licenças para exorcismar ou abençoar mulheres serão sempre exercidas em egreja ou capella publica e com a porta aberta (28).

§. 2.º Estando a mulher impossibilitada de sahir de caza, isto mesmo se deverá declarar na supplica, para se conceder uma licença especial de se poder fazer a benção, ou exorcismos em caza; e neste caso será sempre na presença d'um familiar, ou d'outra mulher.

§. 3.º As licenças concedidas para algum d'aquelles fins entendem-se dadas para uma só vez; excepto quando no requerimento se pedir para mais, e no despacho se conceder.

§. 4.º E' prohibido fazer quaesquer ajustes, ou receber paga alguma por fazer bençãos, exorcismos, esconjuros, ou lêr Evangelhos (29).

§. 5.º Não se podem fazer outras bençãos, exorcismos e esconjuros, que não venham no Missal e Ritual romano.

§. 6.º Ficam cassadas todas e quaesquer licenças perpetuas ou temporarias, concedidas a este respeito até á promulgação do presente regulamento.

(24) Trid. S. 22 — Decr. de observ. in celebr. Mis.
(25) Trid. S. 14 — C. 6.º de ref.
(26) Const. porque se governa este Bisp. L. 3.º tit. 1.º Const. 2.ª
(27) Rit. Const. L. 5.º tit. 3.º Const. 3.ª
(28) Rit. Rom. Rubr. de exorc. a dem.
(29) Rit. Rom. loc. cit.

Art. 10.º

E' suscitada, e recommendada com toda a efficacia a religiosa execução do regulamento de 31 de janeiro de 1851 sobre o importante objecto das conferencias moraes.

Art. 11.º

E' egualmente suscitada a religiosa observancia da pastoral de 12 de março de 1851, principalmente no que diz respeito á exclusão das funcçoens ecclesiasticas dos seculares, que não estiverem nas circunstancias da mesma pastoral, com o seguinte addicionamento.

§. unico. Sam tambem cassadas as licenças concedidas a seculares para assistirem ás funcçoens ecclesiasticas quando não tiverem algum conhecimento do latim, e senão destinarem ao estado ecclesiastico.

Art. 12.º

Os muito reverendos parochos sam encarregados em virtude da sancta obediencia, e debaixo de culpa grave, a fiscalisarem o exacto cumprimento d'este regulamento, sendo obrigados a dar conta de quaesquer transgressoens.

Art. 13.º

Todos os ecclesiasticos sam obrigados a ajuntar á certidão de frequencia de palestras outra de seu reverendo parocho, pela qual mostrem que teem cumprido as disposiçoens do presente regulamento, sem o que não serão admittidos a ordens, nem lhes serão conferidas jurisdicçoens algumas.

Estabelecendo as presentes regras, abstive-me de impôr pena alguma canonica a seus transgressores; porque considerei que me dirigia a irmãos (30), cuja herança é commum, e não por interesse algum particular, mas por bem d'esses mesmos, a quem me dirijo; e por isso confiei que, recebendo o presente regulamento como uma admoestação fraternal, não haveria nenhum ecclesiastico tam destituido de bom senso, que deixasse de reconhecer a necessidade do seu exacto cumprimento, nem tam despresador dos interesses da Egreja, da honra do clero, e da sua propria dignidade, que deixasse de os abraçar exacta e gostosamente.

Sim, meus irmãos no Senhor; como poderemos nós evangelisar esta divina religião de caridade (31), se nós mesmos andarmos em guerra uns com os outros? Nós que devemos ser os ministros da paz!?. « Eu vos peço diz o apostolo das gentes aos fieis de Epheso (32) que não resistaes á vocação, a que fosteis chamados, soffrendo-vos uns aos outros caritativamente com toda a humildade, mansidão e paciencia, tendo cuidado em conservar a unidade do espirito pelo vinculo da paz. » « Oh! quanto é bom e agradavel que os irmãos sejam unidos como uma só pessoa » exclama o sancto profeta rei (33). No Evangelho de S. Marcos (34) é a necessidade da paz comparada com a necessidade do sal. E quanto deve ser delicioso este presente, que foi trazido ao mundo pelos anjos na maior festividade, que verá o universo, o nascimento do divino Jesus (35), e legado pelo redemptor aos mortaes na memoravel occasião de seu solemne testamento? (36)

E seremos nós, ministros d'este Deus de amor,

(30) Trid. S. 13 — C. 1.º de ref.
(31) aos Eph. 2 — 14 a 17.
(32) C. 4 — 1 e seguintes.
(33) Ps. 132 — 1.
(34) C. 9 — 49.
(35) S. Luc. 2 — 14.
(36) S. Jo. 14 — 27.

que promoveremos a scisão e a guerra entre nós mesmos?!.... nós, cujos pés sam chamados especiosos nas sagradas paginas (37), porque evangelisamos a paz e o bem?!.... E chegaria a desgraça d'alguem a tanto que se atrevesse a promover esta guerra fratricida pelo vilissimo fim da ambição?!... Não: isso não póde ser!.. Tam grande maldade não se repetirá jámais!

Eu vos rogo, pois, carissimos irmãos, com o mesmo encarecimento, com que outr'ora pedia o apostolo aos Philippenses (38) « pelos merecimentos de Christo, pela consolação da caridade, pela união espiritual, pelas entranhas de misericordia, satisfazei este meu desejo — uni os vossos pensamentos e as vossas vontades, unanimes todas pelo vinculo da caridade, não façaes nunca cousa alguma por espirito de contradicção, nem por vangloria; mas procurae tamsómente mostrar-vos superiores aos outros na humildade ».

Que nem um de vós, que militaes no glorioso exercito do Deus das victorias, se arraste pelo immundo charco dos negocios d'este mundo (39). Não! a nossa missão é muito mais sublime; e não é proprio,.... é mesmo impossivel ao altivo cipreste rastejar como a hera; e o Sol.... que digo?.. a mais pequenina estrella não póde abater-se á humildade de um pirilampo!....

Alem d'isto esta alta dignidade, reconhecida em todos os tempos, e acatada por todos os povos, que nos foi communicada pelo solemne acto da ordenação, e que é tal que nos tornou ministros de Deus vivo (40), e arbitros do céu e do inferno (41), nem é propriedade nossa, de que possamos dispor, mas da sancta Egreja; nem nos deixa tempo de que possamos abusar, depois de satisfazermos á rigorosa obrigação de nos instruirmos a nós, e aos outros nos caminhos da virtude.

Mas para conservarmos esta dignidade tam propria e tam necessaria ao nosso estado, convém primeiro que tudo — que nos não desprezemos a nós mesmos: e um ecclesiastico, que tem a loucura de se apresentar em publico sem o vestido proprio do seu estado, e até sem insignia alguma clerical, despreza se a si mesmo, — envergonha-se de parecer o que é!... E' um apostata no fundo do seu coração!... E é ainda mais.... é um louco; porque foi abraçar um estado, para que ninguem o chamou, e de que agora se não póde livrar! E' um falso; porque foi enganar a Egreja, que o repellia de tam alta dignidade, protestando-lhe uma vocação, que não tinha! E' um impostor; porque quer servir a dois senhores, utilizando-se das vantagens, que lhe offerece a Egreja, e persuadindo ao mundo — que tem em pouco e despreza essa mesma Egreja, que o alimenta e soffre!.... Desgraçado!.. E esse mesmo mundo, que pretende illudir é o primeiro que o despreza, conhecendo seu pessimo caracter; porque está escripto (42) que « ninguem póde servir a dois senhores. » Só a Egreja, só essa mãe carinhosa está sempre prompta a abraçar os proprios filhos, que a deshonram logo que lhes escape uma lagrima de arrependimento!

Eis aqui, meus irmãos, porque uma cousa, que parece á primeira vista insignificante, tem merecido tal attenção á Egreja catholica, que difficilmente se encontrará outra, que tenha sido tam recommendada; porque 13 concilios geraes, 18 papas, 150 concilios provinciaes, e mais de 300 synodos diocesanos teem prescripto aos ecclesiasticos o uso de vestidos pretos e compridos! E á vista disto haverá desculpa, que possa justificar o abuso a este respeito; ou expressoens demasiadamente fortes para o stigmatisar?!..

Se pois, carissimos irmãos, nos honramos com o pomposo titulo de ministros do Todo poderoso (43), honremo-nos egualmente com o habito proprio de tam alta dignidade. Se nos devemos gloriar com a cruz das mortificaçoens de nosso divino redemptor (44), quanto mais nos devemos gloriar com as vestes nupciaes, que mostram o nosso admiravel caracter (45)? Não procuremos confundir-nos com os seculares; que é isso mesmo o que a sancta Egreja pretende evitar (46); considerando o habito clerical — um segundo anjo tutelar, como se expressa um eximio prelado de nossos dias (47).

Oh! o vestido ecclesiastico.... respeitavel por sua antiguidade;... proprio por sua côr e modestia;... commodo por sua qualidade;... magestoso por seu formato:... foi appetecido outr'ora por todas as clases illustradas!.. as universidades o usaram por commodidade! os magistrados o vestiram por magestade! as irmandades o adoptáram por honra! as ordens religiosas o imitaram por humildade!.... E um tal vestido, que, prendendo nos costumes romanos, só no christianismo conta de existencia 19 seculos;... que foi sempre o symbolo da caridade, da paz e da religião;... que ora mesmo cruza todos os sertoens, e invios bosques do universo, para levar a boa nova aos mais remotos confins da terra:... este celebre e heroico vestido preto, tam humilde em si, mas tam nobre e sublime por tantos titulos, será desprezado por nós?!... por nós, para quem elle deve ser o maior brazão?!... Não! Que isso seria uma prova de ignorancia indesculpavel, d'um desprezo assaz criminoso, d'uma loucura indisivel!

Mas não seja só no habito que procurémos distinguir-nos; seja ainda mais na illustração do nosso espirito, e na pratica de solidas virtudes; pois que de outro modo não seremos mais que sepulcros dealbados (48), ou sons vãos e passageiros, que ferem nossos sentidos (49).

Procuremos illustrar o nosso entendimento, de maneira que possamos preencher o nosso logar de luz do mundo e de mestres (50) e doctores da lei, porque do contrario, ainda que muito rectas sejam nossas intençoens, não passaremos de um cégo, que dirige outro cégo (51). Não seja pois necessario, meus irmãos no Senhor, obrigar-vos a frequentar as palestras, que de tantas vantagens sam para os ecclesiasticos: o estudo deve ser a principal occupação de um clerigo, não só porque cumpre seja sabio, que possa defender a sua crença e ensinar os outros; mas porque o estudo é inexhaurivel, de uma variação infinita; e o meio mais vantajoso e ameno de nos livrarmos da fatal ociosidade, tam funesta ao estado ecclesiastico: e o estudo feito por meio das conferencias offerece duplicadas vantagens, porque reune os conhecimentos de muitos, é um forte estimulo para o adiantamento; e um meio de distracção proveitosa e edificante.

Mas, para que esta minha exortação produza o effeito, que é de esperar, é necessario primeiro que tudo que os muito reverendos parochos sejam os principaes em darem o exemplo de mansidão, prudencia, modestia, e decencia, de estudiosos e honestos, de exactos observantes de todas as suas obrigaçoens (52), e dotados de zelo efficaz por tudo o que for a bem da

(37) aos Rom. 10—15, Is. 57—7, Nah. 1—15.
(38) C. 2—1 e seguintes.
(39) a Tim. 2—4.
(40) 1.ª aos Cor. 4—1.
(41) Trid. S. 14—de sacr. poenit. Cp. 5.º
(42) S. Mat. 6—42.
(43) Trid. S. 22—Decret. de obs. in celebr. Miss.
(44) aos Gal. 6—14.
(45) S. Mat. 22—11 e 12.
(46) Cit. Const. L. 3.º tit. 1.º Const. 2.ª princ.
(47) Cardeal Gousset, Arceb. de Reims.
(48) S. Mat. 23—27.
(49) 1.ª aos Cor. 13—1.
(50) aos Hebr. 5—12 e aos Eph. 4—11.
(51) S. Luc. 6—39.
(52) 2.ª aos Cor. 6—4 e seguintes.

Egreja e do estado ecclesiastico; pois que sam elles o espelho principal (53) de suas freguezias; e de nenhum modo poderão fiscalisar o comportamento de seus parochianos, se elles mesmos forem os primeiros em desprezar os seus proprios deveres. Pelo que lhes peço com todo o encarecimento no Senhor se unam a mim, cooperando com todas as suas forças para a reforma do reverendo clero, não tanto por meio da inspecção, como pela persuasiva eloquencia de suas virtudes, e bons exemplos; esmerando-se, quanto em si couber, por não fazerem offensa a ninguem (54), portando-se em tudo, como ministros do Senhor (55), empenhando-se por preencherem dignamente seu sublime ministerio (56), a fim de que d'este modo sejam respeitados, e confundam os outros com seus bons exemplos (57), pois que d'outra maneira serão baldados todos os esforços.

Finalmente, amados irmãos no Senhor, sejamos todos discretos e prudentes, zelosos defensores da sancta causa da religião, que é a nossa propria causa; demos em tudo exemplos de boas obras no ensino, na inteireza, na gravidade; que as nossas palavras sejam sans e irreprehensiveis, para que aquelles, que reprehendermos, nos respeitem, não tendo mal algum, que dizer de nós (58). Combinemos nossa vida e costumes, — que em nossos vestidos, acçoens, passos, conversaçoens, e em tudo o mais não respire cousa que não seja grave, moderada e cheia de Religião; evitando os mais leves defeitos, que em nós se tornam graves faltas, a fim de que nossas acçoens inspirem a todos veneração (59). Sejamos n'uma palavra sanctos, porque somos ministros de um Deus todo sancto (60); e para que se não verifique em nós o dito do profeta (61): « Os sacerdotes de Deus contaminam as cousas sanctas e desprezam a lei. Dirigindo-nos d'este modo, não desprezaremos a graça, que nos foi dada (62); teremos duas corôas de gloria (63); e seremos grandes no reino dos ceus (64) pela graça e misericordia de nosso Senhor Jesus Christo, que fique com vós todos carissimos irmãos. Amen.

Esta exortação circular será registada na forma do costume; mas não será publicada á estação da Missa conventual. Os muito reverendos parochos convocarão, dando hora certa a todo o clero de suas respectivas freguezias, para a sacristia da egreja parochial, e lh'a lerão solemnemente sem assistencia d'algum secular.

Dada em Bragança sob meu signal e sello das armas de S. Ex.ª R.ma aos 20 de dezembro de 1852.

Lugar ✠ do Sello.

João Pereira Botelho de Amaral e Pimentel,

GOVERNADOR DO BISPADO.

SUPPLEMENTO AO ARTIGO SOBRE O — DEISMO, — OU BREVE NOTICIA DA FILOSOFIA DE KANT.

XII.

Quando eu, Snrs. Redactores, lhe remettí a primeira parte do artigo sobre o Deismo, tinha então intenção de dizer alguma cousa sobre a filosofia de Kant, ou sobre o decantado filosofismo allemão, que occupa uma parte tam notavel na historia dos desvarios do espirito humano, e que tanto servia para o fim, a que me propunha, de mostrar, que não ha principios religiosos fóra da religião, e que a filosofia, seja qualquer o nome, que se appelide, kantista, racionalista, sceptica, ou indifferentista, não é senão a total carencia, ou negação delles; porém desesti de o fazer, porque me pareceu melhor tractar della n'um artigo separado. No entanto como ainda não sei, quando poderei tractar deste objecto, com a extenção, que elle exige, pareceu-me não ser fóra de proposito, dizer já alguma cousa d'uma filosofia, que seus apaixonados exaltam até ás nuvens, e que parece, á vista dos elogios, que lhe fazem, ter alguma couza de sobrenatural e maravilhosa, para que se veja, que é tam abjeta, e degradante para o espirito humano, como é toda a sciencia, que prescinde das luzes da fé, e da religião, e que tem por unico esteio, e fundamento, o orgulho do homem, e as fracas luzes do seu espirito.

Escriptores judiciosos profundamente versados nas obras deste celebre escriptor, que lhe examinaram a doctrina, seguiram as tendencias, e della fizeram a historia, lhe teem feito as mais acres e vehementes censuras. Elles a teem accusado de ter introduzido uma fraseologia barbara, contraria ás regras da bôa grammatica, ainda do bom senso, e da discreta rasão, de ter innovado por sistema, e sem necessidade, de ter coberto a sua sciencia de um veu, quasi impenetravel, de ter derramado sobre ella as sombras de uma linguagem misteriosa; de ter sido auctor de systemas tam funestos, como absurdos, de ter espalhado em fim a duvida e a incerteza sobre os conhecimentos, que mais interessam á humanidade, de ter desviado a mocidade, pela força e pelo prestigio do talento, das sciencias positivas e dos estudos serios e graves, e por effeito de um idealismo transcendente e sobremaneira rigoroso, ter precipitado os seus discipulos nos mais funestos erros, condusindo uns ao septicismo, outros a uma nova especie de espinosismo, outros a um idealismo absoluto, e todos elles a sistemas pessimos, tam absurdos, como funestos á humanidade.

Estas accusaçoens graves, diz a biografia universal de Feller, sam desgraçadamente verdadeiras, e o kantismo levado á França acabou de nos confirmar nas justas prevençoens, que tinhamos contra elle. E' certo porem que elle na França tem feito poucos progressos, segundo o affirma o mesmo auctor.

Mas, cingindo-me eu hoje ao que precisamente me propuz tractar, e prescindindo de tudo o mais, sam seguros os seus principios sobre a existencia de Deus e a moralidade das nossas acçoens? estava elle profundamente convencido destas verdades?

Disse prescindindo de tudo o mais, porque eu não venho hoje fazer o processo á filosofia de Kant, ou ajuntar todas as peças, que se encontram nas suas obras, boas, ou más, para analisa-las, e para o condemnar, ou absolver por ellas; isso é trabalho de muito vulto; eu cingir-me-hei somente ao que não pode ser contestado; porque é de notoriedade conhecida; e por isso notarei somente que na sua primeira obra publicada em 1764 (se me não engano), em que elle pela primeira vez manifesta a sua doctrina, que tem tanto de extraordinaria, como de inintelligivel, que intitulou — unica base para a demonstração da existencia de Deus —, esta unica base não é mais que um montão de paradoxos, que elle mesmo destruiu, substituindo-lhes outros, que teem tanto de extraordinarios, e inintelligiveis como os primeiros.

Na sua critica da rasão pura elle nega que do argumento fisico theologico, para a demonstração da existencia de Deus, se possa tirar rasão convencente.

---

(53) Trid. S. 22. C. 1.º de ref.
(54) 2.ª aos Cor. 6—3
(55) Ibd. 4.
(56) 2.ª a Tim. 4—5.
(57) Trid. S. 22—C. 1.º de ref.
(58) a Tit. 2—7 e 8.
(59) Trid. S. 22—C. 1.º de ref. e cit. Const. L. 3.º tit. 1.º Const. 1.ª
(60) Levit. 20—26.
(61) Ezequiel. 22—26—Soph. 3—4.
(62) 1.ª a Tim. 4—14.
(63) Ibid. 5—17.
(64) S. Mat. 5—19.

Pouco antes da sua morte, preguntando-se-lhe o que elle pensava a respeito da immortalidade da alma, e da vida futura, elle respondeu só duas palavras, mas estas sem equivoco, — nada decidido. — Já antes por uma similhante pregunta elle tinha dado em resposta — que não tinha ou que não concebia a idêa d'um estado futuro; como se por elle o não conceber, não podesse elle existir.

No entanto um homem, que, apesar das suas metafisicas profundas, não pode descobrir fundamento, nem base para a moral, escreve sobre ella, e pretende que a sua theoria de costumes prevaleça sobre todas as outras.

Nos seus prologomenos para o estudo de metafisica — nos principios methafisicos da sua doctrina — na theoria da virtude — e na religião de acôrdo com a rasão, Kant perde-se em abstracçoens, e n'uma ideologia vaga e escurissima; e acontece com elle o que quasi sempre acontece com os inovadores ou auctores de seita.

Se uns levados do espirito da libertinagem, da curiosidade ou amor da novidade e independencia o admiram, outros veem nelle um espirito audacioso e atrevido, que se lançou fóra dos seus justos limites, que pretendeu reprovar, por effeito do seu orgulho, e vaidade, tudo quanto existe, para estabelecer sobre as suas ruinas sistemas falsos, ou impios, e sempre funestos e prejudicialissimos, não vendo nelle se não um novo inimigo da religião, que a destroe, intentando explica-la a seu modo, e não vendo na sua rasão pura alguma critica, porque elle pretende afferir o christianismo, mais, que o puro deismo.

Com effeito Kant não considera o Christianismo senão como uma ethica ou sistema moral, de que elle exclue todo o culto externo, todas as ceremonias, oraçoens e sacrificios, manifestando porisso, que não acredita em seus misterios, e fazendo de Jesus Christo um ente, segundo a sua idêa; porem esta sua theoria, assim como tudo o que sahiu da sua penha, é tam embaraçado e tam difficil de entender que os seus famosos discipulos Scheling, e Fitche, que se gabam de a ter aperfeiçoado, teem-se consumido em vigilias, e trabalhos para a explicarem, e cada um o tem feito a seu modo, de que resultou formar cada um delles uma nova escola, que não é menos escura e tenebrosa, que a de seu mestre: tanto foi o seu empenho em se fazerem claros e intelligiveis!!

Podiamos juntar a estes outros, como estes; mas os limites de uma tam breve nota não o permittem.

Esta doctrina hieroglifica foi, em fim, adotada em uma grande parte das universidades da Allemanha. Mas de que tem ella servido, pregunta um judicioso escriptor? Acaso para esclarecer os homens sobre os seus deveres, ou para arreiga-los nos solidos principios da religião, e da moral, ou faze-los melhores, e mais virtuosos? Não: é tudo pelo contrario. Se tem servido, é para propagar a irreligião, aumentar o espirito da incredulidade, da independencia, e do orgulho, é n'uma palavra só, para corromper e desmoralisar mais o mundo.

Um escritor, que se declarou apologista de Kant, depois de têr dado grande aprêço ás suas descobertas ideologicas, convem nos seus principios de irreligião e impiedade — o espirito aflige-se, diz elle, em ver nas suas obras o empenho, que elle mostra em negar ao christianismo a sua origem celeste.

E' pois a nova filosofia de Kant um novo sistema, que a impiedade descobriu para combater o christianismo: é uma nova campanha sob a direção de outros chefes: não se combate abertamente a religião como no sistema de Voltaire, isto é por uma guerra viva, e por manifestas hostilidades contra ella; pretende-se conseguir o mesmo fim por um modo mais pacifico, mas talvez mais pernicioso, porque mais astuto, e manhoso: explica-se o christianismo pela rasão para o destruir: faz-se delle um sistema de filosofia moral, como o de Zoroastres ou Confucio ou de qualquer outro filosofo, isto é considera-se como uma obra puramente humana, e como tal se explica. Esta guerra, ou esta nova especie de combate tem muita similhança com aquelle, que os jansenistas fizeram á Egreja intentando destrui-la pela mesma Egreja, pondo em execução talvez o sistema mais bem combinado, que o inferno podia suggerir contra ella.

Se os jansenistas pois trataram de destruir a Egreja pela egreja, os kantistas pertendem destruir o christianismo pela sua rasão critica, ou pelas suas explicaçoens filosoficas.

Em quanto ao mais, elle é tam absurdo e tam monstruoso, como todos os sistemas filosoficos, de que se baniu a religião; sem nenhuma fé, sem nenhum dogma, sem nenhum symbolo, sem nenhum principio religioso, faz-se assentar em paradoxos a existencia do primeiro sêr, e n'uma base incerta, vacilante e não deffinida a moralidade das acçoens. Que bella filosofia!! Que escola de virtude!! Que grande sistema de moral para instrucção do genero humano!!!

Alvaro Vaz Correa de Seabra e Silva.

IV.

INSTITUTO DE S. VICENTE DE PAULO.

S. Vicente de Paulo fundou pelo anno de 1625, a congregação de presbyteros seculares da Missão.

Foi movido a esta fundação pelos impulsos do seu zelo pela salvação das almas das aldêas, que não podia ver em tam grande abandono por falta de sacerdotes, que as instruissem, ao passo que as grandes povoaçoens os tinham em grande numero.

Para esse fim reuniu comsigo em Paris alguns ecclesiasticos, que animados dos mesmos sentimentos se julgavam chamados por Deus a desempenhar o ministerio apostolico pelos povos dos campos.

Os bons resultados das primeiras missoens fizeram vêr que andava n'esta obra o dedo de Deus, e que queria enriquecer a sua Egreja com um novo instituto para a salvação dos homens.

Assim o comprehendeu o summo pontifice Urbano VIII, que possuido da maior satisfação ao vêr que durante o seu pontificado as ovelhas, mais abandonadas do rebanho de Jesus Christo, achavam pastores desinteressados, que as conduzissem a pastos saudaveis, erigiu a rogos de S. Vicente de Paulo, em congregação, a companhia de sacerdotes, que com elle se haviam ajuntado; expedindo para esse fim em 12 de janeiro de 1632, a sua bulla *Salvatoris nostri*.

Nesta bulla devem notar-se com especialidade as palavras, com que S. Sanctidade manifesta o apreço, que lhe merecia este instituto, e a vantajosa idêa, que logo formou a

seu respeito, chamando-lhe *instituto muito aceito a Deus, utilissimo aos homens e necessario em todo o sentido*, accrescentando: *que se deve desejar sobremodo, e até procurar-se com afinco a sua propagação.*

Não tardou que se começassem a realisar os desejos do summo pontifice, porque depois de se ter propagado o instituto em grande parte da França, viu multiplicar-se na Italia, Polonia, Escossia e outras paizes, tendo o sancto fundador a consolação de ver estabelecidos, em sua vida, os seus missionarios nas ilhas Hebridas, e até entre os barbaros indios.

Depois da sua morte continuaram os progressos do instituto por outros reinos, chegando a estabelecer-se tambem em Hispanha e Portugal; n'aquella com o nome de *Paules* e n'este com o de — congregados da Missão. —

O furacão revolucionario, que destruiu os estabelecimentos religiosos na peninsula, não poupou esta sancta e utilissima congregação. Muitos de seus distinctos membros foram arrojados a longes terras do mundo conhecido, tornando-se em toda a parte muito uteis no exercicio de seu sancto ministerio.

A Providencia conduziu-os por este meio tam violento a trabalharem em regioens remotas e inhospitas, do mesmo modo que os discipulos do Senhor foram conduzidos ás regioens da Samaria por cauza da perseguição suscitada contra a Egreja nascente.

Em Hispanha já tiveram a felicidade de os verem restituidos a contento e com applauso de todas as classes.

Entre nós tambem virão, porque é essa a marcha dos eventos, que os homens por mais que queiram, não podem conter.

No estado de pobreza e mizeria, em que se acha este reino, seria uma fortuna o seu restabelecimento; porque o seu instituto, alem de missionar por todo o paiz, na maior parte do anno, costuma andar e sustentar-se á sua custa, para não gravar os povos, e nem se quer lhes é permittido pedirem esmolla para si.

Este instituto consta de 2 classes de pessoas: sacerdotes, e leigos, chamados coadjutores, destinados aos misteres necessarios das casas em quanto os primeiros teem sempre aberta em suas casas uma continuada missão com exercicios espirituaes que dam a quantos seculares se querem retirar a faze-los.

Sam tambem os directores das *Irmans da caridade*, cujo benefico instituto tam pouco conhecido é na nossa patria, ou tam mal avaliado; porque apenas temos uma casa em Lisboa.

Tempo virá, em que os portuguezes se desenganem de que só com as associaçoens religiosas podemos ter uma educação completa e uma absoluta reforma de costumes.

E' no tribunal da penitencia, e não nos tribunaes civis que os costumes se reformam.

E no tribunal da penitencia podem prestar grandes serviços os virtuosos e illustrados filhos de S. Vicente de Paulo.

Mendoça e Mello.

AVE MARIA.

Formoso botão de rosa,
Que nasce ao romper do dia,
O' pura e cheia de graça
Eu te saudo, Maria.

Ave pomba sempre illesa
De cantagio e de perigo,
Teu seio será fecundo,
O Deus de Abrahão é comtigo.

Es bemdita entre as mulheres,
E' bemdito o fructo teu,
Jesus ó terno Jesus,
Que de uma virgem nasceu.

Mãe de Deus, nós te pedimos
Escudo de mulher forte,
Que nos proteja na vida,
E nos ampare na morte.

Já que és Mãe ao Filho pede
O perdão dos peccadores,
Para que unidos na gloria
Demos ao Filho louvores.

(Da Tribuna Catholica) J. Eloy Ottoni.

Snrs. Redactores.

Tendo eu annuido ao honroso convite, que me fôra feito, para unir os meus esforços aos de V. na continuação e progresso do seu, bem redigido, semanario religioso, intitulado — o Christianismo, — enviei logo, por mostrar a minha boa vontade, um artigo sobre a infallibilidade do papa, que eu tinha escripto com outro destino, e até para ser publicado anonimo, como sempre costumei; não havendo, com tudo, recusado se lhe juntasse o meu nome depois da proposta, que tambem sobre isso me foi ultimamente dirigida.

Tenho a satisfacção de saber que não procedeu esta exigencia de quererem lançar de si a responsabilidade da doctrina ou opinião alli expendida, porque sei que tambem V. a professam, e nunca deixariam de defende-la se fosse necessario, assim como nem eu teria a cobardia de não responder pelo meu artigo, mesmo quando anonimo.

Nesta intelligencia, e no presente caso, a mim tóca satisfazer a um reparo, que antes mesmo de me chegar á mão o n.º 47, onde vem publicado aquelle artigo, me constou haver-se feito nas palavras — nociva e erronea — que apparecem logo no 2.º para-

graphio; reservando para depois de publicado todo o artigo, que se acha em poder de V. uma ampliação ácerca dos motivos que, alem das rasoens já expressadas, e outras mais que poderiam ajuntar-se-lhes, me tem obrigado a preferir esta opinião como unica verdadeira.

Em satisfacção pois ao publico illustrado, a quem por todos os titulos respeito, e deferencia para com a pessoa, que se julgára aggravada, pensei dever dar uma explicação do sentido, em que se escreveram aquellas palavras, dizendo quanto á primeira — que é uma expressão de conveniencia ou desconveniencia, que no actual incidente não pode ferir o melindre de ninguem; e declarando, pelo que á segunda respeita — que foi escripta e se deve entender em sentido scientifico e não judicial ou auctoritativo, porque nem a Egreja decidiu ainda, como se diz no mesmo artigo, nem eu tenho auctoridade para o fazer; só não posso, na discussão de duas opinioens contrarias, deixar de ter por falsa, ou errada, ou erronea, que tudo aqui explica o mesmo, a opposta áquella, que defendo; sem que por isso deva entender-se que a simples nomenclatura ou nominação do escriptor, com quanto victorioso elle se julgue, envolva logo o anathema da Egreja sem a sua previa decisão.

Agradecendo a V. as attençoens immerecidas, com que me honram e obzequeiam, não devo occultar-lhes o meu sentimento de não poder, como desejava, corresponder melhor á sua expectação, por falta assim de forças fisicas, como principalmente do talento e crudição necessarios para o difficil mister de publico escriptor.

Dignem-se V. receber os meus sinceros protestos de cordial estima e verdadeira consideração, com que muito me honro ser

De V. etc,

Casa de Abragão
26 de Dezembro de 1852.

Theodoro Monteiro Guedes Mourão de Portocarreiro.

DECLARAÇÃO.

Tivemos a satisfação de publicar hoje a carta do Ex.mo Snr. Theodoro Monteiro Guedes, e sobretudo por desejarmos aproveitar a occasião de assegurar que a opinião, que S. Ex.ª professa no excellente artigo da *infallibilidade do papa*, é toda nossa sem restricção. Nem do contrario nós teriamos publicado aquelle artigo, ainda que toda a defferencia nos merecesse o seu auctor. Assim o temos praticado com alguns artigos d'outros aliás insignes escriptores.

Não duvidamos, pois, chamar sobre nós toda a responsabilidade d'aquelle artigo, ainda quando alguma houvesse, por ser nossa profunda convicção de que se não poderia realisar, sem a infallibilidade do pontifice em suas decisoens *ex cathedra*, a promessa do divino mestre da duração de sua Egreja até á consummação dos seculos. Se podesse haver erro n'estas decisoens da cabeça da Egreja, como se poderia conservar o corpo da mesma?

Crêmos, por tanto, nesta infallibilidade concebida nos termos rasoaveis, a que S. Ex.ª a reduz; por quanto o chefe da Egreja nunca inventa dogmas; mas sómente deffine qual tem sido até alli a verdadeira crença da Egreja sobre o ponto controverso, tirando a liberdade de o contrariar depois da decisão: do que temos a lisongeira esperança de vermos breve um exemplo na decisão do dogma da immaculada conceição de N. Senhora, sobre que a curia romana se occupa constantemente ha tempos a esta parte.

Lopes.

ANNO CHRISTÃO.

DEZEMBRO.

5 Domingo. S. Giraldo, natural de Aquitania na França, professou vida religiosa no mosteiro de Monsiaco da Ordem de S. Bento. Passando por alli, vindo de Roma, o arcebispo de Toledo dom Bernardo, e constando-lhe das virtudes de Giraldo, o trouxe comsigo e o fez Chantre da sua Sé. N'este emprego ainda mais publicas se tornaram as suas virtudes, pois era incansavel em todos os officios do ecclesiastico, e principalmente no ministerio do pulpito, no que era insigne. Eleito depois arcebispo de Braga, foi tam humilde em tudo o que somente respeitava sua pessoa, como intransigente defensor das prerogativas de sua dignidade, e por isso não descançou até que revindicasse as attribuiçoens de metropolita, que lhe eram denegadas. Visitou em pessoa toda a sua extensa e montanhosa diocese, e estando em um logar chamado Bornes, ahi enfermou de uma violenta febre, que em poucos dias, que elle empregou todos em preparar-se para a grande jornada, lhe desatou as prisoens, que o detinham na terra, sendo por sua sanctidade já todo do ceu. Sua morte foi no anno de 1109.

6. Segunda feira. S. Nicoláu, de Patara na Lycia, foi de uma caridade absoluta, distribuindo em bem entendidas esmolas toda sua rica herança. Conta-se que sabendo que um pae de tres raparigas, vendo-se nos horrores da miseria, já tinha pensamentos de as prostituir, Nicoláu levara a esta pocilga dinheiro, com que ellas se dotassem e fizessem um casamento vantajoso. Voltando de peregrinação dos logares sanctos, foi eleito bispo de Myra que era a metropole de Lycia, e esta eleição recahiu n'elle por ser assim revelado divinamente aos bispos, a quem incumbia faze-la. Não temendo a morte para que deixasse de augmentar o rebanho, começou, contra o edicto de Diocleciano e Maximiano, a pregar em Myra o evangelho, e por isso foi encerrado em horrenda masmorra ate que felizmente succedeu no imperio Constautino, que o restituiu á sua Sé, onde era com saudade reclamado. Depois de assistir ao concilio de Nicea, em que Ario foi condemnado, voltou a Myra, e passado pouco tempo o Senhor lhe deu o dia por ganho, e o chamou a receber no ceu o jornal.

7. Terça feira. S. Ambrozio, romano de nação, nasceu em França, onde seu pae estava na qualidade de prefeito. Mancebo de extraordinario talento, instrucção e affabilidade, alcançou o emprego de governador de Milão, e estando ahi ao tempo da morte do bispo Auxencio, que era Ariano, e quando o povo quasi se amotinava dividindo-se quanto á eleição, entrando na egreja para manter a ordem, um menino o acclamou bispo, e reconhecendo todos n'isto um milagre, logo todos foram concordes. A difficuldade foi resolve-lo a que acceitasse, ao que, depois de instado pelo mesmo imperador Valentiniano, e principalmente reconhecendo que esta eleição vinha do alto, elle annuiu. Foi o modelo dos prelados: prégava com tal uncção, que o subtil, desmoralisado e depois sancto Agostinho não pode resistir-lhe; zeloso e independente ministro de Deus censurou o imperador Theodosio por causa da mortandade de Thessalonica. Escreveu muito, e em todas as suas obras manifesta-se a sabedoria profunda, uma eloquencia facil, e a uncção de um sancto. Morreu no anno de 397.

8. Quarta feira. Conceição de Nossa Senhora. Não está ainda decidido como dogma que Maria sanctissima fosse preservada do peccado original desde o instante de sua conceição; porem tem sido esta a crença de todos os seculos, fundando-se não só em razoens de congruencia «de que assim convinha aquella que *ab æterno* estava destinada para mãe do redemptor e reparador dos estragos do mesmo peccado» mas tambem em provas *á priori*, como é aquella que se deriva da saudação angelica, em que a palavra grega que se traduzio «*cheia de graça*» não significa, segundo Origenes, sómente isto, mas tambem «*formada em graça*». O actual summo pontifice Pio IX, vendo quanto geral e fundada é esta crença, consultou os outros prelados da Egreja sobre defini-la como dogma, e todos os devotos da Mãe da Graça aguardam com vivo desejo esta decisão.

ERRATAS.

No numero 48 pag. 304 — col. 2.ª linha 3.ª lê-se *sedo*, por *sede*. — Na l. 17 — *teiceira* por *terceira*. — Na l. 21 — *florescente, no ultimo reinado não etc.* por *florescente no ultimo reinado, não etc.* — Na l. 23 *Poseu* por *Posen*. — Na l. 25 *opposiçam* por *opposição*. — Na l. 28 *oppoem* por *oppõe*: e *contra lei* por *contra a lei*. — Na l. 30 — *leen* por *lew*. — Na l. 38 — *conversam* por *conversão*. — Na l. 41 — *Busvzlau* por *Burvzlau*. — Na l. 44. — *resoluçam* em vez de *resolução*. — Na l. 63 — *Hesert* por *Hasert*. — Na l. 67 — *materias* por *materiaes*. — Na pag. 305 1.ª col. l. 1.ª *cahor* por *cahos*. — l. 2.ª *hetherodoxas* por *heterodoxas*. — l. 4.ª *pensamentos* por *pensamos*. — l. 53 — *veem* por *vem*. — l. 54 — *anglicanos provam* por *anglicanos, provam*. — l. 55 — *á annos* por *ha annos*. — Col. 2.ª lin. 21 — *presminencia* *preeminencia*. — Lin. 24 — *campo, do imperador* por *campo do imperador*. — Lin. 32 — *aie* por *até*.

DEZEMBRO 11. 1852.—N.° 50.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DA INFALLIBILIDADE DO PAPA.

III.

Nada prova tambem contra a infallibilidade dos successores de S. Pedro a questão chamada—dos tres capitulos—, em tempo do papa Vigilio, pois que em todas as alternativas da dita questão o pontifice não se contradisse, e muito menos em assumpto dogmatico, versando sómente em factos pessoaes as modificaçoens, que se viu obrigado a fazer, não por inconstancia ou ligeireza, mas por bem ponderado juizo—pois que é proprio do homem sabio e prudente mudar conselho, se para isso tem rasoaveis motivos, como sobre este objecto explicou Pelagio II na sua carta aos bispos de Istria.

Os padres do concilio de Calcedonia condemnando os erros de Eutiches e Nestorio, não quizeram por motivos, que julgaram rasoaveis, entrar na particular discussão das obras de alguns bispos, uns já mortos no seio da Egreja, outros alli presentes, contentando-se que estes dissessem anathema contra aquelles heresiarças, como fizeram; pelo que foram readmittidos á communhão catholica. Instigado porem o imperador Justiniano pela vingativa emulação de alguns intrigantes e encubertos fautores dos hereges, que não podiam soffrer a condemnação de alguns erros de Origenes, condemnou tambem o imperador pelo seu edicto de 545 os escriptos de um daquelles bispos Theodoro Mopsuesteno, já morto, e dous ainda vivos e presentes no concilio de Calcedonia e alli retratados e admittidos á communhão da Egreja—Theodoreto, bispo Cirense, e Ibas, bispo de Edessa, o que formava o objecto dos chamados — tres capitulos.

Subscreveram os bispos do Oriente, pelo respeito ao imperador, ainda que ao principio repugnassem: Vigilio porem e os bispos do Occidente não annuiram, assim por attenção ao concilio, como por outras rasoens, que podem ver-se na historia; sendo este um negocio mais de prudencia e politica ecclesiastica que de doctrina e theologia; porque os erros de Eutiches e Nestorio, de que podia achar-se alguma infecção nas ditas obras, estavam já proscriptos nos dous concilios de Efeso e Calcedonia, no que todos concordavam.

Com tudo considerando o pontifice que se elle proprio condemnasse os tres capitulos, talvez os bispos do Occidente o seguiriam, terminando assim as dissençoens entre as duas Egrejas, grega e latina, publicou o seu *Judicatum*, com que condemnava os tres capitulos. Foi todavia illudida a esperança do pontifice; porque a dissenção augmentou a tal ponto no Occidente não só contra os bispos da egreja grega, mas até contra o proprio papa, que elle julgou prudente suspender o *Judicatum*, recolhendo-o da mão do patriarca de Constantinopla Menna até á convocação de um concilio, pedido pelo imperador, em que as diversas opinioens se discutissem na frente umas das outras, e se podessem assim entender, e mutua e mais voluntariamente combinar; exigindo sómente o pontifice que para evitar-se a preponderancia de partidos interviessem ao concilio tantos bispos do Occidente como do Oriente.

Depois de muitas duvidas sobre o local, onde se celebraria o concilio, foi este convocado para Constantinopla; mas como não se apresentassem dos bispos do Occidente senão muito menor numero que o dos Orientaes, e se desse principio por ordem do imperador ás deliberaçoens, não só não quiz o pontifice assistir, mas nem delegou quem fizesse alli as suas vezes.

Nestas circunstancias considerando Vigilio que daquelle conciliabulo não resultariam senão cada vez maiores desordens na christandade, decretou então o seu *Constitutum*, que vinha a ser o *Judicatum* mais modifica-

do, poupando as pessoas, e impondo silencio sobre a carta de Ibas (que até era supposta apócrifa), para vêr se podia assim contentar orientaes e occidentaes, e restabelecer a paz em toda a Egreja; e antes da 5.ª sessão o enviou a Justiniano para que este o fizesse apresentar aos padres alli reunidos; mas não o fazendo assim o imperador, antes occultando-o e usando de outras malicias, deu-se por terminado o concilio á 8.ª sessão, e por elles foram condemnados *in toto* os tres capitulos, o que porem não teria validade alguma, se Vigilio não confirmasse, como passados mezes confirmou, este concilio com a sua decretal, dirigida ao patriarcha de Constantinopla Eutichio, condemnando por ella, como já tinha feito no *Judicatum*, os tres capitulos.

Deste modo, pois, usando ora de firmeza, ora de prudencia, longe de errar na fé ou na doctrina, chegou o papa Vigilio a conseguir o seu fim qual era restituir á Egreja universal aquella paz, de que tantas dissençoens e opposição de espiritos divididos a tinham privado.

Theodoro Monteiro Guedes Mourão.

VERDADE DOS FACTOS EVANGELICOS.

Quando se considera a materia dos factos evangelicos e o seu fim reconhece-se que elles sam de tal natureza que se não podia impôr sobre elles.

E na verdade como é possivel impôr sôbre factos, que por sua alta importancia e transcendencia commovem os animos, dispertam a attenção publica, excitam a curiosidade, provocam uma rigorosa indagação, irritam as paixoens, desafiam ciumes e fixam as vistas de toda a gente sobre si? Como é possivel impôr sobre factos, que tendem a nada menos do que a fazerem uma nação cumplice d'um grande delicto, a destruir suas leis, costumes, a mudar sua constituição civil e religiosa, ou a acabar com a sua religião e com a sua existencia politica? Que se pode offerecer mais capaz d' abalar o espirito publico e irritar uma nação amante da sua religião, ciosa da sua independencia, das suas leis, da sua honra e pondunôr nacional? Acaso é possivel que taes factos passassem sem que excitassem uma viva contestação, sem que dessem logar a serios debates e a vivas commoçoens na sociedade? E então como é possivel supô-los, ou fingil-os? Acaso era possivel improvisar sobre similhantes factos, sem que a impostura fosse logo desmascarada e a verdade patente a todo o mundo? Haveria um só homem que se deixasse surprehender por ella? Que uma nação interessada por honra e brio seu em descobrir a verdade e pô-la patente, não teria meios para o fazer, não lhe seria facil tapar a boca ao calumniador, impor-lhe silencio e condemna-lo a uma infamia eterna? Como é possivel que se dissesse áquelle povo que uma personagem extraordinaria tinha corrido ás suas cidades e aldeas ensinando no templo, conversando com os principes e doctores da lei; que o povo o tinha seguido em multidão sobre a montanha e o deserto, que tudo o que havia de mais conspicuo e illustre na nação o tinha visto e observado, que fizera maravilhas, nunca vistas, que ressuscitara mortos, déra vista a cegos, fizera saltar do leito paralyticos, multiplicára alguns paens para fartar milhares de homens, se tal personagem e se taes maravilhas nunca tivessem existido?

Em verdade como é possivel acreditar que se fizesse crime a um povo de ter morto um homem, que se dizia revestido do poder de Deus para fazer taes maravilhas, se de tal homem, de tal morte e de taes maravilhas não tivesse noticia? Sonhariam acaso com um ente fabuloso, inventariam estupendos acontecimentos, fingiriam crimes e mortes, e viriam com ellas fazer uma acusação horrorosa a um povo innocente e extranho a todos esses acontecimentos? Como seria considerado aquelle, que chamasse uma nação á contemplação destes factos, que nomeasse as cidades, as aldeas, as familias e as pessoas, que delles foram testemunhas e objecto, se taes cidades, taes aldeas, taes familias e taes pessoas não existissem, onde taes factos não tivessem noticia? Como seria considerado o inventor d'uma fabula tam redicula, e ao mesmo tempo tam importante? Que! deixaria de ser julgado como um furioso, ou demente, que só devia excitar o riso, ou a compaixão? Em verdade, supposta a hypotese que taes factos não existissem publicados nos mesmos logares, onde se dizem feitos, invocar como prova d'elles o testemunho d'aquelles, que os presencearam é um delirio tamanho, é uma loucura tam rematada que acreditamos nunca entrou nem podia entrar no juiso humano! Mas se não é possivel inventar similhantes factos, ainda menos possivel é que uma multidão prodigiosa de homens se dessem por testemunhas presenciaes delles, ou se conspirassem para attesta-los, se taes factos não existissem, ou não fossem verdadeiros.

Quando uma prodigiosa multidão de homens, collocados em diversas situaçoens, estranhos uns aos outros, oppostos na edade, no caracter, nas paixoens, nos prejuizos e interesses, conspiram todos elles para attestar a verdade de um facto, a não se admittir um prodigio, como é possivel deixar de o reconhecer como verdadeiro? Se não é possivel uma combinação entre todos, esta uniformidade de sentimentos e de testemunhos não é ella uma manifestação viva, e uma expressão sincera de uma verdade irresistivel, e evidentissima de si mesma? que muitos homens regeitem uma verdade, que os incomoda, explica-se bem pelo imperio das paixoens sobre o coração; mas que uma infinidade d'elles a acredite á custa da sua vida, de que póde isso proceder a não ser de uma força, que os subjuga, e a que elles não podem resistir?

Que interesse tinham os judeus e pagãos em acreditar em Jesus Christo? Era acaso alguma novidade, que os lisongeava? Não tinham elles de fazer um grande sacrificio para acreditar n'uma religião, que os expunha a uma perseguição horrivel e a uma morte quasi certa? Se a natureza humana só póde ser excitada a acção pela honra, prazer ou proveito, qual é destes motivos, que fez o movel da sua conducta? Podia lisongear-se muito um judeu de acreditar n'um Messias, que via n'um estado de humilhação, posto n'uma cruz, condemnado pelos sacerdotes e pelo supremo tribunal da nação, como impio e inimigo da luz, quando elle esperava o seu Messias, como um Deus glorioso, que vinha dominar sobre todos os povos, e exaltar a sua nação sobre todas as outras? Podia lisongear-se um judeu com um Messias, que declarava, que o seu reino não era deste mundo, e acreditar de bom grado n'uma religião, que vinha destruir as suas leis, e os previlegios de seus paes, a que elle era tam affeiçoado?

Com que força de verdade se lhe não devia ella apresentar para a fazer renunciar a tantos prejuizos.

E que interesse tinha um pagão em acreditar em Jesus Christo quando elle estava encantado com a sua religião por achar nella a apologia das suas fraquezas, e porque lhe fazia do prazer a regra da sua conducta. Que violencia não devia elle sentir para a largar, a fim de se sugeitar a outra, que lhe mostrava n'uma cruz o compendio de todos os seus deveres, e a regra pratica de suas acçoens, que lhe não deixava a esperar gloria senão no combate comsigo mesmo, e na resistencia ás suas inclinaçoens em domar e ser superior á natureza, isto é no que ha de mais violento e penoso para o coração.

Alvaro Vaz Correa de Seabra e Silva.

A MINHA CONVERSÃO AO CHRISTIANISMO.

IV.

NARRAÇÃO DA CONVERSÃO DO AUCTOR.

«Nada é mais instructivo do que considerar o estado, em que se achava a humanidade na epoca do nascimento do Salvador. Era uma desolação immensa, cujo espectaculo apavora os olhares e enche a alma d'horror e piedade. Milhares de tentativas haviam sido feitas para, com o soccorro da razão enfraquecida, assentar regras de vida permanentes e chegar á verdade; mas sempre esses esforços haviam sido vãos. Por outro lado, os ultimos raios da revelação divina iam-se extinguindo todos os dias; a fé desapparecia á medida que a religião dos sacerdotes pagãos se corrompia mais, e que a intelligencia natural descobria mais claramente sua inconsistencia e a loucura. Quanto aos systemas filosoficos, que o espirito humano havia tentado fazer prevalecer, não excitavam nunca senão um enthusiasmo passageiro; porque breve demonstrava a experiencia que aquellas theorias eram tam ocas e frageis como o culto dos falsos deuses. Todas as illusoens se haviam pois dissipado, e o sentimento delicado do bello, que havia feito o ornamento da Grecia, bem como o sentimento elevado do direito, que havia distinguido Roma, haviam-se extinguido rapidamente depois de terem brilhado com vivo esplendor. A humanidade havia adquirido a prova empyrica e palpavel de que se não fosse alumiada por uma luz superior, não obtinha o seu destino, e que ia ser mergulhada, já n'esta vida, na mais horrorosa miseria e profunda ruina. Ora, este estado de decadencia e desesperação, assim como d'impotencia absoluta, verificada por uma experiencia de 40 seculos, e de que a humanidade trazia d'hora vante em si a horrivel certeza, era o momento, marcado por Deus, para a redempção do mundo. A prova estava cumprida, o solo preparado, e o fructo maduro. A creatura opprimida sob o peso de sua propria fraqueza, murchada pelo sopro dominante de todos os vicios, suspirando ardentemente no meio de suas angustias e de seus indisiveis terrores, pela consolação e livramento, estava prompta a ouvir a boa nova e a receber, reconhecer e adorar o filho de Deus, feito homem.

Quando me representa esse estado da humanidade no tempo, em que nasceu o Messias, n'elle descubro a imagem da situação deploravel, em que eu mesmo me achava na epoca de minha vida, de que me resta fallar. A prova, que havia durado quatro mil annos para o mundo, havia sido resumida para mim ao curto espaço de perto de 40 annos, e havia percorrido quasi todas as fases mais essenciaes d'esta triste experiencia. Tinha esgotado successivamente e em ponto pequeno todas as illusoens, idêas vans, alegrias loucas, em busca das quaes se haviam obstinado os povos, anteriores a Jesus Christo, e agora tudo quanto a intelligencia do homem, entregue a si mesma, póde descobrir á força d'investigaçoens; tudo o que o seu coração póde saborear de gozos naturaes; tudo o que os filosofos teem devaneado; tudo o que teem celebrado os poetas, todos esses idolos, outr'ora risonhos e adornados, estavam ahi estendidos a meus pés no pó, com os olhos embaciados e a fronte gelada, similhantes a outros tantos cadaveres, que exhalam cheiro de sepultura. Uma só coisa, que não podia definir, vivia ainda em mim: indizivel mistura d'anciedade dolorosa e de ardente sêde de Deus e de repouso em Deus, — sede d'um cumprimento sincero do dever, sede de justiça e de fé, de futura ventura e de morte pacifica no seio da reconciliação e da graça. Estas angustias e aspiraçoens ardentes, obrando de concerto em meu coração, laceravam-no com mil pontas agudas. O fructo havia chegado, nos ultimos annos, a uma perfeita madureza. As condiçoens, que deve possuir o homem natural, para ser regenerado em Jesus Christo, a custo poderiam achar-se mais completas; e com tudo a doctrina, a que eu trazia d'um lado, um coração tambem preparado pela tristeza e por impacientes desejos; do outro, um espirito tam favoravelmente disposto pelo sentimento profundo da impotencia das especulaçoens racionaes, — essa doctrina continuava a ficar para mim um enigma insoluvel! Porque motivo? Porque aquillo, que me era apresentado como revelação divina, não era senão uma doctrina alterada pela arbitrariedade, e essa mistura terrestre conservava a minha critica incessantemente álerta. Quer eu quizesse, quer não, não podia deixar de passar em revista as contradicçoens e a inconsequencia d'este elemento humano. Em uma palavra, era o lutheranismo, que se interpunha entre mim e o christianismo, e por isso que o lutheranismo se pertendia identico com a religião christan, era-me impossivel chegar á fé. O falso evangelho era-me pregado em logar do verdadeiro, e d'este modo, se Deus o não tivesse ordenado d'outra sorte em sua misericordia infinita, teria podido consumir-me e morrer na incredulidade, não que eu estivesse de má fé, mas porque a boa nova não me havia sido annunciada em sua verdade, e o caminho direito não me havia sido ensinado. Quizera que me fosse dado representar, debaixo de côres, assás vivas e assás sensiveis, essas agitaçoens e esse supplicio da alma, cuja violencia não fazia mais do que augmentar-se todos os dias. Para me servir d'uma imagem sensivel, assimilhava-me a um homem, que se vê arrastado sobre o declive d'um abysmo, não por uma carreira rapida, mas por um movimento lento e continuo, e que não descobre no termo senão o abysmo aberto, e inevitavel, no qual será em breve precipitado e despedaçado. Sabia, via claro como o dia, e todas as fibras da minha consciencia me gritavam sem cessar que, senão mudasse de caminho, não chegaria nunca a resolver o problema de minha existencia, e que devia terminar fatalmente em uma morte desesperada. Tinha attingido mais ou menos os fins, puramente naturaes, pelos quaes o homem suspira no enthusiasmo e louco ardor da mocidade, e que tam facilmente lhe occultam a verdade, de que toda a coisa finita é van e fragil, ou que, pelo menos o impedem de se compenetrar d'ella. Porem cada vez reconhecia melhor então o nada d'estes objectos, ou antes começavam a tornar-se-me um tormento insupportavel. Quantas vezes me não aconteceu então pensar que teria sido melhor para mim não ter mulher,

filhos, parentes e amigos ou coisa, que me ligasse o coração, á fim de poder, livre d'estes caros laços e dominado por um só sentimento d'horror e odio contra os ferozes inimigos da ordem, precipitar-me em frente da primeira barricada e procurar o fim de meus soffrimentos no meio do encarniçamento apaixonado da luta.

O que aggravava ainda mais esta situação terrivel, era o sentimento da decadencia moral, a que eu succumbia cada vez mais. Era forçado a reconhecer que a minha vontade perdia pouco a pouco a sua energia e vivacidade. Esta observação pesava-me na consciencia como um pesadello, e a desesperação apoderava-se de mim, ao pensar que em breve, talvez, não poderia já cumprir nenhuma de minhas boas resoluçoens.

Por outro lado, o tempo era mui proprio para dissipar certas illusoens, em que, na falta da verdade immutavel, se acha ainda um fraco apoio. A opinião publica exerce na maior parte dos homens uma mui grande influencia relativamente ao seu proceder e modo de pensar. Ainda quando não reconhecem já a auctoridade de Deus, submettem-se comtudo á da opinião, e, com medo d'incitarem esta contra si, procuram conformar as suas acçoens com os seus juizos. Quanto a mim não posso dizer, que tivesse nunca muito respeito ao vulgo, e esse freio moral, no que concerne ao temor de ser mal julgado, falhou-me completamente. Ainda mais, levava tam longe o orgulho a respeito da multidão, que a chocava ás vezes de proposito deliberado, e que me não dava nunca o trabalho de lhe occultar nenhuma de minhas faltas. Em compensação honrava sinceramente os homens, que julgava melhores, e d'um caracter mais elevado do que eu, e estes eram ha annos mui numerosos. Fazia e omittia, em attenção a elles, muitas coisas, que não teria feito, e de que me não teria abstido de meu proprio motu; e este culto, tributado á virtude, foi sempre para mim um apoio, com quanto mui insufficiente. Mas com o tempo, o numero d'aquelles, por quem experimentava essa veneração singular diminuiu sensivelmente, e, quando a revolução de 1848 veiu a rebentar, quasi nenhum d'aquelles deuses terrestres salvou o seu credito, a meus olhos, pelo cumprimento dos mais simples deveres da honra e do direito. Fizeram quasi todos uma bancarota moral, tam vergonhosa, violaram tam covardemente todas as leis da justiça, da fidelidade, e da lealdade cavalleirosa, de que tinha olhado até então a observancia como um dever rigoroso e sagrado, que perdi em mui grande parte o mobil em questão, essa admiração respeitosa, que nos leva a imitar aquelles, que a nobreza de seu caracter e a elevação de seus sentimentos collocam muito acima de nós.

Tive n'essa epoca mais uma decepção. Se até então não havia conseguido abraçar pela fé a ordem sobrenatural, revelada por Jesus Christo, havia-me ligado com tanto mais ardor e inflexivel energia ao direito humano, tal como o achava estabelecido em Allemanha e em outros paizes. Verdade é que muitas vezes havia errado a respeito dos principios, que lhe servem de base; mas em summa, defendia-o com convicçoens sinceras e apaixonadas. Só lentamente e por graus havia sido iniciado na historia da organisação do direito publico, e quanto mais avançava n'esse reconhecimento historico, tanto mais as noçoens, que adquiria, me pareciam d'uma necessidade absoluta, e se identificavam com todo o complexo do meu caracter. E' essa uma das estranhas contradicçoens, de que tantos exemplos se encontram nos homens, que ainda não estam de posse da verdade religiosa. Se me houvessem perguntado, porque motivo olhava o direito como uma coisa sagrada, como coisa intrinsecamente obrigatoria, eu, que nem acreditava na revelação divina, nem na das auctoridades, maiorias ou outros poderes legislativos, teria bastante difficuldade em lhe achar uma resposta satisfactoria. E no entanto succedia assim. O direito, ou o que tal me parecia, tinha a meus olhos uma auctoridade suprema e inviolavel, e não comprehendia que se lhe podesse jámais contravir na vida publica, ou hesitar em se sacrificar por todas as consequencias, que d'elle derivam. Sabia de resto que este direito é defeituoso, e que, em muitos pontos, tem sido arbitrariamente alterado. Sabia tambem que a consciencia do direito se tem extinguido completamente na maior parte do povo allemão; porem persistia em acreditar que, pelo menos certos principios fundamentaes, em que repousa toda a ordem social, assim como a possibilidade d'uma liberdade legitima, haviam conservado, aqui e acolá, nas populaçoens alguma coisa de seu antigo imperio. A revolução de 1848 veiu ainda arrancar-me essa illusão, e derribar ess'outra columna sagrada, sobre a qual me havia apoiado.

Tornei-me pois cada vez mais perplexo, e a maldição da vida pesou sobre mim com todo seu peso. Não achava ainda alivio na oração; porque, como orar, quando se sente constantemente mergulhado na mais profunda miseria, e se é estranho á fé revelada? A luta encarniçada contra a revolução, a troca d'idéas com os homens de partido e com um pequeno numero d'espiritos, guiados pelo mesmos principios, davam-me, verdade seja, alguns momentos de distracção ou me lançavam em uma especie d'agitação febril. Porem a minh'alma tinha, pelo contrario, necessidade de se recolher e de se apasiguar. De mais d'isso, uma vez tornado a mim e a meus amargos pesares, cada vez arrastava mais penosamente o pesado fardo de meu infortunio.

Torturado pela consciencia d'este abatimento moral, recorri a toda a especie de planos, e até concebi por algum tempo a idéa d'emigrar para a America. Esperava escapar assim a todas as occasioens de peccado; esperava encontrar longe dos requintes d'uma civilisação declinante e no simples trabalho da cultura do solo, mais socego e opportunidade para me occupar de Deus e para adquirir a fé. Julgava tambem que, n'este genero de vida aproximado da natureza, poderia dar a meus filhos uma vontade mais pura e mais firme, um senso mais recto e mais religioso. Uma atmosfera, moralmente mais san, far-me-hia perceber depressa, dizia comigo mesmo, o divino sol da graça. Para um homem, que, não obstante suas aspiraçoens para Deus, estava ainda profundamente implicado na comprehensão natural do mundo e da alma humana, este recurso extremo podia mui bem parecer o mais conveniente e opportuno. No entretanto devo dar eternas acçoens de graças á Providencia de me vêr obrigado a abandonar este projecto. Deus sabe melhor do que nós, o que nos é necessario. Em quanto eu queria ir procurar a verdade alem dos mares, Jesus Christo e a sua Egreja residiam mui perto de mim; e quem sabe se eu teria tido a ventura de os encontrar, se me não teria desvairado para sempre em vans chimeras, suppondo que minhas vistas limitadas tivessem sido realisadas?

Ao passo que esta desolação interior, de que não assignalei aqui senão um pequeno numero de symptomas, chegava ao seu auge, começava eu a entrar, sem dar porisso no caminho, que me devia tirar das complicaçoens desgraçadas, em que estava abismada a minha vida. Como já o disse, não tinha entendido até então, sob o nome de christianismo, senão a religião protestante, e segundo as preoccupaçoens irreflectidas, mas fixas de minha mocidade, considerei o dogma catholico como um systema religioso, que bastava só a

noção de christianismo para o refutar. Sem conhecer de modo algum a Egreja romana, tinha, como todo o protestante, minha opinião anticipada á seu respeito. Com tudo a minha participação incessante nos negocios publicos d'Allemanha havia-me obrigado, nos ultimos annos, a levar os olhos ao phenomeno exterior d'esta Egreja, á sua acção manifesta e á attitude que ella tomava a respeito de todas as questoens moraes e politicas, de que a nossa epoca procura ardentemente a solução. Sem que possa precisar o momento, em que senti augmentar o meu respeito e a minha estima por ella, começou comtudo o seu pensamento a intervir cada vez mais em minhas observaçoens sobre o tempo, e aprendi então, quer em conversaçoens, quer em obras polemicas, e, a dizer a verdade, sem estudo, muitas coisas, que ignorava relativamente á suas doctrinas e ás divergencias, que a separam do protestantismo. E com quanto estas exposiçoens fossem pela maior parte protestantes, e por conseguinte hostis, pareciame sempre á primeira vista, e independentemente de todo o exame profundo, que os catholicos tinham razão em todos os pontos. Como não admittia o facto essencial, de que partiam egualmente de ambos os lados, isto é a revelação, não pertencia naturalmente a nenhum dos dois chuposa. Mas tanto como um incredulo podia collocar-se com imparcialidade no ponto de vista d'uma religião revelada, achava que os catholicos tinham por si a verdade, e que os protestantes se enganavam em todas as questoens, a que se ligava importancia d'uma e outra parte.

Leon de Berry.

CONFERENCIAS MORAES.

Já os nossos leitores viram no numero precedente deste Semanario a pastoral do reverendissimo governador do bispado de Bragança, que n'elle inserimos de muito bom grado, por isso que contém mui proficuas disposiçoens disciplinares para aquella Diocese, e revela ao mesmo tempo o espirito de zelo, verdadeiramente apostolico, de que está animado o seu auctor.

Pondo de parte todas as excellentes medidas, ahi adoptadas, algumas das quaes podem por ventura ser desnecessarias em outros bispados, fallaremos somente das conferencias moraes, cuja observancia com tanta rasão particularmente se recommenda na referida pastoral.

Em poucos bispados nossos as vemos desgraçadamente em uso não obstante sua reconhecida utilidade; e n'aquelles mesmo, onde por fortuna se introduziram, teem perdido muito d'aquella regularidade indispensavel para o conseguimento do seu fim.

Não é porém só a utilidade, que as torna recommendaveis; mas, no nosso estado actual d'educação do clero, ha d'ellas necessidade absoluta.

E ainda que esta necessidade não seja extensiva senão a mui diminuta porção do nosso clero, e com especialidade ao ordenado nos ultimos annos, nem por isso deverá ser tida em menor conta.

Expressando-nos assim, referimo-nos á época actual, em que brilha ainda um clarão da passada, mais feliz que a nossa; porem se aguardarmos o futuro estacionarios como ao presente, teremos de ser victimas de ingentes e inevitaveis males.

Neste estado, em que ainda não estamos de todo á beira do abysmo, é que convém irmos lançando as vistas a esse futuro, bonançoso pela esperança, e tremendo seguindo esta deploravel marcha religiosa e social.

Para isto devemos começar desde já a empregar todos os meios ao nosso alcance para amover dos ministros do Deus vivo o mais leve defeito, que os possa macular; por isso que em attenção ao seu ministerio sancto e puro pequenas manchas bastam para o deslustrar.

Exforcemo-nos pelo melhoramento e perfeição desta classe, credora por todos os titulos dos nossos respeitos, e de que depende até mesmo grande parte da nossa felicidade temporal.

E' um facto constante que, o clero instruido e verdadeiramente penetrado do conhecimento dos proprios deveres, tem diminuido consideravelmente entre nós á medida que o antigo vae sendo substituido pelo novo (com as competentes excepçoens); por isso que este não tem, como aquelle, proporçoens para poder ser habilitado pela sciencia convenientemente.

Todos sabem que com a extincção dos conventos, em cuja medida injusta foram tambem comtemplados, em grande parte, os seminarios, ficamos em a impossibilidade de podermos dar regular educação ao nosso clero; e que os prelados das diversas dioceses teem sido por isso forçados a conferir as sagradas ordens a individuos menos aptos, quanto a instrucção, para esse mister.

Mas era uma necessidade urgente faze-lo assim em attenção á carencia de quem satisfizesse aos encargos sacerdotaes.

Em virtude, pois, da pouca instrucção d'esse clero, que se não podia exigir, por aquelle motivo, em toda a sua plenitude no acto da ordenação, alguns prelados a exemplo dos d'outras naçoens catholicas, prescreveram a seus subordinados as frequentes conferencias moraes, que habilitavam, com o conhecimento dos proprios deveres, os menos instruidos, e serviam d'estimulo aos sabios para exercitarem seus conhecimentos e talento, em beneficio proprio e mais ainda de sua respeitavel classe. Nellas deviam os sacerdotes de cada circulo occupar-se com objectos relativos aos costumes.

As immensas vantagens, que deste systema resultam á instrucção do clero, se bem que limitada á moral, como mais vasta, sam a todos tam patentes, que ninguem ousaria contesta-las.

E' nas conferencias onde os casos de consciencia, mais escuros e melindrosos, que sam tam frequentes no confessionario, se decidem, reunindo-se para isso em um só ponto os conhecimentos de todos, que collectivos valem mais do que os individuaes, ainda quando vastos.

Esta marcha tem sido sempre seguida pelo catholicismo, começando logo desde o seu estabelecimento, sendo inculcada e proposta com o exemplo pelos proprios apostolos por mais d'uma vez na Judea antes de sua dispersão, já na eleição d'um novo apostolo para o logar do traidor, já na decisão d'uma questão, que inquietava a Egreja nascente.

E' porque o catholicismo comprehendia bem o espirito da verdadeira civilisação, que elle vinha trazer ao mundo, e os seus Apostolos a necessidade das futuras reunioens.

Este exemplo foi depois seguido em todas as épocas, sendo aos milhares os concilios provinciaes, nacionaes e diocesanos, que sam uma prova viva da sua utilidade.

As conferencias, que no seu tanto arremedam e se assimilham áquellas respeitaveis reunioens do corpo sacerdotal, estimulam os ecclesiasticos ao estudo, de que todo e qualquer homem carece, porque sem elle ninguem póde obter, nem ainda aquella perfeição, que ao homem é dada.

E' por ellas que se enlaçam mais os vinculos da caridade, paz, e unidade que sustentam o edificio da Egreja.

E' por ellas que os prelados de cada diocese conhecem o estado, em que se acha o seu clero, por isso que devem ter conhecimento do resultado das conferencias moraes, para que sempre sigam o seu andamento regular.

N'uma palavra obteem-se por ellas todos aquelles bons resultados, que todos reconhecem nas associaçoens com preferencia aos trabalhos individuaes, que isolados pouco avançariam.

Muito desejariamos, pois, que em todas as Dioceses onde este tam louvavel e interessante costume não está ainda em vigor, fosse elle generalisado, e que nas outras, em que já se estabeleceu, fosse observado com a regularidade necessaria.

Deste modo obviariamos ainda um pouco aos males que nos causou a extincção das ordens religiosas e seminarios destinados á educação do clero, cuja necessidade, reconhecida por uma triste e prolongada experiencia, se procura agora satisfazer, depois de soffridas em boa parte todas as consequencias.

E' este o unico meio, que póde ser geralmente applicado a todo o clero, e que póde esparzir e disseminar a instrucção aos membros menos doutos da respeitavel classe sacerdotal, para que estes bem instruidos possam ajudar a educar, ao menos com o exemplo, a esse clero nascente, que um dia os substituirá; e para que os povos comecem desde já a sentir os beneficos effeitos da instrucção e civilisação, que só originada da religião, tambem sómente póde ser communicada com todo o proveito pelos seus ministros.

Outro meio de chegarmos a este fim, ainda vagarosamente, não o conhecemos em quanto não forem restaurados em este nosso malfadado Portugal os seminarios e as ordens religiosas, visto ser impossivel que todos cursem a universidade.

Lopes.

Cantico contra a Soberba.

1.ª PARTE.

P'ra louvar teu nome sancto
Exaltar os teus louvores
Da natureza o encanto
Resurge em novos primores.

Egualmente p'ra o louvor
Dar á tua omnipotencia,
Grande Deus, a natureza
Resurge em diva excellencia.

Não se esquece primorosa,
No constante seu empenho,
De mostrar das obras tuas
Da bondade o seu desenho.

Proseguindo magestosa
P'ra louvar teu nome sancto,
Se exalta nos teus louvores
Da natureza o encanto.

Quer amparo dê á vida,
Quer promova a propria morte,
Te é sujeita a natureza
Quer já d'uma, d'outra sorte.

E cumprindo obediente
Tuas leis, the nos horrores,
Com que espanta o orbe inteiro,
Te rende proprios louvores.

Se o electrico elemento
Lá começa a dardejar,
Terriveis os raios seus
E' p'ra teu nome louvar.

Se no aspecto tenebroso
Surge horrenda tempestade,
E' para dar-te assim louvor
A' immensa potestade.

Dos anthros do fundo abysmo
Se resurge igneo vulcão,
E' p'ra assim mais te louvar
Teu imperio, e diva acção.

A final the mesmo a dura,
A terrivel atra morte,
P'ra louvar-te, alta Justiça,
Se appressa no asp'ro corte.

Em mysterios seus fazendo
Separar, no acerbo custo,
Dos bons, e dos maos a sorte,
P'ra louvar teu nome justo.

E se olhamos ao inverso
Magestosa natureza,
Que louvor te não dá ella,
Quando assoma com belleza?

As noites d'azul brilhante,
Amostrando o excelso ceu,
Te louvam com mudas frases
Do amor o poder teu.

E quando o rei contra as trevas
Resurge com aurea luz,
Não vemos que p'ra louvar-te
Em firmes raios translux?

Desde o mais mesquinho verme
The o maior animal,
Das tuas obras louvor
Se expende em mago signal.

The na vida, the na morte,
Já mesmo na corrupção
A incorrupta *tua dextra*
Te louva na diva acção.

Emfim, toda está sujeita
A ti no proprio louvor,
Quer terrivel, quer amena
Natureza em seu vigor.

ANNO CHRISTAO.

DEZEMBRO.

9. *Quinta feira.* S. Leocadia, de Toledo na Hispanha, foi, no tempo da perseguição de Diocleciano, presa por ordem do prefeito Daciano; e quando na masmorra ouviu referir os tormentos, que precederam o martyrio de sancta Eulalia e companheiras, poz-se de joelhos em oração a Deus, de certo pedindo-lhe constancia para poder alcançar egual gloria, e quando assim estava enlevada no ceu, achou-se lá na realidade, permittindo Deus que por uma morte suave fosse receber a palma do martyrio aquella, que já a merecia pelas passadas torturas.

10. *Sexta feira.* Trasladação da sancta casa do Loreto. A uma legua de Recanate, na estrada de Ancona, está collocada esta casinha, que, por uma tradição tam authentica, que só podera ser negada por aquelles, que negam todo o milagre, se crê fora onde nossa Senhora nascera em Nasareth, e onde recebeu a saudação do archanjo, e concebeu o redemptor. A mesma tradição diz, que fôra primeiramente trazida pelos anjos para Dalmacia, e no anno de 1294 ainda elles a transportaram para o eido de uma mulher chamada Laureta, na mesma commarca de Recanate onde hoje se acha; porem ainda d'alli se mudou para a herdade de dous irmãos, que começaram a desavir-se por conta da repartição das esmolas, que se ajuntavam, e então a sancta casa foi ultimamente milagrosamente transportada para o logar, onde deixamos dito que ella está. O nosso grande Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando de Roma voltava a Trento a visitou com grande veneração, e em sua *Vida* [L. II. cap. 29.] vem d'ella uma minuciosa descripção.

11. *Sabbado.* S. Damazo. A villa de Guimaraens se gloria com rasão de ser o berço d'este illustre successor de S. Pedro. A uma piedade extraordinaria ajunctou a erudição variada e um zelo activo em acudir com adequado remedio a todos os males da Egreja. Convocando o concilio constantinopolitano, extinguiu, condemnando-a, a heresia de Eunomio e de Macedonio. Edificou as basilicas de S. Lourenço no theatro de Pompeu, e outra na via Ardeatina. Tambem dedicou a basilica chamada Platonia, onde haviam estado os corpos de S. Pedro e S. Paulo, e compoz elegantes verses, com que a decorou. Sobre a excellencia da virgindade escreveu versos muito elegantes, assim como sobre varios outros assumptos. Havendo governado tam sabiamente a Egreja pelo tempo de dezessete annos morreu no de 384.

12. *Domingo.* S. Justino de Treveris, sendo accusado como christão no tempo da perseguição de Diocleciano, foi mandado prender pelo presidente Rectiovaro, o qual, vendo frustados todos os meios, que empregou para faze-lo apostatar, lhe deu sentença de morte.

13. *Segunda feira.* S. Luzia, natural de Syracusa, depois de acompanhar sua mãe a Catana em romaria a sancta Ignez, e de impetrar por suas oraçoens a esta sancta a saude, de que a mesma sua mãe carecia, aproveitou esta occasião de lhe pedir para que consentisse em distribuir-se pelos pobres o dote, que houvesse de lhe dar. Assim se fez; e então um antes ambicioso do que amoroso mancebo, a quem, contra vontade de Luzia seus paes a haviam promettido em casamento, se enfureceu, e a foi accusar como christan ao presidente Paschasio, o qual, depois de a fazer passar por todos os tormentos, mesmo aquelle de a querer expôr em um lupanar a ser violada por algum brutal luxurioso, a mandou matar passando-lhe o algoz a garganta com a ponta de uma espada.

14. *Terça feira.* S. Agnello, abbade de um mosteiro da Campania, era de todos reconhecido como um anjo penitente, e suas oraçoens davam a esperança aquelles, que em casos extremos a ellê recorriam. Estando cercada pelos inimigos a cidade de Napoles, e quando pouca esperança havia de que ella deixasse de ser invadida, elle fez o signal da cruz, e logo os inimigos, com assombro e jubilo dos napolitanos, retiraram.

15. *Quarta feira.* S. Eusebio, bispo de Vercellis, foi um strenuo defensor da fé contra os sophismas dos Arianos, que não descançaram até que obtivessem, por suas intrigas, do imperador Constancio ordem de degredo. Deportado pois para Scythopolis, e entregue nas mãos de seus intolerantes inimigos, soffreu as maiores privaçoens e barbaros tractos; porem sobreviveu a tudo isto, e depois da morte de Constancio foi reintegrado em sua sé, onde morreu de doença. A Egreja com razão o conta, assim mesmo em o numero de seus martyres, e venera os seus escriptos como um rico thesouro.

16. *Quinta feira.* As Virgens d'Africa. Na perseguição dos Wandalos foram na Africa immoladas muitas virgens christans, cujos nomes não chegaram até nós; porem cujo martyrio foi tam heroico e glorioso, como cruels e variadas foram as torturas que o precederam: umas vezes a suspendiam e penduravam, outras vezes as carregavam de enormes pezos, outras finalmente lhes davam por encosto laminas em braza! Em tudo isto ellas bem diziam o Senhor, fazendo desesperar os barbaros com sua resignação.

17. *Sexta feira.* S. Lazaro, irmão de Martha e Maria Magdalena, havendo sido ressuscitado por Jesus Christo, foi, depois da Ascenção d'elle e vinda do Espirito Sancto, eleito bispo de Massilia na Gallia. Pregando o evangelho sem medo á morte, e ganhando assim muitas ovelhas para o aprisco do supremo pastor, foi chamado á bemaventurança.

18. *Sabbado.* Nossa Senhora do O. E' assim chamada esta festividade, porque n'este dia, oito antes do Natal, começa a Egreja a cantar uma d'essas antiphonas, que principiam por esta particula de vocativo, e que sam significativas de alegria e desejo, de que se realise o nascimento do Messias. Chama-se tambem a festa da Expectação do parto de Nossa Senhora, em rasão de avisinhar-se o feliz dia, em que ella havia de dar á luz o Desejado e Esperado dos patriarchas. Determinando o decimo concilio de Terento no anno de 1636 que a festa da Annunciação de Nossa Senhora e da Incarnação do Verbo Divino fosse celebrada oito dias antes do Natal, S. Ildefonso confirmou depois este decreto, e foi elle quem deu a esta festividade o sobredito titulo da *Expectação.*

CHRONICA RELIGIOSA.

AMERICA. — NOVA GRANADA. — O governo espoliador da republica desterrou Monsenhor Mosquera, arcebispo de Bogota, por sustentar as prerogativas da Egreja. Apoderou-se-lhe tambem do seminario, em que havia gastado 72 contos de sua algibeira, e expulsou os seminaristas em nome da liberdade.

O arcebispo embarcou para Newyorck, onde chegou em 2 d'outubro, tendo o desgosto de lhe morrer no trajecto o seu capellão, companheiro voluntario do seu exilio. Não aceitou a hospedagem do arcebispo de Newyorck; porque foi viver em companhia do general Mosquera, seu irmão, que fora presidente muitos annos, e que o precedera no exilio. Foi elle que chamou os Jesuitas a Nova Granada, para serem expulsos com elle, e deixou seu illustre irmão a braços com os impios demagogos, que finalmente o expulsaram da patria, que illustravam por sua virtude e nascimento. Sam oriundos d'Hispanha, e pertencem a um ramo segundo dos duques de Medina Cœli.

Os catholicos de Newyork teem tratado com as maiores attençoens e com a mais profunda veneração o arcebispo, que como Fransonio e Marilley é um digno confessor da fé. Preparam-se para lhe dar uma manifestação solemne, que lhe testemunhe a sua alta consideração, e estigmatise os actos vandalicos do governo de Bogota.

— Monsenhor Torres, bispo de Carthagena, foi processado pelo governo, á maneira do arcebispo de Bogota, por defender as prerogativas da egreja contra as socialistas do governo demagogico. Querendo prende-lo, offereceu-se quanto havia de notavel na cidade de Carthagena para ser seu fiador. Ficou livre, porem foi condemnado a desterro, e embarcou para França.

D'este paiz sahiram em maior abundancia as sementes irreligiosas, que envenenaram o mundo. E' hoje o foco mais activo do catholicismo e onde mais decididamente se protege a religião, que professamos.

CHILI. — *Missoens.* — Chegaram a Rochefort 6 missionarios capuchinhos, que vam partir para o Rio de Janeiro na corveta *Constantine*, e dali para o Chili.

CAYENNA. — Os socialistas aqui deportados teem recebido grandes beneficios das associaçoens catholicas. Em cartas que escrevem para a Europa, confessam-se mui gratos aos religiosos e religiosas pela caridade, com que os teem tractado, e pelas consolaçoens, que lhes teem levado em sua disgraça. Por sua intervenção sam mais bem tratados pelas auctoridades, e nutrem esperanças de voltar á patria curados das pestiferas ideas, que lhes inoculou uma detestavel filosofia.

ASIA. — INDIA. — Um jornal protestante e inglez, que se imprime em Penaug, louva o missionario catholico francez P. Bigandet, por haver fundado alli uma instituição para educação de meninas, debaixo da direcção das freiras de S. Mauro, e outra para educação de meninos, sob a direcção dos frades da doctrina christan. Quando os prostestantes reconhecem a vantagem da educação religiosa, não estam

longe da communhão catholica: os nossos *sabichoens* pensam, porem, d'outra maneira; o motivo lá o sabem elles. Fiquem, no entanto, certos que tambem havemos de tornar a participar das vantagens, de que as suas revoluçoens anti-religiosas e anti-sociaes nos privaram.

— O bispo catholico de Bombaim o Dr. Hartmann, de balde se tem cansado em reclamar dos tribunaes protestantes a administração dos legados de caridade. Nos tribunaes protestantes não ha justiça para os catholicos, e insultam agora os toscanos como já insultaram os portuguezes, porque não recebem de joelhos os insultos britanicos.

Tong-King. — Le-se em uma carta escripta por um dos missionarios, que evangelizam o Tong-King: — 11 de Maio de 1852. — « Quanto a mim, vivo á mercê da Providencia. Em summa, não tenho nada, e a minha cabeça está sob a espada, que a pode fazer cahir d'hoje para a manhan. O P. Schæffler foi decapitado no 1.º de maio do anno passado. Ha 11 dias, tambem no 1.º de maio succedeu o mesmo ao P. Bonnard. Eram meus confrades. Ainda somos 8 vagueando errantes por onde podemos, e esperando que sôe a hora. De resto é formosa essa hora dos martyres. E' bello, pelo nome de Jesus, ajoelhar diante dos verdugos e perdoar-lhes! E' bello morrer pelo Evangelho e assigna-lo com o seu sangue! E' bello caminhar apoz dos sanctos apostolos e dos sanctos martyres, que fizeram tudo por Deus e pelo mundo; que levaram em sua morte os restos dos idolos, e que lavaram em seu sangue as manchas de tantas impurezas abominaveis!. E' bello finalmente subir aos ceus e encontrar n'elles a gloria eterna. Se pois eu chegar tambem, com quanto bem indigno d'uma tam grande graça, a cahir na arena, que se ensanguenta todos os annos com o nosso sangue francez e apostolico, vós não deveis chorar, devereis regozijar-vos. — F. M. Le Grand.

AMERICA. — Canadá — *Nova Escossia.* — Extracto d'uma correspondencia d'Halifax de 2 de setembro. « Houve n'esta cidade, durante as 3 ultimas semanas, um movimento inteiramente catholico e ceremonias importantes. Quinze sacerdotes, 3 bispos e 2 arcebispos, que estiveram aqui alguns dias, tomáram todos parte nos exercios religiosos. Nas escolas das damas do sagrado coração e das irmans da caridade, houve exercicios academicos, que foram mui honrosos para estas instituiçoens, e aos quaes assistiram protestantes de diversas denominaçoens. Mais d'uma duzia de jovens donzellas protestantes frequentam estas escolas.

» A magestosa ceremonia da consagração do bispo de Nova Brunswick foi feita domingo 15 d'Agosto, festa da Assumpção. Monsenhor Connolly, novo bispo, irlandez de nascimento e membro da ordem dos capuchinhos, frequentou os estudos nos conventos da sua ordem em Roma e Lião, e foi ordenado presbytero na cathedral de S. João, da ultima cidade, no Pentecostes de 1837. Em 1842, acompanhou Monsenhor Walsh a Halifax, e trabalhou em a Nova Escossia os ultimos 10 annos com tanto exito como zelo. Ha annos que era vigario geral Halifax.

« Pelos talentos e aptidão particular que Monsenhor Connolly possue para as missoens americanas, promette grandes resultados a administração que vae tomar a importante diocese de Nova Brunswick. Tem a reputação de ser um pregador distincto e infatigavel, e falla com a mesma facilidade o francez e o inglez.

» O Prelado consagrador era Monsenhor Walsh, arcebispo de Halifax, assistido de Monsenhor Macdonald, bispo de Charlotte-Town, na ilha do Principe Eduardo, e de Monsenhor Mackinnon, bispo de Arichat.

« O illustre arcebispo de Newyork, Monsenhor Hughes, pronunciou n'esta occasião um magnifico sermão, que foi escutado com a mais viva attenção por um numeroso e respeitavel auditorio. Este sermão tinha por objecto a divina instituição, a unidade e as sublimes funcçoens do episcopado catholico. Alguns dias depois, o arcebispo de Nova York procedeu em Halifax, em presença d'immensa multidão, á dedicação da bella egreja nova de S. Patricio, que custou 120$ francos (21:600$), e na missa solemne que se seguiu, officiou o arcebispo d'Halifax de pontifical, e o novo bispo Monsenhor Connoly, fez um eloquente sermão sobre esta dedicatoria. Em a tarde do mesmo dia, prégou Monsenhor Hughes de novo na egreja metropolitana de Sancta Maria, aonde veiu ouvi-lo grande numero de protestantes.

» Verificou-se na mesma semana com grande pompa a procissão annual dos meninos catholicos, de que toma cuidado a sociedade do cathecismo. Mil e quinhentos meninos bem vestidos com grinaldas, ramalhetes, que se haviam reunido diante da casa archiepiscopal, percorreram processionalmente as principaes ruas da cidade, acompanhados do clero, levando innumeraveis bandeiras religiosas de toda a especie com devisas tiradas da Escriptura sagrada. Estes meninos embarcaram depois em barco de vapor, que havia sido afretado para aquelle fim, navegaram 4 a 5 milhas em a nossa formosa enseada, e desembarcaram em uma ilha mui pittoresca e frondosa, onde estava preparada uma deliciosa festa campestre pelos seus pios instituidores, que, ao passo que davam este divertimento aos meninos, queriam recompensa-los da sua assiduidade ao cathecismo no decurso do anno. Perto de 40$ de nossos concidadãos assistiam em diversas embarcaçoens a esta deliciosa festa catholica. Todos os prelados e o clero a honraram egualmente com a sua presença, indo e voltando no mesmo navio que os meninos, e jantando com os excellentes membros da associação, que aqui tem feito tanto bem em prol da instrucção religiosa da mocidade.

« N'estes mesmos dias tinha chegado ao posto d'Halifax, o vapor de guerra *Mississipi*, dos Estados Unidos, sob o commando do commodoro Perry, em consequencia das desintelligencias por causa das pessoas. O commodoro recebeu a bordo, com todas as honras usadas nos navios de guerra, os prelados e o clero catholico, e no dia seguinte ao da sua chegada, o commandante e 4 dos seus principaes officiaes (um dos quaes se converteu á fé catholica) jantaram com o arcebispo de *Halifax*, que os havia convidado com outras 30 pessoas, comprehendendo n'elles os bispos seus hospedes, e o arcebispo Hughes, amigo velho do bravo commodoro. Esta troca de politicas teve os melhores effeitos.

» Em Halifax sente-se muito a falta de Monsenhor Connolly. Domingo passado, festa da Degolação de S. João Baptista, cantou a primeira missa de pontifical, durante a qual prégou o arcebispo de Halifax. Os catholicos da cidade acabam de lhe apresentar uma felicitação mui lisongeira, com um bello serviço de prata, como testemunho de sua estima. Partiu hontem da nossa cidade para S. João (Nova Brunswick) a fim de começar os difficeis trabalhos do seu episcopado.

« Quando nos lembramos do que ha apenas 15 annos, não havia em Halifax senão um só missionario, o estado actual do catholicismo é verdadeiramente pasmoso. Nos seis mezes que acabam de decorrer, foram aqui sagrados dois bispos, e dentro de poucas semanas foram consagradas por Monsenhor Walsh não menos de 6 egrejas, não comprehendendo a de S. Patricio. »

DEZEMBRO 18. 1852.—N.° 51.

O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DA INFALLIBILIDADE DO PAPA.

IV.

Expobemos em seguida o celebre facto, que diz respeito ao papa Honorio, considerado como herege monotelita, mesmo pelo proprio Bossuet, que para sustentar a sua triste opinião de fallibilidade nos papas, não se envergonhou de aggregar-se, como Potter e outros taes, aos accusadores assim deste summo pontifice como de outros, especialmente o já mencionado Liberio, que alcunharam de ariano. Mas tal é o limite e a imperfeição dos espiritos, tidos mesmo pelos mais sublimes, que até no auge de sua elevação, por não desmentirem a fragilidade da natureza humana se deixam cahir, como deixou miseramente o referido Bossuet, em alguma de cujas obras se acha lançado o anathema do index expurgatorio dos livros prohibidos.

Apezar, pois, do voto de Possuet, e outros aliás respeitaveis gallicanos, diremos como disseram os contemporaneos e visinhos daquelles tempos, segundo as leis da sensata hermeneutica, os dous pontifices S. Martinho no concilio Lateranense, e S. Agatão na epistola a Constantino Pogonato, e como disse o martir S. Maximo na sua carta a Pedro — que nenhum dos pontifices anteriores, incluido Honorio, approvara já mais, ou deixara de combater a heresia monotelita.

E descendo mesmo á analise da carta daquelle accusado pontifice, dirigida a Sergio, corpo de delicto, em que os contrarios buscam a accusação, egualmente diremos com o seu proprio secretario o abbade João, allegado pelo acima commemorado S. Maximo na sua carta a Marino, com o papa João IV na carta ao imperador Constantino, e com a opinião de excellentes criticos antigos e modernos — que Honorio disse sim que reconhecia uma só vontade em Christo *ablato geminæ operationis vocabulo* (daqui talvez o equivoco), mas era quanto á humanidade, e não duas vontades contrarias (tal era a errada crença de Sergio) uma do espirito e outra da carne como nós temos depois do peccado — *cum Sergius scripsisset quod quidam duas voluntates in Christo contrarias dicerent, rescripsimus: Christum non duas voluntates contrarias habuisse, carnis inquam et spiritus, sicut nos habemus post peccatum, sed unam tantum, quæ naturaliter ejus humanitatem signabat.* (Abb. Joan. ut supr.). Quanto porem, ás duas operaçoens ou vontades divina e humana, sem duvida as reconhecia Honorio existentes unidamente na pessoa de Christo, como elle mesmo dizia na referida carta a Sergio — *inconfuse, indivise, atque inconvertibiliter propria operantes.*

Mais difficuldade pareceria encontrar-se na conducta dos padres do 6.° concilio geral, commemorada ainda no 7.° e no 8.°, condemnando a memoria do sancto pontifice Honorio pelo que tinha escripto a Sergio, não porque ahi se achasse qualquer erro, ou heresia, que elles como tal especificassem ou declarassem, mas porque em vez de procurar extinguir logo no principio com a sua apostolica auctoridade a heresia, deixou a tomar corpo, tendo-a, assim, por negligencia favorecido. Esta negligencia na prompta fulminação do erro deu motivo a tomar-se como approvação, e á sua sombra apparecia para maior apoio da heresia a famosa *Ectesi* ou exposição de fé do imperador Heraclio, que por fingida moderação e induzido por Sergio prohibia nomear tanto uma como duas vontades em Christo; o que pelos seus effeitos tornou ainda mais grave e mais reprovavel a negligencia de Honorio.

Assim o entenderam os proprios assistentes ao 6.° concilio geral, como o imperador Constantino Pagonato, que no seu edicto, em que publicava o anathema daquelle concilio contra os hereges monotelitas, nomeava Honorio, não como herege, mas sómente como, segundo e no sentido, que deixamos dito, fautor da heresia. E mais clara e competente-

mente S. Leão II, que confirmou as actas daquelle concilio, na sua carta aos bispos de Hispanha diz, como já fica indicado, fallando da condemnação de Honorio — *qui flammam hæretici dogmatis, non, ut decuit apostolicam auctoritatem, incipientem extinxit, sed negligendo confovit* — despresando favoreceu, não fulminando logo no principio quanto convinha.

Eis aqui pois a interpretação, que a isto deram as auctoridades e escriptores contemporaneos e proximos seguintes, cujo voto deve ter certamente mais pezo que o dos Bussuets e dos Potters, que viveram seculos depois. E assim concluiremos com as proprias expressoens de um sabio escriptor moderno — que não houve no papa Honorio algum declarado erro de entendimento, e muito menos heresia, mas sómente defeito de bem ponderada prudencia e de fraqueza da parte da vontade; o que o mais que mostra é que as grandes prerogativas sam encerradas em vasos de barro, e que o homem devendo reconhecer que só de Deus emana todo o seu bem, em ninguem mais que nelle só poderá com fundamento gloriar-se.

O modo como o sancto padre Gregorio VII se houve com o herege Berengario, que negava a real presença de Jesus Christo no sacramento do altar, é mais outro dos argumentos, com que os adversarios da infallibilidade dos successores de S. Pedro a querem combater.

Em um dos dous concilios, que, além de outros em diversas partes, se celebraram em Roma no tempo daquelle pontifice contra Berengario, propoz este a sua profissão de fé, muito vaga e ambigua, que não agradando ao concilio foi substituida por outra, dictada pelo proprio papa, subscrevendo-a Berengario, e confirmando-a com juramento de que não tornaria a seguir o erro. Então o sancto pontifice recebeu com benevolencia, qual bom pae de familia, o filho arrependido e recuperado, declarando-o por suas apostolicas letras catholico, e ordenando a todos os fieis o não incommodassem: voltado este, porém, á França retratou-se da abjuração de seus erros, feita em Roma, e tornou de novo a ensina-los, accrescentando perfidamente ter em favor de sua doctrina o voto assim do pontifice como do concilio romano: mentira que depois tambem foi repettida pelos poucos bispos, que juntamente com o cardeal scismatico Bennone se juntaram em Brescia por ordem do imperador Henrique 4.º, para cohonestar por este modo a deposição, que elle ordenava, do legitimo papa, e a elevação do antipapa Guiberto.

— Ora se Moshem (com todos os da sua errada opinião) tivesse, diz o supracitado escriptor, mesmo ligeiramente reflectido que fôra sempre o costume dos hereges servir-se do nome e da auctoridade dos mesmos, que os deviam proscrever e condemnar para melhor poderem impôr e fazer acreditar suas falsas doctrinas; e tivesse lido a formula de fé, que o sancto pontifice dictára a Berengario, e este subscreveu em presença do concilio romano, não avançaria « querendo passar por escriptor probo e de verdade » a falsa e indecorosa asserção de que Gregorio VII fôra fautor do herege Berengario, e que partilhára seus erros.

Theodoro Monteiro Guedes Mourão.

II

OS MILAGRES.

A religião toda sancta, e miraculosa é o complemento das grandes obras do Creador. Ao pronunciar uma tal palavra, que prodigios se não appresentam a nosso espirito? A natureza inteira, silencioza e attenta parece estar á lerta para executar as ordens d'aquelle, que fallando aos homens no Sinai, lhes intima a sua lei. Já os trovoens retinem; os raios abrazam o monte, e Moisés sobresahe no meio d'isto com um magestoso esplendor, precedido, e seguido de milagres, como o enviado do Eterno.

Os rochedos tornam-se em fontes d'aguas puras; um maná delicioso cahe do ceu, como o orvalho, e serve de sustento ao povo d'Israel: uma columna de fogo lhe serve de luz durante os horrores da noite: as aguas do mar vermelho se dividem para dar uma livre passagem aos Hebreus, e só se reunem para engulir o impio Pharaó, e seu terrivel e audaz exercito.

Todos os dias da antiga lei sam assignalados por algum facto admiravel. Umas vezes pára o Sol á voz de Jozué: outras cahe a soberba Jericó ao estampido das trombetas.

E'nos impossivel represensar aqui com aquella eloquencia energica, e sublime, que exige a qualidade do assumpto, a terra aberta para devorar Coré, Dathan, e Abiron; a morte derrubando os reis, inimigos de Deus, como o fogo consomme a palha: exercitos inteiros exterminados pelo anjo do Senhor: prophetas armados do dom da palavra, mil vezes mais forte, que o impulso das lanças e dos dardos; em fim aquelle numero de milagres, que durante seculos inteiros, e á vista d'uma innumeravel multidão de pessoas de todos os sexos, de todas as edades, e de todas as condiçoens, espalha a consolação, e o espanto; excita o reconhecimento, e o terror; e depõe evidentemente a misericordia, e justiça da Providencia.

Porem, todos estes prodigios, que acabamos de referir, não sam mais que a aurora do grande dia, que o Senhor vae fazer apparecer. Povos, abri os vossos olhos, e vede as maravilhas, que se operam por vossa salvação. Os ceus se abrem! Deus humaniza-se para regenerar o universo: exercitos d'anjos brilham no ar, e n'um cantico, inspirado pelo Espirito Sancto, annunciam a obra innefavel da nossa redempção, dizendo: *Gloria in excelsis Deo; et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.* A terra recebe o maior dos bens: os Magos vam a Belem reconhecer seu Senhor, adoram-o: a Judea treme, a Synagoga se põe em alarma; e Jesus Christo triunfa.

Que pincel poderia debuxar os successos tam ex-

traordinarios, que constituem a historia do Messias? Seu nascimento, sua vida, sua morte sam outros tantos prodigios superiores a toda a idêa, e a toda a expressão. Acha-se tal conformidade entre as suas obras, e as prophecias, que a mais obstinada incredulidade nada póde oppor de razoavel, e concludente.

Descobre-se em sua pessoa virtudes tam superiores ás dos mortaes, que o mesmo rei dos judeus é muitas vezes forçado a immudecer e admirar-se. Os palacios de Jerusalem, as margens de Teberiades, as estradas da Palestina sam testemunhas das suas maravilhas. Aqui dá vista a cegos; alli faz andar côxos; umas vezes multiplica cinco paens, que dam de comer a cinco mil homens; outras vezes com uma só palavra derriba seus adversarios, e ressuscita mortos, que sahindo da sepultura vam render homenagem á sua Divindade.

Seu poder se estende a tudo, o que existe e respira: os elementos lhe obedecem: os demonios tremem á sua prezença, e a natureza o reconhece por seu dominador.

Fallando, elle leva a paz ao intimo dos coraçoens, e a sabedoria ao dos espiritos. A plenitude da graça está em suas mãos, e a distribue a seu grado: os peccadores se convertem; os Phariseos se confundem; e os Sadduceus sam condemnados.

Onde poderemos agora incontrar phrases para descrever os prodigios occorridos na morte do Salvador? Como nos será possivel recopilar no pequeno espaço d'um artigo os acontecimentos, que teem enchido tantos volumes.

Ao ser a verdade condemnada, e exposta ignominiosamente n'uma cruz os tumulos se abrem; o sol se eclipsa; e o universo se consterna: apenas porem cessam estes milagres, o Senhor revolve a pedra do sepulchro, espanta os guardas, que o cercam e sahe victorioso do seio da mesma morte. Seus discipulos o tornam a ver, e sua palavra, que abraza os coraçoens, os transporta ás extremidades do orbe, tornando-os superiores ao furor cego dos tyranos. Os idolos se quebram; o polyteismo desapparece; os lobos tornam-se cordeiros; uma nova, e sancta geração nasce, e floresce no gremio da Egreja catholica, que não teme as revoluçoens, nem as tempestades, e de que provem uma abundancia de bençãos, que jamais se esgotará. Os sacramentos communicam a graça, que fechando as portas do inferno abre as do ceu, e Jezus Christo se reproduz todos os dias em nossos altares, para nos servir d'alimento.

Não admitte questão, que doze homens sem estudos, sem dinheiro e sem credito triunfam do mundo inteiro: que sendo idiotas, rebatem a sabedoria orgulhosa dos filosofos: que seus nomes apagam os dos grandes conquistadores; e que todos os seculos esqueceram os heroes, notaveis por suas sediciosas façanhas, para se recordarem sómente de Pedro, Paulo, João e seus collegas.

E' certo, que do sangue d'estes se originaram novos christãos, e que de geração em geração a religião sancta do Crucificado se perpetuará a despeito das conspiraçoens para a soffocar. Que numero de sanctos não teem existido d'esde os apostolos até nós? Todas as edades, e todos os paizes teem observado n'elles prodigios: uns descem com coragem ás fornalhas, e no meio das chamas encontram um menancial de frescura; outros estendendo a sua capa, fazem d'ella um barco para passar o mar; outros finalmente atravessam cidades, e a sua sombra é bastante para sanar as enfermidades.

Com quanto estes milagres fossem mais frequentes nos principios da Egreja, porque n'esse tempo eram mais necessarios, o seu curso todavia não tem sido interrumpido. D'epoca em epoca Deus suscita homens potentes em obras, e palavras, cheios do espirito de Elias, e dotados d'uma firmeza, e virtudes a toda prova: e é em consequencia d'estas qualidades, que Roma os canoniza, depois d'um minucioso exame em todas as acçoens da sua vida.

No seio da religião houveram sempre escolhidos, porque aquella não póde subsistir sem estes: no meio dos christãos houveram sempre milagres, porque o christianismo é a sua origem.

Veremos o sol obscurecer-se; os ceus rodarem como uma bola; os elementos confundir-se; a poeira reanimar-se; e os mortos assumindo a sua forma primaria, reunir as almas nos corpos. Veremos Jezus-Christo apparecer n'uma nuvem de gloria, para pronunciar sobre os homens a sentença de vida, e de morte. Veremos os apostolos, sentados em thronos para julgarem com o Senhor todas as naçoens. Veremos os impios palidos, tremulos, e desesperados não abrir a bocca, senão para gritar ás montanhas, que cahiam sobre elles. Veremos aquelles pescadores, maltratados pelos grandes, e menos prezados pelos sabios, mais brilhantes que as estrellas no firmamento.

De tudo isto concluimos, que Deus nos força continuamente pela grandeza, e quantidade dos prodigios a reconhece-lo, e ama-lo: que o christão vive no centro de maravilhas; e que a graça se une á natureza para mais sobresahir a omnipotencia do Altissimo.

Aveiro 15 de Dezembro de 1852.

Carvalho e Goe.

Irreverencias na Egreja.

Com profundo sentimento somos obrigados a consagrar um artigo a vergonhosos acontecimentos, que ultimamente tiveram logar em Coimbra, constituidos na bem penosa necessidade de os stymatisar como merecem. Quizeramos antes que um denso veu os involvesse, subtraindo-os ao conhecimento do publico, e que nos fosse poupada a dôr de n'elles tocarmos.

Porém tam notorios sam elles que o nosso silencio poderia justamente ser arguido de criminoso, ou pelo menos de conivencia.

D'uma carta, que d'aquella cidade recebemos, nos consta que alguns academicos, mal intencionados, na noite do Natal promoveram a desordem, e excitáram o escandalo no acto, em que dentro da egreja de sancta Theresa se celebravam as funcçoens divinas, proprias d'aquelle dia, as quaes mancharam com este proceder indigno, já das pessoas que assim obráram, já do logar em que se perpetraram taes crimes e excessos indesculpaveis.

Não contentes com isto volveram á Sé, onde encontrando fechadas as portas, renovaram aquella scena dolorosa, proferindo em tom insultante com grande clamor blasfemias, delatoras dos sentimentos perversos, que os dominavam.

Ao poder civil cumpre fazer conservar a ordem em toda a parte, incluida nos limites de sua jurisdicção, e reprimir todos os excessos, que a possam alterar.

Não é só nos estados catholicos que pesa sobre os agentes dos governos a obrigação de velar constantemente pela tranquillidade publica, durante o exercicio de todos os actos religiosos.

N'aquelles, em que sam permittidas ou toleradas diversas religioens, permanece ainda nos respectivos governos o mesmo dever de vigiar pela conservação da boa ordem, em beneficio da religião das differentes seitas. —

E' esta a grande missão dos estados em relação não só aos individuos, mas a todas as associaçoens de qualquer genero.

Porque não haode, por tanto, os agentes da policia cumprir com o seu dever, que, se é possivel, augmenta de força quando se tracta das funcçoens sagradas da verdadeira religião?

Não será isso rigorosa obrigação para elles, já como ministros do poder civil, de que recebem stipendio, já como filhos da Egreja, a quem devem os mesmos bons officios, que um filho deve a seus paes?

Não podemos deixar d'imputar a negligencia das auctoridades civis os factos acontecidos na noite de Natal.

Mas consideremo-los em si mesmos, dando-lhes o valor de que sam susceptives.

Não ha para os christãos festividade mais solemne, ou que seja celebrada com mais justo fundamento do que a do Natal, em que a sancta Egreja festeja com o mais vivo contentamento o anniversario do nascimento do Salvador: á qual denomina por excellencia *do Natal*.

Quando quarenta seculos d'esperança e expectativa, haviam decorrido e as naçoens, cançadas pelo fardo pesado de seus proprios erros, fitavam unanimes os olhos para um só ponto, anciosas pela vinda d'um *medeador entre Deus e ellas*, chegado esse momento solemne do nascimento do *esperado*, não podia a alegria ser mais completa.

Desde então os homens regenerados do hediondo lodaçal, em que jaziam, e onde jazeriam ainda, se tanta não fosse a misericordia divina, sentem pular-lhes o coração da mais festival alegria na approximação do anniversario natalicio do seu libertador, e salvador — o Deus humanado.

Todos n'esse dia correm ao templo unir os seus aos canticos da Egreja em acção de graças por tam estupendo, tam singular beneficio á humanidade depravada, que não merecia a graça da redempção.

Se acaso estes actos espontaneos de todos os coraçoens sam escarnecidos da impiedade, os christãos, cumprindo o preceito evangelico do perdão das injurias, soffrem em silencio os insultos pessoaes, elevando do intimo do coração fervorosa prece ao eterno por esses incredulos.

Mas nem por isso deixam d'abominar o crime, votando-o á maior execração, e combatendo-o inexoraveis por isso que professam a lei de Jesus Christo, ao mesmo tempo que perdoam sinceramente a seus auctores; com o que seguem as determinaçoens da egreja, cuja mente sobre este objecto exprimiu S. Agostinho com a felicidade costumada de tam grande genio.

Porém se d'insultos pessoaes, feitos em logar profano, passam as manifestaçoens d'alegria a ser interrompidas por algum bando de vandalos do seculo, a mais justa indignação se apodera dos espiritos, e chegaria mesmo a romper no excesso de . . . . ; mas é cohibido pelas luzes da revelação.

Se Jesus Christo se indignou pela unica vez, lançando mão do azorrague contra os *vendilhoens* do templo, que interrompiam o silencio, proprio das funcçoens sagradas, que não faria para castigar os excessos que por ahi se praticam no templo, onde o sacrificio não é já de sangue das victimas mas do cordeiro immaculado? E sobre tudo a esses de Coimbra, praticados no proprio momento, em que se festeja o maior dia de regosijo, que os christãos podem possuir?

E isto no seculo desanove, que a si proprio se appellida o das *luzes*?

Onde é que se practicam, ou em que nação culta se observam os sacrilegios, que entre nós pela sua frequencia e vulgaridade parecem ser objecto de moda?

O quadro é triste, não sam agradaveis as sombras; todavia os escandalos de Coimbra sam superiores a todas as expressoens acres, com que os podessemos fulminar.

Sejam-nos permittidas ainda algumas perguntas.

Quem foi que em S. Thereza e á porta da Sé, praticou esses actos immoraes, que ora arguimos e censuramos?

Foram membros do respeitavel corpo academico, que o deshouram.

Em que logar foram perpetrados?

Dentro d'uma Egreja e ás portas d'outra, por que as tinha fechadas.

Em que occasião?

Em quanto que n'aquelle logar d'oração se festejava a mais augusta solemnidade.

E com que fim?

Não o diremos.

E' verdade; sam um punhado de membros d'uma corporação, que principalmente nos ultimos tempos se tem mostrado digna de sua illustração, manifestando a mais zelosa dedicação e o mais profundo respeito por todos os actos religiosos.

Sam esses, que querem manchar um credito, tam bem fundado, tornando-se indignos da batina que vilipendeiam.

Podemos porém dizer affoutos que havendo-se revelado na academia os mais elevados sentimentos religiosos e de educação será impossivel com justiça que alguem lhe atire ao rosto com essas indignidades d'individuos, por desgraça, menos bem educados e pertencentes á sua classe por isso que tam benemerita não ha ahi responsabilidade alguma, que se lhe possa imputar.

Todavia não deveria o amor de classe reprimir e fazer conter os excessos aos turbolentos, para evitarem todo o compromettimento?

A falta de crensa nunca poderá justificar os criminosos, porque ao menos a devem respeitar nos outros, e nunca invadir seus direitos, que sobre este objecto sam *naturaes*. Todos teem o direito de prestar culto á divindade, e de não serem pelos outros embaraçados no exercicio do mesmo.

O templo é o theatro, onde se representam scenas, que a abominavel corrupção e só o inferno poderiam suggerir.

Esse templo, que entre os pagãos seria respeitado com toda a veneração, n'um paiz catholico vê-se exposto aos insultos e escarneos e irreverencias, que os phariseus dos nossos dias projectam secretamente.

Sabemos que o respeitavel e digno prelado, tam illustre não menos por seu zelo, saber e virtudes, que pelas sympathias, que todos sem excepção lhe consagram, procede a rigosa devassa, e que o crime será punido com a lei, de modo que cessando todos os escandalos, ninguem depois receará de frequentar, segundo sua piedade, as egrejas com o temor de presenciar irreverencias.

Lopes.

SEMINARIOS DO CLERO CATHOLICO NA BAVIERA.

A educação do clero divide-se em duas partes: geral e particular. A educação geral dá-se nas escolas do governo, excepto o latim e a gymnastica: e dura oito annos. Terminado este primeiro estudo, emprega-se um anno para os estudos, chamados filosoficos, (Filosofia, Historia, Fyzica, Engenharia, Astronomia, Historia natural e Filologia).

Seguem-se immediatamente os estudos propriamente ecclesiasticos. Os aspirantes á Theologia recebem em commum, com os destinados a outras vocaçoens, esta educação geral.

A educação especial dos alumnos de Theologia exige um lapso de tempo de 3 annos. As escolas, destinadas a esta ultima educação, compoem-se de duas universidades reaes, e varios Lyceus. Os professores sam pagos ou pelo estado ou por fundos particulares. Os estudos teem por objecto: a encyclopedia dos co-

nhecimentos theologicos, a introducção á escriptura sancta, a archeologia, a exegese, a dogmatica, a historia ecclesiastica, os direitos da Egreja, a moral, a *pastoral*, e a lingua hebraica. Ha d'ordinario 4 ou 5 professores empregados neste ensino.

Antes porém que o aspirante á Theologia seja admittido a estes ultimos estudos, tem de passar por um exame sobre a sua precedente educação perante uma commissão, nomeada pelo bispo da diocese, do qual exame depende a sua admissão aos estudos ulteriores da Theologia. Os jovens admittidos á estes estudos sam communmente recebidos no seminario no fim de dois annos. Sam ahi sujeitos ao regimen da vida em communidade; vestem o traje sacerdotal, que devem trazer durante o dia, e conservar nas suas digressoens fóra do seminario.

Sam obrigados a seguir as liçoens publicas de Theologia, etc., durante trez annos. Dentro mesmo do seminario sam diariamente renovadas estas liçoens, de uma maneira mais especial, pelos professores do estabelecimento, que a ellas accrescentam a educação pratica do futuro clerigo em liturgia etc. Quanto porém ao essencial, o futuro theologo é conduzido á disciplina religiosa por meios adequados, por oraçoens solitarias etc.

Logo depois da sua admissão no seminario, o alumno da Theologia recebe, com as ordens menores, successivamente as ordens de subdiácono e diácono, mas nunca o presbyterado antes de ter completamente terminado os seus estudos theologicos, e de haver sido julgado digno e capaz de ser membro do clero.

O seminario está debaixo da inspecção de dois regentes, um dos quaes é subordinado ao outro, e faz as vezes do seu ajudante. O primeiro regente exerce não só a necessaria vigilancia sobre os seminaristas, mas tambem a inspecção sobre a economia do estabelecimento. As oraçoens e meditaçoens teem logar em presença dos regentes ou dos seus substitutos. A missa celebra-se todos os dias. Os seminaristas comem em commum com os regentes; e ha varias salas de estudo e dormitorios. Comtudo em Bamberg cada seminarista tem o seu quarto particular. Os cuidados, prestados aos alumnos de ordens sacras nos seminarios, sam em parte gratuitos, em parte retribuidos segundo o estado dos seus haveres.

A disciplina é severa nos seminarios. Um alto muro separa o seminarista do mundo exterior. Os passeios fóra do estabelecimento só se fazem na presença do regente. As horas do dia sam exactamente distribuidas de modo a obter-se uma boa educação ecclesiastica. Quando o seminarista é ordenado presbytero, a sua residencia no seminario dura até que elle tenha obtido um curato. Mas antes de receber as ordens sacras o governo concede-lhe um titulo, pelo qual lhe é garantida a sua subsistencia em caso de futura desgraça, ainda que até agora este artigo não tenha sido completamente observado na Baviera. Não temos na Baviera, segundo o preceito do concilio de Trento, senão tres seminarios; estes produzem bons effeitos; mas não sam grandes, que se lhes deva dar preferencia sobre outros seminarios, e é duvidoso que em outras dioceses da Baviera se estabelecam outros seminarios á imitação destes.

O clero catholico na Baviera é geralmente recommendavel pelos seus bons costumes e conhecimentos. O clero não só possue homens notaveis no pulpito, mas ainda a classe em geral dos presbyteros é composta de homens mui dignos. A palavra ordem de cada sacerdote é concebida nestes termos: comportamento religioso, cuidado da alma, e progresso nas sciencias até á morte. *(Carta do Arcebispo de Bamberg.)*

MISSÃO PORTUGUEZA.

Cançam-se em vão os que ainda pertendem demonstrar a inutilidade das ordens religiosas.

Os acontecimentos ahi véem todos os dias demonstrar contra a falsidade de seus argumentos, contra a vaidade dos *philosophadores*, contra o prejuizo dos velhos *monachophobos*.

Haveis de ter frades, lhes dizemos nós com a mais intima convicção: *haveis de ter frades*, ou o nome portuguez será esquecido no Oriente e no Meio-dia, em todas as regioens d'Asia e Africa.

A grande fama de que ainda por lá gosamos não nol-a conquistaram tanto as façanhas d'Affonso de Albuquerque como as missoens dos padres, que partiam para essas remotas regioens, armados unicamente da charidade e resignação evangelica.

As coroas de triumpho murcharam: mas as do martyrio veceja-as ainda o sangue derramado pela fé nos affrontosos patibulos, conserva-as o bafejo sancto da palavra evangelica, a que devem seu aroma tam suave.

Ahi sam chegados dois chinas, que veem implorar a protecção da corôa portugueza para os christãos do mais antigo imperio. Cuidaes que o que os trouxe a estas plagas seria a fama de nossos odios e dissensoens civis? Oh! possam elles passar por sobre as ruinas sem sentirem que toda a grandeza antiga está sepultada alli!

Se elles formassem idea de nosso estado de miseria, estava acabado o prestigio, de que ainda gosamos no Oriente.

Devemos aos nossos antigos missionarios esse grande conceito, que ainda se fórma de nós ao longe!

Entrae, fervorosos crentes do celestial imperio, nesta sotterrada Herculano, e admirae as grandezas romanas e a magestade do povo, que por venturosa illusão ainda se vos afigura como povo de reis. Oh! mas os que vos guiam que vos não deixem tocar com o dedo nesses vultos, ante os quaes vindes curvar a cabeça! Que não deixem; porque alli já não ha senão o typo das fórmas antigas; e a illusão perder-se-hia entre as cinzas dos cadaveres, que ao mais leve toque se desfariam em pó.

Tercis frades! repetimos nós aos inimigos das ordens religiosas: *tercis frades*; ou o nome portuguez será esquecido no Oriente e no Meio-dia, em todas as regioens d'Asia e Africa.

Mas em quanto isso não chega, não podemos deixar de erguer o nosso brado em favor de toda a obra, que possa, se não substituir, ao menos supprir uma parte daquella grande falta.

Já nas paginas do *Catholico* tivemos occasião de alludir ao collegio do Bombarral, creado pelo exm.º e revm.º bispo eleito de Pekim, cuja recente perda deploramos. Aquelle zeloso apostolo d'Asia, quando lhe não foi permittido continuar alli a sua missão, voltou a Portugal, não para repousar das fadigas, mas para lançar os fundamentos de uma fecunda missão, tam necessaria aos seus caros chinas, por cujo amor se lhe abrasava a alma. Offereceu a sua casa para a fundação do collegio de Bombarral, onde se creassem padres missionarios para as missoens da China. A morte assalteou o no meio de seus trabalhos, que Deus recompensará: e a Egreja perdeu um varão prestante a quem a patria deve tanto.

A direcção do collegio acha-se hoje commettida a um ecclesiastico, de cujo zelo é de esperar a continuação da grandiosa obra, que oxalá Deus abençoe para que entre tantos dias de amargura possamos contar alguns de jubilo quando virmos partir para o Oriente, a resgatar as almas de poder do demonio, os novos athletas da Fe!

Uma das grandes difficuldades com que luctava o exm.º bispo eleito de Pekim, era a falta de mestres de mathematica, sciencia indispensavel aos missionarios, que houverem de ser admittidos na China.

Quando havia ordens religiosas, eram não poucos os seus membros, que se destinavam ao estudo daquella sciencia; e então menos difficil se tornava encontrar habeis mestres para um collegio de missão. Hoje talvez não haja um só ecclesiastico, que se dedique com especial attenção ao difficil, embora por vezes deleitoso, estudo de mathematica. As rasoens sam obvias; e não sam de fórma alguma dezairosas para o clero. O desaire recahe todo sobre quem não tem querido, ou não tem sabido regular os estudos ecclesiasticos.

Torna-se pois necessario que o governo proteja aquelles estudos, e facilite aos ecclesiasticos os conhecimentos necessarios para a missão da China. Emquanto assim o não fizer, mal se poderá esperar que tenhamos missionarios para a China; e faltando esses, não vemos como a corôa portugueza possa sustentar as pretencoens ao padroado.

Os instruidos em mathematica, que não forem ecclesiasticos, de certo se não subjeitam a viver n'um collegio, principalmente, quando o honorario não é para compensar sacrificios, e muito menos para satisfazer ambiçoens.

E' portanto necessario, não só por estas rasoens, mas por bem da disciplina do collegio, que os mestres sejam todos ecclesiasticos; é necessario que esses ecclesiasticos possuam conjunctamente com as habilitaçoens moraes e a sciencia ecclesiastica, os conhecimentos das sciencias mathematicas, sem as quaes nenhum missionario poderá ser acceito no imperio da China.

Ainda além destes conhecimentos é necessario o da lingua dos chinas, e daqui já se pode concluir a difficuldade da empresa.

E como nem todos teem a aptidão necessaria para estes estudos embora possuam muitos outros conhecimentos, que possam adornar o espirito de um bom ecclesiastico, já daqui poderá concluir-se que o collegio apesar de ser destinado especialmente para a missão da China deve ser considerado sob um ponto de vista mais amplo.

Todas as nossas possessoens do Ultramar bradam altamente pelo soccorro das missoens. Cumpre acudir-lhes ou perder a esperança de lá conservar o nosso dominio.

Deve pois a missão portugueza ser dotada não só com os auxilios, destinados á missão da China, mas com outros, que habilitem o collegio para crear padres missionarios, cujo destino seja para outros pontos. Esses padres deverão ser os que não forem achados com boa disposição para o estudo das mathematicas.

E esses mesmos deverão ser empregados em missoens no interior do reino, para que as verdades sanctas cheguem a toda a parte, para que os zelosos missionarios primeiro se ensaiem entre nós, para que os povos conheçam de perto as vantagens das missoens, e espontaneamente as protejam.

Eis-ahi como intendemos que deverá ser estabelecido o collegio da *Missão Portugueza*.

Na esperança de que se aproveitará tudo quanto fôr conducente para tam boa obra, não duvidamos implorar em favor della os auxilios de todos os bons catholicos.

Ahi vamos publicar uma exposição que é feita pelo actual encarregado deste pio estabelecimento. Oxalá que possa achar ecco em todos os coraçoens este brado de religião e patriotismo!

Os RR.

EXPOSIÇÃO.

O P. Luiz Bernardino da Natividade, natural de Argemil, concelho de Carrazedo Monte Negro, na provincia de Traz-os-Montes, e arcebispado de Braga.

Com o nome de Fr. Luiz de Nossa Senhora da Natividade, tomou o habito de S. Francisco, e do Instituto de missionarios apostolicos, no seminario de Nossa Senhora da Conceição, juncto á Braga, vulgo Falperra, onde se conservou até á extincção geral dos conventos.

Tendo adquirido no claustro alguns conhecimentos, e augmentando o desejo de se empregar no serviço de Deus e da Egreja, foi estudando com o fim de se ordenar no seculo, ou voltar á religião, se Deus assim o dispozesse.

No anno de 1845, quando frequentava theologia dogmatica no seminario de Braga, já com sentença de patrimonio, aviso regio, e as mais habilitaçoens, exigidas para dar principio á sua ordenação, constando-lhe que se erigia no Bombarral um collegio, em que se habilitavam missionarios para as missoens da China, escreveu ao reitor daquelle collegio, e negocion a sua entrada no mesmo, a qual se verificou em março de 1846. Alli continuou a frequentar alguns estudos, e se ordenou de presbytero em 1849.

A 11 de abril do sobredito anno lhe deu o rv.mo reitor, bispo eleito de Pekim, procuração bastante para tractar em geral os negocios daquelle collegio. No dia 11 de novembro do mesmo anno, veiu para Lisboa muito doente, e foi tractado no hospital da marinha.

Neste tempo requereu e conseguiu do governo o edificio do extincto recolhimento do Amparo, na rua da Mouraria, para alli se estabelecer um collegio filial do que se achava no Bombarral; por portaria de 27 de novembro de 1850 tomou posse, e no mesmo se conserva.

Agora por fallecimento do rv.mo reitor, bispo eleito de Pekim, achando-se o collegio do Bombarral sem mestres, e quasi sem alumnos, foi o procurador encarregado da sua organisação por portaria do ministerio da marinha e Ultramar em 17 de novembro do corrente anno.

A obra do collegio de S. José do Bombarral terá o titulo de — Missão Portugueza — com o fim de crear padres missionarios, que vam para Macau, assim como tambem para outros pontos especialmente do Ultramar, onde mais necessarios forem.

O referido procurador péde com instancia a todas as pessoas, que sinceramente desejam o bem da religião, lhe prestem o auxilio, que puderem, para uma obra, de que tantos bens podem resultar, assim dentro como fóra do reino; e principalmente que offereçam ao Todo Poderoso frequentes oraçoens pelo bom exito desta empreza.

Falla e recebe cartas no referido recolhimento.

(O Catholico).

A' SEPULTURA DE MINHA MÃE.

Eu inda vejo a campa
Dessa humilde sepultura
Eu inda sinto no peito
Os Golpes da sorte dura.

Eu inda tenho presente
Esse momento fatal,
Em que te vi moribunda,
Candida mãe sem egual.

Heide ver-te ó sepultura,
De cyprestes rodeada,
Heide vêr todos os dias
Esta funebre morada.

Eu heide vêr os cyprestes,
No cemiterio plantados,
Vêr os despojos da morte,
Esses cadaveres mirrados.

Heide pôr um epitaphio
Nesta pedra sepulchral,
Heide pagar um tributo
Ao terno amor filial.

Venho chorar sobre a louza,
Entre os espectros da morte,
Venho dar algum allivio
Ao meu penar, que é bem forte.

Venho vêr o negro lucto
Deste sombrio logar,
Venho triste e consternada
Venho sómente a chorar.

Em vão aqui te procuro,
Só tua cinza aqui jaz,
Já não existes na terra,
Foste á morada da paz.

Perdi-te na bella infancia,
Na edade do prazer,
Perdi-te quando apenas
Começava a discorrer.

Perdi-te quando innocente
Teus carinhos perecisava,
E quando a luz da razão
A surgir já começava.

Essa edade feliz
Foi um sonho, que passou,
Foi flôr, que, apenas colhida,
De repente se murchou.

Descança lá nesse Empyreo,
Vive lá eternamente;
Que eu cá fiquei sobre a terra;
Onde vivo tristemente.

1852. *D. M. A. de Castilho Falcão,*
URSELINA DE COIMBRA.

ANNO CHRISTAO.

DEZEMBRO.

19. *Domingo.* S. Fausta, nobre matrona romana, havendo educado na piedade uma filha, que teve, e que depois deu pela fé o seu sangue (S. Anastacia), foi gozar no ceu o premio de suas virtudes.

20. *Segunda feira.* S. Domingos de Silos nasceu de humildes, mas pela piedade, muito nobres paes, em Cannas, pequena povoação no supé da serra de Idubeda na Hispanha. Os primeiros annos da sua juventude se occupou na guarda dos rebanhos de sua casa, porém estava no alto destinado para um outro genêro de pastoreamento. Recebido em o numero dos monges benedictinos do mosteiro de S. Emeliano, em breve se tornou habil ministro da Egreja, e foi encarregado do curato da freguezia de sua naturalidade. Sempre saudoso pelo retiro do mosteiro, a elle se tornou, e d'ahi voou ao ceu no anno de 1074. Entre os milagres, por sua intercessão impetrados, refere-se aquelle de haver a mulher de Feliz de Gusmão, que era infecunda, alcançado, depois de fervorosamente orar junto ao tumulo d'este sancto, um filho que tambem o foi, e bem digno da veneração dos fieis.

21. *Terça feira.* S. Thomé, natural da Galilea, foi um dos doze apostolos de Jesus Christo. Depois da morte do divino Mestre, e quando já resuscitado havia apparecido aos outros apostolos, elle não os acreditava quando isto lhe diziam; porem se não assentiu á fé, teve de ceder á evidencia, e porisso ouvio do Salvador a bem significativa reprehensão: « Acreditaste, Thomé, porque viste: bemaventurados aquelles que não viram e acreditaram. » Se a fé parece aqui fallecer-lhe, ella depois se tornou tam viva a respeito de todas as verdades da religião, que a communicou a milhares de pagãos da India, onde lhe tocou ir prégar. Em Calamina foi repassado com setas, e assim deu a vida em abono das verdades, ensinadas por aquelle, que tambem a dera por todos os homens.

22. *Quarta feira.* S. Honorato, havendo impavidamente observado e ensinado a religião christã, foi martyrisado em Ostia Tiberina, hoje Civita Vechia.

23. *Quinta feira.* S. Servulo, do qual diz S. Gregorio, que, sendo paralytico desde a infancia, e estando sempre ao portico da egreja de S. Clemente em Roma, para esmolar a sua sustentação, tudo soffria com a maior paciencia, empregando-se sempre nos louvores de Deus, e pedindo-lhe pelos bemfeitores e não bemfeitores, até que, convidado pelos canticos dos Anjos, foi gozar as delicias do paraiso.

24. *Sexta feira.* S. Gregorio, presbytero, de Spoleto, foi preso no tempo de perseguição de Diocleciano e Maximiano; e depois de varios tormentos, foi degolado.

25. *Sabbado.* Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. Se jamais o Ente Supremo, diz um eloquente orador, se comprazeu em confundir as ideas e os juizos dos homens; se jamais os conselhos profundos e impenetraveis da sabedoria divina foram oppostos ás fracas vistas do nosso espirito e de nossa rasão, é no grande e ineffavel mysterio d'este dia. N'elle vemos todos os principios da prudencia e da sabedoria humana confundidos, todos os prejuisos das paixoens destruidos e combatidos, o intervallo cheio do ceu ate á terra, do homem até a Deus, e o escandalo das naçoens, tornado em fim a luz e a salvação do mundo. Pobresa, humildade, soffrimentos, eis o que, na phrase de S. Bernardo, nos clamam o curral, o presepio, as mantilhas: Clamat hoc stabulum, clamat præsepe, clamant panni. Ah! e com a ostentação do luxo, das distincçoens e dos divertimentos, que nos commemoramos este dia, que marra o começo da jornada do Calvario! ... E' sem duvida justo que nos regosijimos no dia natalicio do Rei da Gloria, mas que nosso jubilo não nos leve ao menosprezo das virtudes, que elle mesmo com o exemplo e de palavra nos ensinou, antes nos insbigne a pratical-as, porque sam estes os festejos mais do seu agrado, e que elle nos levará em conta.

Esta festividade é antiguissima na Egreja: alguns auctores affirmam haver sido instituida pelo papa S. Thelesphoro, que morreu no anno 138. O uso de celebrar tres missas tambem é antiquissimo: o papa Bento XIV prova que elle remonta ao sexto seculo.

CHRONICA RELIGIOSA.

ESTADOS UNIDOS. — *Connecticut.* — *Conversoens.* — Em 3 d'outubro os catholicos de Nova Londres testemunharam a recepção publica d'um convertido na Egreja catholica pelo P. Lenihau. Chamava-se o convertido Mr. Clarke, inglez por nascimento. Leu com voz sonora a profissão da fé, e recebeu a sagrada communhão com tal fervor, que provocou lagrimas. O P. Lenihau fez uma pratica, que muito commoveu o auditorio. Assistiram varios prostestan-

tes com a maior attenção, e espera-se que voltem ao redil por mediação da Virgem Maria, a quem os recommendou o P. Lenihau. — No dia 13 foi recebido no seio da egreja catholica, em Winsted, pelo P. Thomaz Quinn, o advogado Lymann W. Case. — Dos sacerdotes, que se reuniram para a recente consagração da cathedral de Lonisville, havia 6 convertidos do protestantismo, a saber: os RR. Walworth, Hewic, Hecker, Woord, Youn, e Rosecrgans.

EUROPA. — FRANÇA. — Verificou-se em Cambrai o encerro do jubileu de *Nossa Senhora da Graça*, com toda a pompa e magnificencia dos oito primeiros dias d'esta solemnidade religiosa. Foi favorecida por um tempo excellente e inesperado. A procissão, que sahiu da metropoli ás 3 horas, só recolheu ás 8. Além do snr. arcebispo de Cambrai, assistiam 8 bispos: o cardeal Wisemann, arcebispo de Weshuinster; os bispos de Brages, Gand, Fréjus, Nevers, Augoulème, Augers e Soissons.

Havia numerosas deputaçoens de todas as cidades do departamento, fazendo-se notar, pelo numero de seus representantes, Lille, Douai, e Valenciennes.

Achavam-se reunidas mais de 80 aldêas, cada uma com a sua bandeira na frente, trazendo suas offerendas a Nossa Senhora da Graça. Muitas cidades da Belgica e dos departamentos visinhos, tinham tambem deputaçoens. Durante a procissão fez-se ouvir duas vezes o snr, arcebispo de Cambrai.

O cardeal Wisemann, que cantou a missa, tambem prégou pela primeira vez em francez, a respeito dos progressos do catholicismo em Inglaterra, o que produziu grande sensação no auditorio.

Houve festas brilhantes por esta occasião.

Seria bom que os portuguezes da situação, que, tanto tem imitado de fóra do paiz, imitassem tambem o bom que por lá tem logar.

— O snr. bispo de Montouban publicou uma obra com o titulo: *Exame e discussão amigavel d'esta Questão: Poderão os ministros da reforma prometter, em consciencia, a esperança certa da salvação por Jesus Christo aos povos de sua communhão* (EXAMEN ET DISCUSSION AMICALE DE CETTE QESTION: *Les ministres de la réforme peuvent-ils, en conscience promettre l'éspérance certaine de salut par Jésus-Christ aux peuples de leur communion.*) E' dedicada aos *pastores, ministros e membros dos consistorios protestantes*, e o sabio prelado dirige-lhes a palavra nestes termos: *Senhores e carissimos irmãos em Jesus Christo.*

Em quanto não damos a analyse d'uma das obras mais importantes, que appareceram ha muito, publicaremos a integra des capitulos, que a compoem:

Introducção. — Analyse da obra.

CAPITULO I. Motivos, justificação e objecto da obra.

CAPITULO II. Os ministros da religião reformada não teem o direito *d'affirmar* um dogma qualquer que se seja obrigado a acreditar, sob pena de perder a esperança da salvação. — Não podem dizer mais do que: « Parece-nos, temos para nós. » — Não teem fé commum e obrigatoria em nenhum artigo. — Sam *refutados* em todos, quer por todos os outros christãos, quer pelos catholicos, quer mesmo pelos seus proprios confrades.

CAPITULO III. O symbolo das egrejas reformadas compoem-se de *negações* e *affirmaçoens*, conservando estas alguns dos dogmas catholicos, e rejeitando aquellas os outros. Fenomeno singular que apresenta: a *negação* tem augmentado sem cessar desde Calvino e Luthero; hoje não afirma já nada que seja rigorosamente obrigatorio a creditar para a salvação. Sabe-se na reforma o que não é necessario, e não se sabe o que o é. A auctoridade que pertence ás *affirmaçoens* da Egreja catholica, no unico ponto de vista da razão e da sciencia, não permitte aos reformados nega-las.

CAPITULO IV. Nenhuma *união* é possivel nas Egrejas reformadas, porque repellem necessariamente toda a *unidade dogmatica*. — *A tolerancia* de todas as opiniões, por espirito de *caridade*, implica a confissão da *incerteza* de todas as doctrinas. — Consequencias d esta tolerancia, quer se applique quer não aos *inficis*, aos *dissidentes* e aos *catholicos*.

A SYMPATHIA,

MARCHA PARAPIANO

por

Padre José Joaquim de Carvalho e Goes;

PUBLICADA EM BENEFICIO DE CERTA PESSOA INDIGENTE.

PREÇO 100 Rs.

A caridade é por certo uma sublime virtude: e nunca nos podemos negar a exerce-la, quando a isso somos convidados.

Está por tanto dada a razão, porque publicámos — A SYMPATHIA —; esperando o auxilio do publico, que com a sua assignatura pratica duas acções igualmente louvaveis, e generosas — dar impulso á litteratura, e soccorrer a necessidade. — *José Joaquim de Carvalho e Goes.*

Assigna-se em Lisboa, no Armazem de Muzica do snr. Figueiredo, rua Nova do Carmo n.º 7 K: no Porto, na redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 24: em Coimbra, em casa do snr. Adriano Ferreira de Mariz, rua do Quebra Costas n.º 19; e em Aveiro em caza do auctor.

ERRATAS.

No n.º 43 — 8.ª col. — linh. 21, lê-se *verificação*, por *vicificação*: — e na 9.ª col. — linh. 16, lê-se *outros* por *astros*: — e no n.º 48 — 4.ª col. — linh. 4, lê-se 14 — 16 em vez de 16 — 18.

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

— O CHRISTIANISMO. —

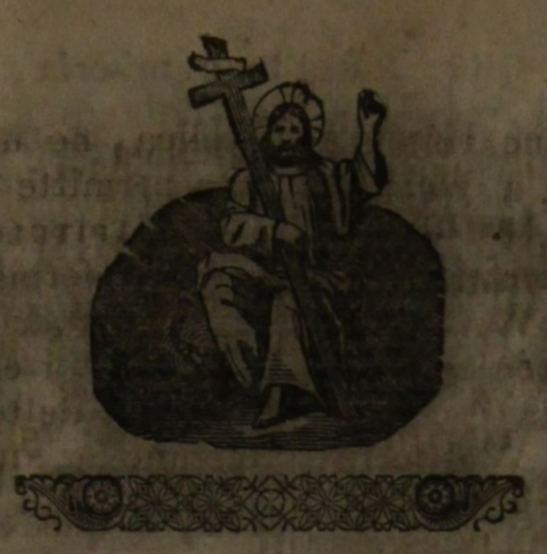
PORTO — No escriptorio da redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 52. BRAGA — snr. J. M. de Souza, Porta Nova. VIANNA DO CASTELLO — snr. J. J. de Moraes, na Picota. GUIMARAENS — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14 BRAGANÇA — snr. F. J. Affonso. MIRANDELLA — snr. Dr. Antonio José Miguel do Carmo Rodrigues. TRANCOSO — snr. Francisco José Tavares Cardoso. VILLA REAL — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. COVILHAN — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. COIMBRA — snr. Mesquita, rua das Covas, e em casa do snr. Domingos Alves Pereira Guimarães. ISEDA — em casa de F. C. de Mendoça e Mello, redactor deste periodico. MATTA (*Sertan*) snr. Ivo Podroso Baratta dos Reis. BATALHA — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire. LISBOA — snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. EVORA — snr. Antonio Candido de Moraes Cerveira. FERRAGUDO — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim. PONTA DELGADA — snr. Francisco José Machado AVEIRO — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes. GUARDA — reverendo snr. João Antonio da Silva Sampaio.

Preço (*adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$600 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 830 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 430 reis. Avulso 40 rs.

Vae franco de porte segundo a lei.

N. B. Pede-se por muito favor aos Snr.s assignantes, que não tenham pago ainda as suas assignaturas, que se dignem manda-lo fazer quanto antes.

DEZEMBRO 25. 1852.—N.° 52.



O CHRISTIANISMO.

SEMANARIO RELIGIOSO.

DA INFALLIBILIDADE DO PAPA.

V.

Restam ainda diversos outros tropeços, com que se tem querido tambem embaraçar o livre curso da infallibilidade dos papas. Encontram-se expostos alguns por Mr. de Fleury, que não se deliberando a negar directa e positivamente aquella indispensavel qualidade no supremo pastor do universal rebanho, se contenta de os applicar apontando-os isoladamente nos respectivos periodos historicos, a que pertencem.

E' um delles a renovação de certos antigos canones, feita pelo pontifice S. Symmaco, posterior a S. Zozimo, e anterior a Vigilio, de quem já se fallou, nos quaes se diz — que as ovelhas não devem accusar o seu pastor se não errando elle contra a fé, ou fazendo-lhes alguma particular injustiça. Daqui deduz Fleury a illação — que o papa reconhece poder errar. Mas suppondo mesmo que esses canones fallam em sentido tam absoluto que não admittam a excepção do pastor dos pastores; e sem precizarmos recorrer á favoravel intelligencia, que se póde obter da combinação destes canones com o escripto de Ennodio em favor dos papas, approvado pouco antes pelo concilio romano e pelo proprio chefe supremo da Egreja, diremos que, se o pontifice póde cahir em erro como particular por fragilidade propria, e em caso individual, como se diz ter acontecido a S. Marcellino, que por medo da morte incensára aos idolos; ou como succedeu a Honorio que por negligencia ou pouca actividade deixou medrar a heresia monotelita, ou ainda como Liberio, que cançado dos tormentos, ou talvez por surpreza, assignou um como equivoco, que em si nada tinha de erroneo, mas que só pela consequencia, que dahi queriam tirar os hereges, é que isso foi causa de que elles o tivessem por ariano, com tudo nada disto é fallar e decidir *ex cathedra*, como fica demonstrado; e por tanto dado de barato que os pontifices podessem como individuos particulares e por fraqueza e medo cahir em erro ou obrar contra a fé, e ser nesse caso sujeitos ás disposiçoens daquelles canones, nunca dahi se poderia tirar a consequencia necessaria de que elles errem tambem, ou que S. Symmaco reconhecêra que podem errar quando fallam *ex cathedra*, como pessoas publicas, revestidos da sua auctoridade para serem obedecidos; tornando-se por isso insignificantissimo e de nenhum valor este indirecto argumento de Fleury.

Deveriam agora seguir-se pela ordem chronologica os factos, que se allegam contra o summo pontifice João XXII, como prova da pretendida fallibilidade; mas, exigindo esses mais alguma extensão, antepor-lhes-hemos dous mais breves, que se referem aos papas Clemente VI, e Urbano V.

Diz, pois, Fleury que o papa Clemente VI, vendo-se doente e em perigo de vida, fizera uma declaração, pela qual revogava tudo aquillo que ou antes ou depois de pontifice lhe podesse ter escapado contra a fé e bons costumes em disputando, em ensinando, em pregando, ou de outra qualquer maneira: e o escriptor adverte os leitores neste ponto de sua historia que o papa *parle même de ce qu'il a dit et prêché depuis son pontificat*, mas sem tirar illação. Nós concordamos, acreditando sem difficuldade na palavra do historiador, e deduzimos dahi primeiramente que o pontifice não reconhece ter errado; e se, depois disso, attender-mos ao estado de angustia, em que naturalmente se achava pelos sofrimentos da doença, pelo medo da morte, e pelo dezejo de segurar o seu eterno destino, que admira que por cautella fizesse o pontifice tal declaração, mesmo sem estar persuadido de que tivesse errado contra á fé, ou de que a isso fosse sujeito! Além de que não tendo ainda sido definido este ponto como artigo de fé, obrou o papa mui judiciosa e prudentemente por cautella, ainda mesmo estando na persuasão

assim de que não errara, como de que não podia errar — no sentido em que é baseada a questão; pois poderia suppor-se que era sujeito ao erro fóra deste sentido: e assim nada prova o presente facto contra a infallibilidade, de que tratamos.

A protestação do papa Urbano V., feita á hora de sua morte, na qual elle diz, segundo o mesmo historiador, na presença de seu confessor, de seu camareiro, e de outras pessoas — que crê firmemente tudo o que crê e ensina a santa Egreja catholica, e que se tiver avançado em contrario alguma cousa de qualquer maneira que seja, o revoga — é um argumento da mesma, ou ainda menor força que o antecedente, não precizando por isso de outra alguma resposta.

Theodoro Monteiro Guedes Mourão.

Da moral Christan.

A lei do Evangelho é uma lei, que nos obriga a um continuado sacrificio: ella manda, que sugeitemos o nosso espirito a Deus, e ao dever todas as nossas inclinaçoens. E' pois, de necessidade fazel-o por mais que humilhe o nosso espirito, e sofra violencia o nosso coração; é esta uma obrigação, de que nenhum christão se póde escusar, de que se segue, que a lei do Evangelho é um constrangimento, mas sem isso não era, nem podia ser a norma da nossa conducta e a regra dos nossos deveres.

O homem tem paixoens, tende naturalmente para inclinaçoens viciosas; é de necessidade vencel-as, porque é de necessidade sujeitar-nos á lei da ordem, isto é a obedecer a Deus, fazer a sua vontade por mais que contrarie a nossa. Nada elle tem feito se não alcança esta victoria.

E' certo que a lei do Evangelho é austera; não lhe escapou a mesma prohibição dos máos pensamentos, ou ruins desejos; mas isto que prova? a sua origem celeste. Como póde um Deus mandar outra cousa, que não seja o que é grande, o que é perfeito e sublime? E, na verdade, em que consiste a virtude se a separar-mos da grandeza d'alma, das acçoens illustres e do triunfo sobre o vicio? Em todos os tempos não se julgou sempre digno de respeito e admiração, não recebeu os applausos o homem, que teve a coragem de sujeitar as suas paixoens á lei da rasão e do dever, e que sahiu triunfante desta luta terrivel?

Como foi sempre conceituado o homem cobarde, que fugiu do combate contra o vicio, e se deixou dominar d'elle? não mereceu elle sempre o desprezo?

Os filosofos antigos reconheceram que era mais glorioso vencer-se o homem a si mesmo do que ganhar corôas. Elles celebram como o ultimo remate da perfeição o valor, que combate e vence todos os obstaculos da natureza, a clemencia, que se esquece dos ultrages, a virtude, que triunfa das mais duras provas.

Qual é o vicio, que nos não deshonra, ou a paixão, que nos não avilta? Com que olhos se encara esse mancebo voluptuoso, que se entrega aos excessos da dissolução! Como esse prodigo, que dissipa loucamente a herança de seus paes, que infelicita, ou reduz á miseria a sua familia, e aquelles a quem deu o ser?

Como esse homem ambicioso, que especula com a vida e fazenda dos outros, disposto a fazer milhares de victimas, a encher a terra de crimes, e abominaçoens, a inundal-a de sangue, a cobril-a de luto e miseria, a sacrificar a humanidade inteira aos seus planos d'elevação e grandeza? Como se encara esse homem, que ardendo em sede de riquezas invade sacrilegamente a propriedade, con-agrada a Deus, aniquilla ou profana os monumentos, que a piedade levantara para honra e gloria do seu nome, que converte em utilidade particular o patrimonio das naçoens, que esgota os seus recursos, que estanca as fontes, de que emanava a sua prosperidade, que derruba os estabelecimentos, que constituiam a sua grandeza, e que eram o brasão da sua gloria, que para levantar coloços de fortuna não duvida arruinar milhares de familias e conduzil-as á mendicidade?

Como se avalia esse orgulhoso, que fez um systema, em que constituiu a si mesmo em divindade, que poz por devisa — adorae-me; eu sou tudo, nada existe fóra mim, ou tudo o que existe é abominação — que não duvidou fazer o processo a todas as edades e a todos os seculos, condemnar a Deus e os homens, que proscreveu como inutil a lição da historia, a experiencia de todos os tempos, que aboliu, como insensata a carta, porque o mundo se rege ha quasi seis mil annos, que não duvidou escarnecer de tudo o que fôra julgado inviolavel pelo commum consentimento dos homens, pelas maximas da antiguidade, pela sancção dos legisladores, pelo respeito dos sabios, e pela auctoridade dos seculos?

Como se encara esse homem servil, que renuncia publica e solemnemente á honra, á consciencia e á vergonha, que se emancipa da obediencia e sugeição, devida a Deus, e das obrigaçoens, contrahidas na sociedade, para que só escute a vóz do idolo, a que serve, sem que conheça outra lei, que não seja o capricho, ou a tirania da sua vontade; embora se atropelem as leis divinas e humanas, embora triunfe a iniquidade, embora se offenda a Deus, e se escandalisem os homens, embora se arruinem as familias, embora se leve á morte, a confusão e o horror ao seio do estado e da sociedade?

Como se avalia o homem abjecto e immortal, para quem nada é o amor da gloria e o da estima, devida aos sentimentos nobres, ao desinteresse e á probidade, que se não liga a ideas moraes, em que os interesses materiaes sam o tudo a que se propõe, e deseja obter?

Como se avalia esse egoista sordido e immundo, que tudo materialisa, como se tudo existisse no estreito circulo da vida, que se não importa senão de si, que escarnece as lagrimas d'uns, e insulta a miseria dos outros, que faz de si o idolo material, a que sacrifica todos os deveres?

Como se encara esse homem, todo occupado em enthesourar os bens da terra, ou dotado dessa avareza, que é o tumulo da virtude, ou a raiz de que brotam todos os males, segundo a expressão do apostolo — *radix omnium malorum* — ou dessa escravidão de espirito, que nos avilta, que nos degrada, que nos intorpece, que nos faz injustos, baixos e rasteiros, reprobos para toda a obra boa, que suffoca, e apaga tudo o que enobrece o homem, tudo o que o faz grande e illustre, que troca todas as virtudes pelo amor ao seu thesouro, pela substituição do seu ganho e interesse pessoal, pela indifferença da miseria alheia, pela apathia e inacção para tudo o que não seja bem, ou honra individual, e por essa frieza ou lethargo moral, que, segundo o Evangelista, é de todos os estados o mais desgraçado? Como se encerra esse vingativo, que correndo a póz d'uma paixão infame sacia nella cobardemente o seu rancor? Como se avalia o homem indolente e perguiçoso, para quem nada é a nobreza das acçoens e o amor da gloria, que consome os seus dias n'uma vergonhosa ociosidade, que sacrifica os seus deveres aos seus gostos e commodidades pessoaes?

Que resta de todos estes? a vileza e a infamia das suas acções; em vez de louvor, vituperio, um desprezo eterno. E porque tiveram uma sorte tam desgraçada? porque foram apoz das suas inclinaçoens, e se entregaram cobardemente ao inimigo; não combateram, e por isso não mereceram a corôa de gloria, de que falla o apostolo na epistola 2.ª a Thimoteo, que só haode cingir os vencedores, aquelles que combaterem com furor até ao fim — *Nemo coronabitur, nisi legitime certaverit.* —

E' pois a vida do Christão um combate e o ceu o preço d'uma victoria.

Louresa da Trapa 8 de Dezembro de 1852.

Alvaro Vaz Correa de Seabra da Silva.

DA REACÇÃO RELIGIOSA.

Em 1830, quando um Orleans regicida ousou pôr mão sacrilega sobre a coroa do herdeiro de S. Luiz, desencadiou-se a irreligião em todos os paizes, que seguiram a sorte revolucionaria de França.

Os templos da sagrada victima do Golgotha cahiram em grande numero desmoronados aos golpes do camartello dos impios e quando em Paris era arasado o palacio dos pontifices, repercutiam-se pouco depois os golpes em Lisboa, fazendo desapparecer as egrejas do Carmo, dos Forneiros, do Espirito Sancto e de S. Martinho.

As Virgens do Senhor eram expulsas e insultadas nos paizes mais christãos da Europa; dos religiosos filhos de tantos patriarchas illustres viram-se proscriptos e mendigos aquelles, que escaparam ao acicalado ferro dos impios, que se diziam livres e que promettiam mentida liberdade a todos.

Os parochos e os bispos divagavam profugos e errantes ahilando-se pelas brenhas, ou expatriando-se para escaparem ao furor sanguisedento, com que os perseguiam os rebellados contra as doctrinas do Filho de Deus; e eram substituidos por homens sem missão divina, e pela maior parte manchados com o sangue de seus irmãos, ou com o vinho das orgias dissolutas.

Era a ira de Deus, que para castigar os homens, passava, como meteoro, sobre a nossa terra, e sobre a terra de nossos visinhos.

Uma nova revolução, e mais espantosa despontou em 1848, em nossos horisontes, abalando a Europa em seus eixos, e promettendo mudar-lhe a face assim como a face de toda a terra.

Do centro do mal, porem, surgiu uma nova era de triumfos e venturas para a esposa desolada de Jesus Christo, que não tardou em se vestir de galas, e entoar hymnos d'alegria ao seu Bemamado.

A França, d'onde o mal trasbordara caudalosamente para todos os povos da terra, seguiu com a maior força em prol da sancta religião, que professamos.

Todas as ordens religiosas de ambos os sexos, immensas outras novas, que vieram coadjuva-las, e viu-se Martha rivalizar com Maria no serviço do senhor Deus de nossos paes.

O clero desafrontou-se das peas, que os filosofos e os revolucionarios lhe haviam lançado; e poderam finalmente os sanctos pontifices, que sam a gloria e o ornamento das Gallias e do mundo catholico, intervir na educação dos povos, que Jesus Christo lhes commetteu na fundação de sua egreja.

Aquelles povos, que haviam bebido a longos tragos o veneno da impiedade franceza começaram a imitar a sua reparação; e a nossa irman Hispanha não é das que menos a tem imitado, esperando-se que em breve mostre que para se entrar no bom caminho convem retroceder ao ponto, em que se errou.

Abra, pois, os olhos o nosso Portugal, e comece a emmendar-se dos erros a que a revolução o conduziu. E' tempo de começarmos a justa reparação porque bradam os povos, e sempre teem bradado.

O povo portuguez conhece que é longo o caminho que tem a percorrer para se arredar do mal; precisa de bons guias, e é porisso que não cessa de clamar que lhe restituam as ordens religiosas.

Eia, pois, senhores do governo, dae-nos frades por que os precisamos para que nos ajudem a levar o fardo pesado d'esta vida, e adquirir as venturas inapreciaveis da outra.

Mendoça e Mello.

E' um dever de todo o christão, verdadeiramente interessado na gloria de nossa augusta Religião, denunciar a virtude em toda a parte onde appareça para que seja imitada dos fieis.

Se porem ella sobresahe, com maior brilhantismo, em algum membro do clero, é então que não só o dever, mas o nosso interesse redobra por isso que se torna mais proficua á humanidade que a d'outro qualquer fiel.

Muito folgamos, pois, de dar um logar em nossas columnas a essa correspondencia que tem sido transcripta por varios Jornaes desta Cidade em abono do rv.mo governador do bispado de Bragança. E junctamente com ella permittir-se-nos-ha que transcrevamos alguns periodos d'uma carta que nos foi confiada, que bem mostram quanta estima o rv.mo governador tem sabido conciliar no clero e fieis da diocese, em tam pouco tempo de residencia no bispado.

Nem isso nos admira; porque sempre o conhecemos com as qualidades precisas para adquirir as simpathias geraes. Se o governo da época respeitasse a opinião publica, longe de consintir na sahida do snr. Pereira do bispado, vincula-lo-ia mais a elle, entregando-lhe o baculo pastoral; o que Roma por certo approvaria e seria a aprazimento geral de todos os que teem estado á sombra do seu benefico governo.

Os RR.

« Faça a graça de muito me recommendar ao nosso Ex.mo governador muito meu senhor, de quem uma carta de 27 do passado, que de sua eximia bondade para com a minha insignificantissima pessoa recebi, me encheu da mais amarga dor, melancolia, e tristeza, por ver perdidas as bem fundadas esperanças que depois de conhecidas as suas eximias virtudes, de rectidão, inteireza, bondade, e prudente fortaleza, acompanhadas da boa vontade religiosa, tinha concebido de ver ainda em meus dias reparada neste bispado a disciplina ecclesiastica que tam postragada se acha.

« Mas ah! que tam lisongeiras esperanças desapparecem para nós pela malfadada transferencia do nosso Ex.mo Prelado, e sobre tudo se tem de ser acompanhado pelo nosso rv.mo actual governador. Grandes devem ser os nossos peccados para nos castigar o ceu de tal maneira, em nos mostrar a benefica mão que nos podia livrar do evidente naufragio, em que está presentemente prigando a disciplina ecclesiastica; e nos deixar atolados e submergidos nas encapeladas ondas, em que a procelosa tempestade da revolução execranda, e erros dos governos passados, nos deixou sepultados. Imploremos ao Pae das Misericordias que não demore por mais tempo o remedio de que tanto carece a infeliz Egreja Brigantina, servindo-nos para isso da nossa principal padroeira a Sanctissima Virgem, que como refulgente estrella do mar, faça que tam habil piloto, que agora governa o leme da Egreja Brigantina de nós jámais se aparte. »

Snr. redactor.

O ASTRO luminoso, o consolador dos infelizes, o guia da salvação, por seu exemplo e virtudes o exc.mo snr. D. Joaquim Pereira Ferraz, bispo desta diocese, foi roubado a este bispado onde todos sem excepção de ninguem o amavam como homem, admiravam como cidadão, e respeitavam como prelado: a sua transferencia para o bispado de Leiria produziu uma magoa que se não descreve em todos que tiveram a ventura de conhece-lo. Era um homem bom, um cidadão virtuoso, e um prelado digno de o ser.

O clero de todo o bispado, e os habitantes desta cidade acabam de fazer saber ao exc.mo snr. D. Joaquim Pereira Ferraz, a saudade que os acompanha pela sua tam sensivel perda e tam sentida ausencia, e por essa occasião respeitosamente pedem a s. exc.a a graça de não lhes agravar estes males chamando á sua companhia o reverendo snr. João Pereira Botelho d'Amaral Pimentel, actual governador deste bispado, em quem reluzem aquellas virtudes de que a natureza, a educação, e a sciencia dotou o seu mestre e amigo; esta supplica foi espontaneamente assignada por todos com os mais vivos desejos de que seja attendida pelo menos em quanto um novo prelado não venha presidir a esta diocese.

Cremos firmemente que estes sentimentos sam ecco de todo o clero e de todos os fieis deste bispado, porque é sem duvida que o reverendo snr. João Pereira Botelho d'Amaral Pimentel é o digno de representar aquelle cuja perda choramos, e de presidir ao cabido que o estima por suas luzes e merecimentos, e por tudo digno da mitra que todos lhe desejam.

Bragança 23 de Dezembro de 1852.

Um ecclesiastico.

ANNO CHRISTAO.

DEZEMBRO.

26. *Domingo.* S. Estevão Protomartyr, natural da Judea, foi um dos sete diaconos, que os apostolos, depois de ser crescido o numero dos fieis, ordenaram, para distribuirem a sagrada eucharistia, e assim ficarem elles mais desembaraçados para pregarem. S. Estevão pregava tambem, e o fazia com tal uncção, que convertia a muitos, e com suas razoens confundia aos da Synagoga, os quaes não tendo argumentos, com que o debellassem, tractaram de impor-lhe o silencio dos mortos, e para o fazerem com uma côr de legalidade, peitaram testemunhas que jurassem haverem-lhe ouvido blasphemias. Com effeito foi sentenciado a morrer apedrejado, e teve a gloria de ser o primeiro d'esses muitos soldados de Christo, que derramaram o seu sangue em testemunho de convicção do que ensinavam.

27. *Segunda feira.* S. João Evangelista, filho de Zebedeo, foi admittido ao apostolado quando apenas tinha vinte e dous annos. Jesus Christo o amava tanto por causa de sua innocencia, que até em a noite da cea lhe permittiu que se recostasse sobre seu peito, e foi tambem a elle a quem encarregou o cuidado de sua Mãe Sanctissima. Em varias terras da Asia pregou com grande fructo o evangelho, que ultimamente reduziu a escripta. Por ordem do imperador Domiciano foi desterrado para a ilha de Pathmos, onde, inspirado do espirito prophetico, escreveu o Apocalypse, que, em um estilo subiime, vaticina a historia de egreja até á consummação dos seculos. Depois da morte do seu particular perseguidor veio para Epheso, e aqui per seus trabalhos fez uma christandade florescente em virtudes. Chegado á extrema velhice as suas praticas reduziam-se a repetir: « *Filhos amai-vos uns aos outros* » e isto o repetia tantas vezes, que seus discipulos, reparando n'isto, e querendo saber qual a intenção que em tanto repetir elle tinha, lh'o perguntaram, e elle lhes respondeu: « Por que é preceito do Senhor; e executado, como é justo, elle só basta. » Estando arrebatado no extasis da oração, passou d'este desterro á patria em que pelo baptismo nascemos.

28. *Terça feira.* Os Sanctos Innocentes. Depois que os Magos, guiados pela mysteriosa estrella, se dirigiram a Bethelem, e deram a Herodes noticia do motivo de sua vinda, logo este se deixou possuir de um louco receio de que lhe seria tirado das mãos o sceptro pelo recemnascido, e mais louco ainda foi, e sobremaneira barbaro, o modo, de que se lembrou, que lhe asseguraria o mando, segundo os dados que havia colhido dos Magos, aquelle que elles chamavam rei dos Judeus não podia ter mais de dous annos, e por tanto expede uma ordem por toda a Judea para que fossem immolados á sua stulta ambição de reinar todos os Innocentes que estavam da sobredita edade para baixo, e tradição ha que não poupara mesmo a dous filhinhos seus!!

29. *Quarta feira.* S. Thomaz de Cantorbery, não nasceu n'esta cidade mas na de Londres, e logo se verá porque assim é chamado. Depois de uma educação condigna ao seu alto nascimento, foi chanceller de Inglaterra, exercendo este emprego com uma justiça e caridade tam perfeitas, que bem se deixava ver, que era um eleito de Deus, o qual o chamou a funcçoens ainda mais altas. Vagar a sé de Cantorbery, e sem que elle o esperasse e menos ainda sollicitasse, foi eleito arcebispo. Henrique 11 o perseguiu atrozmente em rasão de elle se oppor com a independencia propria de um principe da egreja aos decretos que aquelle promulgara, contrarios aos interesses e dignidade da mesma egreja. Andou emigrado, e por ultimo foi chamado outra vez a reger a sua diocese; porem alguns intrigantes excitaram Henrique, fazendo-lhe accréditar que o arcebispo machinava uma conspiração; quando os mesmos intrigantes conheceram no rei, que não levaria a mal se d'elle se desfizessem, foram armados á Sé e o mataram, quando estava no coro a rezar vesperas. Foi um martyr pela manutenção dos direitos da Egreja, e teve logar o seu martyrio no anno de 1171.

30. *Quinta feira.* S. Sabino, bispo de Spoleto, foi preso durante a perseguição do Maximiano, e depois de lhe serem cortadas as mãos, o flagellaram até que entregou a alma ao creador.

31. *Sexta feira.* S. Silvestre foi elevado ao summo pontificado em rasão de suas virtudes e letras serem de todos bem conhecidas. Foi elle quem baptisou o imperador Constantino Magno, que deu a paz á egreja. Confirmou o concilio de Nicéa, e fez outras muitas cousas, pelas quaes não só mereceu a veneração da egreja militante, mas tambem a gloria da triunfante, onde foi recebido no anno de 335.

AOS SENHORES ASSIGNANTES.

Tem havido menos regularidade do que desejaramos, e até mesmo do que devia haver, na publicação deste Semanario, proveniente da falta d'expediente na Imprensa, o que tem sido absolutamente impossivel remediar. Pedimos por tanto desculpa aos nossos Assignantes de não havermos cumprido com pontualidade as promessas feitas no numero 45, contando que agora competentemente habilitada a Imprensa, cessarão todos os inconvenientes e começará a sahir um numero no dia do costume, e outro pelo meio da semana, até estar o Periodico em dia; começando desde já com o numero subsequente, a continuação das MEDITAÇOENS PARA TODOS OS DIAS DO ANNO.

Esperamos que todos os nossos pios subscriptores, nos continuem a coadjuvar não só com suas oraçoens em prol desta sancta crusada contra a impiedade, mas com suas assignaturas. Não duvidando da piedade de nenhum, continuamos a enviar a todos o Semanario, por cuja assignatura ficarão responsaveis uma vez que não partecipem o contrario á Administração até á publicação do 2.º numero de Janeiro.

ADVERTENCIA.

Não deve reparar-se em haver alguma opposição entre as datas do Jornal, e as d'alguns artigos porque isso tem sido devido ao atrazo involuntario do mesmo.

LOGARES ONDE SE ASSIGNA PARA

— O CHRISTIANISMO. —

PORTO — No escriptorio da redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 52. BRAGA — snr. J. M. de Souza, Porta Nova. VIANNA DO CASTELLO — snr. J. J. de Moraes, na Picota. GUIMARAENS — snr. Domingos José Fernandes Guimaraens, rua da Fonte n.º 14. BRAGANÇA — snr. F. J. Affonso. MIRANDELLA — snr. Dr. Antonio José Miguél do Carmo Rodrigues. TRANCOSO — snr. Francisco José Tavares Cardoso. VILLA REAL — snr. Manoel José da Rocha Guimaraens. COVILHAN — rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha. COIMBRA — snr. Mesquita, rua das Covas, e em casa do snr. Domingos Alves Pereira Guimarães, rua do Cruxe. MATTA (*Sertan*) snr. Ivo Pedroso Baratta dos Reis. BATALHA — snr. Joaquim Vicente da Silva Freire. LISBOA — snr. Lavado, rua Augusta n.º 8. EVORA — snr. Antonio Candido de Moraes Cerveira. FERRAGUDO — snr. Manoel Vaz Guerreiro d'Aboim. PONTA DELGADA — snr. Francisco José Machado. AVEIRO — reverendo snr. J. J. Carvalho e Goes. GUARDA — reverendo snr. João Antonio da Silva Sampaio. ISEDA — em casa de F. C. de Mendoça e Mello, redactor deste periodico.

Preço (*Pago adiantado*) 1 anno, ou 52 n.os, 1$600 reis — 6 mezes, ou 26 n.os, 880 reis — 3 mezes, ou 13 n.os, 480 reis. Avulso 40 rs.

Vae franco de porte segundo a lei.

N. B. Não se recebe correspondencia alguma que não venha *franca*, excepto dos Snr.s correspondentes. A satisfação d'assignaturas só poderá ser feita aos correspondentes, ou a quem estiver por nós autorisado; porque do contrario não será abonada.